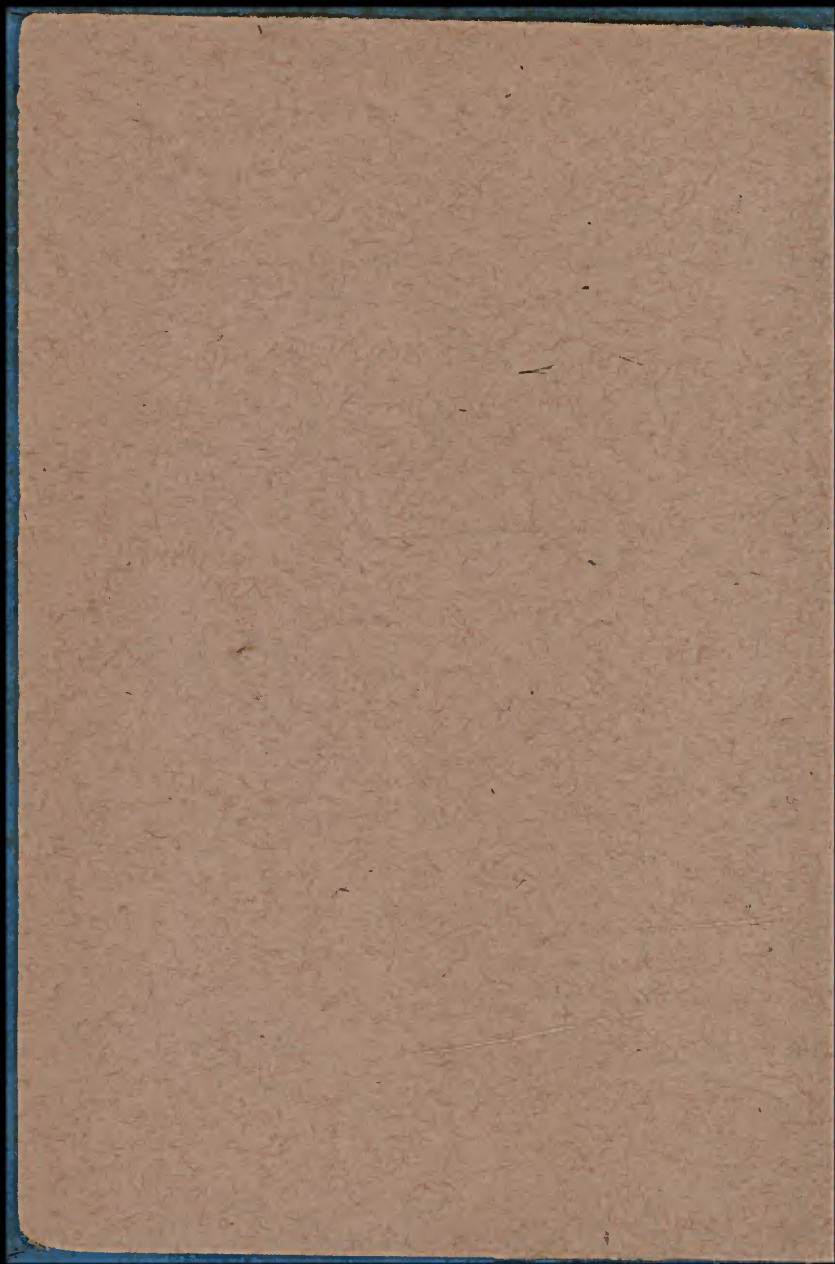










DICCIONARIO
DE
SYNÓNIMOS DA LINGUA PORTUGUEZA





cm

1

2

3

4

5

unesp

7

8

9

10

11

1978 G. L. 1978
DICIONARIO

DE

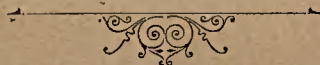
SYNÓNYMOS

DA

LINGUA PORTUGUEZA

POR

HENRIQUE BRUNSWICK



Propriedade da empresa editora

DE

4106

FRANCISCO PASTOR

243, 2.º — RUA AUREA — 243, 2.º

LISBOA

1899



469.3
B 911^{de}
v. 19.7
402

TYPOGRAPHIA DO COMMERCIO

3 — Travessa do Sacramento (ao Carmo) — 7



PRÓLOGO

O ultimo estudo de synónymos que se fez entre nós data de 1860; foi seu auctor o erudito D. José de Lacerda, o qual, com a sua modestia habitual, deu o nome de *Ensaio* ao seu trabalho, e o juntou á revisão que fizera do *Diccionario da lingua portugueza de Eduardo de Faria*.

Não nos consta que, antes de este académico, se hajam occupado de synónymos portuguezes outros que não fossem Bluteau, São Luiz, Alves Passos e Roquete; posteriormente a estes só se têm reproduzido os seus trabalhos, nada adeantando ao que elles escreveram.

Que nos últimos 40 annos ninguem se haja dado a continuar a obra de esses litteratos quasi induziria a suppôr que o estudo dos synónymos fosse inútil se, nas outras linguas, não vissemos homens eminentes cultiva-lo, e, lá fóra tambem, nas aulas de litteratura, ser elle a base de grande número de exercícios.

Isto nos levou a fazer seguir o *Diccionario Illustrado da Lingua Portugueza*, que acabâmos de editar, de um *Diccionario de Synónymos da mesma lingua*, o qual, ainda que separado do primeiro, vem, por assim dizer, completal-o cabalmente, posto que, pela sua disposição, e pela margem que dá á comparação, facilita ao estudioso o exprimir com exactidão o seu pensamento, sempre que a affluencia de termos análogos se lhe depare e lhe semeie a dúvida no espirito — dúvida que o *Diccionario da lingua*, por muito claras e completas que sejam as suas definições, não pode resolver-lhe, nem auxilia-lo nas suas exitações.

Julgâmos, ao publicar esta obra, corresponder ao favor que o público nos dispensou na árdua empreza do nosso *Diccionario Illustrado da lingua portugueza*, favor que esperâmos nos continuará a dispensar na série de obras úteis que tencionâmos publicar.

A EMPREZA.



PROLOGO

A EMPRESA



ADVERTENCIA

Procure-se no *índice alfabético dos synónymos* que vae no fim do *diccionario* a palavra cuja synonymia nos interessa; o número ou números correspondentes indicam a página ou páginas em que esse termo está tratado.

Se não se encontrar o vocábulo que se procura, veja-se aquelle que lhe é análogo; por exemplo: *abstrahido*, veja-se *abstracção*; *lôuco*, vide em *loucura*.



A D V E R T I S E M E N T



A

Aba, falda, vertente, encosta, hase, soppé. — *Aba* ou *falda* são synónimos perfeitos: ambos designam a parte baixa dos montes; *aba*, é a forma portuguesa; *falda*, a forma hespanhola introduzida na lingua desde a dominação philippina, ou já talvez desde antes.

Vertente é a parte do montô que desde o cume se estende até á base; pode ser alcantilada, abrupta, rápida ou suave, porque qualquer que seja o seu declive *verte* as aguas nascentes ou pluviaes. Na *vertente* intransitável, isto é na alcantilada, não ha *aba* ou *falda*, estas palavras incluindo idéa de habitação, cultura ou trânsito fácil.

Encosta é a *vertente* do monte pouco elevado e de fácil ascensão.

A *base*, como o nome indica, é a parte horizontal do solo que se suppõe prolongado pelo interior do fundo da montanha. A parte exterior da *base* é o *soppé*.

Abaçanado, abadanado. — Alguns lexicógraphos remettem do vocábulo *abaçanado* para *abadanado*; outros não mencionam senão o primeiro de estes termos; os primeiros erram, os segundos são deficientes.

Abaçanado quer dizer que é de côr *baça*, escura, quasi mulato; *abadanado* quer dizer semelhante á *badana* ou *carneira*, seja na materia, seja na côr.

Abaçanado diz-se de pessoas; *abadanado* só se diz das coisas, pelo menos ao falar da côr, pois de quem se sente combalido ou quebrantado tambem se diz que *está abadanado*.

Abafado, apagado. — A voz *abafado* chega-nos pouco perceptível porque um obstáculo qualquer a intercepta; a voz *apagada* é fraca de si. O *convalescente de longa doença* tem a voz *apagada*. A *victima de um ataque de mão armada dá gritos abafados* quando lhe *tapam a bôca para a maltratarem a mão salva*.

Abafar, agasalhar, tapar. — *Abafar* tem por fim aquecer até provocar suor ou calor artificial.

Agasalhar tende a proporcionar o bem estar de uma doce temperatura.

Tapar é um termo genérico de significação vaga quando se emprega fora do sentido recto de *cobrir*. Diz-se: *tapar a cara com as mãos*, *tapar o menino no berço*, *tapar o doente*. O enfermeiro mercenário *abafa* o doente que necessita transpirar, mas não o *agasalha* porque tal palavra encerra idéa de carinho, de amor, de ternura: só uma mãe sabe *agasalhar* a seu filho.

Abafar, occultar, sonegar, subtrahir. — Consideraremos n'este artigo a synonymia de estes vocábulos correlação a espolios, valores, testamentos, etc.

Abafar e *occultar* differenciam-se em este ser termo juridico e aquelle da linguagem vulgar. *Abafa-se* ou *occulta-se* um titulo particular de divida, uma letra, etc., afim da obrigação não ser exigível. Estes verbos distinguem-se de *sonegar* e *subtrahir* em encerrarem a idéa do que a existencia do que foi *abafado* ou *occulto* não era conhecida.

Sonegar (etymológicamente *negar sob juramento*), significa na linguagem forense «negar por termo sob juramento prestado que tal ou tal cousa exista no espolio ou em poder de quem faz esse termo»; na linguagem vulgar significa «não apresentar». *Sonega-se* aquillo cuja existencia é conhecida ou provável.

Subtrahir não é termo juridico; emprega-se vulgarmente por *furtar*. *Subtrahem-se* do espolio os instrumentos que ha interesse em *occultar*; isto é *furtam-se* por interesse ou conveniencia.

Abafar, occultar, encobrir. — A synonymia de estes vocábulos encerra idéa de crime, delicto ou acto peccaminoso ue se pretende atabafar.

Abafa-se o facto conhecido para que não se fale mais d'elle e não tenha seguimento. *Occulta-se* o acto de quo fomos testemunha ou de que chegámos a ser sabedor. *Encobre-se* a falta alheia tornando-nos até certo ponto cúmplices do delinquento. O filho deve *occultar* o crime de seu pae; o pae *abafa*, indemnizando ou peitando, o crime do filho; qualquer *encobre* a falta ou o crime alheio para evitar consequencias desagradáveis.

Abafelra, charco, pântano, brejo, paúl, lenteiro, lameirão, lameiro, tremedal.—A idéa de agua estagnada é commum a estes vocábulos.

Abafelra é o estado do logar não arejado onde a agua se accumula, permanece, e se estagna por falta de escoamento ou de evaporação, por exemplo n'um subterrâneo: os *miasmas da abafelra abafam, asphyxiam*.

Charco não indica precisamente logar, designa apenas a agua estagnada e immunda que existe em qualquer sitio; quando a agua secca o **charco desaparece**.

Pântano é o logar baixo e alagadiço de fundo pouco ou nada absorvente; quando os fortes calores o deixam a secco esse fundo endurece-se, gretta-se e permanece sem nenhuma vegetação.

Brejo é uma espécie de pântano de terreno balofo; não tem vegetação espontânea nem é proprio para outra seara que não seja o arroz.

Paúl é o terreno baixo, húmido de si, onde a agua se agglomera no inverno e se exgotta incompletamente no verão; dá herva abundante, e n'elle pastam os rebanhos.

Lenteiro é o paúl pouco extenso que o lavrador chama vulgarmente *lameirão*, se é relativamente grande, e *lameiro* se é pequeno.

Tremedal é o terreno lodoso que se sente tremer quando n'elle ou perto d'elle se faz qualquor movimento.

Abafio, agasalho.—A roupa de *abafio* usa-se sobreposta, e geralmente só fora de casa; da roupa de *agasalho* não nos desprendemos durante o inverno. N'outra ordem de idéas, dá-se o nome de *abafio* aos objectos do vestuario que resguardam do frio e que produzem o *agasalho* ou bem estar.

Abalxar, hualxar.—Não se taxe de nimiedade o estabelecer synonymia entro estes dois vocábulos que, á primeira vista, só parecem differir na preposição que prefixa o primeiro, preposição que mais parece um a euphónico que particula significativa. Raciocluemos um momento. Que diremos a quem, levando um objecto frágil á cabeça, vae passar por uma porta mais baixa que a parte superior do objecto? Como diremos que, ao encontrar a Fulano na rua, apenas e saudámos eom um aceno de cabeça? Não gritaremos no primeiro caso: *Abaixa a cabeça!* não diremos no segundo: *Baixa a cabeça?* Se não ha synonymia entro os dois verbos, isto é, se é indifferente empregar um ou outro, por que diromos *abaixar*, de mais longa enuniação que *baixar*, precisamente quando a advortencia exige brevidade? Não é *baixa os olhos!* que dizemos a quem queremos humilhar? Não é *abaixa a mão!* que diz aquelle que se vê

ameaçado por alguem? E não obstante tambem se diz: *abaixa os olhos e verás a teus pés o que andas procurando*.

Tratemos de substituir *baixar* por *abaixar*, e vice-versa, nos exemplos anteriores; não é tangível a impropriedade das phrases?

Baixar (do *baixo*) é dirigir para baixo, sem nenhuma relação de termo ou remate da acção.

Abaixar, de a o *baixo*, é dirigir para baixo até ao ponto necessario onde deve parar a acção.

Abalançar-se, arrojar-se, atrever-se, aventurar-se, arriscar-se, ousar.—**Abalançar-se** significa propriamente dar balanço ao corpo para se arrojar no vácuo; do ahí o sentido metaphórico de arrojar-se de chofre n'um emprehendimento insensato que ha-de trazer resultados funestos ao emprehendedor sem que o seu mal possa redundar em proveito de outrem.

Arrojar-se é um termo de transição entre a insensatez de quem se *abalança* e o valor de quem se *atreve*. Quem se *arroja* a uma acção faz um acto espontâneo, não calculado: **arroja-se** ao meio das chammas aquelle que, sem calcular o perigo a que se expõe, pretende salvar quem n'ellas vaee perecer.

Atrever-se é um acto de valor, dependente da vontade, e executado após reflexão: Cesar **atreveu-se** a passar o Rubicon desafiando o poder do Senado.

Aventurar-se é emprehender um lance do resultado incerto; é entregar-se cegamente á ventura, á fortuna: quem *joga á lotaria* **aventura-se** a perder o seu dinheiro confiando na Fortuna que o pode bafejar; o explorador André **aventurou-se** a ir ao polo norte em balão.

Arriscar-se é expôr-se a um risco, a um perigo eventual: **arriscamo-nos** quando as probabilidades de bom ou de mau éxito são por assim dizer eguaes: o jogador **infeliz arrisca-se** a ficar sem nada quando põe o último envite que lhe pode dar a desforra.

Ousar, ter a ousadia de, é o mais genérico de todos estos synonymos, e tanto pôde ter sentido favorável como desfavorável: o *impudente ousa* elevar-se contra o que todos temem e respeitam; o subdito leal **ousa** censurar ao rei as imprudencias que este commette.

Abalar, demover.—**Abalar**, no sentido rocto, significa fazer perder momentaneamente a solidez, não a estabilidade: um pequeno tremor de terra **abala** os edificios mas não os derruba. Do mesmo modo o ânimo, as opiniões, podem ser *abaladas*; passada porém a impressão causada pelo *abalo*, recuperam o seu imperio, retomam a estabilidade.

Demover tem resultados mais positivos: é levar o ânimo a não praticar o que docidiu fazer: *As lágrimas de Ignez de Castro demoveram D. Affonso IV do seu propósito de assassinato, se, como se diz, elle deu contraordem aos sicarios; abalaram-no apenas, se o dô não o demoveu de esse acto.*

Abalar, partir, sagir. — Na linguagem culta *abal*ar encerra idéa desagradável; *abala* d'uma terra quem de ella se quer ver livre, ou porque nella não está satisfeito, ou para subtrahir-se a compromissos que nella contrahiu.

Partir indica simplesmente o acto de dólzar a localidade; não se attribue idéa desfavorável a quem parte.

Fugir é ir a occultas para parto incerta. Nisso se distingue do *abal*ar, pois quem *abala*, ainda que *abale* a occultas, não pretende precisamente que se ignore a sua nova residência.

Abala d'uma terra o que n'ella está cheio de dívidas; **abala** o relojoeiro ambulante antes que os seus desconcertos se notem; **abala** o dentista; **abala** o photographo reles. **Parte** o juiz; **parte** o médico, quando transferidos. **Foge** o ladrão, **foge** o assassino.

No Alemtejo, particularmente no concelho do Reguengos, *abal*ar é um provincialismo a que não se attribue idéa desfavorável; dizem-no por *partir*, sem a menor intenção de offensa.

Abalo, tremor, trepidação. — O *abalo* consta de um único movimento que é simples ou composto: simples, se só effectúa deslocação; composto, se effectúa deslocação e reposição.

Tremor é uma série de *abalos*; um *abalo* de terra pode passar despercebido, um *tremor* não tanto.

Trepidação é o tremor ou *abalo* que parto de baixo para cima: o movimento do hélice faz *trepidar* o vapor.

Abalroamento, investida. — O *abalroamento* de dois navios é devido ao acaso ou á Impericia; a *investida* é deliberada. *Abalroou* dois vapores que um denso nevoeiro envolve.

O acouraçado que pretende metter a pique o navio inimigo *investe-o* com o esporão. Desde outro ponto de vista a *investida* é o choque do *abalroamento*. N'um *abalroamento* a *investida* pode ser feita a bombordo ou a estibordo do navio *investido*.

Abandonar, desamparar, desprezar. — Estes verbos correspondem aos substantivos *abandono*, *desamparo*, *desprezo*. O antigo portuguez tinha o verbo *bandir* (banir, desterrar), que nos revela a existência de um substantivo mais antigo *ban-*

dôn, de que nos vem *bando* (pregão, decreto). O *bandôn* era a ordem de *bandir*.

Abandonar é pois, etymologicamente, não querer saber da pessoa ou da cousa que se abandona; é deixal-a entregue aos seus proprios recursos, os quaes se reputam deficientes ou nulos. Os Romanos *abandonavam* as victimas ás feras; ellas que se houvessem como pudessem.

Desamparar, vocábulo composto do prefixo privativo *des* e do substantivo *amparo*, é propriamente tirar o amparo que sustem: a videira a que se tira a empa cae *desamparada*. As victimas *abandonadas* ás feras nos amphitheatros romanos eram por estas desgarradas, pois que ninguém lhes acudia: a rideira *desamparada* da empa, vegeta tumbada, mas lá vae vegetando. *Abandonar* é pois mais desluminado ou mais absoluto que *desamparar*. «*Desamparar* — diz «D. José de Lacerda — é privar de amparo o que d'elle carece. *Abandonar*, é não «acudir ao que se acha exposto ao perigo. «Aquelle que, podendo, não socorre os parentes próximos, *desampara-os*; porém, o «que, achando-se elles em grave perigo ou «risco imminente, lhes não acode, *abandona-os*. A creança que não tem quem cuide «d'ella, está *desamparada*; o mancebo de «cuja educação ninguém trata, está *abandonado*».

Desprezar, de *desprezo*, do mesmo prefixo privativo *des* que encontramos em *desamparar*, e do substantivo *preço*, é fazer pouco caso ou estimação de alguém ou de alguma cousa, seja que esse alguém ou esse algo não tenha valor, seja porque lh'o desconhecamos. O homem rudo *despreza* a instrução dos fillos porque não lhe sabe dar o valor. O sabio *despreza* as bonras porque, julgando-se superior a ellas, as tem em pouca conta. A dignidade levá-nos a *desprezar* os indignos, que a caridade nos impede de *desamparar* e que a solidariedade humana nos recommenda de não *abandonar*.

Emfim, *abandonam-se* os negocios quando, não querendo saber dos nossos interesses, nem nos importando com a opinião, os interrompemos tão completamente que outro qualquer os pode continuar; *desamparam-se* quando, attrahindo-nos outra cousa, os deixamos entrsgues a mercenarios cuja dedicação é duvidosa; *desprezam-se* se os olhamos sem interesse e sem cuidar da sua prosperidade.

Abandono, naturalidade. — O primelro de estes vocábulos é d'importação franceza quando synónimo do segundo (*abandon*, *négligence aimable dans le discours, le style, les manières, etc.*), porém, apesar da sua origem, fica bem na nossa lingua por revelar uma idéa de graça, de confiança, de desprendimento, de que o outro carece. A amizade exige a *naturali-*

dade, mas o amor, a paixão vehemente, só é real quando ha **abandono**.

Abanicar-se, abanar-se. — Estes dois verbos, ainda que de má expressão, são synónimos perfectos. O primeiro vem do hespanhol *abanico*; o segundo é inexpressivo, porque as damas *abanam-se* com o leque e não com o *abano*.

Na Belra, onde o povo diz *tecre* em vez do *leque*, ouvimos dizer *alecrar-se*. Não seria este provincialismo merecedor de ser adoptado?

Abaratar, desestimar, menoscar. — *Abaratar* é ter em menor consideração quo a dívida.

Desestimar é ter em muito pouca consideração ou estima.

Menoscar é não só não ter em consideração, mas ainda desfazer ou desdourar. Não é de crer que se **abarate** a privança de el-rei. *Ninguém desestima o dinheiro. Os que militam nos partidos avançados menoscam* as horas em quanto não lh'as concedem.

Abarcar, abranger. — *Abarcar* o *abranger* significam encerrar ou conter em si muitas cousas; em *abarcar* ha idéa do esforço, não em *abranger*: *César abarcou todas as dignidades da república. O poder de Roma abraugia* multidão de povos.

Noutro sentido, *abranger* significa «constar de»; n'esso caso não é synónimo do *abarcar*: as sciencias occultas **abraqueu** (não *abarcam*) a alchimia, a astrologia, a chiromancia, a cabala, etc.

Abarcar, abraçar. — *Abarcar*, é cingir com os braços ou com a mão; só se *abraça* com os braços. Uma cintura delgada *abarca-se* com as mãos; um feixe *abarca-se* com os braços.

Por outro lado *abarcar* encerra uma idéa de força ou do diâmetro de quo carece *abraçar*. **Abarca-se** o tronco que podemos cingir. Depois de longa ausencia, o viandante **abraça** o cruzeiro desde o qual já avista a sua aldeia.

Abas, arrabalde, suburbio, arredores, cercanias. — Os pontos extremos de uma povoação, contidos porém dentro do seu perimetro, são as *abas* de essa povoação; *morar em Pedrouços, ou em Campanhã, é morar nas abas de Lisboa ou do Porto*.

O *arrabalde* está fóra do recinto da localidade, quer lhe fique contiguo, quer a curta distancia; póde ser povoado ou deshabitado, cultivado ou inculto. Quando é habitado, chama-se-lhe frequentemente *bairro*; em Coimbra chamam *bairro de S. José, bair-*

ro de Santa Clara, aos arrabaldes assim denominados.

O *arrabalde* differe do *suburbio* em esto estar sujeito á jurisdicção da povoação, podendo o *arrabalde* pertencer ou não a essa jurisdicção; desde outro ponto de vista, o *suburbio* encerra idéa de população, idéa que não é inherente a *arrabalde*. *Gayá é um arrabalde e não um suburbio do Porto; a Foz é um dos suburbios do Porto, e ao mesmo tempo um dos seus arrabaldes. Em Lisboa temos o arrabalde do Dafundo que não é suburbio da capital, pois pertence ao concelho de Oeiras, enquanto o Campo Grande é suburbio e arrabalde da capital*.

Qualquer lugar, cidade ou villa, aldeia ou quinta, tem *arredores*, isto é terreno em todo o seu contorno. Os *arredores* das povoações não têm limites determinados; tanto maior é o lugar, tanto mais extensos so podem considerar os seus *arredores*: Cintra e Cascaes, que distam 30 kilometros do Lisboa, podem considerar-se como extremos limites dos *arredores* da capital, ao passo que ninguém dirá que Condeixa está nos *arredores* de Coimbra, apesar de só mediarem 15 kilometros entro as duas povoações.

O termo *cercanias* serve apenas para representar a idéa de curta ou não considerável distancia: *não se pode habitar nas cercanias de uma fábrica de guano; no Alemtejo ha algumas estações de caminho de ferro que não estão nas cercanias da povoação de que têm o nome*.

Abastado, remediado, rico. — A pessoa *abastada* tem o bastante para viver sem privações, não podendo porém exceder-se em gastos supérfluos.

E' *remediado* quem se pode valer sem necessitar de favores.

E' *rico* quem tem muito mais do necessario.

O *lavrador remediado* pode de quando em quando comprar uma pequena porção de terreno para augmentar os seus bens; lentamente chegará a *abastado*, e, se a fortuna lhe fór próspera, pode chegar a *rico*.

Abastardar-se, corromper-se, degenerar. — *Abastardar-se* é perder totalmente, e para sempre, os caracteres distinctivos da origem. Assim como os filhos *bastardos* dos monarchas não têm caracter algum de realleza, assim o homem, o povo, o animal, ou a planta, que se *abastarda* perde de todas as qualidades que teve ou que deveria ter pela origem de que provém.

Degenerar (do prefixo *de*, designando afastamento, e de *genus*, raça), significa etymologicamente, desviar-se do typo primitivo, perder pouco a pouco algo das qualidades que se têm, e, especialmente, parte de aquellas que são peculiares á raça a

que se pertence; não se degenera tão completamente que não se fique tendo alguma cousa do que se herdou; quem se *abastardou* é que não herdou nada do essenelal.

Corromper-se é degenerar completamente, se assim nos podemos exprimir. O povo *corrompido* é um povo morto moralmente; a nação *degenerada* não tem as virtudes de que os maiores lhe iegaram exemplos, mas não tem os vícios da que está *corrompida*; esta não pode *descorromper-se* (expressemos assim), aquella pode *regenerar-se*. A nação *abastardada* já nada tem de comum com a antiga, mas distancia-se bastante da *corrupta*.

— Ha um caso em que *degenerar* se toma a boa parte; basta eltar o exemplo: *os paes eram malvados, mas o filho degenerou*.

Abastecer, prover, fornecer, munir, municionar, subministrar. — *Abastecer* é prover com abundancia: o *Altiela abastecer* Lisboa de agua.

Prover é, propriamente, dar as providencias necessarias para que nada falta; e, por extensão, proporcionar quanto seja preciso: *Deus provê* ás nossas necessidades.

Fornecer, assim como *fornecimento, fornecedor*, etc. são vocábuios que cheiram á legua a *fournir, fourniture, fournisseur*; se aqui os mencionamos é só para prevenir da sua inutilidade na lingua, onde sobejam palavras quo vantajosamente os supprem.

Munir e *municionar*, cuja origem é a palavra latina *manere*, muralha, é propriamente proporcionar o necessario para so defender ou resistir effezazmente.

Municionar, de munição, só se diz do que serve immediatamente á defeza; *munir* é mais extenso: *munir* os de dinheiro para nos *municionarmos* de petrechos.

Subministrar é fazer com que alguma cousa chegue ao poder de quem de ella necessita para se sustentar: *os americanos subministravam* armas aos insurrectos cubanos; o marido, separado da mulher, *subministra-lhe* alimentos.

Abater, deltar abaixo, derribar, demolir, arrazar. — *Abater* e *deltar abaixo* differencam-se em quo se *abate* para que a cousa cesse de existir, e que se *delta abaixo* para esse fim, ou para tornar a levantar, renovando ou transformando: *manda-se abater a árvore* que intercepta a vista, e *deltar abaixo* aquella que se quer substituir; *abate-se a fortaleza* que não convém deixar de pé; *delta-se abaixo* a muralha que se quer reedificar.

Abater e *derribar* trazem ao espirito a mesma idéa de *deltar abaixo*, porém o primeiro refere-se á acção e o segundo ao estado que d'ella resulta: *abate-se a muralha* para a *derribar*, isto é para que cesse de permanecer levantada: de dois lu-

ctadores fica *derribado* o que foi *abatido*.

Arrazar, diz D. José de Lacerda, «é pôr alguma cousa rasa, ao nível do chão, e extensivamente, deltar por terra, não deixar «pedra sobre pedra»: *Tito arrazou* Jerusalem.

Demolir é separar uma a uma as moles que formam o todo: *manda-se demolir* a casa cujos materiaes se querem aproveitar.

Abater, descontar, deduzir. — Ao falar de contas, *abate-se* do total uma parteia quo alli não devo entrar, que lá está ineludida sem razão: o *livreiro abateu* na minha conta o preço dos livros que lhe comprei para um amigo que lhe ha-de pagar directamente.

Descontar é tirar da conta a quantia a quo tem direito aquelle que paga: *descontar* na soldada da criada o valor do espelho que ella quebrou; *descontar* na ferial do operario o dinheiro que se lhe anticipou. Os cambistas *descontam* um tanto por cento nas letras que pagam antes do dia do vencimento.

Deduzir, é termo vago, mais applicável ao cálculo quo a quantias representativas de valores reaes: *para equilibrar* os gastos com os ganhos, *deduzem-se* do orçamento as verbas que representam o preço da compra do que é menos urgente.

Abater, cair, desabar, desmorrar-se. — *Abater* é cair a prumo, rápida e inesperadamente: *abateu* o telhado; *abateu* a torre; *abaten* o sobrado com os que n'elle estavam dançando.

Cair é termo genérico; refere-se quasi sempre a uma parto considerável ou ao todo: *caiu a casa, caiu a chaminé*.

Desabar é cair com estrondo e a impulso do proprio peso. Este verbo pretende levar ao espirito a idéa da ruina que da queda resulta: *desabou* uma trincheira na linha ferrea do Douro; *desabaram* os Jerónimos.

Desmorrar-se é ir desfazendo-se pouco a pouco, muro após muro: *desmorrnam-se* os velhos castellos.

Abatimento, desalento, desânimo, prostração, desesperação. — *Abatimento* e *prostração* dizem-se do corpo e do espirito; *desalento*, *desânimo* o *desesperação* dizem-se só do espirito.

O *abatimento* physico ou moral, é o resultado de um soffrimento quo, qual força, *abate*, faz cair; so o soffrimento é grande o *abatimento* pode degenerar em *prostração*, da qual é mais difficil sair que do *abatimento*. O espirito de que o *abatimento* se apodera pode reagir e reanimar-se; a *prostração* de espirito faz-nos confessar rendidos e subjugados.

Desalento e *desânimo* podem confundir-se;

ambos significam falta de ânimo, de coragem, de energia; o *desalento* porém refere-se melhor à perda da esperança, e o *desânimo* à perda da coragem. O *desânimo* pode ser originado pela pusillanimidade; o *desalento* funda-se na experiência. E' o *desânimo* que nos arreda de encetarmos a empreza; e o *desalento* que nos induz a não continuar o que não nos deu os resultados que esperávamos obter. Se o *desânimo* desaparecer talvez obtenhamos o que se nos afigura impossível; não assim do *desalento*, porque este provém da convicção da nossa impotência.

A *desesperação* é o augo do *desalento*; muitas vezes é tão violenta que degenera n'uma cega energia que pôde obrar prodígios.

Abbadia, mosteiro, convento, claustro. — *Abbadia* era a casa de religiosos cujo superior tinha o título do *abade*. Este título é ainda hoje, em Portugal, principalmente no norte, privativo de certas paróchias, o extensivamente dá-se alli a todos os párochos.

Mosteiro, convento de monges, é a denominação particular das casas de comunidade pertencentes a ordem muito antiga, e de aquellas que sobrosaiam pela grandeza do edificio: diziamos o dizemos ainda: o *mosteiro* de Alcobaga pertencia à ordem de Cister; a mulher de D. Diniz fundou o *mosteiro* de Santa Clara de Coimbra.

Convento, termo genérico, dizia-se das casas religiosas menos consideráveis que os *mosteiros*, ou pertencentes a ordens modernas.

Claustro (do latim *claustrum*, cercado, de *claudere*, fechar, encerrar), significa etymologicamente um logar onde se vive encerrado, separado do mundo; de ali vem o ter-se adoptado este termo para designar a vida monástica: na *solidão* do *claustro*; as mortificações do *claustro*. — Hoje, no sentido proprio, *claustro*, designa o pateo interior, geralmente rodeado de galerias, que ha nos mosteiros o conventos.

Abreviar, encurtar. — Consideramos estas palavras relativamente ao discurso.

Abreviar é tirar quanto pode ser suprimido sem que o sentido se torne obscuro.

Encurtar é não dizer, ou não escrever quanto tínhamos em mente. *Abreviar* é relativo ao tempo, *encurtar*, ao espaço. *Abreviamos* o discurso ou o livro, suprimindo pormenores; *encurtamos* o discurso suprimindo trechos. Noutra ordem de idéas subsiste o mesmo sentido: o vicio *abrevia* a vida; o atalho *encurta* o caminho.

Abdicar, demittir-se, renunciar. — *Abdicar* diz-se do poder soberano ou de funções muito elevadas: Carlos

Quinto **abdicou**; **abdicou** o geral dos jesuitas.

Demittir-se diz-se de qualquer cargo ou emprego. *Abdicar* encerra idéa de decisão súbita; *demittir-se*, não. Quem *abdica* escolhe geralmente um successor para o cargo que abandona; quem se *demitte* não o faz nem o pode fazer.

Renunciar é não querer aceitar o que por direito lhe pertence, ou desistir de aquillo que gosa: o príncipe pode **renunciar** a corôa que ha-de herdar; os monges **renunciavam** aos prazeres do mundo.

Abdômen, barriga, ventre. — *Abdômen* é o nome scientifico da cavidade que encerra os intestinos do homem; extensivamente diz-se do vulto que essa cavidade apresenta exteriormente.

Barriga é termo vulgar; diz-se do interior, do exterior, e de ambos conjuntamente: que **barriga!** Doer a **barriga**.

Ventre, na linguagem corrente, é o mesmo que *barriga*; é porém termo mais levantado.

Abecedario, abc, cartilha, alphabeto. — *Alphabeto* é o conjunto das letras de uma lingua; extensivamente diz-se do mappa ou quadro que as representa na sua ordem convencional: o **alphabeto** portuguez consta de 25 letras.

O *abc* é o alphabeto em que os meninos principiam a conhecer as letras e os seus nomes. O *abecedario* tem além do *abc*, alguns exercicios do combinação de letras, ou seja de syllabas.

A *cartilha* encerra os primeiros exercicios de leitura; é portanto mais extensa que o *abecedario*.

Na linguagem popular estes quatro termos confundem-se.

Abençoar, benzer. — Existe entre estes vocábulos a mesma differença que entre *espirito* e *materia*. *Abençoar* é puro abstracção, *benzer* tem muito de concreto: é o coração que *abençoa*, é a cerimonia que *benze*. Desde o deismo mais ideal até a religião mais symbolica o verbo *abençoar* tem cabida: um pae *abençoa* seu filho. Nas religiões em que a divindade não está por assim dizer materializada o verbo *benzer* não tem sentido: o sacerdote *benze* o cálice.

Abjecto, vil, ignóbil, baixo, desprezível. — *Abjecto* (em latim *abjectus*, palavra em que *ab* denota a força da acção de arrojar, de repellar), diz-se do que merece ser repellido: quem tem dignidade não aceita o cargo **abjecto** de espího. São **abjectas** as physionomias em que está estampado o ferrete do vicio hediondo. E' **abjecto** quem perdeu toda a noção de dignidade e que por isso é de todos repellido.

Vil indica o que não tem valor, o que não

merece nenhuma consideração; não se faz caso do que é *vil*, mesmo quando, sem attender às suas qualidades intrinsecas, aproveitamos os serviços que nos pôde prestar: *uma ferradura é um objecto vil*, e não obstante a sua utilidade é manifesta. No mesmo sentido se diz: *homem de vil condição; vil insecto; vil metal*. — Falando das pessoas ou dos caracteres, *vil* conserva a mesma applicação; *o homem vil é vil em si: sempre o foi, sempre o será; o homem vil venderá a honra da esposa, venderá a propria consciencia, para adquirir dignidades, riqueza, ou aquillo que ambiciona*.

Ignóbil (do latim *ignobilis*, composto do prefixo negativo *in* e de *nobilis*, nobre), diz-se do que exteriormente carece do aspecto a que se combinou chamar nobreza. Uma pessoa de physionomia *ignóbil* pôde occultar um espirito nobre. Quando se diz que um individuo é *ignóbil* referimo-nos ao seu exterior, às suas manieiras, não ao seu carácter; este adjectivo não se applicando ao que é moral.

Baixo é o antónimo de *alto*; o que é *baixo* não tem altura sufficiente para ser considerado como elevado, digno, merecedor de consideração. Não quer isto dizer que o que é *baixo* seja *vil* ou *objecto*; o que lhe falta é elevação. *O homem que consente que os outros desconheçam a sua dignidade, pôde ser muito boa pessoa, mas é baixo*, porque se presta a que o amesquinhem. — Em certa ordem de idéas este qualificativo aproxima-se muito de *vil*, porque além da falta apparente de elevação, denota um vicio essencial do carácter, do espirito: *o adulador é baixo*.

Desprezível é o que merece desprezo, mas este é mais depressa filho da apreciação que da essencia da pessoa ou da cousa que é considerada *desprezível*: *quem hoje é desprezível pôde amanhã ser considerado*.

Abjurar, apostatar, renegar.

— *Abjurar* (do latim *abjurare*, negar com juramento), é renunciar solemnemente a religião que se tem seguido e que se reputa falsa. Note-se porém que o verbo *abjurar*, que não encerra idéa depreciativa, não é por todos applicado ao mesmo acto: o que é *abjurar* para uns, é *apostatar* para outros: os catholicos dizem que Henrique IV de França *abjurou* o protestantismo, ao passo que os protestantes qualificam esse acto com o verbo *apostatar*. Entre nós temos o exemplo do padre Guilherme Dias que, segundo os protestantes *abjurou* os erros do catholicismo, em quanto os catholicos dizem que elle *apostatau* do catholicismo. Note-se tambem que os catholicos que empregam o verbo *apostatar* dão-lhe por conveniencia propria o sentido de ser o interesse, o não a convicção, o principal móbil que leva á mudança do religião; não assim os membros das outras religiões.

Dada esta interpretação, aquelle que seguindo uma opinião *abjura* de boa fé certos erros, não faz na opinião dos contrarios senão *apostatar* da religião de cuja verdade está intimamente convencido.

Renegar e *apostatar* encerram idéa depreciativa, e geralmente, *renegar*, só se diz do que abandona a fé christã para abraçar as doutrinas do Corão.

Ablação, amputação. — Em linguagem cirúrgica a *amputação* consiste em cortar um membro superior ou inferior: *amputam-se* os braços ou as pernas. A *ablação* consiste em extrair de qualquer parte do corpo uma parte mórbida: *faz-se a ablação* de um kisto.

Ablaquear, encaldeirar. — Estas duas operações agricolas fazem-se abrindo caldeira á roda de uma árvore. *Ablaquear* tem por fim expôr as raizes ao ar. *Encaldeirar* tende a fazer parar a agua em roda do tronco da árvore para que fique bem regada.

Abnegação, desinteresse. — *Abnegação* diz mais que *desinteresse*. O *desinteresse* cessa onde principia o *interesse proprio*; a *abnegação* não tem limites. *Desinteresse* diz-se do que é material; é *desinteresse* vender por baixo preço; ceder um ganho lícito; renunciar a uma herança em favor de um parente pobre; é *abnegação* ceder o que nos é indispensável; interceder em favor de um inimigo; arriscar a saude, velando durante noutes consecutivas o amigo doente.

Abolir, abrogar, derogar, annullar, revogar. — Qualquer de estas palavras designa a acção de suspender ou de fazer cessar algo estabelecido.

Abolir diz-se das instituições, das leis, dos usos: *a revolução de 1640 aboliu a dominação hespanhola*. A pena de morte foi *abolida* em Portugal. O tempo acaba por *abolir* os costumes mais inveterados.

Abrogar, diz-se só das leis. Uma lei não pode ser *abrogada* senão pela entidade ou pela collectividade que assume poder legislativo. Subentende-se que a lei *abrogada* é substituída por outra.

Derogar, falando de leis, é declarar que tal lei, ou tal parte de uma lei, não é applicável a um caso especial.

Annullar é *abolir* para o futuro, e fazer cessar os effeitos que a existencia da lei originou. *Se os seminaristas fossem soldados, e uma lei os visse exentar do serviço militar, cessavam logo esse serviço; annullada a lei regressavam ao quartel*.

Revogar, é declarar sem effeito o que se promulgou: *auctoridade administrativa revoga* as medidas que determinadas circumstancias lhe fizeram adoptar.

Abominar, execrar, detestar, odiar, aborrecer. — *Abominar* (do latim *omen* presagio, mau agouro) diz-se particularmente da aversão que sentimos por aquillo que reputamos de mau agouro ou que julgamos capaz de trazer más consequências: **abominamos o calumniador**. Em religião *abomina-se* aquillo que ajuizamos ser perverso: **abominamos o hereje**.

Execrar (do latim *ex*, fora de, e *sacer*, sagrado) é a mais enérgica das palavras que neste grupo comparámos. **Execrar** é sentir a mais violenta aversão por aquillo que é impio e sacrilego. **Execra-se o parricidio**.

Detestar (do latim *de* e *testari*, attestar) é propriamente protestar de palavra ou por obra que desaprovamos e coudemnamos. Quem *detesta* sente uma aversão mais viva e mais tenaz que quem *aborrece*, porque **aborrecer** exprime um sentimento instinctivo, não calculado, em quanto *detestar* provem da razão, funda-se em causas justificadas: **muitos aborrecem a mentira instinctivamente; detesta-se o malvado que nos fez mal**.

Odiar é o termo mais geral; significa que sentimos pela pessoa ou pela cousa que odiamos uma violenta aversão que nos leva a fugir-lhe e a desejar fazer-lhe mal, ou quo algum mal lhe succeda; mas *odiar* é vago, pois não indica a causa da aversão, nem diz se ella é injusta ou justificada; podemos *odiar* pelo mal que podemos receber, e até pelo mal que o odio nos pode impellir a fazer a quem odiamos; outras vezes podemos *odiar* sem causa justificada, só por antipathia ou por inveja.

Abomina-se a calumnia; **execra-se** a hypocrisia; **detesta-se** a malvadez; **odia-se** um rival; **aborrece-se** a mentira.

Abonação, garantia, penhor, caução, fiança. — A *abonação* só envolve responsabilidade moral, não pecuniaria; o *abonador* dá por bom o abonatario porque este lhe merece confiança. A legislação nada estatue a respeito da responsabilidade da *abonação*.

A *garantia* pode ser directa ou indirecta, isto é, dada pelo proprio interessado que se obriga, ou por um tereeiro que responde pelo cumprimento do facto. O preço de um objecto vendido sob *garantia* é devolvido ao comprador se antes de terminar o prazo em que a *garantia* cessa o objecto não corresponder ás condições devidas; é a *garantia directa*. A contrae para com *B* a obrigação de fazer tal ou tal cousa, a qual, a não ser feita, origina prejuizos a *B*; *C* servindo do *garantia* a *A* obriga-se a indemnizar *B* do esses prejuizos, e só de esses prejuizos, se o contracto não se cumprir: é a *garantia indirecta*. Impropriamente chama-se ás ve-

zes *garantia* o objecto que fica representando o valor de uma quantia emprestada; o termo proprio é *penhor*.

Caução e *fiança* são compromissos que se tomam para assegurar o perfeito cumprimento de um dever, de uma obrigação, ou de um ajuste. Diferençiam-se em a *caução* ser mais solemne e formal quo a *fiança*, a primeira sendo representada por valores reaes ou por contracto legal, ao passo que a *fiança* pode ser verbal ou por meio de simples assignatura. Muitas vezes succede que a *fiança* é uma mera formalidade sem valor real, o *fiador* não sendo mais solvável que a pessoa pela qual dá a *fiança*. Não obstante a *fiança* envolve responsabilidade judicial se a parte a quizer exigir.

Aborigene, autochthone, indigena. — *Aborigene* (do latim *ab* e *origo*, origem) o *autochthone* (do gr. *autos*, si, e *chthon*, terra) são, segundo alguns auctores, synónymos perfectos, significando primitivo habitador do um paiz. Outros, não obstante, estabelecem determinada significação a cada uma do estas palavras; segundo estes, *aborigene* diz-se do povo que primitivamente habitou um paiz, e *autochthone* do povo que é originario do paiz que habita. Os **aborigenes** da nossa península foram os *Iberos*, se dermos crédito á versão mais corrente. Os suecos são **autochthones** do seu paiz porque descendem dos escandinavos, povo que julgámos ser o **aborigene** da Suecia. Estes dois termos pertencem exclusivamente á linguagem scientificá. Não assim *indigena* (do latim *indi*, alli, e *generare*, gerar) que se diz, em opposição a *exótico*, de quem, ou do que é natural de um paiz, sem ter sido para lá importado: o *eucalyptus*, **indigena** da Australia, é **exótico** em Portugal para onde foi importado e onde se dá muito bem.

Abortar, mallograr-se, gorar, frustrar-se. — *Abortar* é não chegar a realizar-se por causa de um defeito intrinseco ou por uma força extranha o impedir: **aborta** a conspiração mal planeada e aquella de que o governo chega a ter conhecimento.

Mallograr-se é não vingar, não ter bom éxito, devido a causas alheias: *mallogra-se* uma viagem quando um acontecimento nos impede de partir, ou quando uma noticia nos obriga a retroceder depois de a ter principiado.

Gorar é não ter bom resultado aquillo em que fundávamos boas esperanças: *uma empresa, por muito útil que seja, ha-de gorar se o publico não se capacitar da sua utilidade*.

Frustrar-se é não obter o resultado que até certo ponto se tinha o direito de esperar: um fillo intelligente *frustra* as esperanças do pae quando abandona o estudo

pelo vicio. O pae dirá que as suas esperanças se frustraram.

Abrandar, acalmar, mitigar, moderar, suavizar, apaziguar, aplacar, abanancar. — *Abrandar*, como indica o correlativo *brando*, é diminuir a intensidade do que é demasiadamente activo: os *calmanes* **abrandam** as dores.

Acalmar é fazer diminuir a cólera, a agitação, a violência, a emoção, etc.; o verbo não encerra porém a idéa da *calma* ser completa nem duradoura, antes pelo contrario deixa supôr que a agitação, a violência, etc., podem recrudescer: o *vendaval* que **acalmara** ao amanhecer desencadeou-se depois com maior intensidade. Dizer que a idade *acalma* as paixões não significa tanto como «a idade *modera* as paixões». Effectivamente, em *moderar* ha significação reguladora, a *moderação* sendo constante, o que não se dá com *acalmar*.

Mitigar (do latim *mitis*, suave, brando), tem no que é abstracto ou moral a significação que tem *abrandar* no que é conereto ou physico: os *athenienses* reconheceram a necessidade de **mitigar** as leis de Dracon; as consolações **mitigam** os sofrimentos *moraes*.

Moderar, como o substantivo *moderação* claramente indica, é trazer a um justo meio o que tem sido excessivo. Este verbo diz-se indifferentemente do que é moral e do que é physico: a *philosophia* ensina a **moderar** as paixões; o comboio **moderou** a marcha; a chuva **modera** o vento.

Suavizar é tornar uma cousa mais suave tirando-lhe parte da sua dureza; diz-se do physico e do moral: o *assucar* **suaviza** o alcohol; as boas palavras **suavizam** a aspereza do mando.

Apaziguar é restabelecer o socego ou a harmonia onde reina o ruído ou a discórdia.

Aplacar é o mais expressivo de todos os termos que aqui comparamos e ao mesmo tempo o mais extenso, pois pode applicar-se na maioria dos casos. *Aplacar* é fazer cessar: as *vossas palavras* **mitigam** a dor que o tempo **aplacará**.

Abanancar, fora do sentido recto, que tem referindo-se ao tempo, ao mar, ao vento, etc., tem cabida ao falar das calamidades, dos infortúnios, considerados como tempestades da vida; a sua significação é a mesma nos dois sentidos: serenar, fazer cessar a tormenta.

Abrigada, calheta, abra, angra, enseada, bahia, esteiro. — *Abrigada* é qualquer parte da costa que forma um abrigo a determinados ventos.

Calheta é uma pequena e estreita enseada entre duas pontas de terra. Ha *calhetas* que só têm por abrigo os recifes que lhe ficam a um e outro lado.

2

Abra, tanto na costa, como num rio, é o lugar de bastante fundo que de qualquer modo está defendido do impeto das aguas e dos ventos.

Angra é uma enseada pequena, que só alonga no interior da costa.

Enseada é a porção de mar que geralmente descreve um arco cuja corda fica muito mais próxima da curva que do diâmetro.

Bahia é a porção de mar que penetra terra adentro, onde se espalha consideravelmente.

Esteiro é um pequeno braço de mar, ou tambem de rio, que se introduz pela terra, e por onde navegam pequenos barcos.

Abrigar, agasalhar. — *Abrigar* é simplesmente resguardar da intempérie; *agasalhar* inclue, alem de essa idéa, a de proporcionar bem-estar: *abrigamo-nos* da chuva num alpendre que ficava ao lado da residencia do abbade; tinhamos os alforjes vazios e na aldeia não havia estalagem; valeu-nos o bom do padre que nos *agasalhou* com tanto almoço, lume chammejante, e cavaco pouco orthodoxo.

Abrir. Inaugurar. — Estes dois verbos significam encetar, dar principio, com esta differença porém: que *abrir* se pode dizer tanto do que principia como do que se reanuda, e *inaugurar* só do que principia. *Inaugurar* tem ademais uma idéa do solemnidade de que não existe em *abrir*. **Abrir-se** um *theatro*, **inaugura-se** uma *exposição*.

Abrolhos, cachopo, escolho, farelhões, Recife. — *Abrolhos* são penhascos ponteados que se descobrem á flor da agua, de menores dimensões que os *cachopos* e por isso mesmo mais perigosos pois, por serem relativamente pequenos, é necessario vigiar (*abrir os olhos*) para os evitar.

Cachopo é o penhasco que sobressae bastante e que pela sua configuração, alta o relativamente delgada, se assemelha a um *cachopo* ou *rapaz*.

Escolho é o termo mais genérico, e que na linguagem vulgar substitue qualquer outra denominação; propriamente porém só se diz dos penhascos que estão debaixo de agua.

Farelhões diz-se dos penhascos amontoados que saem muito visivelmente fora da agua.

Recifes (o singular é pouco usado) é a serie de penhascos que perto das costas difficultam ou impossibilitam a navegação.

Abrupto, alcantilado, escarpado, a pique. — Estas quatro palavras designam a direcção vertical ou quasi vertical da superficie anterior de um roche-

do ou de um monte, *abrupto* porém differo de *alcantilado* em este adjectivo se applicar ás superfícies lisas e aquelle ás não lisas. De saliência em saliência pode ir-se descendo um monte *abrupto*, não assim o *alcantilado*. Além d'isso a vertente *abrupta* é *abrupta* desde o sopé ao cume; *alcantilada* pode ser-o desde o sopé ao cume ou só até certa altura.

Escarpa, em forma de *escarpa*, dá a entender que o monte tem um certo declive ou pendor que, ainda que trabalhosamente, pode ser transitado.

A *pique* não se refere só á verticalidade do rochedo ou do monte; refere-se tambem á situação que essa verticalidade origina para o que está próximo do monte. Quando dizemos que *a aldeia está situada ao pé de uma montanha a pique* despertamos a idéa do perigo que essa aldeia corre se uma penha vier a desprender-se do alto da montanha.

Absolutismo, despotismo, autocracia. — O *absolutismo* é a forma do governo monarchico em que o poder é exercido pelo soberano; esse poder é limitado por leis, chamadas *leis do Estado*, as quaes velam pela vida, haveres e liberdade dos todos os súbditos.

O *despotismo* é o abuso do *absolutismo*, quer dizer, é o caso omisso que o monarcha faz das leis que deve respeitar: quando o *absolutismo* opprime, persegue e atormenta, converte-se em *despotismo*. Com o *absolutismo* podem conciliar-se intenções rectas e benéficas, virtudes eminentes; nada d'isso porém se estende ao *despotismo*. Tambem se dá o nome de *despotismo* á forma de governo em que o monarcha não tem de obedecer a nenhuma lei, por exemplo em Marrocos. O *absolutismo* é chamado *autocracia* ao falar da Russia.

Absoluto, imperioso. — Quem é *absoluto*, quer ser obedecido, e, quaesquer que sejam as observações que lhe façam, permanece inabalável nos seus propósitos; se approvam ou não a sua conducta, é, para o homem *absoluto*, ponto secundario; o que elle quer é a execução effectiva e completa do que decidiu.

Quem é *imperioso* quer sobretudo que não o contradigam nem lhe façam observações; pretendo que ante elle se observe uma postura respeitosa o que lho dêem provas de deferencia e submissão; extremamente exigente n'este ponto, pode não o ser tanto no que toca á execução effectiva das suas ordens.

Absolver, perdoar, remittir. — *Absolver* é desligar o culpado dos laços que o prendiam.

Perdoar é esquecer uma offensa, renun-

ciando a qualquer desforra ou a qualquer castigo.

Remittir é desistir em todo ou em parte do que havia direito a exigir; este verbo dá tambem a suppôr que a pessoa a quem se faz a remissão tem certas condições que a tornam credôra a esse beneficio. **Absolvemos o accusado; perloamos a dívida; remittimos a pena.**

Absono, dissonante. — *Absono* quer dizer que não está em harmonia com outro som; *dissonante*, que toma ou segue um som que não é o que devia tomar ou seguir. No sentido figurado, *absono* é pouco usado; não obstante diz-se algumas vezes do que não tem conformidade com o seu objecto; *dissonante*, muito mais frequente, applica-se ao que se ajusta ou adapta com o que não lhe convem, formando assim um mau conjunto.

Absorto, abysmado, assombrado, admirado. — Princípios do ultimo de estes vocábulos para seguir a ordem ascendente. *Admirado*, o mais usual de estes termos, é o de menor significação; ficamos *admirados* ao ver o que não esperávamos.

Assombrado é muito *admirado*, dando porém a entender que a causa do esse estado é algo que impõe medo, respeito, etc.

Abysmado diz mais que *assombrado*, pois nos representa como caídos no abysmo de que não se sae.

Absorto é o estado em que todas as nossas forças intellectuaes se concentram n'um unico ponto que nos *absorve*.

Absorver, tragar, consumir, devorar. — *Absorver* exprime a acção de destruir lentamente, successivamente, principiando por uma parte até que não fique nada.

Tragar exprime a mesma idéa, mas por via de acção rápida, instantânea, geral, pela qual tudo desaparece rapidamente. Dir-se-á de um homem, que a *sua fortuna foi tragada pelo mar num naufragio*, e de outro, que os *pleitos, o jogo, varias perdas successivas lhe absorveram o que tinha*.

Consumir acrescenta á idéa de *absorver* ou á de *tragar* a de destruir: o *incendio consumiu-lhe os haveres*.

Devorar denota a soffreguidão, a avidez com que a acção é feita; o *pródigo devorou o que seus paes lhe deixaram*.

Abster-se, privar-se. — Estes dois verbos significam «não fazer uso» de alguma cousa; no segundo ba porém a idéa de privação que o primeiro não encerra. *Abstemo-nos sem custo, privamo-nos com sacrificio*. A prudencia aconselha-nos a *abster-nos de gastos supérfluos, não a privar-nos do necessario, nem do útil*.

Abstinencia, jejum.—Em religião a *abstinencia* consiste em abster-se de determinados manjares, particularmente de carnes, em cada uma das refeições. O *jejum*, além de essa *abstinencia*, exige que só se faça uma comida cada dia. Ha *jejuns* mais rigorosos noutras religiões, por exemplo na judaica, em quo nos dias de jejum não se come nem se bebe.

Abstracção, distracção.—«Falta de attenção» é a significação commum a estas duas palavras; a origem de essa falta é porém differente.

Quando o espirito está fortemente possuído de uma idéa, é frequente desprender-se do que no momento o occupa para transportar-se ao que o preoccupa; é a *abstracção*.

Quando o espirito não tem preoccupações, quando qualquer cousa o desvia do assumpto que se ventila ou do que se tem á vista, a falta de attenção que se presta, é *distracção*. Os rapazes têm *distracções*; os sábios *abstracções*.

Abstracto, abstruso.—D. José de Lacerda estabelece assim a synonymia de estes adjectivos: «As cousas *abstractas*, por isso que muito afastadas de todas as que nos fazem impressão nos sentidos, aprendem menos a attenção, e são mais difficéis de entender. E' *abstruso* o que, para ser comprehendido, depende de uma longa, complicada e difficil série de raciocínios, e por isso de extraordinario esforço de attenção».

Roquele diz:

«Uma cousa *abstracta* é difficil de entender, porque dista muito das idéas sensíveis e communs. Uma cousa *abstrusa* é difficil de comprehender, porque depende d'um encadeamento de raciocínios, cuja relação não é possível descobrir nem seguir, e muito menos a totalidade que d'elles resulta, apezar do esforço extraordinario que nossa intelligencia faça para conseguilo. — Um tratado sobre o entendimento humano precisamento deve ser *abstracto*, e *abstrusa* diremos que é a sciencia da geometria transcendental. — Tudo que é *abstruso* é *abstracto*, mas nem tudo que é *abstracto* é *abstruso*».

Abundancia, riqueza, opulencia.—A palavra *abundancia*, no sentido em que aqui a consideramos, não determina nenhum grau de fortuna; refere-se apenas ao estado da pessoa que tem abundantemente tudo quanto necessita. A *abundancia* não é privativa de tal ou tal fortuna; é até arbitraria, pois a *abundancia* que reina em casa do lavrador é muito differente da que pode haver na morada do banqueiro, as necessidades das duas classes sendo e differente natureza.

Riqueza, é o contrario de *pobreza*; esta palavra designa portanto a posse de cousas de valor em quantidade considerável; não designa porém o gozo que se frue de esses bens. Um avaro, por exemplo, vive na miseria apesar de todas as suas *riquezas*. Notemos porém que no singular esta palavra desperta geralmente a idéa de luxo, de bem-estar; por isso se diz: *viver na riqueza*.

Opulencia, além da idéa de posse, inherente a *riqueza*, encerra a de ostentação. A *riqueza* está na posse, a *opulencia* no gozo de essa posse. Ha *riqueza* sem *opulencia*, não ha *opulencia* sem *riqueza*.

Abundancia, fartura.—No sentido em que aqui consideramos estas palavras, basta um exemplo para as comparar. No anno em que ha *abundancia* de trigo não necessitamos importar esse cereal; no anno em que o temos com *fartura* podemos até exportar-o. *Fartura* é, pois, grande *abundancia*.

Abundante, abundoso.—*Abundante* quer dizer que «é em abundancia», *abundoso* «que produz com abundancia» ou «que tem com abundancia». D. José de Lacerda diz «colheita *abundante*, reino *abundoso*».

Notemos porem que *abundoso* é pouco usado, e que *abundante* o supprime na linguagem bodierna.

Ahyso, sorvedouro, voragem, precipicio.—O *precipicio* (do lat. *præ*, para diante, e *caput*, cabeça), é um espaço vazio, profundo e escarpado, no qual se pode cair ou ser precipitado. A principal idéa que esta palavra suggere é a do perigo da queda; é por isso que no sentido figurado se faz uso de ella para designar os grandes perigos de que muito difficilmente se pode sair, e que só se descobrem quando já é difficilissimo evital-os: a *desgraçada* que *vae succumbir á tentação* só vê o *precipicio* quando lhe é quasi impossivel recuar.

A *voragem* (do latim *voror*, devoro), é o nome de esses terríveis remoinhos que formados pela acção de varias correntes oppositas, arrastam fatalmente para o seu centro, e alli tragam, subvertendo-as, todas as embarcações que a impericia ou a fatalidade leva até onde alcança a influencia do seu giro. E' pois a idéa de tragar que predomina n'esta palavra; por isso se emprega no figurado ao designar o que attrahe irresistivelmente para uma ruina ou morte inevitável: o *jogo* é uma *voragem* onde o *homem principia por perder os haveres e acaba por perder a honra*.

O *sorvedouro*, em sentido figurado, é aquillo que mais ou menos lentamente *vae absorvendo* a totalidade ou a maior parte

do que é útil: o convento de Mafra foi o **sorvedouro** do erario nacional.

Abysmo (do prefixo privativo grego *a* e *bussos*, fundo) é uma voragem sem fundo, como o indica a etymologia. O que cae no *abysmo* desaparece para sempre. Não ha em *abysmo* a idéa da queda fatal que encerra *precipício*, nem a de atracção, inherente a *voragem*; em *abysmo* ha só a idéa de profundidade infinita ou desconhecida onde se perdem os corpos quo nelle cáem; assim dizemos: *do alto da cratera do Vesúvio o olhar mergulha no abysmo do vulcão; os insondáveis abysmos do mar*. E' esta idéa de infinito profundo e tenebroso que predomina no sentido figurado da palavra para denotar não a perda, mas sim o lugar onde para sempre se perde o que era bom e apreciável: o **abysmo do vicio**.

Notemos porém que *abysmo*, denotando só profundidade immensa, é ás vezes tomado a boa parte; assim se diz um **abysmo de virtudes**, um **abysmo de sciencia**, para designar uma pessoa muito virtuosa, um sábio.

Acabado, gasto, envelhecido, avelhentado, velho, edoso.—Consideramos a synonymia do estas palavras com relação a pessoas.

Acabado, diz-se indifferentemente de qualquer idade quando na physionomia ou no porte se notam traços de velhice anticipada, sejam elles provenientes de doença, de desgostos, de trabalhos, ou de vicios.

Gasto não encerra idéa favorável; diz-se, como *acabado*, do qualquer idade, mas dá a entender que não é precisamente ao exercício das virtudes que se deve o estar *gasto*, o já não ter vigor, o estar já falto da louçania que era do esperar.

Envelhecido é o que representa mais idade a que tem. Também so diz do quem labuta ha muito tempo num exercício, num cargo.

Avelhentado é o quo pareceo velho sem o ser. Um homem de trinta annos está *envelhecido* se parece ter quarenta, e *avelhentado* se tem as rugas, as câs e o tremor proprios de quem é velho.

Velho é relativo á idade e ás suas consequências. E' nisso que differe de *edoso* quo só é relativo á idade. Quem é *edoso* está adiantado em annos; quem é *velho* é *edoso* e está alquebrado.—Este é o verdadeiro sentido dos dois vocábulos, mas *velho* emprega-se ás vezes por *edoso*, por exemplo na locução: *é um velho verde*.

Acabado, perfeito, magistral.—**Acabado**, relativamente ao trabalho ou á execução, diz-se do conjuncto que está completo, que tem tudo o que deve ter e esse tudo feito segundo as regras da arte. Se deixando o conjuncto, abstrahimos parte por parte e achamos que cada uma de

ellas está *acabada*, o todo é *perfeito*. Se a perfeição excede os limites ordinarios, se se conhece a mão do mestre nos mais pequenos pormenores, a obra é *magistral*.

Acabar, cessar, descontinuar, interromper.—**Acabar** (de *cabo*, fim), é levar a cabo uma acção, chegar ao seu termo, fazer com quo não prosiga, o que quer dizer quo ella teve um principio e uma continuação. Esta palavra, dada a sua significação, applica-se ao conjuncto de uma obra; o que está *acabado* está completo, já não ha que acerescentar-lhe. Quando um auctor *acaba* um livro, não prolonga o trabalho; a sua obra está completa, *acabada*.

Cessar (do latim *cessare*, frequentativo de *cedere*, ceder), é não continuar a cousa começada; este verbo porém não diz se a acção é definitiva ou não; *cessamos* a leitura de um livro enfadonho, seja para nunca mais lhe pegarmos, seja para adiar a continuação; um crêdor, sem desistir dos seus direitos, *cessa* de perseguir o devedor quando vê que este lhe não pode pagar; um orador *cessa* de falar ao encerrar-se a sessão, ficando com a palavra reservada para continuar o seu discurso na sessão seguinte.

Descontinuar o interromper differenciamso do *cessar* em annunciarem que a acção será continuada; além d'isso, *interromper* indica causa alheia; vieram visitas que me fizeram *interromper* o jantar; frequentemente vem algum amigo *interromper* o meu trabalho.

Acabar, terminar, concluir, rematar.—**Acabar** (palavra em que mais ou menos se reconhece a influencia do vocábulo latino *caput*, cabeça), é propriamente levar até á cabeça, até ao remate, até ao fim, e de modo cabal.

Terminar, como indica o correlativo *termino*, refero-se melhor ás dimensões ou extensão que ao proprio acto de ultimar; *termina-se* o que tem de cessar ou não deve continuar.

Concluir é chegar ao fim, á conclusão, ao ponto onde termina o que não vae mais além.

O lexicógrapho **conclue** o seu dictionario ao chegar á conclusão do último vocábulo da letra *Z*; **terminal-o-ia** ha mais tempo se não tivesse incluído todas as accepções de cada vocábulo; **acabal-o-á** quando der os últimos retoques ao manuscrito.

Assim, *acabar* depende do sujeito; *concluir*, do objecto; *terminar*, do sujeito e do objecto.

Resta-nos o vocábulo *rematar*, que indica uma acção que não é essencial ao objecto; sem o accessorio com que se *remata*, a obra pode considerar-se *acabada*: depois de terminar o sermão, o pregador *rematou-o* pedindo trez Ave-Marias.

Acabar, senecer, perecer, morrer, finar-se, fallecer. — *Acabar* é chegar ao caho, ao fim: *quem mal vive, mal acaba*.

Senecer é não ir mais além: *mais vale chegar a velho que senecer no verdor dos annos*.

Perecer e morrer é deixar de viver; no primeiro dos estes verhos ha' porém uma idéa de desastre ou de desgraça quo não existe no segundo: *morrer* de velho; *perecer* n'um incendio.

Finar-se é o mesmo que *morrer*, mas apresenta a acção como gradual: *extenuadas as forças, foi-se seccando, de finhando, e finou-se*.

Fallecer ajnta á idéa de *morrer* a da falta que occasiona o morto; por isso não se diz que o pobre, quo não tem familia, *fallece* numa cnxerga do hospital, mas sim que *morre*, a sua morte não sendo para sentir.

Academia, escola, universidade. — De estes termos, o único bem definido é *universidade*, collectividade de lentes que, soh a administração directa do Estado, confere graus universitarios. Esses graus, porém, também os conferem as *escolas* médico-cirúrgicas, e até certo ponto as *academias*. Concordamos em que se diga *escola* ou *ocademia* de bellas-artes, não sabemos, porém, a causa de não so dizer a *universidade* de medicina de Lisboa, a *universidade* de medicina do Porto, já que estes estabalecimentos em nada dependem da *universidade* de Coimbra, sendo-lhe porém equiparados até certo ponto.

Acampamento, arraial, bivaque. — *Acampamento* é termo genérico, mas particularmente designa o recinto ou área onde um exército em campanha ergue as suas tendas e se instala com certa commodidade e segurança.

Arraial, palavra tomada ao hespanhol, *reales*, designava o acampamento em cujo centro se elevava a tenda do rei; hoje é termo poético.

Bivaque (do francez *bivac*), é o estado de um exército acampado ao ar livre, sem tendas nem commodidades; por extensão, diz-se do terreno onde esso exército passa a noute ao sereno.

Acanhamento, vergonha, timidez. — Estas tres palavras designam o sentimento que impede de falar ou de ohrar na presença dos outros. O *acanhamento* é a falta de desemharço de que so carece em determinadas circumstancias; dá-se mesmo para com pessoas com quem estamos habitualmente á vontade: quem não frequenta a sociedade sente *acanhamento* ao entrar numa sala; é por *acanhamento* que hesitamos em pedir a um amigo o favor que

antecipadamente sabemos não nos ha-do recusar.

A *vergonha* provém, ou da consciencia da propria inferioridade, ou do conhecimento da vantagem moral que uma falta nossa dá aos outros: o homem de nada que por um conjunto de circumstancias é agraciado com um titulo, de condo por exemplo, deve sentir *vergonha* quando um conde do raça o trata de equal.

A *timidez* é o sentimento proveniente da desconfiança que temos dos nossos méritos ou das nossas forças; sente-se, mas não se revela: é por *timidez* que um namorado occulta o affecto a que outro affecto quer corresponder.

Acarear, confrontar. — Estes dois vocábulos são frequentemente empregados no mesmo sentido, differem porém essencialmente.

Acarear é pôr frente a frente co-réos ou testemunhas.

Confrontar é comparar as suas declarações.

Acarretar, acarrear. — *Acarrear* é trazer em carro; *acarretar* é trazer um carro. No sentido figurado *acarrear* é mais ponderativo, a *carrada* sendo maior quo o *carreto*.

Acaso, casualidade. — O *acaso* é um acontecimento de maior consideração quo a *casualidade*. Não se pode dizer que uma explosão, um incendio, um terramoto, sejam *casualidades*. Os factos imprevistos quo trazem consigo consequencias graves, são *acazos*. Aquelle que sem premeditação assiste a um acontecimento grave, pode dizer que a *casualidade* o tornon testemunha de aquelle *acaso*.

Acaso, fortuna, sorte, fatalidade, destino, falo, ventura, dita, estrella. — O homem, seja qual fôr a idade em que haja vivido, e a religião que tenha abraçado, nunca quiz confessar que é elle proprio o principal fautor das suas desditas; indolente — quem sabo so incapaz? — para melhorar os meios em que vive o destruir o que ha de nocivo em cada um d'elles, inventou, para ter a quem accusar, uma quantidade de sêres phantásticos a que attribue os poucos bens e os muitos males quo na vida lhe sobrevém. São as palavras com que se designam esses sêres quo vamos passar em revista.

O *acaso*, o mais phantástico de todos os sêres de esta série, obra arbitrariamente; prepara combinações do circumstancias tão impossiveis de prevêr como de impedir, e de ellas provém factos, felizes ou desgraçados, que nos deixam estupefactos de prazer ou de dôr. As suas manifestações não são constantes; isto é, não se lho referem

factos successivos; revela-se de quando em quando; occulta-se, reaparece; persegue-nos ou abandona-nos; favorece-nos ou osmaga-nos. E' nisto que não se assemelha á *fortuna*, pois esta, como veremos, parece obrar de um modo constante, o ao *acaso* só se imputam factos isolados, tendo por isso muita analogia com a *fatalidade*. E' o *acaso* que nos leva ao lugar onde encontramos a felicidade ou a desventura. Quantas descobertas são filhas do *acaso*!

A *fortuna*, de que os antigos fizeram uma divindade cega, caprichosa, volúvel, preside a todos os actos da vida e distribue os bens ou os males segundo o seu designio; propicia para uns, adversa para outros, frequentemente inconstante para com o mesmo individuo, é a ella que se attribuem as felicidades, ou as desgraças, para as quaes apenas contribuímos, abandonando-nos egamente ao seu arbitrio, ou as quaes ella nos depara sem que as tenhamos previsto. Entrega-se á *fortuna* o aventureiro que vae a terras inhóspitas procurar riquezas ou afrontar a morte; confia na *fortuna* o que joga á lotaria; é ludibriado pela *fortuna*, aquelle que, ao volver rico á terra do que saíu mendigo, vê os seus thesouros sumirem-se no naufragio.

A *sorte* é ao mesmo tempo effeito e causa: effeito, quando designa o estado ou a condição a que a *fortuna* o o *acaso* trouxeram uma pessoa; causa, quando, considerando-a um mixto de *acaso* e do *fortuna* lhe attribuímos um facto isolado ou uma série de factos favoráveis ou desfavoráveis. Por outro lado a palavra *sorte* applica-se melhor ás condições modestas, *fortuna* ás elevadas: a *sorte* de Crespo ao lado do Cyro era mais invejável que a sua *fortuna*. (V. *Crespo* no nosso *Supplemento do Dicionario Illustrado*).

A *fatalidade* (em latim *fatum*, o que está dito ou decretado) distingue-se do *acaso*, da *fortuna* e da *sorte*, em ser agente, o não sujeito. A *fatalidade* não obra arbitraria e caprichosamente: obedece a um impulso omnipotente, a uma disposição superior e impenetrável. O «*estava escripto*» dos mahometanos é a *fatalidade*, como é *fatalidade*, no christianismo, a predestinação de S. Paulo.

O *destino* era, entre os antigos, uma divindade cega a quem os deuses e homens estavam submettidos; tinha nas mãos a *sorte* dos mortaes. Os seus decretos eram irrevogáveis e tinham o carácter da *fatalidade*. Eis porque denominamos *destino* á combinação de circumstancias ou do acontecimentos que se effectuam em virtude de leis inflexíveis e que nos trazem fatal o incluctavelmente ao ponto em que só nos resta obedecer: ante o *destino* desaparece a nossa força, anniquilla-se a vontade: somos obrigados a obedecer ao *destino*; ninguém pode resistir ás leis do *destino*.

O *fado* é o estado que resulta das imposições do *destino* como bom o prova a acceção que esta palavra tem nos contos do encantamentos em quo se vêem príncipes terem o *fado* de estarem transformados em rãs, ou outras alimarias, até que determinado acontecimento os venha libertar. O nosso *fado* é tangível, acompanha-nos; queremos libertar-nos do seu jugo, mas por mais que façamos elle não nos larga.

Ventura e *dita* são também seres phantásticos som vontade certa nem determinada; *ventura*, geralmente, *dita*, sempre, tomam-se a boa parte.

Estrella, como diz D. José de Lacerda, «é outra palavra do mesmo género, que se «conservou na lingua apesar de terem passadas as cimeras da astrologia, que lhe «deram origem. Refero-se á supposta influencia dos astros no *destino* dos homens, «e ainda bojo se diz que tal individuo nasceu em boa ou má *estrella*.»

Falando do algumas palavras de este grupo, diz Roquete:

«Todas estas palavras se referem á causa incognita que os antigos pagãos crêram presidir ao êxito das cousas. Eis aqui suas differenças. Fala da *fortuna* um illustre portuguez, d'ella favorecido, e d'ella maltratado, mas que a soube desprezar como ella merece.

«Váriamente pintaram os antigos a que elles chamaram *fortuna*. Uns lhe puzeram «na mão o mundo, outros uma cornucopia, «outros um leme; uns a formaram de ouro, «outros de vidro, e todos a fizeram cega, «todos em figura de mulher, todos com azas «nos pés, e os pés sobre uma roda. Em muitas «cousas erraram como gentios, em outras «acertaram como experimentados e prudentes. Erraram no nome de *fortuna* (de *fortis*) «que significa *caso*, ou *fado*; erraram na «cegueira dos olhos, erraram nas insignias, «e poderes das mãos; porque o governo do «mundo, significado no leme, e a distribuição de todas as cousas, significada na cornucopia, pertence sómente á Providencia «Divina, a qual, não cegamente ou com os «olhos tapados, mas com a perspicacia de «sua sabedoria, e com a balança de sua justiça na mão, é a que reparte a cada um e «a todos o que para os fins da mesma providencia com altissimo conselho tem ordenado e disposto. Acertaram porém os «mesmos gentios na figura que lhe deram de «mulher pela inconstancia; nas azas dos pés «pela velocidade com quo se muda, e sobre «tudo em lb'os pôrem sobre uma roda; porque nem no prospero, nem no adverso, e «muito menos no prospero teve jámalas firmeza (Vieira, III, 4).

«Não acreditamos nós, como os pagãos, «nessa divindade caprichosa, injusta, inconstante, o cega, mas conservamos a palavra, e muitas vezes nos exprimimos como se fôra ella que repartira aos homens

«os successos prósperos e adversos, quando não alcançamos a causa d'elles. O mesmo Vieira havendo dito num sermão, em que fazia allusão a si mesmo, quando estivera no Santo Offício, que o melhor meio de desarmar a fortuna é de se collocar no último lugar, ajunta: Só quem soube fazer esta eleição desarmou a fortuna. Oh que glorioso trophêo! A fortuna despoja da de suas armas, e ao pé d'esses despojos aquelle verso:

«*Maior sum quàm cui possit fortuna nocere.*

«Assim se desarma a fortuna, quo só é forte com as armas que nós lhe damos (V, 214).

«E' ainda bem conhecido e citado entre os doutos aquelle célebre verso latino:

«*Audaces fortuna juvat, timidosque repellit.*

«Só dos ousados foi sempre
«A fortuna companheira;
«Do cobardo que a teme
«Inimiga verdadeira.

«Acaso, antes caso, do latim *casus* (de *cado*, *ecceidi*, *casum*, cair, acontecer), toma-se algumas vezes em lugar de *fortuna*, mas referindo-se não a uma serie ou encadeamento de successos, senão a um só que fortuitamente acontece, como disse Vieira falando do jogo: Nos dados e nas cartas nenhum lugar tem a razão e o juizo, senão a temeridade e o acaso (VIII, 253).

«Sorte em latim *sors*, approxima-se de *vacaso*, mas differença-se em que aquelle refere-se a um acontecimento só, e esta suppondo diferentes e uma ordem da divisão ou partilha; não se lhe attribue mais que uma determinação occulta, que faz permanecer em incerteza até ao momento em que se manifesta; d'aquí vem dizer-se: ter, cair em sorte.

«Fado, é a palavra latina *fatum*, aportuguezada (ã *fando*, *Dei factum*, id est, *dictum*, *decretum*), que entre os pagãos significava a vontade, os decretos dos deuses, como diz um poeta antigo citado por Servio, in *Æn.* 2: *Fatum est quod dii fantur*. Entre os christãos, fado é a ordenação das cousas humanas segundo os desígnios da Providencia, ou aquillo que Deus ha resolvido a respeito do cada um de nós, como bem disse Minúcio Felis: «*Quid aliud est fatum, quàm quod de unoquoque nostrum Deus fatus est?*» Os antigos divinizaram também o fado, mas não o confundiam com a fortuna, porque o principal caracter d'esta era ser inconstante, e o de aquelle o serem irrevogáveis e necessários seus decretos. O que elles cegamente attribuíam á fortuna e ao fado, o attribuem os christãos á Providencia, como optimamente disse o nosso Camões:

«Occultos os juizos de Deus são!

«As gentes vãs, quo não os entenderam,

«Chamam-lhe fado mau, fortuna escura,

«Sendo só Providencia de Deus pura.

(*Lus.*, X, 38).

«E depois d'elle Vieira.—Nós porém sabemos quo não ha fado mais que a Providencia divina, sempre livre, e todo pode-rosa (V, 490).

«Destino é palavra de todas as linguas neolatinas, formada do verbo latino *destino*, *destinar*, o qual vem de grego *steino* que se pronuncia *stino*, e a quo se juntou o prefixo *de*; vale o mesmo que *tenho* que significa apertar. Destino parece ser o mesmo quo fado na linguagem mythológica, e os poetas usam um por outro, como fez Camões na Canção X:

«..... porque passasse

«O que quiz o destino nunca manso.

«Mas fado exprime particularmente a vontade irrevogável dos deuses, e destino a execução do seus decretos que apertam o homem e o levam necessariamente a aquillo a que está destinado; e neste sentido disse o mesmo poeta, falando de Nuno Alvares Pereira quando passou ao Alemtejo:

«Ajuda-o seu destino de maucira

«Que fez igual effeito ao pensamento

(*Lus.*, IV, 46.)

«O destino é uma divindade allegórica a que os poetas attribuem o conhecimento da vontade o o poder, cujos fins são fixos e determinados. Representam a tendo na mão uma urna onde está encerrada a sorte dos homens, e de baixo de seus péso globo terrestre. Seus decretos eram irrevogáveis, cuja execução estava confiada ao tempo; e seu poder era tão extenso que abrangia a todos os deuses. Diz-se que tem um livro em que estão escriptas as sortes dos homens.

«Estrella é expressão tirada da astrologia; refero-se á supposta influencia dos astros sobre o destino dos homens. Ninguém erê hoje em tal influencia, com tudo crestem ainda as expressões figuradas de: nasceu com boa ou má estrella, ser levado por sua estrella, etc.; quo dizem o mesmo que: nasceu para ser feliz ou infeliz, quiz a providencia que, etc.

«Em fim a ventura não forma nem ordem nem designio; não se lhe attribue nem conhecimento nem vontade; e suas decisões são sempre mui incertas, por isso se diz: a Deus e á ventura. Toma-so ás vezes por má fortuna, como se vê em Camões, que disse:

«(Aqui) me trouxe um tempo, e teve,

«Minha fera ventura.

(*Canç.* X).

«Outras vezes so toma por boa sorte, dita, bom éxito em alguma empreza, como esse ló em Lucena, que falando dos feitos do Gama no descobrimento da India, diz: «—Feitos d'alta ventura.—E no mesmo sentido disse Vieira:—As trez partes do bom negociante são cabedal, diligencia e ventura.—E moralizando esta sentença, acrescentou:—Para a negociação do céu a todos dá Deus o cabedal, a todos offerece a ventura, e só pede a diligencia (II, 2).

«A palavra *fortuna*, como acabamos de ver, em seu sentido recto, estende-se tanto á boa como á má sorte, e só no primeiro d'estes sentidos pôde olhar-se como synonyma de *dita*, porém a voz *fortuna* representa aquella felicidade physica e materialmente, a voz *dita* a representa moralmente, isto é, em quanto causa satisfação ao que a possui. Assim que a primeira é mais propria para explicar o logro ou posso d'aquelles bons que por uma especie de convenção geral se olham como a felicidade d'esta vida; a segunda se applica mais propriamente ao gozo d'aquelles que tem verdadeiramente por taes o que os desfruta, sem necessidade de que os qualifique a opinião, porque satisfazem seu gosto ou seu desejo.

«Ha muitos homens que têm a *fortuna* do ser ricos, e nem por isso logram ser ditos; porém, ao contrario, o homem prudente, abandonado da *fortuna*, pôde ser ditoso, se sabe conservar em sua desgraça a innocente paz do coração, e a doce tranquillidade do animo.

«Toma-se muitas vezes a voz *fortuna* pelo mesmo bem physico; porém não se pôde fazer o mesmo uso da voz *dita*, que sempre representa um gozo moral; e assim não pôde substituir-se áquella nestes exemplos: Alguns fizeram n'outro tempo a grande *fortuna* na India; quando periga a honra devo sacrificar-se a *fortuna* e a vida».

Acatamento, deferencia, consideração, respeito, veneração, reverencia. — *Acatamento* é a obediencia respeitosa com que observamos ou executamos o que vem ordenado de alto: no *acatamento* ás leis está a liberdade do cidadão. Entre outras cousas, os governos fortes differenciam-se dos governos fracos em aquelles exigirem aos concilios *acatamento* ás suas decisões, o estes em terem *acatamento* ás decisões dos concilios.

A *deferencia* é a demonstração da annuência que manifestamos ás idéas, palavras ou desejos da pessoa que pela idade, mérito ou categoria nos merece consideração; a *deferencia* exaggerada é adulação.

A *consideração* é o sentimento de estima que temos por quem tem mérito real ou de convenção.

O *respeito* é a consideração que a razão

nos ensina que devemos ter a alguma pessoa ou cousa: *respeitamos* a virtude, a volúncie, as leis, a memoria dos antepassados, etc.

Veneração diz mais que *respeito*; não só a *veneração* é um grande *respeito*, senão que também ha n'esse *respeito* um certo caracter religioso ou sagrado; o *respeito* pode ser apparente; a *veneração* é real, pois consiste mais no sentimento intimo que nas demonstrações exteriores. *Respeitam-se* pessoas o cousas, e só so *veneram* as pessoas.

Referencia é uma especie de *veneração* em que entra o temor: *revera-se* o que ao mesmo tempo *respeitamos* o *tememos*.

Acautelado, cauto, precavido, providente. — Quem é *acautelado* não origina desgraças, e impede que sobrevenham. Quem é *cauto* evita o perigo ou o mal presente. O *precavido* está munido do necessario, por ser *providente*; o que quer dizer que *precavido* designa um estado, e *providente* um hábito.

Acção, acto, facto. — Dos dois primeiros vocabúlos, diz D. José de Lacerda: «*Acção* é um vocabulo abstrato; *acto* é um vocabulo concreto. A *acção* é o exercicio de uma potencia; *acto* é o resultado da *acção* de essa mesma potencia. A potencia quando emprega a sua energia, está em *acção*, o produz o *acto*».

Pela linguagem corrente vemos queo bem definida está a synonymia de esses vocabúlos. Effectivamente, dizemos: *acto de coragem* o *acção* corajosa; *acto de magnanimidade* e *acção* magnánima; se dissessemos *acto corajoso* e *acção* de coragem, *acto magnánimo* e *acção* de magnanimidade, não só essas locuções offenderiam o ouvido senão que seriam desprovidas de sentido; isto quer dizer que para especificar o *acto* dá-se-lhe um complemento, e para especificar a *acção* basta-lhe um qualificativo; aquelle complemento determina qual *acção* interior produziu o *acto*, este qualificativo exprime a essencia da propria *acção*; porque sempre se subentende que tanto a *acção* como o *acto* são factos dependentes da vontade, sendo porém mais dependente da intenção a *acção* do que o *acto*, e também mais complicada e demorada a sua realização. O exemplo seguinte determina claramente a synonymia dos dois vocabúlos: no *acto* de descarregar a arma conheceu que fazia uma má *acção*.

Facto, como synónimo do *acto*, diz-se do acto consumado, e como synónimo de *acção* diz-se do feito notável.

Acção, combate, batalha. — *Acção* é um termo genérico que tanto se applica á *batalha* campal como ao *combate* parcial: é propriamente o movimento do con-

fictio de forças oppostas, grandes ou pequenas.

Combate é o encontro, geralmente improvisto, de troços de exércitos inimigos que travam luta entre si. Além d'essa acceção applica-se o termo *combate* para designar qualquer luta em que a vida está exposta: o *combate* dos Iloracos e dos Curiaicos terminou em *combate* entre dois homens.

Batalha é a peleja entre exércitos numerosos, geralmente precedida de preparativos e que tem resultados de grande importância: a *batalha* de Sedan foi o último acto da tragedia que os Buonapartes representaram em França.

Ação, demanda, litigio, processo, pleito.—*Ação* é o uso do direito de reclamar em justiça.

Demanda é a *acção* que em juízo deduz o auctor formulando a sua pretensão.

Litigio é a controversia judicial que resulta do demandado não annuir ao que o demandante requer.

Processo são os autos e outros escriptos que occorrem em qualquer causa civil ou criminal.

Pleito é o estado reciproco das duas partes: Fulano e Sicrano estão em *pleito*.

Ação, feito, façanha, proeza.

—*Ação* refere-se á pessoa que a executa; *feito* ao facto em si: as *ações* dos nossos maiores eram *feitos* que a historia regista. Também estabelece essa differença o facto de dizer-se que as *ações* são boas ou más segundo a intenção de quem as pratica; e os *feitos* são certos ou falsos em relação a si mesmos.

Feito, comparado com *façanha* e *proeza*, é o resultado de estas *ações*: nos grandes *feitos* da historia ha sempre um quinhão de exaggero.

Façanha é a *acção* heroica em que a victoria é só devida ao arrojio.

Proeza é a *acção* heroica, em que ao arrojio se allia a intelligencia.

Acceder, aquiescer, consentir, adherir, concender, concordar.—*Acceder* é declarar que se aceita o que outros decidiram e que se co-

operará para o intuito geral; deixa porém entrever que se tinham outras tenções.

Aquiescer é consentir voluntariamente e sem esforço.

Consentir é termo genérico; *consente-se* voluntariamente, contra vontade, para não ir em contra, etc.

Adherir diz-se do consentimento espontâneo, firme, sincero; defendemos com convicção aquillo a que *adherimos*.

Concender é consentir por condescendencia e muitas vezes de má vontade.

Concordar é consentir no que vae algo

em contra da nossa opinião; muitas vezes *concordamos* em alguma cousa para não nos darmos ao trabalho de a discutir.

Acceltar, receber.—*Acceltamos* o que nos offerecem, *recebemos* o que uos mandam. Em *acceltar* existe implicitamente o sentido de approvação ou consentimento; não assim em *receber*, que só encerra o sentido de não recusar: *acceltam-se* favores; *recebem-se* favores, insultos, peitas, etc.

Accelerar, apressar, apressurar.—Chegar depressa ou mais depressa ao termo, ao fim, é a idéa geral de estas palavras.

Accelerar denota impaciencia, desejo ardente de alcançar o termo; *accelerar* é, pois, dar mais rapidez ao movimento ou ao acto: o homem vingativo emprega todos os meios ao seu alcance para *accelerar* a ruína de aquelle de quem se quer vingar.

Apressar denota *acção* viva, movimento apressado para chegar ao fim, ou afastarnos do principio; é inherente a este verho a idéa do pouco cuidado que resulta da propria pressa.

Apressurar é apressar com precipitação.

Accelera-se empregando todos os meios; *apressa-se*, activando esses meios; *apressura-se*, precipitando-os. *Acceleramos* o passo quando tememos não chegar a tempo; *apressamos* o quando nos queremos distanciar do lugar de que vimos; *apressuramos* o para fugir ao perigo.

Accento, tom.—O *accento* é a expressão do sentimento; o *tom* é a maneira de persnadir os outros que sentimos o que dizemos. O *accento* da compaixão vem do intuito porque a compaixão é real. Dizendo alguma cousa em *tom* de compaixão, queremos persuadir que a sentimos, podendo ser muito diverso o nosso sentimento.

Accento, pronuncia.—Dizemos a *pronuncia* do Minho e o *accento* dos minhos, referindo *pronuncia* ao modo das palavras serem ditas, e *accento* a uma particularidade de quem as diz. Não obstante, estas duas palavras confundem-se geralmente.

Accepção, significação, sentido.—*Accepção* diz-se de cada um dos sentidos que a palavra exprime: «pagode» tem quatro accepções: templo, idolo, moeda e hambochata.

Significação é o valor da palavra, o que ella quer dizer em si, a idéa que exprime: o dicionario da lingua ensina-nos a *significação* das palavras.

Sentido é termo geral, applicável ás palavras, ás phrases e ao discurso. Em que *sentido* emprega o senhor essa palavra? A phrase «sob este ponto de vista» não tem sentido, deve dizer-se «desde este ponto do

vista». Ninguém comprehende o sentido do Apocalypse, se por acaso tal livro tem algum sentido.

Accidentalmente, fortalmente. — Modo como succedem as cousas inesperadas, ou *por accidente* ou *por fortuna* (o que parece reservar *accidentalmente* para os acontecimentos adversos, e *fortalmente* para os prósperos). Os senhores Bourguignon e Bergerol no seu «dicionario de synónymos» comparam estes dois adverbos dizendo: «Um facto produz-se *accidentalmente* ou *por accidente*, quando a causa, se bem que existe, é desconhecida. — Um facto produz-se *fortalmente*, quando não tem causa intelligente; isto é, quando não existe outra causa que não seja um conurso phantástico de circumstancias. — O que succede *accidentalmente* vem sem ser esperado; o que succede *fortitamente* excede qualquer previsão. Uma pessoa cae *accidentalmente* doente, quando todas as circumstancias conhecidas lhe prometiam a continuação da saúde. A doença tem uma causa, na verdade; mas essa causa não nos é conhecida, nem sequer talvez supposta; e não obstante a causa de tal doença se determinaria, por ser consequência de leis naturaes, se, por um lado, conhecêssemos melhor essas leis, e, pelo outro, as circumstancias exactas em que a doença se manifestou.

Encontramos *fortitamente* um amigo que não tiubamos tornado a ver desde que sahimos do collegio. Esse encontro é considerado como *fortuito* ou *sem causa*, visto que não tem outra causa além da coexistencia phantástica de dois factos, coexistencia que não é originada por nenhuma lei, nem por nenhum designio.

De *fortuito* e *accidental* diz Roquete:

«A differença entre estes dois vocábulos «consiste em que o *fortuito* está fóra da previsão humana, e o *accidental* está dentro do circulo da verosimilhança. Uma chuva de pedra que destróe as searas, as hortas, os jardins, é um caso *fortuito*; porque é «cousa que não se espera. Uma chela que calaga as lezirilas e leva as sementes, é um caso *accidental*; porque acontece com frequência e se deve prever. — A queda d'um cavallo por tropeçar no caulinho é *accidental*. A morte d'este cavallo ferido «pela bala d'um ladrão, é um caso *fortuito*».

Accidente, acontecimento. — *Accidente* é um acontecimento inesperado, um successo casual; exprime quasi sempre um mau acontecimento, uma desgraça, a não ser que um qualificativo o modifique ou que o sentido geral do discursso lhe não attribua outro sentido que não seja o de acontecimento fortuito.

Acontecimento é o termo geral com que se designa tudo quanto succede.

Quando porém tenbamos a escolher entre estes vocábulos applicaremos o primeiro, *accidente*, ao que é de pouca importancia, e o segundo, *acontecimento*, ao que é importante.

Aclamação, proclamação. — *Aclamação* é o applauso ou victores com que o povo eleva ao throno aquelle que escolheu para monarcha: a *aclamação* de D. João I.

Proclamação é o acto official pelo qual um principe é enthronizado.

Acommodar, adaptar, adequar. — Transformar uma cousa de modo que, sem perder o seu carácter, soffra as alterações que o caso exige: *acommodar*. *Acommodar* um drama estrangeiro ao theatro portuguez.

Transformar, ou alterar de modo que possa servir onde não servia: *adaptar*, isto é, *tornar apto*. *Adaptar* uma roda a um eixo.

Fazer, ou transformar, de modo que seja proprio, ou convenha, para um fim determinado: *adequar*. Dicionario *adequado* ao uso de portuguezes e brasileiros. *Termino* é o qualificativo *adequado* a tal idéa.

Accrescentar, augmentar. — *Accrescentar* se para *augmentar*: um lexicologo *augmenta* o seu dicionario *acrescentando-lhe* vocábulos que faltavam noutras edições.

Accumular, amontoar, reunir. — Sendo o *cumulo* o cogulho que sobrepuja á medida chela, *accumular* é pôr montão sobre montão até que já não se possa pôr mais sem que o todo venha a terra. Ha por isso em *accumular* uma idéa de abundancia sempre crescente e excessiva, obtida pouco a pouco, mas constante e tenazmente: o avaro *accumula* o ouro; os nossos politicos *accumulam* os empregos.

Amontoar é pôr umas cousas por cima de outras, sem ordem nem fim determinado.

Amontoam-se objectos miudos; *accumulam-se* os grandes: *amontoar* o trigo; nas montanhas *accumulam-se* os rochedos.

Reunir é ajuntar umas cousas a outras; encerra idéa do esforço e desejo de augmentar.

Accusador, denunciante, delator. — O *accusador* accusa á justiça a pessoa contra a qual requer condemnação, seja por dever de officio, seja em nome da lei ou da sociedade.

O *denunciante* revela a falta occulta e mostra o culpado; pode ser levado a isso por zelo pelo bem ou por motivos menos louváveis. Por exemplo, so um meu vizinho maltratar os filhos, e só eu o soubber, impõe-me a consciencia o dever de o denunciar á policia, e o meu acto é louvável.

Se o meu vizinho esconder em casa um homem que por motivos politicos se occulta da justiça e eu o *denunciar*, o meu acto é infame.

Delator é aquelle que por interesse ou por vingança revela secretamente um facto verdadeiro ou falso que pode acarrear ao seu auctor castigos ou dosgostos: os *delatores* de contrabando são infames porque fazem a *delação* pelo interesse da parte da apprehensão a que por lei têm direito.

Comparando estas trez palavras, termina D. José de Lacerda o seu artigo dizendo: «O accusador pode proceder por motivo louvável; e o *denunciante* pode alguma vez ser desculpado; mas o *delator* é sempre vil e digno de abominação».

Accusar, criminar, inculpar, inculpar, argüir. — *Accusar* é denunciar algum como criminoso ou delinquent, imputar-lhe crime ou delicto, mas de modo formal e por facto determinado o certo, ou tido por certo; isto quer dizer que o *accusado* é, com razão ou sem ella, declarado culpado; e que o *accusador* julga possuir a certeza e as provas da culpabilidade, e o que allega são factos, actos reaes, e não intenções. *Accusamos* algum de faltas graves, até de crimes; e também de bagatellas, de rapaziadas.

Criminar é attribuir um auctor ao crime.

Inculpar é attribuir má intenção ao que talvez fosse feito com boas intenções. Também se diz por *criminar*.

Inculpar é accusar de modo vago, sem provas, nem forte convicção. De um crime, cujo auctor é desconhecido, *inculpamos* aquelle que julgamos ser capaz de o ter feito. Applicado ás cousas, este vocábulo é adequado áquellas que são pouco graves, a defeitos melhor que a vícios, mas defeitos provenientes do um carácter vicioso.

Argüir é notar defeito ou culpa em algum e reprehendê-lo com razões.

V. Attribuir e Imputar.

Acerbo, azedo, ácido; acre, acrimonioso, áspero, amargo. — *Acerbo* diz-se do que, como a fructa verde, não está ainda doce: o *agraço* é *acerbo* ao paladar, a *uva* é agradável. Como se vê, *acerbo* não designa um estado posterior á doçura ou madurez; pelo contrario, o que é *acerbo* transformar-se-á em doçura. No sentido figurado *acerbo* conserva essa idéa, e por isso assim se qualificam as palavras ou o tom do quem, não se prendendo em conveniências nem em contempções, diz desafogada e severamente o quo convém dizer, mudando porém de tom assim que a sua missão se cumpriu: os *paes*, depois de *exprobarem acerbamente* a conducta dos filhos estroinas, acabam sempre por abrir os cordões á bolsa.

Azedo diz-se do que, tendo sido agradável

vel ou soffrível, se transforma o se torna picante: o *vinho*, por bom que seja, torna-se *vinagre*, isto é, *azedo*. O *azedume* é portanto posterior á doçura, é o resultado de uma alteração. No sentido figurado, *azedo*, qualifica as palavras, as phrases, o tom da pessoa que a ira ou a indignação altera: é em tom *azedo* que um amigo censura a outro uma falta de confiança.

Ácido, nunca se emprega no sentido figurado; diz-se do que, como por exemplo o limão, é do natureza picante ao paladar, não apenas durante uma época da sua existencia, mas sempre e inalteravelmente.

As trez palavras que acabamos de comparar distinguem-se pela pouca força da impressão que exprimem. O que é *acerbo*, *azedo* ou *ácido*, é picante ao paladar, deixa uma sensação desagradável, mas essa sensação é curta, e uma vez passada não deixa vestígios nem origina consequências. Isso as distingue dos outros vocábulos que vamos comparar no resto de este artigo.

Acre (em latim *acer*, do grego *aké*, ponta aguda) qualifica as impressões de natureza desabrida, forte e violenta, que ferem e corroem. Se do sabor de alguns fructes comestíveis se diz que é *acre*, tal expressão é impropria, pois por muito desabrido que esse fructo seja, nunca o seu succo será cáustico, nem corrosivo; *acre* é a pegonha das viboras, o succo das cantháridas, o sabor do arsénico. O sentido figurado de este adjectivo conserva a essencia da qualidade pernicioso do sentido proprio; o tom *acre* é malévolo, pérfido, odiento; não se declara francamente como o *acerbo* ou o *azedo*, mas as feridas que causa são profundas.

Acrimonioso é um diminutivo de *acre*; encerra porém idéa mais constante. Quem se revela *acre*, só o é em determinadas circumstancias e para com certas pessoas; quem é *acrimonioso* é-o sempre e para todos em geral. *Voltaire era acre*; *J. J. Rousseau, foi sempre acrimonioso*.

Áspero é o qualificativo adequado aos fructos que deixam a lingua sêcca, que a tornam áspera como a lixa, tolhendo-lhe o livre movimento do frotação no céu da bocca. No sentido figurado, diz-se dos caracteres ou genios intratáveis, rabujentos, com os quaes não se pode conviver.

Amargo, distingue-se de todos os vocábulos que vimos comparando, como o gosto do quinino ou o do fel se distinguem entre todos os gostos.

Acerbo, azedo e ácido affectam dosagradavelmente o paladar; *acre* fere o paladar e a garganta; *áspero* estabelece incompatibilidade entre a lingua e o céu da bocca, interrompendo a constante harmonia que entre ambos deve reinar. *Amargo*, porém, vai mais longe. O sabor *amargo* apodera-se de toda a bocca, envenena-a por assim dizer; é longo, repugnante, inconfundível; communica-se á saliva, excitando-a, e por

mais que se enspa é custoso desfazer-se d'elle. Notemos porém que as substancias *amargas* não são absolutamente nocivas; antes pelo contrario, algumas têm propriedades salutíferas que compensam superabundantemente o desgosto mais ou menos longo que sentimos ao usal-as. E' essa particularidade que o sentido proprio de *amargo* transmette ao figurado. O que é *amargo* afflige-nos, fere-nos até, mas esse desgosto pode redundar em nosso bem.

Acerca de, a respeito de ou com respeito a, sobre.—*Acerca de e a respeito de* ou *com respeito a*, modificam a idéa representada pelo verbo, fixando-a na do objecto em que a acção recai ou se executa. Usam-se indifferentemente com verbos que designam operação intellectual, ou exercicio da palavra, como pensar, meditar, falar, disputar *acerca de* ou *a respeito de* ou *com respeito a* tal ou tal assumpto. Divergem porém em que *acerca de* só se usa com esta classe de verbos, o *a respeito de* e *com respeito a*, se empregam com os que designam operação, conducta, collocação, como as disposições do testador *com respeito a* seus fillos; a conducta do Cícero *com respeito a* Octavio; a collocação de tal ponto geographico *com respeito a* tal outro.

Acerca de é synónimo de *sobre*, como em: escrever *acerca de* dos successos da guerra ou *sobre* os successos da guerra. Neste caso, porém, *sobre* parece que se deve empregar quando se quer deduzir algum ensinamento, e *acerca de* quando se trata de simples narração.

Acercar, approximar.—*Acercar* é pôr uma cousa perto de outra ou pô-la ao alcance de alguém.

Approximar é pôr mais perto do que estava, podendo porém medear uma distancia considerável entre os objectos ou as pessoas.

A' medida que um exército vai vencendo os obstáculos que se lhe deparam, vai **approximando-se** da praça de que pretende **acercar-se**.

Acertar, atinar, adivinhar.—Do *acerto* é o *acertar*; do *tino*, o *atinar*. *Acerto* tem porém duas significações muito diversas: juízo e casualidade, e essas accepções transmettem-se ao verbo. *Acertamos* por meio do raciocinio ou da conjectura, e também *acertamos* por acaso.

Atinar é *acertar* guiando-nos por indícios ou signaes.

Numa encruzilhada *acertamos* com o caminho que nos ha-de levar aonde queremos, ou deduzindo algo da direcção das outras vias, ou mettendo-nos por uma d'ellas ao acaso. *Atinamos* quando nos guiamos pelo *tino* ou pelas indicações que nos deram.

Entre *acertar* e *adivinhar* a synonymia consiste em que *acertar* é dar no ponto da difficuldade, e *adivinhar* é descobrir o occulto, o obscuro, o mysterioso. Para *acertar* necessita-se penetração, destreza nas conjecturas, astucia para encadear os factos com as causas.

Adivinhar depende frequentemente apenas de uma casualidade feliz. *Acerta-se* com o verdadeiro motivo de uma acção; *adivinha-se* quem é uma pessoa mascarada.

Acerto, tino.—O *acerto* pode consistir numa única acção; não assim do *tino*, esta palavra, designando uma série de acções que formam um plano, conducta ou systema. Responde-se *com acerto* a uma accusação; obra-se *com tino* em circumstancias difficeis ou na averiguação de um facto obscuro e intrincado. O *tino* requer, pois, mais delicadeza, mais astucia, mais tacto que o *acerto*. Um ministro obra *com acerto* quando nomeia para um cargo público uma pessoa idónea. Obra ou procede *com tino* quando negocia um tratado vantajoso, ou quando neutraliza influencias oppostas aos interesses da patria.

Acervo, montão, pilha, rima, ruma.—*Acervo* o *montão* são, etymologicamente, a mesma cousa; *acervo* é a palavra latina; *montão*, a portugueza. O uso estabeleceu differença entre ellas, e hoje *acervo* só se diz no figurado; *montão*, no proprio e no figurado. Alem d'isso *acervo*—que geralmente se toma a má parte—diz-se do cousas da mesma especie; *montão*, de cousas da mesma especie, ou de differente especie mas do mesmo género: um *acervo* de disparates; um *acervo* de crimes; um *montão* de livros; um *montão* de armas.

Pilha refere-se á disposição ordenada de cousas sobrepostas e á sua forma pyramidal; por isso se diz, em sentido figurado, que uma comedia tem *pilhas* de graça quando os ditos engraçados se succedem sem interrupção, vêm como sobrepostos. *Montão* e *pilha* também differem entre si, em esta palavra, *pilha*, incluir a idéa de ordem, e aquella, *montão*, em a excluir. Nas *carretas*, as *balas* vão em *montão*; nas *batarias*, estão dispostas em *pilhas*.

Rima é cada uma das *pilhas* de cousas eguaes e sobrepostas uma a uma, que se esteam mutuamente: *rima* de táboas, de tijolos, etc.

Ruma é um *montão* de cousas sobrepostas, dispostas de modo que occupem o menor espaço possivel; as *rumas* formam-se para arrumar os objectos o desembaraçar o espaço.

Acha, machado.—O *machado* tem o cabo comprido, e esse cabo é de madeira. A *acha* tem o cabo curto, e pode ser de ma-

deira ou de metal. Com o machado rachase a madeira, a lenha, etc.; com a *acha* pica-se carne, partem-se ossos, etc. Também se diz *acha de abordagem*, *acha de armas* e não machado de abordagem ou de armas.

Achacadiço, achacoso. — Quem é *achacadiço* tem achaques de quando em quando; a quem é *achacoso* os achaques nunca o deixam.

Achado, invenção, invento, descobrimento, descoberta. — O *achado* é a coisa achada, quer a procurásemos, quer o acaso nos a haja deparado; esta palavra encerra quasi sempre a idéa de utilidade ou proveito.

Invenção é o acto de inventar, de crear algo novo, e tambem o proprio producto do engenho, a cousa que ainda não existia. As invenções são devidas á imaginação, á comparação, á reflexão; não é proprio dizer que ha *invenções* devidas ao acaso; se as houvesse que haveria n'ellas de inventivo? *Achado* e *descoberta* são vocabulos aproveitáveis em tal caso. A *invenção* da imprensa, do teléfono, da photographia, são productos do engenho, como tambem o são todos os novos meios que facilitam a satisfação das nossas necessidades, desejos, paixões e gostos.

Invento é o meio novo para conseguir algum fim que já se obtinha de outro modo; o *invento* do hélice aperfeiçoou a navegação a vapor.

Descobrimento e *descoberta* designam a acção de descobrir o que existe ignorado; são fructo da observação, da perseverança, das pesquisas e muitas vezes do acaso. *Descobrimento* porém diz-se hoje só dos mares ou das terras que se têm descoberto; *descoberta*, do que na sciencia e nas artes se achou ou se revelou.

Achaque, molestia, enfermidade, doença, incómodo, indisposição. — *Achaque* é o ataque de um mal que se repete frequentemente: os velhos têm *achaques* que os tornam rububentos.

Molestia é o mal de que se padece constantemente: *molestia* de pelle.

Enfermidade é o mal prolongado que conserva o enfermo sem forças, sem firmeza, o o impede de se sustentar, de se defender.

Doença é a falta de saúde acompanhada de soffrimento.

Indisposição é a doença passageira que nos priva momentaneamente de certos actos habituaes.

Incómodo é o mal-estar que nos causa algum soffrimento.

A *gotta* é *achaque*, o *herpes* é *molestia*, a *tísica* é *enfermidade*, as *sezões* são *doença*, a *indigestão* é *indis-*

posição, a *enraqueca* é *incómodo*.

Achar, encontrar, deparar. — *Achar* é o antônimo de *perder*; ora quem *perde* fica sem o gozo da cousa perdida, quem *acha* fica possuindo o achado. Alem d'isso *achar* não diz claramente se o acto é devido ao acaso, se ao esforço; quem *acha* uma bolsa não a procurava; quem *acha* um protector talvez haja empregado melos para o conseguir.

Encontrar é chegar até onde está a cousa que se encontra. *Acha* um thesouro quem, indo de caminho, tropeça nelle; *encontra* um thesouro quem, seguindo uma direcção, chega onde elle está: os *pedreiros* ao demolir uma parede *encontraram* um *vão* que encerrava um thesouro. Se o *inquilino* do predio, ao pregar um prego, descobrisse esse *vão*, *achava* o thesouro, não o *encontrava*. Em *achar* ha idéa de acaso mas não de movimento; em *encontrar* essas idéas são manifestas; a de movimento pelo menos: á medida que *avancava* na leitura *encontrava* novas difficuldades.

Ha uma acceção em que *achar* e *encontrar* parece que se dizem indifferente mente: é quando procuramos uma cousa que sabemos existir, por exemplo o trecho de um livro que nos recordamos ter lido, mas cujo logar ignoramos, ou um objecto que collocámos em alguma parte sem bem nos fixarmos onde; ao dar com uma ou outra cousa dizemos *cá achei* ou *cá encontrei*; o proverbio porém nos diz que neste caso *achar* é mais proprio: quem *procura*, *acha*. Tambem Lucena, falando das ilhas que os portuguezes descobriram, diz: *Mais encontraram* acaso do que *acharam* por arte.

Deparar encerra idéa de intervenção alheia: a fortuna *deparou-me* um bom amigo; fugindo do inimigo *deparou-lhe* Deus um refugio seguro.

Achar, descobrir, inventar. — *Achar* é dar com alguma cousa, sem indicar se o que se achou era já conhecido, ou se procurava. (IACERDA).

Descobrir é achar cousa occulta, ou desconhecida, empregando esforço, paciência, sagacidade; a policia *descobre* o auctor de um crime. Os alchimistas *encontraram*, sem procural-as, muitas substancias desconhecidas, mas não *descobriram* a pedra philosophal que procuravam.

Inventar é achar o que não existia, ou descobrir novas relações em objectos já conhecidos. Quem *inventou* a pólvora?

Acidia ou acedia, desidria, preguiça, indolencia, negligencia, incuria. — *Acidia* ou melhor *acedia*, significa, em geral falta de cuidado, negli-

gencia, tibiaza. E' vocábulo pouco usado fora do que respeita aos bens espirituaes.

Desidia é a falta de cuidado com quo se deixa acabar de perder o que, cuidado, teria utilidade: a mulher *desidiosa* não cuida da roupa branca do marido.

Preguiça é uma falta de energia quo mais provém do temperamento que da vontade; o *preguiçoso* desejaria levantar-se cedo; não o faz porque uma força, que elle não tem bastante energia para combater, o retem no leito. A *preguiça* denota carácter fraco, cobarde, incapaz de acção. E' um vicio que facilmento o homem pode dominar.

A *indolencia* é defeito, não vicio; é *indolente* quem carece do força, do estímulo para obrar no momento opportuno; o *indolente* é capaz de actividade, mas desenvolve-a tarde, quando já lhe não possa ser útil: quando o *indolente* quer fazer a colheita já os pássaros lhe comeram a metade d'ella.

A *negligencia* é a indolencia acompanhada de desinteresse e de brio. O *indolente* não procura os meios; o *negligente*, ainda que lh'os apresentem, não se aproveita de elles. A *negligencia* do meu vizinho pode ser-me prejudicial.

Incuria é menos que *negligencia*. *Incuria* é o pouco cuidado que pomos em fazer aquillo a que estamos obrigados ou que nos convem. A *incuria* do estudante só a elle será nociua; a *incuria* do proprietario reduzi-o á pobreza. Também se chama *incuria* á confiança que depositamos nos que cuidam dos nossos interesses sem nos darmos ao trabalho de os fiscalizar.

Aclarar, esclarecer, elucidar, explicar.—*Aclarar* e *esclarecer* não são synónimos perfectos como geralmente se suppõe empregando indistinctamente um ou outro de estes termos. *Aclarar* suppõe confusão; *esclarecer*, suppõe dúvida ou falta de clareza. *Aclara-se* a verdade confundida entro muitas mentiras; *aclara-se* uma embrulhada.

Esclarecer é tornar claro o que é obscuro ou duvidoso; *esclarecem-se* as dúvidas, os textos desencontrados, indagando a verdade, consultando auctores.

Elucidar diz mais que *esclarecer*; o que se *esclarece* pode ainda parecer um tanto confuso; o que se *elucida* fica perfeitamente claro.

Explicar é tornar mais intelligivel o que algum não comprehende: o leccionista *explica* ao estudante a lição de mathematica.

Acochar, acamar.—*Acochar* é prensar o que está acamado; *acamar* é dispôr em camadas.

Acolmar, accusar.—*Acolmar* é deitar labéo sobre alguém para excitare o des-

prezo contra essa pessoa: *acolmam-me de incrédulo e de irreligioso*.

Accusar é denunciar alguém como criminoso ou delinquente, mas do modo formal e com convicção intima.

Acolá, além.—*Acolá* designa o que está á vista e em logar determinado: *vê aquelle homem acolá?*

Além designa logar distante e não determinado ou á vista: *para além de aquelle cabeça está a minha aldeia*.

Acolher, hospedar, agasalhar.—*Acolher* exprime a idéa de receber em sua casa sem nenbuma outra idéa accessoria; *acolheu-me* bem, *acolheu-te* mal; *acolheu-o* seccamente.

Hospedar diz mais que *acolher*; encerra a idéa de subministrar não só a casa senão também a comida e todo o necessario; a *hospedagem*, porém, pode ser boa ou má.

Agasalhar é mais expressivo, como se pode ver nos artigos em que já mencionámos este verbo.

Acolher-se, refugiar-se.—*Acolher-se* é procurar amparo alheio e activo; *refugiar-se* é procurar onde se resguardar sem mais defonsa que a propria: o *troço acolheu-se á fortaleza* pondo-se assim sob a protecção da artilharia. O destacamento *refugiou-se* detraz de uma parede d'onde continuou a disparar sobre o inimigo.

Acommetter, arremetter, assaltar, atacar, investir.—*Acommetter* é lançar-se mais ou menos impetuosamente, mas com decisão, contra alguém ou contra alguma cousa. A acção de *acommetter* parece encerrar certo plano, e mais precauções que a de *investir*. Assim diremos commais propriedade que o *exército acommetten* a praça, e que o *louro luvestlu* o *capinha* do que trocando a ordem dos verbos. Há porém uma idéa que predomina em *acommetter*: é a do atacar franca e abertamente, cara a cara, sem surpresa. É impróprio dizer *acommetten-o á falsa fé*.—Don Quichote *acommetteu* os *moínhos* gritando-lhes que se defendessem.

Arremetter é a acção de *acommetter* com precipitação, e sem plano nem premeditação. No calor da disputa os dois contrincantes *arremetteram* um contra o outro.

Assaltar é atacar de modo brusco e imprevisto para colher de surpresa: os *ladrões assaltam* a *deshoras* as habitações isoladas. —Uma pessoa só pode *assaltar* quando ha impetuosidade por sua parte, e surpresa pela outra; esta palavra adapta-se porém muito melhor para indicar a acção collectiva de varias pessoas que caem ao mesmo tempo e do imprevisto sobre alguém ou sobre alguma cousa.

Atacar designa a acção de principiar a

lucta ou o combate tendo por fito ser vencedor. *Atacar* é mais nobre que *assaltar*; quem *ataca* vae de encontro á defensiva; quem *assalta* intenta evital-a.

Investir é atacar agredindo; por outras palavras: quem *ataca* principia por *investir*, caminhando directamente sobre quem é *atacado*. O impulso ou o movimento feito para *atacar* é o acto de *investir*: o *touro investe* com o *capinha* correndo para este. Este verbo carece da idéa de defesa pela parte do *investido*.

Roqueete estabeleceu muito acertadamente a synonymia de *assaltar* e *acommetter*, dizendo:

«Lançar-se sobre alguma pessoa ou cousa para fazer-lhe damno, é a idéa que apresenta a synonymia d'estas duas palavras; com a differença porém que *assaltar* significa arrojarse atropellada e repentinamente, e *acommetter* fazel-o abertamente e sem surpresa alguma.—*Assaltar* supõe que o inimigo está ou se crê seguro; *acommetter* que tem forças e está prevenido para resistir. *Assalta-se* um campo intrincheirado ou uma fortaleza bem guardada; *acommette-se* o inimigo em campo aberto, e trava-se com elle a peleja.—Comummente fallando não se necessita que haja muitos para *assaltar*, pois basta *acommetter* impetuosamente e de improviso a pessoa ou cousa. Um caminhante é *assaltado* por um ladrão, o qual instantaneamente o intimida, sujeita e rouba. O ladrão o *acommette*, se lhe sae ao encontro e lhe pede a bolsa ou a vida. A tempestade *assalta*, porque sobrevem subitamente e sem ser esperada.»

Acompanhamento. comitiva, seqüito, cortejo, préstito, escolta.

Acompanhamento é termo geral que não especifica o fim ou o objecto do acto que exprime. Diz-se; o enterro levava um grande *acompanhamento*; numeroso *acompanhamento* foi ao bota-fora; nas procissões, o *acompanhamento* vae na retaguarda.

Comitiva é o acompanhamento que os súditos ou inferiores fazem ao senhor ou superior, principalmente quando viaja. Também se diz da collectividade que presta homenagem a algum, acompanhando: o rei e a *comitiva* embarcaram na siveira real. Os noivos e a *comitiva* chegaram á igreja.

Seqüito, é o acompanhamento que tem por fim tornar um acto mais pomposo: nas paradas, o rei levava numeroso *seqüito*. Este substantivo encerra a idéa do acompanhamento seguir, isto é, de ir atrás de quem ou do que origina o *seqüito*.

Cortejo é o acompanhamento que se faz a algum por cerimonia e em signal de respeito: o *cortejo* acompanhou os noivos á estação do caminho de ferro.

Préstito diz-se particularmente do sahi-

mento do reitor da universidade acompanhado dos lentes e empregados menores de aquelle estabelecimento de instrução. Por extensão diz-se do clemente official que acompanha certas procissões ou ceremonias de carácter religioso.

Escolta é o acompanhamento armado ou revestido de autoridade que tem missão de proteger a algum ou alguma cousa, impedindo toda tentativa de ataque ou de fuga.

Acondicionar, arranjar, arrumar.—*Acondicionar* é dispôr ou arranjar de modo que não se quebre ou não se estrague o que se ha-de transportar.

Arranjar é simplesmente dispôr de modo que tudo chegue no mesmo lugar e na mesma forma em que se dispõe.

Arrumar não se diz do que se ha-de transportar, excepto em termos de marinha.

Acondicionam-se louças; *arranjam-se* a roupa nas malas; *arrumam-se* trastes, e também as cargas dos navios.

Acontecer, succeder, occorrer.—*Acontecer* é termo genérico, applicável a qualquer facto, previsto ou imprevisito, importante ou não. Geralmente, *acontecer* não relaciona o facto com outro anterior, nem o attribue a determinada causa; não obstante, como termo genérico, não ha dúvida que em taes casos seja bem empregado: *aconteceu o que tínhamos previsto*; *acontecem um desastre*.

Succeder é o mesmo que *acontecer*, mas encerra idéa de causa anterior. Dizendo *aconteceu uma desgraça*, referimo-nos á desgraça em si, sem outra idéa accessoria; dizendo *succedeu uma desgraça*, apresentamos o facto como consequência de tal ou tal existência: na perfuração dos tûneis *succedem* desgraças a miúdo, isto é, tal trabalho occasiona desgraças, porque é perigoso.

Occorrer é o mesmo que *succeder* ou *acontecer*; emprega-se porém quando quermos dar a entender que do que succede ou acontece se origina alguma consequência: na sociedade *occorrem* factos que têm serias consequencias.

Acordar, despertar.—De estes vocabúlos, diz Lacerda: «*acordar* é recordar o uso dos sentidos. *Despertar* é tirar a algum do estado de somno. *Acordar* é verbo neutro: *acordamos* quando temos dormido o tempo necessario. *Despertar* é verbo activo: *despertam-nos* os cuidados, um subito motim, etc. Entretanto deve notar-se que ambos estes verbos admitem as duas significações, activa e neutra. No sentido figurado conservam a mesma natureza, e as mesmas differenças.»

Não nos parece sufficientemente clara a synonymia citada. Dizemos: *acordel* sobressaltado; *acordel* ás 6 horas e levantei-

me immediatamente; quando **acordel** ainda tinha somno; quando **acordo** já não posso reconciliar o somno.

Consequentemente, o acto de **acordar** pode ser provocado, ter uma causa alheia, como se vê no primeiro exemplo; pode não expressar se dormimos ou não o tempo necessário, como no segundo; e pode indicar elaradamente essas circunstâncias, como vemos nos dois últimos exemplos.

Nota-se porém claramente em **acordar** que esta palavra exprime uma acção simples, fácil, natural. Quem tem o somno leve, quem dormiu o sufficiente, **acorda**, ou porque o chamam, ou porque a natureza o provoquo a isso.

Despertar é que indica uma acção brusca, repentina. Temos **despertadores** que nos chamam, que nos **despertam** a determinada hora. Ha pessoas que **acordam** facilmente; ha outras que são difficéis do **despertar**.

Estabelecendo a verdadeira synonymia de estes dois verbos diremos: **acordar** é o termo genérico; **despertar** encerra idéa de esforço. Além d'isso **acordar** é recuperar os sentidos, momentânea ou definitivamente; **despertar** é ficar **esperto**, não continuar a dormir.

Acorrentar, escravizar.—No sentido figurado, **acorrentar** é privar da liberdade de acção, ou limitá-la ao espaço que a corrente ou cadeia permite de percorrer: não nos parece bom systema o de ter os filhos **acorrentados**; **rota** a cadeia até onde irão elles procurar a desforra do tempo perdido, a saciedade dos appetites reprimidos?

Escravizar, tornar **escravo**, encerra dupla idéa; vontade absoluta de quem manda; obediência cega de quem executa.

Acorrentar pode ter, e tem geralmente, um fim útil e proveitoso; **escravizar** só tem por objecto tolher a liberdade.

Os governos fortes, que attendem ao bem geral, **acorrentam** o povo sem **escravizá-lo**; os governos que só attendem a «governar-se» **escravizam** o povo, mas não o **acorrentam** á obediência á lei.

Acossar, perseguir.—**Acossar** é perseguir hostilizando; consequentemente o **acossador** tem á vista o **acossado**. Tal idéa não existe em **perseguir**, pois entre o **perseguidor** e o **perseguido** a distancia pode ser considerável.

Afazer-se, habitar-se, acostumar-se, afazer-se, uclinar-se.—**Acostumar-se** é tomar ou adquirir costumes alheios, diferentes dos que se tinham: quem vai para o Alentejo, se quiser comer carne, tem de **se acostumar** ao chibato.

Habitar-se differe de **acostumar-se** em este se referir á nossa passividade em adquirir os costumes dos outros, o aquelle,

habitar-se, em se referir á nossa actividade para adquirir o hábito que não temos: **habitiamo-nos** a escrever com a mão esquerda á força de a amestrar.

Afazer-se encerra idéa de esforço, de repugnancia, e nisso differe de **acostumar-se**; **acostumados** a algo, não nos custa submeter-nos ao costume, poderemos até ter sentimento em o não seguir; **afeitos** a qualquer coisa podemos desejar que cesse a circumstancia que nos obriga a supportal-a ou fazel-a.

Actimar-se é afazer-se a um clima, viver nelle sem menoscabo da saude; no sentido figurado, equivale a **acostumar-se** sem enthusiasmo mas sem desgosto.

Açogue, talho.—Synónymos perfectos são estas palavras; a primeira, de origem árabe, é velha na lingua; a segunda, **talho**, é moderna; ambas designam o local onde se vende carne a miúdo. Em **açogue** ha porém a idéa de carne mal cortada, de sangue espalhado, de pouca limpeza, enfim. **Talho**, encerra a idéa de asseio, de limpeza. Nos **açogues** das terras pequenas cortam a carne a trouxe-mouxe, não assim nos **talhos** das cidades populosas.

Açogue, sanguieira.—**Açogue**, no sentido figurado, é o lugar onde morre muita gente, quer em resultado de epidemia, quer violenta e cruelmente.

Sanguieira é a grande quantidade de sangue derramado.

Aquisição, compra.—**Aquisição** differe do **compra** em esta última palavra encerrar a idéa de dinheiro dado para obter o objecto que constitue a compra, e **aquisição** não determinar o meio pelo qual se obtém o que constitue a aquisição. Faz-se a **compra** d'um cavallo; faz-se a **aquisição** d'um bom empregado, d'uma quinta, etc.

Acreditar, crer.—**Acreditar** é dar crédito, considerar como certo o que outrem diz.

Crer é **acreditar** fundando-se não só no que outrem diz senão também nas razões que concorrem para corroborar o dito.

Acro, quebradiço, frágil.—**Acro** so diz do que, sendo duro e pouco dúctil, se quebra ao trabalhá-lo: ha metaes **acros**. **Quebradiço** so diz do que se quebra facilmente: o vidro é **quebradiço**.

Frágil applica-se ao que, além de ser quebradiço ou deteriorável, necessita cuidados assíduos para se conservar: nada mais **frágil** que a saude.

Acrobata, funámbulo.—Estes dois termos são synónymos perfectos quando designam o que vulgarmente chamamos

«dançarino de corda»; o primeiro é de origem grega, o segundo de origem latina, e nisso consiste o differencarem-se. Dando porém maior extensão ao termo *acrobata*, designamos com elle os jograes que fazem os seus exercicios a grande altura do solo.

No sentido figurado, *acrobata* qualifica a pessoa que faz grandes esforços para não dar a conhecer a sua penuria, para não cahir no descrédito, como o *acrobata* que se esforça para não cair da corda.

Fundâmbulo diz-se depreciativamente de um homem ridículo pela sua charlatanice.

Actividade, diligencia.—*Diligencia* diz mais que *actividade*; esta só indica promptidão e viveza nos movimentos; aquella reúne á *actividade* a intenção e o esmero. A *actividade* pode ser infructifera; a *diligencia* é sempre proveitosa. Com a *actividade* faz-se muito; com *diligencia*, faz-se muito e bem.

Activo, enérgico, efficaç, violento.—*Activo* se diz do que tem em si *actividade*, quer a exercite, quer não: os *venenos activos* são utilizados pela medicina; o homem de genio *activo* soffre quando se vê reduzido á inactividade.

Enérgico se diz do que, sendo *activo*, manifesta a sua actividade com força: um *remedio enérgico* produz o seu effeito rápido e fortemente.—Ao falar de pessoas ou dos actos que ellas realizam, *enérgico* se diz do que manifesta a qualidade activa do espirito em que ha coragem e perseverança, ousadia e resolução: *homem enérgico*: *providencias energicas*.—A *actividade* pode existir em estado latente, a *energia*, só é tal *energia*, quando se manifesta.

Efficaç diz-se só das cousas; qualifica o que é apto ou tem virtude sufficiente para dar o resultado desejado: o *remedio efficaç* cura a doença rapidamente.

Violento, se diz do que encerra em si meios de operar, não só com *energia*, mas até com *energia* excessiva. Um veneno *activo* mata depressa; um veneno *violento* não só mata rapidamente, mas tambem faz com que essa morte seja acompanhada de dores, de contorsões, de estragos lamentáveis.—Falando de pessoas, ou dos seus actos, *violento* só tem synonymia com *enérgico*, não com *activo*, nem com *efficaç*.

Violento diz-se da pessoa que se deixa arrebatrar pelas paixões a ponto de commetter os maiores excessos. Os actos do homem *violento* são *violentos* quando exceedem os limites dos actos *enérgicos*. O que é *enérgico* reprime; o que é *violento* incita ao odio e á rebellião.

Actor, cómico, comediante, artista.—Quem representa no theatro uma personagem qualquer, quer o faça por profissão, quer por mero passatempo, é *actor*

em quanto está no palco, cessa de o ser logo que se retira para entre bastidores.

Cómico ou *comediante* é aquelle que tem a profissão de ser *actor* no theatro; *cómico* considerado como pago para fazer rir o público; *comediante*, como apresentante das personagens que entram na comedia.

Artista, como dizemos noutro logar, é um termo muito extensivo, não porque a lingua o autorize, mas por o uso assim o ter estabelecido: *Raphael* foi *artista*, e *artista* se intitula o meu sapateiro.

Ora por o termo *cómico* ou *comediante* ser depreciativo, chama-se vulgarmente *actor* ou *artista dramático* aquelle que exerce a profissão de *cómico* ou do *comediante*; isto é, o appellativo que em scena se dá ao *comediante*, conserva-se-lhe fora do palco para não lhe aviltar a profissão. Não querendo porém deturpar a significação do vocabulo *actor*, é melhor que, para designar a posição social do *cómico* ou *comediante*, se lhe chame *artista dramático*.

Prescindindo de este ultimo appellativo, moderno na lingua, eis como D. José de Lacerda se refere aos tres restantes: «*Actor* é relativo á personagem representada por aquelle de quem falamos. *Cómico* ou *comediante* refere-se á profissão dos que representam por officio taes personagens. «Alguns individuos que representam um drama em theatro particular por mero passatempo, são actores, porque representam cada um certa personagem; porém não são cómicos ou comediantes, porque não é aquella a sua profissão. Não é possível encontrar um actor proprio para todos os papeis. A vida do cómico ou comediante é cheia de amarguras.»

Actual, presente.—*Actual* se diz do que existe o tem influencia no momento em que falamos: o cambio *actual* está muito desfavorável, pode ser que ainda hoje se modifique.

Presente tem maior amplitude que *actual*, porém só se diz do que vai passando, sem idéa de influencia: estou desejando que passe o *presente* mez.

Actualmente, agora.—*Actualmente* refere-se ao proprio momento em que se fala, considerando esse momento como dependente de uma influencia alheia: *actualmente* não posso ser-lhe útil por esta ou aquella circumstancia.

Agora refere-se á época ou ao momento em que se fala sem os considerar sob qualquer influencia: *agora* não lhe posso falar. Este termo tambem se applica á transições: acabamos de estudar a geographia, passemos *agora* á historia.

Acuar, recuar.—*Acuar* é *recuar* até chegar a um ponto em que um obstáculo impede a continuação do acto.

Recuar é, sem idéa de limite, andar para traz.

Acudir, socorrer, auxillar. — *Acudir* indica apenas o acto de vir ao local onde ha auxilio ou soccorro a prestar. Aquelle quo, atacado por um bandido, grita: «Quem me acode?», não pretende precisamente que o ajudem a combater o aggressor; o que deseja é que venha alquem que, só com a sua presença, obrigue o bandido a fugir. *Acode-se* ao local onde se deu um desastre, ou á pessoa a quem elle succedeu, com o intuito de ser útil, de *socorrer*, de *auxillar* no que caiba nas nossas forças. Deprehende-se do que acabamos de dizer que a acção de *acudir* precede a de *socorrer* ou a de *auxillar*.

Socorrer é a mais extensiva das palavras de este grupo; significa valer inteiramente a quem por si só não pode salvar-se: **socorre-se** o naufrago que, exausto de forças, *vae afogar-se*.

Auxillar é ajudar os esforços de quem pretende salvar-se.

V. tambem em **Ajuda**.

Adição, somma, total. — *Adição* é a operação pela qual, ajuntando um ou vários números a outro, obtemos um número equivalente a todos.

Somma é o número que se obtem ao praticar a *adição*. — O uso, ainda que imprópriamente, tornou *somma* e *adição* synónymos perfectos.

Total é o número equivalente a varias *sommas* parciaes. — O uso tambem confunde *somma* com *total*.

Fazendo a *adição* das verbas *despendidas* num dia da semana, obtemos a *somma* do gasto de esse dia: *Adicionando* as *sommas* do gasto de cada um dos sete dias da semana, obtemos o *total* do gasto de essa semana.

Adicionar, accrescentar, ajuntar, aggregar. — *Adicionar* é reunir um todo a outro todo da mesma especie: **adicionar** um acto á *Constituição do Estado*.

Accrescentar é tornar mais longo em mais complexo: **accrescentar** um parágrafo á carta.

Ajuntar é pôr mais consas junto a outras. O que se *junta* ou *ajunta* forma parte integrante do todo. Não assim o que se *aggrega*, pois cada parte *aggregada* conserva a sua individualidade. Por isso *ajuntar* é augmentar o todo, e *agregar* é augmentar o conjuncto. *Juntam-se* cousas homogeneas; *aggregam-se* essas ou outras.

Adduzir, allegar. — Quem *adduz* quer corroborar o facto que afirma; quem *allega* pretende demonstrar que o que outrem diz não é verdade ou não tem a gra-

vidade que so lhe attribue: o accusador *adduz* provas para confundir o réo; o réo *allega* circumstancias para se defender ou para attenuar a gravidade do facto.

Adeantar, antecipar. — Consideram-se estas palavras como synónymos perfectos: a quem se promptificou a fazer-nos um trabalho por certo preço, *adeantamos* ou *antecipamos* alguma quantia á conta d'elle. Ha porém uma differença subtil entre as duas expressões: *adeantar* refere-se ao acto, *antecipar* ao tempo. Nos collegios, as mensalidades pagam-se *adeantadas*; o pae d'um alumno pode porém *antecipar* a mensalidade antes do dia em que a deve *adeantar*.

Adeantar, progredir. — O que é bom *adeanta* ou *progrede*; o que é mau *progred*e mas não *adeanta*. Artes, sciencias, civilização, riquezas, edificios em construção, *adeantam* ou *progredem*. Ignorancia, pobreza, epidemias, ruina, *progredem* mas não *adeantam*.

Adejar, esvoaçar, voar. — *Adejar* é bater as azas como faz o *adem* o pato.

Esvoaçar é *voar* sem direcção fixa e interrompendo o vôo a miudo.

Voar é o termo genérico.

As aves que pairam *adejam* de quando em quando. Os pássaros *esvoaçam* de ramo em ramo. A andorinha *vôa* descrevendo círculos.

Adepto, iniciado. — Por erro se diz os *adeptos* ou *iniciados*.

Adepto é a pessoa que faz parte de uma seita ou sociedade secreta quer esteja ou não *iniciado* nos seus segredos.

Iniciado so diz da pessoa que conhece os segredos da seita ou sociedade secreta em que foi admittido, e da qual é *adepto*.

Quer dizer: *adepto* é a pessoa, *iniciado* é o estado de essa pessoa: *em quanto não se é adepto não se pode estar iniciado*.

Adherencia, coherencia, inherencia, adhesão, cohesão, affinidade. — *Adherencia* é o estado de duas coizas que, sem formarem um todo natural, estão tão fortemente presas uma á outra que não podem ser separadas sem esforço. De todos é bem conhecida a *adherencia* da lapa ou patella ao rochedo em que vive.

Coherencia é o estado das partes unidas entre si para formarem o todo: ha *coherencia* entre as membranas e os órgãos.

Inherencia é a relação que existe entre a qualidade o a materia ou substancia: a dureza é *inherente* ao granito.

A *adhesão* é a força de quo resulta a *adherencia*.

A *cohesão* é a força cujo resultado é a *coherencia*.

Entre *cohesão* e *affinidade* existe a diffe-

rença seguinte: *cohesão* applica-se aos corpos simples, *afinidade* aos compostos: as moléculas do corpo simples chamado enxofre estão unidas entre si pela *cohesão*; as do ácido sulfúrico (corpo composto de enxofre e oxigénio) estão unidas pela *afinidade*.

Em quanto a *aderencia* e *coherencia* notaremos que: entre os pulmões e as costellas pode haver *aderencia*, mas não *coherencia*; pode haver *aderencia* quando entre o tecido dos pulmões e o tecido das costellas não houver solução de continuidade; não pode porém haver *coherencia* por não podermos considerar os pulmões e as costellas como partes constitutivas de um todo.

Adherente, ligado, anexo. — *Adherente* diz-se do que está fortemente preso ou agarrado a um corpo alheio, e também do que, formando parte do todo, não pode ser d'elle separado sem grande esforço: *a lapa está adherente ao rochedo*; *os ramos das árvores estão adherentes ao tronco*.

Ligado diz-se do que está unido por laços arbitrarios, mas reaes; tão reaes que, ao falar da cousa a que outra está *ligada*, esta, sem que a mentemos, acode á mente: *o pára-raios está ligado ao edificio*. Ao código civil portuguez está *ligado* o nome de *Barjona de Freitas*.

Anexo não indica uma união proveniente de laços physicos; diz-se do que está unido por simples ligação moral, ou por mera instituição bumana: *o título de conde de Arganil é anexo ao de bispo de Coimbra*.

Adherente, partidario. — O *partidario* sempre militou no partido ou na seita a que pertence, ou, pelo menos, julga-se estar a ella definitivamente *adherido*; o *adherente* veio de outro partido ou de outra seita.

Alem de isso *adherente* não quer precisamente dizer que se tenham abraçado ns idéas do partido ou da seita a que se adberiu. Quem não fór *partidario* do governo constitucional pode *adherir* a um dos partidos que o defendem, para o robustecer com o seu apoio contrn outro partido mais dissolvente.

O *partidario* defende com convicção o partido ou seita em que milita; o *adherente* serve-se de essa seita ou do esse partido em quanto a conveniencia lh'o aconselha.

Adiar, differir, aprazar, procrastinar. — *Adiar* é fixar dia certo; *differir* é deixar para outro tempo, sim ou não determinado; *aprazar* é marcar prazo certo; *procrastinar*, palavra menos usada, é ir *differindo*, ir deixando para mais adeante.

Note-se que estas palavras, á excepção

de *aprazar*, que tanto se diz do primeiro prazo, como do outro que se combina depois do passado o primeiro, se dizem da execução do acto que devera realizar-se no dia em que esse acto fica *adiado* ou *differido*.

Adivinhar, predizer, propheticizar, vaticinar, agourar, presagiar, prognosticar. — Na ordem de idéas em que *adivinhar* é synónimo dos outros vocabúlos que comparamos, este verbo emprega-se para designar o artificio e fraude dos que illudem os crédulos fingindo ter conhecimento do que a estes hade acontecer em certas e determinadas circunstancias. Na linguagem familiar ba nesta palavra a idéa de uma *sagacidade* extraordinaria, não vulgar: *adivinhar* charadas, enigmas, etc.

Predizer exprime, num sentido geral, a acção de annunciar uma cousa futura, sem porém determinar o modo, nem o grau de certeza da sua realização. Diz-se de toda a especie de pessoas: os astrólogos, pela inspecção dos astros, *prediziam* o destino das creaturas; os augures, pela observação do vôo das aves, *prediziam* o resultado das guerras; o saraçogano Neherlessen pareceu ter estabelecido as bases da sciencia do *predizer* o tempo com alguns dias de anticipação; os maus instinctos de um jovem induzem muitas vezes a *predizer-lhe* um futuro desgraçado. Portanto *predizer* só se diz quando a predição tem por base outros indícios que não sejam os do simples presentimento.

Prophetizar significa propriamente *predizer* o futuro pela supposta inspiração divina; *Daniel e as Sibyllas prophetizaram*. Na linguagem corrente este verbo diz-se por «conjecturar» fundando as conjecturas em presentimentos ou em deducções de factos. *A vinha está boa, se porém continuar a estiação prophetizo que haverá pouco vinho*.

Vaticinar é *prophetizar* como os vates, isto é, cantando, ou exprimindo-se em estylo olevado ou em verso. As prophecias do Jeremias foram ditas *vaticinando*. Na linguagem vulgar diz-se frequentemente por *predizer*.

Agourar, diz D. José de Lacerda, «era antigamente *predizer* o futuro pelo canto, «vôo, etc., das aves. Hoje *agourar* é recatar «mau resultado para alguma cousa que intentamos fazer, por isso que ao emprehend-a observámos ou nos aconteceu alguma consa desngradável».

Presagiar (do latim *presagire*, sentir antecipadamente) diz-se do que predizemos em virtude de certo presentimento ou sagacidade natural de que se não pode dar a razão, mas que raras vezes falla ou que reputamos como quasi infallível. Esse presentimento porém não nasce espontaneamente no espirito; provém de qualquer cir-

cumstancia que se apresenta, e em que, apesar de ella ser remota com relação ao facto, vemos certas analogias que nos induzem a *presagiar*.

Prognosticar, diz Lacerda, «significa dizer o que se conheceu antecipadamente «por discurso certo ou conjectural». Efectivamente, assim como o médico faz o seu *prognóstico* fundando-se em bases conhecidas, scientificas, sólidas, ou tidas por sólidas, assim nós *prognosticamos*, deduzindo o que ha-de succeder, como consequência natural dos factos que nos suggerem o *prognóstico*.

Adivinho, bruxo, feiticeiro, mágico, astrólogo, chiromante, necromante, hariolo. — *Adivinho*, palavra em que se conhece a origem latina *divinus*, divino, diz-se de aquelle que pretende adivinhar por inspiração sobrenatural.

Bruxo, palavra de etymologia muito duvidosa, parece ser do importação italiana — a Italia sendo na idade media fecunda em homens dados a toda a especie de sciencias occultas, na maior parte das quaes era indispensavel o lume para *bruciare* (queimar) as plantas e ingredientes auxiliares das adivinhações em que o agente principal era o proprio diabo, *il bruciato*, como ainda hoje se lhe chama nas aldeias da Italia meridional. Efectivamente o *bruxo* ou a *bruxa* é a pessoa que tem pacto com o diabo para fazer maléficos, ou debelal-os.

Feiticeiro, termo genérico na linguagem popular, applica-se em logar do qualquer das palavras de este grupo. Particularmente, porém, attribue-se ao *feiticeiro* o poder de, por artes diabólicas, privar da vida, da saúde ou dos bens temporaes, praticando determinadas ceremonias religiosas o administrando beberágons ou fazendo sortilegios. A palavra *feiticeiro* parece não obstante indicar um poder menor que o do *bruxo*, posto que este pode debelar os maleficios do aquelle.

Mágico (do grego *magos*, mago, sacerdote do Zoroastro), indica pessoa versada em sciencia mysteriosa o que pelo seu saber adquiriu o poder de obrar effeitos sobrenaturaes.

Astrólogo era o sabio versado no segredo dos astros e conhecedor da sua supposta influencia nos acontecimentos humanos.

O *chiromante* (do grego *kheir*, mão, e *man-teia*, adivinhação) é propriamente o que prediz o futuro das pessoas pela inspecção das linhas da mão; as ciganas são *chiromantes*.

Necromante (do grego *nekros*, morto), dizia-se dos que prediziam o futuro evocando os mortos: os espirítistas são os successores dos *necromantes*.

Hariolo era o charlatão que dizia a sina mediante uma espórtula.

Adjacente, contíguo. — *Contíguo* (do latim *cum*, completamente, e *tangere*, tocar) diz-se de duas cousas que estão tão próximas uma da outra que chegam a tocar-se, a estar em contacto: na casa *contígua* mora uma familia brasileira; as nossas quintas estão *contíguas*.

Adjacente (do latim *ad*, perto, e *jacere*, estar extendido) exprime, ainda que menos terminantemente, a idéa de proximidade *contígua* ou quasi *contígua*. E' termo quasi exclusivamente empregado na linguagem especial da geometria e da geographia: dois ângulos que têm um lado commum são *adjacentes*. As ilhas *adjacentes* são assim chamadas por se considerarem próximas do continente com relação a outras mais distantes.

Adjectivo, epitheto. — Tanto o *adjectivo* como o *epitheto* servem para qualificar o nome; exercem, porém, as suas funções de modo distincto.

Em primeiro logar a palavra *adjectivo* é termo grammatical; *epitheto* é termo litterario. Não se pode dizer *epitheto* masculino, *epitheto* feminino, como também não se diz *adjectivo* merecido, *adjectivo* justificado; diz-se porém *epitheto* merecido, *adjectivo* masculino, etc.

Qualquer *epitheto* é *adjectivo* ou pelo menos locução *adjectiva*¹; os *adjectivos* é que nem sempre são *epithetos* (e note-se que não falamos aqui senão dos adjectivos qualificativos, os determinativos não podendo ser nunca tal *epitheto*). O *adjectivo* é *epitheto* quando não é essencialmente necessario á significação do nome a que se junta, isto é, quando, supprido, o sentido do nome não fica menos explicito, mas apenas menos redundantemente qualificado, como no exemplo seguinte:

*Estavas, linda Ignez, posta em socego,
Dos teus annos gozando o doce fructo.*

em que *linda* e *doce* se podem supprir sem que o sentido fique falho, ficando porém menos redundantemente qualificados os nomes *Ignez* e *fructo*:

*Estavas, Ignez, posta em socego,
Dos teus annos gozando o fructo.*

com esta fórma é o estilo que perde, não a idéa, que de sobra está na mente de todos.

O *adjectivo* qualificativo não é *epitheto* quando, com a sua supressão se altera o sentido da phrase ou esta fica incompleta. Isto succede: 1.º quando o *adjectivo* é attributo da oração; 2.º quando o *adjectivo* forma com o nome uma designação especial, designação que exige a presença do *adje-*

(1) O «seguente» Cícero; o «profundo investigador» Alexandre Herculano.

ctivo, o qual, a ser supprimido, elimina a idéa particular para só deixar a geral; por exemplo, na phrase:

o homem virtuoso é feliz,

ha dois *adjectivos*: *virtuoso* que reduz a idéa geral de *homem* á particular da classe dos *homens virtuosos*; e *feliz*, attributo da oração, que nos diz o que é o sujeito. Suprima-se o primeiro de esses *adjectivos* o ahí temos a idéa particular de *homem virtuoso* transformada na geral de todos os *homens*; suprima-se por seu turno o *adjectivo feliz* e fica incompleto o sentido da phrase.

Adjurar, conjurar, esconjurar, exorcizar. — *Adjurar*, é intimar em nome de Deus: José *adjurara* seus descendentes que ao sahir do Egypto levasssem seus ossos para a terra da Promissão. Particularmente, *adjurar* se diz da acção de, em nome de Deus, ordenar ao diabo de sahir do corpo de nm possessor ou de declarar alguma cousa: eu te *adjuro*, em nome de Deus, de sahires de esse corpo e de dizeres quem és.

Conjurar verbo em que se conhece a origem latina de *jus, juris*, direito, é mais imperioso que *adjurar*; este significa intimar uma ordem em nome de Deus; *conjurar* é não só intimar, mas também proceder ao mesmo tempo á execução do facto: *espírito maligno*, em nome de Deus, eu te *conjuro* (eu te expulso) do corpo de este homem.

Notemos também que *adjurar* só se diz da ordem dada em nome de Deus; *conjurar*, do que se faz em nome de Deus ou sob qualquer outra invocação.

Esconjurar é uma variante de *conjurar* que por corruptela popular se introduziu na linguagem.

Exorcizar (ou ainda melhor *exorcismar*) é conjurar o demonio com as preces ou orações do ritual.

Além do emprego litúrgico de estes vocabulos, notaremos ainda a sua synonymia no sentido figurado.

Adjurar é pedir em nome do que se reputa grande e respeitável, por exemplo, em nome dos paes, da patria, da honra, etc., que se faça alguma cousa, e isso por analogia com a acção do exorcista que ordena em nome de Deus. Não é muito usado n'este sentido, mas na poesia é vocabulo proveitoso, e altamente significativo posto que á acção de rogo allia a de ordem ou intimação: *adjurar* em nome da honra, é declarar que a honra deixaria de existir no individuo que não praticasse o acto para que é *adjurado*.

Conjurar, que na linguagem litúrgica é mais forte que *adjurar*, é-o muito menos no sentido figurado. *Conjurar* é pedir, suplicar com muita instancia: tanto o *con-*

jurar, que sob minha fé me descobriu o segredo.

Outra accepção tem *conjurar*: é a do desviar: não pude *conjurar* o perigo. Neste sentido não tem synonymia com *adjurar*. *Exorcizar* não tem sentido figurado.

Administração, governo, regimen. — A *administração* é a collectividade dos ministros e dos funcionarios, e ao mesmo tempo a acção pela qual todos ajudam no governo a executar as leis e a volar pelos interesses geraes da nação e dos cidadãos. A *administração* não estatuê, mas cumpre o estatuido.

O governo é o officio do chefe do Estado nas monarchias puras, e o dos ministros nos Estados mais ou menos constitucionaes. Ao governo cumpre dirigir os negocios públicos, velar pela *administração*, e tomar as medidas geraes que interessam ao Estado. Tem portanto o governo a dupla missão de estatuir os principios e de velar pelos resultados.

O *regimen* é o modo pelo qual o governo rege a nação; a maior parte das nações europeas tem o *regimen* constitucional.

A nação tem uma boa *administração* quando os serviços públicos funcionam bem e attendem ao interesse de todos. O governo é bom quando os negocios geraes são bem dirigidos. Todos os dias estamos vendo que o *regimen* parlamentar é a maior praga que pôde haver numa nação.

D. José de Lacerda termina a comparação de estes trez vocabulos dizendo: «O governo decreta, o *regimen* regula, a *administração* applica ou executa».

Admiração, assombro, pasmo.

— A *admiração* é a impressão que nos causa a vista de um objecto novo e inesperado.

O *assombro* é o sentimento do terror que nos causa aquillo que em si é grandioso.

O *pasmo* é o estado da pessoa que fica surprehendida pelo inesperado a ponto de perder a noção de qualquer outro sentimento.

Admiramos um bello quadro; assombra-nos a idéa do infinito; pasma-nos o que parece sobrenatural.

Merece mencionarse a gradação de idéas que estes vocabulos apresentam e de que tão bem se serviu o padre Antonio Vieira dizendo: «Deixae-me fazer um reparo digno, não de *admiração*, mas do *assombro* o até de *pasmo*».

Admirável, admirativo. — O que é admirável causa *admiração*; o que é *admirativo* exprime-a.

«Não será o sermão *admirável*, mas será *admirativo*,» disse o padre A. Vieira.

Admittir, receber. — *Admittir* se

diz quando o sujeito é de condição superior, ou pelo menos igual, da pessoa cujo nome serve de complemento directo a este verbo. Ninguém dirá que Fulano *admittiu* o rei á sua mesa; diz-se porém que o rei *admitte* á sua mesa o official da guarda.

Encerra também este verbo a idéa do escolha prévia: *admitte-se*, um novo socio no Gremio, assim como as Academias e outras Sociedades *admittem* determinados individuos no seu seio. Note-se porém que a circumstancia de *admittir* não implica a de *receber*, este verbo referindo-se ao proprio facto, e *admittir* á faculdade do admittido poder realizar esse facto: um socio *admittido* numa sociedade goza do direito de nella ser *recebido*, mas pode nunca usar da sua prerogativa.

Os monarchas *recebem* em audiencia particular os ministros estrangeiros que lhe entregam as suas credencias; depois podem *admittil-os*, ou não, na sua familiaridade. *Recebemos* as pessoas que nos procuram; nem todas porém são merecedoras que as *admittamos* á nossa mesa.

Ha portanto em *admittir* uma idéa mais definida que em *receber*, este verbo fazendo apenas referencia ao facto; aquelle determinando que elle se realizza em virtude de direito ou de determinadas condições.

Copiamos a seguir o que de estes vocabulos diz D. José de Lacerda, não concordando porém com o exemplo que remata o artigo:

«*Admittir* supõe escolha prévia, e exprime idéa de maior intimidade. *Receber* exprime idéa mais genérica, e muito menos qualificada. *Admittimos* em nossa confiança as pessoas que julgamos dignas de esse favor. *Recebemos* em nossos sarões as pessoas que para isso nos foram apresentadas. Os ministros estrangeiros são *admittidos* á audiencia do soberano, e *recebidos* na sua corte».

Nós diríamos: os ministros são *recebidos* em audiencia pelo soberano, e *admittidos* na sua corte.

Admoestar, reprehender. — *Admoestar* é *reprender* branda e amigavelmente, não por ter feito algo censurável, senão por ter deixado de fazer o que por uma causa ou outra não se fez, quando se devia ter feito.

Reprender é um termo geral que se applica ao mal feito ou ao bem que não se fez.

Um pao *admoesta* um filho estudioso por ter passado sem ir á aula; *reprehende* o que não estuda pelo facto de não estudar o também pelo mau uso que faz da sua mocidade.

Adobe, tijolo, ladrilho. — O *adobe* é uma especie de tijolo feito de terra argilosa mixta: ada com alguma palha, e que, em vez de ser cozido, é apenas secado ao sol.

Tijolo é o termo genérico que se pode applicar aos outros vocabulos que aqui se comparam. Particularmente, designa o parallelepipedo feito de barro que serve para construcções depois de ser cozido.

Ladrilho é o tijolo plano, geralmente quadrado, que substitue a lago: *no Ale mte jo, os pavimentos são geralmente feitos de ladrilho.*

Adoçar, edalcorar. — *Adoçar* é tornar doce o que de si proprio não o é: *adoça-se a agua, o chá, etc.*

Educorar é suavizar o desabrido ou o desagradável de uma poção qualquer por meio de xarope, mel ou assucar. *Adoçar* é termo vulgar; *edulcorar* pertence á linguagem pharmaceutica.

Adoeecer, enfermar. — *Adoeecer* é entrar no estado de falta de saude; estado que pode ser mais ou menos grave, mais ou menos prolongado, que pode cessar com a recuperação da saude, ou conduzir a um resultado fatal. É termo genérico: *adoeecer com sezões, adoeecer do peito.*

Enfermar é entrar no estado prolongado de enfermidade (V. este vocabulo), estado que pode ser mais ou menos grave, mas que nunca é curto, nem desaparece geralmente de todo: *enfermar da vista.*

Na linguagem commum, estes dois termos confundem-se, se bem *adoeecer* é mais usual.

Adolescencia, juventude, mocidade, puberdade. — A' excepção de *puberdade*, palavra que designa a época da vida em que os seres humanos se tornam aptos para procrear, não ha perfeita harmonia na determinação exacta dos outros vocabulos de este grupo. Vejamos o que do elles dizem as melhores autoridades:

«*Adolescencia*, periodo da vida em que o organismo chega a desenvolver-se plenamente, juventude, mocidade, idade subsequente á puericia, dos quatorze até aos vinte e cinco annos. (FARIA).

«*Adolescencia*, época da vida entre a *puberdade* e a idade viril (de 14 a 20 annos). (CONTEMPORANEO).

«*Juventude*, idade juvenil, tempo que medeia entre a *adolescencia* e a idade varonil, o que o distingue de mocidade, com que ás vezes se confunde (FARIA citado de VIEIRA).

«*Juventude*, a idade juvenil, adolescencia, mocidade» (CONTEMPORANEO).

«*Mocidade*, idade juvenil.» (FARIA).

«*Mocidade*, idade de moço.» (CONTEMPORANEO).

«*Mocidade*, toma-se quasi sempre indeterminadamente, e como comprehendendo as trez primeiras edades, isto é, puericia, adolescencia o juventude.» (LACERDA, SYNONYMS).

Como se vê, não é pelas definições acima citadas que podemos estabelecer a synonymia dos vocábulos *adolescencia*, *juventude* e *mocidade*, vozes que sempre deram margem a diversas interpretações, pois já no nosso DICCIONARIO DE SYNONYMS LATINOS ao falar de *adolescencia* e *juventude* notámos que os proprios latinos não determinavam rigorosamente os limites que se devem attribuir a cada uma de taes palavras: «*Adolescentia*», diziamos, «designa o último período do desenvolvimento physico, isto é, desde os 15 ou 17 annos até aos 30, ainda que ás vezes se dá maior latitude a esta palavra fazendo-a abranger a década dos 30 aos 40 annos. *Juventus* abrange a *adolescencia* e a *virilis aetas*, e só exclue a *pueritia* e a *senectus*: comprehende pois desde os 20 até aos 40 annos. O que precede é a *crebra* mais commun; sem embargo vemos os clássicos usar por vezes indistinctamente das duas palavras, chamando *juvenis* e *adolescens* á mesma pessoa e durante o mesmo periodo da sua vida».

Tentemos ante toda esta incerteza, não de estabelecer, mas de discriminar o sentido de cada um de estes termos.

Adolescencia vem-nos do latim *adolescencia*, voz derivada do verbo *adolescere*, crescer. Este vocábulo está por consequente, attendendo á sua etymologia, perfeitamente definido por Faria quo citámos antes. A latitude dada assim ao periodo da *adolescencia* é corroborada pela Academia hespanhola que a define: «la edad desde los catorce basta los veinticinco años».

Juventude é a quadra da vida em que se é *jóvem*, isto é, em que se tem força, vigor, e impetuosidade nas paixões; principia com a *puberdade*, e dura mais ou menos, segundo a constituição, temperamento, ou posição social do individuo, se esta o obriga a refrear os ardores da natureza, como se vê nos moços ambiciosos que procuram guindar-se pela politica ou parecer dignos da carreira que abraçam. Todos conhecemos *jóvens* de quarenta annos assim como *moços velhos* de vinte e cinco. Sabemos pois quando a *juventude* principia; não se sabe porém quanto pode durar.

Mocidade, vem-nos do castelhamo *mocedad* (idade de mozo). Principia quando a *juventude*, e com ella se confunde ao principio, mas é susceptível de durar mais que ella. De um médico, de um ministro, se diz que é *bom moço*, não que é *bom jóvem*, esta última expressão parecendo excluir a seriedade que o médico e o ministro devem ter. A *mocidade* será por tanto a época da vida que principia com a *puberdade* e acaba ao entrar na idade madura. Pode-se mesmo, attribuindo á palavra *moço* a sua primitiva significação de *solteiro* (1), dizer que a *mocidade* é o espaço da vida compre-

bendido entre a puberdade e a idade em que compote ao homem tomar estado, isto é, sobre os trinta a trinta e cinco annos.

Adonde, aonde, donde, onde.— Não devemos confundir *synonymia* com significação de vocábulos; por isso achamos improprio dedicar um artigo ás palavras que formam o objecto de este, já que nenhuma *synonymia* existe entre ellas, sua differença consistindo apenas na differente significação de cada uma. Achando-as porém agrupadas no dictionario de *synonyms* de Lacerda, transcreveremos d'elle o artigo correspondente:

«*Aonde, donde, adonde*, usados no mesmo sentido que *onde*, é erro. *Onde*, adverbio relativo, refere-se ao lugar em que, e só juntando-lhe as preposições *a*, ou *de* que muda a significação. *A casa onde vivo está a cair. Onde levas a carta?* isto é, em que parte?»

«*Adonde* é composto de *a* e *onde*; e indica ao lugar a que alguma coisa se destina. «*Usa-se para significar, juntando-o aos verbos de movimento, ao lugar que, ou para a parte que. Aonde se ia muitas vezes* (Fr. «Luiz de Sousa»).—O uso do adverbio *aonde* para exprimir o lugar em que não é correcto, embora se encontre alguma vez em alguns clássicos (1). Se perguntarmos a um carteiro: *aonde leva a carta?* deve entender-se para que bairro, rua ou casa; mas se lhe perguntarmos: *onde leva a carta?* entende-se que lhe perguntamos se ea leva na caixa, ou no bolso, ou na mão.

«*Donde* compõe-se da preposição *de* e *onde*; indica o lugar de que. *Contra, donde venho, está atulhada de gente.*

«*Adonde*, composto de *a*, *de* e *onde*, serve para exprimir o regresso ao lugar que accusa já occupou e de que partira. *Volto adonde saíra*, isto é, ao lugar donde saíra. *Onde estás? Aonde vae? Donde vens? Volto adonde saímos.*

Accrescentaremos que *adonde* é hoje superfluo na linguagem, *donde* e *aonde* supprindo-o perfeitamente.

Adoptar, escolher. — *Adoptar* exprime uma acção mais importante e decisiva que *escolher*. *Escolhemos* entre varias cousas aquella que mais nos agrada, muitas vezes, porém, sem pesar o acerto ou desacerto da nossa escolha, nem as consequências que d'ella podem resultar; de entre varias peças de fazenda *escolhemos* a que mais bonita nos parece ou aquella cujo preço nos convém melhor; frequentemente a que escolhemos é a que menos dura, a mais defeituosa.

Quando porém a nossa escolha é precedida de reflexão e tem um fim determinado, *adoptamos* o que *escolhemos*. *Adoptamos* a

(1) «Menina e moça» (Bern Ribeiro)

(1) Nisso seguem a norma da lingua castelhana.

carreira para que sentimos maior propensão ou da que mais lucros podemos auferir; *adoptamos* a côr que mais se casa com o nosso gosto; *adoptamos* os compendios que nos parecem melhores; *adoptamos* costumes, opiniões, etc.

Em resumo: *escolhemos* o que queremos possuir; *adoptamos* o que queremos seguir ou observar.

Adorar, honrar, venerar, reverenciar.—*Adorar*, catholicamente falando, é prestar a Deus, e só a elle, o culto que lhe é devido, culto que pelos theólogos é chamado «culto de latria», por opposição a «culto de dulia» que se presta aos santos, e a «culto de hyperdulia» que é o que se presta à virgem Maria. Segundo os mesmos theólogos, não se *adoram* os santos, nem as reliquias, nem as imagens. Notaremos porém que, apesar da afirmativa de esses senhores, é voz corrente no catholicismo dizer: *a adoração do santo lenho, a adoração da santa cruz.*

Fora do catholicismo, *adorar* diz-se do culto que se presta à divindade, seja com o culto das manifestações exteriores usadas convencionalmente nos diferentes ritos religiosos, seja com o culto de sinceridade e verdade que em segredo a creatura presta ao Creador.

No sentido figurado, *adorar* é amar com paixão: *a mãe adora os filhos; os amantes adoram-se.*

Honrar, venerar e reverenciar, dizem-se no catholicismo ao falar dos santos, das reliquias, da virgem, etc. *Honrar* é render culto de invocação aos entes espirituaes subalternos. *Venerar* é render-lhes culto exterior de respeito. *Reverenciar*, é prestar-lhes o culto exterior, acompanhado de demonstrações que provem a humildade, o respeito, a veneração.

Na linguagem corrente, *honrar* refere-se às demonstrações exteriores de respeito; *venerar* e *reverenciar* aos sentimentos intimos. *Venerar* diz-se com relação às pessoas a quem damos provas de profundo acatamento.

Reverenciar, menos usado fora da linguagem religiosa, é *venerar* e *honrar* ao mesmo tempo as pessoas que pela sua autoridade devem ser acatadas profundamente.

Adormecer, dormir.—Se bem é conhecida de todos a synonymia de estes dois vocábulos, transcrevemos do Roquete o artigo correspondente:

«Representam estes dois verbos a acção «pela qual o homem passa do estado de vigília ao de somno, com a differença que *adormecer* é deixar-se vencer do somno, *asomnum capere*; o *dormir* é conservar-se «entregue ao somno, nos braços do Morpheu. Diz-se que um homem *adormeceu* às duas horas e *dormiu* até às seis; mas não

«se pode dizer que *dormiu* às duas e *adormeceu* até às seis. Auctorisa-se esta distincção com o dito de Vieira: E como tardasse o esposo, *adormeceram* todas e *dormiram*».

Adormecer, entorpecer.—Os sentidos, os membros, permanecem *adormecidos* até que façamos cessar a causa do adormecimento; ficam *entorpecidos* quando dura o estado anormal que se manifesta pelo entorpecimento; isto é, o *adormecimento* é momentâneo, e mais ou menos dependente da nossa vontade; o *entorpecimento* é duradouro e resulta de causas que podemos combater ou não. Basta um pequeno exercício para fazer cessar o *adormecimento* de uma perna; as pernas *entorpecidas* tornam o individuo trêpego.

Adornar, ornar, ornamentar.—A idéa commum a estes verbos é a de tornar mais bello, mais rico. *Adornar* acrescenta à idéa commum, outra idéa de utilidade; o que serve para *adornar* torna mais útil ou mais forte o objecto adornado. Também *adornar* se distingue de *ornar* e *ornamentar* em estes se referirem ao conjunto, enquanto *adornar* melhor se diz das partes.

Ornar encerra idéa de elegancia, de graça.

Ornamentar encerra idéa de grandeza, do imponente.

Adorna-se um vestido com flores; *orna-se* uma sala com quadros; *ornamenta-se* um templo para uma solemnidade.

Adorno, ornato, ornamento, enfeite, atavio.—*Adorno* é o objecto que contribue a fazer realçar a belleza ou o bom parecer da pessoa ou coisa que se adorna; no *adorno* ha, além do mérito de contribuir para esse realce, um fundo de utilidade ou de proveito. Um abât-jour é um adorno de grande utilidade para a vista; os *adornos* com que se cobrem certos móveis contribuem para a sua conservação.

Ornato distingue-se de *adorno* em se applicar melhor a cousas que a pessoas, o também em se dizer mais frequentemente de *adornos* permanentes que de *adornos* de tira e põe. Assim dizemos os *ornatos* da sala, e não os *adornos*, quando nos referimos ao linho do tecto, das portas, das paredes, etc.; e *adorno* de sala, o não *ornato*, referindo-nos aos móveis.

Ornamento é o *ornato* ou o conjunto de *ornatos* que tendem a dar maior imponente, mais majestade. Os *ornamentos* dos sacerdotes são as vestes sacerdotaes com que officiam.

Enfeite differença-se de *adorno* em este fazer realçar a belleza, e aquelle em occultar um defeito ou formar uma belleza ficticia. Os *enfeites* do rosto, dando-lho uma

apparencia differente da real, mostram-no, não como o temos, senão como o quizeramos ter. Os enfeites do vestido cobrem-lhe as costuras.

Atavio, designa qualquer objecto que se põe por gala, apparatus ou riqueza; é palavra que se presta a ser tomada a má parte: um *atavio* de bom gosto é um *adorno*; um *adorno* de mau gosto é um *atavio*.

Adquirir, comprar, obter.—Ha synonymia entre *adquirir* e *comprar*, e *adquirir* e *obter*; não a ha entre *comprar* e *obter*.

Adquirir é obter por compra, por troca, por dádiva ou por qualquer outro meio ou esforço proprio: *adquirem-se* propriedades, riquezas, honras, doenças, etc.

Comprar é *adquirir* por preço.

Obter é *adquirir* ou alcançar o que se pretende e nos é agradável.

Aduana, alfandega.—A primeira de estas palavras já quasi desapareceu da lingua; só a registamos aqui a titulo de curiosidade, e para explicação do seu derivado *aduanheiro*.

Aduana e *alfandega* são palavras de origem árabe, mas de etymologia differente; na *adua* (do *dana*, escrever) registavam-se as mercadorias sujeitas a direitos; d'ahi vem o dizer-se ainda *tarifas aduaneyras*; na *alfandega* (de *fundag*, depósito, armazem) se depositavam as mercadorias sujeitas a direitos. Estabelecida esta differença comprehendendo-se que *movimento aduaneyro* se refere aos ingressos dos direitos, e *movimento alfandegario* a quantidade de mercancias que passam pela alfandega.

Adubo, tempero, condimento.

—*Adubo*, palavra já pouco usada em termos de culinaria, é a especiaria que se emprega em cozinha: pimenta, cravo, pimentão, noz muscada, açafrão, etc. Ainda hoje se dá o nome de *adubos pretos* ao cravo, à canella e à pimenta.

Tempero é não só o sal que se deita na comida, senão também a parte substancial que se lhe addiciona, como presunto, toucinho, unto, azeite, etc.

Condimento é o que realça o sabor da comida; salça, perfolio, cebola, alho, os proprios *adubos*, os molhos, etc.

Adubamos os manjares para condimental-os; temperam-se para terem substancia; condimentam-se para que sejam agradáveis.

Adufa, persiana, gelosia ou rótula, taboinhas.—*Adufa* e *gelosia* ou *rótula* differenciam-se de *persiana* e *taboinhas* em terem as travessas obliquas formando grade, em quanto que as de estas são horizontaes.

A *adufa* é formada de duas meias portas; a *gelosia* ou *rótula* é corrida e fixa.

A *persiana* também é formada de duas meias portas e as suas travessas são geralmente móveis como nas *taboinhas*.

As *taboinhas* recolhem-se e descem-se á vontade.

Adufe, pandeiro, pandelreta, sistro.—Instrumentos formados por uma pelle estirada, rodeada de um caixilho em que ha só soalhas, ou soallhas e guizos, tal é a idéa commum a estes vocábulos.

O *adufe* é quadrado; tem soalhas e guizos.

A *pandelreta* e o *pandeiro* são redondos; aquella tem soalhas e guizos; este é mais grosseiro e só tem soalhas.

O *sistro* é uma especie de adufe com soalhas de latão.

Adulador, lisonjeiro, bajulador, louvaminheiro.—O *adulador* é o *lisonjeiro* vil que louva com exaggeração, quo diz o que não sente e que só trata de insinuar-se no espirito da pessoa a que adula.

O *lisonjeiro* ou *lisonjeador* louva com visos de verdade; fala frequentemente contra o que pensa, mas sabe que persuade com as suas palavras. O *adulador* é muitas vezes desprezado pelo proprio adulado; o *lisonjeiro* nunca o é pelo proprio lisonjeado.

Bajulador é o termo mais vil dos que aqui comparamos. O *adulador* que só presta a comprazer a quem adula em tudo o que ha de mais baixo e mais aviltante é um *bajulador*.

Louvaminheiro é o individuo que gaba não só a pessoa, senão também o que lhe pertence, quanto ella diz e quanto faz; é um ente amariçado, que só pôde enganar os tolos.

Adular, lisonjear, bajular, louvaminhar.—*Adular* (do latim *adulari*, que primitivamente se disse das caricias dos cães) é *lisonjear* baixa e servilmente a alguem, para captar-lhe a benevolencia.

Lisonjear é louvar com côr de verdade. Por *adular* e *lisonjear* terem a mesma synonymia em hespanhol que em portuguez, copiamos o que de estes vocábulos se diz no Diccionario de Synónymos do D. José Joaquim Mora: «*Adular* es una acción más directa y más clara que *lisonjear*. El que *adula* celebra, exagera, encomia, miento a la cara descubierta; él que *lisonjea* promete, festeja y procura evitar todo lo que desagrada al objeto *lisonjeado*. El cortesano qué compara á su monarca con Augusto, *adula*; él qué lo pondera la felicidad de la nación como obra de su sabiduría, *lisonjea*. No se necesita más que un poco de sana razón para huir de la *adulación* y preservarse del mal que ocasiona; pero como la *lisonja* es más diestra y sabe adoptar formas tan variadas, no es tan fá-

«cil ponerse al abrigo de sus arterias. El «hombre astuto emplea la *lisonja* con preferencia á la *adulación*. Los nécios gustan «más de la *adulación* que de la *lisonja*. Esta «diferencia de significación se conserva «en el uso metafórico de las dos voces; y «asi nó decimos que una hermosa perspectiva *adula* la vista, sino que la *lisonjea*».

Bajular é servir de capacho; ser sabujo; é *adular* não só com palavras mas prestando até os serviços mais asquerosos.

Louvaminhar é *lisonjear* frequentemente, gabar não só a pessoa, mas quanto lhe pertence; applaudir quanto ella diz e quanto faz.

Adular, *bajular* e *louvaminhar* têm um fim interesseiro. *Lisonjear* pôde ter esse fim ou só o de ser agradável; frequentemente *lisonjeia-se* por mangação.

Adulterar, falsificar, contra-fazer.—*Adulterar* é augmentar a quantidade de uma cousa com ingredientes ou drogas; os vendedores de leite *adulteram* com agua; os taberneiros *adulteram* o vinho com agua fervida com sangue de boi ou com pau de campebe.

Falsificar (do latim *falsus*, falso, e *ficare* frequentativo de *facere*, fazer), no sentido em que aqui consideramos estes vocábulos, é fabricar líquidos, comestíveis, ou outros géneros, empregando, em vez da materia prima de que devem ser feitos, outras materias, quer do envolta com a principal, quer sem parte de ella.

Contra-fazer é vender qualquer producto de fabricação propria como sendo feito pelo fabricante de que se usa o nome, as marcas, etc.

Adunco, curvo.—*Curvo* é a idéa geral. *Adunco* só se diz do que, sendo *curvo*, termina em ponta aguda ou relativamente aguda.

Adversario, inimigo, rival, emulo, competidor, antagonista.—*Adversario* (do latim *adversarius*, derivado de *adversus*, posto em frente, opposito) diz-se de aquelle que está em opposição com outra pessoa, quer no terreno, quer em opiniões. Não é idéa essencial que entre os *adversarios* exista odio; nada porém exclue esso sentimento, como alguns pretendem. Dois chefes de partido são *adversarios* politicos, e não obstante podem mutuamente estimar-se: não assim de dois *adversarios* que uma grave offensa leva a campo. Afóra porém do caso em que *adversario* se diz dos *inimigos* ou *rivaes* postos em combate singular, a idéa de odio cessa do ser inherente ao vocábulo. Fica porém do pé a idéa da lucta em que o *adversario*, para fazer prevalecer as suas opiniões, interesses ou pretensões, se empenha contra o outro *adversario*, não considerando o in-

dividuo que combate, senão a idéa que defende.

Inimigo, propriamente *não amigo*, é palavra que encerra idéa de aversão, de odio activo. Os *inimigos* combatem-se para se fazerem mal pessoalmente; nisso se distingue o *inimigo* do *adversario*.

Rival e *emulo* distinguem-se em que o *rival* esforça-se, seja por meios licitos ou illicitos, em supplantar o seu contrario, fazendo-lhe perder a influencia, a posição, a autoridade, ou a fama de que goza, e que deseja para si.

Emulo é aquelle que procura egualar ou mesmo exceder a outrem, sem intentar contudo depreciar-o. Na *realidade* ha baixeza; na *emulação* ha nobreza, ainda que acompanhada de certa inveja até que o *emulo* consiga o seu intento.

Competidor é aquelle que, reputando-se em egualdade de circumstancias com relação a outro, ou julgando até supperal-o, forceja em conseguir o que esse outro pretende. Os candidatos ao provimento de um emprego por coucurso são *competidores*.

Antagonista é o *adversario* considerável, de valor real, com o qual se está em lucta de opiniões ou de idéas por meio da discussão ou da controversia.

Adversidade, sorte adversa, infortunio, desgraça.—A *adversidade* é a constancia da má sorte. Quem tem constantemente a fortuna contra si, lucta constantemente com a *adversidade*. Por isso esto vocábulo não designa determinadamente uma *desgraça*, senão a série de *desgraças* que sobrevêm ao individuo e o modo como elle as recebe.

Sorte adversa é a sorte que é contraria, que causa damno, o leva ao infortunio. Assim, a *adversidade* provém da *sorte adversa*, mas não se confunde com ella.

Infortunio é a *desgraça* que se prolonga durante muito tempo; differença-se da *adversidade* em esta ser uma série de *desgraças* de differente género, em quanto que o *infortunio* é uma só *desgraça* duradoura. Dom Duarte teve contra si a *adversidade*; seu irmão D. Fernando o *infortunio*.

Desgraça é o termo genérico que pôde substituir qualquer outro dos de este grupo. Ha *desgraças* grandes, pequenas, irreparáveis, insignificantes, etc.

Adverso, opposto, contrario, desfavorável.—Relativamente ás idéas, ás tendencias, aos fins, a synonymia de estes vocábulos consiste em que:

Adverso diz-se do que tende a prevalecer por meio da lucta; *opposto* do que tende a fins differentes; *contrario* do que quer impedir o triumpho alheio; *desfavorável* do que, em lugar de favorecer, tende a impedir o que outrem pretende.

As partes *adversas* procuram mutuamente supplantar-se.

As partes *opostas* tendem a fins diferentes; se uma d'ellas, para conseguir o seu intento, necessitar hostilizar a outra, *hostilizar-a-á*, tornando-se-lhe *adversa*.

As partes *contrarias* não tratam precisamente de fazer vingar o seu intento; o que pretendem é impedir o triumpho do *contrario*.

Desfavorável não se diz das pessoas, senão das suas opiniões, pareceres ou decisões. É *desfavorável* o que, sendo indispensável para a realização do facto, se declara em contra de elle.

A república é *adversa* á monarchia. Frequentemente os paes têm idéas *opostas* a respeito do futuro dos filhos. As minorias declaram-se *contrarias* ás propostas da maioria. O parecer do relator foi *desfavorável* á pretensão.

Advertir, avisar.— *Advertir* consiste em tornar a alguém sabedor de um facto que ignora e que lhe diz respeito. O fim da *advertencia* é o do advertido tomar as suas precauções ou dispôr o que melhor lhe convenha.

Avisar é comunicar certa circumstancia de um facto que não é desconhecido á pessoa que recebe o aviso.

Advertir é commun ao passado e ao presente, nunca ao futuro; *avisar* é mais referente ao futuro que ao presente e ao passado.

Adverte-se a um amigo que o feitor o rouba. *Avisam-se* os membros de uma junta que a reunião projectada será tal dia e a tal hora.

Necessita-se ter mais autoridade para *advertir* que para *avisar*: o presidente *advert*e o orador de que não pode continuar no uso da palavra por já ter dado a hora, e o continuo *avisa-o* de que a próxima sessão será no dia seguinte.

Advogado, legista, letrado, jurisconsulto, jurista.— *Advogado* é o que defende causas com autorização legal.

Legista é o que conhece as leis a fundo o as interpreta.

Letrado, termo que hoje se tornou popular, designa principalmente o *advogado* que dá consultas.

Jurisconsulto é o *legista* profundo que debella os casos intrincados, e disserta ou escreve sobre leis.

Jurista é o nome mais relativo á theoria que á pratica; o estudante de direito é *jurista*, e *jurista* é também aquelle que conhece a história do direito, os antigos usos, os costumes passados.

Advogado, patrono.— A pessoa que em justiça defende os interesses de alguém é o seu *advogado* ou *patrono*; como *advogado* cumpre-lhe dirigir o assumpto;

como *patrono*, defender os direitos do litigante ou a innocencia do réo. É o *advogado* que collige as provas; é o *patrono* que as adduz.

Na pratica porém estas duas palavras empregam-se indistinctamente.

Aeronáutica, aerostação.— A idéa générica a estas duas palavras é a de «navegação aerea por meio de aerostatos», com esta differença porém: *aeronáutica* de-vo applicar-se exclusivamente á arte de dirigir o aerostato, de navegar no ar; *aerostação* a tudo o que é dependente de essa arte; fabricação de aerostatos, systemas, etc.—A mesma differença para *aeronauta* o *aerostata*.

Afago, caricia.— A *caricia* é uma demonstração do amor que dura relativamente pouco tempo; o *afago* é prolongado, habitual. *Acariciamos* uma creança que encontramos na rua; *acariciamos* os nossos filhos o também os *afagamos*.

Afamado, famoso, célebre, illustre.— *Afamado* differe dos outros vocábulos de este grupo em não se applicar senão a pessoas vivas ou a cousas existentes; emquanto que os outros se podem dizer de quem e do que é, e de quem e do que existiu, á excepção de *illustre*, que, geralmente só se diz de pessoas ou com referencia á ellas.

Afamado differe também dos outros vocábulos em só se dizer do que tem fama em determinado espaço ou só entre individuos de determinada classe. Um médico *afamado* goza de fama na cidade ou no concelho em que reside, e entre os collegas que de elle têm noticia; é porém geralmente desconhecido longe da sua residencia. Um remédio *afamado* chega por um ou por outro conducto á noticia de aquelles que de elle necessitam; é porém desconhecido do público em geral. Quando porém a fama do médico ou do remédio se propaga ao longe, tornam-se *famosos*. Assim, *afamado*, é, de estes vocábulos, o que tem menos significação; exprime simplesmente a fama, a voga, o crédito frequentemente momentâneo de que goza uma pessoa ou uma cousa em limites restringidos no espaço ou no tempo.

Famoso indica fama universal; muitas vezes é-se famoso mais na appreciação alheia que no mérito intrinseco que se tem; por isso pôde-se ser *famoso* no bem ou no mal; por ter praticado alguma acção memorável, ou algum grande crime ou desvario.

Célebre diz-se das pessoas o das cousas de que se fala muito em muitas partes. Como *famoso*, *célebre* diz-se das pessoas, mas com referencia aos actos por ellas praticados.

Illustre diz-se das pessoas e das cousas,

mas das cousas só com referencia ao proprio mérito. O homem *illustre* é *illustre* em si e por si; um feito *illustre* é *illustre* com referencia ao homem *illustre* que o praticou.

O homem *afamado* pôde-se tornar *famoso* ou *célèbre*; *afamados* foram as arrufadas de Coimbra. *Famosos* e *célèbres* são os grandes capitães que assombraram o mundo com as suas victorias; foi *célèbre* entre nós o padre Antonio Vieira; foi *famoso* Vasco da Gama. *Illustres* foram Newton, Pasteur, Camões.

A nossa opinião differe um pouco da de D. José de Lacerda, que assim se exprime no artigo correspondente aos trez últimos vocábulos de este grupo:

«*Illustre* designa o homem que tem adquirido bom nome por seu distincto mérito pessoal; que tem ganho fama, lustre, ou «por talentos e virtudes, ou por eminentes «cargos publicos que tem desempenhado dignamente, ou por serviços não vulgares «feitos á patria ou em geral á humanidade. «*Célèbre* é o homem que tem adquirido boa «reputação, a qual é geralmente conhecida, e de modo está assentada, que ninguém, sem grave temeridade, onsuraria «dignificar-lh'a, porque assenta na opinião com-mum.

«*Famoso* é o que se tornou conhecido e «fallado em muita parte em bem ou em «mal, por grandes méritos e virtudes, ou «por grandes vícios ou crimes. Ser *illustre* «depende do merecimento proprio; ser *célèbre* depende do proprio merecimento e «da opinião alheia; ser *famoso* depende de «ter praticado uma acção honrosissima ou «algum grande crime ou desvario, tornando-se aquella ou este largamente conhecido.»

Afastar, desviar, apartar, arredar, separar. — *Afastar* é tirar de ao pé ou de junto de alguém ou de alguma coisa, com o fim de evitar o que succederia se a proximidade continuasse.

Desviar é tirar uma coisa ou uma pessoa do ponto ou da linha em que alguma outra coisa ou pessoa vai passar ou algum facto succeder. Noutro sentido *desviar* indica a acção de tirar de uma direcção para fazer tomar outra differente; neste caso é-lhe inherente a idéa de fim, propósito ou conveniencia.

Apartar é pôr á parte, de lado, sem especificar distancia, mas manifestando intenção ulterior.

Arredar denota movimento brusco no acto de *desviar* ou *apartar*.

Separar é tirar de junto ou de em meio de outras cousas ou pessoas para fazer cessar a união.

Afastamos de ao pé de alguém os objectos que o podem estorvar; a desgraça *afasta* os falsos amigos. *Desviamos* o corpo para evitar um golpe; *desviamos* numa creança

que vai ser pisada; *desviamos* a corrente para a utilizar. *Apartamos*, de entre muitos, aquelles livros do que necessitamos. *Arredamos* para deixar passar uma carruagem, ou *arredamos* a pessoa que por ella vai ser atropellada. *Separa-se* a fructa da fructa ruim; *separamos* os combatentes.

Não havendo accordo entre a nossa interpretação de estes vocábulos e a que lhes deu D. José de Lacerda, copiamos a seguir o que de elles disse o nosso predecessor:

«*Afastar* é acabar com a proximidade, «pôr em distancia, ao largo. *Arredar* é tirar de diante dos olhos, pôr para os lados «ou para traz. *Apartar* é pôr á parte o que «estava junto, desfazendo o ajuntamento. «*Separar* é desunir, desligar, pôr sobre si «o que estava unido, confundido, mixturado. *Aparta-se* uma pessoa ou coisa de outra junto da qual se achava. *Afasta-se* um «homem do logar perigoso, da occasião do «crime. *Separa-se* a alma do corpo, um ramo da árvore. *Arreda-se* o povo, e abre caminho para deixar passar o alto dignitário, o homem do respeito».

Afêrro, apêgo. — O *apêgo* é a constancia que provém mais do hábito que da reflexão. O *afêrro* provém da convicção, e é por consequencia um forte *apêgo*. Temos *apêgo* á casa, quando somos sedentarios por gosto; temos *afêrro* ás idéas que defendemos com tenacidade.

Affabilidade, agrado, amabilidade, civillidade, urbanidade, polidez, cortezia, cortezania. — A *affabilidade* (do latim *ad, a, e fari* ou *affari*, falar) dá-se de superior para inferior, e não ao contrario. Consiste na maneira captivante com que as pessoas de posição preendem a vontade dos que lhes falam.

O *agrado* é o testemunho da alegria que sentimos ao receber em nossa casa ou ao falar em qualquer parte com uma pessoa, de qualquer condição que ella seja; dá-se de superiores para inferiores e vice-versa. Tanto o *agrado* como a *affabilidade* são geralmente provas de um carácter bem formado.

A *amabilidade* consiste em empregar todos os meios possiveis para nos tornarmos agradáveis á pessoa a quem a testemunhamos. Não é, a maior parte das vezes, uma qualidade inherente ao carácter da pessoa que se mostra *amável*; ou tem fins interesseiros ou faz simplesmente parte da bagagem das convenções sociaes com que os homens pretendem enganar-se reciprocamente. Tal que é *amável* com os estranhos é rispido e intratável com os seus.

A *civillidade* é a convenção estabelecida na sociedade para que os seus membros se hajam mutuamente de modo a não se offenderem nem se desagradarem. Varia segundo os meios, os tempos, os logares e a con-

dição das pessoas. A *civilidade* exaggerada — a que o vulgo chama *política* — é ridícula e presta-se ao escárnio. Contudo a *civilidade* bem entendida deve reinar em toda a parte, mesmo em família, pois sem ella nos tornaríamos desagradáveis até aos nossos mais próximos.

A *urbanidade* é a *civilidade* de bom tom — a *civilidade* das *cidades*, segundo a etymologia da palavra.

Polidez e *urbanidade* confundem-se no funão. *Polidez* é a *civilidade* das pessoas de fino trato que obram e se exprimem com nobreza, facilidade, finura e delicadeza. Basta conhecer certas regras e observar certas práticas para cumprir com *civilidade*; é porém necessário ter grande trato do mundo e saber amoldar-se ás situações para cumprir com *polidez*, pois esta exige que não só nos tornemos agradáveis, senão que pe-nhoremos as pessoas com quem tratamos.

Cortezia é a demonstração do respeito que nos devemos mutuamente; tem-se não só para com as pessoas que conhecemos, mas também para com as desconhecidas, sempre que estas pareçam merecer-nol-a.

Cortezania é o requinte da *polidez* — a *polidez* da corte, como a palavra o indica. D. José de Lacerda define-a muito bem dizendo que «é a gravidade agradável e graciosa própria de um cortezão, de um homem de corte, do que vive na mais alta sociedade» e nella nasceu.

Affável, amável. — A pessoa *amável* distingue-se pelo seu trato agradável e pela doçura dos seus modos; a *affável*, pela sua lhaneza, e pela boa disposição com que se presta a attender a todos. E' se *amável* na conduta; *affável*, no trato. *Federico II da Prussia era amável com os seus intimos, e pouco affável para os súbditos.*

Affável, lhano, cortez, benevolente. — Aquelle que recebe a outrem com bondade, o ouve e lho fala de modo a deixal-o prendado, é *affável*. Entende-se que a pessoa *affável* é de condição superior á da pessoa a quem é testemunhada a affabilidade.

Lhano se diz de quem não tem presumpção nem orgulho; a pessoa *lhana* além de ser natural, é sincera. Ser *lhano* é proprio de todas as condições. Sentimo-nos á vontade com quem é *lhano*, o que nem sempre nos succede com quem é *affável*. A *lhaneza* é uma qualidade natural; a *affabilidade* pôde ser natural ou não.

Cortez diz-se da pessoa bem educada, de fino trato, complacente. A *cortezia* é uma qualidade adquirida, systemática. E' *cortez* aquelle que tem para com os outros, mesmo para com pessoas desconhecidas, as pequenas attensões que lhes pôde proporcionar commodidade, ainda que redunde na incommodidade propria.

Benevolente é quem demonstra interessear-se pelo que outrem diz, faz ou pretende.

Affecção, doença. — *Doença* é termo genérico; não assim *affecção*; a *doença* affecta todo o organismo; a *offecção* é local. As *doenças* nervosas são difficeis de curar; é por *affecção* nervosa que certas pessoas fazem tregeitos com a boca. — Diz-se *doença longa, prolongada, etc.*; não se pôde porém dizer *affecção longa, prolongada*.

Affecto ou affeição, paixão, amor, inclinação, amizade, ternura, apêgo, dedicação. — *Affecto* e *affeição* differenciam-se apenas em a *affeição* ser extensiva a pessoas e a cousas, o o *affecto* só a pessoas.

Affeição é a tendência, propensão, ou inclinação commedida que se tem para alguem ou para alguma cousa. E' por *affecto* ou por *affeição* que se sente prazer em encontrar a pessoa a quem se estima, e que se procura a occasião de a ver, de gozar da sua companhia, de lhe ser útil. A *affeição* que temos ás cousas nos induz a cuidal-as, a não nos desprendermos de ellas.

Paixão é o desejo vehemente de obtermos ou possuirmos a pessoa ou a cousa que desperta em nós esse sentimento. No *affecto* ha moderação; na *paixão* ha arrebatado. Uma differença essencial entre a *affeição* e a *paixão* é que a *affeição* sente-se por aquillo que se possui, e a *paixão* sente-se geralmente, por aquillo que se deseja possuir. A pessoa *affecta* a um systema politico, vive satisfeita sob o seu regimen, e, ainda que elle não vigore, considera-se ligada a elle e conduz-se como se elle imperasse; isso nota-se ainda hoje nas familias *miguelistas*. Aquello que se sente dominado da *paixão* por um systema de governo, deseja por todos os meios que esse governo vingue e supplante a outro qualquer, como se nota nos partidarios dos systemas avançados. Muitas vezes a *paixão* desaparece com o logro da consa desejada; não assim a *affeição* ou o *affecto*, pois este é constante.

O amor é um sentimento que se pode considerar intermedio entre o *affecto* e a *paixão*; se no amor não ha os arrebatos da *paixão*, ha nelle algo mais da tibieza do *affecto*. Adolphe Garnier no seu *Traité des facultés de l'âme* diz do amor: «O carácter distinctivo do amor é o de preoccupar exclusivamente o nosso pensamento com a existencia de uma pessoa do outro sexo, a qual nos causa um como deslumbramento continuo pelas qualidades e perfeições que a nossa imaginação lhe attribue. Tudo nella tem encanto á nossa vista. Deliciamo-nos em ouvir falar d'ella, e ambicionamos encontrar-nos sempre e exclusivamente na sua presença. E assim como é ella que unicamente nos interessa, quizéramos que só

«nós fôssemos o único que lhe interessasse. «Só o pensar que a ternura da pessoa amada pode ou poderia repartir-se com outrem, nos faz estremecer. O amor, não obstante, sobrevive à infidelidade: sofre-se e ama-se, está-se humilhado e adora-se; e a amargura sustem-nos. O amor recusa crer nos defeitos que vê em quem ama, e é tal o seu fundo de bonevalência que estende por sobre os vícios o véo das perfeições. Não são só os defeitos da alma que recusamos ver no objecto que nos apraz; são também os do corpo; e não só os negamos senão que os tomamos por perfeições e acabamos por amal-os. O austero Descartes sympathizava com os olhos «vesgos: procurando a origem de tal gosto, recordou-se que esse defeito existia numa menina que amara desde a infancia. E' certo que o amor augmenta com os méritos do objecto amado, não vem porém de taes méritos. De que provém? Nasce, por assim dizer, sem causa, e ás vezes cessa sem ella». Antes de Garnier, já Diderot definira admiravelmente o amor pela boca de Gardeil, quando este se dirige á sua amante La Chauv: «Ignoro a razão do já a não amar; tudo o que sei é quo principiei a amal-a sem saber porquê, e que cessei de a amar sem saber a causa».

Num sentido mais geral, o amor é o sentimento pelo qual se ama ou se quer bem a alguém ou a alguma cousa: *amor paternal*, *amor filial*, *amor ao próximo*, *amor á sciencia*, etc.

Inclinação, no sentido lato da palavra, é a disposição e tendencia natural do espirito para alguma cousa: ha pessoas que têm *inclinação* para o bem, como as ha que têm *inclinação* para o mal. Se a razão não pode dominar geralmente a *paixão* nem o amor, pode facilmente triumphar da *inclinação*, pois aquelle que se sente levado por ella para o jogo, ou para qualquer vicio, foge d'esse mal sem grande esforço. Vemos assim que esta palavra é menos expressiva que qualquer das trez precedentes. Se porém a *inclinação* não for combatida, degenerará facilmente em *paixão* ou amor. Num sentido mais restricto a *inclinação* é a disposição o tendencia natural do espirito para amar alguém em razão do que nessa pessoa nos agrada; esta disposição, fortificando-se, pode tornar-se amor ou amizade; mas em si, propriamente, não é mais do quo o embrião de esses sentimentos.

A *amizade*, diz D. José do Lacerda, «é o «apêgo particular de uma a outra pessoa, «ou que duas pessoas têm entre si». O abuso que se faz de esta palavra não exclue que a amizade exista; se ella é vã na boca da quasi totalidade dos humanos, se, no sentido que geralmente se lhe attribue, só quer dizer que as relações do trato não são desagradáveis entre aquelles que se dizem amigos, a amizade verdadeira tem não obstan-

te caracteres especiaes pelos quaes se pode determinar, taes são: a necessidade de expansão e de confiança reciprocas, o apreço do carácter, da índole e do espirito do amigo, e o desejo de ser-lhe agradável e útil até a preço do proprio sacrificio. Não se pode dizer que ha amizade sem que o tempo e as vicissitudes da vida a tenham cimentado e posto á prova.

A *ternura* não é sentimento; é a manifestação de um sentimento, seja amor, seja amizade. A *ternura* paternal, por exemplo, não é um sentimento distincto do amor paternal: é a sua manifestação, é esse proprio amor que se revela em tudo o que ao filho diz respeito.

O *apêgo* é um sentimento que pode ter maior ou menor intensidade, mas ao qual coração fica alheio. O hábito, a reflexão, a recordação, originam o *apêgo*; também o origina a *inclinação* quando é fomentada. Tem-se *apêgo* a um objecto, a um partido, a um hábito, a uma pessoa, a um animal, assim como o animal tem *apêgo* ao homem.

Dedicação é o desprendimento de si proprio em favor de outrem ou de alguma idéa; não é o sentimento, mas o effecto de uma firme resolução, de um como voto feito e pelo qual nos consideramos ligados. Um criado é dedicado a seu amo; um homem é dedicado ao seu partido; a *dedicação* leva ás vezes ao sacrificio.

Afeite, enfeite. — Já noutro artigo nos occupámos de este último vocábulo. Pela synonymia que possa ter com *afeite*, reproduzimos o que de estes vocábulos diz Roquete:

«Diz D. Fr. F. de S. Luiz que *afeites* são ornatos ou atavios affectados, que em lugar de afformosearem deseiam o objecto, e talvez o fazem ridiculo; e que *enfeites* são os mesmos ornatos ou atavios, mas naturaes, com que se afformoseiam os objectos. — Esta distincção não tem por si autoridade clássica. Viçira, falando de S. Ignacio, diz: O escriptor (achará nelle) a utilidade sem *afeite*. E' evidente que *afeite* forma antithese com utilidade e não tem a menor allusão a cousa affectada ou ridicula. Ferreira disse: Vão parecer e falso *afeite*; onde o qualificativo falso dá a conhecer que *afeite* por si só não inclue a idéa peiorativa que se lhe quer attribuir. «Se alguma vez se toma á má parte, outro tanto acontece a *enfeite*, como diz Moraes eitando Lobo e Bernardes. A autoridade d'este é terminante, pois, enumerando os falsos e ridiculos ornatos com que os pregadores adornavam seus sermões diz: Conceitos de filigrana, delicados e reluzentes, questões escolasticas, e outros *enfeites* semelhantes.

«Em quanto a nós, estamos convencidos que a unica differença que ha entre estes dois vocábulos é que o primeiro é caste-

«lhano e o segundo portuguez, e que *afteite* «tem naquella lingua a mesmissima significação que em a nossa tem *enfeite*: *Afeite*— «diz a Academia hespanhola,—es el aderezo «ó compostura que se dá á alguma cosa.— «Deixemos, pois, aos Castelhanos o seu «*afteite* e *enfeitar*, e usemos do nosso *enfeite* «e *enfeitar*, que têm egual valor e merecimento».

Affirmar, assegurar, confirmar, asseverar, attestar, certificar. — Dos trez primeiros vocábulos de este grupo diz D. José de Lacerda: «O que «diz uma cousa como certa, sem hesitação «nem dúbida, *affirma*. O que *affirma* essa «mesma cousa com decisão, mostrando-se «convencido do que *affirma*, *assegura*. O que «dá provas, e produz testemunhas do que «*affirma* com certeza, *confirma*».

Parece-nos que haja algo mais a dizer a respeito de estas palavras, e ainda comparal-as com outras que se lhes approximam no sentido.

Affirmar (do latim *affirmare*, de *firmus*, firme) é dar uma cousa como firme, isto é, como hem estabelecida, como certa. Podemos *affirmar* que uma cousa é ou foi; não podemos porém *affirmar* que uma cousa será.

Assegurar é dar como seguro, isto é, apresentar a idéa de modo tal que se possa contar com o que ella exprime. *Assegurar* que uma cousa é ou foi, é effectivamente «*affirmar* com decisão, mostrando-se convencido do que se *affirma*». *Assegurar*, porém, tamhem se diz do que ha-de ser, e nesse caso esta palavra resente-se da contingencia do que é humano com relação ao futuro. Uma differença essencial entre *affirmar* e *assegurar* é o primeiro ser relativo ao facto, e *assegurar*, á convicção; assim *affirmar* é mais rigoroso que *assegurar*: podemos *affirmar* sob juramento, porque este verbo suppõe uma certeza absoluta; não se pode porém *assegurar* sob juramento porque este verbo só revela a intima e forte convicção que ha no espirito de quem *affirma* ou *assegura*.

Confirmar é adduzir provas, testemunhos ou nova affirmacão do que outrem ou nós *affirmamos*. *Affirmamos* ser verdade o facto que chegou ao nosso conhecimento por conducto fidedigno; noticias posteriores vêm *confirmar* o que *affirmamos*.

Asseverar (do latim *asseverare*, de *asserere* *affirmar*, e *verus*, verdadeiro) é *affirmar* séria e formalmente, por opposição ao que se diz por hrineadeira ou pouco formalmente. Quem diz que *assevera* uma cousa não só *affirma* mas tamhem se torna responsavel da veracidade do facto.

De *attestar* e *certificar* diz Lacerda: «*Attestar* um facto, ou *certificar*-o, é mostrar «que se está certo d'elle, e se quer que os «outros o acreditem; mas quem *attesta*, fa-

«la como testemunha de vista, ou de ouvido; o o que *certifica*, fala como quem está «certo do facto, sem especificar a origem «da certeza. Quem *attesta*, *certifica*; mas «quem *certifica*, nem por isso *attesta*, porque «pode não ter sido testemunha do facto. «Um superior *attesta* que um empregado, seu subalterno, é homem honrado, cumpre com exactidão os seus deveres, porque o presença ou está d'isso informado. «Um párocho, um secretario de uma repartição, *certifica* a verdade d'um facto que «se acha registado nos seus livros, sem «que fosse testemunha d'elle. O *attestado* «é recommendação officiosa a favor d'alguem; a *certidão* é um instrumento, que «faz fé, e prova o facto.»

Effectivamente, *attestar* (do latim *testis*, testemunha) é declarar verbalmente ou por escripto que fomos testemunha do facto. Um professor *attesta* que um seu aluno estudou com elle tal ou tal disciplina durante tanto tempo.

Certificar (do latim *certum facere*) é declarar verbalmente ou por escripto que tal facto deve ser tido por verdadeiro, ou porque se foi testemunha de elle (caso em que *attestar* é de melhor emprego), ou porque se recolheram dados sufficientes para não dar logar a dúbidas sobre a veracidade do facto. Podemos *affirmar* e até *asseverar* a verdade dos factos que *attestamos*, posto que do elles fomos testemunha; em quanto ao que *certificamos*, *asseguramos* que o facto é verdadeiro, mas, rigorosamente, não o podemos *affirmar*. O administrador do concelho passa *attestado* ou *certificado* de boa conducta a um seu administrado? rigorosamente, só pôde passar *certificado*, a não ser que tenha vigiado directa e continuamente, o que não é provável, a conducta do individuo.

Afflicção, dôr, soffrimento, tormento, pesar, mágoa, consternação. — A *dôr*, o *soffrimento* e o *tormento* são physicos ou moraes; as outras palavras de este grupo só se dizem do que é moral.

Afflicção (do latim *affligere*, de *ad* e *fligere*, deitar por terra) é a angustia que ahato o espirito, que perturba a razão, que leva a olhar sem tino nem reflexão; manifesta-se por gritos, choro, actos de insensatez; a grandeza da desgraça, rouhando-nos a força moral, o sangue frio, a energia. A *afflicção* sobrevem inesperadamente, e dura até que o espirito reage e retoma o seu imperio, seja por cessar a causa que a motivou, seja para sumir-nos na *dôr*.

A *dôr* é o sentimento penoso originado por um mal inesperado, imprevisto, dilacerante. Revela-se pelo choro ou pelo mutismo. As *dôres* mudas prolongam-se, e degeneram em *soffrimento*.

O *soffrimento* é prolongado; não tem a

agudeza da *dôr*, mas, em contra, tem a persistência da acção.

Tormento diz-se tanto da causa como do effeito. É *tormento* o mal que nos causa uma *dôr* intensa, *dôr* comparada áquellea que soffriam os desgraçados a quem o *tormento* era applicado. É *tormento* a propria *dôr*, o proprio *soffrimento*, quando nos dilacerava o espirito, como o *tormento* dilacerava as carnes, desconjuntava os ossos, dos que a elle eram submettidos.

Pezar é o sentimento desagradável que resulta de termos feito uma cousa havendo podido fazer o contrario, ou, abstrahindo de esta última consideração, de termos feito um mal, ou de que esse mal haja succedido. O *pezar*, ainda que não seja de curta duração, affecta-nos pouco.

Mágoa é a mais ligeira manifestação da *dôr* ou do *soffrimento*; pôde por tanto ser breve ou prolongada.

Consternação é o estado do espirito admirado de que tal ou tal desgraça haja succedido, ou atemorizado por estar-se ameaçada de grande mal.

Quem não se afigura a *afflicção* dos desgraçados que intentavam fugir no desastre do Baquet? Qual não seria a *afflicção* de aquelle que alli via ficar um ser querido a quem não podia valer? A *dôr* que lanceolou a este é-lhe eterno *soffrimento*, e, se a victima, só por compazer-lhe, foi áquelle theatro, esse *soffrimento* é um verdadeiro *tormento*.

Afflicções, penas, tribulações, trabalhos, cruz. — Os grandes revêzes assim como as perdas irreparáveis que vêm umas atrás das outras são os causadores das *afflicções*. Esta palavra designa por conseguinte o sobresalto do espirito durante um periodo do tempo mais ou menos longo, sobresalto que não só nos affecta moralmente, senão que tambem influe no estado physico.

Penas é um termo genérico com que exprimimos vagamente o nosso soffrer moral, sem lhe attribuir nenhuma idéa particular.

As *tribulações* (do grege *tribein*, triturar) são as penas que provêm da adversidade quando ella se obstina em perseguir-nos e não nos deixa attender tranquillamente ás nossas necessidades e ás da nossa familia. Quantas *tribulações* não passa o homem que, exausto de recursos, não encontra onde se empregue nem onde ganhe a vida?

Trabalhos se diz das contrariedades da vida que obstem a que ella siga um curso regular e plácido; muitas vezes os *trabalhos* são voluntarios e têm por objecto a procura de um bem estar que elles proprios não-de proporcionar.

Cruz são as penas consideradas como um meio que Deus nos depara para obtermos méritos ante Elle. Este vocabulo deve portanto ser empregado só por aquelles

que julgam que de Deus pode provir algum mal ou que Elle se diverte em fazer-nos soffrer.

Grandes *afflicções* soffrem os que perdem entes que amam e que vêem ao mesmo tempo desaparecer os bens que possuíam.

Todos temos *penas* na vida.

Grandes *tribulações* passam os que se vêem perseguidos.

Trabalhos passam os que labutam para adquirir um certo bem estar, fructo do seu trabalho.

Os cathólicos devem offerecer a Deus a cruz que Elle lhes dá.

Affluencia, concurso, concorrência, multidão, turba, ajuntamento. — «Conjuncto de muitas pessoas» é a idéa geral que encerram estes vocabulos.

Affluencia considera as pessoas dirigindo-se para um ponto, seguido todas a mesma direcção; é o que se deprehende da etymologia da palavra (em latim *fluere* significando «correr para um sitio»); na linguagem corrente, porém, a *affluencia* não se limita a designar a muita gente que se dirige a um ponto seguindo a mesma via, senão toda a que vae convergindo para um sitio por diversas vias. Empregar este vocabulo para designar a gente já reunida no ponto a que convergiu, é erro.

Concurso representa a mesma idéa que *affluencia*, mas entre os dois vocabulos ha uma differença essencial: a *affluencia* considera o movimento como continuo e regular, isto é, as pessoas ou os grupos seguindo-se uns aos outros sem interrupção, em quanto que *concurso* indica o movimento simultâneo de muitas pessoas que convergem por diferentes vias a um ponto dado, mas neste movimento nada revela a idéa de continuidade.

Concorrença diz-se das pessoas com relação a um ponto dado, que se considerem em movimento quer paradas.

Assim nos dias de parada ha grande *affluencia* ao local onde ella se effectua. Cinctra attrae no verão um grande *concurso* de gente. A bora em que ha maior *concorrença* nas ruas da Baixa é a sahida das repartições; no inverno é enorme a *concorrença* que ha aos theatros.

As outras palavras de este grupo representam *affluencia* de pessoas reunidas num ponto determinado sem idéa de estarem em movimento.

Multidão é uma grande reunião de gente sem nenhuma idéa accessoria.

Turba é a *multidão* indisciplinada e turbulenta, que obra em confusão e traz consigo a desordem.

Ajuntamento designa a reunião de pessoas que pararam num ponto para um fim determinado.

Affluencia, confluencia.—Falando de cursos de agua a *affluencia* refere-se á parte com que um curso contribue para a corrente geral; *confluencia* á reunião das correntes. Desde Constancia o Tejo engrossa-se com a *affluencia* do Zêzere. A *confluencia* do Tejo e do Zêzere facilita a navegação.

Affronta, offensa, insulto, ultraje, injúria, agravo, avania.—*Affronta* (do italiano *affronto*, de *fronto*, cara) é a palavra ou a acção com que se offende gravemente a alguém cara a cara.

Offensa é a palavra ou o acto que offende o amor proprio e o humilha; differe da *affronta* em não ser tão grave, e tambem, muitas vezes, em não ser intencional, e só devida á apreciação da pessoa que se dá por offendida.

Insulto é a *offensa* feita acieptemente com insolencia e desprezo.

O *ultraje* é o *insulto* excessivo.

Injúria (do latim *injuria*, palavra em que se nota e prefixo negativo *in* e o substitutivo *jus*, direito) é, segundo a etymologia, o dito offensivo injustamente proferido contra alguém, quer na sua presença, quer na sua ausencia. Na linguagem corrente, *injúria* diz-se da *offensa* feita de propósito com actos ou palavras de gravidade.

Agravo, palavra menos usada que as precedentes, é o dito ou o acto que, ainda que soejamente reconhecido por falso ou injusto, fere os nossos interesses ou melindra a nossa vaidade.

Avania, a menos usada de todas as palavras de este grupo, diz-se de qualquer acto ou dito que expõe á chacota da plehe.

Apesar de não concordarmos com o que os nossos antecessores Lacerda e Roquete, disseram a respeito de *affronta*, *agravo* e *offensa*, transcrevemos os artigos que nos seus dictionarios correspondem a estes vocabulos.

Diz Lacerda:

«*Affronta* é a injúria, o *agravo* proseguido e sustentado. «*Agravo* é o simples atropellamento do nosso direito; mas se a este se ajunta o desprezo ou o insulto, dá-se a *offensa*. Não ha *agravo* quando não ha injustiça, assim como sem insulto não ha *offensa*. O que declara algum defeito, «que realmente existe, de outrem, não o *agrava*, porque não atropella nenhum direito, não pratica injustiça; mas *offende-o* «porque o insulta, humilhando-o».

De Roquete:

«Entre o *agravo* e a *affronta* ha esta differença, como já notou Dom Quichote, que a *affronta* vem da parte de quem a podo «fazer, e faz e sustenta; o *agravo* podo vir «de qualquer parte sem que *affronte*. Seja «exemplo: está um homem na rua descuidado, chegam des com mão armada e dão-lhe pancadas; mette mão á espada e faz

«seu dever; porém a multidão dos contrarios se lhe oppõe, e não o deixa levar «adiante sua intenção, que é vingar-se; «este tal fica *agravado* porém não *affrontado*. O mesmo confirmará outro exemplo: «está um homem com as costas voltadas, «chega outro por detraz, dá-lhe duas pauladas, foga e não espera, e o outro segue-o «e não o alcança. O que recebeu as pauladas recebeu *agravo*, mas não *affronta*, «porque a *affronta* ha-de ser sustentada, «circumstancia que não é necessaria para «constituir o *agravo*. Se o que deu as pauladas ficara a pé firme fazendo rosto a seu «inimigo, ficara o que levou as pauladas «*agravado* e *affrontado* juntamente: *agravado* porque lhe deram á traição; *affrontado* porque o aggressor lhe fez rosto, «sustentou o seu feito sem voltar as costas «e a pé firme; e assim, segundo as leis do «maldito duelo (!), eu posso estar *agravado*, mas não *affrontado*. O *agravo* atropella nosso direito; a *offensa* junta ao *agravo* o desprezo ou o insulto. O que tem direito a um accesso e o não conseguiu, cre-se *agravado*; se a este *agravo* accresceu um desprezo de seu mérito, ou uma declaração de sua insufficiencia, cre-se *offendido*. Para o *agravo* é preciso que haja injustiça, para a *offensa* basta que haja insulto, ainda que não haja injustiça. Aquelle prejudica-nos talvez sem nos affrontar; esta affronta-nos sempre ou nos humilha. «Não *agrava* o que diz de outrem que é «torto, quando realmente o é, porque em «dizer aquella verdade não se dá a injustiça que exige o *agravo* para sel-o; porém *offende* aquelle a quem se diz porque insulta seu amor proprio e o humilha. Por isso se dissimula o *agravo* mais facilmente que a *offensa*, não obstante que aquelle nos causa um prejuizo effectivo, privando-nos realmente do que nos pertence; esta só nos incommoda com um prejuizo «fundado, communmente, na opinião, ou no capricho; porque a *offensa* choeca directamente com nosso amor proprio, que não «perdoa com facilidade, nem olha como leves os insultos. D'um homem que dança «bem, sem ternisto vaidade, nem pretender «elogios, não se podo dizer que dança mal, «sem fazer-lhe um *agravo*, de que se não «dá por *offendido*; fica porém *offendida* uma «mulher a quem se disputa a hoia figura, «ainda que ella mesma conheça que a não «tem, porque aquelle não vê nisto mais que «uma injustiça; porém esta toma-o como «desprezo ou insulto, porque nas mulheres «pode mais a vaidade que a virtude:— «Guardando a mesma proporção na respectiva propriedade d'estas duas vozes, diz-se figuradamente no physico que o sol, a lua, o vento e outras cousas animadas (*sic*) «*offendem*, mas não se diz que *agravam*.»

(1) Roquete era preshytero.

Affrontar, arrostar, encara.

— No sentido figurado de estes verbos, o menos expressivo é *encara*. *Encara-se* com terror a morte; *encara-se* a sangue frio o perigo; *encara-se* com indiferença o inimigo. *Encara* necessita por consequencia um complemento que determine a sua significação.

Affrontar e *arrostar*, excluindo a idéa de medo, encerram a de denodo, com esta differença porém, que *affrontar* não implica a idéa de luta que existe em *arrostar*. *Affrontar* a morto não é combatel-a; é *encara-la* impávido; pôde ser mesmo offerecer-se até certo ponto a ella. Os exploradores do polo *affrontam* a morte por amor á sciencia.

Arrostar (vocabulho derivado do latim *rostrum*, esporão de navio) é o vocabulho mais expressivo de este grupo. *Arrostar* é investir com arrojo, travar peleja frente a frente, intentando levar o inimigo a recuar.

De opinião differente foram os senhores Lacerda e Roquete. aquelle resumindo de este:

« Estas trez palavras, diz Roquete, são « verbos formados dos substantivos *fronte*, « *rosto* e *cara*; em sentido recto valem o « mesmo que pôr a *fronte*, o *rosto*, a *cara*, « junto ou em frente de alguma cousa ou « pessoa, e não as temer ainda que sejam « capazes de infundir temor, e podem di- « zer-se perfeitamente synonymas. Porém « no sentido figurado, em que são mais usa- « das, são expressões de valentia, denodo e « decisão, que demonstram ânimo esforça- « do, que nem foge o perigo, nem teme a « morte, e admittem certa gradação que « convem indicar: O que *encara* o inimigo « apresenta-lhe a *cara*, não foge, nem se aco- « barda; o que *arrost*a, não só lhe faz fren- « te, mas, segundo pareceo dizer a palavra « *rosto* (!), vira-se para elle e o *accommette* « combatendo cara a cara; *affronta*-o aquel- « le que com arrojo e valor se lança na pe- « leja, não cura do risco a que se expõe, e « levanta a *fronte* altiva sobre seu adver- « sario ».

Affusão, ducha. — A *affusão* consiste em derramar agua sobre o corpo ou só em parte d'elle, desde pequena altura e de um só jacto.

A *ducha* é proporcionada por um ou varios jactos, desde maior altura e com maior força que a que se emprega para a *affusão*. Na *ducha* a agua é impellida, na *affusão* é derramada.

Affucado, aferrado. — Fallando de idéas, opiniões, partidos, etc., *afinado* exprime que tomamos essas idéas, opiniões ou partido por base sólida e como única verdadeira.

Aferrado exprime unicamente que não queremos abandonar tal idéa, opinião ou partido. Pode estar-se *aferrado* a uma idéa só por simples teimosia.

Afagador, collar. — O *afagador* é o *collar* justo ao pescoço, que não pende. O *collar* pende do pescoço sobre o peito.

Afora, excepto. — *Excepto e afora* empregam-se indistinctamente; não obstante, *excepto* diz-se melhor do que se exclue, e *afora* do que não se inclue; nos dois exemplos seguintes nota-se essa particularidade: *afora* o mais novo, todos os irmãos são uns vadios. Todos os irmãos são vadios, *excepto* o João que é trabalhador.

Afortunado, feliz, ditoso, venturoso, bemaventurado. — *Afortunado* quer dizer « favorecido pela fortuna », essa inconstante deidade que se apraz em afagar a uns, em apoucar a outros, e que ora acaricia ora fustiga ao mesmo individuo. O pouco uso que os homens fazem de este vocabulho ao falar de si proprios, ao passo que lhes é commum dizerem-se *felizes*, manifesta que *afortunado* se diz do brilho exterior dos dons da fortuna, sendo por isso mais uma expressão da opinião alheia que da opinião pessoal. E' evidente que um homem pôde ser *afortunado* em tudo quanto emprender e não ser *feliz* ou *ditoso*.

Feliz é o homem que goza de satisfação interior; cujo espirito permanece tranquillo, alegre, satisfeito. Ser *feliz* não consiste em ser *afortunado*, porque na mediania, na pobreza até, pode haver felicidade.

Ditoso, diz-se de quem goza bens, saude e paz domestica. Se é *feliz* e pobre que so conforma com a sua sorte, será *ditoso* se a sorte melhorar.

Venturoso se diz do homem a quem a *fortuna* vem sem ser procurada ou cujo valor excede em muito os esforços empregados por elle em procural-a. Entre *venturoso* e *afortunado* existe a differença de aquelle, *venturoso*, ser subjectivo da opinião propria e da alheia, e este, *afortunado*, ser, como já vimos, relativo á opinião dos outros.

Bemaventurado, vocabulho pouco empregado fora das idéas religiosas, applica-se, no que é mundano, áquelle que vive de modo invejável, que possue e goza quanto o pode tornar constantemente *ditoso*.

Afouteza, corágem. — A *afouteza* denota que o perigo não existe ou é ignorado. A *corágem* reconheço haver perigo, mas ou o despreza, ou deseja vencel-o. Anda-se *afouto* por caminhos limpos de bandidos; necessita-se *corágem* para aventurar-se em caminhos infestados de facinoras.

Afrancezado, falso, fallacioso,

(1) Notemos que «arrostar» é o antigo verbo «arros-trar» directamente formado de «rostrum».

hypócrita.—Com razão, ou sem ella, a generalidade dos francezes é tida, em muitas nações, como inclinada a sacrificar a verdade nas aras da urbanidade; é um defeito delicado, mas que, dito seja de passo, não é peculiar sómente á França; ella talvez o requinte, mas não o monopoliza. Seja porém como fór, o facto é que o adjectivo *afrancezado* se encontra não só na nossa lingua, senão tambem na castelhana, na italiana, na flamenga o até na ingleza, para denotar o que é fallacioso, enganoso, falso. O individuo *afrancezado* parece, como vulgarmente se diz, metter-vos no coração, e na realidade está desejando ver-se livre de vós; no caracter *afrancezado* não se pode ter confiança; as maneiras *afrancezadas* são nmiamente delicadas, mas revela-se nellas a falta de franqueza. Tal é o sentido que se attribue a esta palavra, tanto mais difficil de definir quanto é grande o número dos seus antónymos: *portuguez* em Portugal, *castelhano* em Hespanha, etc., cada nação tomando-se como o modelo da franqueza e da verdade, o todas, na nossa opinião, medindo-se pela mesma bitola.

Falso diz mais que *afrancezado*, este sendo *falso* por mera civildade, aquelle sendo enganoso em si. Em latim, *falsus* é derivado de *fallere*, enganar, o esta etymologia demonstra que *falso* é relativo ao proprio caracter das pessoas e das cousas, e designa um estado permanente, uma como qualidade passiva. O homem *falso* em caso nenhum merece a confiança alheia, disposto como está a enganar, sempre, e a todos. Da mesma maneira, o que é *falso* permanece sempre n'esse estado; é essencia sua não ser verdadeiro.

Fallacioso (do latim *fallax*, igualmente derivado de *fallere*) se diz do que, sendo *falso* em si, trata de pôr essa qualidade em actividade para enganar os outros. O homem *falso* engana quando a occasião so lhe depara; o *fallacioso* procura a occasião de enganar.

Hypócrita é o termo genérico que serve para designar aquelles que fingem ter sentimentos, idéas ou opiniões que realmente não têm.

Afretador, fretador.—Estas palavras, longe de serem synónymas, são antónymas. O *afretador* é o que toma em fretamento; o *fretador* é o que dá em fretamento.

Afuroar, indagar, investigar, pesquisar, esquadrinhar. — *Afuroar*, no sentido figurado, significa «fazer diligencia para achar o que está occulto», metter-se, como o furão, por sitios recônditos á procura do que se quer encontrar ou saber. Este termo é baixo, relega o snjeito á condição de sabujo.

Indagar (do latim *indagare*, de *inde*, de

ahi, e *agere*, fazer) é propriamente procurar saber o que a uma consa se relaciona para de tudo que lhe disser respeito tirar uma conclusão, formar um juizo. Na linguaagem corrente, porém, *indagar* significa procurar a uns e a outros o que sabem a respeito de aquillo que se deseja apurar.

Investigar (do latim *investigare*, do in c *vestigium*, vestigio) é propriamente procurar ou seguir os rastros, os vestigios.

Pesquisar é *indagar* ou *investigar* valendo-se de qualquer meio, licito ou illicito, se bem a idéa de *espionagem* seja inherente a este verbo. Uma pessoa digna *indaga*, mas não *pesquisa*.

Esquadrinhar é *indagar* ou *investigar* minuciosamente; deslindar pelo miudo.

Agachado, acacapado, de cócoras, alapardado. — Estes quatro vocábulos indicam posturas diferentes, mas abrangem a idéa geral do corpo se achar diminuido de altura. *Agachado* diz-se de quem está encorvado ou inclinado para o chão desejando ver sem ser visto; *acacapado* de aquelle que se estende tocando quasi com a barriga no chão, para que o não vejam.

De cócoras é a postura de quem, dobrando o corpo sobre os joelhos, fica com as nádegas quasi a tocar nos calcanhares; este vocábulo não encerra precisamente a idéa do occultar-se.

Alapardado é ficar cosido com o chão.

Agarrar, segurar, empolgar, asir.—*Agarrar* é prender como com *garra*, isto é, com força; o que está *agarrado* não pode fugir facilmente.

Segurar é prender e ter seguro, ainda que o *segurado* faça esforços para so desprender.

Empolgar é agarrar fazendo violencia ou injustiça.

Asir é soste por uma parte qualquer. Este verbo, pouco usado, não encerra idéa de força nem de violencia.

Roque tradnz perfeitamente a synonymia de *asir* e *agarrar*. «Aquelle que *agarrar* — diz elle — segura, tem firme, porque o verbo *agarrar* suppõe a força necessaria para lograr o seu effeito. O que *ase*, «pode, ou não, segurar, porque a acção de *asir* não suppõe precisa e positivamente a força necessaria para segurar e ter firme. Correu atraz delle o *agarrar*», não nos deixa dúvida que o tem seguro. Correu atraz delle, e *asir*», deixa-nos na dúvida se o *asir* de modo que ponde segurar, porque o verbo não o explica por si só, e assim é preclso acrescentar porque «parte, ou como lhe deitou a mão, para que se dednza o effeito pelo modo e circumstancias da acção. A acção de *asir* refere-se ao uso da *asa*; a acção de *agarrar* á «da *garra*. Aquella sustem talvez sem esforços; esta segura com força e tenacidade».

Aggressão, ataque, investida, acommettida.—*Aggressão* é o acto de quem provoca a lucta, seja principiando-a, seja suscitando-a; é um acto puramente moral; o material é o ataque. E' a *aggressão* que envolve responsabilidade moral; o *ataque* é apenas a manifestação da *aggressão*.

Investida e *accommettida* são também actos diferentes: *Dom Quichote acommettetu contra os moinhos de vento, e da investida foi, com Rocinante, derribado no chão. Acommettida*, como se vê, é o acto de emprehender a lucta; *investida* é o proprio facto de encetar-a.

Roqueete diverge um tanto da nossa opinião ao falar do *aggressão* e *ataque*; diz elle: «Posto que esta última palavra—*ataque*—seja pouco portugueza, pois os nossos antigos diziam *accommettimento, investida*, está hoje em uso para indicar a acção do que *accommette*. *Aggressão* accrescenta a idéa de *accommettimento* repentino e inesperado, e de provocar um sujeito á disputa ou ao combate; sendo que o *ataque* é communmente previsto e produzdo por causas já conhecidas. Quando dois soberanos estão em paz, e um *accommette* repentinamente o outro sem prévia declaração de guerra, faz uma verdadeira *aggressão* (!); mas quando dois exércitos se dirigem um contra o outro, o que *accommette* primeiro é o que *ataca*, sem ser *aggressor*».

D. José de Laeërda comprehendeu melhor os termos *investida*, *ataque* e *aggressão*. Transcreveremos o artigo: «*Investida* é o primeiro travar da peleja, o primeiro fôr da batalha. *Ataque* (palavra moderna—mente adoptada) ludica mais alguma coisa, porque designa o *accommettimento* já realisado, e o esforço para render o adversario.

«*Aggressão* accrescenta á idéa exprimida pelos termos *investida* e *ataque*, a de ser acto repentino, inesperado. Quando, sem prévia declaração, se rompe a paz, e um exército entra nas terras da nação, quo de nenhum modo podia lembrar-se da guerra, ha *aggressão*. Quando dois exércitos, que estão em frente um do outro, se provocam e *accommettet*, ha *investida*; e quando a peleja ehga a travar-se ha *ataque*».

Ágil, ligeiro, lesto.—*Ágil* diz-se do homem ou do animal cujos movimentos são, não só rápidos, mas também naturaes, feitos sem esforço.

Ligeiro (do francez *léger*, mesma significação, que vem do latim *aliger*, alado, e não de *levis*, cuja etymologia geralmente se lhe attribue) diz-se do aquelle que se move

como se tivesse azas, que corre, que salta, que move os braços ou as pernas com extrema faeilidade e rapidez.

Lesto reúne a idéa de *ágil* e de *ligeiro*, a do graça, de donaire.

Aglo. cambio.—O cambio é o preço pelo qual uma moeda se compra ou se vende.

Agio é o interesse ou lucro que o cambio dá ao que nelle ganha.

Aglómacho, Iconoclasta.—*Aglómacho* diz-se de quem, por todos os meios, intenta aeabar com o culto dos santos.

Iconoclasta diz-se de aquelle que, reputando como pagão o culto das imágeus, as destrói ou despedaça.

Agiota, usurario.—*Agiota*, na verdadeira accepção da palavra, designa aquelle que trafica em fundos públicos, papeis de crédito, etc., valendo-se da alta ou baixa de preço que estes soffrem para auferir ganhos. Na linguagem corrente *agiota* diz-se, como *usurario*, do prestamista que empresta dinheiro com usura abusiva.

Agitação, Insurreição, revolta, rebellião, levantamento, motim, arruaça, sedição, revolução, pronunciamiento.—A *agitação* é o movimento anormal do povo quando os espiritos sobrosaltados planeiam ou tramam contra os dirgentes; a *agitação* é geralmente a precursora de qualquer das commoções designadas com as outras palavras de este grupo.

Insurreição (do latim *in*, contra, e *surgere*, erguer-se, levantar-se) é a acção d'um povo inteiro que so *insurge*, isto é, que se levanta armado contra o poder estabelecido, afim de derribar um governo que julga injusto e tyrânico. Esta palavra toma-se geralmente a boa parte, pois não se comprehenderia que todo um povo ou pelo menos a maioria de um povo, se armasse para desembaraçar-se de um governo que não fosse oppressivo. A *insurreição* de Creta tinha por fim libertar a ilha da oppressão dos turcos.

Revolta (do francez *révolte*) é a acção de uma, ou de varias pessoas que lutentam sacudir o jugo da autoridade; a *revolta* vem geralmente após a *agitação* e a miudo degenera em *revolução*; consequentemente a *revolta* pode mostrar-se armada, mas não vae a pontos de fazer uso das armas, pelo meuos de modo geral.—Este vocábulo emprega-se também para exprimir a disposição permanente de espirito que tende a desembaraçar-se do seu estado de dependencia.

Rebellido é a demonstração do propósito de não se conformar, de não obedecer, de não acatar; manifesta-se por meio da resistencia e da recusa de obediencia ás leis

(1) Roqueete, neste exemplo, entende a «agressão» precisamente como nós a definimos.

ou ás ordens da autoridade; a *rebellião* pode chegar até ao ponto de armar-se e de manifestar por meio de actos isolados que está decidida a oppôr a violência á violência. A *rebellião* carece de carácter permanente; cessa ao cessar o que a motivou.

Levantamento é o resultado immediato da *agitação*; o *levantamento* degenera em *revolta*, em *revolução* ou em *insurreição*, segundo fór a sua importância, e a gravidade do que o origina.

O *motim* é um *levantamento* de pouca importância, uma *agitação* tumultuosa e de curta duração. O *motim* tende mais a perturbar a ordem que a combater a autoridade. É formado geralmente por desordeiros que se concretam a dar «morrás», a partir vidraças, e a darem ás de villa-diogo logo que apparece a força armada.

A *arruaça* é o *motim* da mais infima raiz; a *arruaça* é geralmente promovida pelo proprio governo quando lhe convém fazer alardes de força ou tomar disposições que não soubera justificar de outro modo.

A *sedição* é um *levantamento* promovido por chefes, e o seu carácter reveste gravidade. O seu alvo é sempre derrubar o existente quando o que existe é apoiado por partidos oppostos aos sediciosos. As *sedições* podem originar a guerra civil.

Revolução é, de todas as palavras de este grupo, a que revela acto de maior gravidade, a *revolução* tendendo a fazer mudar completamente, e pela effusão do sangue, as instituições existentes.

Pronunciamento (ou melhor *pronunciamento*) é termo puramente hespanhol com que se designam as frequentes insubordinações dos chefes militares de Hespanha, que á frente dos seus regimentos intentam supplantar o governo, ficando-lhes sempre o recurso, se o plano não vinga, de *abotonarse con la caja del regimiento*.

Agitação. Inquietação, tormento.—Falando do espirito, a *agitação* denota aquelle estado em que elle se vê assaltado por sentimentos diversos, como o temor e a esperança, a impaciencia e o receio, etc.

A *inquietação* é o estado do espirito que receia que um successo futuro seja desfavorável ou não tenha o bom resultado que anhelamos.

Tormento é o vocábulo que se emprega para exprimir o maior auge da *inquietação*. O *tormento* não é o embate dos sentimentos diversos que causam a *agitação*; tem uma causa determinada e única, mas grande e de summa importância.

A *agitação* e a *inquietação* provêm do que ha-de vir; o *tormento* pode ser originado pelo que foi, pelo que é, ou pelo que ha-de ser.

Agitar, ventilar, debater, dis-

sentir, tratar.—A idéa commum a estes verbos é a de falar sobre um assumpto em que ha ou pode haver divergencia de opiniões.

Agitar um assumpto, uma questão, é falar incidentalmente de esse assumpto ou do essa questão. Este verbo denota que a pessoa que *agita* tem empenho ou interesse naquillo cuja discussão quer promover; o tambem implica mais ou menos a idéa de frequencia ou reiteração. As *opposições agitam* frequentemente no parlamento a questão do imposto do rendimento.

Ventilar, não é apenas, como muitos julgam, pôr um assumpto ou questão sobre o tapete para intentar quo se discuta; essa idéa exprime-se com o verbo *agitar*. *Ventilar* é examinar a fundo, discurrir, quanto possível, uma materia: fazer luz no assumpto; deixal-o limpo como limpo fica o grão depois de *aventado*.

Debater encerra idéa de combate oratorio ou de combate de interesses, e só se diz do assumptos importantes que uns o outros têm interesse em ganhar. **Debater-se no parlamento as questões a que estão affectas a vida dos partidos.** Nos tribunaes **debater-se** as questões de interesse.

Discutir é examinar com cuidado e attenção todos os aspectos de uma questão, esforçando-se por fazer adoptar aos outros a nossa opinião a respeito d'ella; não se pode **discutir** sem dialéctica.

Tratar é o termo genérico que exprimo a idéa commum a todos os verbos de este grupo. *Tratar* de um assumpto, é não só falar de elle, mas tambem examinal-o a fundo e tomar uma deliberação. Quando se **trata de uma questão principia-se por agital-a; depois debate-se, discute-se ou ventila-se.**

Ágora, forum.—Praça pública onde os antigos se reuniam para tratar dos negocios públicos, é a significação commum a estes dois substantivos, com a única differença que *ágora* se diz da praça das antigas cidades gregas, e *forum* da praça romana.

Agouro, presagio, prognostico, vaticinio, prophécia, predicção.—*Agouro*, no sentido lato da palavra, diz-se de qualquer conjectura sobre o que ha-de ser; essa conjectura porém não se funda sobre dados positivos; é uma como inspiração suggerida pelo sobrenatural. Na sentido restricto do vocábulo, *agouro* era o prognóstico que se fazia pelo exame do vôo e do canto das aves.

Presagio differe de *agouro*—no sentido lato que apontamos primeiro—em *agouro*, se dizer só da conjectura, e aquelle, *presagio*, não só d'essa conjectura, senão tambem do signal que a origina; ainda não

está completamente banida do povo a idéa da apparição d'um cometa ser um *preságio* funesto. D'esta accepção de *preságio*, no sentido de «signal» é que, extensivamente, vem a accepção de «conjectura».

Prognóstico é, propriamente, uma conjectura que se deduz de bases sólidas, positivas, scientificas. Na linguagem vulgar, este vocabulo conserva algo de essa idéa, pois só se diz de aquillo que parece autorizado por dados anteriores: *não se engana, communmente, aquelle que prognostica uma velhice prematura ao jôvem vicioso.*

Comparando os trez vocabulos *agouro*, *preságio* e *prognóstico*, que em francez têm as mesmas accepções que em portuguez, dizem os senhores Bourguignon e Bergerol: «O vulgo, em todas as épocas, considerou «os phenomenos extraordinarios do céu «como *preságios*, signaes precursores de «grandes revoluções politicas; e muitas «vezes, na realidade, esses phenomenos «têm sido funestos pelos desgraçados *agouros* que o medo suggeriu; com tudo elles «são apenas a consequencia das leis que regem a marcha dos corpos celestes, e «delles não se pode tirar nenhum *prognóstico* relativo ás cousas humanas».

Atacínio diz-se particularmente das *prophecias* que entre os orientaes se faziam cantando. Este termo, não muito usado na linguagem corrente, deve apenas dizer-se da predição quo se faz em estylo oratorio.

Prophecia, propriamente, é a revelação do futuro feita por inspiração divina. Na linguagem vulgar diz-se das previsões que se fazem como suggeridas por uma voz interna ou presentimento, que nos diz que o que revelamos ha-de succeder fatalmente.

Predicção é um termo genérico que pode substituir qualquer outro de este grupo. Na linguagem scientifica é muito usado, o de elle se servem os astrónomos e meteorologistas para annunciar o resultado dos seus cálculos.

Agradar, gostar. — *Gostamos* do que satisfaz os sentidos; *agrada-nos* o que satisfaz o espirito. *Gostamos de um prato bem feito, de uma mulher formosa. Agrada-nos a virtude, a vida campestre.*

Agradável, grato. — O que é agradável dá prazer aos sentidos, o que é grato é relativo aos sentimentos. *Agradáveis* são as bellas paisagens, a boa música, os perfumes; *gratas*, as provas de amizade, as demonstrações do reconhecimento, as recompensas ao mérito, etc. O agradável apraz, o grato sensibiliza.

Agradecimento, gratidão, reconhecimento. — No sentido restricto da palavra, *agradecimento* designa sómente

as palavras ou o meio empregado para *agradecer* o favor recebido. Communmente porém dá-se a *agradecimento* o sentido dos outros vocabulos de este grupo.

Gratidão é o sentimento que nos recorda o beneficio recebido; é um sentimento intimo que muitas vezes nem sequer se revela por meio de palavras, isto é, por meio de um simples *agradecimento*.

O *reconhecimento* é a manifestação effectiva da *gratidão*, ou pelo menos o desejo da *gratidão* ter ensejo de se manifestar.

D. José de Lacerda explica a synonymia de estes dois últimos vocabulos dizendo:

«*Reconhecer* exprimo o acto de tornar a «conhecer, repassar na memoria, apreciar «o beneficio recebido. *Gratidão* designa a «disposição habitual do nos mostrarmos «lembrados, agradecidos ao beneficio que «nos foi feito. *Reconhecimento* faz referencia mais immediata ao beneficio, e *gratidão*, ao bomfeitor. O *reconhecimento* lembra-se do beneficio, confessa-o, e está «prompto a retribui-lo. A *gratidão* recorda-se do beneficio com prazer e sensibilidade; folga do o confessar, e nunca se «julga desobrigada, ainda que esteja prompta a pagal-o, ou effectivamente o tenha «retribuido. O *reconhecimento* é por assim «dizer o principio da *gratidão*, e a *gratidão* «o complemento do *reconhecimento*».

Não comprehendemos o final do artigo do illustre deão; comprehendemos melhor Roquete, quando diz:

«O *reconhecimento* paga beneficio com beneficio; a *gratidão* conserva a doce lembrança d'uma boa acção com vivo sentimento do carinho para com a pessoa que «fez o bem».

Agrário, de superficial. — As medidas *agrarias* são medidas de *superficie*, porém nem todas as medidas de *superficie* são medidas *agrarias*.

Medidas *agrarias* são aquellas que, como actualmente o *are*, e antigamente a *aguiilhada*, se empregam ou se empregavam exclusivamente na medição de terras produtoras. As medidas de *superficie* são as que servem para medir qualquer *superficie*, inclusivamente a dos campos.

Agreste, campestre, campeziño, rústico. — *Agreste* (do latim *agrestis*, de *ager*, campo) applicado a pessoas ou ao que lhes é particular, refere-se á grosseria, á rudeza, á baixeza, e nunca se toma em bom sentido. O homem *agreste* é grosseiro a ponto de ser intratável; as manelras *agrestes*, os costumes *agrestes*, não podem ser supportados por quem está habituado á delicadeza e ao trato do mundo, pois ultrapassam todas as leis da convulencia.

Falando de sitios, *agreste* exclue toda a idéa de cultura, de belleza natural; um

logar *agreste* só tem rochedos oscavados, plantas rachiticas, terrenos ingratos; inclina á melancholia e á tristeza, o nada mitiga nelle os ardores do sol, nem as crueldades da intemperie.

Campestre refere-se a tudo que pertence ao campo cultivado; esta palavra revela a idéa de cultura e, conseguintemente, a dos seus attributos: helleza, trabalho, simplicidade.

Campezino, epitheto menos frequente que *campestre*, tem a mesma origem de este, e geralmente só encerra a idéa de viver ou habitar no campo, tanto falando de homens como de animaes.

Rústico (em latim *rusticus*, de *rus*, campo, como antônimo de *urbs*, cidade) diz-se do que tem o carácter proprio da simplicidade aldeã ou camponeza, isto é, do que carece da polidez das cidades. Diz-se de pessoas e de cousas. O homem *rústico* carece de urbanidade, não conhece os usos da gente fina e pode faltar ás leis da conveniencia fundadas por mútua convenção social, mas os seus sentimentos são apreciáveis. O objecto *rústico* não é polido nem trabalhado com arte; pode porém ser agradável, devido á sua propria simplicidade. São propriedades *rústicas* as que constam de terras de lavoura, etc. — No sentido desfavorável, *rústico*, implica falta de tacto, ineptia, rudez intellectual, mas ainda assim differe de *agreste* que implica a idéa do rudez moral.

Comparando *agreste* com *campestre* merecem citar-se a synonymia que Roquette dá a estas duas palavras: «Um sítio *agreste* só apresenta estêreis rochas, arvóres silvestres, ermas charnecas, que causam horror, tristeza e melancholia. Um sítio *campestre* offerece vistas agradáveis e risonhas, plantas fructíferas, pastos abundosos, onde se vêem rebanhos quasi domesticados, prados esmaltados de boninas, arvóres carregadas de fructo; por toda a parte se occupam os camponezes em trabalhos úteis; a innocencia, a alegria, a felicidade têm alli sua morada, o quando a lavoura é protegida reina na aldeia a abundancia e a prosperidade. Não conhecemos prazeres que possam chamar-se *agrestes*; porém, quão deliciosos, singelos e naturaes não são os *campestres*?»

Agricultor, agrônomo, cultivador, lavrador, colono. — Os substantivos *agricultor* e *lavrador* confundem-se frequentemente na linguagem corrente, o com elles se designa indistinctamente o individuo, proprietario, ou rendeiro, que explora terras e as cultiva. No sentido rigoroso porém estes vocabúlos divergem entre si. O *agricultor* é o proprietario que, por si proprio, e em ponto grande, se dedica á agricultura, que elle considera como uma arte

pela qual sente gosto. O *agricultor* é o proprietario das terras que explora.

Lavrador é o homem que *lava*, seja por conta propria, seja por conta alheia ou a jornal. Ha *lavradores* ricos, *lavradores* pobres, grandes *lavradores* e pequenos *lavradores*. Não ha porém pequenos *agricultores*, a idéa de propriedade e de riqueza sendo inherente a este vocabúlo.

Agricultor e *agrônomo* também se confundem frequentemente, o não obstante não é indifferente empregar um ou o outro de estes termos. O *agricultor* não só conhece a agricultura como arte, senão que a exerce como occupação. O *agrônomo* é o individuo versado na theoria da agricultura; pode ser *agricultor* ou não, posto que para ser *agrônomo* não é necessario ser proprietario nem exercer a agricultura, basta ser entendido nella.

Cultivador é um termo genérico que se pode dizer do *agricultor* e do *lavrador* porque se refere á profissão do individuo, não á arte que elle exerce. O *cultivador* vive de cultivar; é a unica idéa que o vocabúlo sugere. Numa ordem de idéas mais restricta, este vocabúlo, quando seguido de um complemento, indica uma especialidade; ha *cultivadores* de cereaes, de determinadas plantas, de artes, de letras, etc.

Colono só remotamente encerra a idéa de agricultura. O *colono* habita a terra que não é sua, soja para que a cultive, seja para que ella esteja povoada. No Alemtejo este vocabúlo tem a significação especial do «arrendatario de uma terra da qual não pode ser expulso pelo proprietario em quanto cumprir as condições do arrendamento, excepto se o dono a quizer cultivar por sua conta». Nas colonias, os fazendeiros europeus são também chamados *colonos*.

Agricultura, agronomia. — A *agricultura* é a arte de cultivar a terra; a *agronomia* é a theoria de essa arte. A cultura dos campos effectuada constitue a *agricultura*, a qual varia de processos á medida que a *agronomia* se aperfeiçoa. A *agricultura* é prática; a *agronomia* é theórica.

Agrilhoar, encadear. — *Agrilhoar* encarece sobre a idéa de *encadear*, este verbo manifestando a idéa de obstar á liberdade, o aquelle accrescentando a essa idéa a de oppressão, do castigo suggerido pelo odio. O clero *desejaria encadear o pensamento* e *agrilhoar os que pugnam pela sua liberdade*.

Agro, cumpo. — De estes vocabúlos diz D. José de Lacerda: «*Agro* é uma porção de terreno que se cultiva. *Campo* é um espaço maior ou menor de terra chã».

Roquette diz mais que Lacerda mas não é mais explicito: «*Agro* é voz grega, *campo* é latina. Da voz grega fizeram os latinos

«*ager*, que significava terra cultivada, *agri-* «cultada, e também *campo* ou campanha «fora da cidade, incluindo pastos, bosques, «*matas*, etc. . . . A diferença entre *agro* «e *campo* não é tão sensível como observou «D. Fr. Francisco de S. Luiz. Não tem «costumo *agro* o grande número de acce- «ções figuradas e secundárias que tem «*campo*, pelo que assaz se distinguem es- «tes dois vocábulos».

Em quanto a nós, *agro*, é hoje uma pala- vra antiquada que significava *campo* mas só com relação às produções e ao cultivo. Nessa acceção ainda se pode empregar na poesia.

Aguaceiro, bâtega, chuveiro.

— *Aguaceiro* é a chuva forte, súbita, de curta duração.

Bâtega é um forte *aguaceiro* que o vento impelle; que *bate*.

Chuveiro é a chuva fina que logo pára.

Agua-mel, hydromel.—Bebida feita com água e mel, é a definição do estes dois vocábulos, *hydro*, em grego, significando *agua*. São portanto synónymos perfeitos, ou, para melhor dizer, uma mesma palavra.

Aguardar, esperar.—A primeira de estas palavras é frequentemente substituída pela segunda, e tanto que já pouco se ouve e quasi já se não lê; ha não obstante entre ambas uma diferença muito para notar.

Esperar é a palavra latina *sperare* derivada de *spirare*, aspirar a; significa por conseguinte desejar que uma cousa succeda e ter a esperança que ella succederá. *Esperamos* receber noticias de quem não deixará de mandal-nos; *esperamos* que os juizes nos façam justiça; *esperamos* que o futuro continuará a ser-nos favorável.

Aguardar é estar á espera que o facto succeda. *Aguardo* que dê meio dia para ir almoçar. *Aguardou* o adversario a péfirme.

Os parentes extremos *esperam* que o doente se salvará; os cúpidos *aguardam* que elle morra.

Aguardar também significa *esperar*, com esta diferença porém, que se *espera* o que depende dos outros, e que se *aguarda* o que deve succeder e que por assim dizer depende de nós. O militar que se distingue *espera* ser recompensado, e *aguarda* ter o limite da edado para ser reformado.

Concordamos plenamente com o que do estes vocábulos diz D. José de Lacerda: «*Aguardar* é estar á espera, dando attenção, olhando se succedo ou vem alguma cousa ou pessoa, que deve succeder ou vir, ou se presumo que succederá ou virá. «*Esperar* é ter esperança, aguardar algum bem que se deseja, e se julga que ha-de vir. *Espera-se* o que é feliz ou agradável; «o que se *aguarda* póde se-lo ou não».

Aguas-furtadas, mansarda, trapelra.—*Aguas-furtadas* (de *agua*, cada uma das vertentes do telhado) é o pavimento que tem janellas abertas no telhado ou aguas da casa.

Mansarda (do francez *mansarde*, de *Man-sard*, architecto do século xvi) differe de *aguas-furtadas* em o tecto de estas apresentar interiormente o pendor do telhado, em quanto que o tecto da *mansarda* é horizontal.

Trapelra (do francez *trappe*) é a janella aberta no pendor do telhado para dar entrada ao ar e á luz.

As *aguas-furtadas* são de si incómodas e só habitadas por pobres ou pela eriadagem; não assim a *mansarda* que, nos predios de construcção moderna, são perfeitamente confortáveis. A *trapelra*, como se vê, não é uma habitação, senão uma especie de alçapão praticado no pendor do telhado. Desconhecendo a etymologia de *mansarda* e do *trapelra*, muitos têm empregado estas palavras no sentido de *aguas-furtadas* pobres e miseráveis.

Agudeza, perspicacia, penetração, sagacidade, finura.—Dos trez primeiros vocábulos de este grupo dizem Frei Francisco de S. Luiz, Roquete e Lacerda, estes tomando quasi litteralmente do primeiro: «São vocábulos que exprimem diferentes qualidades da vista corporal e que por translação se applicam á vista intellectual. Quem vê e distingue os objectos mais subltis, mais delicados, tem a *vista aguda*; se conhece intellectivamente as relações mais subltis e delicadas dos objectos, apprehende as diferenças mais miudas, etc., tem *agudeza* de engenho. Quem através da névum ou de qualquer outro obstáculo vê claramente, tem olhos *perspicazes*; se através dos estorvos naturaes ou artificiaes vê claramente a verdade como se nenhum obstáculo a velasse, tem *perspicacia*. A vista que pode penetrar no fundo de um valle ou de uma caverna, e enxergar o que alli se passa, mereço o nome de *penetrante*; pela mesma razão se dirá que é dotado de *penetração* quem vê no interior ou no fundo das cousas, que penetra no mais recôndito dos negocios, e até parece que lê os homems por dentro. Para os assumptos subltis e delicados precisa-se *agudeza*; para os embaraçados *perspicacia*; para os profundos *penetração*».

Segundo a extensão que se dá á palavra *agudeza* esta não se limita a «descobrir as relações mais subltis e mais delicadas dos objectos, nem a apprehender as diferenças mais miudas»; vae mais longe: penetra até ao fundo das cousas, observa-as com exactidão, calcula num instante os seus efeitos e logo os tolhe por meio de um dito ou de uma providencia que os deixa inof-

fensivos ou os destrõe. Não se pode ser polemista se se carece da *agudeza* de engenho necessaria para destruir os prováveis argumentos do antagonista.

A *perspicacia* é, effectivamente, a qualidade de aquelle que rapidamente, num só relancear de olhos, descobre uma coisa occulta, vê a verdade que lhe pretendem dissimular. Mas a *perspicacia* é algo mais; ella prevê o futuro, e desde o momento em que se exerce, vê as contingencias, os resultados, as consequencias das cousas, e até os projectos que medita o adversario ou o inimigo.

Se a *perspicacia* vê o occulto, a *penetração* descobre o obscuro, vae até ao âmago das cousas e não ba dissimulação, segredo, nem mysterio que ella não descende.

Sagacidade vem do latim *sagax*, que se dizia dos cães que tinham delicadeza de olfacto para acabar a caça pelo rasto. A palavra, resentindo-se da etymologia, designa a qualidade especial de descobrir sem esforço o que é confuso, obscuro, emmaranhado. É' pela *sagacidade* que se appreciam, no seu justo valor, as qualidades das pessoas e das cousas, e que se descobre o inerito que se occulto, ou o pensamento que se disfarça.

Finura é um termo genérico com que se designa a habilidade de ver, a facilidade de comprehender, a oportunidade do obrar, a escolha do falar. *Finura* é frequentemente synónimo de velhacaria e de diplomacia.

Agudo, pontagudo.—O que é *agudo* fura e corta: o que é *pontagudo* fura. *Agudo* diz-se com relação á forma e ao effecto; *pontagudo*, só com relação á forma. Um punhal é *agudo* porque fura e corta ao mesmo tempo; se porém não attendermos ao effecto e só quizermos referir-nos á forma, dil-o-emos *pontagudo*. *Agudo* tambem se diz do fio ou gume dos instrumentos cortantes. Com relação aos objectos, *agudo* e *pontagudo* empregam-se quasi indifferentemente, o segundo porém encarece sobre a idéa de *agudo*: um rochedo *agudo* termina em ponta; um rochedo *pontagudo* termina em ponta muito aguda.

Aguentar, sustener, sustentar.—*Aguentar* exprime uma acção momentânea ou de menor duração e tambem de menor emprego de força que *sustener* e *sustentar*, estes verbos exprimindo, o segundo particularmente, uma acção perenne e definitiva: *dois trabalhadores aguentam uma pedra enquanto o pedreiro prepara a cama em que ella ha-de assentar*.

Sustener, propriamente, é ter no ar, manter direito qualquer objecto: *dois anjos sustentam a coroa sobre a cabeça da imagem*.

Sustentar é ter sobre si, manter firme: *o pedestal que sustenta a estatua é de granito*.

Noutra ordem de idéas, *sustener* indica con-

tribuir para o sustento, e *sustentar* prover ao sustento: um irmão *sustem* a irmã cujo rendimento não é sufficiente para ella propria se *sustentar*; *sustenta-a* se provê elle só á sua subsistencia.

Agulhão, estímulo.—*Stimulus* é a palavra latina que significa *agulhão*. Temos pois que *agulhão* e *estímulo* são a mesma palavra, mas no sentido figurado em que aqui as comparamos, a origem latina de *estímulo* dá a este vocábulo a nobreza de que carece *agulhão*. Ora, assim como no sentido proprio, o *agulhão*, instrumento vil, serve para excitar os animaes que caminham lentamente, assim no figurado, *agulhão*, deve dizer-se dos sentimentos que incitam a obrar, quando têm mais de baixo que de nobre. A inveja, a cubia, são *agulhões*. *Estímulo* reserva-se para outros sentimentos: o desejo de ganhar um premio, o amor proprio, a ambição nobre, são *estímulos*.

Agulhoar, estímular, excitar, incitar, animar.—*Agulhoar* exprime a idéa de *excitar* por um meio violento que se compara á dor que o animal sente quando é picado pelo *agulhão*; emprega-se este verbo para exprimir a idéa de *estímular* até ao ponto de decidir a executar, mas esse estímulo tem sempre uma origem baixa, como por exemplo a inveja ou a cubia.

Estímular exprime quasi a mesma idéa que *agulhoar*; é porém palavra latina, e essa origem, tornando-a mais nobre e elevada, tira-lhe a idéa de violencia que desperta o verbo *agulhoar*. *Estímular* é, portanto, despertar a actividade ou lançar em rosto a inactividade, mas sempre com a louvavel idéa de impellir á acção, defazer sabir da apatia.

Excitar (do latim *excitare*, verbo formado do prefixo *ex* e de *cierre*, mover) significa impellir a algum acto com vigor, com energia, despertando os sentimentos que mais podem influir para levar a praticar o que se pretende. Este verbo refere-se melhor aos meios que se empregam do que ao fim a que se tende.

Incitar differe de *excitar* no prefixo *in* que exprime direcção, e por isso este verbo mais se refere ao fim a que se tende do que ao modo de impellir para elle. *Excitar* á rebellião é empregar todos os meios que podem mostrar a rebellião vantajosa ao que se rebella; *incitar* á rebellião, é levar a commetel-a, sem inculcar os meios de que o incitador se vale. Assim, *excitam-se* os sentimentos, as idéas, os desejos; *incita-se* á acção, ao movimento. A relação de uma vilagem *excita* a curiosidade; o exemplo de quem se abalança a uma empreza árdua *incita* a imital-o. Pode-se *excitar* por meios indirectos, por acaso, sem intenção;

para incitar, porém, necessarios são os esforços, a vontade, a energia. Uma narração excita o interesse dos ouvintes; a arenga do general incita a pelejar.

Animar é incutir ânimo, corágem, inspirar ardor para que se continue o que já foi principiado. Este verbo differe de todos os outros de este grupo em estes impellirem a principiar, e *animar* em induzir a continuar.

Aio, preceptor, mestre, professor. — *Aio*, palavra quasi banida actualmente da linguagem, designava a pessoa que estava encarregada da instrução e educação de um jovem fidalgo. Os *aíes* ensinavam as letras e adestravam nas armas. Hoje só se diz da pessoa que superintende na educação dos príncipes e infantas.

Preceptor, palavra com que antigamente se designavam os mestres das ordens militares, veio modernamente substituir o vocábulo *aio*, com esta differença porém, que antigamente só a nobreza tinha *aíes* para seus fillos, emquanto hoje todo aquelle que tem dinheiro se dá o luxo de ter um *preceptor* ou uma *preceptora* encarregados da educação litteraria o social de seus fillos. Desnecessario será acrescentar que o ensino marcial que aos *aíes* competia não entra nas attribuições dos modernos *preceptores*.

Mestre e *professor* têm-se boje por synonymos perfectos, posto que até officialmente se diz *professor primario* e *professor do lyceu*. Em quanto a nós, amantes de dar o seu a seu domo, chamaremos *mestre* ao que cusina instrucção primaria, noções de latim, etc., e *professor* aquelle que communica aos outros noções e conhecimentos exactos sobre determinada materia.

Alioso, elegante, gentil, bonito. — A idéa common a estes adjectivos, quando applicados a pessoas, é a de attribuirem apparencia agradável; differem porém entre si.

Alioso diz-se de quem, aos movimentos graciosos do corpo, allia, ainda que não seja bonita, uma physionomia agradável.

Elegante diz-se da pessoa que tem o corpo bem modelado e veste com primor.

Gentil diz-se da pessoa que a juventude recue elegancia, agrado e boniteza.

Bonito diz-se de aquelle cujas feições agradam.

Aislado, isolado, só, solitario.

Aislado diz-se do lugar que, por uma razão qualquer, não tem communicação com o territorio que o circunda. Quando se estabelecem cordões sanitarios, levam-se para lugares *aislados* os viajantes que vêm do paiz infectado.

Isolado diz-se do que está separado de outro da sua especie, quer pessoa, quer

cousa. Quem vive *isolado* não tem companhia. Uma *árvore isolada* não tem outra perto de si.

Só e *solitario*, falando de logares, despertam a idéa de pouca ou nenhuma frequencia, com esta differença, que *só* se diz do lugar em que actualmente não ha gente, e *solitario* de aquelle a que habitualmente não vae gente e onde nem sequer chega o ruído da gente. Nas horas de calor, os *passieiros* estão *sós*. O *scismador* procura os *sittos solitarios*.

Ajoelhar, fazer uma genuflexão. — *Ajoelhar* é pôr-se de joelhos; *fazer uma genuflexão* é inclinar o corpo levando um ou ambos os joelhos ao chão e erguer-se logo. Os padres *ajoeilham* para rezar deante do altar, e *fazem uma genuflexão* quando passam por diante d'elle.

Ajuda, auxilio, socorro, amparo, protecção. — *Ajuda* é a cooperação momentânea que se presta a alguem, numa circumstancia particular, e que só dura até que o resultado desejado se obtenha. Entende-se que o que necessita *ajuda* não poderia sem ella, levar a cabo o seu intento, a não ser á custa de grandes esforços e de longo tempo.

Auxilio é a cooperação que se presta aquelle que necessitaria fazer grandes esforços para obter por si só o resultado desejado. Ha portanto entre *ajuda* e *auxilio* a differença de este se poder dispensar e aquelle ser indispensavel.

Socorro é a *ajuda* ou o *auxilio* que se dá aquelle que se encontra num caso urgente, numa necessidade apremiante, num perigo imminente.

O *amparo* é propriamente aquillo que impede de caíir. No sentido em que aqui consideramos esta palavra, ella resente-se do sentido proprio, e, consequentemente, o *amparo* é aquillo sem o qual a pessoa não poderia subsistir. Sem o *amparo* dos fillos que trabalham, como poderia subsistir o velho pae enfermo?

Protecção é um vocábulo que, sem exprimir a efficacia dos outros de este grupo, revela uma superioridade de quo elles carecem. A *protecção* defende, cobre; mas não ajuda, não auxilia, não socorre, nem ampara; o que a *protecção* pode fazer, é impedir que se chegue á situação de necessitar *ajuda*, *auxilio*, *socorro* ou *amparo*.

Dos quatro primeiros vocábulos de este grupo diz D. José de Lacerda: «Dá-se *ajuda* ao homem que não pode dar conta do trabalho a que está obrigado, ou para que «o concilia mais fácil e brevemente. Pres-
ta-se *auxilio* aquelle que, sendo já suffi-
cientemente forte, tem conveniencia em
«o ser mais; *socorro* ao que tem menos
«o o sufficiente; *amparo* ao que não tem
«nada. *Ajuda-se* aquelle que por si só não

«pode fazer alguma cousa; *auxilia-se* um «exército para tornar mais poderosa a sua «força. *Socorre-se* uma praça que está sitiada para que não se renda. *Ampara-se* «o infeliz para que não succumba.»

Roquete diz dos dois primeiros vocábulos: «Segundo o académico Francisco «Dias, a palavra *auxilio*, que é latina, *auxilium*, era ignorada ou não usada até ao «princípio do reinado de D. Manuel; a que «a substituiu era a portugueza *ajuda*, como «ainda se vê em Camões, que disse sentenciosamente:

Fraqueza é dar *ajuda* ao mais potente.

(Lus. canto IX).

«Depois que os poetas e escriptores cultos foram alatinando a lingua, foi aquella «admittida com certo ar de nobreza, e esta «ficou no dominio do vulgo; e o mesmo «aconteceu com o verbo *ajudar* relativamente a *auxiliar*, como se vê dos seguintes proverbios em que no uso ordinário se «não pode substituir este áquelle verbo:

Deus *ajuda* aos que trabalham

A quem madruga, Deus *ajuda*.

Mais valio quem Deus *ajuda* que quem muito madruga.

«Dá-se *ajuda* a uma pessoa que está em «baraçada com trabalho que não pode fazer, ou para que o faça mais promptamente. Dá-se *auxilio* ao que já tem meios, forças, etc., e lhe convém ter mais... *Ajudá-se* ao moço applicado; *auxilia-se* ao indústrioso.»

Ajuda de custo, bagaglia, subsídio, subvenção. — A *ajuda de custo* é o abono de dinheiro que em certas circumstancias se dá a algum fuuncionario além do seu vencimento. A *ajuda de custo* que se dá aos empregados que vão em serviço de um ponto a outro do continente do reino chama-se *bagaglia*.

Subsidio é a quantia que se destina ou se concede para um fim determinado, a qual se considera sufficiente para leval-o a effeito. Dão-se *subsídios* aos estudantes de bellas-artes que vão estudar a Roma.

Subvenção é a quantia com que se contribue para os gastos de uma empreza. Os governos dão geralmente *subvenções* ás emprezas constructoras dos caminhos de ferro. O governo *subvenciona* o theatro de S. Carlos.

Ajudante, acolytho. — De aquelle que ajuda o celebrante a dizer a missa se diz que é *acolytho* ou *ajudante* quando não tem ordens ou nenhum grau ecclesiástico. Tendo ordens ou algum grau ecclesiástico se diz ser *acolytho* do celebrante, não *ajudante*. Na linguagem corrente, *ajudante* é aquelle que, sem ter o grau ou a cathogo-

ria do titular, o *ajuda* no seu mistér: ha *ajudantes* de pharmacia, de regimento, de machinista, etc.

Acolytho é termo familiar, e geralmente toma-se á má parte ou diz-se por ironia.

Ajudar, auxiliar, socorrer, amparar. — *Ajudar* é prestar cooperação; *auxiliar* é ajudar em circumstancias árduas; *socorrer* é intentar destruir o mal e remediar a privação; *amparar* é fazer uso da autoridade ou do poder de que se dispõe. *Ajuda-se* no trabalho; *auxilia-se* nos conflictos; *socorre-se* nos perigos; *ampara-se* impedindo que venha o mal que terceiros planeiam.

Quem não tem forças sufficientes para erguer um peso, não pede que o *auxiliem*, nem que o *socorram*, nem que o *amparem*; o que pede é que o *ajudem*.

Quem, fingindo de uma perseguição, desceja que o occultem ou o ajudem a passar a algum ponto, não pede que o *ajudem*, o *socorram* ou o *amparem*; pede só que o *auxiliem*.

Quem, lutando contra a corrente, sente que se afoga, não pede que o *ajudem*, nem que o *auxiliem*, nem que o *amparem*; mas que o *socorram*.

Quem appella ao throno para se livrar de uma injustiça, nem pede que o *ajudem*, nem que o *auxiliem*, nem que o *socorram*; pede que o *amparem*.

Ajudar, coadjuvar. — A idéa commun que estes verbos suggerem é a de forças reunidas; ha porém entre elles a seguinte differença: *coadjuvar* accrescenta á idéa de esforços communs a de projecto ou designio que se tem em vista conjunctamente com a pessoa que se *coadjuva*, om quanto que *ajudar* diz-se de uma co-operação de esforços numa circumstancia qualquer, sem indicar que se tenha em vista um fim determinado. Temos obrigação de nos *ajudarmos* uns aos outros. *Coadjuvamos* os nossos socios.

V. tambem **Ajuda**.

Ajuntar, unir, reunir, ligar, colligir. — *Ajuntar* é approximar uma coisa a outra, ou pôr varias cousas *juntas*; este verbo não indica se se estabelece contacto entre as cousas que se *ajuntam* ou se sómente se lhes dá proximidade; o que porém elle indica claramente é que as pessoas ou cousas que se *juntam* continuam a considerar-se cada uma de per si e não formando um todo indiviso. Não é portanto correcto o dizer que Fulano *ajuntou* pouco a pouco um conto de réis; neste caso é o verbo *reunir* que exprime perfectamente a idéa.

Unir é ajuntar duas ou mais cousas de modo que fiquem formando um todo physico ou moral; o que está *unido* é considera-

do como formando uma união estável, difficil de se desagregar. O anarchismo pretende que o homem *se junte* á mulher, não que se lbe *una* pelo matrimonio.

Reunir, devido ao prefixo *re*, suggere a idéa de difficuldade ou de força, seja porque as pessoas ou cousas que se pretende juntar estejam disseminadas ou distantes, seja por serem em grande número. Em todo o caso ha em *reunir* a idéa de uma causa precedente: necessidade, ordem, lei, conveniencia, etc.

Reunir, por outro lado, não encerra a idéa de indivisibilidade que existe em *unir*; o que se *reune* forma um todo, mas sem unicidade: é um todo colectivo. Os homens *ajuntam-se* formando multidão; *unem-se* para cooperar; *reunem-se* para deliberar.

Ligar, no sentido em que consideramos esta palavra como synónimo das outras de este grupo, não encerra precisamente a idéa das cousas ou das pessoas estarem jntas, mas sim a de que ha uma terceira cousa, material ou moral, que as *liga*. Uma ponte *liga* as duas margens de rio. Um juramento *liga* os membros de certas sociedades.

Colligir é ajuntar cousas com criterio e escolha.

Ajuste, contrato.—Não ha *contrato* sem *ajuste* prealável; pode porém haver *ajuste* sem ulteriormente haver *contrato*.

O *ajuste* é o debate das condições; o *contrato* é o exarado das mutuas obrigações.

V. também **apreciar**.

Ala, fileira, fila, renque.—Cada uma das duas longas *filas* que, voltadas de frente uma para a outra, estão separadas por um espaço, é uma *ala*.

Fileira é a serie de pessoas ou de cousas postas umas atrás das outras, tendo a frente voltada para o mesmo lado.

Fila é a serie de pessoas ou de cousas postas uma ao lado da outra com a frente voltada para o mesmo lado.

Renque é uma serie de cousas ou de pessoas postas em linha.

Atagado, inundado.—O terreno *inundado* entende-se que é mais elevado que a corrente que, na occasião do uma cheia, o *inunda*.

O terreno *atagado* differe do *inundado* em este, por ter escoamento, ficando em secco á medida que diminue a cheia da corrente que causou a inundação; em quanto que o *atagado*, carecendo de escoamento, por estar mais baixo que o terreno que o circunda, permanecerá coberto de agua em quanto durar a infiltração e a evaporação.

Quando uma campina é *inundada*, as partes mais baixas de ella permanecem *atagadas* depois de cessar a inundação.

Alameda, alléa, avenida.—A idéa commum a estes vocábulos é a de rua orlada de árvores. *Alameda* não é palavra derivada directamente de *álamo*, mas do hespanhol *alameda* que, particularmente nas povoações da Andaluzia, designa a parte central das ruas muito largas, parte que, plantada de renques de *álamos*, serve de passeio aos habitantes. Em portuguez, *alameda*, não implica precisamente a idéa do *álamo*, pois ha *alamedas* de acácias, de eucalyptos, de chorões, e no jardim botânico de Coimbra ha a célebre *alameda* das tilias.

Alameda differe de *alléa* em esta suppor só dois renques de árvores, e aquella dois ou mais renques. *Alléa* também se diz das ruas dos jardins, parques, etc.

Avenida é o caminho ou rua, orlado ou não de árvores, que conduz a um logar. Ao construir uma ponte fazem-se as *avenidas* que lhe dão accesso.

Alamia, franja, cadilho.—*Franja* é o termo genérico; *alamia* só se diz da *franja* do jaez; *cadilho* é cada um dos fios de qualquer *franja*. No plural, *cadilhos*, diz-se do conjunto dos fios que formam a *franja*, mas não da *franja* propriamente dita, porque esta compõe-se não só dos *cadilhos* senão também da orla de que pendem.

Alar, tear.—*Alar* (do castelhano *halar*, mesma significação que em portuguez, e não do francez *haler*, puxar á sirga) é a acção de elevar um objecto por meio de cabos até que, chegado a certa altura, se lhe possa fazer tomar outra direcção. Uma faldia carregada de pipas acosta-se ao navio desde o qual as *alam* para as pôr no convés.

Içar é elevar por meio de cordas até ao alto de alguma cousa; os navios de guerra *izam* a bandeira ás oito boras da manhã.

Alarde, ostentação.—Não se pode fazer *ostentação* de cousa que se não possua; faz-se porém *alarde* de aquillo que não se tem como de aquillo que se possui. *Ostentação* só se diz do que é tangivel ou do que se vê; *alarde* diz-se não só do que tem essa condição, senão também do que é ideal. Faz-se *ostentação* ou *alarde* de forças, provando que se possuem; faz-se *ostentação* ou *alarde* das riquezas que se mostram. Faz-se *alarde*, mas não *ostentação* de serviços, de méritos, etc.

Alarido, gritaria, ceileuma, berreiro.—Dos trez primeiros vocábulos de este grupo diz D. José de Lacerda: «*Gritaria* designa multidão de gritos ou vozes em confusão e descompassadas. *Alarido*, conforme a origem árabe, significa o clamor que se levantava ao travar a peleja. Por extensão designa as vozerias dos que se travam de razões, contendem on

«bulliam, e também as vozes lastimosas das que prantelam, ou se amesquinham. «*Celeuma*, segundo a origem grega, designa «certo canto ou cantilena cadenciosa que «os marujos e outros operários entoam «quando trabalhavam para se animarem mutuamente, e compassarem com as vozes «as forças que empregam na manobra, etc. «Por extensão dá-se o nome de *celeuma* à «vozeria, grita ou alarido».

Na linguagem corrente, *alarido* suppõe um motivo do quoixa ou causa fundada; *celeuma*, a divergencia de opiniões ou o emhato de interesses; *gritaria*, a confusão; *berreiro*, a prolongada repetição do mesmo grito ou berro quer sala de uma só, quer de muitas bocas confusamente.

Alarme, rebate.—*Alarme* diz-se do grito ou gritos que se soltam para annunciar um perigo.

Rebate, diz-se do toque de sinos com que se convoca o povo para defender-se quando sobrem um perigo. O *rebate* sempre encerra a idéa de defesa; o *alarme*, a de defesa ou a de instigar á fuga.

Alarme, temor, medo, susto, terror, espanto, pânico.—A idéa commum a estes substantivos é a do sentimento ou sensação penosa que nos assalta quando um perigo sobrem.

Alarme, no sentido proprio da palavra, é a confusão e gritaria que se manifesta num acampamento ou praça de guerra á aproximação, real ou supposta, do inimigo. Figuradamente, emprega-se este vocabulo para designar a perturbação que a aproximação, real ou supposta, do um perigo, derrama no espirito, e também a inquietação de todos os momentos que nos agita quando presumimos quo um perigo nos ameaça.

Emprega-se esta palavra com muita propriedade quando nos referimos á previsão de acontecimentos muito desagradáveis cuja vinda temos por certa e próxima, ignorando porém quanto tempo nos separa ainda d'elles.

O *temor* é o estado do espirito perturbado pela apprehensão de um perigo ou de um mal que certos indícios nos levam a julgar não só possível mas até provável.

Medo é termo genérico, não porque resume em si a idéa dos outros termos de este grupo senão pelo muito uso que indistinctamente se faz de esta palavra. Particularmente, porém, o *medo* é um sobresalto violento e repentino que nos leva ao *temor*, e que nos induz a evitar aquillo que julgamos nos ba-de ser pernicioso. O *medo* distingue-se do *temor* em este ser um producto da razão e até certo ponto da vontade; em quanto que aquelle é um sentimento irresistivel e espontâneo que nos assalta sem querermos, e que conservamos contra nos-

sa vontade. Por isso se diz que temos o *temor* de Deus e não o *medo* de Deus; que temos *medo* dos cães damnados, mas não *temor* dos cães damnados.

Susto é uma especie de *medo* que nos deixa como suspensos durante os primelros instantes. A causa do *medo* é determinada; a do *susto* não o é geralmente. Por outro lado o *medo* é mais ou menos prolongado, o *susto* dura pouco. Causa *medo* aquillo que vomos ou que podemos determinar; *assustar-nos* o quo não podemos dfinir. O *susto* differença-se do *medo* em este nos levar a fugir do objecto que o causa, enquanto que o *susto* nos deixa como suspensos; quando o *susto* assalta o homem, este pára repentina o inconscientemente,

Terror é um termo que mais se refere á causa do sentimento que ao proprio sentimento; por isso se diz que os baididos espalham o *terror* por onde andam; foi o *terror* dos francezes que occasionou a grande hecatombe da poute de barcas do Porto. *Terror* (do latim *terrere*, fazer tremer) applica-se aos perigos ou males que julgamos irresistíveis e contra os quaes é inútil qualquer luta.

Espanto é uma forte impressão causada por cousa que sobrem inesperada e repentinamente; o *espanto* pode deixar-nos paralisados como o *susto*, ou impellir-nos a uma fuga insensata como o *medo*.

Pânico é propriamente um adjectivo que qualifica o substantivo *terror*; é porém frequente dizer-se indifferenteemente o *pânico* ou o *terror pânico*, para exprimir ou o grande *terror* que se apodera de alguem á vista de um caso espantoso, ou o *terror* infundado que assalta a muitas pessoas. Propriamente só se diz neste último sentido.

Na cidade em cujos contornos a peste faz muitas victimas reina o *alarme*; o *temor* de sermos assaltados de essa peste nos leva a evitar a comunicação com as pessoas provenientes das localidades impetadas. O *medo* da peste lova-nos a fugir da cidade; e se qualquer incómodo que julgamos ser symptoma de essa peste sobrem aos quo nos cercam, colhe-nos o *susto*. Essa peste espalha o *terror* por toda a parte; e, so ella sobrem inesperadamente, é o *espanto* que nos domina. A supposta existencia de uma terrivel peste espalha o *pânico* no público.

V. também no artigo *Medo*.

Alastradello, rastello.—Falando de plantas, *rastello* se diz dos vegetaes cuja rama se estende pelo solo; *alastradello*, de aquellas cuja rama reproduz novos individuos: a aboboreira é planta *rasteira*; o morangueiro é planta *alastradeira*.

Albergaria, albergue, guarida.—*Albergaria* era o nome da dependencia dos mosteiros destinada a hospedar

os transeuntes, particularmente os pobres que iam de viagem. Certos estabelecimentos de caridade ainda bojo têm *albergarias* destinadas ao mesmo fim.

Albergue é propriamente a casa onde se hospeda aquelle que está fóra da sua terra, quer seja pagando, quer devido a mera hospitalidade.

Guarda é o local onde se encontra abrigado contra a intemperie ou contra a perseguição.

De *albergue* e *guarda* diz D. José do Lacerda: «*Guarda* é lugar de refugio para «livrar-se de damno ou perigo. *Albergue* «é paragem onde se acha resguardo, e offerece algumas commodidades aos que a «elle se acolhem. *Guarda* como que indica certo segredo; *albergue* certo gasalhado. A *guarda* excita alguma desconfiança. O *albergue* é hospitaleiro. Uma casa «abandonada pode ser *guarda*; porém é «*albergue* o convento habitado.»

Albescente, alvacento, alvadio. — *Albescente* diz-se do aquillo que se está tornando branco. Qualquer superficie que parece ter tido originariamente outra cor e tende emfim a ser branca, é *albescente*.

Alvacento é a cor fixa que tira para branco.

Alvadio diz-se da cor intermédia á cor branca e á cinzenta.

Alborque, troca. — Estes dois termos não são synónimos; occorro porém comparal-os aqui em virtude da errada definição que de *alborque* é dada nos dictionarios. O CONTEMPORANEO, define esta palavra: «s. m. fam. Escambo, permutação, troca.» No mesmo erro tinham dado os dictionaristas antecessores e nelle deram os posteriores.

Alborque (do hespanhol *alboroque*) é o presente que o comprador ou o vendedor, ou ambos juntamente, fazem aos que intervêm numa venda ou *troca*.

Albufeira, lagoa. — O lago que existe dovido ás marés ou ás infiltrações do mar é uma *albufeira*.

Lagoa é o lago pequeno que dove a sua origem a qualquer causa que não seja a enchente do mar. Não pode haver *albufeiras* senão perto do mar; *lagoas* ba-as até na Serra da Estrella.

Alcáçar ou alcácer, palacio, paço. — *Alcáçar* era propriamente o palacio afortalezado onde os reis ou governadores faziam residencia. Em poesia diz-se dos actuaes paços dos monarchas.

Palacio diz-se de qualquer edificio grandioso, disposto para habitação ou para outro fim.

Paço, contracção de *palacio*, só so diz

das residencias das pessoas reaes, das dos bispos, e dos governadores ou vice-reis das colonias. No plural, é a denominação da casa da camara municipal de algumas cidades ou villas importantes: os **paços do concelho**.

Alçada, competencia. attribuições. — Tal cousa não é da nossa *alçada*, porque depende de juizo superior.

Tal cousa não é da nossa *competencia* por estarmos encarregados de cousas diferentes, superiores em todo o caso áquella que nos apresentam.

Tal cousa não entra uas nossas *attribuições* porque no número das nossas obrigações não se comprehende o caso que nos apresentam.

Alçado, plano. — O *alçado* de uma construção é o seu traçado vertical, isto é, o seu prospecto ou frontispicio. O *plano* é o traçado horizontal, a sua disposição interior.

Alcançar, conseguir, obter, lograr. — *Alcançar* suggere a idéa de *obter* por meio de pedidos, rogos, supplicas.

Conseguir é *obter* por meio de diligencia, mérito ou saber.

Obter é um termo genérico que não desperta idéa nenhuma accessoria.

Lograr é *obter* mais por meio da sorte que pelo dos pedidos ou do mérito, entendendo-se porém que pômos da nossa parte tudo o que pudemos; Colombo **logrou** descobrir a América.

Alcança quem pede; *consegue* quem procura ou quem merece; *obtem* quem deseja; *logra* quem é favorecido pela sorte.

De *obter* e *conseguir* diz Roquette: «*Obter* «é alcançar uma cousa que se pretende, ou «deseja, ou nos é grata. *Conseguir* é alcançar o que se diligenciava, e após de que se andava. *Obtem-se* cargos, dignidades, «favores, attentções, etc., tudo o que nos é «bonroso, útil, agradável; e se *obtem* de «eguaes, de superiores, de inferiores. *Consegue-se* o que com diligencia e perseverança se busca ou se pretende.»

Merece citar-se tambem o que de *alcançar*, *conseguir* e *lograr* diz D. José de Lacerda: «*Alcançar* é o resultado das supplicas, e traz consigo a idéa de graça. *Conseguir* é o resultado da nossa diligencia, e traz consigo a idéa do mérito do que consegue. *Alcança* o que pede; *consegue* o que merece. *Lograr* indica o termo do desejo sem relação aos meios para isso empregados.»

Alcançar, chegar. — *Alcançar* denota esforço; *chegar* designa o facto. Os náufagos *alcançaram* a praia depois de mil perigos, mas quando lá *chegaram* encontraram quem os agasalhasse.

Noutra ordem de idéas, porém, *alcançar* diz-se da possibilidade, da capacidade, da força de effectuar. *Chegar* diz-se do proprio facto. A artilharia moderna *alcança* a grandes distancias, isto é, tem força para fazer *chegar* balas a grande distancia. As halas não *chegavam* á fortaleza. Por não poder *alcançar* um ramo, temos de subir a um hanco para lhe *chegar* com a mão.

Um homem *chega* a idade avançada; não *alcança* porém a de seu pae, se este viveu mais annos do que elle.

Ha tambem a notar que o verbo *alcançar* se emprega frequentemente com a preposição *a*; ex.: o revolver *alcança* a cincoenta metros; o meu peculio não *alcança* a tão grande empresa. Isto dá-se quando o movimento se faz em sentido horizontal, ou quando ha nesse verbo idéa de extensão ou quantidade.

Alcance, desfalque, irregularidade. — *Alcance* é o facto de quem maneja fundos alheios não apresentar cabalmente a quantia que segundo as suas contas deve ter em caixa. O *alcance* pode demonstrar a falta de pericia do alcançado, não porém a sua deshonra.

Desfalque é o *alcance* fraudulento, devlido a malversação dos fundos que se manejam.

Quando o *desfalque* é commettido nos dinheiros do Estado, de alguma corporação, ou mesmo do algum particular, baptiza-se actualmente com o nome de *irregularidade*, afim de não offender a honra do ladrão, se este é da cathegoria das chamadas *pe-soas decentes*.

Alcance, calibre. — *Alcance* é a distancia a que uma peça de artilharia, e, em geral, qualquer arma de fogo, pode arrojear os projecteis.

Calibre é o diâmetro da bôca das peças de artilharia, e, extensivamente, dos projecteis das armas de fogo.

Alcantil, despenhadeiro, ribancelra. — A idéa commum a estes substantivos é a de rocha, ou vertente, de considerável pendor.

Alcantil é a vertente talhada a pique, ou quasi a pique, vista do frente ou desde baixo; a hase do alcantil mergulha no mar ou é banhada por corrente impetuosa.

Despenhadeiro é a vertente ou precipicio considerado, não com relação ao pendor, senão relativamente á profundidade a que está a hase, e ao perigo a que se expõem os que transitam próximo da sua beira.

Ribancelra considera a vertente como tendo pendor considerável, não tanto como o do *alcantil*, o tendo a base regada ou não por corrente.

Alçar, erguer, clevar, levan-

tar. — *Alçar* presume um estado natural ou habitual que momentaneamente se deixa por outro mais alto; *alçar* os olhos ao céu; *alçar* os hombros; *alçar* a perna; *alçar* a voz.

Erguer supõe que se volta ao estado habitual depois do ter occupado outro inferior, ou que se toma a altura ou a posição conveniente; esquecem-se as humilhações e *ergue-se* a cabeça quando se toma uma resolução definitiva. Para que não lhe devassassem o quintal mandou *erguer* o muro. *Ergue-se* o que está cahido.

Elevar, alem da accepção de dar maior altura, tem a de dar existência ou estado, e é neste sentido que consideramos este verbo, o qual não só se refere á cousa que é *elevada* senão tambem ao que a cerca. Dizendo que no Rocío *eleva-se* a estatua de D. Pedro IV, não só ahamos a idéa da estatua, mas tambem a do lugar em que ella está. Se dissermos que um rei *eleva* uma dama até ao thálamo real, não só consideramos a situação de essa dama, mas tambem a inferior situação em que ficam as outras damas.

Levantar, é o termo genérico; não só se refere á altura, senão á mudança de posição; *levanta-se* o que está cahido; *levanta-se* o que de uma posição inferior passa a outra superior.

D. José de Lacerda, copiando quasi literalmente de Roquete, diz do estes vocábulos:

«Comecemos por *levantar*, que é o género em que os outros entram como especíes. *Levantar* é pôr em alto ou ao alto, «fazer subir, etc. *Alçar* é levantar o que «está cahido ou acima da sua posição ordinaria. *Erguer* é levantar pondo em pé, «fazendo crescer para cima, como um edificio. *Elevar* é levantar a um lugar alto, «exaltar a dignidade, etc.»

Alçar, suspender. — *Alçar* é fazer cessar o que já está em vigor; *suspender* tem não só o sentido de *alçar*, senão tambem o de differir a execução. *Alça-se* a pena que soffre o réo; *suspende-se* a execução da sentença.

Alcatêa, bando. — *Alcatêa* é o termo com que se designa uma multidão de lhos. Extensivamente diz-se de uma reunião do gente de má nota.

Bando é uma reunião do gente, sem nenhuma idéa accessoria, favorável ou desfavorável: um *bando* de estudantes; um *bando* de ladrões.

Alcatifa, alfombra, tapete, tapeçaria. — Dos trez primeiros vocábulos é *alcatifa* que tem significação mais nobre, *alfombra* a mais exacta, *tapete*, a mais extensa.

Alcatifa é o tecido rico, de côres varie-

gadas, mas agradáveis, espesso, confortável, que cobre todo o pavimento de uma habitação, e está fixo nelle.

Alfombra é o tapete de maiores ou menores dimensões, feito de uma só peça, que cobre o pavimento, ou parte d'elle, podendo estar ou não fixo no chão.

Tapete é o termo genérico, que tanto designa o estofo da alfombra ou da alcatisa como esses proprios objectos. Ha tapetes de escada, de corredor, de descer da cama, de mesa, de sala, etc

Tapetaria além de ser um termo colectivo com que se designa um conjunto de tapetes, alcatisas, etc., tem a significação especial de pano de armação que serve para cobrir as paredes. Os panos de Arrás são *tapetarias* de muito valor artistico.

Alcavala, portágem. — A *portágem* paga-se por passar em caminhos públicos; a *alcavala* pagava-se nos caminhos particulares, pelos quaes os donos, mediante retribuição, deixavam circular.

Alcavala era tambem o nome de certos direitos ou tributos, hoje ainda existentes sob outra denominação; pagava-se *alcavala* pelas fazendas ou gado que se possuia; quem vendia uma propriedade pagava *alcavala* do dinheiro que recebia.

Alcova; celra. — São objectos feitos, um e outro, de esparto ou de junco. A *celra* é geralmente redonda, e sem azas. A *alcova* é de varios feitos, mas sempre tem azas. Os figos seccos vêm do Algarve em *celras*. No Alentejo vae-se ao mercado levando *alcovas* para metter a compra.

Alcool, espirito de vinho. — O producto da destillação do vinho, quando alcança uma determinada força, chama-se indifferentemente *espirito de vinho* ou *alcohol*. Quando o liquido provém da destillação de outros licores, não se lhe pode applicar senão o nome de *alcohol*. Ha *alcooes* de cereaes.

Alcoolismo, delirio tremens. — As doencas provenientes do abuso, ou tão só do prolongado uso de hebidas alcoolicas, têm o nome commum de *alcoholismo*. O *delirio tremens* é uma das especies do *alcoholismo*; manifesta-se na aberração das idéas e no tremor dos membros.

Alcouce, lupanar, prostíbulo, bordel. — Estes quatro vocábulos empregam-se indistinctamente para designar as casas publicas de prostituição; cada um d'elles tem porém a sua significação particular.

Alcouce é a casa onde se dão cômodos ás parellhas que procuram ter commercio. A maior parte das casas que nas cidades

se intitulam «*hoteis para pernoular*» são *alcouces*.

Lupanar (do latim *lupa*, meretriz) é a casa onde residem meretrizes. Emprega-se esta palavra de preferencia ás outras quando faz referencia á moralidade dos homens que frequentam habitualmente essas casas: *frequentador de lupanares*.

Prostíbulo (do latim *prostibula*, meretriz das ruas) é o *lupanar* considerado como o logar da degradação da mulher: *amarrada pela sorte ao prostíbulo*.

Bordel é termo francez introduzido na lingua portugueza, e o menos usado dos de este grupo. Designa a casa de prostituição, considerando-a desde o ponto de vista das orgias que nella se fazem.

Alcoucelra, alcoviteira, proxeneta. — A *alcoucelra* é a dona da casa onde se encontram cômodos para commercio illicito. A *alcoviteira* é a mulher, *alcoucelra* ou não, que serve de intermediação para a realização de esse commercio. *Proxeneta* é a palavra grega com que se designa a *alcoviteira*.

Alcunha, apodo, cognome, sobrenome, nome, appellido, prenome. — *Alcunha* é o nome que se põe a alguém tomando-o nos seus defeitos ou particularidades. As *alcunhas* não se transmitem aos descendentes do individuo *alcunhado*. Os do partido contrario puzeram ao administrador a *alcunha* «do Torto» por ter um pequeno defeito nos olhos. Esta palavra não tinha antigamente idéa offensiva: Duarte Nunes de Leão diz que ficou a D. João I por *alcunha* «o rei de boa memoria».

Apodo é o mesmo que *alcunha*; é porém palavra mais usada em castelhano, de cuja lingua foi tomada, que em portuguez.

Cognome é o epitheto que se junta ao nome de alguém para tornar saliente a sua qualidade mais notável; D. Fernando I foi *cognominado* «o Formoso».

Sobrenome é o nome que se intercala entre o nome de baptismo e o de familia.

Nome é a designação especial de cada individuo do uma familia, vulgarmente chamado *nome de baptismo*.

Appellido é o nome commum a todos os individuos de uma familia.

As palavras *nome* e *appellido* não estão sufficientemente determinadas entre nós; dizemos, por exemplo, que uma creança chamada *Alfredo* tem um bonito *nome*, e tambem dizemos que os Gamas, os Castros, os Almeidas são *nomes* que se illustraram na India. Diz-se *illustrar o seu nome*, e não: *illustrar o seu appellido*. Ora, na comprehensão vulgar, *nome* é a designação recebida no registro civil ou no baptismo; *appellido*, a denominação commum aos membros da mesma familia. Se o auctor

do *Eurico* illustrou o seu nome, não podemos dizer o *illustre Hercúano*; e se formos dizer o *illustre Alexandre*, não parecerá que nos referimos ao conquistador macodouio?

Esta anomalia é devida à Irregularidade que ainda hoje se nota em Portugal na hereditariedade dos nomes; individuo ha, chamado Costa, que sendo filho de um Abreu, tem um filho chamado Mello. No nosso entender eis ahi uma familia sem nome; cada individuo d'ella tem apenas um *appellido*.

Evitaríamos toda a confusão quo de aqui provem definindo;

Prenome, o nome que distingue cada membro de uma familia; é-lhe dado no registo civil ou no que o possa supprir.

Nome, designação commun a todos os membros de uma familia.

Appellido, o nome particular a uma linhagem dentro de uma familia.

Aldeão, rústico, grosseiro. — A idéa commun a estes adjectivos é a de falta de polidez.

Aldeão diz-se do que é da aldeia ou do campo; *rústico* do que carece da polidez vulgar nas cidades; *grosseiro* do que não é fino.

Grosseiro, suggera a idéa de desagradável; não assim os outros dois adjectivos. As maneiras **grosseiras** ferem a susceptibilidade das pessoas bem educadas. O *piano grosseiro* não é apresentável. O *homem grosseiro* offende, sabendo o que faz; o *homem rústico* offende por ignorancia.

Aldeão é um adjectivo que se applica em opposição a *urbano* ou *da cidade*, e como tal é extensivo a quanto é peculiar à *aldeia*.

Na comida *aldeã* não ha requintes de delicadeza, mas essa comida é sã e até agradável. As senhoras *aldeãs* salientam-se numa roda de damas da corte; têm porém sufficiente educação para não serem **rústicas** nem se tornarem **grosseiras**.

Comparando *grosseiro* com *rústico* diz Roquette, carregando a fundo neste último adjectivo: «O *grosseiro* tem maneiras desagradáveis, desgosta muito; o *rústico* as tem tão molestas o repugnantes que é, «por assim dizer, o joguete dos que assistam a qualquer reunião... Evita-se tratar com o *grosseiro*; ninguém devo nunca reunir-se com o *rústico*.»

Não é maior a caridade de Lacerda com os pobres dos *rústicos*: «E' *grosseiro*,» diz elle, «o homem que se ha inclivilmente praticando acções desagradáveis, que motiva desgosto ás pessoas quo as observam, «ou a quem de qualquer modo se referem. «E' *rústico* o homem que procede do modo que offende, não só as práticas da polidez «da boa sociedade, mas também falta ao «decoro que lhe é devido, havendo-se do «modo repugnante.»

Aldeia, logar, logarejo. — A povoação formada por um pequeno número de casas rústicas próximas umas das outras é *logarejo*. Por extensão, e em scutido deprimente, chama-se *logarejo* á povoação relativamente grande que carece de certas cousas que devera ter, particularmente commodidades e illustração.

Aldeia é a denominação estabelecida para designar as povoações que nem são cidades nem villas. Este termo porém só se applica pela generalidade ás povoações que nessas condições carecem de egreja parochial; tendo-a dá-se-lhes communmente o nome de *logar*, e também o de *freguezia*. Esta última denominação é porém impropria, porque a *freguezia* não está geralmente circumscripta á agglomeração das casas do *logar*, senão que se estende por determinado espaço de territorio em que ha *logarejos* e casas isoladas.

Alcatorio, eventual, fortuito.

—*Alcatorio* é termo juridico; applica-se a disposições que se tomam para o caso de dar-se uma circumstancia possível, mas não provável.

Eventual diz-se do que é subordinado a cousas possíveis, prováveis até, mas não seguras.

Fortuito diz-se do que succede inopinada e casualmente.

A faz com B o contrato de o tomar por genro so a sorte grande sahir a este último; é um *contrato alcatorio*.

A receita das Alfândegas, dependendo do quo de fora do reino se suppõe ha-de vir, é *receita eventual*, pois os cálculos podem fallir.

O encontro inesperado de dois amigos que no estrangeiro esbarram um contra o outro ao dobrar uma esquina, é um *caso fortuito*.

Alcgre, jovial, folgazão, prazenteiro. — *Alcgre* diz-se da pessoa que demonstra prazer ao vêr o seu desejo real-

izado ou prestes a realizar-se, ou que, lovando uma vida exempta de contrariedades, mostra sempre o seu contentamento, tanto no semblante como na convivencia.

Jovial diz-se da pessoa que está sempre prompta para a alegria, sempre disposta a rir o a manifestar contentamento: é-se *jovial* de carácter; está-se *alcgre* quando tudo corre á medida dos nossos desejos.

Folgazão, que communmente se confunde com *jovial* e *alcgre*, deve exclusivamente applicar-se ás pessoas que abandonam qualquer dever para entregar-se á *alegria* ruidosa, ao divertimento. Ser *folgazão* é proprio da juventude, não da idade madura, idade em que cabe perfeitamente ser *jovial* ou estar *alcgre*.

Prazenteiro diz-se melhor do carácter que da pessoa. A physionomia *prazenteira*

demonstra o prazer que se sente. *Conhecemos que não vimos fora de propósito quando em casa alheia somos recebidos com cara prazenteira.*

Alegre, vistoso, claro, loução, víçoso. — E' alegre o lugar em quo o espirito não só não se sente inclinado à tristeza, senão que é movido à alegria.

Vistoso diz-se do que, por uma circumstancia qualquer, dá ua vista de quem olha do exterior ou a distancia.

Claro é apenas o autônimo de *escuro*.

Uma casa é **alegre** não só pela claridade que nella entra, sendo também pela vista que de ella se disfructa e por sua disposição interior; **apesar de alegre** pode não ser **vistoso**, seja por causa do seu aspecto exterior, seja pela sua posição não permittir que se aviste desde certa distancia.

Loução diz-se do lugar em que ha verdura e muita claridade, e quo devido a isso move a alegria. Falando de pessoas, diz-se de aquellas que em todo o exterior, expressão e trajo, revelam alegria.

Viçoso refere-se apenas á frescura e força da vegetação.

Alegria, contentamento, ledice, júbilo, exultação, regozijo.

— Roquete, comparando *alegria* e *contentamento* diz:

«O *contentamento* é uma situação agradável do ânimo, causada, ou pelo bem que se possui, ou pelo gosto que se logra, ou pela satisfação do que se goza. Quando o *contentamento* se manifesta exteriormente nas acções e palavras, é *alegria*. «Pode uma pessoa estar *contente* e não *alegre*; *alegre* e não *contente*. Pode fingir-se *alegria* porque é demonstração exterior, e pertence á imaginação; não assim o *contentamento*, que é affecto interior e pertence principalmente ao juizo e á reflexão. Diríamos quo o *contentamento* é «philosophico, a *alegria* poetica; aquelle «suppõe egualdade o socego do ânimo, «tranquillidade de consciencia; conduz á «felicidade e sempre a acompanha; ao «contrario esta é desigual, bulicosa e até «immoderada, quiza louca, em seus transportes; muitas vezes prescinde da consciencia, ou é surda a seus gritos, porque «na embriaguez do espirito se deixa arrastar da força do prazer; não é a felicidade, «nem a ella conduz, nem a acompanha. «O homem *alegre* nem sempre é feliz; muitos ha que sem mostrarem *alegria* gozam «de felicidade. Um fausto successo, que interessa a toda uma nação, celebra-se com «festas e regozijos, *alegra* ao público, e «produz *contentamento* no ânimo dos «que foram causa d'elle. — Antes que o ardeinte licor, que dá *alegria*, fizesse seu «effeito no Mouro de Moçambique, já elle estava mui *contente* pelo acolhimento que

«lhe fazia o Gama, e muito mais pelo regalo «com que o tratava, como diz o nosso poeta:

«Tudo o Mouro, *contente*, lem recebe,
«E muito mais *contente* come e bebe.»

De estes dois vocábulos, o dos restantes de este grupo, diz D. José de Lacerda:

«*Alegria* é o *contentamento* manifestado exteriormente por palavras ou acções. «*Contentamento* é o estado agradável do «ânimo pela satisfação de que gozamos. «Pode fingir-se a *alegria*, porque é demonstração exterior; mas não o *contentamento*, «porque é affecto interior.

«*Ledice* é a *alegria* suave e tranquillã.

«Pelo contrario, o *júbilo* é mais vivo do que a *alegria*, e se patetela por via de «aclamações estrepitosas.

«*Exultação* é o último grau da *alegria*, «que, não cabendo no coração, prorompe «em brados, saltos, etc.

«Em fim, o *regozijo* é a continuação das «demonstrações do *júbilo* e da *exultação*».

Expostas as opiniões dos principaes synonymistas que até hoje tivemos, diremos o que nos suggerer a consideração dos vocábulos *alegria* o *júbilo* que convem comparar separadamente pela circumstancia de a miudo serem confundidos.

O *júbilo* é o estado do espirito muito agradávelemte impressionado; é interior e passivo, enquanto a *alegria*, é exterior e activa; aquelle concentra-se; esta necessita expansão. Commummente se ouve dizer indifferenteemente: gritos de *júbilo* ou gritos de *alegria*; a primeira de essas expressões témol-a por impropria, pois a construção do verbo *rejubilar* mostra bem claramente quão interno é o sentimento chamado *júbilo*, e em appoio da nossa opinião vem o proprio uso de dizer-se: *alegria* communicativa, *comunicar a alegria a alguém*, sem quo jamais se diga *júbilo* communicativo, nem *comunicar o júbilo a alguém*.

Ha portanto entre *júbilo* e *contentamento* maior relação que entre *júbilo* e *alegria*, e em vez do quo de essa palavra disse Lacerda, diremos nós o seguinte:

O *júbilo* é sentimento; não expressão do sentimento; comparando-o com *contentamento* diremos que é uma especie de *contentamento* extraordinario, pois este último sentimento qualquer circumstancia o desperta, enquanto que o *júbilo* só um facto extraordinario o pode occasionar.

Alvejado, leso, côxo. — *Alvejado* é termo generico que se diz de toda a pessoa que tem qualquer deformidade natural, ou accidental, mas permanente, num membro ou em parte de elle.

Lesado se diz da pessoa que não tem o livre exercicio de um membro que não é apparentemente defeituoso.

Côro denota o estado permanente ou momentâneo em que não se tem o livre exercício do andar. Pôde-se ser *côro* sem ser *aleijado*, mas, geralmente, não se é *aleijado* das pernas ou dos pés sem ser *côro*.

Aleivosia, traição, perfidia, deslealdade, infidelidade.—Principiemos pelo último dos vocábulos de este grupo para seguir na ordem ascendente das suas significações.

Infidelidade é o acto de aquelle que falta à fé promettida; que abandona a pessoa ou o partido a que promettera fiar adherido; que não preservara nas promessas de fidelidade que fizera, mas sem que nesta palavra se revele a idéa da pessoa *infiel* proceder em contra de quem ou em contra do aquillo a que cessou do permanecer fiel.

A *infidelidade* da esposa consiste apenas no facto do adulterio. A *infidelidade* do conspirador consiste em abandonar o partido que contava com o seu concurso, sem porém o trahir ou revelar a sua existência.

Deslealdade, dizem Lacerda e Roquete, é «a violação da fé devida aos superiores». A *deslealdade* porém não attonde a hierarchias, e melhor se pôde considerar este vocábulo como designação de carácter que como denominação de qualquer acto. E' *deslealdade* o não ser franco; o não cumprir a promessa em que outro se fiava; o obrar cobarde e perfidamente contra quem foi favorecedor e que, por isso mesmo, tinha direito a esperar correspondencia de serviços ou provas de reconhecimento. Um amigo, commette **deslealdade** ao esquivar-se aos deveres que lhe impõem os benefícios anteriormente recebidos, ou a sinceridade do affecto da pessoa que elle abandona.

Perfidia, que D. José de Lacerda define «simulação da fidelidade, isto é, a *infidelidade* trajando as vestes da fidelidade para enganar mais a seu salvo» é o sentimento de aquelle que, com a firme tenção de atraiçoar a outrem, se vale da dissimulação e da mentira para se apossar da sua confiança. A *perfidia* de um conselheiro consiste em prevalecer-se da confiança que soube captar-se, para aconselhar a execução de actos que não de consummar a ruína do aconselhado. A *perfidia* de um inimigo occulta-se sob as apparencias da amizade.

Traição é o resultado da *perfidia*. Aquelle que se vale da sua posição, da confiança que nelle se deposita, para enausar a ruína da pessoa que nelle confia, commette *traição*. E' *traidor* aquelle que convive intimamente com alguém para lho penetrar os segredos e os vae revelar a quem premedita a sua perda. O general que abusa da confiança que a patria deposita nelle para tratar com o inimigo, é *traidor*, commette **traição**.

Aleivosia é a violação da fé devida ao

amigo; esta palavra refere-se aos deveres de uma pessoa para com outra.

A esposa que, sem na apparencia faltar a nenhum dos deveres conjugaes, engana seu marido commette **infidelidade**. Se, confiado no carinho que a esposa lhe testemunha, o marido lhe exigir o sacrificio de uma parte do dote para salvar a sua dignidade comprometida por uma especulação desastrosa, e ella, por egoismo, se negar a esse sacrificio, ha nella **deslealdade**. Se a adúltera aconselhar o marido a uma ausencia que lhe permita o abandonar-se livremente nos braços do amante, ha **perfidia**. Se, revelando o segredo, intenta a perda do esposo, ha **traição**. E se, em favor do amante, arruina o marido, commette **aleivosia**.

De differente modo interpreta Roquete algumas de estas palavras; eis o que de ellas diz:

«*Infidelidade* refere-se á falta de cumprimento dos deveres que o homem contraui na sociedade; é a violação da fé promettida ou devida. A *deslealdade* é esta mesma *infidelidade* dos inferiores a respeito dos superiores, porém na ordem politica.—E' *infiel* o marido ou a mulher que falta aos deveres do matrimonio. E' *desleal* um vassallo que se levanta contra o soberano a quem rendem homenagem.

«*Perfidia* é uma *infidelidade* com o falso colorido d'uma constante fidelidade. O que faltou á fé, ou infringiu alguma promessa-feita, é *infiel*; mas será *pérfido* se usou de dolo e simulação, e se fez crer fiel quando praticava *infidelidade*.

«*Traição*, rigorosamente não se refere ao senão á parte politica, mas estende-se á *infidelidade* ou *deslealdade* do que se ban-deia com o inimigo, o lhe entrega a pessoa a quem se devia fidelidade ou lealdade, ou lhe sacrifica seus interesses, revê-la sous segredos, etc.

«*Aleivosia* refere-se á amizade, aos deveres d'um homem para com outro; é *traição* com capa de amizade.

«Judas foi *pérfido*, *traidor* e *aleivoso*; *pérfido*, porque simulou fidelidade a seu mestre na última ceia, quando já machinava sua perda; *traidor*, porque o entregou e vendeu a seus inimigos; é *aleivoso*, porque com um ósculo de amigo o delatou aos facciosos que o foram prender.—Bruto foi sómente *aleivoso* para com César, quando por um mal entendido e vaidoso zelo republicano, apunhalou á falsa fé seu amigo que o adoptara por filho.»

Alem-mar, ultramar.—A primeira de estas palavras não é, pelo menos modernamente, senão um adverbio que indica situação; a segunda, substantivo que indica região, não precisamente situada do outro lado do mar, mas sim a grande distancia pelo mar. O Brasil está situado **alem-mar**, isto é, do outro lado do Atlântico.

Angola, apesar de não estar do outro lado do Oceano, é uma provincia ultramarina; quem nella está, está no ultramar.

Alentejano, transtagano.— *Alentejano* designa o que, ou quem é do Alentejo propriamente dito.

Transtagano designa em geral o que, ou quem é do outro lado do Tejo, com relação a quem demora ao norte de este rio.

Os habitantes de Beja são alentejanos; os de Setúbal, de Beja, de Faro, são transtaganos.

Alentado, vigoroso, robusto, forte; valente.— As quatro primelras palavras de este grupo são empregadas geralmente sem distincção para qualificar as pessoas que têm ou parecem ter muita força; ha porém entre ellas gradações bem definidas.

É *alentado* aquelle cuja arca do peito apresenta uma ampla superficie, isto é, aquelle que exteriormente revela ter uma respiração fácil e poderosa que lhe permite fazer grandes esforços. *Um homem alentado pode supportar grandes fadigas.*

Vigoroso refere-se á manifestação da força, ao movimento, á vivacidade que revela facilidade em praticar actos que necessitam esforço. Quem é *vigoroso* é capaz de empregar grandes forças, e essa capacidade manifesta-se extoriamente, mesmo quando não as emprega; o movimento dos membros, o seu jogo enérgico, manifestam o vigor latente.

Robusto (do latim *robur*, força), diz-se da pessoa que na forma dos membros o no aspecto do corpo revela força e saude. O homem *robusto* tem membros athléticos, thorax amplo, movimentos pausados; nisso se distingue sobremaneira de aquelle que é *vigoroso*, o vigor manifestando-se na energia do movimento.

Forte é um termo genérico com que se exprime o poder de obrar ou de resistir, sem nenhuma idéa accessoria. *Ha pessoas magras que são muito fortes, assim como as ha muito corpulentas que não são robustas.*

De *vigoroso*, *forte* e *robusto* diz D. José do Lacerda: « *Vigoroso* é o que tem facilidade em praticar actos que precisam de esforço. *Forte* é o que nos seus actos mostra firmeza do musculos. *Robusto* é o que não é treito a doenças, mas goza de temperamento sadio. O *vigoroso* é proprio para tudo em que se requer agilidade de acção e de movimentos; e o *forte* para supportar pesos, e resistir ao trabalho. *Robusto* diz-se com relação á saude, e em opposição a fraco, débil ».

Alentado e *valente* são também synónymos, mas o *alentado* tem uma firmeza de determinação e de resolução de que pode carecer o *valente*; este não vacilla ante o

perigo; aquelle não descansará até o vencer.

Alento, sôlego, respiração, bafo, sopro.— *Alento* é o ar que naturalmente expellimos dos pulmões pelo funcionamento regular da expiração.

Fôlego é o ar que absorvemos no acto da inspiração.

Respiração é o acto pelo qual absorvemos o *fôlego* e expellimos o *alento*, isto é, a função completa dos órgãos respiratorios.

Bafo é o *alento* considerado sob algum carácter especial; o *alento* que expellimos com força, mas por um acto de vontade, é o *bafo* com que embaciamos uma superficie tersa ou com que aquecemos as mãos. Assim, *bafo* differe do *alento* em este sahir natural e espontaneamente, sem esforço; aquelle em provir de um impulso voluntario.

Sopro é também o ar que expellimos pela bôca, mas dirigiindo-o para um ponto dado, retendo-o, ou apressando-o mais ou menos, não pelo movimento espontâneo dos órgãos respiratorios, mas em circumstancias particulares que dependem da intervenção da vontade, ou sob a influencia de causas exteriores, por exemplo a da fadiga de uma acção rápida, ou a de um exercicio violento.

Alfageme, espadreiro.— A palavra *alfageme*, hoje fora de uso, não era synónyma de *espadreiro*; o *alfageme* era o operario que fazia, não as espadas, mas sim as guarnições para ellas; o *espadreiro* preparava-lhes a folha.

Alfála, móvel.— Os móveis e instrumentos necessarios em uma casa ou officina são *alfálas*, como também são *alfálas* os objectos de adorno, considerados como necessarios para ostentar grandeza e sumptuosidade. *Na granja, as alfálas são uteis e proveitosas. Nas sacristias ha ricas alfálas destinadas ao culto.*

Móvel é qualquer objecto que faz parte da mobília.

Alfaque, balxo, baixio, parecê, restinga, myrtes, banco.— O segundo e o último dos termos de este grupo são os mais communs na linguagem marinha; distinguamol-os em primeiro logar.

Baixo (em francez *bas-fond*) é a parte do mar que tem pouca profundidade. Nesta palavra não se attende á qualidade do terreno que forma o fundo, attende-se apenas á pouca altura da agua. Quando o *baixo* tem considerável extensão dá-se-lhe o nome de *baixio*.

Banco é o fundo de areia que está coberto com pouca altura de agua; o *banco da Terra Nova* é um planalto muito piscoso.

Estabelecida a synonymia dos dois prin-

cipaes termos do grupo, vejamos o que dos seis primeiros dizem Roquete o D. José de Lacerda: o sétimo não é por elles mencionado.

Diz Roquete:

«Todas estas palavras indicam certas parágens no mar, ordinariamente perto das costas, em que elle é pouco fundo, e offerece perigo aos navegantes; mas cada uma d'ellas designa uma circumstancia particular pela qual devemos differenciar as diferentes cousas que ellas representam. *Bairos* é a palavra genérica que indica parágem no mar em que ha pouco fundo, o que muito bem se explica pelo termo francez *bas fond*; mas não indica se o fundo é de areia, do vasa, ou de penhascos, só sim que os navios tocam o fundo e se perdem-se, como disse Vieira em sentido figurado: — Querendo ganhar-se nos *bairos* onde outros se perdem. —

«*Bairos* ou *baixos*, segundo a significação que esta palavra tem em castelhano (*baños*), são bancos de areia no mar; e a desinencia *to* indica prolongação d'elles, e não menos perigosos que os *bairos*.

«*Alfaques* é palavra castelhana, que significa particularmente os bancos de areia que se formam na foz dos rios, no cruzamento das correntes, etc., e por isso mesmo são movediços.

«*Parcêis* são mares *bairos*, costas de pouca sonda, em que talvez a maré espraia muito, nos quaes se navega, não sem risco porque ás vezes ha nolles corôas de areia, restingas, etc.; têm quatro o cinco leguas, como diz Fernão Mendes Pinto.

«*Syrtes* é palavra grega; significa ponthos perigosos com bancos de areia, ou bancos de areia movediça mormente em golfos e mares interiores, para os quaes os navios são arrastados pela corrente. Esta palavra é mais poetica quo as precedentes, e Vieira a usou tambem em sentido figurado como cousa mui perigosa e arriscada: — Tantas ondas ou *syrtes* de desconfianças. —

«Distinguem-se principalmente os *parcêis* dos *alfaques* em que estes apresentam grandes desigualdades e quobradas, como é muito frequente ao pé do grandes bancos de areia, por causa das correntes, e e aquelles são ordinariamente *bairos* rasos que em tempo de bonança bem se delixam navegar; e chamam-se maros *aparelados* aquelles em que ha *parcêis*; isto é que são *bairos*, de pouco fundo, em que de razão quebra muito o mar. Quando os *parcêis* se extendem muito diremos muito bem com Vieira, *esparcelados*; falando elle com os peixes naquelle célebre sor-mão de Santo Antonio no Maranhão, diz-lhes: — Como estes marcos são tão *esparcelados*, o cheios do *baixos*, bom sabeis que so perdem o dão á costa muitos navios, com que se enriquece o mar, e a

«terra so empobrece (II, 342). — Vê-se pois que nos *parcêis* ou mares *esparcelados* po-de haver *bairos*, e que nos *alfaques* po-de haver grande fundo porque são designaes. Onde se corre maior perigo e o naufragio é quasi certo é nas *syrtes*, como bem nolo indicou um poeta nosso:

«*Parcêis, alfaques, syrtis* naufragosas,
«Tudo a salvo passou.

«Camões tambem disse:

«Tu que livraste Paulo e defendeste
«Das *syrtes* arenosas, o ondas feas.

(Lus., VI, 81.)

D. José de Lacerda é menos extenso; diz:

«*Bairos* é palavra genérica, e designa o fundo do mar onde ha pouca altura, e por isso alli tocam os navios. *Bairos* são bancos de areia em que por falta d'altura de agua não se pode navegar sem risco. *Alfaques*, conforme á origem arábica, são *baixos* ou bancos de areia, ou pedra, mas com a circumstancia de serem deseguaes e muito fundos, no que se distinguem dos *parcêis*, que são *bairos* eguaes, onde se corre sem dúvida risco por causa da pouca altura do agua, mas pode navegar-se; e tem a circumstancia de prolongar-se ás vezes por espaço de muitas milhas. O *alfaques* é breve o fundo; mas o *parcêl* tem pouca altura por isso que se espraia largamente. *Restingas* são *bairos* de penhascos, ou de areia, cobertos de agua, ou contiguos á costa. *Syrtes* são *bairos* de areia movediça por entre penhascos, para onde a corrente arrasta as embarcações, e e por por isso perigosissimos.»

Alfarrabio, calhamacho, cartapacio. — Livros velhos e de pouco valor, é a idéa commum a estes substantivos.

Alfarrabio é o livro velho o do leitura pouco interessante.

Calhamacho é o *alfarrabio* do grande formato.

Cartapacio é o *alfarrabio* manuscripto.

Alfeiro, alabão. — O gado que produz muito leite denomina-se *alabão*; o que não tem crias é *alfeiro*.

Alfêto, alfentim. — Massa doce do feito de uns pausinhos torcidos, é a idéa genérica a estes dois substantivos, com esta differença porém, que a *alfêto* é feita de melaço ou de assucar mascavado, e por isso é amarellada; em quanto o *alfentim* é branco por ser feito do assucar refinado.

Alfim, emfim, finalmente. — «*Alfim*» — diz D. José de Lacerda — «denota

«que depois de alguma difficuldade venci-
«da, conseguimos o que pretendíamos. *Em-
«fim* denota que se realizou o nosso desejo:
«terminou *enfim* o seu interminável dis-
«curso. Finalmente denota de modo mais
«positivo a última conclusão de alguma
«coisa.»

Roquete é mais extenso, mas a sua opi-
nião não foi rebatida por Lacerda. «*Alfim*»,
diz elle, «é expressão castelhana mas ad-
mittida em nossa lingua, e usada por Sou-
za e Vieira; muitos a confundem com *em-
«fim*, e com finalmente, mas é mister distin-
«guil-as.

«Chama-se *fim* ao termo material d'uma
«coisa, e tambem ao conseguimento do
«objecto quo nos propuzemos ou desejáva-
«mos. Segundo a preposição quo se lhe
«ajunta é mais ou menos extensa, decisiva
«ou positiva sua significação. — *Alfim* de-
«nota que depois de se haverem vencido
«todos os obstáculos, lográmos nosso in-
«tento; e assim dizemos: — *Depois de ha-
«vermos gasto tanto, no cabo de tantas fadi-
«gas, tivemos alfim a ventura de sair bem
«em nossa empresa. — Enfim* é um modo
«translaticio que designa a conclusão, pelo
«commum desejada, do um discurso, do
«uma conversação, de uma larenga ou de
«uma enumeração: *Enfim* acabou de fa-
«lar, terminou seu discurso. — Mais positivo
«é terminante que as duas expressões an-
«teriores é o adverbio finalmente, que si-
«gnifica: por última conclusão, definitiva e
«irrevogavelmente. As duas primeiras não
«resolvem absolutamente, deixam alguma
«coisa que esperar, a terceira não; pelo
«que nos atreveríamos a dizer quo é a
«conclusão das conclusões, ou o *fim* dos
«fins.

«Os seguintes logares de Vieira talvez
«possam servir de modelo neste caso. Fa-
«lando elle dos Apóstolos que depois de
«não poucos esforços de seu Mestre foram
«elevados a tão alta dignidade, diz: —
«Como homens *allim* levantados do pó da
«terra, ou das areias da praia (II, 24). —
«Depois de enumerar os formosos dotes de
«Helena, diz: — *Flor enfim* da terra, e
«cada anno cortada com o arado do tempo
«(XII, 5). — E começando aquelle famoso
«exordio do Sermão sobre o dia de julzo,
«diz: — *Abrazado finalmente* o mundo,
«etc. (III, 146). —».

Algália, sonda, tenta.—*Algália* é
a sonda ou tenta óca eom que se sonda ou
evacua a bexiga.

Sonda e tenta, termos genéricos para de-
signar qualquer instrumento cirúrgico com
que se fazem sondagens, são synónymos
perfeitos; o primeiro, *sonda*, tomado do fran-
cez, pertence melhor á linguagem scientí-
fica; o segundo, *tenta*, vem do castelhano
tienta, e pertence por isso á linguagem
vulgar.

**Alganame, maloral, zagal, pe-
gureiro, pastor.**—O primeiro de estes
termos é da antiga linguagem: o *algana-
me* era o pastor subordinado ao maioral e
superior ao *zagal*; isto é, o chefe dos reba-
nhos ora o maioral; á frente de cada reba-
nho havia um *alganame* que, segundo a im-
portancia do rebanho, tinha um ou mais *za-
gues* as suas ordens.

Pastor é termo genérico. O infimo dos
pastores é o *pegureiro*.

Algar, caverna.—A caverna abre-se
na penedia ao nível do solo ou acima de
osse nivel. O *algar* abre-se no proprio solo.
Entra-se na caverna, desce-se ao algar.
V. tambem o artigo *Autro*.

Algazarra, vozearia, gritaria.
—*Algazarra* era o nome dos gritos que os
mouros davam ao travar peleja ou come-
çar o tornelo. Hoje diz-se do conjunto de
gritos unânimes, que são dados por muitas
pessoas prolongada e simultaneamente. Ge-
ralmente a *algazarra* é motivada pela al-
gria, ou tende a fazer trôça.

Vozearia é a confusão de muitas vozes;
num recinto em que todos falam, vêm-nos obri-
gados a falar quasi ao ouvido da pessoa que
está ao nosso lado, porque a *vozearia* não
deixa que se ouça a distancia.

Gritaria é a confusão de vozes altas e
descompassadas.

Algebrista, curandeiro.—*Alge-
brista* é a pessoa que compõe fracturas ou
deslocações dos ossos, sem ter título nem
estudos que a autorizem; o seu myster é
porém utilissimo e em toda a parte apre-
ciado.

Curandeiro é aquelle que, sem estudos
legaes, se dedica a tratar certas doenças;
sob este ponto de vista o *algebrista* é *curan-
deiro*.

Esta palavra nem sempre encerra idéa
depreciativa, pois ha *curandeiros* que co-
nhecem melhor algumas doenças que os
propios médicos. *Quantos médicos haverá
por ahí que se valeram do curandeiro
Assis de Faro!*

Algibeira, bolso.—O *bolso* está co-
sido á roupa; a *algibeira* pode estar cosida
á roupa ou ser volante. Diz-se indifferen-
temente: não trago dinheiro nos *bolso*s
ou nas *algibeiras*; relógio de *bolso* ou
relógio de *algibeira*; vê-se portanto que
as duas palavras são synónymos perfeitos,
notando-se porém que *algibeira* é cada dia
menos vulgar, excepto quando designa a
bolsa volante que as mulheres usam á cin-
tura.

Algido, glacial.—*Algido* é termo
scientifico e poético; *glacial* é scientifico,
poético e da linguagem vulgar. Alom d'is-

so distinguem-se estes adjectivos por sua differente significação.

Algido diz-se do que communica a sensação do gelo; **glacial** do que está frequentemente gelado. Noutra accepção qualifica-se de **algido** ao que vive no que é **glacial**: as plantas e os animais **algidos** vivem nas regiões **glaciaes**.

Algoz, carrasco, verdugo. — Denominações communs ao executor da alta justiça dos paizes onde vigora a pena de morte.

Algoz é termo culto, proprio da poesia e do estylo elevado; **carrasco** é termo popular; **verdugo** é palavra castelhana que se introduziu na lingua portugueza. **Carrasco** e **verdugo** designam o individuo que tem o officio de executor; **algoz** é esse individuo ou outro qualquer: Carlos I de Inglaterra foi executado por um **algoz** mascarado que se promptificou a substituir o **carrasco** que havia desaparecido.

No sentido figurado, **algoz** diz-se melhor de quem martyrlza moralmente; **carrasco** e **verdugo** dos que martyrizam moral e physicamente.

Alguns, certos. — Tanto uma como a outra de estas palavras tem significação vaga e indeterminada, com esta differença porém:

Alguns designa pessoas que não podemos ou não queremos nomear; **certos** designa pessoas que não nomeamos mas que seria fácil nomear: havia lá **alguns** individuos, e entre elles **certos** que não se achavam no seu logar.

Alheio, de outrem; extranho. —

Entre **alheio** e **de outrem** ha uma muito leve differença, sufficiente não obstante para que em muitos casos as duas expressões não possam empregar-se indistinctamente.

Alheio indica apenas que o objecto não é nosso; **de outrem** não só indica que o objecto não é nosso, mas afirma que outrem é seu dono. **Cobiar o alheio** é cobiar o que não é nosso; **cobiar o que é de outrem** é cobiar o que pertence a determinado individuo.

Entre **alheio** e **extranho** tambem se nota a seguinte differença: o **alheio** não é nosso; o **extranho** não só não é nosso, senão que ignoramos se tem dono.

Alhures, algures. — Pouco usados na linguagem culta são actualmente estes adverbios; e o primeiro não só pouco usado, senão já quasi desconhecido; são não obstante expressivos, e por certo merecedores de serem revividos.

Alhures (pronuncie-se **alures**) exclue o logar em que estamos; **algures**, sem determinar o logar, não exclue nenhum; **alhures**, noutra parte; **algures**, em algum sitio.

Allicerces, fundamentos. — Estas duas palavras confundem-se erradamente.

Alicerce, ou melhor no plural **alicerces**, diz-se do cavouco em que devem estabelecer-se os fundamentos. Uma construção tem pouco **alicerce** quando os fundamentos — isto é, quando a obra de pedra e cal soterrada —, não têm altura correspondente ao peso do edificio.

Vulgarmente, porém, a palavra **alicerces** emprega-se para designar conjunctamente o cavouco e os fundamentos nelle construidos. A expressão «abrir os alicerces» mostra claramente a impropriedade de tal accepção.

Alienação, venda. — A alienação é o acto de transferir uma propriedade seja a titulo gratuito, seja a titulo oneroso.

Venda é a transferencia da propriedade mediante certo preço.

A **venda** é um caso particular da **alienação**.

Alienação mental, loucura, demencia, doudice, mania, monomania, idiotia ou idiotismo. — **Alienação mental** é expressão franceza (*aliénation mentale*), synonymo perfeito de **loucura**, termo geral e commum pertencente á linguagem vulgar, mas tomado do hespanhol. **Demencia** é expressão scientifica que designa de modo muito preciso e especial o desarranjo mental proveniente de doença ou de qualquer causa accidental, e com a qual se manifesta um estado mórbido bem caracterizado.

Doudice, diz D. José de Lacerda, «é a «loucura no seu grau mais elevado, o mais nefestado por acções contrarias á boa razão e ao senso commum». Nada, porém, abona esta gradação que Lacerda estabelece. **Doudice**, termo essencialmente portuguez, é, na nossa lingua, o equivalente do castelhano **loucura**, nem mais nem menos. O proprio Roquete assim o entendeu, pois diz: «Nenhuma differença ha, segundo nos parece, entre **loucura** e **doudice**, a não ser «que esta palavra, por ser particular da «lingua portugueza, é mais geralmente «usada que aquella, que é commum á lingua castelhana. Diz-se: **hospital dos doudicos**, e Vieira disse: **casa dos loucos**».

Mania, palavra grega, é uma especie particular de **loucura** intermittente ou que só se manifesta com relação a um objecto determinado; os que soffrem de **mania** conservam toda a sua razão, excepto, entende-se, quando se trata do objecto que é causa da affecção. D. Quixote, que tão bom senso demonstra em todas as questões e assumptos que tratava, tinha a **mania** das aventuras cavalleirosas, e neste particular era um **louco** rematado.

Monomania é o termo especial com que em medicina se designa a *mania*; *ha homens muito sensatos que têm a monomania religiosa.*

Idiotia ou *idiotismo* indica estado congénito, e difere da *demenia* em esta provir d'um accidente ou d'um estado mórbido que modificou a constituição intellectual do individuo, em quanto aquella faz parte de essa constituição o sempre existiu no paciente; *nasce-se idiota; volvemo-nos dementes.*

Demenia, loucura, doudice e mania empregam-se tambem em sentido figurado. *Demenia* diz-se dos actos excessivamente despropositados e de aquellos que se praticam arriscando a propria vida, a fortuna, ou o bem estar. *Loucura* é um acto motivado pelo arrebatamento, pela exaltação de uma paixão. *Doudice*, no sentido figurado, cessa de ter a gravidade da *loucura*; quando um acto despropositado não tem o carácter grave das *loucuras* é apenas uma *doudice*, *tolice* ou *asneira*. *Mania* é uma inclinação para cousas inoffensivas, para passatempos singulares.

O artigo que Roquete dedica aos vocábulos *demenia, loucura, doudice e mania* merece ser citado como um dos melhores do seu Dicionario de Synonyms.

«Todas estas palavras, diz elle, indicam maior ou menor alienação mental, porém motivada ou manifestada por diferentes modos.

«A *demenia* é a abolição total da faculdade de raciocinar; é um estado de estupeção em que a intelligencia se esvaece, a phantasia se desordena e a memoria se diminue e transnora, apresentando só idéas incoexas e disparatadas, que o demente se obstina em olhar como muito razoáveis.

«Nesta qualidade convém a *demenia* com a *loucura*; com a diferença que aquella costuma nascer de fraqueza e debilidade, e esta de excesso, do arrebatamento, de furor. Assim que, se costuma chamar *loucura* em seus excessos ao enthusiasmo, ao estro, ao furor poético, a toda paixão exaltada, que arrebatava até ao delirio e a commotter acções culpáveis e desordenadas.

«Nenhuma differença ha, segundo nos parece, entre *loucura* e *doudice*, a não ser que esta palavra, por ser particular da lingua portugueza, é mais geralmente usada que aquella, que é commum á lingua castelhana, e vem do arabe *locção*. — Diz-se hospital dos *doudos*, e Vieira disse: «casa dos *loucos*; e confundiu *enlouquecer* com *endoudecer* (VI, 361). — Talvez a palavra *doudice* represente a *loucura* em mais elevado grau ou como chronica, e lhe accrescente a circumstancia do gestos ridiculos e movimentos extravagantes dos *doudos*.

«Esta opinião parece abonar-se com a autoridade de Vieira, porque, tendo elle usado duas vezes da palavra *louco*, no sermão de S. Roque, com a acceção geral «que todos lhe dão, quando veio a fallar do modo como David se fingiu *doudo* na corte d'El-Rei Aebis, disse: «Já sabemos que se fingiu *doudo*; e para fazer mais publica a sua *doudice*, andava com os pés paracima e a cabeça para baixo (IV, 466).»

«Quando a *loucura* se manifesta por se fixar a imaginação em um só objecto, «abstrahindo-se dos demais, se chama *mania*. A que Don Quijote tinha pelas aventuras cavalhescas que em toda a parte achava, constituiu sua *loucura*; fóra d'ella era um homem muito arrazoado. Ha *manias* pacíficas e furiosas. As primeiras consistem em exquisites, caprichos, teimas, ridiculas sim, porém socgadas, prazenteiras, e até obsequiosas; a ninguem prejudicam, excepto aos que as têm. As segundas consistem em extravagancias, transportes, desordens e affectos extremados. Don Quijote era naturalmente pacifico, justo e moderado, menos quando lhe tocavam em seu registro.»

Alienador, alienatarlo. — A pessoa que transfere a outrem um dominio é o *alienador*; e aquella a favor de quem se faz a alienação é o *alienatario*.

Alifero, aligero. — Estes vocábulos são epithetos poéticos, dos quaes, o primeiro significa «alado», «que tem azas».

Aligero encerra não só a idea de *alifero*, mas tambem desperta outra, a da velocidade que as azas proporcioam.

Alimentar, sustentar, nutrir.

— *Alimentar* é o verbo que devemos empregar quando nos queremos referir aos meios e não aos effectos. Os *vegetarianos alimentam-se* exclusivamente de *vegetaes e fructas*.

Sustentar, na série de idéas em que ahamos do falar do verbo *alimentar*, refere-se a um effecto: o de conservar o corpo no estado da força e vigor habituaes, ou, melhor ainda, o de impedir simplesmente que as forças e o vigor se exgotem.

Nutrir é o effecto que os bons alimentos produzem no corpo pela assimilação: dão-lhe força, vigor e robustez.

Frequentemente ouvimos dizer que o *feijão alimenta o pobre*, que a *lenha alimenta o lume*, que a *agua alimenta a caldeira*, e nessas phrases parecemos-nos á primeira vista tratar-se de um effecto, não de um meio; é um erro: é aos meios que nos referimos; é como se dissessemos o *feijão é um bom meio de alimentar o corpo*; o *meio de alimentar o lume é a lenha*; por *meio da agua se alimentam as caldeiras*.

Noutra ordem de idéas, *alimentar* é o

acto de proporcionar os meios necessários para **sustentar**: é pelo trabalho que os homens se **alimentam**; mas esse trabalho não os **sustenta**, o que faz, é proporcionar-lhes os meios de se **sustentar**.

Sustentar, nesta mesma ordem de idéas, fica subordinado á ordem precedente: significa manter, servir de sustem, socorrer, subministrar o indispensável. Os filhos que **alimentam** a seus pais proporcionam-lhes com que se **sustentem**; aqueles que os **sustentam** conservam-lhes a vida proporcionando-lhes **alimento**.

Depois de expôr a nossa opinião a respeito dos vocábulos de este grupo, vejamos o que de elles disseram os nossos predecessores.

Diz Roquete: « **Alimentar** refere-se á idéa da necessidade que de comer têm os seres viventes. **Nutrir** explica esta mesma necessidade satisfeita em proveito do indivíduo pelos bons resultados da digestão. **Sustentar**, significa prover do necessário para a vida, dar o sustento, a comida da diaria. — **Alimenta-se** o pobre com umas sopas. **Nutre-se** o rico com bons manjares. As pessoas caridosas **sustentam** muitas famílias necessitadas. — No sentido figurado diz-se que a lenha **alimenta** o fogo, a agua as plantas. O litterato **alimenta-se** lendo Horacio, e **nutre-se** com as verdades da philosophia. Os poderosos do século **sustentam** com sua influencia e conselhos muitos erros e herezias. »

D. José de Lacerda comprehendeu melhor o sentido de **alimentar**, que é, diz elle: « prover algum dos objectos de que precisa para a sua alimentação. » Foi menos feliz em **nutrir**, pois de este verbo diz: « proporcionar o que é necessário para que a quem viva, e haja e goze de forças phisicas. » Define perfeitamente **sustentar**, que é, diz: « acudir ás necessidades urgentes e indispensáveis da vida. » e resume as suas definições nos exemplos seguintes: « **alimenta-se** o pobre de pão; **nutre-se** o rico de exquisitos manjares; a caridade **sustenta** infinitos desamparados. »

Alimentos, pensão. — Quantia annual que se dá a algum, é a idéa comum a estes dois substantivos, com esta differença porém:

Alimentos diz-se da quantia que, em virtude de um compromisso de parentesco, se abona para sustento, casa e vestuario de um membro da familia.

Pensão é a quantia que se dá a algum, não por compromisso, mas como recompensa de serviços ou méritos proprios ou alheios, ou por mera graça de quem a concede.

O governo concedeu uma **pensão** á viúva de aquelle general, posto que de seus filhos ella não poudo obter **alimentos**.

Alimpa, monda, poda. — A **alimpa** é o acto de cortar os ramos desnecessarios ou nocivos á existencia da árvore, limpando ao mesmo tempo, os que ficam, da ferrugem e outros parasitas que os cobrem.

Monda se diz do acto de arrancar á mão ou com sacho as más hervas que crescem entre os cereaes.

Poda é o acto de cortar a rama superflua que de anno para anno fica nos vegetaes, principalmente na vinha.

Alinhar, regrar. — São termos de artes e officios, que significam um e outro: traçar a linha pela qual se ha-de serrar a pedra ou a madeira. Differem no meio para isso empregado.

Alinhar é traçar a linha por meio do alinhamento, cordel almagrado ou gizado que, sujeito pelas duas extremidades, se levanta no meio para o deixar cahir de chofre.

Regrar é a operação bem conhecida em que se faz uso da regra e do lapis ou carvão.

Aliseos (Ventos), monção. — **Monção** se diz da época em que os ventos são constantes em certas paragens, e favoráveis para navegar em determinada direcção.

Os ventos **aliseos** são uma das especies das **monções**, e só são assim chamados os ventos que nas regiões intertropicaes sopram regularmente de entre o NE. ao N. do equador, e desde o SE. ao S. de esse circulo.

Alivel, nutritivo, comestível. — **Alivel** se diz do que tem qualidades apropriadas para ser nutritivo.

Nutritivo diz-se do que notórmente é proprio para a assimilação, do que **nutre**.

Comestível diz-se do que se pode comer sem ser nocivo nem desagradável.

Alivio, melhoras. — **Alivio** é a diminuição do padecimento; **melhoras** se diz do restabelecimento gradual da saude. É o doente que sente o **alivio**; é o medico que percebe as **melhoras**. Muitas vezes o **alivio** é precursor da morte, e esse **alivio** não pode ser chamado **melhoras**.

Alizar, brunir, polir. — Tornar lizo o que não o era, é **alizar**.

Brunir é tornar brilhante e luzidio o que já era lizo, empregando para isso o **brunidor**.

Polir é tornar brilhante e luzidio por meio de verniz ou de qualquer outro meio que não seja o **brunidor**. Assim onde não entrar o **brunidor** dir-se-á **polir**, e não **brunir**.

Aljava, carcaz. — Synónymos perfiteos com que se designa o estojo onde se mettem as sotas e que se traz pendente do hombro; as duas palavras differem apenas

na origem: a primeira vem-nos do árabo, a segunda do grego.

Allegar, citar. — *Allegar* é de maior extensão que *citar*. *Allegam-se* e *citam-se* factos, textos, auctores, exemplos. *Allegam-se*, mas não *se citam* razões, pretextos, desculpas.

Dá-se porém que *só se allega* para fundamentar a verdade ou a falsidade do que se disse ou se propoz, e que *se cita* para qualquer fim: os *pedantes citam* para ostentar erudição.

De estes dois verbos diz Roquette: «*Allegar* é referir a seu favor algum dicto, exemplo ou autoridade que prova o intento proposto; e em termos forenses é trazer o advogado leis e razões em defesa do direito do sua causa. *Citar* é referir textos e autoridades em prova do que se diz; e em estylo forense é noticiar, fazer saber o chamamento do juiz. — *Citamos* os auctores, as pessoas, ou o que ellas dizem; *allegam-se* factos e razões. Para dar autoridade ao que dizemos, e peso ao nosso dito, *citamos*; porém para sustentar o e nos defender *allegamos*. — Para defender o rio *citado* ante o juiz, *allegou* o advogado leis e razões tão importantes que por suas *allegações* conseguiu que ficasse de nenhum effeito a *citação*».

Alliança, confederação, liga, coalizão. — A *alliança*, desde o ponto de vista politico em que consideramos os vocábulos de este grupo, é o systema do amizade que em consequencia de tratados se estabelece entre um pequeno numero de Estados, ou para melhor dizer entre os chefes de esses Estados. O systema de *alliança*, fundado sobre tudo na amizade, estabelece que os *aliados* são *amigos*. A *alliança* pode ser simplesmente *defensiva*, ou ao mesmo tempo *offensiva* e *defensiva*. A *alliança defensiva* é aquella que estatue que os chefes dos Estados que a formam devem vir em auxilio do Estado que fôr atacado por alguma nação; a *alliança offensiva e defensiva* é aquella em que os chefes dos Estados *aliados* se compromettem a unir as suas forças não só quando algum dos Estados da *alliança* fôr atacado por outra nação, mas também quando elle empreheender atacar algum Estado que não faz parte da *alliança*. Existem também *allianças* que, sem terem em vista a defensão ou a força commum, visam apenas a assegurar-se reciprocamente que os Estados que a contraem não empreheenderão nada que seja opposto ao interesse de cada uma das nações contratantes. Devemos notar que, ao estipular as *allianças*, não se fixa praso para a sua duração: as partes contratantes de qualquer *alliança* fazendo sempre a restrição mental de a

romperem quando as circumstancias assim o exigirem.

Confederação é a união contrahida entre certo numero de Estados que, conservando cada qual a sua autonomia, reúnem as suas forças sob um poder central. A *confederação* constituo um ser moral, distincto, mas não independente, de cada um dos Estados que a formam; estes têm, cada um per si, direitos e deveres para com a *confederação*, e esta tem, para com todos os Estados, direitos e deveres a que nem estes, nem aquella, se podem eximir em virtude do pacto que fizeram ou da constituição que estatuiram.

Liga é uma *alliança* momentânea e permanente celebrada entre varios Estados para um fim determinado; momentânea quando tem por objecto uma empreza; permanente quando esse objecto é um interesse constante.

Coalizão é uma especie de *liga* momentânea, e do ella differo em que a *liga* celebra-se geralmente entre Estados ou entre partidos que não têm interesses oppostos, em quanto a *coalizão* se faz entre Estados ou entre partidos que, em circumstancias normaes, têm interesses ou principios diametralmente contrarios. A *coalizão* visa a um fim; conseguido este, cada Estado ou cada partido volta ao seu anterior antagonismo, ou á anterior indifferença.

A actual dupla *alliança* (Russia e França) comprehende duas nações, de si naturalmente inimigas, mas que o medo approximou. A *confederação* Helvética comprehende vinte e dois pequenos Estados. A *liga* Hanseática compunha-se de 64 cidades á frente das quaes estava Lubeck. A *liga* de Augsburgo tinha por fim oppôr-se ao engrandecimento da França. Entre nós, temos visto progressistas e republicanos *coaligarem-se* entre si contra os regeneradores.

De *alliança*, *liga* e *confederação* se occuparam os auctores dos Dicionarios de Synónymos que nos precederam. Eis o que de estes vocábulos diz Roquette:

«Costumam as nações unir suas forças para resistir a outras mais poderosas, o fazem isto por diferentes meios que vamos a indicar:

«*Alliança*, a qual se verifica entre soberanos, Estados ou nações, exige tratados mui legaes e formaes, pois hão-de converter-se em leis ou regras de direito publico que obriguem as potencias contratantes. Commummento nestas estipulações ou *allianças* não se fixa termo algum, esperando ou suppondo que não haverá motivo de alteral-as. — As *ligas* costumam ser de curta duração e não supõem tanta formalidade, mas têm sempre por base união de intenções e forças, pois se convenem nellas de um fim, do plano para verificá-lo, e das forças com que cada um deve concorrer. As vezes só se sustem

« estas *ligas* em convenções particulares, e « ainda em tratados secretos fundados mais « na boa fé recíproca que na validade dos « títulos que se poderiam apresentar. — *Al-* « *liança* diz-se das pessoas e das cousas; « *liga* só se diz das pessoas. A palavra *al-* « *liança* não tem mau significado, nem in- « dica se é legítima ou illegítima; porém « communmente é inau o sentido moral de « *liga*, que costuma denotar cabala, e até « conspiração. Dizemos a *aliança* de Deus « com o seu povo, mas não dizemos *liga*, « por isso que a esta palavra anda como as- « sociada a idéa de má intenção, maus « meios, artifício, etc. — A *aliança* supõe « um contrato revestido das mais solem- « nes formulas, uão assim a *liga*; e diz-se « tratados de *aliança*, mas não de *liga*.

« A *confederação* suppõe maior formalida- « de, e melhor e mais são intento: é união « de interesses e de mútuo auxilio, que por « meio de convênios particulares se con- « trae entre corporações, partidos, povos, « príncipes, soberanos menores e Estados « reduzidos, para fazer uma causa commun, « obter reparação de injurias soffridas, de- « fender seus direitos ou a causa pública « contra a usurpação ou a oppressão. — A « *aliança* exige que se celebrem tratados « com todas as formas legais; a *confedera-* « *ção* verifica-se por meio de pactos e ajus- « tes particulares, firmes e seguros, que « formam, por assim dizer, um direito pri- « vado que as partes contratantes estabe- « lecem umas com outras, consistindo sua « principal força em seus mútuos interes- « ses. »

D. José de Lacerda diz:

« *Aliança* é a união do vontades o forças « para fins determinados. A *aliança* entre « soberanos forma-se por via de tratados, « e as condições, com que é estabelecida, « convertem-se em regras de direito públi- « co, que obrigam as nações que se allia- « ram. *Liga* é uma semelhaute união, po- « rém menos duradoura, e não requer as « formalidades com que se estipulam as *al-* « *lianças*, nem produz resultados eguaes. « *Aliança* diz-se com respeito ás pessoas e « ás cousas, porém *liga*, communmente, « refere-se ás pessoas. A palavra *aliança* « toma-se indifferentemente, podendo ser « boa ou má; pelo contrario a palavra *liga* « toma-se quasi sempre em mau sentido. « *Confederação* é uma união, que, para rea- « lizar-se, suppõe maior formalidade, e tem « logar mediante couvenções particulares, « entre reis, povos, corporações, etc. »

Alliança. união. casamento. — A palavra *aliança*, na ordem de idéas do este grupo de vocábulos, refere-se ao que da *união* é apparente e so relaciona com as convenções sociaes. Assim dizemos que a differença do religião, a desproporção das fortunas, etc., não impediu a *aliança* de

duas familias. *Ha homens que contraem al-* « *lianças* que não estão em relação com a « nobreza da sua prosapia.

União é a palavra que mais se relaciona com as conveniências pessoas dos conjun- « ges; duas pessoas de gostos diametralmente « oppostos formam uma *união* desgraçada.

Casamento é o vocábulo que exprime a « associação do homem e da mulher, sem « nenhuma outra idéa accessoria.

Alliciar. fazer prosélytos. — *Al-* « *liciar* suggere a idéa de ser o interesse o « móbil quo attráe; *fazer prosélytos* indica « melhor persuasão ou convicção, sem porém « excluir a idéa do interesse. *Allicia-se* com « promessas; *fazem-se prosélytos* com razões, « e tambem com promessas. *Allicia-se* para « fins occultos; *fazem-se prosélytos* aberta- « mente.

Allocução. proclamação, arenga, discurso. fala. prática, ar- « razoamento, oração, sermão. « homilia, panegyrico. — A *allocução* « é um *discurso* breve, conciso, enérgico e « persuasivo, pronunciado numa circumstan- « cia que não admittre delongas nem tergiversações; a *allocução* é segulda de factos « que a corroboram, ou pelo menos quer per- « suadir quo taes factos se realizarão.

Proclamação, no sentido em que conside- « ramos os vocábulos do este grupo, diz-se « das *allocuções* que os chefes militares diri- « gem ao exército ao emprender a bata- « lha: as **proclamações de Napoleão I** « ao exército de operações no Egypto são mo- « delos do género.

Arenga é um *discurso* breve, mas solem- « ne, que se dirige a uma elevada personá- « gem num acto público e official: ao entre- « gar ao rei as chaves da cidade em que elle vae « entrar, o presidente da câmara dirige-lhe uma « **arenga**. Esta palavra designa tambem « os *discursos* políticos que os gregos faziam « na praça pública, e aquellos que os gene- « rales gregos e romanos dirigiam ao exérci- « to.—Hoje, e no estylo familiar, *arenga* diz- « se de qualquer *discurso* ou fala enfadonha « e nada persuasiva.

Discurso é o termo genérico com que se « pode supprir cada um dos termos de este « grupo. No sentido rostricto, porém, *discur-* « *so* designa qualquer *fala* improvisada, lida « ou decorada que se pronuncia em público « afim de causar impressão no auditorio. En- « tende-se que o *discurso* deve obedecer ás « leis da oratoria. As câmaras discutem a res- « posta ao **discurso da coroa**.

Fala é o termo com que modestamente « se designa qualquer *allocução*, *proclama-* « *ção*, *arenga* ou *discurso*. A *fala* tem do ser « breve o despretençosa, persuasiva e cor- « recta.

Prática é um *discurso* despretençoso, mas « persuasorio, quo um superior ou pessoa de

autoridade dirige a quem necessita guia ou conselho. Designa também, este vocábulo, o *sermão* que desde o púlpito o sentado, ou de costas voltadas para o altar o de pé, o sacerdote cathólico dirige a um auditorio.

Arrazoamento, termo de pouco uso, «é tudo o que se diz de viva voz a um auditorio, com o fim de o convencer, excitar, «ou persuadir, *razoando*, a alguma cousa» (LACERDA).

Oração, modernamente, se diz dos discursos que, com carácter religioso, se pronunciam desde o púlpito para enaltecer a memoria de um morto illustre. Com esta palavra se designam também os discursos dos grandes oradores da antiguidade, quer esses discursos sejam políticos, quer forenses.

Sermão é o discurso que desde o púlpito prega o ministro de qualquer religião, tomando por thema um ponto do dogma ou um assumpto moral.

Homilia é o *sermão* singelo que explica ou explana algum ponto de doutrina religiosa.

Panegyrico é o *sermão* ou *oração* que tem por fim enaltecer as qualidades verdadeiras ou suppostas de algum santo, heróe ou morto illustre. Geralmente é uma obra que brilha mais pela rhetórica que pela verdade. Muitas vezes os *panegyricos* correm impressos sem terem sido pronunciados.

V. o artigo **Arrazoamento**.

Allucinar. offuscar. confundir.

— Traduzimos da *Collecção de synónimos da lingua hespanhola* de que é autor Don José Joaquim de Mora, e que foi editada pela Real Academia da lingua, o artigo correspondente a estes vocábulos:

«As esperanças chiméricas, as illusões «do amor proprio, as promessas enganadoras, *allucinam*. As razões sophísticas, as impressões vehementes, tudo o que é indefinido, *offusca*. As narrações completadas, os raciocínios excessivamente subtilis, as questões espinhosas, *confundem*. «Aquelle que funda as suas esperanças de ascenso no sorriso ou no aperto de mãos «do ministro, *allucina-se*. Aquelle que só «tém uma causa injusta, por sympathy ou «por antipathy com as pessoas interessadas, *offusca-se*. Quem pode ler, sem *confundir-se*, as obras dos philótophos allemeães? A imaginação é a faculdade que «se *allucina*; a razão, a que so *offusca*; o «entendimento é que se *confunde*».

Allusão, referencia. — A *referencia* é directa; a *allusão* é indirecta. *Referindo-nos* a um facto ou a uma pessoa, citamos esse facto ou essa pessoa; *alludindo*, não citamos o facto ou a pessoa, mas sugerimos-a á memoria.

Alma, espirito, en. ánimo. coração.—Desde o ponto de vista religio-

so, *alma* é o sêr impalpável e invisível, mas eterno e responsável, que anima os corpos humanos, os guia e os faz operar, e que desprendendo-se de elles, no instante da morte, vae receber o premio ou o castigo eterno do que por cá fizeram.

Espirito é todo o sêr incorpóreo e eterno cuja existencia está desligada de qualquer materia: os *anjos*, *archanjos*, *seraphins*, etc., são *espiritos*.—No espiritismo, chama-se *espirito* á alma desprendida do corpo.

Da crença religiosa, as palavras *alma* e *espirito* entraram na linguagem philosophica e na vulgar. Na primeira, chama-se *alma* á parte immaterial que permanece unida ao corpo durante a vida; ella é a sede dos sentimentos, das paixões, das determinações, e, em resumo, de todos os phenomenos psychológicos; é o *ego* ou *eu* que obra, goza, soffre, sente, etc. Quando porém a *alma* se encara como a faculdade de pensar, de comprehender, isto é, quando os phenomenos psychológicos que se consideram são puramente intellectuaes, denomina-se *espirito*.—Na linguagem vulgar, *alma* é synónimo de *coragem*, de *coração*, como o provam as expressões: *catu-me a alma aos pés*; é um *desalmado*.

Coração, na linguagem vulgar, é a sede dos sentimentos: *coração nobre*, *alma nobre*; *coração vil*, *alma vil*, são expressões communs que bem denotam a synonymia dos vocábulos *alma* o *coração*.

Ánimo, na ordem de idéas que vimos comparando, é a alma considerada como sede da fortaleza ou da debilidade: *alma varonil*, *ánimo varonil*, *coração varonil*, são synónimos perfectos.

Nada mais podemos dizer a respeito de esta escabrosa materia; pouco ou nada também disseram de ella os autores dos Dicionarios de Synónimos que nos precederam, e esses, na qualidade de sacerdotes (pois todos o foram á excepção de Alves Passos) melhor poderiam desenhar esta meada a sabor dos mais crentes. Els o que, resumindo a todos, diz Lacerda:

«*Alma* é o principio que anima alguns seres organizados, e é nelles origem de vida e movimento. *Espirito* é uma substancia immaterial, intelligente, elivre. Deus «é *espirito*, e não *alma*, porque a característica da *alma* é a sensibilidade. Falando do homem, *alma* e *espirito* são synónimos, attendida a intima ligação, que o *espirito*, que anima o corpo do homem, tem «com elle. Entretanto os vocábulos *espirito* e *alma* não podem empregar-se indistinctamente em todos os casos. Assim «pois devemos advertir nos diferentes «respeitos debaixo de que consideramos «a parte espirital do homem, afim de nos «exprimirmos com propriedade, e portanto não diremos *espirito* bom, *alma* perspicaz, mas sim *alma* boa, *espirito* perspicaz. *Ánimo* é o mesmo que *alma*, *espirito*;

«porém o uso tem dado a este vocábulo a significação mais especial do valor, coragem, vontade; e por isso diremos *ânimo* nobre, esforçado; ou *ânimo* humilde, desprezível».

Pouco mais dissera Roquette:

«*Alma*, segundo alguns etymologistas, vem de *anima*, latino, o qual vem de *anemos*, grego, ar, sopro; outros e talvez com mais razão, a derivam do verbo latino *alo*, vivificar, nutrir. Seja qual for a sua etymologia, representa esta palavra a em sua significação mais lata o princípio, a causa occulta da vida, do sentimento, do movimento de todos os seres viventes.

«*Espirito* é a palavra latina *spiritus*, de *espíro*, respirar, e vale o mesmo que sopro ou hálito, ar que se respira. — *Espirito* differê do *alma*, primeiro em encerrar a idéa de princípio subtil invisível que não é essencial ao outro vocábulo; segundo, em denotar intelligencia, faculdades intellectuales activas que aquelle só são accessorias. Os philosophos materialistas têm querido negar a *alma* humana a qualidade do *espiritual*, mas nenhum se lembrou ajuda de dizer que o *espirito* era material. — *Alma* desperta a idéa de substancia simples, que anima ou animou o corpo, sendo que *espirito* só indica substancia immaterial, intelligente e livre sem relação nenhuma com corpo. Deus, os anjos, os demonios são *espiritos*, mas não são *almas*; mas as substancias *espirituales* que animaram os corpos humanos, ainda depois de separadas d'elles, se chamam *almas*, e assim dizemos. As *almas* do purgatorio; *almas* do outro mundo, a que os francezes chamam *revenants*. — Vieira disse fallando do demonio: — E' *espirito* vê as *almas*. —

«Os Gregos designavam a *alma* pela palavra *psyche*, que quer dizer respiração, sopro, e lho davam a mesma extensão que nós damos á palavra *alma*. *Soma kai psyche*, o corpo e a alma. *ai ton tethnēton psykai*, as *almas* dos defuntos. D'aqui vem chamar-se *psychologia* a parte da philosophia que trata da *alma*.

«No sentido figurado *alma* refere-se aos actos, aos sentimentos, aos affectos; *espirito* ao pensamento, á intelligencia. Diz-se que um homem tem a *alma* grande, nobre, briosa; e que tem o *espirito* penetrante, profundo, vasto. — Fallando do homem, *alma* e *espirito* nem sempre são synónimos, isto é, nem em todos os casos se podem empregar indifferente-mente, seuão com alguns; tal é aquelle de Vieira em que, querendo encarecer o valor da *alma* sobre o corpo, diz: — Tudo isto que vemos (no homem) com nossos olhos, é aquelle *espirito* sublime, ardente, grande, immenso, a *alma*. (II, 71). — *Ânimo*, é a palavra latina *animus*, de *anemos*, grego, do mesmo modo que *ani-*

ma. Na sua significação primitiva vale o mesmo que *alma*, *espirito*; porém o uso tem preferido este vocábulo para designar a facilidade sensitiva e sens actos; representa pois quasi sempre valor, esforço, ou intenção, vontade, e nisto se distingue de *alma* o *espirito*. Segundo os affectos que o *ânimo* experimenta, elle pode ser baixo, abatido, humilde, vil, ou altivo, elevado, soberbo, nobre, esforçado, o que comprehende a não pode dizer do *alma*, e ainda menos de *espirito*».

Almanak, calendario, folhinha, repertorio, annuario. — De todos estes vocábulos, só *folhinha* e *repertorio* são genuinamente portuguezes.

Almanak, palavra árabe introduzida na lingua hespanhola, o passada de esta a todas as linguas européas, designa um folheto ou livro em que, além do *calendario* do anno, se indicam os eclipses, número aúreo, epacta, cyclo solar, indição romana, letra domlnical, entrada e sahida do sol em cada um dos signos do Zodiaco, e, segundo a indole das pessoas a que é destinado, é acompanhado de varia leitura e indicações interessantes, ou de mero pastemato.

O *calendario* indica a ordem e série de todos os dias do anno dispostos por mezes, o principio das estações, as phases da lua e as variações dos dias; designa tambem o santo ou a festa propria de cada dia do anno. Além do *calendario* folheto, ha o *calendario* parietal que se compõe de folhas sobrepostas que se vão retirando uma a uma cada dia.

Folhinha é o *calendario* adequado ao uso do povo; ha tambem *folhinhas ecclesiasticas* para uso do clero.

Repertorio é uma especie de *almanak* accommodado ás necessidades da gente do campo.

A palavra *annuario*, moderna na nossa lingua nesta accepção, é uma especie de *almanak* cuja utilidade interessa o commercio, as repartições officiaes, e a burocracia em geral.

Das palavras de este grupo, á excepção de *annuario*, citaremos o que diz Roquette: «A primeira é palavra arabe, formada do artigo *al* o do verbo *manach*, que significa contar, numerar, calcular; a segunda é latina, *calendarium*, de *calendae*, convocação para o primeiro dia no mez (de *calo*, *kalé*, gr., eu chamo); a terceira e a quarta são portuguezas vulgares. — Concordam os quatro vocábulos em exprimir em geral supputação, cálculo dos dias, do anno, ou das revoluções dos astros, etc., porém *calendario* é mais proprio da lingua ecclesiastica, e indica um livrinho ou folheto que contém os dias e os mezes collocados por ordem numeral, e no curso da semana, por seus nomes e signos pla-

«netarios, com as indicações das festas e festividades do rito ecclesiástico.—*Almanach*, ou *almanaque*, é da linguagem vulgar e indica um calendario mais extenso, pois quo abraça observações astronómicas e prognósticos sobre as diferentes temperaturas do ar, as mudanças meteorológicas, etc., e também se lho ajunta o juízo do anno; e em tempos ainda não muito afastados do nós se incluíam juízos deduzidos das patranhas astrológicas. — Nas nações cultas ha *almanaques* para os lavradores, e também outros para a curiosidade e entretenimento de diferentes pessoas afeiçõesdas ás artes de recreio ou que só buscam a diversão ou distração na leitura.—O *almanaque* corresponde ao que os Romanos chamavam *Fastos*, e era entre elles tão antigo o *Calendario* como a mesma Roma, pois que o estabeleceu Romulo. Foi soffrendo muitas e mui notáveis alterações segundo os progressos da astronomia; as mais importantes foram as que contém a *Correcção de Julio Cesar*, que com ligeiras variações continuou até á correção que mandou fazer o papa Gregorio XIII, que é a quo hoje se segue em todos os Estados cathólicos romanos e ainda em muitos protestantes.

«*Folhinha* é vocábulo vulgar proprio da nossa lingua, que indica um *calendario* accommodado ao uso do povo (quo talvez por isso lho chamam *folhinha de reza*), com algumas addições proprias dos *almanaques*. É justamente o que em França o nontras nações chaunam *almanach*; e as ha de duas espécies, umas impressas em folha (de onde voio provavelmente a palavra *folhinha*, por ser folha pequena de impressão), que se chamam *de porta* porque effectivamente os nossos antigos os pregavam nas portas interiores; e outras *de algibeira* porque são em forma de livroinho que se pode metter na algibeira. Estas, pelas diferentes addições quo têm, se parecem muito com os *Almanachs de Gotha*.

«*Reportorio*, isto é *repertorio dos tempos*, é uma especie de *almanach* para os lavradores, em que se fazem pronósticos astrológicos sobre a chuva, vento, ou bom tempo, e outros successos contingentes o conjecturaes, e se dão alguns conselhos áccerca da agricultura, etc.

«*Almanach* é palavra vulgar nas outras nações, não na nossa, em que só o são *folhinha* e *reportorio*; aquella designando especialmente as festas ecclesiásticas, e cálculos astronomicos, o esta indicando particularmente os pronósticos astrológicos».

Almargéal, almárgem. prado.

—*Almargéal* é o prado apaulado que só produz *almárgem* ou pasto para o gado. *Prado* é qualquer campo onde se cultiva

herva ou pasto. Os *almargeaes* não podem ser transformados em terras de sementeira, a não ser quo os estanquem; o prado é apto para a cultura.

Almece, sôro.—*Sôro* é a parte aquosa que so separa do leite quando se coalha. *Almece* é o sôro do leite que escorre do queijo e da manteiga quando os apertam. — *Sôro* tem outras accepções sem synonymia com *almece*.

Almocreve, recoveiro.—Os modernos meios de viação vão antiquando estas palavras que só mencionamos a titulo do curiosidade.

Almocreve, diz-se do homem que transporta carga e encomendas em cavalgadas.

Recoveiro é aquelle que, passando periodicamente por certas povoações, va nellas comprando artigos, taes como ovos, gallinhas, etc. para revender, e que ao mesmo tempo transporta carga e encomendas para os pontos do seu trajecto. Além d'isso, o *recoveiro* faz a sua recovagem em cavalgadas ou em carro; em quanto que o *almocreve* só emprega cavalgadas.

Almoeda, leilão, hasta pública.—*Almoeda*, palavra hespanhola de que nunca se fez grande uso na nossa lingua, differe de *leilão*, em este vocábulo ser applicável a toda a especie de hens, móveis e imóveis, e *almoeda* só a bens móveis e a toda a classe do objectos.

Hasta pública differe de *leilão*, em o primeiro lançar, no *leilão*, depender só da avaliação do licitante, em quanto que na *hasta pública* so arremata a partir de uma base prealavelmente estabelecida.

Almofada, coxim.—O *coxim* serve para os mesmos usos que a *almofada*, excepto para o de apoiar a cabeça no leito. Geralmente, também, dá-se o nome de *coxim* á *almofada* rica.

Alopecia, calvicie.—*Alopecia* e *calvicie* differem não só em a primeira palavra ser da linguagem scientifica e a segunda termo vulgar, senão tambem na significação. A *alopecia* dá-se em qualquer parte do corpo em que ha cabello ou pello; a *calvicie* dá-se só na cabeça. Além d'isso a *alopecia* é o acto do cabello cair; a *calvicie* é o estado que resulta da *alopecia*.

Alparca, alpargata. abarca, sandalia.—A *abarca* é o calçado rústico formado apenas por uma toska sola de couro que se adapta á planta do pé e se sujeita á parte inferior da perna por meio de tiras de couro; usam-no em Hespanha e no sul da Italia.

Alpargata e *alparca* são calçados que têm

a sola de cânhamo; a *alpargata* é em forma de sapato; a *alparca* cobre só os dedos do pé e sujeita-se com fitas à perna.

Sandalia é uma espécie de abarca de sola apurada, que se sujeita ao pé por meio de correias que fazem as vezes de empenha. *Os frades de alguns ordens religiosos usam sandalias.*

Alpendre, alpendrada, telheiro. — *Alpendre* e *alpendrada* têm por fundo o próprio edificio; o *telheiro* está contra o edificio ou isolado.

Eis o que de estes vocabulos diz Roquete: «A segunda palavra (*alpendrada*) só se distingue da primeira pela terminação *ada*, a qual assim como prolonga a palavra também indica continuação, prolongamento da cousa. Assim que significando *alpendre* um pórtico sustido em pilares deante da porta de algum edificio, *alpendrada* significa *alpendre* comprido, que acompanha o lanço de algum edificio, ou varanda coberta, com pilares e tecto, que orna o edificio, e preserva de sol, chuva, etc. Dizem alguns *alpendurada*, o que parece justificar a sua origem do verbo *alpendurar*

«*Telheiro* é *alpendre* rústico de telha vã, quasi sempre separado do edificio, onde trabalham canteiros, carpinteiros, etc.»

Efectivamente, denominamos *alpendre* o adro coberto que ha deante da porta de algumas ermidas e conventos, e *alpendurada* o *alpendre* sobre que abrem as janellas de alguns cbalets.

Hoje *alpendre* diz-se quasi exclusivamente de aquella parte de um pátio que está coberta por telhado. Ao *alpendre*, como o entendia Roquete, se dá o nome de *anteportaria*; e a *alpendurada*, ainda que impropriamente, chama-se *galeria*.

Alpense, álpico, alpino, alpestre, alpétrico. — A idéa commum a estes adjectivos é a de designar a origem da pessoa, animal ou cousa natural dos Alpes, porém as suas diferentes terminações obstat a que elles sejam empregados indistinctamente.

Alpense convém aos habitantes e ao que lhes diz respeito: os *alpenses* são hospitaleiros; costumes *alpenses*; a moda *alpense*.

Álpico refere-se á altitude e ao que a ella é relativo: os *álpicos* cumes nevados.

Alpino é o qualificativo mais geral de este grupo; não só se applica á fauna e á flora, senão a tudo o que se realiza nos Alpes ou nas altas montanhas que lhes são comparadas: *cedro alpino*; *camurça alpina*; *excursão alpina*.

Alpestre diz-se do que, em qualquer parte do mundo, é semelhante aos Alpes: *sítio alpestre*.

Alpétrico é o mesmo que *alpestre*, mas a terminação torna este adjectivo pouco recommendável.

Alquelve, pousio. — A idéa commum a estes dols substantivos é a de «terra não semeada»; differem porém em o *alquelve* ser lavrado uma vez por anno, operação que não se faz ao *pousio*.

Altar, ara. — *Ara* significou primitivamente o primeiro corpo do altar em que os romanos offereciam aos deuses sacrificios modestos, libações, etc., reservando-se o nome do altar (em latim *altare* e mais frequentemente *altaria*, no plural) á parte superior onde se punha uma *ara* para sobre ella queimar as grandes victimas. Posteriormente, e tomando o todo pela parte, denominou-se altar o conjunto do altar propriamente dito e da *ara* que nelle estava. O catholicismo, que não bonvera atraído a si os pagãos se abortamente repudiasse o que lhes materializava, por assim dizer, as crenças, conservou o *altar* e a *ara* nos seus templos, attribuindo o nome de *ara* á pedra sobre a qual se collocam a hostia e o caliz durante a missa, e o do altar á especie de mesa em cujo centro está a *ara*. — No sentido figurado, *altar* designa o «clero», como na expressão: o *throno* e o *altar*. Isto é «a realza e o clero», continuando *ara* a ser empregado quando bouver sentido de sacrificio, ex.: nas *aras da liberdade*.

Altear, elevar. — *Alteia-se* o que de si já era alto; *eleva-se* o que é baixo.

Eleva a voz aquelle que, falando dovar, se quer deixar ouvir melhor; *alteiam* as vozes no calor da discussão os que já estavam falando em voz alta. *Eleva-se* um edificio num terreno baldio; *alteiam-no* depois de concluido sobrepondo-lhe um ou mais andares. — Esta synonymia mostra que devo dizer-se *pessoa de alta posição*, e não *pessoa de elevada posição*, a não ser que claramente se queira alludir á baixa posição precedentemente occupada.

Alteração, mudança, variação, modificação. — A *alteração* refere-se á ordem e disposição das partes, ou ao funcionamento do todo: houve *alteração* no horario dos comboios; o doente teve *alteração* no pulso.

Mudança é uma alteração completa; muda o tempo de bom para mau, ou vice-versa; muda o vento do um ponto para outro; ha *mudança* no pessoal de um escriptorio quando novos empregados vêm substituir os que havia, ou quando estes permutam entre si os seus cargos.

Variação, diz D. José de Lacerda: «designa mudanças successivas n'um mesmo «sujeito ou objecto». E' isso, mas tambem

banhistas, a dias ou por mezes; nas cidades *arrendam-se* ou *alugam-se* casas por semestre, e também se *arrendam* por varios annos. **Aluga-se um trem, alugam-se móveis**, mas não se **arrendam**. *Uma companhia de cómicos aluga o theatro da povoação por onde passa; um empregazinho arrenda o theatro que quer explorar.*

D. José de Lacerda não estabelece bem esta synonymia: «*Alugar*—diz elle—diz-se propriamente dos móveis, ou predios urbanos, cujo uso e proprietario cede a alquem por certo preço ajustado entre ambos. *Arrendar* diz-se dos predios rústicos. Chama-se *aluguel* o preço d'aquelle contrato, e o preço d'este chama-se *renda*.»

É o mesmo que já dissera Roquette:

«*Exprimem estes vocábulos o contrato pelo qual o proprietario de uma cousa a cede a outrem, e este aaccepta e uso ou usufructo de ella por certo preço e tempo entre elles ajustados. Porém o primeiro diz-se com mais propriedade dos bens móveis e predios urbanos, e e segundo de predios rústicos. Quem aluga uma besta, uma sege, etc., deve pagar o aluguer logo que acaba a jornada; os inquilinos ou locatarios pagam ordinariamente o aluguer todos os semestres; os rendeiros pagam suas rendas todos os annos.*»

Alquilar, termo que já foi genérico, só se diz actualmente falando de cavalgadas e carruagens; o uso vai mesmo postergando este vocábulo, e substituindo-o por *alugar*.

Aluir, abalar, bullr.—*Aluir* denota uma acção mais efficaz que *abalar*. O que se *alua* não recupera a firmeza anterior; o que se *abata*, sim. A parede *aluida* cae mais cedo ou mais tarde; a parede *abalada* recuperou a firmeza desde que cessou o movimento que a *abalou*. A doença *abatia* os dentes, mas estes não tardam em recuperar a fixidez habitual.

Bullr indica deslocação parcial ou completa; *vem-se bullr as folhas das árvores agitadas pelo vento; não gosto de ver bullr nos meus livros com recio que lhes troquem os logares.*

D. José de Lacerda, parece ter comprehendido de outro modo estes vocábulos, dos quaes diz: «*Aluir é bullr com força para abalar cousa que está firme.*—Acertou de achar alli os paus não muito firmes, e tanto esteve *aluido* nelles que fez entrada» (Barros).—*Bullr* indica movimento vagarese, ou pouco duradouro, porém excitando a idéa de mudança de lugar: *para bullr é necessario movimento muito sensivel. Abalar é mover escassamente; a enfermidade abala os dentes.*

Alumno, discipulo, estudante.

Querem, quantos de synónymos hão tratado, que *alumno* se diga de «aquelle que

«é creado, educado por alguém, e de elle «recebe sustento e doutrina» (LACERDA), porquo vindo esta palavra, «segundo a etymologia, de *alio*, criar, nutrir, diz-se do «que é desde sua infancia educado por alguém e de elle recebeu alimento da doutrina. Diz-se com propriidade dos *estudantes* internos de um collegio» (Roquette). Concordamos com e que fica citado, mas tão frequente se tornou chamar *alumno* ao que frequenta qualquer aula ou escola, que entre este vocábulo e *discipulo* só podemos fazer a seguinte distincção:

Alumno diz-se de quem, como interno ou como externo, estuda num collegio, numa escola, numa aula qualquer.

Discipulo, no sentido em que consideramos este vocábulo, diz-se com relação ao professor, não com relação ao collegio, à escola ou à aula. É indifferente dizer os *alumnos* ou os *discipulos* de Fulano; dir-se-á porém os *alumnos* do Collegio Arriaga, os *alumnos* da Escola industrial e não os *discipulos* do Collegio Arriaga ou da Escola industrial.

Estudante é termo genérico, que rigorosamente se pode applicar a todo aquelle que estuda, seja o *abc*, seja o último anno de qualquer curso superior. *Este alumno é bom estudante; entre os meus discipulos tenho alguns mais estudantes.*

Alva, aurora, crepúsculo.—A *alva* succede á noite e precede á *aurora*; a *aurora* cessa ao nascer do sol (V. *Madrugada*).

Crepúsculo, scientificamente, é a claridade que precede e nasce de sol, e á tarde se segue ao seu occaso; a claridade do *crepúsculo* augmenta gradualmente desde que rompe a *alva*, o diminui, também gradualmente, até ao cerrar da noite. Na linguagem vulgar, *crepúsculo*, só se diz do *crepúsculo vespertino* ou da tarde. Quando queremos empregar esse vocábulo para designar o conjunto da *alva* e da *aurora*, chamamos-lhe *crepúsculo matutino*.

Alvadio, cluzento.—*Cluzento* se diz do que tem a cor da cinza.

Alvadio é a cor intermedia entre o branco e o cinzento.

Alvedrio ou urblitrio, liberdade.—O direito de obrar como melhor nos pareça, com tal que esse direito não vá em contra de direito de outrem, é *liberdade*. Esta *liberdade* não só se dá no que é physico, como também no que é moral; assim como qualquer animal tem a *liberdade* de mover-se, quando não está ferido ou preso, nós temos a *liberdade* de determinar-nos e de executar e que determinámos enquanto uma peia physica ou moral não nos sujeite e nos impeça essa execução.

O *alvedrio* ou *arbitrio* é uma das formas da *liberdade* moral; designa particularmente, não o direlto, mas o poder que temos de tomar esta ou aquella resolução, de escolher entre as alternativas que o espirito nos apresenta.

«*Alvedrio* — diz D. José de Lacerda — «significa a faculdade que tem a nossa vontade de resolver e de determinar-se depois da deliberação. *Liberdade* designa a «propriedade do *alvedrio* de se determinar «por sua propria energia, sem que seja a «isso forçada a nossa vontade. O *alvedrio* «dá-nos o determinarmos-nos com deliberação; e dá-nos a *liberdade* que seja a nossa «vontade senhora absoluta da sua determinação».

Alvelitaria, veterlnaria. — Antes da medicina veterinaria ser oficialmente introduzida em Portugal, era geralmente o *ferrador* que, empiricamente, tratava os animaes domésticos nas suas doenças; considerado como tal, dava-se-lhe o nome de *alveitar* ou *albeitar*, denominação árabe dos que exercem o officio de ferrar cavallos.

Veterinaria (do latim *veterina*, besta de carga) é o estudo das doenças dos animaes domésticos, e também o exercicio da profissão de aquelle que, habilitado com estudos, exerce a *alveitaria*.

De um mau médico, de um *mata sãos*, se diz que é *alveitar*, não *veterinario*, aquella palavra considerando-se actualmente um tanto injuriosa.

Alvenel, pedreiro, cantelro. — *Alvenel* e *pedreiro* são synónymos perfectos, quando *pedreiro* designa aquelle que trabalha em obras de alvenaria, ou de pedra e cal, como vulgarmente se diz; *alvenel* porém é hoje pouco usado.

Pedreiro e *cantelro* na linguagem vulgar são também synónymos; mas, especificamente, *pedreiro* designa aquelle que nas pedreiras arranca a pedra, e *cantelro* o que a trabalha depois de arrancada.

Álveo, lelto, madre. — A idéa comum a estes substantivos é a do ducto que segue uma corrente; differenciam-se não obstante entre si.

Álveo desperta a idéa da corrente passar entre ribanceiras.

Lelto é o fundo sobre que a agua desliza; diz-se *lelto arenoso*; não se diz porém *álveo arenoso*, nem *madre arenosa*.

Madre é a superficie que a corrente occupa no seu estado normal; as grandes chuvas fazem sahir os rios de *madre*.

Alvo, branco. — *Branco* diz-se em opposição a preto ou a qualquer outra cor.

Alvo acrescenta a idéa do *branco* a da pureza e delicadeza da cor ou da materia: *farinha alva*; *pão alvo*, etc.

Alvorada, madrugada. — A *madrugada* principia uma ou duas horas antes de amanhecer. *Alvorada* diz-se dos primeiros clarões da alva. *Madrugada* refere-se só ao tempo; *alvorada* diz-se com relação ao tempo subordinado á primeira claridade do dia. Quem se levanta de *madrugada* levanta-se ás escuras; aquelle que se levanta á *alvorada* principia a distinguir confusamente os objectos.

Alvoroco, alvoroto. — Estas palavras não são synónymas; a ignorancia é que as synonymon.

Alvoroco é a agitação de ânimo motivada por qualquer paixão; **alvoroca-se** a população quando the consta que o inimigo se acerca. O *alvoroco* e os vivas recrudesceram quando os reis desembarcaram.

Alvoroto é commoção ruidosa: o actor pateado fez para a platéa um gesto que produziu *alvoroto* tremendo.

Ama, governante. — A mulher assalariada a quem se confia o governo de uma casa, chama-se *governante*.

Ama só se diz da governante de padre.

Ama, patroa, senhora. — *Ama* é a dona da casa com rolação aos criados e ás criadas.

Patroa é a *ama* com relação aos caixeiros, marçanos, officiaes e empregados da casa.

Senhora é a dona da casa com relação a todos em geral, mas particularmente com respeito ao marido e aos filhos.

Amadurecimento, maturação, sazonnement. — *Amadurecimento* é a operação physiologica do fructo; *maturação* diz-se do estado do fructo que completou o *amadurecimento*.

Sazonamento designa as circumstancias provenientes do *amadurecimento*.

Na época do *amadurecimento* da uva, a temperatura apressa ou demora a *maturação* e influe muito no *sazonamento*.

Amaldiçoar, maldizer. — *Amaldiçoar* é deitar a maldição a alguém ou a alguma coisa: Noé, diz a Biblia, *amaldiçoou* a seu filho Cham; Jesus *amaldiçoou* a figueira estéril.

Amaldiçoar toma-se também noutro sentido em que é synónimo perfeito de *maldizer*, isto é, dizer mal da sua sorte: Job *amaldiçoou* o dia (ou *maldisse* do dia) em que nasceu.

Maldizer não se deve empregar no primeiro sentido que acima tem *amaldiçoar*.

Os participios *amaldiçoado* e *maldito* differem também entre si quando empregados como adjectivos. *Amaldiçoado* exprime apenas que a maldição foi deitada á pessoa ou

à cousa de que se trata; *maldito* diz-se no sentido de *amaldiçoado*, e tambem no do «péssimo», «perverso»: *filho amaldiçoado pelo pae*.—*Filho maldito*, diz-se indifferente do filho perverso e do que recebeu maldição.

Amanhar, concertar.—Estes vocábulos não são synónimos; confundem-nos porém em algumas terras do Alemtejo, principalmente nos concelhos de Reguengos e Mourão.

Amanham-se terras, peixes, aves mortas. *Concertam-se* relógios.—*Amanhar* é dispor com manha ou arte. *Concertar* é repôr no estado primitivo.

Amansado, manso, doméstico, domesticado.—*Amansado* subentende um estado anterior differente da actual mansidão; não assim *manso*, que designa a propria índole. Um potro *manso* não necessita ser *amansado*; o que necessita é ser *ensinado*.

Domesticado está para *doméstico* como *amansado* está para *manso*.

O animal *doméstico* é o que nasceu, se criou e vive entre nós; o animal *domesticado* é o que se ensinou a viver connosco. Entre nós o cavallo é *doméstico*; na América do Sul é *doméstico* se nasceu em casa, e *domesticado* se provém das pampas.

O *seado* é *manso*, não *doméstico*.

Amansadura, amansamento, amausia.—O acto de *amansar* é a *amansadura*; o effeito de esse acto é o *amansamento*.—Em vez de *amansadura* diz-se *amausia* quando se fala do gado bovino.

Amansar, domesticar, domar.—«Podem-se *domesticar* os animaes bravos ou bravios, isto é, podem-se reduzir a viver na mesma habitação com o homem, e «como que a ser seus servos ou seus companheiros. Podem-se *amansar* os animaes ferozes, isto é, podem-se tornar submissos e obedientes. Podem-se *domar* animaes bravios, mas sem ficarem comtudo tão obedientes que se possa dizer que os «*amansámos* (LACERDA)».

Amante, namorado, noivo, recém-casado.—O *amante* ama; o *namorado* namora; o *noivo* pretende casar.

Amante é tomado em boa ou má parte, segundo o amor fôr casto ou já sancionado, ou a cópula consumada.

Namorado se diz da pessoa que fala do amor a outra.

Noivo é o *namorado* que tem o casamento tratado. Impropriamente são os *recem-casados* chamados *noivos*.

Amantelar, fortificar.—*Fortificar*

é o termo genérico com quo se designa acto de construir quaesquer fortificações.

Amantelar é *fortificar* commuralhas. *Uma praça desmantelada* tem as muralhas arruinadas ou arrasadas, podendo porém ter de pé fortalezas e cidadella. *A fortaleza desmantelada* está completamente arruinada.

Amarellecer, amarellejar.—*Amarellecer* é ir perdendo a côr natural para volver-se *anarello*.

Amarellejar é manifestar, mais confusa que distinctamente, a côr *amarella*.

Amarellecem as folhas no outono. *Serras que amarellejavam* com as giestas.

Amargado, amargurado, amargo.—E' *amargado* o prazer que traz após si um dissabor.

E' *amargurado* o bem proveniente de um mal, ou que se obtem a duras penas.

E' *amargo* tudo o que é mal ou soffrimento.

Amargada festa que termina por desastre. *Amargurado pão* proveniente da caridade. *Amarga existencia* a do infeliz.

Amarúgem, amargura.—A *amarúgem* é o gosto do que é *amarecente* ou *amaricante*, isto é, do que é um pouco amargo. *Amargura* é o gosto do que é declaradamente amargo.

Amaurose, gotta serena.—A *paralysis* da retina e do nervo óptico é chamada vulgarmente *gotta serena*, e scientificamente *amaurose*. Estes vocábulos são pois synónimos perfeitos.

Amavios ou amavias, philtro.—As beberágens que, para conseguir o fim almejado, a mulhor dá ao homem de quem pretende ser amada chamam-se *amavios* quando na sua composição entra menstro; não entrando n'ellas essa asquerosidade dá-se-lhes o nome do *philtros*. O *philtro* tanto pode ser administrado pela mulhor ao homem, como pelo homem à mulhor.

Ambages, rodeios, subterfugios.—Estas trez palavras são geralmente empregadas no mesmo sentido; não obstante, *ambages*, não encerra a idéa de engano que a *rodeios* e a *subterfugios* se deve exclusivamente attribuir. Não se anda com *ambages* para enganar, sim porém com *rodeios*, quando se pretende desnor-tear, e com *subterfugios*, quando illudir.

Ambages deve dizer-se como synónimo do *circumloquio*, isto é, rodeio de palavras ditas com affectação para explicar as cousas.

Âmbar, succino.—O *succino* é uma das especies de *âmbar*, o *amarello*; isto é,

âmbar é a denominação commun ao succino ou *âmbar amarello*, e ao *âmbar* propriamente dito ou *âmbar cinzento*.

Ambição, cubição. — De estes dois vocabúlos só *ambição* é que pode ser tomado a boa parte; *cubição* designa um sentimento vil.

A *ambição* designa principalmente o desejo de alcançar poder, honras, dignidades; *cubição* refere-se a riqueza, ao dinheiro. Ila *ambiciosos* que, longe do serem *cubiosos*, gastam a mãos largas para obterem o que ambicionam.

Ambiguidade, amphibologia, equivoco. — A *ambiguidade* consiste em tornar as phrases suscetíveis de varias interpretações sem que pelo sentido nos possamos decidir por uma de ellas.

A *amphibologia* é um defeito syntáxico que dá á phrase dois sentidos, se bem é facil ao espirito interpretar o verdadeiro.

Equivoco diz-se melhor da palavra, que da phrase ou do discurso; dá-se o *equivoco* quando empregamos um vocabulo que pela sua estrutura nos recorda um sentido, se bem elle está empregado noutra. *Equivoco* é tambem suscetível de outras accepções em que cessa de ser synónimo dos outros vocabulos de este grupo.

De *ambiguidade*, *amphibologia* e *equivoco* eis o que diz Roquette:

«Estas trez palavras indicam os principaes defeitos que se oppõem á clareza da linguagem, os quaes todos concorrem para a fazerem obscura e duvidosa em seu sentido, mas cada um por seu modo, que importa conhecer para bem o evitar.

«*Ambiguidade* é palavra latina, *ambiguitas* (do *ambigo*, rodcar, andar á roda; *duvidar*); consiste em apresentar a phrase um sentido geral, que admite diferentes interpretações, do modo que custa trabalho a descobrir ou adivinhar o pensamento do autor, sendo ás vezes impossivel conseguilo. E' pois a *ambiguidade* duvida, confusão e incerteza na linguagem e idéas.

«*Amphibologia* vem da grega *amphibolia*, composta da preposição *amphi*, que significa ao pé, em roda, do dois lados, etc., e de *ballo*, lançar, a que depois se ajuntou *logos*, palavra; ou do *amphibolos*, que tambem se compõe de *amphi* o *ballo*, e significa ferido ou que fere de dois lados, e no sentido figurado, *ambiguo*, *equivoco*. Committe-se esta falta quando se construo uma phrase de modo que possa admittir duas diferentes interpretações. Refere-se antes ao giro da phrase ou collocação das palavras que aos termos *equivocos* d'ellas; ao contrario da *ambiguidade*, que so acha só nos termos, e assim se diz uma palavra *ambigua* o uma phrase *amphibológica*. D'este género

«é a seguinte: *Heitor Achilles chama a deusa*. Nenhuma das palavras é *ambigua* nem *equivoca*, mas é *amphibológico* o sentido, porque ainda que regularmente se ponha o sujeito antes do verbo, os poetas invertem muitas vezes esta ordem; e do aquella phrase se pode entender que Heitor proovea Achilles, ou este áquelle.

«*Equivoco* é palavra latina *equivocis* (de *æquus*, igual, e *vox*, voz), e significa em geral, multiplicitade do significações, mas regularmente tem dois sentidos, um natural e immediato, que é o que parece querer-se dar a entender, e outro artificial ou fingido, desviado ou apartado que só comprehende a pessoa que fala, e ás vezes tão disfarçado que só o entendem os que penetram a allusão. — Chamam-se *equivocas* as palavras que se podem entender em dois ou mais sentidos, ou porque ellas mesmas têm varias significações distintas, ou porque se confundem com outras da lingua que se pronunciam e escrevem do mesmo modo, posto que tenham um significado mui diverso.

«O mau gosto dos nossos seiscentistas introduziu o uso dos *equivocos* como um ornato oratorio jogando de vocabulo para divertir o auditorio ou os leitores, ou mostrar agudeza de engenho. Vieira, tão bom orador como era, pagou largo tributo a este depravado uso; e apezar de o ter como um defeito não se emendava de calr nelle, como elle mesmo confessa num sermão da Resurreição (VI, 470), dizendo: «Quem tirou o véo ao amor, esse lhe descobriu a cara, porque o mostrou *desvelado*. Não mo estranheis o *equivoco*, que em manhã tão alegre e tão festiva até os Evangelistas o usaram.»

«Este *equivoco* do P.^e Vieira precisa explicação. Todos sabem que a particula *des* é um prefixo que corresponde ao latino *dis*, privativo ou disjunctivo, e se antepõe a muitos vocabulos para exprimir separação, acção feita em contrario ou em sentido opposto a outra, v. g. *desfazer*, *desmanchar* o que está feito, *desprezar*, não *prezar*, etc.; mas o que nem todos sabem é que esta mesma particula em alguns poucos vocabulos tem um valor mui differente, pois indica prolongação de acto, intensidade na acção, ou maior perfeição, v. g. *descantar*, e *descante*, não significam deixar do cantar, o que seria ficar calado, mas sim cantar muito e em harmonia ou concerto de instrumentos, e o mesmo concerto de instrumentos. A esta especie pertence o verbo *desvelar*, que é composto de *des* e *velar*, e não significa deixar do velar, o que seria dormir, e no figurado não euilar, mas sim *velar muito*, ter muito cuidado, andar muito sollicito. Ora é neste sentido que o P.^e Vieira tinha usado d'este verbo e de seu substantivo *desvelo*, e de repente em-

«prega a palavra *desvelado* não com a significação do verbo *desvelar-se*, mas com a de *privado de véo*, fazendo a particula *des* privativa, referindo-se ao verbo *velar*, *velare*, que significa cobrir com véo, o qual, precedido da particula *des*, *desvelar*, significaria *privar de véo*, descobrir, como em francez se diz *dévoiler; desvelado*, pelo contexto da sentença, quer dizer sem véo, por'que *véo* é contração de *velo*, de *velum* latino, o que forma equívoco com a significação geralmente recebida de *desvelado*. A isto chamam com razão os Francezes *jouer sur les mots*, e nós com o mesmo Vici-ra lhe chamamos *jogar de vocábulo*.

«A *ambiguidade* é parto d'um limitado talento, ou dos que se querem esconder na obscuridade, como succede com os charlatães e impostores; a *amphibologia* provém da ignorancia das regras gramaticas ou da intenção dobre de quem fala. O *equivoco* é indigno de um homem franco e honrado porque delata engano, e deve ser evitado pelo litterato, o qual nunca deve jogar de vocábulo senão em obras jocosas.»

Âmbito, área. — A palavra *área* refere-se apenas á superfície; *âmbito*, á superfície considerada como limitada, ou á superfície e á altura limitadas. Assim diz-se indifferentemente a *área* ou o *âmbito* da praça; não se diz porém: a voz ressoou por toda a *área* da sala, mas por todo o *âmbito* da sala.

Ambos, um e outro, dois. — *Ambos* e *um e outro* distinguem-se em aquelle, *ambos*, se referir ao conjunto dos dois; e *um e outro* apresentar cada um distinctamente.

Ambos também se differença de *dois* em este se referir ao número, e aquelle, como já dissemos, ao conjunto: «O querer e o poder fazer bem são duas cousas totalmente diferentes, e que nem sempre existem unidas no mesmo sujeito, mas *ambas* se requerem essencialmente para o exercicio da vobre virtude de beneficência». (P.^o ANTONIO VIEIRA).

De *ambos* e *dois* diz Roquete:

«Ha entre estes vocábulos a mesma differença que se dá entre *ambo* e *duo*, latinos. O primeiro indica duas cousas unidas, ou que entre si têm referencia ou conformidade, ou que se apresentam juntas na mente de quem fala; o segundo refere-se única e precisamente ao número que medeia entre um e tres. A virtude e a gloria são cousas diferentes e nem sempre existem no mesmo sujeito, mas *ambas* se requerem para fazerem o verdadeiro heroe. — Vêdes *dois* homens juntos, diz Vieira, ... pela presença *ambos* juntos, pela amizade muito longe um do outro. — *Ambos* é também syno-

nymo de *um e outro*, mas de elle differo em que *um e outro* não exige a idéa de união, requerida pelo vocábulo *ambos*. Assim que, quando dizemos: D. João I e Nuno Alvares Pereira ganharam *ambos* a batalha de Aljubarrota, entende-se que os dois guerreiros lidaram juntos naquella memorável feito de armas; e se dissessemos *um e outro* deixou ou deixaram illustre descendencia, entende-se que cada um de elles teve filhos e netos que no valor e mais partes não desmentiram dos paes.

«*Ambos* e *dois*, ou *ambos os dois*, é pleonasmo vulgar, mas não tão desnecessario como alguns querem, porque indica precisamente o caso em que os *dois* vão ou estão *ambos juntos*, ou *um com outro*; é o *tous les deux* dos Francezes. — Temos por incorrecta a locução *ambos de dois*, porque não ha nada que justifique a particula *de* e só tem logar a conjunção *e*, ou o artigo *os*. Nem nos demove de nossa opinião o ler-se assim em bons autores, porque nem tudo que escreveram é correcto.»

Ambulante, errante, vagabundo. — *Ambulante*, *errante* e *vagabundo* encerram uma idéa commun, distincta porém nas suas particularidades.

Ambulante diz-se de quem exerce um mister de terra em terra: *músico ambulante*; *dentista ambulante*.

Errante, sem comprehender a idéa do mister, applica-se a quem anda de terra em terra, sem rumo fixo, e sem mais objecto que o de não estar parado: *de todos é conhecida a lenda do Judeu errante*.

Vagabundo acrescenta á idéa do *errante* a de ociosidade, vadiagem.

Ameixa, abrunho. — Estes dois vocábulos designam o mesmo fructo; *ameixa* é o termo portuguez; *abrunho*, o termo etymológico. O uso porém attribue a denominação *abrunho* ás especies mais apreciáveis, e a de *ameixa* ás especies ordinarias: diz-se *abrunho* de França e não *ameixa* de França; *ameixa* do Santo Antonio e não *abrunho* do Santo Antonio.

Ameno, agradável. — O que é *ameno* é agradável, porém nem tudo o que é agradável é *ameno*. Tudo o que causa prazer é agradável; mas para que o que causa prazer seja *ameno* é necessario que o gozo seja puro, suave, innocentemente delectável.

Amnistia, indulto, perdão. — *Amnistia* só se diz do delictos, ou de faltas commettidas contra a lei; nunca do crimes. Diz muito bem D. José de Lacerda que «*Amnistia* significa o esquecimento do passado, e tem por objecto perdoar acções, que são consideradas crimes somente du-

«rante o estado anormal das cousas públicas, porém que não deshonram quem as «pratica».

Indulto é a remissão da pena imposta. O **amnestiado** é reintegrado no seu posto e honras; o **indultado** é apenas relevado do eastigo.

Perdão é a remissão da pena imposta; differe do **indulto** em applicar-se a crimes que deslustram.

Amolar, afilar. — Estes verbos designam o mesmo objecto da acção; sacar fio a um instrumento cortante. **Amolar** diz-se de ferramentas e instrumentos grosseiros; **afilar** dos mais delicados, e também do aquelles. **Amola-se** ou **afia-se** uma faca de cozinha; **afia-se**, mas não se **amola** uma navalha de barba.

Amolgado, abolado, amossado. — Da superfície em que o defeito forma cavidade diz-se **amolgado**; so forma salloñcia, diz-se **abolado**.

Amossado diz-se dos dentes que formam um gumo que tem solução de continuidade.

Amor à patria, patriotismo. — O amor à patria é um sentimento menos activo que o patriotismo. Tem **amor à patria** aquelle que de ella está ausente. Tem **patriotismo** aquelle que pelo bem da patria lhe sacrifica bens, e até a propria vida.

Amovível, temporario. — **Amovível** diz-se dos cargos que, dadas determinadas circumstancias, podem ser retirados a quem os exerce. **Temporario** se diz dos cargos que são exercidos por limitado tempo.

Amovível diz-se também dos cargos que so exercem ora num, ora noutro pouto.

Ampliar, dilatar. — **Ampliar** é tornar maior ou mais extensa cada uma das partes de um todo; a lente **amplia** os objectos; quanto mais se approxima um objecto à luz tanto mais a sua sombra se **amplia** na parede.

Dilatar é tornar mais amplo, mais largo, fazer occupar maior superfície: o calor **dilata** os corpos; o pequeno reino de *Pe-layo* foi-se **dilatando** pela *Hispanha* até à queda de *Granada* em poder de *Ízabel* e de *Fernando*.

Amplia-se um discurso tornando mais extenso cada um dos seus períodos; **dilata-se** acrescentando novos períodos aquelles que o constituem. **Ampliam-se** photographias; **dilatam-se** reinos.

Amplio, vasto, espaçoso. — **Amplio** indica que o comprimento o a largura do que se considera é mais do que sufficiente para o uso a que é destinado.

Vasto se diz do que é muito amplo, ex-

cessivamente grande. Num salão **amplo** os pares dançam á vontade; num salão **vasto** não só se dança á vontade, mas os pares podem ser em número muito elevado.

Espaçoso refere-se á superfície com relação ao que nella se pode conter.

Uma sala é **espaçosa** quando, contendo muita mobilia, ainda nella ha muito espaço desoccupado; é **ampla** quando nella folga tudo o que contem; é **vasta** quando as suas dimensões são extraordinarias.

Amuleto, talismán. — Qualquer objecto que se traz comsigo por julgar-o virtuoso, é **amuleto**. As medalhas da Virgem o as cruzos que os cathólicos trazem ao peito, assim como os chavellos e as figas dos supersticiosos, são **amuletos**.

Talismán é um **amuleto** especial formado por uma pedra ou pedaço de metal em que está gravada uma figura ou caracteres extranhos, e a que se attribuem virtudes extraordinarias.

Anachoreta, eremita, solitario. — **Solitario** é termo genérico; diz-se indistinctamente de quantos vivem em sitios apartados longe do convívio do mundo.

Anachoreta applica-se aos que se retiram do vaivem do mundo para sitio isolado e alli vivem entregues á meditação religiosa. Figuradamente se diz de qualquer pessoa que vive retirada do trato social.

Eremita é o religioso que, em logar isolado cuida de uma ermidã ou capella.

Anafado, gordo. — **Anafado** acrescenta á idéa de **gordo** a de luzidio: o **jesuita**, geralmente, é magro; poucos ha **gordos**; **anafados** não os querem: *desacreditariam a Companhia*.

Analogia, semelhança, conformidade, relação. — De todos estes vocábulos, o mais extensivo é **relação**. Basta quo entre dois objectos haja um ponto que seja commum a ambos para que entre elles exista alguma **relação** e por consequencia base para comparação. Dizer que entre duas pessoas ou duas cousas existe certa **relação**, não quer de modo nenhum dizer que as pessoas ou as cousas sejam eguaes, nem parecidas; este modo de falar estabelece apenas quo ha motivo para considerá-las como tendo algo de commum, podendo de essa consideração resultar que ellas sejam semelhantes ou análogas, ou muito diferentes.

Analogia é a **relação** que existe entre pessoas ou cousas não só comparáveis, mas que pelos caracteres se approximam muito uma da outra. *Entre a planta e o animal existe uma relação. a do desenvolvimento; entre qualquer animal e o homem ha muita analogia: o desenvolvimento, o movimento, o sentimento, etc.*

Semelhança se diz dos objectos que aos nossos sentidos apresentam o mesmo aspecto exterior, ainda que entre elles não exista analogia. A baleia, por exemplo, é pelo vulgo considerada como um peixe, devido á forma e á natção, que a torna *semelhante* a estes; aos olhos do naturalista, o quo existe, é analogia entre a baleia e os mamíferos, e apenas *relação* do habitar com os peixes.

Conformidade diz-se das formas idénticas ou semelhantes de duas ou mais cousas. Este vocábulo porém applica-se melhor para designar os caracteres reaes e essenciaes que estabelecem perfeita harmonia entre as cousas, do que as exterioridades.

Análogo, semelhante, parecido.—*Análogo* se diz das cousas que, sendo diferentes, têm entre si grandes pontos de contacto: *as raízes das árvores são análogas á bocca dos animais, porque por ellas se alimenta o vegetal.*

Semelhante diz-se das pessoas o das cousas que nos seus caracteres reaes e essenciaes se approximam ou se parecem.

Parecido refere-se unicamente ao exterior; *todos os homens são semelhantes*; *dois gémeos são geralmente parecidos.*

Alphabeto, ignorante.—*Alphabeto* se diz de aquelle que não sabe ler; *ignorante* do que não tem sciencia. No sentido figurado *alphabeto* é termo mais depreciativo, porque qualifica o *ignorante* que não sabe quanto tinha obrigação de saber, e tambem aquelle que tem pretensões a sabio.

Análise, extracto, epitome, resumo, compendio, summa, argumento.—*Análise*, na serie de idéas em que os vocábulos de este grupo são synónimos, diz-se do trabalho litterario ou scientifico em que é examinado outro de igual natureza; a *análise* pode ter por objecto a critica, ou tão só o fim de expôr o objecto, o plano e a sequencia das idéas explanadas na obra de que se trata.

Extracto é a copia litteral de um ou varios trechos de uma obra. Noutro sentido, porém, se diz, da obra litteraria que extrae abreviamente a doutrina da outra, consubstanciando-a e resumindo-a. Nesta accepção o vocábulo mais appropriado é *epitome*.

Resumo é o livro que, sem pretensões a substituir outro, reduz a sua doutrina de modo que, ao lê-lo, se recorde o texto da obra principal.

Compendio é a exposição abreviada dos principios de uma arte ou sciencia; o *compendio* subministra as primeiras noções que o *tratado* explanará.

Summa é uma exposição das principais materias contidas no texto. *Quando os capitulos de uma obra scientifica estão prece-*

ditos de um summa bem feito, a obra é mais intelligivel.

Argumento é o mesmo quo *summa*; diz-se porém mais frequentemente do *summa* que precede cada uma das divisões dos poemas.

Anão, pygmeu.—*Anão* so diz da pessoa de estatura muito inferior á ordinaria.

Pygmeu, nome dos individuos de um povo fabuloso cuja altura era apenas de sessenta o cinco centímetros, diz-se em sentido figurado da pessoa que no seu género é intellectualmente muito inferior ás outras que o cultivam.

Anáphora, anadiplose.—A *anáphora* consiste em começar pela mesma palavra diferentes orações. A *anadiplose* forma-se repetindo no principio da oração ou período a ultima palavra ou phrase da oração precedente. A divisa de Alexandre Dumas, *pae, tudo passa, tudo acaba, tudo cança*, é uma *anáphora*.

Com os olhos lhe accendi no peito o fogo, Fogo que sempre ardeu e ainda arde agora.

é uma *anadiplose*.

Anarchia, nihilismo.—A *anarchia* é o systema dos que pretendem viver sem nenhuma especie de governo. O *nihilismo*, no sentido em que esta palavra pode ser synónyma do *anarchia*, só se diz ao falar dos Russos que pretendem, não viver sem nenhuma forma de governo, mas sim derribar o existente o implantar um governo popular desligado de qualquer crença religiosa e de varios compromissos sociais.

Anáthema, excommunhão.—A *excommunhão* é a sentença ou decisão da autoridade ecclesiástica pela qual se exclue do gremio da Igreja áquello que, pertencendo a ella, lhe não é obediente: *a excommunhão era, na idade media, a arma poderosissima com que os pontífices romanos impunham a sua vontade a todos os monarchas.*

O *anáthema*, dimana, como a *excommunhão*, dos poderes ecclesiásticos; differença-se porém de ella em esta se applicar aos membros da Igreja, o *anáthema* ser fulminado contra os que da Igreja se emanciparam; o seu fim immediato é o de incitar ao odio e á perseguição, ás injurias e ao desprezo contra quem a Igreja *anatematiza*.

A *excommunhão* é pena; o *anáthema*, vingança.

Anatomia, disseccção.—A acção de abrir nm cadáver e de o dividir em par-

tes para lhe estudar a estrutura, é o que se chama *dissecção*.

A arte de *dissecar*, assim como a sciencia que tem por objecto a estrutura do corpo humano, é que se denomina *anatomia*.

Não se deve dizer: *proceder á anatomia do cadáver* no sentido de o abrir e esquarterar; sim, porém, no de o estudar e analysar. Diz-se também *dissecção anatómica*.

Anca, quadril, cadelra. — Anca é a parte saliente do corpo formada pelo osso iliaco.

Quadril é a parte do corpo que, principiando na anca, e comprehendendo-a, se estende até á parte superior da coxa.

Cadelra é a denominação hespanhola da anca humana. Usa-se pouco entre nós, a não ser no plural para designar os dois quadris.

Anca, garupa. — A cada um dos ossos salientes da parte trazeira da cavalgadura dá-se o nome de *anca*.

Garupa é a parte comprehendida entre as duas *ancas*.

Anção, velho. — Os antónymos de estes vocábulos são respectivamente *jóven* ou *moço*, e *novo*; mas como á idéa de *jóven* ou *moço* se une a de inexperiente, idéa que não é inherente a *novo*, resulta que *ancião* se diz por *velho* quando se quer ponderar a experiencia ou a prudência da pessoa entrada em annos, ponderação que não podia fazer-se empregando a palavra *velho*, a qual não só indica carregado de annos, mas, e até certo ponto, presume fraqueza intellectual, maior ou menor incapacidade.

De estes dois termos diz muito bem Riquete:

«Têm seu uso differente e não so pode «empregar uma por outra. *Ancião* diz-se «d'um homem muito avançado em idade, «e que á velhice junta a autoridade e ins- «pira a veneração e respeito.

«*Velho* refere-se á idade individual da «pessoa ou cousa de que se fala, aos muitos annos de sua existencia; e por isso «que desperta a idéa de estar perto do termo de sua duração, não é palavra polida «falando com as pessoas, antes inculca des- «prezo ou zombaria.»

Concluiremos dizendo que *ancião* só se diz de pessoas; *velho*, de pessoas e cousas.

Anclar, anhelar. — Anhelar diz mais que *anciar*. *Anciar* é desejar com *ancia*; *anelar* é desejar com muita *ancia*.

Tendo saude, todos *anelamos* que não venha a doença interrompê-la. O doente *anelar* recuperar a saude.

Aneledade, ancia. — Aneledade dif-

fere de *ancia* como incerteza differe de *re- celo*.

Ha *aneledade* quando o espirito está inquieto esperando que um successo feliz acabe de realizar-se, ou quando labuta na incerteza de se sim ou não qualquer successo, bom ou mau, se realizará. — Ha *ancia* quando so receia que um mal succeda.

Um prisioneiro espera com *aneledade* o dia em que se ha-de ver livre. Com que *aneledade* se espera a lista dos salvados de um naufragio quando no navio naufragado ha um parente nosso!

Deve ser horrível a *ancia* com que o réo espera a decisão do jurado que o pode absolver ou fazer condemnar á morte.

Vive em *anelas* (ou na *aneledade*) aquelle que receia a cada momento que descubram o desfalque por elle feito e que por isso o venham prender.

Ancorar, fundear. — Fundear é termo genérico que não indica se o navio fica sujeito á boia, amarrado á terra, ou seguro por âncora; *ancorar* designa claramente este ultimo modo de fundear.

Andaço, contagio, epidemia, peste. — Andaço é termo popular com que se designam enfermidades epidémicas de pouca monta e fáceis de curar: a *grippe* é um *andaço*.

Contagio diz-se da enfermidade que se comunica pelo contacto immediato ou mediato que se tem com o paciente: a *variola* é um *contagio*.

Epidemia é o termo genérico com que se designa qualquer enfermidade, contagiosa ou não, que ataca grande número de pessoas: a *grippe*, o *chôlera*, a *peste bubônica* são *epidemias*.

Peste diz-se das graves *epidemias* que semeiam a morte em provincias e nações, communicando-se de umas a outras.

Andaime, balléo. — O andaime é o madeiramento bem conhecido que se eleva desde o solo para uso dos pedreiros que trabalham nas paredes de qualquer edificio.

Balléo, que também se diz por *andaime*, designa mais particularmente a plataforma que fica suspensa no espaço por cordas que pendem do alto do edificio.

Andar, ir, caminhar, marchar. — Andar diz-se, em absoluto, do acto de mover os pés para trasladar-se de um ponto a outro: os *quadrúpedes andam*; este menino já *anda*.

Ir é seguir uma dada direcção ou de um modo determinado: *ir a Roma*; *ir cozeando*; *ir de pressa*; *ir de carruagem*.

Caminhar é *ir a pé*. Marchar, pouco usado fora da milicia, designa o modo especial de caminhar cadenciadamente.

Roquete, o D. José de Lacerda, que copiou áquelle, não andaram acertos na synonymia de estes vocábulos; um e outro dizem: «*Andar* é mudar progressivamente de situação, sem relação a pontos determinados. *Ir* é andar de um logar para outro, como quer que se faça a passagem. *Caminhar*, é ir, andar, vencendo certa distância, que nos aproxima successivamente do termo para onde nos dirigimos. *Marchar* é, propriamente, andar, caminhar compassadamente».

Anecdota. facecia.—A primeira de estas palavras é de uso muito vulgar, e não obstante não só lhe falseiam o sentido, mas também a prosodia.

Anécdota (e não *anecdôta*) é a narração de um facto interessante, mas pouco ou nada divulgado, se bem que verídico, e de natureza a elucidar a respeito do carácter da pessoa a quem se attribue.

Empregado este vocábulo, como geralmente se emprega no sentido de dito engraçado, mas não verídico, é por *facecia* que deve ser substituído.

Angélico, angelical.—*Angélico* diz-se, ou pelo menos só se deve dizer, do que é particular ao anjo ou proprio de elle. *Angelicol* dir-se-á do que so assemelha a anjo. Não digamos pois: *aquella menina tem um rosto angélico*, mas sim *angelical*. Diremos porém muito bem: *afigurou-se-me ouvir um côro angélico*, comparando o canto ouvido com o que presumimos ser proprio dos anjos.

Anguia, elró.—*Anguia* é o nome genérico; *elró* é o nome vulgar que a *anguia do mar* tem em Lisboa.

Angular, anguloso.—*Angular* se diz do que tem um ou mais ângulos, ou que está collocado formando ângulo: *a pedra angular do edificio*.

Anguloso se diz do que é em forma de ângulo.

Ângulo, esquinha, canto.—*Ângulo* é a figura formada por duas linhas que se encontram no vértice do ângulo.

Esquinha, e *canto*, são vértices de ângulos, não ângulos propriamente ditos; differem em a *esquinha* ser vértice saliente, e o *canto*, vértice reentrante: *a esquinha da mesa*; o *canto do quarto* (não o *ângulo da mesa* ou do *quarto*).

Angustia, afflicção, anedada, transe.—*Angustia* é o soffrimento moral comparado ao soffrimento physico de aquelle a quem apertam a garganta, que quer respirar e não pode, e cujo soffrer se agrava com a sensação da morte que o vae invadindo gradual e implacavelmente.

Só os maiores soffrimentos Moraes podem suscitar *angustia*.

Afflicção é o soffrimento que nos faz irromper em gritos, lágrimas, gemidos. A *afflicção* tem sempre uma causa anterior, e nisso tambem differe da *angustia*, porque esta pode manifestar-se por uma causa posterior, que se teme, se apprehende. Diz-se a *afflicção da mãe que acaba de perder o filho*; e a *angustia da mãe que sabe que seu filho se vai bater em duelo*.

Anciedade é o soffrimento do aquelle que, entre duas alternativas, receia que seja a peor que succeda.—Noutro sentido, de que já falamos, em artigo differente, *anciedade* diz-se da viva impaciencia com que se espera que um bem se realize.

Transe, soffrimento antecipado do mal que se receia, refere-se ao bem que se pode perder. Está em *transes o capitalista que entreve demasiado tarde o mau êxito da empresa em que arriscou a maior parte do seu capital*.

Animal, besta, hruto, fera.—Todos os seres que na Terra são dotados de movimento, são *animaes*. Entre todos esses *animaes* ha um que se distingue pela razão: é o homem; os restantes são *bestas*.

Besta é, pois, o *animal* que não pode distinguir o porque das cousas, ainda que tenha varias outras faculdades communes com o homem. Entre as *bestas* ha porém muitas que carecem de delicadeza de instincto, e a essas dá-se de preferencia a denominação de *bruto*. Quando o instincto do *bruto* o leva á destruição dos outros animaes, se para isso emprega a força, dá-se-lhe o nome de *fera*.

No sentido figurado, estas quatro denominações empregam-se como injuria feita ao homem. Chamando-o *animal* dizemos-lhe que carece de razão; chamando-o *besta* assimilamo-lo á cavalgadura; deuinando-o *bruto* pomos em realce os seus instinctos grosseiros; alcunhando-o de *fera* alludimos aos seus actos cruéis.

Animar, alentar, incitar, excitar, mover.—*Animar*, como facilmente se deprehe pela analogia de este verbo com o substantivo *alma*, é dar actividade, impulso efficaz á acção já começada, tender ao seu desenvolvimento e obstar a que afrouxe.

Alentar presuppõe um estado de receio ou de desalento que se pretende combater; quem *alenta* deseja dissipar o receio com a esperanza de bom resultado.

Incitar tem por objecto dar impulso ao que apenas está projectado; refere-se á acção, ao movimento.

Excitar differença-se de *incitar* em falar aos desejos, aos appetites, aos sentidos.

Pode-se afortunadamente dizer que foram os jornalistas hespanhoes que *incitaram* o go-

verno a declarar a guerra aos Estados Unidos, **excitando** a opinião pública com as suas insensatas quichotices.

De incitar o **excitar** diz muito bem D. José de Lacerda: «*Incitar é estimular, levar, arrastar a fazer alguma cousa. Excitar é inspirar o desejo, ou despertar a paixão*».

Mover, diz o mesmo D. José de Lacerda, «é excitar, provocar, despertar os affectos brandos e suaves, a compaixão, a piedade, a ternura, etc.»

Animosidade, malquerença, inimizade, malevolencia.—A *animosidade* é o ódio inveterado que nos induz a lançar mão de todos os ensejos para hostilizar a pessoa ou a cousa que odiamos.

Malquerença é o sentido que nos leva a alegrar-nos do mal que succede a quem uol-o inspira, e mesmo a desejar que maior mal lhe sobrevenha. Se a *malquerença* nos incita a sermos nós o autor ou o causador do mal, chamar-se-á melhor *malevolencia*. Tanto a *malquerença* como a *malevolencia* são sentimentos vis e hypócritas que quasi sempre se occultam, e até muitas vezes se disfarçam com exterioridades de amizade e de benevolencia. Nisso differem essencialmente da *animosidade* e da *inimizade*, que são sentimentos declarados.

Inimizade é o sentimento opposto à *amizade*; filha da opposição de interesses, leva-nos a aproveitar todas as occasiões de favorecer-nos em contra dos interesses do nosso adversario. Esta palavra não exclue a idéa de estima reciproca entre os dois.

Animoso, corajoso.—*Animoso* se diz de aquelle que mettido num perigo ou numa empreza árdua, não perde o ânimo, e não recua.

Corajoso diz-se de aquelle que não exalta ante o perigo ou a difficuldade.

Quem é animoso é corajoso; o corajoso é que nem sempre é animoso.

Annaes, fastos, chronica, historia; memorias, commentarios, relação, epanaphora, vida, biographia.—*Annaes* é a lista dos factos acontecidos durante cada anno; dizemos *lista* porque nos *annaes* inscreve-se o acontecimento tal qual elle se deu, sem entrar em pormenores, mas tambem sem desprezar uada do que lhe é essencial ou indispensavel para ser exactamente registado.

Fastos, entre os Romanos, eram uns commo registos ou calendarios em que os pontifices inscreviam ou rememoravam a margem dos dias de festa a occasião em que essa festa havia sido instituida; como porém ellas eram todas devidas a factos importantes, conservou-se entre nós a palavra *fastos* para designar a relação chrono-

lógica dos acontecimentos importantes de cada nação, taes como façanhas, feitos heróicos, acções illustres, etc., com tal que essa relação seja feita sem pretensões litterarias nem pormenores.

Chronica diz-se das narrações dos acontecimentos succedidos numa época determinada ou durante um reinado; a *chronica* tem de analogo com os *fastos* e os *annaes* de inscrever os factos pela sua ordem chronologica, differenciando-se porém de uns e de outros por os descrever com certos pormenores que a approximam da *historia*, sem contudo lhes dar o realce litterario que a esta é peculiar.

Historia é a narração dos factos, feita porém não só para os dar a conhecer mas particularmente para de elles se tirar lição; para conseguir esse duplo fim o historiadore narra, explica, commenta e compara.

Memorias são narrações de acontecimentos que o autor presenciou, ou de factos em que elle representou algum papel. O seu fim é de conservar a *memoria* do que uns interessa á época ou ao reinado em que esses factos se deram. Não se referem portanto a todos os factos, mas só a alguns, geralmente os mais typicos.

Os *commentarios* eram para os romanos, o que as *memorias* são para nós. Hoje só se dá tal denominação ás *memorias* de algum cabo de guerra em que relata as suas campanhas.

Relação tem do analogo com os *commentarios* e com as *memorias* de ser a narração de um só facto em que o autor tomou parte, por exemplo, de uma campanha, de uma viagem, de um feito pouco conhecido, etc.

Epanaphora, termo pouco em voga na nossa época, é quasi o mesmo que *relação*, com esta differença porém: que a *relação* não faz senão *relatar*, e que a *epanaphora* relata e commenta, ou pelo menos descreve minuciosamente os factos.

Vida ou *biographia* são synonymos perfeitos. Com qualquer de estas palavras se designa a *historia* mais ou menos pormenorizada de uma só pessoa.

Havendo entre os vocabulos que acabamos de compiar e os seus equivalentes francezes uma perfeita concordancia, exceptuando porém uma leve differença em *chronica*, julgamos opportuno traduzir o artigo a elles correspondente do Diccionario de synonymos dos senhores Bourguignon e Bergerol:

«A *historia* é o escripto que encerra a narração de factos passados, apresentado pelo autor com certo methodo e ordem, conformando-se ás regras peculiares a este genero litterario. Effectivamente, a *historia* não tem só o fim de dar a conhecer os acontecimentos; é seu mysterio applical-os, classificar-os segundo a sua importancia, eliminar os que não julgar de mouta, e dar clareza á narração por meio

«de reflexões sobre as causas e os resultados dos factos narrados, assim como a respeito dos costumes e usos dos povos, e a «forma dos seus governos; é, numa palavra, uma obra d'arte, uma composição litteraria, e, nisso, se distingue claramente «dos seus synónimos.

«Os *annaes* (do latim *annus*, anno) são «narrações de factos dispostos por ordem «chronológica, anno por anno, e o seu fim «é dar-nos a conhecer os acontecimentos «taes como succederam, sem a menor pretenção litteraria. Melhor quo livros, pode «dar-se-lhes o nomo de registos ou catálogos.

«Outro tanto se pode dizer dos *fastos*, «quando esta palavra se interpreta no sentido etymológico. Com effeito, os *fastos* «eram, em Roma, uma especie do calendario, de registos, nos quas ao lado dos dias «de festa (*festi dies*) se inserevia em que «ocasiões as festas tinham sido instituidas; como estes calendarios annotados «não encerravam senão factos importantes, resultou que a actual acceção de *fastos* se applica tão só a acontecimentos memoráveis: os *fastos* de um povo, são a «narração dos altos feitos, das acções illustres que illustraram esse povo, quo encerram a sua gloria. Dizer que um nome se ha-de inserver nos *fastos da humanidade*, nos *fastos da patria*, é o mesmo «que dizer que a personagem de esse nome «merece ser por todo o sempre celebrada «por todos os homens, ou pelos seus compatriotas.

«*Chronicas* (do grego *chronos*, tempo) são «tambem narrações de acontecimentos dispostos segundo a ordem dos tempos, e «sem que os autores hajam tido a intenção de fazer de ellas obras litterarias. «Esta palavra tem exactamente o mesmo «sentido que *annaes*, mas, pelo commun, « applica-se especialmente ás narrações historicas da idade média, ou então aos *annaes* primitivos dos povos: *chronicas* «das Cruzadas; a *chronica* de Villehardouin; as *chronicas* da India antiga.

«As *memorias* são narrativas pessoases do «acontecimentos em que o autor tomou «parte; têm por objecto perpetuar-lhes a «recordação; em vez de contarem todos os «factos relativos á historia de um povo, «atém-se a uma categoria de particularidades interessantes para quem quizer formar-se uma idéa da nação ou de uma das «suas personagens. Como estas narrativas «contêm as *memorias* do proprio actor, ou «de um espectador, encerram geralmente «grande número de pormenores que podem «servir para melhor dar a conhecer os «racteres, fazer melhor comprehender os «grandes acontecimentos, e conseguintemente subministram preciosos documentos ao *historiador*, quo tem por missão co-

«ordenar esses materiaes e d'elles escolher «os que mais úteis lhe possam ser.

«*Commentarios* (em latim *commentarii*) é «o vocábulo latino que corresponde exactamente a *memorias*; mas por este ter sido empregado para designar todas as narrações de este género, e aquelle ter-se applicado primitivamente para designar as «*memorias* ou *commentarios* de César, resen-tiu-so de este facto e de elle tomou a sua actual acceção: com effeito, reservou-se «esta palavra, que do facto é mais latina «que franceza, para designar as *memorias* «do um capitão sobre as suas campanhas: «*commentarios* de Cesar; *commentarios* de Montluc.

«As *relações* (do latim *relatus*, participio «de *referre*, relatar) são tambem narrações «de factos particulares, mas em acceção «menos lata que *memorias*: faz-se a *relação* «de um só acontecimento, de um combate, «viagem, facto singular ou pouco conhecido: as *relações* dos antigos exploradores do Oriente tinham de envolta muitas narrativas alheias ao caso e outras falsas; os «navegadores phenicios faziam *relações* «terribes e fabulosas dos paizes a que apontavam, por de elles afastarem os concorrentes.

«Quando as narrações historicas só se «referem a uma personagem, dá-se-lhes o «nome de *vida* ou *biographia* (do grego *bios*, vida, e *graphein*, escrever). *Pulcaro* e «*Cornelio Nepote* escreveram as *vidas* de «varios grandes homens da antiguidade; «*Brantôme* escreveu as *vidas* dos grandes «capitães do século XVI; *Condorcet* escreveu «uma interessantissima *biographia* de «*Voltaire*».

Annexo, dependente.—Estes dois adjectivos exprimem idéas differentes: o que está *annexo* forma com aquillo a que foi *annexado* um todo em quo nenhuma parte fica *dependente* nem nenhuma outra dominante.

Dependente diz-se do que, formando corpo á parte, recebe dominio alheio.

Quando duas freguezias se *annexam* nenhuma de ellas fica imperando sobre a outra; eram duas, formam duas; essas freguezias porém ficam *dependendo* de tal ou tal diocese.

Annexo diz-se pois do que forma parte de um todo; *dependente*, de aquillo que recebe dominio alheio ou lhe pertence, ainda que per si constitua um todo á parte.

Anniqullar, destruir.—*Destruir*, sendo o contrario de *construir*, diz-se da acção de desfazer o todo em partes que não tenham virtude operante. Os americanos *destruiram* a esquadra hespanhoa em Santiago de Cuba. A mão *destruidora* do tempo.

Anniqullar é *destruir* completamente, re-

duzir a nada. *Roma annuqllon Carthago.*—Figuradamente *anniquilar* significa reduzir á impotência. Os revezes *anniquilaram-no*.

Annoso, velho, edoso, secular, antigo.—*Annoso*, diz-se de pessoas e de cousas, para designar que ellas têm muitos annos de existência: *homem annoso*; *árvore annosa*.

Velho accrescenta á idéa de *annoso* a dos estragos occasionados pela muita idade.

Edoso, que só deve dizer-se de pessoas, pode considerar-se como synónimo perfeito de *annoso*, este vocábulo referindo-se aos annos, e aquelle á muita idade. Vide também o artigo *Acabado* na página 20.

Secular diz-se do que vem existindo ha muitissimos annos, pelo menos ha um século. Nos *Andes* ha *árvores seculares anteriores á época do descobrimento da América*.

Antigo, cujo antónimo he *moderno*, diz-se não só do que é *velho* ou *secular*, mas também do que, tendo poucos annos, está fora do uso ou systema actual. *A ineuria tem deixado desmuronar os antigos castellos medievales. Difficilmente voltarão as senhoras a usar vestidos tão elegantes como os da antiga moda á Benetton* (1865).

V. também o artigo *Antigo, velho*.

Annotação, nota, commentario, glosa, apostilha, cota.—*Annotação* e *nota* na linguagem vulgar dizem-se indistinctamente por «apontamento por escripto»; porém na ordem de idéas em que aqui consideramos os vocábulos de este grupo, estes dois termos differem entre si.

Nota é a observação isolada que se faz a respeito de qualquer palavra, phrase ou período, com o fim de recordar algo quo lhe é relativo, ou com carácter explicativo ou de referencia.

Annotação é o trabalho litterario quo acompanha qualquer texto, seja para o apoiar, seja para o desenvolver ou explicar.

O caracter da *nota* é do ella ser breve e concisa; o da *annotação* é o de ser mais extensa que a *nota*. Ha obras cujas *annotações* são mais consideráveis que o proprio texto.

Por outro lado, *nota* não sugere a idéa de operação intellectual, idéa que é inseparável de *annotação*, esta palavra fazendo sempre suppôr que houve trabalho intellectual por parte do *annotador*.

Commentario, como a etymologia claramente o indica (*cum*, com; *mens*, mente), é o trabalho litterario e erudito que se faz para explanar e explicar todos ou parte dos períodos de um texto obscuro.

Glosa é a explicação, não de phrases obscuras, o que pertence ao *commentario*, mas só de palavras pouco comprehensíveis ou obsoletas. A *glosa* limita-se muitas ve-

zes a substituir o vocábulo obscuro por outro comprehensivel.

Apostilha é uma nota muito breve, geralmente feita na margem do papel, seja para supprir a falta de uma palavra no texto, seja para o aclarar.

Cota é a referencia que, á margem do papel, reenvia a outro ponto do texto ou a determinada página de qualquer autor.

Annunciação, assentimento, consenso.—A *annunciação* é o resultado da coudescendencia; o *assentimento* é motivado pela propria opinião; o *consenso* é o resultado da uniformidade de varias opiniões.

Vêmo-nos frequentemente obrigados a *annunciar* a cousas que nos desgostam. *A proposta foi ouvida com signacs de assentimento. A rapariga casou com o consenso dos paes.*

Vide outros synónymos de este grupo no artigo *acceder*, página 25.

Annunciante, annunciator, annunciativo.—*Annunciante*, como substantivo, designa a pessoa que avisa por meio de annuncio periodístico.

Annunciador, também substantivadamente, se diz de quem ou do quê annuncia por qualquer forma que não seja a periodística.

Os *annunciantes* deveriam receber um exemplar do número em que annunciam.

Os músicos, *annunciadores* de esta festa, iam chegando um a um.

O título do novo jornal é «O Annunciador».

Como adjectivos, cada um de estes vocábulos tem differente uso. *Annunciante* qualifica quem ou o quê annuncia: os professores *annunciantes*; os estabelecimentos *annunciantes*.

Annunciador se diz do que contém annuncio: os periódicos *annunciadores* de tão fausta nova. *Núvem annunciadora de tempestade*.

Annunciativo, o menos usual de estes adjectivos, qualifica melhor que outro qualquer o que só por conjectura se pode tomar por annuncio: gritos *annunciativos* de festa.

Annunciar, fazer saber, dar parte.—*Annuncia-se* e *faz-se saber* o que se suppõe ser ignorado. *Annunciam-se* factos não realizados ainda; *fazem-se saber* os que já se realizaram, se estão realizando, ou se hão-de realizar. *Annuncio-lhe o meu próximo casamento. Faço-lhe saber as noticias do dia*.

Dar parte não implica a idéa do facto ser ignorado, idéa inherente ás outras palavras do grupo. *Dá-se parte* de alguma cousa para cumprir com um dever de officio ou de mera cortezia. *Dá-se parte* de factos já realizados. *Del-lhe parte do meu casamento*.

Anoltecer, enoltecer. — *Anoltecer* é o phenomeno quo observamos cada dia entre o pôr do sol e o cerrar da noite.

Enoltecer é o phenomeno anormal que se pode observar a qualquer hora do dia quando o tempo se escurece por uma causa qualquer. O eclipse **enoltece**a a face da terra (não **anoltece**u).

Anojar-se, estar de lucto. — O primeiro de estes verbos designa o lucto immediato ao fallecimento, e exprime particularmente as práticas convencionaes ou que são de uso na terra em que se dá o fallecimento. *Estar de lucto* designa o estado da pessoa em quanto anda vestida de lucto.

Antecedente, precedente, anterior. — *Antecedente* é termo especulativo que, á idéa do anterioridade, roune frequentemente a de causa, do influencia. *As consequencias provêm das causas antecedentes.*

Precedente, termo de todas as linguagens, indica prioridade ou anterioridade, sem nenhuma idéa do causa nem de influencia. Neste vocabulô o que predomina é a idéa de entre o facto actual ou a cousa presente e o facto ou a cousa que se qualifica de *precedente* não se intercalam nenhum outro facto nem nenhuma outra cousa. O **capitulo precedente** ao **capitulo IV** é o **capitulo III**.

Anterior, como *precedente*, designa prioridade no espaço ou no tempo, mas de modo indeterminado, pois não especifica se outros factos ou outras cousas se intercalam ou não entre o facto ou a cousa actual e o facto ou a cousa *anterior*. O **capitulo de que se fala como anterior** ao **capitulo IV** pode ser o **capitulo III**, o **II**, ou o **I**.

D. José de Lacerda diz de estes vocabulos: «*Anterior* é o que precede em lugar e tempo; indica a maneira relativa do existir: Mandou que fosse preferido a todos os arcebispos, e particularmente a um, que por **anterior** em promoção se lhe oppunha.

«*Antecedente*, é o que vem ou está antes, antecede; indica prioridade de ordem e posição, denotando ao mesmo tempo relação de dependencia entre diferentes objectos: todo o mundo conhecia por estes **antecedentes** o fim que havia de ter a guerra tão enfadonha para Hespanha.

«*Precedente* tambem indica prioridade de tempo ou ordem; mas prioridade immediata: successo *precedente* é o que acontece immediatamente antes do outro.»

Antecedentes, precedentes. — Como substantivos, ouvimos frequentemente empregar estas palavras nas expressões: os **antecedentes** ou os **precedentes** do accusado; **antecedentes** ou **precedentes** dignos de serem tidos em conta, e noutras de idéntico teor. O uso as-

sim o tem estabelecido, mas, quando o uso é abusivo, cessa de ter autoridade.

Nas expressões a que alludimos só a palavra *antecedentes* pode ser empregada, maiormente se os factos têm alguma relação com o facto actual, ou este é uma consequencia de elles.

Precedentes, no plural, só pode empregar-se para designar factos simultâneos que procederam immediatamente o actual. Qualquer facto da mesma especie de aquelle de que se fala, é um *antecedente* ou um *precedente* se, nenhum outro media entre ambos; um *antecedente* no caso contrario.

Antecessor, predecessor. — D. José do Lacerda estabelece perfeitamente a synonymia de estes vocabulos: «*Antecessor* é o que occupou algum lugar em relação ao que nelle lhe succedeu immediatamente. *Predecessor* é o que o occupou antes do antecessor. Assim pois, em rigor, o *predecessor* pode ser chamado *antecessor*, mas não vice-versa, senão por abuso. Na linguagem commun empregam-se estas duas palavras indistinctamente.»

Antecessores, antepassados, ascendentes. — *Ascendentes* é o termo mais genérico e o menos pretencioso dos tres de este grupo. O pobre como o rico, o plebeo como o nobre, têm *ascendentes*, *antepassados* ou *antecessores*, mas só a primeira de essas denominações quadra bem na boca de todas as classes.

Ascendente diz-se do qualquer dos nossos parentes de que provimos: *pae, avô, bisavô, etc.* são *ascendentes*.

Antepassado não se pode dizer do pae, nem do avô; só do bisavô para além se podem começar a contar os *antepassados*. Esta palavra encerra algo de nobre e de elevado que a impede de ser empregada em circumstancias rasteiras.

Antecessores se diz dos *ascendentes* considerando-os como tendo fruido do que nos legaram ou de aquillo em que lhes havemos succedido.

Antecipadamente, prematuramente. — *Antecipadamente* se diz por «antes do praso ou do tempo devido»; *prematuramente*, por «do modo imperfeito por ser muito antes do tempo devido.»

Em *premature*, ha frequentemente uma idéa de meios empregados para apressar o facto, idéa que torna esta palavra susceptivel de ser tomada a má parte; não assim em *antecipado*, que apenas significa «antes do tempo devido», sem nenhuma outra idéa accessoria.

Anterior, prévio. — O que é *anterior* precede; o que é *prévio* é não só *anterior*, mas tambem necessario. Notando-se

defeitos no contrato **anterior**, fez-se novo contrato baseado em condições **previas**.

Anterosto, frontispício. — O **anterosto** precede o **frontispício** do livro; no **frontispício** está o título da obra, o nome do autor, a época em que é impresso; no **anterosto** só está o título do livro.

Antes, anteriormente. — **Antes** refere-se ao tempo, ao espaço, e ao próprio facto; **anteriormente**, só ao facto. Assim dizemos: *alguns dias antes*; *alguns passos antes*; e dizemos indifferente: *a bolsa ficou livre do peso que antes tinha, ou do peso que anteriormente tinha*.

Anthropófago, cannibal. — **Anthropófago** diz-se dos selvagens que comem carne humana quando a occasião se lhes depara: *algumas tribus de natural pacífico são anthropófagas pois comem os prisioneiros que fazem na guerra que outras tribus lhes metem*.

Cannibal, ou melhor **carnívoro**, acrescenta á idéa de **anthropófago** a de ferocidade e crueldade.

Anthropophobia, misanthropia. — **Misanthropia** diz-se só do homem com relação ao seu semelhante; **anthropophobia** diz-se da mulher para com o homem, e dos animaes para com o género humano.

Anticathólico, protestante. — **Anticathólico** diz-se de quem e do quê é opposto ao catholicismo romano; ha nesta palavra uma idéa de opposição activa, de lucta, de odio, do que carece a palavra **protestante**, a qual significa apenas «membro da Igreja christã evangélica».

Antichrese, hypotheca. — Na **hypotheca** fica a propriedade respondendo pela divida, ficando o usufructo para o devedor. Ao contracto pelo qual o rendimento da propriedade passa a pertencer ao credor, para com esse rendimento ir amortizando a divida e os juros, dá-se o nome de **antichrese** ou **contracto de consignação de rendimentos**.

Antídoto, contraveneno. — **Contraveneno** é a substancia que neutraliza o effeito do veneno que entrou no corpo.

Antídoto diz-se não só do **contraveneno**, mas também do qualquer substancia propria para combater os effeitos de determinado veneno, ou de determinada doença: *o quinineo é o antídoto das sezões*.

No sentido figurado **antídoto** e **contraveneno** dizem-se indifferente para designar o que produz effeitos contrarios aos males ou ao que é pernicioso.

Antigamente, outr'ora, nou-

tro tempo. — **Antigamente** refere-se a tempos antigos considerados como differentes do actual pela distancia que de elles nos separa.

Outr'ora accrescenta á idéa de **antigamente** a da differença que nos usos, costumes, moralidade, civilização, etc., existe entre agora e então: *era outra hora, outro tempo diferente*.

Noutro tempo refere-se a tempos passados, mas não muito distantes; nesta locução predomina a idéa de circumstancias differentes das actuaes.

Antigo, velho. — Já noutro artigo (**annoso**) nos occupámos de estes adjectivos como synónymos de outros; compa-ral-os-e-mos agora apenas entre si.

Velho diz-se dos entes (pessoas, animaes, vegetaes) que muito avançados em annos soffreram os estragos do tempo e parecem estar cercanos á cessação dos phenómenos vitaes. Extensivamente diz-se das cousas para indicar, não precisamente que ellas tenham muito tempo, mas que, pelo uso, estão gastas, deterioradas (**chapéu velho**; **livro velho**; **casa velha**), ou que já não servem por haver outras que as substituem (**periódico velho**). — **Velho**, porém, tem em certos casos um sentido diametralmente opposto: é quando com este adjectivo queremos designar que a pessoa ou a cousa existe ou actúa ha bastante tempo para ter adquirido qualidades apreciáveis: **vinho velho**; **amigo velho**; **velho marinheiro**; **criado velho**.

Antigo diz-se, como **velho**, das pessoas e das cousas, mas não dos animaes, a não ser para designar os que por outros foram substituidos (por exemplo: *o meu antigo cavallo era melhor do que o que tenho agora*).

— Referido a pessoas, **antigo**, qualifica as que viveram noutras épocas, e também as que cessaram de ser o que eram: **os autores antigos**; **antigo militar**. — Notemos de passo que o dizer **antigo amigo** differe essencialmente de **velho amigo**; o **amigo velho** é o amigo provado; o **amigo antigo** é o que cessou de o ser. — Também **antigo**, referido a pessoas, designa o que primeiro foi admittido entre outros: **o mais antigo dos lentes de uma faculdade é o deca-o de ella**. Se nos referissemos ao lento de maior idade diríamos o **mais edoso**, de preferença **ao mais velho** (expressão que pode designar o mais gasto, o mais acabado, ainda que haja outros de mais idade). — **Antigo**, referido a cousas, qualifica as que datam de época muito afastada, quer estejam subsistindo, quer hajam mudado de destino, quer tenham cessado de existir: **os antigos castellos medievos**; *este armazem foi uma antiga igreja*; **os antigos imperios asiáticos**. — Querendo differenciar as cousas que existem ha muito tempo, de aquellas que cessaram de existir, di-

remos *velho* das primeiras e *antigo* de estas: na provincia ainda subsiste a *velha* diversidade da usuração da velhas. O clero ainda chora pelas suas *antigas* dízimas e primitivas.

Antipathia, repugnancia, aversão, odio, quizilia, (quigila) asca, zanga. — *Antipathia* é um sentimento instinctivo, alieio á reflexão, que se apodera de nós á vista de alguém que, sem sabermos o porquê, nos desagrada e cuja presença nos é penosa. Só as pessoas são susceptíveis de inspirar *antipathia*.

Repugnancia é um sentimento muito próximo da *antipathia* que nos pode ser inspirado tanto pelas pessoas como pelas cousas. A *repugnancia* é ás vezes motivada, e é mais persistente que a *antipathia*, pois frequentemente nos succede chegarmos a ter por amigas pessoas com quem *antipathizávamos* antes de lhe conhecermos as excellentes qualidades que as adornam. Não assim da *repugnancia*: **repugna-nos o traidor, como nos repugna o remedio nauseabundo.** A *antipathia* é simplesmente moral; a *repugnancia* pode ser moral e physica.

A *aversão* é, por assim dizer, a *antipathia* e a *repugnancia* motivadas; depende porém mais da razão que do instincto, porque, geralmente, conhecem-se as causas que a inspiram: o *homem de bem sabe o porquê da aversão que sente pelo jesuita e por tudo quanto é hypocrisia.* A *aversão* move-nos a desejar a destruição da pessoa ou da cousa que a motiva.

O odio, sentimento opposto ao amor, encerra em si as idéas que distinguem cada um dos trez vocábulos precedentemente comparados: no odio ha *antipathia* porque instinctivamente fugimos de quem nol-o inspira; *repugnancia*, porque julgamos a pessoa que odiamos capaz das acções que nos repugnam; *aversão*, porque nos alegra o mal que lhe sobrevenha. Observamos que os seres irresponsáveis não podem excitarnos o odio, e, consequentemente, este vocábulo só deve applicar-se a pessoas, ou, extensivamente, ás cousas consideradas como producto humano.

Quizilia é um sentimento da natureza da *aversão*, porém muito menos intenso; desejamos não ver quem ou o quê nol-a inspira, sem porém lhe desejarmos grandes males. Da *quizilia* podemos dizer que é o sentimento opposto á *inclinação*, como a *aversão* é opposta á *attracção*. Temos *quizilia* ás pessoas cujos modos nos desagradam, mas não sentimos por ellas a repulsão que se tem pelo vicio ou pelo crime.

Quigila, palavra da lingua bunda, é a aversão que os pretos têm a certas comidas. *Asca*, termo vulgar, é a palavra com que a plebe designa a *antipathia*.

Zanga é a *quizilia* que se tem para com

a pessoa ou a cousa que se julga de mau agouro: as pessoas supersticiosas têm **zanga á terza feira.**

D. José de Lacerda é de opinião differente á nossa com respeito a alguns vocábulos de este grupo; eis o artigo em que os trata:

«*Antipathia*, é a opposição, ou inimizade natural de cousas e pessoas, umas com outras, sem se saber porquê, nem donde originada. *Aversão*, é também opposição natural, e quasi sempre sem causa conhecida; porém é muito menos poderosa que a *antipathia*, e não raro se converte em affeição: — sua mulher quanto primeiro, sendo gentia, teve de **aversão** e aborrecimento ás cousas de Deus, tanto depois de feita christã, ficou mais forte e affeicada a ellas (Cartas dos P. P. do Japão). *Zanga* é a *aversão* que se tem a cousa que se suppõe de mau agouro e causar infelicidade: os lavradores, no tempo das colheitas, têm **zanga** com os caldeireiros, porque, dizem aquelles, annunciam chuva.

«*Repugnancia* é a opposição, umas vezes motivada, porém quasi sempre sem causa sufficiente, da vontade a cousas ou a pessoas. *Odio*, é *aversão* profunda, principalmente ás pessoas; é sempre mais ou menos motivado, e seus effeitos rara vez deixam de ser terribes. *Quizilia*, palavra da lingua bunda, o que significa a *antipathia* dos pretos com certos comeres, empregase na linguagem familiar com a significação de *antipathia*, ou *aversão*. *Asca* é palavra do vulgo para significar a *aversão*, a má vontade que se tem a alguém.»

Antiquado, obsoleto. — Lacerda copiando de Roquette, que bem definiu estes vocábulos diz de elles: «Ambos indicam cousa antiga que decaiu do uso, mas o segundo diz mais que o primeiro. As phrases e palavras *antiquadas* podem usar-se na poesia e no estylo joioso; porém não as *obsoletas*, que so acham substituidas por outras preferíveis por melhor derivadas e mais sonoras. O que se serve de palavras e locuções *antiquadas*, mas genuinas da lingua, e expressivas, e com boa analogia, merece louvôr; mas não assim o que antepõe archaismos ás boas expressões que o uso esclarecido introduziu e autorizou.»

Antiquario, archeólogo. — O dominio em que o *antiquario* e o *archeólogo* exercitam a sua actividade é o mesmo, ha porém, entre as duas palavras differença considerável. *Archeólogo* é o que é muito versado em tudo quanto respeita a antiguidades, as conhece, as explica. *Antiquario* é o que tem gosto pelas cousas antigas, se dedica ao seu estudo, as collecciona. Com estudo e paciencia, um *antiquário* torna-se *archeólogo*.

Antireligioso, irreligioso. — O *antireligioso* oppõe-se aberta e declaradamente contra qualquer religião; combatê-as, amesquiinhá-las. O *irreligioso* não dá mostras de religião nem com ella se preoccupa.

Antithese, opposição, contraste. — *Antithese*, termo exclusivamente litterario, é a *opposição* entre duas palavras ou duas idéas que se completam mutuamente, como: «sublimemente rasteiro», «orgulhosa humildade», etc.

Opposição, termo genérico, indica qualquer relação do afastamento physico ou moral entre cousas e pessoas. Esta palavra pode empregar-se em todos os casos e em todas as linguagens.

Contraste, termo esthetico, é a *opposição* que existe entre cousas completamente oppositas em qualidades physicas ou moraes e em que, por estarem próximas ou juntas, a *oposição* é mais notada.

Antro, caverna, furna, gruta, lapa. — *Antro*, *caverna* e *furna* encerram idéa de tenebrosidade, idéa que não existe em *gruta*, nem em *lapa*.

Caverna, o mais usual dos trez primeiros termos, não tem tanta extensão significativa como *antro* e *furna*; qualquer cavidade espaçosa que forma oco na montanha ou collina, e cuja entrada é demasiado pequena para por ella entrar claridade sufficiente, é *caverna*.

O *antro* é a *caverna* considerada como escuríssima, e habitada, ou propria para ser habitada, por aquillo que é nocivo, perigoso ou medonho. As *stalactites* acham-se nas *cavernas*, não nos *antros*. As feras refugiam-se nos seus *antros*, e os bandidos podem refugiar-se da intemperie numa *caverna*.

Furna, é termo que melhor pertence á poesia que á linguagem commum, e que não tem definição bem assente; realça nelle a idéa do escuridão medonha.

«Estas prisões são soturnas
«São medonhas como as furnas
«Escondidas sob o chão»

(JOÃO DE LEMOS.)

e talvez a de abysmo tenebroso que devora, que subverte:

A horrenda *furna* do monte Etna, chamou Bernardes á cratera de esse vulcão.

Gruta é a pequena cavidade em que a escuridão não é completa e cujo aspecto é attrahente. *El' da tradição que Camões escreveu os Lusíadas* numa *gruta* de Macau.

Lapa é uma diminuta cavidade em que apenas se pode abrigar uma pessoa ou duas; a *lapa* é geralmente abobadada por uma lágea ou penedo.

Apedrejar, lapidar. — *Apedrejar* é tirar pedras a alguém, ou a alguma cousa. *Lapidar* é *apedrejar* até causar morte. Um dos géneros de morte a que na antiguidade se condemnava o criminoso era a *lapidação*.

Apelrar, jungir. — *Jungir*, falando do gado bovino, é termo genérico: *jungir os bois ao carro*, *à charria*, etc.

Apeirar, além da idéa de *jungir* inclue a de *apeiragem*, ou conjunto de peças com que se *jungem* os bois a qualquer instrumento de lavoura.

Apenas, só ou somente. — *Só* ou *somente* enunciam quantidade em relação determinada: *Fulano não é rico, tem só quinhentas libras de rendimento*.

Apenas manifesta insufficiencia ou insignificancia para determinado fim: *não o comprou porque tenho apenas cinco mil réis; falta-me apenas o último volume para completar a obra*.

Apertado, estreito. — Frequentemente ouvimos dizer: *calçado apertado*, *vestido apertado*, para indicar que o pé ou o corpo não se encontram nelles á vontade. Esta expressão é impropria: *o calçado é estreito e por isso o pé está apertado*; por o *vestido ser estreito anda o corpo apertado*.

De superficies, *estreita* se dirá da que é pouco larga; e *apertada* da que, sendo demasiado *estreita*, está como cingida a um e a outro lado: *O estreito de Gibraltar está apertado entre as costas da Europa e da Africa. Esta rua é estreita, e está apertada entre altas paredes*.

Aphasia, aphonia, mudez. — *Aphasia* é a impossibilidade de falar que resulta de lesão na substancia nervosa fronto-cerebral; pode ser completa, o que é raro, ou parcial, sendo a esta que é devido o gaguejo.

Aphonia é a perda total ou parcial do volume da voz; provém da larynge.

Mudez é a impossibilidade de emitir sons articulados, resultante da surdez completa do individuo, o qual nunca os tendo ouvido não os pode emitir.

Ápice, cume, pináculo, pincaro, auge, apogeu. — *Ápice* é o ponto mais elevado, o que sobresaí acima de todos. *El' termo* pouco usual; falando das montanhas é geralmente substituído por alguma das expressões «*cume* mais elevado», «*o mais alto pincaro*», e ao falar do consas prefere-se-lhe o substantivo *pináculo*. No sentido figurado, é de uso mais frequente; não obstante, *auge* e *apogeu* são-lhe frequentemente preferidos.

Cume é toda a linha superior das altas

montanhas; diz-se o **cume do monte**; não deve porém dizer-se o **cume da collina**, pois este substantivo encerra uma idéa de altura que não condiz com a pequena elevação das collinas, á qual se adapta perfeitamente algum dos termos *alto, cimo, topo, etc.* — No sentido figurado, **cume** não é palavra tão nobre como *auge* ou *apogeu*.

Pináculo, é a ponta mais elevada do templo ou de algum edificio sumptuoso; subentende-se sempre que o **pináculo** remata em ponta aguda. No sentido figurado não está em uso este vocábulo.

Pincaro só se diz falando do serras ou montes; cada uma das elevações que se nota no cume dos montes é um **pincaro**. O **cume do pincaro** mais elevado é o **ápice do monte**.

Auge é grande elevação em dignidade ou fortuna; quando o **auge** é inexcedível denomina-se **apogeu**.

Apócrifos, supposto, attribuído. — **Apócrifos** diz-se dos livros cuja autenticidade é duvidosa, quer dizer, que não são talvez do autor a quem se attribuem. Entre os livros da Escripura Sagrada dá-se o nome de **apócrifos** aos que o concilio de Trento declarou canónicos, pois não figuram no catálogo da Biblia judaica. A Igreja cathólica tambem reputa como **apócrifos** certos livros que alguns pretendam incluir no Novo Testamento.

Supposto diz-se da obra que não é do autor a quem a attribuem, e tambem de aquella que um autor declara ser sua não o sendo; é **supposto** o livro que falsamente se attribue a quem não é seu autor; *Le Sage* é o **supposto** autor do «*Gil Blas de Santilhana*».

Attribuído diz-se da obra que unanimemente, ou quasi unanimemente, se diz ser de determinado autor.

D. José de Lacerda diz: «O livro *supposto* «to pode conter doutrina sã e verdadeiro; «o livro *apócrifos* carece de autoridade para estabelecer qualquer doutrina ou factos.»

Apólice, acção, obrigação. — A **apólice** é um documento pelo qual, mediante um premio de que o assegurado se desfaz, elle fica ao abrigo de certos prejuizos ou damnos.

Acção é um documento pelo qual o seu portador fica com direito a parte dos beneficios da companhia cujo capital é constituído por **acções**.

Obrigação é o titulo que representa capitales emprestados a companhias commerciaes ou industriaes.

Apologética, controversia. — A **apologética** defende sem debate, a **controversia** defende debatendo. Os mais fogosos

apologistas catholicos esquivam-se á **controversia** com os protestantes.

Apologia, justificação, defesa.

— A **apologia** é o meio empregado para rebater a falsa opinião que contra alguém ou contra alguma coisa predomina na opinião pública. Na **apologia** não só se prova a inutilidade da accusação, senão que se apresentam factos completamente oppostos aos inferminados; o seu fim é o de apresentar como merecedor de elogio aquelle ou aquillo que é censurado; assim, a **apologia** não se limita a refutar os factos incriminados, mas expõe tudo o que pode constituir o elogio da pessoa accusada, ou da coisa reprovada. Além de isso, a **apologia** não se contentando a defender perante julz ou tribunal, mas sim perante o público, ou perante o mundo, consiste o mais das vezes, não em discursos, mas em escriptos, em livros, isto é, em obras que passam á posteridade: na França actual, onde, de envolta com muito de bom, ha multissimo de mau, alharam-se secretamente a cubica e o orgulho, a solapada hypocrisia e a bravata arrogante, o negro corvo e a sanguenta águia, para entr'ambos polluirem o nome do autor de «*Lourdes*»; talvez conseguissem o seu intento, se de todo o mundo civilizado não se elevassem **apologias** a enaltecer a immarcescivel honra do grande escriptor.

Justificação é o acto de se **justificar**, fazendo ver que se é **justo** por haver obrado com **justiça**. **Justificando-nos**, protendemos lavar-nos de toda accusação, refutar calumnias, repellir ataques, adduzindo provas da nossa innocencia. A **justificação** consta não só do acto, mas tambem do meio, isto é, do discurso justificativo, e das provas que o acompanham, mas provas cabaes e irrefutaveis, após as quaes nenhuma dvida seja possível.

Defesa é o acto de defender-se de uma accusação, e o conjuncto de todos os meios ou provas que corroborem o que se diz. Tanto a **apologia** como a **justificação** tendem a provar que a accusação é infundada; a **defesa** pode ter esse fim, ou a de pretender provar a necessidade do facto, em virtude de circumstancias que o exigiam, ou a de attenuar apenas a gravidade do acto que motiva a accusação.

De **apologia** e **justificação** diz Roquete: «**Apologia**, segundo o valor da palavra «grega, significa defesa, e é qualquer discurso ou escripto no qual se defende um «systema, partido, opinião, nação ou pessoa. Fazem-se as **apologias** para desvanecer as accusações com que se aggravam «as classes mencionadas, não as accusações juridicas, porque essas corrom nos «tribunaes e contra ellas advogam os letrados perante os julzes, mas as vagas, «espalhadas no público que vão tomando «corpo com grave damno das pessoas ac-

«cusadas até que acabam em perseguição formal contra ollas. Este é o verdadeiro caso da *apologia*.—De este modo perseguidos e calunniados os primeiros Christãos, foi-lhes forçoso apresentar aos imperadores, ao senado e aos magistrados, *apologias* em defesa da religião christã, para rechaçar as falsidades com que os gentios procuravam fazê-los odiosos, como inimigos dos denses e de todas as potestades, e perturbadores da ordem pública.

«A *justificação* consiste só nas provas que se deduzem do exame das testemunhas, dos documentos autênticos, e serve para manifestar a innocência do accusado.—A *apologia* é um meio de *justificação* e também seu objecto; porém não é a *justificação* em si, é só a defesa do accusado, e constitui sua *justificação* a manifestação do sua innocência.—A *justificação* nem sempre suppõe accusação; hasta o recio d'ella para um homem querer *justificar-se*; a *apologia* sempre a suppõe, pois «é discurso em defesa».

Apólogo, fábula, allegoria, parabola; conto, romance, novella.—As palavras que neste artigo comparamos podem dividir-se em dois grupos, o segundo dos quaes (*conto, romance e novella*) só têm de commun com o primeiro o da idéa geral que de todos estes vocábulos se depreheende: narração de factos imaginarios.

Fábula, a mais usual das quatro palavras do primeiro grupo, designa particularmente a narração de aquellos factos completamente imaginarios, o de escriptos em que a verdade se acha envolta em ficções, que nos transmette o conhecimento das crenças religiosas da Grecia e Roma. Extensivamente, diz-se de todas as narrações de que anticipadamente se reconhece ou se declara a ficção, o nisso *fábula* é o antónimo de *historia*, vocábulo com que nunca pode confundir-se nenhum dos que neste grupo se enumeram.—Na accepção em que aqui convem considerar esta palavra, ella significa «narração ficticia,» mas essa significação é também commun ao *apólogo* e por isso convem discriminar os dois vocábulos.

O *apólogo*, sob o véo da ficção, encerra uma verdade moral e instructiva; a *fábula*, pode também encerrar instrucção, mas os factos, taes como ella os apresenta, são impossiveis. Qualquer *apólogo* é *fábula*; a *fábula*, porém, é que nem sempre é *apólogo*. Encerra a narração ficticia algum ensinamento moral? é *apólogo* ou *fábula*. Não encerra tal ensinamento? é *fábula*, não *apólogo*. A ficção de que se valeu Natham para reprehender David, é um *apólogo*; a do «lobo e do cordeiro», é uma *fábula*.

A *allegoria* é a ficção em que falando de

uma pessoa ou de um facto, claramente nos referimos a outra pessoa ou a outro facto.

A *allegoria*, diz Roquete, «não necessita explicar a verdade que encerra, pois a exactidão de suas relações com ella, se manifesta a cada passo, distinguindo-se nisto do *apólogo*, cujo mérito é occultar o sentido moral até ao instante mesmo da conclusão que se chama moralidade».

A *parábola* é uma *allegoria* em que desde o principio se nomeia a pessoa ou a cousa que na ficção se vae comparar. O Evangelho narra varias das *parabolas* que Jesus dizia a seus discipulos.

Passando aos vocábulos que formam o segundo grupo de este artigo, deparamos em primeiro lugar com a palavra *conto*, o qual, como já dissemos, se compara com *fábula*, só em se apresentar abertamente como producto do engenho e da ficção, mas que differe essencialmente de ella, porque um dos seus caracteres é de ter encadameamento e desenlace, pedendo os factos que narra serem verosimeis, ou estarem de envolta com o maravilhoso ou o extraordinario. O *conto* é susceptivel de maior extensão que a *fábula* ou o *apólogo*, e o seu mérito consiste sobretudo na amenidade da narrativa, pois não só exige que nelle haja sentido moral nem instrucção.

Romance é a narração de successos ficticios, de aventuras, de factos e das suas consequências, narração de maior extensão que o *conto*, e sobretudo de certo alcance moral, pois que, particularmente no *romance* moderno, o romancista não deve só attender ao solaz dos seus leitores, mas, e principalmente, deve transmittir á posteridade a exacta descripção de uma época, e dos seus costumes. Os meliculosos, que fazem consistir a virtude em ser devassos ás escuras e a portas fechadas, cobrem a Zola de improperios por elle descrever o vicio tal qual o vicio é; não obstante, os *romances* de esse autor são o maior monumento que ha de historiar a nossa época aos vindouros.

Novella é a obra litteraria que occupa um lugar intermedio entre a brevidade do *conto* e a extensão do *romance*. A *novella* deve occupar-se de factos da vida real e contemporanea.

Dos quatro primeiros vocábulos diz Roquete:

«*Apólogo* é palavra grega, e significa «uma historieta fabulosa, que debaixo do véo da *allegoria* nos presenta uma verdade; *fábula* é palavra latina (de *fari*, «falar») o significa uma relação não verdadeira, debaixo de cujo véo se nos faz agradável a verdade. Diferenciam-se em que a *fábula* só presenta por interlocutores os animaes e cousas inanimadas, e o *apólogo*, que é mais extenso, faz falar aos animaes, aos deuses, aos homens, ás cousas insensiveis, o ajuda aos seres abstractos e metaphysicos; assim que olharemos o

«apólogo como género, e a fábula como especie. Em linguagem commun usam-se «alternativamente estas palavras uma por outra; ainda que a de apólogo é mais erudita».

«Allegoria é palavra grega, e designa «uma figura de rhetórica pela qual se apresenta ao espirito um objecto o designa outro, tal é aquella de Virgilio:

«Clandite rivos, pueri, sat prata biberunt.

«É uma metáphora continuada com que se «annunciam importantes verdades debaixo «de uma forma agradável. A ode XII do livro I de Horacio, *O navis*, etc., é uma bellissima allegoria na qual, debaixo da imagem de um baixel, faz vêr o poeta aos Romanos os males que os ameaçam se Augusto doixasse o governo. — O sermão de Santo Antonio, que o P.^o Antonio Vieira «pregou no Maranhão antes de partir para o reino em 1654, é uma longa e engenhosa allegoria, na qual elle diz aos peixes o que para os homens era dito. A allegoria «não necessita explicar a verdade que encerra, pois a exactidão de suas relações «com ella se manifesta a cada passo, distinguindo-se nisto do apólogo, cujo mérito «é occultar o sentido moral até ao instante «mesmo da conclusão que se chama moralidade.

«Os Gregos chamavam *mythos* ao que «nós chamamos fábula, e *epirmythion* ao que damos o nome de moralidade.

«Presentar como um joguete uma lição «de sabedoria, é o verdadeiro carácter da fábula e do apólogo; embellecer e não disfarçar a verdade fazendo-a mais clara e sensível, é o carácter da allegoria.

«Parábola é palavra que significa comparação allegórica, e indica uma narração de successo imaginado, com instrucção allegórica, da qual se tira alguma moralidade. Mui conhecidas são as do Evangelho com que J. C. doutrina os povos, «pols segundo a phrase da Escriptura não «lhes falava senão em parábolas».

Apontamento, nota. — Frequentemente se bouve dizer tomar apontamentos e tomar nota, e também tirar apontamentos mas não tirar notas. Não podendo ambos estes substantivos empregar-se com o verbo tirar, é natural que entre elles existe sua differença, e por consequente erra quem, como succede com frequencia, os emprega indistinctamente.

Apontamento é o subldio que ha-de constituir parte de uma obra; nota é a observação que se faz a uma palavra, a uma phrase, escripta ou pronunciada, para sobre ella fundar um conceito. A nossa opinião funda-se sobre apontamentos, e é sempre contraria á affirmacão do que toma nota.

O orador collige apontamentos para fundamentar o seu discurso, e toma nota das affirmacões do antagonista para rebatê-las.

Apontamento e nota confundem-se quando uma e outra palavra se empregam indistinctamente no sentido do «lembrança».

Apontar, fazer pontaria. — Falando de armas do fogo, estes dois vocábulos não indicam precisamente a mesma acção. Apontar é dirigir a bôca da arma para um ponto dado; é um movimento rápido, em que não ha precisão.

Fazer pontaria é apontar com cuidado, com precisão.

Na milicia, entre a voz de apontar! e a de fogo! medeia o espaço em que se faz a pontaria.

Apophthegma, adagio, aphorismo, ríflão, anexim, ditado, principio, axioma, máxima, sentença, antilabe, proverbio, paremia. — Apophthegma é o dito sentencioso de pessoa que pelo seu talento ou pelas suas virtudes pôdo ser considerada como autoridade: o dito de Epicteto: «não é meu «amigo quem me deseja muita felicidade, mas «quem me deseja felicidade decente», é um apophthegma.

Adagio é um dito despretençioso que aconselha indirectamente: «tristezas não pagam dividas» é um adagio que aconselha a não nos deixarmos abater pelos reveses.

Aphorismo é um conselho ou preceito útil enunciado em poucas palavras: «cautella e caldo de gallinha nunca fizeram mal a doentes» é um aphorismo.

Ríflão é um dito vulgar, geralmente exprimido em termos baixos, mas que encerra conselho: «ande eu quente e ria-se a gente» é um ríflão que nos aconselha a preferir a utilidade ao lucro.

Anexim é um dito vulgar que envolve ironia: lá diz o anexim: «quem tem callos não vae a apertos».

Ditado é termo popular que se diz por adagio, ríflão e anexim.

Principio é o dito que estabelece uma regra ou norma: todos devêramos guiar-nos pelo principio: «faze o que deves, venha o que queira».

Axioma é a proposição tão evidente que subjugua pela sua propria força o entendimento não preconceituado; deve ser enunciado claramente, e encerrar verdade indisputável: «a verdade é uma» é um axioma.

Máxima é uma regra ou preceito importante pelo qual nos devemos guiar na vida: «na duvida, abstem-te» é uma máxima de grande alcance.

Sentença é uma proposição que encerra grande verdade moral: «mais vale pedir que furtar» é uma sentença.

Antilabe é uma sentença muito laconica. Este vocábulo é pouco usado.

Proverbio é uma verdade que se enuncia para exprimir uma idéa vulgar: *todos conhecem o proverbio* «nem tudo o que luz é ouro».

Paremia, termo pouco vulgar, é synónimo de *proverbio*.

Roquete diz o seguinte de alguns dos vocábulos que acabamos de enumerar:

«Chama-se *sentença* qualquer reflexão profunda e luminosa, cuja verdade se funda no raciocínio ou na experiencia. Se é puramente especulativa, chama-se *principio*; se se dirige á prática, toma o nome de *máxima*; se o dito sentencioso não é do mesmo que fala, senão tomado de algum outro, diz-se *apophtegma*; se é vulgar, *proverbio*, *adágio* ou *rifão*.

«Estes trez últimos, que frequentemente se confundem, differenciam-se em que o *adágio* é mais vulgar que o *proverbio*, e de uma moral menos austera, e que o *rifão* dá sempre a instrução por meio de alguma allegoria ou metáphora. Além d'isso o *proverbio* é grave e secco; o *adágio* singelo e claro; o *rifão* agudo, chistoso, e muitas vezes de um estylo baixo. Em rigor, todo *rifão* e todo *adágio* é *proverbio*; porém não falaria com propriedade de o que chamasse *adágios* ou *rifões* aos *proverbios* de Salomão.

«*Ditado* é voz popular que diz o mesmo que *adágio*, mas indica talvez moralidade particular, ou algum de esses conselhos vulgares, fundados na experiencia, que são a sabedoria do povo.

«*Paremia* é palavra grega, pouco usada em nossa lingua, que significa *proverbio*, ou *sentença* vulgar, e como tal a usou Vleiera, dizendo: «E d'aqui nasceu aquella *paremia*, ou *proverbio*: que o céo era para Deus e a terra para os homens (IV, 324)».

«*Aphorismo* é também palavra grega, e significa *sentença* breve e doutrinal, *máxima* geral».

Aposentado, jubllado, reformado.—A idéa commun a estes adjectivos é a de cessação no emprego, porém com vencimento por direitos adquiridos ou como recompensa pelos serviços prestados.

Jubllado diz-se dos lentes das escolas superiores.

Aposentado diz-se de aquelles que recebem só parte do soldo que recebiam quando exerciam o seu logar, e também de aquelles a quem se concede uma quantia annual equivalente ao soldo o ao casual provável que auferiam no exercicio das suas funções.

Reformado diz-se dos militares e empregados públicos.

Lente jubllado; párocho aposentado; official reformado.

Apossar-se, invadir, conquistar, usurpar.

—*Apossar-se* é termo genérico que pode substituir qualquer outro de este grupo; não expriro porém outra idéa que não seja a de «tomar para si», sem indicar os meios empregados para alcançar esse resultado; podemos **apossar-nos** de alguma coisa ou em virtude de um direito, ou por prepotencia, ou pela força, ou pela astucia.

Invadir pode encerrar a idéa de *apossar-se* por meio de violencia, ou tão sómente a de entrar em alguma parte sem autorização e proceder alli como em terreno conquistado.

A primeira de essas idéas é que encerra synonymia com os restantes vocábulos de este grupo, e portanto é ella só que nos deve occupar. *Invadir* (do latim *in*, em, e *radere*, ir), é *apossar-se* de uma coisa irrompendo por ella, isto é, usando da força ou autoridade, e geralmente por meio de surpresa. Do meio empregado resulta a idéa subsidiaria de occupar muito espaço ao mesmo tempo, e a da occupação ser total, ou, pelo menos, muito extensa: apenas os romanos se tornaram senhores de toda a Italia, pensaram em **invadir** a Grecia, e não tardaram em subjugal-a inteiramente.

Conquistar é tomar pela força das armas e em guerra aberta. — No sentido metaphórico subsiste a idéa de esforço, tenacidade, emprego de meios irresistiveis.

Usurpar (do latim *usurpare*, de *usus*, o uso, e *rapere*, arrebatar) é palavra que considera os fins e não os meios, appezar de sempre incluir a idéa de violação do direito, de deslealdade e de prepotencia. A sua significação é a de *apossar-se* injustamente do que legitimamente não pode pertencer ao *usurpador*.

De estes vocábulos diz Roquete:

«*Apossar-se* alguem de alguma coisa é simplesmente metter-se de posse do ella, fazer-se senhor de ella, tomal-a a si. *Usurpar* é tirar a outrem o que é seu, usando de prepotencia; e também arrogar-se uma dignidade, etc. *Invadir* é accometter e entrar por força em alguma parte. *Conquistar* é ganhar á força de armas um estado, uma cidade, etc. — Napoleão *apossou-se* primeiramente do commando geral, depois *usurpou* o imperio; não tardou a *invadir* a Europa quasi toda, e *conquistou* parte do ella; mas suas *conquistas* e *invasões* ficaram sem effeito quando os alliados o *desapossaram* de sua autoridade *usurpada*».

Apóstolo, discípulo, evangelista.—*Apóstolo* (do grego *apóstolos*, mensageiro, nuncio) é a designação dos doze partidarios de Jesus que com elle conviviavam e que depois da sua morte foram por diversas regiões pregando a nova doutrina; Paulo ou Saulo é incluído no núme-

ro dos apóstolos, não porque fizesse parte dos dozo companheiros de Jesus, mas por ter sido o que mais se salientou na propagação do Evangelho. — Em sentido mais lato, *apóstolo* diz-se de aquelle que é o primeiro a levar a doutrina christã a algum paiz: são *Francisco Xavier* é cognominado o *apóstolo das Indias*. Extensivamente, dá-se o nome de *apóstolo* áquelle que propaga uma doutrina ou opinião: **apóstolo do socialismo**.

Discipulo, na ordem de idéas em que esta palavra é synónima de *apóstolo*, diz-se de todos aquelles que escutavam a doutrina de Jesus e o seguiam. Os **apóstolos eram discipulos, mas só doze discipulos foram apóstolos**.

Evangelista é cada um dos quatro autores de Evangelhos: Mattheus, Marcos, Lucas e João, dos quaes só o primeiro e o último foram *apóstolos*; o proprio Lucas nasceu muito depois da morte de Jesus, lá pelo anno 70 da nossa era.

Apothéose, deificação. — Eis como D. José da Lacerda trata summariamente estes vocábulos:

«*Apothéose* é a cerimonia mediante a qual algum era posto em o número dos deuses. Os romanos usavam assim a respeito dos Imperadores logo que mortos. — «*Deificação* é um acto pelo qual se suppõe a divindado onde não está senão a creatura, rendendo a esta, em consideração das suas preeminentes virtudes, culto religioso, ou quasi religioso».

Ha alguma coisa mais a dizer a respeito de estes vocábulos.

Apothéose é palavra de origem grega, e *deificação* de proveniência latina; ambas concordam no sentido de «collocar entre os deuses». A *apothéose* é, como diz Lacerda, elevar á cathedra de deus aquelle que até ao momento da *apothéose* não era divindade. *Apothéose* diz-se da inscripção dos antigos heróes (Hércules, Enéas, etc.) no número dos deuses, e também da cerimonia pela qual os Imperadores romanos eram depois da morte collocados entre os deuses. A *apothéose* tem sempre por base um acto positivo, a partir do qual um sér, que antes não tinha carácter divino, adquire esse carácter. O facto da *apothéose* dos heróes era o acto da recepção do heróe pelos deuses; na *apothéose* dos imperadores romanos, o facto era a propria cerimonia da *apothéose*.

A *deificação* consiste em considerar como sér divino o sér que não é divino. Os antigos egypcios *deificaram* algumas plantas hortenses, isto é, consideravam-nas como dotadas do poder divino, e tributavam-lhes honras divinas; porém o carácter de divindade não tinha sido attribuido num dado momento a taes plantas por qualquer acto ou cerimonia; era imaginariamente que se lhe attribuiu.

No sentido figurado, *apothéose* diz-se do acto imponente em que todo um povo tributa honras a um vivo ou a um defuncto: como os francezes fizeram a *apothéose* de Victor Hugo, andámos procurando a quem fazer a nossa: tocou-lhe a sorte a João de Deus.

Deificação, metaphóricamente, é tributar acatamento ou honras excessivas a quem tanto não merece.

Apoutar, ancorar. — Entre estes verbos existe a mesma differença que entre *pouta* e *âncora*.

Pouta é o peso do ferro, ou só a pedra a que se amarra um cabo para fundear qualquer embarcação pequena.

Âncora é o instrumento que, agarrando-se pela unha ao fundo da agua, sujeita o barco a que está preso por um cabo.

Apoutar é pois fundear com *pouta*, e *ancorar*, fundear com *âncora*.

Apparato, apparelho, apresto, preparativo. — Rôquete diz de estes vocábulos: «Quando se reúnem, dispõem e arrajam diversos materiaes ou cousas para a execução de qualquer obra, dizem-se que se fazem *preparativos*, assim como a reunião de elles se chama *aprestos* ou *apparelhos*. Diz-se pois os *preparativos* de uma funcção ou de um banquete, os *preparativos* de uma guerra ou de um assédio. A's disposições para qualquer rica e fastuosa cerimonia ou festividade se lhes dá o nome de *apparatos*, pois que a significação de esta palavra se estende a tudo o que se executa com pompa e ostentação, e assim se chama *apparatoso* ao que tem muito *apparato*. — A significação das palavras *apparelho*, *apparelhar* são muito mais extensas que as anteriores, pois não só as comprehendem todas, mas abrangem os instrumentos, operações, materiaes, disposições para todo o exercício, trabalho ou obra desde o mais elevado até ao mais infimo; extendem-se desde a sciencia e manobras náuticas, desde o exercicio e arte da pintura, até ao mais desprezível e baixo officio mecânico. Chama-se por tanto *apparelhos* aos arrelos necessários para montar e carregar cavalgaduras, e dizia-se antigamente *apparelhos* para dizer missa. Também é bastante extenso o sentido figurado de esta voz, como quando dizemos: *estou apparelhado para tudo*, por disposto, prevenido».

Vejamos o que diz D. José da Lacerda: «Quando se ajuntam e dispõem cousas ou materiaes para a execução de alguma obra, diz-se que se fazem *preparativos*, mas chama-se *aprestos* ou *apparelhos* á reunião de todos elles. Chama-se *apparato* aos *preparativos*, o disposições para alguma funcção fastuosa, para alguma

a grande solemnidade. As palavras *apparelho* o *apparellhar* têm uma significação muito extensa, que comprehende tudo, sem excepção, que scientifica ou materialmente são precisas (*sic*) para o acabamento de qualquer obra, seja qual for a sua natureza ».

Como se vê, Lacerda copiou de Roquete, e este apenas traduziu o que nos dicionarios de synónymos francezes se diz dos vocabulos que correspondem a estes nossos. Na verdade, não era nos dicionarios que da lingua portugueza havia no seu tempo, que Roquete podia discriminar o differente sentido que tem cada um de estes vocabulos, pois que o mais usual de todos esses termos — *preparativo* — nem sequer é mentado como substitutivo pela maior parte dos lexicographos, o o que o menta — *FARLA* — fal-o de maneira incomprehensivel, devido talvez a erro typographico. Na edição que de este dicionario tomos á vista diz:

« Preparativo, a, adj. (des.ivo) que se prepara, dispõe:—s. m. usado ».—O proprio DICCIONARIO CONTEMPORANEO, que vamos citar, não pelo valor que tem, mas pelo valor que ao vel-o tão grande muitos lho dão, diz de esta palavra: **« Preparativo »** (pre-pa-ra-ti-vu) adj. que prepara ou contribue para alquem so preparar. | —, s. « m. apresto, preparo. | F. Preparar + ivo. — Esta fitima acceção é apenas copia do DICCIONARIO DE RHITHETOS que lá pios annos de 1840 compez em Paris José da Fonseca. O DICCIONARIO UNIVERSAL, copia servii do CONTEMPORANEO, dá as mesmas definições de este vocabulo. Fomos nós o primeiro que, na parte que nos coube na collaboração do DICCIONARIO ILLUSTRADO DA LINGUA PORTUGUEZA (Lisboa 1898) damos a acceção mais usual que tem esta palavra, dizendo:—**« Preparativo. adj. »** Que prepara, preparatorio. | s. m. Apres-eto, preparo. | pl. Conjunto de acções para dar começo a alguma coisa ».

Efectivamente, *preparativo* é cada uma das cousas, homogêneas ou heterogêneas, independentes umas das outras, que contribue a constituir a base de uma operação futura. No plural, *preparativos*, forma um que a palavra é mais frequentemente empregada, diz-se, não das acções em si, porque essas passam por assim dizer despercebidas, mas do resultado de cada uma de essas acções, ou melhor dito, do conjunto de esses resultados, os quaes, combinados, hão-de contribuir para a realização do facto para que se fazem os *preparativos*, o qual facto sem elles não se effectnaria. Fazendo os *preparativos* para uma viagem, cada um de esses *preparativos* é um acto que, isolado, não tem consequencias ou importancia; todos, porém, formam o conjunto necessario o indispensavel sem o qual a viagem se não pôde emprebender.

Quando os *preparativos* estão feitos, e se

vao emprebender o facto para que se fizeram, principia o *apresto* de esse facto. — A pessoa que vae emprebender viagem manda fazer a roupa que lhe convém; compra os objectos de que carece; dá os passos necessarios para obter o dinheiro que precisa; informa-se dos paquetes que o podem levar ao sen destino, etc.; esses são os *preparativos*; terminados esses, ultima tudo: reúne o que comprou, emmaia, manda para bordo; esses são os *aprestos*.—Para celebrar o Centenario do descobrimento do caminho maritimo da India, fizeram-se *preparativos* durante mais de dois annos; porém os *aprestos* principiaram demasiado tarde, posto que nem a Feira franca, nem o aquario, nem tantas outras cousas projectadas se acharam conciliadas a tempo de serem inauguradas no primeiro dia da festa.

Vê-se de isto que *preparativos* e *aprestos* divergem em aquellos incluem a idéa do providencia, e estes a de utilização das cousas com que nos prevenimos. *A nação que teme ser, mais tarde ou mais cedo, atacada por outra, faz preparativos para se defender; ao vêr que a guerra se aproxima activa os aprestos nos seus arsenaes.*

Apparelho é o resultado dos *aprestos*; é termo de pouco uso nesta acceção; convém porém para designar o aspecto geral, a disposição, a ordem, a importancia do que se *aprestou*.

Apparato é o *apparelho* grandioso, a pompa que resulta de grandes *aprestos*.

Noutra ordem de idéas *apparato* e *apparelho* são também synónymos:

Apparato e *apparelho* dizem-se do objecto que, sendo a combinação de peças diferentes, forma um todo destinado a um fim; *apparato* considera o objecto como obra de engenho; *apparelho* considera-o como prompto a funcionar, a produzir o resultado que se deseja obter. O proprio vocabulo *apparato* não é muito recommendavel neste sentido; o termo *máquina* deve ser-lhe preferido.

Apparecimento, apparição, visão.—*Apparecimento* é o acto de apparecer; *apparição* diz-se da cousa que apparece, e do proprio acto de apparecer, de se manifestar, considerado esse acto como cousa inesperada, o o objecto apparecido como extraordinario. Diz-se o **apparecimento do cadáver que se andava procurando**; o **apparecimento da febre amarella**; mas não se diz o *apparecimento*, senão a **apparição do anjo Gabriel**; a **apparição do cometa de Halley**.

Apparecimento e *visão* não são synónymos; são-no porém *apparição* e *visão*, quando se fala de manifestações extraordinarias. *Apparição* diz-se com relação ao ser ou ao objecto que apparece de modo sobrenatural; é o *apparecimento* ou manifestação de esse ser ou objecto.

Visão é essa propria *aparição* referida à pessoa que a presenciu. As *visões* que tinham os prophetas eram as *aparições* que os surpreendiam. A *visão* de *Zacharias* consistiu na *aparição* do anjo *Gabriel*; isto é, o que foi *aparição* por parte do anjo foi *visão* por parte de *Zacharias*.

Visão diz-se também do que não tem realidade, do que é producto de uma mente acalorada.

Apparencia, exterior, exterioridade.— *Apparencia* é o que no exterior nos revela as qualidades ou o estado da pessoa ou da coisa que observamos.

Exterior é a superfície que envolve o objecto que vemos.

Exterioridade é a *apparencia* enganosa. O *exterior* de um edificio tem *apparencia* acanhada, architectónica, sumptuosa. O *exterior* das pessoas revela pobreza, abastança ou riqueza, segundo esse *exterior* se compõe de roupas velhas ou novas, ordinarias ou caras. A bondade ou a ruidade das pessoas revela-se na sua *apparencia*. Se o *interior* mesquinho de uma casa se occultar por detrás de uma *apparencia* sumptuosa, o que se vê, são *exterioridades*. *Exterioridades* são também, nas pessoas, as falsas demonstrações de estima ou de bondade, e as *apparencias* de riqueza que occultam verdadeira necessidade.

Apparencia, visos.— A *apparencia* revela abertamente o que vemos; os *visos* não se manifestam nem tão clara nem tão rapidamente. Cremos facilmente naquillo que tem *apparencia* de ser verdade; ficamos porém receosos ante aquillo que só tem *visos* de ser exacto.

Apparentar, fingir, simular.— *Apparentar* indica estado ou acção prolongada, quer essa acção seja expressão da verdade, quer mentirosa. Quem *apparenta* gravidade pode tê-la naturalmente, ou pretender apenas inculca-la; é o que se deprehende do sentido recto do vocabulo: «revelar na *apparencia*.» Dizer que *Fulano apparenta ter cincoenta annos* não é declarar que elle os tenha, mas sim que parece tel-os. Dizer que *Sicrano apparenta ser rico*, não é declarar-o rico, mas expressar que dá mostras de o ser. Se soubermos com certeza que elle não o era, empregariamos o verbo *fingir* e não *apparentar*. — A homonymia de este verbo com «*aparentar*» exige que se seja muito discreto no seu emprego.

Fingir declara abertamente que o estado ou a acção não é tal como se *apparenta*. Ha entre estes dois verbos uma relação manifesta, posto que *fingir* tem sempre por fim *apparentar*, mas o *apparentar* está no desejo, e o *fingir* no facto; assim é necessario *fingir* bem para poder *apparentar*, do que

resulta que o *fingir* é relativo a quem *finge*, e o *apparentar*, a apreciação alheia.

Simular é *fingir* com acompanhamento de taes circumstancias que fazem parecer real o que não o é: *Sixto V simulava* tão *artificiosamente* a senectude que *apparentava*, que os *cardeaes* ficaram mudos de pavor ao ver que o antigo *zagal* e austro *franciscano* que acabavam de elevar ao solio pontificio se apurava como a *desafil*-os a que intentassem despojar-o da suprema dignidade que acabava de conquistar á custa de tão prolongado *fingimento*.

Appellação, recurso.— Ha entre estes dois vocabulos uma differença que muito convem ter em conta: *appellação*, acto de *appellar*, é o acto de, perante instancia superior, manifestar a injustiça da instancia inferior, e pedir aquella que repare o prejuizo causado por esta: *o* *ordem* de *S. Domingos* *appellára* do rei da terra para o rei dos céos.

Recurso, acto de *recorrer*, é o mesmo que a *appellação*, desprovida porém de qualquer carácter de queixa. O *Supremo Tribunal* de *Justiça* acceita *recursos*, não *appellações*.

Appêndice, supplemento.— Tanto o *appêndice* como o *supplemento* são partes que se acrescentam a uma obra para a completar; têm porém caracteres differentes.

O *appêndice* liga-se intimamente com o texto ou com parto do elle para explanaar a doutrina, expôr novas applicações, dar maior extensão á materia ou restringir-lhe o alcance.

O *supplemento* completa o texto com artigos que lhe faltam, e que, se bem são da mesma natureza da obra, são differentes no fundo.

A um código junta-se o *appêndice* que encerra as alterações que se fizeram a alguns dos seus artigos. A um diccionario junta-se o *supplemento* que contem os vocabulos que no diccionario não estão incluídos.

Appetite, desejo.— Eis como Roquette estabelece a synonymia de estas palavras:

«Posto que vulgarmente se confundem «estes dois vocabulos, com tudo em linguagem philosophica moderna são bem «distinctos. Os *appetites* são certos sentimentos corpóreos, não perpétuos, mas que «occorrem de tempo a tempo, accompanha- «dos sempre de certo que mais ou menos «desagradável segundo é maior ou menor «sua força, que nos impellem a *appetecer* «alguma coisa de que o corpo carece. Uns «ha que são inherentes á nossa natureza, «taes são a fome, a sede, etc.; outros vem «dos hábitos, tal é o tomar tabaco ou fumar, etc.

« Os desejos, que melhor se explicam pela « palavra latina *cupiditates*, são certas inclinações, que não existem no corpo, se não na alma, e cujo objecto são as cousas e não as pessoas; taes são o desejo de saber, de viver em sociedade, da estima dos outros, da excellencia ou superioridade, do poder e do mando, etc. — Diferença-se o desejo do *appetite* em que, 1.º este reside no corpo e aquelle na alma; 2.º em que este vem de tempo a tempo, e aquelle é permanente; 3.º em que este sacia-se, e aquelle não se farta, etc.

« Esta classificação não era conhecida dos antigos philosophos, pois Cícero, falando das forças da alma, diz que se dividem em duas partes, uma das quaes « consisto no *appetite*, que é a que impelle o homem para aqui o para all; e outra na razão, que ensina o que se deve fazer e o que se deve evitar. Dá elle uma excellentissima regra a este respeito que não deveria nunca esquecer: — *Ratio præsit, appetitus obtemperet*. — Mande a razão; obedeça o *appetite* ».

Resumindo o que diz o autor citado, resulta: que o *appetite* provém da nossa natureza ou do hábito que nella se inveterou; o desejo tem a sua origem nas paixões, na mente, na vontade.

Appetite. fome. — Chama-se *appetite* a determinados desejos da natureza animal, suggeridos pela propria necessidade (como o comer, o beber, etc.) ou pelo hábito (como o do tabaco, do opio, do alcool, etc.). Em absoluto, *appetite*, diz-se da vontade de comer, e em nesse sentido que esta palavra tem synonymia com *fome*. Diferem porém, em *appetite* ser o « desejo » de comer, e a *fome* a « necessidade » de comer. Qualquer comida calma a *fome*, nenhuma a excita; ha comidas que, mesmo quando não haja *fome*, excitam o *appetite*. A *fome* é um soffimento; o *appetite* é, geralmente, signal de sãde; dizemos « geralmente » porque ás vezes o *appetite* é uma perversão da natureza, como se nota em certos doentes que desejam comer o que precisamente lhes é nocivo.

Appliação. meditação. — Roquete diz de estes vocábulos:

« A *appliação* é aquelle acto pelo qual « nossa alma se fixa com attenção e cuidado « em qualquer assumpto, e nelle pensa muito tempo. — A *meditação* é uma acção da mente muito mais detida e prolongada que a precedente; ella considera o assumpto « em todos seus aspectos, fazendo esforço « para conhecê-lo a fundo e penetrar todo « seu espirito. — O bom resultado da *appliação* « depende da intelligencia, e o da *meditação* « do hábito de julgar com sã lógica e « de discorrer com exactidão ».

Appolo. sustentáculo. supporte. — Nestes vocábulos predomina a idéa de « cousa que mantem outra e a conserva em dada posição. »

O *appolo* serve para manter direito; o *sustentáculo*, para supportar parte do peso; o *supporte* para aguentar todo o peso, ou tambem para reforçar o *sustentáculo*.

O *appolo* colloca-se ao lado e arrumado ao que se quer não deixar cair.

O *sustentáculo* colloca-se por baixo do que queremos que permaneça elevado.

O *supporte* é um sólido e único *sustentáculo*, ou tão só um reforço que se dá ao *sustentáculo*.

Se uma parede ameaça timbar-se, dá-se-lhe um *appolo*. Se as columnas que servem de *sustentáculo* á abóbada são demasiadas, debéis, reforçam-se com *supportes*.

Apprehensão, temor, recelo.

— A *apprehensão* é o estado em que o espirito se acha intranquillo por julgar iminente um perigo ou mal que é possível, mas que pode ou não succeder, e que só a imaginação nol-o representa como próximo ou já chegado.

Temor é o sentimento que nos abala á vista de um perigo não só possível, mas até provável, posto que certos indícios o annunciam.

Recelo é o sentimento penoso que nos causa a probabilidade de um mal, e nos faz fugir de tudo o que o pode occasionar.

A *apprehensão* faz-nos sentir os symptomas da epidemia de que temos temor, e por recelo da qual fugimos da localidade em que ella faz estragos.

Apprender, instruir-se, estudar.

— *Apprender* é adquirir determinados conhecimentos; *apprendi* o officio de torneiro quando andava a *apprender* latim.

Instruir-se é adquirir todos os conhecimentos, todas as luzes necessarias para não ignorar nada do que se deve saber. Um medico, depois de formado em Coimbra, deve ir *instruir-se* ao estrangeiro. *Instruim-nos* viajando, porque nas viagens adquirim-se conhecimentos multiplices que são úteis na pratica da vida.

Estudar é applicar-se ao estudo para alcançar *apprender* e *instruir-se*.

Apprendiz, principiante. — *Apprendiz* é aquelle que anda apprendendo.

Principiante é o que principia a ser *apprendiz*. Nontra accepção, *principiante* diz-se de aquelle que principia a praticar o que *apprendiz*; Fulano será bom medico quando adquirir pratica, mas por enquanto é *principiante*.

Ademais *apprendiz* não se diz geralmente seuão de officios; *principiante* é extensivo a officios, artes e sciencias.

Apprendizagem, tirocinio, prática. — A *apprendizagem* é a época em que se faz o *tirocinio*, e este exerce-se para adquirir a *prática*; isto é, no *tirocinio* ha hesitações e dúvidas, que desaparecem logo que se adquire a *prática*. — Frequentemente se vê *tirocinio* confundido com *prática* ou *exercício*; é erro que convém evitar. Já no DICIONÁRIO ILLUSTRADO DA LINGUA PORTUGUEZA, artigo **Tirocinio**, chamámos a atenção sobre o emprego abusivo do vocábulo, e diffinimol-o: «*Prática* de certa ordem de funcções como «*exercício* preliminar para o desempenho «*de ellas: antes de estabelecer banca pro- «pria o advogado deve ter algum tiroci- «nio na banca de um mestre. Frequentemente se lê nos annuncios dos jornaes: «Professor com tantos ou quantos annos de «tirocinio se offerece para... Tirocinio «por prática é erro que não abona a proficiencia do annunciante».*

Approvação, suffragio, applauso. — Tanto a *approvação* como o *suffragio* occorrem a idéa de serem dados após reflexão, e é precisamente essa idéa que não se deprehe de *applauso*.

Pela *approvação* testemunhamos expressa ou tacitamente que approvamos depois de ter examinado o caso.

Suffragio só differe de *approvação* em esta ser frequentemente tácita ou privada, em quanto aquelle é sempre público e manifesto.

O *applauso* exprime, como as palavras precedentes, o modo de testemunhar a nossa *approvação* por meio de interjeições ou de palmas. Differe porém essencialmente de aquelles vocábulos, por ser uma manifestação irreflectida, que muitas vezes é mais depressa dada ao modo do manifestar a idéa, do que á propria idéa. O *applauso* seguindo immediatamente o acto ou o dito que é applaudido — antes do haver tido tempo de reflectir — pôde mais tarde ser substituído por manifestação de indole muito diversa. Ouvimos quotidianamente discursos vastos de senso pratico serem **applaudidos** só pela forma com que são pronuciados.

Approvar, consentir, permitir, tolerar. — Eis como Roquete estabelece a synonymia de estes vocábulos:

«*Approva-se* uma coisa quando de ella «se faz juizo favorável, quando se acha di- «gna de louvor e estima, quando so lho dá «o voto; *consente-se* uma coisa quando a «ella se acquiesce, ou se condescende a «que se faça; *permite-se* um acto quando «se autoriza por um consentimento formal; «*toleram-se* as cousas quando conhecendo-as «e tendo o poder, se não impedem. — *Ap- «provamos* o que temos por bom o merito; «*não; consentimos* o que nos não repugna,

«mas que talvez quizeramos evitar; as leis «humanas nunca devem *permitter* o que as «divinas prohibem, porém prohibem ás ve- «zes o que ellas *permettem*; os magistrados «vêm-se ás vezes obrigados a *tolerar* cer- «tos males por temor que succedam outros «maiores».

Outros synónymos de este grupo podem ser consultados na página 25, artigo **Ac-ceder**.

Aprazar, differir, pospôr, pos-tergar. — *Aprazar* é marcar prazo determinado, o nisso se distingue de *differir*, que é deixar para mais adiante, sem deter- minação de tempo.

Pospôr é deixar para mais adiante o que devera ser feito antes.

Em *postergar* predomina a idéa de des- culdo, injustiça ou olvido.

Apraza-se uma discussão para a próxima sessão, um pagamento para tal época. A audiência fica *differida* até que se possam reunir novos elementos que esclareçam a justiça.

Pospôr é deixar para depois de outro, o *postergar* é *pospôr* injustamente semtenção de se occupar noutra occasião de quem ou do que é *postergado*.

Um empregado é *posposto* a outro mais moderno e fica *postergado*.

Uma questão importante pode **aprazar-se**, mas não deve **pospôr-se** a outras menos importantes, e muito menos ser **differida** indefinidamente, pois acabaria por ficar **postergada**.

Aprazar, emprazar. — *Aprazar* é determinar o prazo em que uma coisa ha- do effectuar-se.

Emprazar é determinar o prazo em que alguém ha-de effectuar tal ou tal facto.

Apraza-se um pagamento; *empraza-se* al- guem para effectuar esse pagamento. Obri- go-me a pagar tal dia o que devia pagar hoje: *aprazar*. Obrigam-me a pagar até tal dia, o se o não fizer procederão contra mim: *emprazar*.

Apregar, ajustar. — *Apregar* é o acto que geralmente precede o *ajustar*.

Apregar é indagar o preço; *ajustar* é har- monizar o preço podido com o offerecido.

Aprego, estima, consideração.

— Geralmente se confundem estes vocábu- los indistinctamente; rigorosamente porém ha entre elles differenças notáveis.

O *aprego* presume valor ou mérito.

A *estima* é relativa ao carácter, a certas circumstancias que muitas vezes nos fazem *estimar* quem ou o que não tem valor real.

A *consideração* é offertada á pessoa, não pelo que ella é em si, mas pelos attributos que a acompanham.

Alexandre Herculano era tido em grande

apreço por el-rei D. Pedro V, a quem o grande escriptor consagrava verdadeira **estíma**. O ministro tem em **conservação** os grandes lavradores.

Apresar, capturar. — *Capturar* é prender, arrestar a alguém pela força do direito ou pelo direito da força.

Apresar é tomar como **presa** navios, géneros embarcados, ou subtraídos aos direitos.

A policia **captura** os criminosos; a guarda fiscal **apresa** os géneros que os contrabandistas querem subtrair aos direitos, e **captura** os contrabandistas.

Apresentar-se, apparecer, comparecer. — *Apresentar-se* é relativo não só á pessoa que se **apresenta** mas também áquellas em cuja presença ella vem.

Apparecer é subjectivo, isto é, pede toda a attenção para quem **apparecer**, nembuma para os que vêem **apparecer**.

Comparecer chama a attenção para a superioridade da pessoa ante a qual se **comparece**.

Aprimorar, esmerar. — *Aprimorar* encerra sempre a idéa de perfeição, idéa que não é lherente a **esmerar**, pois por muito que alguém se **esmere** pode não fazer nada em termos. Consequentemente, **aprimorar** é fazer um primor, uma obra perfeita; **esmerar** é fazer o melhor que se pode ou que se sabe.

Aprisco, redil. — O **redil** é o côreo feito de rede dentro do qual pernoita o rebanho.

O **aprisco** é o curral ou logar coberto onde o gado queda encerrado.

Aprisionar, captivar. — Estes dois verbos encerram a idéa commum de «privar da liberdade»; **captivar** porém encarece sobre **aprisonar**, 1.º por querer tornar odioso aquelle que **captiva**, 2.º por apresentar o **captivo** como sujeito a maior soffrimento que o **prisioneiro**. Carlos Quinto **aprisionou** a Francisco I. — D. Pedro II **captivou** a D. Afonso VI.

Aprofundar, profundar. — Estes verbos empregam-se geralmente sem outra distincção que não seja a da exigencia da euphonia; ha porém entre elles uma differença muito notável. **Profundar** é cavar muito fundo, tornar **profundo**.

Aprofundar é tornar mais fundo o que se **profundou**.

No sentido figurado subsiste a mesma gradação.

Apropositado, opportuno. — *Apropositado* se dirá do que tem relação com cousa anterior, *opportuno* de aquillo

que é conveniente para cousa posterior. Fulano respondeu **apropositadamente** á invectiva de Sicrano. Fulano chegou **opportunamente** para deslindar a questão.

Apropriar-se, arrogar-se. attribuir-se. — *Apropriamo-nos* do dominio, da posse, do usufructo, do gozo; isto é: **appropriar-se** é fazer bem proprio do bem alheio.

Arrogar-se é relativo á autoridade, ao mando, aos direitos. Encerra-se neste verbo a idéa de orgulho e de arrogancia.

Attribuir-se se diz das acções e das qualidades que pertencem a outrem.

A Prussia **appropriou-se** do Steswig. Os papas **arrogavam-se** o direito de dispor dos tronos. O plagiaro **attribue-se** as produções alheias.

De estes vocábulos diz Roquete:

«Estas trez palavras significam tomar al-
«guem para si e por sua propria autoridade
«de qualquer direito ou propriedade que
«perteece ou pode pertencer a outrem.

«**Appropriar-se** indlea fazer proprio, cou-
«verter em propriedade nossa, tomar como
«tal o que nos não pertence. **Arrogar-se** si-
«gnifica exigir com altiveza, pretender
«com insolencia, e até com certo menoscabo
«dos outros, cousas que nos não são de-
«vidas, nem de conceder. **Attribuir-se** é
«pretender uma cousa, apoderar-se de ella
«por sua propria autoridade, dar-se por
«causa e autor de ella. O cubiçoso **apro-
«pria-se** uma cousa por interesse, o vaidoso
«se a **arroga** por audacia, o invejoso se
«a **attribue** por amor proprio. O que se
«**appropria** faz-se com damno alheio; o que
«se **arroga**, com menoscabo de outrem; e o
«que se **attribue**, com a exelsão de al-
«guem. — Particularmente nos **appropria-
«mos** o que nos servo ou pode servir, e de
«consequinte todo objecto de utilidade;
«**arrogamo-nos** o que nos desvanee; e **at-
«tribuímo-nos** os objectos do consideração
«que lisonjeiam nosso amor proprio. — **At-
«tribue-se** nma acção honorifica, uma obra
«sabia, uma invenção útil; **arrogam-se** ti-
«tulos, prerogativas, preeminencias; **apro-
«priam-se** alfaías, móveis, herdades. — Dis-
«puta-se muitas vezes a propriedade do
«que alguém se **attribue**; nega-se ou recu-
«sa-se o que elle se **arroga**; e reclama-se o
«que outrem se **appropria**.»

E' o que Lacerda resumiu, dizendo:

«**Apropriar-se** é fazer proprio, tomar co-
«mo tal o que nos não pertence. **Arrogar-se**
«é exigir com orgulho, pretender com in-
«solencia cousas que nos não são devidas.
«**Attribuir-se** é pretender uma cousa, e dar-
«se por causa ou autor de ella. **Apropriam-
«se** móveis, alfaías, herdades, etc. **Arro-
«gam-se** titulos honoríficos, preeminencias,
«etc. **Attribuem-se** acções honrosas, obras
«de merecimento, etc.»

Aproveitado, económico, poupado. — *Aproveitado* se diz de quem, por princípio de economia, não desperdiça coisa nenhuma, e até aproveita o que por outro tem foi despedido ou deitado fora.

Económico qualifica a pessoa que não só não faz gastos superfluos, mas procura, nos indispensáveis, obter alguma economia.

Poupado é aquelle que conserva o guardado cuidadosamente tudo o que lhe pertence, para que lhe dure muito tempo, e evite de fazer gastos.

Aptidão, disposição, talento, capacidade, idoneidade, habilidade. — A *aptidão* é um dom natural que nos torna *aptos* para uma coisa determinada, isto é, para a cultivar com bom êxito, ou exercê-la com proficiência.

Disposição é uma qualidade não tão declarada como a *aptidão*, pois com esta palavra afirmamos, e com aquella apenas supponho. Dizendo que nosso filho tem *aptidão* para a mathematica, afirmamos que esse estudo lhe é fácil, e que nesse ramo de sciencia so ha-de tornar distincto. Dizendo que tem *disposições* para o estudo, declaramos sómente que nos parece que elle ha-de ser bom estudauto, sem porém pretendermos affirmar-lo. A *aptidão* é coisa provada, clara, evidente; a *disposição* não passa de meros indícios.

Talento, além de designar dom natural, como *aptidão*, presume exercicio e prática e por isso so pode dizer que o *talento* é a *aptidão* no terreno da prática. Ter *talento* para a pintura, é mais do que ter *aptidão* para a pintura, pois a *aptidão* pode ficar inactiva, e o *talento* só se revela no exercicio, na cultura.

Capacidade é o conjunto de qualidades e conhecimentos necessários para levar a bom determinada ordem de cousas; a *capacidade*, como o *talento*, só pode manifestar-se na prática; differem porém as duas palavras emquanto á sua applicação: *talento* dizendo-se particularmente com relação aos estudos puramente scientificos, litterarios ou artisticos, e *capacidade* relativamente ás cousas práticas da vida, emprezas, negocios, direcção de assumptos, etc. Assim é que ninguém dirá *um poeta* ou *um escultor* de *capacidade* mas sim de *talento*, o tambem não é commum dizer-se *um banqueiro* ou *um general* que *carece de talento* mas sim de *capacidade*. — Convem porém ter presente que tanto a *capacidade* como o *talento* não podem existir onde não ha *aptidão*.

Idoneidade, palavra não muito usada, é independente da idéa de *aptidão*; a *idoneidade* adquire-se pela prática, e consequentemente este vocabulo encerra a idéa do facultades adquiridas. *Fulano* não tinha nenhuma *aptidão* para a magistratura, não obstante, á força de boa vontade e de

estudo, adquiriu nella bastante *idoneidade*.

Um *recruta* pode ter *aptidão* para aprender o exercicio; um *tenente* tem bastante *capacidade* para mandar a companhia, se o *capitão* vier a faltar; mas nem todos os chefes de corpo têm a *idoneidade* necessaria para mandar uma divisão.

Habilidade é vocabulo mais significativo que *capacidade* o *idoneidade*. A *habilidade* não só revela a idéa do se possuir o conjunto de qualidades e de conhecimentos necessários para levar a bom resultado uma determinada ordem de cousas, senão que sugere a idéa que já por varias vezes se praticaram taes cousas e sempre com bom resultado. Assim, um *cirurgião* ha-de unir á *capacidade* a *habilidade*, para que os operados se entreguem afoitamente nas suas mãos. Julga-se que um *general* de brigada tem sufficiente *idoneidade* e *capacidade* para mandar um corpo do exército, á vista do modo como mandou sob as ordens do seu superior; não se pode porém dizer que tem *habilidade* para esse commando até que de varias provas se saia airoso. — O *talento* do certo poeta é notorio; terá *habilidade* se souber manojear esse *talento* procurando effeitos que arrebatem o voo das difficuldades da sua criação, e assim, *talento* dir-se-á com relação á poesia o *habilidade* relativamente ao modo de lhe dar realce.

Aqui, cá. — Assim escrevo Roquete a respeito de estes vocabulos:

«São adverbios do logar, que valem o «mesmo que *este logar*, ou *neste logar* onde «se acha a pessoa que fala. Sua differença «consiste em que *aqui* representa o logar «de um modo absoluto, e sem referencia «alguma a outro logar, v. gr. *aqui vivo*, «*aqui estou*, etc. Porém *cá* tem maior exten- «são, pois além de representar o logar «onde se está, acrescenta por si só a ex- «clusão de outro logar determinado, que «directa ou indirectamente se contrapõe «aquelle em que nos achamos. — *Vivo «aqui, janto aqui*, suppõe só e absolu- «tamente o logar onde vivo e onde janto, «sem excluir determinadamente outro lo- «gar, e sem representar por si só a menor «idéa de dúbida, preferencia, ou relação «alguma respectivamente a outro. Porém «hoje janto *cá*, esta noite fico *cá*, exclue «determinadamente o logar onde costume «jantar, ou ficar. — No sentido familiar en- «tende-se *aqui* por nesta casa, pois quando «alguem diz *fulano jantou aqui hontem* ou «passou hontem *aqui* a noute, é como se «disse, jantou, passou a noute nesta «casa. — Quando *cá* so contrapõe a *lá*, in- «dica a terra ou logar em que estamos com- «parado com outro de que já falámos e a «que nos referimos, como se vê no ditado «vulgar: *cá e lá mãs fadas ha*».

Devera Roquete ter acrescentado que *cá* designa um lugar mais extenso, ou menos determinado que *aquí*, como facilmente se pôde deprender das phrases *anda cá, pô-te aquí*; a primeira designando a proximidade do lugar onde se acha a pessoa que fala, e a segunda indicando um ponto determinado.

Entre *cá* e *aquí* também ha uma differença que vem influir muito no carácter da acção que na oração se exprime; assim se escrevemos a alguém dizendo *cá estamos todos*, daremos somente a entender que chegámos á localidade desde a qual escrevemos; e se dissermos *todos estamos aquí*, quem o leia inferirá que estão naquella pto todas as pessoas que nelle devem estar para determinado fim.

Ar, cara, physionomia, semblante, catadura.—A impressão que o todo de uma pessoa nos causa á primeira vista, provém do *ar* de ella. O *ar* consiste pois nas feições, no porte, nas maneiras, no modo de se exprimir, etc.

Cara, no sentido em quo aquí consideramos este vocabulo, designa a impressão que nos faz a *cara* de algum individuo, não só á primeira vista, mas habitualmente. Ao dizer que *Fulano tem má cara*, queremos exprimir que a impressão que elle nos causa é desagradável, que revela na *cara* ser pessoa de más qualidades ou de mau carácter.

Physionomia diz-se das feições movlmentadas pelo carácter da pessoa; *tem-se physionomia agradável, sympathica, repulsiva*, etc.

Semblante se diz do rosto que exprime os affectos de que a pessoa está possuida: *ter o semblante iracundo*.

Catudura se diz do aspecto das pessoas com relação ás suas relações commoseo.

Quando procuramos alguém que está de má *catadura* deixamos para outra occasião o favor que lhe tamos pedir. — *Catudura* diz-se também por *ar*, e é até mais usual: vimos passar uns individuos de má *catadura*.

Árabe, mouro, berbere, mahometano, musulmano.—Com o vocabulo *árabe* disigua-se aquelle que é natural da Arabia; extensivamente porém dá-se este nome á infimidade de povos descendentes de árabes, e até a outros em que o cruzamento foi lento, mas em que os árabes predominaram.

O *mouro* é o habitante da Mauritania, do Marrocos actual. O *mouro* é *árabe* pela lingua, pela religião e, até certo ponto, pela descendencia; também é *berbere*, porque esta designação se dá a todos os individuos dos povos que habitam a Africa septentrional.

Árabe, mouro e berbere são termos ethno-

graphicos; os restantes de este grupo, *mahometano e musulmano*, são appellativos que dizem respeito á religião.

Mahometano é todo aquelle que segue a religião de Mohammed; os *mahometanos* chamam-se a si proprios *musulmanos*, que quer dizer «resignado á vontade de Deus.»

Arabista, arabizante.—Tão a miúdo são empregados estes vocabulos indistinctamente que hoje tornaram-se synonymos perfeitos. Não obstante e, mesmo sem pretender a purista, bem andará aquelle que quizer discriminálos.

Arabista se diz de quem é versado na lingua árabe; *arabizante* de aquelle que na lingua nacional emprega giros ou idiotismos proprios do árabe.

Arado, charrúa.—Se bem destinados ao mesmo serviço, são diferentes os instrumentos que assim se denominam.

O *arado* carece do jogo deanteiro de rodas que tem a *charrúa*; além d'isso o *arado* de hoje é tal como o usaram nossos avós; a *charrúa* é cada vez mais aperfeiçoada.

Arar, lavar.—São synonymos perfeitos, quando o instrumento empregado é o *arado*: *andar a lavar com o arado* ou *andar a arar com o arado* dizem-se indistinctamente. Empregaremos porém o verbo *lavar*, e não *arar*, quando o instrumento empregado não fôr o arado.

Arbitralmente, amigavelmente.—O quo é decidido entre os proprios interessados, que de concessão em concessão chegam a um accordo, decide-se *amigavelmente*.

Arbitralmente designa interferencia de terceiros.

Arbitrio, mercê — As locuções ao *arbitrio* de e á *mercê* de não tem egual alcance.

Ao *arbitrio* de, designa apenas a vontade; á *mercê* de designa não só a vontade, mas inclue a idéa de poder absoluto, poder de que depende a vida ou a morte. Um navio desmantelado o sem governo, em tempo calmo, anda ao *arbitrio* das ondas ou dos ventos; durante a tempestade andará á *mercê* das ondas que o podem tragar.

Arboricultor, silvicultor.—O *silvicultor* dedica-se á povoação das mattas; o *arboricultor*, á cultura das arvores fructíferas ou de recreio.

Arcada, arcaria ou arcos.—Sêrio de arcos, é a idéa commum a estes substantivos; *arcada*, porém, encerra além da idéa de série de arcos, outra que é relativa á abóbada que esses arcos sustêm, o é de esta idéa que não ha indícios em *arcaria*

ou arcos. Assim dizemos as **arcadas** do Terreiro do Paço, e a **arcaria** ou os **arcos** do aqueducto das Aguas Livres.

Archaico, antiquado. — Já falámos de *antiquado*, comparando este vocábulo com *obsoleto*; comparal-o-emos neste artigo com *archaico*.

Ha vocábulos *antiquados*, não ha porém vocábulos *archaicos*, os bons escriptores reservam este qualificativo para as phrases, locuções, giros e estylo fóra de uso. Diremos pois *antiquado* do termo isolado, e *archaico* da série de termos.

Árctico, boreal, septentrional. — *Árctico* é adjectivo menos extensivo que *septentrional*, pois só se diz do que está para além do circulo polar do norte, enquanto que *septentrional* quer apenas dizer «que está para o lado do norte»: a *América septentrional* principia aos 8 graus de latitude norte.

Boreal qualifica tudo o que se mostra ou está ao norte do equador: *aurora boreal*, *hemispherio boreal*, as *constellações boreaes*.

Ardente, abrasador, caloroso. — Dispostos pela gradação ascendente, a ordem de estes adjectivos seria *caloroso*, *ardente* e *abrasador*, e tão fácil é comprehender a sua differente applicação que julgamos desnecessario insistir sobre ella.

Ardente, fervoroso. — No sentido figurado, *ardente* diz menos que *fervoroso*, este último adjectivo querendo indicar que alem do calor ou do enthusiasmo com que o acto é feito, ha nelle uma como prece ou supplica, sentido que não existe em *ardente*.

Arder, inflammar-se, incendiar-se, abrasar-se, queimar-se. — De estes vocábulos diz Roquete:

«Explicam estas palavras os differentes graus pelos quaes pode passar um corpo combustivel desde o instante em que lhe pegou fogo até que foi inteiramente consumido. — Quando penetra o fogo num corpo combustivel, e se manifesta á simples vista, diz-se que *arde*; quando se desenvolve a chamma, *inflammam-se*; quando levanta labareda e se propaga com rapidez e fracasso, *incendiam-se*; quando o corpo que deu alimento ao fogo apesar de compacto está todo repassado d'elle e feito brasa, *abrasam-se*; quando a força do fogo ou do incendio devorou a materia combustivel e a reduziu a cinzas, *queimou-se*. — Diferença-se *arder* de *inflammar* em que o primeiro designa a acção ordinaria pela qual o fogo se apodera de um corpo e o vae consumindo, e o segundo designa a força com que a superficie de este corpo arroja de si o fogo que a penetra e ap-

plica-se particularmente ás materias liquidas e resinosas que por isso se chamam *inflammáveis*. — O *incendio* suppõe um grande fogo que despedindo chamma se comunica aos corpos vizinhos, e tomando ala faz rapidos progressos. — Póde *abrasar-se* um corpo sem formar labareda, tal é o ferro na fragoa. — Tanto pelo fogo ordinario como pelo incendio se *queimam* os corpos quando depois de consumido o que dava alimento ao fogo restam sómente os residuos incombustiveis. — Os quatro primeiros termos tomam-se no sentido figurado pouco mais ou menos com as mesmas differenças.»

Ardil, ardileza. — Estes vocábulos não são synónymos, posto que *ardileza* é causa e *ardil* effeito; encontram-se porém definidos do mesmo modo em varios dicionarios, o que nos obriga a mencional-os aqui para attribuir-lhes o seu verdadeiro sentido.

A *ardileza* é uma especie de *arteirice* que suggero os *ardis*.

Ardil, estratagemas, logro, arteirice, astucia. — De estes vocábulos, os trez primeiros designam factos; *arteirice* não só facto, mas tambem o que o suggera; *astucia* só o que suggera factos do carácter que distingue os outros vocábulos do grupo.

O *ardil* é o meio que se emprega para obter o fim desejado, obrando de modo que o lesado não conheça as intenções senão quando já não possa oppôr-lhes obstáculo. «O *ardil* — diz D. José de Lacerda — occulta os meios de que se serve, e procede de com disfarce».

Estratagemas (do francez *stratagème*, vocábulo formado do grego *stratos*, exército, e *agó*, conduzo) designa no sentido recto os *ardis* de guerra para surprehender ou vencer o inimigo. Extensivamente, diz-se dos meios extraordinarios que se combinam com arte e manha para surprehender de improvisa a pessoa que visamos e obter de ella o que queremos, sem que ella nolo possa negar. O *estratagemas* differe de *ardil* em este contar com a impossibilidade de defesa, e o *estratagemas* em levar o lesado a não nos poder negar o que pretendemos.

Logro é o *ardil* caviloso que leva o lesado a ser o proprio a offerecer o que pretendemos, julgando que obra em seu proveito.

Arteirice, como facto, é a realisação de um engano hábilmente preparado. Noutra accepção designa a arte ou manha de quem tem inventiva para fraudes ou para conseguir os seus fins empregando vias torcidas, mas hábilmente combinadas.

Astucia é um dom natural, mixto de fura e de falta de escrúpulos, quasi idéntico á *arteirice*, mas differencando-se de ella em esta planear com *arte*, com habilidade, e

aquella com preserverança, malícia e ruindado; a *arteirice* machina; a *astucia* obra simplesmente, aproveitando os descuidos e as occasiões. A *raposa* tem *astucia*; quem pretende insinuar-se no espirito albeio necessita ter *arteirice*.

Ardor, calor, enthusiasmo.—O sentido figurado dos dois primelros vocabulos de este grupo torna-os synonymos de *enthusiasmo*, como quando se diz: «*defender com ardor* (com *calor* ou com *enthusiasmo*) *as suas idéas*».

Calor é o vocabulo que exprime do modo mais simples e mais geral a idéa que é común a estas palavras, o *calor* sendo a menos forte das sensações causadas pelo lume.

Ardor não só suggere a idéa de *grande calor* senão outra que lhe é inherente: a da chamma ou clarão que é a causa de essa sensação. *Defender com ardor* não só desperta a idéa da vehemencia empregada, mas tambem a da vivacidade das imagens, do brilho do estylo, da eloquencia do orador.

Enthusiasmo (vocabulo grego em que entra o substantivo *theos*, dens), é o estado do espirito vivamente sobreexcitado pela idéa que o preoccupa, anima e domna tão exclusivamente que parece achar-se impellido por uma inspiração divina a manifestar o que ella lho suggere. Tal é a extensão que se deve dar ao vocabulo, pois em grego designava elle a embriaguez ou delirio que se apossava da *pythoniza* quando o espirito ou o deus a dominava, exaltava e suggeria.

Árduo, difficil, difficultoso. — O que é *árduo* é muito *difficil*.

Difficil diz-se do grosso do trabalho ou da empreza, da sua essencia; *difficultoso* convém melhor ás particularidades, pormenores, obstáculos. O que é *difficil* necessita pulso, força, resolução, corágon, talento; o que é *difficultoso* suppera-se com paciencia, tacto, perseverança. *É difficil resolver certos problemas; é difficultoso reunir uma collecção completa de sellos; é árduo escrever para o theatro*.

Note-se tambem que *difficil* e *difficultoso* ponderam a difficultade mas não incluem a idéa de impossibilidade, emquanto que *árduo* pode frequentemente encerrar essa idéa: *árdua* empreza é a de pretender corrigir defeitos moraes.

Arc, decâmetro quadrado. — *Arc* e *decâmetro quadrado* representam a mesma extensão de superficie, mas o vocabulo *arc*, assim como os seus mûltiplos e sub-mûltiplos deve exclusivamente ser empregado ao falar de campos ou terrenos agricultados ou arborizados: *a casa occupa dois*

decâmetros quadrados de superficie e tem nas trazeiras um jardim de trez arcs de superficie.

Área, superficie. — A *área* é a *superficie* horizontal apresentada ao espirito como comprehendida dentro de qualquer especie do limites. *Área* só se diz da parte sólida terrestre; *superficie* diz-se da terrestre, da marítima, e tambem da parte exterior de qualquer corpo.

Areal, duna, praia. — *Areal* é qualquer extensão de terreno ebão ou quasi ebão que em vez de terra ou pedra está coberto de areia, ou em que pelo menos, predomina a areia. Ha *areaes* á beira-mar, no meio dos rios, e no interior dos continentes.

Duna, é cada uma das collinas de areia que ha em certos littoraes. Este vocabulo emprega-se quasi exclusivamente no plural, e nunca ao falar do interior dos continentes; nos desertos da Africa não ha *dunas*, mas sim montes de areia.

Praia é a parte mais ou menos horizontal da costa que fica coberta de agua durante a maré. Não é condição essencial da *praia* o ser exclusivamente composta de areia.

Arento, arenoso, arisco. — Confundem-se communmente estes adjectivos.

As substancias *arentas* são compostas de materia que apresenta muita analogia com a areia.

No que é *arenoso* ha areia de envolta com outra substancia.

Nos terrenos *ariscos* predomina a areia.

Arena, lica. — Toda *lica* é *arena*, porém a *arena* nem sempre é *lica*.

A *arena* é o lugar destinado a luctas ou combates espectaculosos; quando na *arena* se realizam ou se vão realizar esses jogos, ella toma então o nome de *lica*.

Argilla, barro. — Estes dois vocabulos são synonymos perfeitos; *argilla* é termo scientifico; *barro* é o termo vulgar.

Argumento, raciocinio. — O *argumento* é o resultado do *raciocinio*, e o *raciocinio* é a operação intellectual pela qual o espirito, analysando uma proposição precedentemente exposta, ou comparando eutres si varias proposições enunciadas, tira uma consequencia. *Os philosophos chegam a uma conclusão após demorados e profundos raciocinios*.

O *argumento* é pois essa consequencia, e não só ella, mas, e sobre tudo, o modo de expola. — Noutra ordem de idéas, o *argumento* é o resultado, não de um *raciocinio*, mas dos factos ou circumstancias; é como uma prova em pró ou em contra de esses factos: o melhor *argumento* em favor do

divorcio é que desde que elle está estabelecido em França é muito menor o número dos conjugécidos.

Árido, estéril. — O terreno árido é estéril pela falta absoluta de humidade; o terreno estéril não produz por não ser proprio para o cultivo, seja por causa da sua composição, seja pela altitude a que está. **Árido é o Sahará; estéril são muitas regiões da Suíça,** apezar de frequentemente regadas por chuvas.

Árido, sêcco; aridez, sequidade. — Uma região é árida quando a sêcca é constante e completa em toda a sua superfície; será sêcca se, sem que a falta de humidade seja absoluta, frequentemente se vir privada de ella. A *aridez* é um estado absoluto, e um ponto, rigorosamente falando, não é mais ou menos árido que outro; é árido, e com isso se diz tudo. A *sequidade* é um estado relativo; dura só em quanto falta a humidade, e consequentemente um ponto é mais sêcco numa época que noutra, e mais ou menos sêcco que outro ponto dado. A *aridez* impede qualquer vegetação; a *sequidade* é nociva á vegetação existente ou a impede momentaneamente. Ilam osmo plantas, por exemplo a cêpa, que se dão admiravelmente nos terrenos sêccos. — Passando do sentido recto ao metaphórico, *árido* diz-se dos assumptos ingratos quo não se prestam a ser tratados por não offerecerem campo ás idéas; *sêcco* se dirá do que é apresentado sem côres nem vividez. O espirito árido não tem idéas; o espirito sêcco não veste de galas as imagens que phantasia.

De árido e sêcco diz Lacerda:

« Chama-se árido o corpo que por sua natureza se acha privado das qualidades necessarias para que resulte vegetação. Sêcco signfica o corpo que tem pouca ou nenhuma humidade. Árido assim no sentido proprio como no figurado, é o opposto de fecundo; húmido é o opposto de sêcco. Em litteratura diz-se árido o assumpto que não dá thema a considerações nem motivo a nenhuma idéa, e sêcco o discurso privado do graça, fluidez e amenidade ».

Aristocracia, nobreza. — A aristocracia é a collectividade composta, não exclusivamente de nobres, mas — segundo a etymologia da palavra — do que ha de «melhor» na sociedade; por isso se diz a *aristocracia dos sangue, a aristocracia do dinheiro, a aristocracia do talento*.

Nobreza é a collectividade formada de pessoas que são, ou são tidas por nobres.

Arléquin, palhaço, clown. — O arlequin é a personagem cômica das pantomimas; o palhaço é o bobo quo nos circos

dá uma nota alegre á monotonia dos exercicios. Quando o palhaço é ao mesmo tempo artista, isto é, quando faz exercicios de agilidade, recebe o nome inglez de clown.

Armada, esquadra, esquadriha, frota. — De estes vocábulos diz Roquete:

« Frota é a reunião de navios mercantes dados á vela com o objecto de exportar e importar mercadorias de um a outro porto marítimo mais ou menos distante; taes eram as que os Phenícios e Carthaginezes enviavam á Hespanha na infancia da navegação; e em tempos modernos, as comholadas por nau ou naus de guerra; taes eram as que vinbantodos os annos do Brazil para Portugal em quanto durava a guerra com os Hollandezes.

« Esquadra é uma reunião de navios de guerra com objecto de proteger o commercio, ou de hostilizar o inimigo no mar, ou em terra; tal foi a de D. João de Austria que venceu os Turcos nas aguas de Lepanto.

« Armada é o conjunto total dos vasos de guerra de uma nação. As vezes se toma por esquadra, mas talvez esquadra mui numerosa, bem provida de armas, ou frota armada; taes foram as que ajudaram Dom Afonso Henriques a tomar Lisboa, e Dom Sancho I a tomar Silves, como diz o nosso poeta:

« Tu', a quem obedeeo o mar profundo,
« Obedeceste á força portugueza,
« Ajudada tambem da forte armada
« Quo das boreaes partes foi mandada.

« Foi das valentes gentes ajudado
« Da germânica armada, que passava,
« De armas fortes e gente apercebida
« A recobrar Judéa já perdida.

(Lus., III, 57 et 58).

« Camões, umas vezes chama frota, outras armada, á que commandava Vasco da Gama; mas em rigor nenhum de estes nomes lhe pertence, porque só constava de treze embarcações, nem ainda o de esquadra, e só o de esquadriha. A do Pedro Alvares Cabral, que foi depois, podia-se chamar armada, porque constava de treze navios ».

Lacerda diz:

« Frota é certo número de navios mercantes comboiados por algum ou alguns navios de guerra. Esquadra é certo número de navios de guerra destinados a proteger o commercio ou hostilizar o inimigo. Armada é certo número de embarcações armadas em guerra, que navegam em conserva; conjunto das forças maritimas de alguma nação. Estes termos cou-

(1) O poeta refere-se a Lisboa.

«fundem-se muitas vezes. *Esquadra* é me-
«nos do que *armada*, e *armada* menos que
«*frota*, emquanto ao número das embarca-
«ções. *Frota armada* é a reunião mais con-
«siderável de navios de transporte e jun-
«tamente de navios de guerra.»

• Não é para extranhar que nem Roquete
nem Lacerda dolxassem de comparar de-
vidamente estes vocábulos, posto que os au-
tores sempre os confundiram segundo as
exigências da sonoridade que pretendiam
dar ao período.

Armada é o conjunto das forças navaes
de uma potencia; *dev-se o nome de Inven-*
cível armada à totalidade das forças
maritimas hespanholas que Philippe II reu-
niu no Tejo para enviar contra a Inglaterra.

Esquadra é o conjunto de vasos de guer-
ra sob o commando de um almirante, ou de
um vice-almirante fazendo as vezes de al-
mirante; a *esquadra* de Cervera pereceu
ante Santiago.

Esquadilha é uma esquadra de barcos
menores de guerra; *Villaamil* commandava
a *esquadilha* de caça-torpedeiros a que
em São Vicente se reuniu a *esquadra* de
Cervera.

Frota é vocábulo de significação pouco
determinada; pôde dizer-se de navios mer-
cantes e de navios de guerra que navegam
de conserva, ou que procedem a operações
de natureza tal que os reune frequente-
mente em determinados pontos. Nas guer-
ras de corso, os corsarios formam uma **fro-**
ta que procede de combinação com o governo.

Armas, armadura, arnez. — As
armas são offensivas ou defensivas, segun-
do servem para atacar ou para defender-se.

Armadura só se diz das armas defensivas,
e não de todas, mas só de aquellas que ser-
vem para proteger exclusivamente uma par-
te do corpo; assim o *escudo* era uma arma
defensiva, mas não fazia parte da *armadu-*
ra; a *armadura* da cabeça dos antigos guer-
reiros era o *capacete*, e a sua *armadura*
completa compunha-se de grande número
de peças diferentes.

Arnez era o conjunto do todas as peças
defensivas, *armadura*, *escudo*, etc.

Armas, brasão, escudo. — *Brasão*
é cada uma das peças ou figuras que com-
põem as armas ou o *escudo*, não o conjun-
to de ellas, como erradamente se inter-
preta a miúdo.

O conjunto dos *brasões* forma as *armas*, as
quaes se pintam ou esculpem sobre o *escudo*.

Brasão diz-se também da sciencia herál-
dica.

Armistício, suspensão de ar-
mas, tréguas. — *Armistício* é termo di-
plomático e técnico; *suspensão de armas* é
locação vulgar; porém o *armistício* é abso-
lutamente a mesma coisa que a *suspensão*

de armas, phrase que designa a interrupção
momentânea de ataques e de lucta que de
commun accordo é estabelecida entre dois
exércitos em campanha, ou entre duas na-
ções que estão em guerra.

Tréguas distingue-se de *armistício* pela
sua generalidade, e pela duração que é
inherente ao sentido do vocábulo. Pôde-se
dizer que as *tréguas* são um tractado de paz
que, em vez de ser definitivo, fica limitado
a um espaço determinado de tempo, geral-
mente a annos.

O *armistício* tem geralmente por fim re-
colher os feridos, enterrar os mortos, dar
tempo a discurrir uma proposta, planear a
paz, etc.

As *tréguas* são geralmente motivadas pela
nenhuma efficacia das operações entre
as nações belligerantes, pela sua commun
falta de recursos, ou pelo desejo de se com-
binar a paz. Em todo o caso, o que bem
distingue *armistício* de *tréguas* é em estas
serem sempre de muito maior duração que
aquelle, não terem o objecto determinado
que tem o *armistício*, e por os exércitos bel-
ligerantes se recolherem a quartéis.

Aroma, perfume, fragrança, cheiro. — Emissão agradável que se
exhala de certos corpos ou substancias,
é a idéa commun aos vocábulos de este
grupo.

Vejam o que de elles dizem os synonym-
istas para melhor os discriminarmos de-
pois.

Diz Roquete:

«Apesar de que o *cheiro* pode ser bom ou
«mau, agradável ou desagradável, *cheiros*
«no plural diz-se communmente das sub-
«stancias que produzem bom e agradável
«*cheiro*. — *Aroma* é palavra grega, que se
«applica a toda a droga cheirosa, ou sejam
«resinas, óleos, bálsamos, lenhos, unguen-
«tos de grande *fragrancia*. — *Perfumes*, pos-
«to que em francez *parfums* corresponda a
«*aromas*, em portuguez applica-se particu-
«larmente ás materias odoríferas que se
«exhalam em fumo cheiroso, o ao fumo ou
«vapor odorífero que ellas despedem».

Mais adiante, Roquete comparando *aro-*
ma com *fragrancia*, dá ao primeiro de es-
ses vocábulos outra applicação:

«*Fragrancia* pertence exclusivamente ás
«*flores*, em seu sentido proprio. Tem *fra-*
«*grancia* uma rosa, um cravo, um jasmim,
«uma açucena, um lyrio. O *aroma* é pro-
«prio das drogas e das árvores que o pro-
«duzem. É *aromatica* — isto é, tem *aroma* —
«a árvore da canella, do cravo, do alean-
«for, da pimenta. O *aroma* suppõe além de
«isto uma causa permanente de *fragrancia*.
«Esta suppõe um effeito passageiro, em seu
«estado natural; e por meio da arte algu-
«mas vezes se faz durável. *Fragrancia* ex-
«plica a idéa de um cheiro grato, porém de
«pouco tempo, como é a vida das flores; e

«*aroma* exprimo a idéa de uma larga duração».

Resulta, comparando os dois artigos, que *aroma* designa numa accepção as proprias substancias, e noutra as emanações que de ellas se exhalam.

Lacerda, copiando Roquete, diz:

«*Cheiro* é termo genérico, e designa a «sensação agradável ou desagradável, que «excitam no olfacto quaesquer exhalações. «A palavra *cheiros*, plural, indica ordinariamente sensação agradável. *Aroma*, com «forme a origem grega, designa qualquer «droga cheirosa, seja qual for a sua natureza. A palavra *perfume* usa-se particularmente para designar fumo cheiroso ou «vapor odorífero:—*Estavam ás portas perfumes cheirosos*. — BARROS».

No artigo em que compara *aroma* com *fragrancia* diz:

«*Fragrancia* no sentido proprio, é propriedade exclusiva das flores; e por isso «dizemos a *fragrancia* da rosa, do lyrio, «etc. *Aroma* pertence ás drogas e ás árvores que as produzem. A árvore do alcanfor, da canella, etc., é *aromática*. A *fragrancia* exprime a idéa de um cheiro grato, mas do pouca duração, como a vida «das flores. O *aroma* exprimo a idéa de «larga duração, como tendo causa duradoura».

Concordando com que muitos autores hajam dito *aroma* em vez do *substantia aromática* (locução que os francezes reúnem numa só palavra *aromate*), resulta que *aroma* se diz das proprias substancias vegetaes que exhalam emanações.

Concordando igualmente com que o uso, ou melhor dito, a confusão, haja alterado este vocábulo de modo tal que o mais moderno dos dicionarios da lingua diga apenas «*Aroma*, s. m. *Cheiro* agradável exhalação de certas substancias; perfume. | *Banba*, óleo aromático.»—resta-nos perguntar: Que nome se dá ao principio activo que, exhalado pelos vegetaes, fere o nosso olfacto e produz o *cheiro*? — Segundo nós, e fundados particularmente na etymologia, esse principio é que é o *aroma*, e o proprio uso inconsciente nos appoia quando diz que o trevo é *planta aromática*, sabendo que de essa planta não se extrah nenhuma droga ou substancia, o que vem condemnar o que de *aroma* têm dito os synonymistas.

Consequentemente, *aroma* é o principio odorífero que encerram certos vegetaes e certas substancias vegetaes, ás quaes se dá o nome de *substancias aromáticas*.—*Aroma* é isso e nada mais.

Perfume é vocábulo que tomámos do francez, e, segundo se deprehe de Roquete deturpamos-lhe a significação: «posto que «em francez *parfums* correspondo a *aromas*,» segundo elle diz. Ora se deturpamos *parfum* é natural que também deturpássemos *parfumerie*, e desde logo, quem

quizer comprar noz moscada, canella, etc., irá á *perfumaria* porque lá se vendem as taes coisas que correspondem a *parfums*.—Não ha nada de isso; o *perfume* portuguez, é o *parfum* francez, sem tirar, nem pôr, e esse é o cheiro penetrante e agradável que nos communicam certos corpos, sólidos, líquidos ou voláteis: o *perfume da rosa*; o *perfume da essencia*; o *perfume do incenso*, etc.—Extensivamente também chamamos *perfume* á substancia que dá *perfume*, mas nesse caso consideramola com relação ao cheiro que ella dá, e não como materia: o *almiscar* é um *perfume*.

Fragrancia acha-se bem definida em Roquete; nós porém accrescentaremos que este vocábulo também se diz do *perfume* suave que soltam as essencias: *de seus cabellos exhalava uma suave fragrancia*.

Cheiro, palavra sem etymologia conhecida, de pronuncia ingrata e de indole rasteira, é puramente o odor ou sensação que certas cousas produzem no olfacto. E' termo geral, que tanto se diz do que é agradável como desagradável: o *cheiro das flores*, das plantas, é uma qualidade que lhes é inherente. — No plural, *cheiros*, é termo culinario, e designa as plantas aromáticas que se deitam na comida para lhe communicar certo gosto.

Arqueação, lotação. — *Lotação* é o número que indica a capacidade do um navio; *arqueação* é a operação a que se procede para calcular esse número.

Arralal, romaria. — *Romaria* é a denominação da affluencia de gente que de diversos pontos converge ao lugar onde se venera o santo ou imagem que se vem visitar; *arraial* é a festa que se celebra nas circumvizinhanças da igreja, capella ou santuario a que se vem de *romaria*.

Arrancar, tirar. — Entre estes dois verbos ha uma nuance que muito convem ter em conta para a boa correspondencia do vocábulo com a idéa.

Arrancar o *tirar* exprimem um acto de força, mas *arrancar* não só indica força por parte de quem arranca, senão também resistencia por parte do que é arrancado; esta última particularidade não é exprimida pelo verbo *tirar*. *Tira-se* o dente que abana; *arranca-se* aquelle que está firme no alveolo. *Arranca-se* das mãos de algum aquillo de que essa pessoa não quer desprender-se; *tira-se-lhe* das mãos o que ella não quer ou não pode defender.

Compare-se este artigo com o do **arrebatar**.

Arranhadela, arranhadura. — Na acção da unha ou da garra sobre a pelle consiste a *arranhadela*; o resultado de essa acção, isto é, a marca que fica na pelle

le, é a arranhadura. *Dão-se arranhadelas para fazer arranhaduras.*

Arrazar, derribar, devastar. — Dos dois primeiros vocablos de este grupo já tratámos na pagina 13, artigo **abater**; comparando a synonymia de elles com *devastar*, diz Roquete:

«*Arrazar* é, como o diz a palavra, pôr « alguma cousa *rasa*, ao nível do chão, e « extensivamente deitar por terra, não de- « xar pedra sobre pedra. — *Derribar* é, se- « gundo a força da palavra, deitar de riba « para baixo, deitar por terra o que estava « ao alto, levantado, em pé; e extensiva- « mente arruinar, demolir. — *Devastar* é, « segundo a origem latina (*vastus*, deserto; « ermo), deixar vasio, deserto, o reduzido « a solidão um lugar; e extensivamente de- « solar um reino, uma provincia, etc.

«*Arrazavam-se* os palacios dos grandes « quando eram decapitados por crime de « alta traição. — O valente *derriba* o fraco « na lucta. — Os exércitos inimigos *devas- tam* os palces onde entram».

Arrazoamento, arenga, prática, fala, oração, discurso, allocução. — Já no vocábulo **allocução**, pagina 75, comparámos algumas das pala- bras de este grupo; Roquete compara al- gumas outras com aquellas dizendo:

«*Arenga* é uma especie do *arrazoamento* « oratorio animado o vivo, que se dirige a « um grande concurso para commovel-o, e « muito communmente para animar os sol- « dados a empreender denodados a bata- « lha ou qualquer perigosa empresa. *Arenga-se* tambem a corporações respeitáveis, « a pessoas iminentes. em notáveis cir- « cumstancias. A *arenga* dirige-se pois ao « coração como tendo por fim persuadir e « mover. *Arengas* são as que os antigos ge- « neraes faziam a suas tropas em vésperas « de combate, as quaes se devem attribuir « antes ao artifício rhetórico dos historia- « dores e poetas que a eloquencia de seus « heroes. — Em contrario sentido fazem os « grandes conspiradores *arengas* ao povo « para excital-o á rebellião, como as que « Salustio põe na bocca de Catilina para « animar e enfurecer a seus cúmplices. — « Os sabios, e valorosos generaes acalma- « ram muitas vezes, em perigosas e deci- « sivas circumstancias, as sublevações de « seus exércitos com eloquentes e vehemen- « tes *arengas*. — São *arengas* tambem os es- « tudados e cerimoniaes *discursos* que, ao « entrar um principe, um general, um con- « quistador, numa cidade, lhe dirigem as « câmaras, os governadores e demais auto- « ridades como devida homenagem que se « lhes rende e jura.

«*Prática* é exhortação menos solemne e « menos vehemente que *arenga* e só se dá « de superior para inferior. A's vezes cor-

« responde ás *arengas* dos antigos generaes; « taes são as que Jacintho Freire põe na « bocca de Coge Cofar e de D. João de Cas- « tro, onde diz, falando do primeiro: « Fez « aos Turcos uma breve *prática*. . . »; e do « segundo: « Acabada a *prática*. . . »

«*Fala* é termo vulgar que vale o mesmo « que *prática* no sentido em que aqui a toma- « mos; diz-se com muita frequencia que o « coronel fez uma *fala* a seus soldados, o « general á sua tropa, o superior a seus súb- « ditos. Esta palavra é mais bem recebida « no vulgo que *arenga*, que elle quasi sem- « pre toma no mau sentido do razões lon- « gas ou inintelligiveis, *práticas* imperti- « nentes, etc.

«Do substantivo os, *oris*, bocca, tiraram « os latinos o verbo *orare*, que significa fa- « lar, pedir, supplicar, rogar, e de aqui *ora- tio*, oração, quo em seu sentido recto é « um *arrazoamento* ou locução disposta com « intelligencia e arte para persuadir, mo- « ver e interessar a uma pessoa ou sér su- « perior a que nos ampare, favoreça, soc- « corra, ou nos perdoe as faltas que have- « mos commettido. Usa-se mais commun e « geralmente em sentido religioso, como as « *orações* que fazemos a Deus e aos santos, « as da Igreja segundo o ritual. Dizemos « *oração* dominical, mental, vocal, jacula- « toria. — Chamaram os latinos *orações* aos « *discursos* que compunham com o maior es- « mero para importantes successos ou ne- « gocios públicos, como a paz ou a guerra, « a formação e approvação de leis, a de- « fensa perante o povo de causas particula- « res em que elle devia decidir; assim cha- « mavam e chamamos ainda hoje a estes *ar- « razoamentos* públicos *orações*, como as de « Isocrates, de Eschines, de Demóstheneis, « do Cicero.

«Porém aos que fazem os oradores mo- « dernos se lhes dá geralmente o nome de « *discursos*; taes são os de Pitt, de Fox, de « Mirabeau, etc. Assim que, o que os anti- « gos ebamavam *oratio*, e que traduzimos « pela palavra *oração*, lhe chamamos agora « *discurso* no sentido oratorio, entendendo « por elle uma composição litteraria feita « por qualquer de nossos oradores ácerca « de um importante assumpto para chegar « aos fins que nelle se propoz, o que veri- « fica por uma deducção de idéas, pensa- « mentos, raciocinios coordenados entre si, « animados e engrandecidos por quantos « meios subministra a arte da eloquencia.

«Deveremos notar que so as *orações* poli- « ticas do nosso tempo são da mesma classe « que as pronunciadas por Demóstheneis na « praça de Athenas, e por Cicero na de Ro- « ma, o auditorio não é o mesmo, são diffe- « rentes as circumstancias, pelo que soffro « grande modificação a forma oratoria, o « por isso é bem acertoado o que se conserve « o nome de *orações* para as antigas, e que « as modernas se chamem propriamente *dis-*

«cursos. Os antigos falavam a um auditorio «composto pela maior parte da rude e ignorante plebe, e tinham por consequente que «dirigir-se antes ás paixões que á razão dos «ouvintes, accommodando-se á sua rudeza «e propondo-lhes provas com alguma prolixidade. Os oradores modernos falam a «um corpo escolhido, em cujos membros se «deve suppôr muita instrução e intelligencia, e aos quaes hestam de ordinario «ligeiras indicações; e não é tão necessario commover fortemente seu coração, como illustrar e convencer seu entendimento; e este é o caracter proprio do discurso. «Além de que os antigos falavam na praça pública e diante de um immenso gentio; e assim como lhes era necessario levantar e esforçar muito a voz para serem ouvidos, tinham tambem que avultar e encarecer os objectos mais do que hoje permite a rigorosa exactidão lógica, quando se fala num recinto fechado e a uma concorrencia infinitamente menor que a que enchia a grande praça de Athenas e o vasto foro de Roma. Nisto consiste, no nosso entender, a verdadeira differença que ha entre oração e discurso. Naquelle predominava a eloquencia, neste devo prevalecer a lógica. — Usamos com tudo da palavra oração para indicar certos discursos oratorios pronunciados solemnemente nos templos, como são orações fúnebres, gratulatorias, etc.

«Allocação é discurso breve, ou fala dirigida a alguém sem apparato oratorio. Diz-se ordinariamente do que o papa dirige aos cardeaes em consistorio por occasião do algum notável acontecimento que interessa a Igreja».

Arrebatado, enlevado, embellido, extasiado. — Arrebatado quer dizer que o nosso ser se acha como desprendido da materia em virtude de um «deleite «tão intenso que chega como a alienar-nos» (LACERDA). «Eis que no meio da missa fica «subitamente arrebatado» (FR. LUIZ DE SOUSA).

Enlevado se diz de aquelle que numa espécie do olvido de si proprio só tem olhos e ser para contempular a pessoa ou cousa em que vê reunidas todas as perfeições ou todas as suas aspirações: «Enlevado num falso parecer» (CAMÕES).

Embebedo se diz de quem está profundamente attento: «Da boca do facundo capitiño pendendo estavam todos embebedos» (CAMÕES).

Extasiado encerra idéa de voluptuosidade tão intensa que se chega a fruir de aquillo que só na imaginação nos perturba: a freira de Alba de Tormes frequentemente extasiada pelo amor divino.

Arrebatamento, transporte, êxtase. — O arrebatamento é o estado es-

sencialmente passivo do espirito que se sente arrebatado, que está como desprendido da materia, em virtude de uma vivíssima impressão. No estado de *arrebatamento* só existe para e arrebatado a sensação que o agita. Nisso se distingue do *transporte*, pois neste o espirito obra inconscientemente e só é dominado pela causa que o *transporta*.

Êxtase é o estado do espirito arrouhado por uma impressão de admiração que o absorve e o impede de ter consciencia de nenhum outro sentimento. É palavra essencialmente mystica, e na linguagem vulgar perde muito da sua significação, conservando apezar d'isso uma força considerável, pois implica uma causa superior, maravilhosa, sobrenatural. *Dois êxtases senti na minha vida: um ao deparar com o Coliseu, outro ao ver o Moisés do Vaticano.*

Arrebatat, arrancar. — Em *arrebatat* predomina a idéa de violencia e rapidez, em *arrancar*, a de opposição, resistencia ou lucta. Geralmente quem *arrebatat* guarda ou conserva em seu poder aquillo que tirou; *arrancar* não sugere essa idéa nem a contraria. *Arrebatat-se a arma das mãos do que pretende matar-se; arranca-se ao assassino.*

Compare-se tambem este artigo com o de *arrancar, tirar*, na página 113.

Arrefecer, esfriar. — Estes verbos designam o mesmo effeito, mas não se empregam indistinctamente.

Arrefecer é perder o calor conveniente. *Esfriar* é perder o calor que sobra.

Vamos para a mesa senão a sopa arrefece. Não tome o caldo tão quente, deixe-o esfriar.

Arrelo, jaez. — Os *arrelos* são o conjuncto das cousas necessarias para o animal prestar o serviço; os *jaezes* são as peças do apparato que luzem nas cerimoniaes.

Arremessar, arrojar, atirar. — «Atirar com impeto o força,» tal é a idéa commum aos dois primeiros verbos, que geralmente se empregam indistinctamente; *arrojar* encarece porém sobre *arremessar*, porque além da acção de *atirar* que este representa, acrescenta-lhe a idéa de temeridade, desafio. Em *arremessar* ha frequentemente a idéa de desprezo. Por outro lado *arrojar* inculca sempre a idéa de ser a mão que *atira*; *arremessar* é *atirar* com a mão, com a funda, etc.

Atirar designa apenas a acção, sem nenhuma idéa accessoria.

Atiram-se pedras aos cães; nas revoltas, arremessam-se pedras às janellas das autoridades; arrojam-se as cartas á cara do batoteiro.

Arrependimento, remorso, pesar, contrição, attrição, compunção. — «Desgosto do haver commetido nma má acção» é a idéa commum a estes substantivos.

O *arrependimento* é originado pela reflexão, e é puramente voluntario; o *remorso* assalta o culpado sem este querer. Quem se *arrepente* sente ter praticado o mal de que tem *arrependimento*, e, se pode remedial-o, attenua-o o mais possível. O que sente *remorsos* vê sempre ante si a imagem de quem lh'os occasiona; sofre um tormento constante, e até no sono é perseguido por elles; não obstante, a indole das pessoas que commettem actos que originam *remorsos* é de tal natureza, quo, em egualdade de circumstancias, commetterão actos eguaes.

Comparando estes dois vocábulos, que em francez têm absolutamente a mesma analogia que em portuguez, dizem os senhores A. Bourguignon e E. Bergerol: «O *arrependimento* consola-nos levando-nos ao bem; o *remorso* martyrizo-nos e impo-tuna-nos; o criminoso que se *arrepente* procura uma satisfação parcial no cum-primento dos seus deveres; o criminoso que sente *remorsos* procura muitas vezes olvidal-os no deboche ou noutros crimes. «—Uma consequencia natural de esta distincção é que os *remorsos* encarecem sobre o *arrependimento* pela intensidade do soffrimento e da dôr que causam, e que muitas vezes, quando este soffrer se torna intolerável, levam o culpado ao *arrepentimento*».

Remorsos também differem de *arrependimento* na muito maior gravidade do acto que os suscita.

Pesar differe de *arrependimento* em que o mal que suscita *arrependimento* pode ser reparado ou attenuado, em quanto que aquelle que suscita o *pezar* não o pode ser. Além d'isso o *pezar* não provém da reflexão, como o *arrependimento*, senão que, como o *remorso*, vem espontaneamente, sem que queiramos. Ha porém grande distancia entre o *pezar* e os *remorsos*; não só elle é tolerável, senão que não é duradouro, e geralmente aquillo que o origina não é de grande gravidade.

As outras palavras do grupo pertencem a theologia catholica, e referem-se ao maior ou menor grau de intensidade da dôr que sentem os crentes por haver infringido a sua lei.

Contrição é a dôr de haver peccado, causada, não por temor ao castigo, senão pelo despeito de ter infringido a lei do Deus que se ama. A *contrição* é sempre acompanhada do firme propósito de não recair na mesma falta.

Attrição é a dôr de ter peccado, e um commo pretexto contra esse mesmo peccado; origina-a a reflexão, que nos pinta o peccado commettido sob negras côres, e nos

faz temer as penas do inferno correspondentes á nossa falta. É uma *contrição* imperfeita, egoista; não é o amor a Deus que a suscita, mas sim o temor aos seus castigos.

A *compunção* é uma *contrição* levada ao mais alto grau, pois é a dôr profunda de ter offendido a Deus, dôr que não é originada pelo receio do castigo, senão pelo verdadeiro amor que pela divindade se sente. Mas como a *compunção* so revela exteriormente pelos choros, gritos, penitencias, resulta que esta palavra é tomada frequentemente a má parte para exprimir a dôr hypocrita do tartufo, a fingida exaggeração de uma religiosidade apparente. Por consequencia, dizer que alguém está *compungido* não quer precisamente dizer que esteja arrependido, mas tão somente que o parece estar.

De algumas das palavras de este grupo, diz Roqueta: «Estas palavras exprimem a dôr que sentimos do haver procedido mal, mas cada uma de elles com diferentes relações. *Contrição* é palavra puramente religiosa, e consiste na profunda e voluntaria dôr que causa a nosso coração o haver offendido a Deus, só por ser quem é, e porque o devemos amar e amamos sobre todas as cousas. O *pezar* é uma penosa recordação, uma pena, um sentimento interior causado pela falta que se commetteu, e pode ser maior ou menor segundo as circumstancias, delicadeza, consciencia ou escrúpulos do que se acha *pesaroso*. Sempre molesta e cansa o ânimo e ás vezes tanto, que pode produzir transtorno physico ou moral na mente ou na saude, segundo fôr grave a falta, ou estreita a consciencia do quo a commetteu, mórmente se de ella resultaram fataes consequencias. O *arrependimento* é a amarga pena que sentimos do haver commettido um delicto ou erro, desejando ao mesmo tempo com a maior efficacia emendal-o, reparal-o, satisfazel-o quanto nos seja possível. *Remorso* vem de *remorder*, que vale tanto como *tornar a morder*; exprimo esta palavra em sentido translativo a accusação secreta da consciencia que, sem a podermos aplacar, nos atormenta o despedaça a alma quando delinquimos. Vemos pois que *arrependimento* diz mais que *pezar*, e *remorso* mais que *arrependimento*. A *contrição* refere-se ao peccado, e a inspira o amor quo temos a Deus e o horror que nos causa o vicio, por ser offensa a elle feita. O *arrependimento* corresponde a toda a especie de mal ou a toda acção olhada como má, e nollo sugere tanto a experiencia como nossa propria reflexão. A imagem do crime que de continuo nos apparece, atormenta e espanta, produz os inevitáveis *remorsos*, pois a consciencia vinga a divina justiça perseguindo-nos e accusando-nos. O tempo pode debilitar e

«destruir o *pesar*; a reparação do dano causado, acalmar o *arrependimento*; porém não succederá assim com os *remorsos*, que até á sepultura hão-de perseguir o malvado.»

Diz o mesmo Lacerda, se bem mais resumidamente:

«*Contrição* é palavra religiosa, e significa a dôr profunda e sincera de ter offendido a Deus por ser quem é, e porque o devemos amar de todo o coração sobre todas as cousas. *Pesar* é a recordação molesta e penosa causada pela falta que se commetteu. *Arrependimento* é o sentido *«pesar*, a pena pungente de haver commettido erro ou culpa, acompanhado do desejo vehemente de emenda e reparação. Indica a palavra *remorso*, na significação «translata, o remordimento, a angustia que nos atormenta a consciencia quando delinquimos ou perpetuamos algum grave delicto. A *contrição* alcança-nos o perdão de Deus; o tempo diminui o *pesar*; a reparação aquietta o *arrependimento*; porém os *remorsos* perseguem o malvado impenitente até á sepultura».

Arrepio, calafrio. — Empregadas frequentemente uma pela outra, estas palavras designam não obstante sensações diferentes.

O *arrepio* sente-se principalmente na cabeça; é uma sensação pela qual nos parece que o cabelo se põe hirto.

O *calafrio* é a sensação de um frio extranho que percorre o corpo, ás vezes seguida de certa sensação de calor. O *calafrio* é symptoma de certas doenças, e pôde também, como o *arrepio*, ser fructo da imaginação fortemente sobrexeitada.

Arrimar, encostar. — *Encostar* sugere sempre a idéa de que a pessoa ou a cousa a que alguém ou algum objecto é *encostado* ha-de servir-lhe de apoio. Essa idéa não existe em *arrimar*, e, antes pelo contrario, este verbo denota que quem ou o que se *arrima* exerce pressão sobre a pessoa ou cousa a que se *arrimou* e a impelle ou obriga a algum movimento: os *nautas arrimando os peitos ás duas barras...*

Arriscar, aventurar. — Na página 10 já comparámos estes vocábulos com outros que lhes são synónimos. Comparando-os agora só entre si, citaremos o que de elles dizem Roquette e Lacerda:

«*Aventurar* é pôr á ventura, entregar á fortuna; designa total incerteza do resultado, podendo ser egualmente bom ou mau. *Arriscar* indica alguma, posto que leve probabilidade de mau successo. O que joga com jogador egual *aventura-se* a perder ou ganhar. Quem joga com jogador mais hábil, ou mais feliz, *arrisca-se* a perder».

Arrobe, xarope. — O *arrobe* tem por base qualquer fructo, cujo succo, por meio da evaporação, toma a consistência do mel.

Xarope diz-se da combinação de líquidos ou drogas com a quantidade de assúcar necessaria para a saturar.

O *arrobe* é mais espesso que o *xarope*.

Arrogante, insolente. — *Arrogante* diz-se de quem, por orgulho, se attribue qualidades, merecimento, ou valor que realmente não tem. O *arrogante*, nos seus actos e palavras, manifesta pretensões incompatíveis com a situação inferior que tem respectivamente ás pessoas que irrita com o seu tolo orgulho. É palavra que sempre se toma a má parte.

Insolente diz-se da pessoa que é excessivamente altiva e menosprezadora, e cujo excessivo orgulho se manifesta em actos grosseiros e ultrajantes. É palavra que se toma sempre a má parte, porque designa um defeito essencialmente activo, a *insolencia*, a qual resulta do modo de obrar, não do modo de pensar. O *insolente* sobrepe-se áquelle que ultraja, procura humilhá-lo, e excita-lhe ao mesmo tempo a indignação, porque a *insolencia* é a manifestação do orgulho das pessoas que se elevam acima da sua condição.

Ha, consequentemente, entre o *arrogante* e o *insolente* esta caracteristica differença: o *arrogante* manifesta o seu infundado orgulho nas maneiras, no porte, no olhar; o *insolente*, nas palavras.

Os *saués* são *arrogantes*; os *lacaes*, *insolentes*.

Arroio, regueiro, regato, ribeiro, ribeira, rio. — *Arroio* é a mais diminuta das correntes de agua perenne.

Regueiro é o rêgo ou sargeta que se abre nos prados para condução das aguas de rego.

Regato é a corrente ou *arroio* que geralmente é aproveitado no seu percurso para rego dos campos de o marginaes.

Ribeiro é a pequena corrente de agua que brota de nascente, e que geralmente sécca no estio.

Ribeira é o *ribeiro* que tem um relativamente considerável volume de agua.

Rio é a corrente de agua que desemboca no mar ou em outro rio.

Chama-nos a attenção o grande número de vocábulos que possuímos para designar as pequenas correntes de agua, *arroio*, *regueiro*, *regato*, *ribeiro*, *ribeira*, e a escassez do elles para designar as correntes a que indistinctamente damos o nome de *rio*. Assim, a par do *rio Amazonas*, dizemos o *rio Tejo*, o *rio Mõndego*, o *rio Ceira*, o *rio Dejebe*, etc., fazendo de esta palavra um vocábulo ôco de sentido, pois não nos imprimem no espirito uma idéa precisa.

Ora para nós, que não avaliamos a riqueza

za do uma lingua pelo número de vocábulos que possui, senão pela circumstancia do nella haver uma palavra representativa de cada idéa, não podemos deixar de notar que, no caso que nos occupa, a lingua franceza, com só trez vocábulos representativos dos nossos scis, é muito mais rica que a nossa, *ruisseau, rivière e fleuve* dizendo muito mais que *arroio, regueira, regato, ribeiro, ribeira e rio*. Note-se tambem que a distincção que nós fazemos neste artigo entre *arroio, regato e ribeiro*, não é precisamento exacta na idéa dos nossos escriptores, particularmente dos nossos poetas, os quaes empregam indistinctamente um ou outro de taes vocábulos segundo a conveniência da redundancia ou da rima; do que resulta, que com tantos vocábulos, nenhum temos com significação rigorosa.

Sem desaproveitar porém nenhuma das palavras consagradas, induz-nos esta consideração a dar nova orientação ao sentido de ellas, alterando-o sim, mas precisando-o, que é isso o indispensável.

Definiremos pois:

Arroio, diminuta corrente de agua nascente que corre encerrada em leito estreito que se pode salvar de salto.

Regato, diminuta corrente de agua nascente que, não sendo de maior volume que o *arroio*, occupa não obstante um leito mais largo que elle.

Ribeiro, regato caudaloso.

Ribeira, qualquer corrente de agua que, sendo mais caudalosa que o *ribeiro* desagua num rio, ou que, não sendo navegável, no mar.

Rio, corrente de agua que desaguano mar e que é navegável em grande parte do seu percurso.

Regueiro fica com a definição que precedentemente lhe demos.

Arrojado, atrevido, ousado. —

Estes adjectivos são mais objectivos que subjectivos, pois com elles pode qualificar-se a mesma pessoa attribuindo-lhe um ou outro, segundo as circumstancias que envolvem a acção mereçam uma ou outra aprecação.

A empreza em que á difficuldade se uno perigo evidente que só por mera casualidade pode ser evitado necessita ser levada a cabo pelo *arrojado*.

Se o perigo da empreza difficil só puder ser evitado ou destruido por pessoa de ânimo varonil, aquelle que a intentar é *atrevido*.

Se as circumstancias ou perigos da empreza não forem de nenhum modo tidas em conta por quem a ella se abalança, esse é *ousado*.

Ha porém entre *arrojado* e os outros vocábulos do este grupo uma differença que convém mencionar; e é que *arrojado* é um qualificativo suggerido por um facto único,

não por uma série de factos, nem como distinctivo permanente do carácter da pessoa assim qualificada. Por muita corágem ou valor que tenha um general, não se lhe pode dar o qualificativo de *arrojado* senão depois de elle se ter mettido numa empreza que pelo seu carácter difficil ou arriscado lh'o outorga.

Atrevido o *ousado* não se limitam a essa particularidade; podem, é facto ser attribuidos a algum á vista de um feito isolado, mas geralmente, ba precedentes que os autorizam. Deve tambem notar-se que estes dois adjectivos podem frequentemente ser tomados desfavoravelmente, *atrevido* no sentido de «impudente», *ousado* no de «falto de consideração», por exemplo: *ha pessoas tão atrevidas que não temem insurgir-se contra aquillo que geralmente é temido ou respeitado. Qual seria o cortejo assaz ousado para declarar-se contrario ao parecer do monarcha?*

Eis como Lacerda opina a respeito de estes vocábulos:

«O *atrevido* determina-se a uma acção árdua, confiado em suas forças. O *ousado* despreza as difficuldades, e confia na fortuna, ou na casualidade. O *arrojado* expõe-se temerariamente como cego, e sem nenhuma confiança a uma empreza arriscada o perigosa, sem examinar a possibilidade de sair bem de ella. — O primeiro conta com os seus recursos naturaes; o segundo confia na fortuna; o terceiro é um louco cego e precipitado, a quem não move esperanza nem confiança».

Arroto, eructo, eructação. — *Arroto* e *eructo* são synónymos perfeitos; o primeiro pertence á linguagem vulgar, o segundo é culto.

Eructação é o acto de exhalar *eructos*.

Arruinar, destruir, talar, assolar, devastar, saquear. — *Arruinar* tem duas acceções diferentes, nma que o torna synónymos de *destruir*; outra, synónymos dos restantes verbos do grupo.

Arruinar e *destruir* têm intima relação, posto que *arruina-se destruindo*, e *destrói-se para arruinar*. Ha porém em *destruir* uma idéa de propósito, de intenção, de premeditação, que não é inherente a *arruinar*. Um almirante espera a esquadra inimiga para a *destruir*, e se o consegue pode assim *arruinar* a armada da nação contraria.

No exemplo precedente vê-se que *arruinar* pode ser uma consequencia de *destruir*.

Destruir, por outro lado, indica uma acção mais rápida que *arruinar*: um incendio *destrói* um arsenal; o tempo *arruina* os monumentos. Assim, *arruinar* inculca a idéa de o objecto se ir desfazendo ou desmurchando peça a peça, pedaço a pedaço, pouco a pouco. *Destruir* é o contrario de *construir*.

Destes dois verbos diz Roquete :

« *Arruinar e destruir* são synónymos, se não em sua origem, ao menos em seus resultados. Não se pode *destruir* sem *arruinar*, nem *arruinar* sem *destruir*; porém na acção de *destruir* se descobre sempre vontade e objecto. A acção de *arruinar* pode ser effeito do circumstancias involuntárias e casuaes.—Os inimigos **destroem os edificios; o tempo arruína os palácios.** —Por isso se diz que uma casa ameaça *ruína* e não *destruição*, porque suporia « vontade e objecto na acção de *destruir-se* ».

Considerando agora *arruinar* como synónimo de *talhar, assolar, devastar e saquear*, vemos que este verbo é como e resultado da acção que os outros indicam; effectivamente elle traz á mente os males que são a consequencia inevitável do *talhar*, do *assolar*, do *devastar* e do *saque*: perda o destruição de todos os bens.

Talar suggera a idéa do estrago ser feito pelo fio da espada, pelo gume do machado: **talam-se cabeças, talam-se campos.**

Assolar apresenta a ruína como completa; de tudo o que existia ficou apenas o solo. Em *talhar* sobressae a fúria; em *assolar*, o desejo de *arruinar*.

Devastar chama mais a attenção para o resultado da acção do que para o modo como ella é exercida; esse resultado é a região ficar erma, deserta.

Saquear é uma das formas de *arruinar*, peculiar á guerra; é o roubo, o assassinato, a violação, levando a ruína o as lágrimas á cidade ou á região *saqueada*.

Arte, artificio.—*Cousa feita com arte, cousa feita com artificio*, são expressões vulgares que exprimem que o objecto de que se trata está feito com primor; vejamos até que ponto ha justeza nestes dois modos de se exprimir.

O *artificio* é a arte manifestada no trabalho que analizamos; mas, o que é innegável é que a *arte* existe por si propria, independentemente de qualquer manifestação; ella subsiste pelo simples facto de haver métodos, regras e preceitos que a constituem, método, regras e preceitos que o artista ha-de observar para produzir, mas que, a não serem empregados, não impedem que a *arte* seja. O *artificio* é que não pode existir sem manifestação; não ha *artificio* onde nada ha que o revele. Consequentemente diremos que uma *cousa está feita com artificio* para exprimir que nella ha primor de execução; dizer que ella está feita com *arte* é como um pleonismo, pois se não houvesse a *arte* de a fazer ella não existiria.

Arte, officio, mistér, profissão, estado, condição.—*Arte* é o conjunto de regras ou preceitos que se devem observar na execução de um trabalho. Ha

artes libeares o *artes mechánicas*; as primeiras dizem principalmente respeito á intelligencia, as segundas ao trabalho manual e ao emprego de máchinas. Assim, a architectura, a escultura, a música são *artes libeares*; a *arte* do padeiro, a do photographo, a do sapateiro, são *artes mechánicas*. A *arte* não é *profissão*, nem *officio*, nem *mistér*: as *artes libeares* guiam no exercicio de certas *profissões libeares*; as *artes mechánicas*, no exercicio dos *officios* ou *mistêres*, mas essas *artes* nem são *profissões*, nem *officios*, nem *mistêres*. Quando o architecto exerce a sua *profissão*, pratica a *arte* da architectura; mas essa *arte*, considerada como conjunto de regras, é muito distincta da applicação que de ella se faz, e o proprio exercicio que da *arte* da architectura se fizera acidentalmente por uma pessoa que construisse um edificio, não constituiria a *profissão* de architecto para essa pessoa, pois a palavra *profissão* incenica uma idéa de occupação habitual. A *arte* do sapateiro, considerada como conjunto de regras, é muito distincta da applicação que de ella se faz na confecção do calçado, e é precisamente essa applicação que, quando é habitual, constitue o *officio* ou *mistér* do sapateiro.

Recchendo de um mestre sapateiro as indicações necessarias, é que se aprende a *arte* do sapateiro; o *mistér* ou *officio* aprende-se vendo o mestre sapateiro applicar essas regras da sua *arte*, e tratando de o imitar tantas vezes quantas forem necessarias para poder exercer a *arte* por si só.

Designando a *arte* as regras, e o *officio* ou *mistér* a applicação habitual de taes regras, temos que a denominação de *artes* e *officios* é o conjunto das *artes mechánicas* e dos *officios* que são a sua applicação.

Devemos tambem notar que, apesar da palavra *arte* designar as regras, e a palavra *officio* a applicação de essas regras, nada obsta a que se diga que *Fulano exerce uma arte mechânica* para designar que *exerce um officio* ou *mistér*, pois o verbo « exercer » indica claramente que se trata, não de conhecimentos considerados em si proprios, mas de conhecimentos que se praticam habitualmente. Rigorosamente, as duas expressões não são absolutamente equivalentes; ambas, na verdade, suggerem simultaneamente as idéas de conhecimentos adquiridos, e de applicação habitual de esses conhecimentos; mas dizer que *se exerce uma arte mechânica* suggerere positivamente que esse exercicio é uma applicação das regras da *arte*; em quanto dizer que *se exerce um officio* suggerere sem dúvida essa mesma idéa, mas sem a indicar explicitamente.

Officio é a *profissão* em que o trabalho manual ou o emprego de máchinas é o principal agente. As *profissões* de sapateiro, padeiro, carpinteiro, etc., são *officios*.

Mistér diz-se da *profissão* que se reputa como indispensável na sociedade; o *sacerdote*, o *mestre de instrução primária*, o *lavrador*, o *ferreiro* devem attender ao seu *mistér*.

Profissão é termo genérico que exprime a classe á qual se pertence em attenção ás occupações pessoas. Ha *profissões liberaes* e *profissões servis*, designações que atravessaram os séculos desde que as primeiras eram em Roma exercidas pelos cidadãos, e as segundas pelos servos ou escravos. As *profissões liberaes* são aquellas em que o trabalho das mãos é a parte accessoria, sendo o agente principal a intelligencia; taes são a medicina, a architectura, a magistratura, etc. As *profissões servis* pertencem á ordem dos *offícios*.

Estado é palavra que só indirectamente tem synonymia com as precedentemente enunciadas, mas que se liga intimamente com *condição*. — *Estado* não se refere somente á *profissão* que se exerce, mas abrange as circumstancias em que ella é exercida: o celibato, o matrimonio, a viuvez, são *estados*; e povo constituia antigamente um dos *trez estados* da nação; os outros formavam-nos o clero e a nobreza. A pobreza é um *estado*; a riqueza é *outro*, e estes *estados* sendo compatíveis com *profissões*, resulta que o *estado* é mero ponto secundario ao encerrar a *profissão*.

Condição liga-se á idéa de *profissão* por esta despertar a do logar ou situação em que a pessoa que a exerce se acha collocada; é *penosa* a *condição* de *serviçal*.

Des quatro primeiros vocábulos de este grupe diz Roquette:

«Posto que a palavra latina *ars* de que nós fizemos *arte*, venha por syncope da «grega *arete*, virtude, todavia ella equivale «a esta outra *techné*, que entre os gregos «tinha mui lata significação pois abrangia «toda disciplina em que se davam regras «e preceitos. A grammática, a rhetórica, a «poética, a lógica, a dialéctica, assim como «a pintura, a architectura, a estatuaría, «etc., eram *artes*, de tal modo que todas «estas palavras, que hoje temos como substantivos, são adjectivos substantivados «pois representam a variação feminina de «*grammáticos*, *rhetóricos*, *poéticos*, *lógicos*, «*dialécticos*, *zographicos*, *architectonicos*, *ermoglyphicos*, concordando com o substantivo feminino subentendido *techné*, *arte*. — *Artes liberaes*, chamávam os antigos as que ornávam o espirito e eram cultivadas por homens livres, em opposição ás que só exerciam os escravos, mas hoje se entendem principalmente as em que predomina o espirito, como a pintura, a escultura, a architectura, a música, etc. — *Artes mechanicas* ou *humildes*, antigamente só de escravos, são as que dependem do trabalho das mãos, taes são todos os *offícios* fabris, a que os gregos chamávam

«*cheironaxia* ou *banayssos techne*. — *Bellas artes* são as que nos suscitam ao mesmo tempo sensações, sentimentos e idéas agradáveis, que se propõem imitar a natureza na sua maior perfeição, taes são a poesia, a eloquencia, a pintura, a estatuaría, etc.

«*Mistér*, de latim *ministerium*, palavra mais usada antigamente que hoje, é o mesmo que *officio* mechanico ou fabril, tal é o de *ferreiro*, *carpinteiro*, etc.

«*Profissão* é aquelle modo de vida que cada um exerce publicamente, e póde ser mechanico ou do outro genero.

«A *arte* faz o artefice, e artista, o homem hábil; o *officio*, o operario e jornaleiro; a *profissão*, e homem do uma ordem ou de certa classe; taes são os médicos, os cirurgiães, os boticarios, etc., que nem se chamam *artistas*, nem são homons de *officio*. O *officio* requer um trabalho material ou mechanico ou de mãos; a *profissão* um trabalho ou occupação qualquer; a *arte* um trabalho de engenho, sem excluir nem exigir um trabalho material.»

De esses mesmos vocábulos diz Lacerda: «*Arte* é o genero, quer dizer — toda a obra manual que se faz por preceitos e regras, *mistér* ou *mestér* é a especie, quer dizer — a *arte* em objecto que diz respeito ás necessidades mais ludispensáveis da vida social e civil. As *artes* chama-se «tambem *bellas-artes*, e aos *mistés*, *artes mechanicas*. Chamam-se *artistas* es que exercitam aquellas, e es que exercitam «estas *artífices*. *Officio* é o exercido com preceito do trabalho mechanico, fabril, etc. *Profissão* é o modo de vida que qualquer pessoa exerce publicamente, ou seja mechanico ou de outro genero.»

Roquette, como se vê, comprehende melhor que Lacerda dentro de que limites a palavra *arte* deve ficar circumscripta.

Arte, sciencia. — *Arte* diz-se de qualquer conjunto de regras que têm por fim guiar na prática.

Sciencia diz-se de um conjunto de conhecimentos que dependem intrinsecamente de certos principios geraes, conhecimentos que, so bem podem guiar na prática, tendem principalmente a dotar a intelligencia com a verdade. A agrimensura é a *arte* de medir os campos; ella encerra as regras necessarias para proceder á exacta avaliação de qualquer terreno, quer olhetinha a forma do triângulo, quer a de quadrado, quer a do trapezio, etc. Mas essas regras são consideradas unicamente emquanto á sua utilidade para determinar a área do campo, uão como expressão da verdade. A *arte* do agrimensor não tem por missão demonstrar a evidencia das regras que o formam; essa demonstração foi feita alhures, e isso é quante basta para se dar por exacto e resultado da applicação

das regras demonstradas. — A geometria é a *ciencia* que se occupa de medir as linhas, as superfícies, os volumes. Ella funda as suas regras em princípios evidentes, que demonstra, quo grava no espirito de modo tal que a dúvida não pode subsistir ante a evidencia das suas verdades. Esses princípios podem guiar na prática, e, effectivamente, as regras da agremensura fundam-se nos princípios da geometria, mas essa utilidade não é nada para a *ciencia* do geômetra, pois este o que pretendo é demonstrar a verdade dos seus princípios, não inculcar-lhes valor prático.

Partindo pois do principio que é a *arte* que applica, e a *ciencia* que instrue, resulta que entre estes dois vocábulos existe a seguinte synonymia:

Arte se dirá do conjuncto de regras que, applicadas, conduzem a um resultado previsto; *ciencia*, do conjuncto de conhecimentos que formam um systema. A *grammatica* tendo por fim subministrar regras para a correcta expressão do pensamento, é *arte*. A *philologia* sendo o conjuncto de varios conhecimentos, é *sciencia*.

Arteriotomia, sangria. — *Arteriotomia* é o nome adequado à *sang-ia* praticada numa arteria; *sangria* é a denominação genérica da operação, mas que se diz particularmente quando o sangue é tirado de uma veia.

Artesano ou artesão, artífice, artista, operario, obreiro, trabalhador. — *Artesano*, ou melhor *artesão*, não é palavra tão inútil na lingua que mereça o conceito de antiquada que varios dicionaristas lhe attribuem; ella é, na verdade, mais propria da lingua hespanbola quo da portugueza quando terminada em *ano*, e de feia construcção quando em *ão*; mas, hybrida ou feia, é palavra neccessaria porque representa uma idéa independente das que representam os outros vocábulos de este grupo, e por nenhum de elles pode ser substituida.

Artesano ou *artesão* differença-se de *artífice* em este vocabulo ligar tão intimamente o factor com o producto, que sem a idéa da obra não pode subsistir a do *artífice*; o homem é *artífice* em virtude do objecto que *artefacta* — se assim nos podemos exprimir; — considerado como factor de objectos, mas sem determinação do objecto por elle *artefactado*, é *artesano* ou *artesão*, isto é, tem por officio alguma arte mecbânica. Os *artesanos* ou *artesãos* carecem frequentemente de trabalho. Das mãos dos *artífices* saem trabalhos bem executados.

Artista, palavra tão posta a barato pela classe dos *artesãos*, não designa, nem pode designar, outra cousa que não seja o que cultiva alguma das artes liberaes, isto é, alguma das artes em quo a intelligencia é

o guia da mão. Quando a mão for guiada pela rotina e não pela intelligencia, é-se *artesano* ou *artesão*, ou mesmo *artífice*, segundo as circumstancias, mas não *artista*. O pintor, o architecto, o músico, o cômico, são *artistas* porque os seus trabalhos são filhos da intelligencia; mas o cabelleiro, o typographo, o alfaiate, o pedreiro, são *artesanos* ou *artesãos*, não porém *artistas*. — Por o cômico ser *artista*, resulta que abusivamente se dá tambem essa denominação aos que nos circo executam exercicios de força ou do agilidade; acabamos que esse emprego abusivo deslustra bastante a dignidade que o vocábulo *artista* encerra em si.

Operario é vocabulo que não pode confundir-se com *artesano* ou *artesão* nem com *artífice*. O *operario* é aquelle que vive do trabalho das mãos, desligando de esse trabalho qualquer idéa de arte. É *operario* o homem que maneja o folle da fragua e malha o ferro na bigorna; é *operario* o tece-lão, e aquelle que com a enxada abre cavoucos ou allicerces; é *operario* o que amassa a cal e areia o que serve os pedreiros; é *operario* o que nas pedreiras arranca a pedra que o *artífice* lava, ou que o *artista* esculptura.

Obreiro, no sentido lato da palavra, confunde-se com *operario*, este último vocabulo sendo a forma alatinada e aquelle a portuguezada para exprimir a mesma idéa. *Obreiro* é porém susceptível de emprego metaphórico, como ao dizer: os *obreiros* da sciencia; os *obreiros* da civilização, etc.

Trabalhador é termo genérico, mas no sentido em que aqui o comparamos com os outros vocábulos designa particularmente os homens que trabalham a terra, abrem trincheiras, manejam a enxada, a picareta ou outro qualquer instrumento de esse género.

De estes vocábulos, apenas *artífice*, *artista* e *operario* são mencionados por Lacerda e Roquete. O primeiro diz apenas: «O que exerce uma arte mecbânica chama-se *artífice*; o que exerce uma arte liberal chama-se *artista*; o que vive do trabalho manual chama-se *operario*».

Roquete, ponco mais diz: «*Artífice* e *artista* são palavras derivadas de *ars* e só differem na terminação e na significação convencional que modernamente se deu á «segunda; a terceira vem de *opera*, obra. «O que exerce uma arte mecbânica chama-se *artífice*; o que exerce uma arte liberal chama-se *artista*; o que vive do trabalho manual chama-se *operario*. Entre *operario* e *artífice* deve dar-se a differença que «vulgarmente se dá entre *offical* e *mestre* «de officio. Estes raramente saem da rotina «mechânica que aprenderam; não assim o «*artista*, que instruido em todas as materias «históricas, philosóficas que se referem «à sua arte, emprega seu talento a tirar re-

«sultados novos e cada vez mais perfeitos
«de seu trabalho e applicação».

Articular, pronunciar, proferir, falar.—Vejam os que de estes vocábulos já foi por outrem dito, para tornarmos mais saliente a verdadeira extensão de cada um de elles.

Diz Roquete:

«**Articular** é pronunciar clara e distintamente as syllabas ao juntal-as; **proferir** é pronunciar as palavras em voz alta; **pronunciar** é expressar-se ou dar-se a entender por meio da voz. — O homem é o único animal que proferia palavras porque é elle o único que goza do dom do **falar** para expressar suas idéas. Ha aves que **articulam** perfeitamente syllabas o palavras inteiras. A differença do climas e de costumes faz que os habitantes de uma região não possam **pronunciar** o que outros **pronunciam** com summa facilidade.

«Grammaticalmente falando, **articular** só se toma em sentido physico, para expressar a acção do Instrumento vocal. **Proferir** não presenta outra idéa physica mais que a de **falar** em termos que seja ouvido e comprehendido aquelle que **fala**; porém com uma idéa moral de intenção e de attenção. **Pronunciar** usa-se em differentes sentidos, porém com diversas relações, já physicas, já moraes. — Ha **articulações** fortes e brandas, linguaes, labiaes, palataes, etc. — Não basta **articular** clara e distintamente, é necessario **pronunciar** bem, isto é fazer soar as palavras como fazem as pessoas bem creadas e douts. — Diz-se **proferir** blasphemias, doestos, etc., segundo se quer designar a força ou valor que se intenta dar ás palavras ou á harmonia das vozes. — Dizemos **pronunciar** um discurso, **pronunciar** uma sentença, para demonstrar a solemnidade do acto ou a autoridade da pessoa.

«**Falar** é dizer palavras do um idioma, e neste sentido se diz que **falam** algumas aves a quem se ensina a **pronunciar** palavras; taes são os papagaios e pégas. Também se diz que estas aves **articulam**. — **Falar**, tomado em sentido mais restricto, significa manifestar suas idéas por meio da **fala**, e neste sentido não diremos já que as aves **falam**; porque não exprimem suas idéas com as palavras que **pronunciam**. — **Articular** usa-se tambem neste sentido, e significa **pronunciar** distinctamente as palavras que juntas formam ou exprimem uma idéa».

D. José de Lacerda, diz o mesmo, como de costume:

«**Articular** é pronunciar clara e distintamente as syllabas. **Proferir** é **pronunciar** as palavras em voz alta. **Pronunciar** é expressar-se, dar a entender o que se sente ou precisa por meio da voz. **Falar** é dizer palavras de um idioma, e por meio

«do ellas significar as suas idéas. Não basta **articular** distinctamente, é tambem preciso **pronunciar** bem, isto é, fazer soar as palavras de sorte que possam ouvir-nos, e comprehender-nos.»

Entendemos estes vocábulos de modo algo differente:

Articular é simplesmente infligir ás vogaes as modificações que lhes são impostas pelas consoantes que com ellas se combinam; servimo-nos dos labios, dos dentes, da lingua, da garganta, do céu da boca, ou do nariz, para **articular** como é devido. Quando se diz que da boca do moribundo saio um grito **inarticulado**, queremos simplesmente dizer que elle deixou ouvir um som simples, posto que om muitas das nossas interjeições não so **articula**. **Proferem-se** mas não se **articulam** as interjeições *ah! ih! oh! ui! di! etc.*

Pronunciar diz respeito á enunciação de todos os sons que compõem cada palavra do per si, e á de varias palavras que, combinadas umas com as outras, affectam o ouvido de maneira particular; *os estrangeiros pronunciam mal a nossa lingua.*

Proferir é relativo ao acto e não ao modo de o realizar; **proferem-se** *imprecações*; **proferem-se** *discursos*; **proferem-se** *palavras mais ou menos agradáveis para a pessoa a quem são dirigidas.*

Saindo da esphera que no seu sentido restricto cada um dos precedentes vocábulos abrange, notamos-lhe outra applicação em que cada um de elles tem uma nuance particular e caracteristica. E' quando **pronunciar**, **articular** o **proferir** se referem ao fundo do discurso. Nesse caso **pronunciar** significa apenas «dizer, fazer ouvir» e reserva-se para o que é nobre, elevado, digno; **articular** envolve idéa de precisão, de exactidão, de enunciação gradual; **proferir** reserva-se para o que ordinariamente é tomado a má parte, a factos reprehensíveis, a ditos censuráveis: *o orador pronunciou um discurso que foi muito applaudido; o juiz articulou os quesitos; o malvado proferiu blasphemias.*

Resta-nos o vocábulo **falar**, cuja synonymia com os outros de este grupo é apenas muito remota. **Falar** é fazer uso da palavra; e extensivamente, expressar-se de qualquer modo; assim diz-se **falar por signaes**, **falar com os olhos**, etc. — A respeito de este vocábulo, e saindo por um instante da indole do nosso livro, devemos recomendar de nunca escrever **fallar**, com dois e's; pois a fazel-o derivall-o-iamos do verbo latino *fallo, fallis*, que em vez de **falar** significa enganar.

Artificial, facticio, fingido. — **Artificial** e **facticio**, differenciam-se em o primeiro, **artificial**, só poder dizer-se do que é concreto, o o segundo **facticio**, ter melhor applicação com o que é abstracto.

Ha flores *artificiaes* mas não *facticias*; ha nos parlamentos maiorias *facticias*, mas não *artificiaes*.

Fingido se diz das cousas, não pelo que ellas são em si, pois o que vemos é real, senão pelo que ellas querem representar; o *sorriso fingido* é o sorriso que vemos, um verdadeiro sorriso; é porém *fingido* com relação ao sorriso espontâneo que elle quer imitar. Noutro artigo, em que os vocabulos que o compõem têm maior analogia com este adjectivo, tornaremos a occupar-nos de elle.

Artificio, astucia. — Estes vocabulos suggerem a idéa de meios engenhosos empregados para conseguir um fim que não se obteria obrando com lealdade; geralmente são tomados a má parte, por revelarem ausencia de escrúpulos, o farta dose do finura e habilidade. Distinguem-se um do outro em a *astucia* requerer mais finura que habilidade, e o *artificio* mais habilidade que finura; isto é, a *astucia* brota rápida na mente; o *artificio* é, o mais das vezes, producto de combinações. A *astucia* é um facto unico; o *artificio* um conjuncto do meios dispostos com arte. *Otra-se com astucia; usa-se de artificio.* Não se fragoam *astucias*, mas fragoam-se *artificios*, pois aquellas são factos simples provenientes da viveza da imaginação, e estes provêm da combinação de meios e do bem architectado das macbinações.

Arvorejado, nemoroso. — Inclui-mos aqui este artigo por aclar-se nos dicionarios de synónimos precedentemente publicados. Eis como nelles se encontra:

«A primeira (*arvorejado*) é palavra moderna, muito bem derivada de *árvore*, e «significa terreno em que ha árvores, que «não é calvo. A segunda é poética e alatinada, que vem de *nemus*, bosque, matta, «floresta; e com a circumstancia da terminação abundanciosa, *oso*, designa terreno «coberto de mattas, em que ha muitos bosques e florestas» (ROQUETE).

Resta-nos acrescentar que *arvorejado*, participio do verbo *arvorejar-se*, que significa cobrir-se espontaneamente de árvores, não é vocabulo tão digno de apreço como nolo quiz dar Roquete; temos um equivalente seu, de tão boa estirpe pelo menos, e que nos é muito mais familiar: *arborizado*.

Asca, asco. — Ha mais homonymia entre estes dois vocabulos que verdadeira synonymia. Roquete e Lacerda inserem-nos em seus dicionarios e isso nos leva a reproduzir o artigo que a elles referente acabamos em Roquete:

«Assim como a terminação distingue o «género nestas duas palavras, assim tambem de ella depende a differença que en-

tro ellas existe. — *Asco* é a alteração do «estômago que nos causa alguma cousa que «provoca o vômito, o nôjo e enjôo que nos «causa o que é hediondo. — *Asca*, que é *asco* «em sentido figurado é a aversão, a má «vontade que temos a alguém, talvez com «desejo de lhe fazer damno. — *Asco* diz-se «das cousas; *asca* das pessoas. — *Homens ha «que têm asca a pessoas beneméritas, e ne- «nhum asco têm a cousas ascorosas e «hediondas».*

Este exemplo vem como a propósito para appoiar a nossa opinião de não baver synonymia entre *asco* que é *nôjo*, e *asca* que é *antipathia* ou *aversão*.

V. *asca* no artigo *Antipathia*, página 95.

Ascenso, promoção. — Em varias circumstancias estes dois vocabulos podem empregar-se indistinctamente: foi um *ascenso* ou *promoção* merecida. Note-se porém que *ascenso* é relativo ao estado de quem é ascendido, e *promoção* ao acto de ser ascendido. *Este anno não houve promoções.* Permaneceu muitos annos no seu primeiro *ascenso*.

Asceta, religioso, fanático, monge, frade. — O *ascetismo* é independente de qualquer ordem ou habito religioso. É *asceta* qualquer pessoa que despreza o bulicio do mundo e se entrega inteiramente a exercelcios espirituaes. Em todas as religiões ha *ascetas*, mas quando esta palavra se refere aos cathólicos romanos é-lhe inherente a idéa de mortificação do corpo, de privações voluntarias, de vida retraida. Este vocabulo toma-se sempre a boa parte, pois quando o *asceta* o é só na apparencia e nas exterioridades qualifica-se de *tartufo*, *hypocrita*, etc. O *asceta* porém é geralmente egoista, pois pretende a bem-aventurança para si, e fecha os olhos ás desgraças da terra, que não remedia para não se distrair da contemplação em que vive.

Religioso diz-se de aquelle que, seja qual for a sua crença, observa os preceitos que ella lhe impõe.

Fanático diz-se de quem é ultra-religioso; esta palavra toma-se a má parte, pois o *fanático* julga-se superior ao resto da humanidade, pensa ser inspirado pela divindade, quer que tudo e que todos se amoldem ás suas imposições.

Noutro sentido, *religioso* é synónimo de *monge* e *frade*, mas *religioso* é palavra de mais lata extensão, porque se applica a todos quantos se dedicam a vida religiosa, quer ligando-se a ella por votos, quer por simples resolução.

Entre *monge* e *frade* ha a mesma differença que entre *mosteiro* e *convento*; o *monge* é do *mosteiro*, o *frade* é do *convento*. V. estes vocabulos e tambem o artigo *Beato*.

Asco, nôjo, náusea.—*Asco* é a alteração do estômago que inelta a vômito; é proveniente de algo repugnante que se vê ou se come.

O *nôjo* differe do *asco* em este provir do que se vê, ou se come, e aquelle do que se quer evitar. *Não passamos por certos sitios para não vêr cousas que causam nôjo; se as vissemos sentiríamos asco.*

É *asqueroso* o que repugna; é *nojento* o que repugna, e também a pessoa que tem *nôjo*.

Náusea é o esforço que se faz para vomitar. *Certas cousas causam náusea*, não se tem porém náusea de ellas, mas sim *nôjo* ou *asco*.

Áscua, brasa.—De quo entro estas palavras não existe synonymia perfeita, revela-o o poder dizer-se: *as brasas estão quasi apagadas* e não *as áscuas estão quasi apagadas*.

Áscua implica portanto a idéa da incandescência ser completa; idéa que não é inherente à palavra *brasa*, pois so o fosse seria pleonasmos o dizer-se *brasa viva*, expressão que é muito trivial. Também se diz *brilhar como uma áscua de ouro* ou *ferro em brasa*, expressões que parecem autorizar-nos a empregar o termo *brasa* para exprimir calor, e *áscua* para o brilho ou fulgor.

Assexual, assexuado.—São de muito pouco uso estes adjectivos; ha porém entre elles uma nuance que muito se deve ter em conta. *Assexual* se diz do que não tem sexo; *assexuado* do que ficou sem sexo.

Asnal, asnilho.—No sentido proprio *asnal* diz-se do que pertence ao asno ou burro, e *asinino* do que é adequado ao asno, ou do que, em qualquer outro animal, recorda o que é exclusivamente proprio do asno: *albarda asnal*; *macho de passo asnilho*.

No sentido figurado ambos se dizem indifferenteamente.

Asno, burro, jumento.—Porque sômos de opinião diversa da dos outros synonymistas na apreciação de estes vocabulos, vamos transcrever em primeiro lugar os seus arquetipos.

Diz Roquete:

«Designam estas trez palavras um pobre animal tão conhecido como útil, posto que teimoso; mas differenciam-se pelas idéas accessorias que suscitam.

«*Asno* é o nome proprio do quadrúpede que os latinos chamavam *asinus* e os gregos *onos*, e comprehende em sua significação todas as differenças e qualidades do animal.

«*Jumento*, do latim *jumentum*, que significava em geral *besta de carga*, é este mes-

mo animal, porém a palavra suscita a idéa da latina, e representa o *asno* trabalhador para beneficio ou commodidade do homem.

«*Burro*, é palavra vulgar da lingua, que alguns querem venha de *pyrros*, russo, que é a côr ordinaria dos burros, e exprime particularmente a pouca intelligencia de este quadrúpede.

«Quando estas palavras se applicam ao homem em sentido figurado, podem igualmente differenciar-se da maneira seguinte. — A um homem cuja incapacidade é notoria, chama-se-lhe *asno*. O que tem alguma capacidade, porém que com damno proprio trabalha em proveito alheio, merece o nome de *jumento*. Ao que é estúpido, carece do intelligencia, e que talvez presunha do entendido em cousas que ignora, ou que se obstina totalmente em suas asneiras, assenta-lhe bem o nome do *burro*.

Diz Lacerda:

«*Jumento*, conforme a origem latina, significa toda a besta do carga; porém, geralmente, designa o quadrúpede a que damos este nome quando em acto de trabalhar para utilidade do homem. *Asno* tem a mesma significação, mas sem limitação ao acto, nem a nenhuma sorte de trabalho: — *Coitados de nós que somos asnos para levarmos a carga que nos põem (ULIS.)*

«*Burro* é palavra vulgar da lingua portugueza, inventada para designar de modo particular a pouca intelligencia do asno. Na significação translata, chama-se *asno* o homem de incapacidade notoria; *jumento*, o que, tendo alguma capacidade, trabalha sem proveito proprio para utilidade alheia; *burro*, ao que, sobre carecer de intelligencia, é obstinado.

Julgamos comprehender melhor estas palavras dizendo:

Asno (do latim *asinus*) é o termo scientifico com que os naturalistas descrevem este sub-gênero da familia esquilas. Fora da sciencia é o termo preferido para designar na linguagem culta o animal a que se referem os differentes vocabulos do este artigo: a *mythologia* representa *Sileno montado num asno*.—Em sentido figurado *asno* diz-se de aquelle que se tem em conta de sahlo ou de esperto sem o ser.

Burro, não é, como se diz, vocábulo peculiar à lingua portugueza; em castelhano diz-se *burro*, em francez *bourrique*, e no haixo latin chamou-se-lhe *burrius*. É esta palavra a denominação vulgar do *asno*, e figuradamente se diz de aquelle que não tem nenhuma intelligencia. O naturalista descreve o *asno*; o moleiro descarrega o *burro*.

Jumento, em quanto a etymologia — *jumenta* em latim designando os animaes que prestam qualquer serviço ao homem — significará, como querem Roquete e Lacer-

da, o *asno* considerado como auxilliar do homem, e mesmo no sentido figurado não discrepamos da sua opinião. Não é essa porém a exclusiva delimitação do vocábulo, pois ante tudo se emprega para designar o animal reproductor: o *mulo é o producto do cavallo e da jumenta.*

Aspecto, vista. — Denomina-se *aspecto* cada uma das diferentes perspectivas que as cousas nos apresentam, seja porque olhamos para ellas de differente lado, seja porque qualquer circumstancia as altera.

Vista é vocábulo que pode ter significação activa e passiva. A *vista da aldeia* pode significar a *vista* que da aldeia se disructa, ou o *aspecto* que a aldeia apresenta aos nossos olhares; neste último caso, isto é, quando *vista* tem significação passiva, é vocábulo synónimo de *aspecto*.

Por outro lado, *vista* não suggere a idéa de variedade que encerra o vocábulo *aspecto*. Desde a praia temos sempre a *vista do mar*, mas este não tem o mesmo *aspecto* quando está agitado que quando está calmo.

Roqueite quiz dizer pouco mais ou menos o que nós:

«A *vista*, diz elle, não é mais do que a acção «material dos olhos sobre um objecto; o *aspecto* suppõe no objecto diversos modos de «ser visto.—Podo ver-se uma cousa defren- «te, de lado, por de traz, de alto a baixo, «de baixo para cima; sempre é a mesma «cousa que se vê, ainda que de differentes «modos, a que chamamos *aspectos*. Para jul- «gar bem as cousas, é mister vel-as debai- «xo de todos os *aspectos*».

Tambem Lacerda assim o entendeu:

«A *vista* é a acção de ver, o acto mate- «rial pelo qual os olhos se empregam num «objecto. *Aspecto* é a apparencia exterior «das cousas, como podendo ser vistas e ob- «servadas de differentes modos. Cada cousa «pode ser vista de diversos lados, modos, «etc., o são estes os seus varios *aspectos*. «Só quem observa as cousas debaixo de to- «dos os seus *aspectos*, é que podo forinar de «ellas cabal conceito».

Aspirar a, pretender; sollicitar. — *Aspirar a* alguma cousa, exprime o ardente desejo que temos da a obter. *Pretender* alguma cousa, exprime que, além do desejo, fazemos esforços para a conseguir, e que esses esforços são movidos pela opinião, verdadeira ou falsa, de possuir direitos a ella, ou méritos sufficientes para que nos a concedam.

Aspirar-se a alguma cousa em segredo; pretende-se alguma cousa abertamente.

Sollicitar é pretender cousa, enja concessão se considera como favor, ainda que a ella julgemos ter algum jús. *Sollicita-se* uma pensão em recompensa de serviços prestados à patria.

Dos dois primeiros vocábulos diz Roqueite:

«Estas duas palavras indicam os esforços que se fazem para chegar a uma cousa, para obtel-a. A primeira designa que «estes esforços se acham sustidos num verdadeiro desejo, e a segunda que se apoiam «real ou primeiramente nos direitos, méritos ou justiça que alguém crê ter.—O homem que *aspira* a ter honras faz esforços «proporcionados a seus desejos; e o que «pretende honras, é porque se julga crêdôr «a ellas.—O *aspirante* a alguma cousa vale-se para logral-a de astúcia, de artificio e de quantos meios lhe suggerem seus «violentos desejos; o *pretendente* manifesta francamente seus direitos, sejam bem fundados ou não, e procura fazel-os valer. «O que *aspira* afflige-se, abate-se se não «consegue o que deseja; o que *pretende* fica descontente, e queixa-se da injustiça «que entende se lhe fez».

Lacerda diz o mesmo, e acrescenta algo sobre *sollicitar*, mas sem haver comprehendido o verdadeiro sentido do vocábulo:

«*Aspirar* — diz elle — exprime um desejo efficaz de alcançar. *Pretender* (sic) exprimo o desejo de alcançar fundado no direito, merecimento, ou justiça que alguém julga ter. O que *aspira* a ter honras, faz esforços proporcionados aos seus desejos: o que *as pretende*, é porque se julga digno ou credor a ellas. *Sollicitar* exprime de modo particular as diligencias que fazemos, os meios de que nos servimos para conseguir o que *pertendemos*».

Assassinar, matar, trucidar. — Dos dois primeiros vocábulos diz Roqueite:

«*Matar* é tirar a vida ou dar a morte a um ser vivo. *Assassinar* é matar á traição e com vantágem a um homem indefeso».

D. José de Lacerda:

«*Matar* quer dizer precisamente tirar a vida ou dar a morte ao que está vivo: é termo genérico. *Matam-se* animaes para comer. *Matam-se* homens na guerra, ou por vingança, etc.—*Assassinar* indica especificadamente *matar* com violencia, com injustiça, á traição. *Matar* podo não ser crime, e até pode ser dever, como quando o executor da justiça mata legalmente o criminoso. *Assassinar* é sempre crime».

Pesando melhor estes vocábulos, achamos que *matar* é apenas um termo genérico que não designa, muitas vezes, senão o que de ello disseram Roqueite o Lacerda: «tirar a vida ou dar a morte a um ser vivo». — *Matam-se* gallinhas. Na guerra, os homens *matam-se* uns aos outros. — Este vocábulo porém suggere frequentemente idéas accessorias; assim, quando nos referimos á tradicional padeira do Aljubarrota, que com a pá *matou* sete castelhanos, o verbo *matar*, além da idéa que o seu com-

plemento lhe dá, sugere outras muito distintas: valor, ânimo varonil, justiça da causa, por parte dos portugueses; eobardia dos castelhanos. Quando, na invasão franceza, os nossos camponezes encontravam algum francez regado, **mata-vam-no sem piedade**; aqui, **matar**, desperta a idéa de odio, de vingança, de selvageria, de baixeza de sentimentos por um lado; de soffrimento, de impotencia, pelo outro. — Ha portanto om **matar** mais do que disseram os synonymistas; e sobretnido, o quo aqui convém, é deslindar em que ponto esso verbo deve ser substituido por **assassinar**.

Assassinar, que só se diz de pessoas, é **matar** a quem, por uma circumstancia qualquer, não pode oppôr tal resistencia que a sorte esteja um instante indecisa; este verbo exclue qualquer idéa de conveniencia, o só desperta indignação. — Os conjurados de 1640 **mata**ram ou **assassina**ram a Miguel de Vasconcellos? — **Assassina**ram-no, pois estava indefexo o não era da sua morte que dependia o êxito da conjuração. — Um ladrão é surpreendido roubando; o roubado cresce para elle; trava-se lucta; resulta um cadáver: o do domno da casa; esto foi **morto** ou **assassinado**? Foi **morto**, porque a lucta foi igual e havia conveniencia que motivou a morte.

Diremos pois **assassinar** sempre que queiramos dar ao acto idéa odiosa, de traição, de premeditação, de malvadez. — **Matar**, nos outros casos.

Trucidar é **matar** cruelmente e a mão salva. Depois de um combate em que os prisioneiros ficaram desarmados, os vencedores **trucidaram-nos**. — **Assassinar** o **matar** dariam n'este exemplo um pálido reflexo da realidade.

Assassinato, morte, homicidio. — O **homicidio** é o facto de dar morto a outrem, voluntaria ou involuntariamente. O **homicidio** involuntario é uma desgraça o não um crime; não obstante, quando é commettido por imprudencia, fica sob a alçada da lei. — O **homicidio** commettido voluntariamente é morte. **Quantas mortes fez o João Bravão?** — A morte commettida com premeditação, aleivosamente, á falsa fé, é **assassinato**.

Não do estas palavras, mas dos seus correlativos **assassino, matador** e **homicida** diz Roquete:

«Estas trez palavras, em sentido genérico, significam o que **mata** a um homem ou a varios, consistindo a differença só no modo de executal-o.

«Entendemos por **matador** aquella creatura racional ou irracional que, de qualquer modo que seja, com culpa ou sem ella, **mata** ou priva da vida a ontra; é pois voz genérica. Porém circumscrevendo-nos ao homem e a um facto criminal, diremos que é **matador** o que com preme-

«ditação **mata** outro, sem que haja mediação do rixa nem duello algum. — Ao que **mata** ou pensou **matar** á traição e com vantagem a um que estivesse indefexo ou a outro mais débil que elle, chamamos-lhe **assassino**. — **Homicida** é o que fez uma morte involuntariamente ou no caso de natural defenza. — O **assassino** é um co-barde, que tem medo de medir-se com seu inimigo; o **matador** um furioso que **mata** só pelo bárbaro prazer de **matar**, ou talvez por estar pago para isso; o **homicida** da involuntario é um desgraçado que merece compaixão.»

Assaz, bastante, sufficiente. —

Assaz, bastante e **sufficiente** são trez vocábulos quo assim dispostos apresentam a sua gradação descendente; **assaz** é mais que **bastante**; **bastante** é mais que **sufficiente**. — Livro **assaz** despretencioso se dirá do livro que não tem pretensões. Fulano é **assaz** incrédulo para..., diz claramente quo o individuo de quo se trata não é crédulo. — Este vocábulo, sendo puramente adverbial, pode frequentemente confundirse com **bastante**, menos vezes porém com **sufficiente**.

Bastante indica maior quantidade que **sufficiente**. Quando se diz: **tenho bastante para fazer esta viagem**, entende-se que não ba necessidade do esquivar-se a gastos supérfinos. Não se entende a mesma cousa ao dizer: **tenho sufficiente para a viagem**, esta maneira de se exprimir revelando que não se tem dinheiro de sobra.

Roquete nada diz de **assaz**; consagra porém um artigo a **bastante** o **sufficiente**.

«O primeiro de estes vocábulos — diz elle —, parece mais vago e illimitado que o segundo; porque **bastante** dá uma idéa absoluta e indeterminada de abundancia, suppondo que ba sem escassez o que se necessita; e **sufficiente** dá uma idéa relativa contrabindo a determinadamento ao que justamente alcança para não carecer do proclso. O avaro nunca tem dinheiro. **Bastante**, pois quanto mais tem, mais deseja. — O que tem um mediocre patrimonio tem o **sufficiente** para viver com decencia. — Diz-se **basta** quando já não queremos mais; e **tenho o sufficiente** quando se reuniu o necessario para o fim que se quer».

«Emquanto ás cousas que se consomem, **bastante** parece indicar maior quantidade que **sufficiente**, pois quando se diz **ba bastante** vem a manifestar-se quo o que houver de mais seria demasiado e inútil; porém, quando se diz **ha o sufficiente**, indica-so quo o houvesse de mais seria abundancia e não demasia ou excesso da cousa. — Na significação de **bastante** ha mais generalidade, pois que entendendo-se o maior proveito ou uso nas cousas, faz commum a accepção de esta palavra; sen-

«do que a palavra *sufficiente* contendo uma idéa mais limitada ao uso das cousas, *lbe* dá um carácter mais particular pois *circumscreve* seu uso a um certo número de «ocasiões».

Assédio, cerco, sítio, bloqueio.

— *Assédio* é termo que só pode ter cabida quando o *cerco* é feito contra uma fortaleza ou lugar fortificado; inclui a idéa de preparativos e operações que conduzem a uma aproximação progressiva e a um ataque definitivo.

Cerco é termo genérico; applica-se a lugares fortificados, a praças de guerra, e até a povoações desmanteladas. A idéa de operações militares não lhe é inherente, as tropas que formam o *cerco* podendo permanecer na inactividade, ou operar contra o ponto cercado.

Sítio é o *cerco* que se estabelece com as commodidades compatíveis ao exército sitiador em vista de não esperar prompta rendição; só nisto se distingue de *cerco*, este podendo ser de curta duração; aquillo prevendo que o resultado será demorado.

Bloqueio tanto pode designar uma operação terrestre como marítima. O *bloqueio* num ou noutro caso é sempre feito fora do alcance dos projecteis do lugar *bloqueado* o o seu objecto é apenas de impedir as comunicações com esse lugar.

Asselo, limpeza.—O primeiro de estes vocábulos refere-se ao resultado; o segundo, aos meios. Onde ha *asselo* não se nota que haja existido nada que lhe seja opposto. Onde ha *limpeza* faz-se desapparecer o que obsta ao *asselo*. Não se fazem *asselos*, mas sim *limpezas*.

Assembêa, congresso.—O vocábulo *assembêa* refere-se ao conjunto das pessoas reunidas: *congresso*, ao conjunto das pessoas, mas subordinado ao fim que as reúne. Ha *assembêas* numerosas mas não *congressos* numerosos. Ha *congressos* úteis, mas não *assembêas* úteis.

A *assembêa* de pessoas que mutuamente se communicam idéas, as discutem, e sobre ellas resolvem, constitue o *congresso*.

No templo, o orador dirige-se à *assembêa*; na câmara dos deputados, o orador dirige-se à *assembêa* ou ao *congresso*.

Assentar, montar.—No sentido de dispor convenientemente as peças de uma máquina, devemos exclusivamente empregar o verbo *assentar*, e os substitivos *assentamento* e *assentador*.

Montar, montagem e *montador* são gallicismos inadmissíveis: *monter*, *montage*, *monteur*.

Asserção, affirmção.—A *affirmação* differe da *asserção* em esta necessitar dos requisitos que aquella exclue; effectivamente a *affirmação* concreta-se a afirmar; a *asserção* necessita ser sustentada, mantida, defendida. Não ha falsas *affirmações*; sobejam porém as falsas *asserções*.

Assiduo, frequente.—O que é *assiduo* é mais constante o mais repetido que o que é *frequente*. São *assiduas* as visitas que se repetem com insistencia e com certa regularidade; são *frequentes* as que se fazem muitas vezes. O que é *assiduo* indica mais empenho, mais intenção que o que é *frequente*. Não se diz que um bom empregado é *frequente*, mas *assiduo*.

Assignar, subscrever.—*Assignar* designa simplesmente o acto de pôr o nome num escripto para o declarar como seu, ou assumir-lhe a responsabilidade.

Quando um documento deve ter varias assignaturas, o primeiro que põe o seu nome *assigna*, mas não *subscreeve*; os outros *assignam* ou *subscreevem*.

Falando de cartas, *assignar* designa a acção de pôr o seu nome no fim da missiva.

Subscrever designa a acção de *assignar* fazendo preceder a assignatura de uma fórmula cerimoniosa ou amistosa, escripta pelo proprio punho de quem *assigna*.

Assignatura, firma.—Geralmente estes dois vocábulos confundem-se; têm não obstante sua differença.

Assignatura é o nome da pessoa que *assigna*, sem nenhuma outra idéa accessoria.

Firma é a assignatura que declara tomar a responsabilidade do que *assigna*.

Falsificam-se *assignaturas*, mas não se podem falsificar *firmas*, pois desdo o momento que a assignatura é falsificada cessa a responsabilidade da pessoa que o falsificador inculca ter *firmado*.

Assoante, consoante, rima.—*Assoante* se diz, em poesia, da imperfeita semelhança dos sons que terminam dois versos que são *assoantes*. Os versos *assoantes* têm as mesmas vogaes ou os mesmos sons vogaes a partir da syllaba predominante (ex.: *susto, tudo*; *Tejo, pelto*). Os versos *assoantes* são vulgares na poesia hespanhola, e formam uma das suas bellezas.

Consoante se diz do verso em que ha perfeita egualdade de letras a partir da syllaba da vogal predominante (v. g.: *cedo, medo, credo*).

Rima é a uniformidade do som, independente de toda semelhança de letras (ex.: *mãe, sustem*).

Assoclar, aggregar.—*Associar* in-

dica collaboração mútua entre os socios que formam um todo único e indiviso.

Aggregar indica apenas auxilio prestado a esse todo. Desaggregando o que se *aggregou*, o todo permanece; desassociando aquelle que se *associou*, o todo diminue.

Assomar, apparecer, mostrar.

— *Apparecer*, verbo neutro, é « apresentar-se á vista ». *Assomar*, nessa mesma linguagem, é « principiar a *apparecer* ». — *Assomar*, como verbo activo, significa « mostrar alguma cousa »: *assomar a cabeça á janella*; nesta linguagem não tem synonymia com *apparecer*, mas com *mostrar*, do qual differe em dar a acção como rápida e pouco duradoura.

Assombro, maravilha. — Estes vocabúlos são synonymos perfeitos. Indistinctamente se pode dizer *este quadro é um assombro* ou *este quadro é uma maravilha*; com esta expressão manifestamos o primor do quadro; com aquella, o effeito que a sua vista causa.

Assumpto, materia, objecto.

Materia é palavra de maior extensão que *assumpto*, e por isso mesmo mais vaga, menos concisa; a *materia* abrange todo o género a que pertence a cousa de que se fala, e não só essa cousa, mas tudo quanto a ella é accessorio, ainda que de ella não faça parte.

Assumpto é o ponto particular e determinado de que se trata no discurso ou no livro.

A *materia* de que o historiador trata é a historia. O *assumpto* de historia tratado por Arriaga é a « Revolução de 1820 ».

Assumpto e *objecto* também se distinguem. O *assumpto* é o ponto em si, aquillo de quo nos occupamos actualmente; o *objecto* é o alcance que pode ter o *assumpto*.

A *politica* é uma *materia* árida. As próximas eleições são o *assumpto* de todas as conversações. O verdadeiro *objecto* dos politicos não é o que elles declaram: a felicidade da nação; senão o que elles occultam: o proveito pessoal.

De *materia* e *assumpto* disse Roquete:

« São mui usadas estas palavras em litteratura, e porventura se confundem, mas differenciam-se em que, a *materia* é o género dos objectos do que se trata, o o *assumpto* é o *objecto* particular que se trata. Uma obra versa sobre uma só *materia*, e tratam-se nelle diversos *assumptos*. As verdades do Evangelho são a *materia* dos sermões; um sermão tem por *assumpto* alguma de estas verdades; v. g. o amor ao próximo, o perdão das injurias, o juizo final, etc.

« E' necessario possuir toda a *materia* para tratar bem o mais insignificante *assumpto*. Ha sempre *materia* na conversação para as gentes que falam; não ha tantos *ass-*

sumptos de conversação para as gentes que pensam ».

D. José de Lacerda, também de estes dois vocabúlos, diz muito fora de propósito:

« *Assumpto* é o objecto do nosso trabalho, e *materia* é o que se emprega no trabalho. As palavras, as phrases e os pensamentos são a *materia* de um discurso; o *assumpto* é o que se explica nessas palavras, phrases e pensamentos. E' necessario possuir toda a *materia*, para tratar bem o mais pequeno *assumpto*. »

Assustar, espantar. — Denota o verbo *assustar* uma acção menos duradoura e menos vehementemente que *espantar*. Em *assustar* entra a idéa de surpresa; em *espantar* a de terror. *Assusta-nos* um tiro, um trovão, um grito; *espanta-nos* um perigo imminente, um crime atroz, um supplicio bárbaro. O que *assusta* a uns, não *assusta* a outros mais corajosos; porém o que *espanta* exerce acção geral. Um trovão não *assusta* a quantos o ouvem; mas um terremoto *espanta* a quantos o sentem.

Astro, estrella, sol. — Todos os corpos que circulam no espaço são *astros*. O sol, as estrellas, os planetas que giram em torno do sol, os satellites que acompanham os planetas, os cometas que se movem em roda do sol por orbitas extremamente desenvolvidas, são *astros*.

Os *astros* que brilham com luz propria são *estrellas*. Consideradas as *estrellas* como *astros* que illuminam ou que talvez illuminaem outros planetas, são *soes*, porque *sol* é o nome que damos á *estrella* que illumina os planetas do systema solar a que pertence o nosso.

Astrologia, astronomia. — Estes vocabúlos não são synonymos; dão-nos como tal Roquete o Lacerda, e só por isso aqui os mencionamos. Eis o artigo de este ultimo:

« Ambas estas palavras significam a sciencia dos astros, porém o uso differenciou esta significação. Conforme pois ao uso recebido a *astrologia* é a arte de predizer o futuro pelo aspecto e posição dos astros, e se chamava antigamente *astrologia judiciaria*. — *Astronomia* significa a sciencia dos astros no conhecimento e estudo dos phenomenos celestes, curso e movimento dos astros, etc. »

Asylo, refugio. — *Asylo* é o lugar onde se está em segurança, onde nada ha a temer.

Refugio é o lugar onde se procura escapar a um perigo ou mal presente, momentaneo.

A palavra *asylo* differe pois de *refugio* em suggerir a idéa de uma segurança estável,

duradoura, contra um perigo mais possível no futuro que imminente na actualidade. *Refugio*, pelo contrario, supõe o perigo imminente, mas passageiro.

Outra differença entre os dois vocábulos é que *asilo* não se diz senão de um lugar digno, respeitável; *refugio*, pode incluir essa idéa, mas frequentemente encerra outra diametralmente opposta. *O sabio procura um asilo na solidão. A creança procura um refugio no regaço de mãe. Os bandidos têm refugios em lugares ignorados.*

Roqueete não comprehende assim a significação de *asilo*. Diz elle:

« *Refugio* é uma acolheita, um recurso contra a afflicção, o perigo, um mal presente. O *asilo* é uma protecção, uma defesa contra a força e a perseguição. — O *hospital* é um *refugio* para os pobres; a *egreja* é um *asilo* para os criminosos. — Busca a nau um *refugio* em qualquer porto, quando vem acossada de tormenta; busca num porto neutro ou amigo um *asilo* fugindo de forças superiores que a perseguem ».

Tambem Lacerda diz o que Roqueete:

« *Asilo* quer dizer etymologicamente lugar de refugio donde ninguém pode tirar os que se acolhem nelle. Houve-os na antiga Grecia e em Roma. O *asilo* no sentido do commun, é uma protecção, uma defesa contra a força e perseguição; o *refugio* é um recurso contra a indigência, contra a afflicção etc. O *hospital* é um *refugio* para os pobres; a *egreja* é um *asilo* para os criminosos. — Busca a nau um *refugio* em qualquer porto, quando vem acossada da tormenta; busca num porto neutro ou amigo um *asilo* fugindo de forças superiores que a perseguem ».

Atabafar, abafar. — Tanto no sentido proprio como no sentido figurado de *abafar*, existe a mesma synonymia com *atabafar*, este verbo indicando que se *abafa* com precipitação, com energia. Quando os árabes torram o café *atabafam-no* com um pano de lã humedecido assim que elle principia a suar. *Atabafaram* o caso para que não se instaurasse processo.

Atabale, timbale. — Estes vocábulos designam o mesmo instrumento; *atabale* é a denominação portugueza, *timbale* a expressão franceza de ha muito introduzida entre nós.

Atafona, moinho, azenha. — *Moinho* é denominação genérica; *moinho de vento*; *moinho de café*; *moinho a vapor*, etc.

A *atafona* é o *moinho* cuja roda é posta em movimento á mão ou por impulso animal.

Azenha é o *moinho* de agua que em vez de ter rodizio dentro da corrente, é movi-

da por uma roda sobre a qual cae a agua enenada.

Atalhar, interromper, impedir. — *Atalhar* e *interromper* denotam acção posterior ao principio do facto; *impedir*, anterior.

Atalhar é acção mais efficaz que *interromper*: o que se *atalha* pára de vez, não continúa; o que se *interrompe* cessa momentaneamente para continuar depois. Note-se porém que o verbo *atalhar* não pretende significar que o que se *atalha* desaparece; não: se o que se *atalha* é material, a cousa *atalhada* fica subsistindo até ao ponto ou momento em que se *atalhou*; o que o verbo quer inculcar é que o facto não progride. *Atalha-se a gangrena para impedir que chegue ao coração. Atalha-se o incendio para o impedir de communicar-se aos predios vizinhos. Um interlocutor atalha o outro com razões que lhe tapam a boca.*

Impedir é obstar a quo o facto se inicie: o governo deve *impedir* certas manifestações publicas.

Atar, amarrar, ligar. — Ha entre estes verbos uma idéa commun; cada um porém se revela de differente maneira, ou exprime fim diverso.

Atar é sujeitar para impedir tendencia natural: *ata-se* um cavallo á mangedoura para que não ando solto pela cavallaria; *ata-se* o bote a uma argola para que a corrente o não afaste da margem; *atam-se* as mãos do preso que vai na leva para que não procure fugir.

Amarrar é sujeitar para impedir o emprego da força; *amarram-se* o navio á boia para que não seja levado pela força da corrente; *amarram-se* as mãos do preso que emprega resistencia contra a autoridade.

Amarrar suggere tambem idéa de maior oppressão que a que exprime *atar*. *Ata-se* um ramallete, um feixe de lenha, a gravata. *Amarra-se* a victima a uma árvore, uma corda ao pescoco; os presos que vão na leva vão *amarrados* cotovelo com cotovelo.

Ligar é dar voltas successivas á roda de aquillo que se *liga*. *Liga-se* um braço deslocado.

No sentido figurado tambem *amarrar* denota maior oppressão que *ligar*. *Estamos ligados pelo dever; estamos amarrados pela cumplicidade.*

Ataúde, calção, tumba, esquife, féretro. — *Ataúde* e *calção* são synonymos perfectos, porém *ataúde* não só é termo mais escolhido, senão que com elle não se designa geralmente o *calção* pobre e desguarnecido.

Tumba na accepção em que aqui consi-

deramos este vocábulo designa a maca em que o cadáver é transportado até á beira da sepultura e da qual é tirado para se enterrar sem *caixão* ou *ataúde*.

Esquife differença-se de *tumba* em esta ter uma armação que a cobre, cobertura que falta ao *esquife*.

Féretro é termo genérico que pode substituir qualquer dos outros de este grupo: **féretro sumptuoso; féretro humilde; féretro pobre.**

Atheu, ímpio, incrédulo, scéptico, irreligioso, infiel, hereje, heterodoxo, pagão, genti. — A idéa commum a estes vocábulos é a de falta de crença, ou de crença falsa.

Atheu (do grego *a* privativo, e *theos*, deus) se diz de aquelle que não crê que Deus exista. — O clero cathólico mimoseia com este epitheto a quantos não crêem na supposta veracidade da sua doutrina, quer creiam, quer não creiam na existencia da divindade; é nesse caso emprego abusivo—este termo não indicando mais que « falta de crença na existencia de Deus ».

Ímpio (do latim *in*, prefixo negativo. e *pius*, pio) diz-se de aquelle que, sem precisamente negar a existencia da divindade, se insurge ou se eleva contra ella, obrando como seu inimigo, combatendo-a, ultrajando-a, blasphemando-a. O *ímpio*, attonda-se bem, não é tal *ímpio* pelo que diz respeito á crença, mas sim pela sua conducta relativamente a Deus ou á religião que professa. O homem piedoso pode num momento dado ser *ímpio*, este vocábulo sendo relativo aos factos e não ao modo de ver ou de pensar. — Tambem de este vocábulo abusam os ministros da religião cathólica, pois com elle qualificam não só aos cathólicos que obram em contra da fé que professam, seuão — e muito particularmente, áquelles que abertamente se declaram contrarios ás crenças romanas.

Incrédulo, vocábulo que não implica precisamente a idéa de atheismo, se diz de quem não tem a fé religiosa que é commum á maioria. Este termo é vago e geral, e com elle se exprime melhor a falta do fé ou de crença em certos pontos do dogma que no conjunto da religião. Não obstante tambem se pode dizer do *atheu*, o atheismo sendo a falta de crença na existencia de Deus.

Scéptico diz-se de aquelle que não crê sem que a verdade do facto se lhe torne evidente. Em materia religiosa, o *scéptico* recusa acceitar os dogmas ou os preceitos que não se impõem sufficientemente á sua razão; é um *incrédulo* cuja falta de fé não é espontânea, mas razoada.

Irreligioso é aquelle que não só não dá provas de seguir nenhuma religião, seuão que mette a ridiculo aquella ou aquellas que se professam.—Com este vocábulo são

impropriamente qualificacos os deistas, pois se estes não aprovam nenhum culto público, têm não obstante a crença em Deus e adoram-no em espirito, e na verdade do seu coração.

Infiel é o qualificativo que na idade media so deu aos mahometanos, e que ajuda hoje por alguns lhes é attribuido. Em contra, os christãos são assim designados pelos mahometanos.

Hereje (do grego *airesis*, escolha) diz-se de quem, professando uma religião, não segue aquella que observa a pessoa que dá esse qualificativo, mormente so entre ambas ba certa afinidade. Entre os christãos, os cathólicos chamam *herejes* aos luthheranos e calvinistas; entre os musulmanos, os scibitas e os sunnitas apôdam-so mutuamente de *herejes*.

Heterodoxo diz-se de aquelle que, sem se declarar em contra do dogma, diverge sobre algum dos seus pontos menos capitais. Um theólogo que pugne pelo matrimonio do clero, nem é *hereje*, nem *incrédulo*, nem *ímpio*; é apenas *heterodoxo*: o celibato do clero sendo um ponto de disciplina e não um ponto essencialmente dogmático.

Pagão se diz do povo que é idolatra e tambem dos que seguiam o polytheismo antigo. Confunde-se frequentemente com *gentil*, vocábulo que propriamente se dizia de quem no principio do christianismo não era nem judeu nem christão.

V. mais adeante o artigo **Genti.**

Do *ímpio*, *incrédulo* e *irreligioso*, disse Roquete:

« Estas trez palavras podem-se entender « com relação a qualquer religião que adora « uma divindade, tem uma crença e um « culto exterior; mas em geral referem-se « á religião christã para designar as pes- « soas que ultrajam o Deus uno e trino, que « não crêem os dogmas que ella ensina, que « recusam submeter-se a suas leis, e não « preenchem os deveres do culto. Differen- « çam-se porém da maneira seguinte:

« *Ímpio*, é o que não tem piedade, o que « despreza o objecto do culto público; *in- « crédulo* é o que não quer erer as verdades « que a religião ensina; *irreligioso* é não só « o falta de religião, seuão o que se oppõe « a seu espirito, o que se não submete ao « culto estabelecido. »

De esses mesmos vocábulos diz Lacerda:

« *Ímpio* é o que não tem piedade, e por « isso despreza o culto público, e o objecto « de esse mesmo culto. *Incrédulo* é o que « não crê no que a religião lhe ensina com « respeito á doutrina dogmática. *Irreligioso* « é o falta de religião, que não acceita nem « pratica o culto religioso estabelecido, an- « tes o despreza, e talvez combate. — O *ím- « pio* rebella-se contra Deus. O *incrédulo* « zomba da religião, e contra ella argumen- « ta. O *irreligioso* regeita o culto, e todas « as práticas da religião. »

Eis também o que de *gentil*, *pagão* e *infel* nos diz Roquete:

«E' summamente importante o fazer a diferença necessaria entre as duas primeiras palavras, as quaes, mal entendidas o mal applicadas, confundem duas classes de homens, que religiosamente considerados são em alto grau differentes.

«Assim como os Gregos e Romanos chamavam bárbaros a todos os povos que não eram elles; assim também os judeus chamavam *goim*, nações, gentes ou *gentios* todos os povos que não eram da sua religião; e este mesmo nome deram depois aos christãos. Observa Fleury que entre estes gentios incircumcisos havia alguns que adoravam o verdadeiro Deus, e a quem se concedia a permissão do habitar a Terra Santa com tanto que observassem a lei natural e se abstivessem de sangue.

«Pretendem alguns sabios que os *gentios* foram assim chamados porque não têm outra lei mais que a natural e as que a si mesmos se impõem, por opposição aos judeus o aos christãos, que têm uma lei positiva e uma religião revelada que são obrigados a seguir. A nascente Igreja não falava senão de *gentios*. S. Paulo foi o apóstolo das gentes, isto é, dos *gentios*, como se lê nos Actos dos Apóstolos: *Ut portet nomen meum coram gentibus* (IX, 15).

«Depois do estabelecimento do christianismo chamaram-se *pagãos*, *paganis*, os povos que ficaram *infieis*, ou fosse, como cre' Baronio, porque os imperadores christãos obrigaram por seus edictos aos adoradores dos falsos deuses a retirarem-se ás aldeias ou lugares de pouca conta, que se chamavam *pagus*, onde exerciam sua religião; ou porque, depois de convertidas ao christianismo as villas o cidades, ainda se conservou a idolatria nas aldeias, *pagi*; ou, como diz S. Jerónimo, porque os *infieis* se recusaram alistar-se na milicia de Jesu-Christo, ou porque quizeram antes deixar o serviço que receber o baptismo, como foi ordenado no anno 310, segundo observa Fleury; porque, entre os Latinos, *paganus* era opposto a *miles*, como entre nós o é *paisano* a soldado ou militar. Ainsworth cita a favor d'esta opinião a passagem seguinte: «*Miles, si dum paganus erat, fecerit testamentum, etc.* O soldado, se quando ainda era paisano, tiver feito testamento, etc.» o accrescenta: «*Ilinc et fortasse christiani gentes dixerunt paganos, quod Christi vix illis non militarent*; de aqui veio talvez chamarem os christãos *pagãos* aos *gentios*, porque não queriam militar debaixo das bandeiras de Christo». Seja como for, o nome de *pagãos* foi dado aos *infieis* que, retirados das cidades, continuaram a adorar os falsos deuses. Os *gentios* foram chamados á

fé, e obedeceram a sua vocação; os *pagãos* persistiram em sua idolatria.

«A palavra *gentios* não designa senão as pessoas que não erem na religião revelada; e a de *pagãos* distingue aquelles que observam cegamente e com fanatismo uma religião mythológica ou um culto do falsos deuses. Pelo que, os *pagãos* são *gentios*; porém nem todos os *gentios* são *pagãos*. Confucio e Sócrates, que refutavam a pluralidade dos deuses, eram *gentios*, porém não eram *pagãos*. Os adoradores de Júpiter, de Fo, do Brama, do Xaca, e de outras falsas divindades, são *pagãos*; os sectarios do Mafoma, adoradores de um só Deus, são, propriamente falando, *gentios* ou *infieis*, como lhes ebamou Dom Affonso Henriques na visão do campo de Ourique:

«Aos *infieis*, senbor, aos *infieis*,
«E não a mim que crelo o que podeis.

(*Lus.*, III, 45).

«*Infieis* é termo mais geral quo abrango *gentios*, *pagãos* o mahometanos, e emfim todos os que não têm a verdadeira fé, ou não seguem a lei de Jesus Christo.

«*Ethnicos*, em latim *ethnici*, é palavra grega, *ethnici*, de *ethnos*, povo, nação, raça, que correspondo no Evangelho a *gentes*, como se vê de aquelle lugar de S. Matheus: *sit tibi sicut ethnici et publicanus*; tem-no por um *gentio* ou publicano (XVIII, 17).

«No uso commum não se applica a palavra *gentios* senão ás nações antigas consideradas em sua opposição com o judaismo e o christianismo nascente. A qualificação de *pagãos* dá-se geralmente aos povos que em todos os tempos adoraram falsas divindades; e a de *infieis* aos que não seguem a lei de Christo, ainda que não adorem falsos deuses, como são os mahometanos.

«A palavra *pagão* anda ordinariamente annexa a idéa de maus costumes, de costumes grosseiros, brutaes, impios, abomináveis, o que não acontece com nenhuma das outras.»

De estes mesmos vocábulos diz Lacerda: «*Gentio* e *pagão*, vocábulos que se confundem geralmente, designam idéas muito differentes. Os judeus comprehendiam na idéa significada pela palavra *goim*, nações de gentios, toda a sorte de extrangeiros assim como os romanos os designavam pelo nome do bárbaros. Com mais especialidade porém designavam os judeus por aquella palavra os individuos ou povos que não professavam a sua religião. Entretanto, como muitos de estes observavam, bem ou mal, a lei da natureza, e se abstinham de sangue, permittiam-lhes habitar a Terra Santa. Deu-se-lhes o no-

« me de *gentios* para os differencar dos judeus, e ao depois dos christãos, que tinham religião positiva e revelada. *Pagão* vem de *pago* que significa aldeia; ou campo, para onde os imperadores christãos fizeram retirar os adoradores dos falsos deuses, que resistiam á persuasão da lei evangélica, e não quizeram abraçá-la. Também ha quem supponha, e não sem fundamento, que fol dado este nome aos habitantes das aldeias que só mais tarde se converteram ao christianismo, e por isso mesmo « S. Jerônimo seguo esta opinião. Assim que, os que não crêem em Jesus Christo, « mas que tão pouco rendem culto aos falsos deuses, são *gentios*. Os que adoram os falsos deuses são *pagãos*.

« *Infiel* é termo mais genérico, e comprehende *gentios*, *pagãos*, todos que não seguem a lei de Jesus Christo e que portanto não professam a verdadeira fé ».

Átomo, molécula, particula. —

Átomo é o corpo que pela sua pequenez, julgamos impossivel dividir.

Molécula é a mais pequena parte do um corpo composto que pode existir no estado livre.

Particula é um pequeno aggregado de átomos.

De *átomo* e *particula* diz Roquete :

« *Átomo* é palavra grega, e significa corpúsculo indivisivel. *Particula* é palavra latina, diminutivo de *pars*. Uma ou outra indicam as partes mais pequenas do corpo, que juntas o compõem; porém chamam-se particularmente *átomos* aquellas partículas que supponmos não podem ser já divididas; e por *partículas* se entendem communmente as partes mais pequenas dos corpos, consideradas como abstraidas de esta propriedade. »

Atormentar, inquietar, perseguir. — *Atormentar* (do latim *tormentum*, instrumento de supplicio) exprime o maior grau da idéa que é commum a estes verbos; na ordem dos soffrimentos só o *martyrio* é maior que o *tormento*, mas ainda assim carece o verbo *martyrizar* da idéa de soffrimento prolongado que é suggerida por *atormentar*. A acção de este verbo poder ser exercida por pessoas ou por cousas; os credores implacaveis *atormentam* o devedor; os remorsos *atormentam* sem cessar.

Inquietar (do latim *in* prefixo negativo, e *quietes*, socego) significa apenas « privar do socego »; o que *inquieta* não nos deixa estar tranquilos, mas está longe de *atormentar*-nos. *Inquieta-nos* a demora que tem a chegada de um navio, se a seu bordo temos interesses; a sua perda *atormenta-nos*, porque nos soma na ruína.

Perseguir é termo que melhor indica perseverança, continuação, que determinação

do soffrimento; os pobres **perseguem** os transeuntes; a Inquisição **perseguiu** os protestantes.

Atrabiliario, melancólico. —

Em *atrabiliario* entra como componente a palavra latina *ater* que encarece sobre *niger* para designar o « negro » que causa no ânimo uma impressão triste e sombria. Em *melancólico* entra o componente grego *melas* que significa « negro, preto » sem nenhuma idéa accessoria.

Esta differença de componentes estabelece por si só a differente gradação dos dois vocabulos de este grupo. — *Melancólico* diz-se da pessoa que sempre, ou pelo menos muito frequentemente, se sente dominada por uma profunda tristeza que ella propria não sabe a que attribuir. Não é vocabulo que se tome a má parte, pois o *melancólico*, se bem é verdade que procura a solidão, não deixa por isso de ser afável e attencioso quando a convivencia se lhe depara. Se a tristeza que elle sente, e que elle se esforça por encerrar em si, incommoda os outros, é bem a pezar seu, e só devido á influencia natural que o seu estado exerce sobre os que com elle tratam.

Atrabiliario designa a pessoa cuja tristeza violenta se manifesta constantemente por gritos, ralhos, queixas e arrebatos. O *atrabiliario* nunca sabe o que quer: soffre de ver que os outros não soffrem, e desespera-se quando vê alguém queixar-se.

As pessoas *melancólicas*, ainda quando procuremos evitá-las, inspiram-nos sympathia; as *atrabiliarias* são-uos insupportáveis.

Dos dois vocabulos diz Roquete :

« Estas duas palavras, posto que cada uma de ellas de sua lingua, têm o mesmo valor etymológico; porque *atrabilis* é palavra latina formada de *ater*, cousa negra, « o *bilis*, *billis*; o *melancolia* é palavra grega, formada de *melos*, cousa negra, preta. Ambas pertencem em rigor á medicina, mas « no uso vulgar da lingua tem cada uma de ellas significação figurada que as distinguem entre si.

« A *melancolia* é uma grande e permanente tristeza, que os antigos attribuíam á « *bilis negra*, pela qual o *melancólico* vive « num desgosto e enfado continuo. Esta palavra não presenta uma idéa tão forte e « exagerada como a de *atrabiliario*, pois « ha muitos graus de *melancolia*, algum dos « quaes é tão leve que nada desagradável « ou damnosu apresenta; mas a *atrabilis* é « sempre uma terrivel e prejudicial doença.

« O *melancólico* acha-se de ordinario num « estado de languidez o de desasocego, que « só vem a differencar-se ás vezes do estado « do ordinario da vida por carecer de aquella « alegria que nasce do contentamento em « que nos achamos de nosso modo de ser; « mas o *atrabiliario* acha-se num estado de

« angustia e inquietação que em nada acha « gosto, e tudo lhe causa tédio e aborreci- « mento. A tristeza do *melancólico* o faz « sombrio e silencioso; a do *atrabiliario*, « feroz e como desesperado. — Compraz-se « o *melancólico* em exercer as suas faculda- « des mentaes na contemplação e medita- « ção das cousas sérias, a qual lhe faz achar « certo prazer e agrado na solidão e no re- « colhimento dentro de si mesmo para go- « zar, por assim dizer, do suave sentimento « de sua existência, fugindo da turbulencia « das paixões e dos prazeres tumultuosos « que viriam perturbar o doce somno em « que parece viver. Disse um philôsofo que « a *melancolia* era *appetitiva*, e assim « é, que custa muito a arrancar o *melancó- « lico* de suas solitarias meditações. — Nada « agrada ao *atrabiliario*; nem em sociedade « de, nem consigo mesmo pode viver; abor- « rece até sua propria vida. — Lentamente « acaba seus dias o *melancólico* cansado de « soffrir; o *atrabiliario*, às vezes, dá-se a « morte. — A doença do *atrabiliario* vem « a ser a *melancolia* levada ao seu maior « auge ».

**Atrabiliis, hypocondria, mc-
lancolia.** — Deixando de parte a suppos-
ta causa biliaria que promove os diferen-
tes estados que são designados por estas
palavras, attendamos somente a determi-
nar a qual de elles pertence cada uma de
essas designações.

A *atrabilis* é o estado da pessoa que tu-
do desgosta e que desgosta a todos. Mani-
festa-se por mau humor constante, gritos,
ralhos, imprecações, e acaba frequente-
mente por levar ao suicidio.

A *hypocondria* é o estado em que o pa-
ciente se julga atacado das mais extranhas
doenças e lhes sente os symptomas, apesar
de que — abstracção feita do seu estado ner-
voso, goza de perfeita saude.

Melancolia é uma tendencia para a tris-
teza o para o isolamento; nem sempre é
permanente, e até muitas vezes se nota ac-
cidentalmente em pessoas de genio alegre
e folgazão.

A *atrabilis* faz não só soffrir aquelle que
a sente, mas tambem, e sem cessar, aquel-
les que convivem com o *atrabiliario*. A *hy-
pocondria* é um soffrimento continuo para
o *hypocondriaco*, é, sem que elle o queira,
desgosta aos que o cercam. A *melancolia*
tem às vezes um desprazer agradável, o
geralmente promove a sympathizarmos com
o *melancólico*.

Atrás, após, depois. — *Atrás* e *após*
indicam a mesma situação relativa, com es-
ta diferença porém: que *atrás* se diz, não
só do que está em movimento, do que se
succede, senão tambem do que não se mo-
ve; *após* — só se diz do que tem movimento
no espaço ou no tempo. **Atrás da philar-**

*mónica ia muito povo. Falo de ha vinte annos
atrás. Atrás do rei estava a corte. —
Após o clero ia a nobreza. Após o carna-
val vem a quaresma.*

Depois pode supprir *após* e *atrás* sempre
que haja posição relativa, como se nota nos
exemplos precedentes, exceptuando apenas
o segundo, em que tal posição não existe.

Lacerda, copiando de Roquette, diz:
« *Atrás* exprime a posterioridade de lo-
« gar do uma pessoa, ou cousa, a respeito
« de outra, quer no estado de quietação,
« quer no de movimento. *Após* tem a mes-
« ma significação, mas só no estado do mo-
« vimento. *Depois* exprime a posteriorida-
« de do tempo; porém toma-se *depois* em
« alguns casos com a significação de *após*
« ou *atrás*, por isso que entre as idéas de
« tempo e logar ha muitos pontos de con-
« tacto ».

Atrasamento, atraso. — Nota-se
em *atrasamento* uma idéa de acção volun-
taria, que não existe em *atraso*. — Na ex-
pressão **atrasamento** de contas sugge-
re-se a idéa de má vontade por parte do
devedor; na de **atraso** de contas não se
nota essa particularidade. — O **atraso** do
relogio *impediu-nos de chegar á hora*, sug-
gere a idéa do *atraso* ser devido ao relogio
funcionar mal; o **atrasamento** do re-
logio *impediu-nos de chegar á hora* só se po-
do dizer quando o relogio foi *atrasado* ex-
pressamente por alguem.

Atravessar, passar. — *Passar* in-
dica uma acção natural, feita sem esforço.

Quando *atravessar* se substitue a *passar*
indica esforço, difficuldade. **Depois de pas-
sar a ultima ponte tive de atravessar**
um rio a nado.

**Atrevimento, ousadia, arrojo,
audacia, temeridade; descaro.**
— *Atrevimento* é vocábulo que pode ser to-
mado em bom ou mau sentido, segundo o
objecto em que elle se exercita seja digno
do louvor ou de censura. Em todo o caso o
vocábulo *atrevemento* denota um animo su-
perior ao vulgar, quer em bem, quer em
mal, e sempre exprime um acto que excede
os dos outros ou que sobressae por cima
dos do vulgo, feito com prévia deliberação
e com confiança no esforço proprio.

Ousadia, vocábulo quo tambem é susce-
ptivel de ser tomado a boa ou a má parte,
excede em significação a *atrevemento*, pois
o *atrevido* julga que as difficuldades des-
apparecerão ante o seu esforço, e o *ousado*
confia em vencê-las, por muito que ellas
se insurjam contra elle. Quando este vo-
cábulo é tomado a boa parte indica uma
muito apreciável qualidade do animo, uma
como virtude que nos impelle a emprehender
o que é perigoso, extraordinario, emba-
raçoso ou delicado. Sem *ousadia* não se po-

dem intentar grandes feitos, de outro modo recuar-se-á quando chegarem os momentos criticos.

O *arrojo* não é uma qualidade que se haja revelado antes do momento em que se exercita; é uma como offuscação de todo o perigo, uma cegueira de toda a idéa de conservação, que leva a praticar actos de que, a sair bem de elles, se estremecerá só ao pensar no perigo que se correu.

Audacia é, so assim nos podemos exprimir, uma especie de *arrojo* habitual, que não recua ante nenhum perigo, que não se acobarda ante nenhum obstáculo.—So qualificarmos um acto de *audaz*, suppomos que quem o pratica é capaz de outros actos de igual alcance, o que não so dá qualificando-o de *arrojado*, pois, como dissémos, o *arrojo* não é qualidade conhecida antes de ser exercitada. — Este vocábulo é muito frequentemente empregado em mau sentido, e por isso, quando a *audacia* tem por objecto uma acção de mérito se lhe dá o qualificativo do «nobre», «sublime», etc.

Temeridade (do latim *temere*, ás cegas), se diz das acções imprudentes o presumptuosas em que se obra ás cegas, sem reflexão e sem o menor assomo de prudencia. A *temeridade* tem geralmente maus resultados; e, se por acaso, o *temerario* so sair bem do acto que levou a effeito, é ainda assim mais digno de censura que de louvor.

Do *descaro*, vocábulo que só é synónymo dos precedentes quando olles são tomados a má parte, ver-se-á o que diz Roquete, pois do seu dicionario é o que segue:

«O *atreuimento* suppõe uma resolução da «vontade, acompanhada de confiança em «nossas proprias forças, por conseguirmos um «fim árduo.—A *ousadia* suppõe o desprezo «das difficuldades, ou riscos superiores a «nossas forças, porém acompanhada de uma «excessiva confiança na fortuna ou na casualidade.—O *arrojo* não suppõe nenhum «género de confiança, senão uma cegueira «com que temerariamente nos expomos a «um perigo, sem examinar a possibilidade «nom a probabilidade de sair bem de elle.

«Um *tourciro* é naturalmente *atrevido*, e «o deve á fundada confiança que tem em «sua habilidade e ligeireza; porém se, apartando-se das precauções communs conhecidas da arte, se empenha, por vaidade, «numa sorte arriscada, dizemos que é *ousado*, porque despreza com excessiva confiança um risco superior aos meios, que «pode naturalmente empregar para sair «bem do lance, entregando-se demasado «á fortuna ou á casualidade. Se picado dos «desprezos do concurso, cego de colera e «despeito, expõe temerariamente sua vida «numa sorte contra toda probabilidade de «sair bem de ella, dizemos que é *arrojado*, «que é um *arrojo* o que faz, porque não o «move a isso a confiança que tem em sua

«destreza, nem o que pode dar de si a fortuna ou a casualidade, senão uma cega «prociplitação, que lhe faz preferir, naquelle momento, a probabilidade de ficar morto na praça á vergonha de vor-se desprezado e escarnecido.

«Posto que *atreuimento* tenba a significação nobre que acabamos de ver, com tudo «toja-se quasi sempre á má parte, como «acção despejada para mal, faltando ao respeito, ao dever, etc. O mesmo se diz de «*arrojo*, que é um *atreuimento* *arrojado*.

«*Audacia* é o mesmo que *ousadia* segundo a etymologia, pois ambos vêm de *au-deo*, ousar; mas como palavra culta, parece conservar mais a força que tinha na lingua latina, em que representava, segundo Cícero, a acção em que um homem se expunha ao perigo por vaidade ou capricho, e não por utilidade commun. No sentido moral é o mesmo que «despejo» ou «*atreuimento* descomedido».

«*Descaro* ou *descaramento* é mais forte que as precedentes tomadas em sentido moral; nunca se toma em boa parte, senão em péssima e detestável, equivalente de «desavergonhamento», «impudencia», «desaforo», «falta absoluta de pejo, de respeito, ainda com as pessoas de maior consideração.»

«O *atreuimento* e o *arrojo* suppõem valor o segurança; a *audacia*, elevação de idéas; o *descaro*, falta do moralidade.—*Descaro* diz muito mais que *audacia*, e *audacia* ás vezes mais que *arrojo*. O homem *descarado* não tem moralidade alguma; o *audaz* carece de respeito e de reflexão, assim como o *arrojado* de temor.—O amor da verdade pode levar-nos alguma vez a fallar com *atreuimento*, e ainda com *arrojo*; mas não deve nunca degenerar em *audacia*, ainda menos em *descaro* que só é proprio de gente desavergonhada.»

De *atreuimento*, *ousadia* e *audacia* encontramos o seguinte nos synónymos de D. José Joaquim de Mora:

«Estes vocábulos significam a determinação de executar uma acção arriscada, «arrostar um perigo, ou de expôr-se a um mal. O *atreuimento* pode provir de um impulso impremeditado (¹); a *ousadia*, da indole ou dos hábitos; a *audacia* é um excesso de *ousadia* ou de *atreuimento*. O *atreuimento* pode ser louvável, é muitas vezes «necessario; a *ousadia* nunca deixa de ser imprudente; a *audacia* é apalxonada, criminal ou herolca.»

V. tambem o artigo **Abalancar-se** nas páginas 10 de este dicionario.

(1) Como se vê no que dissémos da «*atreuimento*», discrepamos neste caso, pois para nós todo «*atreuimento* impremeditado» é um «*arrojo*».

Atro, negro, preto.—*Atro* é termo poético; considera o *negro* como a negação do toda a côr, e qualifica-o como causador de uma impressão triste e sombria.

Negro se diz particularmente do que tem por natureza essa côr; *preto*, do que é de côr tão escura que quasi se confunde com o *negro*. — Não duvidamos que o que dizemos de *preto* pareça extranho aos dicionaristas que consideram como synónimos perfeitos *preto* e *negro*, mas não podemos, para comprazer-lhes, desviar os vocábulos da sua verdadeira significação.

Atenção, applicação, reflexão, meditação, contensão; percepção.— *Atenção* é o termo genérico, de que os outros do este grupo são as especíes. Este vocábulo designa o facto do nosso espirito se inclinar voluntariamente para um objecto, considerando-o nos varios aspectos que lhe constituem o todo.

Quando a *atenção* é demorada, persistente, séria, denomina-se *applicação*. *Pres-tamos attenção ao conto que ouvimos. O estudo necessita applicação.* — Note-se que ba espiritos capazes de *atenção* e incapazes de *applicação*.

A *reflexão* é a *atenção* que se presta, não aos objectos exteriores, mas aos factos internos do espirito, ás idéas, aos sentimentos, etc. Um autor disse que a *reflexão* é uma operação mental em que o espirito se examina a si proprio, e não abandona o seu posto de observação sem haver obtido um resultado que lhe permita ter opinião bem assente a respeito do que esteve analysando.

Além de essa acceção, o vocábulo *reflexão* serve tambem para designar o proprio resultado da operação assim chamada, o é por isso que muitos autores denominam *reflexões* os «pensamentos» que publicam.

Meditação é uma especie de *reflexão* prolongada e persistente. Não obstante ha entre os dois vocábulos uma differença notável, e é que a *reflexão* deduz consequências, em quanto a *meditação* se exerce sobre factos cujas consequências se conhecem antecipadamente. *Antes de emprender um negocio importante necessitamos reflectir, não meditar.*—A paixão do Redemptor é um assumpto de *meditação* para os crentes, não de *reflexão*.

Tambem com este vocábulo se designam os pensamentos que são o resultado da *meditação*.

Contensão é o vocábulo com que se designa uma *atenção* ou *applicação* excessiva. Ao espirito apresentam-se raramente problemas que o forcem á *contensão*. Quando a *contensão* é demasiado prolongada pode originar perturbações mentaes.

Em quanto ao vocábulo *percepção* não lhe encontramos synonymia com os outros termos de este grupo; so entre elles o inclui-

mos é por o acharmos comparado com *at-tenção* em varios Dicionarios de Synónimos de linguas estrangeiras, e mesmo nos de Roquette e de Lacerda.

Eis o que diz o primeiro:

«O acto pelo qual a nossa alma *atende* a um objecto e busca conhecê-lo e considerá-lo, chama-se *atenção*, se o objecto é externo, como os corpos; se o objecto ou objectos são internos, como as idéas ou as varias modificações da consciencia, chama-se *reflexão*. — A *percepção* é a faculdade de perceber os objectos reaes, como definem os philosophos modernos. Differe das duas precedentes em que esta é faculdade primaria, pela qual alcançamos o conhecimento da verdade; as outras são faculdades subsidiarias.

A differença que se dá entre a *reflexão* e a *percepção*, segundo Rosmini, é esta: «A *percepção* limita-se ao objecto percebido; do; não vae fora d'elle; a *reflexão* ao contrario é, como está dizendo a palavra (de *re* e *flecto*, dobro segunda vez), um redobramento da linha *atenção* sobre as cousas percebidas; de aqui vem que elle não se limita aos objectos do cada uma das *percepções*, mas pode diffundir-se sobre muitas *percepções*, ao mesmo tempo, e de muitas *percepções* com suas relações fazer um só objecto. A *reflexão* pois respectivamente á *percepção* é geral, porque tem por objecto quantas *percepções* ella quer, sendo que a *percepção* a respeito de sua *reflexão* correspondente é particular. Assim que a *reflexão* poderá chamar-se uma *percepção geral*, isto é, uma *percepção de muitas percepções*. Quando penso no estado da minha mente e passo em rezenha as idéas que nella se acham, á cerca do tal ou tal objecto; quando digo em mim mesmo: «Possuo estes conhecimentos;» quando disponho de estes meus conhecimentos pelo raciocinio, os ponho em ordem, os comparo, os deduzo uns dos outros, etc., então é que eu *reflecto*, e a minha *reflexão* será tanto mais importante quanto for maior e mais aturada a *contensão* de meu espirito».

Lacerda diz o mesmo em menos palavras:

«*Atenção* é o acto pelo qual a nossa alma *atende* a um objecto externo, e busca conhecê-lo e considerá-lo; se o objecto ou objectos são internos, como as idéas, ou varias modificações da consciencia, chama-se *reflexão*. A *percepção* é a faculdade de perceber os objectos roaes. A *percepção* limita-se ao objecto percebido; a *reflexão* é um redobramento de *atenção* sobre os objectos percebidos».

Atenção, cuidado, vigilancia, exactidão.— *Atenção* é o facto do nosso espirito se inclinar voluntariamente para um objecto e permanecer attento.

Cuidado é a atenção quo tempo por objecto o velar por aquillo que se considera, seja para que não soffra deterioração, seja para executá-lo com perfeição. — No cuidado desdobra-se mais actividade quo na *atensão*, esta exigindo apenas o estar attento; aquelle inculcando ademais uma certa inuclatção pelo resultado que se deseja obter.

A *vigilância* (do latim *vigilantia*, de *vigil*, que vela), é uma *atensão* continua quo faz com que estejamos sempre volando e prevenidos para não sermos surprehendidos ou prejudicados.

Roqueete nada diz de estes vocábulos, mas sim Lacerda que compara *atensão* com *vigilância*, dando-lhes tambem por synónimo o vocábulo *exactidão*.

«A *atensão* — diz elle — no sentido moral, faz que nada nos escape: para ser *attento*, basta presença de espirito. — Em «ella (na egreja) com pura e religiosa *atensão* do ânimo estemos ao sacrificio da «mui santa Missa. — A *exactidão* faz que nada se omita: para ser *exacto* basta ter memoria. A *vigilância* emprega-se para «que nada se despreze: para ser *vigilante* «é necessario ser activo. Um mesmo homem pode ser magistrado *attento*, negociador *exacto*, e capitão *vigilante*. O homem prudente é *attento* no seu proceder; «*exacto* nos seus deveres; e *vigilante* acerca dos seus interesses.»

Attendo, escutar. — «São synónimos estes verbos quando exprimem a idéa «de prestar *atensão* ao que se diz, com a «seguinte differença: *Escuta-se* para se ouvir bem o que se diz. *Attende-se* para compreender bem o que se ouve. O primeiro «representa uma função do órgão do ouvido; o segundo uma operação da nossa «alma. O que ouve bem um orador, *attende* «para não perder nada do discurso. O que «está longe *escuta* para o poder ouvir. Para *escutar* evita-se o arruido: para *attender* evita-se a distracção.» (LACERDA).

Attentado, crime, delicto, transgressão, peccado. — *Attentado* tem duas acceções muy distinctas. Na primeira, exprime-se que o acto criminal foi planeado e começado a perpetrar não sendo porém consummado, por circumstancias independentes da vontade do criminoso. Na segunda indica-se com esta palavra um de aquelles crimes que causam indignação, seja por revelar instinctos depravados no criminoso, seja por o acto ser praticado contra quem ou o quê é geralmente acatado e respeitado. — Como exemplo da primeira acceção apontaremos o *attentado* que alguns nobres, instigados pelos jesuítas, praticaram nas terras da Boa-Hora para assassinare o rei D. José. — Como exemplos da segunda, citamos o *attentado* contra Carnot, os frequentes *atten-*

tados dos governos contra as liberdades publicas, e transcrevemos de um periódico quo no anno de 1898 foram condemnados pelos tribunaes francezes 217 ecclesiasticos, frades e religiosos por *attentados* repugnantes na pessoa de menores.

Crime é o acto pelo qual a vida, a propriedade, a honra, os direitos ou os interesses alheos, são atacados ou aniquillados. Ha *crimes* graves, e *crimes* leves.

Delicto é uma infracção á lei; não se lhe pode attribuir a gravidade do *crime*. Muitas vezes commette-se *delicto* sem infringir as leis moraes, e frequentemente, tambem, infringem-se as leis moraes sem commetter *delicto*. O *crime* quasi sempre imprime baldão em quem o commette; o *delicto* não.

Transgressão, na ordem de idéas de que aquí nos occupamos, se diz dos actos de pouca importancia em que a lei é infringida. Não obstante, este vocábulo é de vasta extensão, pois é claro que não pode dar-se *crime* nem *attentado* sem haver *transgressão* á lei.

Peccado é a *transgressão* á lei religiosa. Quando essa lei é transgredida em pontos capitais, diz-se que o *peccado* é mortal; quando se transgrede em pontos secundarios, chama-se *peccado venial*. — Acrescentaremos que os casuistas, provavelmente pela sciencia que directamento de Deus hão recebido, estabeleceram tanto nos *peccados mortaes*, como nos *veniaes*, uma innumerável classificação ou gradação de que provávelmente nos occuparemos em obra de indole muy differente a esta.

Concluiremos este artigo expondo o que Roqueete disse de *attentado*, *crime* e *delicto*: «De estas trez palavras a mais genérica «é *delicto*, que indica *transgressão* de dever, qualquer acção ou commissão externa, imputável, contra as leis humanas — «Quando o *delicto* demanda a vindicta pública, o é como tal designado nas leis criminaes, e por ellas punido, toma o nome de *crime*. — Quando o *crime* é um excesso «grave que offende as cousas mais sagradas e respeitáveis pertencentes á ordem social, chama-se *attentado*. — Um roubo, uma traição, são *crimes*; opprimir a seus concidadãos, commetter um assassinato, «tirar a um marido sua mulher, um filho a seu pae, são grandes *attentados* contra os «mais sagrados direitos da natureza e da sociedade. — Nem todos os *crimes* são *attentados*, porque nem todos attentam aos «direitos sociais; porém todos os *attentados* são *crimes* porque commovem a sociedade em seus principios fundamentais. O «fazer traição a um amigo é *crime*, o dar-lhe morte é *attentado*, e assim será este «um *crime* atroz e o mais contrario á ordem «pública.»

Attentado, tentativa. — O primeiro dos estes vocábulos, como vimos numa

das accepções que lhe attribuímos no artigo precedente, apresenta o facto como consummado com êxito completo.

Tentativa apresenta o facto como estorvado ou impedido por causa alheia á vontade do perpetrador.

A mesma differença deve existir entre os verbos correspondentes *attentar* e *tentar*; não obstante, e em autores a quem não pode attribuir-se desconhecimento da lingua, se vê frequentemente o verbo *attentar* designando acção não só não consummada, senão até não iniciada.

Attestar, protestar.—*Attestar* (do latim *ad e testis*, testemunha), é testemunhar, declarar formalmente, não para exprimir o proprio sentimento, senão para levar o convencimento ao espirito da pessoa ante a qual se *attesta*.

Protestar (do latim *pro*, diante, e *testis*) é um acto que redunde em proveito proprio; em descargo, por assim dizer, da propria consciencia; feito perante testemunhas, e ante ella declarando o sentimento pessoal, ou a verdade tal como é conhecida pela pessoa que *protesta*.

Attesta-se o que a outro convem que se saiba; *protesta-se* do que sabemos de nós mesmos, até no caso de que de antemão estejamos convencidos de não nos ser dado crédito.

Atticismo, urbanidade.—Só remota synonymia pode hoje existir entre estes vocábulos, e se não occupamos em comparal-os é por os verno a par nos dictionarios antteriormente publicados. De elles diz Roquete:

«Chamavam os antigos *atticismo* á delicadeza e bom gosto na linguagem, qualidade que fazia sobresair os Athenienses entre os demais Gregos; no mesmo sentido o entendemos ainda hoje, falando de estylo culto ou esmerado.

«Tambem conservamos os antigos a palavra *urbanidade*, que indica a esmerada linguagem da gente da cidade ou capital.

«Quintiliano diz que a *urbanidade* consiste em que as cousas que dizemos sejam ditas em taes termos, ue não haja nellas nada dissonante nem grosseiro, baixo ou trivial, nem que toque em palavras, phrases, pronuncia e tom de algumas provinciaes.

«É mais extensa a significação de *atticismo*, pois comprehende toda a graça de um estylo ligeiro e correcte sem embargo, o *atticismo* limita-se só a linguagem, e a *urbanidade* se extendê a acções e maneiras. Neste sentido é o geralmente so usa, e em rigor naquillo só se poderá usar falando dos antigos Romanos, de cuja cidade *urbo* vem a palavra *urbanidade*, assim como de *Atta* — *Attike* — vem *atticismo*».

Roquete não teria, sem dúbida, comparado estes vocábulos se não os encontrasse comparados nos Dictionarios francezes de Synonymos, lingua em que o vocábulo *urbanité* tem uma extensão mais considerável que a nossa *urbanidade*. Apesar de isso os synonymistas francezes não comparam estes vocábulos como tendo grande analogia entre si. Eis o artigo que de elles so lê no mais moderno dos esses Dictionarios:

«Ces deux mots sont synonymes dans l'acception de grâce, de politesse, de bon goût dans le langage.

«*Urbanité* désigne les qualités du langage qu'on parle à la ville, mais ce sens est assez rare, et ce mot s'applique bien plutôt aux mœurs, aux manières qu'au langage et au style, et même dans ce sens, il se rapporte non seulement aux choses que l'on dit, mais au ton de l'orateur, à la prononciation, à l'attitude. — *L'atticisme* me (ce qui est propre à l'Attique) ne se dit, au contraire, que relativement au style et à la manière de parler, pour caractériser ce qu'il y a à la fois de plus pur et de plus élégant dans le langage, par allusion à la correction et à l'élégance de la langue parlée à Athènes, comparée aux autres dialectes grecs: un écrivain correct a de l'*atticisme* comme un orateur élégant a de l'*urbanité*».

Attinente, relativo.—*Attinente* differere de *relativo* em este poder empregar-se quando a relação é objectiva entre o sujeito e o termo, e tambem quando ella é subjectiva, isto é: quando a relação é real, ou só quando o espirito a pode deprehender; aquelle, *attinente*, só pode empregar-se neste último caso. — Notemos tambem que *attinente* é vocábulo de muito pouco uso.

Attinente, contiguo.—Duas cousas são ou estão *contiguas* quando se tocam.

Duas cousas não podem ser *attinentes*; uma porém pode estar *attinente* do outra principal, com tal que de ella dependa tão intimamente que entre as duas haja contacto mediato ou immediato. *As cocheiras estavam attinentes ao palacio com o qual communicavam por um corredor que formava arco sobre a rua.*

A dependencia não é condição indispensável do que está *contiguo*; é-o porém do que está *attinente*.

Attingir, alcançar.—*Attingir* designa uma acção menos completa que *alcançar*.

Alcançar é pôr-se ao lado de, ou penetrar em aquillo que se *alcança* — *Attingir* é chegar a tocar na parte posterior ou lateral da pessoa ou da cousa que so pretende *alcançar*.

Figuradamente subsiste entre os dois vocábulos a mesma differença: Quem *alcança*

ça fortuna. goza-a; quem apenas a attitud-ge não chega a gozal-a.

Attitude, postura, posição, gesto. — *Attitude*, na linguagem hodierna, e na ordem de idéas em que consideramos os vocábulos de este grupo, é o que, na pessoa, nos revela os sentimentos que na actualidade a dominam. Assim diz-se *attitude* ameaçadora; *attitude* indifferente; *attitude* supplicante, etc. Este termo, exclusivo antes ás bellas-artistas, não é, como alguns o alcuuham, gallicismo; esses pretendiam que o vocábulo *gesto* era o genuinamente adequado, mas como adiante veremos, o *gesto* differe muito da *attitude*, vocábulo que, dito seja de passo, nos vem do italiano *attitudine*, e não do francez — *attitude* —, os termos de bellas-artistas que possuímos vindo-nos todos por importação directa da terra clássica da arte, a Italia.

Postura differe de *attitude* em este vocábulo, *attitude*, revelar o sentimento proprio; e aquelle, *postura*, fazer allusão á apreciação albeia. A *postura* decente de uma pessoa, será nella uma *attitude* de decencia; porém com o termo *postura*, não nos referimos ao sentimento de essa pessoa, mas á apreciação que os outros fazem da sua *attitude*.

Convem ter presente que *attitude* e *postura* se dizem do conjunto do corpo, não de cada uma das suas partes; por consequencia devemos evitar phrases taes como: a *postura* da cabeça; a *postura* das mãos, etc., phrases em que *posição* ou *gesto* são o termo adequado.

Posição — referindo-nos sómente ao que de esta palavra é relativo ás pessoas, diz-se da direcção que se dá aos membros, á cabeça, ao busto. Um braço extendido horizontalmente não pode permanecer muito tempo nessa *posição*.

Gesto é um movimento do corpo todo, ou só da cabeça ou dos membros, que exprime um sentimento, uma paixão. O *gesto* é rápido, e nisso differe também da *attitude*, pois esta é relativamente demorada. Um *gesto* basta para despedir um criado.

De *attitude*, *postura* e *gesto* disse Roquete: «No desenho, pintura e escultura usa-se da palavra *attitude* para indicar uma *postura expressiva*; applica-se pois ás figuras animadas quando são destinadas a exprimir sentimentos, paixões, ou estados do homem. — O estado do corpo relativamente ao lugar, ao acto de estar, ou de se apresentar chama-se *postura*. — Se a *postura* é apta, accommodada, conveniente para algum fim, bem lançada em seu ar, dá-se-lhe o nome de *geito* (sic), que exprime mais que *postura* e é mais vulgar que *attitude*.

«A differença que boje justamente se faz entre *attitude*, que é termo de artes, e *postura* que é expressão genérica, não era co-

nhecida dos nossos bons escriptores, pois Camões, na magnifica descripção do gigante Adamastor, onde certamente cabia a bem a palavra *attitude*, diz:

«O rosto carregado, a barba esqualida,
«Os olbos encovados, e a *postura*
«Medonha e má.

(Lus., V, 39.)

«E nas Rimas, Ode 10.

«O gesto bem tallado,
«O airoso meneio e a *postura*.

«E Mousinho no Affonso Africano, canto VIII.

«Os olhos poz no campo, e divisava
«Um mouro na *postura* e segurança.»

Neste artigo, e devido a erro typographico saiu *geito* por *gesto*. Lacerda copando, como de costume, de Roquete, não deu pelo erro, e no seu artigo, como vimos ver, repetiu-o. Seja-nos porém permitido dizer que tal inadvertencia não é para extranhar, o deão D. José de Lacerda sendo, como era, socio effectivo da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

Eis o seu artigo:

«Usa-se da palavra *attitude* no desenho, pintura e escultura para designar uma *postura expressiva*. O estado do corpo, com respeito ao lugar, ao acto de estar, ou de se apresentar, chama-se *postura*. Se a *postura* é accommodada, conveniente para algum fim, dê-se-lhe o nome de *geito*, que exprime mais que *postura*, e é mais vulgar que *attitude*. A differença entre *attitude*, que é termo das artes, e *postura*, que é expressão genérica, não é tida em conta pelos nossos antigos escriptores.»

Attracção gravitacão, peso ou gravidade. — Apesar de estes vocábulos estarem perfeitamente definidos pela sciencia, cab-lhes aqui um lugar.

Attracção a tendencia que os corpos celestes têm para se attrair mutuamente.

A *gravitacão* é a causa da tendencia chamada *attracção*; define-se geralmente: «força em vidade da qual todos os corpos celestes tendem uns para os outros em razão directa do seu volume e na inversa do quadrado das suas distancias».

Peso o *gravidade* é a qualidade abstracta de todos os corpos, em virtude da qual elles tendem a cair na direcção do centro da terra — Apesar de estes vocábulos serem synonymos perfeitos, *peso* só se diz ao falar do nosso planeta, e *gravidade* quando se fala o nosso ou dos outros.

Frequentemente emprega-se a palavra *attracção* para designar a força de cohesão pela qual as partes de um mesmo corpo se attrahem e estabelecem o contacto imme-

diato e permanente; em tal caso, e para evitar confusões, denomina-se essa força *atração molecular*.

Lacerda, sem de esta vez copiar de Roquette, diz o seguinte:

«*Atração* é uma força invisível que ha «em a natureza, que sollicita as moléculas «da materia a aproximarem-se umas das «outras debaixo de certas leis. *Gravidade* «é a mesma força, mas considerada partil- «cularmente como sollicitando cada uma «das particulas da terra, ou de qualquer «astro, a aproximarem-se do centro da mes- «ma terra, ou de esse astrô. *Gravitação* é «ainda a mesma força, considerada nos «grandes corpos de que se compõe o syste- «ma do mundo, sollicitando uns para os ou- «tros, e todos para um centro commum. «*Affinidade* é aquella mesma força exer- «cendo a sua acção nas moléculas mínimas, «e em curtas distancias. *Peso* é o resultado «da acção da *gravidade*».

Attractivos. embellezo. encan- tos. — O segundo de estes vocábulos não é portuguez, pelo menos no sentido que os outros têm; poder-se-á dizer no sentido de «embellezamento» ou de «aformoseamen- to», não porém noutro qualquer. Roquette, de quem o tomamos, quiz imitar o castelhano *embeloso*, que significa «pasmos», «suspensão dos sentidos», e tambem o pro- prio «objecto que causa o pasmo»; mas dobrando-lhe o l, como fez, passou-o para a familia do *bello* e *embellecer*, o qno lhe faz perder toda synonymia com os outros vocábulos do grupo. De isto deu conta Lacerda, pois comparando *attractivos* com *encantos* não menciona tal *embeloso*, como nós escreveríamos se o adoptássemos.

De estas palavras, pois, occupar-nos-emos somente de *attractivos* e *encantos*.

Attractivos diz-se do que, sendo real ou simplesmente apparente, nos attrae; *encantos* diz-se do que realmente existe na pessoa ou na cousa que observamos. A juven- tude amável e bella é um *encanto* que nos seduz; a meia idade da mulher refalsada que sabe pintar-se com arte e fingir-se amável e carinhosa, são *attractivos*.—Uma festa pomposamente annunciada offerece-nos *attractivos* que nos induzem a assistir a ella; se o programma se executa tal qual nos foi inculcado, esses *attractivos* são reaes, e formam para nós um *encanto*.

Roquette entende-o de modo muito diver- so. Diz effe:

«Assim como os corpos se attraem mu- tuamente por uma força occulta que cha- mamos *atração*, assim tambem os entes «animados têm certa tendencia uns para «os outros com que se buscam e desejam «unir-se: nisto consistem os *attractivos*. A «formosura, a graça no semblante, a mei- guice na conversação, os carinhos, aga- salbos, affagos no trato, são *attractivos*

«que conciliam os affectos, *attraem* a von- tade e muitas vezes arrastam o coração.— «*Embellez* não é palavra que tenha auto- ridade clássica, mas é mui apta, e por «ventura necessaria, para exprimir o em- bebecimento, a suspensão do ânimo quan- do attento considera cousa mui bella o «maravilhosa. R' o effeito que a formosura «produz em nossa imaginação, e ás vezes «em nosso coração.—Os *encantos* consistem «principalmente no engano e illusão dos «sentidos acerca do objecto que nos *encan- ta*. — Os *attractivos* *inspiram* a incli- nação; do *embellezo* nasce o desejo; os «*encantos* *produzem* a paixão».

Estes exemplos, que nós perfilbaríamos, estão em perfeito accordo com o que de *attractivos* e *encantos* dissémos; estão porém em completo desacordo com o que diz o autor citado.

Eis agora o artigo de Lacerda:

«*Attractivos* são a formosura, a graça no «semblante, a meiguice, os carinhos, a «amabilidade na conversação, o bom gasa- lhado, os affagos no trato, etc., que conciliam as affeições, *attraem* a vontade, e «muitas vezes captivam o coração. Os *en- cantos* consistem principalmente no enga- no e illusão dos sentidos em relação ao «objecto que nos engana. Os *attractivos* *in- spiram* a inclinação; mas a paixão nasce «dos *encantos*».

Attribuir. Imputar. — Convem estabelecer antes de tudo a etymologia de estes vocábulos para melhor lhes comprehendermos o sentido.

Attribuir vem do latim *attribuere*, de *ad*, a, e *tribuere*, conceder. — *Imputar* tambem nos vem do vocábulo latino *imputare*, levar em conta, do *in*, em, e *putare*, contar.

Attribuir é pois conceder que tal effeito é devido a tal ou tal causa; e *imputar* é deitar á conta da causa o effeito que se considera; isto é, quando *se attribue*, a idéa principal está ligada á causa.

Dizer que uma cousa foi feita por uma pessoa, ou que provem de alguma outra cousa, não nos referindo senão ao facto, e não ao mérito ou desmérito de quem ou do quê a occasiona, é *attribuir*. — Referindonos ao mérito ou ao desmérito da pessoa, é *imputar*. — Portanto *attribuem-se* factos a pessoas e a cousas; mas *imputam-se* somente a pessoas, e não ás cousas, pois só as pessoas são responsáveis dos seus actos, e não as cousas, não podendo por isso mesmo *imputar-se-lhes* aquillo de que não podem dar conta (*putare*). As pessoas, por obrarem livremente, podemos tornal-as responsáveis das suas acções; isto é, podemos-lhes *imputar* essas acções; ás cousas, que são inconscientes, podemos-lhes *attribuir* actos, não porém pedir-lhes conta de elles. As pessoas *imputa-se* o bem e o mal; mais frequentemente o mal que o bem; ás cousas

attribue-se o mal e o bem, sem limites do especie alguma. **Attribuem-se** ou **imputam-se** a *Bocage* algumas *facecias indecentes*: **attribuem-se-lhe** pelo chiste de ellas; **imputam-se-lhe** por o julgarem capaz do as ter dito ou executado. — *Uma epidemia* **attribue-se** (mas não **se imputa**) ao irregular da estação. A mesma epidemia pode **attribuir-se** (ou melhor **imputar-se**) ao desleixo das autoridades. — *A invenção da pólvora é* **attribuida** a um frade (não **imputada**, a não ser que o queiramos tornar responsável das mortes que ella teu feito nos campos do batalha).

Eis o que de estes vocábulos disse Riquet:

«Estas duas palavras exprimem a acção de applicar a alguém uma cousa, dando-o por autor de ella; mas differenciam-se em que *attribuir* é dar alguém por autor de uma cousa por uma pretensão vaga ou simples asserção, e *imputar* é *attribuir-lhe* applicando-lhe logo o mérito ou demérito da acção. Em geral diz-se *attribuir* falando das cousas mesmas, e *imputar* falando do mérito de ellas. — *Attribue-se* uma obra ao que se crê ser autor de ella; *imputa-se* um facto áquelle que cremos ser causa mais ou menos remota, directa ou indirecta de elle. — *Attribue-se* a ruína dos imperios aos conquistadores, porque chegam a completal-a; e deve *imputar-se* aos maus governos, porque foram a causa principal. — Os legisladores antigos *attribuíam* suas leis aos deuses com quem fingiam-se tratar em comunicação. A maior parte dos defeitos dos filhos podem *imputar-se* aos paes por não saberem dar-lhes boa educação. — Algumas vezes *attribuímos* as cousas com ligeireza; outras *imputamo-las* arbitrariamente e caprichosamente. Para *attribuir*, basta que a cousa seja provável; para *imputar* são necessarias provas. A opinião *attribue*, e a parcialidade *imputa*. — *Attribuir* toma-se indifferentemente tanto em bom como em mau sentido: *imputar*, sempre em mau.»

E' o que Lacerda repetiu:

«Estes dois verbos exprimem a acção de referir a alguém uma cousa dando-o por autor de ella; porém differenciam-se em que *attribuir* é dar alguém por autor de alguma cousa vagamente, por simples asserção; e *imputar* é *attribuir-lhe*, applicando-lhe logo o mérito ou o demérito da acção. *Attribue-se* uma obra ao que se crê ser autor de ella; *imputa-se* um facto á pessoa que cremos ser causa mais ou menos remota, directa ou indirecta de elle. *Attribue-se* a ruína dos imperios aos conquistadores, e deveria *imputar-se* aos maus governos, que facilitaram a conquista. *Attribuir* toma-se indifferentemente em boa ou má parte: *imputar* toma-se quasi sempre em mau sentido.»

Attributo, predicado, propriedade, qualidade. — *Attributo* se diz do que, estando na essencia da pessoa ou da cousa, lhe pertence tão indiscutivelmente que a pessoa ou cousa deixaria de ser o que é se lhe faltasse tal *attributo*. *A eternidade é um dos attributos de Deus*.

Predicado é o que se exige na pessoa ou cousa para ser tida como valida ou verdadeira: *a tolerancia é um dos predicados da liberdade*. — *Predicado* e *attributo*, que são synónymos perfectos em lógica, differenciam-se na linguagem vulgar: 1.º em *attributo* se considera como existente, e o *predicado* como exigido; 2.º em o *attributo* constituir estado, e o *predicado* acção.

Propriedade é o que, pertencendo exclusivamente á pessoa ou cousa, a torna distincta e inconfundível, constituindo uma das suas virtudes: *a propriedade do iman é a de attrair o ferro*. *A sicula tem propriedades venenosas*.

Qualidade é o que faz com que uma cousa seja tal como se diz; *papel de boa qualidade; papel de má qualidade*. *Fulano tem boas qualidades*.

Attributo, nome predicativo. —

Ao ter de comparar estas duas expressões não podemos deixar de lamentar que individuos, que pelos seus vastos conhecimentos muito podiam fazer em pró da simplificação do ensino da lingua portugueza, e que muito podiam contribuir para a aperfeiçoar, hajam empreendido uma tarefa de innovação em que só a confusão e a verbosidade têm a ganhar, e o saber tudo a perdêr; que bomens a quem a prática do ensino tem mostrado de sobrejo os pontos em que elle se resente, lhe hajam, em vez de remediar a carencia, augmentado as difficuldades; e que mestres, que bem podiam — já que ellas não existem — elaborar regras de construção, e prevenir dos defeitos a evitar, hajam despedido a senda que a prática quotidiana lhes indica por aquella outra em quo, por entre abrolhos e árduas difficuldades, só se consegue chegar ao emmaranhado da confusão por caminho mais longo e cansado. Multo, effectivamente, é para lastimar que os mestres de portuguez que passam o tempo — tempo precioso — fazendo análizes que não conduzem a nenhum fim pratico, hajam querido salientar-se buscando nas pobres e rudes linguas do norte expressões que lhes são proprias para as nacionalizar entre nós, sem que de abl obtenham proveito nem gloria, a não ser que reputeem por proveito os magros cobres que o favoritismo official lhes faz obter approvando-lhes as descabeladas obras, ou que tenham por gloria a admiração que lhes tributam os que os toam por inventores. — Não pudemos deixar de exprimir este nosso sentir ao ter de comparar o vocábulo *attributo* com a ex-

pressão nome *predicativo*, aquelle e esta sendo synónymos perfeitos, apenas com esta differença, que *attributo* é o vocábulo sancionado pelo uso a través dos séculos, e que *nome predicativo* é a traducção portugueza da denominação que ao *attributo* se dá nas línguas a que antes alludimos.

Attrito, roce. — Um e outro de estes vocábulos designam o acto de um corpo que passa tocando levemente pela superfície do outro corpo.

Roce designa essa idéa sem despertar nenhuma ontra que accessoriamente lhe seja subjectiva; *attrito* ostabelece que o *roce* occasiona resistencia. — O *roce* do vestido pelo tapete; o *roce* da bala pelo chapéo. — O movimento da roda era contrariado por dois *attritos* que encontrava em cada giro.

Aturar, soffrer, supportar, aguentar, tolerar, padecer. — *Aturar* é, de todos os vocábulos de este grupo, o que melhor exprime a idéa de paciência, quando o mal sentido é occasionado por pessoas. Para *aturar*, é necessario possuir a virtude de resistir muito tempo sem se deixar arrebatado pela cólera, sem se indignar, sem se insurgir. « O filho submisso, » diz Roquete, *atura* muito ao pae velho e rabijento ».

Soffrer é, por assim dizer, o termo genérico de que os outros de este grupo são especies; diz-se tanto dos males contra os quaes nos podemos insurgir, como de aquelles contra os quaes não podemos lutar, e nisso se differença de *aturar*, que só se pode dizer dos primelros: *soffreu-se* dores de dentes (não se *aturam*); *soffreu-se* ou *aturou-se* impertinencias. — A idéa principal que se occorria em *soffrer* é a de que o desgosto que nos causam, ou que a dor que se sente, são accetidos com certa resignação; não a havendo, *padecer* é o termo mais appropriado para exprimir a idéa. Assim *soffrer* é sempre *padecer*, mas *padecer* não é *soffrer*. Quem *soffre* dores pode queixar-se, lastimar-se, sem porém se abandonar á desesperação; quem *padeece* grandes dores, grita, profere imprecções, desespera-se.

Supportar suggere que o mal, ou o padecimento é pesado, e de ahí quo ha, da parte de quem soffre, força, vigor, energia. O homem de coração *supporta* os golpes da adversidade. O pequeno destacamento, depois de haver *supportado* com valor os soffrimentos do sertão, chegou ao termo da viagem.

Aguentar, apesar de ser termo popular, é expressivo e enérgico para encarecer a idéa do *supportar*, particularmente quando se fala do que é materialmente pesado, ou do que se compara a um grande peso. *Aguentar* mais tratos e privações de toda a especie. — *Aguentar* denota maior força,

maior robustez que a necessaria para *supportar*.

Tolerar, como bem indica a sua afinidade com *tolerancia*, suggere a idéa de concendencia, de haver-se adoptado uma linha de conducta, um systema, um hábito, que se julga effizaz para evitar males que se reputam peores. Um pae *tolera* que seu filho se dedique á caça para evitar que frequente más companhias.

O que de estes vocábulos — á excepção de *aguentar* — dizem Roquete e Lacerda, é o seguinte:

De Roquete:

« *Soffrer* exprime a idéa geral e absoluta de levar o mal que nos acontece, ou nos fazem. *Padecer* exprime particularmente o soffrimento physico do individuo. *Aturar* é *soffrer* com repugnancia e de mau grado. *Supportar* é *soffrer* com paciência e conformidade. *Tolerar* é também *soffrer* por offeito de prudencia, ou do boa educação, porém é *soffrer* em silencio.

« O que tem desgostos domésticos, enfermidades, se vê em pobreza, ou injuriado, *soffre*; o que tem dores, *padeece*; o filho submisso *atura* muito ao pae velho e rabugento; o homem caridoso *supporta* com bom semblante os defeitos e fraquezas do próximo; o rei prudente *tolera* alguns abusos contra sua autoridade para evitar maiores males ».

De Lacerda:

« *Soffrer* significa genericamente levar ou lr levando o mal que nos acontece, ou nos fazem. *Padecer* designa de modo particular o soffrimento physico do individuo. *Aturar* é *soffrer* com repugnancia, de má vontade; *soffrer* porque não podemos deixar de *soffrer*. *Supportar* é *soffrer* com paciência, de bom grado, com resignação. *Tolerar* é *soffrer* em silencio, dissimulando. *Soffremos* a pobreza, os trabalhos da vida. *Padecemos* as dores que nos causa a gota. *Aturamos* até nos enfadarmos. *Supportamos* as fraquezas das pessoas com quem vivemos. *Toleramos* o mal menor, afim de evitar outro maior ».

Aturdir, atordoar. — Estes vocábulos concordam na idéa que lhes é commun de « perturbar os sentidos », variando porém na causa que occasiona a perturbação. Uma pancada na cabeça, o vinho, os cheiros fortes *aturdam*. O ruído, as observações, as perguntas simultaneas *aturdem*.

Do estes exemplos resulta que *aturdoar* se diz do que é physico, e *aturdir* do que é abstracto.

Auctor, escriptor. — Com estes dois vocábulos se designam as pessoas que escrevem, quer livros, quer artigos soltos; o periodista é um *escriptor*; a lei attribue pena ao *auctor* de um artigo em que ha difamação.

O termo *autor* tem porém muito maior extensão que o de *escritor*—qualquer *escritor* sendo *autor*, não sendo porém *escritores* todos os *autores*. Assim, o *autor* de uma grammática, de uma arithmética não é *escritor*, pois este vocábulo attribue-se exclusivamente á forma, ao estylo, á manciara do *autor*, e nas obras que apontámos não ha márgem para o *autor* se mostrar *escritor*.—O *autor* de obras úteis, que tem muita notoriedade, pode, não obstante a sua sciencia, ser apenas um *escritor* medocre.

Do dito se deprehende, que *autor* é relativo ao fundo, aos pensamentos, ás idéas; e *escritor* á forma, ao estylo.

Roquete disse o mesmo que nós:

«Chama-se *autor* ao que publica uma obra litteraria que elle compoz, pois esta palavra se refere unicamente á produção ou composição de um escripto (1). Só falando do estylo, se diz um *escritor*. Iia *autores* bons o maus, e o mesmo acontece com os *escritores*. No primeiro caso só se attende ao mérito da obra; no segundo considera-se o modo como está escrita.—De aquí resulta que um mesmo sujeito pode ser bom *escritor* e mau *autor*; isto é, escrever correctamente, com elegancia, e e dizer cousas superficiaes, de nenhum mérito. Ao contrario pode ser bom *autor* e não bom *escritor*; isto é, haver composto uma obra cheia de úteis investigações e sólidos raciocinios, porém escrita com estylo obscuro, sem ordem nem método, e e cheia de erros grammaticaes.»

Lacerda acrescenta o vocábulo *publicista* ao que disse Roquete:

«Estes trez vocábulos applicam-se aos homens de letras que publicam obras da sua composição. — Chama-se *autor* o que dá á luz qualquer escripto, porque esta palavra se refere sómente a este género de produção. Também se chama *escritor* qualquer *autor* litterario; porém só se diz *escritor* fazendo-se referencia ao estylo; de modo que o mesmo homem pódo ser bom *autor*, porque pensa e discorre bem; e mau *escritor*, porque escreve incorrectamente o que pensou com profundidade. A significação da palavra *publicista* é restricta; porque se refere exclusivamente ao que escreve sobre direito público.»

Auctoridade, poder, potestade.—O primeiro dos estes vocábulos, *auctoridade*, desperta a idéa do direito a ser obedecido, e o segundo, *poder*, a da força que obriga á obediencia. A *auctoridade* do monarcha, é o proprio direito que o monarcha tem de estar á frente da nação; o *poder* do monarcha, é o conjunto dos meios de que elle dispõe para assegnar-se o exercicio da sua *auctoridade*.

A *auctoridade* dos monarchas que vem a corôa á intriga ou á revolução, é sempre contestada; o *poder* de esses só se exerce pela força e só se impõe pelo temor; quando porém essa *auctoridade* lhes vem pela hereditariedade, pela eleição, ou por qualquer outra origem acatada, o seu *poder* exerce-se sem necessidade de empregar meios violentos.

Potestade é vocábulo um tanto indefinido, em quo ora predomina a idéa do direito, ora a da força, ora a do conjunto de ambas as cousas. Os usurpadores não osam fazer alarde da sua *potestade* antes de estarem bem assentes no throno.

O filho menor de idade está sujeito á *auctoridade*, ao *poder* e á *potestade* de seu pae. Depois de attingir a maioridade reconhecerá sempre a *auctoridade moral* do pae, se bem este já não tenha nenhum *poder* sobre o filho, nem possa sobre elle exercer a sua *potestade*.

De estes vocábulos disse Roquete:

«Toda a *auctoridade* vem de Deus e esta é limitada como sou poder (sic). A natureza e as leis deram ao pae *auctoridade*, em algumas nações quasi illimitada, sobre seus filhos; um soberano, segundo as constituições dos diferentes povos, tem maior ou menor *auctoridade* sobre seus súbditos, porém sempre limitada pela religião, pelas leis, e pelos costumes, ainda nos governos mais despóticos. Iia também uma *auctoridade* moral, e é a que exerce o homem virtuoso e honrado sobre os seus simillantes, o homem benéfico sobre os que favorece e enche de benefícios. A *auctoridade* do talento, da razão e do juizo tem predomínio sobre nosso entendimento; a *auctoridade* das provas e das testemunhas decide as causas e os pleitos em juizo; e a dos monumentos, dos autores, e sobretudo da razão, é quem decide nas materias de critica.—Toda *auctoridade* supõe um superior que manda ou influe, e um ou muitos inferiores que obedecem. Cessa a *auctoridade* quando cessa a submissão e a obediencia se não tem o apoio da força. Se os súbditos se rebellam acabou a *auctoridade* do soberano, se com força a não pode sustentar; será quando muito uma *auctoridade* de direito, mas não de facto.

«O *poder* resulta da combinação de forças physicas e moraes, por meio das quaes uma pessoa se faz superior a outras, influido em suas acções e em sua vontade que dirige, como lhe apraz e convem, até ao ponto onde podem chegar suas forças. O amor dos povos e a confiança que têm em sua justiça e rectidão, é o maior apoio da *auctoridade* dos soberanos e de quantos mandam. Quando é mister recorrer á força para sustentar o *poder*, acha-se esto tanto mais em perigo quanto cresce o odio á medida que aquelle se exerce, pois to o *poder* tem seus limites, além dos quaes

(1) Neste ponto Roquete enganou-se, pois as esculpturas e os quadros não copiadores são trabalhos de *autor*.

« não pode passar sem destruir-se a si mesmo.

« A *potestade* nasce de um *poder* legal que a sustenta, porque não ba *potestade* sem *poder*.—Os nossos clássicos usam muitas vezes de esta palavra com a significação geral de *poder*, forças; mas de ordinário não usamos de ella senão falando das pessoas que têm *poder*, divinas, angélicas e humanas. Vasco da Gama, espantado da horriavel figura que lhe apparecera, pondo os olhos no céu exclamou:

« *Ó potestade sublimada!* »

Lacerda resumiu o que disse Roquete: « *Autoridade* é a superioridade legal, quer a lei seja divina, quer natural, humana, ou de opinião. *Poder* é a *autoridade*, que se acompanha da força necessária para se fazer obedecer. *Potestade* supõe o *poder* que a sustenta. Os nossos clássicos davam a esta palavra a significação geral do *poder*. « Pobre, está já (Roma) da antiga *potestade*. »—*Ó potestade sublimada!* (Camões).

Augmentar, crescer.—O antónimo de *augmentar* é *diminuir*, o de *crescer* é *minguar*; portanto *augmentar* é relativo á quantidade; *crescer*, ao volume.

Ha porém casos em que não se attende á quantidade nem ao volume, mas sim ao incremento, ao desenvolvimento; então, consideraremos como esse incremento ou desenvolvimento se opera para empregar um dos verbos *augmentar* ou *crescer*. Se o incremento ou desenvolvimento fôr devido á affluencia do que vem do exterior, o verbo adequado será *augmentar*; se fôr devido a forças interiores, usaremos de *crescer*, e isso porque *augmentar* considera concurso alheio, e *crescer* impulso proprio.

Tambem o que se desenvolve com muita rapidez podemos considerar como *augmentando*, e o que lento e gradualmente se vae desenvolvendo, como *crescendo*, pois *augmentar* não sugere como *crescer* a idéa de acção gradual e constante, mas lenta.

Eis o que, de estes vocábulos, se lê em Roquete:

« De ambos estes modos tomam as cousas a maior extensão, volume ou importância; mas em cada um de elles concorrem circunstancias particulares que entre si os differenciam.

« Aquella acção vital pela qual os corpos orgânicos vão progressiva e insensivelmente tomando maior grandeza chama-se *crescimento*.—*Crescem* as árvores, as plantas, os animais, todos os viventes; *cresce* o cabelo, a lã, o pello, etc.—Estende-se esta significação a todo o engrandecimento progressivo de qualquer coisa que tome maior volume ou extensão. *Cresce* a massa com o fermento; o rio com as enchentes

« *tes cresce*; a areia, com as cheias, *cresce* em montes; *crescem* os dias, as noites; *cresce* a fome; *cresce* o vento, a tempestade, etc. *Cresce* a violencia da paixão quando se não sabe moderar a tempo.

« Quando um corpo ou todo toma engrandecimento, por meio da addição ou additamento de novas partes ou cousas da mesma especie, sem idéa de que o engrandecimento seja progressivo, nem gradual, nem insensível, diz-se que *cresce* se *augmenta*.—*Augmenta-se* o trigo no celeiro, o dinheiro no cofre, quando se lhe ajunta nova porção sem nada tirar do que existia.—O opposto de *augmentar* é *diminuir*; a *crescer* oppõe-se *decrecer*, que é perder de sua grandeza continua ou discreta, ir a menos, como se vê no P. Ber-nardes, que disse na Floresta: *Viu ondas de fogo como de maré, subindo e decrecendo*. »

Lacerda resumiu, dizendo:

« *Augmenta-se* exprime o engrandecimento que se faz accrescentando novas qualidades, e não supõe progressão, nem gradual, nem insensível. *Crescer* exprime a operação pela qual os corpos organizados passam gradual e impalpavelmente por todas as differenças de grandeza desde que começam a ser visíveis até chegar a perfeição que lhes é propria. *Crescer* tambem significa o engrandecimento gradual e progressivo de qualquer coisa, quando se faz por causas e modos que nos são invisíveis ».

Augurio ou agouro, preságio.—*Augurio* e *agouro* são a mesma palavra, a primeira corresponde á forma latina *augurium*; a segunda é o aporuguezamento do castelbano *agüero*.

Na página 53 do este Dicionario, expuzemos o que de estes vocábulos tínhamos a dizer; resta-nos inserir aqui o que de *augurio* e *preságio* diz Lacerda:

« *Augurio* significa a conjectura, que, pelo canto ou vô das aves, os antigos faziam do futuro: ao depois deu-se-lhe significação mais larga, e applicou-se a toda a sorte de adivinhações ou conjecturas acerca do futuro. « Que foi ruim *augurio* de este successo ». *Leil. de Andrade*.—« *Preságio* significa discernimento subtil; e *presagiar*, penetrar o futuro. O *preságio* pode ser de bom ou mau *augurio* ou *agouro*. O *augurio* é fundado em motivos imaginados, vagos, suppostos e frivolos: o *preságio* em motivos conhecidos e verdadeiros. *Augura-se* ou *agoura-se* bem ou mal de uma empresa: *presagia-se* com certeza ou verosimilhança ».

Augusto, majestoso, imponente.—Qualquer de estes adjectivos se diz do que inspira respeito e consideração.

Augusto se diz do que intrinsecamente tem qualidades taes que só podem ser consideradas respectivamente. *Os fidalgos têm orgulho em dizer: «El-rei meu **augusto** amo».*

Majestoso se diz do que impõe pela apparencia.

Imponente revela poder, e impõe respeito e temor: **imponente** demonstração naval.

Aulico, cortezão, palaciano.—

A idéa commun a estes vocábulos é a de «homem que frequenta a corte»; cada um de elles, porém, suggere idéas diferentes.

Aulico não só designa privança, sonão também influencia no ânimo do monarcha.

Cortezão suggere certa idéa de lisonja, de adulação, de servilismo. Não obstante é, dos trez, o termo mais geralmente usado.

Palaciano designa o homem da corte sob o aspecto da cortezia, da urbanidade que lhe é peculiar.

O **palaciano** frequenta a corte; o **cortezão** adula ao monarcha; o **aulico** dá conselho.

Aunar, adunar, unificar.—

Aunar e *adunar* são, é innegável, o mesmo vocábulo, formados ambos do latim *unus*, um. O prefixo porém, a em *auar*, e *ad* em *adunar*, estabelece uma nuance differente, que muito convém ter em conta, *ad* envolvendo idéa do impellimento, do força; e *a*, a de evolução natural.

Aunar é converter num todo cousas differentes, procedendo natural e brandamente.

Adunar é trazer com esforço, e como que impellindo, cousas differentes que se pretendem unificar.

*Os governos prudentes **auam** os partidos.* *Carlos Magno pretendeu **adunar** a fé cathólica povos de mui differentes crenças.*

Unificar é fazer um todo de varias cousas, geralmente da mesma especie. *Victor Manuel **unificou** o reino da Italia.*

Auspicios, protecção, patrocinio, salvaguarda.— Cada um dos vocábulos de este grupo suggere a idéa de uma influencia efficaz para o logro do que outrem deseja.

Auspicios (do latim *auspex*) é o termo que designa menor influencia benéfica, pois assim como os Romanos costumavam consultar os *auspicios*—isto é, os presagios tirados do vôo ou do canto das aves—antes de se aventurarem em alguma empreza, o nella se arriscavam, quando elles eram favoráveis, confiados apenas na protecção que os deuses lhes baviam de dispensar, assim, por analogia, este vocábulo designa a influencia favorável, mas vaga e um tanto ou quanto incerta, que se manifesta pela benevolencia, por um apoio indeterminado, por conselhos ou recommendações, sem

contudo ir até ao auxilio immediato ou á intervenção activa.

Assim se diz que *uma empreza principia sob bons **auspicios*** quando desde o principio tem o favor do publico; esse favor porém pode ser-lhe retirado por varias circumstancias, e eis abi a versatillidade e inconstancia dos *auspicios*.

Em *protecção* (vocábulo formado do latim *pro*, adiante, e *tegere*, cobrir) predomina a idéa dos meios que se adoptam para pôr ao abrigo de algum mal. *Os fracos procuram a **protecção** dos poderosos.*—Ha porém neste vocábulo uma grande vaguedade de significação, pois—como já notámos no artigo *Ajuda*, pag. 58—«a *protecção* defende, cobre; mas não ajuda, não auxilia, não socorre, nem ampara; o que a *protecção* pode fazer, é impedir que se chegue á situação de necessitar ajuda, auxilio, socorro ou amparo».

Patrocinio denota *protecção* efficaz, activa, que pugna em favor do que defende; entendendo-se que o *patrocinio* provém sempre do forte para o fraco, do superior para o inferior, idéa que não é inherente a *protecção*.

Salvaguarda não é vocábulo muito usado; não obstante é o mais expressivo de todos os de este grupo, e o que designa maior efficacia: litteralmente *guarda que salva*, que põe ao abrigo dos grandes perigos. Este termo suggere sempre a idéa de autoridade revestida do poder de defender, de salvar. *As leis são a **salvaguarda** dos cidadãos.*

Auspicioso, esperançoso, promettedor.— A idéa commun a estes adjectivos é a de previsão de bom resultado.

Auspicioso apresenta o facto sob o aspecto da benéfica influencia das circumstancias em que elle é empregado; *esperançoso* pelo que nelle concorre devido ás suas circumstancias intrinsecas; *promettedor* pelo que se depreheende dos seus principios.

Depreheende-se que um enlace matrimonial será *auspicioso* ao comparar os caracteres dos noivos, a sua posição social, os bens de fortuna do que dispõem, a respeitabilidade das famílias, etc.—Um jovem é *esperançoso* quando revela talento e assiduidade no estudo.—Os trigos estão *promettedores* quando se apresentam em boas condições, e que nada faz prevêr que algo os venha empecer.

Austero, severo, rigoroso, rígido, rispido.— *Austero* é relativo ao modo de viver da pessoa que se priva voluntariamente de commodidades, de gozos, do voluptuosidade, e de quanto pode ser agradável á sensualidade.

A *austeridade* é um principio, um systema pessoal; não obstante o homem *austero*

pode sel-o para com outrem, aconselhando-lhe a *austeridade* não só com o exemplo, mas impondo-lh'a pelos meios de quo possa dispôr. Uma regra *austera* impõe a privação das commodidades e de tudo o que seja sensual aquelles que se queiram conformar com essa regra.

Severo é aquelle que, privando-se de tudo o que pôde transgredir a regra estabelecida, pretende que os outros so coadunem ao seu modo de viver e de pensar; isto é: é-se *austero* para consigo proprio; é-se *severo* para consigo proprio e para com os outros. — O homem *austero* pode ser tolerante para com os demais; o *severo* não, porque a *severidade* exclue toda a idéa de indulgencia. Frequentemente tambem o vocábulo *severo* qualifica aquelle que só faz no da *severidade* para com os demais, exigindo do elles a estrita observancia dos preceitos que elle não observa. Uma regra *severa* não perdoa nenhuma transgressão.

Rigorous diz-se de quem ou do quê é excessivamente *severo*; quer dizer, que nunca transgrede a regra, ou que não tolera que ella seja transgredida sem castigar rigorosamente o transgressor.

Rigido diz mais que *rigorous*. Ao homem *rigoroso* pode pesar-lhe o ter de applicar o rigor; o *rigido* applica-o friamente; o homem *rigoroso* pode ter assomos de sensibilidade; o *rigido* é impassível.

Rispi indica falta de doçura, de suavidade, de polidez. O homem *rispi*do porém pode ter um coração sensível.

Dos trez primeiros vocábulos diz Roquete:

«A *austeridade* consiste em nos sujeitarmos a regras rígidas da maneira de viver, observando-as estreitamente e sem d'ellas nos separarmos. Ainda que a *austeridade* se toma geralmente em sentido do asperzeza e rigorosa virtude, como tambem de mortificação e penitencia, sem embargo, como depende muitas vezes do temperamento e do género do vida quo muitos não poderão deixar de levar, acontece que homens que não fazem profissão de virtude e que são malvados têm costumes mais rígidos e *austeros*. — A *austeridade* antes se refero á nossa conducta com nós mesmos, que com os demais; sem embargo, um genio *austero* e *rigido* tambem costuma sel-o com todos, e mais com os que d'elle dependem. La Bruyère diz, que um philosopho *austero* e de genio áspero espanta a todos e faz como aborrecivel a virtude.

«A *severidade* exerce-se de ordinario antes com os demais que conosco; bem que os homens *severos* costumam ser pontuaes o exactos no cumprimento de suas obrigações. O *severo* não manifesta condescendencia alguma. Se applicarmos esta palavra aos principios ou causas, in-

«deia certo carácter virtuoso, e se a applicarmos ás acções, indica extremada rigidez, pouco conforme ás vezes com a equidade. — Muitos homens, sem serem *severos* com os outros, são *austeros* consigo mesmos; em outros succede o contrario. Não podemos deixar de admirar o homem *austero*, nem de temer o *severo*. — A *austeridade* chega a converter-se em hábito, e a *severidade* o é por carácter e principios.

«O homem *rigoroso* tudo exaggera, e nada contenta seu excessivo rigor. O homem *severo* não se aparta nunca de seus principios, ao mesmo tempo que o *rigoroso* os leva a um extremo mais prejudicial quo útil.

«A *austeridade* eomsgo mesmo não é incommoda a ninguém; a *severidade* para com os outros pode ser obra da virtude ou do vicio, por isso sempre é temida; todos se viram contra o *rigor* pelos excessos a que de ordinario arrasta.

Dos mesmos vocábulos diz Lacerda:

«Somos *austeros* pelo modo de viver: *severos* pelo modo de pensar; e por isso dizemos: vida *austera*; homem *severo*. — A *austeridade* é o contrario da molleza. Os santos abraçam com satisfação os exercicios da austeridade. Quando dizemos — virtude *austera*, pintamos o homem a quem são familiares actos notáveis de abnegação, de virtude. «Fizeram vida *austera*, por que fossem achados ser dignos coherdeiros de Christo em o reino de seu Padre». Fr. Marcos. — Usa-se tambem para indicar a asperzeza das pessoas, ou das cousas. «Era naturalmente *austero*, e pouco amoroso». Leão. «Foram muito estranhados pelos vestidos *austeros*, e pela lingua estranha». Fr. Marcos. — *Severo* é o contrario de relaxado. O homem *severo* não é benigno; é justo. A *severidade* exclue toda a idéa de condescendencia; applicada aos principios tem certo carácter de virtude: applicada ás acções tem certo carácter de dureza. O homem *rigoroso* tudo exaggera; nada o contenta. Admiramos o homem *austero*; tememos o *severo*; e todos se voltam contra o *rigoroso*. A *severidade* eomsgo mesmo não é incommoda a ninguém; a *severidade* para com os outros pode ser obra da virtude ou do vicio, e por essa razão é temida; todos conspiram contra o rigor, por que de ordinario levaperigosas a demasias.»

Austral, antártico, meridional, sul. — *Austral* se diz de todo o hemispherio do sul, e tambem de qualquer ponto geographico de esse hemispherio ou do que nelle succede, em opposição aos pontos ou a phenómenos do hemispherio boreal: os mares *austraes*; aurora *austreal*.

Antártico, que está para além do circulo polar do sul, oppõe-se a *ártico*. V. este

vocábulo no artigo correspondente, pág. 109.

Meridional diz-se do que demora ao sul de um ponto dado em qualquer dos hemisphérios.

Sul oppõe-se a «norte.»

Authêntico, positivo, formal.—

A idéa commum a estes adjectivos é a de qualificar o que dá autoridade á affirmativa ou ao relato.

O que é *authêntico* não pode ser posto em dúvida; deve o seu carácter de certeza a um testemunho insuspeito, de cuja veracidade não é licito duvidar, ou a provas irrecusáveis. Um facto *authêntico*, succeden, não é inventado. Um escripto *authêntico* é do autor a quem se attribue, ou da época de que tem a data — pois a *authenticidade* é também relativa ás épocas.

O que é *positivo* não pode ser negado. Este adjectivo qualifica particularmente os factos que não têm nada de hypothéticos, que podem ser postos como base, como principio do que se pretende contar ou provar. Dizer que um facto é *positivo*, é affirmar-o absolutamente, pô-lo fora do alcance de toda negação. O que é *positivo* succeden, não é inventado.

O que é *formal* é feito segundo as formas e funda a sua certeza ou a sua veracidade na conformidade que tem com as regras estabelecidas, conformidade tal que não dá lugar a dúvidas nem a equívocos. Um compromisso *formal* é tomado em condições taes que não pode admittir dúvidas nem tergiversações.

Authêntico, solenne. — *Solemne*, na linguagem corrente, diz-se do que se faz com muito apparato e cerimonia, e nesse sentido não é synónimo de *authêntico*. Em jurisprudence porém, estes adjectivos são susceptíveis de comparação, pois com elles se qualificam os actos que queremos declarar legaes por terem sido revestidos das formas que os tornam válidos. Neste caso, *solemne* é termo objectivo; relativo ao apparato ou solemnidade que reveste o acto; á qualidade ou quantidade das testemunhas que o presenciaram, e ao carácter de publicidade que deriva das circumstancias em que foi feito.

Authêntico é termo subjectivo, relativo á autoridade que tem o acto pelo cumprimento das formalidades que lhe são exigidas, e independentemente de qualquer idéa de publicidade ou notoriedade exterior.

Um juramento é *solemne* quando se faz publicamente, em voz alta, no meio de ceremonias imponentes ou de declarações formaes e diante de numerosa assistencia. — Uma declaração é *authêntica* quando, pela qualidade das circumstancias em que se faz, não deixa margem á dúvida.

Roquete disse muito bem de estes vocábulos:

«E' mui sensível a differença entre estes dois vocábulos, e até quasi se poderia dizer que não são synónimos.

«Tudo o que se faz com solemnidade, com apparato de ceremonias públicas, religiosas ou civis, é *solemne*. — *Authêntico* é só aquillo que tem autoridade e fé pública, que é juridicamente legalizado, sem idéa nenhuma de solemnidade de apparato. *Solemne* refere-se ás formalidades exteriores com que se faz um acto público; e *authêntico* ás qualidades intrinsecas do instrumento que fica fazendo «fé, o tendo validade.»

Lacerda accrescenta ao que diz Roquete:

«Como porém alguns actos ou títulos, para serem *authênticos*, dependem de certas ceremonias, formalidades ou solemnidades, que são sempre acompanhadas de certo apparato, por esta razão se confundem em taes casos estes vocábulos, e se usam como synónimos.»

Autónomo, independente. — A administração de um Estado *independente* nada tem que ver com outro Estado qualquer; um Estado *autónomo* governa-se por leis proprias, mas pode não estar *independente*. Portugal é *independente*; a Hungria é *autónoma*. — Muitos desejam que a união ibérica se effectue, com tal que Portugal se conserve *autónomo*.

Avallar, apreciar. — *Avaliar* differ de *apreciar* como valor differo de preço.

Avaliar diz-se particularmente dos objectos materiaes de que se determina o valor em vista do tamanho, quer de volume, quer de superficie. Este verbo suppõe um cálculo prévio, uma decisão fundamentada, não instantânea, e é essa idéa que o distingue quando se emprega em sentido figurado. *Avalia-se* o que se considera em todas as suas circumstancias.

Apreciar é determinar o preço de uma coisa, o seu valor na oppilação, e não o seu valor essencial. No sentido figurado, *apreciar* diz mais que *avaliar*, porque cousas que á primeira vista não têm valor, são frequentemente de grande preço e estimação. — Além de isso *avaliar* não implica a idéa de o nosso reconhecimento ficar ligado á acção que se *avalia*, mas *apreciar* encerra precisamente essa idéa.

Avaliamos o sacrificio que alguém faz por outrem, e *apreciamos* aquelle que é feito em nosso favor.

Avarento, ávido. — A *avareza* é o amor ao dinheiro, amor levado ao ponto de o homem se privar das cousas mais necessarias só para o não gastar; a *avidez* é a sede insaciável das riquezas, a paixão de aquelle que deseja ter mais e mais, temendo do

nunca ter bastante. O *avarento* ama o seu thesouro, economiza miseravelmente, passa pelas maiores privações e não faz uso de nada que possa custar-lhe dinheiro; o *ávido* ama o lucro o quasi que não presta atenção ao que elle considera como imprudente.

Avarento, sovina, mesquinho, tacanho, agarrado, interessello; cubicoso. — *Avarento* se diz de quem tem a paixão do dinheiro, da riqueza, sem outro fim que o de possuir.

Sovina é o homem de tal modo *avarento* que prefere passar por vergonhas e privar-se do mais indispensável a fazer o mais pequeno gasto.

Mesquinho não se diz precisamente do *avarento* que deseja augmentar o seu thesouro, mas sim de aquelle que não quer gastar o que possue.

Tacanho é aquelle que só a muito custo se mette em gastos, e que, ao fazel-os, procura gastar o menos possível. Este vocabulo pode considerar-se synónimo perfeito de *agarrado*.

Interesseiro é aquelle que, sem ser precisamente *avarento*, nem talvez mesmo *mesquinho*, é muito amigo dos seus interesses. O homem *interesseiro* não faz nada por nada, o que porém não quer dizer que elle entesoure o que ganha. Podemos ser *interesseiros* só com o fim de gastar á larga.

Cubicoso foi por Roquete comparado com *avarento*. «A *avareza* — diz — é propriamente a ancia de guardar, de entesourar, e para isto, como meio mais fácil e seguro, nada ou pouco gasta o *avarento*. — O *cubicoso* deseja adquirir o que outrem já possui, mas para outros fins que não tem o *avarento*. — Póde o *cubicoso* ser liberal, magnifico e até pródigo; o *avarento* é apoucado, mesquinho, deshumano; é um monstro da natureza».

Lacerda diz o mesmo:

«Assim o *avarento* como o *cubicoso* deseja as riquezas, porém o *avarento* para as entesourar e guardar; e o *cubicoso* para usar de ellas como lhe approuver. O *cubicoso* pode ser liberal, talvez pródigo; o *avarento* é sempre miserável e desbumano».

Avaria, estrago, perda. — A idéa commun a estes substantivos é a de damno ou prejuizo.

Avária, além da acceção marítima em que vulgarmente se emprega, diz-se dos danos causados principalmente pelas grandes chuvas e inundações, danos puramente materiaes, e considerados como reparáveis por meio de gastos pecuniarios.

Estrago é o damno que prejudica parte do que se possue, que diminue a quantidade, que damifica a qualidade. As *avarias* são susceptíveis de reparação, como dissêmos; os *estragos* podem sê-lo, ou não.

Perda é o damno total, ou pelo menos considerável, do que se possue.

Um temporal causa *avarias* nos muros da quinta, *estragos* nas árvores, e *perda* de colheitas.

Ave, pássaro. — *Ave* é o nome genérico de todos os animaes alados que são oviparos.

Pássaro diz-se só das aves de pequeno tamanho e que têm vôo fácil.

Á *água* é *ave*, não *pássaro*. O canário é *pássaro* e *ave*. O morcêgo, por não ser oviparo, nem é *ave* nem *pássaro*.

Averiguar, verificar. — Na pág. 51 inserimos os principaes synónimos do *averiguar*. Para comparar este vocabulo com *verificar* citaremos o que de elles diz Roquete:

«*Averiguar*, na sua significação mais extensa, é tentar achar a verdade, examinar a verdade de qualquer questão, e neste sentido o usou Vieira, dizendo: — «É curiosidade digna de se averiguar a razão por que, etc. — (II, 292). Também significa entre os clássicos provar, demonstrar de um modo convincente que uma cousa é verdadeira».

«*Verificar* é valer-se dos meios necessários para convencer-se de que uma cousa é verdadeira ou exacta. Fazem-me uma bella descripção d'um sítio amêno, vou vê-lo, examino-o com attenção e verifico a exactidão do dito. Duvido da exactidão de uma data, vou verificá-la na Arte de verificar as datas, etc. — *Verifica-se* aquillo de que havia presumpção ou annuncio que aconteceria; quando temos certeza de que uma cousa é tal como so disse, acha-se *averiguada*».

Lacerda diz melhor em menos palavras:

«*Averiguar* é procurar, diligenciar achar a verdade. Também significa, entre os nossos clássicos, provar que uma cousa é certa, verdadeira».

«*Verificar* é empregar os meios convenientes para cada um a si se convencer de que alguma cousa succedeu como se conta, é exacta, etc.»

Avesso, reverso. — O *avesso* é o lado pelo qual uma cousa não serve ou não deve ser vista. — O *reverso* é a parte opposta ao lado principal.

O pano tem *avesso*; as medalhas têm *reverso*.

Aviação, aeronáutica. — Estes vocabulos são synónimos perfeitos; o primeiro, de origem puramente portugueza (1),

(1) O jesuita brasileiro Bartholomeu Lourenço de Gusmão deu origem a este vocabulo com a experiencia que fez em Lisboa em 1709 com o seu apparato «voador», como então lhe chamaram.

ainda que de má formação, é porém menos usado que o segundo, que nos vem da lingua franceza.

Aviso, annuncio. — *Aviso* é noticia dada determinadamente a alguém relativamente a cousa que lhe respeita, ou em que, mais ou menos directamente, se acha interessado.

Annuncio é noticia que se dá ao público em geral.

Os recebedores dos concellos mandam fixar *avisos* em que dão a saber aos contribuintes que desde tal dia estará aberta a recebedoria para o pagamento voluntario das contribuições.—Publicam-se *annuncios* de vendas, de ofertas, de procuras, etc.

Roquete diz:

«Duas palavras muito usadas em nossos diários e periódicos, e que por ventura se confundem, mas que entre si differem. — «*Aviso* é noticia dada a alguém sobre cousa que lhe interessa, e muitas vezes proveniente de autoridade pública em materia administrativa ou contenciosa. — «*Annuncio* é noticia ou nova que se dá, não a pessoas determinadas, senão ao público. — «*Avisam-se* as pessoas de ou sobre cousas que as interessam; *annunciam-se* cousas ás pessoas para que tenham de ellas noticia. — Os juizes, os magistrados, etc., mandam pôr *avisos* nos papéis públicos; os mercadores, artistas, editores de livros, etc., mandam fazer *annuncios* de suas fazendas, e obras. — Só em folhas «volantes se lêem os *avisos*; as esquinas estão muitas vezes cobertas de *annuncios*».

Avistar, enxergar, lobrigar, ver, olhar, descobrir, divisar, esguardar. — *Avistar* designa a acção de alcançar um objecto ou pessoa com a vista, seja a distancia considerável, seja entre uma multidão. Nesta palavra revela-se a idéa de alcance ou de esforço da vista, quando se trata de objecto longínquo; e a de visão que passa rapidamente quando ella se exerce entre multidão. De alguns pontos de Lisboa *avista-se* a serra de Cintra. *Avistatelo* na Avenida.

Enxergar é *avistar* de modo confuso o que se distinguirá melhor quando estivermos mais perto ou quando cessar o obstáculo que intercepta a vista. Os objectos *enxergados* percebem-se, mas não se lhes distinguem todas as suas partes. **Enxergamos** uma casa através da ramaria das árvores.

Lobrigar é *enxergar* na escuridão, e por conseguinte, mal e imperfeitamente. Assim se diz com muita propriedade: *apenas se lobrigavam* os primeiros clarões do dia, quando nos puzemos a caminho.

Ver é o verbo com que se designa a acção da vista receber uma imagem. A este vocábulo não se liga nenhuma idéa acces-

soria: **vemos** o que queremos e também o que não queremos **ver**.

Olhar é dirigir a vista para alguém ou para alguma cousa, abstracção feita da maneira de que ella se vê; **olhar de traversa para alguém; olhar com despreso.** — Este verbo differe essencialmente dos precedentes em indicar uma acção voluntaria, e, ás vezes até, um esforço para **ver: olhe bem, lá apparece elle agora.**

Descobrir é **ver** o que não se via, ou o que não é dado **ver** com facilidade.

Divisar é **ver** quanto basta para conhecer um objecto, seja clara, seja confusamente.

Esguardar, vocábulo muito fóra de uso, significa «olhar attentamente», «ver com attenção».

De estes vocábulos diz Roquete:

«De todos estes modos exercemos uma das mais bellas funções de nossa existencia, a vista, mas cada um de elles tem sua particularidade, que é mister não confundir. — Quando chegamos a *ver* algum objecto, o alcançamos com a vista estando longe, ou o encontramos com os olhos no meio da multidão, *avistamo-lo*. Quando lançamos os olhos sem fim determinado, e só fazemos uso do órgão da vista, *olhamos*. — O effeito do nosso *olhar* é o *vermos*; isto é, apprehendermos com a vista o objecto a que lançamos os olhos, e percebermos intellectualmente o objecto externo que fere o nosso órgão da vista. — *Esguardar* é palavra antiga e assaz expressiva que indica o *olhar* e o *ver* attentamente, *ver* examinando e reflectido: este verbo representa mais a attenção da mente em considerar que a dos olhos em *ver*. — *Enxergar* é *ver* apenas ou com difficuldade; perceber com os olhos o objecto sem distinguir suas partes. Como elle se differença de *ver*, muito bem no-lo explicou o nosso poeta naquella formosa estância em que descreve a tromba marinha:

«Eu o vi certamente (e não presumo
«Que a vista me enganava) levantar-se
«No ar um vaporzinho, o subtil fumo,
«E do vento trazido, rodear-se;
«De aqui levado um cano ao polo summo
«Se via, tão delgado, que enxergar-se
«Dos olhos facilmente não podia:
«Da materia das nuvens parecia.
(Lus., V, 19.)

«*Lobrigar*, que não cremos venha de *lubrico* latino, senão de *lobrego*, palavra castelhana, que significa *escuro, tenebroso*, é *avistar* ou entrever no meio de escuridão ou confusão. — *Divisar* é *ver* discernindo, distinguindo, conhecer distinctamente, *ver* cousa difficil. Neste sentido o usou Camões na Ode 6.^a:

«Dos olhos o virar
«Que torna tudo raso,

«Do qual não sabe o engenho *divisar*
«Se foi por artifício, ou feito acaso».

Lacerda tropeçon, sem os ver, nos erros de Roquete; diz elle:

«*Olhar* é applicar a algum objecto o órgão da vista. *Ver* é o effeito de *olhar*; é apprehender o objecto com a vista; é sentir a impressão que no órgão de ver faz algum objecto. *Esguardar* é olhar com attenção, examinando e ao mesmo tempo reflectindo. *Avistar* é chegar a ver, alcançar com a vista o objecto distante, ou que vae passando com rapidez. *Enxergar* é ver apenas, *ver* quanto é sufficiente para advertir no objecto, sem distinguir nenhuma das particularidades que o compõem. *Lobrigar* é *avistar* ou antes *enxergar* no meio da escuridão ou confusão. «*Divisar* é *ver* com distinctão».

Azado, opportuno. — *Azado* convem para qualificar o que se presenta favorável mas inesperadamente, e *opportuno* o que se presenta a tempo e a propósito.

Os momentos **azados** vêm inesperadamente e aproveitam-se; os *opportunos*, esperamolos para aproveitálos.

Azagala, flumbo, vira, virote, xara, dardo, flecha ou flecka, setta. — A única synonymia que existe nestes vocabulos dá-se entre *flecha* ou *flecha* e *setta*.

Flecha e *flecha* são o mesmo vocabulo; *flecha* vem-nos do francez *flèche*, que nós aportuguezámos em *flecha*, forma de que derivam todos os derivados de *flecha*: *flecheiro*, *afrechar*, etc.

Setta vem-nos do nome latino da *flecha*: *sagitta*.

* De esses vocabulos e dos outros qno fazem parte de este artigo contentar-nos-emos com copiar de Roquete o artigo correspondente do seu dicionario:

«São — diz — palavras que representam outras tantas armas de arremesso, mas que differiam na forma ou maneira de as lançar.

«*Dardo* era arma de arremesso que se atirava com o braço, o talvez com arco, lança curta com ponta de ferro que se arremessava.

«*Flecha* ou *flecha*, é baste delgada como de trez palmos de comprido, com ponta aguda de osso ou de ferro, liza ou farpada, disparada por meio de arco.

«*Setta* é a corrupção da palavra latina *sagitta*, que parece ser perfectamente synonyma de *flecha*, que é *flèche* dos francezes vinda de *flütz* dos allemães. Pela circumstancia de serem ambas despedidas por meio de arco, correspondem á palavra grega *belos*, posto que de ella se não derivem, como se vê de aquelle sublimem verso de Homero (Ili. I, 42):

«*Ticeian Danaoi emâ dácrya solsi bêlesein.*

«Que muito bem se traduzna na nossa lingua:

« «O pranto meu
«Paguem os Gregos pelas *settas* tuas.

«Quem alguns que a differença que ha entre *flecha* e *setta* consiste em que aquella tem pennas recortadas na extremidade opposta á ponta, e esta não.

«*Azagala* é palavra árabe e designa um dardo usado na costa de Africa.

«*Fimbo* é voz africana e designa pau tostado, arma de que usam os Cafres.

«*Vira* é *setta* mui aguda e forte, usada antigamente pelos besteiros.

«*Virote* é *vira* grande, ou *setta* curta empennada. De este se formou o augmentativo *virotão*, que era *virote* grande e grosso.

«*Xara*, em hespanhol *jara*, parece ser palavra árabe, e significa pau tostado de fazer tiro, talvez por ser feito da planta chamada também *xara*, aliás esteva, o «tambem tem a significação de *setta*, como se vê de aquella comparação do P.^e Bernardes:

«Qual *xara* do arco intenso sacudida».

«De todas estas palavras a mais poetica é *setta*, como se vê em Camões, que duas vezes se serviu de ella para exprimir uma comparação rápida de ligeireza e velocidade.

«Mercurio, pois excede em ligeireza

«Ao vento leve e á *setta* bem talhada.
(Lus. I. 40).

«Vendo a cilada grande e tão secreta,

«Vôa do céu ao mar como uma *setta*,
(Lus., II, 18).

Azeite, óleo. — *Azeite* diz-se em absoluto do liquido que se extrah da azeitona, e, extensivamente dos liquidos que se obtêm pela expressão de fructos.

Óleo diz-se dos liquidos obtidos da gordura de certos animais, e também de plantas, quando elles têm applicação therapeutica, interna ou externa, ou são usados na industria: *óleo de fígados de bacalhau*; *óleo de belladona*.

Apesar da distincção que estabelecemos são frequentes os casos em que os dois termos se confundem.

Azlagio, funesto. — *Aziago* é relativo á superstição, *funesto* á desgraça ou ao destino. Os dias *aziagos* estão indicados; os *funestos* são aquelles em que occorrem desgraças. Para muitas pessoas, a terça feira é dia *azlagio*, e nada comprehendem nesse dia com receio de resultado *funesto*.

Azougue, mercurio. — *Azougue* é o nome vulgar; *mercurio*, o scientifico. — *Azougue* porém só se diz do *mercurio* nativo.

B

Babucha, chinela, chinelo, pantufo. — «Calçado caseiro em que o pé anda á vontade» é a idéa commum a estes vocábulos.

Babucha é o calçado sem contraforte, isto é, aberto como o tamanco na parte posterior, e sem tacão, que usam os Arabes. Por extensão se diz do calçado caseiro que tem essa fôrma.

Chinela é o termo genérico de todo calçado caseiro, quer tenha, quer não tenha talão.

Chinelo é o sapato velho que se traz por casa, e que geralmente se usa acalcanhado. Frequentemente se confunde este termo com o precedente: *chinelo de ourolo*.

Pantufo, palavra derivada do francez *pantoufle*, designa particularmente as *babuchas* ou as *chinelas* bordadas.

Bafio, mofio, bolôr. — *Bafio* é o mau cheiro que se exbala de cousa que esteve encerrada em lugar húmido.

Mofio é a vegetação que a humidade desenvolve sobre os objectos muito tempo parados em lugar húmido. Quando o *mofio* vem na superficie ou no interior das substancias que principiam a decompor-se chama-se *bolôr*.

Diz-se indifferentemente *cheirar a bafio* ou *cheirar a mofio*, mas a primeira expressão é a única correcta quando a causa do cheiro não é visível.

Baga, bago. — Estes dois vocábulos confundem-se geralmente para designar os pequenos fructos carnosos em cuja polpa se acham disseminadas as sementes. Alguns pretenderam distinguil-os denominando *bago* aos de pedúnculo mais curto, como a uva, e *baga* aos de pedúnculo relativamente comprido, como o fructo do sabugueiro. A distincção não nos parece acertada porque apesar da groselha ter um pedúnculo comprido, diz-se *bago de groselha* e não *baga*. — O que notamos é que o uso denomina *bago* a esses fructos comestiveis, e *baga* aos não comestiveis; assim diz-se: *bago de uva*, *bago de groselha*; *baga de sabugueiro*, etc. — Notamos tambem que, em absoluto, emprega-se o termo *baga* o não *bago*: o *bagulho* é a semente pe-

quena que se encontra na polpa de certas bagas.

Bagatela, insignificancia, ninharia, minucia. — *Bagatela* diz-se do que tem pouco valor ou importancia, e que não merece, por consequencia, que se lhe faça caso.

Insignificancia diz-se do que, além de ser de pouco valor, é muito pequeno.

Ninharia é um juguete de creanças, e por extensão diz-se do que é pueril, e não merece attenção.

Minucia diz-se do que, em si, é pequeno, estando porém unido ou ligado a cousa mais importante. Na exposição dos factos, o historiadôr deve particularmente pôr em realce os pontos principaes, e deixar de lado as *minucias*, evitando porém de considerar como *minucias* certas circumstancias que, se bem pequenas em si, explicam pontos importantes.

Baile, dança, ballado; folia. — *Baile*, no sentido em que esta palavra se pode confundir com *dança*, designa o conjunto ou série de movimentos com que se executa uma *dança*; isto é, uma polka, uma mazurka, uma valsa, são *danças*, e os movimentos com que essas *danças* se executam constituem o *baile*; assim ha *mestres de dança* mas não ha *mestres de baile*; nos theatros ha *corpo de baile* mas não ha *corpo de dança*. De uma pessoa se diz que *balla bem* quando se attende á maneira como faz cada um dos movimentos que entram na *dança*, e diz-se que *dança bem* quando se attende ao modo como executa as diferentes *danças* em que toma parte. Nos theatros ha *bailarinas* que executam os *ballados* ou *danças* mimicas, e *dançarinas* que executam *jotas*, *fandangos*, etc.; quer dizer: na *bailarina* considera-se o *baile*, o movimento do corpo; na *dançarina* considera-se a *dança*.

Ballado, como acabamos de dizer, é a *dança* mimica espectaculara.

Em quanto a *folia*, vocábulo fora de uso, deixaremos a palavra a Roquete, que nos vae tambem explicar a seu modo os termos *baile* e *dança*. Diz elle:

«Não defendemos a etymologia do verbo

«bailar, do grego *ballizó*, saltar, mas é certo que ao que nós chamamos *bailar* chamavam os latinos *saltare*, saltar, dar saltos; e na verdade quem *baila* dá saltos, e faz movimentos de corpo mais ou menos compassados, com mais ou menos ligeireza. — A lingua franceza, mais poltro que a nossa, tem um só termo para significar estes movimentos, que é o substantivo *danse* e seu verbo *danser*; a nossa porém tem trez que determinam as idéas accessorias de estes saltos e movimentos. — *Baile* é nome genérico e vulgar, e só exprime a acção physica de *bailar*. *Dança* é palavra mais nobre e designa particularmente o movimento regular do corpo e seus membros ao compasso e tom de música. *Folia*, como a palavra de origem franceza (*folie*, loucura) o está dizendo, é uma *dança* rápida ao som de pandeiro ou adufe, entre varias pessoas, cantando, que se assemelha á *dança* das bacchantes. — *Bailam* os moços e moças do povo em suas festas e reuniões; *bailam* os mesmos selvagens á sombra de frondosas árvores, e ao som de rústicos instrumentos; *dancam* os cavalheiros e senhoras nobres em suas salas; faziam-se antigamente *folias* por occasiões de alegria pública.

«O *bailar* é uma especie de instructo nas creaturas racionais; e assim como os animaes retoncam de contentes e alegres, os homens *bailam* por alegria e diversão. A *dança* é uma arte similhante á que entre os gregos se chamava *orchestike*, que não só dá regras para mover o corpo e os membros ao compasso, senão para a maneira de pisar, ter o corpo em elegante postura, e fazer as cortezias e mesuras que a boa educação prescreve, e por isso é própria de gente nobre e cavalheira. A *folia* indicava noutro tempo (que hoje é palavra antiquada) certo modo particular de *bailar*, talvez similhante ao que hoje chamam *contradança*, mui alegre e festivo, em que os mesmos reis não duvidavam tomar parte, pois de El-Rei D. Pedro I sabemos que «tinha gosto particular de *bailar* a *folia*, em que era muito eminente, executando concertadamente todos os movimentos, ora mais rápidos ora mais graves ao som de flautas. No dia em que armou cavalleheiro D. João Affonso Telles *dancou* em público com seus cortezãos, e dizia a todos: «Eu assento que nada fica mal á Majestade, quando se trata de honrar a «virtude». (*Anecd. Port.*, t. II)».

Baixaça, abaixamento, abjecção, aviltamento, vileza. — *Baixaça* é vocabulo que indica um estado absoluto no qual não ha nenhuma relação com outro estado anterior, o nisso differe de *abaixamento* que é por assim dizer o estado do que «foi abaixado», do que precedentemente occupou logar mais elevado ou

mais nobre. Na *baixaça* está-se fora de toda elevação; no *abaixamento* pode ter-se ficado numa elevação relativa. — *Baixaça* toma-se sempre a má parte; *abaixamento*, em certos casos, pode tomar-se em bom sentido, como quando nos referimos ao *abaixamento* voluntario do penitente, ao *abaixamento* do Messias, etc. — A *baixaça* do estylo é sempre um defeito; o *abaixamento* do estylo, depois de haver-se elevao ao auge da eloquencia, é agradável ao auditorio.

Abjecção é a *baixaça* vil, que deshonra e é opprobrio; a *abjecção* inspira desprezo e tedio.

Vileza é o antónimo de *nobreza*, e como esta, pode ser uma qualidade intrinseca, ou tão somente de apreciação; a *vileza* pode estar em jogo a «honra», ou tão só a «dignidade», isto é, a *vileza* pode ir em contra do que realmente constitue a nobreza do homem, ou em contra do que se convencionou chamar nobreza; a *vileza* do homem que tira proveito do adulterio de sua mulher, pertence á primeira classe; a *vileza* do que abandona a sua roda para conviver com a infima plebe, pertence á segunda.

Aviltamento está para *vileza*, como *abaixamento* para *baixaça*. O *aviltamento* considera uma situação anterior muito diversa, em quanto que *baixaça* é um estado absoluto.

Veja-se tambem na pagina 14 o artigo **abjecto**.

Baixo, vil, inferior, trivial, desprezível. — Já na página 14 nos occupámos dos dois primeiros e do último dos vocabulos de este grupo; comparando-os agora com *inferior* o *trivial* temos ensejo do transcrever o que Roquete diz de estas palavras:

«Palavras que apresentam a idéa de desprezo, posto que com differentes aspectos. Segundo a opinião commum, a palavra *vileza* ou *envilecimento* indica a obscuridade ou menospreço em que as circumstancias nos fizeram nascer e viver, ou por nosso procedimento ou officio, o que é causa de que todos nos bumilhem, desprezem e não se dignem fazer caso de nós. Tambem a palavra *baixo* se dirige ao nascimento, á classe, ao destino o ainda ás vezes aos procederes: tudo isto não nos *envilece*, porém sim nos humilha, e abate.

«Aos olhos do verdadeiro philosopho, estas expressões não têm o verdadeiro e sólido fundamento que exige a recta razão. «Só o vicio é realmente desprezível, pois a natureza nada produz *baixo* nem *vil* em si: o uso e as circumstancias causam estas ignominiosas differenças. O *envilecimento* depende antos muitas vezes dos outros que de nós mesmos. A *baixaça* não está no homem, senão na sua sorte, e por

«sua honrada vida e bons costumes poderá «encobrir a *baixeza* de seu officio. O filho «de um lavrador e o de um rei tão despre- «zíveis são um como outro ao nascerem; «porém ambos, ou algum de elles, poderão «fazer-se taes por seus vícios ou mau pro- «ceder. Não era *baixo* aquelle Romano que «deixava o arado para pôr-se á frente dos «exércitos e defender a sua patria, porém «sim o era, e *vil* e *desprezível*, com toda a «nobreza de sua prosápia e grandeza de «sua dignidade imperial, o tyranno Nero «por seus torpes vícios e seus loucos e «cruéis procedimentos.

«Quanto mais elevada é a dignidade do «uma pessoa, tanto mais *baixa* e despre- «zível se faz, se não sabe sustentá-la; pois «o homem só é grande por suas acções.— «*Vil* são os homens quando se vendem ou «prostituem.—*Baixo* é o homem que ahate «sua dignidade, e *vil*, o que perde a esti- «ma dos outros e ainda a sua propria. — «*Baixo* é o que por cohardia soffre injurias «de outrem; e mui *vil* o que as soffre con- «tente, por seu interesse e com o fim de «fazer fortuna por meios indecorosos.— O «descarado adulator, que nem ânimo tem «para saber calar, é *baixo*; e o mais *vil* dos «homens é o que vende sua honra o sua «consciência para adquirir dignidades e «riquezas.—Todo o vício é *baixo* e despre- «zível; porém chamamos particularmente «*baixos* aquelles que não suppõem vigor «nem energia, como v. g., a avareza. São «particularmente *vil* os que deshonram e «infamam, convertendo ao homem em uma «besta malévola, feroz e estúpida, como «costuma succeder na embriaguez.

«Chamamos officios *baixos* aquelles que «só exerce a gente miserável e abandonada, como algumas occupaões mechâni- «cas, que não exigem mais que um traba- «lho material e nenhum talento, nem in- «strucção, e por isso são tidos em nenhuma «conta; e chama-se *vil* o exercicio que se «tem por desprezível, em razão de ser su- «ejo, feroz e brutal na sua execução, e en- «tregue de ordinario a gentes tidas por «infames em seu proceder.

«Os dois adjectivos *baixo* e *inferior* indi- «cam uma cousa que está a baixo; porém «o primeiro parece referir-se á altura e á «elevação, e o segundo á ordem. O quarto «*baixo* é o menos alto ou elevado da casa, «e o quarto *inferior* é propriamente o que «tem um ou muitos em cima.

«A palavra *baixo* applicada ao preço de «qualquer mercadoria corresponde com a «de *vil*, ainda que com a differença que va- «mos a indicar. Diz-se que uma cousa está «por *baixo* preço quando custa menos do «que custava de antes, e que está por pre- «ço *vil* ou arrastado, quando todos a des- «prezam, e tem que dar-se quasi por nada.

«Applicadas as palavras *baixo* e *trivial* «á litteratura, diz-se de aquellas composi-

«ções rasteiras e vulgares que carecem de «elevação e nobreza. Chamamos idéas *bai- «zas* as que a opinião e o costume fazem «ter por taes; do que resulta que uma idéa «pode ser baixa numa nação ou época e «não o ser em outra. São *triviaes* todos os «pensamentos e phrases communs que an- «dam, por assim dizer, debaixo dos pés de «todos e enfastiam á força de repetil-as. «Pode uma idéa ser *baixa* sem ser *trivial*, «e ao contrario; ella é *baixa* quando em «logar de representar-se nobre e elevada «só se refere a objectos *vil*s, desprezíveis «ou que por taes são tidos; e é *trivial* quan- «do se ha repetido muitissimas vezes e an- «da na boca de todas as classes do povo.

«A phrase ou expressão é *baixa* quando «recorda idéas contrarias ao decoro, á de- «cencia, aos bons costumes, ou a cousas «oppostas a uma linguagem fina e esmera- «da, sendo ellas por si desprezíveis e re- «pugnantes; e chamamos *trivial* a uma «phraso quando só a usa a plebe, ou a clas- «se mais inferior do povo.—Ha expressões «que são *baixas* em poesia e não em prosa, «sobre tudo em discursos singelos e fami- «liares; porém a expressão *trivial* guarda «seu carácter em todos os estylos e é tão «mal recebidz em prosa como em verso.

«*Desprezível* é tudo que por si, pelas cir- «cumstancias ou estado em que se acha, «merece desprezo.—Diz-se das pessoas, e «no sentido moral é expressão mais forte «que *baixo*, *inferior* o *trivial*.

Bala, projectil.—*Projectil* se diz de qualquer corpo sólido e pesado susceptivel de ser arrojado por uma força qualquer: *uma pedra despedida pela funda é um pro- jectil*. Particularmente dá-se este nome a qualquer corpo arrojado por uma arma ou hõca de fogo; *as balas, as bombas, são projecteis*.

Bala é o *projectil* redondo ou cónico que despedem as armas portáteis de fogo, e tamhem as peças de artilharia.

Assim, qualquer especie de *bala* é *projec- til*; o *projectil* pode, ou não, ser *bala*.

Balacear ou balançar; hesitar. vacillar.—O primeiro de estes ver- bos é pouco usado, havendo expressões que o suprem, por exemplo «estar perplexo» ou «estar suspenso»; tem porém em seu favor o exprimir a idéa numa só palavra, o que sempre é preferivel. Derivado de *balan- ça*, indica a acção de comparar o peso ou valor das alternativas até que a razão se decida.

Hesitar não indica uma acção completa- mente negativa, como alguns pretendem; longe d'isso, este verbo revela uma idéa de esforço para sair da inanição, esforço que porém não é bastante eficaz para ope- rar ou reagir immediatamente, resultando de ahí uma repetição ou sério de tentati-

vas que concluem pela execução ou pelo abandono do intento.

Quem *balanceia* não sabe o que ha-de fazer; não sabe que partido tomar. Quem *hesita* sabe o que ha-de fazer, mas não ousa, não se atreve, não se decide.

Tacilar é tomar ora um, ora outro partido.

Dos dois primeiros vocábulos de este grupo disse Roquete, traduzindo quasi literalmente de Guizot:

«São modernos na lingua estes verbos, mas têm boa origem e analogia, são expressivos; e por isso que são da lingua-gem moral e philosophica, que é hoje geral a quasi todas as linguas da Europa, e devem distinguir-se em a nossa como em aquellas se distinguem.

«*Balancear*, em seu sentido proprio, é occupar-se em equalar e equilibrar os pesos de duas cousas, pondo-as para isto numa *balança*; e no figurado examinar com maior dureza as razões pró e contra, e os effectos bons ou maus que de verificar-se uma cousa podem resultar, e para isto é necessario contrapesar, compensar, equiparar, cotejar, etc. O *balancear* suppõe dvida até que se chega á definitiva resolução.

«*Hesitar*, quo é o verbo latino *hesitare*, é estar suspenso, perplexo, pendendo ora para uma parte ora para outra, sem atrever-se a tomar resolução nebuma.

«Quando ha razões, motivos que pesar, *balanceaes*, porque estas incertoz, incluindo-vos já a um, já a outro lado. Quando ha obstáculos e difficuldades que vencer, *hesitaes*, alguma cousa vos prende, estas suspensos, irresolutos; quando quereis ir para diante, olhaes para trás. Quando do *balanceaes*, não sabeis o que haveis de fazer; quando *hesitaes*, nada vos atreveis a fazer. Em quando *balanceaes*, nada vos tira da vossa perplexidade; quando *hesitaes*, alguma cousa vos contém ou intimida. — As pessoas timidas *balanceiam* por muito tempo, e as pusillánimes *hesitam* sempre. — As pessoas de talento, de juizo, de circumspecção *balanceiam* por prudencia; os preguiçosos, desleixados, frouxos, cohardes, desconfiados, *hesitam* por acanhado ânimo. — O ignorante em nada *balanceia* porque de nada duvida; o temerario em nada *hesita* porque nada teme. — *Balancear* quando se trata de delibear, quando já se não trata senão de executar, não *hesitaes*».

Lacerda disse o mesmo em menos linbas:

«*Balançar* ou *balancear*, significa, no sentido proprio, equilibrar dois differentes pesos, ou os pesos do duas cousas; mas, no figurado, quer dizer, examinar com reflexão, considerando alguma cousa do baixo de todos os seus differentes aspectos, para inferir o que convém. Quem *balanceia* duvida até que se resolva. *Hesitar* é

«estar suspenso, perplexo, sem atrever-se a tomar nenhuma resolução».

Balbuclar, gaguejar, tartamudear. — *Balbuclar* é não pronunciar claramente certas articulações; é defeito commum á infancia e á extrema velhice.

Gaguejar, ser gago, é falar com difficuldade, cortando as palavras e repetindo varias vezes a mesma syllaba antes de pronunciar a seguinte; é defeito dos órgãos vocaes.

Tartamudear é precipitar as palavras de modo confuso, confundil-as num ruido surdo que não as deixa ser comprehensíveis. O *tartamudear* pode ser effecto accidental da commoção ou da emoção, ou defeito natural que provém dos órgãos vocaes.

Colhidos de improviso, **balbuciamos**; por imperfeição natural, **gaguejamos**; as pessoas nervosas **tartamudemam** quando vivamente emocionadas.

Roquete diz:

«Quando os meninos começam a aprender a falar acham difficuldade em pronunciar certas syllabas pela debelidade de seus órgãos, tendo que suppril-as com outras, que já lhes são mais fáceis; e como os sons quo primeiro pronunciam são *ba, be, bi, bo, bu*, e por isso mesmo os repetem em logar de outros, de aqui vem sem dvida por onomatopéa o verbo *balbuciar*, e designa primariamente aquelle defeito temporario nas creanças.

«*Balbuciam* os moniuos porque ainda não estão fortificados os órgãos da voz; e os velhos *balbuciam* porque já os têm muito debilitados. — A *gagueira* vem mais do defeito orgânico que de hábito. — A *tartamudez*, que era o defeito de Moisés, posto que possa provir dos órgãos que se não prestam facilmente á clara pronunciação de certas syllabas, nasce commummente da precipitação com quo alguns se hão acostumado a falar. É vicio difficil a corrigir, mas fácil a evitar quando se acostumam os meninos a hem articular as syllabas e a pronunciar clara e distinctamente alargando o som das vogaes. — A *timidez* *balbucia*; a ignorancia ou desconfiança de si mesmo *gagueja*; a precipitação ou assomo da paixão *tartamudeia*».

Banal, trivial, vulgar, commum, ordinario, familiar, corriqueiro. — *Banal* se diz do termo ou expressão que é do todas as classes sociaes, mas particularmente mais das baixas que das altas.

Trivial (do latim *trivialis*, de *trivium*, encruzilhada) diz-se dos termos ou expressões proprias dos que andam pelas encruzilhadas, ou quo nollas estão parados á espera que alguem os occupe ou mande fazer algum serviço; o que é *trivial* é baixo, grosseiro, e improprio de pessoas decentes.

Vulgar se diz do que é proprio do *vulgo*; como porém o *vulgo* não se compõe só do que é infimo, resulta que *vulgar* se diz dos termos ou expressões que sem ficarem mal na boca de ninguém, não ficam comtudo bem em todas as occasiões. O que é *vulgar* carece de aquella nobreza que não é commun ao vulgo.

Commun significa propriamente «de todos» ou quando menos «de muitos», e também «que não é raro», «que é frequente», e como o que não é raro tem pouco valor, resulta que *commun* se diz dos termos e expressões que não são elevadas ou não merecem apreço.

Ordinario se diz do que não sobressae acima da ordem habitual das cousas, e consequentemente, na ordem de idéas em que consideramos a synonymia de estes vocabúlos, dir-se-á dos termos, expressões ou linguagem que não se salienta de nenhum modo. Este vocabúlo pode considerar-se só neste sentido; porém é muito usual dizelo de aquellos termos que têm algo de indecente ou de baixo.

Familiar se diz da linguagem ou dos termos usados em familia, isto é, no seantuarrio a que elevámos a mulher que escolbemos para esposa e onde educamos os filhos que estremeçemos. Basta isto para se comprehender que, todo termo ou expressão que em familia dizemos, não tem nem as pretensões com que nos queremos impôr aos extranhos, nem pode ter a baixeza com que profanariamos o único sagrado que na terra possuímos.

Corriquetto se diz do que *corre* em boca de todos, isto é, que é *commun*, *vulgar*.

De *trivial*, *vulgar* e *familiar* diz Roquete:

«O estylo elevado, oratorio e poético rejeitam tudo que é *trivial*, *vulgar* e *familiar*, mas nem por isso se devem ter em «igual conta estas trez espécies de pensamentos ou de expressões, que entre si «muito differem, e é mistér não confundir.

«Chama-se *familiar* o que tem relação «com a familia ou se usa em familiaridade, e em litteratura se pode ebamar *commun*, porque é conhecido de todos, o nada tem de novidade. Se um pensamento ou expressão não só é *familiar*, mas é *commun*, ao ponto de andar na boca do *vulgo*, «é *vulgar*; e se entre o vulgo mesmo fôr tão «trilhada que com frequencia a repitam «ainda os mais ignorantes, chega a ser o «que se chama *trivial*.

«O *familiar* é ameno, engraçado, elegante, correcto, e pode ter certa sublimidade que lhe é propria; o *vulgar*, e ainda «mais o *trivial*, é grosseiro, insípido, por «vezes indecente ou estulto, e dista tanto «do *familiar*, quanto o *familiar* dista do «eloquente e grandiloquo».

Lacerda, além dos trez vocabúlos comparados por Roquete, compara também *ordinario* e *commun*. Diz:

«*Ordinario* é o que se usa com frequencia. *Commun* é o de que se faz maior uso «do que do já *ordinario*. *Vulgar* diz mais «ainda do que *commun*. *Familiar* denota o «que é usual, habitual, acostumado. *Trivial* exprime a idéa de maior uso, de mais «fácilmente praticado do que o que é já «*vulgar*. *Ordinario* refere-se de preferencia «à repetição das acções; *commun* à «multidão dos objectos; *vulgar* ao conhecimento dos factos, á prática de actos não «aprimorados; *trivial* ao contorno ou torneio da phrase. Com referencia ao merecimento das cousas conservam estes termos a mesma gradação. O que é *ordinario* não tem nada de distincto; o que é «*commun*, nada tem de aprimorado; o que «é *vulgar*, não tem nada de illustre; o que «é *trivial*, tem algum tanto de baixo».

Bancarrota, fallencia, quebra.

— De estes vocabúlos, *fallencia* e *quebra* são os únicos que se applicam ao commerciante que não cumpre com os seus créditos; com esta differença porém, que *quebra* se toma em peor sentido que *fallencia*. A *fallencia* suppõe-se que é devida a circumstancias infelizes; a *quebra* pode ser casual ou fraudulenta. Como porém o termo *fallencia* é o único corrente em jurisprudencia, é com elle que so designam as *quebras culposas* ou *fraudulentas*, e as que o não são.

Bancarrota, palavra que sempre envolve idéa desfavorável, não se applica ao commercio, sim porém aos banqueiros e especuladores de fundos. Hoje também se usa e se abusa de este vocabúlo para indicar o estado precario de uma nação cujos déficits consecutivos põe em grave risco os interesses dos seus crédôres.

Eis o artigo que Roquete consagra a estas trez palavras:

«Termos juridicos mercantis hoje muito usados theórica e praticamente, que ás vezes se confundem, mas que entre si differem, segundo a jurisprudencia mercantil moderna. Todo o commerciante que cessa ou suspende seus pagamentos está «em estado de *fallencia*. Todo o commerciante *fallido* que se acaba num dos casos «de culpa grave ou fraude prevista pela «lei, está em estado de *bancarrota*. Concordam estes dois termos em indicar um «negociante ou banqueiro, que, pela desordem de seus negocios, é forçado a quebrar-lhe o curso; porém no uso geral chama-se *fallencia* a *quebra* causada por vezes, acontecidos ao devedor, e em perdas que soffreu, e não podia evitar; e *bancarrota*, á *fallencia* ou *quebra* de má fé; «por isso de ordinario se diz *bancarrota* «fraudulenta.

«*Quebra* é a verdadeira palavra portuguesa usada na ordenação, e que diz o mesmo que *fallencia*, a qual foi adoptada

«no commercio muito tempo depois; hoje «são perfeitamente synónymas e de egual «uso, pois diz-se indifferentemente nego- «ciante *quebrado*, ou negociante *fallido*».

«Apezar de que *fallir de bens* é phrase «clássica o de uso geral na lingua, equiva- «lendo a: «não ter com que pagar aos cré- «dôres, não ter com que satisfazer suas di- «vidas», com tudo, rigorosamente falando, «segundo José Ferreira Borges, só o ne- «gociante, commerciante ou hanqueiro po- «de *fallir*. Um particular, não negociante, «pode tornar-se insolvente mas não *fallido*».

«Quanto á origem da expressão *bancar- «rota*, diz D. Fr. Francisco de S. Luiz que «vem da prática antiga do se quebrar o «hauco que o negociante *fallido* tinha na «praça do commercio, dando por vago o lo- «gar que elle ali occupava; José Ferreira «Borges diz, no seu dicionario juridico «commercial, que ella «vem de ser uso an- «tigo, que fazendo os hanqueiros os des- «contos de letras o trocas de moedas numa «hanca ou mesa, quando alcançados em pa- «gamentos se lhes *quebravam*, *rompiam* as «hancas ou mezas: d'ahi o seu nome».

«Ambos estes senhores têm razão, mas «nenhum de elles deu a verdadeira origem «da expressão *bancarrota*, a qual vem pri- «mitivamente do italiano *banco rotto* ou «*fallito*, donde os Francezes fizeram a sua «*banqueroute*; e ainda que a nossa *bancar- «rota*, isto é, *quebrada* (*rupia*), pareça um «gallicismo, rigorosamente não o é, porque «*banco* em italiano não é *banco* em portu- «guez, senão *banca*, mesa, como se pode ver «no dicionario do Buttura, que diz: — «*Banco*, *lavola presso cui risieggono giu- «dici per render ragione, mercanti per con- «tar danari*, etc., — *banca*, mesa em torno «da qual se assentam juizes para julgar «causas, mercadores para contar dinheiro, «etc.»

Lacerda, falando de estes vocábnlos, comprehendeu mal o sentido que geral- mente se dá a *quebra*, pois diz:

«Diz-se achar-se em estado de *fallencia* «todo o commerciante que suspende os «seus pagamentos. O commerciante *fallido* «que está em algum dos casos previstos na «lei relativamente á culpa grave ou frau- «de, acha-se em estado de *bancarrota*. *Que- «bra* é a *fallencia* originada em infortúnios, «e em perdas que o commerciante pado- «ceu, sem lhes dar motivo. Só falando de «um commerciante se pode dizer que está «*fallido*, *quebrado*. Se falarmos de um in- «dividuo, não commerciante, que não pode «pagar o que deve, diremos que se tornou «insolvente».

Banda, charanga, faufarra, philarmónica, orchestra, mús- ca. — Música é o termo genérico com que se designa o conjunto de músicos que exe-

cutam qualquer composição musical: *mús- ca militar*, *música de aldeia*.

Banda diz-se das músicas regimentaes e tamhem das quo pertencem a certos esta- belecimentos públicos: a *banda do Pa- lacio de Crystal do Porto*; a *banda da Casa Pia*. So a *banda* se compuzer sómen- te de instrumentos de metal, denomina-se *charanga*. — *Faufarra* é gallicismo equiva- lente a *charanga*; não é porém inútil na lin- gua por ser mais expressivo e onomatopá- lico que o termo portuguez.

Philarmónica diz-se das músicas particu- lares organizadas como as *bandas* regimen- tacs.

Orchestra é a música, geralmente com- posta de instrumentos de vento o de cor- da, que toca nos theatros, hailles, concer- tos, etc.

Bandarilha, farpa. — A *farpa* é mais comprida que a *bandarilha*; no touro cravam-so as *farpas* uma a uma, e as *bandarilhas* aos pares.

Bandeira, estandarte, pavil- lhão; insigula. — *Bandeira* é o termo genérico com que se designa qualquer han- da do tecido que arvorada numa haste ser- ve para, pelas suas côres, distinguir os handos ou partidos, as nações, os signaes, etc. Diz-se desde a simples *bandeira* que no alto de um mastro serve de adorno nos arraiaes de aldeia, até ás côres que sym- bolizam uma nação.

Estandarte é palavra mais nobre, mais elevada que *bandeira* e por isso só se diz da *bandeira* de uma nação, de um municí- pio, de uma casa reinante: o *estandar- te real* é encarnado.

Pavilhão é outra designação da *bandeira* nacional; é termo quasi exclusivo á mari- nha mercante, e por muitos considerado co- mo gallicismo. Não obstante é muito ex- pressivo, pois attribue á *bandeira* nacional a virtude protectora das suas côres, que co- hrem, que protegem como um *pavilhão*.

Insignia, como so vê da sua etymologia latina, *signum*, signal, diz-se do qualquer emblema hasteado; as *águas* e *lobas* das le- giões romanas, assim como a cruz alçada das confrarias, são *insigulas*.

Bandido, salteador, malfet- tor, handoleiro. — *Malfetor* é a pala- vra menos enérgica de este grupo; o *mal- feitor* pode viver do roubo sem nunca as- sassinhar, assim como pode ser ladrão e as- sassino. No *Alemtejo* dizem que os ciganos e os *mallezes* são *malfetores*.

Salteador é o ladrão que ataca os passa- geiros nos caminhos, ou que assalta de nou- te as habitações isoladas. O *salteador* vive do roubo, mas não é raro que tamhem seja assassino. Quando o *salteador* opera com

ontros, e entro todos obedecem a um chefe, é *bandoleiro*.

Bandido é o *malfeitor* perseguido pela justiça.

Os vocábulos *bandido* e *malfeitor* são frequentemente empregados como qualificativo das pessoas de má índole.

Bando, turba, turma, grupo, rancho, magote. — Não é necessario indicar, por clara que é, a idéa commum a estes vocábulos.

Bando é a reunião de indivíduos que, numa mesma comunidade de idéas, e para um fim determinado, andam juntos. A esta palavra ligam-se as idéas accessorias de movimento e de chefia, o *bando* indo de um lugar a outro ás ordens de quem lhe está á frente. Ao dizer um *bando de homens armados*, subentende-se que o *bando* anda em operações e que obedece a um chefe. — Para que esta idéa accessoria não se ligue ao vocábulo é necessario determiná-lo, dizendo por exemplo *bando indisciplinado*, mas neste caso *turba* é vocábulo mais apropriado.

Turba é a multidão indisciplinada, turbulenta, que obra em confusão e traz consigo a desordem.

Turma só abusivamente se diz no sentido de *turba*. *Turma* é o grupo composto de um determinado número de pessoas que ha-de prestar o mesmo serviço que prestou o grupo a que succedeu, e que, cumprido esse serviço, o tem de ceder á *turma* que lhe succeder.

Grupo é reunião de pessoas, sem nenhuma idéa accessoria.

Rancho é o grupo de pessoas que andam, comem, ou se divertem juntas. Esta palavra toma-se sempre a boa parte, e inclue geralmente idéa festiva.

Magote é o grupo considerável de gente que caminha na mesma direcção. Este vocábulo pretende indicar quantidade, não porém unidade. O povo dirigia-se em *magotes* para o logar do supplicio.

Bandoleira, canana. — A *bandoleira* e a *canana* trazem-se a tiracolo.

A *bandoleira* serve apenas para sustentar a espingarda; a *canana* tem, além de essa serventia, pequenos compartimentos em que se levam os cartuchos.

Banir, exilar, proscreever, desterrar, deportar, degradar, expatriar. — A idéa commum a estes verbos é a de expulsar da patria ou da localidade onde se tem o domicilio.

Banir é expulsar por decreto público (*bando*, *pregão*); esta palavra envolve a idéa de pena infamante, pelo menos na mente de quem ordena o acto. O *bandido* é expulso, mas sem se lhe determinar o ponto para onde deve retirar-se.

Exilar exprime simplesmente o acto de enviar para fora da patria ou da terra em que se tem domicilio. Não se liga a este vocábulo nenhuma idéa de pena infamante, posto que nelle predomina a idéa de prepotencia por parte de quem ordena o exilio, e não a da gravidade da culpa do exilado. — Muitas vezes o *exilio* é voluntario, e nesse caso é um protexto contra a politica existente ou contra as idéas predominantes.

Proscreever era o acto de expulsar da patria, e prohibir o regressar a ella sob pena de morte. Mais commummente *proscreevam-se* aquelles que fugiam á acção da justiça, e nesse acto, não só se lhes confiscavam os bens, mas até se fixava um premio para o que tirasse a vida ao *proscripto* que fosse encontrado na patria. — *Proscreever*, figuradamente, significa «abolir», «extinguir completamente».

Desterrar é mandar para fóra da terra em que se habita, fixando a residencia em que o *desterrado* deve cumprir a pena, ou concretando-se a limitar-lhe a menor distancia a que pode permanecer do seu domicilio.

Deportar é desterrar por toda a vida para uma colonia distante, geralmente para alguma ilha.

Degradar é enviar para o degredo, seja só como pena infamante, seja como infamante e afflictiva.

Expatriar não é pena que se imponha. Este vocábulo designa o acto de sair da patria, sem outra idéa accessoria, além da de inculcar que a ausencia será longa.

Banqueiro, cambista, especulador, agiota. — É com a primeira de estas denominações que communmente se designam os individuos que exercem as profissões que os restantes vocábulos do grupo determinam.

Banqueiro é o membro de um estabelecimento de crédito, que recebe dinheiro em depósito, que abre contas correntes com o governo e com os particulares, que presta dinheiro sob fiança, e que emite cédulas ou bilhetes ao portador pagáveis pelos correspondentes que tem nas principaes cidades do mundo.

Cambista é aquelle que se dedica apenas a trocar o dinheiro de uma nação pelo de outra.

Especulador é o que trafica em papeis de crédito, empréstimos públicos, subministros ao governo, e outros negocios de esta classe.

Agiota, propriamente, é denominação commum ao *especulador* o ao *cambista*. Vulgarmente se diz do que empresta dinheiro a interesse considerável. V. a pág. 52.

Banquete, festim, bado. — *Banquete* é a refeição em que predomina a so-

lemnidade e uma tal ou qual magnificência; o seu fim é o de obsequiar a alguém, ou o de comemorar ou solemnizar alguma acontecimento. Nos *banquetes* reina geralmente mais cerimonia que alegria.

Festim (do latim *festum*, festa) é a refeição aprimorada de que não é exenta a nota alegre, senão mesmo exigida, e a que se segue geralmente diversões.

Bodo, outr'ora, foi a denominação do *banquete* que se dava nas igrejas por occasião de alguma solemnidade. Hoje apenas so diz da esmola em comestíveis, ou em comestíveis e dinheiro, que se reparte entre determinado número do pobres em comemoração de algum acontecimento, ou para celebração de algum acontecimento, ou para celebração de algum acontecimento.

De *banquete* e *festim* diz Roquete:

«A palavra *festim* indica a idéa do um «divertimento culto em que brilham o luxo, a magnificência, e a que concorrem «as pessoas mais notáveis e distintas da «sociedade. A música, a dança, os rofros- «cos, as bebidas de toda a especie, formam «todo o apparatus d'estas reuniões.

«*Banquete* é a concorrência, por moio de «convite, de muitas pessoas notáveis, com «o fim do comore sumptuosamente em ce- «lebração de algum fausto acontecimento, «particular ou público.

«Os principes, os poderosos dão *festins*; «as corporações *banquetes*; os amigos con- «tentam-se com *bons jantares*. — Um *ban- «quete* acaba muitas vezes em *festim*, quan- «do aos convivas se juntam á noite muitos «outros convidados que fazem a reunião «mais brilhante e apparatusa».

Baralho, baralha. — *Baralho* é o jogo completo de cartas, e, extensivamente, o conjunto de cartas com que se jogam certos jogos; o *baralho* completo tem 52 cartas; o do voltarete tem 40, e o dos centos 32.

Baralha é o maço de cartas que fica, depois de distribuidas aquellas com que tem de se jogar.

Barba, mento, queixo. — Donominações communs á parte exterior da maxilla inferior: *barba* é a denominação vulgar; *mento*, a scientifica; *queixo* é o conjunto da parte exterior e interior da maxilla.

Barbaridade, crueldade, ferocidade, deshumanidade. — Estes vocábulos encerram a idéa commum de «acção ou conducta contraria á bondade».

Barbaridade, vocábulo derivado de *barbaria*, que é o estado de um povo cujos costumes não são morigerados pela civilização — vocábulo quo os Gregos e Romanos já assim entendiam, pois que julgando-se superiores aos outros povos tanto nas artes como na civilização os denominavam bár-

baros — é o acto pelo qual o homem, sem demonstrar instinctos cruéis, mostra carecer da doçura de costumes que só a civilização pode proporcionar. — Com razão se qualifica de *barbaridade* ás corridas de touros á hespanhola. — Note-se porém que este vocábulo não se applica á corrida em si, senão aos que de um modo ou de outro, toureiros e espectadores, participam nella — *barbaridade* applicando-se ás pessoas, e só indirectamente aos factos.

Crueldade é a disposição natural de certos caracteres para obrarem cruelmente; isto é, a *crueldade* é a disposição de aquelles que, se não gozam com fazer soffrer, não sentem dor com os soffrimentos que infligem ou presenciam. A *crueldade* é propria da insensibilidade dos animaes; e assim, este termo designa perfeitamente a indole dos que permanecem indifferentes ante os soffrimentos alheios. Ainda hoje é repugnante a todos a *crueldade* com que Philippe II de Hespanha assistia aos autos de fé da Inquisição.

Ferocidade é a designação do instincto que se apraz em fazer soffrer grandes dores.

A *barbaridade* provém da ignorancia; a *crueldade* da indiferença; a *ferocidade*, da perversidade.

Deshumanidade é o requinte do egoismo que não vem, quando facilmente pudera vir, em auxilio do próximo que soffre.

Roquete, ao tratar de estes vocábulos, não fez senão traduzir o que de elles disseram os synonymistas francezes; diz elle:

«A *barbaridade* é o resultado da igno- «rancia, da estupidez, do erro, da supei- «stição, das preoccupações; nma palavra «da falta de educação, de instrucção e de «talento.

«A *crueldade* é uma inclinação natural «que induz a derramar sangue, a despre- «zar todo o género de animaes.

«A *ferocidade* é uma qualidade das bes- «tas feras que se alimentam de carne, que «accommettem a outras para devorá-las, e «parecem folgar de vê-las padecer, em «quanto ellas se saciam devorando-as.

«*Barbaridade* diz-se unicamente quando «so trata dos homens e de suas acções. A «*crueldade* é mais propria dos animaes; «diz-se tambem dos homens quando têm «a mesma inclinação que os animaes *cruéis*. «A *ferocidade* comprehende os homens e «aos animaes, pois é o excesso da *cruel- «dade*.

«O homem bárbaro ultraja os bons cos- «tumes, e so abandona cegamente á sua «funesta inclinação; o *cruel* carece do to- «do o sentimento de humanidade e de com- «paixão; o *feroz* deixa-se arrastar pelo in- «dômito desejo de fazer padecer as demais «creaturas, sejam ellas quizes forem, e «compraz-se em vê-las padecer.»

Nestes vocábulos andou Lacerda mais acertado.

«*Barbaridade*— diz— é a disposição pro-
 «pria do homem rude, sem policia, e falta
 «de humanidade. *Crueldade* é a inclinação
 «a actos sanguinarios; e a manifestação
 «de um certo prazer por occasião de suc-
 «cessos fortuitos ou provocados, que tra-
 «zem consigo derramamento de sangue,
 «etc. *Ferocidade*, com referencia ás feras,
 «é a qualidade que as move a devorar ou-
 «tros animaes da mesma ou diferente es-
 «pecie; e com referencia aos homens, é o
 «prazer que mostram experimentar com os
 «espectáculos que participam não menos
 «da *barbaridade* que da *crueldade*. A *bar-*
 «*baridade* mata os que odia. A *crueldade*
 «faz acompanhar a morte de tormentos. A
 «*ferocidade* apraz-se em taes espectáculos,
 «e em todos que affligem a mesquinha hu-
 «manidade.»

Barbarismo, solecismo.—E' de Roquete o artigo seguinte:

«Significam estas duas palavras em ge-
 «ral erros de linguagem, com a differença
 «que o *barbarismo* é uma locução viciosa,
 «corrompida, propria do vulgo que tudo
 «adultera; o *solecismo* é um defeito na con-
 «strução da oração que pôde provir de
 «ignorancia ou de descuido.—Por isso que
 «os Gregos e Romanos chamavam *bárba-*
 «*ros* a todos os povos que não eram elles,
 «deram com muita razão o nome de *bar-*
 «*barismo* ás palavras e expressões que por
 «sua viciosa pronuncia se pareciam com as
 «dos *barbaros*, ou delles eram tiradas. Po-
 «deríamos pois nós outros, que temos uma
 «linguagem culta e polida desde Camões,
 «quando os francezes só tinham a sua semi-
 «bárbara de Ronsard, chamar *barbarismos*
 «gallicanos ao que mui francezmente se
 «chamou *gallicismos*. — De Soles, colonia
 «atheniense na Cilicia, que com o andar
 «dos tempos esqueceu a pureza da lingua
 «grega, vem a palavra *solecismo*. Commet-
 «tem-se estes de muitos modos na lingua,
 «como se pôde vêr em Jerónimo Soares
 «Barboza, gramm.»

Bárbaro, selvagem. — *Selvagem*
 qualifica os povos ou tribus mais afastadas
 do estado da civilização. Entre os *selvagens*
 existem apenas costumes, que podem con-
 siderar-se como leis, e chefaturas que afir-
 mam o reconhecimento da necessidade de
 instituições até pelos homens que mais se
 approximam dos irracionais. Os *selvagens*
 vivem em tribus ou grupos isolados, sem
 se occuparem senão da caça, da pesca ou
 da guerra; das artes apenas conhecem o fa-
 brico dos objectos que lhes são indispensá-
 veis para as suas occupaões, e todos os
 seus ideaes se manifestam no amor pela in-
 dependencia e pela liberdade individual.

Bárbaro diz-se dos povos que são a transi-
 ção entre o estado selvágem, que primi-
 tivamente foi commum a todos os homens,

e a actual civilização. Os povos *bárbaros*
 têm leis mais ou menos arbitrarías, artes
 não aperfeiçoadas, e governos constituidos.
 Como entre os Gregos a palavra *bárbaro*
 designava todos os povos que não eram gre-
 gos, e que denominando-os assim, a Gre-
 cia os qualificava de carecerem da civili-
 zação que ella attingira, servimo-nos de
 esse vocábulo para designar os povos ru-
 des, grosseiros, que só ligam importancia
 á força e ás qualidades guerreiras, que têm
 leis pouco desenvolvidas, poucas artes in-
 dustriales, imperfeitos conhecimentos agri-
 colas, e cego apêgo a absurdas instituições
 religiosas, etc.

Roquete diz de *bárbaros* e *selvagens*:

«*Bárbaros* chamavam os Gregos a todos
 «os estrangeiros, porque se julgavam su-
 «periores a elles nas artes e na civiliza-
 «ção, mas a palavra *barbaros* não é grega,
 «pois já de ella usavam os Egypticos para
 «designar as outras nações, e segundo
 «Court do Gebelin vem de *bar*, voz célti-
 «ca e oriental. Depois os Romanos usaram
 «da palavra *barbari* na mesma accepção,
 «e parece que os habitantes do Celeste
 «Imperio chamam tamhem *bárbaros* aos
 «Europeus que lhes vão levar uma civili-
 «zação que elles não querem. *Selvagens*,
 «segundo a palavra o está dizendo, são ho-
 «mens que habitam as *selvas*; de aquí ro-
 «sulta pois differença sensível entre os dois
 «vocabulos considerados etymologicamen-
 «te, mas cumpre fixar-lhes a significação
 «respectiva segundo são entendidos pelos
 «doutos.

«Povo *selvagem* é o que ignora a arte de
 «escrever, não tem policia, professa uma
 «religião absurda, tem leis grosseiras, e
 «não contráe allianças com as nações ci-
 «villizadas; cultiva principalmente os exer-
 «cicios do corpo, como a caça, a pesca, a
 «pastoricia, etc., e pugna sómente pela li-
 «berdade natural. E se não tem habitação
 «fixa, e professa vida errante, chama-se
 «*nómado*. *Bárbara* é aquella nação que sa-
 «be a arte de escrever, tem policia o ma-
 «gistrados, religião regular, e faz allianças
 «com outras nações; mas não tem sua lin-
 «gua polida, nem sua legislação ordenada;
 «não cultiva com primor nem as sciencias
 «nem as artes, e é amiga da guerra. Este
 «é o estado de transição dos povos *selvá-*
 «*gens* para o estado de maior civilização,
 «ou do retrogradação das nações civiliza-
 «das para o estado *selvagem*».

Lacerda diz tambem a respeito de estes
 vocabulos:

«Os antigos egypcios, ao depois os gre-
 «gos, á imitação de elles os romanos, e ho-
 «je os chins, deram esta denominação a
 «todos os extrangeiros, por considerarem
 «todos, sem excepção, inferiores nas sci-
 «cias, nas letras, nas artes, na policia, etc.
 «Os *selvagens* são os habitantes das selvas,
 «que não cultivam as artes, nem gozam

« dos benefícios da civilização. Uma nação selvagem não conhece, nem respeita nem as leis, nem convenções sociais. A nação bárbara conhece e respeita em geral essas leis; mas carece de aperfeiçoamento em tudo o por que se distinguem os povos civilizados ».

Barco, embarcação, navio. — Barco é termo genérico, mas restricto á idéa de construção, o nisso differe de *embarcação* que designa qualquer corpo flutuante que pode conter pessoas ou cousas. A jangada a que os naufragos se confiam é uma *embarcação*, mas não um *barco*.

Navio é a *embarcação* destinada a navegar no mar, mas só se diz dos *barcos* cobertos, para os quaes é termo genérico.

Embarcação não se diz actualmte dos navios de guerra; *barco*, sim.

Bardo, trovador, vate. — *Bardo* era o nome dos poetas e cantores populares de entre os celtas.

Trovador é a designação que damos aos *troubadours*, poetas ambulantes da lingua d'oc que andavam pelo sul da França cantando sonetos e trovas de castello em castello, e que tambem damos aos *trouvères*, poetas da lingua d'oïl, que no norte da França se dedicavam á poesia épica, e aos quaes se devem os primeiros romances de cavallaria.

Vate era o propheta que fazia os seus vaticínios em estylo elevado, quando não em verso.

Metaphóricamente estes vocábulos se dizem por *poeta*, não porém do autor de poesias ligelras.

Barra, leito, cama. — Barra é o leito composto de dois bancos de madeira ou de ferro em que assentam duas ou trez táboas para sobre ellas se pôr o enxergão.

Leito é qualquer *cama* de alto; *leito nupcial*; *leito de hospital*. — Impropriamente é vocábulo tão extensivo como *cama*: — Por *leito* o solo frio.

Cama é termo genérico e designa aquillo em que se dorme: *cama de folhas secas*; *cama de ferro*.

Barra, lista, riscas, tira. — A idéa commun a estas palavras representa algo de considerável comprimento relativamente á sua largura.

Barra é, de estes vocábulos, o que designa largura mais considerável, e o único susceptível de dar a suppôr alguma espessura. A *barra* pode ser horizontal, vertical, obliqua; pode atravessar, emoldurar ou circumdar uma superficie. *Lenço branco com barra azul*. *Escudo lizo, apenas atravessado pela barra da bastardia*.

Lista inculca muito menor largura que *barra* e implica quasi sempre a idéa de a

linha seguir a direcção do comprimento da superficie. *Chita azul com listas brancas*.

Risca denota *lista* muito estreita, sem idéa de direcção. *Percal de riscas cruzadas*.

Tira differença-se dos outros vocábulos de este grupo em estes sempre se considerarem como situados numa superficie, enquanto que *tira* considera-se geralmente como eousa solta ou separada. *Cortar uma tira de velludo*. *Appliar uma tira de adhesivo*.

Barraca, tenda, palhoça, choça, choupana, cabana. — Á idéa que predomina em *barraca* é a de construção ligeira, geralmente de madeira, e destinada a um serviço de curta duração. *As barracas da feira*.

As *barracas* de lona que se armam e desarmam com rapidez chamam-se *tendas*.

Palhoça é uma especie de *barraca* feita do palha ou de ramos do árvore ou de arbustos destinada a servir de abrigo momentâneo. Na *palhoça* dorme-se em cama de folbas secas ou de palha, e nella não ha outro assento senão uma pedra.

Choça indica lugar de habitação ou de resguardo; está formada de estacas cobertas de ramos e de colmo, o é susceptível de se achar protegida com porta, esta última circunstancia sendo tácitamente negada no vocábulo *palhoça*.

Choupana é a *cabana* que não tem mais abertura que a porta.

Cabana, propriamente, é casa térrea, de pequenas dimensões, de ordinario coberta de colmo, mas em quo ha relativamente algumas commodidades.

Os vocábulos *choça*, *choupana* e *cabana* servem a miudo para designarmos despreziosamente a nossa casa. *Barraca*, figuradamente, incluye uma tal ou qual idéa depreciativa. *Palhoça* nunca se emprega figuradamente.

Barreira, trincheira, estacada. — A mesma obra de vedação se pode dar o nome de *barreira* e de *trincheira*; dir-se-á *barreira* quando a vedação tiver por fim o não deixar entrar no local, e *trincheira* quando principalmente quizer obstar á saída. *Uma barreira separava o público da arena*. *O touro saltou a trincheira*.

Estacada é termo commun a qualquer *barreira* ou *trincheira* feita de estacas cravadas no solo.

Barrete, carapuça. — Estes vocábulos são synónymos perfeitos quando designam a cobertura de lá que os pescadores ou camponezes usam para a cabeça. *Carapuça* porém só pode applicar-se á cobertura de esse feitio; *barrete* a essa e a outras.

Barulho, ruído, som, tom, bulha, estrondo. — *Ruído* é o *som* que produzem os corpos encontrando-se, ou roçando mutuamente as suas superfícies. Tudo produz *ruído*, desde a aragem que bafeja as folhas, até ao furacão que passa desarraigando as mais corpulentas árvores. O *ruído* pode ser considerado como um conjunto de *sons*, mas de *sons* que carecem de inflexões, de *tom*; por isso não se diz o *ruído da música* nem o *ruído da voz*, a não ser para designar um conjunto de muitas vozes, de varias músicas, cujos accordes se confundem e destroem toda a harmonia.

Som é o termo genérico com que se designa quanto fere o sentido do ouvido. Um grito, um tiro são *sons*; diz-se o *som dos passos de uma pessoa*, e o *ruído dos passos de muitas pessoas*, a pluralidade dos *sons* occasionando a confusão de elles, e consequentemente o *ruído*.

Tom é uma inflexão do *som* ou uma série de *sons* que variam de modo gradual; no *ruído* ha *sons*, mas, como dissémos, esses *sons* carecem de *tom*, pois esta palavra designa aquillo que pelo ouvido cala no espirito e lhe produz impressão. Assim, o *som da voz de uma pessoa* depende da conformação dos seus órgãos vocaes; ba *som de voz* agradável, assim como ba *som de voz* desagradável. O *som da voz* é constante no individuo, porque depende da sua natureza. O *tom da voz* depende dos sentimentos que agitam o individuo, da idéa que exprime, da impressão que deseja causar em quem o ouve. O *tom* varia segundo variam as paixões. O *som da voz* é geralmente mais forte no homem que na mulher; é pelo *som da voz* que se reconhece quem nos fala quando não podemos ver a pessoa. O *tom da voz* eleva-se quando a cólera nos domina; é suave quando exprimimos ternos affectos. — O *som* de um instrumento é agradável ou desagradável, segundo a sua natureza ou especie. Os *tons* de um instrumento produzem a harmonia e têm expressão. *Barulho, bulha e estrondo* são variedades do *ruído*.

Barulho é o encontro de varios *ruídos*. O movimento de uma roda motriz causa um *ruído* constante; essa roda põe em movimento varios teares que fazem um *barulho* ensurdecedor. — Note-se porém que neste exemplo o vocábulo *barulho* podia ser substituído por *ruído*, mas então não dava perfeita idéa de cada *ruído* ser distincto dos outros. Numa rua em que ha um caldeireiro os vizinhos soffrem o *ruído* do seu constante martelar; havendo nella varios caldeireiros o seu descencontrado martelar causa um *barulho* insupportável.

Bulha, assim como *barulho*, designa *ruído* desagradável; em *bulha*, porém, nota-se uma certa idéa de menor duração que em *barulho*; o *barulho* pode ser constante, a

bulha é insólita. — Uma só pessoa pode fazer *bulha*; varias fazem *bulha* ou *barulho*. *A uma creança diz-se que não faça bulha; a varias diz-se que não façam bulha ou barulho*.

Estrondo indica um *ruído* único, mas rijo, sonoro. Um objecto pesado faz *estrondo* ao cair no chão.

Base, fundamento. — A synonymia de estes vocábulos no seu sentido figurado, resente-se da que elles têm no sentido proprio. A *base* do um edificio é a parte inferior de elle; é a parte que descança sobre o solo; a *base* de uma columna é a primeira fiada de pedras que está assente no chão. Os *fundamentos* do edificio — veja-se o artigo *alicerces* na página 71 — é a parte subterrânea construída dentro dos *alicerces*. Assim a *base* sustenta o edificio, mas os *fundamentos* sustentam o edificio e a propria *base*. — Do mesmo modo, no sentido figurado, a *base* de um systema, ou de um raciocínio, é a proposição principal sobre que se appoia todo o systema ou a verdade do raciocínio. Necessario é porém que essa *base* se funde sobre *fundamentos* sólidos, isto é sobre verdades incontestáveis. *Uma questão cae pela base quando não tem fundamento*.

Base, penha, pedestal. — *Base* é a superficie inferior de qualquer corpo, e consequentemente não ha *penha* nem *pedestal* sem *base*. A *base* de uma estatua não é, rigorosamente, sonão a parte que assenta sobre a superficie superior do seu *pedestal*; não obstante todo o *pedestal* pode ser considerado como *base* de tal estatua.

Penha não se pode dizer de um *pedestal*, pois geralmente só se designa com este nome a parte em que assenta uma estatua, um crucifixo, um objecto de pouca altura; ademais a *penha* é geralmente formada por degraus ou affecta a forma de um monte, o que faz quo ella tenha um feitiço muito differente do *pedestal*.

De estes vocábulos diz Lacerda, copian-do quasi de Roquette:

« *Base* quer dizer pé, e no sentido meta-phórico, fundamento ⁽¹⁾, ou cousa em que « outra se firma. *Penha* designa a peça de « pedra, mas mais communmente de ma-deira, sobre que se põe estatua, busto, « imagem de santo, etc. *Pedestal* é termo « de architectura, o indica um corpo sólido « de cantaria, mármore, etc., que se destina « a suster columnas, grandes estatuas, etc. »

Bastardo, natural, espurio (filho). — *Bastardo* diz-se do filho de paes que não podiam contrair matrimonio quando o procrearam.

(1) Veja-se o artigo precedente.

Natural qualifica o filho nascido de paes que, sem haver contraído matrimonio, o podiam contrair se quizessem.

Espurio é o filho de pae desconhecido, por sua mãe ser de tai condição que a paternidade de elle pode ser attribuida a varios individuos.

De estes vocábulos diz Roquete:

«Por todos estes vocábulos se indica um «filho illegitimo procreado fora do matrimonio, porém cada um de elles designa «circumstancia particular que determina «entre elles a differença.

«*Bastardo*, do francez *bâtard*, antiga-
«mente *bastard*, vem, segundo a melhor
«etymologia, do allemão *boest*, degenera-
«do, e *art*, raça, especie; ou de *bas*, vil,
«baixo, o *stard*, nascido, que vale o mes-
«mo que baixamente nascido. E' termo ge-
«nérico que indica adulteração e empeo-
«ramento da cousa, o por metáphora se ap-
«plica a tudo que se aparta da pureza, no-
«breza e lustre do sua origem, nomeada-
«mente ao filho illegitimo cujo pae não po-
«dia casar com a mãe quando o tiveram.
«*Bastardia* representa não tanto a illegiti-
«midade do acto como a degeneração quo
«de ali se supphoe provir, ou pela offensa
«feita ao matrimonio, ou pela quebra de
«desegualdade de sangue.—*Bastardos* hou-
«ve entre os principes que, apesar do esta-
«quebra na ordem social, em nada degenera-
«ram dos brios paternos; seja exemplo
«o Rei de boa memoria de quem disse Ca-
«mões:

«Joanne sempre illustre alevantando

«Por Rei, como de Pedro único herdeiro,
«(Ainda que *bastardo*) verdadeiro...

(Lus., IV, 2.)

«Filho *natural* é o procreado segundo a
«lei da natureza, como se não houvera lei
«positiva sobre casamentos, havido entre
«pessoas livres e que bem poderiam, se
«quizessem, contrair matrimonio legiti-
«mando de este modo a prole.

«*Espurio* é termo deshonroso porque não
«só annuncia *bastardia*, senão que dá a en-
«tender que o pae é incógnito porque a
«mãe se facilitava a varios quando o con-
«cebeu.

«O filho *bastardo* e o *natural* têm pae co-
«nhecido que trata de sua educação e que
«procura dar-lhes uma posição pouco infe-
«rior á dos legitimis; o *espurio* é abando-
«nado de pae e mãe e não pode livrar-se
«do desprezível nome de engeitado.—Diz-
«se em sentido figurado que é *espurio* um
«livro cujo autor se não conhece, ou não é
«de aquelle a quem vulgarmente se at-
«tribueu.

Lacerda resumiu o que disse Roquete:
«*Bastardo* (filho), segundo a origem da
«palavra, quer dizer de peor condição, nas-
«cido baixamente. No sentido translativo,

«adulteração, afastamento da pureza da
«origem, da raça. *Natural* (filho), é o ha-
«vido entre pessoas livres, que o podiam
«legitimar contraído matrimonio. *Espu-
«rio* (filho), é o bavido de pae incerto, ou
«desconhecido, por culpa ou menos hones-
«tidade da mãe. Em sentido figurado cha-
«ma-se *espurio* tudo o que não tem autor
«conhecido, por exemplo, um livro; ou
«quando não tem a origem que se lhe at-
«tribueu.»

Bastião, baluarte.—Muitas vezes estas duas palavras hão sido empregadas indifferentemente; não obstante ha entre ellas sua differença.

Bastião é a fortificação considerada em si, quer dlzer, a construção que se consi-dera como obra de engenharia militar.

Baluarte é a fortificação e todo o recinto que dentro de ella ba.

Os sitiadores atacam o *bastião*, os sitia- dos refugiam-se no *baluarte*.

A palavra *bastião* representa força; *ba- luarte* representa força e defesa.

O Porto foi sempre o **baluarte** (não o **bastião**) da liberdade.

Batalhar, combater, pelejar, brigar, luctar, guerrear. — *Bata- lhar* indica que se faz a acção de atacar e de defender-se, procurando matar e não ser morto. Figuradamente significa disputar te- nazmente.

Combater indica mais claramente que *bata- lhar* que a lucta tem por fim anniquilar a parte contraria. *Batalha-se* com brio; *com- bate-se* com empenho.

Pelejar indica melhor que *combater* a re- sistencia que ha de uma e outra parte; mui- tos **pelejaram até coir**.

Brigar desperta a idéa do fim pelo qual *se briga*, da difficuldade que se quer vencer.

Luctar é termo genérico que pode substi- tuir qualquer dos vocábulos precedentes. Indica particularmente força, resistencia, tenacidade.

Guerrear denota opposição activa por parte de quem *guerreia*. Todos os meios são bons para **guerrear o inimigo**.

De estes vocábulos diz Roquete:

«O mais genérico do estes vocábulos, e
«o de que mais usaram nossos bons escri-
«tores, é *pelejar*, do castelhano *pelear*, cor-
«rupção de *preliari*; e exprime todo gég-
«ro de contenda com o fim de resistir e ven-
«cer a parte contraria. Usa-se este verbo
«tanto na voz activa, como na neutra, de
«que Vieira nos deixou bons exemplos:
«*Pelejou* Judas Macabebu tantas batalhas
«(X, 201).» — «Os bomens de inferior con-
«dição, ainda que sejam valorosos, *pele-
«jam* sós; o nobre sempre *peleja* acompa-
«nhado, porque *peleja* com elle a lembran-
«ça de seus maiores, que é a melhor com-
«panhia. Em Ascanio *pelejava* Enéas e Hei-

«tôr; em Pyrrho *pelejava* Acbilles e Peleu; «nos Decios, nos Fabios, nos Scipões *pelejavam* os famosos progenitores de seus appellidos (VII, 478).» — «A carne *peleja* contra o espirito, e o espirito contra a carne (VI, 80).»

«*Combater* é propriamente *bater-se* com...; «é *pelejar* militarmente fazendo força a ferro e fogo; e também oppôr resistência, v. g. *combater* contra os erros, as inclinações, etc. ou *combater* contra os erros, etc. — «A inteireza *combate* contra a cubiça (V. do Arc. I, 6).»

«*Lutar* é contenderem ou *pelejarem* duas pessoas corpo a corpo, sem armas, a brago partido; e no sentido figurado é *pelejar* por vencer, resistindo porfiosamente. — Jacob *luctou* com Deus. O homem, em toda a vida, *lucta* com adversidades, e no fim de ella tem que *luctar* com a morte.

«*Brigar*, do italiano *brigare*, é ter briga com algum, *pelejar* de razões ou a ferir, «de homem a homem, ou de um partido com outro.

«*Guerrear* é fazer guerra, *combater*, *pelejar* na guerra, suppõe todo género de hostilidades que costumam fazer-se as nações ou partidos belligerantes.

«*Batalhar* é *pelejar* com armas, *pelejar* hostilmente um exército com outro, ou uma divisão com outra do inimigo

«Quando duas nações *guerream*, *batalham* seus exércitos e suas armadas e *pelejam* valorosamente seus capitães; *combatem* seus soldados, o ás vezes toda a nação, por defender a sua independencia. «Nas guerras civis *brigam* as facções, os partidos, os bandos, e sua *peleja* antes se deve chamar *lucta* porque nenhum partido so dá por contente sem deitar por terra e pizar aos pés seu adversario.»

Lacerda diz:

«*Pelejar* designa toda a sorte de contenda com o fim de resistir, ou de vencer a parte contraria. Este verbo usa-se activa e neutramente. *Combater* é *pelejar* batendo-se, bater-se com; contender com obras. «*Luctar* é *combater* corpo a corpo sem armas. *Brigar* é *combater* uma parcialidade, uma facção com outra. Chamamos *briga* «uma *peleja* onde se juntam muitos (LXI. TÃO). *Guerrear* é fazer guerra; fazer toda a sorte de hostilidades ao inimigo. *Batalhar* é *combater* um exército com outro. «*Pelejam* duas ou mais pessoas com armas ou sem ellas, com palavras ou com obras. «*Combatem* entre si os homens, os elementos. *Lucta* um homem com outro, e comas ondas o naufragante. *Brigam* os bandos, as facções. As nações *guerream-se*, e *batalham* os seus exércitos.»

Battologia, tautologia, perissologia. — Trez vícios de elocução, cuja idéa commun é a de «repetição» mas que se differenciam entre si.

Battologia é a fastidiosa repetição da mesma idéa exprimida com as mesmas palavras.

Tautologia é a repetição da mesma idéa exprimida em termos differentes.

Perissologia é a repetição inútil da mesma idéa, mas na mesma pbrase; a *perissologia* é uma das especies do pleonasm. Um exemplo do *perissologia*: *por haver conspirado contra o rei perdeu a vida e a cabeça.*

Veja-se o que diz Roquete:

«Trez palavras gregas que indicam trez defeitos do estylo, quo, dado serem todos «contra á elegancia e concisão da pbrase, são entre si distinctos, como a origem e «composição de cada uma de ellas o dá a «conhecer.

«A toda a inútil repetição de palavras «se chama *battologia*, palavra grega (de «*battos* e *logos*), sobre cuja origem não estão de accordo os autores. Uns dizem que «se deveu ao nome do fundador de Cyrene, «chamado *Batto*, o qual suppõe que era «gago, e tinha costume de repetir cada coisa duas ou mais vezes; outros a attribuem «a um mau poeta do mesmo nome que repetia um pensamento com as mesmas expressões que havia empregado a primeira vez; e outros finalmente a um pastor que «fazia o mesmo. E com effeito, Ovidio falou de elle naquelle passagem do liv. II de suas *Metamorphoses* ou transformações, no qual refere como Mercurio furtou a «*Apollo* o gado que andava guardando; e «não havendo ninguem visto fazer o roubo «senão um pastor velho chamado *Batto*, rogou a este que não o descobrisse, offerecendo-lhe em premio uma novilha. O velho prometteu-lho que sim; porém duvidando Mercurio que elle cumprisse a palavra, ausentou-se, mudou de fôrma, voltou, e perguntou-lhe se tinha visto para «que parto fôra o gado que pouco antes andava apascentando; e para tentar sua cubiça offereceu-lhe uma vaca e um touro «se lhe dissesse a verdade. O velho então respondeu-lhe: «Agora ba pouco, ao pé de aquelles montes estavam, e estavam «ao pé de aquelles montes.»

Sub illis

Montibus, inquit, erant, et erant sub montibus illis.

«Pelo que Indignado Mercurio o transformou, diz Ovidio, na pedra chamada *indez*, isto é, *descobridora* ou *denunciadora*. «A verdade é que a palavra grega *battos* «significa gago ou tartamudo; e como os «que o são repetem duas, trez ou mais vezes as syllabas iniciaes das palavras até «que rompem a falar, de aqui se chamaram «*battos* a todos os que repetiam sem necessidade uma mesma palavra.

«*Tautologia* (de *tauto*, o mesmo, *légos*, di-

«go), é a repetição inútil da mesma idéa ou pensamento por termos diferentes.

«*Perissologia* (de *perissos*, que é demais, e *logos*, discurso), é superfluidade de palavras, redundancia nimia, verbosidade, é também exaggeração, oncarecimento. Consiste principalmente este defeito em amplificar demasiadamente um pensamento variando-o de muitos modos diferentes.

«O primeiro defeito oppõe-se á elegancia, e é demasiado grosseiro para que nelle cáiam ainda escriptores mediocres. O segundo e o terceiro oppõem-se á concisão, e não são fáceis de evitar como o precedente. — As phrases de Ovidio são bastante concisas, e seu estilo é sem embargo redundante, porque gosta de variar um mesmo pensamento. Seneca affectou mais concisão na phrase, e não obstante é nimio e prolixo muitas vezes, porque em colhendo entre mãos uma idéa, não a larga até haver apurado quanto sua rica imaginação lhe podia suggerir para illustral-a, amplificar-a, e variar-a de maneiras diferentes. Vieira também cáe algumas vezes neste defeito; o que não admira porque Seneca era um de seus autores favoritos. — Esta affectação de mostrar que se sabe dizer uma mesma cousa de muitas e diferentes maneiras é justa-mente o que Boileau chama com graça *estéril abundancia*. — O que não sabe omitir, entro o muito que sempre occorre quando se escreve sobre materias bem estudadas, o que não é absolutamente necessário naquella passagem, é um declamador, não um escriptor judicioso, e incorre na censura do citado Boileau, que com tanta razão dizia: «Quem não sabe calar nem escrever sabe».

Bazófia, fanfarronice. — Na maior parte dos casos podem estes vocábulos ser empregados indistinctamente; quando porém se faz referencia á nobreza de linhagem, á fortuna, a bens suppostos, melhor se diz *bazofia* que *fanfarronice*. Referindo-se a valentia, a forças, a façanhas, *fanfarronice* é termo mais adequado.

Beatificação, canonização. — A *beatificação* é o acto pelo qual o papa declara que a alma de certa pessoa morta está entre as dos bemaventurados, acto pelo qual se concede tácitamente prestar á memoria do defuncto certas honras, mas só em determinados logares.

Canonização é um acto sollemne em que o papa, depois de proceder a profundas inquirições, nas quaes intervem o proprio diabo representado por um eclesiástico que se intitula seu advogado, declara que a certa pessoa defuncta deve ser prestado o culto de dulia por todos os membros da Igreja cathólica, por ella ficar desdo esse mo-

mento incluída no número dos santos. — A **beatificação** *autoriza a veneração; a canonização aconselha a invocação.*

«Aquella graça particular — diz Roquette — que o papa concede a alguma corporação ou a alguém que a sollicita, a favor de um varão illustre por suas virtudes, permitindo que se lbe dê o título de *beato*, e que se venere em publico sem superstição, chama-se *beatificação*. — A declaração canónica e sollemne de que algum servo de Deus, que morrera em cheiro de santidade, está entre os bemaventurados, feita pelo papa depois de um minucioso exame dos actos de sua vida, o outras formalidades, é a *canonização*, que forma lei geral na Igreja cathólica que obriga a todos. — Aquella precede ordinariamente esta; e aquelle que já era *beato* é escripto no cânon ou catálogo dos santos e como tal deve ser venerado por todo o povo cathólico.»

Beatitude, bemaventurança, dita, felicidade; prosperidade, prazer. — *Beatitude e bemaventurança* são propriamente o mesmo vocábulo, aquelle de forma alatinada, este declaradamente portuguez. Designam o estado das almas que gozam no céo a vista de Deus. — Trazidos porém ao terreno pratico, *beatitude* tem algo de jocosso, e diz-se da fruição dos gozos que se apreciam altamente. Todos conhecemos algum bom velhote que aspira com *beatitude* a sua pitada de simonte.

Bemaventurança, no mesmo terreno da pratica, é o estado (não tão raro como a generalidade o pensa) em que o homem que ama a Deus sem o temer, que ama a familia como ama, que se ri dos homens e das suas imposturas, que goza da tranquillidade de consciencia que a persuasão de ter cumprido o seu dever lhe dá, que não ambiciona mais que o que tem, e a quem Deus favorece com saúde e mediania, vive neste mundo.

Dita e felicidade designam o concurso de circunstancias que tornam o homem feliz. *Dita* parece não designar um estado tão permanente ou tão duradouro como a *felicidade*, mas por outro lado a *dita* proporciona consequências mais importantes que a *felicidade*, e pode até ser causadora de ella. Quem tem a *dita* de encontrar uma esposa carinhosa gozará *felicidade*.

«A *felicidade*, diz um autor, é o conjunto de acontecimentos favoráveis que nos collocam em situação vantajosa, acontecimentos que, sem excluírem a idéa de que tenhamos contribuído para elles se darem, são principalmente devidos ao acaso (veja-se *Dita* na página 22). A *felicidade* pode levar-nos á grandeza suprema, disse Corneille; o que quer dizer que um conjuncto do successos favoráveis, devidos principalmente ao acaso, pode

«collocar-nos numa situação muito vantajosa, e até levar-nos á grandeza suprema. «Este conjunto de acontecimentos favoráveis é independente da satisfação que sentimos no nosso íntimo; é o que quer que seja de exterior a nós próprios. Noutra sentido porém, a *felicidade* é algo de interior, designando essa palavra o estado de plena satisfação em que está o espírito. Por isso se diz que — as riquezas não dão a *felicidade* — isto é, os bens exteriores não dão sempre a satisfação interior. No primeiro sentido, *felicidade* diz-se de certas vantagens, abstraindo a idéa do efeito que essas vantagens causam; no segundo, diz-se do efeito por ellas produzido no ânimo; por outras palavras, a *felicidade*, no primeiro sentido é objectiva; no segundo, subjectiva.»

Prosperidade é um synónimo muito afastado dos vocábulos precedentes, pois só se refere á situação florescente dos negocios, ou ao aacrescimo da fortuna. A *prosperidade* é quasi sempre devida aos esforços de quem a goza: e nisso tamhem se differença da *felicidade* e particularmente da *dita*.

Outra differença existente entre *prosperidade* e *felicidade* é que aquella provém do que se tem, enquanto que esta pode dizer-se de um mal que fogo ou a que escapamos: foi um dos poucos que tiveram a *felicidade* de escapar naquelle naufragio.

Prazer é synónimo ainda mais afastado de *felicidade* que o termo *prosperidade*. Não indica este vocábulo um estado permanente, nem sequer habitual. Tudo o que agrada, tudo o que se goza são *prazeres*, seja qual for o modo ou a intensidade do gosto. Assim ha *prazeres dos sentidos*, *prazeres do espirito*, *prazeres vivos*, *prazeres tranquilllos*, *prazeres elevados*, *prazeres grosseiros*, etc.

Roquette diz de estes vocábulos:

«Todas estas palavras significam um estado de gozo, agradável e afortunado, com algumas differenças que vamos a ver.

«Usavam os nossos antigos a palavra *aventurança*, do aventura, para designar um acontecimento venturoso, e de esta palavra com a particula *bem* so formou *bemaventurança*, que representa um estado do feliz, livre do todo do sprazer, e acomo panhado de todo contentamento; o como não é dado aos mortaes gozar no mundo de tanto bem, só na outra vida pode o homem ser *bemaventurado*; o esta vida futura se chama especialmente *bemaventurança*, da qual gozam os santos no céu.

«*Beatitude* é palavra alatinada de *beatitudo*, que diz o mesmo que *bemaventurança*: felicidade eterna. Tem porém, a circumstancia de se usar como titulo honorífico que se dá ao papa, como se lê em Da-mião de Goes, na Chronica do el-rei D. Manuel: — *Era costume dos reis christãos*

«mandarem obediencia a Vossa *Beatitudo*, etc.

«A *dita* não consiste no gozo dos bens mundanos, senão numa situação agradável e socegada em que a alma se acha, da qual nunca quizera sair.

«A *felicidade* é uma *dita* mais viva e activa, pois nella goza a alma os mais deliciosos prazeres, sem ser inquietada de novos desejos. Porém, quão raro e fugitivo é esse estado que chamamos de *felicidade*! E quem poderá assegurar que o goza!

«A causa da *dita* vem ordinariamente de fóra de nós, o assim dizemos: *tivemos uma dita*; *teve a dita de encontrar um amigo*; *teve a dita de obter um emprego*; fui *ditoso* em minha empresa. — E' pois a *dita* um acontecimento venturoso, um successo feliz, que ás vezes se repete, e constitue o que se chama um homem *ditoso*. Dizemos *ditosa vida*, *ditosa virtude*, *ditosa solidão*, etc., quando nos faz passar em perpetuo agrado sem desasocogonem transtorno algum.

«*Prosperidade* é termo mais extenso que os dois precedentes, pois indica feliz estado de saudo, de negocios, felizes successos; diz-se não só dos individuos, mas das nações, etc.

«O *prazer* é um sentimento agradável mas fugitivo. — Considerada a *dita* como sentimento, será uma repetição de prazeres; a *prosperidade*, de successos afortunados; e a *felicidade*, o gozo completo de *prosperidade*»

Lacerda não definiu melhor estes vocábulos; diz elle:

«*Bemaventurança* indica um estado não só exempto de toda a sorte de desgosto, mas tamhem cheio de prazer. *Beatitude* significa o mesmo que *bemaventurança*, porém é usado mais particularmente no sentido mystico; e além de isso, empregava-se antigamente como titulo honorífico attribuido ao summo pontifice. *Dita* designa o estado tranquillo e agradável da nossa alma. *Felicidade* significa a situação da nossa alma, em que, na posse do que deseja, usa e goza, sem nada mais appetecer. *Prosperidade* é o estado em que a alma está contente, porque o corpo não padece, o as cousas nos succedem como queremos. *Prazer* é o resultado de uma sensação agradável, mas pouco duradoura».

Beato, carola, religioso, hypócrito, tartufo, jesuita. — *Beato* diz-se da pessoa que se entrega a devoções frequentes. Como porém o uso haja arredado este vocábulo da sua primitiva significação, que, dito seja de passo, devesa ser exclusiva, convém attribuir a qualificação de *religioso* áquelle que de boa fé é inclinado ás praticas religiosas o as exercita. Não obstante deve notar-se que o qualificativo de *religioso* nunca pode ser tomado senão

a boa parte, emquanto que o de *beato*, mesmo na significação que lhe é peculiar, não denota senão fraqueza de espirito, monomania, religião mal comprehendida. O *beato*, com tal de assistir puntualmente aos officios divinos, de rezar as suas orações, de cumprir as suas penitencias, sóo frequentemente desprezar os deveres que lhe impõe o seu estado do homem emesmo de pae ou de esposo. Não envolve esse mau sentido o vocabulo *religioso*; antes pelo contrario, com elle se qualifica ao que pratica a religião hem entendida.

Como dissémos, *beatotem*, pelo uso, adquirido outro sentido, mas precisamente isso é devido ao vocabulo deixar suppor algo de exaggeração e de mal entendido nas praticas do culto. No sentido que geralmente agora se lhe attribue, *beato* aproxima-se muito de *hypocrita*, mas de *hypocrita* que affecta grande devoção mais por tollice que por cálculo, mais por simplicidade de espirito que por interesse. — Quando ao vocabulo *beato* se quer dar o sentido de *hypocrita* ou de *tartufo*, diz-se *beato falso*.

Carola é o *beato* de boa ou má fé quem tem a mania de promover festas de egreja ou de concorrer para a sua realisação e brilhantez.

Hypocrita, vocabulo que em grego designava os actores que cobriam a cara com uma máscara para representarem a personagem de quem o disfarce recordava as feições, é termo genérico com que se qualificam as pessoas que affectam sentimentos, idéas e opiniões que na realidade não têm. Quando a *hypocrisia* se manifesta em religião, o *hypocrita*, segundo o grau da sua *hypocrisia* é ou *beato*, ou *jesuita*, ou *tartufo*.

Tartufo, principal personagem de uma das comedias de Molière, é vocabulo admitido na lingua para designar o refinado *hypocrita religioso*. *Tartufo* é aquelle quo ás praticas affectadas de piedade allia a mais refinada velhacaria; que se attrai a sympathia alheia e explora os incautos; que não só affecta ser virtuoso, senão que reveste todos os seus actos, discursos e linguaagem com a mais meliflua unção; aconselha a virtude, induz á observação das praticas religiosas, inspira o temor de Deus, e engana e arruina sem fé nem consciencia.

Jesuita é qualificativo que se attribue por odio e desprezo áquelles que são velhacos e mentirosos, e que, sob a máscara da piedade e das praticas religiosas, occultam a perversidade de sentimentos, os seus projectos contra os outros, e o desejo ou intenção de ludibriar e prejudicar. A este vocabulo juntam-se outras idéas accessorias, taes como a de mover á espionagem, a de semear odios e malquerenças, a de cubiceira, a de frialdade ante a execução do crime, a de negação de todo sentimento louvável.

Roque e Lacerda só comparam *beato falso* e *hypocrita*; eis o que diz este último:

« *Hypocrita* é o que usa de *hypocrisia*, isto é, que finge virtude e santidade, sendo antes vicioso. *Beato falso* designa restritamente o que se finge muito *religioso* e *devoto*, não sendo nem uma, nem outra coisa. *Hypocrita* é termo genérico, e applica-se a todo o homem que, seja no que fôr, finge ser o que não é. *Beato falso* designa a especie do *hypocrita*, que se dá por devotos quando são sómente viciosos. »

Roque disse:

« A primeira de estas palavras — *hypocrita* — é o género; a segunda — *beato falso* — é a especie. »

« *Hypocrita* é palavra grega que significa cava actor, comediante, e, no sentido figurado, homem fingido, dissimulado; tem entre os modernos só o segundo significado, e designa em geral aquelle que apparenta o que não é ou sente, mórmente em virtude e devoção. O *beato falso* é um *hypocrita religioso*, que dehaixo de apparencias e praticas devotas occulta vergonhosos vícios. »

« A *hypocrisia* estende-se a todos os actos exteriores que se oppõem aos sentimentos interiores, como disse Vieira: — *Bons exteriores com mau interior são hypocrisias* (v. 223); — a *beatice falsa* só se dá em cousas religiosas. »

Beato, santo. — *Beato* é o defuncto quo foi beatificado; *santo*, o quo foi canonizado. *Veneram-se os beatos*; *invocam-se os santos*. — Veja-se o artigo **Beatificação**.

Bebedeira, bebedice, borracheira, embriaguez. — *Embriaguez* é de estes vocabulos, não só o que tem melhor origem, e o único que pertence á linguaagem culta, senão o que tem maior extensão que qualquer dos outros.

Bebedeira e *borracheira* são termos vulgares que propriamente só devem empregar-se para designar a *embriaguez* causada pelo vinho ou licores espirituosos. *Borracheira* parece indicar *embriaguez* habitual, pois mais depressa se diz: *está com a borracheira*, do que: *está com a bebedeira*, quando se quer designar que alguém está no estado de *embriaguez* em que frequentemente se acha: — *borracheira*, sendo vocabulo derivado de *borracho*, que é aquelle odrezinho que os viandantes levam consigo, que possuem, por onde bebem de costume, indica, ou pelo menos parece indicar, mais hábito do beber que *bebedeira*, vocabulo derivado do *beber*, acção que melhor manifesta necessidade que vicio. Apoiá tambem esta asserção o dizer-se que aquelle que so embriaga habitualmente é um *borrachão*, em quanto que *beberrão*, se bem indica pessoa que bebe muito, não implica a idéa da bebida o embriagar, antes pelo contrario, parece dizer que é pessoa

que bebe muito, mas que supporta perfeitamente a bebida. Também aquelle que por acaso se embriagar diz mais depressa que apañou uma *bebedeira* que uma *borracheira*.

Bebedice é o hábito ou costume de beber muito, de frequentar os lugares onde se bebe, de embriagar-se a miúdo. Esta vocábulo parece contradizer a nossa opinião sobre a differença que dizemos haver entre *bebedeira* e *borracheira*, mas essa contradicção é apenas apparente, pois antigamente era o vocábulo *borracheria* que nesse sentido era empregado.

Embriaguez é o estado da pessoa *ébria* estado que pode ser originado pela bebida, como pelos vapores ou cheiros muito fortes. Metaphóricamente é vocábulo muito usado, assim como a palavra *ébrio* de que deriva.

Beber, beberricar. — *Beber* é engulir um liquido, sem indicar o modo, nem que do vocábulo se infira nenuma idéa accessoria. *Beberricar* é beber a pequenos goles successivos.

Em sentido determinado *beber* exprime a idéa de beber frequentemente vinho ou licores; *beberricar*, a de andar por botiquins e tabernas bebendo pequenas quantidades, mas repetidas vezes.

Beijo, lábio. — *Beijo* é denominação commum ao homem e ao animal; *lábio* só se diz da parte exterior e carnosa que forma o contorno da boca humana. *O bço nasce no lábio superior* (não no *beijo superior*).

Lábio (que não *beijo*) so diz também das bordas das feridas.

Diz Roquette:

«Aquellas duas membranas carnosas e sem osso que formam a parte exterior da «boca, e cobrem os dentes quando se fecham, chamam-se *beijos*, tanto no homem como nos brutos. — A parte mais macia e «delicada dos *beijos*, que são as bordas em «que muitas vezes brilha a côr de rubim, «o quando abrem o sorriso deixam ver «os dentes, são os *labios*. — A primeira é «palavra vulgar, a segunda é scientifica e «poética. — Ajudam os *beijos* a fala o a «mastigação; só aos *labios* é dado imprimir meigos ósculos.»

Lacerda não fala de *membranas carnosas sem osso*, mas sim de *órgãos que cobrem os dentes*. Diz elle:

«*Labios* são as extremidades ou bordas «dos *beijos*. *Beijos* são os dois órgãos do «resto do homem, e de alguns outros animais, que lhes cobrem os dentes, o formam com a abertura a entrada da boca. «No sentido figurado diz-se communmente *labios* e não *beijos*. Na linguagem vulgar emprega-se a palavra *beijos*, e na «scientific e poética *labios*.»

Beijo, ósculo. — Geralmente estes vocábulos confundem-se, não obstante *ósculo* (do latim *os*, *boca*) designa particularmente o *beijo* dado nos lábios ou na face.

Beira-mar, litoral, costa. — *Beira-mar* e *litoral* são synónymos perfectos, designando um e outro o terreno que está proximo do mar. Dizer *as povoações do litoral* ou *as povoações da beira-mar* é a mesma cousa. — O vocábulo *beira-mar* pertence porém só á linguagem commum, e *litoral* a esta e á scientifica.

Costa é o limite da terra que é banhado pelo mar.

Belleza, formosura; gentileza, honteza, lindeza. — São *belleza* e *formosura* que offerecem a principal synonymia de este grupo; as restantes palavras incluímol-as nelle somente por fazerem parte dos artigos em que os outros synonymistas comparam estes dois vocábulos.

Comparem-os também:

Belleza e *formosura* são, não ha dúvida, aquelle conjuncto do perfeições que delectam a vista, prendem a attenção, e enjugam a imaginação, sem que possamos definir a impressão que nos causam, nem determinar a natureza do prazer que sentimos ao contemplal-as. Mas, perguntamol-o, sentimos o mesmo delecte ante a *belleza* que ante a *formosura*? Calam ambas no nosso ânimo causando-lhe impressão equal? Vemos uma mulher *formosa*, que sentimos? Não é o desejo da posse? Certo que sim. — Ninguém duvida que a *belleza* de formas e de feições pode dar-se tanto na mulher branca como na negra; ao ver uma *bella* negra, sentimos por acaso o mesmo desejo que nos assaltou ao contemplar a mulher *formosa*? Por certo que não. Admiramol-a, eis tudo. — De aqui infiro que a *formosura* fala aos sentidos, e a *belleza* ao entendimento. Tanto a *formosura* como a *belleza* despertam em nós a idéa de posse, mas a *formosura* para gozal-a, a *belleza* para admirál-a. E' ao homem sensível que a *formosura* captiva; é ao entendimento, que analyza e estuda, que a *belleza* ebama a attenção. A mulher *formosa* excita o amor; o artista porém só verá nella a *belleza*. O *formoso* uão so contempla, mas, sim o *bello*; não é o *bello* que nos suscita amor, mas sim o *formoso*. Os crentes presumem que os anjos são *bellos*, não *formosos*. A pintura, a escultura, as letras, não são *formosas*, mas sim *bellas-artes*; isto é, na *belleza* considera-se o mérito do todo, as suas proporções e a sua sabia disposição; no *formoso*, é o exterior, o que nelle ha de esplêndido, de attractante, que é considerado. — No que precede consideramos os termos *formosura* e *belleza* com relação ás pessoas, pois falando das cousas, *formosura* e *belleza* parecem synónymos perfectos.

Gentileza é o dom que possui quem nos agrada pela apparencia, pela desenvoltura, pela graça que de si sae.

Boniteza se diz do que nos agrada sem porém nos extasiar.

Líndez é como um conjuncto de gentileza e de boniteza.

Eis o que de estas palavras diz Roquete:

« Consisto a *belleza* e a *formosura* na boa proporção e harmonia das partes que compõem um todo; porém a palavra *formosura* limita-se a representar aquella idéa com relação ao agradável; a palavra *belleza* representa a idéa do perfeição possível.

« Neste sentido so admira a *belleza* do « Apollo do Belvedere, do Hércules Farnésio, dos quaes não póde, com igual propriedade, dizer-se que são *formosos*; porém a Venus de Médicis e o Apollo Pythio tão *bellissimos* para os intelligentes, e *formosos* para todos. — São os olhos os juizes da *formosura*, e por isso acontece muitas vezes que o gosto viciado por capricho ou costume põe a *formosura* no que está mais distante da *belleza*. Se a Venus de Médicis, em cujo corpo se não encontra defeito, se podesse vestir á franceza, que zombaria não faria a maior parte do nossas damas de quem lonvasse a *belleza* de seu talhe?

« A *formosura* só se applica ao physico, ao que obra sobre os sentidos; a *belleza* applica-se tambem ao moral, ao que obra directamente sobre o ânimo. Assim que não chamamos *formoso* a um poema, á expressão de um sentimento, á ternura de um affecto, em que cabe muitíssima *belleza*.

« Não damos por segura a opinião que vamos expôr, mas parece-nos que, sendo a *formosura* o imperio da forma sobre a materia, e nascendo para persuadir, rosnar e avassalar corações, como disse um philosopho, deve especialmente applicar-se ás donas, e a *belleza* aos varões. Não deixará do apoiar-se esta nossa opinião em mui boas autoridades. O Padre Bernardes, falando do menino Moisés, diz: « Livrou na sua *belleza* a sua vida (Flor. V. 117). » Vielra, fallando do Absalão, diz: « Era Absalão tão galhardo mancebo, que do pé ao cabello da cabeça, como fala a Escripura, nenhum pintou a natureza mais bello (V. 441). » Falou muitas vezes este célebre orador de *formosura*, e sempre a applicou ás mulheres. Não será sem interesse transcrevermos aqui alguns logares quo mais so recommendam por sua *belleza*.

« A *formosura* é um bem frágil, e quanto mais se vae chegando aos annos, tanto mais vae diminuindo e desfazendo em si, e fazendo-se menor. Seja exemplo do esta lastimosa fragilidade Helena, aquella famosa e *formosa* Grega, filha de Tindaro

« Rel de Laconia, por cujo roubo foi destruida Troia. Durou a guerra dês annos, e e ao passo que ia durando e crescendo a guerra, se ia juntamente com os annos diminuindo a causa de ella. Era a causa a *formosura* de Helena, flor em fim da terra, e cada anno cortada com o arado do tempo (VIII, 319). *Formosura* apregoadá não está mui longe de vendida (ibid., 292). E tão appetecida das mulheres a *formosura*, que só pela gloria de a contemplarem, deixaram a maior dignidade (ibid., 295). « Aquella graça da natureza a que os olhos chamam *formosura*, não é mais que uma apparencia da mesma vista, enganosa e vã... Socrates chamou á *formosura* tyrannia, mas de breve tempo; Theophrastos chamou-lhe engano mudo, porque sem falar engana. S. Jerônimo diz que é « quecimento do uso da razão... Os primeiros tyrannos da *formosura* são os annos, e a sua primeira morte é o tempo. Debaixo do imperio da morte acaba, debaixo da tyrannia do tempo muda-se; e se algum perguntára á *formosura*, qual lhe está melhor, se a morte ou a mudança, não ha dvida que havia de responder: Antes morte, que mudada. » (IV, 453). « Muito usado é de Camões o epitheto *formoso* como tão harmonioso e poetico que é; citaremos só dois exemplos:

« E como ia affrontada do caminho
« Tão *formosa* no gesto se mostrava.
(Lus., II, 34.)

« *Formosa* filha minha, não temais
« Perigo algum aos vossos Lusitanos.
(Lus., II, 44.)

« E na estancia 76 do Canto IX o poeta parece confirmar a differença que entre *belleza* o *formosura* fazemos, pois diz de Leonardo:

« Quiz aqui sua ventura, que corria.
« Após Ephyre, exemplo de *belleza*
.....
« Já cansado correndo lhe dizia:
« O' *formosura* indigna de asperza,
« Pois de esta vida te concedo a palma,
« Espera um corpo de quem levas a alma.

« Faz elle extensiva a significação de *formoso* a cousas inanimadas como na lingua castelhana, dizendo:

« Trez *formosos* outeiros se mostravam
« Erguidos com soberba graciosa,
« Que de gramineo esmalte se adornavam,
« Na *formosa* ilha alegre e dejetosa.
.....
« *Formosos* leitos e ellas mais *formosas*.
(Lus., IX, 54, etc.)

« Mas não a applica aos homens. A ne-

« nhum dos navegantes que na ilha encan-
tada se derramaram após as nymphas dá
« este epitheto, senão outros que melhor fi-
« cam aos varões; e falando do mais ga-
« lhardo de elles diz:

« Leonardo, soldado hem disposto,
« Manhoso, cavalheiro, e namorado,
« A quem amor não dera um só desgosto.
« Mas sempre fôra de elle maltratado.

(IX, 75.)

« *Gentileza* é a galhardia e hom ar acom-
« panhado de nobre presença, é mais varo-
« nil que a *formosura*; e sendo esta priva-
« tiva do sexo feminino, deve aquella usar-
« se particularmente quando se fala do mas-
« culino; de isto nos deixaram exemplo dois
« mestres da lingua. Vieira falando de Ahsa-
« lão, a quem chama galhardo e *bello*, diz:
« Esta fol a pensão que pagou Ahsalão á
« sua *gentileza*. » (V, 441.) E o Padre Ber-
« nardes, falando do Fortunato de Quia-
« romonte, diz: « Era de tão rara *gentileza*,
« ornada com os retoques da modestia. (V,
« 116).

« *Boniteza* é a qualidade do que é *bonito*,
« mas que não chega a ser *formoso*. *Bonito*
« é palavra familiar que indica cousa agra-
« dável á vista, e toma-se ordinariamente
« pelo opposto de feio, como diz o ditado
« vulgar: « Quem o feio ama *bonito* lhe pa-
« recee. » — Quando se diz das pessoas, enten-
« de-se particularmente das feições e ex-
« pressão do rosto.

« *Lindeza* é palavra mais culta que *boni-
« teza*, e tambem indica mór perfeição no
« objecto *lindo*, que ás qualidades de *boni-
« to* junta certo ar e graça que muito o apro-
« xima de *bello* e *formoso*. Tambem se en-
« tende especialmente das hoas proporções
« do rosto acompanhadas de graça e do-
« naire. »

Lacerda diz:

« Na boa proporção e harmonia das par-
« tes que compõem um todo está a *belleza* e
« a *formosura*; porém a palavra *belleza* sug-
« gere a idéa de perfeição possível obtida
« ou imaginada; e a palavra *formosura* in-
« dica mais restrictamente o effeito agradá-
« vel que produz em nós aquella proporção
« e harmonia. Geralmente falando do phy-
« sico diz-se *formosura*; e diz-se *belleza*,
« quer falando do physico quer falando do
« moral. *Gentileza* é o porte agradável acom-
« panhado de presença nobre. Prefere-se a
« *belleza* com applicação aos homens. *Boni-
« teza* é palavra familiar, que designa a
« qualidade do que agrada á vista, mas que
« não pode chamar-se *formoso*. Diz-se por
« opposição á fealdade, e communmente
« das feições do rosto. *Lindeza* significa
« maior perfeição do que *boniteza*, e appli-
« ca-se principalmente a certo ar e graça
« do rosto, que, sem ter as proporções da

« *formosura*, não parece menos hem do que
« ell »

Belleza, (o) bello. — O *bello* é uma
concepção ideal que não é dado ao homem
realizar. O *bello* absoluto só existe em
Deus, e como ao homem—que vê o infinito
dos céos e não o pode comprehender—não
é possível comprehender o infinito invisí-
vel que é Deus, resulta que na concepção
humana a idéa do *bello* é uma idéa imper-
feita, que o homem só por conjectura po-
de querer imitar, ou, melhor dito, aproxi-
mar.

Belleza é o que, numa obra, representa
a aproximação mais ou menos remota do
ideal forjado pela concepção humana a res-
peito do *bello* absoluto.

E' muito para notar, precisamente por
ser uma das provas da limitação da intel-
ligencia humana, que, sem que o homem
possa definir o *bello*, Deus lhe haja dado
uma noção de elle, noção que, ainda que
imperfeita, é uma das idéas fundamentaes
da razão.

A respeito de estes vocábulos diz Ro-
quete:

« *Belleza* é um vocábulo abstracto; o *bello*
« é um vocábulo concreto, peneirar das hel-
« las-artes, que exprime o typo ideal que o
« artista tem formado em sua phantasia, e
« que lhe serve de modelo para a execução
« de suas produções. É por assim dizer a
« *belleza* personificada, isenta de defeitos e
« leyada á sua última perfeição. — O *bello*,
« considerado em abstracto, melhor se sente
« que se pode definir. Chama-se porém *bello*
« aquillo que por sua forma e apparencia
« deleita; aquillo que no discurso ou elocu-
« ção brilha; aquillo que nas obras de arte
« sobreleva em primor e esmerado feito;
« aquillo que nas altas disciplinas se re-
« monta e sohe de ponto; aquillo que nas
« acções, affectos, indole, mostra honesti-
« dade e decoro. — Para hem julgar do *bello*
« é mistér cultivar o *bom gosto*, que é facul-
« dade intellectiva, a que os Francezes cha-
« mam *le goût*, e os modernos philosophos
« *sopor æstheticus*. »

Lacerda resumiu isso mesmo dizendo:

« *Belleza* é termo abstracto que exprime
« a noção genérica de uma qualidade que
« compete aos objectos naturaes ou artifi-
« ciales, que chamamos *bellos*. O *bello* é um
« vocábulo concreto que pertence á lingúa-
« gem das bellas-artes, e designa o typo
« ideal que o artista conceben, e lhe serve
« de exemplar das suas obras: é a *belleza*
« elevada á maior perfeição com respeito
« ao objecto por ella modelado. O *bello* sen-
« te-se, e, se pode explicar-se, não pode de-
« finir-se; é o que, em cada género, agrada
« a todos, sempre, e em toda a parte. »

**Bélico, bellicoso, guerreiro,
militar, marcial.** — *Bélico* se diz

do que pertence á guerra, do que lhe é relativo, ou do que serve para ella; é termo concreto, e como tal só deve applicar-se ao que é material: **aprestos bélicos**.

Bélico é termo abstracto, e como tal só pode qualificar o que é moral: **carácter bélico**, **tendências bélicas**. — Quando **bélico** se diz do homem, não qualifica a entidade physica, mas a moral: **os povos bárbaros são bélicos**. — Note-se que ao homem **bélico** pode que nunca se lhe apresente a occasião de ir á guerra; e por isso mesmo se vê que este vocábulo, que é, como dizemos, puramente abstracto, não se applica aos factos, mas sim ás tendências.

Guerreiro diz-se de tudo o que é relativo á guerra, considerada como arte: **um rei bélico** **pode ser um mau guerreiro**. Um povo **guerreiro** está sempre disposto para a guerra, vive em constante estado de guerra, acaba-se sempre prompto a emprehendê-la. Um povo não **bélico** pode, por circumstancias especiaes, ver-se obrigado a ser **guerreiro**.

Militar (do latim *miles*, soldado) diz-se de tudo o que é relativo á carreira das armas, á profissão do soldado, quer em tempo de guerra quer em tempo de paz. **A tática militar** differe do que podemos chamar **táctica guerreira**, aquella ensinando as evoluções; esta sendo um producto da inventiva num momento determinado. — Comparando **militar** com **guerreiro** podemos estabelecer que **militar** qualifica o que é teórico; **guerreiro**, o que é prático. **Um bom militar**, muito disciplinado, **pode ser um mau guerreiro**; e **um bom guerreiro**, **pode ser um péssimo militar**, **um indisciplinado**.

Marcial (de Mars, Marte, deus da guerra) significa propriamente o que é relativo a Marte. É vocábulo mais extenso que **bélico**, pois este como dissémos só qualifica o abstracto, em quanto que **marcial** se diz do que é abstracto — e nesse caso se confunde algumas vezes com **bélico** — e tambem do que é concreto: **porte marcial**; **música marcial**. — **Marcial** caracteriza especialmente as qualidades exteriores; **bélico** as qualidades internas: **carácter bélico**; **ar marcial**.

Vejamos como Roquete comparou estes vocábulos:

« Todos estes adjectivos se referem a cousas da guerra, mas cada um de elles tem « seu valor particular.

« Chama-se **bélico** ao que tem inclinação á guerra e a ella é dado; diz-se particularmente das nações antigas, cujo unico exercicio era a guerra, e não podiam acostumar-se a viver em paz. Usa-se tambem o sentido figurado para indicar aquillo que anima á guerra, que inspira animo a **guerreiro**, como disse Camões:

« Dai-me uma furia grande e sonora,
« E não de agreste avena, ou frauta ruda:
« Mas de tuba canora e **bélica**,
« Que o peito acende e a côr ao gesto muda.
(Lus., I, 5).

« **Guerreiro** indica o que é proprio para a guerra, a pessoa que está habituada a fazer-l-a, e tudo que tem relação com ella.

« Os antigos Germanos, que invadiram a parte do imperio romano, formavam uma nação **bélica**; os Allemães, que lhes succederam, são uma nação **guerreira**. Os primeiros por inclinação occupavam-se continuamente na guerra, os segundos só quando a crêem necessaria.

« Chama-se **bélico** a um principe que não só é afeitoado á guerra, mas que de ella faz sua principal occupação. E **guerreiro** um principe que sabe bem a arte da guerra, e combate á frente de seus exercitos. — Carlos XII, rei de Suecia, foi um **príncipe bélico**; Frederico II, rei de Prussia, **guerreiro**. — As nações modernas são antes **guerreiras** que **bélicas**.

« Tudo o que concerne a sciencia da guerra, o que é necessario para bem fazer-l-a, o que tem relação com a administração de um exercito, é **militar**. A arte **militar**, a disciplina **militar**, exercicios **militares**; o que mui bem se ajusta com a origem da palavra, que é *miles*, soldado.

« Não se diz talentos **guerreiros**, mas sim **militares**; porque a palavra talento refere-se aqui á arte, á sciencia. — Valor **guerreiro** é o que se manifesta na acção de **guerrear** e nos perigos que acompanham a guerra, e que com elles cessa. O valor **militar** é um valor habitual que provém não menos do exercicio da milicia que do conhecimento de suas regras.

« **Marcial**, deriva-se de Marte, deus da guerra. Dizemos **ar marcial** para designar aquelle porte ou arreganho que demonstra o nobre sentimento da superioridade de suas proprias forças, de seu denodo, firmeza e valor, como poderia suppor-se ao mesmo deus Marte. — **Marcial** e **militar** não se usam falando de pessoas. — Diz-se um povo ou um principe **bélicosos**, ou **guerreiros**; porém não uma nação nem um **príncipe marcial**, nem **militares**.

« Como substantivo, **militar** indica aquelle que pertence a esta classe, que faz profissão das armas».

Lacerda diz:

« **Guerreiro** indica o que é proprio para a guerra; tudo que tem com ella relação. **Bélico** diz-se do homem que não só é afeitoado á guerra, mas tambem faz de ella a sua principal occupação. **Militar** é tudo que pertence á sciencia da guerra, e é necessario para a fazer; tudo emfim que se refere á administração de um exercito; o por isso se diz **arte militar**, **disciplina militar**, etc. Entretanto dize-

« **mos valor guerreiro e valor militar,** mas differem: **valor guerreiro** é o que se patentola nos perigos da guerra, e com elles acaba. **Valor militar** é o valor habitual que procede da prática ao mesmo tempo que do conhecimento das regras da arte militar. **Marcial** é palavra derivada do deus Marte, o serve para designar o porte nobre, indicador do sentimento da superioridade das proprias forças e coragem, como a teria o proprio deus Marte.»

Bello, bonito.—O que é **bello** é grande, nobre, regular; o **bello** *admira-se*.

O que é **bonito** é fino, delicado; o **bonito** *agrada-nos*.

O majestoso espectáculo que os céos nos apresentam numa noite serena, é **bello**. Um jardim esmaltado de flores é **bonito**.

Bonita é a mulher que pela frescura da tez e o brilho dos olhos nos enamora; ao artista porém pôde não parecer-lhe **bella**.

Nas artes, o que é grande, majestoso, é **bello**; o que é ligeiro, agradável, é **bonito**. Uma ópera, uma tragedia, serão **bellas**; uma zarzuela, uma comedia, nunca poderão passar de **bonitas**.

Bemaventurança, céu, paraíso.—Como tudo quanto pertence ao mysticismo está rigorosamente definido pela Igreja que, segundo ella, nem pode enganar, nem ser enganada, deixemos que dois presbyteros, Roquete o Lacerda nos comparem estes vocábulos.

Diz o primeiro:

«Considerando estas trez palavras em sentido figurado, veremos que se empregam em termos moraes e religiosos quando se fala da morada onde as almas dos justos habitam com Deus na vida eterna.

«**Céu**, contracção de *celo*, de *caelum*, vem do grego *coilos*, côncavo, denota a abóbada da celeste, e translatamente a morada onde de Deus especialmente habita, e também a sublimidade, a grandeza, o seu divino poder.

«**Paraíso** presenta só em sua origem uma idéa physica. Esta palavra usada dos hebreus, mas que é *chaldéa, paredes*, ou *perda*, como querem outros, *pardês* ou antes *p'hardês*, que litteralmente significa vergel plantado de árvores fructíferas, em que ha flores e agnas, etc.; de estes a tomaram os Gregos, e accomodando-a ao génio da sua lingua formaram *paradeisos* que se lê *paradisos*, a que corresponde em latim *paradisus*. Moisés chama ao **paraíso** «jardim de Eden, denominação que ainda conservam os Judeus para indicar a **bemaventurança** a quo se creem destinados. Neste sentido disse Jesus Christo ao bom ladrão: *Hodie mecum eris in paradiso*, boje será commigo no **paraíso**. Da idéa material do **paraíso** terreal provém a moral ou espirital em que geralmente se toma.

«**Bemaventurança** é o gozo da felicidade eterna de que gozam os justos na presença de Deus, e que por isso se chamam **bemaventurados**.

«O **céu** é o tabernáculo, o templo, o throno da Divindade onde os santos vêm face a face a Deus, o contemplam, adoram e glorificam. O **paraíso** é a herança, a patria, a cidade dos bemaventurados, onde Deus derrama sobre ellos enebentes inextinguíveis de bens, de inexplicáveis, espi-rituaes, e ineffáveis delicias. A somma de todos estes bens e delicias sem quebralguma de dosejo ou soffrimento é a **bemaventurança**.

«O **céu** contrapõe-se á terra; o **paraíso**, ao **inferno**; a **bemaventurança**, aos trabalhos de este vida.»

Diz o segundo:

«No sentido religioso, o **céu** é o tabernáculo da Divindade, onde os santos vêm a Deus face a face, o contemplam, adoram e glorificam. O **paraíso** é a herança, a patria dos bemaventurados, onde gozam as delicias ineffáveis do que os enche a bondade divina. **Bemaventurança** é a somma composta de todos aquellos bens e delicias. A' terra oppõe-se o **céu**, ao **inferno** o **paraíso**, ás vicissitudes e trabalhos da vida a **bemaventurança**.»

Como porém nem todos considerem estes vocábulos—**céu** e **paraíso** particularmente, como designação de cousas realmente existentes, acrescentaremos ao que de elles disseram os citados synonymistas.

Céu é a designação habitual do firmamento, o espaço infinito em que giram os mundos, como o indica a etymologia: *coilos* em grego significando côncavo, o a abobada celeste parecendo-nos ter essa forma. O plural, **céus**, usa-se para chamar a attenção para a majestade e grandeza de isso que constitue o universo. Quasi poderíamos dizer que **céu** se diz do firmamento visível, e **céus** de todo elle, do visível e do invisível. — *Cæli enarrant gloriam Dei*, os **céus** revelam-nos a gloria de Deus.

No sentido translato, **céu** designa um lugar onde se goza de tranquillidade, de paz do espirito: *a minha casa é um céu*.

Paraíso, também no sentido translato, se diz de um lugar de delicias, de gozos sonsuas.

De **bemaventurança** já falámos em artigo anterior.

Bemdito, abençoado, bento.—Na página 14, artigo **Abençoar**, já nos referimos a estes vocábulos. Limitar-nosemos agora a transcrever o que de elles dizem os outros synonymistas.

Diz Roquete:

«Do verbo latino *benedicere* se formaram tres verbos portuguezes que, posto que concordem na idéa principal, têm entre si alguma differença. O primeiro é **bemdi-**

«zer que significa propriamente dizer bem, louvar, exaltar. O segundo é *abençoar* ou *abendiçoar*, que significa deitar a bênção ou bênções. O terceiro é *benzer*, que significa lançar bênções, acompanhando-as de preces e ritos apropriados á cousa a que se *benze*.—Os primeiros dois confundem-se muitas vezes na significação extensiva de desejar, pedir bens e prosperidades para alguém. O terceiro não é hoje usado senão para indicar as bênções eclesiásticas ou supersticiosas. — O justo *benhiz* ao Senhor tanto na prosperidade como na desgraça. Os paes *abençoam* os filhos para que sejam felizes. Os sacerdotes *benzem* tudo que é consagrado ao culto divino.

«Esta differença se faz talvez mais sensível nos participios de estes verbos. — *Bemdito* ou *abençoado* diz-se para designar a protecção particular de Deus sobre uma pessoa, numa familia, uma nação, etc. Nossa Senhora é *benhita* entre todas as mulheres. Todas as nações foram *abençoadas* em Jesus-Christo. — *Bento* designa a bênção da Igreja, dada pelo sacerdote com as cerimoniaes do costume. Pão *benito*, agua *benta*, etc. —Vê-se pois que *bemdito*, e ás vezes *abençoado*, se pode dizer no sentido moral e de louvores, o *bento* no sentido legal e de consagração. —As bandeiras militares *bentas* com grande apparato na Igreja, nem sempre são *abençoadas* do céo no campo de batalha».

Diz Lacerda:

«*Bemdito* é aquelle que se louva, engrandece, do quem se diz bem; mas tambem se toma na significação de feliz, ditoso *benhita* hora» por «hora feliz» disse Vieira. *Abençoado* diz-se de aquelle que se reputa ou deseja protegido, cheio de favores especialmente de Deus. *Bento* designa a cousa ou pessoa sobre que se lançam as bênções da Igreja com as cerimoniaes estabelecidas na liturgia; mas tambem se diz de aquelle a quem se desejam os favores do céo, ou que se considera pelo céo favorecido».

Bemquerença, benevolencia; beneficencia.—Apezar de *bemquerença* e *benevolencia* serem o mesmo vocábulo—*bemquerença* segundo a forma portugueza, e *benevolencia* conforme ao latim—, exprimem sentimentos diversos segundo a forma que affectem.

Bemquerença é o affecto carinhoso que temos a alguém, ou o interesse activo que tomamos por uma pessoa. A *bemquerença* é sentimento exclusivo, não o sentimos por todos, mas só por alguns, poucos.

Não assim, geralmente, o que chamamos *benevolencia*; esta é uma disposição natural que nos leva a interessar-nos pelos outros, ou quando menos, é o fingimento de essa disposição. Anta a *benevolencia* de al-

guma pessoa, não ha soffrimento que não lhe cause pena, nem desgosto que fique sem consolação, ainda que a pena seja hypócrita e a consolação mentida.

Se a *benevolencia* se manifesta de modo pratico, se ella se impõe algum sacrificio, então é *beneficencia*.

Estes dois vocabulos têm bastante relação entre si para lhes reconhecermos alguma synonymia. Assim, a *beneficencia* faz sempre supôr *benevolencia*; a *benevolencia* é que pode existir sem a *beneficencia*. Ha casos em que podemos conceder toda a nossa *benevolencia* a alguém, sem que a *beneficencia* tenha de intervir para nada na circumstancia. Outras vezes a nossa *benevolencia* quizera manifestar-se com actos de *beneficencia*, e não o fazemos por não nos acharmos em estado de cumprir os nossos desejos. Frequentemente tambem a *benevolencia* limita-se a demonstrar-se como sentimento estéril; é quando a manifestamos de modo que nada nos custa.

Vejamos o que Roquette diz ao comparar estas palavras:

«Analyzadas hem as duas primeiras palavras (1) não se podem chamar rigorosamente synónimas, porque *benevolencia* vem de *bene*, hem, e *volo*, quero; e *beneficencia* de *bene*, hem, e *facio*, faço; o por certo a vontade ou desço de fazer hem de pouco valio se o hem se não faz. Considera-se porém a primeira como disposição para a segunda, e esta como a pratica de aquella; e els toda a relação que ha entre ellas.

«*Bemquerença* é materialmente em portuguez o que *benevolencia* é em latim, pois vem do verbo *bemquerer* que corresponde exactamente a *bene* e *volo*; mas a sua significação differença-se da de aquella no uso da lingua antigo e moderno. No tempo do El-Rei Dom Duarte tinha a palavra *bemquerença* mui lata significação, pois aquelle sabio Rei a define assim: «*Bemquerença* é tão geral nome que a todas pessoas, que mal não queremos, podemos hem dizer que lhe *queremos bem*; porque nos praz de sua salvação, vida e saúde, e do outros muitos bens que não sejam a nós contrarios (LEAL CONSELHEIRO, pág. 274). —Em nossos dias indica esta palavra a *benevolencia* para uma pessoa determinada, ou o querer hem a certa pessoa; e nisto consiste sua synonymia com *benevolencia*».

Lacerda diz apenas:

«*Benevolencia* é a disposição a fazer bem a alguém. *Beneficencia* é aquella disposição em acto, isto é, a pratica das acções a que nos dispõe a vontade benévola. *Bemquerença* é aquella mesma disposição determinada a favor de certa e designada

(1) Refere-se a «benevolencia» e «beneficencia».

«pessoa. Entretanto, antigamente, e ainda hoje, se toma não raras vezes com mais larga significação».

Bemquistar, reconciliar.—*Bemquistar*, na accepção em que aqui consideramos o vocábulo, diz mais que *reconciliar*. A *reconciliação*, isto é, o acto de *reconciliar*, faz reanudar as relações anteriores, mas esse verbo não inclui como *bemquistar* a idéa de olvido, de perdão. Entre os amigos *reconciliados* permanecerá durante muito tempo a recordação da offensa anterior; entre os *bemquistados* essa recordação é olvidada.

Beneficencia, caridade, philanthropia, humanidade, amor ao próximo.—A idéa commum a estes vocábulos reside em que cada um de elles designa uma qualidade que induz o homem a interessar-se pelos seus semelhantes, e a fazer-lhes bem.

A *beneficencia* é uma inclinação natural pela qual fazemos bem ao próximo por motu proprio, por impulso espontâneo, sem considerar que tal hem é um dever que a moral ou a religião nos impõe.

Caridade é uma virtude das que o catholicismo chama theologaes, isto é, que têm a Deus por objecto. A *caridade* consiste em amarmos o próximo como a nós mesmos, e a Deus mais do que a tudo. — A *caridade* activa, será bella quanto se queira, mas nem por isso deixa de ser uma virtude que é imposta, aos que a têm. — A *beneficencia* é natural, espontânea; a *caridade* é calculada, forçosa. — Da *beneficencia* sae o socorro, o auxilio; da *caridade* sae a esmola. — A *beneficencia* dá sem cálculo; a *caridade* presta a Deus, para, como diz o Evangelho, receber cem por um.

A *philanthropia* considera os homens como irmãos e não pretende, como a *beneficencia* ou a *caridade* ser útil apenas áquelles com quem se está em contacto immediato. Esta qualidade leva o homem a querer ser útil a todos os homens em geral, ao género humano collectivamente, sem attender a nações nem a raças. — A *philanthropia* pode ser suscitada como a *caridade* pela doutrina religiosa que ensina que todos os homens são irmãos, ou, como a *beneficencia*, por um impulso natural.

A *beneficencia* dos ricos devem muitos pobres a existencia; a *caridade* elva templos e hospitaes; a *philanthropia* aholiu a escravatna.

A *humanidade* é a *beneficencia* exercida não só para com o homem, senão tamhem para com os animaes. Tudo o que soffre enontra auxilio em quem tem *humanidade*, em quem se reputa homem, se assim nos podemos exprimir.

O amor ao próximo, no sentido rigoroso que a expressão indica, não existe, pois o

amor não tem centro nem limites. O evangelista João querendo dar uma leve idéa da immensidade do amor de Deus, diz: «De tal modo amou Deus ao mundo que deu a seu proprio filho para que por elle morresse e o salvasse.» — Teria amor ao próximo aquelle que pelo próximo fizesse os mesmos sacrificios que pode fazer pelo filho que idolatra ou pela esposa que adora. — Esta expressão é pois uma hanalidade pretenciosa que no seu justo valor pode ser substituida por qualquer dos vocábulos de este grupo.

De *caridade*, *philantropia* e amor diz Roqueto, comparando os dois primeiros vocábulos a seu modo, ou, melhor dizendo, ao modo mais conveniente aos interesses do convento:

«Cicero comprehende dehaixo do nome de *caritas*, de que nós fizemos *caridade*, as idéas de amor, benevolencia, ternura, zelo e amizade; pelo que se eleva muito a cima de *philantropia*, que segundo sua etymologia (de *philos* e *anthropos*) vale o mesmo que amor dos homens, ou da humanidade.

«A religião christã elevou a *caridade* ao supremo grau de virtude theologica; por ella é que amamos a Deus e ao próximo, que amamos a nossos proprios inimigos, que nos condoemos das miserias de nós e dos semelhantes, e lhes acudimos com socorro ainda á custa de privações nossas; ella nos leva a fazer bem por motivos mais que humanos.

«O hem que fazemos não é só por amor do homem, senão por amor de Deus, que assim nol-o disse e nos deu exemplo; ella é pois a maior das virtudes evangelicas. — Muito mais rasteiros são os motivos e os fins da *philanthropia*; ama-se o homem por amor do homem, e se algum hem se lhe faz não se pode equiparar aos infinitos hens que a *caridade* christã derrama continuamente com mão larga em toda a parte onde o lume do Evangelho eclipsou a pálida luz da humana philosophia. — A *philanthropia* funda-se naquelle principio universal, que não é isento de egoismo: «Faze aos outros o que quererias que te fizessem a ti;» a *caridade* tem a sua origem em Deus, que é a mesma *caridade*, «Deus caritas est, por Deus e para Deus o hra, só de elle espera retribuição. Aquella é virtude angelica e divina, esta é terrestre e humana. Sua differença está hem declarada naquellas sublimes palavradas de Jesus Christo: «Amar os que vos amam é de todas as leis; eu mando-vos que ameis os proprios inimigos.»

«Se o amor se differença da amizade, muito mais se deve differenciar da *caridade*; porém como as obras de um e outro affecto se possam equivocar, para bem as apreciar é mistér saher a intenção de onde provém e o fim a que se encaminham.

«—A *caridade* é sempre uma grande virtude, de, a *philanthropia* pode ser egoísta, o *amor* é sempre interesseiro, e por vezes criminoso.—Muito bem explicou esta diferença o Padre Vieira naquello notável sermão dos ossos dos enforcados; falando elle do bom agasalho que Pharaó deu a Abrahão, diz: «Parecia piedade, eram respeitos; parecia misericórdia, e eram interesseiros. Digamolo mais claro. Parecia *caridade*, e era *amor*. Todas estas encobertas de bens corriam á casa de Abrahão, não por *amor* de Abrahão, senão por *amor* de Sara; e não porque era peregrina Sara, senão porque a formosura de Sara era peregrina (II, 407).

.....»
Lacerda só fala de *caridade* e *philanthropia*. Diz elle:

«*Caridade*, segundo os antigos, é a affeição, a amizade diligente e affectuosa para com alguém. *Caridade* christã é o *amor* com que amamos a Deus sobre todas as cousas, e ao próximo, quer nos seja affeição e amigo, quer adverso e inimigo, como a nós mesmos pelo *amor* de Deus. *Philanthropia* designa o *amor* dos homens, da humanidade. O fundamento da *caridade* de christã é o *amor* de Deus: por ello o querer e mandar amamos os outros bons, sejam quaes forem, façam-nos bem ou mal. O fundamento da *philanthropia* é o *amor* de nós mesmos; bem tratamos os outros para que elles nos bem tratem a nós. A diferença é infinita.

Benefício, favor, graça, mercê. — A idéa commum aos actos que por estes substantivos são designados é que elles são feitos em obsequio da pessoa em quem recaem.

Benefício é um dom gratuito quo inculca a idéa de sacrificio e de superioridade do fortuna por parte de quem o faz. O *benefício* é muitas vezes feito a quem por circunstancias anteriores, tem algum jús a elle; a indole da palavra, porém, revela que o que se faz ou se dá é de valor muito superior ao que é devido, e por isso dizemos que o *benefício* é «dom gratuito.»

Favor e *graça* devem também considerar-se como dons gratuitos, mas differem do *benefício* em varias circumstancias, a primeira das quaes é a de não incluírem a idéa de sacrificio, o a segunda, a de suggerirem a idéa de superioridade do poder, mas não superioridade de fortuna.—*Favor* distingue-se de *graça* em aquelle, *favor*, revelar uma tal ou qual predilecção pela pessoa a quem é feito, carecendo esta, *graça*, de tal idéa.

Que a um antigo e velbo servidor sou amo remunerar os serviços concedendo-lho uma pensão, é *benefício*, ganho em parte pelos serviços prestados, mas que o serviçal

não podia reclamar por os seus salarios lhe terem sido pagos. De parte do amo este *benefício* é um dom gratuito, e revela superioridade de fortuna, e também a de sacrificio posto que se desprende do que podia conservar.

A um ministro pede alguém o *favor* ou a *graça* de conceder um emprego a seu filho. Este pedido manifesta, não superioridade de fortuna, mas superioridade de poder por parte do ministro. So o ministro acceder ao pedido, abstracção feita dos méritos ou capacidades da pessoa a quem o emprego é dado, é *favor* se o pedido se funda na amizade ou predilecção do ministro para com seu pae; é *graça* se tal predilecção não se dá.

O *favor* também pôde fazer-se entre eguaes; não a *graça*.

Mercê, vocábulo hoje pouco usado, participa da idéa particularmente peculiar a cada um dos trez vocábulos precedentemente comparados. A *mercê* porém, considera mais a munificencia de quem a concede, que a condição em que é concedida, e mais chama a attenção para o outorgante que para o agraciado.

O homem poderoso que custeia os estudos do um filho de pobres faz um *benefício*. O soberano que concede uma condecoração faz uma *graça*. O amigo que empresta uma quantia a outro faz um *favor*. — Tudo isto são *mercês*.

De *graça*, *mercê* e *favor*, diz-nos Roquete: «A *graça* é um *benefício* que se concede sem merecimento particular do quem o recebo, e só sim por affecto, por consideração ou por piedade de quem o outorga. *Mercê* é premio, dádiva, galardão que se dá em agradecimento ou recompensa de bons serviços. Antigamente se usava *mercê* por misericórdia ou perdão, confundindo-se com *graça*, como nestes casos: «—fazer *mercê* da vida; ter em *mercê*; —tal vez que então se considerava a *graça* em quanto ao bemfeitor que a fazia, e a *mercê* em quanto ao agraciado que a recebia. *Favor* é termo genérico que significa todo acto de benevolencia affectuosa que distingue e prefera a pessoa favorecida.

«Os reis concedem *mercês* a seus súbditos por acções distinctas do desempenho de seus deveres, e nisto fazem um acto de justiça; liberalizam *graças* quando quærem attrahir os á sua causa; e nisto obram como políticos. Ninguem ha que, por amizade, affeição ou interesse, não faça, ou conceda *favores*.

«Mni judiciosamente designou o Padre Vieira a diferença de *graça* a *mercê* no seguinte logar: «Nenbuma cousa anda mais mal entendida e peor praticada nas côrtes que a distincção entre a justiça e a *graça*. De onde se seguo, que apenas ha *mercê* das que se chamam *graça*, que não seja injustiça, e contenba muitas injusti-

«cas. Não nego que os reis podem fazer «*graças*, e que o fazê-las é muito próprio da «benevolência e magnificência real; mais «isso ha-de ser depois de satisfeitas as obrigações da justiça. (II, 102).» — Para a «justiça é necessário o merecimento; para «a *graça* é necessário o *favor* V, 207)».

De esses mesmos vocábulos diz Lacerda: «*Graça* é um acto de benevolência gratuita. *Mercê* é um acto de benevolência «que a justiça persuade. *Favor* é um acto «de benevolência affectuosa, que prefere «a pessoa favorecida.

«A *graça* exclue direito, mas não o merecimento. A *mercê* supõe direito, e accomoda-se ao merecimento. O *favor* exclue «o direito e o merecimento e atendo sómente à inclinação pessoal».

Beneífico, caritativo.—Em *benefício* e *caridade* (veja-se o artigo correspondente) se vê a diferença que ha entre o homem *benefício* e o homem *caritativo*; aquelle faz o bem espontaneamente; este obra em virtude da lei religiosa ou moral que lhe ordena do não deixar o próximo na afflictão. — *Beneífico* pode também dizer-se das cousas, pois estas operam inconscientemente; *caritativo* só se pode dizer de pessoas.

Benevolento, benevolente. — *Benevolento* é o que usa de benevolência; *benevolente* o que se apraz em ser *benevolento*.—Quando se exercita a benevolência, ainda que seja por excepção, é-se *benevolento*. E-se *benevolente* mesmo quando a benevolência não tem logar para ser exercida.

Benevolência, bondade.—A *bondade* é a disposição natural que nos leva a sempre fazer bem e nunca mal.—Quando a *bondade* so dá do superior para o inferior, do forte para o fraco, e é indulgente, compassiva, amorável, chama-se *benevolência*.

Benevolência diz-se também das cousas que operam com suavidade e conduzem a um feliz resultado.

Roquete diz de estes dois vocábulos:

«Chamamos *bondade* (1) á natural inclinação a fazer bem o a não causar damno «a nossos semelhantes, como fariamos com «nós mesmos, pelo interesse que nos inspira «ram sendo nossa inação ou reflexo. Que «succederá a outros que não nos haja succedido ou possa succeder a nós? E assim «Virgilio, opportuna e sábiamente, poz na «boca de Dido esta sentenciosa expressão: «Havendo experimentado as desgraças, tenho aprendido a compadecer-me dos infelizes, e por isso a favorecer-l-os. Non ignara mali, miseris succurrere disco.

«A *benevolência* corresponde também eo-

«mo especie á *bondade*, que olhamos como «género; o chamaremos *benevolência* á *bondade* mesmo quando a acompanham a generosidade, a tolerancia, a indulgencia, «a brandura e a amabilidade. Esta *qualidade* é particularmente propria das pessoas superiores respectivamente ás que «lhe são inferiores.—Tomada a *benevolência* «de em sentido figurado, e corresponde a «temperança, suavidade do ar, do clima, «das estações.

Bens, riqueza, fortuna, haveres. — *Bens* se diz de aquillo cuja posse parece estar ao abrigo das eventualidades, e como a fortuna que se considera mais sólida é a territorial, este vocábulo designa particularmente as fazendas rurais. Esta palavra não suggere sempre a idéa de *riqueza*, sim porém a de posse. De alguém que se diga: «Tem uns *bens* lá na Belra», não ficamos sahendo se esse alguém é rico, mas sim que possui algo.—No sentido metaphórico, esta palavra designa só o que é superlativamente bom: Não ambiciona mais que o que temos, é um *bem* que nenhum outro iguala.

Riqueza é o que constitue a qualidade do «rico». Este vocábulo suggere por isso mesmo a idéa de abundancia, de grande quantidade de quanto constitue a opulencia, de possibilidade de gastar muito.

Fortuna e *riqueza* differenciam-se em que *riqueza* indica posse, e *fortuna* o uso que se faz de essa posse, o gozo que ella proporciona. O avaro tem grandes *riquezas* (não *fortuna*).

Do muitos que por ahi temos visto gastar a mãos cheias sem conhecermos onde radicam seus *bens*, dizemos que parecem ter *fortuna* (não *riquezas*). — Desde outro ponto de vista, o vocábulo *riquezas* encerra a idéa de *bens* de raiz, e *fortuna* a de dinheiro.

Haveres é termo familiar que só se refere aquillo que se tem, e, geralmente, suggere a idéa de modicidade. Os meus *haveres* não me dão para esses gastos. — Não obstante também se diz tem muitos *haveres*, tem grandes *haveres*.

Bens allodiaes, bens livres. — Diz Roquete:

«Em linguagem jurídica chamam-se *livres* aquelles *bens* que não estão ligados «nem vinculados, que se podem vender livremente, etc.; e *allodiaes* aquelles que «não pagam prestação ou serviço algum «real ou pessoal a um senhorio. Assim que, «os *bens* de capella, ou morgado, e os de «mão-morta não são *livres*, e podem ser *allodiaes*; e os emphyteuticos não são *allodiaes*, o podem ser *livres*».

Lacerda diz o mesmo:

«São *bens allodiaes* os que não estão gravados com o onus de serviço real ou pes-

(1) Em latim «bonitas».

«soal a algum senhorio; e *Bens livres* os de «que, por não estarem viuculados, sopode «dispôr como se quizer, vendendo-os, doan- «do-os, etc.

Benzer-se, persignar-se. — É ainda a Roquete a quem, na sua qualidade da presbytero, vamos deixar o confronto de estes vocábulos.

«De amhos os modos — diz — mostramos «que somos christãos (!) fazendo em nós o «signal da cruz; aceresce comtudo no se- «gundo uma circumstancia, quo não se dá «no primeiro. — Quem se *benze* faz uma cruz «com a mão da testa ao poito, e do um hom- «bro ao outro. Quem se *persigna* (?) faz qua- «tro cruces, trez pequenas com o dodopol- «legar, na testa, na bôca e no peito, o de- «pois a cruz grande como quando se *benze*. «O verbo *persignar*, que vem da fórmula «latina *persignum sancto crucis*, etc., indi- «ca perfectamente a differença entre uma «e outra acção.»

Bêsta, arco. — As armas assim deno- minadas eram diferentes. O *arco* só servia para disparar settas; com a *bêsta* dispará- vam-se settas, pelouros e hodoques.

Besta, estúpido, idiota. — Como termos injuriosos, estes vocábulos são fi- lhos do despeito, da cólera ou de qualquer outro sentimento que fortemente nos domina, e como tal, ditos inconsideiramente, e sem propósito de exprimir nenhuma idéa determinada; num crescendo de cóleramim- moseia-se com elles ao mesmo individuo, o graças pode este dar a Deus se o mimo fi- car por abi.

Roquete porém entendeu que cada um de estes vocábulos oncerria uma idéa especial e assim estabelece a sua synonymia:

«São termos injuriosos pelos quaes se de- monstra a falta de entendimento, masca- da um de olles com sua particularidade.

«Diz-se que um homem é um *besta* para «significar que não tem intelligencia, pe- «netração nem discernimento; que é *idio- «ta* para indicar que é incapaz de combi- «nar as idéas que lhe excitam seus senti- «dos; e que é *estúpido* para manifestar que «carece de todo sentimento. O homem *be- «sta* nada comprehende; o *idiota* nada con- «cebe; o *estúpido* nada o commove».

Lacerda diz:

«Diz-se por forma de injuria, quo um ho- «mem é *idiota*, para significar que elle não «é capaz de combinar nem sequer duas «idéas; e diz-se que é um *besta* para signi-

ficar que não tem intelligencia, nem dis- «cernimento.»

Veja-se o artigo *Asno*, na página 124.

Bétula, vidoelro. — Estes vocábu- los são synónymos perfeitos; o primeiro pertence á linguagem seientífica, o segun- do á vulgar.

Bezerro, vitelo, novillo. — *Be- zerro* é a cria da vacca; perdo esse nome para tomar o do *vitelo* quando deixa do mammar.

Novillo é o touro novo que tem mais de um anno.

Bibliotheca, livraria. — Estes vocábulos estão perfectamente definidos na nossa lingua, o não dão azo á dúvida que Roquete aponta.

Bibliotheca é a casa ou sala em que ha livros exclusivamente destinados para a leitura ou o estudo; *livraria* é a casa, sala ou estabelecimento onde os livros não são lidos ou estudados. A *bibliotheca* nacional, a *bibliotheca* da Universidade. A *livraria* Chardron. — Como se vê, mu- tos livros não constituem *bibliotheca*, esta palavra significando apenas, segundo a sua etymologia «deposito de livros» (em grego *biblion*, livro, e *thékê*, depósito); o que muitos livros constituem é *livraria*. Faz-se o catálogo de uma *livraria*, mas não se fazem catálogos de *bibliothecas*. Se alguma vez se diz o catálogo da *bibliotheca* nacional não queremos dizer senão o catálogo que pertence á *bibliotheca* nacional. Diz-zer que Fulano se desfez da sua *bibliotheca* é nada menos que um erro; dosfez-se da *livraria*, e consequentemente cessou de ter *bibliotheca*. *Sicrano* pode ter uma boa *bi- bliothea* e nella uma pessima *livra- ria*, assim como pode ter uma boa *livraria* no seu quarto do cama, sem ter *bibliotheca*, isto é, sem depósito exclusivo de livros de uso.

De tudo isto se infere que *livraria* é gran- do quantidade de livros; quer de elles se faça uso quer não: *bibliotheca* é o lugar onde ha uma *livraria* destinada exclusi- vamente a ser lida.

A Roquete fez-lhe confusão a dupla acce- pção que tem o vocábulo francez *bibliothèque*, e por isso escreveu:

«Só os quo ignoram a etymologia de es- «tas palavras é quo as podem confundir «entre si; ambas se referem a livros, mas «cada uma por seu modo. — A primeira é «palavra grega, e significa caixa, armario, «casa onde se depositam e guardam livros, «ou por synecdoche os mesmos livros. — «*Livraria*, pela energia de sua terminação, «significa multidão de livros, armazem de «elles. — Do aqui vem que ao guarda do «uma *bibliotheca* se chama *bibliothecario*; «e ao que vende livros, *livreiro*. — Dovemos

(1) «Cathólicos-romanos» quiz dizer, pois os protes- tantes são christãos e não se benzem, nem se persi- gnam.

(2) «Persignar-se» é só peculiar aos cathólicos portu- guezes, hespanhoes e italianos; nas outras nações ou é coisa desconhecida ou desusada.

«com tudo notar que em Portugal se chama *ma livraria* ao que em França se chama *bibliotheca*; e que a palavra *livreiro* tem o mesmo valor que *libraire*; com tudo *livraria* não tem entre nós a acceção mais genérica que tem em França, que é o *manejo e commercio de livros*, e com referência a esta é que se deve entender a palavra *livreiro*, que por isso se chama *tambem mercador de livros*.—Deve advertir-se mais que em França se chama *tambem bibliotheca* ao que nós chamamos *os- tante*, quer seja grande, quer pequena, fechada ou aberta, com livros ou sem elles; acceção que não pôdo admittir-se na lingua portugueza por causa da *homonymia*.—Para se não confundirem as cousas, dever-se-ia chamar *bibliotheca* á casa onde ha grande copia de livros, *classificados* ou postos por ordem para se lerem e *consultarem*; *livraria*, ao *armazem* em que o *livreiro* tem os livros empilhados para o seu *tráfego*; e *estante*, á *obra de madeira* em que se põem os livros por sua ordem».

Lacerda tambem não differencou hem'os vocábulos:

«Do ordinario confundem-se estes vocábulos, tomando-os na mesma acceção; porém differem. *Bibliotheca* designa a caixa, o armario, o logar onde se guardam e conservam livros em certa ordem para serem consultados, etc. *Livraria* significa *multidão de livros*, e designa de modo particular o depósito de livros para venda, e commercio. Assim chama-se *bibliothecario* o guarda e conservador dos livros que hão de ser lidos e consultados; chama-se *livreiro* o que tem grande quantidade de livros em *armazem* ou *depósito* para commercio.

Bichanar, lêr para si.—*Lêr para si* é lêr sem mover os labios; *bichanar* é lêr movendo os labios de modo que produzem um cisio comparado ao «his, bis, bis» com que se chamam os gatos.

Binubo, bigamo.—A idéa commum a estes vocábulos é a de «casado em segundas núpcias». Differem porém em que o *bigamo* contrae segundas núpcias contra a lei, por estar ainda vivo o outro cônjuge sem de elle se ter divorciado; e o *binubo* effectua essas núpcias legalmente.

Biologia, physiologia.—Erradamente é por muitos considerada a *biologia* como parte da *physiologia*, quando é precisamente o contrario que se dá.

A *biologia* considera as leis da vida dos seres organizados; a *physiologia* limita-se a estudar as funções orgânicas de esses seres.

Bloquice, beatice, carolice.—

Na *bioquice* ha sempre hypocrisia, na *beatice* pode haver a ou não. Alem de isso, *beatice* diz-se tanto do homem como da mulher; *bioquice* (!) só de esta.

Carolice, mania commum ao homem e á mulher, é a *beatice* que se revela no constante promovimento de festas de igreja.

Birra, telma, telmosia, obstinação.—A palavra *birra* supõe que não ha fundamento que desculpe ou autorize a pertinácia que se mostra. *Teima* carece de essa idéa. Ha sempre uma razão para a *teima*; essa razão pode ser boa ou má, mas existe; para a *birra* não ha razão nenhuma. *Teimosia* é a qualidade de teimoso; assim a *teima* não é a *teimosia*, senão o seu effecto.

Obstinação differe de *teimosia* em esta ser um vicio habitual, e aquella manifestar-se apenas em certas occasiões e por determinadas causas. Não obstante a *teimosia* pode ser vencida, mas a *obstinação* resiste a todas as razões.

Bisemanal, semisemanal.—É erro qualificar de *bisemanal* o que se faz duas vezes cada semana; o termo adequado é *semisemanal*.—*Bisemanal* é o que dura duas semanas, ou se faz de duas em duas semanas.

O mesmo se deve dizer de *bimensal* e *semimensal*.

Bispado, diocese, mitra, episcopado.—O territorio em que um hispo exerce a sua jurisdicção é uma *diocese*, não um *bispado*, pois não se lê em nenhum hom autor: *bispado pequeno*, *bispado grande*, o *prelado anda visitando o seu bispado*, mas sim *diocese pequena*, *diocese grande*, o *prelado anda visitando a sua diocese*.

Bispado é a autoridade do hispo, a sua jurisdicção. *Arganil pertence ao bispado de Coimbra*.

Mitra diz-se por *bispado* quando se trata do que temporalmente lhe pertence ou dos seus rendimentos.

Episcopado é o espaço de tempo que um hispo exerce o seu cargo. Não tamhem, noutra acceção, a collectividade dos prelados de uma nação. Modernamente substitue o já desusado vocábulo *episcopato*, que designava a ordem sagrada que confere autoridade ao hispo.

Bizarria, valentia.—*Bizarria* diz mais que *valentia* pois lhe accrescenta a idéa de energia e de tenacidade de que *valentia* pode carecer. Quem é *bizarro* é *valente*, mas o *valente* nem sempre é *bizarro*.—Por outro lado a *bizarria* é só propria das

(1) De «bioco», mantilha com que algumas mulheres usavam tapar a cabeça e parte do rosto para affectar vida austera.

almas boas, generosas; condição que nem sempre se alia com a *valentia*.

Boas acções, boas obras.—*Boas acções* é tudo que se faz por principio de virtude. *Boas obras* são as *boas acções*, em proveito do nosso próximo. É *boa acção* censurar o vício, reprehender-o, castigar-o. É *boa obra* socorrer os desgraçados, valer aos infelizes. Toda a *boa obra* é *boa acção*, mas nem sempre a *boa acção* é *boa obra*. (LACERDA).

Boato, rumor, balela.—*Boato* é a noticia que circula rapidamente, ignorando-se de quem partiu ou de que fonte é originaria. O *boato* pode ser verdadeiro, mas necessita ser confirmado para ser crido.

Rumor é a noticia vaga e incerta, que participa do *boato*, em não se saber de que origem provém, mas que se differença de elle em não ser conhecida senão de um pequeno numero de pessoas, e sem pormenores que a particularizem.

Balela é a noticia falsa, cujo autor pode ou não ser conhecido.

Bocado, pedaço.—*Bocado* diz-se propriamente da quantidade de cousa comestivel que de uma vez se pode metter na bôca. Figuradamente diz-se do tempo e do caminho, para indicar o espaço que transcorre ou que se anda em quanto se pode comer um *bocado*.

Pedaço é a parte, não muito grande, que se separa de um todo, seja qual fôr a sua natureza. O *pedaço* pequeno de cousa comestivel é um *bocado*.

Frequentemente se ouve dizer um *bocado* de papel, um *bocado* de pano, etc.; é *pedaço* que convém dizer. Está porém muito bem dito: *tocar um bocado, um bocado de cavaco*; isto é "muito pouco tempo".

Bofe, pulmão.—Estes vocábulos designam o mesmo órgão, e são por tanto synónymos perfectos; *bofe* é termo popular e culinario; *pulmão*, termo de todas as linguagens.

Bol, tooro.—*Boi* (*bos* em latim) é o nome scientifico do género, e tambem o do animal, quando reduzido á domesticidade. *Touro* é o *boi* reproductor.

Bolar, fluctuar, sobrenadar, nadar.—A idéa commum a estes verbos é modificada pelo emprego apropriado de cada um de elles.

Boiar considera o corpo submerso na agua mas quasi á sua superficie.

Fluctuar apresenta a idéa de o corpo estar horizontalmente extendido na superficie da agua e andar ao sabor de ella, avan-

çando e recuando, ou sendo levado pela corrente.

Sobrenadar é *fluctuar* livremente, isto é, sem que a superficie superior do corpo seja coberta pelo liquido, nem a inferior retila no fundo de elle, circumstancia que pode dar-se no corpo que *fluctua*.

Nadar suggere a idéa de liberdade, de vontade.

Nadam os animaes; sobrenadam os corpos ligeiros; fluctuam as algas; bolam os cadáveres.

Bola, globo, esphera, pelouro, bala.—*Bola* designa o corpo redondo, massivo ou ôco, destinado a girar ou saltar. Este vocábulo não desperta a idéa de grande volume, antes pelo contrario, pretende dar-lhe a idéa de diametro pouco extenso. Quando se diz que *este mundo é uma bola* referimo-nos não ao seu tamanho, mas aos giros que nelle dão as cousas, ás vicissitudes que nelle se têm. — Deve tambem uotar-se que este vocábulo não tem a pretensão de designar esphericidade rigorosa: *fazer uma bola de papel* é apenas fazer com um papel um corpo mais ou menos esphérico.

Globo mais depressa suggere a idéa de ocaidade que a contraria. O *globo* pode ou não ser rigorosamente esphérico, mas em todo o caso deve aproximar-se muito da esphericidade.

Esphera é o *globo* que tem todos os seus pontos equidistantes do centro.

Pelouro, palavra pouco usada actualmente, designou as bolas destinadas a servir de projecteis: *havia pelouros de bronze, de ferro, de pedra, de barro*, etc.

Bala designa os projecteis actuaes, quer esphéricos, quer cônicos. E' o vocábulo que veio substituir a *pelouro*.

Diz Roquete:

«Todas estas palavras indicam um corpo «redondo portodas as partes, mas cada uma «de ellas exprime uma especie de redondeza, e não se podem usar indistinctamente umas por outras.

«*Bola* é um corpo redondo por todos os «lados, ou esphérico, ôco ou sólido; é «palavra vulgar, que alguns querem venha «do inglez *ball*, que se pronuncia *ból*, e designa especialmente os corpos esphéricos massivos com que se joga.

«*Globo* é palavra latina, *globus*, não vulgar, mas elevada e scientifica, e designa «um corpo esphérico de cujo centro todas «as linhas que se tiram até á superficie são «eguaes. Por este nome é conhecida entre «os doutos a terra que habitamos, e para «maior clareza se lhe junta o qualificativo terrestre ou terráqueo.

«*Esphera* é voz grega e significa um corpo «po sólido perfeitamente redondo, no que «concorda com *globo*, com a differença que «*esphera* é termo de geometria, de geogra-

«phia o de astronomia, e tem mais lata significação que *globo*. Designa particularmente uma máquina redonda e móvel em cuja superfície está traçado o *globo* torrá-queo, ou os signos ou constellações celestes, e a que estão adaptados círculos astronomicos que representam o curso do sol na ecliptica. A primeira chama-se *terrestre*, a segunda *celeste*.

«*Pelouro*, palavra muito usada dos nossos antigos antes que tomássemos dos francezes a que hoje se usa, *balá*, vem provavelmente de *pella*, com a terminação exaggerativa *ouro*, ou de *pello*, *lançar*, o designa toda a sorte de projectil que saia das bombardas, arcabuzes, espingardas, etc. Na nossa antiga forma de eleições chamavam-se *pelouros* a umas *bolotas* de cera dentro das quaes se mettião os papclinhos com os nomes das pessoas de quo se fazia escolha para juiz ordinario, etc., o de aqui a locção *sair nos pelouros*, isto é, ser nomeado, eleito.

«Por ser palavra hoje pouco vulgar, o do bom soido, é mais poética que *balá*, e de seu uso nos deixou Camões bom exemplo na estancia 67 do Canto I:

«Isto dizendo, manda os diligentes
«Ministros mostrar as armaduras:
«Vem arnezes, e peitos reluzentes,
«Malhas finas, e lâminas seguras,
«Escudos do pinturas diferentes,
«*Pelouros*, espingardas de aço puras,
«Arcos, o sagittíferas aljavas,
«Partazanas agudas, ebuças bravas.

Lacerda resumiu o artigo do Roquete, dizendo:

«*Bola* é um corpo redondo, ôco ou sólido. E' palavra vulgar. *Globo* é palavra científica, e significa um corpo redondo, perfeitamente igual, do sorte que todas as linbas, tiradas do seu centro á superfície, são exactamente eguaes. *Esphera* é um corpo perfeitamente redondo, mas sólido. Tem significação mais extensa quo a palavra *globo*. *Pelouro* designa um corpo redondo, e antigamente empregava-se com a significação, que se dá hoje á palavra *balá*, que foi adoptada da lingua franceza».

Bolha, empola, borbulha, vesícula.—Consideraremos a synonymia dos estes vocábulo quando com elles designamos as pequenas elevações que se formam na pelle.

Bolha é a elevaçãozinha que encerra aquosidade: o óleo de cróton causa **bolhas** na pelle.

A *empola* occupa maior superficie que a *bolha*, mas tanto uma como a outra estão cheias de humor aquoso. Uma longa caminhada causa **empolas** nos pés.

Borbulha é uma pequena elevação que não encerra aquosidade.

Vesícula é o termo genérico com que scientificamente se designam as *bolhas* e as *empolas*.

Bolota, boleta, glande, lanle.—Estes vocábulo são synónymos perfeitos para designar o fructo da azinheira e do carvalho. O termo scientifico é *glande*, o vulgar *bolota*, do que *boleta* é uma variante menos usada. *Lande* é corrupção de *glande* que conserva a forma etymológica (do latim *glandis*, genitivo de *glans*).

Bolotal, montado, azinhal.—*Montado* é o terreno, geralmente de grande extensão, em que predomina entre todas as árvores a azinheira. Nos **montados** do Alentejo engordam-se porcos.

Azinhal é o *montado* em que só ha azinheiras; além de isso, *montado* indica maior vastidão que *azinhal*, este podendo occupar apenas uma pequena área.

Bolotal, termo pouco usado, diz-se do *azinhal* com relação ao seu producto, a *bolota*.

Bom, bondoso; bonacheirão.—Quem é *bondoso* tem muita bondade, é muito **bom**. E' bom quem não faz mal; é *bondoso* quem faz o bem.

Bonacheirão se diz de quem é bom e simples. E' fácil enganar a quem é *bonacheirão*.

Bonina, flôr.—Estes dois vocábulo não são synónymos, a não ser que com *bonina*, que propriamente é o nome da «margarida dos prados» se queira, por extensão, designar qualquer flôr do campo. Não obstante diz Roquete:

«*Flôr* é o termo geral que indica a produção das plantas em que se contém a semente, ou, como dizem os botânicos, a rennião de órgãos que operam a fecundação das plantas, e dos que a cercam ou protegem immediatamente.

«*Bonina* é palavra primitiva da lingua portugueza, e designa a florzinha mimosa do campo. E' mui poética, e como tal usada com frequencia de Camões, e com particular propriedade no soneto CCVII, em que diz:

«Alegres campos, verdes, deleitosos,
«Suaves me serão vossas *boninas*,
«Em quanto forem vistos das meninas
«Dos olhos do Ignez bella tão formosos.»

Lacerda apadrinhou o erro de Roquete o disse:

«*Flôr* é o termo geral que designa a produção das plantas em que se contém a semente. *Bonina* designa singularmente a florzinha mimosa do campo».

Bonito, lindo.—O *lindo* é uma abreviatura do bello; o *bonito* agrada-nos, apesar de, o mais das vezes, ser uma infracção ás regras em que o bello se funda. Muitos objectos que peccam contra o bom gosto são qualificados de *bonitos*; basta que nelles haja variedade de formas, brilho de colorido, singularidade ou rareza, para que *bonitos* nos pareçam. O *lindo* não existe senão onde a perfeição é quasi completa; exige regularidade, ordem, pureza e symetria, ainda que taes predicados nunca possam attingir o grau que alcança o bello. — O *bonito* é sempre alegre; o *lindo* pode ser severo.

Borbotão, jorro, jacto.—*Borbotão* é a bolha que faz a agua quando rebenta ou saê da terra.

Jorro é a saída do liquido considerando-o como desprendido do que permanece no receptáculo.

O *jorro* differença-se do *jacto* em *jorro* attender á quantidade, e *jacto* á impetuosidade da saída.

Borda, margem, ribeira.—O extremo limite da terra que pela agua é banhada, chama-se *borda*. A *borda* tem comprimento, mas pode considerar-se sem largura.

Margem é a parte da terra que está á beira da agua; *desembarca-se na margem dos rios*.

Ribeira é o terreno de mui suave declive que se estende até á agua.

Note-se que estes vocábulos, particularmente *borda* e *margem*, só se dizem com relação a rios ou lagos; relativamente ao mar, a *borda* corresponde *beira*, e a *margem* corresponde *costa*.

Ribeira, o mais frequentemente, diz-se da *praia* que está dentro dos portos do mar, e na qual os navios podem ficar em *sêco*.

De estes vocábulos, e de alguns outros que comparámos em diversos artigos, diz Roquette:

«Sendo *borda* a extremidade prolongada de qualquer superficie, quasi que não tem largura, e é por assim dizer a orla da *margem*, da *ribeira*, da *praia* ou da *costa*. «*Margem* é toda a extensão de terra chã, ao longo dos rios, coberta de verdura, e «por isso aprazível á vista. *Ribeira* é a «*margem* mais ou menos declive, do ordinário coberta de agua no inverno e des- «coberta no verão.

«*Ribeira*, quando é do mar, supõe-se «ser de areia; e de rios é de terra vegetal, «mui fresca e productiva, por causa dos «nateiros».

Bordão, pau, varapau, cajado, bastão.—*Bordão* é o pau grosso

a que algem se arrima segurando-o por baixo da extremidade superior.

Pau é o *bordão* considerado mais como arma que como amparo; é frequentemente também ebamado *varapau*.

Cajado é o *bordão* que tem a parte superior em forma de arco.

O *bordão* pertence ao viandante, o *pau* ao camponez, o *cajado* ao pastor, o *varapau* ao desordeiro.

Bastão é uma grossa bengala de castão. O *bastão* é o symbolo de certas autoridades.

Borrasca, tempestade.—O vocábulo *borrasca* pertence melhor á linguagem marítima que á terrestre; não obstante também se emprega para designar a chuva de neve que cêe nas altas montanhas quando ella é impelida por um forte e frio vento do quadrante norte. *Só quem foi colhido por uma borrasca nos elevados pontos dos Pyrenéos é que pode fazer-se uma idéa da furia dos elementos na terra.*

Tempestade é o mau tempo em que ha violenta agitação do ar, acompanhada o mais das vezes de chuva, saralva e trovoadas.

Na linguagem marítima, o vocábulo *tempestade* refere-se mais depressa á agitação do mar, e *borrasca* á impetuosidade e furia dos ventos.

Borrasceiro, molinha.—A idéa commum a estes substantivos é a de «cubua miuda.»

O *borrasceiro* tem mais intensidade que a *molinha*; esta parece um fumo; naquella a chuva é muito miuda, mas bem distinguível.

Bosque, floresta, selva, mata, arvoredor.—*Bosque* é o conjunto de muitas árvores bastas: os nossos pinheirões não são outra coisa senão *bosques*.

Quando o *bosque* é muito extenso deve dar-se-lhe o nome de *floresta*. O pinheiral de *Leiria* é uma *floresta*.

No vocábulo *bosque* predomina a idéa de «verdura»; em *floresta* a de silencio e de solidão: *bosque ameno*; *floresta povoada de feras*.

Selva vocábulo que nos parece vir do latim *silva*, (1) é o bosque espesso e intrincado, cheio de accidentes.

Mata é o *bosque* espesso de árvores silvestres em terreno montanhoso: a *mata do Bussaco*.

Arvoredor indica qualquer quantidade de árvores, quer próximas, quer a certa distancia umas das outras; diz-se indifferente das árvores frutíferas e das silvestres.

(1) «Silva» é o nome latino do bosque; a idéa de «selva» corresponde o vocábulo «salvus».

Eis o que Roquete diz de *floresta*, *arvoredo* e *mata*.

«A idéa commun a estas palavras é a de muitos árvores juntas, mas differem-se da maneira seguinte:

«*Floresta* é mata espessa e frondosa, *bos* que rústico, natural e espontâneo, obra da natureza, como se vê de aquelles formosos versos de Camões:

«Uma floresta fez verde e sombria
«A natureza experta, que rodela
«Com elevado muro a serrania.

(*Eleg.*, VI.)

«*Arvoredo* é melhor porção de árvores, e podem ser fructíferas e cultivadas, ou infértil e silvestres.

«*Mata* significa rigorosamente porção de terreno povoado de árvores da mesma especie e assim parece havel-o entendido Camões quando disse, falando da costa de Champá:

«Cuja mata é do pau cheiroso ornada.

(*Lus.*, X, 129.)

«mas em geral toma-se por *bosque* de árvores silvestres onde se eriam feras ou caça grossa.»

Lacerda diz sem comprehender o valor dos vocábulos:

«*Floresta* é uma porção de terreno povoado de árvores frondosas e espontâneas. *Arvoredo* é uma porção de terra me-nos considerável, plantada de árvores fructíferas e infértil, cultivadas e silvestres. *Mata* é uma porção do terreno, povoado de árvores da mesma especie; mas quo de ordinario o é de árvores silvestres de diferentes especies.»

Bossa, giba, gibosidade, corcova, corcunda, marrecas.—*Bossa* é a protuberancia natural que certos animaes têm no dorso. Por exteusão designa o defeito physico das costas ou do peito de aquelle que é algo corcunda. — Com este vocábulo se designam tambem as protuberancias do cráueo, consideradas como indicio de certas faculdades.

Giba (em latim *gibba*) é o nome scientifico de qualquer protuberancia que existo no que de vera ser plano; a *giba* pouco aparente, é mesmo scientificamente, chamada *bossa*.

Gibosidade é o defeito, o vulto quo faz a *giba*. As montanhas são as **gibosidades** da terra.

Corcova, é a *giba* considerada como alelção.

Corcunda e *marrecas* designam tanto o defeito como quem o tem: a *corcunda* é uma *corcova* considerável; idéa quo igualmente é exprimida por *marrecas*.

Bossa, giba e *corcova* dizem-se de pessoas e de animaes; *corcunda* e *marrecas* só de pessoas.

Bostela, piústula.—*Piústula* é um pequeno tumor cutâneo que suppura no seu vértice; a crusta que essa supuração forma, tambem se chama *piústula* e, por corrupção, *bostela*.

Botão, gêma, gômo, olho, rebento, renovo.—*Olho* é a parte que na ramagem das árvores e arbustos indica o lugar onde se não de formar os botões e as gêmas na época do desabrolhar dos vegetaes. O primeiro signal de vida que dá o olho constitue o *botão*; este, tomando consistencia, forma a *gêma*. — *Gômo* é corrupção do este último vocábulo, mas muito usual entre a nossa gente do campo.

Rebento ou *renovo* só se diz com propriedade das novas hastes que saem da raiz da planta; *rebento* porém designa tambem a *gêma* quando está prestes a dar a folha ou a flor.

Botegum, café.—*Botegum* é a palavra genuinamente portugueza com que se designa a loja de bebidas quentes ou frias, e de licores. O vocábulo francez *café* veio supplantar o nosso, e a tal ponto, que hoje muita gente se envergonharia de dizer que esteve no *botegum*.

Botica, pharmacia.—Muito adiantado ia já o século XIX, e ainda em Portugal o vocábulo *pharmacia* não significava senão o que da sua etymologia (1) se deprehende: «arte de preparar medicamentos». Os estabelecimentos onde elles sevendiam eram chamados *botica* (2), o *boticario* o que os preparava. Como porém em França não soasse muito bem aos *boticarios* o ser chamados *apothicaire*, e os seus estabelecimentos *apothicairerie*, adoptaram a palavra *pharmacie* que é de boa significação «preparador de medicamentos», e aos seus estabelecimentos chamaram impropriamente *pharmacie*—este vocábulo designando arte, o não local.

A *botica*, pois, passou o que ao *botegum*, como vimos no artigo precedente: a denominação de *pharmacia* veio substituir o vocábulo antigo, e de tal modo o supplantou que hoje, só na mais remota aldeia é ainda apenas pronunciado; nas terras cultas, e entre culta gente, é necessario dizer o despropósito *pharmacia* para não ser tido por ignorante ou por selvagem!

Botim, bota, botina.—*Bota* não pode designar senão o calçado de cauo al-

(1) Em grego «pharmakon» significa medicamento, remédio.

(2) Do grego «apothekē», lugar reservado, e não do francez «boutique».

to; *botim* é a bota de cano baixo que é hoje a única que quasi exclusivamente se usa.

Botina ou *botinha* é a verdadeira denominação do que vulgarmente se chama bota de senhora ou de creança.

Bracelete, pulseira.—Estes vocabulos são synónymos perfectos; quando porém o adorno que elles designam não se traz mesmo no pulso, só se lhe pode dar o nome de *bracelete*, não o de *pulseira*.

Brama, berra, cio.—Estes vocabulos podem dizer-se synónymos perfectos; o mais recommendável é *cio*, commum a todos os quadrúpedes. *Brama* e *berra* dizem-se particularmente, o primeiro do veado, o segundo do touro.

Branças, cabelo branco, cãs.—*Branças* tanto pode designar o *cabelo* inteiramente branco, como os fios brancos que vão aparecendo na cabeça ou na barba; este vocabulo não desperta nenhuma idéa accessoria, pois muita gente moça tem brancas a mixtura no *cabelo* ou na barba.

Cabelo branco não pode, senão por exaggeração, designar o *cabelo* que não é totalmente branco. Nesta expressão include-se a idéa de velhice, e se não a de velhice completa, pelo menos a da experiencia que dão os annos.

Cãs acrescenta á idéa de velhice o de experiencia, a de respeitabilidade.

Brando, molle, tenro.—*Brando* e *molle* designam a mesma qualidade, com a differença que o *brando* é sempre agradável, podendo o *molle* sel-o ou não.

Tenro se diz do que offerece pouca resistencia ao corte ou á incisão: *um bom assado deve estar tenro, mas não molle*.

Brandura, suavidade, lenidade.—*Brandura* é qualidade do carácter, suavidade da educação, lenidade da compaixão.

Ha *brandura* na pessoa que cede com facilidade, que soffre sem queixar-se, que evita as occasiões de desesperação, de inimizade, de discórdia.

Ha *suauidade* naquelle que sabe captivar os corações, que é modesto, tolerante, aprazível.

Ha *lenidade* no juiz que impõe uma pena menos severa que a que requer o delicto.

Branquejar, embranquecer, alvejar.—*Branquejar* é ir mostrando a côr branca que é propria, primeiramente de um modo confuso, pouco a pouco mais distinctamente: *quando os viandantes chegam ao alto da colina, avistam as casas da aldeia que branqueja no fundo do valle*.

Embranquecer é ir perdendo a côr pri-

mitiva para tornar-se branco: **embranquecem os cabellos**.

Alvejar é *branquejar* com certo brilho: *ao longe alvejam as cumeadas cobertas de neve*.

De *embranquecer* e *branquejar* diz bem Roquete:

«As terminações marcam nestes dois verbos, cujo radical é *branco*, uma alteração circumstancial de significação. A terminação *cer* com o prefixo *em* indica a mudança de côr para branco; a de *jarde* «nota a mostra do branco. **Embranquece** a cabeça do homem quando seus cabellos se fazem brancos, de pretos ou louros que eram. **Branquejam** as serras quando estão cobertas de neve.»

Lacerda diz dos mesmos verbos:

«*Embranquecer* é tornar-se branco de outra côr que tinha. *Branquejar* é apparecer, mostrar-se branco.—Não de balde **embranqueci** sobre os livros (SÁ DE MIRANDA.) Os baixos que assignala a agua on-
de **branqueja**. (BARROS).»

Branquidão, brancura, alvura.—A *branguidão* sobrevem; a *brancura* é constante. Além de essa differença, dá-se est'outra entre as duas palavras: *brancura* designa o quo é sempre declaradamente branco; *branguidão* pode representar essa idéa, ou tão sómente a de enfraquecimento da côr habitual: *em certas pessoas a cólera manifesta-se por branguidão e tremor dos lábios*.

Alvura é a *brancura* extremada.

Brasão, timbre.—*Brasão* é cada uma das figuras do escudo de armas; *timbre* é a insígnia que o cordão e que indica o grau de nobreza de quem o usa. As quinas ou castellos são os brasões das armas de Portugal; estas têm por timbre a cordão real.—No sentido figurado, *timbre* é uma acção gloriosa, um feito ou acto que ennobrecer; *brasão* é a fama que esse *timbre* proporeciona. Por isso se diz *fazer timbre de...*, isto é, reputar como façanha a circumstancia de que se trata. E tambem se diz **blasoscar** de valente, isto é, fazer crer que se tem essa fama.

Com propriidade se pode dizer: *não tem muitos timbres de que blasoscar*.

Vêja-se o artigo *Armas, brasão*, na página 112.

Bravata, sanfarronada, sanfarrice.—A *bravata* é relativa a circumstancia ulterior; a *sanfarronada*, a ulterior ou a anterior. A *bravata* tem por fim intimidar; a *sanfarronada* tende a enaltecer, a dar grande idéa dos dotes pessoas.

A *bravata* é o dito ou o acto pelo qual o *bravateiro* visa a acobardar o contrario.

A *sanfarronada* é o dito de aquelle que

ee oxalta a si proprio, que exaggera o seu valor, que celebra os actos que geralmente só existem na sua imaginação.

A *fanfarrice* é o estado ou o carácter do fanfarrão. Também designa, não a *fanfarronada* em si, senão o modo como ella é dita.

Braveza, bravura. — *Braveza* é o estado; *bravura* é a manifestação de esse estado. O touro pastando tranquillamente não dá indícios da *braveza* que lhe é natural; na praça, a sua *bravura* é temível.

Do homem se diz que tem *bravura*, não *braveza*. Dos elementos deve dizer-se *braveza*, não *bravura*.

Veja-se o artigo **Corágeu**.

Bravio, bravo. — *Bravio* qualifica o animal que não se dá com a gente, quer ande em liberdade, quer esteja reduzido á domesticidade. O animal *bravio* despreza as carícias, é incommodado por ellas.

Bravo, falando de animais, designa os que dão provas de *braveza*.

O veado é *bravio*; o touro é *bravo*.

Breve, bulla, constituição, rescripto. — *Breve* é o escripto pontifício, pouco extenso e de importancia secundaria, que contém dispensas, declarações, expressões de affecto, provas de interesse, etc.

Bulla é o escripto pontifício que encerra uma decisão do papa, seja qual for a sua natureza. As *bullas* de excommunião eram a arma mais poderosa da edade média.

Constituição é um escripto dogmático que contém uma decisão pontificia relativa á doutrina catholica, ou á disciplina ecclesiastica. As *constituições* obrigam a toda a Igreja.

Rescripto é o termo genérico, de que os vocabulos precedentes são as especies principaes.

Breve, curto, conciso, lacónico, succinto. — *Breve* é o que se faz em pouco tempo; *discurso breve*.

Falando-se do tempo diz-se indifferente-mente *breve* ou *curto*; é *breve* a vida do homem, e na sua *curta* vida *soffre* bastante.

O que não tem tanto comprimento como seria para deſejaſer é *curto*, não *breve*: uma obra que nos empolga, sempre nos parece *curta*. Dêmos um *curto* passeio.

Conciso, *lacónico* e *succinto* só se dizem do que é relativo ao estylo; *breve* e *curto*, como vemos nalguns dos anteriores exemplos, também lhe são applicáveis.

Conciso se diz do que tem o carácter da concisão, a qual consiste em enunciar o pensamento em poucas palavras, sem amplificações nem ornatos. O que não é *conciso* é *prolixo*.

Lacónico se diz do que é enunciado no

menor número possível de palavras. — O que é *conciso* exprime brevemente o pensamento; o que é *lacónico* emprega só as palavras absolutamente indispensáveis. — O que é *conciso* pode ser perfeito; o que é *lacónico* é, quando menos, affectado.

Succinto, quo melhor se diz do discurso ou da obra, que do estylo, qualifica aquellos escriptos ou falas em que o escriptor ou orador só atém exclusivamente ao essencial, ao que é característico, desprezando tudo quanto seja pormenores ou circumſtancias accessórias.

De *breve*, *curto* o *succinto* diz Roquete :

« São breves as cousas que em pouco tempo se executam, e breve o que dura pouco tempo; é breve a pessoa que não se estende nem é pesada em seu discurso, de onde vem dizer-se aos pregadores: — *Esto brevis, et placebis*; se breve, e agradarás. — *Curto* refere-se á duração o extensão, principalmente em longitude. Uma coisa é curta quando tem pouca longura. Chamamos *curto* ao tempo e a todas as cousas que não parecem ter grande extensão em sua longura, respectivamente a outras com que as comparamos, e assim dizemos: *curto* tempo, *curto* caminho. — *Succinto* só se refere á expressão e se applica áquillo que se exprime do modo mais conciso e lacónico possível, sem omitir por isso nada que seja essencial. — A *breve* oppõe-se a longo; a *curto*, comprido; assim como a *diffuso* a *succinto*. »

Dos mesmos vocabulos diz Lacerda :

« Breve refere-se ao tempo, á duração. *Curto* diz-se da extensão e principalmente de longitude. E' *breve* a vida do homem. E' *curto* o caminho. Quando as idéas de duração e de extensão se confundem na de continuidade ou successão pode usar-se quer de um, quer de outro vocabulo, e podemos dizer *breve* ou *curta* a vida, *curta* ou *breve* a distancia. »

« *Succinto* refere-se á expressão, e designa o que foi explicado com concisão. »

« *Breve* oppõe-se a longo; *curto* a comprido; *succinto* a *diffuso*. »

Brilhante, diamante. — Estes dois vocabulos designam a mesma pedra preciosa. O *diamante* toma o nome de *brilhante* quando tem a superficie superior lapidada, o forma facetas lateraes. Diz-se *diamante* em bruto, *diamante* lapidado, etc. Dizer *brilhante* lapidado é erro grosseiro.

Brilhar, luzir, reluzir, scintillar, resplandecer. — *Brilhar* é não só despedir raios de luz, mas também arrojear fulgores, podendo estes ser tão vivos que deslumbrem. *Brilha* o sol, *brilham* as estrellas.

Luzir é emittir luz, ou tão só claridade. Tudo o que esparge claridade, *luz*. Falan-

do da lua, melhor se empregaria o verbo *luzir* que *brilhar*; este, porém, emprega-se mais communmente, talvez por a conjugação de *luzir* ser ingrata ao ouvido em muitos dos seus tempos.

Comparando no sentido figurado os verbos *brilhar* o *luzir*, parece-nos que *brilhar* se deve dizer dos grandes dotes do espirito, como o génio, o talento, a virtude, etc., e *luzir* do que só brilha exteriormente, como a riqueza, a opulencia, o poder. Em Vicente de Paul *brilhava* (mas não *luziu*) a verdadeira caridade christã. Nos palacios *luz* a opulencia (não *brilha*).

Reluzir emprega-se em dois sentidos diferentes: *luzir* muito, e tambem — única significação que nesta ordem de idéas *reluzir* devesse ter — «reflectir a luz recebida»: as superfícies polidas *reluzem*, isto é, *reenviam* a luz.

Scintillar é *brilhar* tremulando, parecendo despedir centelhas: as *estrellas fixas scintillam*; não *scintillam*, porém, os planetas.

Resplandecer é *reluzir* com grande intensidade, espargindo a luz ao longe; o que *resplandece* nem sempre tem luz propria; antes pelo contrario, este verbo indica melhor a reflexão que a irradiação.

De *luzir*, *reluzir* e *brilhar* diz Roquete: «Todos estes verbos indicam a acção de «despedir luz, mas cada um de elles modifica esta idéa de modo particular. O que «lança luz simplesmente, *luz*; o que «reflete a luz, *reluz*; o que lança ou reflecte «uma luz viva e scintillante, *brilha*.

«Luz a ostella da alva, a lâmpada, a «véla accessa, etc., e no sentido figurado, «luz a verdade, a virtude, o valor, etc. *Reluz* o ouro, o aço, e todos os metaes brulhados; *reluzem* os mármores, e madeiras bem polidas; e no sentido figurado, *reluz* «no semblante a candura da alma, *reluzem* «os affectos e sentimentos nobres e generosos; — *Reluz* na face exterior do corpo «a bondade interior da alma, — diz *Arcaes* (X, 14).

«*Brilha* as estrellas ao noite clara; «*brilha* o diamante lapidado, *brilha* a fina «pedraria; *brilha* o crystal, o espelho ferido do sol, etc.; e no sentido figurado, «*brilham* os dotes do entendimento illustrado, as virtudes singulares, as qualidades heróicas. — *A tua gloria és tú, comtigo «brilhas* — disse Boccage ».

Lacerda resume:

«*Luzir* (neutro) é dar luz, lançar luz. «*Reluzir* é reflectir a luz. *Brilhar* é lançar «luz viva e scintillante. *Luz* achamma, etc. «e no sentido translativo, *luz* o engenho. *Reluz* o ouro, o mármore bem polido; e, no «sentido translativo, *reluz* no semblante a «innocencia, a bondade do coração. *Brilha* «o diamante, a estrella polar, o espelho «ferido do sol; e, no sentido translativo, «*brilha* a virtude singular, etc.»

Brincadeira, divertimento, diversão, recreio, recreação. — *Brincadeira* (de *brinco*, jognete de creanças) é o acto de passar o tempo em futilidades, recreando-se com o que ha de mais frívolo e ligeiro; na *brincadeira* não ha mais objecto que o de rir, ou o de matar o tempo.

Divertimento differre de *brincadeira* em ser um acto que tem por fim distrair o espirito de occupaões ou de trabalhos de outra natureza. O *divertimento* designa consequentemente uma distracção mais séria e mais importante que a *brincadeira*, pois o fim a que teude é útil e necessario. — *A brincadeira é propria dos rapazes; o divertimento não fica mal ao homem, antes lhe é proveitoso.*

Diversão é um acto ainda mais sério que o *divertimento*. Dá-se-lhe este nome por consistir nalguma circumstancia que é inteiramente diversa das circumstancias de que pretendemos desenfadar-nos.

É *brincadeira* fazer garatuças com o lápis; é *divertimento* ir ao theatro; é *diversão* passar um dia no campo, fazer uma viagem de recreio, etc.

Recreação é o descanso ou *divertimento* que, depois de trabalhar, desentada o espirito o refaz as forças para apprehender o trabalho seguinte.

Recreio é o tempo que se passa na recreação ou a propria circumstancia que serve de recreação.

Brinde, presente, dádiva, donativo, dom, offerta. — O *brinde* é um obsequio, uma prova de boa vontade. O *brinde* só pode consistir em algo de delicado.

O *presente* é uma prova de amizade; este vocabulo não inculca que o objecto que constitue o *presente* reuna qualidades determinadas.

Dádiva é uma prova de generosidade. — Quando a *dádiva* tem um fim benéfico, recebe o nome de *donativo*.

Dom é uma prova de magnificencia.

A *offerta* considera-se feita de inferior a superior.

Brio, pundonor, amor proprio. — *Brio* é o sentimento da propria dignidade que não consente nada que a offenda ou a ponha em dúvida. Ter *brio* corresponde á antiga phrase *usar brial*, isto é, ser cavalleiro, não deixar impuise a menor offensa, não consentir que ninguém se lhe avante.

O *pundonor* distingue-se do *brio* em este se manifestar em tudo, e o *pundonor* só nas circumstancias em que a honra está em jogo.

Amor proprio, vocabulo geralmente mal entendido, é nem mais nem menos que o orgulho de aquelle que julga ter grande valor pessoal, e que facilmente se offende

quando lhe fazem notar os seus defeitos ou a sua inferioridade.

Louvável é o *brío* e o *pundonor*; censurável é quasi sempre o *amor proprio*.

Brisa, aragem, viração.—A *brisa* é o vento fresco e brando.

A *aragem* é o vento hrando que apenas agita as folhas das árvores. A *aragem* pode ser quente, fresca, fria.

A *viração* é o vento hrando que assopra intermitentemente; nisso se differença dos vocábulos anteriores que supõem continuação sem intervalos, ou com mui curtos intervalos.

Bruma, caligem, nevoeiro, névoa, huleção.—*Bruma* é o nevoeiro espesso que não deixa distinguir os objectos a alguns passos de distancia; as *brumas* são proprias do mar e do litoral. No interior das terras a *bruma* toma o nome de *caligem*.

Nevoeiro é a névoa espessa e rastelra.

Névoa é o vapor aquoso que pelo seu peso não pode suhir á região média do ar: os cumes das altas montanhas estão frequentemente envoltos em *névoa*.

Buleção é o nevoeiro densissimo que vem seguido de tempestade.

Bucho, estômago, papo.—Falando do homem, só o vocábulo *estômago* é admissivel.

Bucho se diz dos outros mamíferos, e tambem dos peixes.

Papo só se diz das aves.

Buddhismo, brahmanismo.—A primitiva religião dos Aryas architectada, — como todas as religiões, no remanso contemplativo da natureza por homens que no isolamento das pastagens que constituíam o seu modo de viver viam, ora o esplêndido sol que os acariciava e a seus rohanhos, ora o rugido da tempestade que desde os cumes do Himalaya arrojava a morte e a destruição sobre as elevadas planícies que lhes eram patria, — mutações que no espirito de aquelles homens deviam gravar alternativamente o prazer e o horror, e induzi-os a attrihuil-as a causas diversas, a seres que não viam, mas cujo poder reconheciã —, foi chamada *brahmanismo*. Levados por circumstancias desconhecidas para o valle do Ganges, os descendentes dos architectadores do systema religioso assim cognominado arvoraram-se em chefes espirituaes dos *ekhatryas* ou guerreiros, seus mais directos sustentáculos e decididos defensores, o pñla força que estes lhes prestavam impuzeram aos vaicyas e sudras que os acompanhavam a crença que por seus paes lhes havia sido transmittida. Aos dasyos, habitantes da terra invadida, tiveram como indignos de participar nas

suas doutrinas, e esses formaram a casta dos párias ou impuros.

O formalismo do *brahmanismo* encontrou em época incerta, mas não relativamente muito remota, um adversario poderoso na propria casta dos guerreiros, e a este, que conseguiu nivelar de modo mais compativel com a humanidade a desigualdade social existente até então, em favor da casta privilegiada, se deve o *buddhismo* ou religião reformada.

Assim, o *brahmanismo* é a religião primitiva de que saíu o *buddhismo*.

Balha, ruído.—De estes vocábulos, já comparados no artigo *Barulho*, na página 160, diz Roquete:

«Toda *bulha* é *ruído*, porém nem todo «*ruído* é *bulha*. Aquelle é o género, esta é «a especie determinada do *ruído*, que formam com a voz uma ou muitas pessoas. «O *ruído* pode causal-o uma pessoa ou cou- «sa só; para haver *bulha* é necessaria or- «dinariamente a reunião de muita gente «inquieta, animada, ou desavinda. — É *ruído* «doso o macaréu quando quebranos haixos «ou cachopos; é *ruídosa* a agua que se despe- «nha das cascatas, mas não são *bulhen- «tas* estas cousas. É porém *bulhento* o ho- «mem que se mette em *bulhas*, que as ar- «ma, ou é dado a hrigas.»

De estes vocábulos diz Lacerda:

«*Bulha*, propriamente, é o motim que re- «sulta dos homens que hulham, brigam; «mas tamhem significa o estrondo causado «por cousa que cae, etc. *Ruído* diz-se mais «commummente do estrondo causado por «uma só pessoa ou cousa. A agua que se «despenha de um monte é *ruídosa*; os ho- «mens que se travam de razões, e clamam, «e hrigam, são *bulhentos*».

Burlesco, grotesco, cómico.—*Burlesco* apenas pode dizer-se do estylo, da voz, da pronuncia ou do modo de se exprimir; não obstante, o que é *burlesco* em alguns, não o é noutros, pois para applicar este qualificativo deve ter-se em conta a pessoa, ou pelo menos o contraste que ha entre a sua apparencia e o seu modo de se exprimir. Ha oradores que são *burlescos* tanto pelo estylo como pela pronuncia.

Grotesco, vocábulo que não vem de *gruta* como o pretende um moderno etymologista ⁽¹⁾, mas sim do italiano *grottesco*, especie de pintura caricatural, qualifica o que promove o riso, quer seja cousa que faia á vista, como a pintura ou o gesto, quer seja o que no espirito desperta idéas ou imagens ridiculas, como certas obras litterárias. Um quadro é *grotesco* quando representa scenas ridiculas ou triviaes. Nos escriptores humoristas ha páginas do um *grotesco* perfeito.

(1) Que escreve «grottesco».

Cômico qualifica o que, transplantado para a scena, seria motivo para despertar o riso. *Ha situações cômicas na vida.*

Buscar, procurar. — Alguns pretendem que em *buscar* ha mais diligência ou emponho que em *procurar*; não nos parece que essa distincção tenha fundamento.

Buscar inclue sempre a idéa de movimento por parte de quem *busca*; *procurar* não inclue, nem exclue essa idéa. **Busca-se** ou **procura-se** por toda a parte o que *necessitamos*. **Procura-se** (mas não se **busca**) *uma palavra no dictionario*.

O' que nos parece acertado estabelecer

é quo quem *procura* sabe que existe o que anda procurando, em quanto que aquelle que *busca* ignora se ha o que anda buscando. *Um inquilino procura casa para onde mudar-se; um necessitado busca ou procura um emprego.*

Buzina, porta-voz. — A *buzina* é, propriamente, um buzio grande de que se servem os pescadores para communicar do seu barco com outro ou com a terra. Do ahí o dar-se tambem esse nome ao *porta-voz* que é uma especie de trombeta que permite deixar ouvir ao longe o que se diz de um navio para outro ou para a terra.



C

Cabal, completo. — Estes vocábulos são synónimos perfeitos; ha porém em *cabal* uma idéa de justiça, de pontualidade, de exactidão, que não se nota em *completo*.

Cabelleira, cabêllo, melena, grenha, guedelha. — *Cabêllo* é o termo genérico de que os outros são espécies.

Cabeleira é o *cabêllo* comprido. Diz-se *cabêllo cortado à escovinha*, mas não se pode dizer *cabelleira cortada à escovinha*.

Melena é o *cabêllo* solto, principalmente o que cae sobre ou junto às faces. Tanto se diz do *cabêllo* cuidado como do desgrenhado.

Grenha é a *cabeleira* desgrenhada, mal composta.

Guedelha é cada um dos negalbos de *cabêllos* que se separam dos demais.

De estes vocábulos, exceptuando de *cabêllo* diz Roquete:

«*Grenha* designa porção de *cabêllo* em «baraçado, não penteado, alborotado ou «revolto; a *melena* é, pelo contrario, uma «porção de elle composta e ordenada que «cae sobre os bombros. *Guedelha* é uma «parte menor, e separada, é um floco ou «madeixa de *cabêllo* da cabeça ou da barba. *Cabeleira* diz-se de todos os *cabêllos* «que uma pessoa tem na cabeça, e assim «mesmo dos postigos arranjados como os «naturaes.

«A *grenha* supõe desórden e desalinho «nos *cabellos*; a *melena*, compostura e ordenato; a *guedelha*, comprimento e delgadeza; a *cabeleira*, profusão e bastidão «de elles.»

Tambem dos mesmos vocábulos diz Lacerda:

«*Grenha* designa *cabêllo* embaraçado, «não penteado, revoltado. *Melena* significa «certa porção do *cabêllo* composta o ordenada, caindo pelas faces ou sobre os bombros. *Guedelha* é uma pequena porção, «uma madeixa de *cabêllo* da cabeça ou da barba. *Cabeleira* diz-se de todo o *cabêllo* «principalmente quando é em profusão, «que uma pessoa tem na cabeça; e diz-se «igualmente dos *cabêllos* postigos compos-

«tos de modo que cubram os naturaes ou a «calva.»

Cabello, pello. — *Cabêllo* (vocábulo derivado do latim *caput*, cabeça) não pôde propriamente dizer-se senão dos *pêllos* que crescem na cabeça humana; extensivamente é que se diz do *pêllo* que cresce em qualquer outra parte do corpo; a este, porém, convém sómente o vocábulo *pêllo*.

Ao *pêllo* comprido de certos animaes, como o do gato ângora, por exemplo, dá-se geralmente o nome de *cabêllo*.

Caber, poder entrar. — Nas expressões *não caber* e *não poder entrar* existe mais rigorosa synonymia que entre as afirmativas *caber* e *poder entrar*.

Não caber é relativo ao receptáculo, *não poder entrar* diz-se com relação ao sujeito.

Não cabe o pé na bota muito pequena; um pé grande não pôde entrar em todas as botas. Não cabe mais gente numa sala cheia; não pôde lá entrar quem não tem bilhete, ou quem não pode passar pela porta.

Cabo, promontorio. — *Promontorio* é termo do estilo elevado e da poesia; *cabo* é de todas as linguagens.

Ha ademais entre os dois vocábulos uma diferença que muito se deve ter em conta, e é que todo *promontorio* é *cabo*, mas nem todos os *cabos* são *promontorios*, este último vocábulo designando somente os *cabos* elevados e sobranceiros ao mar. Diz-se indifferentemente o *cabo* ou o *promontorio* de *Trafalgar*; ninguém dirá porém senão o *cabo* de *Santa Maria*.

Diz Roquete:

«Aquella porção de terra que se introduz no mar com pouca elevação, eba- «ma-se *cabo*, porque ali acaba ou fenece a «terra; se o *cabo* é mui elovado chama-se «*promontorio*. — Esta palavra, que é latina, «*promontorium* (*mons in mare prominens*), é «hoje pouco usada a não ser em poesia, e «se diz *cabo* em todos os casos. De isto nos «deixou exemplo Camões numa de suas «mais bellas estancias, em que figura fa- «lando o gigante Adamastor:

«Eu sou aquelle occulto e grande *cabo*,
 «A quem chamaes vós outros Tormentorio,
 «Que nunca a Ptolomeu, Pomponio, Es-
 trabo,
 «Plinio, e quantos passaram, fui notorio:
 «Aqui toda a africana costa acabou
 «Neste meu nunca visto *promontorio*,
 «Que para o polo autárctico se estende,
 «A quem vossa ousadia tanto offende.

(Lus., V, 50.)

«Segundo o poeta, *promontorio* é o gé-
 «nero a que pertencem os montes mui ele-
 «vados, como se vê de aquelle verso:

«Os altos *promontorios* o choraram.

Lus., III, 84.)

O mesmo diz Lacerda:

«Ha entre estes dois vocábulos uma leve
 «diferença de significação. *Cabo* é uma pon-
 «ta de terra que se estende, e mete pelo
 «mar dentro. *Promontorio* é da mesma sorte
 «uma ponta de terra que se introduz pelo
 «mar, porém é mais elevada e proeminen-
 «te do que o *cabo*: — altos *promontorios* —
 «(Camões). — O uso commun não empre-
 «ga a palavra *promontorio* senão na poesia
 «ou alta eloquencia; pelo demais serve-se
 «da palavra *cabo*.»

Caçapo, lâparo. — Designações com-
 «muns ao coelho novo. *Caçapo* (do castelha-
 «no *gazapo*) é termo exclusivo; *lâparo*, que
 «melhor se diz da pequena lebre macho, só
 «por corruptela é synónimo de *caçapo*.

**Cachoeira, catadupa, catarac-
 «ta, cascata, rápido.** — *Cachoeira* é
 «o pouto onde um rio, mudando bruscamente
 «de nível, forma cachão. A *cachoeira* pode
 «ser formada por um salto vertical, ou por
 «um plano muito inclinado, mas, em todo o
 «caso, a diferença de nível é muito menor
 «na *cachoeira* que na *catadupa* ou *ataracta*.

Catadupa (do grego *katadoupé*) e *catara-
 «ta* (do francez *ataracte*, vocábulo formado
 «do grego *katarakte*, que significa represa)
 «dizem-se da queda de um grande rio desde
 «grande altura. — O vocábulo genuinamente
 «portuguez *catadupa*, de boa origem e de si-
 «gnificação impecável, é hoje muito menos
 «usado que o galicismo *ataracta*.

Cascata diz-se da queda ou descida de
 «águas por entre rochedos, quando o seu vo-
 «lume não é muito considerável. *Ha cas-
 «catas naturaes, como nos jardins as ha ar-
 «tificiaes*.

Rápido é a parte de um rio onde a agua
 «muda de nível sem formar queda.

De *cachoeira*, *catadupa* e *cascata* diz Ro-
 «quete:

«Por todas estas palavras se designa um
 «salto ou despenhadeiro de agua; mas ca-
 «da uma de ellas representa sua circum-

«stancia particular que lhos determina a
 «diferença.

«*Cachoeira* vem de cachão, e muito hem
 «se applica este vocábulo áquelle burhu-
 «lhão que faz a agua quando, despenhan-
 «do-so de rochedos mais ou menos eleva-
 «dos, faz uma fervura continua na raiz de
 «elles. E' voz portugueza, ouomatópica, e
 «muito expressiva; mas parece designar
 «uão tanto o despenhadeiro da agua como
 «o seu effeito que é a fervura, como se o
 «fogo á agitasse em grossos hurbulhões.

«*Catadupa* é palalavra grega e designa
 «aquelle salto ou despenhadeiro de agua
 «que se precipita de grande altura; appli-
 «ca-se particularmente aos do Nilo, e por
 «extensão aos de grandes rios como o Ama-
 «zonas, o Mississipi. E' voz tambem ini-
 «tativa na lingua grega, e representa mul-
 «hem a queda e o estrondo d'uma grande
 «torrente quo se despenha de altos roche-
 «dos.

«*Cascata* é palavra italiana, de *cascare*,
 «cair (de *cado*, latino), que, pela sua ety-
 «mologia o som imitativo, indica óptima-
 «mente a queda de agua corrente de uma
 «altura não tão elevada como a da *catadu-
 «pa*. Distingue-se das precedentes não só
 «em ser menor, senão em que aquellas são
 «sempre naturaes, e esta é muitas e as
 «mais das vezes artificial, o serve de or-
 «nato aos jardins.

«Assim que, quando quizermos indicar
 «o ruído da agua que ao despenhar-se fer-
 «ve em cachões, diremos *cachoeira*; quan-
 «do tivermos em vista fazer sentir o fra-
 «gôr com que uma torrente se precipita de
 «elevada altura, diremos com muita pro-
 «priedade *catadupa*; e quando falarmos da
 «queda natural ou artificial com que nos
 «jardins a agua se debruça de rochedos á
 «feição de conchas ou dispostos como de-
 «graus, o termo proprio de que usaremos
 «é o de *cascata*.»

Tambem de esses mesmos vocábulos diz
 «Lacerda:

«Todas estas palavras designam um sal-
 «to de agua, porém ha diferenças que se
 «devem notar. *Cachoeira*, de cachão, desi-
 «gna o borbulhão que faz a agua quando
 «se despenha; referindo-se, não ao acto
 «da agua so despenhar, mas á especie de
 «fervura que continúa na raiz do despe-
 «nhadeiro. *Catadupa* designa o salto da
 «agua que cae de grande altura com muito
 «estrondo. *Cascata* designa a queda de
 «agua de alguma altura o com algum ar-
 «ruído.»

Caçoada, troça. — A *caçoada* é
 «mais prolongada que a *troça*.

A *troça* faz-so de vez; não se repete a
 «mesma *troça*. A *caçoada* manifesta-se em
 «actos repetidos.

Os estudantes fazem *troça* a um calolro
 «e *caçoada* de quem tem balda.

Cadafalso, patíbulo. — Synónymos perfeitos com que se designa o logar em que o juiz, pelo ministerio do carrasco, exerce o direito que a lei lhe confere de aplicar a pena de morte.

Apesar de os dois vocábulos se applicarem ao mesmo instrumento de supplicio cada um de elles encerra idéa differente.

Cadafalso indica o logar de supplicio sem nenhuma idéa accessoria; **patíbulo** encerra a idéa de « padecer » o justo castigo.

Luiz XVI morreu no **cadafalso**. não no **patíbulo**. — Os anarchistas de facto são levados ao **patíbulo**.

Cada um, cada qual. — De número determinado de pessoas diz-se **cada um** para singularizal-as. **Cada qual** diz-se da generalidade.

Cada um dos presentes deu o seu dictamen. Em questões de gosto, **cada qual** tem o seu.

Cadáver, defunto, esqueleto. — **Cadáver** designa simplesmente o corpo de um morto, sem nenhuma outra idéa accessoria.

O vocábulo **defunto** faz considerar o **cadáver** como um resto da pessoa que viveu.

Deve pois dizer-se **defunto** e não **cadáver** quando se quer exprimir que um corpo morto desperta em nós algum sentimento, alguma recordação.

Defunto, como bem se sabe, diz-se só de pessoas; **cadáver** também se pode dizer dos grandes animaes.

Esqueleto é o **cadáver** de que apenas restam os ossos. Diz-se da especie humana, e de todos os outros animaes.

Cadela, corrente. — A **cadeia** é formada por anéis que se engancham uns nos outros. A **corrente** pode ter a forma da **cadeia** ou ser simplesmente lisa.

Em quanto ao uso, **cadeia** parece applicar-se melhor ao que se quer ter seguro em determinado logar, e **corrente** áquillo que não queremos vá além de certo limite: a **cadeia** do relógio; a **corrente** do maccaco.

Cadeira, disciplina. — **Cadeira**, no sentido em que aqui consideramos este vocábulo, designa o ensino de um professor, quer esse ensino constitua um ramo completo de conhecimentos, quer parte de elle, quer varios ramos do saber humano.

Disciplina é cada um dos ramos dos conhecimentos humaos.

A **cadeira** de historia compete, nos nossos lyceus, o ensino de duas **disciplinas**, historia e geographia.

Cadencia, quéda, vocação, disposição, tendencia. — **Cadencia** é termo familiar como synónyma de **tendencia**,

que é o vocábulo que devera exclusivamente empregar-se. Tem ou parece ter **tendencia** ou **cadencia** para alguma coisa quem muito a miúdo faz como os que exercem essa cousa. Diz-se que uma creança tem **tendencia** para a pintura quando, sem noções de desenho, imita menos mal certos objectos com o lápis ou a pena.

Quéda, que também é vocábulo familiar, é a **tendencia** que revela habilidade. Tem **quéda** para a música quem, só de ouvido, toca algumas peças.

Vocação é o desejo ardente de exercer certa profissão. Podeter-se **vocação** para alguma cousa sem ter **quéda** para ella. Quando a **vocação** é acompanhada de **quéda**, é **disposição**.

Roqueete comparou **quéda** e **cadencia** em sentidos que não apresentam synonymia. Diz elle:

« Ambas estas palavras vêm do verbo **la-tino cado**, e exprimem a idéa de cair, em « sentido figurado; porém **quéda** significa « geito, propensão para alguma cousa, e **cadencia** é a inflexão numerosa e suave das « palavras, ou do verso sonoro. Diz-se que « um homem tem **quéda** para poeta, e lou- « va-se a **cadencia** de seus versos. — A **que- « da** é para as cousas, diz Vieira, porque « hão de vir bem trazidas, e em seu logar: « hão de ter **quéda**; a **cadencia** é para as « palavras, porque não bão-de ser escabro- « sas, nem dissonantes: bão-de ter **caden- « cia**. »

Lacerda comparou o mesmo que Roquette:

« **Quéda** indica propensão, geito para al- « guma cousa. **Cadencia** designa a inflexão « agradável das palavras ou dos versos. « Antonio tem **quéda** para poeta, pintor, « músico, etc. Os versos de Francisco têm « **cadencia**. »

Caducar, invalidar-se, perimír. — **Caducar** é relativo ao tempo; **invalidar-se**, a qualquer circumstancia que não seja o tempo. Um **passaporte válido por um anno**, **caduca** ao cabo do tempo para que foi concedido. Um **passaporte fica invalidado** quando nelle ha um vicio de forma.

Perimír é termo exclusivamente forense e corresponde quasi a **caducar**, pois se diz do que se extingue por ter findado o praso legal. Os criminosos impunes não são **perseguidos depois do crime perimido**.

Caducidade, decrepitude, velhice. — **Caducidade** diz-se das pessoas e das cousas para indicar o estado do que está quasi a cair em ruínas, do que toca ao seu fim.

Decrepitude só se diz das pessoas.

Os vocábulos **caducidade** e **decrepitude** applicados á vida humana, indicam períodos differentes. A **caducidade** (do latim **ca-**

ducus, de *cadere*, cair) é a *velhice* adiantada, caracterizada pelo enfraquecimento dos órgãos e das faculdades, e pelo desfalecimento das forças.

A *decrepitude* é a *velhice* adiantada, caracterizada por uma alteração profunda da forma humana.

A *velhice* principia geralmente aos sessenta annos: a *caducidade* aos setenta, e a *decrepitude* vao dos oitenta até ao fim da vida.

Roqueete compara *caducidade* e *decrepitude* dizendo muito bem:

«Estas duas palavras são latinas: a primeira tem a sua raiz no verbo *cado*, cair, decair, estar em decadencia, em ruina; a segunda no verbo *crepo*, estalar, quebrar-se, tropeçar.

«A *caducidade* manifesta *decadencia* ou próxima ruina; e *decrepitude* ou *decrepidez*, destruição, últimos efeitos de uma lenta e insensível dissolução. — A *decrepitude* diz-se, propriamente falando, do homem, e não dos demais seres animados; a *caducidade* diz-se algumas vezes, em sentido metaphórico, de tudo aquillo que por velho ou gastado se acaba ou ameaça ruina, como um edificio, etc., e tambem falando de bens, por perecedouros e transitorios, e dos direitos e leis, que dizemos comumente que hão *caducado*.

«Com acerto se vale o uso común destes termos para distinguir duas edades ou dois períodos na *velhice*. Ha uma *velhice* que vulgarmente chamamos *caduca* e outra *decrépita*. A *caducidade* é uma *velhice* prematura e achacosa, que conduz á *decrepitude*, o esta uma *velhice* já em seu extremo, e por assim dizer agonizante, que conduz á morte.

«Os physiologistas differencam os dois estados do último quartel da vida com os seguintes caracteres. No ancão *caduco* curva-se o corpo, desordena-se o estômago, afundam-se as rugas da pelle, torna-se áspera a voz; obscurece-se mais e mais a vista, entorpecem-se todos os sentidos, perde-se a memoria, e todas as funções do corpo se exercem lenta e penosamente. — Tudo decae ainda mais no *decrépito*. O corpo não pôde já sustentar-se, falta inteiramente o appetite e a memoria, a lingua tartamudeia e apenas pôde pronunciar, está gasto o jogo dos órgãos corporaes, perde-se até o uso dos sentidos, é mui lenta a circulação do sangue e a respiração, enfraquece-se por extremo o corpo, tudo se dissolve; diremos pois que o ancão *caduco* acaba de viver assim como o *decrépito* principia a morrer.»

Diz Lacerda de estes dois vocabulos:

«A *caducidade* põe manifesta a *decadencia*, a próxima ruina; o a *decrepitude* a destruição, como efeito da dissolução

«lenta, mas progressiva, e que mal pôde observar-se. A *decrepitude* refere-se ao homem mais particularmente, e a *caducidade* ás cousas. Entretanto, no sentido figurado, a palavra *caducidade* applica-se a tudo que, por velho e gasto, ameaça ruina.»

Calado, silencioso, taciturno.

— *Calado* diz-se do homem que por hábito ou por indole fala pouco. Tambem se diz de aquelle que, sem deixar de falar tanto como outro qualquer, é reservado, isto é, que nem revela o segredo alheio, nem as proprias intenções. O homem *calado* é geralmente discreto.

Silencioso é termo genérico, de vasta exteusão, que pôde applicar-se a pessoas e a cousas: *logares silenciosos*, *florestas silenciosas*, *noute silenciosa*, *homem silencioso*, *carácter silencioso*. Referido ao homem ou ao seu carácter, *silencioso* tem menos força que *taciturno*, e pôde tão só designar um estado accidental. O homem expansivo pode estar *silencioso* em determinada occasião. O orador necessita um ditorio *silencioso*. — Ha pessoas *silenciosas* por carácter, isto é, que não falam sem necessidade.

Taciturno não pode propriamente dizer-se senão de pessoas e só de aquellas que ao silencio habitual reuñem um ar triste, carrancudo, mal humorado. *Silencioso* indica uma boa qualidade; *taciturno*, um defeito. O homem *silencioso* é reflectido; o *taciturno* é selvagem. Os homens francos desconfiam dos *taciturnos*. — Apesar de este vocabulo só se applicar com propriedade ás pessoas, pôde extensivamente dizer-se de certas cousas, por exemplo *dia taciturno*, isto é, carregado do núbens, sem aragem, em que a natureza não se deixa ouvir, em que parece morta.

De *silencioso* e *taciturno* diz Roqueete:

«*Silencioso* é o que fala pouco e com moderação. *Taciturno* é o que fala pouco e com repugnancia. Aquelle pode selo contra seu génio, por prudencia, por interesse, por modestia, por obrigação; este é-o sempre por carácter, por hypochondria ou por natural inclinação ao silencio. O *silencioso* tem únicamente um ar sério; o *taciturno* um ar severo e carregado. O primeiro é inútil numa sociedade de gente divertida, porque contribue pouco a fazer a agradável; porém o segundo é mais que inútil, é pesado, porque inspira desconfiança, ou contribue com sua hypochondria a diminuir o gosto e a jovialidade dos demais.»

Lacerda diz:

«*Silencioso* é o que fala pouco, e com comedimento. *Taciturno* é o que fala pouco, o a custo. O *silencioso* pode selo contra o seu génio, por prudencia, por modestia, por conveniencia, etc. O *taci-*

«turno o é por carácter, por hypocondria, «etc. O silencioso tem o ar sério. O taciturno tem o ar severo o triste».

Calão, gíria.—Synónymos perfeitos com que se designa a linguagem dos fadistas e gatunos; differenciam-se apenas em *calão* provir do hespanhol *caló*, e *gíria* ser o vocábulo portuguez. —Da linguagem dos ciganos melhor se diz *gíria* que *calão*.

Calcular, contar, computar, supputar.—Falemos em primeiro lugar de *contar*, que é o termo que serve de base a todas as operações indicadas pelos verbos de este grupo.

Contar diz-se de qualquer operação simples, até de aquellas que se podem fazer sem se ter o menor conhecimento das quatro regras fundamentais da arithmética, nem noções de numeração. O homem rústico quo faz uma idéa distincta do vocábulo *um*, do vocábulo *dois*, do vocábulo *trez*, sabe contar até *trez*, sem porém saber que esse número se construiu ajuntando a unidade á unidade, e ainda a unidade ao número obtido. As creanças, os selvagens, contam pelos dedos, porque fazem uma idéa distincta de cada grupo formado por dois, por *trez*, por quatro, até *dês* dedos, e a esses grupos comparam os grupos formados por dois, por *trez*, até *dês* objectos. A prática de contar até *dês*, leva insensivelmente a contar até cem ou mais, e a prova é quo quem não sabe ler nem escrever nunca dará *trez* mil réis por vinte e nove tostões; não o fará porque sabe *contar*.

Calcular é effectuar certas operações com os números. Fazer adições, subtrações, multiplicações, etc., é *calcular*. Este verbo indica pois uma operação mais complexa ou mais importante que *contar*, e geralmente é-lhe inherente a idéa da escrita. Ninguém diz *calculo escrito*, posto que se entende que o *calculo* ha-de ser escrito; mas diz-se *calculo mental* para designar o *calculo* que se faz em condições exceptionaes, sem escrever os números. — *Calcular* nunca se toma no sentido de *contar*, mas muitas vezes diz-se *contar* onde era de esperar *calcular*, como quando, por exemplo, se diz que um menino já sabe ler, escrever e *contar* — este verbo, junto aos de «ler» o «escrever», designando operações mais importantes que as de *contar* pelos dedos, operações que serão simples quanto se queira, mas que nem por isso deixam de pertencer ao domínio do *calculo*.

Computar é vocábulo que exprimo uma idéa ainda mais complexa que *calcular*, pois do *computar* se pode dizer que é comparar varios *calculos* para de todos elles tirar um único resultado. Além de isso ha em *computar* uma idéa de exactidão rigo-

rosa quo não existe em *calcular*, pois um *calculo*, ainda que exacto em si, é falso se falsos forem os dados com que se estabeleceu, em quanto quo o *computo*, ainda quando nelle não existam erros de *calculo*, é falso logo que se funde em dados erroneos. — Quem averigúa quanto produzirão os seus capitães num anno, faz um *calculo* exacto, que mnitas circumstancias podem tornar falaz. Se esse *calculo* se comparar com o das despezas previstas, faz-se um *computo*, que será exacto se os dados forem exactos, mas que será falso se algum de elles carecer de exactidão. — *Computar* encerra por consequencia uma idéa do exactidão rigorosa, e é por isso que este vocábulo se emprega mais frequentemente com referencia ao tempo: *fazem-se computos comparando os calendarios das diversas nações*. Buscar o anno da Hiegria que corresponde a tal anno da nossa era, ou o anno judaico que corresponde a tal anno mahometano, é *computar*. Diz-se o *computo* e não o *calculo Juliano*.

Suputar é *computar* com dados cuja exactidão se julga o mais perfeita possível, mas não rigorosa. Para estabelecer o orçamento de um anno económico *suputam-se* as receitas e os gastos prováveis. Ha pois em *suputar* uma idéa de *computo* falível.

Roquete compara os verbos *calcular*, *computar* o *contar* dizendo:

«Esta última palavra é a mais genérica «de todas, pois nas escolas de primeiras «letras se ensina a ler, escrever e *contar*; «mas este ensino, mais de rotina que de «sciencia, consiste em fazer numerações, «e algumas operações arithmeticas para «conhecer uma quantidade; é por assim «dizer o romance da sábia lingua do *calculo*.

«*Calcular* é executar operações arithmeticas ou fazer operações particulares da «sciencia dos números para chegar a um «conhecimento, a uma prova, a uma demonstração. — *Computar* é reunir, combinar, adicionar os números dados, para «conhecer o total ou resultado.

«*Contamos* quando numeramos, isto é «quando queremos saber o número de certas cousas começando por um, *dois*, etc.; «um menino conta primeiramente pelos «dedos, *um, dois, tres*, etc., e rigorosamente «falando não *computa* em quanto não póde «dizer *um e dois fazem tres, dois e tres fazem cinco*, etc.; e com muito mais razão «está longe de poder *calcular* por divisiões, «multiplicações e diminuições.

«O *calculo* é uma verdadeira sciencia «formada de muitos métodos mui sábios. «O astrónomo *calcula* a volta dos cometas; «o géometra, o infinito. Dizemos *calculos* «astronómicos, algébricos, etc.; *calculo* «differencial, integral, infinitesimal. — O «*contar* olha-se como negocio que poderemos chamar económico, isto é, relativo

«aos assumptos de interesses, de administração, de commercio, etc. — O amo toma «*contas* a seu feitor, e este deve ter suas «*contas* claras e em dia. O commerciante «tem seu livro de *contas* em quo assenta «seu *Deve* e *Ha de haver*.

«O *computo* comprehende-se no *cálculo* e «na *conta*, pois é uma operação determinadada e limitada a *cálculo*. Assim é que o «chronologista *computa* os tempos, partindo de termos conhecidos para chegar a «um desconhecido; e o astrónomo *computa* «sobre táhuas de sua sciencia para fixar o «tempo e o instante mesmo da repetição «de um phenomeno. — Todo o homem deve «saber *contar*, e até certo ponto tem necessidade de saber *calcular*; o *computar* «é proprio dos doutos.

«A palavra *computar* não é conhecida do «vulgo, em cujo logar diz *contar*, e apenas «se usa no sentido proprio; *calcular* usa-se «no sentido figurado em logar de combinar, «raciocinar, etc.; *contar* entra em mui variadas locuções como se pode ver nos dicionarios.»

Lacerda é muito mais breve ao falar de estes vocábulos:

«*Calcular* — diz elle — é fazer operações arithméticas para obter uma demonstração (sic). *Computar* é juntar, combinar os «números dados para chegar ao conhecimento do resultado total: — Os votos «*computam-se* e não se *pesam*. — *Constar* é adicionar unidades para chegar a «conhecer o seu número, como um, dois, «trez, quatro.»

Calda, tẽmpera. — Estes vocábulos designam operações diferentes ainda que tenham muita relação entre si, pois sem a *calda* não pudera fazer-se a *tẽmpera*.

Calda é a operação de tornar iucandescente o ferro; *tẽmpera* é a operação que se segue á *calda*, mergulhando o ferro em agua fria.

Cálido, quente. — *Cálido* diz-se só do que é *quente* por natureza, e do que tem virtude para comunicar calor: *clima cálido*.

Quente indica estado adquirido; muitas vezes porém confunde-se com *cálido*.

Calma, calmaria, bonança. —

Na linguagem náutica, *calma* é a falta absoluta de vento; quando a *calma* é mnito prolongada, denomina-se *calmaria*.

Bonança é o tempo sereno e tranqũillo.

Um barco de velas navega com **bonança**, não com **calma**, e muito menos com **calmaria**.

Calmar, acalmar. — Segundo a maior parte dos dicionaristas, incluindo entre elles os mais recentes, estes verbos senão são o mesmo vocábulo, representam

as mesmas idéas e podem indifferentemente ser empregados um pelo outro, se hem pareçam dar a preferencia a *acalmar* pois tanto os autores do CONTEMPORANEO, como o do UNIVERSAL, como o do Nôvo DICCIONÁRIO DA LINGUA PORTUGUESA reenviam de *calmar* a ess'outra fôrma.

Estamos persuadidos que uns e outros adoptaram essa referencia só no intuito, — aliás indispensável em todo léxico, de abreviar, pois entre *calmar* e *acalmar* ha uma nuance, que, podendo passar despercebida no dicionário da lingua, tem de ser apontada ao tratar da synonymia. É ao prefixo a que essa differença é devida. *Acalmar* pôde indicar esforço ou meio empregado; *calmar* não encerra essa idéa. As dôres **calmaram** ou **acalmaram** ao amanhecer. A phenacetina **acalma** as **neuralgias**. — Deprehende-se do dito que *acalmar* pode ser empregado transitiva e intransitivamente; *calmar* só intransitivamente. Dir-nos-ão que ha mil exemplos que vão em contra da nossa opinião, e que em *acalmar* o prefixo é puramente opletivo; emhora: este é o nosso sentir, e julgamos não errar.

Calôr, calórico. — O *calôr* é uma sensação; o *calórico* é um agente, ou, para melhor dizer, uma causa. Se não houvesse corpos organizados, a palavra *calôr* não teria sentido; mas o *calórico* subsistiria em quanto subsistisse o sol ou qualquer outro foco de que proviesse.

A differença entre estẽs dois vocábulos nota-se ainda mais claramente ao falar dos corpos que em física são chamados «conductores do *calórico*,» pois esses são precisamente os que menos *calôr* communicam á máquina animal; taes são os metaes, o mármore, o gelo, os tecidos de linho, etc.

Calva, careca. — *Calva* é termo culto; *careca* é termo vulgar.

Calva é a parte da cabeça donde caiu o cahelo. *Careca* designa não só a *calva* em si, mas tamhem o aspecto da cabeça que tem *calva*.

Camilha, caminha. — *Camilha* é o encosto ou cama estreita para dormir a sêsta ou descansa. *Caminha* é o diminutivo de *cama*.

Não nos honvêramos occupado de estes vocábulos se os não encontrássemos nos dicionarios dos outros synonymistas. De elles diz Roquette:

«Parece que estãs duas palavras, sendo «amhas diminutivos de *cama*, deveriam ter «o mesmo valor; mas não acontece assim «porque, *caminha* exprime simplesmente a «pequenez e pouca conta da *cama*, e *camilha* indica *cama* mole, de recosto, ou á «ligeira, para dormir a sêsta e descansa.»

E Lacerda:

« *Caminha* designa cama pequena, a cama de uma creança. *Camilha* significa uma especie de cama, não de dormir durante a noute, mas para recosto, ou para descansar, e passar a hora da sesta. »

Caminho, estrada, via. — Estes vocábulos encerram a idéa commum de « espaço que conduz de um a outro lugar. »

Caminho exprime do modo mais simples essa idéa, pois a qualquer espaço terrestre que conduz de um lugar a outro se pode applicar a denominação de *caminho*. *Percorreu a pé todo o caminho que vai de Lisboa ao Porto; caminho estreito; caminho largo; caminho de ferro; não havia mais caminho que uma estreita vereda.* — Além de isso, esta palavra considera o espaço que se percorre relativamente á sua natureza e ás circumstancias que lhe são inherentes: *é perto e bom caminho; caminho áspero; caminho aberto na penedia.* — Esta particularidade da palavra estende-se ao modo de percorrer o espaço, á facilidade ou difficuldade que elle proporciona: *andar muito caminho em pouco tempo.*

Estrada diz-se dos caminhos construidos com arte: *a estrada de Lisboa ao Porto passa por Coimbra. O Alentejo carece de estradas estratégicas ao longo das suas costas.*

Via, palavra latina, só se toma no sentido proprio quando se fala das ostras construidas pelos Romanos, e tambem, em certos casos, nalinguagem administrativa: *a via que de Braga ia a Astorga. A câmara municipal quer abrir novas vias de comunicação. Objectos encontrados na via pública.* — Extensivamente emprega-se este vocábulo para designar a direcção ou o meio de transporte: *via terrestre; via marítima.*

No sentido figurado só *via* e *caminho* estão em uso. *Por essa via nada se consegue. Seguir a má via. As vias da Providencia. O caminho da perdição.*

Campa, sepultura. — *Campa*, propriamente, é a pedra que cobre a *sepultura*; extensivamente, e tomando a parte pelo todo, *campa* no estylo elevado, é a propria *sepultura*.

Campal, campestre. — *Campal* não é, como dizem alguns dicionaristas: « relativo a campo », « que se realiza no campo » mas sim « relativo a acampamento ou a campo de batalha ». No primeiro dos sentidos deve só dizer-se *campestre*. *Batalha campal, missa campal; diversão campestre.*

Campanario, torre. — *Campanario* é a parte da *torre* em que se suspendem os

sinos, e extensivamente qualquer torre que tenha sino.

Campanha, guerra. — Entre estes dois vocábulos ha uma nñance que, senão sempre, muitas vezes pelo menos convém distinguir.

Guerra é o termo genérico que designa o estado de hostilidade em que estão dois partidos, ou duas nações: *a guerra civil terminou com a convenção de Évora-Monte. A' levandade de alguns jornalistas que nas suas redacções se achavam bem ao abrigo da metralha, se deve a mortifera guerra hispano-americana.*

Campanha é a guerra considerada em quanto á sua duração, ao seu móbil ou ao seu fim: *fez toda a campanha da Liberdade. A campanha dura todo o tempo em que os exercitos estão fóra dos quartéis.*

A guerra pode ser terrestre ou maritima; a *campanha* é sempre terrestre. — Duas nações declaram-se a guerra, não a *campanha*.

Campina, planície, campo. — A *campina* é uma vasta extensão de terra chã, lavradia.

A *planície* é o terreno chão, lavradio ou não.

Uma cidade está situada na *planície*, não na *campina*.

Campo é todo o terreno em que não ha povoações importantes. *Ha campos férteis, áridos, povoados e desertos.* — Certo general portuguez dizia que as cidades deviam estar situadas no *campo*.

Canalha, ralé, arrata miuda.

— A *canalha* (do latim *canis*, cão) é a parte do baixo povo que não tem noções de honra nem de probidade. Extensivamente se diz de todo aquelle que em honra e probidade está á altura da verdadeira *canalha*. Na primeira accepção é palavra feminina; na segunda masculina.

A *ralé* ou *população* ou *populacho*, é a parte menos distincta, a mais baixa classe do povo, considerada particularmente emquanto aos hábitos, á linguagem, á educação grosseira, e á sua propensão para as revoltas e sedições. *Os demagogos são os dirigentes da ralé.*

A *arraia miuda* é o que ha de mais desprezível entre a *ralé*, pois sem ter mais intelligencia do quo esta, carece de coragem para a secundar nos seus disturbios.

Detesta-se a canalha; deve-se estar de sobreaviso com a ralé; despreza-se a arrata miuda.

Cândido, singelo, simples, candoroso. — A pessoa *cândida* nem tem malicia, nem oculta a verdade. *O cândido diz quanto sente.*

A pessoa *singela* nem tem artifício, nem

afecção. Quem é **singelo** diz quanto sente, e como o sente.

A pessoa **simples** tem pouco discernimento e capacidade. O **simples** crê quanto lhe dizem.

Candoroso se diz de quem abunda em candidez.

Candôr. candura. candidez.

— Estas palavras representam as mesmas idéas tanto no sentido próprio como no figurado; é uso porém, de só nos servirmos das duas últimas, e ainda mais frequentemente de **candura** que de **candidez**, para expressar a idéa de ingenuidade crédula e sem malícia. Assim dizemos: *conservou o candôr (a candura ou a candidez) da infancia. Teve a candura (ou a candidez) mas não o candôr* de crêr quanto lhe dizia o sobrinho.

Candura. Innocência. Ingenuidade, naturalidade, lhaneza, sinceridade, singeleza, simplicza, franqueza, lisura. — A **candura** é, propriamente, a **innocência** adornada com as suas galas de pureza sem mácula. Quem é **cândido** nem sequer tem a menor noção do mal.

Innocência (do latim *innocentia*, de *in* prefixo negativo, e *nocens*, que faz mal, culpado) é a qualidade de aquelle que não cometeu nada de reprehensível, ou que pelo menos não tem culpa grave. Ao carácter da pessoa *innocente* repugna qualquer idéa de malícia ou de maldade.

A **innocência** distingue-se da **candura** em esta, como dissemos, não ter a menor noção do mal; negação que não existe em absoluto na palavra **innocência**, á qual é dado conhecer superficialmente o mal, sem porém o praticar.

A **ingenuidade** é a qualidade de quem é singelo e sincero, que diz sem disfarce quanto pensa, mas que o diz voluntariamente e sem a inconsciência de quem é dotado do **simpleza**. As pessoas **ingenuas** não dissimulam, pela simples razão de não quererem dissimular, não porque falem ou obrem sem considerar, o que só é proprio da **simpleza**.

A **naturalidade** é uma qualidade apreciável, nunca um defeito; esta qualidade é susceptível de acompanhar outras quaisquer que se lhe approximem, como a **ingenuidade**, ou que se distanciem de ella, como a **franqueza** por rude que esta seja.

A **lhaneza** é a qualidade de aquelle que põe á vontade a quantos o tratam. Veja-se o que dissemos do **lhano**, no artigo **Asfável**, página 45.

A **sinceridade** é a qualidade de aquelle que não oculta o seu modo de pensar nem os seus actos. A **sinceridade** não permite disfarçar o pensamento; nella não ha dissimulação nem exagero.

A **singeleza** occupa um logar intermédio entre a **sinceridade** e a **simpleza**; confundese com a primeira quando nella ha **ingenuidade**, e aproxima-se da segunda quando é excessivamente inconsiderada — a **simpleza** sendo propria das creanças a quem falta a reflexão e a experiencia.

Franqueza é a qualidade de aquelle que diz o que pensa sem considerações de nenhuma especie, e que obra com naturalidade, e sem a minima affectação nem reboço. A **franqueza** excessiva, tanto em palavras, como em obras, pode ofender a susceptibilidade ou as conveniências sociais.

A **lisura** exclue toda idéa de pensamento reservado, e de qualquer affectação. A **lisura** é a **franqueza** honrada e modesta.

De **candura, naturalidade, lhaneza, ingenuidade, sinceridade, singeleza, franqueza, e lisura**, diz Roquette:

«Todas estas palavras representam outras tantas qualidades moraes, que tornam estimável a pessoa que as possui, e que, posto que alguma vez se confundam, são entre si bem diferentes.

«O branco da açucena e do jasmim suave, brando, que não ofende a vista, é o typo da **candura**, que, em sentido metaphórico e mais usado, significa aquelle estado de **innocência** e pureza de ânimo que não conhece malícia, que ignora do mundo o trato.

«Aquella disposição da alma que leva o homem a dizer livremente o que pensa e o que sente, sem buscar artificios, nem attender aos inconvenientes que de abri podem resultar, tem o nome de **naturalidade**, porque se ajusta com o estado natural do homem e não conhece arte.

«De **lhano**, ou plano, que é uma superioridade igual, sem elevações, vem a voz metaphórica **lhaneza**, que indica facilidade no trato, igualdade no génio, e nenhum fumo de soberbia.

«Da palavra latina **ingenuitas**, que no sentido recto significa liberdade, o estado e condição do que nasceu e permanece livre, vem **ingenuidade**, que em sentido de translatô significa boa fé realidade no que se diz ou se faz; abertura de sentimentos sem nenhum disfarce nem contempção.

«Formava-se o vocábulo latino **sincerus** de **sine** e **cera**, alindando ao mel puro sem mistura de cera, e significava coisa pura, sem mistura. De aqui veio **sinceritas** e em portuguez **sinceridade**, que em sentido recto significa pureza, nenhuma mistura de cousa que altere ou corrompa, e no sentido translatô designa unidade perfeita do pensamento com o falar, com exclusão de toda a idéa de engano ou de falsidade.

«Chamamos **singelo** a tudo que não é dobrado, o portanto a **singeleza** é o oposto do dobrez e malícia, e sendo diferente a

«metáphora vem a encontrar-se com sinceridade, com a differença que esta nunca degenera em defeito, e aquella sendo demasiada confunde-se com simpleza.

«Da palavra franceza *franchise* fizemos nós *franqueza* para designarmos a qualidade de ser franco, talvez no mesmo sentido de isento e isenção, e por isto é proprio este termo para indicar a liberdade com que se fala a alguém, e a isenção com que lhe dizemos o que sabemos ou pensamos sem attendermos a qualquer respeito que pudera embaraçar-nos.

«De uma superficie *lisa*, em que não ha escabrosidade alguma, se tirou a metáphora da palavra *lisura* que designa aquella egualdade do ânimo de falar e obrar que não é entremeadada de segunda tenção, nem reserva, e por assim dizer, fala com o coração nas mãos.

«A *candura* opõe-se a malicia e a dissimulação; á *naturalidade*, o artifício; á *lhança*, o ar entonado; á *ingenuidade*, o fingimento e a impostura; á *sinceridade*, a mentira; á *singeleza*, a dobrez e o refolho; á *franqueza*, a reserva; á *lisura*, a affectação e o disfarce.

Dos mesmos vocábulos diz Lacerda:

«*Candura* é a alvura lúcida do jasmim, do lyrio, etc.; mas no sentido figurado, em que aqui se toma, é a pureza de ânimo, a inocencia que ignora a malicia do mundo. *Naturalidade* é o procedimento ingênuo e franco, sem disfarce nem artifício. *Lhança*, conforme a origem, indica a facilidade, egualdade no trato, sem o mínimo indicio de soberba, nem tam pouco do haixeza. *Ingenuidade* designa boa fé, franqueza, abertura de ânimo, sem dobrez, não refolhado. *Sinceridade* designa a perfeita harmonia do pensamento com as palavras, com exclusão de toda a idéa de falsidade. *Singeleza* é o equivalente de sinceridade, porque significa a conformidade do que se pensa com o que se diz e obra; porém a demasiada *singeleza* equivoca-se com a *simpleza*, que é defeito, em quanto que muita *sinceridade* é *inocencia*. *Franqueza* é a isenção com que se diz o que se sabe ou pensa a respeito de qualquer pessoa ou cousa. *Lisura* é a disposição do ânimo que nos move a haver-nos, quer falando, quer ohrando, sem reserva, nem refolho.

«A malicia é o oposto da *candura*, o artifício da *naturalidade*, a altivez da *lhança*, o fingimento da *ingenuidade*, a mentira da *sinceridade*, a dobrez da *singeleza*, a reserva da *franqueza*, e o disfarce da *lisura*.»

Canhonaço, tiro de canhão; canhonada, canhão. Salva.—*Canhonaço*, palavra mais castelhana que portugueza, difere de *tiro de canhão* em esta expressão não designar senão o facto do ca-

nhão ser disparado, sem nenhuma outra idéa accessoria; ao par que *canhonaço* descripta não só a idéa do estâmpido do tiro, mas tambem a do haver projectil com a peça arrojado. *Um navio de guerra manobra de modo a evitar os canhonaços do inimigo, não os seus tiros de canhão.*

Canhonada é o tiro de canhão em que se trocam projecteis. Quando a *canhonada* é prolongada chama-se-lhe *canhoneio*.

Salva é o disparo de tiros de canhão em signal de regosijo.

Cano, tubo, canudo, cânula.—De estes vocábulos, o que encerra a idéa de ducto de maiores dimensões é *cano*; não lhe é porém inherente nenhuma idéa de forma: ha *canos* cilíndricos, de fundo plano, descobertos na parte superior, etc.

Aos outros vocábulos de este grupo é inherente a idéa de forma cilíndrica, sendo porém menor a dimensão do diâmetro em qualquer de elles que no *cano*. — *Cânula* encerra mesmo a idéa de diâmetro muito diminuto.

Tubo, canudo o *cânula* differem tambem de *cano*, em neste vocábulo se considerar o uso a que elle é destinado, e naquelles a materia de que são feitos. **Cano** do gaz; **tubo** de vidro. **cânula** de cautchú.

Cânon, decisão, decreto.—Na linguagem teológica romana, estes vocábulos exprimem certas prescripções formuladas e impostas pela autoridade ecclesiástica.

Cânon é palavra grega que significa «regra». Os *cânones* são prescripções sobre materia do dogma ou da disciplina. Ha *cânones* que foram estabelecidos pelos concilios, e outros que se fundam na tradição e no costume; uns e outros porém impõem-se pela sua autoridade, e esta deve ser acatada por todos os católicos. A *Egreja católica funda-se particularmente no conjunto dos seus cânones*.

Decisão é uma prescripção sobre materia de fé ou de dogma. As *decisões* são obrigatorias para todos os católicos, como impostas pelos concilios e pela *Egreja*; são irrevogáveis.

Decreto é vocábulo mais relativo á forma que ao fundo. As *decisões* e os *cânones* são decretos logo que se considerem como formulados por autoridades reconhecidas, taes como os concilios ou o papa.

Dizemos: as *decisões* dos concilios; os *cânones* da *Egreja*; os *decretos* do soberano pontifice.

Lacerda diz:

«*Decisões* é o termo genérico que abraça os *cânones* e *decretos*. As *decisões* dos concilios são todas as determinações por elles tomadas acerca das materias da sua competência. *Cânones* são as decisões relativas ao dogma e á fé, e são obrigatorios.

«para todos os fiéis, sem excepção de pes-
«soa. Decretos são decisões que regulam a
«disciplina eclesiástica.»

Cansaço, canseira. — O *cansaço* provém de esforço; a *canseira* não consente que se faça esforço algum; o *caninhante sente cansaço*; o *doente tem canseira*.

Por exaggeração, e familiarmente, diz-se *canseira* como augmentativo de *cansaço*.

Cansaço, fadiga, lassidão. — O abatimento das forças físicas e moraes é o *cansaço*.

A *fadiga* junta á idéa preecedente a de violencia e esforço.

Lassidão é a immobillidade, a relaxação nervosa e muscular que provém do *cansaço* e da *fadiga*.

Depois de andar muito sentimo-nos *cansados*; se então temos de subir uma ladeira, fazemo-lo com *fadiga*, e se esta *fadiga* for excessiva poderá sobrevir a *lassidão*.

De *fadiga* e *cansaço* diz Roquete:

«Indicam estas duas palavras uma in-
«disposição do corpo ou do espirito que im-
«pede o executar alguma cousa. Quando
«ella provém de um trabalho do corpo ou
«do espirito que apurou todas as forças,
«chama-se-lhe *fadiga*; quando ao contra-
«rio provém de um trabalho demasiada-
«mente uniforme, ou que se deixa de bom
«grado, dá-se-lhe o nome de *cansaço*».

«Falando do espirito, *cansaço* diz-se
«no sentido de desgosto, o que não acon-
«tece á *fadiga*. Por exemplo: «Um exér-
«cito extenuado de *fadiga*,» faz relação ás
«forças corporaes: e, «Tambem se faz a
«paz pelo *cansaço* da guerra.» *Cansaço*
«está aqui tomado em sentido de desgosto.

«*Fadiga* toma-se algumas vezes pelo tra-
«balho mesmo, diz-se indifferentemente:
«Os trabalhos e as *fadigas* da guerra». Sem
«embargo, um é a causa e o outro o efel-
«to. Não se diria pois no mesmo sentido,
«o *cansaço* da guerra.

«O *cansaço* faz-se sentir algumas vezes
«sem que se faça nada; provém isto de
«certa disposição do corpo ou de um enfa-
«do do ânimo. A *fadiga* é sempre a conse-
«quencia da demasiada acção; supõe tra-
«balho difficil ou aturado. — *Afadigar-se* é
«trabalhar com ancia e afneio; *cansar-se*,
«pode ser isto, e pode tambem ser, esme-
«rar-se, apurar-se em fazer bem alguma
«cousa.»

Dos mesmos vocábulo diz Laeerta:

«Estas palavras designam certa in-
«disposição do corpo ou do espirito que nos
«impede de executar alguma cousa. *Fadi-
«ga* é a indisposição que provém do tra-
«balho do corpo ou do espirito, que apu-
«rou todas as forças. *Cansaço* é a indispo-
«sição que provém de um trabalho unifor-
«me, que deixamos com prazer. Tambem

«se diz *cansaço*, no sentido de desgosto,
«com referencia ao espirito; e não pode
«então dizer-se *fadiga*. Podemos dizer: o
«*cansaço* da guerra trouxe a paz, porém
«aqui toma-se *cansaço* no sentido de des-
«gosto. Pode dizer-se: os trabalhos e as
«*fadigas* da guerra, mas, quando assim
«nos expressamos, por *fadigas* entendemos
«os mesmos trabalhos, ou antes a exaree-
«bação de elles. A *fadiga* é o effeito da ac-
«ção. O *cansaço* é muitas vezes a conse-
«quencia do mere enfado ou molestia de
«ânimo.»

**Cantadeira, cantadora, can-
tora, cantarina, cantatriz.** — *Cantadeira*, e ainda mais frequentemente *cantadora*, designa a mulher que canta muito, que está quasi sempre a cantar, e tambem a que canta pelas ruas pedine esmola.

Cantora é a mulher que, conhecendo as regras do canto, canta por profissão ou como prenda de adorno.

Cantarina e *cantatriz* são vocábulo des-
usados.

De estes vocábulo, excepto de *cantado-
ra*, diz Roquete, fazendo reviver palavras
antigas, e não explicando bem as moder-
nas:

«Todas estas pessoas cantam, mas cada
«uma de ellas por differente motivo, e seu
«canto é apreciado de diverso modo.

«A mulher que anda sempre a cantar ou
«ganha sua vida a cantar, chama-se vul-
«garmente *cantadeira*; a que sabe as re-
«gras do canto, e com boa vez o executa,
«sem de isto fazer officio, é uma *cantora*;
«a que professa a arte de cantar, e figura
«nos theatros, pelo que recebe estipendio,
«é uma *cantarina*.

«*Cantatriz* que é palavra latina, posto
«alguma vez se tomo por *cantora*, corres-
«ponde mais particuilarmente a *cantarina*».

Laeerta copiou de Roquete; diz elle:

«*Cantadeira* é a mulher que anda sem-
«pre a cantar, e, na accepção popular, a
«que faz modo de vida de cantar. *Cantora*
«é a que sabe cantar com preceito, se-
«gundo as regras do canto, sem que toda-
«via seja a cantar o seu modo de vida.
«*Cantarina* é a que sabe cantar, e canta
«por contrato e estipendio nos theatros,
«etc. *Cantatriz* é palavra italiana, que
«designa indistinctamente a *cantora* e a
«*cantadeira*».

Cantelra, pedreira. — *Canteira* é a *pedreira* do que se extrêe pedra para cantaria. Da *pedreira* são pedra miuda.

Cântico, hymno, canto. — O *cân-
tico* é religioso; e *hymno* pode selo ou não.
Quando o *hymno* é religioso não é tão so-
lemne, não tem tanta arte nem tanta pee-
sia como o *cântico*.

Canto é toda a poesia cantável — pelo menos na accepção em que aqui o comparámos com *cântico* e *himno*.

O *himno* não religioso é um *canto* em que se celebra alguém ou alguma cousa personificada.

Capacete, casco, elmo, morrião, elmeira, celada. — *Capacete* é a armadura defensiva da cabeça; o *capacete* antigo não tinha ornatos; os modernos têm-nos geralmente.

Casco é a caixa óssea do crâneo. Por extensão parece que assim se denominou uma especie de solidéo metálico que cobria o alto da cabeça dos infantes, e por cima do qual se punha uma barretura ligeira. Dizer porém *casco* em vez de *capacete* é galicismo.

Elmo era a armadura antiga que defendia a cabeça e cara. O *elmo* tinha uma parte móvel que se chamava «viselra». A parte superior do *elmo* era a *cimeira*. Por erro, so lè ás vezes a *elmeira* do *capacete*, quando se fala dos *capacetes* antigos.

Morrião era um *capacete* baixo e ligeiro que geralmente estava adornado com alguma pluma. Os cavaleiros, fóra da guerra, usavam o *morrião*.

Celada era a mais infima das armas defensivas da cabeça; era uma especie de chapéu redondo de metal sem adorno algum. A antiga infantaria espanhola usava *celada*, ou, como dizíamos em portuguez, *chapéu*.

Eis como Roquete compara estas palavras:

«Todas estas palavras designam uma «parte da armadura antiga que cobria ou «defendia a cabeça, a qual variava na «fôrma, e de aquí os diferentes nomes por «que era conhecida.

«*Capacete*, do francez antigo *cabasset*, «era uma peça de metal da armadura redonda que cobria a cabeça, sem ornato. «*Casco*, do francez *casque*, significa o crâneo ou caixa óssea que encerra o cérebro, extensivamente o *capacete* que se ajusta á cabeça. *Elmo*, do espanhol *yelmo*, «significa uma especie de *capacete* adornado de cristas, penacho, etc., com viselra que cobria o rosto, como se vê do «que diz Camões falando de Biecho»

«A *viselra* do *elmo* de diamante

«Alevantando um pouco, mui seguro.

(*Lus.*, I, 3^{ta}.)

«*Morrião*, do antigo francez *morion*, era «armadura da parte superior da cabeça «com algum ornato de plumagem.

«*Cimeira*, do francez *cimier*, de *cime*, era «a parte superior do *elmo* ou *morrião* adornado com plumas.

«*Celada* é palavra castelhana, pouco «usada de nossos autores, mas mui frequente na historia do Don Quichote, que

«vale o mesmo que *capacete*, e parece corresponder ao *galea* dos latinos».

Lacerda diz, separando-se neste artigo da letra de Roquete:

«*Capacete* era uma peça de metal da armadura antiga, redonda, sem ornato, que cobria a cabeça. *Casco* era uma especie de armadura, de metal ou não, que se usava para defesa por baixo do chapéu, ou de outra cobertura da cabeça: — **Casco** — *cos* debaixo dos chapéus (ANN. CHR.) — «*Elmo* era especie de *capacete* ornado com «cristas, plumas, etc. *Morrião* era também armadura que defendia principalmente a parte superior da cabeça, e era sempre adornado com alguma plumagem. «*Cimeira* era a parte superior do *elmo* ou «*morrião*, mas também designava geralmente qualquer defesa da cabeça. No «sentido figurado tem esta significação «genérica: — Com esta **elmeira** defendia «o edificio da sua alma (FLO S^{ANCT.}) — «*Celada* é verdadeiramente palavra castelhana, o significa peça da armadura antiga que defendia a cabeça».

Capacidade, lotação. — A *capacidade* é o âmbito do interior do navio. A *lotação* refere-se ao que deve entrar na *capacidade*. — Assim a *capacidade* do navio é para tantos metros cúbicos, e a sua *lotação* para tantas toneladas.

Capacitar, convencer, persuadir. — *Capacitar*, vocábulo a que o radical latino *caput*, cabeça, não é extranho, significa propriamente meter na cabeça de alguém alguma cousa, fazer-lhe acreditar que essa cousa é verdadeira.

Este vocábulo exclue a idéa de provas, mas encerra a de razões. Em *capacitar* não se atende tanto ao esforço de quem pretende fazer crêr, como á repulsa da pessoa em crêr. Uma accepção antiquada de este verbo corrobora esta asserção; o padre Antonio Vieira disse: «— o que muitos não «*capacitam* nem entendem».

Convencer (do latim *vincere*, vencer completamente) é produzir crença no ánimo alheio, seja por meio de provas, seja por argumentos. A operação de *convencer* é geralmente lenta, mas implica persistencia por parte do sujeito, e opposição por parte do paciente. Quem pretende *convencer* dirige-se á razão, ao espirito; argumenta e prova, e as provas ou os argumentos, alinda que aparentemente sejam de pouco peso, devem ter valor real para destruir aquella opposição. Para *convencer* é necessario valer-nos da lógica e empregar a dialéctica; para *capacitar* basta a persistencia na affirmativa.

Persuadir (do latim *persuadere*, induzir a), é uma operação mais violenta que *convencer*, pois para a realizar, melhor se despertam as paixões que se fala á razão.

Quem quer *persuadir* tende a subjugar a vontade alheia, a impôr as suas idéas, a fazer aceitar pelo paciente, e sem convicção por parte de este, as proposições que lhe são feitas; demove sem provar; dirige-se antes ao sentimento que à razão. Quem quer *persuadir* deve ser orador, necessita eloquência. E assim é que se pode *persuadir* sem *convencer*, como se pode *convencer* sem *persuadir*. — *Persuade-se* sem *convencer* quando o paciente é levado por instinto a obrar sem ter a certeza de ter razão; *convença-se* sem *persuadir* quando submetemos o paciente a reconhecer a verdade do que lhe sugerimos, sem porém o poderemos determinar a obrar segundo o seu convencimento.

Convença-se o entendimento; *persuade-se* a vontade. Quem *convença* destrói um erro ou uma dúvida; quem *persuade* incita a obrar. Os argumentos e as provas *convencem*; o estilo e as figuras retóricas *persuadem*. *Convencer* exige lógica, dialéctica; *persuadir*, eloquência. — Nas composições retóricas, o corpo do discurso *convença*, a peroração *persuade*.

De estes vocábulos diz Roquete:

«Capacitar é palavra vulgar, e significa «fazer crer alguma coisa a alguém: as duas outras são palavras técnicas da oratoria.»

«*Convencer* é provar ao entendimento «que uma coisa é verdadeira ou falsa, boa ou má; *persuadir* é determinar a vontade a que obra em consequência de este convencimento. — Com os argumentos *convencemos* somente; porém suposta a convicção, e ainda que esta não seja talvez completa, *persuadimos* com a autoridade que merecemos ou com os afectos que excitamos. — A acção de *convencer* dirige-se principalmente à intelligencia, assim como a de *persuadir* aos sentimentos do coração.»

Vejamos o que diz Lacerda:

«*Capacitar* é fazer crer alguma coisa a alguém. *Convencer* é demonstrar ou provar ao entendimento que alguma coisa é boa ou má, etc. *Persuadir* é mover a vontade a que se determine, obre em consequência da prova dada de que a coisa é boa e portanto deve ser feita. *Convença-se* com argumentos, e *persuade-se* com a autoridade, ou excitando os affectos. *Convencemos* a intelligencia, e *persuadimos* o coração.»

Capar, castrar. — São synónymos perfectos, estes verbos. — Em agricultura e jardinagem só o primeiro de elles é admitido: **capar** os morangueiros.

Capaz, hábil, apto, destro. — No artigo **Aptidão**, página 107, tratámos dos substantivos analogos aos adjectivos que compõem este grupo, á excepção de

destro, por a *destreza* ter maior synonymia com *ligereza* que com *capacidade*, *habilidade* ou *aptidão*. Depois do que naquelle artigo dissémos, limitar-nos-emos a transcrever o que de estes vocábulos dizem Roquete e Lacerda.

Diz o primeiro:

«Aplicam-se em geral os adjectivos *capaz* e *hábil* ás acções dos homens. Um homem *capaz* de fazer qualquer coisa é o que reúne em si todas as faculdades e requisitos necessários para poder fazê-la. A palavra *hábil* tem mais extensão que a de *capaz*, pois não só designa as qualidades anteriores, senão de mais a mais a facilidade da execução adquirida pela repetição de actos. Um juiz pode saber todas as leis sem ser *hábil* em suas applicções. Um sábio pode não ser *hábil* nem em escrever, nem em ensinar; porém em seu estilo singelo, ainda que desalinhado, manifestar-nos grandes verdades.

A palavra *capacidade* refere-se mais ao conhecimento dos preceitos, e a de *habilidade* á sua applicação; aquella adquire-se com o estudo, esta com a prática. O que tem *capacidade* é proprio para emprender; o que tem *habilidade*, para levar a effecto o que se pretende. Para mandar é necessaria a *capacidade*, e para obrar a *propósito* a *habilidade*. A *capacidade* pertence á meditação, a *habilidade* á execução; aquella é mais propria das ciencias, esta das artes.

Considera-se a *aptidão* como uma idoneidade passiva, sendo activa a *capacidade*. É pois esta uma disposição para tudo, bem ou mal, e assim dizemos que um homem é *capaz* de grandes virtudes e de grandes crimes; a *aptidão* entende-se communmente para o bem, assim como a *destreza* pode ser o para um e outro. Não se dirá de uma pessoa que é *apta* para roubar, para assassinar, para qualquer maldade que exija astucia e manha; mas sim dizemos que é *destro* em roubar, que deu uma punhalada com *destreza*, que foi *destro* em executar, em dissimular, em occultar o crime e em afastar de si toda a suspeita. Sendo a *destreza* a facilidade, prontidão e bom geito com que se faz alguma coisa a que se está acostumado, ou *adestrado*, refere-se especialmente a tudo em que pode entrar exercicio de corpo ou manual. — Um homem pode ser *destro* na esgrima, em cavalgar, nas armas, em atilar, na manobra náutica, assim como uma mulher pode ser *destro* no governo da casa».

Diz o segundo:

«*Capaz* em geral significa menos do que *hábil*. Homem *capaz* é o que tem possibilidade de usar bem do que sabe. Homem *hábil* é o que faz bom uso dos estudos ou conhecimentos adquiridos, e da experiencia obtida pelo trato dos homens, e das cousas. Homem *apto* é o que tem facilidade

«dade, disposição, para tudo, bem ou mal. «Homem *destro* é o que tem prontidão, bom «geito para fazer alguma cousa. Este termo usa-se principalmente com referência «aos exercícios manuaes.

Capcioso, insidioso, sophístico, arguto. — *Capcioso* (do latim *captare*, tratar de apanhar, fazer esforços para apoderar-se de) rovela a idéa de meios hábeis destinados a apanhar a algum como se apanha um animal a que se teudem laços disfarçados. Aplica-se particularmente este vocábulo aos discursos ou razões com que se enreda e circunscreve a algum de modo tal que toda escapatoria se lhe torne impossível. Empregam-se meios *capciosos* para levar alguma pessoa a confessar o que ella se obstina em negar. *Por muito forte que seja um espirito, sempre ha-de haver um argumento capcioso que o possa dominar.*

Insidioso (do latim *insidia*, ciladas) rovela idéa de laço preparado para nelle fazer cair algum. Diz-se das palavras, dos modos, do tom. — O que é *capcioso* dirige-se ao entendimento; o que é *insidioso*, á vontade. Um argumento *capcioso* leva ao erro; uma promessa *insidiosa* conduz á imprudencia. No *capcioso* ha engano; no *insidioso* ha má intenção.

Sofístico só se diz dos argumentos, e só de aquellos com quo se pretende enganar o entendimento sem nehum outro fim immediato. — O que é *capcioso* ou *insidioso* não é fácil de descobrir; o *sofístico* descobre-se facilmente. Os *jesuítas* empregam argumentos *capciosos*, não se valem porém dos *sofísticos*.

Arguto diz-se do que é subtil e engenhoso, e mais vezes se toma a boa que a má parte; não obstante, no que é *arguto* ha muitas vezes algo do *capcioso*.

De *capcioso* e *insidioso* diz muito bem Roquette:

«Servimo-nos de estas palavras para expressar em geral os meios que se empregam para surprender, enganar e abusar da singeleza ou pouca intelligencia «das pessoas.

«*Capcioso* é palavra latina, *captiosus* (de «*capto*, frequentativo de *capio*) e designa «aquilo que se dirige a surprender a intelligencia e a razão, alucinando aquella com falsas apparencias de verdade, e «obscurecendo esta com falsas deducções. «Aplica-se o adjectivo *capcioso* aos discursos, raciocínios, perguntas e cousas semelhantes.

«*Insidioso* é também palavra latina, *insidiosus*, e designa o que põe e arma ciladas. Parece que o *insidioso* so dirige a interessar e dominar o amor proprio, a vaidade, e outras naturaes inclinações; tudo «isto é armar laços a quem se *insidia*. Diz-se tanto das pessoas como das cousas. —

«Os meios *capciosos* dirigem-se a fazer cair «algum em erro; os *insidiosos* a atrail-o «insensivelmente a um laço bem armado.

«O que se deixa enganar por meios *capciosos* parece que consente elle mesmo «no erro que adoptou, e em que chega a «obstinar-se. O que caiu no laço por meios «*insidiosos* conhece alfin sen erro, quizerá «sair de elle; porém já não pode. — Deslumbram os meios *capciosos*; seduzem e «arrastam os *insidiosos*».

Lacerda pouco diz de estes vocábulos, e esse pouco dil-o mal; eis o seu artigo:

«O *capcioso* tudo que tem por fim enlugar «a intelligencia, iludindo a razão com a «apparencia da verdade. *Insidioso* designa «o que arma laços, põe ciladas a algum. «São *capciosos* os argumentos com que nos «querem convencer de que não devemos «ser modestos. É *insidioso* o homem que «nos lisonjeia, e excita o amor proprio para nos arrastar á sua parcialidade».

Capital, capitular, maiúscula, grande (letra). — *Maiúscula* (do latim *majuscula*, um pouco maior) diz-se da letra que se emprega no principio do periodo, dos nomes proprios, etc.

Capital (do latim *caput*, cabeça) são letras de tamanho superior ás *majúsculas*, e se empregam no titulo das obras, no cabeçalho dos capitulos, etc. — A letra *majúscula* que vae no principio de capitulo, chama-se *capitular* quando excede em tamanho ás outras *majúsculas*.

Maiúsculo é termo typographico e de todas as linguagens; *capital* é exclusivamente typographico.

Grande diz-se, em calligraphia, da letra maiúscula de grande formato, e só por abuso se diz da *majúscula* propriamente dita.

Capital, principal. — Estes adjectivos qualificam as cousas de maior importancia entre as outras da sua especie.

Principal (do latim *princeps*, primeiro) diz-se das cousas muito importantes que vão na vanguarda das outras.

Capital (do latim *caput*, cabeça) extrema entre o que é *principal*, e assim se diz como equivalente de «**principal** entre o principal».

Na mente do orador gravam-se os pontos **principaes** do seu discurso, e de entre elles destaca o **capital** para com elle cerrar a sua argumentação.

Capital, principal. — Em termos de banco, o *principal* está constituido pela quantia primitiva; quando essa quantia produz interesses constitue *capital*.

O individuo que de um banco retira o seu *capital* nada deixa lá. Os que de elle retiram os juros vencidos, deixam ficar o *principal*.

Capitoso, generoso. — Já grande diferença entre o *vinho capitoso* e o *vinho generoso*. — O *vinho generoso* tem força alcoólica por natureza; o *vinho capitoso* é fortemente alcoolidado artificialmente. *Capitoso* se diz de qualquer vinho; *generoso* só se diz dos vinhos finos.

Capitular, render-se. — Uma praça *rende-se* ao inimigo ficando prisioneira a sua guarnição; *capitula* regulando com o inimigo as condições em que bado cessar a defesa.

Capítulo, cabido. — A corporação dos cônegos de uma sé presidida pelo seu deão, forma o *cabido*.

Quando o *cabido* se reúne para tratar questões de sua competência dá-se a essa assembleia o nome de *capítulo*.

É em *capítulo* que o *cabido* nomeia quem deve reger a sé vacante.

Capoeira, típoia. — São estes vocábulos termos festivos com que se designam as carruagens que não são de luxo, mas geralmente não se aplicam indiferentemente. — Qualquer carruagem incômoda, suja ou velha, é uma *típoia*.

As carruagens antigas, ás traquitanas, e principalmente ás séges que eram puxadas por bois, é que se dá o nome de *capoeiras*.

Capricho, brio. — O *brio* é uma qualidade constante, o *capricho* é accidental. O estudante que tem *brio* estuda para não desmerecer na opinião dos professores nem fazer figura triste deante dos condiscipulos. O estudante que tem *capricho* estuda para reabilitar-se no conceito dos seus mestres e não ficar na retaguarda dos companheiros.

Capricho supõe falta anterior; *brio* rechaza essa idéa.

Capricho, phantasia. — O *capricho* (do italiano *capriccio*, palavra derivada do vocábulo latino *capra*, cabra) é uma determinação súbita da vontade, que se resolve tão rapidamente como é rápido o salto da cabra. A rapidez com que esta determinação cala no ânimo impede qualquer reflexão, e por consequência o *capricho* não se funda em nenhuma razão — pelo menos em nenhuma razão séria.

A *fantasia* não é irreflectida como o *capricho*, nem como elle sobrevem rapidamente; muitas vezes é até o resultado de combinações detidamente estudadas. Compara-se porém *fantasia* com *capricho* quando a motiva um gosto estrambótico ou muito extranho.

O *capricho* é tirânico; a *fantasia* é original.

O homem que tem *caprichos* toma deter-

minações arbitrárias e súbitas que nenhuma razão plausível justifica. O homem que tem *fantasias* tem desejos ou gostos que não se parecem com os das outras pessoas, e esses gostos ou esses desejos manifestam-se quando menos os espera por elles.

Capitvelro, escravidão. — O artigo seguinte determina a diferença existente entre estes vocábulos, dos quaes diz Lacerda:

« *Cativeiro* é o estado a que passa a pessoa, que, perdida a liberdade na guerra etc., vive em poder do inimigo. *Escravidão* é o estado do que vive em poder do senhor da sua liberdade ou propriedade. « *Cativeiro* sómente se refere á falta de liberdade que sofre o cativo; *escravidão* envolve a idéa do direito de propriedade que sobre o escravo tem o seu dono. *Li-* « *mem-se os cativos, o compram-se os es-* « *cravos.* »

Captivo, prisioneiro, escravo.

Cativo o *prisioneiro* distanciam-se muito de *escravo*, este último vocábulo sendo a negação de toda liberdade, de todo direito civil, e quasi até da entidade humana. O *escravo* é a cousa de seu dono, quer haja já nascido na *escravidão*, quer nascesse na liberdade.

Cativo se diz de aquelle que perdeu a liberdade quer para sempre, quer temporariamente, porém essa perda de liberdade é relativa, não absoluta. O *cativo* vai aonde o levarem; mas ao *cativo* não se impõem os trabalhos, nem os castigos que ao *escravo*. O *escravo* passa de mão em mão de quem o compra; o *cativo* só ao do poder de seu senhor para recuperar a liberdade, quando a recuperar. — Dizer que os Mouros vendiam os *cativos* cristãos, é não conhecer o valor da palavra: O *cristão* que o Mouro vendia não era *cativo*, era *escravo*.

Prisioneiro, vocábulo não derivado de *prisão*, mas sim do francez *prisonnier* (do particípio *pris*, tomado), é aquelle que fica em poder de alguém sem poder usar da sua liberdade. Na guerra moderna fazem-se *prisioneiros*, não *cativos*. — Em accepção particular *prisioneiro* é synónimo do *preso*; a terminação *civo*, porém, particular ao agente e não ao paciente nos mostra que tal accepção é impropria.

De estes vocábulos diz Lacerda:

« *Cativo* é o que caiu nas mãos de seus inimigos e ficou privado da liberdade: « *Preso, nem cativo, não tem amigo.* » ADA- « *gio.* — *Escravo* é o que está sem liberdade, « considerado como cousa, propriedade do « outro homem, que pôde de elle dispor a « seu talante. *Prisioneiro* é o que na guerra « é tomado ás mãos pelos pejeadores con- « traheos. Os *prisioneiros* soltam-se ou trou-

«cam-se durando, ou finda a guerra; os ca-
«tivos resgatem-se; porém o escravo mor-
«re escravo a não ser fôrro pelo senhor».

Capturar. prender.—Capturar diz
mais que prender.

Prender é assegurar-se de alguém para
o apresentar ante o juiz. **Capturar** é asse-
gurar-se de alguém que deve estar preso.

A polícia **prende** a quem se envolve em
desórden, e **captura** o criminoso que se
havia evadido da prisão.

Compare-se com o artigo **Apresnar**,
capturar na página 106.

**Cara, rosto, face, frente, sem-
blante, vulto.**—O vocábulo *cara* é, de
todos os seus synónymos, o quo de maior
emprego é susceptível, pois usa-se em ex-
pressões em que os outros não têm cabida,
como: *mã cara tem o tempo*; *cara de*
páscoa; *cara estanhada*; *cara a cara*;
fazer *cara*, etc.

Rosto é palavra mais nobre que *cara* e
pertence ao estilo culto. Quasi se pôde
dizer que uma mulher ordinaria tem *cara*
mas não tem *rosto*. Muito melhor so diz: *o*
rosto da Virgem, que a *cara da Virgem*.

Face, na poesia e nas artes, assim como
na ciencia, é o equivalente de *cara*.

Frente é do estilo elevado e denota a
cara voltada para determinado ponto:

«Encara-me frente a frente.»

Semblante é o rosto affectado por algum
sentimento ou paixão. — Não deve pois di-
zer-se *semblante bonito* ou *feito*, mas
sim: *semblante triste*, *risonho*, *severo*,
melancólico, etc.

De *cara*, *frente* ou *fronte*, *rosto*, *semblan-
te*, *face* e *vulto* diz Roquete:

«Por todas estas palavras se designa a
«parte mais nobre do homem, que ao cor-
«po, qual soberana, preside e manda. Mas
«cada uma de ellas ajunta á idéa fundamen-
«tal alguma accessoria que a modifica, e
«que importa conhecer para não as con-
«fundir.

«*Cara* é palavra grega, *kara*, ou *karé*,
«e significava cabeça, cume ou cino; mas
«entre nós só significa a parte anterior da
«cabeça do homem, e de alguns animaes
«brutos.— É expressão vulgar, e ás vezes
«incivil e grosseira. Não é admitida em
«estilo elevado, e em lugar de ella usam
«os poetas a palavra *frente* ou *fronte* (que
«ambas vem de *frons*). José Agostinho de
«Macedo diz na Meditação:

«Mas que pasmosa architectura é esta
«Deste corpo, que eu palpo, eu sinto? A
«Qual soberana, lbe preside e manda!»
frente

«E Camões:

«Que uão no largo mar, com leda frente,
«Mas no lago entraremos de Acheronte.

(Lus., I, 51.)

«Estando c'um penedo frente a frente,
«Que en pelo rosto angélico apertava,
«Não fiquel homem não, mas mudo e quedo
«E junto d'um penedo outro penedo.

(Lus., V, 56.)

«Chamavam os latinos *rostrum* ao bico
«das aves, ao esporão da prôa das embar-
«cações, e ao que com elle se parecia; os
«nossos antigos chamavam e ainda hoje os
«Castelhanos chamam *rosto* á *cara* dos ra-
«cionaes, por ser a parte saliente do corpo
«sobretudo vlstro de perfil, em que o nariz
«fôrma uma especie de bico. Por suavida-
«de de pronuncia se diz *rosto*. E' expres-
«são mais elevada que *cara*, pois só se diz
«dos racionaes, e é poética, como se vê da
«precedente citação de Camões, e da se-
«gninte:

«E com o seu apertando o *rosto* amado,
«Que os soluços e lágrimas augmenta.

(Lus., II, 41.)

«*Semblante* (talvez do francez *semblant*)
«é o *rosto* considerado como expressão dos
«affectos ou paixões, e muitas vezes equi-
«vale á representação exterior que no *rosto*
«se mostra do que na alma so passa.

«Da palavra latina *facies* vem a nossa
«*face*, que significando rigorosamente a
«maça do *rosto*, ou a parte da *cara* desde
«os olhos até á barba, significa por exten-
«são toda ella; usa-se muito a propósito
«quando a consideramos voltada para nós.

«A' palavra latina *vultus* muitas vezes
«corresponde a nossa *semblante*, como se
«vê de este logar de Cícero: «*Vultus animi*
«*sensus plerumque indicant* (de Orat. 2,35).
«O *semblante* muitas vezes indica os senti-
«mentos da alma.» Porém o mais ordinario
«é significar o relevo do corpo humano; e
«como no *rosto* é onde mais avultam as fei-
«ções humanas, usam-na os poetas para in-
«dicar o mesmo *rosto*, e talvez *rosto* formo-
«so, como se infere de aquelle logar de Ca-
«mões:

«Quem de uma peregrina formosura,
«De um *vulto* de Medusa propriamente,
«Que o coração converte que tem preso,
«Em pedra, não, mas em desejo acceso?

(Lus., III, 142.)

Dos mesmos vocábulos comparados por
Roquete diz Lacerda:

«*Cara* significa a parte anterior ou dian-
«telra da cabeça do homem. *Frente* ou *fron-*

«te tem a mesma significação; porém esta «palavra é admitida no estilo culto, e na «poesia, enquanto que aquella é do estilo «familiar. *Rosto* designa a parte anterior «mais saliente, e que primeiro aparece. «*Semblante* indica o rosto do homem quan- «do exprime os affectos de que está pos- «suido. *Face*, no homem, é a parte do ros- «to, ou da cara, que fica entre os olhos e a «barba, mas, por extensão, significa todo «o rosto; nos objectos é a parte que está «voltada para nós. *Vulto* designa o relevo «do corpo humano; o seu volume determi- «nado pelos contornos que lhe são proprios. «As vezes, e mórmente entre os poetas, to- «ma-se na accepção latina, significando «*semblante*.

Carácter, constância. — A *constância* é uma das mil qualidades que pode haver no *carácter*; tal é a única synonymia que vemos entre os dois vocábulos; não obstante, os nossos synonymistas compararam estes termos do seguinte modo:

Segundo Roquete:

«A palavra *carácter*, hoje muito uzada, «é grega, e designa, em seu sentido pro- «prio, aquella qualidade que distingue as «cousas e as pessoas umas das outras, e «assim chamamos homem de *carácter* (1) «ao que permanece constante na opinião «ou idéa que formou uma vez, no partido «que adoptou, na resolução que tomou; «qualidade a mais excellente no homem, «pois que supõe e comprehende as de âni- «mo, valor, sofrimento, firmeza, vigor e «força. Ha poucos homens de *carácter* firme, constante, tanto na próspera como «na adversa fortuna. A maior parte varia, «muda, e contradiz-se pelo teor das cir- «cunstancias e do seus proprios interes- «ses, e isto se chama não ter *carácter*. (2)

«O *carácter* supõe *constancia*, que é per- «severar naquillo a que uma vez nos pro- «puzemos; é proprio da *constancia* não va- «riar, apesar das contradicções que se pre- «sentem, ou dos trabalhos e desgraças que «possam sobrevir. — A *constancia* toma-se «em bom sentido, pois em o mal se chama «obstinação ou teima. O *carácter* pode ser «bom ou mau; todo o seu merecimento con- «siste em não mudar».

Lacerda inscreve estes vocábulos sem os dar por synonymos. Diz elle:

«*Carácter*, conforme a etimologia, desig- «na a qualidade que distingue as pessoas «e as cousas umas de outras. *Constancia* é «perseverar no em que nos propuzemos. A «*constancia* toma-se em bom sentido, pois «que em mau chama-se obstinação. O *car- «ácter* pode ser bom ou máu.

(1) A expressão «ser homem de carácter», relacionando-se sempre com o assunto da conversação, só por esse assumpto pode ser-lhe determinada a significação.

(2) «Carácter», neste exemplo é synonymo de «honra», «briso».

Carácter. humôr. indole. gé- nio. — Aquella disposição de espirito ou conjunto do qualidades que se nota mais frequentemente nas pessoas que tratamos ou com quem convivemos, é o *carácter* de essas pessoas.

As alterações que nesse *carácter* se notam, e que são devidas a influencias externas, ou a anormalidades internas, dá-se o nome de *humôr*.

Não ha pessoa cujo *carácter*, por jovial que seja, não tenha seus momentos de tristezza, de contrariedade, durante os quaes se amofina, perde a alegria, e não está nada disposta a ser complacente; diz-se então que essa pessoa está de mau *humôr*. Em contra, pessoas de *carácter* melancólico, têm momentos de jovialidade, e então se diz que ellas estão de bom *humôr*.

Resulta de isto que o vocábulo *carácter* não só indica uma disposição do espirito, mas muito particularmente aquella disposição que lhe é mais habitual, digamos até, quasi permanente, e tão conhecida, que é ella o distinctivo, a «característica» que diferencia moralmente as pessoas entre si. — O *humôr* pode ser mais ou menos prolongado, isto é, durar mais ou menos tempo, não não é nunca qualidade inherente nem bastante para por ella se poder caracterizar a pessoa.

Dizer *carácter alegre, triste, bom ou mau*; e dizer *humor alegre, triste, bom ou mau*, não são expressões equivalentes. Com aquellas, designa-se uma disposição de espirito permanente; com estas, uma disposição passageira.

O dizer-se, por exemplo, *carácter leal*, e o não poder dizer-se *humôr leal*, mostram que *carácter* o *humôr* não são a mesma cousa, e por isso não nos parece exemplo digno de imitar o que nos dão varios escriptores, e que muitas expressões vulgares corroboram, fazendo *humôr*, synonymo de «temperamento» o que leva a quasi confundir esta palavra com *carácter*. (1)

(1) Empregar *humôr* neste sentido é galicismo, *humeur* e *caractère* tendo synonymia muito mais intima que os nossos vocábulos correspondentes. Veja-se o que de esses dois termos dizem os autores do mais recente Dictionario de Synonymes publicado em França, senhores Bourguignon e Bergerol:

«Le caractère et l'humeur résultent de «dispositions de l'esprit qui sont propres «à une personne. — Toute disposition de «l'esprit propre à établir une distinction «sérieuse entre un homme et un autre «homme est un élément du caractère; spé- «cialement, les dispositions de l'esprit qui «ont rapport à la moralité sont des élé- «ments essentiels du caractère. — L'h- «umeur résulte d'un certain nombre de dis-

O *carácter* é, pois, o conjunto de todas as qualidades e hábitos da pessoa, tanto os naturaes como os adquiridos no trato com as outras pessoas — porque isto tem o *carácter*: a particularidade de se modificar segundo os exemplos da classe social em que se vive.

Índole é a aptidão que o homem tem para qualquer qualidade moral. A *índole* não se revela geralmente de um modo tão declarado como o *carácter*; o seu trabalho é interior, e frequentemente se oculta sob exterioridades enganosas.

Génio é a manifestação espontânea de um sentimento que nos domina em certas ocasiões; tal é a manifestação da ira perante uma contrariedade.

Comparando mais particularmente *carácter* com *índole* pode estabelecer-se entre

« positions de l'esprit qui ont rapport à la
« mélancolie ou à son contraire, à la soci-
« bilité ou au défaut de sociabilité; telles
« sont les dispositions à être gai, doux,
« complaisant, ou à être chagrin, bourru,
« etc. — On peut dire également un cara-
« ctère gai, doux, sombre, altier, et une
« humeur gaie, douce, sombre, altière (a).
« Il s'agit de dispositions qui ont rapport à
« la mélancolie ou à son contraire, à la so-
« ciabilité ou à son contraire. L'humeur ré-
« sulte précisément de telles dispositions,
« et, en même temps, elles sont des élé-
« ments du caractère, puisqu'elles sont pro-
« pres à établir une distinction sérieuse en-
« tre un homme et un autre homme. Toute-
« fois il n'y a pas équivalence complète en-
« tre un caractère gai, doux, sombre, altier,
« et une humeur gaie, douce, sombre, altiè-
« re. Humeur, marquant simplement une cer-
« taine disposition de l'esprit, peut s'enten-
« dre soit d'une disposition permanente, ou
« à peu près permanente, soit d'une dispo-
« sition passagère. Caractère, marquant
« non seulement une disposition de l'es-
« prit, mais une disposition telle qu'elle
« puisse établir une distinction sérieuse
« entre un homme et un autre homme, s'en-
« tend toujours d'une disposition de l'es-
« prit permanente ou à peu près perma-
« nente. — On dit un caractère loyal, on ne
« dit pas une humeur loyale. Un caractère
« loyal est la disposition permanente à la
« loyauté, à la probité, à la franchise; c'est
« là une disposition qui a rapport à la mo-
« ralité, et qui est éminemment propre à
« distinguer un homme d'un autre homme.
« L'humeur ne résulte pas de dispositions
« ayant rapport à la moralité; par consé-
« quent humeur loyale ne présente aucun
« sens ».

(a) «Humor ativo» nunca pudera ser dito em portu-
guez.

os dois vocábulos a seguinte notável diferença:

O *carácter* é a qualidade dominante da pessoa; qualidade considerada em si própria e abstractamente. A *índole* é também a qualidade dominante da pessoa, mas considerando essa qualidade como productiva, isto é, desde o ponto de vista do que por meio de essa qualidade se pôde obter da pessoa, do que de ella se pôde fazer. — Dizemos que *Pulano tem bom carácter*, para elogiar o individuo; dizemos que *elle tem boa índole* para calcular o bom resultado que as nossas relações podem ter com elle.

Esta mesma diferença existe entre estes vocábulos quando em vez do pessoas se trata de cousas. Assim diremos que a *lingua portugueza*, como todas as linguas não-latinas, tem *carácter analítico* (e não *índole analítica*), porque se trata de uma qualidade inherente à lingua, qualidado da qual não podemos tirar nenhum resultado pratico. Em cambio diremos que a *índole da lingua portugueza* (e não o *carácter*) *tolera toda sorte de transposições*, porque falamos de uma das qualidades de ella, qualidade de que podemos tirar todo o partido.

Caracteres, letras. — *Letra* é cada um dos sinais gráficos empregados na escrita para formar sílabas e palavras; a *letra* considera-se como elemento contributivo da pronuncia e do sentido. Se as *letras* forem consideradas em quanto à forma, chama-se-lhes *caracteres*. *Inscrição em caracteres góticos.* — O vocábulo *caracteres* designa todo sinal representativo de idéas, quer seja *letra*, quer outro qualquer. Os algarismos são *caracteres*.

Roqueste estabeleça a diferente exteusão dos dois vocábulos do modo seguinte:

« As *letras* são *caracteres*, mas nem todos
« os *caracteres* são *letras*: esta é a especie,
« aquelle é o género.

« Sendo a *escritura* a arte de exprimir as
« idéas por meio de certos sinais gráfi-
« cos, ou *caracteres*, e sendo esta de duas es-
« pecies, uma chamada ideográfica, que
« é a que representa os objetos por meio
« de sinais, e outra fonética, fonográ-
« fica ou alfabética, que é a que presen-
« ta aos olhos por meio de *caracteres* os di-
« ferentes sons que entram na composição
« de uma palavra, têm concordado os sa-
« bios em chamar *caracteres* não só ao que
« vulgarmente chamamos *letras*, senão a to-
« dos os sinais gráficos da primeira espe-
« cie de *escritura*.

« Taes são os *caracteres* aritméticos, os
« algébricos, os geográficos, os astronó-
« micos, a *escritura* dos Egipcios o dos
« Chinezes, etc. E só se chamam *letras* os
« *caracteres* da *escritura* fonética; taes são
« os de todos os alfabetos da Europa.

«As letras de fôrma ou de molde chamam-se os Francezes *caractères*, que nós commais «razão chamamos *tipos*, porisso que se chama tipographia à tão famosa arto do imprimir com elles.

Lacerda resumiu este artigo dizendo:

«Ambos estes vocábulos exprimem a idéa comum de sinais destinados a fazer conhecer os nossos pensamentos por via da «escritura; mas distinguem-se como género e especie. *Caracteres* é o género, o le- «tras a especie. As figuras ou sinais hie- «roglíficos, simbólicos, aritméticos, algé- «bricos, mûsicos, etc., são *caracteres*. As «figuras da escritura alfabética, silábica, «fonética são *letras*».

Caracterizar, qualificar. — *Caracterizar* é indicar as qualidades mais peculiares e proprias de alguém ou de alguma coisa.

Qualificar é indicar uma qualidade distinta de outra qualquer da mesma pessoa ou coisa. *Sô pela análise ou pela observação podemos caracterizar; o gosto, os hábitos, influem no qualificar.*

Caramunha, lamuria, choradeira. — Os dois primeiros vocábulos, familiar e vulgarmente tomados como equivalentes de *choradeira*, differem entre si.

Choradeira é a idéa geral.

Quando a *choradeira* é uma especie de reconvenção, de raizinha, por não se ter conseguido o que se queria, é *caramunha*.

Quando a *choradeira* tende a fazer obter o que se quer, é *lamuria*.

A *lamuria* dos pedintes. A *caramunha* das crianças. A *choradeira* de muitos.

Carcassa, esqueleto. — O *esqueleto* formam-no os ossos do corpo completo do animal. A *carcassa* são os ossos do tronco humano ou do bôjo dos animaes.

Esqueleto é a palavra científica; *carcassa* (do francez *carcasse* ou do italiano *carcassa*, mas não do espanhol, como aventa um moderno dicionarista, — a lingua castelhana não tendo esse vocábulo) é termo que só familiarmente se pode dizer por *esqueleto*.

Em estilo familiar, e metafórico, *esqueleto* diz-se de pessoa muito magra; *carcassa* do pessoa feia e de más qualidades moraes.

Carecer, precisar, necessitar. — *Carecer* (do latim *carere*, mesma significação) nem sempre implica a idéa accessoria de que se tem consciencia da privação ou falta. O homem que *carece* de vergonha não sabe geralmente que ella lhe falta; é a apreciação alheia que lhe nota *carencia* de ella. — Tampouco indica este verbo falta absoluta. A *música que carece*

de harmonia não está absolutamente privada de ella, de outro modo não seria tal *música*. — A idéa que mais predomina neste verbo é a de «faltar o que se deseja» a *orthographia portugueza carece de uniformidade*.

Precisar refere-se á conveniencia; *necessitar* ao que é indispensável. **Precisamos** ter quem nos sirva. **Necessitamos** alimento quotidiano.

Roqueete compara deploravelmente *carecer* com *necessitar* o com o verbo *faltar* o qual rigorosamente não é synónimo dos outros dois, pois onde *falta* *carece-se* ou *necessita-se*. Diz elle:

«*Falta* o que não se tem, nem teve nunca. «*Carece-se* do que se teve e não se tem. «*Necessita-se* o que é indispensável para os usos e necessidades da vida. Por exemplo: Na habitação de um pobre faltam os «móveis que tem um rico. Este mesmo pobre *carece* do pão, se so lho acabou o que «tinha; e *necessita* comprar o para sustentar-se».

Lacerda dos mesmos vocábulos comparados por Roqueete, diz quasi tão desastradamente como elle:

«*Falta* o que não se tem. *Carece-se* do «que se teve. *Necessita-se* o, ou antes do «que, é indispensável para viver».

Carencia, falta, privação. — *Carencia* é, como vimos no artigo precedente, relativo ao desejo proprio, ou á apreciação alheia. Pôde designar que não ha nada do que constitue a *carencia*, ou que não ha quanto fôr para desejar.

Falta pode, ou não, negar em absoluto, e diz-se de tudo o que é preciso ou necessario. No *Alemtejo* ha *falta* de braços. A *prapa* entregou-se por *falta* de mantimentos. *Ha falta* no peso do pão.

A *privação* é a *falta* de uma coisa que se teve, mas que já so não tem, pois só o gozo anterior é que pode crear a idéa da *privação* actual. A *privação* implica a idéa de sofrimento, de pesar proveniente da comparação do estado presente com o estado passado. Não será a *privação* da vista um tormento contínuo para quem a perdeu?

Do estes vocábulos fala Roqueete com mais acerto do que dos seus correlativos do artigo precedente:

«Sofrer *privação* de uma coisa é não ter «aquilo que so tinha, e se perdeu ou foi «tirado. Ter *falta* é não ter uma coisa do «que so ha mistér ou de que so necessita. «Ter *carencia* indica sómente que não se «tem a coisa, sem nenhuma outra relação, «ou que já se teve e não se tem, o vale o «mesmo que *carecer*».

Lacerda anda desaccertado na interpretação de *carencia*; diz elle:

«Quem teve uma coisa, e a perdeu, ou «lhe foi tirada, sofre *privação* de ella.

« Quem não tem uma cousa, ⁽¹⁾ e a neces-
« sita, tem falta de ella. Quem não tem
« uma cousa, tem de ella carencia ».

Carestia, escassez.—Empenham-se os synonymistas em considerar como synonymos a estes dois vocábulos; em quanto a nós, só num sentido muito metaphórico de *carestia*,—tão metaphórico que até o julgamos corrupção de «*carencia*»—vemos que essa synonymia existe; sirva de exemplo a frase: ha **carestia** de noticias.

Vemos até muito frequentemente que a *carestia* nada tem que ver com a *escassez*, pois ha *carestias* injustificadas, como muitas vezes succede com um género de primeira necessidade que abunda, mas que é assambrado por alguém, ou que os vendedores combínam em não vender senão por elevado preço. *Que terá que ver a escassez com a carestia actual dos fósforos?*

Que a *escassez* é uma das causas da *carestia* é evidente; mas se fôssemos a considerar como synonymas todas as causas e seus efeitos, até *causa* e *efeito* seriam synonymos.

Eis o artigo de Roquete:

« *Carestia* é a qualidade de ser cara uma
« cousa, ou de ter subido de preço; e *escas-*
« *sez* o não ser a cousa sufficiente para o
« consumo e uso que de ella se faz ou tem
« que fazer. A *escassez* traz como conse-
« quencia a *carestia*. Ha *escassez* de cereaes,
« e por consequente se vão pondo mui caros
« e difficeis de adquirir.

« Chama-se tambem *escassez*, em sentido
« mais ou menos translaticio, a parcimónia,
« mesquinhez e curteza com que se dá, faz
« ou promete alguma cousa. Diz-se comida
« *escassa*, *escassez* de vinho, de agua, quan-
« do ha pouca; tambem se chama *escasso* de
« luzes, de conhecimentos, ao pouco ou na-
« da instruido, ao nescio, ao indouto; mas
« em nenhum de estes casos se poderia usar
« da palavra *carestia*, ou *caro* ».

Lacerda diz:

« *Carestia* é o preço subido de alguma cou-
« sa. *Escassez* é a diminuição, falta de al-
« guma cousa para o consumo e uso que se
« costuma de ella fazer. Como ha *escassez* de
« trigo, subiu de preço, e a *carestia* é gran-
« de. Chama-se tambem *escassez* ou *escasse-*
« *za*, em sentido translato, a parcimónia,
« a mesquinhez no prometer, no dar: « Mal
« se concertam misericórdia na alma com
« *escasseza* na bolsa ». (PAIVA).

Careza, carestia.—*Carestia* é o preço elevado de uma cousa que habitualmente é mais barata: a **carestia** do trigo.

Careza é o alto preço que uma cousa sempre tem: a **careza** do ouro é que lhe dá merecimento.

Carga, fardo.—A *carga* podendo constar de um só ou de vários objetos ou volumes, não pode ser considerada como synonymo de *fardo*—este vocábulo designando um único objeto, geralmente grande e pesado.

É no sentido metaphórico que se dá a synonymia entre estes termos, — *carga* referindo-se ao que é um gravamen para os interesses, e para o que moralmente nos custa a suportar; e *fardo* ao que vem sobre-carregar-nos: a **carga** da familia aumentaram-lhe o **fardo** de aquella tutela.

Cargo, emprego, ministerio, officio, funcção.—*Cargo* é o emprego importante que envolve responsabilidade, qno pesa sobre quem o exerce.

Emprego, termo genérico, exprime occupação a que alguém se dedica exclusiva e determinadamente.—Este vocábulo differencia-se de *cargo*: 1.º em constituir o meio de vida adoptado pelo empregado, e consequentemente em ter remuneração pecuniaria; 2.º em supôr maior ou menor dependencia e sujeição, idéas que não são inherentes a *cargo*.

Ministerio (vocábulo em que entra o adjectivo latino *minis*, menor) implica a idéa de o lugar desempenhado ter sido confiado por um superior, que é o senhor do *ministerio*. Os sacerdotes exercem o **ministerio** de que a Divindade os encarregou.

Officio é o dever de desempenhar certas obrigações. ⁽¹⁾

Funções (do latim *fungi*, cumprir) é o vocábulo com que se representa o complexo das obrigações inherentes a um *cargo*, *emprego* ou *ministerio*. — As **múltiplas funções** do meu **cargo**.

Roquete compara *cargo*, *emprego*, *ministerio* e *officio*, dizendo:

« A idéa propria da palavra *officio* é a
« de obrigar ou obrigar-se a fazer uma cou-
« sa útil á sociedade; de conseguinte cor-
« responde a *cargo* pela precisão que ha de
« fazer ou cumprir a cousa. As vezes se con-
« fundem ambas as palavras, pois com effei-
« to todo *officio* vem a ser *cargo*; mas nem
« todo o *cargo* é *officio*. Certos *cargos* no go-
« verno e administração do Estado são ver-
« dadeiros *officios* que de direito se exercem;
« porém os *cargos* de conselheiros civis ou
« muniçipaes, que dependem de nomeação
« ou eleição, não são *officios* propriamente
« ditos, senão *cargos*; porque os que os des-
« empenham, só é por um certo tempo, sem
« que tenham mais título que sua nomeação

(1) Devera ter acrescentado:—« ou a não tem em quantidade sufficiente — ».

«Nota do A.»

(1) Este vocábulo não tem no portuguez hodierno synonymia com «*emprego*», a não ser no estio forense, para designar as funções de «*escrivão de direitos*».

* ou eleição; sendo que os *offícios* constituem uma qualidade permanente, às vezes por direito hereditário, ou como anexo a uma dignidade.

« A idéa própria de *ministerio* é a de exercer qualquer *cargo* por outro, em nome de outro, ou do senhor, que em virtude de seu imperio e faculdades o nomela; a de *emprego* é a de estar sujeito a um trabalho permanente e obrigatorio.

« O *officio* impõe uma obrigação; o *ministerio*, nma servidão; o *cargo*, funções; o *emprego*, occupaões. — O *officio* traz consigo poder e autoridade para fazer uma cousa; o *ministerio*, faculdade de representar as pessoas e dispor das cousas segundo suas instruções e poderes; o *cargo*, prerogativas e privilegios que ennobrecem ou distinguem ao que o disfruta; o *emprego*, salarios e emolumentos que recompensam ou pagam o trabalho de quem o exerce.

Dos mesmos vocabulos comparados por Roquete diz Lacerda:

« *Emprego* é a occupação obrigada, a que corresponde nma certa remuneração: — « As cousas do mundo não são dignas de um *emprego* (!) de olhos. (VINA DO ARCANISPO). — *Cargo* é a obrigação imposta, ou contraída de fazer alguma cousa: — Os que tomam a seu *cargo* tratar de descendencias. (M. Lus.) — *Ministerio* é o exercicio em nome de outro, ou para o ajudar. « *Officio* é o dever de desempenhar certas obrigações (!). — O *officio* do rei é fazer seus vassallos bemaventurados (ARRAES). — O *emprego* sujeita-nos a occupaões; o *cargo* traz-nos obrigaões; o *ministerio* obriga-nos á servidão; o *officio* impõe-nos deveres.

Caritativo, caridoso. — *Caridoso* indica maior o mais frequente caridade que *caritativo*, o que é devido á indole da terminação *oso*.

Não se dirá: foi *caridoso* por excepção, mas foi *caritativo* por excepção.

Carniceiro, carnívoro. — Deveremos distinguir a differença que estes vocabulos têm na linguagem corrente, da que lhes é propria na linguagem scientifica.

Na linguagem ordinaria, diz-se que *carniceiro* o animal que não só se alimenta de carne, senão que se compraz em matar a outros animais: o tigre, o lobo, são *animas carnicelros*. — *Carnívoro* se diz do animal que é omnívoro e tambem do que só come carne: o cão e o leão são *animas car-*

nívoros. — No sentido figurado, só tem cabida *carniceiro*.

Na linguagem scientifica os dois vocabulos são indifferentemente empregados para designar a ordem de mamíferos que se alimentam exclusivamente, ou quasi exclusivamente, da carne crúa dos animais que matam ou encontram mortos.

Raquete diz de estes vocabulos:

« Estes dois adjectivos designam em geral os animais que se sustentam de carne, mas suas terminações lhes dão bem diferente valor. *Carniceiro* é o animal que se ceba de carne, que só ceba em *carniça*; *carnívoro* é o que come carne. O primeiro indica o appetite natural, o hábito constante; o segundo annuncia simplesmente o facto, o costume.

« Os naturalistas, quando comparam estas duas especies de animais, dizem que o nome de *carniceiro* pertence áquelle a quem a natureza força a cear-se de carne; e não pode viver de outra cousa, e *carnívoro* ao que come carne, mas não é reduzido a este proprio alimento, e pode nutrir-se dos frutos da terra. — O tigre, o leão, o lobo são propriamente *animas carnicelros*; o homem, o cão, o gato são *animas carnívoros* (!).

« *Carnívoro* é termo mais proprio de ciencias naturaes que contrasta com frugívoro; *carniceiro* é termo vulgar da lingua, por isso mais usado, e ás vezes com a significação de cruel e sanguinario, como fez Camões naquella apostrophe aos assassinos de Inez de Castro:

(!) Roquete diz aqui o que encontrou nos dictionarios de synónimos francezes, que nestes dois vocabulos se têm copiado uns aos outros:

« Dans le langage des sciences naturelles — lemos em alguns de elles —, la distinction est autre. Les *carnassiers* forment un ordre de la classe des mammifères, dont la bouche est armée de dents canines, de dents incisives et de dents molaires. La plupart se nourrissent du chair, mais sans que cette circonstance soit le caractère distinctif de l'ordre. Les *carnivores* forment une famille (a) de l'ordre des *carnassiers*, laquelle est caractérisée par des canines très fortes; à cette famille appartiennent, entre autres animaux, l'ours, le chat et le chien.

Mas isso é erro, pois em francez *carnassier* e *carnivore* são synónimos perfectos na linguagem scientifica. V. os Dictionarios de BESCHERELLE, LITTRÉ, etc.

(1) Este exemplo é desastrosissimo, «emprego» não estando nelle tomado na accepção em que se considera o vocabulo.

(2) Este é o verdadeiro sentido que o vocabulo tem nesta accepção.

Notas do A.

(a) Isto é erro manifesto, pois nos trez animais que vae citar refere-se á trez familias diferentes: felídeos, canídeos e ursídeos.

Nota do A.

« Contra uma dama, ó peitos *carniceiros*,
 « Feros vos mostraes o cavalheiros?

(Lus., III, 130.)

Lacerda diz:

« *Carniceiro* é o animal que se ceva e nu-
 « tre de carne. *Carnívoro* é o animal que
 « come carne, mas que também se nutre de
 « outros alimentos. O vocábulo *carniceiro*
 « indica um hábito. O vocábulo *carnívoro*
 « anuncia um facto. O tigre, o lobo, etc.
 « são animaes *carniceiros*; o homem, o cão,
 « etc., são animaes *carnívoros*. *Carniceiro*
 « também significa sanguinario. — « O povo
 « romano aclamava a cabeça do mundo
 « com aplausos mais *carniceiros* que cruéis.
 « VIEIRA ».

Carnificina, carnagem, matança, mortandade, morticínio, mortalidade, hecatombe. — *Carnificina* é o extermínio de vidas humanas e ao vocábulo junta-se a idéa de os cadáveres ficarem dilacerados, desgarrados, extripados, e de os matadores obrarem com furor e alegria selvagem.

Carnagem é galelismo — *carnage* — que so diz por *carnificina*. Encontra-se frequentemente em poesia, onde é útil, mas da prosa é palavra que deve ser banida.

Matança é grande número de mortes, quer de homens quer de animaes. Este vocábulo não suscita nenhuma idéa accessoria: « *matança* da noite de São Bartolomeu de 1572, foi a primeira campanha suscitada pelos jesuitas.

Mortandade é a *matança* de gente, quer na guerra, quer pela peste, quer em desastre.

Morticínio sugere a idéa das mortes serem em grande número, e em possoas que não se defendem ou que não estão em estado de defender-se. No *morticínio* não se atende ao sexo nem á idade das victimas.

Mortalidade é o número de óbitos bavidos.

Hecatombe (do grego *ekaton*, cem, e *bous*, boi), significa propriamente sacrificio de cem bois immolados á divindade. Extensivamente diz-se de grande número de mortes havidas num desastre: a *hecatombe* do theatro Baquet.

Carnoso, carnudo. — *Carnoso* qualifica o que mais ou menos se pode comparar com a carne: os *fructos de polpa* são *carnosos*.

Carnudo se diz do que tem muita carne, muito músculo: *braço carnudo*.

Na linguagem corrente estes vocábulos confundem-se frequentemente.

Caro, querido. — Nos *caro* a pessoa que temos em grande apreço ou valor; é nos *querido* aquella de quem somos amigo sincero. — Esta é a verdadeira distincção entre os dois vocábulos; não obstante todos os empregam indistintamente.

Carolice, beatice. — A *carolice* consiste principalmente em promover festas religiosas; a *beatice* em frequentar as egrejas e concorrer a todos os officios que nellas se celebram.

Carreira, profissão. — *Profissão*, como deixámos indicado na página 120 (artigo *Arte*), é termo genérico que exprime a classe á qual se pertence em attenção ás occupações pessoais.

Carreira é o curso ou duração de uma occupação lucrativa ou decente a que o individuo dedica o seu tempo, e da qual deriva a sua subsistencia.

A *carreira* sugere a idéa de ascenso ou adeantamento, e também a de estudos especiaes. A *curelra* militar.

Carta, epistola, missiva, bilhete. — *Carta* é o termo usual com que se designam os escritos que se dirigem a alguém dando-lhe noticias, ou sobre assuntos que lhe interessam mais ou menos directamente.

Epistola diz-se das cartas doos antigos, principalmente quando o seu conteúdo interessava a muitos: as *epistolas* de S. Paulo. — Familiarmente dá-se hoje o nome de *epistola* a uma carta muito longa.

Missiva é a *carta* considerada com relação á pessoa que a manda; é termo pouco usado.

O *bilhete* difere da *carta*: 1.º em se occupar só de um assunto, e de conter poucas palavras; 2.º em excluir as formas cerimoniaes que encabeçam e concluem as cartas ordinarias.

De *carta* e *epistola* diz Roquette:

« Geralmente falando chamam-se *cartas* « as que se escrevem, principalmente em « prosa, no commercio da vida, o com respeito á literatura também ás que escrevem os autores modernos, sobre tudo em « linguas vulgares, ent que tratam assumptos científicos, literarios ou politicos; « e assim dizemos as *cartas* de Vieira, de « Santa Tereza, de Madama de Sévigné, « do P.º Isla, de Cadalso, de J. A. de Macedo, etc. Ao contrario, chamam-se *epistolas* as que escreveram os antigos nas « linguas mortas; e assim dizemos as *epistolas* de Cícero, de Seneca, do Plinio, de « São Paulo, etc. As *cartas* em verso costumam chamar-se *epistolas*.

« Tudo o que fórma materia de um discurso pode sê-lo de uma *carta* ou *epistola*, « porque do mesmo modo que o orador pode também o escritor propôr-se agradar « instruir e mover ao leitor. — Ha *cartas* « puramente agradáveis, outras didácticas, « outras philosophicas. Tudo póde tratar-se « no estillo epistolar. Muitas novelas foram escritas em fórma de *cartas*, como as de Clarissa, Nova Eloisa, etc. Tempo « houve em que este método foi muito da

«moda, e ajuda nas ciências mais profundas, como as *cartas* de Euler a uma princeza de Alemanha. — Tauto as *cartas* como as *epistolas* não têm um estilo determinado; pois tomam o que corresponde ao assunto, e ás pessoas, porém deve sempre ser fácil, natural e ligeiro.»

Lacerda diz de esses mesmos vocábulos: «Chamam-se geralmente *cartas* as que se escrevem sobre os objetos do uso comum da vida. Também se chamam *cartas*, na literatura, as que, embora escritas em verso, são obra de autores modernos. Chamam-se *epistolas* as *cartas* escritas pelos antigos, e cujas linguas já são mortas, como as de Cícero, de Senecca, etc.»

Carta, mappa. — Estes vocábulos são synónymos perfeitos; mas *mapa* (do latim *mappa*, tecido de linho extendido em forma de toalha) é o termo consagrado em portuguez; *carta* é um galicismo que insensivelmente vai suplantando o vocábulo portuguez, e do qual se formam derivados em cuja composição o vocábulo *mapa* não tem cabida, por exemplo *cartografia*, *cartalogia*, etc.

Cartorio, escriptorio, secretaria, repartição. — O *cartorio* é o *escriptorio* em que se guardam e arquivam documentos de que se podem pedir copias.

Secretaria é o *cartorio* ou *escriptorio* que está a cargo de um empregado que tem o titulo de *secretario*.

Escriptorio é termo muito genérico e que pode substituir qualquer dos outros de este grupo. — Quando o *escriptorio* faz parte de uma das divisões que directa ou indirectamente dependem de um ministerio, chama-se-lhe *repartição*.

Casa, vivenda, lar, morada, fogo. — *Casa* é o edificio destinado a ser habilitado; este vocábulo considera o edificio em si, as suas qualidades, os materiaes de que é feito, a sua posição, disposição interior, móveis que o adornam, etc. *Casa* de cantaria; *casa* antiga; *ter boa casa*.

Vivenda é a *casa* considerada relativamente ás suas vantagens ou desvantagens, ás comodidades ou incommodidades que proporciona aos seus moradores. *Vivenda* encantadora; *pobre vivenda*.

Lar é a *vivenda* considerada como abrigo tranquilo e seguro, como residencia do individuo; o *pobre ancão* via o seu *lar* deserto de quantos tinha amado.

Morada é o domicilio do individuo. — A expressão *morada* de *casas* equivale a *casa* de habitação.

Fogo é a *casa* considerada como residencia de uma familia: *aldeia* de cem *fogos* (isto é, de cem *famílias*).

Caryátide, atlante. — Denominação das figuras que sustentam uma architrave, uma cornija, um entablamento, etc.

Se essa figura representa um homem chama-se-lhe *atlante*; se representa mulher, *caryátide*.

Caso, circumstancia, conjunctura, occorrença. — *Caso* se diz do que se considera possível: em *caso* de desgraça; se se der o *caso* de elle não ter filhos. — Particularmente se diz de todas as hipóteses que se podem considerar nas ciências abstractas. — *Caso* também se diz de um facto que apresenta tal ou tal carácter, sempre que esse facto se possa relacionar com um principio geral. *Aos casos* particulares não têm os magistrados senão leis gerais para applicar. — Cada uma das manifestações de uma doença ou epidemia é um *caso*.

Circumstancia (do latim *circumstantia*, de *circumstare*, estar á roda de) diz-se das particularidades de um facto, ou das cousas que, separadas do facto, têm com elle alguma relação immediata: os crimes perdem muito da sua gravidade quando nelles occorrem *circumstancias* atenuantes.

Conjunctura (do baixo latim *conjunctura*, de *conjungere*, juntar), é o vocábulo com quo se indica o conjunto de *circumstancias* que nem estão no facto, nem com elle se relacionam immediatamente, mas que comtudo têm com elle alguma relação. Um synonymista francez — Roubaud — compara a *conjunctura* com a *circumstancia* dizendo: «A *conjunctura* o a *circumstancia* estão para o facto como dois circulos concéntricos estão para um ponto dado: a *circumstancia* é o circulo circunscrito na *conjunctura*, porque esta só de longe se relaciona com o ponto de que aquella está próxima». — A *conjunctura*, assim como a *circumstancia*, pode ser favorável ou desfavorável.

Occorrença é uma *circumstancia* ou uma *conjunctura* inesperada, mas de curta duração.

Casta, raça. — A *casta* é uma particularidade na *raça*; é a «especie» considerada sob o aspecto da origem de que provém, dos caracteres que herdou.

Castidade, continencia, pudor, pudicicia, virgindade, pureza. — A *castidade* é a abstenção absoluta dos prazeres carnaes illicitos, abstenção acompanhada de vigilante e continuo cuidado para que os actos, as palavras, os olhares e até os pensamentos não desdiguem de tal abstenção.

Continencia é a abstenção absoluta de qualquer delicto carnal, licito ou illicito. — Mas, se em quanto ao gozo, a palavra *continencia* é mais severa que o vocábulo *castidade*, essa severidade não vai além do

facto — continencia não indicando que as palavras, os olhares, os pensamentos, condigam com a abstenção do gozo real.—*Ha continencia forçozas*, como a dos prisioneiros, a dos velhos que foram libertinos, a dos marlneiros em viagem, etc.; a *castidade* é sempre voluntaria. Tambem a *castidade* é inquebrantável, podendo a continencia ser só por um tempo.

A continencia é um facto; a castidade no homem é considerada como virtude.

Pudor e pudicia (vocabulos derivados do latim *pudere*, ter vergonha) exprimem o sentimento de vergonha que se sente contra o que de qualquer modo seja immoral. Distinguem-se porém estes vocabulos — o *pudor* como sentimento activo que produz feitos; a *pudicia* como virtude passiva, mas que oferece resistencia. O *pudor* está na conducta; a *pudicia* na conducta e no espirito; aquelle pode ser simplesmente aparente, calculado; esta é sempre inberente. — Noto-so que *pudor* como synónimo de «modestia» tem mais força que como synónimo dos vocabulos com que se compara neste artigo.

Virgindade é vocabulo que designa um estado, não uma virtude, nem sequer um sentimento.

Pureza, para o homem, é a expressão de um ideal, de um mito, pois que mortal ouaria pretender o ter conservado a *pureza* com que nasceu?

Estes vocabulos compara Roquete—multo bem dizeudo de *pureza* — na forma seguinte:

«Consideramos todas estas palavras em seu sentido moral com relação ao uso dos prazeres carnaes.

«A *castidade* é a virtude que directamente se opõe a elles: firme e rigida domina e sujeita não só a parte material ou corporea, mas até o entendimento evitando pensamentos e palavras que respirem luxuria; submete voluntariamente á autoridade da lei os appetites e prazeres carnaes ainda quando permitidos.

«A *continencia* é a abstinencia actual dos deleites carnaes; consiste principalmente na firme resolução de opôr-se aos affectos desordenados, em moderaes e refrealos, procedendo em tudo com sobriedade e temperança. A *continencia* é aconselhada pela razão, e mesmo entre os philosophos acha defensores; a *castidade* é virtude cristã, não de preceito, e só de conselho evangélico. A *castidade* é mais difficil de guardar que a *continencia*; mas do desproso de esta segue-so a pouca ou nenhuma estima de aquella, como disse o Vieira falando do Lutero e Calvino: «—E porque não quizeram guardar *continencia*, negaram a *castidade*, entregaram-se ás demasias e intemperanças da gula» (II, 267).

«*Pudor* é a arma que a natureza deu ás

mulheros para defender-se, e se estende a quanto pode ofender sua pureza. *Pudicia* é a *castidade* acompanhada de *pudor*, e que se manifesta principalmente pela honestidade, decencia e recato exterior.

«*Virgindade* é a inteireza corporal de uma pessoa. E antes um estado que uma virtude.—Para conservar a *virgindade* é necessario não só ser continente senão ter a virtude da *castidade*.

«A *pureza* pois é o lustro e excellencia da *virgindade*. anuncia integridade e innocencia de costumes, carencia de máculas e de imperfeições; é o estado da alma e do coração que não sofreu embates da impureza nem deu acesso aos desejos do prazer carnal.

«A *pureza* pertence especialemente ao coração, pois que afasta de si toda idéa de prazer; a *castidade* á alma, pois que resiste a quanto pôde inclinar ás desordenas das paixões. O *pudor*, por natural sentimento, fogo de quanto pode conduzir a uma fraqueza ou descuido; a *pudicia* não é muitas vezes senão o *pudor* exterior, que põe limites ao imperio do veneeder, conservando todavia a modestia o a honestidade em todas suas expressões e acções.

«A *pureza* é innocente, não conhece o mal nem talvez sabe resistir-lhe; é temperada a *continencia*, e concedendo o que é permitido, sabe reprimir as demasias; é inflexivel a *castidade*, resoluta combate, resiste e vence, e so succumbe de ser *castidade*; defendem a *pureza* e a *virgindade* o *pudor* e a *pudicia*, mas podem ser mentirosos exteriores que escondam dissimuladas fraquezas.»

Lacerda, de esses mesmos vocabulos, diz: «*Castidade* é uma virtude que consiste na abstinencia total de todos os pensamentos, palavras, e obras eivadas de luxuria, o sujeita á lei moral os appetites carnaes. *Continencia* é a abstinencia actual dos deleites carnaes; é a resolução de os refrear, e de proceder em tudo com temperança. *Pudor* é a honesta vergonha que a qualquer pessoa, e principalmente ás mulheres, serve de defeza, para que a sua pureza não seja ofendida. *Pudicia* é a *castidade*, que o *pudor* faz acompanhar da decencia e recato exterior. *Virgindade* é a inteireza corporal isenta de toda a contaminação: é antes um estado do que uma virtude. *Pureza* é a completa limpeza moral da alma e do coração».

Castigar. punir.—*Castigar*, segundo a etimologia (do latim *castigare*, de *castus*, casto, puro) é, propriamente, impôr uma pena a algum para corrigir e tornar melhor. Um pae *castiga* seu filho para que elle se recorde que o que fez é cousa que não se deve tornar a fazer, para que não caia novamente naquillo acto. Do mesmo modo *castigam-se* os anímaes domésticos.

coz em que sabemos haver intelligencia ⁽¹⁾ para que se corrijam dos seus defeitos ou obedeçam á nossa vontade.

Punir, tambem segundo a etimologia (do latim *punire*, de *pena*, pena), é, propriamente, impôr ao culpado uma pena que lhe faça expiar a falta cometida, e que sirva como de satisfação dada á sociedade.

Modernamente — mas só modernamente — liga-se tambem ao vocabulo *punir* a idéa de a *pena* não ser sómente um modo de expiação e satisfação, mas visar tambem ao aperfeiçoamento moral do individuo.

Dos dois vocabulos hos diz Roquete:

«Concorda o verbo *punir* com *castigar* na idéa principal de executar algum castigo contra o delinquente; porém *punir* supõe delicto contra lei ou preceito, e uma autoridade que impõe *pena* em virtude da mesma lei; e *castigar* refere-se principalmente ao castigo corporal que se dá a uma pessoa ou animal para o corrigir de algum defeito ou mau costume. — *Punem-se* os crimes; os delictos, os malefícios dos homens. A mãe *castiga* o menino. *Castiga-se* o cavallo com o açoute, com a esporra. — «Quem bem ama, bem *castiga*», diz um proverbio francez; e com razão, porque *que não castigar* descobre-se a intenção de melhorar, aperfeiçoar o que se *castiga*, e em *punir* só se inculca a vindicta da lei»

De Lacerda:

«*Punir* supõe autoridade de uma parte, e culpa da outra. *Castigar* supõe autoridade de uma parte, mas da outra não supõe necessariamente culpa, mas sim erro, descuido, omissão. *Punem-se* crimes, delictos, acções voluntarias, quando contrarias á lei; e *castigam-se* não só as acções voluntarias quando contrarias á lei, mas tambem os erros, as faltas, e até os defeitos. *Punir* implica a idéa de imposição de pena; mas *castigar* indica principalmente a idéa de aperfeiçoar por meio da repressão, censura, etc. Neste sentido se diz *castigar o estilo*, *castigar uma obra*, etc.

Castigo, pena, punição. — A *pena* pode considerar-se como *castigo* e como *punição*. — Num coleto, por exemplo, impõe-se a um alumno a *pena* de copiar certo numero de versos de Virgilio; essa *pena* é um *castigo* que tende a corrigir, e uma *punição* que satisfaz á infracção do regulamento cometida pelo alumno.

Em jurisprudencia o vocabulo *castigo* não tem emprego; as leis impõem **penas**, não **castigos**.

Casual, fortuito. — *Casual* se diz do que succede naturalmente sem que o sou-

béssemos prevêr. Este adjectivo melhor se toma a má que a boa parte.

Fortuito se diz do que succede inopinadamente, sem que de nenhum modo nos fosse possível prevel-o.

Um caçador é ferido por outro a quem a espingarda se descarrega: é uma desgraça **casual** que o ferido não soube prevêr.

«O encontro inesperado do dois amigos que em qualquer terra do extrangeiro dão de cara um com o outro ao dobrar de uma esquina, é um caso **fortuito** que nenhum dos dois podia prevêr» ⁽¹⁾.

Catálogo, lista, rol, nomenclatura, nómima, enumeração.

— *Catálogo* é palavra grega — *katalogon* — que significa naquella lingua exposição desenvolvida. — Entre nós diz-se das relações ou enumerações de muitas cousas da mesma especie, mas diferentes entre si. É condição essencial do *catálogo*: 1.º que a enumeração seja metódica ou obedeça a uma ordem qualquer; 2.º que cada objecto catalogado esteja acompanhado de algum esclarecimento que melhor o caracterize. Sempre que a enumeração careça de essas condições, só se lhe pôde dar o nome de *lista*.

A *lista* dos reis de Portugal consta apenas dos seus nomes inscritos uns após os outros. O *catálogo* dos reis de Portugal contém, pelo menos, além dos seus nomes, a data do nascimento de cada um, a do seu advenimento ao trono, a da cessação do seu reinado, etc. — O *catálogo* de uma livraria comprehendo o título das obras que a formam, o nome de seus autores, a indicação da edição, do formato, etc. — *Fazemos a lista dos livros que desejamos comprar.* — *Fazemos o catálogo de uma biblioteca.*

Rol é a *lista* que contém, além do nome das cousas ou das pessoas, certas indicações numericas: **rol da roupa suja**; **rol dos operarios**. — Note-se que não se deve dizer o **rol dos convidados**, mas a *lista dos convidados*, atendendo a que nessa *lista* a única indicação numerica que pode dar-se é a dos números de ordem.

Nomenclatura (do latim *nomen*, nome) é uma *lista* de nomes, de expressões. Este vocabulo emprega-se particularmente ao falar de ciencias, quando é necessario inscrever ou classificar uma numerosa collecção: a *nomenclatura da quimica*, da *botânica*, etc.

Quando a *nomenclatura* insereve ou classifica nomes de pessoas, denomina-se *nómima*. — *Fazer uma nómima dos empregados por ordem de antiguidade.*

Enumeração é a *lista* que se faz com o fim de attender ao total que apresenta, ou ao conjunto das cousas enumeradas.

(1) No proprio acto do homem castigar os animaes está a sua confissão de lhes reconhecer sufficiente intelligencia para que lhe comprehendam a vontade.

(1) Repetimos este exemplo, já dado no artigo «Alcatórios» (pág. 65), por haver ali tido erros.

Recapitulando, vemos que: o **catálogo** *inscreve e circunstancia*; a **lista** *apenas inscreve*; o **rol** *inscreve e conta*; a **nomenclatura** *inscreve denominando*; a **nominia** *inscreve ordenando*; e a **enumeração** *inscreve ou expõe sucessivamente para que cada unidade contribua para o conjunto*.

De **lista** e **catálogo** diz-nos Roquette:

«**Lista** é uma série de nomes de pessoas ou cousas póstos uns após outros, para dar a conhecer que estas consas ou pessoas pertencem a uma certa e determinada classe, ou que têm entre si uma relação comum, real ou arbitrária.

«**Catálogo** significa narração ordenada, ou inventário circunstanciado; é também uma **lista** de pessoas, snecessos, o consas póstas por ordem, cujo fim é não somente dar a conhecer a relação que estas pessoas ou consas têm entre si, senão seu valor, mérito e importância.

«Se reunirmos, por exemplo, sem ordem os títulos dos livros da nossa livraria, fazemos uma **lista** de elles. Se os distribuímos em varias classes, collocando-os em cada uma de ellas segundo a materia que tratam, e dermos sobre elles alguma noticia bibliográfica, etc., fazemos um **catálogo** dos livros da nossa livraria.

«A **lista** não supõe nenhuma ordem, nenhum método; exige unicamente os nomes. O **catálogo**, tendo por fim dar a conhecer com todas as circunstanças cada objecto que presenta, supõe a ordem, a coordenação, as combinações necessárias para que estes objectos bem se apreciem e se distingam uns dos outros».

Tambem Lacerda fala de esses vocabulos, diferenciando-os perfeitamente no ultimo parágrafo do seu artigo:

«**Lista** é uma série de nomes de cousas ou de pessoas, para dar a conhecer que aquellas cousas ou pessoas pertencem a uma classe determinada. **Catálogo** significa inventario circunstanciado. **Catálogo** também designa **lista** de pessoas, ou snecessos póstos por ordem, afim de quo se conheça a relação de essas cousas entre si, o seu valor, ou importância, etc.

«A **lista** não supõe ordem nem método, requer somente os nomes. O **catálogo** supõe ordem e coordenação, afim de dar a conhecer circunstanciadamente cada objecto».

Catástrophe. cataclysmo.—**Catástrophe** é uma profunda alteração quo se dá no seio das nações, da sociedade, da familia, num individuo ou localidade, transformando completamente, o para muito peor, o seu estado precedente. Também se dá o nome de **catástrophe** aos grandes desastres em que ha muita perda de vidas. O terramoto de 1755 foi uma **catástrophe**. **Catástrophe** foi, para Espanha, a destruição

da sua esquadra nas Filipinas. — Por extensão, dá-se o nome de **catástrophe** às consas que são a origem de desgraças: a elevação do cardeal D. Henrique ao trono foi uma **catástrophe** para a nacionalidade portugueza.

Cataclismo, segundo a etimologia (em grego *kataclismus* significa diluvio), é a revolução que as aguas causam ao invadir a superficie sólida da terra. O golfo ou mar do Zuyderzée teve por origem um **cataclismo** que destruiu para cima de 70 povoações e fez mais de 100.000 victimas. — Por extensão dá-se este nome às revoluções geológicas que transformam a apparencia de qualquer ponto da superficie da terra.

Os vocabulos **catástrophe** o **cataclismo** podem designar a mesma revolução, mas o primeiro chama a atenção para a perda, para a desgraça; o segundo para o facto em si, para a mudança que ocasiona.

Catástrophe. desastre. calamidade. accidente. desgraça. revés.—**Catástrophe** (do grego *katastrophē*, revolver) é um acontecimento importante, considerável, que revolve, muda, transforma completamente o estado precedente noutro estado muito peor. Esta revolução completa pode dar-se num povo, num Estado, numa sociedade, e até somente numa familia ou num individuo, mas sempre sugerindo a idéa da transformação ser violenta e profunda.

Desastre (vocabulo francez formado do prefixo negativo *des*, e de *astre*, astro) significa propriamente um grande infortunio, uma grande desgraça causada, segundo as superstições astrológicas, pela influencia nociva dos astros, isto é, do destino; e, por extensão, toda desgraça irremediável que aniquila e destróe tudo, desgraça da qual é impossivel sair e contra a qual nada se pode fazer. O **desastre** pode ser individual ou colectivo, o pode, como a **catástrophe**, originar perda de vidas. Os dois vocabulos porém diferem em a **catástrophe** ser considerada como mais profunda o violenta, mais extensa que o **desastre**. Quando se construe um edificio deve ter-se o máximo cuidado no levantamento dos andaimas para evitar qualquer **desastre** pessoal, e em cavar tem fundo os alicerces para que com o andar do tempo não se dê alguma **catástrophe**.

Calamidade (do latim *calamitas*, vocabulo que significou primitivamente os estragos que a saraiwa produz nos campos) significa, segundo a sua etimologia, a destruição das cearas pela intemperie, pela saraiwa, etc. Como a destruição das cearas é uma **desgraça** que afecta sobretudo a muitas familias, povoações e provincias, trazendo consigo a escassez e a peuria, **calamidade**, no sentido figurado, que é o unico que hoje tem, se diz de qualquer grande **des-**

graça, pública ou privada. — O sentido de esta palavra é sempre colectivo, mesmo até quando se fala de uma calamidade privada, pois nesse caso não se atende a um facto adverso somente, mas a uma série de esses factos que sobrevêm uns após outros, constituindo um conjunto que tem importância excepcional. As desgraças que sobrevieram a Job constituíram uma calamidade.

Accidente (do latim *accidere*, succeder) diz-se de qualquer desgraça que sobrevem inesperadamente, sem que nada a fizesse prever, e considerando-a até certo ponto como contraria às leis ordinárias; mas *accidente* não se diz de grandes desgraças, a não ser que se lhe prestem qualificativos apropriados a accentuar-lhe a gravidade. Neste vocábulo o que predomina é a ideia de elle exprimir acaso, imprevisão, mas não desgraça irremediável.

Desgraça é o termo genérico, dos quaes todos os outros de este grupo são as espécies. — A *desgraça* pode ser um simples facto, como também constituir estado: *a quem vive na desgraça succedem mil desgraças*.

Revers é a desgraça que faz mudar completamente uma situação, mas para peor; é o reverso da medalha, se assim nos podemos exprimir. Os ricos que caem na miséria não dizem que tiveram vícios dispendiosos, nem que foram imprevidentes; dizem apenas que tiveram *reverses*.

Veja-se também o artigo *Desgraça*.

Catástrophe, desfêcho ou desenlace. — Em litteratura, designam estes vocábulos o fim ou termo da acção de uma obra dramática.

Desfêcho ou *desenlace* é propriamente o último termo da acção, o acontecimento final que faz cessar a expectativa do público. Toda obra dramática, desde a tragedia até á farsa, tem *desfêcho* ou *desenlace*; e, por extensão, tem-no também toda obra litteraria do género romance. Mais extensivamente ainda, applicam-se estes vocábulos á consequencia de certos factos da vida, como quando se diz *quo tal aventura teve um triste desfêcho* ou *um triste desenlace*.

A *catástrophe* não é o fim da acção da obra litteraria, mas sim o acontecimento terrível e fatal que dá origem a esse fim, ao *desfêcho*. — Como muito bem se podeprehender, a *catástrophe* só pode dar-se na tragedia e no drama, — quando o drama termina de modo fatal —, porque só os successos tristes ou cruéis, mas grandes e inesperados, podem merecer esse nome.

Deve também notar-se que os vocábulos *desfêcho* ou *desenlace* são subjectivos, e a *catástrophe* é sempre objectiva. Dir-se-á uma horrorosa *catástrophe*, uma *catástrophe* sangrenta; mas não se dirá uma

hâbil catástrophe, como se diz muito bem *um hâbil desfêcho* ou *um hâbil desenlace*.

Roquete compára *catástrophe* com *desenlace*, e também com *sucesso*, dizendo:

« Um *sucesso* pode ser comum, ou raro, « ou extraordinário; feliz ou desgraçado; « de muita ou de pouca importancia. E' esta « uma expressão tão geral que quasi nada « caracteriza, pois tudo que acontece é um « *sucesso*; mas a *catástrophe* significa um su- « ccesso de muita importancia que dá ori- « gem ás vezes a grandes infortúnios o a « mui notáveis alterações. Uma *catástrophe* « pode ser causa da destruição de um rei- « no; pois esta palavra significa sempre um « *sucesso* extraordinário e infausto.

« Circunscrevendo-a agora á arte dramá- « tica, em que com propriedade se usa, di- « remos que, segundo o sentido que lhe de- « ram os Gregos na voz *katástrophe*, que si- « gnifica subversão ou transtorno, êxito, « fim, *sucesso* trágico, a *catástrophe* é o prin- « cipal e o último transe com que remata a « tragedia.

« O *desenlace*, que também é o *desfêcho* « ou final de ella, desata, desenreda, *des- « enlaça* o nó ou enredo do drama; assim « que, o *desenlace* desfaz o fundamento da « fábula, e a *catástrophe* expõe a mudança « ou transtorno que se supõe ter aconteci- « do. O *desenlace* é a última parte do drama, « e a *catástrophe* o último *sucesso*; aquelle « descobre o enredo e o desfaz, esta termi- « na a acção. A arte consiste no *desenlace*, « assim como o effeito na *catástrophe*. Deve « verificar-se com rapidez o *desenlace*, sem « que por isso seja precipitada ou atropelia- « da a *catástrophe*.

« Não sabemos porque Vieira e outros fi- « zeram masculino este vocábulo, sendo elle « feminino em grego e em latim ».

Dos mesmos vocábulos comparados por Roquete, diz Lacerda:

« *Sucesso* é termo genérico, pois que tu- « do que acontece é um *sucesso*, que pode « ser extraordinário, raro ou comum, feliz « ou desgraçado, alegre ou triste, etc.

« *Catástrophe* é um *sucesso* caracteriza- « do, pois que designa esta palavra um su- « ccesso extraordinário, e de muita impor- « tancia, como origem de grandes infortu- « nios, etc. — *Catástrophe* designa sempre « um *sucesso*, não só grandemente notável, « senão que também infausto.

« Com respeito ao drama, ou antes á arte « dramática, a palavra *catástrophe* tem si- « gnificação propria, e quer dizer êxito, « fim trágico, ou antes principal e último « transe, a derradeira peripecia trágica « por meio da qual se põe termo á trage- « dia.

« *Desenlace* é o *desfêcho* do poema ou dra- « ma trágico. O *desenlace* desata, solta o nó, « desenreda o entrecho, o enredo do drama. « — Se a *catástrophe* é o último *sucesso*, o

«desenlace é a última parte, o remate da «tragedia».

Catechizar, missionar. — *Catechizar* é instruir metódicamente em certos pontos de uma doutrina, particularmente da doutrina católica.

Missionar é exercer as funções de missionário, funções múltiplas, pois ao missionário compete demonstrar o erro das religiões que combate, evidenciar a verdade de aquella que ensina, avivar o fervor dos crentes, destruir a indiferença dos despreocupados, *catechizar* os atraídos, e converter os incrédulos.

Cathedral, sé. — *Catedral* e *sé* não são synónimos. Na lingua portugueza *sé* é substantivo, e *catedral* adjectivo. *Sé* é a igreja que é *sede catedral*, isto é *sede* da *cátedra* ou *cadeira* do prelado da diocese.

Dizer *catedral* per *sé* é galicismo, ou, quando menos, espanholismo. — Digamos porém que não sabemos o porquê de se dizer a *patriarcal*, e não ser correcto dizer a *catedral*.

Catholicismo, christianismo.

— *Christianismo* é a denominação da coelectividade dos erentes em Cristo, seja qual for a Igreja a que pertençam.

Catholicismo é a denominação que tomou a coelectividade dos cristãos que reconheceram o papa como chefe espiritual. Na Europa ha 320 milhões de *cristãos*, dos quaes só 150 milhões são *católicos*.

Catilluaria, verrina. — Estes vocabúlos confundem-se quando simples synónimos de censura.

Quando, porém, a censura é feita á autoridade que se prevalece do seu poder para vexar ou opprimir, dir-se-á *verrina* e não *catilluaria*.

Cauda, rabo. — Estes vocabúlos são synónimos perfectos; *rabo* é porém termo vulgar que em muitas circumstancias é necessario evitar.

Causa, motivo, razão, móbil, pretexto. — A idéa común a estes nomes é a de um facto lhes dover a sua realização.

Chamando *causa* ao principio da acção, não o apresentamos como resultado das nossas paixões ou da nossa reflexão; é um principio interior ou exterior, isto é, que está em nós ou nos é extranho, mas que obra por si, e que só por si produz realmente o effeito, independentemente da nossa vontade. — *Aquella noticia foi a causa da sua morte. Deus é a causa universal.*

Motivo (do latim *motum*, supino de *movere*, *mover*) é o nome adequado á causa que

tem poder bastante para mover a nossa vontade, que nos emociona o espirito, e que se dirige á intelligencia que pesa, examina e compara o pró e o contra, a conveniência ou a inconveniência, o bem ou o mal que advirão da realização do facto. É o *motivo* que é e principio da acção que determina o espirito, principalmente quando os factos que estão em jogo são particulares. *Só nós podemos saber o motivo por que fazemos certas cousas.*

Razão é o motivo razãoado, pesado, bem calculado; é o motivo que pode confessar a que fundamento deve o ser agente, por ter sido examinado e estudado com attenção, e por suas consequências terem sido julgadas conformes ás leis do entendimento, e tidas por convenientes. *Empreendemos um negocio pela razão de elle nos oferecer bons lucros. Explicar-lhe-ei a razão da minha conducta.*

Móbil (do latim *mobilis*, também derivado, como *motivo*, do verbo *movere*, mover) é um motivo forte e enérgico, irresistível talvez; porque em vez de operar na parte intelectual do eu, exerce toda a sua influencia nos sentimentos e nas paixões. Os grandes erimes têm sempre um *móbil*.

O *pretexto* é uma falsa razão que se alega para occultar a verdadeira razão, ou um motivo suposto para não confessar o motivo real. Por muitos *pretextos* de que alguns se valham, logo desoobrimos por que razão obram.

De *causa*, motivo, razão e *pretexto* diz Roquette:

«Referem-se estas palavras a tudo aquilo que influencia uma acção ou no particular proceder de uma pessoa.

«E' *causa* de uma acção o que a produz, «lho dá origem, e sem o qual a causa de «que se trata não poderia ser tal; é a *razão* que temos para fazer, dizer ou pensar «alguma cousa.

«O *motivo* é o que move, impele, exalta «a fazer a acção. A palavra *causa* explica «uma *razão* forçosa, que obriga á acção «ou ao juizo, e *motivo* uma *razão* voluntária que move, induz, inclina. — *Fulano* «quebrou uma perna, e esta é a *causa* de «sua cozeira. Herdou um morgado, e este é «o *motivo* de ter deixado o serviço.

«A *razão* é o principio fundado ou infundado que alegamos para justificar a acção «que fizemos ou vamos fazer. O *pretexto* é «uma *razão* suposta de que nos valemos «para occultar a verdadeira. — *A ambição* «é a *causa* da maior parte das guerras; «interesses mesquinhos, e talvez o odio e a «vingança, são os secretos *motivos* de ellas; a honra das nações, o progresso da civilização, a repressão de revoltas, etc. são «o *pretexto* com que se cobrem as verdadeiras *razões*, que não se assoalham por «que são infundadas e injustas.

«A *causa* produz a acção; dá-lhe vida e

«actividade o *motivo*; a *razão* procura desculpá-la, e o *pretexto* disfarçá-la».

Dos mesmos vocábulos diz Lacerda:

«O que produz uma acção, e sem o que esta não poderia existir, ou ser o que é, chama-se *causa*. Chama-se *motivo* o que move, impelle, excita a fazer a acção. *Razão* é o *motivo* fundado ou não, que se alega para justificar a acção que se faz ou o vac *for*: — *Visitava os conventos... por razão do seu officio*. (VIDA DO ARCEBISPO).

«*Pretexto* é uma *razão* supposta, aparente com que se pretende cobrir ou paliar a verdadeira *razão* de algum procedimento: — *Por não confessar seu erro buscam pretextos com que o paliem* (BENS. FLOR.)

Cáustico. mordaz. satirico. — O mais benigno de estes malignos adjectivos é *satirico*, pois que em geral, e sem nenhuma idéa accessoria, se diz do que ataca os defeitos melhor que as entidades, do que censura a rir, e sem azedume, nem maldade.

Cáustico se diz do que é maliciosamente *satirico*, do que causa uma sensação viva de desgosto, de ardor, na pessoa que é satirizada, sensação que é logo modificada pela facecia e graça do dito ou do escripto.

Mordaz se diz do que é maldosoamento *cáustico*, do que fere como uma dentada. O que é *mordaz* não tempera a sua aspereza nem com a graça nem com a malícia; morde, e deixa sangrar a ferida.

Os ataques *impessoaes* contra os vícios, os erros, os defeitos da humanidade, da sociedade, da época, quando nelles não ha nem sombra de animosidade contra as pessoas, são **satiricos**. — Quando, ainda que *impessoaes*, esses ataques podem facilmente ser apropriados a alguém, e que, ainda que graciosos, ferem ou fazem córa a esse que se vê visado, são **cáusticos**. — Se nelles se nota malignidade, má intenção, e nenhum dissimulo, são **mordazes**.

A respeito de estes vocábulos escreveu Roquete o artigo seguinte, cujos últimos trez parágrafos merecem especial attenção:

«Expressam estes trez adjectivos qualidades ou disposições mentaes que inclinam ao que as tem a clamar e combater contra os vícios e defeitos dos homens, para corrigir-os de elles, ou contra os homens mesmos, não para contribuir á sua emenda, senão para offendê-los, irrital-os, perdendo-os em sua reputação e na opinião pública.

«Significando a palavra *cáustico*, em seu sentido recto, tudo que tem força de queimar, representa no figurado todo o dito, expressão ou discurso que irrita, como um ferro em brasa, áquelle contra quem se dirige, causando-lhe dolorosa impressão e aguda pena. — Diz-se tambem, e com mais frequencia, pessoa *cáustica* a

«que usa de tacs ditos e expressões; e, com menos propriedade, a que é importuna e enfadonha em sua conversação.

«A palavra *mordaz* vem do verbo latino *mordero*, morder, o bem representa, por translação, ao que fala mal de outrem, ao murmurador e calumniador, pois parece que *morde* e atassalha.

«Chama-se *satirico* o que respira *satira*, ou censura acompanhada de motejos sobre costumes, etc.

«A *cáusticidade* offende o amor proprio e o humilha; a *mordacidade* abocanha a honra, offende a boa reputação, descepeira e desconsola; o *genio satirico* compraz-se em motejar os vícios e ridicularias dos homens, já o faça alegre e ligeiramente só com a intenção de causar diversão, sem offender particularmente a ninguém como Cervantes em todas suas obras, ou já proceda com ódio e encarniçamento contra os vícios, fazendo horrozas pinturas de elles, empregando virulentas alusões a diferentes pessoas, e quasi designando-as por seus nomes. Exemplos das duas especies o Hysopo do Deniz, e os Burros de Macedo.

«O *genio satirico* pôde tomar a cor da *cáustico* ou *mordaz* segundo se servir de expressões que irritam, offendem e mortificam, ou respiram ódio e assacam defeitos. O *genio satirico* usa de arte e geito para reprehender e vituperar; não perde o *genio cáustico* a oportunidade de disparar suas farpadas setas contra as pessoas; nem o *mordaz* perde a occasião de descobrir seu encarniçamento contra seus semelhantes. Propõe-se o *satirico* a fazer ridiculo e aborreçivel ao seu contrario; o *cáustico*, a ferir-o, abatê-lo e vilipendia-lo; qual ralvozoção, o *mordaz* se lança á gentes para mordel-as e despedaçal-as.

«O verdadeiro *satirico* em toda a força da expressão foi Juvenal; Horacio, sobre bom *satirico*, tem não pouco de *cáustico*, mas não é *mordaz*; Boileau é tachado por alguns de seus compatriotas de *cáustico* e *mordaz*. Entre nós Diuiz rivaliza com Boileau, e J. A. de Macedo leva a palma a todos na *mordacidade*».

Dos mesmos vocábulos diz Lacerda:

«*Mordaz*, conforme á origem latina, designa o que morde, e no sentido translato o murmurador, calumniador, o que fala mal de alguém, pois que de alguma sorte o morde e atassalha. *Satirico* é o que respira *satira*, isto é, que envolve censura acompanhada de motejos com relação aos costumes, vícios, etc. *Cáustico* significa tudo que tem força de queimar, e no sentido translato a expressão ou discurso que irrita aquelle contra quem se dirige. Tambem neste sentido se chama homem *cáustico*, o enfadonho que se torna inatirável pelas suas impertinencias ridiculas, e que não larga o infeliz a quem apoquea».

ta e punge com as suas fastidiosas sem-saborias ».

Cautella, precaução. — *Cautela e precaução* são aquellas medidas que a prudência aconselha para evitar que uma determinada circunstancia se dê. Parece porém que a *cautela* se relaciona mais immediatamente com essa circunstancia do que a *precaução* — esta intentando tudo quanto possa contribuir para a circunstancia não se dar, aquella manobrando do modo a que os meios que emprega a não produzam. *Tomam-se precauções para que ninguém se aproxime com luz do lugar em que ha explosivos.* — *Indo com luz ao lugar em que ha explosivos deve empregar-se a mayor cautella.*

Assim, a *cautela* é relativa aos meios que se empregam para fazer bem o que se tem a fazer; a *precaução* refere-se aos meios que se tomam para evitar inconvenientes. A *cautela* é um modo de obrar positivo; a *precaução* é negativa, porque tem em vista de impedir que a necessidade de obrar se presente.

Noutra ordem de idéas a *precaução* é inspirada pela prudência; a malícia e a astúcia é que sugerem a *cautela*. A *precaução* geralmente só tende a evitar o mal; a *cautela* mais vezes pretende fazer o que evita; aquella é reservada, esta é dissimulada. Uma limita-se á defensiva; a outra, se póde, emprehe o ataque.

Cava, cavadela, cavadura. — A *cava* é o acto de cavar na época apropriada; por isso se diz: *cava tardia*.

Cavadela é o acto de cavar, sem nenhuma outra idéa accessoria.

Cavadura é o acto de cavar, o o resultado que a terra tira de esse acto.

Cavalgada, cavallhada — *Cavalgada* diz-se do troço de cavaleiros que figuram algo de nobre, de histórico.

Cavallhada só se diz do grupo de cavaleiros que figuram algo de ridículo.

Nas *cavalgadas* figuram corcéis; nas *cavallhadas* até os burros tomam parte.

Cavallo, corcéel, gluete, palafrém. — *Cavallo* é termo genérico. *Corcéel* só se diz do cavallo de batalha ou do que tom formoso aspecto, e que só serve para montar.

Ginete é o cavallo do raça, ligeiro, vivo, bem formado.

Palafrém se diz do cavallo ajazeado. *Carruagem puzada por cavallos.* *Nobre corcéel.* *Ginete veloz.* *Palafrém ricamente ajazeado.*

Cavelra, crâneo, casco. — A *cavelra* é o conjunto dos ossos da cara e

da cabeça, completamente descarnados, mas na sua disposição natural.

Crâneo é o conjunto dos ossos que encerram o cérebro. *Crâneo* diz-se dos vivos e dos mortos; *cavelra* só do estes últimos.

Casco é a parte superior da caixa craneana.

Atende-se á configuração do *crâneo*, não á da *cavelra* nem á do *casco*.

Cavidade, excavação, óco. — A *cavidade* considera-se em si e só por si; a *excavação* considera-se como resultado de uma operação ou de qualquer acção. *Cavidade natural.* *Excavação produzida pelas aguas.*

O *óco* é a *cavidade* de mui pequenas dimensões: o *óco da mão*.

Cêgamente, ás cêgas. — O adverbio *cêgamente* pode, em muitas circunstanças, confundir-se com a locução *ás cêgas*; em certos casos, porém, ha entre ambos, uma differença digna de reparo.

Numa estação do caminho de ferro, confiando *cêgamente* em que o dono da cantina não nos envenenará, opeamos da caruagem para tomar um refresco, e no momento em que se dá o sinal de partida pagamos com uma moeda, cujo troco aceitamos *ás cêgas* por não ter tempo para o conferir.

A juventude escolhe frequentemente *ás cêgas* os seus amigos, e *cêgamente* se deixa guiar pelos seus conselhos.

Cêgamente designa pois uma cegueira voluntaria, razonada. Quem obra *cêgamente* não vê, porque não quer ver; não examina, porque não quer examinar, e porque está decidido a não examinar.

As cêgas denota irreflexão o falta de prudencia. Quem obra *ás cêgas* obra como um cêgo; não vê porque não pode ver, porque a atenção não está em si.

Roquete compara muito bem estes adverbios dizendo:

« Estas duas expressões, ambas figuradas, indicam egualmente um modo do proceder que não é dirigido pela luz da razão; mas esta ⁽¹⁾ indica uma falta de intelligencia, o aquella ⁽²⁾ um abandono da mesma luz. — O que obra *ás cêgas* não é alumiado; o que obra *cêgamente* não segue a luz natural: o primeiro não vê, o segundo não quer ver. — Os manebos escolhem do ordinario seus amigos *ás cêgas*; e se por acaso fazem má escolha, entregam-se *cêgamente* a seus caprichos e extravagancias. — Submeter *cêgamente* a razão ás delções da fé, não é crer *ás cêgas*, porque a razão mesma nos alumiá em motivos do credibilidade. — Não se deve crer *ás cêgas* o que diz um doutor; mas deve-se crer

(1) *As cêgas.*

(2) *Cêgamente.*

«*cégamente* o que a Igreja ensina. Crer o «obedecer *cégamente* é submeter sua razão «e vontade a quem tem direito de impôr «crença e exigir obediência; crer o obedecer «às *cégas* é submeter sua razão e vontade a quem não tem tais direitos, ou somente para isso motivo algum prudente e razoável. — O homem sensato nunca crê às «*cégas*, mas não duvida crer *cégamente* o que «pessoas fidedignas lhe asseguram».

Laerda diz somente:

«Fazer alguma coisa *às cégas* é fazer-a «sem razão suficiente para a fazer ou deixar de fazer. Fazer alguma coisa *cégamente*, é fazer-a, porque se pôe confiança «na pessoa que manda, persuade, ou aconselha que se faça».

Celágem, arreból. — *Celágem* nem é o «aspecto do céu» como define o mais moderno dos dicionários da língua, nem «a ór do céu ao nascer e pôr do sol» como diz o que foi publicado imediatamente antes de esse.

Celágem é a cor vária das nuvens. Quando o céu está azul não ha **celágem**.

Quando a *celágem* matutina ou vespertina tem uma linha rósea ou avermelhada, chama-se **arreból**.

Celebrar, exaltar, realçar, louvar, elogiar, gabar. — A idéa comum a todos estes verbos, ainda que cada um de elles a exprima em diferente grau, é a de dizer bem de alguém ou de alguma coisa.

Celebrar (do latim *celebrare*, de *celeber*, frequente, numeroso) desperta a idéa do elogio ser feito durante muito tempo ou a multidão, deante do muita gente, e de ser grande, illustre ou admirável aquilo que se celebra. — Camões **celebrou** quantos na história patria tinham gravado os nomes. — Este verbo prima sobre os outros do grupo por designar um louvôr solemne, muitas vezes acompanhado de cerimoniaes publicas: — *ordenaram-se festejos para **celebrar** tão auspicioso enlace*.

Exaltar (do latim *exaltare*, de *ex*, prefixo que enaerece, e *altus*, elevado) significa propriamente «levantar em alto», e, ainda que muito rebuçada, ha neste verbo uma tal ou qual exageração, muitas vezes até, certa ironia. — **Exaltar** as virtudes de alguém é apregoal-as, pô-las muito no alto para que todos as vejam, tornal-as bem evidentes como para provar que a pessoa que as pratica é capaz de ellas, o que deixa supôr que não seja esse o sentir da opinião pública.

Realçar é pôr em logar mais alto ou mais evidente o que já estava alto ou era evidente. *O fim dos panegiricos é de **realçar** os homens illustres*.

Louvar (do latim *laudare*) é o termo com que mais friamente se exprime a idéa co-

mum a estes verbos. Significa propriamente, dizer o bem que se pensa, aprovar uma pessoa ou coisa, dar uma prova de estima e de consideração. — *El-rei manda **louvar** os que, por mérito proprio, são dignos do seu agrado*. — **Louva-se** a um benemerito.

Elogiar é louvar na intenção de fazer com que os outros admirem o que nós admiramos ou fingimos admirar. Quem *elogia* alguém ou alguma coisa, procura termos adequados a persuadir, como o vendedor que procura insinuar no espirito do comprador a bondade do que elle quer vender. — Assim, não ha em *elogiar* a expressão de verdadeiro que tem *louvar*. Quando se *louva* o mérito de uma obra, dizemos o que pensamos; quando a *elogiamos* pretendemos que os outros ereiam nesse mérito — ainda que muitas vezes sejamos os primeiros a reconhecer que ella não tem nenhum. Os *reclamos dos jornaes **elogiam**, não **louvam***.

Roque apenas compara *louvar* com *gabar* dizendo:

«*Gabar* vem do verbo árabe *cabbar*, mudado o *c* em *g*, o que é muito frequente «om a nossa o em outras línguas, e parece «ter entre nós a mesma significação que «entre os Arabes, isto é, do exaltar, engrandecer. E termo mais genérico e vulgar que *louvar*; diz-se das coisas e das «pessoas, mas parece referir-se mais ao «que é sensível, ao que se quer inculcar. «Em apoio do que vem o ditado vulgar: — «*Quem **gaba** a noiva? o pae que a quer casar*; o qual so applica a muitas cousas da vida».

Louvar é o verbo latino *laudare* e significa dizer palavras em sinal de aprovação; refere-se em particular ás pessoas e suas boas qualidades, que por isso se chamam *louváveis*.

Gaba-se tudo o que é bom no seu género, tudo o que nos agrada; *louvam-se* as «boas partes que o homem tem adquirido «por seu estudo e trabalho, as boas acções «que pratica, pelas quaes se faz bem quisto «e digno de estimação de seus semelhantes».

«Quem se *gaba* é valdoso ou estulto; ri-mo-nos ordinariamente de elle, o em logar de lho chamarmos «gabão» como os «antigos, ou «gabazola» como o vulgo, dizemos «que não deixa o seu crédito em «mãos alheias»; ou «quem se *gaba* não «espera que o *gabem*».

«Quem se *louva* é jactancioso ou orgulhoso; naturalmente o aborrecemos, porque «a boa ednecação nos diz que «*não cabe **louvar** em boca propria*».

Laerda diz somente de estes dois vocábulos:

«*Gabar* é exaltar, engrandecer. *Louvar* é aprovar. *Gaba-se* tudo que no seu género é bom; tudo que nos agrada. *Louvam-se* as boas qualidades de uma mulher. — «*Gabar* refere-se ás cousas, e *louvar* ás pes-

«soas. Quem se gaba é vaidoso; quem se «loura é orgulhoso».

Celebrar, solemnizar, festejar. — Consideramos estes vocábulos na accepção que lhes é comúm: a do indicar um modo de prestar homenagem a qualquer pessoa ou acontecimento.

Festejar (do latim *festus*, alegre) é, de estes verbos, o único que claramente encerra a idéa do *festa*, de alegria. É com himnos de louvôr e de alegria que a Igreja católica *festeja* um santo; é com danças e divertimentos que o povo *festeja* o S. João, o S. Pedro, o S. Antonio.

Celebrar e *solemnizar* dizem-se tanto dos acontecimentos alegres, como dos tristes, como dos grandiosos. — *Celebrar* encerra duas idéas principais: a de ser grande número de pessoas que concorrem, e a do aparato e grandiosidade da *festa* ou da *cerimonia* . O *padre* *celebra* a *missa* ; *celebram-se* *exéquias* . *Celebra-se* *um* *anniversario* *com* *grandes* *festejos* .

Solemnizar é *celebrar* com pompa extraordinária e afim de bem gravar no espirito a lembrança do acontecimento que se *solemniza*, quer elle seja actual, quer passado.

Celeridade, rapidez, velocidade. — É' este último vocábulo, *velocidade* , o que exprime mais geralmente, e por isso mesmo com mais vaguedade que os outros, o modo como uma força em movimento se desenvolve. *Ha* *navios* *de* *grande* *velocidade* . *de* *pouca* *velocidade* . *de* *tantas* *milhas* *de* *velocidade* . — Como se vê, este vocábulo não indica precisamente que o movimento do que se considera seja *veloz*, pois todos sabemos quão roncelsos são os combolos de *pequena velocidade*; o que elle implica é a idéa do fenómeno do movimento — seja esse movimento qual fôr, rápido ou leuto, pois sem movimento não pode haver *velocidade* . — *Podemos* *calcular* *a* *velocidade* *da* *queda* *dos* *corpos* . *Podemos* *moderar* *a* *velocidade* . *podemos* *tornar-a* *quasi* *imperceptivel* *á* *vista* .

Rapidez é uma grande *velocidade* , mas *velocidade* impetuosa, violenta. A *rapidez* da *vida* , dizemos nós para ponderar o pouco que ella dura.

Celeridade é uma grande *velocidade* que se considera em si, sem nenhuma idéa accessoria ao movimento *veloz*.

Um *esquadrão* *avança* com *rapidez* *para* o *quadrado* que o *espera* de *bayoneta* *calada*. — *Vêde* a *celeridade* do *vôo* da *andorinha*!

Celeste, celestial, divino. — O que pertence ao firmamento, á região do infinito em que os astros se movem, é *celeste*. — O que pertence ao ignoto, o que está onde geralmente se supõe estar o Crea-

dor, o que é ou provém de Deus, é *celestial*. — Os corpos *celestes* giram no espaço. A *esfera celeste*. *Gozos celestiaes*. *Abandonemo-nos á vontade do nosso Pai celestial*.

Divino se diz do que é relativo a qualquer divindade, do que provém do proprio Deus, on do que julgamos ser de Deus: a *majestade divina*; as *leis divinas*.

Extensivamente, o que é perfeito e excelente é *celestial* se é abstracto, e *divino* se é material: É *necessario* *ter* *uma* *paciencia* *celestial* *para* *fazer* *obra* *tão* *divina*.

O artigo em que Roquete compara estas duas palavras é um dos melhores do seu Dicionario de synónymos. Diz elle:

«Tudo aquilo que materialmente pertence ao céu se chama *celeste*, porque consideramos, segundo nossa vista material, que o céu é uma abóbada emalçada de planetas e estrelas alumeadas pelo sol. Chamamos pois a estes corpos *celestes*, e dizemos a esfera *celeste*, a abóbada *celeste*, e á côr que aparece á nossa vista, azul *celeste*. Estende-se esta significação a tudo o que vem do céu, tem com elle alguma relação, ou parece sobrepnjar a quanto vemos na terra; ao que despede grande resplandor, ao que é dotado de extremada beleza, ao que ostenta smma magnificencia, a tudo que é superior a quanto pôde produzir a natureza e a arte, considerando-o e admirando-o como obra da divindade. E neste sentido dizemos *celestes* a morada *celeste* dos justos.

«A palavra *celestial* toma-se mais communmente em sentido mystico, e corresponde á morada e côrte do Ser supremo, referindo-se determinadamente ás perfeições que constituem a essencia divina e ao que participa de seus divinos attributos, o assim dizemos as perfeições *celestiaes*, a *celestial* bemaventurança, a vista *celestial*, a sabedoria e a pureza *celestiaes*. Em sentido profano, e por uma especie de abuso, applica-se poeticamente o adjectivo *celestial* a tudo que consideramos excelente, superior e sobrehumano, e assim dizemos de um mui excelente cantôr, que tem uma voz *celestial*.

Divino é o que vem de Deus, ou se refere a seus attributos. A criação não foi um acto do poder *celestial*, senão da *divina* omnipotencia, porque emanou immediatamente da *divina* essencia. Não dizemos o poder *celeste*, senão o poder *divino*; nem a bondade *celeste*, senão a bondade *divina*; porque o poder e a bondade são essenciaes attributos da *divindade*. Dizemos a natureza *celeste*, as *leis divinas* e não *celestes*; porque emanam immediatamente da *divindade*.

Do mesmo modo que por abuso ou encarecimento se attribue o adjectivo *celestial* a tudo que é excelente o perfeito;

«tambem acontece o mesmo com o divino; e assim se costuma dizer obra divina, por perfeita, e prazer divino, porque nos embeleza e arrebatou os sentidos».

Lacerda diz:

«Chamamos celeste a tudo que pertence materialmente ao céu; e por isso falando dos astros, segundo se nos afiguram á vista, dizemos que são corpos celestes, etc. Da mesma sorte chamamos celeste a uma beleza peregrina, e a tudo que se avanteja ao quo do común se encontra sobre a terra considerado não só material, mas também moralmente. Celestial é o que, no sentido místico, se refere á corte do Ser Supremo, e ao que de algum modo participa mais proximamente dos attributos de Deus; e por isso se diz a celestial bemaventurança, etc. No sentido profano toma-se indistintamente no sentido de celeste.

«Divino é o que vem de Deus, ou a elle se refere directamente; e dizemos a divina sabedoria, a divina omnipotencia. Por abuso chama-se divino a tudo que se considera como perfeito.»

Celibatario. solteiro. — Concorram estes vocabulos em designar a pessoa que não casou, e na maior parte dos casos podem empregar-se indistintamente. **Solteiro**, porém, a não ser no último exemplo de este artigo, indica essa idéa sem nenhuma outra accessoria; em quanto que **celibatario** encerra frequentemente a idéa de não poder contrahir matrimonio: melhor so diz que os sacerdotes católicos são **celibatarios**, que **solteiros**. — De um ancão se diz que é **celibatario** quando se quer designar o seu estado social, e **solteiro** — ás vezes até **solteirão** — quando queremos pôr em relevo o seu estado de independência, de não sujeição aos laços do matrimonio.

Cenáculo. conventículo; consilio. — Os dois primeiros vocabulos de este grupo, designam uma assembleia de pessoas que se reúnem habitualmente sem que nenhum extranho assista ás suas discussões. **Cenáculo** não pôde tomar-se a tão má parte como **conventículo**, pois este vocabulo se applica melhor ás reuniões em que se trama algum mal, e aquelle áquellas em que so faz algo do ridiculo, como são as reuniões dos literatos mediocres em que *asinus asinum fricat*, ou áquellas outras em que os destinos da patria, e até os do mundo, ficam assentes ao lado da fornalha do boticario de algum logarejo.

Conluto, que muitas vezes se diz por **conventículo**, melhor significa o quo nelle se trama, que a propria reunião.

Cendrado, cinzento. — O que é **cendrado** é da propria cor da cinza; o que

é cinzento ou é cor do cinza ou de uma cor que se aproxima á cor da cinza. — Adomais, **cendrado** só se diz de metaes, de vernizes, de pedras finas, etc., uunca de tecidos e outros artefactos, a não ser que se empregue a locução «de cor cendrada»: *Veludo de cor cendrada*.

Cenobita. monge. — Ha mais austeridade na idéa suggerida pela palavra **monge** que na do vocabulo **cenobita**. O **monge** é como o desenganado que foge ao mundo e aos homens para viver na contemplação o no estudo. O **cenobita** (do grego *koinos*, común, e *bios*, vida) é o **monge** que não procura precisamente a solidão, mas sim a companhia de alguns homens da sua feição para com elles viver em común e gozar a sou modo, de um isolamento que não é absoluto.

Cenotaphio. sarcophago. túmulo. mausoleu. jazigo. — **Cenotaphio** (do grego *kenos*, vazio, e *taphos*, túmulo) diz-se do monumento funerario elevado á memoria de um morto cujo cadáver não se tem, ou que está enterrado noutra parte.

Sarcophago (do grego *sárx*, carne, e *phagó*, como) era o nome que tinham uns túmulos feitos de certa classe de pedra a que se attribuia a propriedade de consumir os cadáveres. Hoje diz-se propriamente do túmulo monumental onde jaz um cadáver, e, menos propriamente, da tumba que encerra a eça nas grandes ceremonias fúnebres.

Túmulo (do latim *tumulus*) era a designação do montículo de terra que os antigos elevavam em forma de cone sobre o logar em que algum parente estava enterrado. Hoje designa este vocabulo, ou o monumento elevado á memoria do defunto que nelle ou debaixo de elle jaz, ou a simples sepultura, ou, e por extensão, a morte: *só ha paz no túmulo*.

Mausoleu (de *Mausolo*, rei da Caria no IV século A. C., a quem sua viuva, Artemisia, mandou elevar um soberbo monimento) é o **jazigo** monumental elevado á memoria de um morto querido. Por extensão, é synonymo perfeito de **jazigo**, vocabulo que designa o pequeno edificio em forma de templo onde se depositam os cadáveres dos membros de uma familia. — Não obstante, quando o **jazigo** é sumamente modesto, não se lhe pôder dar o nome de **mausoleu**.

De estes vocabulos, á excepção de **jazigo**, diz Roquete:

«Designam todos estes vocabulos o monumento elevado á memoria de algum defunto illustre, mas cada um de elles recorda particular circumstancia pela qual se differenciam.

Cenotáfio é palavra grega *kenotaphion* («de *kenos*, vazio, e *taphos*, sepulcro»), e tem entre nós a mesma significação de monu-

«mento sepulcral erigido á memoria de
«defunto enterrado noutro lugar.

«*Sarcófago* é igualmente palavra grega, *sarkophagos* (de *sarx*, carne e *phagein*, comer), adjectivo substantivado concordando com *lithos*, pedra, que designava uma especie de pedra calcária que consumia as carnes; por extensão o sepulcro feito de esta pedra, e em geral, sepulcro em que o cadáver se consumiu.

«Da palavra latina *tumulus* que em sentido recto significava montículo, fizemos «nós *tumulo* só com a significação figurada de sepulcro, que entre ellos tambem «tinha, mas sepulcro levantado da terra «como diz a etimologia, a que os nossos «antigos chamavam *moimento*.

«*Mausoleu* (do latim *mausoleum*) foi primitivamente nome proprio que designava «o magnifico e sumptuoso monumento sepulcral que a rainha Artemisia mandou «erigir a seu marido Mausolo; passou depois a ser nome apelativo designando os «sepulcros grandiosos dos reis, como se vê «na seguinte passagem do Floro: — *In «mausoleum se* (Cleopatra), *sepulcra regum «sic vocant, recipit.* — Mais tarde estendeu-se a todo sepulcro magnifico e sumptuoso, como se vê de Ferreira: — *Mausoleus* «*aos mortos não dão vida.* —

Lacerda diz dos mesmos vocabulos de que fala Roquette:

«*Cenotáfio* tem entre nós a mesma significação que entre os Gregos, cuja palavra é, e significa monumento sepulcral, «erigido á memoria de pessoa enterrada noutro lugar. *Sarcófago*, tambem palavra grega, significa o sepulcro onde o cadáver foi posto, e se consumiu. *Tumulo*, «palavra latina, significa sepulcro levantado da terra, a que os nossos antigos chamavam *moimento*. *Mausoleo* ou *Mausoleu*, «conforme á origem, significa o monumento sepulcral magnifico, grandioso, do ostentação: — *Alevantaram grandes mausoleus* (Lucena).

Censo, recenseamento. — *Censo* (do latim *census*) é termo quasi exclusivo á historia romana para designar a estatística que de cinco em cinco annos os censores faziam de todos os cidadãos romanos a fim de fixar o número da população, distribui-la por profissões, determinar o valor dos bens de cada um para repartir os impostos, e determinar a categoria social de cada cidadão. Extensivamente, passou o vocabulo *censo* a designar o proprio imposto exigido a cada classe de cidadãos, e hoje ainda se diz do rendimento colectavel dos cidadãos que é logicamente necessario para elles poderem exercer certos direitos politicos.

Recenseamento é o vocabulo que entre nós, e na nossa época, corresponde ao *censo* dos Romanos. É pelo *recenseamento* que

se estabelecem as estatisticas. — Este vocabulo porém carece da concisão que tinha o *censo* romano, e só por meio de um complemento é que elle se pode determinar; assim, dizemos: o *recenseamento da população*, o *recenseamento da riqueza semovente*, etc. — Deve notar-se que o prefixo *re* que tem este vocabulo, lhe dá o sentido de ser uma operação feita cuidadosamente, com applicação o perfeição.

Censura, critica, sátira. — A *censura* difere da *critica* não só em ser affectadamente severa e séria, não em revestir certo carácter de autoridade. Tambem difere de ella em soutenciar ou decidir sem apontar os motivos do seu sentir, nem as razões da sua decisão; ou, a fazê-lo, é muito sumariamente. — A *critica*, seria sem affectação, chama a atenção para o que tem defeito ou vicio, e fundamenta o seu modo de pensar, pois tem por fim principal de fazer compartilhar a opinião que apresenta — Se na *censura* ha autoridade, na *critica* ha competência, saber e gosto. A *censura* compete o que é relativo á lei, á fé, aos costumes; á *critica* pertence o que é relativo ao gosto, ás artes. — Se a *censura* defende um interesse, a *critica* é-lhe superior porque defende a verdade. — Todos podem ser *censores*; poucos, muito poucos podem ser *criticos*.

Comparando *critica* com *sátira* temos que ambas atacam sem reboço pessoas, obras, instituições, épocas, vicios, sociedades, o até a propria humanidade; differenciam-se porém muito entre si.

A *critica*, consiste no exame razoado de uma obra, na apreciação exacta, e ás vezes até severa, dos factos e das acções; tem porém por norma a imparcialidade e o decoro, o esforço-se particularmente em banir de si toda opinião preconcebida. Ella não se concreta em apontar os defeitos, mas compraz-se em tornar salientes as perfeições — o que lhe é indispensavel não só para justificar-se de imparcial, senão, o sobretudo, para dar maior relevo ás imperfeições.

A *sátira* peca por ser mais pessoal que a *critica*; ella não julga nem aprecia fria e imparcialmente; o seu fim é o de combater as pessoas, as idéas, as opiniões, e de sumil-as no ridiculo. As vezes é justa, mas assim e tudo, não é estimavel.

Eis o que de estes vocabulos nos diz Roquette:

«*Censura* vem da palavra latina *census*, «*censo*, que ora entre os Romanos a declaração autentica que os cidadãos faziam «de seus nomes, residência, familia e bens «ante os *censores* ou *censitores*, magistrados «da primeira plana, cujos mui importantes «cargos eram guardar o padrao ou registro «do povo, repartir as quotas dos impostos, «cuidar da policia, e sobre tudo dos costumes

«mes públicos, adoptando os melos de re-
«formal-os, castigando aos que os perver-
«tiam com seu desordenado procedimento.

«Este nome, no uso comum, veio a fi-
«car reduzido à *censura* dos costumes pú-
«blicos, e em especial ao exame, julgo e
«correção dos livros, aprovando-os ou
«desaprovando-os, como cousa a mais con-
«ducente para a boa moral pública, com o
«que seu cargo vem a ser o de uma espe-
«cie de magistrado na república literaria,
«como era o dos antigos na politica.

«*Crítica* é palavra grega *kritike* (de *kri-
«nô*, julgar), e significava a arte de julgar
«as obras de eugenho; tem muita relação
«com a *censura*, porque é o juízo fundado
«que se faz das obras, segundo as regras
«da arte e do bom gosto; e esta é uma das
«circunstancias que a differença de aquol-
«la, cuja significação, como vimos, é mais
«extensa. Distinguem-se tambem em que
«o objecto da *crítica* não é precisamente
«o de *censurar*, reprehender e corrigir as
«obras; senão o de examinal-as, julgal-as
«literalmente, dar a conhecer suas be-
«lezas e notar seus defeitos, porém com
«fundamento o equidade; sendo que a *cen-
«sura* leva consigo a reprehensão, correc-
«ção e castigo do que apparece contrario á
«lei, á razão, á verdade, aos bons costu-
«mes, sem se importar com o estilo e de-
«sempenho das regras de bem escrever.
«Muitas obras ha q'uo pela solidéz dos prin-
«cípios, e utilidade das verdades que anun-
«ciam, são irreprehensíveis aos olhos da
«*censura*; mas que pela má disposição das
«materias, impureza da linguagem, confu-
«são e obscuridade de estilo, são defeituo-
«sissimas aos olhos da *crítica*. Aprova a *cen-
«sura* o que muitas vezes condena a *cri-
«tica*; assim como pode acontecer que a *cri-
«tica* literaria uada tenha a dizer onde a
«*censura* moral muito tenha que reprehen-
«der e condenar.

«A *crítica* supõe a *censura*, pois não se
«pode julgar de uma obra sem notar defei-
«tos maiores ou menores, que são insepa-
«ráveis de tudo que é humano; porém nem
«sempre a *censura* supõe a *crítica*, pois mul-
«tas pessoas pouco instruidas e muito au-
«dazes se atrevem a *censurar* sem serem
«capazes de fazerem a devida *crítica*.

«A *sátira* é um juízo, raramente impar-
«cial, em que, pondo de parte o que pode
«merecer elogio, se ridiculizam os defei-
«tos. Não ha cousa mais difficil que fazer
«uma *crítica*. Não ha cousa mais fácil que
«agradar ao público com uma *sátira*.—As-
«sim que a *crítica*, como a *sátira*, podem tal-
«vez ter por objecto a correção e o deson-
«gano; porém os meios de que se valem são
«muito diferentes; porque a *crítica*, mais
«moderada, faz ver o erro como tal, para
«que se emendo ou evito; a *sátira*, rara
«vez imparcial, o sempre violenta, o re-
«presenta ridiculo, para que se despreze.

«Aquella instrúe mais que recria, esta re-
«cria mais q'uo instrúe. De aqui vem q'uo
«sua efficacia é maior, e seus effeitos mais
«perigosos.—Uma *crítica* necessita ser mul-
«bem fundada para corrigir ou estabelecer
«uma opinião. Uma *sátira* ligeira pode fa-
«zer esquecer o mérito mais sólido.

«Lacerda diz tambem o seguinte:
«*Censura*, no uso hoje adoptado, signifi-
«ca, em relação ás obras literarias, o exa-
«me dos principios, da deducção da dou-
«trina, da sua influencia, etc., e a repre-
«hensão do que, debaixo de qualquer de
«estas considerações, ha de defeituoso, ou
«perigoso em alguma obra. Em relação ás
«acções moraes do homem tem semelhante
«significação com as differenças correspon-
«dentes.

«*Crítica* é o exame imparcial em que se
«louvá o bom, e se corrige o mau, expon-
«do os fundamentos do louvôr ou da repre-
«hensão.

«A *sátira* é o juízo, poucas vezes impar-
«cial, em que se faz zombaria dos defeitos,
«sem ter em conta o que merece louvôr.

«Custá muito fazer uma boa *crítica*; e
«uada é mais fácil do que fazer uma *sátira*
«com que o público se ria. A *crítica*, com
«quanto indulgente, mostra o erro, para
«que se evite: a *sátira*, quasi sempre vio-
«lenta, cobre-o do ridiculo, para que o des-
«prezo o confunda. É preciso que a *crítica*
«seja bem fundada para corrigir ou estabe-
«lecer opinião. A *sátira* ainda que leve,
«pode prejudicar gravemente o maior me-
«recimento. Juvenal fixou a opinião de que
«Cícero fôra péssimo poeta; e não valeu o
«testemunho de Plutarco; nem quanto em
«favor de Cícero escreveram Attico e Sco-
«vola para destruir esta opinião.—A *cen-
«sura* pode ser justa ou iniqua; a *crítica*
«pode ser severa ou indulgente; a *sátira*
«rara vez recria sem ser á custa das lá-
«grimas do alguém.»

Censura, critica. Impugnação.

—O vocábulo *impugnação* occupa um lugar
intermediário entre a *crítica* e a *censura*, pois
que a *censura* condena, a *impugnação* ata-
ca, e a *crítica* julga.

Como vimos no artigo precedente, a *cen-
sura* supõe autoridade. Pelo que diz respec-
to á *impugnação* e á *crítica*, aquella supõe
oposição de principios ou de doutrinas; e
esta, superioridade, real ou suposta, de co-
nhecimentos, intelligencia ou gosto.

O censor reprehende; o *impugnador* ar-
gumenta; o *critico* analisa.

Nem a *censura* nem a *impugnação* tecem
encômios; a *crítica* não só os tece, mas até
aplaude quando é imparcial e desapaixo-
nada.

Censurar, desaprovár, reprovar. — *Censurar*: (como vocábulo deriva-
do de *censor*, magistrado romano), encerra

umas vezes idéa de autoridade; outras, predomina nella a de virtude, ou quando menos a de austeridade.

Desaprovar é não aprovar, não dar a sua aprovação, não estar por aquilo que se desaprova. *Desaprova-se* o que não é bom ou conveniente, assim como o que não é completamente bom ou completamente conveniente. — *Nunca faríamos aquilo que censuramos nos outros; não quizeramos que se fizesse o que desaprovamos.*

Reprovar diz mais que *desaprovar*, pois este verbo indica não só que se recusa de um modo reflectido e decisivo a aprovação, mas também que nos opomos contra o que reprovamos, que lhe fazemos opposição, e que o repellidos. *Reprovamos* o que é mau.

Centralizar, concentrar, reconcentrar. — *Centralizar* tem por objecto a unificação; *concentrar*, o dar força. **Centralizar a autoridade** é diminuir as faculdades ou o número dos agentes subalternos, reunindo todas as faculdades na mão da autoridade superior. **Concentrar a atenção** é fixar a num só objecto, desviando-a de todos os outros.

Reconcentrar é dar maior energia á concentração.

Centro, meio. — Em muitos casos estes vocábulos são indistintamente empregados um pelo outro, mas, se quizermos falar com propriedade, nunca podemos empregar o termo *centro* desde que não haja circumferencia. De uma mesa redonda se pode dizer o **centro** ou o **meio** da mesa; de uma mesa que não seja redonda, só se dirá com propriedade o **meio** da mesa. — Note-se porém que este rigorismo seria excessivo, tanto mais quanto que ninguém se atreve a censurar que se diga que de trez pessoas, a que vai no *centro* é a mais grada.

Céo, clima. — O *céo* de um paiz é o estado atmosférico que ali é mais habitual; o seu *clima* é o grau de temperatura, do buntidade e de outras condições atmosféricas que são mais constantes na região. O *céo* vê-se; o *clima* sente-se.

Céo, firmamento. — A aparente abóbada azulada e côncava que vemos por cima das nossas cabeças, é o *céo* ou *firmamento*.

Se attendemos apenas á côr de essa abóbada e á sua infinita profundidade, chamamos-lhe *céo*. Se a consideramos como a região dos astros, damos-lhe indifferente-mente o nome de *firmamento* ou de *céo*. Assim diz-se: **céo** (não *firmamento*) azul. As estrelas brilham no **céo** ou no **firmamento**.

Cerâmica, olaria. — A arte de fabricar a louça de barro chama-se *cerâmica*, e comumente também *olaria*, se bem que este último vocábulo melhor designa o local onde ella se fabrica. — Considerando porém o caso em que os dois vocábulos se confundem, *cerâmica* diz-se do qualquer especie de louça de barro, quer fina, quer ordinaria; *olaria* apenas se pode dizer da louça ordinaria que serve para os usos comuns. — *Bordallo Pinheiro é um illustre ceramista (não um illustre oleiro).*

Cêrca, valado. — So bem a *cêrca* quasi sempre consiste em muros de pedra ou de tijolo, pode também estar feita de arbustos ou de paus. O *valado* é de terra, com plantas ou sem ellas. Qualquer *valado* é uma *cêrca*, mas nem toda *cêrca* é *valado*. A *cêrca* da tapada das Necessidades consiste num muro que tem perto de trez metros de altura; as *cêrcas* das vinhas da Balrada são geralmente feitas de um *valado* plantado de piteiras.

Cerce, rente. — Com o verbo «cortar» *cerce* indica que não fica nenhuma porção acima da superfície. *Rente* não pretende inculcar essa idéa tão rigorosamente. O *cabello* corta-se **rente**, mas não pode ser cortado **cerce**.

Cercillo, corôa. — Tonsura de religiosos é a idéa comum a estes substantivos. *Corôa* é a tonsura dos ecclesiásticos. *Cercillo* é a corôa muito larga que usam alguns frades. — *Santo Antonio é representado com cercillo.*

Cereal, farináceo, seculoso. — *Cereal* diz-se apenas das plantas cujo grão pode ser reduzido a farinha com a qual seja possível fazer pão: o *trigo*, o *centeio* são plantas **cereaes**.

Farináceo se diz do que pode ser reduzido a farinha, seja qual for a applicação que se lhe dê: a *linhaça* é **farinácea**.

Seculoso se diz dos vegetaes que dão *fécula*, por exemplo, a batata.

Cérebro, cerebello, miolos, cabeça. — O *cérebro* enche a parte anterior e superior do crâneo. O *cerebello* está immediato ao *cérebro*, na parte posterior e mais baixa do crâneo.

O vocábulo *cérebro* designa um órgão que desempenha certas funções fisiológicas. O **cérebro** (e não os **miolos**) é um dos principaes órgãos da vida. Os **miolos** (e não o **cérebro**) de quem fica com a cabeça esmigalhada, saem do seu lugar. Quem se suicida faz-se saltar os **miolos**, não porém o *cérebro*. Comem-se **miolos**, mas não se comem **cérebros**. — Metafóricamente, estes vocábulos designam a razão, o juizo; mas neste sentido, *miolos* é muito mais fa-

miliar quo *cérebro*, e este ainda menos usa do que *cabeça*.

Cerimonia, etiqueta; cerimonioso, bem educado. — A *cerimonia*, se bem tem regras geraes, não as tem determinadas. A *etiqueta*, pelo contrario, fixa e determina os mais pequenos pormenores. *Qualquer recebe a outrem com cerimonia; no paço dos reis, no Vaticano, a etiqueta é rigorosa.*

O homem *cerimonioso* é aquelle que minuciosamente observa as prescrições da civilidade; que não altera no mais minimo as convenções estabelecidas para as relações sociaes, ainda que frequentemente tudo seja nelle affectação e estudo, e se torne insupportável ás pessoas de carácter franco e independente.

O homem *bem educado* é aquelle que, naturalmente e sem o minimo esforço, se mostra amável e obsequiador, deixando pendorado a quantos tratam com elle.

Muito frequentemente, o homem *bem educado* não é *cerimonioso*, o mais frequentemente ainda a inversa é verdadeira.

Vejase o artigo *Affável, lhano*, na página 45.

Cerimonia, rito. — *Rito* (do latim *ritus*) é o regulamento que prescreve o modo de effectuar as cerimoniaes de um culto. O *rito católico* não é observado na sé catedral de Toledo, nem numa capela da de Salamanca; é o *rito mozárabe* que nellas está estabelecido. Ha em Paris uma sinagoga do *rito judaico portuguez*.

Cerimonia é cada uma das diferentes circumstancias que o *rito* prescreve.

E' assim que Roquette compara os dois vocabulos:

«O *rito* é a reunião de todas as *cerimoniaes* de um culto religioso, não precisamente postas em prática, senão compiladas por escrito para sua execução, e autorizadas pelo Sumo Pontífice, ou patriarcha de alguma seita; por isso se diz o *rito romano*, o *rito grego*, etc.

«As *cerimoniaes* são o modo porque este *rito* se executa.

«*Rito* exprime mais que *cerimonia*. — O *ritual romano* entre nós, prescreve as *cerimoniaes* com que se devem celebrar os officios divinos; a maneira de executal-os são as *cerimoniaes*.»

«*Rito* — diz tambem Lacerda — é a ordem prescrita nas *cerimoniaes* religiosas. «*Cerimonia* é a praxe do *rito*, é o modo por que o *rito* se executa. — O *ritual romano* não prescreve as *cerimoniaes* com que na igreja católica se devem celebrar os officios divinos, e o modo de os celebrar são as *cerimoniaes*.»

Cerne, medulla. — A *medula* é a substancia branda que occupa o centro das ar-

vores; cortada a árvore, a *medula* endurece, torna-se até a parte mais dura do trouco, e recebe então o nome de *cerne*.

Cerrar, fechar. — *Cerrar* indica uma acção mais completa, feita para produzir um estado que dure mais tempo que aquelle que se indica com o verbo *fechar*. — *As lojas fecham-se á noite, para reabrirem pela manhã. Quem cessa de vender cerra a loja.* — *Fechamos os olhos para não ver certas cousas; cerramos piedosamente os olhos ao ente querido que cessou de viver.*

Certame, lucta, concurso. — A *luta* tem por objecto de levar de victoria o adversario; no *certame* não se procura precisamente vencel-o, mas sim excedel-o.

No *certame* procura-se ganhar um premio, ou tornar-se saliente; no *concurso* busca-se obter um exclusivo.

Certeza, convicção. — *Certeza* é o estado do animo convencido por provas evidentes. A *convicção* é uma especie de *certeza* em que faltam provas que tornem o facto evidente. — A *certeza* só se adquire pela vista; a *convicção* provem da razão.

Certidão, attestado. — A *certidão* é o documento em que se *certifica* alguma coisa; o *attestado* é o documento em que se *atesta*.

Vidé *attestar* e *certificar* no artigo *Affirmar*, na página 47.

Certo, verdadeiro. — O *verdadeiro* é a expressão do que é *certo*, porque a verdade é a conformidade da palavra com o facto. Dizemos *historia verdadeira* e não *historia certa*. O *certo* é o que existe, o *verdadeiro* é o que se diz. — Quem julga que é *certo* ter acontecido alguma coisa, e conta o que ouviu tal como lh'o contaram, é *verdadeiro*, mas o facto não o é. Assim é que não pode haver *narracão verdadeira* de um facto que não é *certo*.

Cerva, côrça. — A *cerva* é a fêmea do veado; a *côrça* é a fêmea do corço, que é uma especie de antilope de mais pequeno corpo que o veado. — Estes vocabulos andam geralmente confundidos, mas é necessario extremal-os porque *cerva* e *côrça* são nomes do animaes diferentes.

Cerviz, cachaco, cabeça. — O *cachaco* principia por baixo e logo onde acaba a nuca.

A *cerviz* comprehende a nuca e o *cachaco*. Nas expressões *abaixar a cerviz*, *erguer a cerviz*, e noutras parecidas, *cerviz* diz-se por *cabeça*.

Chafariz, fonte. — Qualquer *chafariz* é fonte, mas nem todas as fontes são *chafarizes*. — A *fonte* pode ter uma ou mais bicas; pode ser architectónica, de construção simples, ou consistir apenas no caudo do qual cae a agua. O *chafariz* deve ter mais de uma bica, podendo indifferenteemente ser de construção simples ou architectural.

Chalaca, gracejo. — Quando estes dois vocabúlos são synónimos, isto é, quando a *chalaca* não é um dito de zombaria — porque a *zombaria* nunca se pode aproximar do *gracejo* —, *chalaca*, ainda assim, encerra uma leve idéa de sátira que o *gracejo* nunca pode ter. Não ha *gracejo* que ofenda; ha porém *chalaças* ofensivas.

Chamar, invocar, chamar por. — Roquete estabelece muito bem a comparação de estes vocabúlos, dizendo:

«A idéa comum de estes vocabúlos é a de dirigir vozes a alguém; eis aqui sua differença.

«*Chamamos* aos homens, ou aos animaes «que existem como nós sobre a terra, isto é, damos-lhes vozes para que venham. *Invocamos* a Divindade, os espiritos celestes, «o a tudo que consideramos como superior «a nós, seja por sua morada no céu, seja por sua dignidade e poder na terra.

«*Chama-se* para qualquer cousa; *invoca-se* para obter socorro num perigo ou numa empreza. — *Chama-se* com acenos, com gestos, ou com vozes, e pelo nome do sujeito; *invoca-se* fazendo votos e suplicando. — Os paes *chamam* os filhos, para lhes «dizerem alguma cousa; os caçadores *chamam* os cães, para seguirem a reacção; os «poetas *invocam* Apolo e as Musas; os atribulados *invocam* a divina Providencia, ou «o santo de sua devoção.

«*Chamar por*, é expressão vulgar da lingua que vale o mesmo que a latinada «*invocar*, *Chamar por Deus*, pelos santos, «por Nossa Senhora, etc., é *invocar* seu nome, recorrer á sua protecção para que «nos acudam.»

E' o mesmo que diz Lacerda:

«*Invoca-se* a Divindade, e tudo o que nos «é superior, para que nos seja em auxilio, «nos socorra. *Chamam-se* os homens, os animaes, isto é, soltamos, damos vozes para «que venham. *Invoca-se* por meio de suplicas. *Chama-se*, não só dando vozes, mas «tambem fazendo gestos, acenos.

«*Chamar por*, é expressão peculiar da nossa lingua (1), o significa *invocar*; **chamamos por Deus**, isto é, **Invocamos**, imploramos o seu socorro.»

(1) Não só da nossa; *chamar por*, em castelhano; *esto call for*, ou *sto cry out for*, em inglez, são expressões verbais que correspondem á nossa *chamar por*.

Nota do A.

Chamar-se, ser chamado. — Estas duas formas de nos exprimirmos nem sempre encerram o mesmo sentido.

Chamar-se de tal nome alguém ou alguma cousa, é ter o nome que se lhe dá, e não outro.

Ser chamado de tal nome, quer muitas vezes dizer que, ignorando-se o nome que a pessoa ou a cousa têm, se lho dá a denominação do que se fala.

A fêmea do vocado **chama-se** *cerva*, mas por confusão é vulgarmente **chamada** *corça*.

Chamariz, engodo, reclamo. — O *chamariz* é o que atrai o público a alguma parte; o *engodo* é a astucia que o engana; o *reclamo* é o que desperta a atenção para o *chamariz*.

As «señoritas españolas decentes» são o **chamariz** que atrai os «patos» ás espeluncas autorizadas que agora por ahí abundam; os meios de que lá se valem para deparar esses «patos» é o **engodo**; o **reclamo** sae nos jornaes.

Chamma, flamma, labareda, fogueira, incendio, lume, fogo.

— A *chama* é a manifestação do fogo, e consequentemente o agente do calor, de que o fogo ou o lume é a causa. — No sentido figurado deve o vocabulo *chama* ser muito mais enérgico que *fogo*, como bem se póde notar nas expressões: o *fogo dos seus vinte anos*, isto é, o ardor proprio da mocidade; e a *chama* que aos vinte anos uns formosos olhos ateião, referindo-nos á paixão avassaladora.

Flama é o nome latino da *chama*, nome que nem no sentido proprio, nem na linguagem familiar tem cabida, mas que em poesia pode com vantagem suprir a acepção metafórica de *chama*.

Labareda é a *chama* que se desprende de um fogo nutrido.

Fogueira é o fogo circunscrito ao combustivel que se apimhou para produzir; so a *fogueira* se alastrar, e occupar maior extensão que a prevista, passa a denominar-se *incendio*.

O vocabulo *lume* designa qualquer combustivel acceso. Considerado o *lume* como causa de clarão e de calor, e tambem como elemento devorador, *chama-se* *fogo*.

De *chama*, *flama* e *labareda* Roquete apenas diz:

«Da palavra latina *flamma*, que, segundo os etimologistas, vem do edico *phlemma*, inflamação, fizeram os Italianos *fiamma*, os Castelhanos *flama*, que nós pronunciamos *chama*; e com elle designamos a parte mais subtil do fogo que se levanta ao alto em forma pyramidal. E' pois a mesma palavra que *flama*, e tem a mesma significação gramatical, mas differem entre si em ser esta palavra culta e poetica, sendo aquella mui vulgar.

«*Labareda* é palavra portugueza, que alguns querem venha do *labarum*, estandarte de Constantino, outros de *lampros*, que em grego significa luminoso, brilhante, o exprime grande *chama*, que se levanta em ala; e faz linguas do fogo muito vivas e ondeantes.»

Comparando muito mal noutro artigo *lume*, *fogo* e *fogueira*, diz o mesmo sinónimoista:

«A palavra *fogo* refere-se a uma causa, *lume* a seu efeito. O chocho forto de uma *pederneira* com outra, ou com o aço, produz *fogo*; aplicado este *fogo* a uma matéria combustível, resulta o *lume*; se se aglomeram matérias combustíveis, *levanta-se uma fogueira*.

«Diz-se vulgarmente *ferir lume*, deve dizer-se *ferir fogo*, e *acender o lume*. O *lume* dá luz, aquece, e coze os alimentos; o *fogo* causa calor, queima e abrasa. — *Acende-se e conserva-se o lume* para os usos domésticos; quando pega o *fogo* numa casa acode-se-lhe com água para o apagar. — *Fazem-se fogueiras* pelo S. João, etc.»

Lacerda exprime-se algo melhor que o precedente. Diz elle:

«*Chama* é a parte mais luminosa do *fogo* que se levanta em forma piramidal acima do corpo que arde. *Flama* tem a mesma significação, porém é palavra preferível para o estilo culto, porque a palavra *chama* se tornou vulgar. *Labareda* designa grande *chama*, que se eleva e ondeia em linguas de fogo.

«*Lume* exprime propriamente o que dá luz e claridade; e o *fogo*, o que causa calor, queima e abrasa. No uso vulgar confundem-se estas palavras; mas, no sentido translativo, deve-se notar com cuidado a diferença que ha entre uma e outra. — Diz-se o *lume da razão*, mas não se pode dizer o *fogo da razão*. Diz-se o *fogo da mocidade*, mas não se pode dizer o *lume da mocidade*. É certo que se diz o *lume* ou o *fogo dos olhos*; porém é porque nos olhos ha estas duas propriedades, pois que, ou cintilam, e dão luz, como o *lume*; ou queimam, o comunicam o calor e ardor da paixão, como o *fogo*. — Todavia é mais correcto dizer o *fogo* do que o *lume dos olhos*.

«*Fogueira* é, por assim dizer, o resultado do *fogo*: é o *fogo* applicado á matéria combustível; é essa matéria acesa, em ala, e grande *labareda* ou brásido.»

Chamejante, ardente, seintillante. — No sentido figurado em que aqui pretendemos comparar estes vocabulos, o que é ou está *chamejante*, é ou está rubro e parece despedir fogo. Quem se sente animado de uma cólera viva tem os *olhos chamejantes*.

Ardente exprime uma qualidade passiva,

inherente ao sujeito, qualidade que este pretende comunicar, ou tornar eficaz para produzir um resultado. *A febre ardente* consome o enfermo. *Um olhar ardente* fascina, causa viva impressão. *Uma paixão ardente* pretende obrigar a que lhe correspondam.

Cintilante se diz do que brilha despedindo luz: *olhos cintilantes*.

Chão, solo. — O *chão* é a superfície do terreno ou do pavimento que pisamos.

Quando a superfície do terreno se considera sob algum dos seus aspectos, ou se atende a alguma das suas qualidades ou propriedades, chama-se *solo*. — O *solo*, também, não consiste apenas na superfície propriamente dita do terreno, mas é considerado como tendo alguma profundidade. — *Chão pedregoso; solo movediço*. — O que está enterrado no *chão* pode ter uma das suas superfícies ou extremidades á mostra; o que está enterrado no *solo* está completamente occulto.

Chãos, confusão, desordem. — A *confusão* é uma *desordem* em que, só com grande custo, se pode restabelecer a ordem. — O *caos* é a *desordem* em que é quasi impossível restabelecer a ordem.

Desordem é o termo genérico, do qual *confusão* e *caos* são como os aumentativos.

Chapa, lâmina. — Falando de metaes, os vocabulos *chapa* e *lâmina* podem frequentes vezes ser empregados indistintamente. Quando, porém, o metal tiver um comprimento considerável, relativamente á largura, dir-se-á *lâmina*, e não *chapa*. — Por outro lado, a *lâmina* pode ser flexível; a *chapa* nunca o é.

Chapada, planura, planalto. — *Chapada* e *planura* designam as superfícies planas que se encontram a certa altura nos terrenos montanhosos. A *chapada* nunca é de vasta extensão, podendo a *planura* ser ou não muito extensa. A *chapada* é agreste; a *planura* é geralmente ridente.

Planalto é a extensa planície a que se chega subindo insensivelmente: *chega-se ao planalto de Évora sem se ter subido nenhuma montanha*.

Chaparro, sobreiro. — *Chaparro* é o *sobreiro* que ainda não dá fruto.

Charlateira, dragona. — A *charlateira* é de metal dourado; a *dragona* é de ouro, prata, seda ou lã. Da *charlateira* não pende franja como geralmente pende da *dragona*.

Chávena, chicara. — Estes dois vocabulos são synónymos perfeitos. Alguns creem que o primeiro, *chávena* — termo de

que não se pode determinar a origem, e que é relativamente moderno na língua— é vocábulo mais correcto, ou pelo menos mais urbano que o segundo, *cheira*, que nós vem do castelhano *jicara*. Seja como for este está já quasi inteiramente suplantado por aquelle.

Chegar, attingir.—*Atingir* denota maior esforço ou difficuldade que *chegar*.

Compare-se com os artigos **Alcaçar, chegar**, na página 62, e com **Attingir, alcançar**, na página 137.

Cheia. Inundação.— A *cheia* só pôde provir de cursos do agua que se avolumam; a *inundação* pôde teressa, ou qualquer outra causa.

Quando o curso de agua se avoluma de modo a ter muito maior altura que a ordinaria, sem porém sair do seu leito, diz-se que há *cheia*, mas não se pode dizer que há *inundação*. So a agua chega a sair do leito empregam-se os dois vocábulos, mas mais frequentemente *cheia*. *Tem havido em Coimbra cheias do Mondego que têm chegado ao altar-mór da igreja de Santa Cruz.* Neste caso, *inundação* seria mais apositado, mas o uso, particularmente falando dos nossos rios, inclina-so mais pelo outro vocábulo.

Lacerda diz de estes termos:

«*Cheia* designa a sobejidão das agnas, «quando crescem nos rios e trasbordam, e «alagam. *Inundação* designa a irrupção das «agnas, que, saindo da madre, caminham, «extendem-se, e cobrem as próximas campinas, etc. *Cheia* diz se sómente dos rios, «etc.; mas *inundação* pode também dizer-se do mar. Deve além do isso notar-se que «a palavra *inundação* se usa frequentemente no sentido translató; *inundação* «de bárbaros, etc.; o que não succede com «*cheia*».

É o que antes de Lacerda havia dito Roquette:

«Posto que no uso comúm da lingua se «confundem estes dois vocábulos, elles são «com tudo distintos em quanto á etimologia, e designam duas cousas que se não «devem confundir. Quando as agnas al- «teiam nos rios, e trasbordam alguns sitios que alagam, chama-se a isto com propriedade *cheia*. Quando os rios saem da «madre, não conhecem limites; extendem «suas agnas pelas veigas, e *inundam* os «campos o prados vizinhos, diz-se que há «*inundação*. — As grandes *cheias* do Tejo «deveria chamar-se *inundações*; porque «muito se parecem com as do Nilo. — Distingue-so mais *cheia* do *inundação* em que «aquella só se diz de rios ou ribeiras, o «esta pode dizer-se do mar, de depósitos «de agua, etc. — Aquella tem só a significação recta, e esta tem também a figurada de multidão excessiva. — Diz-se

«*inundação* de bárbaros, e não pode «dizer-se *cheia* de bárbaros».

Cheiroso, odorifero, perfumado.—*Cheiroso* qualifica tudo o que tem algum cheiro agradável, quer por natureza, quer por lhe ter sido communicado.

Odorifero diz-se do que tem, além do cheiro que lhe é essencial, a propriedade de o transmitir a distancia.

Perfumado diz-se do que exhala um cheiro agradável que lhe foi communicado.

Dos dois primeiros vocábulos diz Roquette:

«A terminação da primeira palavra, *oso*, «que chamam abundanciosa, o a composição da segunda, que se forma de *odor*, «*cheiro*; e *fero*, eu lanço, constituem a verdadeira differença entre ellas.

«Ao corpo que lança de si muito *cheiro*, «quer o tenha de si mesmo, quer lhe fosse «apegado de outros corpos, chama-se *cheiroso*, isto é, em que abunda o *cheiro*. Ao «corpo que por si mesmo lança *cheiro* ou o «produz, e também ao logar ou terra em «que se produzem *cheiros*, aromas, etc., «chama-se com propriedade *odorifero*. — Os «moços adamados esmeram-se em andar «mui *cheirosos*, mas o grande Macedo lhes «lançou um dia esta censura: «*Cheirem os «mancebos a pólvora e não a ambar.*» (SERMÃO DE S. THOMÉ).

«*Odorifero* é palavra culta e mui poética, e de seu uso nos deixou Camões bons «exemplos; falando dos jardins do Calicut, «diz:

«Já chegam perto, e não com passos lentos,
«Dos jardins *odoriferos*, formosos,
«Que em si escondem os régios aposentos.

(*Lus.*, VII, 50.)

«E quando fala de Baccho disfarçado em «cristão, diz:

«Os *cheiros* excelentes produzidos
«Na Panchaia *odorifera* queimava
«O Thyónioo.

(*Id.*, II, 12.)

Lacerda diz de esses vocábulos:

«*Cheiroso* diz-se do corpo que lança bom «cheiro, ou o tenha de si, ou lho tenha sido «communicado. *Odorifero* é o corpo que produz e exhala de si mesmo cheiro agradável. Diz-se também da terra que produz «aromas, cheiros, etc.: — Na *Panchaya* «*odorifera* (CAMÕES)».

Chibata, verdasca.— Estes vocábulos são synonymos perfectos; não obstante parece que *verdasca* devera sómente dizer-se da *chibata* recentemente cortada, isto é, enquanto está verde.

Chibato, chibo, bode, cabrito.

— São nomes do mesmo animal, mas cada um se lhe applica segundo a idade que elle tem.

Nasce o *cabrito*, que principia a denominar-se *chibo* quando cessa de mamar; aos seis mezes dá-se-lhe o nome de *chibato*, e ao chegar ao ano o de *bode*.

Chimera, illusão. — A *illusão* (do latim *illudere*, mangar de) é uma idéa falsa, errônea, sem mais fundamento que o das falsas apparencias que a originam. Este vocábulo designa não só o erro em que laboramos, mas também sugere a idéa de haver fóra de nós objetos que obram de modo a enganar-nos, mostrando-se a nossos olhos sob um aspecto completamente diverso de aquelle que na realidade lhes é peculiar; esta idéa, porém, é secundaria; a principal é relativa ao espirito que recebe essa falsa impressão, que se deixa reduzir por ella, que a embelece, que lhe exaggera o efeito, exagerando também as circumstancias da causa de esse mesmo efeito.

A *quimera* (do latim *chimara*, monstro fabuloso) é uma idéa falsa que provém exclusivamente da nossa imaginação que se apraz em forjar idéas que não têm nem podem ter realização. É portanto a *quimera* uma criação da fantasia que esta, sem que nada o motive, creou o afaga. — A *quimera* é uma abusão mais completa que a *illusão*, mais indiscutível que esta, e de nenhum modo explicável. Todos estamos sujeitos a *illusões*, mas o homem sensato nunca se deixa enganar pela falacidade das *quimeras*.

Chimera, imaginação, visão.

— *Quimera*, nome de um animal fabuloso que tinha cabeça e peito de leão, ventre de cabra, e cauda de dragão, designa aqui um ser ou facto que julgamos real, apesar de não existir, e do qual nos fazemos idéa, mas idéa falsa, como são as idéas que se fazem do que não tem existencia. Este vocábulo, na acceção em que é sinónimo de *imaginação* e de *visão*, tem sentido objectivo, porque relaciona-se mais com a suposta realidade que constitue a *quimera*, que com a pessoa que a forja na sua imaginação. A *felicidade perfeita* é uma *quimera* que nunca perdemos a esperança de alcançar.

Imaginação, quando neste vocábulo se atende ao seu sentido concreto, considera-se relativamente á suposta verdade que a constitue; vem assim a designar as falsas idéas que se fazem a respeito das cousas que vemos sob um prisma enganador, quer provenham de um juizo errôneo, quer de uma apreciação irreflectida. Os antigos sistemas de física e de astronomia eram simples *imaginações*.

Visão é a idéa que se formam os espiritos

exaltados ou transtornados que crêem vêr realmente o que só é producto do delirio ou da alucinação que os transtorna. Este termo é subjectivo, pois a *visão* é considerada com relação ao estado do espirito que a concebe. As *visões das histericas*.

Chimérico, phantástico, imaginario. — *Imaginário* diz-se das cousas que não têm nenhuma realidade, quer se considerem em si proprias, quer com relação ao seu carácter, ou á sua natureza. O que é *imaginário* só existe na *imaginação*, mas opera nella com tal força e efficacia que o espirito chega a formar-se uma *imagem* perfeita do que julga vêr, ouvir, ou sentir, confundindo absolutamente a sua abusão com o original que pudera existir. Uma *doença imaginaria* é sentida com todos os seus sintomas, e em todas as fazes que a *imaginação* lhe attribue, por quem, na realidade, está de perfeita saúde.

O que é *quimérico* differença-se do que é *imaginário*, em o *imaginário* não ter existencia actual, e o *quimérico* o em não dever produzir os resultados que se esperam, e que interiormente antevê quem se abandona á *quimera*. O que é *quimérico* não se funda em nada que seja real ou sólido, mas sim naquilo que nunca produzirá resultado algum. Esperar pelo que é *quimérico* é esperar por cousas irrealizáveis, é ter uma esperança que não se funda em nada que tenha a menor consistencia, nem sequer a menor base.

Fantástico diz-se do que, ainda que se possa reputar não de todo impossível, é vão e falso quer na actualidade, quer no futuro. O *fantástico* é producto de uma imaginação exaltada, desequilibrada talvez, pois, em absoluto, essa imaginação só obedece á *fantasia*, ao capricho. O que é *fantástico* é geralmente extranho, incoherente, pouco ou nada parecido com o que é normal ou habitual, e em vez do producto do bom senso e da razão, melhor parece criação da loucura ou da exaltação.

Chinó, cabelleira. — A *cabeleira postica* e o *chinó* são o mesmo artefacto; mas *chinó* diz-se exclusivamente da *cabeleira postica* que se traz continuamente para disfarçar a calva ou encobrir a cor natural do cabelo, em quanto que, *cabeleira postica*, ou simplesmente *cabeleira*, se diz tanto de aquella que se traz habitualmente como da que se põe em determinadas occasiões. Os velhos que, sem ser calvos, usam *chinó*, trazem-no geralmente por terem vergonha de deshonrar os seus cabelos brancos. Nos theatros ha uma collecção de *cabeleiras*, não de *chinós*.

Chiquetro, possiga. — Nomes que se dão ao lugar onde se criam os por-

cos, e que, no sentido transiati, designam qualquer logar immundo.

No sentido proprio, chama-se *chiqueiro* o logar destinado aos porcos, quer nelle haja ou não esses animaes. *Ter o chiqueiro vasto*. — No sentido transiati, *chiqueiro* não designa precisamente logar immundo, mas sim logar, quo não é proprio para estar gente, por se parecer com o *chiqueiro* dos porcos.

Ao vocábulo *poss'ga* é inherente a idéa de sujidade, de immundície, e, por extensão, de crápula, de vício. *As espeluncas de jogy são chamadas possilgas*.

Chirógrapho, autographo. — A idéa contm a estes adjectivos é a do qualificarem os escritos que provém do proprio punho de quem os assina. Ha porém entre elles alguma diferença. O escrito *autographo* é conhecido, circulou; o escrito *quirógrapho* permanece ignorado, em poder de seu autor, que nunca o mostron a ninguém.

Logo que o escrito *quirógrapho* saê do poder do seu autor, isto é, logo que circula, denomina-se *autographo*.

Chiste, gracejo, facécia, gracola, graça. — O *chiste* recorda uma circumstancia qualquer de que é a sátira ou a censura. Diz-se que um dito tem *chiste* quando, ainda que dissimuladamente, se refere a alguma cousa ou pessoa, quo critica festivamente. O *chiste* não pretende precisamente despertar o riso; basta-lhe revelar agudeza de engenho e conservar o auditorio de bom humor.

O *gracejo* é o dito que movo a riso, sem nenhuma outra idéa accessoria.

Facécia é o *gracejo* que desperta hilaridade. A *facécia* devo ser fina e maliciosa, qualidades quo não são indispensáveis ao *gracejo*. Quando na *facécia* ha malícia sem finura, chama-se-lhe *gracola*.

Graça é termo genérico que pode substituir a qualquer dos anteriores; e tambem, o mais frequentemente, designa a qualidade do quo alegrá e provoca a riso. *Um máscara tem graça* ou *pelo que diz ou pelos ademanos que faz*.

De *gracejo*, *chiste* e *graça* diz-nos Roquete:

« O *gracejo* refere-se á *graça* no dizer, e « só no dizer; pertence á parte intelectual « do homem applicada a um caso: dado na « conversação familiar. O *chiste* supõe uma « censura alegre, porém pensada, da cousa « quo se censura. Pertence tambem o *chiste* « á parte intelectual como o *gracejo*, porém « numa esfera mais ampla. A *graça*, na « parte intelectual, é o resultado do *gracejo* « e do *chiste* unidos. No material das fór- « mas, a *graça* é o conjunto agradável que « produzem as feições de uma pessoa, o ar

« agradável, o atractivo no semblante ou « moneio do corpo.

« Diz-se familiarmente *graça* por *gracejo*; « porém mais se usa no plural, significan- « do ditos galantes e discretos por brinco ».

Lacerda diz o mesmo quo Roquete, mas resumindo:

« *Gracejo* refere-se exclusivamente á *gra- « ça* no dizer. *Chiste* supõe censura agradável. « vei. A *graça* é o resultado do *gracejo* e do « *chiste* unidos. Familiarmente diz-se *graça* « por *gracejo*, significando ditos galantes e « discretos por brinco ».

Chistoso, gracioso. — Quando *gracioso* é sinónimo de *chistoso*—isto é, quando este adjectivo não se refere ao prazer que causa o ver o donaire ou garbo da pessoa —, *gracioso* se diz do quem faz rir falando ou gesticulando, e *chistoso* de quem desperta o bom humor pelos seus ditos geninaes.

Lacerda comparon muito bem estes qualificativos, dizendo:

« O homem *chistoso* recreia com ditos « cheios do sal, applicados com agudeza e « oportunidade. O *gracioso* diverte promo- « vendo o riso com os seus ditos jocosos. O « homem *chistoso* deve tudo á viveza do en- « genho, e á prontidão da imaginação. O « *gracioso* pode valor-se de imitações, de « ditos estudados, da singularidade da sua « propria figura, etc. Um ignorante pôde « ter *graça*, mas não pode nunca ser *chisto- « so*, porque lhe falta instrução e discerni- « mento. »

Chocalhar, bisbilhotar, mexericar, cochichar, segredar. — Os quatro primeiros vocábulos de este grupo, pertencem ao estilo familiar o com elles se designa a acção do dar á lingua, de dizer o que devera calar-se.

Chocalhar indica um modo de falar desagradável, tão desagradável como pode ser o som persistente do *chocalho* que o gado agita continua e inconscientemente. Refere-se geralmente este verbo á acção de revelar segredos proprios ou alheios que sem terem interesse para quem os ouve, fatigam o importunam por serem expostos longa e fastidiosamente.

Bisbilhotar é, propriamente, falar em voz baixa de modo que a certa distancia se ouça apenas o bichanar dos lábios. O verbo suscita ademais a idéa de ser a malidicencia que serve de tema á conversação.

Mexericar, andar com mexericos, denota que o quo se diz de outrem interessa mais ou menos directamente á pessoa a quem é dito.

Cochichar é falar em voz baixa, quasi ao ouvido, ou ao proprio ouvido. Quem *cochicha* pretende não ser ouvido senão da pessoa a quem fala; declara com a sua acção que não quer ser ouvido senão por ella, e

por isso este verbo desperta frequentemente a idéa de que o dito é relativo a algum dos presentes.

Segredar, o mais nobre de todos os termos de este grupo, é sinónimo perfeito de *cochichar*, e o que lhe deve ser preferido fora da conversação mui familiar.

Chocalheiro, llinguarello, garrulo, palrador, falador.—O *chocalheiro* é o falador importuno que assoalha os segredos alheios, e que á falta de esses assoalha os proprios, fazendo-o porém de modo a molestar a quem o ouve.

O *linguarello* é o falador imprudente que, sem fatigar a quem o ouve, como faz o *chocalheiro*, diz quanto sabe, por não poder guardar nenhum segredo. O *linguarello* tem mais de indiscreto que do maldoso.

Garrulo é aquelle que, como os passarinhos que pipiam sem cessar, fala, como se diz vulgarmente, pelos cotovêlos. O *garrulo* não é precisamente indiscreto; pode mesmo saber guardar um segredo, mas a sua conversação é inextinguível, e, com tal que fale, contenta-se com occupar-se de assuntos que não oferecem interesse algum.

Palrador é aquelle que, com tal de não estar calado, fala a torto e a direlto, sem xeio, sem discernimento, como as pegas ou os papagayos.

Falador é o vocábulo de este grupo que encerra idéa mais favorável. O *falador* fala muito, é verdade, mas a sua conversação pode ter atractivos, ser interessante. Não tendo esses requisitos é melhor attribuir-lhe aquelle dos termos anteriores que melhor quadre á sua loquacidade.

Chocar, incubar.—Ainda que estes verbos sejam sinónimos perfeitos, designando tanto um como o outro uma mesma operação, deve notar-se que *chocar* é não só relativo á transformação que se vai operando no ovo, mas também á causa de essa transformação, que é a do calor que ao ovo comunica a ave que sobre elle se mantém. — *Incubar* refere-se apenas á operação ou transformação, sem attender á causa. *As tartarugas depõem os ovos em covas que tapam com areia para que elles incubem com o calor do sol.*

Deve dizer-se *incubadora artificial*, não *chocadeira artificial*, como ás vezes se ouve.

Falando das doenças que se desenvolvem pouco a pouco antes de se declararem abertamente, devemos empregar exclusivamente o verbo *incubar*; *chocar* só muito familiarmente se pode dizer neste sentido.

Chocar, melindrar, offender.—*Chocar* nunca pode passar além do estilo familiar, quer como sinónimo dos vocá-

bulos de este grupo, quer na acepção de «comover».

Chocar diz-se do efeito que em nós produz o que vai de encontro ás conveniências sociais, aos costumes estabelecidos. Com os outros verbos de este grupo, pômos em evidencia a nossa susceptibilidade; com o verbo *chocar* pretendemos melhor examinar a attenção para o facto que produz o efeito, que para o proprio efeito produzido. Ao dizer que *Fulano nos choca com as suas graças*, queremos antes evidenciar a incorrecção de *Fulano*, que o efeito que ella nos causa.

Melindrar e *offender* evidenciam ante tudo o efeito que nos causa o que nos *melindra* ou *offende*; a causa de esse efeito é secundaria com estes verbos. Dizendo que alguém nos *choca* temos de dizer com quo foi que nos causou esse desprazer; não necessitamos dizel-o ao empregar os verbos *melindrar* ou *offender*; elles, só por si, denotam causa sufficiente. — *Offender* tem idéa mais geral que *melindrar*; tudo o que *melindra*, *offende*; mas nem tudo o que *offende*, *melindra*. — *Melindrar* refere-se ao mais delicado ou ao mais ténue da susceptibilidade, e por isso podemos muitas vezes *melindrar* alguém sem intenção de *offender*.

Chocarrice, chalaça.—A *chalaça* é satirica, mas a sátira que envolve é perdoável em attenção á graça ou finura do dito. — Se a *chalaça* fôr grosseira e petulante é *chocarrice*.

Chêco, gôro.—O ovo *chêco* é aquelle que por ter estado debaixo da galinha se encontra em decomposição e não se pode comer.

Gôro diz-se do ovo que por não estar galado não pode produzir, ainda que se deite á galinha.

Chofre (De), de repente, subitamente, inopinadamente.—*De chofre* diz-se de aquillo que, sendo susceptível de succeder ou de fazer-se pouco a pouco, quer successiva mas continuamente, quer por vezes e com intervalos, succede ou se faz do vez, repentinamente e de modo inesperado.

De repente diz-se do que succede ou se faz de vez, por não poder succeder ou ser feito de varias vezes. O que succede ou se faz *de repente*, pode, ou não, ter sido previsto, mas em todo o caso, não era esperado no momento em que se dá.—Esta locução difere da precedente, em *de chofre* indicar uma acção completa, e *de repente* applicar-se só ao seu inicio. *Uma casa cae de chofre. O sobrado aluta de repente.*—Uma pessoa aparece *de repente* onde não a esperavam, e diz-se que *entra de chofre* quando a sua entrada é violenta.

Súbitamente, diz-se do que se inicia inesperada e repentinamente ainda que depois siga um curso gradual e lento. *Sentiu-se subitamente indisposto e teve de recostar ao leito.*

Inopinadamente diz-se do que acontece em contra da opinião que se tinha, isto é, sem que se esperasse que tal acontecesse, nem mesmo se julgasse que fosse possível acontecer.

Choque, embate.—São estes vocabúlos os substantivos com que se designa o encontro mais ou menos violento de dois corpos que se embatem, um levando o outro de impelida, ou um de elles recuando ao encontrar-se com o outro, ou mesmo recuando ambos depois de se encontrarem.

O *embate* é violento; o *choque* pôde ser-o ou não. Em *embate* predomina a idéa de violência e de impetuosidade; em *choque* apenas a de encontro. O navio que *embate* contra um rochedo abre-se e afunda-se; o mal não seria tão grande se sómente tivesse baido *choque*. Duas máquinas lançadas a todo o vapor em uma mesma via, e caminhando uma para outra, têm um *embate* terrível; se ao avistar-se fazem contra-vapor, dá-se entre ellas um *choque* mais ou menos violento, mas não de terríveis efeitos. As ondas alterosas quo o vento impele, vêm *embater* contra a costa, elevam-se a grande altura, desfazem-se em espuma. De duas pessoas que caminhem lentamente e que setoquem ao dobrar de uma esquina, se diz que tiveram *choque*; se caminharem apressadamente, e uma; ou ambas cairam, houve *embate*.

Chorar, prantear, carpir, lamentar.—*Chorar* é o termo genérico, de que os outros são especies. Este verbo indica a acção de derramar lágrimas, sem nenhuma idéa accessoria: *chorar de alegria*; *chorar de raiva*; *cortar cebôlas faz chorar*.

Prantear é derramar pranto ou lágrimas proferindo palavras de saudade. Este verbo determina que é uma desgraça ou uma perda que lhe servo de causa. Não se *pranteia* de alegria, nem do dôr; mas a perda de um ser querido, uma desgraça irreparável, são causas suficientes para nos fazerem *prantear*.

Carpir é manifestar a dôr, não precisamente com lágrimas, mas com demonstrações de pesar ou de desespero. Quem reitorce os braços, arranca os cabêlos, crava as unhas nas suas carnes, grita, deplora e se lamenta, faz o que designa o verbo *carpir*.

Lamentar—sendo o *lamento* uma queixa dorida, acompanhada de gemidos e lágrimas—é manifestar a dôr ou o sentimento por meio de *lamentos*.

O *prantear* pode ser silencioso; o *lamentar*, nunca o é.

Eis como Roquete compara estes vocabúlos:

«Ao derramar, ou verter lágrimas chama-se *chorar*, do castelhano *llorar*, do latim *fleo*. E' termo genérico, pois não só indica as lágrimas que provêm de dôr e aflicção, senão as que por alguma circunstancia se distillam das glândulas lacrimaes.—O fumo, os ácidos, etc., fazem *chorar* os olhos.—*Chora-se* de alegria não menos que de tristeza.—*Choram* também as videiras e os ramos quando se cortam.

«Quando as lágrimas se juntam vozes queixosas, com lamentos e talvez soluços *pranteia-se*. O *pranto* é mais forte e intenso que o *chôro*, porque neste derramam-se lágrimas, e naquella ba efusão de lágrimas com lamentos o soluços.

«*Lamentar* é queixar-se com *pranto* e mostrar de dôr; e também exprime canto lúgubre em que se *chora* alguma grande calamidade. Jeremias *lamentou* poeticamente as desgraças da ingrata Jerusalem, e a esta especie de poema elegiaco se deu o nome de *lamentações*.

«Costumavam os antigos arrancar, ou pelo menos desgrenhar os cabêlos, e disfigurar as faces, na occasião de luto, e para exprimir esta acção do profunda dôr, usavam do verbo *carpir*, e *carpir-se*, ao qual por extensão veio a significar quasi o mesmo que *lamentar*. Do uso de *carpir-se* sobre defunctos se faz menção na Crônica de D. João I. Havia antigamente mulheres a quem se pagava para *carpir-se* sobre defunctos, e acompanhar os enterrados fazendo mostras de dôr e aflicção a que se chamava *carpideiras*. Refere-se pois este vocabulo especialmente ás acções que demonstram dôr e mágoa.

«De todas estas palavras, a mais poetica, e que em logar das outras muitas vezes se emprega, é o verbo *chorar*, de que o nosso poeta fez mui frequente uso, como estão dizendo os seguintes logares.

«Os altos promontorios o *choraram*;
«E dos rios as aguas saudosas
«Os semeados campos alagaram,
«Com lágrimas correndo piedosas.
(Lus. III, 84.)

«As filbas do Mondego a morte escura
«Longo tempo *chorando* memoraram;
«E por memoria eterna, em fonte pura
«As lagrimas *choradas* transformaram.
(Ib., 135.)

«*Choraram-te*, Thomé, o Gange e o Indo
«*Chorou-te* toda a torra que pisaste;
«Mais te *choram* as almas que vestindo
«Se iam da Santa Fé que lbe ensinaste.
(Ib. X, 118.)»

Lacerda, de esses mesmos vocábulos, diz o seguinte:

«Chorar é derramar lágrimas:— *Tambem nascem chorando os reis (VIEIRA).* «Prantear é soltar vozes queixosas, acaso acompanhadas de choro:— *Prantear significa palavras, chorar significa as lágrimas (VIEIRA).* Pranteou o morto com tantas mágoas (COUTO).

«Lamentar é chorar com pranto contínuo, e gritos doridos.

«Carpir-se é queixar-se, lamentar-se, amesquinhar-se:— *Pedem socorro, amesquinham-se, carpem-se (VIDA DO ARCEBISPO).* Carpendo-se com estes... chorava inconsolavelmente. (B. FLOK.)»

Chôro, lágrimas, pranto. — O *chôro*, propriamente, é o acto em que se produzem lágrimas; é a expressão de um sentimento violento que se manifesta vertendo lágrimas.

Lágrimas (do latim *lacrymæ*) é o líquido que corre dos olhos seja qual fôr a causa que o motiva; por isso o sentido de esta palavra é de uma vasta extensão, e necessita geralmente ter um complemento que o determine ou um adjectivo que o qualifique: *lágrimas de dôr, lágrimas de alegria, lágrimas de raiva, lágrimas fingidas; um rio de lágrimas lhe saía dos olhos.*

Frequentemente, *chôro* e *lágrimas* confundem-se; *rompeu em chôro* ou *rompeu em lágrimas* dizem-se indifferentemente. — Não obstante *chôro* melhor exprime a energia da paixão, a violência do sentimento: *romper em chôro profundo*; enquanto que *lágrimas* melhor se dirá com relação á causa ou á natureza de ellas: *verteu lágrimas sin eras; derramou lágrimas de dôr.*

Pranto é *chôro* continuado, grande quantidade de *lágrimas* de dôr ou do pesar: *de pranto as faces banhados.* — O *pranto* é geralmente acompanhado de palavras de dôr e de saudade.

Roquete, no seu dicionario, diz-nos pouco de estas palavras e esse pouco di-o mal; eis o seu artigo:

«*Lágrimas* são gotas de humôr aqueo que saem a pares dos olhos de quem chora. *Chôro* é acção de chorar, ou derramar *lágrimas*, por uma coisa uão extranha a nós e por uma qualidade que nos é inherente.

«*Pranto* é a efusão do sentimento que naturalmente fazemos vertendo *lágrimas*, impulso de uma causa extranha a nós e que nos produz grande dôr. — O *chôro* pode ser mudo e silencioso; o *pranto* é sempre acompanhado de vozes sentidas, e de gritos lamentáveis, e então se chama *pranto desfeito*. Muito hem disse Vieira, falando de David na morte de Ahner:— *Eis que começa David a reben-*

tar em lágrimas, e todos com elle em pranto desfeito. E falando de como foi chorada a morte de el-rei D. Mannel, diz: — *O pranto mais público que se viu na nação portugueza, foi quando chegaram á India as novas da morte de el-rei D. Manuel... Começaram a chorar em grito, e se levantou o maior e mais lastimoso pranto que jámais se viu.*

Lacerda não quiz seguir o modo de ver de Roquete; diz elle:

«*Lágrimas* é o nome que se dá ás gotas do humôr que a compressão muscular faz sair e manar dos olhos.

«*Chôro* é acção do derramar lágrimas, por effeito de uma qualidade que nos é inherente, quando sentimos dôr, ou quando se nos excita a sensibilidade física.

«*Pranto* é a efusão do sentimento em lágrimas abundantes, acompanhadas de gritos, soluços e lamentações. O rir, a alegria, o artificio; a dôr, a afflicção, qualquer causa física, que motiva a compressão dos músculos lacrimaes, faz correr as nossas lágrimas. Nas que são effeito da ternura, ha prazer; nas do *chôro*, amargura; nas do *pranto*, afflicção. As lágrimas das mulheres custam pouco, e valem muito; as dos homens custam muito e valem pouco. O *pranto* denota sempre, ou a fraqueza do ânimo, ou a vehemencia da dôr.»

Chorographico, topographico.

— O que é *topographico* (do grego *topos*, lugar e *graphô*, descrevo) refere-se a uma localidade, ou a uma não mui grande extensão de territorio; o que é *chorographico* (do grego *chôra*, região) tem muito maior extensão. Diz-se: o *mapa topographico de Lisboa, de Cascaes, de uma quinta*; e o *mapa chorographico de um concelho, do Algarve, de Portugal.*

Chorrião, série, successão.

A *successão* considera as cousas de que se occupa como vindo umas após outras: a que apparece vindo depois da precedente desaparecer; na *successão* não pode existir simultaneidade.

A *série* considera os factos ou as cousas como continuadas, tendo entre si uma relação constante ou, pelo menos, muito analogica. Na *série* pode haver simultaneidade ou não, isto é, podem as cousas da *série* vir uma após a outra ter desaparecido, como na *successão*, ou presentarem-se todas simultaneamente, mas por ordem de antiguidade ou de primazia.

Chorrião é a *successão* ininterrupta de cousas ordinarias ou ridiculas. Um *chorrião de disparates, um chorrião de mentiras.*

Chorro, jorro. — Todos os dictionaristas concordam em considerar o vocábulo *chorro* como sinónimo perfeito de *jorro*,

que muitos derivam do grego *rheô*, apesar de entre o termo luso o o helénico mediar a mesma distancia que Voltaire notou existir entre o francez *cheval* e o latino *equus*.

— Para nós, *chorro* é palavra castelhana; e *gorro*, que foi primitivamente sua corrupção (1) na nossa lingua, forma hoje vocabulo distincto, o com distincta significação.

É verdade que muitas mals são as vezes que se lê *gorro* que *chorro*; mas *gorro* não sugere senão a idéa de saída mais ou menos impetuosa, mas abundante de liquido, enquanto que *chorro*, sem suggerir idéa de impeto, nem a de abundancia, manifesta que o liquido são pouco a pouco mas continuamente, isto é, com duração de acção. O sangue *gorra* da ferida. O vinho esteve toda a noite *chorreando* da pipa.

Note-se que *chorrear* não pode substituir-se por *gotejar*, como alguns pretendem — o *chorro* sendo um fio continuo de liquido que sae, e não um derramamento de elle gota a gota.

Choupa, agulhão. — O *agulhão* é de menores dimensões que a *choupa*, e é destinado a uso muito differente. Com o *agulhão* instigam-se os animaes; com a *choupa* armam-se as garrochas, os chuços, etc.

Chovediço, chovoso, pluvial. — *Chovediço*, e *pluvial* são sinónimos perfectos: este é termo científico, aquelle pertence á linguagem usual.

Entre *chovediço* e *chovoso* notaremos que o primeiro só pode dizer-se do tempo que ameaça chuva ou prolongação de chuva; e *chovoso* do tempo em que cá muita chuva, sem porém inculcar que ella se prolongará.

Chrestomatia, selecta, anthologia, florilegio, catalecto, analecto. — *Colecção de trechos escolhidos*, tal é a significação comúm a todos os vocabulos reunidos neste grupo; convencionalmente, porém, attribue-se a cada um de elles determinação particularidade.

Crestomatia (do grego *khrestós*, útil, e *mathein*, aprender) diz-se de uma colecção de trechos selectos de bons autores, coordenados metódicamente em difficuldade crescente para seu estudo.

Selecta, o termo mais usual de todos os do este grupo, designa colecção de trechos selectos de autores de nota, sem nenhuma idéa accessoria a respeito da natureza de esses trechos nem da sua disposição. O estudo das *chrestomatias* é mais proficuo que o das *selectas*.

Anthologia (do grego *anthos*, flor, e *legein*,

colher) designa particularmente a colecção de poesias primorosas. Não quer isto dizer que na *anthologia* não tenham cahida certos trechos de prosa, mas para que nella figurem dovem ser primores de linguagem o de pensamento.

Florilegio distingue-se de *selecta* em nesta torem cahida não só trechos literarios, mas também trechos de obras científicas; ao passo que ao *florilegio* só pertencem os que são puramente literarios.

Catalecto (do grego *katalegô*, en escolho) é a colecção de trechos escolhidos nos autores antigos, particularmente gregos e latinos.

Analecto (do grego *analekto*, recolhido) é a colecção de trechos escolhidos de um só autor. Alguns dão porém a este vocabulo a extensão que tem *florilegio*.

Chrisma, confirmação. — A *confirmação* é um dos sacramentos da Igreja católica; a *crisma* é a administração de esse sacramento. — Diz-se o *sacramento da confirmação*, mas não se diz o *sacramento da crisma*.

Dovemos notar que *crisma* também designa o óleo com que se administram certos sacramentos, mas então diz-se o *crisma*, não a *crisma*.

Christo, Jesus, Jesús-Christo, Messias. Verbo. Redemptor, Crucificado, Sanctissimo. — Com estes nomes ou attributos designam os cristãos o filho do seu Deus, apresentando-o porém cada uma do essas denominações sob um aspecto distincto.

Christo (do grego *khristos*, ungido) representa *Jesús-Christo* como o ungido de Deus, como seu escolhido para a missão que lhe confiou no mundo. E' também o termo que melhor se adapta para representar a idéa da sua morte, e por isso, e extensivamente, se dá esse nome ás representações de *Jesús crucificado*: um *Christo* de marfim.

Jesús representa mais particularmente o homem, a humanidade de *Christo*. — *Jesús* nasceu em Belém. *Christo* morreu no Gólgota. Diz-se o menino *Jesús*, mas não se pôde dizer o menino *Christo*.

Jesús *Christo* representa *Christo* como possuidor das duas naturezas: a humana e a divina: *Jesús* *Christo* foi o salvador da humanidade.

Messias (palavra derivada do verbo hebraico *maska*, ungrir) é o *Christo* considerado na sua missão com relação aos judeus. Os profetas annunciaram o *Messias*.

Verbo é o *Christo* considerado sob o aspecto da sua missão evangelizadora. O *Verbo* veio anunciar o reino dos céos.

Redentor é o *Christo* que se sacrificou e morreu para remir o género humano.

Crucificado é o *Christo* na cruz.

Santissimo é vocabulo quasi exclusivo á

(1) Ainda que não seja muito comúm, não é contrario á indole do portuguez mudar o «ch» castelhano em «c»: assim «chaleco», «chiqueta», etc., vêm-nos do espanhol «chaleco», «chiqueta».

religião católica, e representa o *Cristo* contido na hóstia; é o *Cristo* Deus.

Crônico, inveterado, arrai-gado. — *Crônico* designa o que se tem ha muito tempo. — Se o que é *crônico* se manifesta frequentemente; se está nos hábitos da pessoa, diz-se *inveterado*. — Se o que está *inveterado* se considera como impossível de extirpar, diz-se *arraigado*.

Chuchar, chupar. — Na maioria dos casos, estes verbos podem empregar-se indistintamente, convindo porém em quo *chuchar* pertence só á linguagem muito familiar, devendo fora de ella ser substituído por *sorver*. — Quando quizermos denotar que a acção não tem por objecto extrair algum liquido, empregaremos exclusivamente o verbo *chupar*: — *Chupar um osso*. — Por isso se diz *ficar a chuchar no dedo* (o não *chupar*), pois *chuchar*, tondo sempre por fim extrair um liquido, donota a inutilidade da acção de *chuchar* os dedos.

Chusma, tripulação, marinhagem. — Todos os homens que prestam serviço a bordo de um barco, dosde o capitão ou comandante até ao gramete, fazem parte da *tripulação*.

A *marinhagem*, são os marujos propriamente ditos que a compõem.

Chusma dizia-se particularmente do conjunto dos remadores das antigas galés; hoje é vocabulo pouco usado, mas que ainda pode dizer-se por *marinhagem*, porém não por *tripulação*; e ainda assim só representando a *marinhagem* na movimentação do trabalho, ou como ruidosa e amotinada.

Ciar, singlar, clavogar, remar. — *Remar* é o termo genérico de que os outros são as especies.

Singlar é *remar* com um único remo que se manobra á pópa.

Ciar é *remar* para trás. Também se diz dos barcos de vapor quando manobram para recuar: mandar *ciar* á ré.

Clavogar é *remarem* os remeiros de uma banda e *ciare* os da banda oposta.

Cicatricula, galladura. — Falando dos ovos de galinha, *cicatricula* e *galladura* são sinónimos perfeitos com que se designa aquella mancha branca que na gema indica o gérmen. Por extensão diz-se também *galladura*, da *cicatricula* dos ovos de todas as aves domésticas; porém dos ovos das aves não domésticas só deve dizer-se *cicatricula*.

Cicerone, guia. — *Guia* era, ainda ha pouco, o termo que reunia em si as diferentes idéas que hoje se repartem entre os dois vocabulos de este grupo. Actual-

mente *guia* diz-se da pessoa que num paiz, numa localidade, ou num edificio conduz algum extrangelro para que não se perca, ou para lho mostrar o que ali ha de importante. Quando o *guia*, além de guiar, subministra informações sobre o que vae mostrando, é chamado *cicerone*.

Cidadão, burguez. — *Cidadão* designa não só qualquer habitante de uma cidade, mas, e sobretudo, todo aquelle que gosa dos seus direitos civis.

Burguez é o habitante do burgo ou vila, mas nosta acepção, e carocendo nós do que os francezes denominam *bourg*, não tem este vocabulo uso corrente. Empregá-mol-o somente no sentido quo'em francez se dá á palavra *bourgeois*, homem da classe média, mas só para o mostrar como endinheirado, pouco serviçal, e ainda menos delicado.

Cidade, praça. — *Cidade* é o termo com que se designam as povoações principaes de uma nação, quando são consideradas como um sér moral que têm direitos e deveres.

A *cidade* denomina-se *praça* quando se considera com relação ao seu commercio, e também desde certos pontos de vista militares. A *cidade* de Lisboa. A *praça* do Porto. Elvas é *praça* de guerra.

Cidadella, fortaleza, forte, castello, praça, cidade fortificada. — A *cidadella* é a *fortaleza* que domina a cidade dentro da qual ella está edificada. Se o inimigo se opoderar da cidade, os seus habitantes podem continuar a defender-se na *cidadella*. E' condição da *cidadella* não só o estar dentro do recinto da povoação, mas também oferecer grandes meios do defeza.

Fortaleza é a construção que se eleva em qualquer ponto para defender uma cidade ou um passo. Na *fortaleza* ha sempre guarnição fixa.

Forte e *fortaleza* confundem-se muito frequentemente, mas *fortaleza* nunca se deve dizer de uma fortificação pequena, podendo *forte* designar indifferentemente a que é grande, como a que é mediana. O *forte* pequeno é um *fortim*.

Castelo designa a residencia ou o recinto fortificado e geralmente construido em ponto elevado. Este termo tem hoje tão pouca applicação quanto empregado fol antigamente, principalmente na época que precedeu a invenção da pólvora.

Praça é a povoação fortificada em que ha guarnição permanente.

Rouquete apenas compara *cidade* fortificada e *fortaleza*, dizendo:

«São termos da arte militar, que é mister não confundir. As *fortalezas* differenciam-se das *idades* fortificadas, não só-

«mente porque occupam um espaço mais pequeno, senão também porque estão geralmente occupadas e habitadas por militares. As fortalezas são como umas cidades destinadas a conservar trânsitos importantes, ou a occupar alturas sobre que o inimigo poderia estabelecer-se vantajosamente, e a outros objetos de mais ou menos importância.

«Entende-se por *cidade fortificada*, a que também se chama *praça*, uma povoação cercada de muros e baluartes que a defendem contra o inimigo, e que além da guarnição contém numerosa população. «— A *praça de Elvas* é uma *cidade fortificada*; o forte da *Graça* é uma *fortaleza*.»

Lacerda não compara senão esses mesmos vocábulos, mas de modo infelicíssimo; diz assim:

«*Fortaleza* é uma povoação, não grande, occupada e habitada quasi exclusivamente por militares, com todas as defesas da arte, destinada a conservar pontos importantes com relação à arte da guerra. *Cidade fortificada* que também se chama *praça de guerra*, é uma povoação um tanto considerável, cercada de muros, baluartes, etc., occupada não exclusivamente por militares. O forte da *Graça*, *junto a Elvas*, é uma *fortaleza*; *Elvas* é uma *cidade fortificada* ou uma *praça de guerra*.»

Cifra. zero. — *Cifra* (do árabe *cafar*, mesma significação) é o nome vulgar do algarismo que em matemática deu o nome a *zero*. São pois sinónimos perfeitos estas duas denominações do mesmo sinal numérico; não obstante *zero* é muito mais recomendável, e o único que se pode empregar cientificamente, e até em muitas expressões do domínio comum, como quando, falando do termómetro, dizemos *tantos graus abaixo de zero* (e não *abaixo de cifra*).

Ciganagem. ciganaria, ciganice. — *Ciganagem* diz-se de um conjunto de ciganos; *ciganaria*, da reunião de todos elles. No *Alemtejo* encontram-se numerosos bandos de *ciganagem*. A *ciganaria* não tem domicilio fixo em Portugal, pois ainda que a encontramos em todas as provincias, e mais do que noutra qualquer, no *Alemtejo* e no *Algarve*, vem-nos da *Andaluzia*, e particularmente da provincia de *Granada*.

Ciganagem e *ciganaria* dizem-se também dos actos dos ciganos.

Ciganice diz-se de aquelle que no seu modo de obrar, e com relação aos seus actos, se parece com os ciganos: *Fulano fez-me uma ciganice*.

Cigano. bohemio. — Devido a que a denominação franceza do *cigano* é *bohémien*, alguns, mas impropriamente, os cha-

mam *bohémios*. Ha porém differença considerável entre a significação dos dois vocábulos.

Cigano é o nome do individuo de umaraca ou povo que percorre toda a Europa, as costas dos Estados Berberescos e da Asia Menor, e que entre nós é bem conhecido não só pelo seu amor pela independencia, senão também pela má fama que por todas as partes tem grangeado.

Bohemio, entre outras varias acepções, tem a de designar aquelles que, sendo na realidade apenas uns valdevinos, se julgam artistas ou literatos, vivem ao Deus dará, gritam contra tudo e contra todos, acabando a maior parte de elles por serem levados, ou pelo delirio tremens á enxerga de algum hospital, ou pelos votos dos cidadãos á câmara dos deputados.

Cilada. emboscada. — Se a *emboscada* é cobarde, a *cilada* é vil e cobarde. Na *emboscada* espera-se aquelle que nella bade vir cair sem a ella o baverem atraído. A *cilada* é apostadamente preparada para aquelle que a ella atráem.

Cílio. cêlha, pálpebra. — *Pálpebra* é cada uma das duas tunicas membranosas que, aproximando-se uma da outra, tapam exteriormente o olho.

Cêlha é o conjunto de pêlos que bordam a extremidade de cada *pálpebra*.

Cílio é cada um dos pêlos da *cêlha*.

Cima, cimo. cume. — *Cume* é a linha ou, melhor dito, o extremo do alto do monte; o *cume* porém é considerado como tendo alguma zona que se estende pela pendente ou declive, e não como linha superior.

Cimo ou, melhor ainda, *cima*, é o termo adequado para designar essa extremidade superior do *cume*. E' pelo *cume* que se sobe á *cima*.

Cimalha. cornija. — A *cimalha* não é, como alguns pensam, a propria *cornija*, mas sim a parte superior da *cornija*. A *cimalha* é a moldura que sobressae por cima de todas as molduras que formam a *cornija*.

Cimentar, consolidar. — No sentido figurado em que comparámos estes vocábulos, *cimentar* indica uma acção muito mais eficaz que *consolidar*.

Pretende-se *consolidar* o que de si não está sólido ou firme. Quando uma nação muda de forma de governo, a nova forma necessita *consolidar-se*.

Cimentar indica tornar perdurável o que já está *consolidado*.

Cimitarra. alfange. — Estes substitutos são a denominação de duas espécies de espadas de folha larga e curva; a

folha da *cimitarra* é porém mais larga e mais curva que a do *alfange*.—Ests, última arma, o *alfange*, é particular aos Arabes; aquella, a *cimitarra*, é mais usada pelos outros povos do Oriente.

De estes vocábulos diz Roquette:

«*Alfange* é espada mourisca e turca, larga, curta e curva, que tem só um gume.

«*Cimitarra* é espada pérsica, de aço fino, de figura curva, e de trez dedos delargo.»

Disse o mesmo Lacerda:

«*Alfange* é espada turca, mourisca, larga e curva com nm só gume. *Cimitarra* é «espada asiática, comprida, curva e larga».

Cingêl, junta de bois.—O vocábulo *cingêl* é hoje muito pouco usado, não obstante, e como sinónimo de *junta de bois*, é mui expressivo porque designa a *junta* como unidade comparativa da fortuna do seu possuidor. O *cingeleiro* é o pequeno lavrador que só tem uma *junta de bois*.

Este vocábulo não tem plural, pois não se diz *dois cingêls*, mas sim *duas juntas de bois*.

Cingir, rodear, cercar.—*Cingir* (do latim *cingere*) significa propriamente pôr alguma cousa á roda do uma parte do corpo, principalmente da cintura ou da cabeça, sobrepondo o cinto em voltas sucessivas para melhor defender ou abrigar a parte que se *cinge*. Por extensão se diz que os aros *cingem* as aduelas, para que o líquido contido na *vasilha* não se derrame. Em sentido metafórico se diz que as muralhas *cingem* as povoações fortificadas para as proteger e defender, e— sempre sugerindo essa idéa de protecção e de defeza—se diz que o rei *cluge* o diadema ou a coroa e que o papa *cluge* a tiara—taes emblemas tornando antilgamente sagradas as pessoas do rei e do papa.

Rodear differença-se principalmente de *cingir* em este último verbo expressar que o objecto que *cinge* fica em contacto immediato com a parte que é *cingida*, idéa que não apresenta *rodear*, pois pode-se *rodear* a certa distancia. Uma povoação *rodeada* de montes tem frequentemente grandes tractos de planície entre si e a base de esses montes.

Cercar differença-se de *cingir* em também não indicar contacto immediato entro o que *cerca* e o que está *cercado*; e differença-se de *rodear*, em este último verbo sugerir apenas a idéa de não haver solução de continuidade no que *rodeia*, inclindo *cercar* não só essa mesma idéa, senão também a de o *cérco* pretender impedir que se entre on se saia do objecto ou do local *cercado*.

O que *cinge* rodeia e protege de perto; o que *rodeia* ou *cerca* protege ou envolve de mais ou menos longe. O que *rodeia* está posto mediata ou immediatamente em roda

do objecto rodeado com um fim qualquer. O que *cerca* rodeia exclusivamente para defender, ou para impedir a entrada ou a saída.

Cingir-se, limitar-se.—*Cingir-se* a um assunto, é não entrar em divagações que extendam o discurso.—*Limitar-se* a um assunto é falar só de elle.

Cingir-se tem por fim ser mais breve que *limitar-se*.

Cinta, cintura, talhe.—É frequente o emprego indifferente de estes vocábulos para designar a parte média do corpo humano; é erro.

Cintura é o termo adequnado para designar essa parte do corpo; e também a parte do vestido que nella ajusta.

Cinta é qualquer faixa com que se *cinge* a *cintura*.⁽¹⁾

Talhe é a feição do corpo humano desde os hombros até á *cintura*.

Cinto, cinta, cinturão.—A *cinta* *cinge* a *cintura* dando-lhe voltas sobrepostas.—O *cinto* *clngo* a *cintura* com uma só volta.—Figuradamente deve dizer-se **cinto de muralhas**, não *cinta de muralhas*.

Cinturão é o cinto, geralmente de couro, de que pendem armas, ou em que se traz dinheiro.

Cinzelar, burilar; cinzel, buril.—*Cinzel* e *buril* são instrumentos differentes—o *cinzel* servindo particularmente para a pedra, e o *buril* para os metaes. *Cinzela* o escultor; *burila* o gravador.

No sentido figurado, os verbos *cinzelar* e *burilar* têm nuances diferentes. *Burilar* sugere a idéa de retocar, de atilar o estilo; *cinzelar* a de floreal-o, de embelecel-o. O historiador *buril-a*; o poeta *cinzel-a*.

Cioso, ciumento.—*Ciumento* indica hábito; *cioso* indica estado. Quem é *ciumento* está sempre *cioso*. Pode-se estar *cioso* sem se ser *ciumento*.

Clippo, fuste, columna.—A *columna* consta de trez partes: base, *fuste* e capitél; ou só de duas: base e *fuste*.

(1) Um dos nossos mais distintos gramáticos chega a censurar que até oficialmente se diga *Freixo de Espada á Cinta*, devendo, na sua opinião, dizer-se *Freixo de Espada Cinta* (isto é *cingida*).—Parece-nos que no nome usual de essa povoação se diga á *cinta* por *pendente da cinta* ou na *cinta*.

Se a nossa opinião não for a verdadeira, tem pelo menos a vantagem de, uma vez por acaso, pôr de acordo as reglões officias com a gramática.

O *fuste* é a parte, geralmente ciliudrica, que desde a base vae até ao capitél.

Se o *fuste* da *columna* não fór encimado de capitél, é chamado *cipo*.

Circo, amphitheatro, collisum.

— Confundem-se geralmente estes vocábulos quando se fala dos logares em que os antigos, e particularmente os Romanos e os Gregos, realizavam os seus espectáculos.

O *circo* era destinado aos jôgos; o *anfiteatro* ás lutas e combates.

Os Romanos eram dados ao *anfiteatro*; os Gregos tinham predilecção pelo *circo*.

Colisum ⁽¹⁾ (de *colosseum*, colosso) foi o nome dado ao grande *anfiteatro* que Vespasiano e Tito construíram em Roma.

Circuito, circumferencia, periphæria. — O vocábulo *circuito* não sugere nenhuma idéa a respeito da forma que affecta a figura que é cingida pelo *circuito*; um polígono, um círculo, têm *circuito*.

Circumferencia, em rigôr, só pode dizer-se do *circuito* do círculo. Por extensão abusiva é que os dois vocábulos são sinónimos perfectos.

Periphæria é o contórno de qualquer figura curvilínea.

Circulação, trânsito. — A idéa comum a estes vocábulos é a de «passo livre». Há porém entre elles uma diferente nuance a que geralmente não se atende, mas que lhes é essencial.

Na *circulação* considera-se que ha passo livre para voltar ao ponto de donde se partiu. Não assim de *trânsito*, que só considera a ida em dada direcção.

Quando se fazem reparações numa rua impede-se o *trânsito* de vehiculos por ella, não a *circulação*.

Circumnjacente, circumvizinho. — *Circumnjacente* qualifica o que está dentro de um certo limite que rodeia um ponto. *Circumvizinho* diz-se do que não está distante do limite que rodeia o ponto, dentro ou fora de esse limite.

Os campos *circumnjacentes* de uma povoação rodeiam-na até certa distancia em torno. — Os campos *circumvizinhos* da povoação são todos os campos que não estão a grande distancia do circuíto de essa povoação.

Circumlocução, periphæra. — Designam estes vocábulos o rodeio de palavras de que se faz uso quando não queremos ou não podemos exprimir uma cousa em termos precisos.

A *circumlocução* ou *circumlóquio* ⁽¹⁾ encerra em si um carácter familiar que torna o seu emprego improprio do estilo elevado. Ella não é senão um rodeio de palavras e de expressões desenvolvidas que se emprega em vez da expressão simples e natural, quer por ignorancia ou olvido momentâneo do termo adequado, quer para facilitar a comprehensão do que se diz. Quem no decurso da conversação não se recorda immediatamente da expressão mais breve e adequada a exprimir a sua idéa, faz uso de um *circumlóquio* ou, o que é o mesmo, de uma *circumlocução*. — Também, para não ofender com certos termos menos decentes, ou mesmo para não nos exprimirmos em termos triviaes, fazemos frequente uso de *circumlocuções*.

A *periphæra* (do grego *peri*, em torno, e *phæra*, falar) é essencialmente oratoria e poética, o por isso mesmo não convém ao estilo familiar. É uma figura de retórica com que se substitue á expressão simples de uma idéa uma descripção ou expressão mais desenvolvida, porém só com o fim de dar ao discurso mais energia, mais nobreza ou maior amenidade.

Resulta do differente carácter dos dois vocábulos—diferença puramente convençãoal, porque, como vimos; a etimologia de ambos é a mesma, (*loqui* seudo o equivalente latino do grego *phæra*), que a *circumlocução* pertence á linguagem comum, e tem maior relação com o fundo, ou com as idéas, que com a forma ou com as palavras; e que a *periphæra*, propria á linguagem selecta, é retórica, e tem por isso mesmo maior relação com a forma ou expressão, do que com o fundo ou as idéas.

De estes vocábulos diz-nos Roqueto:

«A primeira de estas palavras, é grega, «*periphæra*», e a segunda latina, *circumlocutio*, e ambas dizem o mesmo que «rodeio de palavras», e consistem em dizer por «mais palavras o que se poderia declarar «por uma só. Diferenciam-se porém estas «palavras em que a primeira é um termo «de retórica; e a segunda é uma expressão «da linguagem comum. A *periphæra* é uma «figura de ornato, mul propria do estilo «poético e oratorio; a *circumlocução* ou *circumlóquio* não se usa por arte nem adorno «senão por necessidade ou conveniência. «A *circumlocução* é pois a *periphæra* comum, «familiar, sem pretensão de estilo e de es- «mero na elocução, e até pode ser muitas «vezes um defeito; a *periphæra* é a *circumlocução* oratoria ou poética feita para afor- «moscar o discurso, enobrecer idéas mul «trilhadas, ou evitar termos vulgares.

«Camões, não querendo usar das quatro

(1) Ou ainda melhor «colisseu».

(1) Tanto «circumlocução» como «circumlóquio» vem do latim «circum», em roda, e «loqui», falar.

«palavras mui vulgares «norte, sul, nascente e poente», disse por *perifrases*:

«Alli se acharam juntos num momento
«Os que habitam o Arcturo congelado,
«E os que o Austro tem, e as partes onde
«A Aurora nasce, e o claro sol se escondo.
(*Lus.*, I, 24).

«E acabando pouco poetica a palavra «vinho», disse tambem por *perifrases*:

«Dá-lhe conserva doce, e dá-lhe o ardente
«Não usado licôr que dá alegria.
(*Lus.*, I, 61.)

«Nas conjugações dos verbos latinos ha
«mais *circunloquitos* quo nas dos verbos gregos e muito mais nas dos verbos das linguas neolatinas, os quaes se não pôdem
«chamar *perifrases* antes são provas da pobreza de estas linguas comparadas com a grega.»

Tambem Lacerda fala de estes vocábulos nos seguintes termos:

«Ambas estas palavras, conforme à respectiva origem grega e latina, significam rodeio de palavras. A *perifrasis* é uma figura de retórica, que se usa por ornato, e consiste em dizer por muitas palavras o que se podia dizer por uma só:—O lúcido planeta que habita o céo primeiro (BARR. *En.*), isto é: a lua.

«*Circunlocução* é a mesma figura empregada não para ornato, mas por necessidade, e, e tambem ás vezes por defeito. Nas linguas modernas ha necessidade muitas vezes de usar de *circunlocuções*, porque, por pobres, carecem das facilidades de que abunda a lingua grega, e logo depois de ella, a latina, que por isso são ambas tão superiormente dotadas de vivacidade e energia.»

Circunlocução, circunloquio.

— Muito frequentemente ouvimos dizer: Não ande com *circunloquios*; mas não ouvimos dizer: Não ande com *circunlocuções*.—Depende isto de *circunlocução* designar particularmente o modo de dizer, e *circunloquio* o proprio dito.

Assim se dirá muito bem que: *A força de circunlocuções enredou-me com os seus circunloquios.*

Circumspecção, prudencia.

A idéa comum a estes substantivos é negativa, pois tanto a *circumspecção* como a *prudencia* nos aconselham a não obrar.

Circumspecção (do latim *circum*, em torno, e *spectare*, olhar) é o vocábulo que melhor se adapta para designar o modo como devemos conduzir-nos quando não sabemos o que da pessoa ou da circumstancia nos pode advir, e nisso se differença bastante da *prudencia*, que é o nome de aquella como

que virtude, que nos desvia de todos os males, de todos os perigos, mostrando-nos o que não devemos fazer para evitar aquillo que sabemos nos pode advir da pessoa ou da circumstancia. Assim, devemos ser *circumspectos* ante o que desconhecemos, e prudentes sempre que prevemos perigo ou mal.
— Tratando com pessoa cujas qualidades desconhecemos usaremos de *circumspecção*, não só para não a ofender, como para não lhe dar azo a prejudicar-nos; tratando com pessoas cujas más qualidades nos são notorias, devemos ter *prudencia*, para que por ella não sejamos ludibriados.

Roque comparando estes dois vocábulos com *descrição*, diz:

«*Prudencia* é a primeira das virtudes cardaes; é a grande arte de viver, como diz Cicero: compõe-se de ciencia e experiencia, dirige para bem todas as nossas acções, ensina ao homem a ser cuidadoso do que a fortuna pode fazer ou desfazer, pois o *prudente* nunca lhe acontecerá que diga:— Não cuidei—, que é a primeira máxima da *prudencia*, como dizia o padre Antonio Vieira:

«A *discrição* e a *circumspecção* são partes da *prudencia*. Aquella consiste na rectidão do juizo para o governo das acções, por cujo meio alcançamos conhecer aquillo que nos importa para conseguir acertadamente o fim proposto; esta consiste em examinar todas as circumstancias, em considerar as cousas por todos os lados, e escolher os meios mais seguros e opportunos para executar o que a *discrição* approva e a *prudencia* aconselha.»

Dos mesmos vocábulos nos fala Lacerda dizendo:

«A *prudencia*, que é, moralmente falando, a primeira das virtudes cardaes, é a arte de saber viver, ensinando o homem a ser precavido em tudo que lhe respeita de qualquer modo.

«A *discrição* é o acertado juizo que fazemos do que nos convém avaliar devidamente, afim de conseguir o que nos propomos.

«*Circumspecção* é a disposição que nos leva a considerar atentamente as cousas, examinando-as por todos os lados, e escolhendo os meios de realizar os nossos intentos.

«A *prudencia* é o género; e são especies de esta virtude a *discrição* e a *circumspecção*.»
Veja se o artigo seguinte.

Circumspecto, prudente, cauteloso.

— Tanto a pessoa *prudente* como aquella que é *circumspecta* primam em examinar com attenção os meios de conseguir o seu intento, mas o *circumspecto* põe maior cuidado em rejeitar os meios que apresentam algum inconveniente, que apressuramento a aproveitar-se dos que lhe parecem convenientes.—O *prudente*, pelo contrario,

não põe menos actividade em aproveitar os meios úteis, que circumspecção em evitar os contrários.

Cauteloso se diz da pessoa que, além de ver todos os obstáculos que podem contrariar o seguimento dos seus fins, deita mão de todos os expedientes que podem contrariar ou aniquillar quaesquer inconvenientes que se possam suscitar.

A *circumspecção* excessiva é um defeito; a *prudencia* é sempre útil; a *cautela*, segundo o fim a que se destina, é louvável ou reprehensível.

Veja-se o artigo precedente.

Circunstancia, particularidade.—A palavra *circunstancia* tem maior extensão de idéa que o vocábulo *particularidade*.

A *circunstancia* é uma das evoluções do facto; a *particularidade* é uma parte da *circunstancia*, ou uma *circunstancia* menor que vem coincidir com a principal.

Fulano é um dos candidatos a certo emprego: eis o **facto**. *Sabe-se que elle é apto para o exercer:* é uma **circunstancia**. *Além da sua aptidão, conta com a protecção do ministro:* é uma **particularidade**.

Circunstanciadamente, minuciosamente.—*Circunstanciadamente* diz-se do que é dito ou escrito de modo extenso, não tão extenso porém como o que se dissera ou escrevera *minuciosamente* sobre o mesmo assunto.

Circunstanciadamente indica que se apontam todas as circunstancias do facto; mas *minuciosamente* presume que os mínimos pormenores de cada circunstancia não estão omitidos.

Circunstantes, auditorio.—Um *auditorio* compõe-se de *circunstantes*, mas os *circunstantes* nem sempre formam *auditorio*.—O *auditorio* ouve; os *circunstantes* presenciam ou atendem. Para ouvir um discurso ha *auditorio*; para presenciar uma desordem ha *circunstantes*.

Ciúme, zêlos, inveja.—*Ciúme*, vocábulo essencialmente portuguez, e que parece formado do verbo latino *cio*, incito, e *mens*, a mente, é, na verdade, a dolorosa impressão de uma paixão sempre originada pelo desejo de possuir exclusivamente o que julgamos que outrem nos disputa, ou que nós pretendemos disputar-lhe.

Este termo melhor faz referencia ao objecto que suscita a paixão que a propria pessoa que a sente, e parece estabelecer que, entre a pessoa que tem o *ciúme* e aquella que o origina, ha pelo menos egualdade de circunstancias ou de condições—egualdade que pôde não ser real, mas que é sempre presumida por aquelle a quem a paixão domina, quando não fôr uma con-

vicção de superioridade que lbe esteja arraigada no ânimo. Em todo o caso, é essa persuasão de egualdade ou de vantagem que faz com que a manifestação exterior do *ciúme* seja excessivamente violenta e apaixonada. A Biblia apresenta-nos um frisante exemplo da violencia do *ciúme*: é na historia dos filhos de Adão, quando o *ciúme* leva Caím a dar a morte a seu irmão Abel por crêr-se com tantos direitos como elle á benevolencia divina.

Zêlos (do latim *zelus*, vocábulo que vem do verbo grego *zêo*, arder) só deve dizer-se, como sinónimo dos outros vocábulos do grupo, em plural, e só para designar os *ciúmes* amorosos.—Os *zêlos* são mais as soberbadores que o *ciúme*, levam a actos de desesperação, ao crime até. O *ciúme* é uma prova de amor; os *zêlos* são a manifestação do desejo de possuir única e exclusivamente a pessoa amada para satisfação do gozo sensual. Othello matou a Desdemona impellido pelos **zêlos**.

Inveja (do latim *invidia*, de *in*, prefixo que indica opposição, e *video*, ver) é o sentimento que nos leva a ver com desprazer e pezar as vantagens alheias, desejando-as unicamente para nós.

Como dissemos, o *ciúme* revela o alto preço em que se tem o objecto que o desperta; a *inveja*, pelo contrario, cbama a atenção, não para o valor do objecto, mas para quem a sente, para o sujeito, patenteando o estado de espirito em que se acha, a paixão que o domina, o desgosto que o avassala.—O *ciúme* é nobre, e por isso nem sempre trata de occultar-se; a *inveja* é vil, e por essa razão o *invejoso* quasi sempre se esforça em dissimular os seus sentimentos. O *ciúme* declara abertamente que quer a posse do objecto; a *inveja*, sempre traidora, seguo os dictames do ardente ódio que o *invejoso* tem a quem é mais feliz do que elle.—Tambem dissemos que o *ciumento* considera-se em condições de egualdade ou de superioridade relativamente ao seu rival; a *inveja*, pelo contrario, afirma ao proprio invejoso a sua inferioridade. Do que a *inveja* pode, e como ella obra, dá-nos tambem a Biblia um bello exemplo na historia de José vendido por seus irmãos.

Roquete só nos fala de *inveja* e *ciúme*, comparando-os do seguinte modo:

«A *inveja* é uma paixão torpe procedida do sentimento penoso que sofre o invejoso pelo bem alheio. *Ciúme* é o zêlo de que o objecto amado se incline para outrem, ou de que elle receba algum dâno.

«A *inveja* é o tormento das almas vis e já vimos do que ella era capaz no artigo

«*Emulação*. (1) O *ciúme* tem mais nobre ori-

(1) Roquete, nesse artigo, diz da palavra que nos occupa:

«A *inveja* é ciúme injusto.

«gem, pois nasce do amor proprio, e da idéa vantajosa que cada um tem da superioridade de seu merecimento; e no amor dos bomens se reputa por fineza, como disse o padre Antonio Vieira.

«A inveja concentra-se, rõe o coração do invejoso, e não ousa apparecer á cara descoberta. O ciúme não se esconde, não se envergonha de manifestar-se, antes rompe muitas vezes com impeto, e com tanta maior violencia quanto é maior sua elevação, como muito bem disse o padre Antonio Vieira: — Não ba ciúmes mais impacientes, precipitados e vingativos que os que tocam no cetro e na corôa.»

Lacerda copiou quasi á letra o artigo de Roquette; diz assim:

«A inveja é uma paixão desprezível, porque nasce do sentimento peouso que ao invejoso causa o bem alheio.

«Ciúme é o zelo, a cuidadosa inquietação do que a pessoa que se ama se inclina para outrem, e lhe ganhe afeição; ou de que ao objeto amado succeda algum mal.

«Em quanto a inveja, por sua tórpe origem, é o tormento das almas vis, o ciúme

«Quando alguns procuram diminuir o mérito dos outros para em despeito de elles se elevarem, esses são invejosos.

«Os invejosos buscam suplantar-se mutuamente.

«A inveja é uma paixão tórpe, um movimento forte e violento, e como uma força da confissão do mérito alheio, que o invejoso, que de elle carece, quizerá tirar-lh'o para se apoderar de elle.

«A inveja degrada.

«A inveja é um incendio interno que devora e consome.

«A inveja é a antagonista da fortuna e da prosperidade.

«A inveja deseja arrancar os olhos a quem lhe faz sombra. Assim fez ella ao capitão Belisario, que, posto em uma choupaninha, junto da estrada, pedia esmola aos passagelros dizendo: — Caminhante, real e meio a Belisario, a quem o valor expoz aos olhos de muitos, e a inveja o privou dos seus.

«Nos tribunaes onde a inveja preside, diz o padre Antonio Vieira, as virtudes são pecados, os merecimentos são culpas, as obras ou boas qualidades são crimes.

«Os invejosos mais sentem os bens alheios que os males proprios.

«Felizmente esta terrível serpe é muitas vezes impotente quando o céo quer cumprir seus designios, como sentenciosamente disse Camões:

«Que nusca tirará alheia inveja
«O bom que outrom merece, e o céo deseja.
(Lus., I, 39.)

«caracteriza, quando não levado ao extremo, as almas nobres, porque nasce da justa apreclação que desejamos que os outros façam do nosso merecimento.

«A inveja oculta-se e dilacera o coração do invejoso. O ciúme, quando razoável, mostra-se, e apresenta os titulos honrosos, com que se justifica. Se rompe em impetos reprovados, então é paixão desordenada, loucura, e, como tal, extravio deplorável.

Cível, civil. — Em jurisprudencia cível diz-se em opposição a «criminal», e civil em opposição a «militar» ou «eclesiástico».

Nas causas **cíveis** debatem-se interesses, não se investigam crimes.

Nos tribunaes **cíveis** não são julgados os que têm fóro militar ou eclesiástico.

Civil, cívico, politico. — O cidadão goza de trez classes de direitos: **direitos cíveis**, **direitos cívicos** o **direitos politicos**.

Os **direitos civis** provêm da propria essência do cidadão; pertencem-lhe, não se lhe podem negar; basta ser cidadão para ter esses direitos.

Os **direitos cívicos** são aquellos que se adquirem a troco de certos encargos.

Os **direitos politicos** são os que o cidadão adquire do governo da patria.

Ir, vir, casar-se, ficar solteiro, comprar, vender, dispôr do que é seu, são **direitos cíveis**.

Poder, sob certa responsabilidade, usar armas; possuir, pagando os impostos correspondentes, carruagens, cavalgadas, e cirenlar com ellas pelas estradas, são **direitos cívicos**.

Influir, mais ou menos directamente, na governação do Estado; eleger ou ser eleito para cargos públicos, etc., são **direitos politicos**.

Civil, polido, bem creado. — *Civil* (do latim *civile*, do *civis*, cidadão) diz-se da pessoa que, nas suas relações sociais, sabe conduzir-se conforme aos usos ou praxes estabelecidas.

Polido ou *politico* so diz da pessoa que, nos seus modos e na sua linguagem, é atilada, correcta; e tambem se diz de aquella que, para proporcionar comodidades aos outros, despreza o inémodo proprio.

Bem creado se diz de aquellé que sabe conduzir-se sem ofender.

Os antónimos de estes vocábulos accentuam alnda melhor a diferença que entre elles ha: — Não se pode censurar a um aldeão o ser *incivil* ou *impolido*, mas censurar-se-lhe com razão o ser *mal creado*. Critica-se o que no homem o torna *impolido*, e leva-se-lhe a mal o que elle faz de *incivil*.

Civilização, cultura. — Onde ha leis, governo correcto, administração de justiça, o quanto pode constituir a ordem civil de um povo, ha *civilização*.

Ali onde se ama o saber, onde se desenvolve cada vez mais a educação litteraria e scientifica, onde ha propensão para as letras e artes, e se protege e se premia aos que sobresaem no cultivo da intelligencia, ha *cultura*.

A *civilização* depende mórmente do regime politico e da autoridade; a *cultura* reside na índole do povo, e nos seus costumes. Ha nações que tem muita *civilização* e pouca ou nenhuma *cultura*. O que não pode haver é *cultura* sem *civilização*.

Sob a denominação de nação *civilizada* se comprehendem todas as classes que a formam; não pode porém dizer-se o mesmo das nações *cultas*, pois nellas ha-de haver forçosamente classes inteiras a que não se possa attribuir tal qualificativo.

Civilizado, policiado, polido.
culto. — *Civilizado* (do latim *civilis*, de *civis*, cidadão) diz-se do povo que está politicamente organizado de modo a contar no seu seio cidadãos. Tem, consequentemente, grande latitude este vocábulo quando se refere a nações, posto que hoje, tanto na Europa como na América, todas as nações se podem dizer civilizadas, já que nellas ha leis que mais ou menos reconhecem que os governos não são outra coisa senão os servidores de quem os acata, e que os súbditos são cidadãos. — O uso porém exige, para que um povo se diga *civilizado*, que tenha não só legislação e governo, mas tamoutros predicados, e entre esses, brandura de costumes, cultura de letras e ciencias, afeição ás artes, o que o seu commercio e a sua industria tendam constantemente a aperfeiçoar-se e a desenvolver-se. Tal povo é *civilizado* porque chegou á altura conveniente para ter cidadãos conscios dos seus direitos e dos seus deveres.

Policiado diz-se dos povos *civilizados* em que as leis são acatadas e onde o governo não se extralimita dos poderes que lhe são conferidos.

Polido é o povo *civilizado* em alto grau relativamente á doçura dos seus costumes e á cultura do que é agradável.

Culto é o povo *civilizado* que cultiva com ardôr as artes e as ciencias. Como dissemos no artigo precedente, um povo *culto* está forçosamente *civilizado*, mas ha povos *civilizados* que estão muito longe de serem *cultos*.

De *civilizado*, *policiado* e *polido*, diz Roquette:

«Concordam estes vocábulos em annunciar cultura e aperfeiçoamento de um povo na ordem social, porém differenciam-se pela maneira seguinte: Quando o povo «deixou os costumes bárbaros e começou

«a governar-se por leis, começou então a «ser civilizado. Quando a civilização foi «progredindo o pela obediencia ás leis «adquiriu o hábito das virtudes sociaes, «diz-se que é *policiado*. Enfim, se em suas «maneiras e acções mostra elegancia, *polidez* e urbanidade, merece todo elle o nome de *polido*, que muitas vezes só se concede a um pequeno numero dos habitantes de uma cidade. — A *civilização* estabelece-se quando se identificam com a educação as leis que formam os bons costumes. Estes aperfeiçoam as leis, e *policiam* os povos. Segue-se depois a *polidez* que «raramente se generaliza a todo o povo.»

De esses mesmos vocábulos diz Lacerda:

«É *civilizado* o povo, que deixados os costumes bárbaros, se governa por leis, e á «sombra de ellas procura aperfeiçoar-se. É «*policiado* o povo que, mediante a obediencia ás leis, e os esforços para aperfeiçoar-se, tem adquirido o hábito das virtudes «sociaes. É *polido* o povo, que não só se «governa por leis, e tem adquirido o hábito das virtudes sociaes, mas também pela «justa apreciação das letras e das artes se «mostra não menos urbano que primoroso «nas palavras, nas acções, e em todo o seu «teor de proceder.»

Civismo, patriotismo. — *Civismo* (do latim *civis*, cidadão) é o fervor com que o homem empree os seus direitos politicos de cidadão; *patriotismo* é o amor que o cidadão tem á patria. O *civismo* só pode ser tido pelo cidadão; o *patriotismo* pode ser de todos; de homens e de mulheres. Os servos russos deram admiráveis provas de **patriotismo** na época da invasão napoleónica.

O cidadão que, por uma ou por outra circunstancia, negligencia de exercer os seus direitos politicos, que não vota, que não se preoccupa de influir nos destinos da sua patria, pode ter muito **patriotismo**, mas não tem nenhum **civismo**.

Cizânia, discordia, desharmonia. — A *desharmonia* faz supôr um estado precedente completamente oposto: o do *harmonia*. — A *desharmonia* nã o implica precisamente idéa de violencia, mas só a divergencia de opiniões.

O termo *discordia* prima pela idéa de violencia que sugere, uão sugerindo porém aquell'outra de succeder a um estado diametralmente oposto, mas também nã o excluindo.

Cizânia é a *desharmonia* ou *discordia* que é suscitada por terceiros.

Dois cônjuges podem estar em **desharmonia** sem se malquistarem; vivendo porém em **discordia**, nunca cessam os ralhos nem as disputas. A inveja alheia pode semear a **cizânia** entre elles, e de esse facto ninguem pode prever as consequencias.

Cizânia, jolo. — *Cizânia* (vocabulo que mais correctamente escrevêrmos e pronunciáramos *zizânia*, tomando-o directamente do latim, se não o houvêrmos tomado do espanhol *cizaña* — a lingua castelhana mudando *z* em *c* antes de *i*) é conjuntamente com *joyo*, o nome de uma planta (*lotium temulentum* dos botânicos).

As duas denominações são usadas em sentido metafórico; porém, se no sentido proprio, designam a mesma graminça, não succede outro tanto no sentido figurado: *joyo* conyindo ao que é de má qualidade, *cizânia* ao que faz nascer a discórdia. Assim diz-se: *não ha trigo sem joyo* (e não sem *cizânia*) para explicar que nada ha de perfeito; e *semeiar a cizânia* (e não o *joyo*) para exprimir que se leva a desunião a alguma parte.

Clamôr, grito, brado, voz. — *Grito* é, de estes vocabulos, aquelle que mais comúmente se emprega para designar uma voz articulada ou inarticulada, dita com esforço. E' portanto um termo genérico de que os outros são espécies, e que tanto se emprega para designar a voz de uma só pessoa, como a de muitas, como até a de alguns animaes: *O ferido soltou um grito de dôr. Um grito unânime saiu da boca dos circunstantes. Ouviu-se ao longe o grito da hiena.* — Além de esta acepção, tem o vocabulo *grito* outra ainda de maior extensão, tal é a de se applicar a toda a especie de vozes que se soltam isoladas, seja qual fôr o sentimento ou sensação que as produza, e assim diz-se *grito de cólera, grito de admiração, grito de horror, um grito da alma, os gritos da multidão, etc.*

Clamôr exprime idéa colectiva; designa gritos confusos e tumultuosos que simultaneamente saem de muitas bocas; só se diz de pessoas, nunca dos animaes. O emprego de este vocabulo desperta sempre a idéa dos gritos serem originados por um mal. O *clamôr público* é a queixa geral de um povo.

Brado é o *grito* esforçado e significativo que, saindo de uma ou de muitas bocas, claramente exprime o desejo ou o sentimento de quem o solta.

Voz, termo genérico, é, na acepção em que aqui o considerámos, a palavra ou a frase que se solta gritando: — *Do meio da multidão saiu uma voz: «molhem as cordas!»* — No plural, *vozes*, diz-se de gritos confusos, do *clamôr*, dos *brados*.

De estes vocabulos diz Roquette:

«*Voz*, ou antes, *vozes*, e os outros vocabulos significam o esforço maior ou menor que fazemos com a voz para que nos ouçam melhor ou para exprimir algum affecto do ânimo. *Vozes* supõe um tom natural esforçado; *grito* ou *gritos*, é voz em «grita, e supõe um tom mais agudo que o natural.

«*Brado* é *grito* esforçado, que se faz ou «vir e talvez resôa ao longe. *Clamôr* é «*grito* esforçado e queixoso, ordinariamente «dos que pedem justiça, ou de muitas pes- «soas que gritam muito alto, sem modera- «ção e como alborotadas, queixando-se, «pêdindo qualquer cousa, mostrando seua «desejos, etc. De aqui velo o chamar-se «antigamente *clamôr* à procissão de preces «e rogações públicas.»

Lacerda define muito melhor estes vocabulos. Diz:

«*Voz* é o som proferido pela boca do ha- «mem e dos animaes. No sentido translativo «atribue-se aos seres personificados, e se «diz *voz da razão, voz da natureza, etc.*, «e aos instrumentos musicos, e se diz a «*voz da rabeca, a voz* ou as *vozes* do «piano, do cravo, etc.

«*Grito*, palavra imitativa, designa voz «aguda do homem, e talvez tambem dos «animaes.

«*Brado* é voz esforçada que se dilata «para se fazer ouvir ao longe.

«*Clamôr* é, propriamente, o clamamento «em voz alta. — Os naufragantes *bradam* «a Deus misericordia.

Clandestino, secreto, occulto.

— Da relação mais intima que estes vocabulos têm entre si, e da significação particular que mais frequentemente se attribue a cada um de elles, resulta que o *secreto* e o *occulto* podem ser effectos necessarios, naturaes e espontâneos, havendo no que é *clandestino* propósito determinado, e emprego de astucia ou do cautela. — A acção da natureza, por exemplo, é *secreta*, é *occulta*, mas nella nada ha de *clandestino*. O contrabando, a conspiração, a intriga, são não só acções *occultas* e *secretas*, mas tambem *clandestinas*. — Segue-se que o que é *clandestino* é geralmente culpavel; tambem o podem ser o *secreto* e o *occulto*, mas estes tambem podem provir da prudencia, da modestia, o da circumspecção.

Depois de determinar a relação que prende estes vocabulos entre si, convem anatomizar cada um de elles separadamente.

Clandestino diz-se de aquilo que fazemos ás escondidas, em contra da lei que julgamos injusta, ou contra uma vontade superior, mas trânica. O que é feito *clandestinamente* não é, geralmente, mau em si; pode ser até muito bom, justo, louvavel; mas peca por ir ofender leis, convenções ou vontades, que têm, ou se arrogam, o direito de impôr-se. **Casamento clandestino; reunião clandestina.** — Notemos que o acto *clandestino* pode frequentemente não ser feito com todos os requisitos que nolle se devem exigir; mas isso provém de taes requisitos não se poderem empregar em virtude do proprio segredo em que o acto se envolve, e não por que-

rer acintemente privar-o de qualquer formalidade.

Secreto diz-se de aquilo quo, pela principal propriedade que lhe é inherente, está disposto do modo que não se vê. Não quer isto dizer que, por se não vêr, a cousa que é *secreta* seja desconhecida; o vocábulo, em si, nem afirma nem nega essa circunstancia; diz apenas que na vontade do autor do facto ba o propósito de o manter longe de todos os olhares, mas não o de subtrahir-o á notoriedade. Todos sabemos que ha uma policia *secreta*, e quem a instituiu não pretendeu provavelmente que o público lhe desconhecisse a existencia; o seu injulto foi que a não vlssem operar. Os proprios membros das sociedades *secretas* tornam notoria a existencia de ellas; o quo fazem é manter no segredo o modo e o quando de ellas funcionarem. — Assim, *secreto*, não indica senão uma qualidade propria ao objecto que qualifica, qualidade que constitue o seu modo de ser, independentemente de qualquer idéa de causa, de indole ou de apreciação. O que é *secreto* pode ser bom ou mau, útil ou nocivo, justo ou injusto, etc. Um tratado *secreto* é um tratado de que não se conhece a existencia on de que, ainda que essa existencia se suponha, não se conhecem as bases. Um *designio secreto* é um designio que de todos é ignorado.

Oculto, na ordem de idéas em que esta palavra tem sinonímia com as outras de este grupo, diz-se particularmente do que é *secreto* para a nossa razão, do que está vedado á nossa intelligencia. Diz-se por isso de tudo o que é demasiado elevadado para a nossa ciencia ou para os nossos conhecimentos, ou cuja causa e essencia, ainda que simplicissimas, escapam á nossa percepção. *Ha um poder occulto que preside aos nossos destinos?—Ha sociedades que obedecem, sem o saber, a um poder occulto.* — *O fim das ciencias occultas era o descobrimento dos segredos da natureza.*—Noutra accepção, que muito se aproxima de *secreto* mas que difere de esse vocábulo, por logo suscitar a idéa da razão de se manter o facto *oculto* ou *secreto*, diz-se do que voluntariamente se conserva ignorado, determinando esta circunstancia da vontade que o que se mantém *oculto* seja ainda mais ignorado que o *secreto*. Os gabinetes europeus podem conhecer a existencia de um tratado *secreto* feito entre duas nações; não podem porém supôr a existencia de aquelle que é *oculto*. Um *designio secreto* é ignorado de todos; mas um *designio occulto* está mais que *secreto*, pois quem o tem esforça-se para que ninguém o descubra.

Clandestino e *secreto* são os únicos vocabulos de de este artigo são comparados por Roquette, cuja apreciação nos parece menos justa. Diz elle:

«Uma cousa é *secreta* quando ninguém

«ou poucos sabem ou conhecem, e é *clandestino* quando se faz ás escondidas, faltando á lei, ou procurando violal-a, sem quo ninguém o conheça. Chamamos *cassamento secreto* ao que por qualquer motivo que nos é pessoal, não declaramos, nem confessamos e ainda ás vezes negamos; e chama-se *clandestino* quando o celebramos ás escondidas sem observarmos a regra, que prescrevem as leis canonicas. *Secreta* é uma junta quando *secretamente* se celebra, não obstante ser permitida; e é *clandestino* quando se verifica *clandestinamente* contra o expresso mandado da lei. De isto resulta que nem tudo o *secreto* é *clandestino*; porém tudo o *clandestino* vem a ser *secreto*; este é licito, aquelle não. — As sociedades que geralmente se chamam *secretas*, são em rigor *clandestinas*, porque as leis as não autorizam, ou as defendem.»

Tambem Lacerda faiz apenas de esses dois vocabulos, dizendo:

«É *clandestino* o acto que se pratica ás escondidas, pretendendo infringir a lei que o véda, sem que ninguém o saiba. É *secreta* a acção de que ninguém, ou raras pessoas tem conhecimento. Assim pois tudo que é *clandestino* é *secreto*, mas nem por isso o que é *secreto* se segue que seja *clandestino*, pois que para assim ser, torna-se necessario que haja lei que o prohiba.»

Clarão, claridade, luz, brilho, esplendor, lampejo. — *Luz*, cientificamente, tem uma significação muito distincta da que geralmente se lhe attribue, pois com este vocábulo exprmimos a qualidade que nos corpos é percebida pela vista e que so manifesta pelas côres; extensivamente se diz do que torna visiveis os objetos, isto é, do que nos deixa vê-los, do que faz com que elles brilhem, muito ou pouco, mas o suficiente para que sejam distintos. É nesta última accepção que a palavra *luz* tem maior sinonímia com as outras do presente grupo, sendo por assim dizer o termo comum do qual todos os outros exprimem uma gradação ou diferente circunstancia; se bem é para notar que na primeira accepção tambem tem analogia com elles, por exprimir o fenómeno de que os restantes são os efeitos; assim é quando por exemplo dizemos: *clarão de luz; claridade da luz; o brilho da luz; o esplendor da luz; um lampejo de luz.* — O dizer-se *luz baça, luz pallida, luz viva*, assim como o dizer-se a *luz da intelligencia, a luz da razão, a luz da fé*, são expressões que mostram que o fenómeno da *luz* uão só pode apresentar-se sobre diferentes aspectos, mas que, figuradamente, se supõe ser uma manifestação das forças que operam no que ha em nós de mais sublime, e portanto, ser a *luz* uma das mais valiosas cousas que podem exis-

tir para o homem.—No sentido mais usual, *luz*, designa qualquer corpo que espalha *claridade*, isto é, que produz uma *luz* bastante viva e duradoura para com ella vermos e distinguirmos os objetos clara e distintamente; assim é quo rigorosamente se pode dizer *á luz da luz*, isto é, *á claridade* que espargue um objeto que produz o fenómeno chamado *luz*.

A *claridade* é pois, como fica dito, aquillo que permite que se vejam e se distingam os contornos e as côres dos objetos; numa palavra, *claridade* é a manifestação da *luz*. — A *claridade do dia* é a *luz do sol*; a *claridade do luar* é a *luz da lua*.

Clarão não é, como dizem os dicionaristas, uma «luz viva», nem uma «claridade intensa», mas sim o resplendor que tinge o ar, e que é produzido por um fogo intenso. Ninguém dirá o *clarão do sol* como se diz a *luz viva do sol* ou a *claridade intensa do sol*. — Quando ao longe vemos um *clarão*, elle não nos alumela; e lá, onde elle tem *luz*, onde dá *claridade*, não é *clarão*: é *luz* ou *fogo* ou *claridade*. — Ha mais ainda, e é que longe de *clarão* ser um amentativo de *claridade*, é-lhe antes um diminutivo, pois ninguém diz os *clarões do meio dia*, ao passo quo se diz, o que se diz muito bem: *aos primeiros clarões da aurora*, *aos últimos clarões do dia*.

Brilho é que os dicionaristas podem dizer que significa «luz viva», «claridade intensa», posto que o *brilho* é a *luz* muito viva, ou a *luz* tal como a vista a não pode suportar ou fixar sem sofrer: os poetas dizem que a *água encara o sol sem que o seu brilho a ofusque*.

Esplendor é a *claridade* ou a *luz* consideradas no que ellas têm de mais belo; assim diz-se o *esplendor dos astros*, o *esplendor do dia*.—Este termo é mais proprio da poesia e do estilo elevado.

Lampejo, é uma *luz* débil, pouco brilhante, talvez o principio da *claridade*, mas que dura pouco tempo. No sentido figurado diz-se que os *loucos têm ás vezes lampejos de razão*.

Roquele apenas compara *clarão*, *claridade* e *esplendor*, caindo a respeito do primeiro de esses vocábulos no mesmo erro em que têm incorrido todos os dicionaristas. Diz assim:

«Quando a *luz* sae de seu estado ordinario pôde avivar-se por diferentes gradações que, segundo a sua intensidade, se differenciam da maneira seguinte.

«*Claridade* é o effeito quo causa a *luz* «*alclarando* algum espaço. *Clarão*, peia força augmentativa da terminação, é grande «*claridade*, e ás vezes forte e rápida. «*Esplendor* é a *luz* mui clara que despede o «*sol* ou outro qualquer corpo luminoso.—O «*clarão* quando é forte incomôda a vista, e «*ás vezes apenas percebemos os objetos*.

«A *claridade* é brauda e mostra-os distinctamente. O *esplendor* pôde deslumbrar se «é mui luminoso, mas apresenta-os em todo o seu luzimento».

Lacerda comprehendeu muito melhor o sentido de esses vocábulos, dos quaes bastante acertadamente diz:

«Estas palavras designam diferentes gradações da *luz*. *Clarão* é o principio da «*claridade*, e *esplendor* é o mais subido grão «da mesma claridade. A's vezes chama-se «*clarão* uma *luz* forte que se mostra e des- «aparece do rápido. O *clarão* deixa ver os «objetos. A *claridade* os mostra distinctamente; e o *esplendor* lhes dá todo o realce, apresentando-os em todo o seu brilho».

Clarear, aclarar-se. — Estes verbos sugerem a idéa de um estado de escuridão que desaparece ante a *claridade*, com esta differença porém:

Clarear indica uma operação gradual em que a *claridade* succede á escuridão depois de mediarrem todas as melas tintas que se podem snpor entre os dois estados.

Aclarar-se inculca que a *claridade* succede immediatamente ás trevas.

Clarete, palhete. — Tem o uso consagrado estes adjectivos para designar a côr clara ou transparente dos vinhos, o assim os tem feito sinónimos perfeitos. Duvidamos porém que na sua origem estas palavras designassem uma mesma côr, e supômos que *clarete* qualificasse os vinhos tintos muito transparentes, e *palhete* os vinhos brancos que tiram ao pálido alourado que tem a palha; exemplo de aquelles é o Colares, e do estes o Bucelas.

Clareza, claridade. — A *clareza* é para o entendimento, e a *claridade* para os olhos. Figuradamente *claridade* diz-se tambem por *clareza*.

De estes vocábulos diz-nos Roquete:

«Posto quo estes dois vocábulos representem a idéa abstracta de «claro», é mui «lógico que designa cada um de elles os «dois sentidos que encerra a voz «claro».

«Para designar o sentido fisico e proprio, «usaremos, como geralmente se faz, de «*clareza*; e assim dizemos a «*claridade* «do sol, da lua, das estrelas, etc. E para designar o sentido moral e figurado, diremos «*clareza*».

O mesmo disse Lacerda copiando quasi de Roquete:

«Para designar o sentido fisico e proprio «usamos da palavra «*clareza*, e dizemos «a «*claridade* do sol, da lua, das estrelas, etc.; mas para designar o sentido moral e figurado usamos da palavra «*clareza*, «e dizemos «*clareza* das ideas, do discurso, etc.»

Clareza, perspicuidade.—Referindo-nos ao estilo, *clareza* não tem o alcance do vocábulo *perspicuidade*. Um discurso mal elaborado pode ter *clareza* apesar de pecar nas outras qualidades que exige; se a *clareza* reunir correcta expressão e pureza, então é perfeito, tem *perspicuidade*.

De estes vocábulos diz muito bem Roquette:

« Consiste a *clareza* em que nas cláusulas de um discurso, e na ligação de ellas entro si, se evito com o maior cuidado toda a obscuridade ou ambiguidade nosentido. Depende pois a *clareza* não só das idéas, senão das expressões e da boa construção das cláusulas; porque ainda que as idéas fossem claras, sendo expressas com ambiguidade ou anfibologia perderiam sua *clareza* e seriam obscuras. (Veja-se **Amphibologia**).

« *Perspicuidade* é como se dissessemos «transparencia no discurso, limpeza no estilo. E' pois expressão mais valente, e denota não só a *clareza* na frase, senão uma escolha de termos que pintem as idéas com lucidas cores ».

Dos mesmos vocábulos diz Lacerda:

« Estas duas palavras servem para designar duas qualidades essenciaes, de que, para ser qualificado de bom, carece o discurso escrito ou pronunciado. Frequentemente se confundem estas qualidades, mas diferem muito entre si, porque a *clareza* refere-se especialmente ás idéas, e a *perspicuidade* ás expressões com que as significamos. A *clareza* requer precisão, rigorosa deducção, e boa ordem nas idéas. A *perspicuidade* requer propriedade dos termos, a sua significação bem definida, e regularidade na construção gramatical ».

Clarificando, destilado.—Frequentemente se confundem estes vocábulos, por exemplo quando se diz «azeite destilado ».

Clarificar é purificar um líquido fazendo precipitar as substancias que nelle ha em suspensão.

Destilar é operar mais complexamente para obter um resultado muito diferente de aquelle que se obtém *clarificando* — a *destilação* consistindo em separar por meio do fogo, e dentro de vasos apropriados, taes como alambiques ou retortas, os elementos voláteis dos elementos fixos de uma substancia.

Claro, diáphano, transparente, translúcido.—*Claro* diz-se, no sentido proprio em que aqui consideramos este vocábulo, do que deixa ver os objetos taes quaes elles são, sem esforço para o observador.

Diáfano (do grego *diá*, a través, e *phaino*, amostro) exprime, como *transparente* e

translúcido, que o corpo de que se trata deixa passar a claridade, mas diz sómente isso, sem nenhuma idéa accessoria. Se em logar de vidros puzer-mos papel ou tela na vidraça de uma habitação, baverá nella claridade, porque o papel ou a tela, deixando filtrar a claridade, são *diáfanos*; mas o vocábulo não nos diz se podemos ou não vêr a través de esses objetos.

Mais explicito que *diáfano* é o vocábulo *transparente*, pois não só exprime que o corpo deixa passar os raios luminosos, mas também os raios visuaes. Assim o vidro, a agua, um véo, são corpos *transparentes*, porque vemos o que, com relação aos nossos olhos, está do outro lado de elles. — Note-se que um corpo, como o vidro, por exemplo, pode ser ao mesmo tempo *diáfano* e *transparente*: *diáfano* por natureza; *transparente* relativamente aos objetos que por elle se podem vêr.

Translúcido (do latim *trans*, a través, e *lucidus*, brilhante) é etimologicamente sinónimo perfeito de *diáfano*; não obstante empregamos este vocábulo para qualificar os corpos que apenas deixam passar a través de si uma parte da claridade que recebem por um lado, e que, por isso mesmo, só muito imperfeitamente deixam distinguir os objetos que elles separam da nossa vista. — Eis a razão pela qual, ao definir este vocábulo no DICCIONARIO ILLUSTRADO, nos abstinemos de adoptar a imperfeita definição que de elle têm dado todos os dicionaristas, e dissemos: « que occupa o termo médio entre o opaco e o transparente: a *porcelana* é **translúcida**. »

De claro, *diáfano* e *transparente* nos diz Roquette:

« *Claro* é o que tem claridade ou luz, que é limpo, puro, não turvo, e assim se diz «manhã **clara**, dia **claro**, agua **clara**, etc. »

« *Diáfano* é palavra grega, *diáphanos* ou *diaphanés* (de *diá-phaino*, faço ver ou brilhar a través), que diz o mesmo que *transparente*, que é palavra latina, *transparens*, do *transpareo*, eu appareço além ou a través; comtudo o primeiro diz-se dos corpos a través dos quaes passa a luz, e o segundo dos corpos além dos quaes apparecem e se vêem os objetos. — A agua reúne muita vez as trez qualidades: é *clara* quando nenhum corpo estranho a enturva; é *diáfana* porque por ella passam os raios de luz; é *transparente*, porque permite se presentem á nossa vista os objetos que em si contém. — Um espelho é *claro* quando reflecte bem os raios da luz, mas por isso mesmo não é nem pode ser *diáfano* nem *transparente*. — O esmalto, com que o nosso poeta representa «Venus cingida, era *transparente* e não *diáfano*. — Um vidro despolido é *diáfano* e não *transparente*. — A *diaphaneidade* dos corpos, diz Newton, resulta não da quan-

«tidade e recta direcção dos póros senão da
«igual densidade de todos as suas partes.
«Sua *transparencia* é feito ou da mesma
«causa ou da falta de adharencia e de con-
«nexidade de suas entreahertas partes. —
«*Diáfano* é termo de fisica de que ás ve-
«zes se faz uso em poesia; *transparente* é
«palavra mais vulgar e geralmente usa-
«da.»

Lacerda apenas compara *diáfano* e *trans-
parente*, dizendo:

«*Diáfano*, segundo a origem grega, diz-
«se do corpo além do qual passa a luz.
«*Transparente* diz-se do corpo além do qual
«aparecem e se divisam os objetos. Uma
«cousa pode ser *diáfana* sem ser *transpa-
rente*, como o vidro não polido. *Diáfano*,
«com quanto seja termo de fisica usa-se
«na poesia. *Transparente* é palavra mais
«vulgar.»

Claro, evidente, manifesto, público, notório. — *Claro* diz-se de tudo quanto se manifesta á vista ou á intelligencia numa claridade perfeita, sem sombra, nem obscuridade ou equivoco. Vemos e comprehendemos perfeitamente o que é *claro*, nenhum dos seus pormenores nos passa despercebido; a nossa intelligencia apodera-se sem esforço de uma demonstração *clara*, sem necessitar que se lhe ajuntem explicações. Uma linguagem *clara* é aquella que, por os seus termos e idéas não apresentarem nenhum equivoco, e por dizer exactamente o que quer dizer, não engana a ninguém, nem pode ser por ninguém desviada do seu sentido.

Evidente, no sentido em quo aqui consideramos este vocábulo, exprime principalmente o modo pelo qual uma cousa se apresenta clara e espontaneamente ao nosso espirito; tal é a idéa primordial de esso vocábulo, pois só secundariamente sugere a idéa do feito de certeza que nos cala no ânimo. Assim diremos que tal cousa ou tal verdade é *evidente* para significarmos que o modo pelo qual ella se nos apresenta é tal que a nossa razão não pode deixar do julgar-a instantaneamente verdadeira.

Ha pois entre *claro* e *evidente* a seguinte diferença: que *claro* refere-se á quantidade de comprehensão que devemos empregar para nos apossarmos da idéa; e que *evidente* se refere ao modo como a cousa se apresenta para nós termos de empregar grande quantidade de comprehensão.

Manifesto (do latim *manifestus*, vocábulo em que entra o radical *manus*, mão) diz-se propriamente de aquillo que é de tal modo comprehensível, visível, palpável, que quasi, por assim dizer, o podemos tocar com a mão. O que é *manifesto* nem está occulto nem velado; vêmo-lo distintamente, está exposto á vista. Uma verdade **manifesta** é vista, por todos, todos a reconhecem sem o mínimo esforço. — Resulta de isso quo

manifesto tem uma significação mais objectiva que *claro* e *evidente*, posto que melhor se refere ao estado do objecto que se considera, que á comprehensão que temos de exercer, ou ao modo como elle requer essa comprehensão. Um crime **manifesto** nem pode dissimular-se, nem está occulto nem velado; está pelo contrario exposto a todos os olhares; mas, para ser visto, é necessario que lhe prestemos attenção, pois se por negligencia não lh'a quizermos prestar, sem que elle deixe de ser *manifesto*, ficar-nos-á desconhecido.

Público, ainda que remotamente, tem certa sinonimia com os vocábulos precedentes, como quando dizemos: a *deshonra de este homem é evidente*, ou a *deshonra de este homem é pública*. — Derivado do latim *publicus* (cuja forma primitiva, *populicus*, derivava de *populus*, povo), *público* diz-se do que é conhecido por todos, do que é universalmente do dominio do povo, mas só falando de factos ou de acontecimentos, pois não se pode dizer uma verdade **pública** como se diz o rumor **público**.

Notório é que tem íntima sinonimia com *público*, mas ainda assim é necessario estabelecer que entre os dois vocábulos ha a seguinte differença: o que é *público* não se occulta a ninguém nem de ninguém; o que é *notório* é geralmente sahido, ainda que trate de occultar-se. Não obstante, ha cousas *públicas* que, pela pouca importancia que têm, não são *notórias*; e ha cousas *notórias* que, sem serem primitivamente *públicas*, se tornaram taes por serem conhecidas de todos.

De *público* e *notório* diz Roquete:

«A verdadeira differença de estas palavras consiste em que *público* é o que corre na voz de todos, o que todos dizem, o que de todos é sahido; e *notório* o que é geralmente sahido, ou conhecido como certo e indubitável. O que é *público*, apesar de ser dito e crido por muitas pessoas, pode ser falso; o que é *notório* é sempre certo, porque só chega a sê-lo pelas provas que se adquirem com este fim. Tudo que é *notório* é *público*, porém nem tudo que é *público* é *notório*; pelo que se diz **público e notório**, e não **notório e público**.

Comparando separadamente *claro* e *manifesto*, diz o mesmo sinónimoista:

«O corpo que tem luz propria ou presta-da, e não carece de cousa alguma para ser visto, é *claro*; assim mesmo é *claro* tudo o que não tem obscuridade ou ambigüidade, ou algum embaraço para hem se entender.

«*Manifesto* é o que, além de *claro*, está descoherito, e em posição conveniente para poder ser visto; e em sentido figurado, o que por si se patenteia e descobre.

«O primeiro refere-se á natureza e pro-

«riedade do objeto; e o segundo mais especialmente á sua posição respectivamente ao espectador.

«A *claro* opõe-se escuro e obscuro; e a *manifesto*, encoberto e oculto».

De esses mesmos vocábulos diz Lacerda:

«*Claro* é o que, mediante luz própria ou emprestada, tem em si mesmo o que é necessário para ser visto. *Manifesto* é o que, sobre ser claro, pela posição conveniente em que está colocado, não pode, regularmente falando, deixar de ser visto. A *claro* opõe-se escuro; e a *manifesto* opõe-se oculto».

Lacerda compara *manifesto*, *público* e *notório*, dizendo:

«*Manifesto* é o que está no caso de ser conhecido por todos; que está patente, descoberto.

«*Público* é o que é conhecido de muita gente, que não é ignorado, que não é secreto.

«*Notório* é o que não só é sabido, ou conhecido de muita gente, mas também é sabido com certeza, e segurança.

«O que é *notório* deve considerar-se como indubitável. A fama basta para que uma coisa seja *pública*, embora seja falsa; mas para que uma coisa seja *notória*, é preciso que, sobre ser conhecida, esteja fora de dúvida, e seja inteiramente certa».

Classe, categoria, jerarchia.

— *Classe* é o termo que indica o grupo em que cabem diversas *categorias*—este último vocábulo designando os graus de dignidade ou de qualidade que se encontram na *classe*. Na *classe* da nobreza cabem na ordem descendente as *categorias* de duque, marquez, conde, visconde e barão. Na democracia pura não há *classes*, mas sim *categorias*.

Jerarquia diz-se por *categoria* quando ha superioridade de mando ou de autoridade: na *classe* eclesiástica as *jerarquias* ascendentes são pároco, cônego, deão, bispo, arcebispo, cardeal e papa.

Classe, ordem, família, gênero, especie. — Todos estes vocábulos designam um conjunto de cousas que, ainda que diferentes, têm entre si caracteres comuns. Na linguagem técnica das ciencias naturaes representam, na ordem em que estão dispostos, o agrupamento em ordem descendente, pela classificação natural ou artificial dos animaes como das plantas considera a *classe* dividida em *ordens*, a *ordem* em *famílias*; a *família* em *gêneros* e o *gênero* em *especies*, cada *especie* estando formada de individuos eguaes.

Na linguagem corrente representam estas palavras idéas análogas ás que a technologia lhe attribue.

Especie (do latim *species*, apparencia, fór-

ma) diz-se da categoria de individuos que têm a mesma apparencia ou forma, e mesmo aspecto, e que se distinguem dos restantes por um caracter específico que só a elles é comum. — O que é da mesma *especie*, quer seres, quer objetos, assemelha-se pela forma e pela disposição geral dos caracteres constitutivos com quanto comprehende essa *especie*, se bem cada ser ou cada objeto difira dos congêneres nas particularidades individuaes e variáveis que constituem o individuo, sem porém essa diferença alterar no mais mínimo a constituição comum, que até se pode dizer intima na *especie*. — A *especie* humana comprehende todos os seres que possuem os caracteres naturaes que formam o individuo homem. Do mesmo modo distinguimos immediatamente entre muitas árvores, muitos frutos, muitas flores, muitos animaes, etc.; aquelles ou aquellas que, pela sua organização natural e pelo aspecto se assemelham de modo a constituirem uma mesma *especie*.

Gênero (do latim *genus*, raça), é, como a *especie*, uma divisão natural que comprehende todos os seres ou objetos da mesma raça e da mesma origem, mas que têm entre si relações que não são tão intimas, tão singulares, como as que se notam entre os individuos da mesma *especie*. — Devemos notar, e este ponto é essencialíssimo, que os vocábulos *especie* e *gênero* se confundem frequentemente, porque um *gênero* pode tornar-se *especie* relativamente a um *gênero* superior; e vice-versa, uma *especie* pode tornar-se *gênero* com relação a uma *especie* inferior. Na applicação de estes vocábulos, porém, deve conservar-se a cada um o seu sentido particular; por exemplo, á humanidade chamaremos *especie humana* quando nella se considerem as qualidades que são comuns a todos os homens; e *gênero humano* quando se considere o conjunto dos homens como constitutivo de uma mesma raça e possuindo uma mesma essência. A *especie humana* pertence cada homem, cada individuo; ao *gênero humano* pertencem todos os grupos de homens que pela cor da pele, pela configuração do crânio por qualquer outra particularidade se assemelham entre si o bastante para constituirem grupo distinto. — Dizer que seres ou objetos são do mesmo *gênero* é muito mais extenso, mas muito menos pormenorizado, que dizê-los da mesma *especie*.

Família apenas na classificação teórica das ciencias tem sinonímia com os outros vocábulos de este grupo; é o vocábulo com que se designa um agrupamento de gêneros que têm um caracter comum.

Assim na *família europeia*, distinta, entre outros caracteres, pelo caracter da cor, cabem os *gêneros* neo-latino, germânico, eslavo, etc., do primeiro dos quaes os portugueses formam uma das *especies*.

Resta-nos comparar os vocábulos *ordem*

e classe, que designam agrupamentos convencionaes, não naturaes.

Diferenciam-se estes dois termos em a *ordem* ser complexa, e a *classe* não.

Na *ordem* entram gradações; na *classe* tudo é igual, ou se reputa como igual.

Assim na *ordem social* cabem a *classe alta*, a *classe média* e a *classe baixa*; entre uma e outra de estas *classes* existem as diferenças chamadas sociaes; em cada *classe* porém os individuos reputam-se eguaes.

Nas *ordens* de cavalaria ha diferentes *classes*: cavaleiros, officiaes, cruzeiros, grandes cruzeiros; nas *ordens* ecclesiasticas ha as *classes* de presbitero, diácono, sub-diácono, osiario, leitor, exorcista e acólito.

Muitas vezes vemos confundir os vocabulos *ordem* e *classe*; a clareza exige porém que não se denomine *classe* o agrupamento complexo, nem se dê o nome de *ordem* ao incomplexo.

Classificar, ordenar, coordenar, arranjar. — A idéa común a estes vocabulos é a do dispôr de modo conveniente.

Classificar é dispôr por *classes*; isto é, agrupar o que segundo certas circunstancias é perfeitamente egual. — Falando de uma só coisa ou pessoa é determinar a classe a que ella pertence. — O naturalista *classifica* os exemplares que recolheu; e estuda por separado cada um dos que desconhece para saber como *classificar* o. — Compete ao juiz *classificar* a natureza do crime.

Ordenar é dispôr por *ordem*, não cousas absolutamente eguaes, mas aquellas que por sua *classe* pertencem a um determinado grupo.

Se o *ordenar* se fizer segundo um plano em que as *classes* se succedam na *ordem* que mais intimamente as relacionar reciprocamente, esse modo de dispôr chamar-se-á *coordenar*.

Arranjar é dar regularidade e harmonia ao que está confuso.

Amontoa-se uma papelada dispersa por gavetas, estantes e calções; desdobra-se papel por papel; endireitam-se as folhas, e dispõem-se regularmente; esta operação denomina-se *arranjar*. Passando revista a cada papel ou a cada caderno, vão-se dispondo, segundo a materia de que tratam, por *classes*; é o *classificar*. As *classes* que têm intima relação entre si, juntam-se num só grupo; chama-se a isto *ordenar*. Dispondo as materias de esse grupo pela *ordem* em que logicamente se devem succeder, faz-se o que se chama *coordenar*.

Para *arranjar* necessita-se método; para *classificar*, sistema; para *ordenar* o *coordenar*, plano.

Classificam-se os corpos naturaes na botânica, na geologia e nas outras ciências

de observação; *ordenam-se* e *coordenam-se* os documentos de uma repartição pública; *arranja-se* o que está em desordem.

Claudicar, coxear. — Estes verbos são sinónimos perfectos, mas *claudicar* é muito menos usado que *coxear*. — Quando a coxeadura é apenas acidental, não permanentemente, não se deve empregar o verbo *claudicar*, este designando mollier que *coxear* a falta constante de firmeza num dos pés.

Claudicar, peccar. — Um documento *claudica* ou *peca* segundo lhe falte algum dos seus requisitos, ou seja nelle algum requisito defeituoso. *Claudica* o testamento que carece de assinatura; *peca* aquelle que testa em contra da lei.

Claustro, corpo docente. — *Corpo docente* é o conjunto dos professores ou lentes de qualquer estabelecimento de instrução.

Claustro é a assembleia dos lentes de uma escola superior, particularmente da universidade, quando reunidos para deliberar.

Cláusula, artigo. — Num contrato, a *cláusula* difere do *artigo* em este estatuir de modo geral uma das circunstancias do assunto, e aquella em particularizar uma das circunstancias que se podem dar na circunstancia principal.

Tal *artigo* de um caderno de encargos estatue que no revestimento de um túnel se empregue exclusivamente cantaria de determinada resistencia. Debatido esse *artigo*, junta-se-lhe a *cláusula* de o empreiteiro poder empregar tijolo em vez de cantaria onde o terreno se apresentar em determinadas condições.

A *cláusula* é portanto um apêndice ao *artigo*.

Cláusula, sentença, phrase, periodo. — Roquete compara estes vocabulos do seguinte modo:

«Têm confundido os literatos estes termos que são em si distintos, e na linguagem técnica da retórica têm cada um de elles seu valor particular que deve conhecer quem se não quizer assimilar ao vulgar no modo de expressar-se.

«Pela palavra *cláusula*, derivada do verbo latino *claudere*, cerrar, se entende uma reunião de palavras que apresenta um pensamento completo ou que forma, como costumam dizer-se, sentido perfeito. Esta palavra técnica é bastante propria, porque, com effeito, cada pensamento completo que eu encerramos está como que encerrado dentro da série de palavras que o exprimem, e não são de seus limites.

«Sentença significa aquella *cláusula* que contém um pensamento *sentencioso*, isto é,

«uma reflexão ou observação profunda, filosófica, ou moral.

«*Fraxe*, voz grega, *phrasis*, locução, expressão (de *phrasé*, enunciar, dizer claramente, falar) não designa precisamente a *cláusula* inteira, senão mais depressa as expressões particulares de que consta, e sinaladamente aquellas em que se encontra algum idiotismo da lingua, ou então o que chamam estilo da lingua; e é neste sentido que disse Vieira, falando da História de S. Domingos:—A lingua contém tanto nas palavras, como na *fraxe*, é puramente da lingua em que professou escrever.

«*Período*, em termos da arte, não significa a qualquer *cláusula*, senão a que está composta de certo modo particular, ou consta de diferentes membros, e se chama *cláusula periódica*.

«Os retóricos dão diferentes denominações aos *períodos*, segundo o número de membros de que constam, e lhes chamam *«bimembres, trimembres, quadrimembres, quando têm dois, trez, quatro; rodeio periódico quando passam de este número; e se são tão longos que apenas pode bastar a respiração para pronunciarlos de seguida, thesis ou extensão. Também os denominam pela especie de conjunção, ou natureza da palavra que encadeia suas diversas proposições; e em consequencia os dividem em condicionaes, causaes, relativos, etc.»*

Eis o que Lacerda diz dos mesmos vocabulos:

«Com quanto muito geralmente se confundam estes termos, são com tudo entre si distintos. *Cláusula*, conforme a origem latina, designa o ajuntamento de palavras que forma um sentido perfeito, isto é, que exprime um pensamento completo. *Sentença* designa a *cláusula* que contém uma observação ou reflexão judiciosa, filosófica, a que se chama também pensamento sentencioso. *Fraxe*, segundo a origem grega, designa a parte ou membro da *cláusula* que contém uma locução, algumas expressões particulares, e notadamente algum idiotismo da lingua. *Período* é a *cláusula* inteira e perfeita do discurso, que de ordinario, entre os retóricos, deve constar de quatro membros. Na poesia é certo numero de estancias em que se dividem as odes, e são, pelo menos, «uma strofe, uma antistrofe e um épodo».

Cláusula. reclusão. — Estes substantivos designam o modo de viver, voluntario ou forçado, de quem não sabe de determinado recito; cada um de elles porém sugere idéa diferente.

Cláusula chama a atenção não só para a estreiteza do recinto em que a pessoa circula, mas também para o modo de viver retirado; *reclusão* para o proprio estado da pessoa reclusa.

As freiras vivem em clausura. Os presos estão em reclusão. — Os paralíticos estão **reclusos**, não **enclaustrados**.

A *reclusão* é sempre uma *clausura* mais ou menos forçada.

Clava, maça. — A *maça* era uma arma offensiva dos antigos que consistia num pesado pau que ia engrossando desde a extremidade superior até terminar num bojo ovalado.

Quando a *maça* era nodosa tinha o nome de *clava*. Falando da arma ordinaria de Hércules, diz-se *clava* (não *maça*).

Clemencia, misericórdia, piedade, compaixão, commiseracão, indulgencia. — A *clemencia* é uma virtude activa em que intervem a vontade; sugere nos sentimentos do *piedade* para com aquellos dos nossos inimigos que são mais fracos do que nós, e induz-nos a minorar os castigos, ou a perdoar completamente as ofensas de aquellos que podemos tratar com rigôr ou severidade. — A *clemencia* só se exercita do forte ou superior para com o fraco ou inferior, não vice-versa, nem entre eguaes.

A *misericórdia* (do latim *misericordia*, de *misereri*, ter piedade, e *cor*, coração) é uma virtude que mais depressa induz a perdoar que a minorar o sofrimento ou o rigôr. — *Augusto foi clemente para com Cinna. Deus é misericordioso para com os pecadores.* — Além de esta aceção, o vocabulo *misericórdia* tem outra em que continúa a subsistir a sua sinonimia com *clemencia*, e é a que designa aquelle impulso que leva o homem a compadecer-se do sofrimento alheio, intentando aliviar e socorrer, segundo as suas forças, aquelle que sofre.

A *piedade* e a *misericórdia* confundem-se na maior parte dos casos, pois uma e outra nos fazem ter dó de quem sofre, e ambas nos induzem a pôr um termo ao sofrimento alheio. *Piedade*, porém, é um termo mais genérico que *misericórdia* e por isso mesmo cabe ter *piedade* onde muitas vezes a *misericórdia* não é dado infnir. Em primeiro logar a *misericórdia* só pode intervir no mal ou no sofrimento que é actual, e a *piedade* pode não só ir como ella em auxilio de quem sofre esse mal, senão também operar de modo negativo, ou só exercer pressão moral para evitar o sofrimento alheio: — tanto por *misericórdia* como por *piedade* socorremos um desgraçado; mas só por *piedade* (que não por *misericórdia*) nos cohibimos de fazer a outrem o mal que elle quizera fazer-nos. — Além de isso, *misericórdia* designa uma virtude que a propria solidariedade humana nos aconselha; e em *piedade* ha, em muitos casos, uma como superioridade por parte de quem pratica — o *piedoso* considerando-se fóra do alcance do mal que o move a esse senti-

mento.—Injuriado ou ultrajado por alguém que seja menos forte ou menos poderoso, um homem de coração tem *piedade* do ofensor e lhe perdôa.

A *compaixão* (do latim *cum* , com, e *pati* , sofrer) é um sentimento de *piedade* que consiste mais em compartilhar o sofrimento alheio que em socorrê-lo. As lágrimas de uma mãe que acaba de perder seu filho causam nos *compaixão* (não porém *piedade* e muito menos *misericórdia*).

A *comiseração* é uma *compaixão* moderada, uma espécie de associação da nossa dor á dor alheia, mas não de modo vivo e violento, pois a causa que a origina comove-nos, mas não nos apaixoa.

A *compaixão* tem-se de todos: de superiores; como de eguaes, como de inferiores; a *comiseração* só se sente pela inferioridade. Ao ver um paralítico que jaz prostrado no leito, o válido, o forte, sente-se movido pela *comiseração* .

Indulgencia só tem maior sinonímia com o primeiro vocábulo de este grupo. Designa particularmente o carácter de aquelle que não sabe mostrar-se severo, que perdôa sem esforço qualquer espécie de ofensa ou de falta. Devemos ser *indulgentes* para com os defeitos do próximo. Um bom pae não deve ter *indulgencia* para com o filho que é vicioso.—A *indulgencia* está muitas vezes bem longe de ser uma virtude; quando é excessiva, é defeito; porém nunca pode ser vicio.

Roque, comparando primelramente *clemencia* com *misericórdia* , diz o seguinte:

«Têm por objeto estas duas virtudes fazer bem ao desgraçado, minorar-lhe seu mal, mas cada uma de ellas por seu modo e de diferente motivo.

«É a *clemencia* aquella virtude que tempera e modera o rigôr da justiça; e a *misericórdia* a que inclina nosso coração a compadecer-nos dos trabalhos, desgraças e misérias dos nossos semelhantes, e procurar socorrê-las.

«A *clemencia* considera o homem com relação á sua fragilidade ou malícia; a *misericórdia* , com relação á sua infelicidade ou miséria. A primeira é o effeito da bondade ou da generosidade do ânimo que mitiga o rigôr merecido, ou perdôa os agravos que pode legalmente castigar; a segunda é o effeito da compaixão que inclina a executar aquellas obras que podem aliviar os males ou consolar as affeições. A *clemencia* não é de justiça, antes a debilita mais ou menos: por isso os estoicos a tinham por fraqueza de ânimo. A *misericórdia* porém não é fraqueza, senão justiça e caridade, e tem que ser olhada como virtude até pelos mais rígidos estoicos.

«Impiora-se a *clemencia* ou a *misericórdia* de aquelle de cuja vontade depende o castigo ou a vingança; porém é com diferen-

tes relações: na *clemencia* pedimos um effeito de generosidade, na *misericórdia* um effeito de compaixão. Por isso ás obras de *misericórdia* não se pode chamar, com egual propriedade, obras de *clemencia* .

«Segundo o Evangelho todos devemos ser *misericordiosos* ; aos soberanos, aos príncipes e aos que administram justiça só pertence ser *clementes* .»

Comparando mais adeante *indulgencia* com *clemencia* diz o citado siuonimista:

« *Indulgencia* é a facilidade em perdoar ou dissimular as culpas; a *clemencia* é uma virtude que tempera e modera o rigôr da justiça. Aquella pôde ser comum a todos os homens; esta só é propria dos príncipes o dos que administram justiça. —A *indulgencia* pode degenerar em fraqueza; a *clemencia* pôde nascer de *misericórdia* ».

Noutro logar, comparando *compaixão* e *piedade* , diz;

«A *compaixão* é a lástima que nos causa o mal alheio, e como que padecemos com os infelizes. Quando ella se eleva, sobe de ponto e se mostra magnânima e como inexgotável, faz bom generosa e desinteressadamente, ainda aquelles que lhe causam mal, chama-se *piedade* , que é o condoimento do mal alheio com vontade effeaz de o remediar».

Lacerda compara primelramente *clemencia* com *misericórdia* , e diz:

« *Clemencia* é a virtude que modera o rigôr da justiça. A *misericórdia* é a virtude que nos inclina o coração a compadecer-se dos infortunios dos nossos semelhantes, e a dar-lhes socorro. A *clemencia* considera, no homem, a sua fragilidade ou malícia; a *misericórdia* a sua infelicidade e desamparo. A *clemencia* pode degenerar em fraqueza, porém a *misericórdia* nunca pode ser senão caridade.»

Depois, comparando *clemencia* com *indulgencia* diz, com muito mais criterio que Roque:

« *Indulgencia* é a facilidade em desculpar e suportar as faltas de outrem. A *clemencia* , como já se disse, é uma virtude que tempera o rigôr da justiça, perdoadando a pena, etc. A *indulgencia* supõe o conhecimento e compaixão das imperfeições e fraquezas da humanidade, que por isso dissimula, e desculpa. A *clemencia* supõe generosidade, e nobreza de sentimentos, por isso mesmo que renuncia ao uso de direitos legittimos».

Quande compara *compaixão* com *humanidade* diz:

« *Compaixão* é a lastima que nos causa o mal alheio, e que faz que a sua dor nos dêa como propria. *Piedade* é o pesar, o condolimento do mal dos nossos semelhantes, com a vontade effeaz de lhes valer, e o remediar.»

Clerezia, clero, clero, clero, sacerdotio. — Dos dois primeiros colectivos, *clero* diz mais que *clerezia*, pois este designa mais frequentemente a corporação dos clérigos adscritos a uma igreja, ou os que residem numa povoação ou pequeno território, e *clero* os de uma nação ou mesmo os de todo o orbe católico.

Clerezia diz-se familiarmente também para designar o estado ou condição do padre católico; é exemplo que não deve imitar-se, pois *clericato* e *sacerdotio* são os termos adequados para exprimir essa idéa: *clericato* exprime a sem nenhuma outra idéa accessoria; *sacerdotio* sugere a idéa da missão de que os membros do clero estão incumbidos. — Pode dizer-se que o *clericato* é um modo de vida, mas com o termo *sacerdotio* nunca se deve exprimir essa idéa; em cambio melhor se diz que o *sacerdotio* é uma missão divina, que o *clericato* é missão divina.

Clérigo, padre, sacerdote, presbytero, ecclesiástico, religioso. — *Clérigo* diz-se de quantos têm alguma ordem sacra, maior ou menor.

Padre é termo genérico com que se designa qualquer *clérigo* secular que diga missa. O termo em si é nobre, porque faz considerar o carácter sagrado que torna o homem representante de Deus e *pae* espiritual dos crentes; não obstante o vocábulo presta-se a todas as interpretações, como se vê nas expressões tão comuns: *é padre*, *e basta*; *levar vida de padre*; *comer como um padre*, etc.

Sacerdote (do latim *sacerdos*) é também expressão geral para designar o *ecclesiástico* no uso das suas funções, ou como autorizado a presidir ás cerimónias do culto. Não só se diz do *padre* católico, mas também de qualquer ministro de qualquer religião que admita sacrificios: *sacerdote egipcio*, *sacerdote de Júpiter*, os *sacerdotes israelitas*. — Não se diz porém dos ministros das religiões que não admitem sacrificios; assim pode dizer-se *padre protestante*, mas não *sacerdote protestante*. — Este vocábulo é sempre nobre, e por isso não se presta a ser tomado em sentido jocoso ou deprimente.

Presbytero (do grego *presbyteros*, comparativo de *presbus*, ancião) representa o *ecclesiástico* revestido da autoridade que lhe dá o seu carácter sagrado, o seu desengano das pompas do mundo, a sua ciência do que é divino: é o *ancião*, o *guia*, o *pastor*.

Ecclesiástico é o vocábulo que designa a condição social do *sacerdote*, a classe a que elle pertence. Seja qual for a hierarquia do indivíduo consagrado ao *sacerdotio*, é sempre *ecclesiástico* — isto é, homem do Igreja —: prelados, abades, *presbyteros*, simples seminaristas, são *ecclesiásticos*. — Não obstante, não vemos empregar frequente-

mente este vocábulo para designar os membros das ordens religiosas; nesse sentido é muito mais frequente o termo *religioso*: *religioso regnante*.

Cliente, constituinte. — Designam estes vocábulos a pessoa que faz de outra seu procurador ou representante; cada um porém representa essa pessoa de modo diferente.

Cliente diz-se do indivíduo, como dependendo da protecção, dos bons officios da pessoa que cuida dos interesses de elle.

Constituinte representa o mesmo indivíduo como credôr da confiança que depositou naquella que nomeou para seu procurador.

O *advogado* é o patrono do seu *cliente*, e tem obrigação de defender os interesses do seu *constituinte*.

Clima, zona. — *Clima*, no sentido em que consideramos o vocábulo nas suas relações com *zona*, indica o espaço comprehendido entre dois paralelos terrestres, mas em condições de temperatura idêntica, ou quasi idêntica, em toda a extensão comprehendida dentro dos seus limites.

Zona indica também, como *clima*, o espaço comprehendido entre dois círculos paralelos ao equador, mas a *zona* considera a temperatura de modo mais geral que o *clima*; isto é, os tipos geraes — tórrido, temperado e glacial — determinam as *zonas*; as subdivisões de cada *zona*, constituem os diferentes *climas*.

Portugal, situado na *zona* temperada, tem diversos *climas*.

Clinica, clientela. — A *clientela* é o conjunto de doentes que recorrem a um mesmo médico.

A *clínica* é a prática da medicina que o médico exercita na sua *clientela*.

Um bom médico tem numerosa *clientela* (não numerosa *clínica*). — Um médico adota na sua *clínica* (e não na sua *clientela*) tal ou tal tratamento.

Sendo estes vocábulos tão diferentes, não podemos explicar-nos a razão de os dicionaristas os darem por sinónimos perfectos, sem sequer indicarem que se o vulgar os confunde é por méro abuso.

Clyster, ajuda. — *Clyster* (do grego *Muster*, de *klusein*, lavar); é o termo técnico, e o único que deve ser empregado quando no liquido de que o medicamento se compõe entrem substancias medicamentosas.

Ajuda é expressão vulgar.

Coadjutor, vigário. — O *sacerdote* que numa freguezia ajuda o pároco no seu mysterio chama-se *coadjutor*.

Vigário é o *sacerdote* que está á frente

de uma freguezia quando nella não ha pároco colado, ou quando este se acaba ausente. — Também, nas ordens regulares, se diz de aquelle que assume as funções e a autoridade de algum dos superiores principaes, na ausencia, falta ou indisposição de este.

Coadjuvar, ajudar. — Na ordem de idéas em que neste artigo consideramos estes verbos, diferente de aquella em que já os comparámos na pagina 59, estabeleceremos entre elles a seguinte diferença. — *Ajudar* sugere a idéa de a parte mais importante do trabalho ou da operação ficar a cargo de quem é *ajudado* — quem *ajuda* occupando-se apenas de aquilo que é secundario.

Coadjuvar, referindo-se a duas ou mais pessoas, divide entre ellas o mesmo trabalho, sem inferioridade em quanto á importancia ou qualidade, podendo porém haver inferioridade com relação á quantidade, o *coadjuvado* fazendo mais que o *coadjuvante*.

Quem ajuda é inferior; quem coadjuva colabora.

Coagir, constanger, forçar, obrigar, violentar. — *Coagir* e *constanger* sugerem a idéa de obrigar a alguém a fazer ou a não fazer alguma cousa, empregando para isso a força ou a violencia fisica, ou exercendo pressão moral (1). — *Coagir* porém rovela que a reluctancia ou a opposição existe no *coagido* até ao fim da acção; *constanger* supõe, pelo contrario, que o *constrangido* delibera, a partir de certo momento, a executar o que as circunstancias lhe impõem.

A necessidade de obter dinheiro para pagar aos credores *constrangeu* aquelle negociante a valer-se dos usurheiros. A devassidão dos filhos *constrange* os pais a serem severos. Os tormentos da inquisição *coagiam* as victimas a dizer quanto de ellas exigiam os algozes.

Forçar é também atentar contra a liberdade alheia pela força fisica ou pela pressão moral; mas neste verbo sobressae a idéa do poder irresistivel que leva o *forçado* a obrar ou a não obrar, segundo a vontade de aquelle a que não pode deixar de obedecer. Um tirano pode *forçar* os seus vassallos a obedecerem-lhe exteriormente; não pôde porém *coagil-os* á submissão interior. — Assim, *forçar* differença-se de *coagir* em este verbo chamar a atenção para a reluctancia do *constrangido*, e aquelle para a força de quem obriga.

Obrigar é *constanger* em virtude de uma obrigação, ou pelo menos, em virtude de uma força moral que se considera como uma obrigação. As conveniencias sociais *obligam-nos* muitas vezes a tratar com

pessoas que quizeramos evitar. A lei *obriga-nos* a respeitar a propriedade alheia.

Violentar é *forçar* pela violencia, isto é, exercendo uma pressão brutal.

Roqueete compara *obrigar*, *precisar*, *forçar* o *violentar*, dizendo:

« *Obrigar* é um acto do poder que impõe um dever ou uma necessidade.

« *Precisar* é um acto de opressão pelo qual se põe a uma pessoa na precisão de fazer uma cousa contra sua vontade.

« *Forçar* é um acto de potencia e de vigor, que por sua energia destrõe a de uma vontade oposta.

« *Violentar* é um acto de violencia ou de brutalidade, que emprega o mais forte para lograr o que de outro modo não puderá alcançar ».

Lacerda não fez senão copiar o que Roquette escreveu; diz elle:

« *Obrigar* é impôr um dever ou uma necessidade.

« *Precisar* é pôr alguém na precisão ou necessidade do fazer ou sofrer alguma cousa.

« *Forçar* é constanger a fazer alguma cousa contra vontade; é destruir com vigor a energia que resiste a algum acto que se pretende impôr.

« *Violentar* é empregar grande força ou impulso para obter um resultado, que de outra sorte não se conseguiria. »

Coagular, coalhar, congelar, gelar. — *Coagular* é fazer passar, por meio do calor, do estado liquido perfeito, para o semi-liquido, ou semi-sólido; é o mesmo que *coalhar*, com a differença que este verbo é da linguagem corrente, e aquelle pertence á ciencia ou á linguagem culta.

Coalhar, também se diz vulgarmente de aquillo que perde a sua fluidez pela acção do frio; geralmente diz-se: no inverno o azeite está *coalhado*.

Congelar e *gelar* indicam que o liquido passa por meio do frio para o estado sólido ou de gelo; cada um dos verbos suscita porém uma idéa diferente. Em *congelar* atende-se á força ou impulso que produz a operação; em *gelar* atende-se só ao resultado. — Além de isso o estado que resulta de *gelar* pode não ser tão perfeito ou completo como o que resulta de *congelar*.

Coaltar ou cõltar, alcatrão, breu. — O *alcatrão* é vegetal ou mineral; aquelle resulta da carbonização lenta das arvores rezinosas depois de selhes extrair a terebintina; este é produzido pela destillação da bulha.

Cõltar é o nome ingloz (*coaltar*) do *alcatrão* mineral.

Breu é o producto que se obtém destilando o *cõltar*.

Coar, filtrar. — Existe entre estes verbos a mesma proporção que entre *coa-*

(1) Veja-se o artigo «coerção, coacção.» na pág. 250.

dor e filtro, esto servindo para uma operação muito mais delicada do que aquelle. **Côa-se o caldo; filtra-se a agua.**

Não existe por tanto entre estes vocabulos a relação do perfeita sinonímia que lhe atribuem todos os dicionaristas.

Cobarde, fraco, poltrão. — Nos dois artigos seguintes vamos comparar o vocabulo *cobarde* com aquelles que mais frequentemente sôem confundir-se com elle; antes de o fazer vamos porém transcrever o artigo de Lacorda em que este compara *cobarde* com *fraco* e *poltrão*.

« O *cobarde* — diz o citado sinonimista, — não ousa. O *fraco* teme e recua. O *poltrão*, conforme á origem latina, fica-se em «ocio, na inércia. O *poltrão* nada empre-hende, vegeta. O *fraco* deixa-se desarmar, porque lhe falta o valor para defender-se. O *cobarde* não agride, porque se arreia. Não ha nada a esperar do *poltrão*; e do *fraco* temos tanto a contar «com a ajuda, como com a protecção do *cobarde*».

Cobarde, medroso, tímido. — Do melo em que se nasce, como de aquelle em que se cresce; do sangue herdado, como das idéas inculcadas; dos primeiros passos na vida, como da mão que nelles nos guia; do temperamento, como da imaginação, provém que uns sejam corajosos e outros *cobardes*; uns audazes e outros *tímidos*; uns impávidos e outros *medrosos*.

O *cobarde* não tem valor, ou porque lhe viciaram o carácter, ou porque elle se viciou o coração.

O *tímido* não tem resolução, porque o educaram mal, porque lhe coarctaram os primeiros vãos da audacia, ou tão somente porque carece do que se chama trato do mundo.

O *medroso* não se arrisca porque a sua imaginação é viciosa; também a superstição, e o efeito de preocupações arraigadas podem ser a causa do seu defeito.

E' *cobarde* o que foge da peleja, e também aquelle que só toma parte nella quando a victoria não pode ser duvidosa.

E' *tímido* quem cede facilmente á reconvenção, ao influxo, ou a considerações de pouca importância.

E' *medroso* aquelle que se assusta na escuridão ou estremece ao menor ruído.

Veja-se o artigo seguinte.

Cobarde, poltrão, pusillânime. — *Cobarde* (do francez *courard*, que vem do antigo vocabulo *cous*, rabo, anus) é propriamente aquelle que na refrega ou no perigo se põe na retaguarda dos outros; por isso se diz de quem não tem coragem ou valor guerreiro. O *cobarde* é fraco, tímido, não ousa obrar; sem força nem energia an-

te o perigo, não tem sequer ânimo para se defender.

Poltrão (do francez *poltron*, que os etimologistas derivam da expressão latina *pollice truncus*, que tem o dedo polegar cortado) diz-se propriamente de aquelles que fogem á guerra, por alusão aos Romanos que cortavam o dedo polegar para escapar ao serviço militar. O *poltrão* obedece por temperamento a um sentimento irresistível que o obriga a fugir o perigo por um exagerado instincto de conservação. Difere porém do *cobarde* em este, como acabamos de dizer, não ter sequer ânimo para se defender, em quanto que o *poltrão*, quando se vê contra sua vontade metido no perigo, quando já lhe é impossível evital-o, despoja-se da sua habitual timidez, e, revestindo-se do coragem, defende-se valentemente.

O *pusillânime* (do latim *pusillus*, pequeno, e *animus*, espirito) é aquelle que por fraqueza de carácter é extremamente tímido e incapaz de decisão; o *pusillânime* não tem a menor confiança em si proprio; deixa-se guiar por quem o domina; não se atreve a obrar, e, ou nunca sabe que partido tomar, ou ainda que saiba o que melhor lhe convém, não tem força para levar avante a sua opinião.

Cobra, serpente. — Cientificamente *cobra* e *serpente* designam a mesma classe de reptis; na linguagem vulgar, porém, *serpente* designa communmente as *cobras* de grande tamanho e ferocidade.

Côdea, crosta, crusta. — *Crosta* e *crusta* são o mesmo vocabulo, isto é, duas variantes da palavra latina *crusta*, que designa a parte superficial do certos corpos. *Crusta* é mais conforme com a etimologia, mas *crosta* é a forma mais usual.

Côdea é termo da linguagem corrente, e aquelle com que communmente se designa a parte exterior do pão. Extensivamente diz-se da *crosta* de certas erupções cutâneas.

Coerção, coacção. — Estes substantivos são, um e outro, o acto de *coagir*, porém cada qual dá idéa diferente a esse acto.

A *coacção* é reprehensível porque designa sempre um abuso; a *coerção* tem por fim evitar um mal. — A *coacção* quasi sempre obriga a fazer; a *coerção*, pelo contrario, obriga a não fazer.

Veja-se o artigo **Coaglar** na página 249.

Coetâneo, coevo, contemporâneo. — *Coetâneo* o *coevo*, vocabulos em que entram respectivamente os termos latinos *atras* o *avrum*, differem apenas em *coevo* ser termo mais nobre e quasi poético, sendo *coetâneo* o que melhor se pode empregar

na linguagem despretenciosa ⁽¹⁾. — Não obstante, quando aquilo de que se fala teve toda a sua existencia comprehendida na duração da cousa que lhe foi contemporânea, diz-se melhor *coevo* que *coetâneo*; no caso contrario diz-se indifferente *coetâneo* ou *coevo*.

Contemporâneo, como os vocabulos precedentes, designa o que é do mesmo tempo; mas *contemporâneo* diz-se do que existiu, e tambem do que ainda existe; ao passo que *coevo* e *coetâneo* só se diz do que existiu e já não existe.

Cogitar, meditar. — *Cogitar* (do latim *cogitare*, isto é, *secum agitare*) indica a operação de pensar exercendo-se num objecto do qual se quer tirar uma comparação, uma consequencia, um meio de o realizar, etc.

Meditar (do latim *meditari*) designa que o pensamento obedece á vontade, ao passo que *cogitar* indica que elle obedece á necessidade. Alem de isso, *meditar*, melhor se exerce para considerar os factos, que para de elles tirar consequencias ou meios. **Cogitamos** no melhor modo de conseguir o que desejamos. **Meditamos** na desigualdade das condições humanas.

Cognação, agnação, consanguinidade, affinidade. — A idéa de parentesco é commum a estes substantivos.

Cognação é o parentesco pelo lado das mulheres.

Agnação é o parentesco por varonia.

Affinidade é o vinculo que resulta de matrimonios celebrados entre membros de diversas familias.

Consanguinidade é o parentesco mais ou

menos remoto entre os que procedem do mesmo pae ou da mesma raça.

O que dizemos de *agnação* e *cognação* está de accordo com a linguagem técnica do direito; na linguagem vulgar, *cognação* e *consanguinidade* chegam algumas vezes a aproximar-se: *cognação* para designar um parentesco já remoto, quer provenha dali, ou varonil quer da feminina; *consanguinidade* para determinar uma relação mais extensa, como a de duas ou mais nações da mesma raça.

Cogula ou cugula, hábito. — Falando do frades dir-se-á que todos andam de *hábito*, este vocabulo sendo commum a todas as formas que a túnica possa ter.

Cogula ou *cugula* só se diz do *hábito* ou túnica que tem mangas largas e pendentes. — A forma *cugula* está mais em harmonia com a etimologia.

Cogumelo, tortulho. — Estas denominações são communs a todos os géneros da planta que nos é bem conhecida, e dão-se-lhe indifferente quer ella seja comestivel, quer venenosa; *cogumelo* é o termo científico e geral; *tortulho* é termo popular.

Cohonestar, justificar. — *Justificar* é provar que algo de mau que se fez teve de ser feito por assim o exigirem as circunstancias.

Cohonestar é dar visos de boa a alguma acção quo em si é má.

Cohorte, legião. — Entre os Romanos, cada *legião* se compunha de 10 *cohortes*.

No sentido figurado em que empregamos estes vocabulos, designamos geralmente com *cohorte* um grupo numeroso que acompanha a alguem, ou quo é por alguem commandado; e com *legião* um grupo, talvez ainda mais numeroso que a *cohorte*, sem porém lhe ser tão inherente a idéa de servir de acompanhamento ou séquito.

Coima, multa. — A *coima*, como a *multa*, é a pona pecuniaria que é imposta em justiça; differem porém: em a *coima* reverter em parte em favor de quem sofreu o prejuizo, o ser-lhe como indemnização; em quanto que a *multa* tem geralmente outro destino.

Coincendencia, simultaneidade. — Ha *coincendencia* quando o facto que sobrevem exerce influencia sobre o resultado de aquelle que se considera como principal, ou quando entre os dois ha alguma relação além da de tempo.

Ha *simultaneidade* quando apenas se considera que os dois factos co-existem no mesmo tempo.

Onde ha *coincendencia* ha forçosamente si-

(1) *Ævum* e *ætas* — dissémos no nosso Dicionario dos Sinónimos latinos — significam o tempo relacionado com a vida humana, mas com esta differença: *ævum* designa: 1.º a vida de toda a humanidade, isto é, um tempo infinito, a eternidade; 2.º a vida considerada em relação a um homem só, mas na sua totalidade, desde o berço até ao sepulcro, e rara vez uma das edades particulares da vida humana; 3.º tomado o abstracto pelo concreto, os homens que vivem numa mesma idade, numa mesma época; mas *ætas*, por *ævitas*, refere-se mais particularmente ás qualidades, isto é, aos diversos estados da vida humana, juvenude, virilidade, velhice, e assim é que se diz *ætas tenera*, *profecta*, *florens*, etc. Sem embargo, tambem significa, exactamento como *ævum*, os homens que vivem numa mesma idade, os contemporâneos. Mas neste último caso *ætas* é o termo vulgar, e *ævum* a expressão selecta, solemne e quasi poética.

multaneidade; mas na simultaneidade pode não haver coincidência.

Coltado, desgraçado, infeliz.

— Estes termos, que se confundem geralmente, têm não obstante significação muito distinta e bem definida.

Coltado é aquelle que tem cuídas ou cuidados que o atormentam.

Desgraçado é aquelle a quem a desgraça persegue.

Infeliz é o que não tem felicidade.

Coltado do negociante que quer honrar a sua assinatura e que se vê sem numerário nem meios de o alcançar. — **Desgraçado** do homem que depois de perder os seus haveres é assaltado pela doença. — **Infeliz** de aquelle que casa com mulher leviana.

Colto, cópula. — Estes vocábulos designam a união dos sexos.

Colto sugere quasi sempre idéa de illegalidade; não assim **cópula**, que designa simplesmente o facto, sem nenhuma idéa accessoria.

Cólera, ira, sanha, ralva, arrebatado. — Querem muitos que os vocábulos **cólera** e **ira** sejam sinónimos perfectos; querem outros que a **cólera** seja mais violenta que a **ira**, e parece a outros que a **ira** é uma irritação mais violenta que a **cólera**. Esta última opinião parece-nos a mais acertada — a **ira** procurando quasi sempre tirar desforço ou vingança; a **cólera** contentando-se com bramar. Fundamos esta nossa opinião comparando as expressões *avancar irado*, e *avancar encolerizado*; aquella manifestando claramente que se vai dar uma cena violenta; esta representando apenas o sujeito como dominado por uma paixão que vai explodir. Nas religiões em que se representa a Deus como um ser vingativo, é muito vulgar a expressão *um Deus irado*; nunca se lê porém, parece-nos, *um Deus encolerizado*.

A **ira** supõe, consequentemente, um motivo sufficiente que a justifique; a **cólera** é o efeito de um arrebatamento momentâneo. *Um pae irado*, é uma cousa muito distinta de *um pae encolerizado*; aquelle castiga; este, quando muito, herra e grita. Qualquer cousa nos *encoleriza*, mas só um forte motivo nos pode *irar*.

Sanha, na linguagem hodierna, não tem exactamente a mesma significação que teve outr'ora, quando, como menta Roquete, era sinónimo perfeito do **ira**. Hoje, **sanha**, é a cegueira com que aquelle que do ella se acha possuído se arroja contra quem ou o quê lhe resiste.

Ralva é manifestação de despeito e de cólera; manifestação que, a não poder exercer-se na pessoa ou na cousa que a motiva, necessita desaforçar-se no que primeiro se lhe depare ou lhe venha á mão; se o não con-

segua explõe em gritos, lágrimas, convulsões.

Arrebato é um movimento interno e intenso, que se manifesta violentamente, mas que logo cessa.

Roquete compara estes vocábulos entre si, e com outro muito menos usual; *excaandescencia*; diz assim:

«Referem-se todos estes vocábulos á «paixão violenta que transporta o homem «quando o ofendem, a que os latinos chamavam *ira*; mas cada um de elles representa sua circunstantia particular, ou o «malor ou menor grau a que ella se eleva.

«*Excaandescencia* é palavra latina, de *excaandesco*, pôr em brasa, e significa em sentido recto o encendimento de um corpo ou «fogo, e em sentido translató é o encendimento do sangue do *irado*, e tambem do «encalmado, ou esquentado pelo calor, agitação, etc. Não achamos autoridade clássica que favoreça a opinião do autor dos «sinónimos da língua portugueza (!) acerca de esta palavra, dando-lhe o mesmo «valor que lhe deu Cicero nas Tuseculanas, «dizendo: «*Excaandescencia autem sit ira nascens et modo existens, quae thumosis «grace dicitur* (IV, 9).» O vocábulo grego «não diz mais que irritação violenta; é o «*courroux* dos Francezes. Henrique Estêvão duvida que seja boa esta lição e Valckonaer não hesitou em corrigir a palavra «grega *thumosis*, escrevendo *thumos*, que significa ardência, cólera, impetuosidade de «ânimo (*Diatr. de fragm. Eurip.*, p. 231), e «Scapula lhe dá a significação latina de «*ira*, e diz que é o mesmo que *orgê*. «*Ira, «excaandescencia, idem quod orgê cum quo interdum etiam copulatur.*» Pondo de parte «a questão sobre o lugar de Cicero, diremos que se esta palavra se deve adoptar «em nossa lingua com o valor que tem na «latina deve ella representar, não o assomo ou começo da *ira*, senão o rompimento, o impeto de esta paixão, a *ira* rompanete, que certamente é mais violenta que a «*ira* inveterada a que Cicero no mesmo lugar chama odio: *Odium, ira inveterata.*

«*Ira* é palavra puramente latina que segundo uns vem de *uro*, queimar, arder, e «segundo outros vem de *ire* (*quod à se it qui irascitur: hinc qui iram deponit dicitur ad se redire*. DONAT). Segundo Cicero a «*ira* é uma paixão impetosa que nos excita a tomar vingança do quem nos julga «mos offendidos com injuria. A *ira* e a loucura só se distinguem em durar aquella «menos tempo que esta, como disse Catão «o mais velho: «*Iratus ab insano non nisi «tempore distat.*» E o poeta lirico:

«*Ira furor brevis est:*

(1) Referem-se ao cardeal Dom frei Francisco de São Luiz.

Nota do A.

« *Côlera*, e melhor *cholera*, é palavra latina vinda do grego *cholê*, que significa « bilis, fêl; e no sentido translato *ira*, agastamento. Diferença-se de *ira* em que se refere á bilis, suposta causa da *ira*. Lê-se no PALMEIRIM: « Levantar a *côlera* a algem, » que é a verdadeira tradução do dito de Aristophanes que os francezes traduzem: « *Remuer la bile à quelqu'un*. » — Não nos parece que *côlera* seja mais violenta que *ira*, a não ser que demos a esta palavra o valor da franceza *colère*, o que seria cometer um grande galicismo; e antes pensamos que ás vezes é menos forte que *ira* quando só representa enojo, e agastamento.

« *Sanha*, segundo D. Fr. Franelseo de S. Luiz no Glossario oriental, vem do hebreu *sanah*, do verbo *sana*, ter odio, e segundo a etimologia é o mesmo que *ira* inveterada; é tambem palavra castelhana *saña*; e este era o nome portuguez por que entre nossos antigos era conhecida a paixão a que os latinos chamavam *ira* como diz positivamente el-rei D. Duarte: « Da *ira* o seu proprio nome em nossa llinguagem é *sanha*, que vem de um arrebatado fervôr de coração por desprazer que sente com desejo de vingança (LEAL COXC., pag. 96). » No tempo de el-rei D. Manuel e ainda depois era muito usada a palavra *sanha* em logar de *ira*. Daremos um exemplo tirado das Trovas do Diego Braudão á morte de el-rei D. João II; e falando de aquelle príncipe perfeito, diz:

« Era um mesmo no prazer e na *sanha*,
« Das cousas virtuosas havia cobiça;
« A todos igualmente fazia justiça,
« Sem se lembrarem as telas d'aranha.

« (Canç. Ger., f. 91.)

« Tendo sido a palavra latina *ira* adoptada no uso vulgar da lingua, com razão daremos á de *sanha* o valor do *ira* furiosa, ou *assanhada*, como a do animal que mostra os dentes ameaçando.

« *Raiva* vem do latim *rabies*, e significa, em sentido recto uma doença que melhor se chama hidrofobia; em sentido translato é a *ira* levada ao ultimo grau, supõe não só agitação violentissima com furôr, senão permanencia de este furôr, e mais ardente e insaciável desejo de vingar-se, sem consideração a nenhum respeito, como fazem os cães damnados que nem a seus proprios donos poupam: *Cão com raiva seu dono morde*, diz um antigo proverbio. E nisto se differença particularmente da *côlera* e da *ira* que, posto que impetuosas, são transitórias, e não cegas e implacáveis como a *raiva*. »

Lacerda compara os mesmos vocábulos comparados por Roquete. Diz apenas, e muito desatinadamente:

« *Excandescencia* é o primeiro grau da *ira* nascente, a que acompanha a cól inflamação do rosto.

« *Ira* é a comoção vehementemente do ânimo, excitada pela idéa do mal ou injuria que se nos fez, e queremos repelir.

« *Côlera* é a *ira* mais violenta, a que accompanha de ordinario a cól pallida no rosto.

« *Sanha* é a *ira*, manifestada nos gestos, e contorsões do rosto, como se observam nos animaes *assanhados*.

« *Raiva* é o extremo grau da *ira*, e supõe violenta agitação com furôr; é a *ira* impetuosa, quasi accesso do loucura.

Veja-se tambem o artigo **Furor**.

Colérico, irascível, irritável.

— A pessoa *colérica* é a que, de facto, se deixa frequentemente dominar pela *côlera*, quer a manifeste exteriormente, quer a reconcentre; no primeiro caso, *ser colérico* é um vicio; no segundo, é apenas um defeito.

A pessoa *irascível* (do latim *irascibilis*, de *irasci*, irar-se, de *ira*, *ira*) é a que, pelo mais fútil motivo, estala em *côlera*. O *irascível* não sabe dominar o seu temperamento; é por isso muito menos tratável que o *colérico*, pois este ou se domina, ou não se deixa arrebatar por motivos tão fúteis como os que irritam aquelle.

Irritável diz-se da pessoa que frequentemente se irrita, que por qualquer coisa ralha, mas cujo mau humôr dura pouco, voltando-lhe a serenidade quasi instantaneamente. Nas pessoas *irritáveis* só ha a temer o primeiro impeto.

Colgar, suspender, pendurar.

— *Colgar* ou *pendurar*. — *Colgar* sugere apenas a idéa de o objecto *colgado* estar suspenso pela parte superior, e não chegar até ao chão.

Suspender é sostener alguma coisa em alto ou no ar. Este verbo desperta a idéa do perigo que resultaria da queda do que está suspenso.

Pendurar ou *pendurar* não ineulca um nega que o objecto tenha apoio na base; este verbo pretende principalmente sugerir a idéa de elevação, e determinar não só o modo, mas tambem a causa de que o objecto está pendente.

Collação, parva, lunch. — *Collação* é a ligeira refeição que substitue a ceia para os que jejuam. Extensivamente diz-se de alguma coisa ligeira que se come á pressa entre duas refeições.

Parva é uma mui ligeira refeição que se toma pela manhã em jejum.

Lunch é uma ligeira refeição que se toma entre o almoço o jantar.

Collateral, paralelo. — As cousas que se qualificam de *paralelas* conside-

ram-se geralmente como tendo a mesma importância.

Colateral, sem incluir nem excluir em absoluto a idéa de paralelismo, considera como secundário ou de menor importância aquilo que é *colateral* com relação ao principal.

Collecção. recollecção; compilação. — *Collecção* é o conjunto, mais completo possível, de cousas da mesma espécie: *collecção numismática*.

Recollecção é o conjunto em que a quantidade é superada pela qualidade; é a *collecção* ou a *compilação* feita com esmero.

Compilação é uma composição literaria em que a substancia de varias obras de diferentes autores se fundiu numa só obra que o compilador apresenta com carácter distincto de todas ellas.

Collectionar. colligir. — *Collectionar* é reunir a maior quantidade possível de cousas da mesma especie e dispô-las talvez em certa ordem; numa palavra: é fazer uma *collecção*.

Colligir é *collectionar* com criterio, fazer uma *recollecção*.

Veja-se o artigo precedente.

Collega, confrade. — *Confrade* supõe uma relação mais intima que *collega*; esta palavra só enuncia que se tem a mesma profissão, ou se exerce o mesmo cargo que outrem; aquella diz que se pertence á mesma corporação ou companhia.

Por outro lado *collega* estabelece perfeita igualdade de condição; *confrade* manifesta deferencia para com a pessoa que assim designamos.

Os médicos, por exemplo, tratam-se mutuamente de *collegas*, mas quando se dirigem por escrito a uma das sumidades da ciencia dão-lhe o título de *ilustre confrade*.

Collina, cêrro, outeiro. — O *outeiro* é a *colina* considerada não tanto em quanto á sua elevação como ao rápido declive das suas vertentes. Quando a *colina* é, além de rápida, escabrosa, denomina-se *cêrro*.

Roque e Lacerda dizem que a *colina* é mais baixa que o *outeiro*; é *êrro*, pois *outeiro* é a palavra franceza *hauteur*. — Da pouca elevação de *outeiro* dá fô o padre Antonio Vieira quando, aludindo á gente de baixa esfera que aspira a grandes cargos diz: « Os *outeiros* aspiram a montes. »

Além de isso, a *colina* é considerada particularmente com relação ás suas suaves vertentes, ao seu aspecto risonho e ás suas abundantes e úteis produções; e em *outeiro*, como acima dizemos mais se considera a falta de viço e frescura que a parte superior, a altura. — Diz-se *subir*, *descer*,

galgar outeiros (não *galgar collinas*); e mais vezes se diz *collinas verdejantes, umbrosas, etc.*, que *outeiros verdejantes, umbrosos*.

Devemos acrescentar que o vocábulo *colina* é sempre substituido pelo viço por *outeiro*, pois aquelle termo parece ser desconhecido aos nossos camponeses.

Colmar, encher. — *Colmar* é *encher* com excesso. — Geralmente só se diz no sentido figurado, significando « conceder ou dar com grande abundancia » — *Depois de encher-o de beneficios, colmou-o de honras*.

Colônia, possessão. — Aos territorios que as nações europeas possuem nas outras partes do mundo dá-se o nome de *colônias* ou *possessões*; não é porém indifferente o emprego de um ou de outro vocábulo.

Possessão indica simplesmente *posse*; *colônia* indica que na *possessão* ha em grande quantidade o elemento europeu, e principalmente o elemento patrio. — Daparte que possuímos na Africa Oriental, e muito particularmente desde que á frente da sua administração esteve um homem de tacto e de energia, fiel á patria e a quem a sintetiza, podemos dizer — por em quanto, pelo menos — que é uma *colônia portugueza*. Da Guiné e de Timor, se não quizermos exagerar, aponas podemos dizer que são *possessões portuguezas*.

Colossal, gigantesco. — Do que tem proporções de *gigante*, isto é, do que, sendo muito grande, não tem contudo aquellas dimensões que se podem considerar monstruosas e desproporcionadas, se diz que é *gigantesco*.

Colossal diz-se do que tem proporções de *colosso*, isto é, de aquillo que excede aquellas dimensões que se nos afigura serem o extremo limite que a natureza ou a arte podem produzir.

Assim *colossal* encarece muito sobre a idéa de *gigantesco*.

Convém acrescentar que *gigantesco* só se pode dizer do que é propriamente material. Não se diz a *gigantesca fortuna dos Rothschild*, mas a sua *colossal fortuna*.

Columna, pilar, pilastra, esteto. — Entre *columna* e *pilar* não podemos determinar senão a seguinte diferença: na *columna* considera-se não só a utilidade, mas também a elevação, assim como, e particularmente, o seu valor material e artístico, pois quasi sempre se supõe que haja nella este último; no *pilar*, que sempre se supõe de menores dimensões que a *columna*, considera-se sobretudo a utilidade: a *columna* sustém e adorna; o *pilar* apenas sustém.

Pilastra é o pilar de quatro faces, das quaes uma, está geralmente unida ou encostada á parede. Na *pilastra* cabe do mesmo modo a simplicidade do *pilar* como a ornamentação ou o valor artistico da *columna*.

No sentido metafórico, *columna* tem uma significação nobre e elevada, o que nem sempre é inherente a *pilar*. Neste sentido, *pilastra* não tem emprego.

Esteio é termo genérico que, no proprio e no figurado, só indica sostém.

Coma, modorra, sopôr, lethargia, somnolencia. — *Coma* diz-se exclusivamente de um estado de somno mórbido em que o doente recae logo que cessa de ser excitado.

Modorra é termo usual com que se designa o estado do somno devido a uma causa alheia que actúa sobre nós: a do calor, a das bebidas alcoólicas, a dos narcóticos, por exemplo:

Sopôr é a expressão poética e culta que convém para designar a *modorra*.

Lethargia é o somno que nenhuma excitação pode interromper. — Em França, numa aldeia próxima a St.-Quentin, no departamento do Aisne, ha uma mulher chamada Margarida Boyenval que está em *letargia* desde o dia 29 de mayo de 1883, sem nunca ter acordado desde então.

Somnolencia é um estado de somno imperfecto ou incompleto, mas penoso e invencível.

Comba, valle. — *Vale* designa, em geral, o terreno que está encerrado entre quaesquer elevações da superficie terrestre; é termo genérico, e nem lhe é inherente o sentido de planície, nem o de declive.

Comba, pelo contrario, encerra a idéa de declive — a *comba* sendo o *vale* que nos terrenos montanhosos conduz de uma a outra altitude.

Combater, pelejar. — Além do que de estes verbos ficou dito na página 161, e comparando-os agora apenas entre si, convém dizer:

Combater presmne maiores formalidades, mais preparattvos, e tambem maior ordem que *pelejar*. Dols homens que se travam de razões e passam a vias de facto *pelejam*; os que se desafiam, e saem a campo acompanhados de testemunhas ou padrinhos, *combatem*.

Nas guerras modernas rara vez se *peleja* corpo a corpo. — Na *peleja* faz-se muito uso da força corporal; no *combate*, primam a destreza e o saber.

Combinado, ajustado. — O que está *combinado* póde deixar de fazer-se; o que está *ajustado* tem de efectuar-se. Quem *ajusta* não só se compromete, mas prejudi-

ca, se não cumprir com o *ajustado*, os interesses da pessoa com quem *ajustou*. — Em *combinar* não se nota essa circumstancia,

Comêço, principio. — O primeiro acto, ou a primeira manifestação de uma cousa, é o seu *comêço*; o primeiro movimento para iniciar o *comêço* é o *principio*. — A Biblia diz que no *principio* creou Deus o céu e a terra; o tambem a Biblia nos representa a quéda de Adão como sucedida logo no *comêço* da sua vida.

Auspicioso foi o *principio* da jornada, mas logo no seu *comêço* principiaram os desenganos.

Roqueete compara estes vocábulos entre si, e tambem com *exórdio*. Diz assim:

« *Comêço* é o acto de *começar*, ou aquilo por onde se *começa*, ou que é primeiro na extensão ou duração de qualquer objeto.

« — O *comêço* da sessão verificou-se tal dia. — Os edificios *começam-se* pelos alicerces. — *Começou* o ano novo domingo.

« *Principio* tem significação mais extensa, pois além de significar aquilo por onde *começa* alguma cousa, significa razão fundamental segundo a qual se procede, e tambem a causa porque se faz ou acontece alguma cousa. Estende-se ainda mais ás primeiras verdades ou rudimentos de cada faculdade, e metafóricamente ás máximas particulares por onde cada um se rege. Acepções todas que não podem de modo algum convir á palavra *comêço*. — Para que o *comêço* do uma educação seja bom, e prometa um feliz resultado, é mister que o menino aprenda bem os *principios* da gramática, etc., e que se lhe inspirem ao mesmo tempo bons *principios* de moral e de religião. Em nenhum de estes últimos exemplos se pode pôr *comêço* em lugar de *principio*.

« *Exórdio* é termo de retórica, e designa aquella parte do discurso por onde *começa* o orador, e na qual prepara o seu auditorio ao assunto que vae tratar.

« Não ha discurso nem composição nenhuma litteraria que não tonba *comêço*, que não provenha de algum *principio*, que não contenha certos *principios* bons ou maus; mas podem haver discursos e composições litterarias sem *exórdio*. »

Lacerda, dos mesmos vocábulos de que falou Roqueete, diz:

« *Comêço* é o proprio acto de *começar*; é o que é primeiro na extensão ou duração de qualquer cousa. *Principio* tem mais larga significação, porque abrange tambem a idéa da razão em virtude da qual a cousa se principia e faz. *Exórdio* é termo de retórica, o designa o preâmbulo do discurso por onde o orador ou escriptor *começa*, e no qual prepara quem o ouve ou lê para o assunto de que vae occupar-se. »

Comedia, drama, tragedia; farsa.—Quando a peça de teatro põe em acção os caracteres, os costumes e os factos mais familiares da vida social, entre-meando essa acção de situações em que predomina a nota alegre, essa peça chama-se *comedia*.

Se na *comedia* predominar a scurledade, ou se em vez de ella apresentar varios tipos cuja importancia se confunde, melhor destacar de entre todos um tipo principal no qual se encarna uma palhaço, nm principio, uma virtude ou uma debilidade, merece o nome de *drama*.

Tragedia é o *drama* em que figuram personagens illustres e cujo desfecho é sempre desgraçado.

Farsa é uma composição dramática breve o sempre jocosa; é vocábulo que, no seu sentido proprio, tonde a desaparecer.

No sentido figurado *comedia* e *farsa* designam engano, fingimento, armadilha para conseguir um intuito.

Roqueete compara a primeira e a última das palavras de este grupo, dizendo:

«A primeira (1) é a especie, a segunda (2) o género.

«A palavra *comedia* é latina, *comœdia*, e vem do grego *kômôdia* (3), sobre cuja origem não estão de accordo os etimologistas. Querem uns que a palavra grega *kômôdia* se forme de *kôme*, lugar, aldeia, e de *ôde*, canto; e neste caso diz o mesmo que «canção de aldeia». Querem outros, entre os quaes Hermsilla, que ella se derive de *kômos*. Significa esta palavra: 1.º o que nós poderíamos chamar ronda ou quadrilha de mancebos de um lugar que vão de noite dar descantes a suas namoradas, e que muitas vezes a favor do escuro, e fingindo a voz, dizem ou cantam canções satiricas contra algumas pessoas; 2.º estas mesmas canções ou sátiras demasiadamente livres e mordazes. Segundo esta etimologia, que parece a verdadeira, se vê claramente porque os Gregos deram ás composições em verso, em que se censuravam malignamente e satirizavam, primeiramente possos determinadas, e depois os vicios em geral, o nome de *kômôdia*, que os Latinos escreveram *comedia*, e nós *comedia*.

Não longe de esta origem vae a significação que damos á palavra *comedia*, que é a de fábula dramática, em que se representam acções da vida, e pessoas ordinarias, para se corrigir o vicio por meio do ridiculo.

«*Farsa* (do francez *farce* ou do italiano *farsa* 4) é pequena *comedia* burlesca, me-

nos artificiosa do que ella, em que se entremelam cenas ridiculas e triviaes ».

«Muito bem fez sentir o atilado Vieira a differença que ha entre *comedia* e *farsa*, quando disse falando dos pregadores do seu tempo:—Não é *comedia*, é *farsa*—como se dissera que não só faziam rir, senão que provocavam a zombaria e a mofa (1) »

Lacerda diz muito melhor que Roquete e em menos palavras:

«*Farsa* é uma composição dramática, de pouco artificio, destinada a fazer rir, e a provocar a mofa e a zombaria.

«*Comedia* é uma composição dramática, na qual se representam acontecimentos da vida comum, afim do se castigar o vicio por meio do riso e do ridiculo.

«A qualidade dos protogonistas, não menos que os vicios escolhidos para objecto da censura, distinguem a *alta* da *pequena comedia*, e ambas da *farsa*.

Comer, tragar, devorar.—*Comer* é a dupla acção de mastigar e engulir, sem nenhuma idéa accessoria, a não ser a de introduzir alimento no estômago, pois também se diz dos animais que engolem sem mastigar.

Tragar é engulir sem mastigar, e por exaggeração, comer com sofreguidão.

Devorar é comer com sofreguidão e em grande quantidade.

Veja-se o artigo **Absorver** na pág. 18.

Eis como Roquete compara taes vocábulos:

«O primeiro vem de *comedo*, latino, e significa mastigar e engulir alimentos para sustentar-se; o segundo vem do *trôgô*, grego, e significa engulir sem mastigar; o terceiro vem de *devoro*, latino e significa *comer* ou *tragar* com voracidade ou sofreguidão.—Todos trez se usam no sentido figurado, o formam gradação oratória, como se lê em Vieira, que, falando dos grandes respectivamente aos pequenos, disse:—Em tudo são *comidos* os miseráveis pequenos, não tendo nem fazer, do officio os grandes em que os não carente.

(1) Vieira, como jesuita, visava neste dito os dominicanos—as duas ordens sendo já então, como ainda hoje, inimigas declaradas.

Cabe aqui tornar conhecida uma anedocta que o é pouco fora do elemento eclesiástico.—Conversando na câmara de um vapor que da América se dirigia para Bordéus, vinham um jesuita e um dominicano. «É para extranhar, dizia o primeiro, que os evangelistas falando de todos os apóstolos, pouco ou nada digam de Judas.»—«Assim é, respondeu o dominicano; apenas dizem que elle fazia parte da companhia de Jesus.»

(1) A *comedia*.

(2) A *farsa*.

(3) De «*kômos*», gala, e «*ôde*», canto.

(4) Do francez, que não do italiano—«*farces*» correspondendo pelo seu carácter ao que nós chamamos «*farsas*», e «*faras*» sendo a opereta hum acto em que predomina o género bufo.

sguem, em que os não multem, em que os não d'frand'm, em que os não comam, traguem e derorem.»

Dos mesmos vocabulos diz Lacerda:

«Comer, conforme á origem latina, significa mastigar, e engulir alimentos, para se sustentar e nutrir. *Tragar*, conforme á origem grega, significa engulir sem mastigar: «Um g'oião avestruz que tudo traga.» MAUS. AFF. — *Devorar*, segundo a origem latina, significa comer ou tragar com sofreguidão ou voracidade: «A terra sófia devora a agna.» LEÃO.»

Cômico, risível, engraçado.—

Engraçada é o que em si tem graça, o que intencionalmente desperta o riso. No que é *engraçado*, não só se atende á com a que assumi qualificamos, mas também á pessoa de quem ella provém. Um *dito engraçado* sugere a idéa de a pessoa que o disse ter graça.

Risível é o que provoca o riso ou hilaridade, sem que seja essa a pretensão da pessoa de quem ella provém o que é *risível*.

Cômica diz-se do que é *engraçado* ou *risível* a pontos de poder ser transplantado para o teatro. — Veja-se este vocabulo no artigo **Burlesco**, na página 185.

Comilão, glutão, guloso.—O *comilão* come muito.

Glutão é o *comilão* que come com avidez, que devora depressa para não deixar nada aos outros.

O *comilão* é geralmente um conviva agradável; o *glutão* é sempre insuportável.

Guloso é aquelle que, quer coma muito, quer regularmente, gosta do que vulgarmente se chamam bons bocados.

Commando, mando, autoridade.— *Commando* implica maior autoridade que *mando*:—os officiaes subalternos têm *mando*, mas só os superiores têm *commando*.

Comparando *commando* com *autoridade*, que é o objecto principal de este artigo, notar-mos que o *commando* consiste não só em exprimir com imperio a vontade, mas também em exigir obediencia; e que a *autoridade* subordina a propria vontade á ordem, ou ao conjunto de disposições que julga mais adequadas. Assim quem *comanda*, ainda que no fundo as suas ordens sejam absurdas, exige cega obediencia dos subordinados; quem tem *autoridade* quer que se cumpram as ordens que dá, não para fazer alarde da sua autoridade, mas para o que julga redundar em proveito commum.

No artigo seguinte explana-se com maior extensão esta differença.

Commando, ordem. (command, ordonner).—*Commando* é o acto de

comandar, isto é, de notificar com autoridade a vontade propria.

Ordem (do latim *ordo*), segundo a etimologia, sugere a idéa de arranjo e boa disposição das cousas no seu lugar. No sentido figurado, que só por extensão vem do sentido proprio, *ordem* é o acto de indicar com autoridade de que modo se devem dispor as cousas. Neste caso *ordem* e *commando*, ou *mando*, quasi se confundem, mas não tanto que não se possa distinguir desde logo que o termo *commando* reveja apenas o poder da autoridade, sem suggerir a idéa de conveniencia, nem de conjunto de disposições úteis, ao passo que *ordem* sugere, se não a idéa de conveniencia, pelo menos a de disposições tendentes a um fim. O que unito bem mostra que a idéa exprimiada por *commando* ou *mando* é essencial e unicamente a expressão da autoridade, é que a palavra *commando*, assim como *manda*, pode empregar-se para indicar essa propria autoridade, abstrahindo a idéa do exercicio que de ella se faz em determinadas occasiões. Um coronel tem o *commando* do seu regimento, mesmo quando não dá vozes de *commando*. Mas se na palavra *ordem* também está implicitamente entendida a idéa de autoridade, ou pelo menos a de superioridade; também elle é inherente a de disposições a tomar, pois ninguém dirá que o coronel tem a *ordem* do seu regimento, como se diz que tem o *commando* de elle. — O antónimo de *comandar* é obedecer, verbo que significa submeter-se á vontade de quem tem autoridade; e dar uma *ordem* ou *ordenar*, não tem precisamente por antónimo obedecer, mas sim excentar a *ordem*. — De isto resulta que, quando se quer exprimir o poder discrecionario da autoridade, se diz *comandar*; e que quando á idéa de autoridade se junta a de conveniencia, ou a de disposições a tomar, se emprega o verbo *ordenar*.

Commensal, parasita.—Estes vocabulos não são sinónimos, e se aqui os inscrevemos a par um do outro é pelo facto de nos dicionarios se attribuir ao primeiro uma accepção que se explica pelo segundo (veja-se CONTEMPORANEO, ILLUSTRADO, FIGUREIRO), o que sem dúvida contribua a sancionar de qualquer modo o abuso de quem por ignorancia os confunde.

Commensal é cada uma das pessoas que, pelo seu dinheiro, come habitualmente á mesma mesa que outras; é-se *commensal* com relação ás pessoas com quem se come.

Parasita é, como todos sabem, o que tem por principal profissão ir comer a casa de outrem ou em mesa pública, mas á custa alheia.

Commereciante, negociante, mercenar, traficante, marchante.— *Comerciante* é aquelle que faz repe-

tidos actos de *comercio*: tantos, quantos sejam necessários para lhe constituírem a sua principal profissão. — O carácter geral dos actos do *comercio* (do latim *commercium*, de *cum*, com, e *mercio*, mercadoria) é o fto de realizar algum ganho. O tipo mais simples do um acto comercial é o de comprar um género para o revender por um preço mais alto que o da compra. — Fora de esse sentido, que é o sentido legal, o uso attribue diferentes accepções á palavra *comerciante*, assim como ás outras que so lhe comparam neste grupo. Em sentido restrito, é *comerciante* quem compra e vende por atacado qualquer espécie do géneros alimentícios para uso dos homens ou dos animais; *negociante* quem compra e vende por atacado qualquer especie de mercadorias, destinadas á alimentação ou a qualquer outro uso; *mercador*, palavra que hoje tende a desaparecer do uso corrente, e que já não tem o valor que teve, é o que vende a retalho, e diz se particularmente dos que assim vendem panos de lã. Out'ora dava-se o nome de *traficante* aos que transportavam a terras distantes qualquer género que queriam lá vender ou trocar por outro. Hoje ainda o povo denomina assim aquelles que por compra em troca adquirirem numa terra um género que vendem ou trocam noutra terra, mas com essa palavra pretende revelar o desprezo que lhe inspira o *traficante* que vem especular com a sua necessidade e aproveitar-se da sua precissão. — A idéa de transporte de mercadorias está tanto na essência da palavra *tráfego* que nos caminhos do ferro é assim denominado o transporte de elas para o distinguir de «movimentos», ou transporte de passageiros. — O vocábulo *traficante* não se encontra, cremos, em uso na nossa legislação; as outras sim, o com ellas se designa a quem exerce quaesquer actos de *comercio* e de ello faz a sua principal profissão.

Marchante apenas se diz de aquelle que compra rezes para abastecer de carne uma povoação.

Rouquete compara os vocábulos *comerciante*, *negociante*, *mercador*, *traficante*, *trahante* o *chatim* do modo que vamos vêr, e para o qual chamamos a atenção do leitor por ter este artigo verdadeiro valor sinónimo.

«Estas palavras indicam as diferentes circumstancias e classes dos que se occupam em comprar e vender, em trocar e «cambiar as mercadorias.

«A palavra *comercio* é latina, *commercium*, o significa literalmente cambio de «mercadorias, *commutatio mercium*, e se forma de *com* e *merz*, *mercadoria*. No principio só se fez o que impropriamente chamamos *comercio* por trocas e permutações, pois que não se conheciam as moedas, nem o cálculo, nem o cambio, e mul-

to menos ainda o giro, até que se descobriu fazer estas operações por valores equivalentes. De qualquer modo que seja, a palavra *comercio* significa cambio, reciproca commutação, e tráfego. Posto que a palavra *comercio* se possa estender a toda a sorte de compra e venda; como «acontece na lingua franceza, com tudo se applica mais particularmente ao trato feito «com ciencia, em grande e por atacado; «por isso se diz *junta*, *tribunal*, *aula de «comercio*.

«*Negocio* é tambem palavra latina *negotium*, que os etimologistas dizem se deriva de *nec* e *otium*, mudado o *e* em *g*, falta, carencia de *ocio*, e por consequencia «trabalho, fadiga, como parece confirmal o «aquelle dito de Terencio: «*Ut in otio esset potius quam in negotio* (Hec. Pro. 26). «Designa um género particular de occupação e trabalho que comprehende a idéa «de *comercio* luerativo, o assim dizemos «quo se fez bom *negocio* quando o trato foi «favorável. Diferença se *negocio* de *comercio* em que este comprehende a ciencia «de todos seus diferentes ramos e a pratica «de esta ciencia, e aquelle só se refere «á parte laboriosa e luerativa.

«Aos que estudam a sciencia do *comercio* «e a praticam chama se *comerciantes*; e *negociantes* aos que se dão ao *negocio* ou a «algum ramo do *comercio*, aos *mercadores* «de grosso, sem que muitas vezes tenham «a ciencia que é propria do *comerciante*. «Por isso se diz *negociante* de *riuhos*, «de *azeites*, de *trigos*, etc., aquelle que compra estes géneros, os guarda em armazens, os beneficia, etc., para os vender «com lucro, sem cálculo nenhum prévio, «nem especulação engenhosa; ao contrario o sábio *comerciante* calcula a abundancia e a escassez de umas parágens com outras, os gastos de compra, transporte e «armazonagem, os beneficios ou ganancias «de comprar num ponto e vender noutro, «verificando para isso sábias e complicadas operações, pondo em tudo a melhor «órden, e executando tudo com o arranjo «e a economia possivel. Tal é a idéa do «sábio *comerciante*.

«*Mercador* é o homem que se emprega «em mercancia, ou trato de *mercaderias*. «Houve tempo em que este vocábulo foi «entre nós sinónimo de *comerciante*, porque «este termo é novo na lingua. A nossa antiga palavra genérica era *homem de negocio*, e *mercador*. Hoje propriamente é o «*negociante* que *comercia* dentro do reino «por grosso ou a retalho. O *mercador* por «grosso hombrêa com o *negociante*.

«Os *negociantes* de grosso trato são nobilitados pelas leis do reino (LEI DE 29 DE «NOVEMBRO DE 1775, § 3.º). Nos *mercadores* que tratarem com cabedal de 100.000 «reys e de ahí para cima não cabe pena vil, «porque não são peões (ORD. L. 5, TIT. 138).

«—Acantelemo-nos de confundir o *mercador* portuguez com o *merchand* francez, posto que as palavras muito se pareçam. Um *mercador* de vinhos, por exemplo, é um homem lúmpo, e o *merchand de vin* é um taverneiro.

«*Tráfico* ou *tráfego* (?) é o *comercio* ou *antes* o transporte de um lugar para outro, sobre tudo muito distante; porém communmente, so toma na idéa de entreposição, mediação bastante análoga à palavra e muito adequada para designar a acção do último vend dor, que se põe, por assim dizer, entre o primeiro e o consumidor, para trasladar de um a outro uma mercadoria, como a lã, a seda, o algodão, etc.

«Ao que se occupa no *tráfico* chama-se *tráficante*; mas este vocábulo, innocente em sua origem, toma se hoje em mau sentido para designar o que no seu trato usa de industrias e não *negocia* lisa e honradamente.

«*Tratante* significa propriamente o que *trata*, o que se emprega no trato, no sentido de *comercio*, *negocio* *tráfico* de mercadorias. Hoje porém toma se á má parte, e é quasi sinónimo de *tráficante*: diz se dos que fazem negocios com dolo e fraude.

«*Chatim* é voz asiática, e designa o *negociante* astuto, talvez de ponce conta, que se confia mais na sua espezteza, que na lisura do trato, e valia de seus cabedais ».

Falando dos mesmos vocábulos de que falou Roquette, laeerdia nem é tão excusado nem tão elucidativo.

«*Comerciante* é o que, tendo conhecimento da ciencia do *comercio* nos seus diferentes ramos e applicações, a pratica.

«*Negociante* é o que, sem possuir a ciencia do *comercio*, se applica ao trato de algum ramo do *comercio*, como do vinhos, trigo, etc. O *comerciante* calcula, especula, faz operações complicadas, etc. O *negociante* não cuida senão de vender em lucro.

«*Mercador* é o que mercadeja, que se emprega no trafego de compra e venda, por grosso ou a retalho, particularmente dentro do reino.

«*Traficante*, conforme á origem da palavra, é o que se emprega em transportar, ou fazer trasladar mercadorias de uma para outra parte, a fim de lucrar na venda que faz ao consumidor. Entretanto esta palavra toma-se hoje do ordinario em mau sentido, para designar aquelle que não *negocia* honradamente.

«*Tratante* é o que se emprega no trato *comercial*, e se encarrega de toda a sorte de *tráfico* de mercadorias. Também hoje se toma communmente em mau sentido es-

ta palavra applicando se aos que *negociam* fraudulentamente.

«*Chatim* é voz asiática, e designa *negociante* de pequeno trato, astuto, e que conta mais nas suas artes, do que na lisura do seu trato.

Commetter, praticar, fazer. — *Fazer* é o termo generico que se diz indifferentemente, quer do que é concreto, quer do que é abstracto, quer do que é bom, quer do que é mau; *fazer estradas*, *fazer obras de caridade*, *fazer crimes*; *praticar obras de caridade*, *praticar roubos*; *cometer sacrilegios*.

Praticar e *cometer* não se dizem do que é puramente concreto, e esta essa exclusão *praticar* diz se do que é bom e tambem do que é mau; *cometer*, só do que é mau.

Commetter, prepôr, confiar. — «Encarregar alguém de ter cuidado de alguma cousa», é a idéa comum a estes verbos.

Confiar (do latim *confidere*, fiar se) é encarregar alguém de guardar fielmente o que se lhe entrega: *confiar um depósito*, *um segredo*, etc. Resulta de isto que a pessoa a quem se *confia* alguma cousa, só exerce uma acção passiva.

Pelo contrario, a pessoa a quem se *comete* alguma cousa tem uma acção activa: não só deve guardar o que se lhe entrega, mas tambem deve fazer de ella um uso determinado. Por consequencia *cometer* (do latim *committere*, enviar com) é encarregar a uma pessoa de fazer uma cousa, de executar uma acção que se lhe impõe. *Cometam os governos a administração da cousa pública a homens que de ella não necessitem*.

Prepôr (do latim *præ*, á frente, e *ponere*, pôr) é pôr á frente ou á testa; encarregar de dirigir pessoas ou cousas. O que distingue esta palavra muito particularmente é o ella designar um encargo permanente ou muito duradouro, e tambem uma superioridade considerável no cargo exercido. — Entre *prepôr* e *cometer* nota-se que *cometer* meos exprime superioridade que missão de confiança, e tambem que não se *comete* para tempo indefinido, senão para aquelle que o acto ou acção que se incumba pode durar.

Committimento, empresa. — *Committimento* só se pode dizer por *empresa* quando esta for árdua ou arrojada. Portanto não deve dizer-se *committimento arrojado*, *árduo*, *difficil*, essa idéa estando já incluída no substantivo; é porém comúm dizer-se um *grande committimento*, os *grandes committimentos*, para qualificar aquelles que sobressaem de entre os outros.

(1) Parece-me que esta palavra se formou, assim como o verbo *tráfegar*, de *transfero*, trasladar, levar de um lugar para outro, (Nota do texto citado).

Committente, constituinte.—A pessoa que encarrega outra de fazer ou tratar do que ella muito bem poderia fazer ou tratar por si propria, é *committente*.

Constituinte. vocábulo que apenas tem uso no tóro, diz-se da pessoa que encarrega outra de fazer ou tratar do que ella por si propria não soubera ou não pudera fazer.

O *committente* não obra porque não quer obrar; o *constituinte* não sabe ou não pode obrar.

O representante de uma casa industrial que vem do estrangeiro tratar com o nosso governo a construção de um navio de guerra, vem em nome do seu *committente*.

A pessoa que encarrega um procurador de velar pelos seus interesses, é o *constituinte* de esse procurador.

Commoção, abalo.—O *abalo* é o estado momentâneo de um corpo que sac, quer total quer parcialmente, do seu quietismo habitual em virtude de um impulso proprio ou alheio.

Commoção indica melhor que *abalo* a acção do corpo em movimento affecta a todo elle, a todas as suas partes por igual. Assim pode dizer-se que o *abalo* provém da *commoção*—este vocabulo tendo uma idéa de collectividade ou de totalidade, e tambem de força de que aquelle carece, a não ser que se lh'a determine por meio de um epíteto, como quando dizemos um forte *abalo*. No sentido figurado subsiste essa mesma distincção. *Uma revolta popular é um abalo que não tem grandes consequências, mas as guerras civis são commoções que chegam a transformar os imperios.*

Commodidades, bem-estar.—Ser muito amigo das suas *commodidades* e ser muito amigo do seu *bem-estar* são expressões q e rigorosamente não se podem confundir. O vocabulo *bem-estar*, neste sentido, sugere idéa de voluptuosidade, de molícia, ao passo que a palavra *commodidades* exprime algo que facilita as operações ou a satisfação das necessidades.—Quem é delicado gosta das *commodidades*; todos aspiram ao *bem-estar*.

Commodo, commodidade.—Basta um exemplo para bem estabelecer a diferença existente entre estes vocabulos: *Uma casa pode ter muitos commodos e não haver nella nenhuma commodidade. Fazer alguma coisa a seu comodo é não lhe sacrificar nenhuma das suas commodidades.*

Assim, o *comodo* é o lugar em que cahem as *commodidades*.

Commum, ordinario, vulgar.—Apesar de na página 153 (artigo Banal) termos já comparado estes vocabulos nas suas relações com oestilo, voltamos a ocu-

par nos de elles nas suas relações mais geracs.

Commum é o que abunda; o que se vê com frequencia, o que muito possuem.

Ordinario é o que, na qualidade, não está longe do infimo, e tambem o que não se distingue por nenhuma qualidade ou circumstancia notável.

De este modo, o *commum* depende da quantidade, e o *ordinario* da qualidade.

Vulgar se diz do que é *commum* no vulgo, e sobretudo do que pertence à linguagem e aos hábitos das classes mal educadas da sociedade.

E' *commum*, mesmo entre gente não *ordinaria*. *Dizer «vendes» por «vendes» e vice-versa. «Semos» e «amos» por «somos» são ditos vulgares.*

A *commum* é oposto o que é raro; a *ordinario*, o que é fino; a *vulgar*, o que é entlo.

Commum, publico.—*Público* se diz do que não é exclusivamente para alguem; *commum* se diz do que é de todos ou para todos.

Roquefe diz muito bem de estes vocabulos:

«*Público* é o que pertence a todo o povo considerado colectivamente.

«*Commum* é o que pertence ou se estende distributivamente ao povo, ou a muitos.

«As rendas de uma nação os cofres em que ellas se guardam, os magistrados que as administram, são *públicos*, porque pertencem ao corpo colectivo da nação.

«Os interesses que os cidadãos têm em serem bem governados são *communs*, porque cada individuo, cada familia, participa de esta vantagem.

«Pode acontecer concorrerem as duas qualidades numa mesma coisa, v. g. as terras baldias de um concelho são *públicas* e *communs*, mas com diferente relação: *públicas* porque não pertencem a ninguém em particular senão ao povo de aquelle logar; e *communs*, porque todos e cada um dos habitantes participam da utilidade que de ellas pode resultar, tal é o pastio dos gados, etc.

«*Público* contrasta com privado; *commum* com particular. — O magistrado, quando se adianta em anos, deixa a vida *pública* e entra na vida privada. Os mosteiros possuem muitos bens em *commum*, porém os monges nada possuíam em particular.

Lacerda resumiu de Roquefe, dizendo: «*Público* é o que pertence a todo o povo, e a toda a nação considerada colectivamente.

«*Commum* é o que pertence ou abrange a maior parte.

«As rendas da nação chamam-se rendas *públicas* porque pertencem ao corpo colectivo da nação.

«As vantagens da boa administração do

«Estado são *comuns* porque por egual interesseam nella todos os cidadãos honestos.
«*Público* é oposto a privado; *comum* opõe-se a particular».

Comummente, geralmente, ordinariamente, de ordinario.

— *Comummente* refere-se ao espaço, as cousas que se fazem ou succedem por toda a parte; ou por quasi toda a parte; com este adverbio alunde-se por consequente ao grande número de pessoas que fazem, ou a que succede aquillo de que se fala. Quando dizemos que as *mulheres são comumente faladoras*, attendemos a que por toda a parte ellas têm essa baldia, que são muitas as mulheres que são faladoras.

Geralmente refere-se às pessoas, e diz-se do que é feito pela grande maioria de ellas, ou do que succede a quasi todas, ou mesmo a todas. Quando dizemos que as *mulheres são geralmente indiscretas*, attendemos a que quasi todas as mulheres têm esse defeito.

Ordinariamente é relativo ao tempo, e se diz do que succede na maior parte dos casos, quasi sempre. As *mulheres são ordinariamente curiosas*, quer dizer que em todas as circumstancias em que a sua curiosidade é excitada, não deixam as mulheres de a exercer; é um hábito que as domina, a que sempre obedecem.

De ordinario tem relação com a repetição dos factos, ou ao que em determinadas circumstancias succede. As *beatas quando rezam, costumam de ordinario*.

Roque compare a *ordinariamente* com *comummente*; diz assim:

«*Comummente* refere-se à multidão de pessoas que fazem a mesma coisa; *ordinariamente* à multidão de vezes que acontece a mesma coisa. — Tal porte é *ordinariamente* frequentado de navios; quer dizer, é quasi sempre frequentado de navios. Os militares são *comummente* pouco religiosos, isto é, são quasi todos ou pela maior parte pouco religiosos».

«Cisos ha em que as duas expressões sejam exactas, posto que em sentido differente. — O vulgo erra *ordinariamente* ou *comummente* em seus juizos, isto é, erra quasi sempre, ou erra quasi todos os que se incluem na denominação do vulgo».

Lacerda diz o mesmo das mesmas palavras:

«*Ordinariamente* refere-se ao grande número de vezes que tem lugar a mesma cousa. *Comummente* refere-se ao grande número de pessoas que fazem a mesma coisa. Em tal parágrapho cursam *ordinariamente* bons ventos; quer dizer naquelle parágrapho cursam quasi sempre bons ventos. A velhece é *comummente* prudente; quer dizer que os velhos quasi todos, ou pela maior parte são prudentes. — O vulgo erra *ordinariamente*, quer dizer:

«erra quasi sempre. O vulgo erra *comummente* quer dizer: erram quasi todos os que se incluem na denominação do vulgo. — Contudo estas palavras, em geral, tomam-se indistintamente».

Comuna, municipio, concelho. — O vocabulo *comuna*, como sinónimo dos outros dois de este grupo, tem duas accepções que, por uma já estar sepulta no passado, e a outra ainda em embrião para o porvir, não têm applicação na actualidade, pelo menos fulando de cousas nossas: — No passado, *comuna* foi o nome das povoações que, libertadas do jugo feudal pelo soberano, recebião de elle uma como carta de alforria que lhes concedia certos privilegios para se administrarem, até certo ponto, por si mesmas. No futuro, *comuna*, será o governo absolutamente independente de cada *municipio*.

Municipio e *concelho* designam actualmente a mesma circumscripção territorial, mas cada vocabulo representa uma idea diferente: o *municipio* é administrado, até onde o governo central lho consente, pelo povo, isto é, por vereadores de eleição popular; o *concelho* é o *municipio* sujeito a imposições e fiscalização do governo central.

Communhão, eucharistia, viático. — A Igreja católica, e tambem a grega, dão o nome de *eucaristia* (1) a um sacramento em que sob as especies do pão e do vinho (2) se administra real substancialmente o corpo, o sangue, a alma e a divindade de Jesus Cristo.

A *communhão* consiste em tomar ou administrar o sacramento da *eucaristia*.

Quando a *communhão* se administra fora do templo, o que succede principalmente quando se trata de um moribundo, denomina-se *viático*.

Communhão dos fiéis, Igreja.

— A reunião de todos os membros de uma Igreja, e particularmente quando se falia da católica, é muitas vezes chamada *communhão dos fiéis*, outras *Igreja*.

No primeiro caso representam-se os fiéis como unidos pela mesma fé, como participando em comum da mesma creença. No segundo designa-se da mesma colectividade como sujeita, como obrigada à mesma doutrina.

A *communhão dos fiéis* tem obrigação de acatar as decisões da *Igreja*.

Como, assim como, da mesmo modo que. — Na maior parte dos casos podemos dizer indifferentemente *como* ou

(1) Na grega *eucharistia*, testemunho de reconciliação.

(2) A Igreja católica, excepto para o celebrante da missa, suprime o uso do vinho.

assim como ou do mesmo modo que; há porém casos especiaes em que seria incorrecto exprimir-nos sem atendermos ao sentido particular de cada uma de estas expressões.

Como compara uma qualidade ou circumstancia com outra qualidade ou circumstancia; isto é: como estabelece comparação entre a essencia ou o modo intrinseco de ser das cousas: — *As expressões de quem comprehende as cousas só de modo confuso nunca podem ser claras como as de quem as percebe distintamente.*

Assim como estabelece comparação entre factos ou acções, sem porém attender ao modo como se realisam. *Pode negar se em absoluto que certos animaes pensam assim como o homem?*

Do mesmo modo que, sem comparar as cousas consideradas em si proprias, estabelece comparação entre o modo ou maneira de ellas se realisarem. *Se os animaes pensam, é inegável que a operação mental não se realiza nelles do mesmo modo que no homem.*

Compacto, espesso, denso. — De estes termos, o primeiro é o que considera maior aproximação ou adherencia entre as partes que compõem o todo. E' compacto aquillo que não consente que sem esforço se passe através da sua massa.

Espesso diz se do todo cujas partes estão muito próximas umas das outras, ainda que cada uma esteja separada das que lhe ficam mais perto: *bosque espesso.* Frequentemente se diz espesso por grosso: *uma espessa camada de gesso.*

Denso qualifica o todo cujas partes estão de tal modo juntas que não deixam entre si intervalo algum. Cientificamente se diz do corpo cujas moléculas estão apenas separadas pelos póros. Assim o ouro é denso, mais denso que o ferro. A agua é mais densa que o ar.

Vejam os que Roquete diz dos dois ultimos vocábulos do grupo, pois de compacto não faz menção:

«Referem-se estas duas palavras á quantidade relativa de materia de que se compõe o corpo, mas differenciam-se por algumas circumstancias.

«Dense equivale a apertado, compacto, que tem poucos póros e eases pequenos, unido, cerrado, apinhado. Diz se madeira densa, ouro mul densa, a densa névoa, nuvens densas; poeticamente se dá a Júpiter o epíteto de adensanúvens, como disse um poeta:

«A rubra mão de Jove adensanúvens

«Já fragosos raios amiluda,

«E o cenho horrivel estremece os pólos.

«Espesso corresponde a grosso ou massiço, que nem é fluído, nem raro, que é

abasto. A espessura é propria de matas, de adroestas, de bosques, de árvores, e de quaesquer corpos que se aglomeram e tornam uma especie de mata, como lanças, inimigos, etc.

«Espesso opõe-se a delgado, e denso a raro. — A densidade dá-se entre as diferentes partes de um corpo que entre si estão muito unidas e ligadas; espessura, entre diferentes corpos distintos que se tocam muito de perto e formam como um todo compacto. — As nuvens podem ser densas e espessas. — Densas quando são muito tapadas e não deixam passar os raios do sol, e espessas quando são grossas e como que aglomerados os vapores de que se formam.

«Espessura é palavra mais poetica que densidade, e como tal usada por Camões em varios logares; eis aqui dois notáveis:

«Num jardim adornado de verdura,
«Que esmaltavam por cima varias flores,
«Entrou um dia a deusa dos amores
«Com a densa da caça, e da espessura. (1)

«(Soneto XIII)

«Qual austro fero em bórcas na espessura
«De silvestre arvoredo abasceido.

«(Lus. 1, 35)

Lacerda, dos mesmos vocábulos que Roquete comparou, diz apenas o seguinte:

«E' denso o que é apertado, compacto, cerrado. E' espesso o que é massiço, basto, não fluído.

«Dense opõe-se a raro; e a delgado, opõe-se espesso.»

Compadecer-se, condoer-se, enternecer-se. — Compadecer-se é ter ou sentir compaixão; quer dizer, é sentir que a outrem haja succedido algum mal, mal que não podemos ou não queremos remediar, mas que pretendemos compartilhar em certo modo, e até consolar, se possível fôr.

Condoer-se é sentir uma como dôr á vista da dôr alheia, o que nos induz á aliviar a. — Condoer-se é mais eficaz para quem sofre que compadecer-se. — Socorremos aquelles de quem nos condocemos, e, quando os não podemos socorrer, compadecemos-nos de seus males.

Enternecer-se é sentir-se abalado, entristecido, e disposto a aliviar o mal alheio, quer esse mal seja ou não originado por nós.

Roquete compara enternecer-se e compadecer-se, dizendo:

«Em sentido recto chama-se enternecer

(1) Isto é: matas ou bosques sombrios de que Diana era a deusa.

uma cousa, pô-la terna e branda; no metafórico abrandar um coração, mover a etá tina, a ternura para com uma pessoa «que consideramos infeliz e desgraçada. *Compadecer-se* é tomar parte nas desgraças alheias, sentil-as, affligir-se com ellas; lastimar-se do desgraçado.

«*Enternecer-se* tem significação mais extensa que *compadecer-se*, pois não só significa disposição á ternura, senão também a muitas outras paixões suaves e benéficas, como a comiserção, o amor, etc. — Movemos a'guém á *compaixão* quando lhe a triste sorte do desgraçado; *enternecemos* a um homem de condição áspera e dura a quem pitamos com vlvas cores nossa triste sorte para que a remedeie. — A *compaixão* é communmente excitada pela presença do mesmo desgraçado; mas não se necessita isto para *enternecer-nos*, pois um coração sensível e bom *enternec-se* do que vê e do que não vê, do que lhe conta, e do que ele mesmo confidra. — O *enternecimento* está na natureza; a *compaixão* muitas vezes na razão, na reflexão, nas idéas de justiça e de equidade. — Uma mulher débil *enternec-se* de estudo com motivo ou sem elle; basta que o caso seja lastimoso. O varão forte *compadece-se* só por princípios de justiça. — O *enternecimento* mostra bom coração sem nenhuma quebra da parte do objeto que desperta este affectuoso sentimento; a *compaixão* supõe um sentimento de superioridade, e talvez de orgulho, no que a tem, assim como de abatimento e humildade no que a implora; por isso as almas grandes, e por ventura orgulhosas, preferem sofrer com valor estóico até as maiores desgraças e privações, antes que fazer cousa alguma que indique intenção de promover a *compaixão*, mórmente entre aqueles que as viram em seu auge. Melhor se abaterão aos que as não conhecem nem podem conhecer. Será muito embora um defeito, porém que a ninguém prejudica senão áquelle que o tem; e sempre o engrandece. O que entra seus aconciadões se vê decaído da prosperidade e abismado na desgraça, escanda-lhes estas misérias, e mova com ellas antes a *compaixão* dos estranhos, e console-se com a sentença de Camões:

«Que toda a terra é patria para o forte.
(Lus. VII, 63).

Lacerda diz apenas:

«*Enternecer-se* é ter disposição á ternura e a todas as paixões brandas e suaves, como a comiserção, abrandar-se, como *aver-se*.

«*Compadecer-se* é tomar parte nas desgraças dos outros, doer-se da dor alheia, affligir-se, lastimar-se do desgraçado.

«O homem frouxo, e a mulher débil en-

ternecem-se de qualquer lástima ou infortunio. O homem enérgico *compadece-se* quando a taoto o obrigam a razão e a justiça.»

Compadrado, compadrio. —

Concordam estes termos em designar as relações que existem entre compadres, mas apresentando as sob diferente aspecto.

Compadrado é a afuidade ou parentesco espiritual que contraem mutuamente os paes com o padrinho e a madrinha.

Compadrio é a intimidade ou familiaridade que ha entre compadres.

Companheiro, socio, collega, camarada. —

Companheiro diz-se de aquelle que, com intenção ou sem ella, acompanha a outro durante muito ou pouco tempo. **Companheiro de viagem.** **Companheiro de infortunio.** São *companheiros* os estudantes que em Coimbra formam uma república, e também os que estão hospedados na mesma casa.

Sócio é aquelle que se junta com outro para o logro de um fim. Os **sócios** de uma empresa. Os **sócios** de uma casa de commercio. Os **sócios** do club. **Sócio** da Academia das Ciências.

Collega é o que tem a mesma profissão que outro, ou desempenha cargo idéntico.

Camarada difere de *companheiro* em entre *companheiros* poder haver ou não familiaridade e duração de relações, idéas que são inherentes a *camarada*, vocábulo que etimologicamente significa «cohabitante do mesmo quarto.»

Companhia, sociedade. — Ha casos em que a differença entre estes vocabulos é extremamente subtil; noutros, que são os mais frequentes, a differença é tão sensível que ninguém se pode enganar na escolha do termo que convém.

Em geral, a *sociedade* considera-se como uma entidade distinta da entidade de cada um dos membros que a compõem; ao passo que a *companhia*, se bem forma um sêr distincto das pessoas que a compõem, nunca pode ser considerada independentemente, isto é, abstraindo a ideia da intervenção que de um ou de outro modo cada *companheiro* exerce nella.

Quando varias pessoas se entendem e se unem para fazer determinadas operações e tirar de ellas um certo lucro ou determinado resultado, essas pessoas constituem-se em *sociedade*, isto é, numa colectividade que é formada por todos os sócios, colectividade que não desaparecerá se desaparecerem alguns dos seus membros, e que não se alterará ainda que novos membros se lhe venham juntar. Assim, a palavra *sociedade* só por si, não diz se a colectividade é numerosa, nem se os meios de que dispõe são valiosos. — As *sociedades* podem ser ci-

vis em commerciaes; estas podem girar sob um nome colectivo, ou serem anónimas; distincção com que apenas se pretende inculcar a entidade legal de sêr, não a maneira de elle operar.

Quando a *sociedade* está formada por grande número de membros, e particularmente se ella dispõe de grandes meios, toma o mais das vezes o nome de *companhia*, vocábulo que exprime não só a idéa de *sociedade*, isto é, de um sêr de razão, mas também a de capitães consideráveis postos em comum pelos membros que a formam. — Assim a *sociedade* constituida para construir e explorar um caminho de ferro, toma geralmente o nome de *companhia*, mas a *companhia* em que só duas ou tres pessoas tomam parte é geralmente uma *sociedade*. — Dois irmãos formam *sociedade* para montar uma industria. — Diz-se a *Companhia Real dos Caminhos de ferro portuguezes* (não a *sociedade*).

Os vocábulos *sociedade* e *companhia* diferem ainda mais sensivelmente quando se fala de colectividades intellectuaes. Assim, falando da *sociedade* de geografia, comprehendemos por esta expressão uma colectividade que tem por objecto cultivar e fomentar os estudos geográficos e os interesses coloniaes portuguezes; nenhuma das individualidades que compõem essa *sociedade* se destaca da entidade colectiva quando a nomeamos, e não obstante occorrem nos então á mente a multidão de unidades que a compõem. — Pelo, contrario, quando um orador faz uma conferencia nessa *sociedade*, e se dirige ao auditorio tratando-o de *ilustre companhia*, inculca não só que abrange na mente a colectividade *sociedade*, mas também que considera por separado o valor intellectuel de cada um dos membros que a formam e aos quaes dirige a palavra.

Falando da *sociedade dos jesuitas*, consideramos a como uma entidade regida por certos estatutos que lhe asseguram uma poderosissima vitalidade e consideráveis meios de acção; não destacamos com essa expressão nenhum dos membros que a compõem, e não obstante consideramos os a todos unidos na acção e na doutrina. — Dizendo porém a *companhia de Jesus* ou a *companhia dos jesuitas* não só consideramos todo o conjunto dos seus membros, senão que particularizamos cada individualidade sob o seu carácter de ciência vasta, intelligencia subtil, influencia nefasta, e refalsada hipocrisia. — Assim diremos que a *sociedade dos jesuitas* tem uma tanto sãbia organização; e que a *companhia* utiliza cada um dos seus membros conforme as aptidões que elle revela.

Na linguagem moral vemos quo absolutamente colectiva á a idéa que formamos da palavra *sociedade* e quo colectiva e simultaneamente individual á a que forma

mos do vocábulo *companhia*, nas expressões: a *linguagem da alta sociedade* e *frequentar as más companhias*.

Dizenda a *linguagem da alta sociedade*, não nos referimos ás expressões que são proprias a cada um dos membros que a compõem, mas ás que-lhas que são comuns a todos elles; e dizendo *frequentar as más companhias* não só nos referimos á qualidade da colectividade, senão também ás más prendas que constituem o modo de viver de cada um dos seus membros. —

Uma boa *companhia* isto é, uma *companhia* em que cada um dos actores é bom, constitue-se em *sociedade* para explorar um teatro. — Procuramos *companhia* (e não *sociedade*) para estar com uma ou duas ou mais pessoas que, cada uma persi, e todas juntas, rompam a solidão em que estamos. — Vivemos em *sociedade* (e não em *companhia*) porque vivemos e convivemos com todos em geral, e não exclusivamente com cada um dos membros que a formam.

Compar, equal, semelhante, parecido. — Os dicionaristas pecam em explicar como por *equal*.

O que é *compar* pode ser *equal* ou não; o que é essencial é que forme par, ou, ainda melhor, simetria. As figuras que sustentem os candelabros que se põem a cada extremidade de um tremó são *compares* mas não *eguaes*; são *compares* porque fazem simetria, mas não são *eguaes* porque uma tem o candelabro na mão direita, e a outra na mão esquerda. As mãos do homem são *compares*, mas não *eguaes*, seus dedos achando-se em opposição.

Equal diz-se do que rigorosamente é tal como o objecto que serve do comparação: as bolas de bilhar devem ser *eguaes*. — Quando dizemos que os homens são todos *eguaes* é porque os consideramos como possuidores de um mesmo direito. — Quando se diz que as pessoas não devem sair da roda dos seus *eguaes*, consideramos uma particularidade qualquer que pertence, não a todas as pessoas em geral, mas só e por *equal*, a alguma de ellas, ás que são ou reputamos serem *eguaes*.

Semelhaute, na linguagem usual, não é tão rigoroso como *equal*, posto que não se refere exclusivamente á forma, mas também e sobretudo, á natureza das pessoas ou das cousas. O que é *semelhante* tem conformidade de formas, de contornos, de aspecto: mas tem só conformidade, não exactidão — pois se a tivesse seria *equal*; o que ha, é que a natureza é uma mesma no objecto e no seu termo de comparação.

Parecido se diz do que fisicamente não difere muito de aquillo com que se compara: os filhos nem sempre são *parecidos* com o pai.

Roque, de *semelhante* e parecido diz o seguinte:

«A conformidade de figura, de qualidade, de propriedade, e de outra qualquer espécie de circunstancia, que ha entre duas cousas diferentes, é a idéa común que corresponde a estes dois adjectivos; porém *semelhante* a explica de um modo absoluto, como existente real e verdadeiramente na cousa mesma; *parecido* a explica de modo relativo, isto é, com relação à nossa percepção, ao effeito material que causa em nossa vista, e ao juizo que esta cousa faz formar da *semelhança*. — *Triangulos semelhantes*. Retrato *parecido*. —

«De aqui vem, que *semelhante* se pode applicar com egual propriedade ao fisico e ao moral; porém *parecido* só convém com propriedade ao fisico. Isto é, aqueller objecto de cuja *semelhança* pode julgar materialmente nossa vista — *Uma virtude de uma autoridade semelhante*. *Um filho semelhante a seu pai nas acções*; *parecido com elle nas feições*.

Lacerda diz menos que Roque, e ainda menos claramente:

«Estas duas palavras—diz elle—convém na idéa común da conformidade de figura, de qualidade, ou de outra qualquer espécie de circumstancias, que existe entre duas cousas diferentes; porém *semelhante* a explica de modo absoluto, como existindo verdadeiramente na mesma cousa; e *parecido* a explica de modo relativo. Assim que, *semelhante* pôde applicar-se com egual propriedade ao fisico e ao moral; e *parecido* só se applica propriamente ao fisico, quier dizer, aos objectos de cuja *semelhança* podemos julgar materialmente pela vista».

Vejase o artigo *Análogo* na página 87.

Comparação, confronto. — A *comparação* é uma operação do espirito que determina haver ou não egualdade, *semelhança*, ou analogia entre dois objectos.

O *confronto* é uma operação do espirito que observa se entre os objectos ha alguma de aquellas relações.

A *comparação* ensina; a *confronto* estuda.

Comparação, simile. — Designamos com estas palavras a acção pela qual aproximamos um do outro dois objectos parecidos, ou entre os quaes ha alguma relação de *semelhança*. Diferem porém estes termos em no *simile* haver objectividade, e na *comparação* subjectividade.

O *simile* encerra-se nas proprias qualidades de *semelhança* que existe entre as cousas; a *comparação* está na operação do espirito que compara, isto é, que procura descobrir alguma *semelhança* ou diferença.

Frequentemente, porém, *simile* e *compara-*

ção dizem-se indifferentemente do raciocinio em que duas cousas se comparam, ou em que uma pessoa é comparada a outra ou a alguma cousa; mas então, ainda é necessario distinguir: o *simile* exige brevidade de expressão e deve ser apresentado como exemplo; a *comparação* pode ser mais extensa, e admite ornato no estilo.

Vejase o artigo precedente.

Comparar, confrontar, conferir, collacionar. — *Comparar* (do latim *comparare*, de *cum*, com, e *par*, egual, semelhante) é o modo geral de examinar como em que se parecem ou em que se differenciam pessoas ou cousas. Este verbo não sugere idéa determinada sobre o fim que tem a operação.

Confrontar (do latim *cum*, com, e *frons*, frente) é pôr frente a frente pessoas, e particularmente testemunhas e réos, para comparar os seus ditos, e vêr se entre elles ha contradição.

Conferir já nisto difere de *comparar*, pois declaradamente diz que a operação tem um fim determinado.

Falando-se de cousas, *confratar* tem um sentido análogo, pois na *confronta* o que se pretende é obter uma certeza, sair de uma dúvida. — *Confranta-se* a assinatura que se sabe ser de determinada pessoa com outra que a imita e que se julga ser feita por um falsificador.

* *Conferir* (do latim *conferre*, comparar) é comparar textos entre si para esclarecer um facto. Diz-se tambem da comparação que se faz entre as nossas contas e as que nos apresentam para vêr se umas concorram com as outras.

Collacionar (do latim *collatum* supino de *conferre*) é comparar entre si textos diferentes a fim de constituir um texto autêntico.

Comparar, cotejar. — *Compara-se* notando se, como vimos no artigo precedente, a *semelhança* ou a *diferença*.

Coteja-se para descobrir a conformidade ou a differença.

Os poetas *campam* os sentimentos da alma com os objectos naturaes que com elles têm alguma analogia, para pintal-os com mais viveza e naturalidade.

Os eruditos *cotejam* documentos e autores, para notar em que ponto estão ou não de accordo.

O *simile* retórico é uma *comparação*, mas não um *coteja*.

Quando se examina se a copia difere do original, *coteja-se*, mas não se *compara*.

Um autor diz: «As *comparações* são odiozas, mas os *cotejos* ainda o são mais».

Comparecer, vir. — *Fulano não veio* e *Fulano não compareceu* são expressões de sentido muito differente. Com a primeira diz-se que Fulano não foi aonde

tem o hábito de ir; ou aonde se julgava que fosse, ou mesmo aonde, sem compromisso formal, promettera ir. Com a segunda expressão afirma-se que Filano não foi aonde se compromettera a ir, ou aonde tinha obrigação de ir.

Vamos aonde queremos; comparecemos onde devemos ir.

Veja também o artigo **Apresentar-se**, na página 106.

Compartimento, aposento, divisão, peça.— No sentido em que aqui consideramos estes vocábulos, *peça* diz-se de cada um dos espaços que numa morada estão separados por parede ou tabique das peças contiguas: *um grande salão, assim como uma pequena alcova, ou mesmo uma das peças, são peças diferentes*. Vulgarmente dá-se a *peça* o nome de *casa*.

Divisão é o conjunto de peças independentes; *um quarto de dormir com a sua correspondente alcova forma uma só divisão*.

Aposento é a divisão ou as divisões que numa morada estão destinadas à permanência mais aturada de uma pessoa.

Compartimento é cada uma das moradas em que um andar está dividido. É o *apartment* dos Francezes, aquilo que um dos nossos escritores mais em voga chamou uma vez *apartamento* (!).

Compartir, compartilhar, participar, ter parte, tomar parte; repartir, distribuir.— *Compartir* e *compartilhar* exprimem que se fica com parte de um todo. *Compartir* diz-se do que é concreto e também do abstracto; *compartilhar* diz-se melhor do abstracto. — Nestes verbos predomina a ideia da actividade que mostra o sujeito em tomar para si.

Participar e *ter parte* exprimem que não somos alheios à coisa de que se trata ou que se faz em comum; mas apresentam geralmente essa ideia com relação à passividade do sujeito, o qual só involuntariamente, por acaso, por accidente, ou sem propósito deliberado, toma parte nella.

A ideia contrária a essa passividade exprime-se com *tomar parte* ou com *compartilhar* ou *compartir*.

Repartir e *distribuir* põem em evidência não só quem faz a acção, mas também quem a recebe, assim como a coisa que se reparte ou se distribue.

Repartir é referente ao modo do quem faz a operação, ao valor da parte, e consequentemente ao interesse que corresponde a quem recebe. *Os impostos devem repartir-se com equidade*.

Distribuir considera que é considerável o que se distribue, e chama mais a atenção para a generosidade ou intenção do distribuidor que para a pessoa que recebe. Quem

distribue sabe e calcula o que faz. *Os comerciantes que fazem reclamo às suas casas distribuído todos aos pobres*.

Compassado, lento, vagaroso.— Estes vocábulos concordam na ideia geral de «denorado», «não apressado»; cada um apresenta porém essa ideia de modo diferente.

Compassado exprime enfiado, melancolia, esforço para não ir mais depressa. O *passo compassado* não é o passo ordinário da pessoa que momentaneamente o leva, mas sim aquelle que uma circunstancia qualquer a obriga a tomar, talvez com sacrificio sen.

Lento diz-se das pessoas e das coisas consideradas como agentes. No primeiro caso, *lento* qualifica melhor o carácter da pessoa que o modo de ir de uma das suas acções; quem tem a *fala lenta*, tem-na assim habitualmente. O homem que perde a sua actividade torna-se *lento*. — O *passo lento* tarda em levar ao ponto de chegada. — No segundo caso, *lento* é relativo ao efeito, e não ao sujeito; um *veneno lento* tarda a manifestar-se, deixa ainda muito tempo de vida.

Vagaroso diz-se do que não é tão activo, como pudera ou como devera ser. O que é *vagaroso* tarda, por culpa do sujeito, em chegar ao termo a que se destina.

Compassível, compassivo.— *Compassível*, que só se diz de pessoas, designa facilidade em compadecer-se.

Compassivo diz-se, não só das pessoas, mas também do que de ellas provém; designa no primeiro caso o sentimento do compadecimento; e no segundo a expressão do esse sentimento.

O homem *compassivo* é *compassivo* ante os sofrimentos alheios; lança um olhar *compassivo* sobre os que sofrem.

Compatriota, patricio, conterrâneo, concidadão.— Quem, com relação a outro, é da mesma patria, e de ella está ausente, é *compatriota* de esse outro.

Patricio é aquelle que, independentemente da relação que existe para *compatriota*; é da mesma patria quo outro ou outros. — Vulgarmente diz-se de aquelles que são da mesma provincia, ou da mesma terra, quando estão fóra de ella, mas dentro da patria.

Conterrâneo só se diz dos que são da mesma terra, do mesmo conceito ou da mesma comarca.

Concidadão é cada habitante de uma povoação importante com relação a todos os seus *conterraneos*.

O uso nem sempre atende a esta gradação de ideias, e muito particularmente ao empregar algum dos trez primeiros termos do grupo.

(1) No livro «Os Maias».

Compendiar, epitomar.—De estes verbos diz Requette:

«Posto que *compêndio* e *epítome* sejam quasi a mesma coisa, com tudo, ou seja pela diferença das etimologias ou pelo uso que prevaleceem, os dois verbos que de estas palavras se formam, têm diferente valor.

«*Compendiar* é expôr sucintamente os elementos ou princípios mais geracs de uma ciência ou arte, omitindo desenvolvimentos, idéas secundárias, etc.

«*Epitomar* é reduzir a menos uma obra mayor; é encurtar, abreviar o que está escrito largamente.

«*Epítome*, supõe obra mayor de que se resumim; *compêndio* são os elementos de uma ciência, de uma historia, sem que se diga que essa ciência foi tratada ou essa historia escrita largamente.»

Compêndio, resumo, recapitulação.—Na composição literaria, como no discurso, o *compêndio* é a repetição abreviada do que se disse anteriormente; isto é: é a repetição do texto ou do discurso, mas em poucas palavras, e essas ainda despojadas de quanto não seja necessario ao sentido.

Resumo é a substancia do que se disse, a consequencia que se tira de uma série de raciocínios.

Recapitulação é a revista sumaria de todos os pontos tratados.

Em *compêndio*, em *resumo*, *recapitulando*, são expressões que correspondem respectivamente a cada um dos substantivos comparados neste grupo.

Compennetrar-se, convencer-se.—*Convencer-se* é uma operação que em si já não é simples, mas *compennetrar-se* é operação muito mais complexa.

Convencer-se (do latim *convincere*, vencer completamente) é negar as idéas proprias para admitir as alheias que nos são demonstradas verdadeiras quer com provas, quer com argumentos de tal ordem que nem podemos eximir-nos a elles, nem refutal-os.

Compennetrar-se é não só *convencer-se*, mas ainda reter e arraigar o convencimento no espirito, onde elle se torna uma como preoccupação continua.

Compensação, Indemnização, reparação.—*Indemnização* é a reparação de uma perda por meio de um valor exactamente igual ou simplesmente proporcional ao bem perdido. Este vocabulo, posto que se trata de valores, só pôde applicar-se a damnos materiais. Assim não se dirá que o soldado que perde um braço na guerra recebeu uma *indemnização*; mas dir-se-á, e muito bem, que as companhias de seguros dão uma *indemnização* pecu-

niaria ao lavrador cuja colheita foi devorada pelo incendio.

Compensação é um bem que se adquire ou se tem em vez de outro bem de que se carece. *A delicadeza do tacto do cego é uma compensação á sua falta de vista.*—Este vocabulo (do latim *cum*, com, e *pensare*, pensar) sugere a idéa do bem que se tem ser exactamente equivalente ao bem de que se está privado; um *compensa* o outro.

Reparação, vocabulo que melhor se diz do que é moral que do que é fisico, é o acto que faz desaparecer o mal ou a perda que se occasionou. *Em certos casos o matrimonio é unica reparação é possível.*

Compensar, contrabalançar.—Se nos quizermos valer do auxilio dos dicionarios para estabelecer a differença que ha entre estes vocabulos, ver nòs-emos seriamente embaraçados; procurando por exemplo no mais recente de todos elles, deparamos com estas definições:

«**COMPENSAR**, v. t. contrabalançar; estabelecer equilibrio entre; indemnizar; substituir. (Lat. *compensare*, de *cum* + *pensare*, pensar).

«**CONTRABALANÇAR** v. t. equilibrar; contrapesar. (1); compensar. (De *contra*...

+ *balançar*).

Resulta de estas definições que *compensar* e *contrabalançar* são sinónimos perfectos, e que por consequencia um dicionarista poderá por exemplo dizer: «*Contrabalanço* a deficiência das minhas definições e a omissão de muitos vocabulos da lingua, com multos milhares de plebeísmos e termos logareiros.»—E nada obstará a que qualquer possa dizer: «*Compenso* a sua andaeia com o meu sangue frio.» Mas nestes exemplos a impropriedade da expressão é manifesta, e claramente se vê que no primeiro exemplo convem o verbo *compensar*, e no segundo *contrabalançar*.

Compensar, como vimos no artigo precedente, é substituir uma falta por algo que supra as suas vezes ou o seu valor.

Contrabalançar é opôr uma força a outra força.

Compensar tem por fim facilitar, ajudar; *contrabalançar*, tende a um fim oposto: o do aniquillar, ou pelo menos, neutralisar.

Competencia, capacidade.—A *competencia* é, numa das suas accepções o poder ou a attribuição de entender em certos assumtos. Neste caso *pode ter-se competencia e não ter capacidade*, asserção que está sobejamente provada com os resultados do sistema politico-parlamentar que nos rege.

(1) CONTRAPESAR, no mesmo dicionario, vem assim definido: «contrabalançar; equilibrar com *contrapésos*».

Noutra acepção, *competencia* e *capacidade* são aqelle conjunto de qualidades e conhecimentos necessários para levar a bout resultado determinada ordem de cousas; com esta differença porém: que a *capacidade* pode ser reconhecida ou se ella existe em esta latente, isto é, sem nunc se haver decclarar; ao passo que a *competencia* só pode ser reconhecida e apreçada depois de revelar se.

Competente, respectivo, proprio, adequado.—Qualifica se de *competente* o que exclusivamente está destinado a determinado fim. Os *párcos* *devem* *exarar* o *registro* dos *báti*mos no *livro competente*.

Respectivo diz se do que não só é *competente* mas também destinado a uma particularidade que sobresae do geral. Os *párcos* *exarom* em *livros competentes* os *registos* de *báti*mo, de *matrimónio*, e de *óbito*; *cada* *registro* no *seu* *livro respectivo*.

Proprio differe de *competente*: 1.º em *competente* designar o que é indispensável; e *proprio* o que pode servir para o fim que se pretende; 2.º em *competente* determinar a validez do facto; ao passo que o que é *proprio* só se pode considerar como tal, devido a não se opôr á natureza do facto. Assim. Um *recibo* não é *válido* *quando* não tem o *sêlo competente*. O *livro* que é *competente* para os *párcos* *inscrevem* os *seus* *registos* *pode*, ou *pelo* *formato*, ou *pela* *qualidade* do *papel*, ou *por* *qualquer* *outra* *circunstancia*, não ser *proprio* para o uso a que o *destinaram*.

Adequado diz-se do que foi feito de propósito para um fim determinado, ou do que se modificou de modo a servir para certo fim.

Competir, rivalizar.—Ha entre *competir* e *rivalizar* uma differença principal de que dependem as outras que distinguem estes dois vocábulos. *Competir* tem por objecto obter uma cousa no futuro; *rivalizar* tem influencia na actualidade.

Competir é brigar para vencer na pretensão comum a varios, para adquirir o gozo exclusivo do que muitos desejam obter.

Rivalizar é pugnar por exceder a'outrem na posse do que se tem.

Quem *deseja* *alcançar* uma *dignidade*, uma *honra*, um *emprego*, e *trata* de *vencer* *quantos* *pretendem* o que *elle* *deseja*, *compete*.

— Quem, *gozando* das *mesmas* *vantagens* de que *outro* *goza*, *trata* de *igualar* o ou de *exce*l-lo em *predica*los ou *circunstancias*, *seja* só *pelo* *desejo* de se *tornar* mais *saliente*, *seja* com o *fin* de se *tornar* *húico* *possuidor* do que na *actualidade* *he* é *comum*, *rivalizar*.

Compilador, plagiario.— Estes vocábulos só muito remotamente podem ter alguma sinonimia—o *plagiario* estando

para o *compilador*, como um ladrão que rouba pode estar para o sábio que colecciona.

Limitar-nos-emos portanto a transcrever o que de estas palavras foi dito pelos outros sinonimistas.

Diz Roquete:

«O *compilador* renne, com mais ou menos intelligencia, os escritos e pensamentos de outros para formar uma coleccion, que, se é bem feita, traz utilidades ás ciencias e faz apreciável o titulo de *compilador*.

«O *plagiario* copia os pensamentos de outros autores, ou troços linteiros de suas obras, formando uma especie de manta de retalhos sem a devida intelligencia, excolha, concerto e harmonia, attribuindo-se a si proprio o trabalho o mérito de aquelles a quem rouba sem sequer os nomear; apovoneando-se qual o gayo da fabula com valhelas galas.

«O *compilador* pode ser um literato apreciável e útil; o *plagiario* é uma especie de pirata literato que desapiedada e impunemente despoja aos mortos, e ás vezes aos vivos, de suas scientificas riquezas. Se aquelle á digno de honvôr, este merece a mofa e desprezo dos verdadeiros sábios por seu arrojo e ousadia.

Lacerda diz o mesmo em muito menor número de palavras;

«*Compilador* é o que collige os escritos, ou simplesmente os pensamentos esparalhados nas obras de alguns escriptores, para algum fim determinado.

«*Plagiario* é o que copia literalmente pensamentos, ou trechos das obras de algum autor, e attribue a si o que é fructo do trabalho e do ingenho alheio».

Compilar, colligir.—Frequentemente se vêem estes dois verbos empregados indistintamente quando se trata de escritos, leia, documentos, etc. — Não obstante parece que *compilar* indica maior unidade de idéa que *colligir*.

Compila-se o que contribui a completar ou a elucidar um ponto determinado.

Collige-se o que tem entre si mais ou menos relação sob o ponto de vista de uma idéa geral.

A verdadeira differença que se pode determinar entre estes verbos está em *compilar* só se poder dizer de escrito, e *colligir* de tudo quanto é susceptível de formar coleccion.

Complacencia, deferencia, condescendencia.—A *complacencia* é o facto de aquelle que se esforça em contraprazar, que faz quanto pode para ser agradável á pessoa por quem mostra ter *complacencia*.

A *deferencia* é o facto da pessoa que ainda que seja outro o seu desejo, cede ante

a idade, a jerarquia ou o mérito da pessoa por quem testemunha deferencia.

A *condescendência* é o facto de aquelle que desce ao nível da pessoa a quem condescende, desistindo de parte, ou de todo o direito que tem em ser autoritário ou imperioso. A *condescendência* negre pois a idea de haver superioridade em quem a pratica e inferioridade em quem é favorecido com ella. A *condescendência* é uma communição de que nem todos os temperamentos são susceptíveis.

Comparando mais intimamente *condescendência* e *deferencia* encontramos o seguinte artigo no Dicionario de sinónimos de D. José Joaquim de Moraes, a que já não trocamos lugar alhures:

«A *condescendência* consiste em accommodar-se ao gosto de outrem, em ceder a alguma coisa em seu favor; a *deferencia* em adherir-se a sua opinião, em o não contradizer. A *condescendência* supõe certa superioridade em quem a exerce, como denota a sua derivação etimológica do verbo latino *descendere*. A *deferencia* pode exercer-se para com os eguaes ou para com os inferiores. *El rei teve a condescendência de visitá-lo. Dei-lhe o meu voto por deferencia para com o seu protector*».

Vejamos agora o que de estes mesmos vocabulos nos dizem Roquete e Lacerda.

Copiemos do primeiro:

«*Complacencia* é um meio para procurar prazeres aquelles com quem vivemos, e assim o que nobremente compraz pode lisonjear-se de causar prazer e agrado.

«Também contribui a causar prazer a *condescendência* nascida do mesmo motivo que a anterior, pois é um desejo e esmero em accommodar-se á vontade e aos gestos de outra pessoa, e assim os latinos lhe chamavam *obsequium*, que na composição mesma da palavra vem a significar ceder, assentir a ou com outrem.

«A *deferencia* tem bastante relação com a anterior, mas aumenta sua força, pois o que *deferre* cede sempre ao desejo ou ao dictame alheio sem nunca sustentar o seu, como se aquelle lhe fosse proprio e este não. A *deferencia* supõe completa submissão, nenhuma contrariedade, e a *condescendência* certa tolerância e como prudencia em não contradizer para não desagradar nem ofender a outrem. O *condescende* cala quando poderia falar; cede quando poderia opôr-se. O *deferente*, se adhere, une-se estreitamente á vontade, ao dictame de outrem; prefere sem violencia os sentimentos alheios aos seus proprios.

«A necessidade, as circumstancias, os respeitoes sociais nos impõem a *complacencia*, quasi sempre como sacrificio de nossa vontade. As necessidades, as utilidades, os defeitos, os vicios mesmos de

aquelles com quem lidamos podem muitas vezes nossa *condescendencia*, e nos obrigam a depôr, quanto seja possivel, nossa severidade, e nos fazem com desacer de nossa superioridade para nos prestarmos ao gosto dos demais, desistindo da razão e do direito que poderíamos reclamar. O respeito ao agrado, a abnegação da vontade propria, devem acompanhar a *deferencia* para com nossos superiores».

Diz o segundo:

«*Complacencia* é a disposição que nos move a conformar a nossa á vontade dos outros.

«*Deferencia* é a disposição que nos move a concordar com os sentimentos de outrem, mormente quando é pessoa a quem devemos attenção e respeito, prescindindo dos nossos».

«*Condescendencia* é a disposição que nos move a ceder á vontade e desejos dos outros, sem termos conta á nossa propria opinião ou autoridade pessoal».

Complanar, aplanar, nivelar.

— *Aplanar* é simplesmente tornar num todo plano.

Complanar é pôr plano com outro plano o que está a mayor ou a minor altura fóra de este outro plano. — Assim *aplanar* indica uma operação a effectuar numa extensão; e *complanar*, indica operação parcial a effectuar, para pôr no mesmo plano o que está fóra do plano já existente. *Aplanar-se* o terreno que está em frente de uma casa; *complanar-se* o terreno que está nas trazeiras da casa com o que está na frente de ella.

Aplanar e *nivelar* são operações diferentes. *Aplanar* é tornar liso, tirar as escabridades. *Nivelar* é, ou pôr numa coisa em plano horizontal, ou pôr a no mesmo plano horizontal que outra occupa.

Complemento. suplemento.

— O *complemento* é uma parte indispensavel ao todo para este se fazer cabal. Antes de juntar o *complemento* ao todo, falta-lhe a este essa parte essencial para estar completo.

O *suplemento* não tem por fim completar um todo, mas augmenta-o com adições que se julgam úteis.

Quando se acrescenta um *complemento* a uma obra restitue-se-lhe o que o seu plano primitivo exigia. — Quando se lhe dá um *suplemento*, augmenta-se com desenvolvimentos que não foram previstos no seu plano, mas que seu autor julga úteis para a tornar mais explicita e perfeita.

Abona-se o *complemento* do preço de uma empreitada satisfazendo ao empreiteiro a quantia que prefaz a soma pela qual ella foi ajustada; abona-se-lhe um *suplemento* quando, por qualquer circumstancia, se julga que-

o empreiteiro mercee se lhe dê quantia superior á do ajuste primitivo.

Diz Roquete:

«**Complemento** é aquilo que *completa* um todo, de modo que nada venha a faltar-lhe. **Suplemento** é um aditamento a uma cousa já feita, que supre o que lhe faltava, mas que se não pôde chamar *completo*. — Fazem-se *suplementos* aos dicionários de linguas, do sciencias, etc., os quaes ajuntam novas artigos, e talvez *completam* temporariamente a materia de que tratam; mas como os conhecimentos humanos e as descobertas scientificas e industriaes fazem todos os dias novos progressos, não haverá nunca um verdadeiro *complemento* de taes dicionarios.»

Lacerda diz muito confusamente:

«**Suplemento** é o que se acrescenta ao que está feito, o que supre o que falta a alguma cousa.

«**Complemento** é o que preenche o que falta a alguma cousa, de modo que fica sem omissão, nem lacuna; é o que *completa* um todo, no qual ao depois nada falta. Emquanto poder haver aditamento, também pode ter lugar o *suplemento*; mas depois do *complemento* já não pôde nada acrescentar-se.»

Completo, total, inteiro, perfeito.

— **Completo** (do latim *completus*, particípio do verbo *compleo*, encher, inteirar) diz-se do que está acabado com quanto necessario, do que tem quanto se lhe deve pôr, do que reñe todas as partes que lhe devem constituir o ser cabal. Uma companhia de comêos está *completa* quando tem artistas para todos os gêneros, comparsas, e figurantes, etc., em número sufficiente. Possuimos uma *casa completa* quando, além de todas as divisões necessarias para o nosso uso, ha nella mobilia, petrechos e utensilios que devem satisfazer a todas as nossas necessidades e comodidades.

Total (do latim *totus*) tem mayor relação com o conjunto quo com cada uma das partes que o formam, e é por isso mesmo que tem um sentido mais preciso e mais extenso quo *completo*. Assim a *ruína completa* de uma cidade traz á nossa mente a idéa da ruína se dar no commercio, na industria, no desenvolvimento intelectual e físico de essa cidade, uas não nos aeu edificios, nem nos seus habitauzes; ao passo que so dissermos a *ruína total* de uma cidade a idéa que fazemos é relativa aos monumentos, edificios e fortificações, que consideramos como desmoronados, caidos, formando tudo um montão de ruínas, e ficando a cidade como deserta. — Por essa mesma razão, *total* presta so para designar o que encerra negação, emquanto que *completo* melhor se adapta ao que lucido affirmção. **Perda total; adquisição com-**

pleta. Total aniquilamento das forças; completo restabelecimento da saude.

Inteiro (do latim *integer*) diz-se de aquilo que está intacto, de aquilo de que não se tirou nada, do que ainda tem todas as suas partes. Diferem portanto *inteiro* e *completo*, cu *inteiro* indicar negativa de acção, e *completo*, affirmativa: para conservar *inteiro*, não se tira; para *completar*, põe-se. A obra *inteira* de um autor, são todas as suas produções, sem falta de nenhuma; a obra *completa* do autor, são todas as suas obras, as quaes se reuniram. — Pode também dizer-se que o *completo* é o que se compõe das partes necessarias para formar o todo; e o *inteiro* o que comprehende essas partes sem separação umas das outras. Um regimento está *completo* quando contém o número de praças, de officios, de músicos, etc., que a organização militar lhe assignou. Um corpo está *inteiro* quando, como dissemos, não lhe falta nenhuma das suas partes. Assim um regimento *completo* não está *inteiro* no seu ponto de quartel quando tem destacamentos nalguma outra terra. — Não está *completa* uma obra a que falta algum volume; nem está *inteiro* um livro a que faltam alguns folhas.

Perfeito, que só tem sinonimia com um dos vocabúlos de este grupo, *completo*, diz-se com relação ao trabalho ou acção que se considera como *completa* e feita em condições de perfeição. Assim uma cousa pode estar *completa* e não ser *perfeita*. — Quando de uma cousa *incompleta* se diz que está *perfeita*, não se atende á obra toda em si, mas considera-se como um todo *completo* a parte que está feita.

De *perfeito* e *completo* diz-nos Roquete:

«O que está acabado, inteiramente feito, que tem tudo o que lhe é proprio, a que nada falta, é *perfeito*.

«O que é cabal, tem a plena união de tudo que pôde ter; que renne todos os graus possiveis de perfeição; a que nada se pode ajuntar, é *completo*. (1)

«Melhor se aprecia a differença de estes vocabúlos se atendermos á sua origem latina. O primeiro vem do *perficere*, que significa perfazer, fazer acabadamente; e exprime a idéa do que está de todo feito, consumado. O segundo vem de *compleo*, que significa encher de todo; e exprime a plenitude inteira e absoluta.»

Lacerda, que se despenha no mesmo erro de interpretação em quo caiu Roquete, não fez senão copiar livremente o que este escreven, sem cuidar de o corrigir. Eis o que diz o illustre socio effectivo da Academia Real das Sciencias de Lisboa. (2)

(1) Coplamos fielmente, mas facilmente se deprehende que onde o autor diz *perfeito* deve-a dizer *completo*, e vice-versa.

(2) Sublinhamos acintemente, pois cada vez nos vamos convencendo mais o mais que as sciencias de Lisboa não são como as de outra qualquer parte.

«Perfeito é o que tem tudo que lhe pertence, a que nada falta do que deve ter.

«Completo é não só o que tem tudo que deve ter sem nada lhe faltar, mas também a que nada se pôde acrescentar, porque tem reunidos em si todos os graus ou equílibros da perfeição possível.

«O que está perfeito está feito inteiramente, é consumado. O que está completo é nada inteiro e absoluto; e assim como de nada carece, também não há nada que possa acrescentar-se-lhe.»

Complexão (1). temperamento, natural, constituição, índole, gênio

— Nos vocábulos que formam este grupo há um, *constituição*, que só se diz do que é físico; dois, *complexão* e *temperamento*, comuns ao físico e ao moral; três, *natural*, *índole* e *gênio*, que só se dizem do moral. Estadal os cmos nesta ordem.

Constituição (do latim *constituere*, estabelecer) é o vocábulo mais apropriado para designar as boas ou más qualidades do corpo, e particularmente aquellas que aparecem exteriormente, e que qualquer pessoa pôde descobrir no individuo. Um homem do *constituição* robusta tem membros fornidos e vigorosos, manifesta excellentes saúde, e claramente se vê que pode resistir à fadiga.

Complexão, no relativo ao físico, refere-se melhor ao interior que ao exterior do individuo. A *complexão* é o que resulta do conjunto dos órgãos, e também da combinação dos humores. *Ha complexões fortes* assim como ha *complexões delicadas, fracas*, etc.—E' para notar que este vocábulo se emprega muito mais frequentemente para designar as más do que as boas qualidades.

No relativo ao moral, *complexão* diz-se das qualidades sensíveis, e mais das boas e fracas que das más e enérgicas; é quasi sinónimo de *humor*, e assim diz-se *complexão pachorrenta, complexão atregr*, etc.

Temperamento diz-se, no físico, da mais constante manifestação fisiológica do individuo: *ha temperamentos sanguíneos, linfáticos*, etc.—No moral diz-se das causas que produzem quaesquer manifestações exteriores, mas geralmente melhor se diz das fortes ou violentas, que das brandas ou suaves: *temperamento irascível, fogaoso, ardente*.

Natural é o conjunto das qualidades moraes que são proprias do individuo, que nasceram por assim dizer com elle, que provêm do seu caráter, da sua natureza.

(1) «Complexão», que uns pronunciam, e muito bem «complexões», e outros, menos acertadamente, «complexão», é a forma adoptada pela gente culta para escrever e que outros dizem e escrevem «complexão», desviando-se assim da prosodia latina para adoptar a pronunciação popular.

Esta palavra, geralmente só se diz com relação ao bem ou ao mal, pois quando por exemplo dizemos um *natural apático*, melhor nos exprimiriamos empregando o termo *complexão*.

De *índole* e *gênio* já nós falámos no artigo *carácter, humor* (veja-se na pagina 22).

Lacerda é o unico sinonimista portuguez que fala de *complexão, temperamento, natural e constituição*. Diz elle:

«*Complexão* indica propriamente as disposições habituaes adquiridas ou congenitas que nos caracterizam considerados fisiologicamente.

«*Temperamento* é a disposição habitual que resulta da proporção e mixtura dos humores na nossa organização fisica, e se manifesta com mais ou menos effecacia.

«*Natural* designa as qualidades, as disposições, as propensões, numa palavra o caracter que recebemos da natureza.

«*Constituição* é termo genérico e indica a disposição, a ordem dos diferentes elementos e diversas partes que constituem o corpo humano, o estabelecem como elle é, e formam o seu estado, o seu modo especial de existir.»

Roquefe apenas fala de *natural, gen'io e índole*, dos quaes vocábulos diz:

«*Índole* é a inclinação natural propria de cada um. *Gênio* é a inclinação segundo a qual dirige cada um suas ações. Aquella é uma qualidade da alma; este parece mais uma disposição da vontade, e dá sensibilidade. A união da *índole* e do *gênio* forma o *natural*, que é o caráter individual de cada um.

«O homem que naturalmente é inclinado à verdade, ao bem, à virtude, tem boa *índole*. O que não se irrita facilmente, sabe moderar os transportes da ira, e não se enoja arrebatadamente, tem bom *gênio*. O que em todas as cousas e circumstancias sabe mostrar-se razoável, moderado, conciliante, pacífico, tolerante, sem que experimente contrariedades interiores nem tenha que vener propensões opostas, esse tem um bom, um feliz *natural*.

«Pôde dar-se n'um homem boa *índole* e mau *gênio*; o pôde também acontecer que este domine algumas vezes aquella, mas o triunfo é de pouca dura; e passado o primeiro impeto, vê-se o *gênio* forte, irritável e ardente, que se apresentava com o aspecto de leão, macio e brando como o manso cordeiro à disposição da *índole* que o afaga e lhe emenda as faltas. Não se dá esta desigualdade no homem de bom *natural*, porque nelle domina a *índole* sobre o *gênio*, e quando aquella não basta, supre a reflexão; por isso se diz que um bom *natural* é o melhor dom que o homem pode receber do Creador em ordem à sua felicidade temporal.»

Também Lacerda compara os tres vocábulos comparados por Roquette, dizendo:

«*Indo* refere-se mais propriamente à inclinação que nos são congénitas, à inclinação moral do homem.

«*Gênio* refere-se com especialidade às disposições da vontade, e do temperamento.

«*Natural* alirunze aquellas e estas.

«*Tem boa índole* o homem propenso ao bem e à virtude.

«*Tem bom gênio* o homem que não se irrita facilmente, e que sabe moderar os impetos da ira, ainda quando justa.

«*Tem bom natural* o homem que pode e sabe dominar-se, mostrando-se em tudo razoável, conciliador e tolerante. O *bom natural* é o melhor dom que o homem pode receber do Criador com respeito à ordem social.»

Complexo, complicado.—Na linguagem familiar dá-se frequentemente que estes adjectivos se empreguem indistintamente, o que, dada a índole de esse estilo, não pode ser censurado; fóra da linguagem familiar é porém forçoso distinguir entre elles.

Complexo diz-se do que encerra ou abraça muitos elementos ou partes; e, noutro sentido, do que pode ser observado desde varios pontos de vista.

Complicado diz-se do que reune em si cousas de diferente natureza; e no sentido paralelo ao segundo sentido de *complexo*, do que é intrincado, confuso, difficil de comprehender-se.

Complicação, embaraço, difficuldade.—A *complicação* supõe varias cousas de diferente natureza que, p- lo seu conjunto, nos confundem ou nos dificultam a solução.

O *embaraço* difere da *complicação* em não ser o proprio conjunto que nos confunde, mas sim a opção que devemos fazer por uma das muitas e umas que se apresentam, e que se opõem mutuamente.

Difficuldade não implica idéa de conjunto, nem a exclusão; considera apenas a natureza do que se apresenta com a circumstancia de ser difficil.

Complicado, implicado.—*Implicado* diz-se — falando de pessoas — de aquellas que se acham envolvidas em questões desagradáveis que a justiça compete esclarecer. Este vocábulo não quer de modo nenhum dizer que a pessoa haja tido em torno da parte em questão, mas só que a justiça supõe que ella não lhe é alheia.

Complicado, só por abuso, que aliás é muito frequente, se diz neste sentido.

Compôr, fazer parte de.—*Compôr* é exclusivamente relativo a um con-

junto; *fazer parte de* considera no conjunto o cada uma das suas partes isoladamente. — Quando dizemos os instrumentos que *compõem a banda*, consideramos o conjunto de esses instrumentos, isto é, a propria banda, sem fazer abstracção de nenhum instrumento. Ao dizer os instrumentos que *fazem parte da banda*, consideramos a banda no seu conjunto, e cada instrumento do per si.

Por outro lado, *compôr* diz-se de todas as partes que *compõem* o todo; e *fazer parte de* mais frequentemente se diz só de alguma de essas partes. Os membros, o tronco e a cabeça *compõem o corpo humano*. Os membros *fazem parte do corpo humano*.

Comporta, esclusa.—O facto de em Portugal não haver canas de navegação faz com que estes vocábulos sejam muito frequentemente confundidos, devida a entre nós serem desconhecidas as cousas que por elles são designadas.

Exclusa, ou melhor *elclusa* (o vocábulo vindo do francez *écluse*, e não directamente do balzo latim *exclusa*, como alguns pretendem) é o dique que pôe em comunicação dois diferentes planos de um canal de navegação para que as embarcações possam passar de um de elles para o outro.

Comporta é cada uma das duas portas que dão accesso á *elclusa*.

Só por erro é que os dicionaristas explicam *elclusa* por *comporta* e vice-versa.

Comportamento, conducta, procedimento.—*comportamento*, vocábulo que, como *conducta*, não se pode dizer senão no singular, é o modo como uma pessoa se conduz não só em determinadas occasiões, mas habitualmente.

Conducta diz-se do geral dos actos de alguém, do seu modo habitual de se dirigir na vida. Este vocábulo é considerado como galicismo d'innecessario.

Comportamento e conducta dizem-se unicamente dos actos considerados como relação á pessoa que os pratica, os alheios não tendo nelles outra interferencia além da opinião que de elles formam.

Procedimento diz-se, tanto em singular como em plural, dos actos de alguém em relação a outrem, ou tão somente dos actos considerados pelas suas consequências.

Ter bom ou mau **comportamento** é respectivamente portar-se ante os outros bem ou mal, não ir ou ir de encontro ao que é conveniente e tido por bom, não sair ou sair do porte que se deve observar.

Ter boa ou má **conducta** é viver bem ou mal em relação ás leis da moral e da reciprocidade ou conveniencia de todos, idéia que se exprime melhor empregando o vocábulo *comportamento*.

Ter bom ou mau **procedimento** é

obrar bem ou mal, considerando o que dos actos proprios pode resultar para outrem.

Comportar, conter. — *Comportar* diz-se da quantidade que pode entrar no objecto; *conter* diz-se da quantidade existente no objecto, *uma pipa que compartia 500 litros não contém sempre essa quantidade de liquido.*

Compositor, maestro. — *Maestro*, vocábulo italiano admitido actualmente na lingua portugueza, differe de **compositor de música** em não se dizer senão dos autores que produzem obras de grande fôlego; e ainda assim não de todos, mas só dos que revelam talento pujante. *A ópera «Arco de Sant'Anna» é do compositor portuguez Francisco de Sá Noronha. As óperas «Irene» e «D. Branca» são do maestro Keil*

Maestro diz-se tambem dos regentes das grandes orquestras.

Compostura, recato, pudôr. — A *compostura* provém da comprehensão dos deveres que temos para com os outros, para com a sociedade.

O *recato* provém tanto do temôr de offender como do do ser offendido.

O *pudôr* não obedece a nenhuma consideração; é uma manifestação espontânea da pureza dos sentimentos, e do instincto da castidade.

A falta de *compostura* provém da má educação; a falta de *recato*, da imprudencia; a falta de *pudôr*, da inclinação ao vicio.

Comprar, mercar. — *Mercar*, no sentido absoluto de *comprar*, é palavra que só entre o vulgo está ainda em uso. O que de estes vocábulos diz Lacerda, é, áparte a observação que acabamos de fazer, o único que de elles se deve deprender.

Diz o citado sinonimista:

« Confundem-se de ordinario estas palavras, mas têm significação diferente.

« *Mercar* é exercer o trato de mercador: « comprar e vender; porém *comprar* não é « senão adquirir pelo seu dinheiro o uso de « uma coisa de que precisa.

Já Roquette havia dito:

« Confundem-se vulgarmente estes dois « verbos, e o jurista J. Ferreira Borges dá « o segundo como equivalente do primeiro « no seu «DICCIONARIO COMMERCIAL; porém « são diferentes.

« Quem *merca*, compra e vende, exerce « o trato de mercador; e quem *compra*, com- « pra só, isto é adquire por dinheiro uma « coisa para seu uso. Este satisfaz uma « necessidade presente; aquelle uma ne- « cessidade presente e outras que espera ».

Comprazer, aprazer. — *Aprazer* é unicamente tornar-se agradável, agradar; seja obrando expressamente para esse fim, seja sem aspirar a tal.

Comprazer é intentar *aprazer*. Este verbo desperta pois a idéa de intenção, visto que não se pode *comprazer* sem ter complacencias, estas sendo sempre filhas da vontade.

Muito bem se pode dizer que: *ha pessoas que por muito que intentam comprazer nunca conseguem aprazer.*

Comprender, abranger. — A idéa comum a estes verbos é a de « reunião de varias cousas cujo conjunto forma um todo ».

Comprender sugere apenas a idéa de essa reunião ou conjunto.

Abranger acrescenta á idéa de *comprender*, a idéa do conjunto ser formado por grande quantidade de cousas, e de ser de valor cada uma das suas unidades.

Quando dizemos que o *imperio colonial portuguez comprehendia territorios em todas as partes do mundo* pretendemos chamar a atenção para a extensão que esse imperio tinha. — So substituímos o verbo *comprender* por *abranger* referir-nos-emos melhor á grandeza e poderio do imperio portuguez que á sua extensão, pois o representamos como composto de muitos territorios, cada um dos quaes reputamos como valiosos.

Dizemos que as *ciencias naturaes comprehendem a fisica, química, botânica, mineralogia, etc.*, para darmos uma idéa da vastidão do seu estudo; e que *essas ciencias abrangem a fisica, a química, etc.*, para bem accentuarmos quão importante a consideramos, por nella se encerrarem materias que tanto convém conhecer.

Comprender, entender, conceber, perceber. — *Comprender* (do iatim *cum*, e *prehendere*, tomar, agarrar) significa propriamente apoderar-se com a intelligencia de todas aspartes, e até dos mais pequenos pormenores de alguma cousa para a conhecer a fundo. É nisto que *comprender* differe essencialmente de *entender*—este verbo referindo-se melhor á forma pela qual a cousa se apresenta, que á acção pela qual a intelligencia se apodera de ella. Não obstante, *comprender*, ainda não se refere em absoluto á operação mental, mas sim ao modo como o objecto que se considera passa ao dominio da intelligencia; por outras palavras *comprender* é termo objectivo, isto é, refere-se ao objecto, a como elle se presta ou resiste a deixar-se apressar pela intelligencia, mas não á propria operação do espirito. *Comprehendemos* por exemplo o que nos demonstram, ou nos explicam, o adquirimos assim um completo conheci-

mento da cousa que nos é demonstrada ou explicada. Sem a demonstração ou a explicação a nossa intelligência não apprehenderia o que apprehendeu.

Entender (do latim *in*, para, e *tendere*, tender) exprime a acção, ou, melhor dito, o estado do espirito que recebe o que lhe é apresentado, e que está por assim dizer *tendido* para os sons, para as palavras, e as recebe passivamente. **Entender** é relativo á parte material, exterior, o como que palpável, do discurso; ao modo de dizer, á forma, ás palavras: *entendemos* o que alguém nos diz quando bem nos apossamos do sentido dos termos que essa pessoa emprega, do valor das palavras que lhe ouvimos. — Assim, podemos **compreender** o que um estrangeiro nos diz, seja pela expressão do seu olhar, seja pelo gesto, seja por qualquer outra circumstancia, sem não obstante *entendermos* as palavras que lhe ouvimos.

Conceber (do latim *concipere*, formado de *eum*, com, e *capere*, tomar) significa propriamente tomar em si. **Conceber**, portanto, é formar idéa nítida de alguma cousa, e representar-se-a mentalmente. É termo subjectivo, mais relativo á idéa que o espirito forma, que á exactidão ou realidade da imagem. Assim, podemos formar idéa nítida de uma cousa, e essa idéa, apesar de toda a sua nitidez, pode ser muito diferente da realidade. Tal é a operação de **conceber**; operação em que a imaginação é o principal agente, ao passo que em **compreender** e em **entender** é o criterio, é a razão que estão em movimento. Por isso, **compreender** o **entender** implicam um conhecimento mais completo, mais perfeito, mais cabal, que **conceber**; mas este verbo determina maior actividade de espirito que aquelles, o caracteriza a faculdade do crear, de imaginar, faculdade que é um dos attributos da imaginação e que nem a razão nem o criterio possuem.

Perceber é o acto pelo qual o espirito se apodera da idéa de outrem ou do objecto que faz impressão nos sentidos. *Percebe-se* o que é real, quer por meio dos sentidos, quer pela operação mental que os philosophos chamam consciencia. — Este verbo distingue-se essencialmente de **conceber**, pois não só se *concebe* o ausente o remoto, mas até o impossivel. Não **concebeu** *Mau-pertuis a perfuração do globo terrestre até aos antipodas*, e *Verne a viagem á Lua*? — Ao passo que para **perceber** bastam as impressões, para **conceber** necessita-se maior grau de actividade mental. — Quem *percebe* apodera-se do existente; quem *concebe* chega a crear o Increado. **Percebe** a intelligencia; *concebe* a imaginação. — *Newton percebeu a queda dos corpos graves, e devido a isso concebeu o sistema da atracção universal.*

Rouquete, a respeito de estos vocábulos,

compara primeiramente **compreender** com **entender**; diz elle:

« O primeiro de estes verbos explica uma percepção do ânimo, em que os sentidos e a memoria têm mais parte, que na percepção que explica o verbo **compreender**, em que tem mais parte o entendimento. — *Entende-se* uma lingua, um sinal da do: esta percepção a devemos á prática material, ao uso, á acção dos sentidos. *Compreende-se* a força de um discurso, a causa occulta de um offeito; esta percepção a devemos á perspicacia, á subtilidade do entendimento ».

Comparando depois **conceber** e **perceber** diz:

« Do verbo latino *concipio* fizemos nós **conceber**, que em significação translata significa formar no ânimo, meditar e abraçar um propósito, um plano, etc. De outro verbo latino *percipio* fizemos **perceber**, a que damos principalmente a significação de **compreender**, **entender**, que também ás vezes se dá ao anterior. Mas a diferença consiste em que, quando eu *concebo* sou eu o agente, o quando *percebo* não faço senão entrar no espirito do que outro diz ou faz. — *Concebe* o general um plano de batalha ou de ataque de praça, faz os seus preparativos, e começa a executar-o; *percebe* o o inimigo, e procura malogral-o empregando todos os meios que a arte da guerra lhe ministra ».

Lacerda, comparando também separadamente **compreender** com **entender**, e **conceber** com **perceber**, fala em primeiro lugar dos dois primeiros vocábulos, dizendo:

« **Compreender**, no sentido figurado, exprime uma percepção, um acto do nosso entendimento pelo qual tomamos conhecimento cabal de alguma cousa, abstrahindo do do ministerio dos sentidos.

« **Entender** designa um acto do entendimento em que os sentidos e a memoria são auxiliares indispensáveis.

« *Entende-se* a significação de uma palavra, um sinal convencional, etc. *Compreende-se* a força de um argumento, a razão matemática, etc. ».

Das outras duas palavras, e em artigo áparte, diz o seguinte:

« **Conceber**, conforme a origem latina, significa em sentido figurado, formar um plano, uma idéa, etc.

« **Perceber**, também conforme á origem, significa **compreender** o que os outros conceberam, e nos propõem. **Conceber** também ás vezes se emprega na significação de **compreender**; porém é como propriedade que se usa este verbo com esta significação ».

Comprehensível, Intelligível.

— Considerando as cousas em si — na sua natureza, não na sua forma — dizemos que ellas são **comprehensíveis** quando a razão as

penetra e as explica. — Também é *comprehensível* aquilo que se apresenta clara e facilmente ao nosso espirito, o que só se dá no discurso, na linguagem, ou nas obras intellectuaes.

É nesta última ordem de idéas que os vocábulos *comprehensível* e *inteligível* são susceptíveis de se confundir — *comprehensível* não podendo nunca dizer-se do que é puramente material. Convém portanto determinar em que caso se deve empregar um de estes termos com absoluta exclusão do outro.

Comprehensível, como acabamos de dizer, qualifica aquilo de quo o espirito — a comprehensão — se apodera com mais ou menos facilidade, sem, ou com, estudo e contensão, segundo o que se considera é claro ou intrincado, comum ou extraordinario. *Um theorema é comprehensível; os mysterios não o são.*

Inteligível, é relativo á fôrma, não á propria natureza ou essencia do que ao espirito se apresenta; consequentemente diz-se do que é exposto de modo á que todas as suas partes se coordenem no entendimento, e façam um conjunto de que a intelligencia se apodere, e que ella possa explicar. *O estilo, o discurso, o modo de se exprimir, devem ser intelligíveis.*

Comprehensivo, comprehensível, comprehensor. — *Comprehensivo* é termo subjeetivo; *comprehensível* é objectivo — isto é, *comprehensivo* diz-se de quem comprehende, da propria faculdade de comprehender; e *comprehensível* do que se deixa comprehender, do que pode ser comprehendido. — *O homem é comprehensivo, mas muitos dos seus actos não são comprehensíveis.*

Comprehensor não é vocábulo da linguagem usual; é termo exclusivo á theologia católica, e com elle se designa aquella pessoa que comprehende todos ou alguns dos mysterios da religião, por lhe serem revelados em visões beatificas.

Comprido, longo, extenso. — *Comprido*, se attendermos á primitiva significação do vocábulo, deve dizer-se do que chega até onde deve chegar, de que não é curto, do que tem comprimento sufficiente. — É por exaggeração de este último sentido que *comprido* se diz do que vai mais além de onde devera chegar, do que tem muito *comprimento*; mas note-se que para determinar esta acção do vocábulo é necessario modifical-o com o adverbio *muito*. *Uma manga comprida* chega ao ponto onde deve chegar, nem é curta, nem exagerada. *Uma manga muito comprida* não se pode admitir, tem comprimento excessivo.

Longo é mais relativo á duração que á extensão. *Um longo discurso* cansa; um

discurso comprido talvez seja interessante. Temos gosto em receber *cartas compridas* dos nossos amigos, mas enfastiam-nos as *longas cartas* de quem não estimamos.

Extenso é relativo ao desenvolvimento de cada uma das partes que compõem o todo. *Uma carta extensa* pormenoriza cada um dos pontos que nella são tratados.

Em mil circunstancias, o uso confunde estes vocábulos, com especialidade os dois primeiros.

Comprimir, reprimir, refrear.

— A differença essencial que, tanto no sentido proprio como no metafórico, ha entre os dois primeiros vocábulos, está em *comprimir* se dizer do que jaz em perfeita quietação, e tambem do que não tem muita vivacidade; ao passo que *reprimir* supõe movimento, vivacidade, energia. — *Comprimem-se* os corpos elásticos para que occupem menor espaço. *Reprimem-se* o impeto, a violencia e a rapidez. — No sentido figurado subsiste a mesma gradação de idéas, pois diz-se igualmente: *comprimir sentimentos; reprimir arrebatos* — *Quem comprime a dor, reprime as lágrimas.* — *Se não comprimimos a ira no seu principio, difficil será reprimil-la nas suas explosões.*

Refrear indica não só uma acção muito mais enérgica que *reprimir*, mas tambem a grande violencia de aquilo que se refreia; é o que, no sentido metafórico, se pode exprimir por «deter pela acção do freio», supondo que a cousa sobre a qual essa acção se exerce é difficil de dominar. *Refrear as paixões; refrear a ambição; refrear o orgulho.*

Comprometer-se, obrigar-se; prometter, dar a sua palavra.

— O mais comum de estes verbos, e o que apresenta a affirmação de modo menos rigoroso o mais nua de formalidades, é *prometter* (do latim *pro*, adiante, e *mittere*, enviar). A pessoa que *promete*, apenas faz nascer a esperanza de um facto futuro, esperanza que ella não deve defraudar, mas em que só se acha comprometida a sua responsabilidade moral. Frequentemente *promete-se* de um modo vago, na intenção de cumprir o prometido; mil circunstancias podem porém obstar á realização do facto, o entre ellas sobressae a pouca importancia que elle proprio tem em si, circumstancia que o deixa varrer da memoria; assim diz-se: *prometo-lhe ir visital-o brevemente; prometo escrever-lhe se houver alguma novidade.* Não obstante, e como acima dizemos, a responsabilidade moral fica sempre implicada no facto de *prometer*, pois bem o prova o dito comum: *devemos cumprir o prometido*, e aquelle outro que diz: *o prometido é devido*, os quaes não esta-

belecem nenhuma excepção, e até mesmo a excluem quando o verbo *prometer* tem um complemento que o torna mais solenne, por exemplo quando se diz: *prometer formalmente, prometer sem falta*, etc.

Comprometer-se e obrigar-se supõem mayor formalidade e mais responsabilidade que o verbo precedente. Em *obrigar-se* encerra-se a idéa do dever ou a de reciprocidade; ao passo que em *comprometer-se* nota-se mais a idéa de oferecimento gratuito ou condição. *Quem compra obriga-se a pagar. O fiel depositario obriga-se a restituir o depósito.* Quem se oferece a fazer alguma coisa *compromete-se* pelo seu resultado, o o mesmo pode dizer-se quando o caso depende de alguma eventualidade: *comprometo-me a pagar-lhe as dividas se elle mudar de conducta.* — Por outro lado *comprometer-se* envolve mais frequentemente responsabilidade moral, e *obrigar-se* responsabilidade exigível, como quando se diz *obrigar-se por escrito, obrigarse por juramento*, não sendo tão frequente dizer-se *comprometer-se por escrito* ou *por juramento*.

Dar a sua palavra envolve mayor responsabilidade que qualquer dos verbos precedentes, mas essa responsabilidade é essencialmente moral, pois quem dá a sua palavra põe a honra propria em compromisso, e se a não cumpre fica mal considerado.

Comprovar, corroborar, confirmar. — *Comprovar* quer dizer concorrer para a prova; *corroborar*, dar força á suposição. — Uma cousa mal provada, isto é, provada deficientemente, necessita para ser crida, que uma prova mais evidente a venha *comprovar*. — Quando estamos inclinados a crer na exactidão de um facto, cremos definitivamente nelle se alguma cousa o vem *corroborar*.

A prolongada demora em um vapor chegar ao seu destino é prova de haver naufragado, mas prova deficiente, que só o apparecimento dos naufragos ou dos destroços do barco pode *comprovar*. — A noticia que circula com insistencia inclina-nos a crer na sua veracidade; se alguma outra noticia ulterior a vier *corroborar*, afirmamos na opinião.

Confirmar é tornar firme o que se affirmou; por outras palavras, é trazer mais um testemunho que affirme ainda mais no nosso animo o que elle já considerava como certo.

Contismo, positivismo, agnosticismo. — A mesma doutrina philosophica recebe estes trez nomes: *contismo* quando se apresenta como fundada pelo filósofo francez Augusto Comte; *positivismo* quando se considera a base em que ella se funda, que é o método experimental que só

admite o evidente ou claramente demonstrado; *agnosticismo* quando se apresenta como doutrina oposta a toda intuição ou revelação.

Contudo, apesar disso, sem embargo, não obstante. — *Contudo* accentua que o facto se deu, ou a cousa existe, havendo outros factos ou outras cousas que deveriam impedir a realização do facto ou a existencia da cousa. *O tempo estava péssimo e eu ainda estava convalescente; contudo lá fui conforme pude.*

Apesar disso indica que a existencia de uma cousa não impede quo outra contraria coexista com ella: *Elle trabalha muito, e apesar disso não prospera.*

Sem embargo e não obstante indicam contradicção ou incompatibilidade entre o que so disse e o que se vae dizer; mas *não obstante* exprime essa idéa com mais força que *sem embargo* — esta expressão modificando o que precede, e aquella opondo-se-lhe mais declaradamente: *sois todos muito honrados, sem embargo fallae-me o chapéo. Vemos que o sol dá volta em torno do globo terrestre, e não obstante elle está parado e é a terra a que gira.* — *Sem embargo* dá a entender que o que se disse não impede que seja verdade o que se vae dizer; *não obstante* melhor se applica a factos praticos que á verdade simples e pura.

Concatenar, encadear. — *Encadear*, no sentido figurado, diz-se do que se encadeia ou liga, quer o encadeamento condiga em todas as suas partes, quer desdiga em algumas de ellas.

Concatenar só pôde dizer-se do que lógica e naturalmente se deprehe de factos anteriores ou análogos, do que se encadela com elles sem implicar a mais minima desharmonia.

Côncavo, cavado. — *Côncavo* designa um estado absoluto; *cavado* designa o mesmo estado subordinado a uma causa ou acção que o determinou. A *côncavo* opõe-se convexo; a *cavado* opõe-se intacto ou cheio.

Conceber, gerar, procrear, engendrar. — Consideraremos estas palavras no seu sentido lato.

Conceber (do latim *concupere*, de *cum*, com, e *capere*, tomar) diz-se exclusivamente da mulher. A Igreja católica ensina que Maria **concebeu** do Espírito Santo.

Gerar diz-se particularmente do homem. A Biblia diz que **Abraão gerou a Isaac.**

Procrear é termo comum ao homem e á mulher. É o mesmo que « dar nascimento », « dar origem a ».

Engendrar é o mesmo que *procrear*, com a differença que este último verbo chama a atenção para o facto, ou seja para a força

productiva; ao passo que *engendrar* chama mais a atenção para o que é creado, para a raça. — No sentido figurado conserva este verbo essa mesma nuance: *a intriga engendra* discórdias.

Conceder, outorgar. — *Conceder* pode indicar um acto espontâneo; *outorgar* sugere a idéa de anuência a um pedido, o até a uma imposição; por isso não se diz que D. Pedro IV *concedeu* a Carta, mas que *a outorgou*. — Os papas *concedem indulgências* por seu motu proprio, mas não as *outorgam*, porque ninguém lh'as pede.

Conceito, opinião. — Ao dizer que *temos* alguém em *boa opinião* ou em *bom conceito* parece à primeira vista que os dois vocábulo comparados neste artigo são sinónimos perfectos e que as duas expressões são equivalentes; quando porém consideramos que é muito comum ouvir dizer *mudar de opinião*, o raríssimo o dizer-se *mudar de conceito*, vemos que entre elles ha uma diferença qualquer, sem poder desde logo determinar qual seja. Vejamos de estabelecê-la.

Opinião é termo geral que exprime ou o modo de ver pessoal, ou a idéa colectiva do modo como varias pessoas vêem certas cousas ou dizem julgar de ellas. Tem consequentemente, este vocábulo, um carácter objectivo e particular que lhe vem do exterior da cousa julgada, ou do modo de ser como ella se apresenta; por outras palavras, a *opinião*, é como o reflexo da cousa no nosso espirito, que a vê, não talvez como ella seja, mas como ella se apresenta ou como nós a encaramos. Assim, *os que desconhecem as leis da fisica, e vêem pela primeira vez na sua vida uma vara meio mergulhada na agua, formam a opinião de ella não ser recta, pois a imagem que se lhes reflecte no espirito por conducto da vista apparece desviada da linha recta no ponto em que a vara immerge na agua. A opinião formada está conforme ao que da vara se vê; é porém falsa com respeito á realidade.*

Pelo seúlado, *conceito* (do latim *conceptus*) é o modo de ver, não da multidão, mas de si proprio; tem pois este vocábulo um carácter pessoal, exclusivamente individual, que indica que o nosso julgo não nos foi communicado, nem o adoptámos por vê-lo adoptado por outros, mas, pelo contrario, que o *concebemos*, que entrou em nós pela reflexão; é por tanto representativo de uma idéa subjéctiva, e consequentemente, mais arriçada em nós que aquella outra, objectiva, que denominamos *opinião*.

Resultado de isto: que *conceito* sugere a idéa de um exame profundo, sério; de uma adhesão do espirito motivada por razões detidamente estudadas, e adoptadas com conhecimento de causa; e por consequência

de um convencimento mais perfeito que o da simples *opinião*, a qual nos vem instantaneamente à vista do objecto, e às vezes até sem o ver, por nos deixarmos simplesmente gular pela opinião que sabemos ser a seguida por varios.

Assim podemos dizer de uma pessoa que conhecemos a fundo, que: *apesar de haver opiniões em contrario a temos e muito bom conceito*.

Concentração, convergencia, centralização. — *Concentração* é o acto de reunir num ponto determinado inuitos elementos que estão dispersos em torno de esse ponto.

Convergencia designa a reunião em um ponto dado, do que de dois pontos opostos, situados enda um em diferente lado do ponto do *concentração*, vem avançando até se reunir no ponto central, ou seja o de *convergencia*.

Centralização designa um estado, não uma acção; é o resultado da *concentração* e da *convergencia*.

Concentrar, dissimular. — *Dissimular* sugere a idéa de uma acção ou acto nparentemente oposto ao que quizeramos fazer, mas necessario para fazer crêr o contrario do que é real.

Concentrar não sugere senão a idéa de occultar no intimo.

Para *dissimular* um sentimento finge-se ter outro sentimento diferente; para *concentrar* um sentimento não é preciso manifestar nenhum.

Concepção, conceição. — *Concepção* é o acto de conceber, quer no sentido proprio, quer no figurado.

Conceição, vocábulo exclusivamente portuguez, só se diz da *concepção* da Virgem no ventre de sua mãe.

Concepção, imaginação. — A *concepção* e a *imaginação* são o producto do trabalho do espirito quando elle se exerce sobre as idéas, as combina de mil maneiras, e ns modifica dando-lhes em cada combinação um aspecto diferente.

Algo distingue porém as operações que conduzem a cada um dos resultados que denominamos, segundo o seu carácter, *frutos da concepção* o *frutos da imaginação*.

A *imaginação* é irregular, extravagante, caprichosa, fantástica; nem tem regras, nem leis; subtrai-se ao dominio da intelligencia; recusa-o, e impõe-se ao espirito que, para a receber se torna meramente passivo.

A *concepção*, pelo contrario, é regular; obedece ás leis do espirito, que a governa e guia no sentido que tem em vista, que a leva, como pela mão, até onde quer, para

obter das idéas que ella combina os efeitos que procura.

Assim é que o homem se deixa ir após as suas estouvadas *imaginações*, e que o poeta cria *concepções* brilhantes que modifica, lima, pule, e dispõe de modo a produzir essas obras sublimes, que ora se manifestam na encarnação da dúvida no espirito de Hamlet, ora no amor infundo que transforma o lacayo Ruy Blas no régio amante don César de Bazan.

Concepção, intelligencia, entendimento, mente. — A disposição que damos aos trez primeiros vocábulos de este grupo afecta a ordem descendente do trabalho que se exerce na faculdade de comprehender; principiaremos portanto pelo último de elles.

Entendimento é a faculdade pela qual o espirito se apodera das idéas que se lhe deparam e as comprehende. Dizemos « das idéas que se lhe deparam » porque a acção do *entendimento* não tem a actividade de procurar, de ir ao encontro das sensações exteriores; contenta-se com receber, não faz senão aceitar o que elle é capaz de perceber; não faz nem tem de fazer nenhum esforço: está como immóvel, jaz na passividade. — Quando dizemos que uma pessoa tem *penetração*, o que é muito comum, referimo-nos precisamente a essa faculdade do entendimento, que nuns recebe com facilidade, ao passo que noutros fica insensível ao que lhe vem do exterior: os primeiros têm *penetração*; os segundos não a têm; isto é: naquelles o *entendimento* apodera-se do que se lhe depara; nestes a sensação vai de encontro ao exterior do *entendimento*, mas não pôde lá penetrar. — Assim, falando do *entendimento*, falamos de uma das propriedades da essência do espirito humano, o qual consideramos como capaz de receber, comprehender, e penetrar-se do que lhe vem do exterior.

Intelligencia é também a faculdade de comprehender, mas differe do *entendimento* em ser uma faculdade activa que faz esforço para descobrir e apoderar-se do que não se lhe apresenta espontaneamente. A *intelligencia* não fica como o *entendimento* á espera que o conhecimento a penetre; sae-lhe ao encontro: é o espirito operante; é um como instrumento que produz actos e fenómenos que nos levam, com mayor ou menor esforço, ao conhecimento do que é difficil ou subtil, dependendo essa variabilidade de esforço do grau de perfeição do instrumento. — Assim quando dizemos que uma pessoa tem *intelligencia*, dizemos muito mais que se disséssemos que ella « tem *penetração* »; neste caso, como acabamos de ver, referir-nos-lhamos á sua faculdade de receber; naquelle, á de procurar. É pelo *entendimento* que se consegue aprender a ler; é com a *intelligencia* que se

resolvem os mais árduos problemas da *matemática*.

A *concepção* é, como a *intelligencia*, uma força activa do espirito, mas é diferente de ella porque a supera em rapidez e em fecundidade. Assim, a *intelligencia* comprehende; mas a *concepção* engendra, cria, dá vida ao que não existia. A *intelligencia* mostra-nos as cousas, taes quaes são, por meio de um trabalho mais ou menos lento, ou mais ou menos rápido; mas a *concepção* não admite esforço: para ella nada jaz occulto desde o instante em que se exerceita em descobrir. As obras primas das grandes mestres são o fructo da sua *concepção*.

Veja-se também a este respeito o que dizemos no artigo precedente.

Passemos agora ao vocábulo *mente*, a esse nosso termo que apenas tem equivalente na lingua castelhana (¹), e que só na forma, *mind* (²), que não no sentido, se assemelha

(¹) Eis o que de *mente* se lê no Dicionario de sinónimos da lingua castelhana publicado pela *Academia de la lengua*—artigo que aproveitamos em todo o seu teor por comparar esse vocábulo com *intelligencia* e *entendimento*:

« La *mente* es el alma considerada como agente intelectual, prescindiendo de los afectos, de las pasiones y de todo acto de la voluntad.

« La *intelligencia* es el conjunto de las facultades intelectuales.

« *Entendimento* es la facultad que no hace más que entender.

« La *mente* recibe las inspiraciones sublimes, y crea las grandes ideas filosóficas. « En la *intelligencia* entran la memoria, el juicio, el raciocinio, la abstracción y la imaginación. El *entendimento* concibe, penetra y adquiere conocimientos y nociones. Una *mente* elevada es la que forma grandes designios; la que aspira a resolver áridas cuestiones. Una *intelligencia* superior es la que sabe combinar un sistema; la que hace descubrimientos importantes. Un *entendimento* claro es el que comprende con facilidad y prontitud ».

(²) Samuel Johnson define no seu excellente dicionario o vocábulo *mind* da forma seguinte:

« MIND. 1. The Intelligent power.

« I am a very foolish, fond old man ;

« I fear I am not in my perfect mind.

(Shakespeare, KING LEAR).

« This word being often used for the soul giving life, is attributed abusively to madmen, when we say that they are of a distracted mind, instead of a broken understanding: which word, *mind*, we use also for opinion; as, I am of this

à palavra que para entro nós foi transplantada do latim, e de que as outras línguas se utilisaram para formar derivados⁽¹⁾ que, existindo nellas sem o vocabulo primitivo, provam quão inútil elle é, para representar uma idéa que nellas se exprime com outro termo.

Mente é o genitivo latino *mentis*, cujo nominativo *mens* não é o menos grego que significa «força», mas sim um derivado de *mnēmē* que designa «memoria». *Mens*, mesmo entre os Romanos, era vocabulo de significação bastante indefinida⁽²⁾, circumstancia de que se valeram os metafísicos para o fazerem entrar no seu intrincado

«or that *mind*: and sometimes for *mens* «conditions or virtues: as, he is of an «*honest mind*: or a man of a just *mind*: «sometimes for affection; as, I do this «for my *mind's* sake; sometimes for the «knowledge of principles, which we have «without discourse: oftentimes for spirits, «angels, and intelligences: but as it is used «in the proper signification, including both «the understanding agent and passible, it is «described to be a pure, simple, substantial «act, not depending upon matter, but having «relation to that which is intelligible, as «to his first object: or more at large thus; «a par or particle of the soul, whereby «it doth understand, not depending upon «matter, nor heeding any organ, free from «passion coming from without, and apt to «be disservered as eternal from that which «is mortal.

«2. Liking; choice; inclination; proposition; affection.

«3. Thoughts; sentiments.

«4. Opinion.

«5 Memory; remembrance».

(¹) Como por exemplo o francez que, entre outros derivados de *mens*, tem os muy frequentes:

Démence, denominação científica da *folie* (loucura).

Mental, adjectivo que designa o que se opera no espirito, interiormente, sem ser revelado por palavras; e tambem o que é relativo ao entendimento.

(²) De *mens*, *animus* e *intelligentia* dissémos noutro livro:

«Considerando *animus* desde o ponto de «vista intellectual é sinónimo de *mens* e «*intelligentia*. *Mens* designa a faculdade de pensar, e é diferente de *animus* como «qualquer das partes de um todo é diferente do mesmo todo; isto é, *animus* é *mens* «simplesmente porque tem a faculdade do «pensar. *Intelligentia* é a faculdade principal de *mens* e consiste em perceber, observar e comprehender as cousas».

Mais adiante, comparando ainda *mens*

sistema em que a alma, o espirito e a *mente*, são elementos distintos que compõem um todo disforme que engendra idéas, impulsos, vontades; que leva ao bem e ao mal; que produz vícios e virtudes; que faz santos e demonios; que leva uns ao céu, e sepulta outros no inferno.

Mente, segundo a melhor definição que encontramos da palavra, é a potencia intellectual do espirito: a *imaginação*; definição, que, comparada com a de *espirito*, torna os dois vocabulos sinónimos, se não perfeitos, pelo menos muy próximos — o *espirito* sendo *mente* só por ter a faculdade de pensar. — *Ter na mente, vir á mente, passar pela mente*, são expressões em que é bem evidente a perfeita sinonímia de este termo com *imaginação* e *espirito*, cada um dos estes vocabulos podendo substituir aquello sem que o sentido fique alterado. Não tem por consequencia a palavra *mente* aquella sinonímia que a Academia espanhola lhe attribue com *inteligencia* e *entendimiento* na transcrição que fazemos na nota

com *animus*, e tambem com *ratio* e *consilium*, dissémos:

«*Ratio*, a razão, é a reguladora de todas «as nossas faculdades, de todas as nossas «acções. Quando pensamos ou raciocinamos, quando formamos designios ou os executamos, quando o nosso espirito está «possuido de um pensamento, seja qual «fôr, a *razão* é que está encarregada de dirigir todos os seus actos, todos os seus «movimentos. O seu imperio abrange o «sentido intellectual e o sentido moral, isto «é, tem poder sobre *mens* e sobre *animus*. «Se um ou outro não estivessem em acção, «não teria em que exercitar-se, porque, «sem ter *ratio* uma existencia á parte, dirige o *animus* e a *mens* (a). Assim, *ratio* é a «*mens* regulada na ordem intellectual, e o «*animus* dirigido na ordem moral. Como o «principal emprego de *ratio* é examinar o «comparar a natureza das cousas para depois tomar resoluções, provém de ahí que «muitas vezes é equivalente de *consilium* «ou de *prudentia*. A *inteligencia* bem guiada, isto é, *mens*, encerra mais ou menos «a mesma idéa que *ratio*, quando está determinada pelos epithetos *bona*, *sana*, *recta* (b), ao passo que *mala mens*, *dementia*, «*mentis inops*, etc., apresentam a idéa contraria, isto é, a loucura».

(a) Convém recordar que no nosso Dicionario dos sinónimos latinos era-nos necessario comparar as palavras segundo o valor que lhes attribuiram os autores, e que os que mais usaram das que aqui inseravamos foram, precisamente os que na idade media se occuparam de filosofia e particularmente de metafísica.

Não podiamos portanto deixar de concretar-nos ao que dissemos sem entrar em apreciações que desvirtuassem a missão que a cada vocabulo os autores confiaram.

(b) Epiteto de que nos livros de filosofia escolástica se usou a abusou durante a idade media para dar a «mente» uma individualidade determinada.

primeira a este artigo; e não seríamos tão extensos a respeito de tal vocábulo se os outros sinonimistas, e certos tratados de filosofia, não o emmaranhasssem em definições forçadas que o tornam representativo de uma coisa, independente de outra qualquer, mas que, na realidade, não passa de ser imaginária.

Vejamos agora como Roquete, comparando *mente* com *entendimento*, fala do vocábulo que nos vem ocupando. Diz assim:

«Posto que estas duas palavras se usam «comummente para designar a faculdade «intelectiva, correspondendo a portugue- «za *mente* à latina *mens*, como nesta seu- «tença de Barros: «Tão ignorante é a «*mente* (*) humana dos casos que lhe estão «por vir;» que é a tradução do est'outra «do poeta latino:

«*Nescia mens hominum fati, sortisque futura;*

«com tudo, rigorosamente falando, dife- «rençam-se em que, *entendimento* é a facul- «dade de compreender, de comprar, de «analisar; e *mente* é este mesmo *entendi- «mento* depois de haver compreendido, «comparado, analisado. O *entendimento* «cria; a *mente* (**) conserva. As observações «do génio, suas creações, são filhas do «*entendimento*; seus resultados conservam- «se na *mente*. Neste sentido (3) disse Ca-

«Para servir-vos, braço às armas feito;
«Para cantar-vos, *mente* às musas dada.

(*Lus. X, 148*).

Lacerda, comparando esses mesmos vocábulos, copia, resumindo, de Roquete, e diz assim:

«Ambas estas palavras convêm na idéa «comum de designar a faculdade intelec- «tiva; mas diferenciam-se em que *entendi- «mento* é a faculdade de comprehender, de «comparar, de analisar, e *mente* é o mesmo «*entendimento* depois de ter comprehendi- «do, comparado, analisado. O *entendimen- «to* cria; a *mente* conserva».

De *entendimento* e *intelligencia* diz Roquete:

«Amhas estas palavras vem do verbo la- «tino *intelligo*, eu entendo, e designam os «diferentes modos porque damos exercício «à primeira de nossas faculdades intelec- «tuaes.

«O *entendimento* é aquella potencia da «alma que se occupa em conceber e ter

«idéa clara das cousas, em sabê-las com a «possível perfeição, em conhecer, pensar, «discorrer, deduzir e julgar; e assim ao «homem sabio e douto lhe chamamos *en- «tendido*. A *intelligencia* é a mesma facul- «dade intellectiva, occupada mais particu- «larmente a comprehender as cousas; é o «conhecimento exacto e positivo de ellas; «é a pericia com que as explicamos, se são «especulativas, ou as executamos, se são «práticas.—A palavra *entendimento* parece «corresponder mais principalmente à es- «peculativa; *intelligencia* à prática. *Fula- «no* discorre com grande **entendimen- «to**; obra com *suma Intelligencia*».

Dos mesmos vocábulos diz Lacerda.

«O *entendimento* é a actividade da nossa «alma considerada subjectivamente, em «quanto concebe idéas das cousas, e em «quanto conhece, pensa, julga, etc.

«*Intelligencia* é a mesma actividade da «nossa alma considerada objectivamente «em quanto se occupa de conhecer as cou- «sas externas.

«*Entendimento* refere-se mais directam- «ente à especulação; *intelligencia* à prá- «tica. *Cícero* discorria com grande **enten- «dimento**, e *obra* com muita **Intelli- «gencia**».

Concernir, referir-se, dizer respeito. — *Concernir* desperta idéa de

colectividade; isto é: o que nos *concerne*, *concerne* geralmente a outras pessoas. Tai artigo de uma lei é-nos *concernente* como tambem o é a quantos se encontram no nos- so caso. *Concernir* deve consequentemente dizer-se do que não nos é directa e exclusi- vamente relativo, mas do que só, um tanto remotamente, tem relação connosco.

Referir-se e *dizer respeito* indicam uma relação muito mais immediata que *concernir*; essa relação até pode ser-nos exclusi- va, sobretudo quando é o verbo *referir-se* que se emprega. *Tal alusão refere-se a Fulano*, isto é, ella ajuda exclusivamente a Fulano.

Dizer respeito occupa um logar interme- dio entre o exclusivismo de *referir-se* e a colectividade de *concernir*.—*Nunca se deve falar impensadamente do que diz respeito à honra de alguém*.

Conciliar, concordar ou fazer concórdia. — Estabelecer a compatibil-

idade, provar que certas cousas, ainda que diferentes à primeira vista, não apresen- tam realmente nenhuma contradicção, é *conciliar*.

Provar que duas opiniões, das quaes uma parece excluir a outra, partem de um mes- mo principio, tendem à mesma consequen- cia, e não estão consequentemente em des- accordo, é *concordar* ou *fazer concórdia*.

Concordar, por tanto, diz mais que *conci- liar*.

(*) Roquete, considera aqui *mente* como sinónimo perfeito de *espírito*.

(2) É por tanto a *memoria*.

(3) Não no sentido que lho attribuo Ro- quete, mas sim no de *espírito*.

Tomemos por exemplo as expressões **conciliar textos** e **concordar textos**.

Conciliar textos é unicamente demonstrar que não há entre elles nenhuma contradição, isto é, que um não afirma o que outro nega. — **Concordar textos** é provar que ambos têm a mesma doutrina, o mesmo sentido: que no fundo são a mesma coisa, apesar de que não insistir talvez mais sobre determinado ponto, e outro deter-se mais detidamente em ponto diferente.

Els como Lacerda compara estes vocábulos, de que Roquete nada diz:

« **Concordar** supõe prévia contestação ou « contrariedade; **conciliar** supõe somente « distancia ou diversidade.

« Usamos da palavra **concordar** quando « as opiniões se contrariam, o da palavra « **conciliar** quando parece haver contradic- « ção. A **concordia** exclui a opposição, o « produz a harmonia; a **conciliação** exclui « a contradição, a incompatibilidade, e « dispõe à concórdia. **É preciso conciliar** « os espiritos, para conseguir que **concor-** « **dem** nas deliberações ».

Concilio, conclave. — No **concilio** tomam parte quaesquer prelados, seja qual for a sua jerarquia; no **conclave** só entram cardeaes.

O **concilio** reúne-se para discutir pontos de dogma ou da disciplina eclesiástica; o **conclave** reúne-se para eleger um papa.

Conciso, succinto, preciso. — Já no artigo **Breve**, página 182, comparámos **conciso** com **succinto**; por não se nos ter occorrido naquella momento, olvidámos de incluir **preciso** naquella grupo, motivo por que agora, e como complemento ao citado artigo, falaremos de este vocábulo.

Preciso é o oposto a « difuso », — a **precisão** consistindo em empregar os termos mais adequados, o om excluir quanto seja alheio ao assunto. Todos os estilos, o simples, o medio e o elevado, podem ser **precisos**, pois a qualidade que este adjectivo determina não exclui a riqueza nem o adorno.

Dos outros vocábulos que formam grupo neste artigo pode o leitor ver o que de elles já fica dito na página acima indicada; se aqui os incluímos novamente é apenas para reparar a omissão anterior, e como pretexto para vermos o modo pelo qual Roquete os compara em artigo especial. Diz elle:

« **Preciso** indica o que é necessario numa « cousa, sem nada de supérfluo.

« **Succinto** designa o que é breve e com- « pendioso.

« **Conciso** exprime a **concisão** com que se « diz ou escreve alguma cousa.

« **Preciso** e **succinto** dizem-se ordinaria- « mente do discurso ou composição litera- « ria; e **conciso**, do estilo e da expressão de « quem diz ou escreve.

« É **preciso** o discurso quando nelle do- « minia a **precisão**, e se corta tudo que é « extranho ao assumpto que se trata.

« É **succinto** o discurso quando nelle só « entram as idéas principais, e se tratam « comprehendidamente e sem prolixidade.

« **Conciso** é o estilo quando a obra não « está sobrecarregada de pensamentos não « necessarios, e quando no discurso só se « empregam os termos mais proprios e « significativos, excluindo toda a difusão e « redundancia. **Concisa** é a expressão que « apresenta exactamente a idéa que deseja- « mos comunicar, o além de isso a enuncia « com aquellas palavras que sejam necessa- « rias para sua cabal intelligencia.

« Ainda que alguns hajam confundido a « **precisão** com a **concisão** nas expressões, « são contudo cousas absolutamente dis- « tintas. Ambas estas palavras, como de- « rivadas dos verbos latinos *precidere* e « *concidere*, compostos de *corde*, convêm na « idéa fundamental de *cortar*; porém cada « uma de ellas indica diversa especie de « *cortadura*, se assim nos podemos explicar, « A **precisão** quer dizer que se escolheu o « termo que melhor determina o objecto, o « circunscreve, o *corta* e separa de outros « com que pudera confundir-se. A **concisão** « significa que a expressão não contém mais « sinais que os necessarios para represen- « tál-a, ainda que estes por outra parte se « jam por ventura vagos. Isto é tanto ver- « dade, que ás vezes a expressão mais **con-** « **cisa** é tambem a mais **vaga**; e no contra- « rio, as demasiadamente **precisas** e cir- « cunstanciadas costumam ser por isso « mesmo **redundantes**. Um exemplo o de- « monstrará. Se falando do triumpho dos « Romanos dissássemos que o triumphador « ia num magnifico carro, etc., e levava « uma *cousa* na cabeça; a expressão não po- « dia ser mais **concisa**, porém tampouco mais « **vaga**. Se dissássemos que levava uma *co-* « *rôa*, baveria igual **concisão**; porém ainda « não ha **precisão** necessaria, porque não « dizondo de que era a *corôa*, não se sabe- « ria se era de ouro, de prata, de louro, « de oliveira ou de outra materia. Se dis- « sássemos, uma *corôa de louro*, a expres- « são seria bastante **precisa**, e ainda que « não tão **concisa** como as anteriores, não « cbegaria a ser **redundante**. Se, querendo « explicar-nos com nimia exactidão, dissás- « semos « uma *corôa formada de ramos de* « *louro entretecidos uns com outros* », a ex- « pressão nada teria de **vaga** e genérica, « porém seria já algum tanto **redundante**, « porque a não ser um menino, todos, ao « ler *corôa de louro*, comprehendem que era « formada com os ramos flexiveis de aquel- « la planta ».

Lacerda tambem fala dos mesmos trez vocábulos, dizendo:

« Estas palavras exprimem o que num « discurso é necessario, mas cada uma de-

« termina de diferente modo esta idéa genérica.

« *« Preciso e succinto* fazem referência às idéas; *« conciso* refere-se ao modo de as expressar, ao estilo.

« Diz-se *« preciso* o discurso em que não entram idéas estranhas ao objeto de que se trata; e dizêmo-lo *« succinto* quando não entram nelle senão as idéas essenciaes, e as mais importantes, as quaes, contudo, não se dá mais largo desenvolvimento.

« O discurso é *« conciso*, ou antes é *« conciso* o estilo de uma obra, quando o nutôr não emprega senão os termos mais proprios e significativos, excluindo todas as circumlocuções desnecessarias.

« O discurso *« preciso* emprega deducção rigorosa, e deixa de parte toda a idéa que para elle não pertence necessariamente, nem de elle nasce, ou não tem por fim dar-lhe força e energia.

« O discurso *« succinto* não se serve senão de princípios genéricos e fundamentaes. « O discurso *« conciso* escolhe com discrição os vocábulos mais proprios, e que tendem a dar mais luz ao pensamento ».

Concitar, instigar. — *Instigar* (do latim *instigare*, derivado do grego *stizein*, picar) exprime a acção de induzir a fazer uma cousa, não só falando às paixões que melhor podem contribuir à determinação do individuo, mas empregando insistencia e tenacidade. Este verbo quasi sempre sugere a idéa de ter por objeto o mal, ou pelo menos o que é censurável. *Aman instigava Assuero a expulsar os judeus.*

Concitar significa sugerir a idéa de fazer alguma cousa, de levar a pratica-la, mas implica repetição frequente do acto de sugerir, do hábito de Induzir. *Concitar* nunca se diz do que é bom.

Para outros vocábulos que tem sinonimia com estes dois veja-se o grupo **Aguilhoar** na página 57.

Concluir, inferir, induzir, deduzir, colligir. — *Concluir* (do latim *concludere*, de *cum*, com, e *claudere*, fechar) é pôr ponto à discussão ou à demonstração por meio de um raciocínio que condense numa consequencia a substancia do que se disse, se ouviu, ou foi lido. Este verbo indica uma operação definitiva do espirito, e não só definitiva, mas tambem mais precisa e rigorosa que a que se obtem *inferindo* e *induzindo*.

Inferir (do latim *inferre*, de *in*, em, e *ferre*, levar) é uma operação do espirito menos complicada que a que se designa por *concluir*. — *Inferir* é tirar uma consequencia de qualquer proposição que se estabeleceu, sem indicar a conexão das idéas que devem ligar tal proposição à sua consequencia. *Descartes disse inferindo: — Penso, logo existo.* — Resulta que a diferen-

ça entre *concluir* e *inferir* provém principalmente de a consequencia tirada por quem *inferre* ser geralmente remota, e não estar immediatamente ligada com a proposição de que se tira, como quando se *conclue*.

Induzir (do latim *inducere*, conduzir a) é propriamente levar ou conduzir a uma idéa por meio da relação que as proposições deduzidas têm entre si, ou pela deducção da verdade que ellas parecem encerrar. Assim, *induzir* tem mais carácter de probabilidade ou do hipótese que de verdade e convicção. Quando se *induz* não se pode dizer que se afirma, mas só que se pensa estar na verdade. Ha portanto menos certeza em *induzir* que em *inferir*: a operação de *induzir* não partindo do geral para o particular, mas precisamente do modo inverso, isto é, do particular para o geral — o espirito passando por cima dos factos que lhe devem servir de apoio ou do ponto de partida e procurando nas consequencias prováveis de esses factos a conclusão que vao apresentar.

Deduzir (do latim *deducere*, em que a proposição de exprime extracção) é uma operação diversa de *induzir*, pois tem por apoio uma qualquer série de consequencias precedentes — base que falta a quem *induz* — consequencias que levaram à conclusão que encerra o principio de que parte quem *deduz*.

Comparando *inferir* com *deduzir* pode dizer-se que ambas as operações partem de provas e do factos, e que em ambas se tiram consequencias; mas *deduzir* supõe um trabalho mais complicado, feito sobre mayor número de antecedentes que aquelle que designamos com o verbo *inferir*. Podemos *inferir* de um só facto, de uma proposição, de um principio; mas não podemos *deduzir* senão de varios factos, de muitas proposições, de mayor quantidade de principios.

Colligir é uma operação que tira conclusões dos indícios ou das analogias; quem *collige* não pode afirmar; diz que supõe, mas que supõe com fundamento e até com convicção.

Roquette não fala de este último vocábulo; dos restantes diz o seguinte:

« Indicam estas palavras a acção de tirar « consequencias do proposições sentadas « antes, mas por diferente maneira e « modo, todo, donde resulta que se não podem logicamente confundir.

« *Concluir* é tirar um arrazoamento, uma « argumentação, uma discussão, uma prova em virtude de relações necessarias ou « demonstradas com as proposições anteriores. A *conclusão* é pois um fim, uma terminação de qualquer cousa, correspondendo « ao recto significado de *concluir*, que é finalizar ou terminar uma cousa; e assim « chamamos *conclusão* à proposição que se

« deduz de outras, e se chama também *con-*
« *clusão* à resolução tomada depois de uma
« larga discussão ou controversia.

« A palavra *induzir*, em seu sentido re-
« cto, é instigar, mover alguém a fazer al-
« guma cousa, de ordinário, má; e no sen-
« tido figurado, como termo de lógica em
« que aqui a usamos, é discorrer ou tirar
« consequências segundo o método de *in-*
« *ducção*. Este método, que também se cha-
« ma *analítico*, consiste em observar aten-
« tamente os factos por partes, e da obser-
« vação de muitos factos *concluir* que exis-
« te um princípio ou lei geral da qual, como
« fonte comum, elles emanam.

« *Deduzir* é tirar consequências ou racio-
« cinar segundo o método de *deducção*, que
« também se chama *synthético*, o qual consis-
« te em tirar uma consequencia particular
« de um principio geral.

« *Inferir* é tirar consequências sem seguir
« rigorosamente algum dos métodos ante-
« riores, nem attender ao enlace das idéas,
« desprezando os intermédios e só olhando
« aos extremos, fundando-se em relações
« às vezes imaginarias, e, se verdadeiras,
« sem se haverem submetido a um rigoroso
« exame.

« Não se podem pedir provas ao que faz
« uma exacta *inducção*, ou uma rigorosa *de-*
« *ducção*, porque em si mesmo a leva; po-
« rém é preciso pedil-as ao que se conten-
« ta com *inferir*, para que de este modo so-
« obrigue a fazer uma *inducção* ou *deducção*.
« O que *conclue* apoya-se em princípios de-
« mostrados, ou que crê taes, e cujo enla-
« ce é o parece ser necessario ».

Lacerda dos mesmos vocabulos de que
se occupa Roquette, diz :

« *Concluir* é findar uma argumentação ti-
« rando uma prova mediante a demonstra-
« ção das relações que se faz-*ver* que exis-
« tem entre as proposições investigadas.
« Assim que *conclusão* é a proposição que
« serve de remate á argumentação pelo
« meio da qual se pretende estabelecer al-
« guma verdade, ou afirmar um facto.

« *Induzir* é tirar consequências por via
« de *inducção* ou análise.

« *Deduzir* é tirar consequências por via
« de raciocínios, ou syntheticamente, esta-
« belecendo uma asserção ou proposição
« particular, como consequencia que se
« mostra comprehendida numa proposição
« geral.

« *Inferir* é tirar consequencia de princí-
« pios dados, sem guardar as regras lógicas
« da análise ou da synthese ».

Veja-se o artigo seguinte.

Conclusão, consequencia, in-
ducção, deducção. — A proposição
tirada de outras proposições chamadas pre-
missas toma umas vezes o nome de *conclu-*
são, outras o de *consequencia*.

Tal proposição denomina-se *conclusão*

quando a consideramos em si propria, ape-
nas sob o aspecto da verdade ou da não
verdade do arrazoamento produzido, e ab-
straindo de ella toda idéa de ligação com
as premissas.

A mesma proposição denomina-se *con-*
sequencia quando a consideramos *inversa-*
mente; isto é, não em quanto á verdade ou
falsidade do juizo que ella exprime, mas
sim como dimanada das premissas. Este
nosso modo de considerar é que frequen-
temente pode ser forçado.

A *conclusão* pode ser verdadeira apesar
da *consequencia* ser má; e vice-versa, a *con-*
clusão pode ser falsa, apesar da *consequen-*
cia ser boa. — A *conclusão* será verdadeira,
apesar da *consequencia* ser má, quando a
proposição que sóge a premissas, sem
porém derivar precisamente de ellas, enun-
cia uma verdade real. Pelo contrario, a
conclusão é falsa, ainda quo a *consequencia*
seja boa, quando n proposição que segue
as premissas, apesar de derivar precisa-
mente de taes premissas, enuncia um juizo
falso, o que implica que ambas as premis-
sas, ou pelo menos uma, é falsa. — Quando
a *conclusão* é verdadeira e a *consequencia*
má, deve-se negar a *consequencia* — o que
se pode fazer sem negar em nada a verda-
de da *conclusão*, posto que em tal caso a
negação não recae senão sobre a ligação
das premissas com a proposição que de el-
las se tira. — Quando, no sentido inverso, a
conclusão é falsa e a *consequencia* boa, po-
do conciliar-se a *consequencia* rebaçando a
conclusão, posto que o que se concilia não
tem quo ver senão com a ligação das pre-
missas com a proposição que de ellas se ti-
ra, e nada com o valor da proposição em
si. Para um raciocínio ser perfeito, é pre-
ciso que todas as suas proposições sejam
verdadeiras, e que a que segue ás premis-
sas saia de ellas com naturalidade, sem o
menor esforço. — O peor raciocínio é aquel-
le em que a *conclusão* é falsa e a *consequen-*
cia má, o que se dá quando a proposição que
segue ás premissas enuncia um juizo falso,
caso em que a *conclusão* é falsa, e quando
ao mesmo tempo, esta proposição não vem
das premissas, o que torna a *consequencia*
má.

Inferre-se do quo acabamos de dizer que
consequencia (termo objectivo) designa o ju-
izo que deriva naturalmente de um princí-
pio, mas que, podendo derivar de elle em
acordo ou desacordo com as regras do ra-
ciocínio, é bom ou mau (de preferencia a
verdadeiro ou falso) segundo o modo como
fôr feito; e que *conclusão* (termo subjectivo),
indicando o resultado do acto ou juizo pe-
lo que fazemos derivar certas *consequen-*
cias de determinadas premissas, é em si
verdadeira ou falsa, segundo enuncie uma
verdade ou um erro, ou baja nella ou não
conformidade da *consequencia* com as pre-
missas, e regularidade no raciocínio. —

Conclusão, além de isso, sendo o vocábulo com que se designa o juízo definitivo que se faz, indica o fim do discurso, e encerrará em si o conjunto ou a sùmula das *consequências* que se contêm em todas as suas diversas partes.

Indução é o processo pelo qual o espirito, indo além dos factos que lhe servem de ponto de partida ou de base, vao do particular ao geral passando de umas *consequências* a outras *consequências*, e chegando assim a formular um principio ou *conclusão* que tem muito mais de provável que de verdadeiro, muito mais de hipotético que de real.

Dedução é o processo pelo qual o espirito descobre o que está rigorosamente encerrado numa verdade ou suposição, mas empregando um meio diametralmente oposto ao que emprega na *indução*, isto é, partindo da *conclusão* já estabelecida, para ir da causa ao efeito, do geral ao particular, do principio ás *consequências* que elle contém, e isso por uma série de proposições dependentes umas das outras, mas que se encadeiam mutuamente e se sustêm reciprocamente. *As sciencias naturaes, tendo por principal instrumento a observação guiada pelo raciocinio, fundam-se na indução.*

— A *matemática, procedendo só por meio do raciocinio, funda-se na dedução.*

Conclusão, desfecho. — A *conclusão* é o ponto que remata uma obra litteraria ou dramática.

Desfecho é o resultado final, ou seja a última circumstancia do enredo da peça ou do romance.

Vejá-se o artigo **Catástrofe**, na página 211.

Conclusão, termo, fim, cabo, ponta; confins, extremidade, limites. — *Conclusão* diz-se menos do ponto em que uma coisa não vae mais além, que do acto de suspender-lhe a continuação, ou do modo como cessa a operação; assim diz-se: a *conclusão* do discurso ficou pará amanhã; a *conclusão* do discurso não condisse com o seu desenvolvimento.

Termo é o vocábulo que — supondo um ponto de partida, e um decurso que medeia entre esse ponto e o proprio *termo* — designa até aonde se deve ir, ou onde se deve parar. Refere-se por consequencia ao que tem curso, movimento, direcção para um ponto extremo onde tudo cessa ou se funde noutra coisa talvez principal: a morte é o *termo* da vida. — *Chegados ao termo da viagem, esqueceram-se todas as fadigas.* — *A rendição de Santiago pôz termo á guerra hispano-americana.*

Comparando *termo* com *conclusão* resulta que o primeiro supõe o cabal desenvolvimento do que termina, circumstancia que *conclusão* não especifica. Quando se diz o

termo do discurso supõe-se que este teve quanta extensão exigiam as materias que nelle se tratavam, ao passo que a *conclusão* do discurso pode muito bem provir de uma circumstancia que o não deixa ter a extensão que fôra para desejar. — Ha porém a locução *pôr termo* a que indica claramente que algo vem impedir a continuação do que tinha curso ou se ia succedendo; por exemplo: o pae viu-se obrigado a *pôr um termo á prodigalidade do filho*, mas neste caso considera-se principalmente que a acção teve já o sufficiente desenvolvimento que devia ter, razão pela qual se lho põe esse *termo*.

Fim refere-se tanto á duração ou tempo, como ao espaço ou extensão. No primeiro caso, *fim* não se confunde facilmente com os outros vocábulos de este grupo, pois quando se diz o *fim* do dia, o *fim* do ano, entende-se que é precisamente da occasião em que o dia ou o ano finda que se fala; ao passo que *cabo do dia, cabo do ano*, têm um sentido retrospectivo que abarca toda a extensão do dia ou do ano, como quando se diz: ao *cabo* do dia vejo que nada adiantei; não estarei mais pobre por isso ao *cabo* do ano: a primeira expressão aludindo ao labor de todo o dia, e a segunda a um gasto habitual que se vae fazendo durante todo o ano. — É no segundo caso que *fim* tem intima sinuimia com os outros termos do grupo, convido portanto determinar-lhe aqui o sentido. — *Fim* é o ponto onde uma coisa acaba, relacionando esse ponto com outro diamotralmente oposto: o principio. Quando digo: abra o livro no *fim*, faço considerar á pessoa a quem falo um ponto determinado oposto a outro ponto tambem determinado: o principio do livro. — Mas ha outra idéa que ainda anda mais frequentemente ligada á essencia do vocábulo *fim*: é nem mais nem menos que a de uma acção considerada em quanto á sua duração, ao tempo que ella dura. Assim quando dizemos que *nosso filho chegou ao termo dos seus estudos* consideramos que elle tem a carreira concluida, que nada mais tem a cursar nas escolas; ao passo que substituindo o vocábulo *termo* por *fim*, e dizendo que *nosso filho chegou ao fim dos seus estudos*, consideramos principalmente o tempo que durou a acção que elle fez para alcançar o *fim* a que chegou. — Quando, cançados, dizemos que o *caminho parece não ter fim*, não nos referimos precisamente ao ponto em que o caminho tem de cessar, mas á acção que vimos fazendo, ao andar que, com o tempo, nos vao magoando. — Ao dizer que o *universo não tem fim*, como podemos, nós que não temos noção perfeita do infinito, comprehender um espaço sem esse predicado? pois simplesmente considerando a acção de um movimento que, successiva e continuamente, vae progredindo, sem nunca en-

contrar um limite que o detenha; por outras palavras, um espaço sem *fim* é um espaço que nunca pode ser percorrido ainda que suponhamos um tempo sem *fim* para o percorrer.

Cabo, que, como *fim*, se diz do que é relativo ao tempo e ao espaço, considera a extremidade da duração com certa retrospectividade, e a extremidade do espaço como uma distancia do ponto em que nos achamos. No primeiro caso já vimos que sentido têm as expressões *ao cabo do dia* e *ao cabo do ano*; para bem acentuar o segundo caso basta que consideremos o sentido em que se diz: *trei contigto até ao cabo do mundo*, isto é: não ha distancia que por ti não percorra a partir do ponto em que nos achamos.

Ponta é o vocábulo que melhor quadra para expressar o remate ou fim do uma coisa comprida, ou que se considera no seu comprimento, considerando também esse remate como tendo uma extensão, diminuta sim, mas apreciável; assim dizemos: *cravar na mão a ponta de um alfinete*; *cortarem-lha a ponta do dedo*; *apanhar pontas de charuto*, etc.

Extremidade é vocábulo que designa aquella pura concepção sem realidade tangível que é a linha ou o ponto em que uma superficie ou um comprimento termina. *As linhas, as superficies, os volumes, têm extremidades*. Diz-se, como vimos, *cortar a ponta do dedo*; mas não se diz, pelo menos sem impropriedade, *cortar a extremidade do dedo*.

Limite, mais frequentemente usado no plural *limites* (do latim *limes*, *limitis*, linha extrema) é o vocábulo que designa o ponto ou pontos até onde uma coisa pode estender-se. Com este termo considera-se geralmente não só o objecto que está limitado mas também aquelle que está para além dos seus limites. *Os limites da Portugal* são os pontos extremos do territorio portuguez no continente, considerado porém na sua contigüidade com o Atlantico e com a Espanha.

De *fim*, *limite*, *extremidade* e *termo* diz Roquette:

« *Fim* é termo genérico que indica o acabamento ou remate de alguma coisa, sem determinar nem o objecto que acaba, nem o modo como acaba, mas indicando quasi sempre que a coisa não torna a existir. — Quando chega o *fim* da vida, vem a morte, e não ha mais vida; quando damos *fim* a um trabalho, acabou para nós aquelle trabalho, etc.

« *Limite* é o ponto ou raya além do qual não pôde passar uma coisa que so está fazendo ou está feita. Diz-se em geral dos territorios ou fronteiras em que acaba, faz *fim*, a autoridade de um soberano e começa a de outro, supondo como uma linha de demarcação além da qual nenhu-

ma de ellas pode passar. No sentido figurado tem este vocábulo igual significação e energia. — Quando um ricoço encomen- da um banquete, o diz que não quer gastar mais de cem moodas, ou quando um livreiro encomenda a um literato uma obra que não tenha mais do vinte folhas de impressão, as cem moodas, e as vinte folhas são o *limite* da despeza do banque- te, e da extensão da obra literaria.

« *Extremidade* é a parte ultima ou extre- ma de alguma coisa, e no sentido trans- lato, o ultimo ponto a que pode chegar uma coisa. As *extremidades* da terra são os últimos paizes conhecidos; a *extremi- dade* da rua é o topo, a esquina em que ella acaba; uma pessoa está na última *extremidade* quando caiu em suma mi- seria ou quando uma grave doença não dá esperanza de melhora.

« *Termo*, vem mais depressa do grego *terma*, que do latim *terminus*, de que os Italianos e os castelhanos fizeram *termi- no*; significou antigamente, como na lin- gua primitiva, marco, mourão, com que se donarcavam as terras, fronteiras, etc., e de ali se tomou pelos *limites*, ou extre- midades de qualquer reglão, provincia, ou districto de cidade ou vila. Diz-se ain- da hoje *termo de Lisboa*, *termo de Coimbra*, etc.; e Heródoto dizia: *termata Europes*, como hoje dizemos, confins, ex- tremidades da Europa».

Lacerda, de esses mesmos vocábulos, diz apenas:

« *Fim* designa o acabamento de uma cou- sa. É termo genérico.

« *Limite* é o ponto da extensão que marca o seu fim, e talvez o principio de outra; e indica a Idéa de não poder passar além.

« *Extremidade* indica a existencia de um contro a que ella so refere.

« *Termo* designa o marco, o sinal que ex- trema os limites das terras; mas toma-se comúmmmente na significação do mesmo *limite* ».

Concomitancia, simultaneidade. — A *simultaneidade* difere da *concomi- tancia*.

1.º Na *simultaneidade* pode dar-se a In- dependencia dos factos *simultâneos* — uns nada tendo que ver com os outros, além da circumstancia de se produzirem ao mesmo tempo; ao passo que na *concomitancia* os factos têm intima relação entre si.

2.º Os factos *simultâneos* podem ser de igual ou do diferente importância — a *simul- taneidade* não influindo nada no seu valor. Na *concomitancia* ha sempre um facto principal acompanhado por aquelle que lhe é *concomitante*, e que se pode considerar como secundario ou accessorio.

Concorde, conforme. — *Concorde* diz-so de quem se harmoniza por natural In-

inclinação, por impulso proprio, sem o mínimo esforço. Quando duas pessoas estão *concordes* ambas têm o mesmo modo de pensar, ou ambas estão animadas do mesmo desejo.

Conforme (que não só se diz das pessoas, mas também das cousas) designa que as pessoas não apresentam contraste nem opposição, que aos olhos de todos, ou na apreciação alheia, não se nota entre ellas divergencia.

Resulta do que acabamos de dizer que *concorde* e *conforme*, ainda que a primeira vista pareçam exprimir a mesma idéa, differem essencialmente entre si — *concorde* exprimindo o resultado de uma acção interna, real, verdadeira; *conforme* determinando os actos com relação á sua exterioridade, a qual pode apenas ser illusoria.

Eis como Roquete compara estes adjetivos:

« Quando entre duas ou mais pessoas ha « acordo de ânimo, de vontade, de senti- « mentos, etc., diz-se que são, ou estão *con- « cordes*, e também se pode dizer que estão « *conformes*, mas em significação secunda- « ria, porque a primeira de estas palavras « representa a egualdade ou analogia das « formas, e estende-se não só ás pessoas se- « não ás cousas. — Dois irmãos mui *concor- « des* no pensar, nos desejos, nos gostos, « etc., são muitas vezes pouco *conformes* « nas feições, no genio, na índole. — A *con- « cordia* das vontades traz quasi sempre « consigo a *conformidade* dos gostos e das « inclinações. — De serem *conformes* as fi- « sionomias não se pode bem concluir que « sejam *concordes* os ânimos ».

Lacerda diz:

« *Concorde* diz-se de duas ou varias pes- « soas que seguem as mesmas opiniões, que « pensam do mesmo modo a qualquer res- « peito.

« *Conforme* diz-se de duas ou varias cou- « sas que têm entre si formas idénticas ou « semelhantes.

« *Varias pessoas podem conformar-se « nas mesmas práticas, sem concordar- « tem nos mesmos principios.*

Concurrença, concurso, assistência. — Concordam estas palavras em designar numerosa reunião de pessoas; cada um dos vocábulos, porém, encerra idéa particular.

Concurrença é termo genérico em que se nota a idéa de promiscuidade, ou que, pelo menos, a não exclui. *Nos dias de festa ha grande concurrença nos theatros, nas ruas, nos jardins.*

Concurso é a reunião de pessoas que se reúnem por dever, por direito, ou por convite. *Na cerimonia de uma investidura de capello ha sempre grande concurso de pessoas.*

Assistencia é o agrupamento de pessoas

para um fim determinado, ao qual todas pretendem cooperar, ou que a todas interessa. *No comicio havia numerosa assistência.*

Concubina, amante; barregã, amásia, amiga. — *Concubina* é vocábulo que hoje apenas se diz na linguagem da Igreja, ou ao falar das mulheres da antiguidade ou da idade média.

Amante é o termo que se considera mais decente na nossa época, e o único que pôde, sem offender, ser admitido em qualquer linguagem.

Salomão tinha concubinas; Napoleão III teve muitas amantes.

Ha porém, além da suplantação de um dos termos pelo outro, uma distincção social muito importante que convém considerar entre elles.

Concubina (do latim *cum*, com, e *cubare*, estar deitado) encerra a idéa de cohabitação. A *concubina* é por assim dizer uma esposa ilegítima que vive na dependencia e na sujeição — estas idéas vindo até nós pela consideração dos usos e costumes dos paizes e das épocas em que o concubinato era legalmente tolerado, e admitido até pela esposa legítima, da qual a *concubina* era frequentemente uma como escrava.

Amante, pelo contrario, é vocábulo que, se não enaltece a mulher, a torna pelo menos igual ao homem, sendo, como é, comum para os designar a ambos com relação de reciprocidade, de sentimentos e de convívio. — Por isso, nos paizes do Oriente, onde a mulher é considerada como inferior ao homem, estes têm *concubinas*; ao passo que no Occidente, onde a mulher é geralmente considerada como a igual do homem, este tem *amantes*.

Uma outra diferença importante entre os dois termos, é que a palavra *amante* não encerra a idéa de cohabitação — a *amante* podendo, ou não, viver na casa do homem solteiro ou do viuvo, mas não sendo frequentemente encontrada na casa do homem casado. Muito frequente é também que a *amante* de um homem seja casada, ou viva com outro homem.

Barregã (do castelhano *barragana*) é termo insultuoso e depreciativo que melhor que outro qualquer designa a mulher que só pelo interesse é *concubina* de algum homem asqueroso, ou que pelo seu carácter não devera ter amorsos; assim diz-se *barregã de frade* ou *de cônego*, melhor que *amante de frade* ou *de cônego*.

Amásia é termo vulgar, que, assim como *amiga* — termo mais escolhido, qualifica a mulher que vive das liberalidades do seu amante.

Concupiscencia, lascivia, lubricidade; cubiça; avidéz. — O

vocabulo *concupiscencia* (1) é ao mesmo tempo um termo genérico que designa a natural inclinação ou tendência para quaisquer prazeres sensuaes e posse de bens e riquezas, e um termo particular que exprime uma das espécies do género: o appetite carnal desordenado. É neste último sentido que a linguagem religiosa prefere empregar-o, e a sua definição, segundo um autor eclesiástico, é: «aquelle appetite ou «paixão que induz a alma a desejar com «vehemencia os gozos carnaes, com violação dos precoltos do Evangelho, e como «consequencia do pecado original e da «quêda do primeiro homem». Esta influencia da materia sobre o espirito constitue uma afecção moral, a *concupiscencia*, caracterizada pelo desejo dos gozos sensuaes, e consequentemente das riquezas ou posições que podem proporcionar-las.

Luxuria, lascivia e lubricidade, são manifestações da *concupiscencia* que appetite os gozos carnaes; mas a *luxuria* é a satisfação da *concupiscencia*, ao passo que a *lascivia* e a *lubricidade* são apenas desejos de a satisfazer — *lubricidade* encarecendo sobre *lascivia* por a designar no seu mais alto grau.

Outra manifestação da *concupiscencia* é a *cubiça*, palavra que em portuguez corresponde a dois vocabulos latinos, *cupido* e *cupiditas* (2), e que, por isso, devemos considerar sob dois aspectos. Num, no que corresponde a *cupiditas*, a *cubiça* é um desejo immoderado de possuir bens, quaisquer que sejam, mas particularmente os illicitos — desejo que não usa manifestar-se abertamente, que é tímido, e que só se atreve a operar em segredo; como a inveja, com a qual tem mais de um ponto de contacto. No outro, que corresponde a *cupido*, a *cubiça* é um desejo immoderado de possuir, mas desejo manifesto, que se distingue pelo afan e ardor com que persegue o que deseja obter. Esta especie de *cubiça*, porém, é susceptivel de calmar-se completamente logo que alcance o que tão violentamente trata de proporcionar-se, particularidade que a distingue da *avidez*, que é insaciável. O vocabulo *cubiça* pode applicar-se a toda a especie de desejos ardentes

que têm algo de illicito; mas particularmente — e sobretudo quando se emprega em sentido absoluto — refere-se á sede, ao afan, ao desejo immoderado de possuir bens e riquezas, e por isso devemos reputar como pleonásticas as expressões *cubiça de bens*, *cubiça de riquezas*.

A *avidez*, outra das manifestações da *concupiscencia*, é o desejo insaciável de toda a especie de bens ou de gozos, desejo que, longe de se calmar com a obtenção do que ambicionou, cada vez cresce e aumenta mais, não podendo nunca chegar a faltar-se. — A *avidez* difere da *cubiça* em ostar se distinguir mais pelo ardor e violencia que lhe são peculiares, que pelo numero ou extensão das cousas que appetite; ao passo que a *avidez* não só se caracteriza pelo numero o extensão dos seus appetites, senão tambem pela precipitação brutal com que se lança sobre o que obtem. Por isso, quando dizemos *comer ou beber com avidez* não exprimimos somente a idéa de comer ou beber muito e durante muito tempo, mas, o sobretudo, pretendemos ineultir a idéa de a operação ser feita com aquella sofreguidão que revela no *avido* o temor de lhe virem tirar o que tem diante si. — Há porém a notar que o vocabulo *avidez* não se applica exclusivamente ao que é censurável ou reprehensivel. Muitas vezes servimos de esta palavra para designar aquelle grande desejo, tão grande que é quasi illimitado, de possuir cousas que em si não são boas, mas atélouvráveis — a obtenção de ellas não implicando de modo algum que outros se vejam privados do seu gozo, nem constituindo perda para outrem. É nesse sentido que se diz a *avidez de gloria*, a *avidez de ciencia*, *cuvir avidamente a palavra do Senhor*, etc.

Roquete não fala, de todos os vocabulos de este grupo, mas somente de *cubiça* que compara com *ambição*. Exprime-se de esta forma:

«*Ambição* vem da palavra latina *ambire*, «que é o mesmo que correr ou cercar em «roda, como faziam antigamente os pretendentes dos dignidades, e magistrados «da república, que corriam toda a cidade, «cortejando uns e outros, e captando a benevolencia dos que podiam ter voto.

«*Cubiça* ou melhor *cubiça*, vem do latim «*cupiditas*, de *cupio*, ou desejo.

«Aquella refere-se principalmente ao desejo de honras, dignidades, cargos, etc., «esta ao de possuir dinheiro, fazenda, etc. «Posto que a *ambição* seja uma paixão desordenada de alcançar fama, honras, etc., «pode algumas vezes cohonstar-se; não «assim a *cubiça*, que é um appetite desordenado de riquezas, e toma-se ordinariamente á má parte. Multos *ambiciosos* ba «que não são *cobiçosos*, antes gastam com «mão larga para conseguirem as honras «que *ambicionam*».

(1) Pela primeira vez vemos a palavra *concupiscencia* bem definida no dicionario do sr. Cândido de Figueiredo — os dicionaristas precedentes apresentando-o somente na acepção que designa desejo carnal.

(2) «*Cupido* e *cupiditas*» — dizemô's no Dicionario dos sinónimos latinos — «designam o desejo vehemente de possuir a «cousa; mas em *cupido* considera-se o desejo em acção, trabalhando para conseguir, enquanto que em *cupiditas* considera-se o desejo como passivo e só designa «o estado da alma apaixonada».

Tampouco Lacerda diz nada dos outros vocábulos que apresentamos neste grupo, concretando-se a falar dos mesmos que Roquete comparou, e dos quaes apenas diz:

« *Ambição* designa principalmente o desejo do honras, dignidades, empregos de representação e poder, etc.

Cubiça denota mais particularmente o desejo da riqueza, do dinheiro, etc.

« A *ambição* pode não ser deshonesta, « mas a *cubiça* é sempre desordenada, e « por isso este vocábulo se emprega e to- « ma sempre a má parte. »

Concussão, exação; peculato, malversação. — Estes vocábulos referem-se aos dinheiros públicos, ou, melhor dito, ao dinheiro que provém dos impostos e das contribuições.

A *concussão* (do latim *concussio*, do *concute*, agitar com violência) é a extorsão violenta de quem, prevalecendo-se da autoridade de que está investido, exige direitos indevidos ou superiores aos que por lei pudera exigir. A *concussão* é também a quantia que o magistrado exige para se deixar corromper, ou pela qual se prontifica a coonestar.

A *exação* é brutal mas não ilegal, pois só se diz do extremado rigor com que se faz a cobrança das contribuições ou dos impostos. Em *Espanha* a *exação* chega ao ponto de as autoridades irem ás *ciras* recolher o trigo que se está malhando para cobrarem as contribuições em dívida.

Peculato é o termo com que se designa não só o desvio e roubo dos dinheiros públicos por quem os tem a seu cargo, mas também qualquer beneficio pessoal que o depositário de esses fundos se procura com elles.

Malversação é o termo com que se designa qualquer especie de destino que se dá a uma quantia de que apenas se é depositário ou administrador, quando esse destino é outro que não seja o previsto. — O *peculato* é uma pura *malversação*, mas a *malversação* nem sempre é *peculato*.

Condão, dom. — Faculdade especial e extraordinária, é a significação comum a estes substantivos, com esta diferença porém:

O *dom* é uma faculdade extraordinária que a natureza ou a divindade concede, e que melhor se refere ao valor da propria faculdade que ao mérito de quem a possui. O *Flos Sanctorum attribuitur* o *dom* dos milagres a todos os santos que biographa, mais para encarecer o *dom* em si, que para encarecer a propria virtude dos seus biographados.

O *condão* é um *dom* especial conferido por entes sobrenaturaes: fadas, demonios,

mágicos, etc. A influencia do *condão* considera-se o mais das vezes como benéfica, e por isso, e extensivamente, se diz das prendas que adornam sobremodo certas pessoas que nellas são exímias.

Condemnação, sentença, pena. — O vocábulo primordial entre os de este grupo é *sentença*, o qual, no sentido em que aqui o consideramos, é a expressão do modo de sentir de quem julga e se inspira na lei ou no direito.

A *sentença* inclue a *condemnação*, a qual, sempre no ponto de vista já considerado, é a vindicta exercida contra o delinquente ou criminoso que a motiva.

Pena é a execução da *condemnação*.

Estes vocábulos empregam-se ás vezes indistintamente, mas mesmo quando isso se dá, o sentido nunca consente que se confundam.

Condensar, coagular, congelar. — *Coagular* e *congelar*, como já deixamos dito na página 249, dizem-se só dos líquidos.

Condensar diz-se dos fluidos aëriiformes.

Coagulam-se os óleos; *congelam-se* os líquidos; *condensam-se* os vapores e as névens.

Condição, estado, qualidade. — De *condição* e *estado* já falámos detidamente na página 119, artigo *Arte*. Encontrando agora nos outros dicionarios estes vocábulos comparados com *qualidade*, transcrevemos a seguir o que de elles dizem seus autores.

Roquete disse em primeiro logar:

« *Condição* exprime geralmente o nascimento ou a posição do homem na sociedade.

« *Estado* refere-se á profissão que exerce, « ao modo de vida que tem, á gradação « ou predicamento civil.

« É *qualidade*, em sentido metafórico, « designa particularmente o lustre de sangue, a nobreza hereditaria ».

E Lacerda depois de Roquete, disse:

« *Condição* designa genericamente a posição que o homem occupa em alguma das classes que formam a sociedade.

« *Estado* designa a occupação, o modo de vida de que o homem faz profissão.

« *Qualidade* designa particularmente a « origem, o sangue, a nobreza hereditaria, « e a sua gradação civil ».

Conducto, meio, órgão. — O *conducto* serve para conduzir ou transmitir: o soldado dirige-se aos seus superiores por *conducto* dos seus chefes.

O *meio* serve para executar. O chefe realiza os seus planos por *meio* dos subalternos.

O *órgão*, no sentido em que esta palavra

tem alguma sinonímia com as precedentes, serve para representar e instruir. Os *agentes diplomáticos* são os **órgãos** dos seus governos. O jornal é o **órgão** pelo qual se *advogam os interesses de dois ou trez, sob o disfarçado título de interesse público.*

Conduzir, guiar, levar. — *Conduzir* (do latim, *cum*, com, e *duz*, chefe) é vocabúlo que implica idéa de autoridade, de chefia, de exercício do mando, e que faz supôr cuidado, habilidade e saber em quem conduz, isto é, em quem se põe à frente. — Com este termo referimo-nos particularmente ao modo de dirigir, à maneira mais ou menos adequada como se leva a pessoa ou a cousa ao ponto que se deseja: o **piloto conduz o navio através dos escolhos. Os soldados pediam ao general que os conduziisse à victoria.**

Guiar é dirigir para um ponto, mostrando ou ensinando o caminho. Falando de pessoas—que é o caso que aqui nos interessa, *guiar* é relativo à intelligencia, e põe em relêvo o ensinamento ou conselho de quem *guia*, e o modo como as suas indicações são recebidas pelo *guiado*, que de ellas se aproveita ou não, segundo o impulso da vontade propria, ou o dictame da sua razão. *Guia-se* um viajante mostrando-se-lhe o caminho que deve seguir e indicando-lhe como orientar-se nas encruzilhadas que se lhe depararem. *Guia-se* um mancebo inexperienced, dando-lhe conselhos adequados às circumstancias em que so acha. Os *sacerdotes guiam os fieis pelo caminho da salvação.*

Levar é tomar como pela mão e levar consigo. Esta palavra revela, como *conduzir*, autoridade, mas autoridade que se impõe, e ademais uma vontade que quor ser obedecida. **Levam** um preso à cadeia, um menino à escola. Frequentemente este verbo indica apenas o meio mais directo e mais rápido para chegar a um termo. **Leva-se** um cego pela mão; **leva-se** uma carta ao correio; um general **leva** um exercito à derrota. Muitas vezes manifesta apenas o fim para que se **levar** o cavallo a passeio. Outras vezes, quando tem por sujeito um nome de coisa, indica a via mais curta, o meio mais prompto: este modo de proceder **leva** a derrota; estes gastos **levam** à ruína; este caminho **leva** à cidade.

Conezia, canonicato, prebenda. — *Conezia* e *canonicato* são sinónimos perfectos; designam a dignidade de cônego, o cargo que elle exerce na sé ou colegiada, e tambem os rendimentos que estão affectos a esse cargo. — O termo *conezia* porém pode ser tomado à má parte, pois presta-se não só a representar tal dignidade como uma perfeita sinecura, mas tambem a apresentar aquelle que a possue

sob o aspecto pouco lisonjeiro de homem inútil que come na mangedoura do Estado. — *Canonicato*, devido à terminação do vocabúlo, não se presta a esse sentido irónico.

Prebenda é a renda affecta ao *canonicato* e em geral a qualquer beneficio de sé ou colegiada.

Conferencia, entrevista. — Querem alguns que a palavra *entrevista* seja galicismo desnecessario. Não apoyamos essa opinião. A Academia hespanhola tão nimamente meticulosa em anatematizar quanto cheira a extrangeirismo não teve dúbida em reconhecer a necessidade do vocabúlo e em dar-lhe fóro patrio. — *Condenaremos*, certamente, quo de *conferencia* e *entrevista* se façam sinónimos perfectos, mas insistiremos em recomendar esse termo como útil, sempre que se queira designar uma particularidade que pode dar-se na *conferencia*; é a seguinte:

Conferencia é a conversação entre duas ou mais pessoas sobre negócios de interesse comum, público ou internacional, conversação que se realiza no local onde uma de essas pessoas costuma tratar dos seus negocios.

Quando a *conferencia* se efectuar num sitio determinado a que concorram todos os conferentes, e particularmente se esse sitio fór uma localidade não habitada por nenhum de elles, denomina-se *entrevista*.

Confessado, penitente. — O católico, com relação ao padre a quem se confessa, é *penitente*. Se o católico se confessar habitualmente ao mesmo padre, é não só *penitente*, mas tambem o seu *confessado*: — O *penitente* ajoelha aos pés do confessor. *Convém a certas ordens religiosas que as damas da aristocracia sejam confessadas dos seus filiados.*

Confesso, convicto. — Falando de criminosos, diz-se *convicto* de aquello a quem se provou ser elle o autor do crime, e *confesso* de aquell'outro que confessou tel-o perpetrado. **Rêo convicto e confesso.**

Confiança, segurança, seguridade. — A *confiança* tem como certo que ha-de succeder que ella espera, mas nem por isso deixa de empregar todos os meios ao seu alcance para não ser defraudada ou iludida; é portanto activa.

A *segurança* é por assim dizer uma *confiança* absoluta que, tendo reunido todos os elementos necessarios para os factos se passarem como espera, não faz mais nada para impedir de ser iludida ou ludibriada; é pois passiva.

Entre *confiança* e *seguridade*—vocabulos que mui frequentemente se confundem —

ha a seguinte difforença: *segurança* é o estado seguro de risco; *seguridade* é a falta de risco.

Apesar do capitão ter confiança no seu navio, não deixa de manobrar como o temporal exige; conhecendo bem o mar onde navega, e sabendo-o limpo de baixos e escolhos, tem a segurança de não ir contra elles; o que elle não tem, nem pode ter, é a seguridade de não ser abalroado por alguma outra embarcação.

Roquete comparou *segurança* com *seguridade*; diz assim:

«Ambas estas palavras vem de *securus*, «seguro, o sua terminação annuncia difforença entre ellas, que consiste em que *segurança* diz-se das pessoas e das cousas, «o *seguridade* só se diz das pessoas com «referencia ao estado do espirito. A primeira corresponde no francez *sûreté*, e a «segunda a *sûcurité*. — *Segurança* exprime «o estado seguro de risco, do perigos, livre de mau successo; e *seguridade*, a falta «do temor, tranquillidade de ânimo, nascida da da confiança que se tem, ou da opinião «em que se está, de que não ha perigo. «Apezar do que esta distincção é muito lógica, não diremos que é autorizada por «Vieira, o qual usou a primeira palavra «com a significação da segunda, dizendo: «O bispo que se portou com grande valor «e *segurança*».

Lacerda diz o mesmo que Roquete:

«*Segurança* diz-se das pessoas e das cousas.

«*Seguridade* diz-se das pessoas sómente, «e sempre no sentido moral.

«*Segurança* exprime o estado livre do «perigo, de risco, e do mau successo.

«*Seguridade* exprime o estado tranquillo «do ânimo, nascido da confiança que se «tem de que não existe perigo.

«O homem pode estar em *seguridade*, «quando periga a sua *segurança*; e po- «de estar em *segurança* quando lhe falta a *seguridade*.

«Entretanto esta distincção não é sempre observada pelos melhores clássicos, «como, entre muitos, mostram os dois seguintes exemplos: — *Com virtuosa segurança* (ULIS.). — *O bispo, que se portou com grande valor e segurança* (VIEIRA).

Confiar, fiar-se.—A acção de *fiar-se* é mais ampla que a de *confiar*, pois a quem *confia* falta a *segurança* que tem quem *se fia*. Assim o credôr *confia* em que nenhuma contrariedade virá impedir que o devedôr lhe pague o que elle lhe empresta, e é tal a *segurança* que tem na sua honradez que *se fia* nelle até ao extremo de não lhe pedir recibo da quantia emprestada.

Confidencialmente, em confidencia. — *Participei-lhe confiden-*

cialmente o meu próximo casamento, e *participei-lhe em confidencia* o meu próximo casamento, serão expressões do mesmo valor? — Não.

Confidencialmente exprime o modo como a participação é feita, e o fim para que é feita: para não ser divulgada por toda a parte.

Em confidencia exprime não só o modo como a participação é feita, mas também a confiança que se deposita na pessoa a quem ella se faz, e além de isso o desejo tácitamente exprimido de ella não revelar a ninguém o nosso segredo.

Assim *confidencialmente* exprime com menos força o rigôr a mesma idéa que exprimimos com a locução *em confidencia*.

Configuração, conformação; figura, formá.—Nos vocábulos *configuração* e *conformação* entram, como elementos simples, as palavras *figura* e *forma*; principiemos portanto por comparar estes termos primitivos.

Forma é o aspecto geral dos objectos, que faz com que os distingamos uns dos outros o que os determinemos convenientemente. A *forma* é uma qualidade tão essencial em cada corpo, que só por ella conseguimos determinar as diferenças que existem entre os corpos da mesma especie, isto é, dos que affectando a mesma *figura*, o sendo desiguados com o mesmo nome, são porém distintos entre si.

Figura é termo mais abstracto que *forma*, pois se bem é relativo ao aspecto dos corpos, não o é porém á sua *forma* especial, mas á idéa geral que de elles fazemos pela primeira impressão que o seu todo nos causa á vista, abstracção feita de qualquer dos seus pormenores.

Ao ver um homem com a cabeça coberta logo dizemos que tem o chapéo posto; foi a *figura* do chapéo que nos fez conceber essa idéa; mas se quizermos determinar qual é a especie do chapéo que elle tem posto, consideraremos antes de mais nada a *forma* que elle affecta, e só depois resolveremos por uma especie de raciocínio ou operação ulterior. Isto nos leva a dizer que nos corpos a *figura* é o aspecto geral, e a *forma* o aspecto especial. — Um triângulo é uma *figura*; a *forma* do essa *figura* é que determina se elle é rectângulo, agudo ou obtuso. — *Mede-se um arco do meridiano para determinar a figura* (não a *forma*) *da terra*.

Em muitos casos os dois vocábulos podem empregar-se indistintamente, como quando dizemos em *forma* ou em *figura* de sino, em *forma* ou em *figura* de funil, etc., mas ao falar assim limitamo-nos a apresentar uma idéa geral que nem se produzca pela vaguedade da palavra *figura*, nem se concreta ao rigôr que se attribue ao termo *forma*.

No sentido figurado *forma* e *figura* continuam a distinguir-se pela significação mais concreta que tem o primeiro vocábulo e a idéa mais abstracta que ha no segundo. Neste sentido, *forma* é relativo ao fundo, à constituição das cousas, e *figura* à apparencia exterior. Varlam-se as *formas* do estilo modificando as diferentes partes do discurso segundo as idéas que expomos necessitem ser apresentadas de um ou do outro modo; e conforme fôr a *forma* que queiramos adoptar, assim empregaremos as *figuras* do estilo que melhor lhe poderem convir.

Passando aos termos derivados de *forma* e *figura*, diremos:

Conformação é termo muito empregado na linguagem didáctica para exprimir as *formas* dos animaes: *a conformação dos pretos e a dos brancos é idéntica. A conformação do gato não difere muito da do tigre.*

Configuração, na linguagem didáctica, amolda-se melhor para designar as *figuras* dos objectos inorgânicos e des vegetaes: *a configuração de uma planta, de um mineral, de um crystal, etc.*

Quando porém, ao falar de uma planta, de um fóssil, etc., quizermos referir-nos á sua disposição interna, aos seus caracteres distintivos, e não apenas ao seu aspecto exterior, diremos *conformação* e não *configuração*.

Comparando agora *configuração* com *figura*, veremos que este último vocábulo se diz do aspecto exterior das cousas consideradas como um todo indivisível, sem nenhuma relação com as partes que o compõem; e *configuração* se diz de esse mesmo aspecto, considerado porém nas relações que entre si têm as partes do todo. Assim, se dissermos *a figura do esqueleto de tal animal*, empregamos uma expressão que difere do sentido da expressão *a configuração do esqueleto de tal animal*, porque nesta última expressão consideramos as relações que os ossos do esqueleto têm entre si, o que não fazemos naquella outra, em que só nos referimos ao conjunto do seu aspecto. Resulta do que deixamos dito: 1.º que *forma* e *figura* se devem dizer do que é simples ou se considera como tal; 2.º que *conformação* e *configuração* se dirão do que é composto ou do que se considera de modo complexo.

De *forma* o *figura* fala Roquette nos seguintes termos:

« *Figura* é a feição externa de qualquer pessoa ou coisa, o aspecto que ella nos apresenta.

« *Forma*, em linguagem philosophica, é o que determina a materia a ser tal ou tal coisa, e geralmente falando entende-se « pela construção, arranjamto das partes.

« Diz-se que um homem tem boa *figura*;

« quando é bem apessoado; e em sentido « figurado, que faz boa *figura*, quando des- « emponha bem as funções de que está en- « carregado, ou se sae bem em cousa que « emprebendeu e em que figura. Em ne- « nhum d'estes casos se pôde usar a pala- « vra *forma*, pela relação que ella tem com « a materia; e no homem e seus actos dá- « se maior importancia ao espirito. — Uma « alfaya, um móvel têm necessariamente « uma *forma*, porque são a materia modifi- « cada deste ou de aquele modo, o não se « pode dizer que tenham uma *figura*, porque « esta palavra refere-se particularmente « aos animaes. Comtudo algumas vezes se « toma *forma* por *figura*, porque na verda- « de a *figura* depende da *forma* externa; « mas não se pode dizer *figura* por *forma*. « — Fulano tem boa *forma* de lotra, diz-se « de quem escreve bem, tem bonita letra, « mas ninguem dirá, que tem boa *figura* de « letra.

« No sentido translativo e moral ainda é « mais sensível a diferença entre estes dois « vocábulos. Um negocio, uma empresa, « etc., estão em boa ou má *figura* segundo « apresentam bom ou mau aspecto, boas ou « más apparencias. A *forma* de um governo « é monárquica, aristocrática, ou democrá- « tica segundo entra em sua constituição « ou arranjamto de partes constitutivas e « legislativas a auteridade de soberano, o « poder dos fidalgos, ou a influencia do po- « vo. — Nem dos negocios e empresas se « dirá que estão em boa ou má *forma*; nem « dos governos se pôde dizer que têm boa « ou má *figura*. Com tudo, personificando « os governos, podemos dizer: *Os governos « que têm uma forma viciosa fazem sempre « má figura no conselho das nações* ».

Dos mesmos vocábulos diz Lacorda:

« *Figura* é a feição aparente de qualquer « cousa.

« *Forma* é a disposição exterior das par- « tes da materia.

« A *figura* dos corpos é determinada pe- « los limites externos da sua extensão. — A « *forma* é determinada pela combinação « das partes.

« Diz-se *figura de mulher*, *figura tri- « angular*; e *forma sólida*, *forma delica- « da*. — Muitas vezes se diz *forma* por *figu- « ra*, mas não pode dizer-se *figura* por *for- « ma*.

Confin ou **confinante**, **contíg-
uo**, **próximo**, **vizinho**, **limitro-
phic**. — *Confin* e *contígúo* differenciam-se apenas na idéa sob a qual a mesma situa-
ção se apresenta.

O que está *confinante* com uma coisa está *contígúo* a essa coisa: *confinante* porque o *fin* de uma de essas cousas é o proprio *fin* (ou principio) da outra; *contígúo* porque ambas so tocam. — Quando porém se diz que duas cousas estão *contígúas*, conside-

ram-se apenas como em contacto, abstracção feita de toda a especie do limite, pois, a haver esse limite, não só estão *contíguas* mas também *confinantes*. Assim o *confinante* está sempre *contíguo*, mas o *contíguo* pode não ser *confinante*.

Não pode haver nada mais *próximo* que o que está *contíguo* ou *confinante*; mas estas duas circumstancias não são indispensáveis para a proximidade subsistir. *Próximo* quer dizer não longe, não distante, o particularmente quando entre os dois objectos não se intercala outro da mesma especie.

Vizinho (do latim *vicinus*, que é da mesma terra) só se diz com propriedade da pessoa que habita não longe de aquella com quem se estabelece a relação de essa proximidade, ainda que outras estejam mais *próximas* de ella. — Não obstante também se diz das cousas que estão a não grande distancia, se não se acharem separadas do ponto de que se fala por nenhuma outra da sua especie: *ir á aldeia vizinha* é ir á aldeia mais *próxima*.

Limitrofe só tem mais intima sinonímia com *confinante*, do qual se distingue, em este, *confinante*, se dizer do que se considera como estando reunido por uma fronteira ou limite comum, a qual longe de interromper as relações ajuda até a estabelecer-as; ao passo que aquelle, *limitrofe*, considera a fronteira como um limite de separação, como uma barreira que intercepta o passo. *As relações dos povos confinantes são consideradas como mais intimas que as dos povos limitrofes*.

Vêja-se o artigo *Adjacente*, na página 36.

Nem Roquete, nem Lacerda, falam de *limitrofe*. Dos restantes vocábulos de este grupo, diz o primeiro:

« O que tem limite comum com outra cousa, ou com ella *confina*, diz-se que é *confinante* ou *confinante*. Ao que toca, ou está em contacto, chama-se *contíguo*. Ao que está muito perto, que se segue, ou está logo de perto, cabe o nome de *próximo*. Ao que habita na mesma vila ou cidade perto de outro se chama *vizinho*, e *vizinhos* ao total dos habitantes de uma povoação.

« De todos estes termos o domínio mais significação é *próximo*, pois se diz de pessoas, de cousas, do tempo, da ordem do discurso, etc.; do que se segue, como do que precedeu; por isso se diz *próximo futuro*, *próximo passado*, etc. ».

Diz o segundo:

« Ao que tem limite comum com outra cousa, chama-se *confinante* ou *confinante*.

« Ao que está em contacto chama-se *contíguo*.

« Ao que está muito perto, precedendo ou seguindo-se, seja pessoa ou cousa, chama-se *próximo*.

« Ao que habita na mesma cidade, vila,

« aldeia ou povoação, chama-se *vizinho*; e dá-se o nome de *vizinhos* à totalidade dos habitantes ».

Confinar, relegar. — Concordam estes vocábulos na idéa de enviar para longe aquelle que caiu no desagrado dos seus superiores, e que por esse facto é desterrado da sua presença, indicando-se-lhe o lugar em que deve residir, ou a mínima distancia a que pode permanecer do ponto de que é banido.

Relegar (do latim *relegare*, mandar para ponto onde não empeça) chama a atenção para a idéa de afastar de si. *É doloroso para um pae o ter de relegar a seu próprio filho*.

Confinar (do latim *cum*, com; o *finis*, limite), significando desterrar para os confins, encerrar em lugar afastado, chama a atenção não só para a idéa de conservar o desterrado em ponto distante, mas também para a situação que a este provém de tal desterro. *D. Maria I confinou o marquez de Pombal na sua quinta da vila de Pombal e manteve-o ali desterrado em quanto elle viveu*.

Confirmar, ratificar. — *Confirmar* o que é duvidoso, incerto, o que só se sabe por probabilidades e conjecturas e também aquilo que carece de ulterior decisão para ficar estabelecido definitivamente; *confirmou-o por herdeiro*.

Ratifica-se aquilo que carece de alguma das condições indispensáveis para ser válido.

Confirma-se o que tem relação com o presente, com o passado e com o futuro; *ratifica-se* o que é relativo ao futuro. — *Confirmam-se* noticias, boatos, suspeitas, doutrinas, etc.; *ratificam-se* tratados, promessas, etc.

É a experiencia que *confirma*; é a autoridade que *ratifica*.

Confiſcar, apprehender, arrestar, embargar, sequestrar.

— *Confiſcar* é apresar para o fisco, e extensivamente se diz de aquillo que se tira a quem o possue indevidamente.

Apprehender é apresar aquillo que não é permitido possuir, pelo menos antes de haver cumprido com certas formalidades.

Arrestar é apresar o que legitimamente algum possue, mas de que se deve despendar para pagar uma dívida.

Embargar é não consentir que alguém faça uso do que possue.

Sequestrar é pôr em mãos de terceiro aquillo cuja posse ou uso é disputado per outra ou outras pessoas.

Conflagração, cataclismo. —

Conflagração é o vocábulo com que se de-

signa o estado de uma extensão considerável que está ardendo.

Cataclismo é a revolução geológica que transforma o aspecto de uma região.

No sentido translativo estes vocábulos designam grandes perturbações sociais ou políticas, com esta diferença porém: que são as *conflagrações* que produzem os *cataclismos*: quer dizer: a *conflagração* é o estado de revolta, de exaltação, a grande perturbação dos ânimos; e *cataclismo* as transformações que provêm de esse estado de revolta.

Conforme, segundo.—A diferença existente entre estas conjunções é na maioria dos casos tão imperceptível que nada obsta a que sejam empregadas indistintamente. Quando porém queiramos determinar que o facto se dá em virtude de uma circunstancia alheia a qualquer vontade, empregaremos de preferença o vocábulo *conforme*; o se pelo contrario o quizermos apresentar sob a dependencia de uma vontade qualquer, propria ou alheia, valeremos do termo *segundo*.—*Vivemos conforme podemos.* Oramos *segundo* as *ordens* recebidas.—*O crime deve ser punido conforme as leis ordenem e não segundo ao juiz apraza.*

Roquete compara estas conjunções dizendo:

«Estas duas palavras não são frases adverbias como quer o autor dos *sluênimos* (1); são sim adverbios, ou antes preposições, que correspondem á latina *secundum*, e com ellas se explica a conformidade de uma coisa com outra, porém *conforme* a supõe mais exacta o indispensável, e *segundo* a supõe menos absoluta, ou mais voluntaria.—*Dou-o conforme o recebi; fica conforme estava*, isto é, exactamente como estava ou como m'o deram. *João vive segundo lhe dicta seu capricho; fala segundo lhe dá na cabeça.*—Nos dois primeiros exemplos não se pôde usar da voz *segundo*, porque não explicaria uma conformidade tão absoluta e exacta, como exige aquella idéa; nem nos segundos se pôde usar com propriedade da voz *conforme*, porque daria á idéa uma conformidade demasiado exacta, e menos fivro e voluntaria, do que se quer dar a entender.

«Esta diferença faz-se mais perceptível quando a *conformidade*, que se quer explicar com a preposição, se appoia só numa probabilidade ou numa opinião; pois em tal caso se vê claramente a improprimidade do uso da preposição *conforme*, que nunca pode explicar uma conformidade duvidosa, sem uma notável impro-

priedade.—*É verdade, segundo dizem; chove, segundo creio; o não: É verdade conforme dizem; chove, conforme creio.*»

Lacerda diz:

«São frases adverbias que exprimem relações de congruência, conformidade, etc.; porém *conforme* designa conformidade exacta, rigorosa; e *segundo* designa a conveniência, a congruência, uma conformidade menos absoluta. *O homem honesto procede segundo as circunstancias* lh'o permitem, mas sempre *conforme* aos princípios da boa moral. *O escultor fez a estátua conforme ao modelo, mas adaptou as dimensões ao local onde tinha de ser colocada.*»

Confortar, consolar.—*Consolar* tem por fim mitigar a pena ou o pesar; *confortar* visa a levar a reagir contra a pena, o pesar ou o temor. *O sacerdote deverá sempre consolar o afflicto e confortar o moribundo.*

Confraria, ordem, irmandade.

—A *irmandade* é a associação laical que não tem mais objecto que a devoção a um santo, virgão ou imagem determinada: a *irmandade* do Santissimo; a *irmandade* da Conceição.

A *confraria* é a *irmandade* de certa importância que se rege por estatutos ou compromissos.

Ordem é a *confraria* importante, que tem bens proprios, o que além de se dedicar ao culto o a promovel-o, se occupa de certas obras pias e beneméritas. No Porto, a *ordem* do Carmo é uma instituição benéfica.

Confraternidade, fraternidade.—O laço que une a todos os homens como irmãos é chamado *fraternidade*; esse laço subsiste de modo latente, e não passa muitas vezes de uma palavra meramente vã, ou que só é util nas declamações dos demagogos.

Quando porém a *fraternidade* se torna activa, quando não se concretiza a fluidir, é chamada *confraternidade*.

Confronto, confrontação.—*Confronto* diz-se tanto do acto como do effeito de confrontar; *confrontação* só se diz do acto.—*Proceder a uma confrontação* (ou a um *confronto*). A prova resultta immediatamente do *confronto*, e mediatamente da *confrontação*.

Confundido, confuso.—Podemos ficar *confundidos* de dois modos: ou quando nos reconvêm de uma feita de que não nos podemos justificar, ou quando se nos depara algo de misterioso, de grande, de

(1) Refere-se ao «*Essayo sobre alguns sinónimos da lingua portuguez*» pelo cardeal Dom frei Francisco de São Luiz

terrível, que está fora do alcance da nossa intelligencia.

Ficamos *confusos* quando recebemos idéas obscuras, ou quando nos propõem problemas espinhosos, ou ouvimos proposições que julgamos incompatíveis.

As *maravilhas* da natureza deixam-nos **confundidos**. — O estilo embrolhudo, as locuções equívocas, um procedimento oposto ao carácter de quem o tem, deixam-nos **confusos**.

Pode estabelecer-se como principio: 1.º Quando a confusão provém de um sentimento de vergonha, de timidez, ou da consciencia da propria impotencia, diremos *confundidos*. 2.º Quando a confusão provém de uma acção ou causa exterior, dir-se-á *confuso*.

Confundir, misturar. — *Misturar* é termo genérico que tanto se diz do acto de ajuntar sem ordem cousas diferentes ou da mesma especie sem fim determinado, como do outro acto de ajuntar cousas diferentes para obter uma cousa de especie determinada. **Mixturam-se** as cartas do barulho quando as embaralhamos. **Mixturam-se** vinhos para os lotar.

Confundir é *misturar* desordenadamente. No sentido translativo é não poder ou não saber distinguir. Não confundamos os velhos com os moços.

De estes vocabulos diz Roquete:

« *Misturar*, é juntar, unir, incorporar « uma cousa com outra, ou muitas em uma « só. **Mixtura-se** o vinho com a agua; **mixtura-se** a farinha de trigo com a de centeio, etc.; e no sentido moral: **mixturam-se** os velhos com os moços, **mixturam-se** os homens com as mulheres, etc.

« *Confundir*, no sentido fisico, é fundir « juntamente, *misturar* fundindo metaes, « e por extensão liquidos heterogêneos; no « sentido moral é *misturar* as partes de « muitas cousas com as de outras, *misturar* « com desordem.

« A *mistura* não impede que possamos algumas vezes distinguir os diferentes objectos, porque se conservam inteiros; num rebanho, em que estão *mixturados* os cordeiros com os cabritos, podem-se muito bem distinguir este de aquelles.

« Quando a *mistura* se faz com desordem « ou quando os objectos perdem o seu ser, « e as partes do uns se *mixturam* com as dos « outros, então ha *confusão* ou *mistura* confusa.

« Assim que, *confundir* exprime mais que « *misturar*, porque acrescenta a idéa de « desordem, nenhuma clareza, grande difficuldade, e talvez impossibilidade de se « parar e distinguir as cousas ou partes « postas em *confusão* ».

Lacerda diz:

« *Misturar* é juntar, incorporar. uma ou

« varias cousas com outra ou com muitas « em uma só. **Mixturam-se** os metaes « quando se ligam. **Mixtura-se** o vinho « com a agua. No sentido translativo, **mixturam-se** os homens com as mulheres, os « velhos com os moços, etc. A *mistura* não to- « lhe que, muitas vezes, se possam distin- « guir os objectos *mixturados*; porém, ou- « tras vezes, tambem acontece que ficam « de tal sorte compenetrados que se torna « muito difficiloso, talvez impossivel, dis- « tingui-los e separal-os. Neste caso ha *confusão*.

« Portanto *confundir* é *misturar*, incor- « porar tão intimamente que não pode ter « lugar a distincção, nem separação dos ob- « jectos unidos ou *mixturados*.

« *Confundem-se* os metaes que se derro- « tem juntamente, o que, consolidando-se, « formam, por assim dizer, um novo metal. « No sentido translativo, *confundir* é *misturar* desordenadamente.

« A *misturar* opõe-se separar, e a *confundir* opõe-se distinguir ».

Confusão, desordem, perturbação. — A *perturbação* é o estado em

que uma cousa não está clara ou quieta, estado que não consente que de ella se possa fazer uma idéa exacta, por achar-se alterada. Figuradamente se diz que ha *perturbação* nas idéas de uma pessoa, que uma pessoa está *perturbada*, quando as idéas do essa pessoa não são nitidas, ou quando ella se acha num estado que ella propria não pôde oxplcar. — Eguamente ha *perturbação* numa casa, nos negocios, etc., quando não ha em tal casa ou nesses negocios aquella ordem que consente a marcha regular do seu movimento, e que facilita o formar-se exacta idéa do que nella ou nelles se passa.

Confusão é uma grande *perturbação* em que tudo está confundido, *mixturado*, em estado quasi impossivel de desemmaranhar. Figuradamente se diz do estado da pessoa que fica de tal modo vexada ou atrapalhada que não sabe o que ha-de fazer nem dizer. Eguamente, ha *confusão* numa casa ou nos negocios, quando nella ou nelles se tomam as cousas umas pelas outras ou não se sabe como encontral-as.

Desordem indica que as cousas não estão no seu lugar, ou que não estão dispostas como razoavelmente deveriam estar. Faliando de pessoas, *desordem* não se refere precisamente ao seu estado moral, mas ao seu exterior, quer parcial, quer total. Nas casas, assim como nos negocios, a *desordem* impede a regularidade do movimento, não deixa obrar como fóra para desejar; e o dizer que ali reina a *desordem* envolve uma censura á pessoa que os rege, o que nem sempre seprehendo da expressão: *reina ali grande confusão*.

Confutar, impugnar, rebater, refutar. — *Confutam-se* o *impugnam-se* opiniões; *rebatem-se* e *refutam-se* objecções e acusações.

Entre *confutar* o *impugnar* ha uma diferença que muito deve ser tida em conta: quem *impugna* luta; isto é, está exposto á defesa do adversario; quem *confuta* vence; quer dizer, faz calar o antagonista. — Os *filósofos modernos impugnam* as doutrinas dos escolásticos. Os *geógrafos modernos confutam* os sistemas dos antigos.

Entre *confutar* e *impugnar*, e os outros vocábulos de este grupo, nota-se que *rebater* o *refutar* exprimm uma acção mais enérgica e esforçada que *confutar* e *impugnar*.

Comparando entre si *rebater* e *refutar* nota-se que ambos estão respectivamente separados pelas mesmas idéas que separam entre si os dois outros vocábulos do grupo; isto é: luta quem *rebate*, vence quem *refuta*. O *defensor rebate* a *acusação* do delegado. *Verres não poude refutar* as *acusações* de *Cícero*.

Congregação, confraria. — Designam estes substantivos certas associações religiosas cujos membros se regem por determinados estatutos o cooperam para o mesmo fim.

Congregação é a sociedade formada por membros do clero, que, em virtude da sua disseminação, não são regulares, o que, pela regra que se impõem, não podem em absoluto dizer-se seculares. As *congregações* occupam um lugar intermedio entre as *antigas ordens religiosas regulares* e o *clero secular*.

Confraria é a associação piedosa formada exclusivamente de leigos, ou de leigos e eclesiásticos, que se reúnem voluntariamente em determinadas occasiões, o se obrigam a uma regra, estatuto ou compromisso, cujo fim é a prática em comum de determinados exercicios piedosos, ou de certas práticas de devoção.

Congresso, parlamento, côrtes, câmaras. — Nomes comuns com que se designa a reunião dos representantes da nação quando discutem os seus interesses.

O nome consagrado entre nós para designar o conjunto da *câmara dos pares* e da dos *deputados* é *parlamento*.

Congresso designa particularmente o *parlamento* espanhol. Tem porém outras accepções, mas sem sinonimia com os vocábulos de este grupo.

Côrtes designava a reunião dos trez estados que os reis do antigo regime convocavam quando julgavam conveniente. Hoje ainda se diz por *parlamento*, mais porém para designar o edificio em que elle fun-

ciona quo a propria reunião das duas câmaras.

Câmara é a designação de cada uma das duas casas do *parlamento*: *câmara dos deputados*; *câmara dos pares*.

Congro, safio. — São nomes com que se designa o mesmo peixe; mas *safio* apenas se diz do *congro* que tem menos de 60 centímetros de comprimento, isto é, do *congro* em quanto é pequeno.

Côngrua, derrama. — A *derrama* é um tributo local porporcionado aos rendimentos de cada chefe de familia.

Quanto a *derrama* é destinada a avultar os benesses do pároco da freguezia toma o nome de *côngrua*.

Congruencia, coherencia. — A *congruencia* é a harmonia existente entre o dito e o facto ou objeto, e o fim ou a causa a que são destinados. A *congruencia* visa ao que é ulterior.

A *coherencia* é a harmonia existente entre o dicto ou o acto e a circumstancia quo com elles se liga. A *coherencia* é relativa ao que é anterior.

Alguns dicionaristas dão estes vocábulos por sinónimos perfectos, definindo um dos termos pelo outro (!); bem sabemos que o não fazem por ignorancia, mas achamos que fóra conveniente indicar que só por abuso é que alguns os confundem, pois, não o dizendo, parecem sancionar o erro.

Conhecimento, noção, idéa. — *Idéa* (do grego *idea*, imagem, derivado de *idein*, ver) é a imagem ou representação pura e simples dos objetos exteriores ou internos que se forma no nosso espirito, sem implicar affirmacão ou negacão da nossa parte, posto quo na formação de ella representamos um papel passivo, como allás o representamos em todas as impressões que recebemos. Quando estamos engolfados numa leitura que nos absorve, quando assistimos a um espectáculo que nos interessa, quando pensamos numa coisa de que não queremos distrair-nos, recebemos, frequentemente a posar nosso, e quasi sempre sem intervenção da vontade, uma ou mais impressões que se fixam no cérebro, que ali se agitam ás vezes vagamente, outras vezes com insistencia, e quo acabam ou por distrair-nos a atencão de aquilo a que a applicamos, ou por nos obrigarem a

(!) O mais recente do todos os dicionarios portuguezes define assim o vocábulo *congruencia*:

« CONGRUENCIA, f. harmonia de uma coisa ou facto com o fim a que se destina; conveniencia; coherencia; propriedade. (Lat. *congruentia*, do *congruens*) ».

intervir com a vontade para as rechaçar; essas impressões são *idéas*.—A *idéa* é portanto um facto simples que apenas revela uma imagem, e que uada exprime além de essa imagem, até que a vontade, apoderando-se de ella, a desenvolve e a trabalha, se não prefere afugentá-la—quando o pode conseguir.—As *idéas* que assallam o religioso quando ora, se são carnaes ou impuras, attribue-as elle ao demonio.

A *noção* (do latim *notio*, idéa que se tem da essência de uma cousa) é o que se sabe. A *noção* implica não só uma apreensão, como a *idéa*, mas tambem uma como crença, uma adhesão do espirito, determinada pelo juizo que elle faz a respeito da verdade ou da não verdade do objecto. A *noção* não provém, como a *idéa*, de uma impressão que recebemos involuntariamente; a *noção* adquire-se, procura-se, e sempre supõe determinada quantidade de vontade em procurá-la, e de trabalho em adquiri-la.

—Assim podem ter-se *idéas* risonhas, *idéas* tristes, *idéas* falsas, *idéas* justas, sem vontade nem trabalho da nossa parte, mas só podemos ter *noções* que, quer sejam *exactas*, quer *errôneas*, nos hão custado algum trabalho em adquirir, trabalho que não podia executar-se sem a determinação da nossa vontade.—Não obstante é para notar que a *idéa*, ou seja a imagem do objecto, é muitas vezes procurada pela nossa vontade, sem esta conseguir apoderar-se do ella com facilidade, e muito menos com nitidez, ao passo que consegue com facilidade a *noção*, e ás vezes quasi perfeita. Assim, nós quo não podemos formar-nos uma *idéa* do belo absoluto, tomamos *noções* de esse ideal.

Comparando agora *noção* com *conhecimento*, vemos que a *noção* é apenas um saber elemental, imperfeito, superficial, facilmente adquirido; ao passo que o *conhecimento* é um saber muito monos imperfeito, muito mais profundo, adquirido com grande soma de trabalho. Assim, todos temos uma qualquer *noção* do bem e do mal antes de adquirir o *conhecimento* do que se convencionou chamar o coração humano; mas foi a *noção* primitiva que nos serviu de ponto de partida para chegar ao *conhecimento* ulterior: a *noção* serve portanto para preparar para o *conhecimento*.—As *noções* que tinha de historia natural é que induziram aquelle sabio a adquirir o *conhecimento* de essa ciencia. Quem estudou ao de leve qualquer ramo do saber humano fica com certas *noções* de elle; quem porém o aprofundizou adquire o seu *conhecimento*.

Conhecimento é pois o saber completo que se adquire por meio da vontade, a qual impelle primeiramente a desenvolver as *noções* que se possuem, e depois a architectar sobre ellas cada um dos materiaes que se vão conquistando, até ultimar o edificio

perfeito, que é o saber profundo do ramo que se estudou.

Têm-se *idéas* quando o espirito forma qualquer imagem, quer verdadeira, quer falsa; têm-se *noções* do que apenas se sabe superficialmente; possui-se o *conhecimento* do que se sabe perfeitamente.

Coimbrilicense, coimbrão.—Quallicam estos vocábulos quem, ou o que é de Coimbra; mas *coimbrão* applica-so mais frequentemente para designar o que naquella cidade é relativo á academia, á vida dos estudantes: as recordações da vida *coimbrã* nunca se apagam.

Conjectura, presumpção, supposição, hypothese; conjecturar, presumir.—Tanto *conjecturar* como *presumir* podem referir-se não só ao futuro, mas também ao presente e ao passado. *Conjecturamos* ou *presumimos* que tal cousa succederá, existe, ou succedeu. Quando *conjecturamos* ou quando *presumimos* fundamos o nosso modo de vêr em certos indícios, em quaesquer particularidades ou circumstancias reaes, ou que julgamos reaes, mas não simplesmente na nossa sagacidade, nem em presentimentos, como quando *adivinhamos*, *presagiamos*, *auguramos*, etc. (Veja-se o artigo *Adivinhar, predizer*, na página 35).

Conjectura e *conjecturar* dão a entender que o nosso juizo está fundado apenas em apparencias; ao passo que *presumpção* e *presumir* supõem motivos mais sólidos, quasi principios de prova. Quando *presumimos* quas' que cremos; quando *conjecturamos* apenas julgamos provável.

Não obstante, a *conjectura* é algo de mais sólido que a *suposição*, pois esta apenas se apresenta como explicação possível do facto, explicação que talvez não se funda em nenhum indício, por pequeno que seja; ao passo que a *conjectura*, se bem não se funda em razões tão graves como a *presumpção* tem algum fundamento, por insignificante que seja.

A *presumpção* apresenta-se frequentemente quando temos de julgar actos moraes, o que succede muito a miudo ao jurisconsulto e ao orador. A *conjectura* predomina quando temos de explicar causas e principios: o filósofo e o sabio valem-se a cada passo da *conjectura*. A *suposição*, como vamos ver comparando-a com *hypótese*, é mais relativa ao terreno da prática.

Suposição (de latim *sub*, debaixo, e *ponere*, pôr) e *hypótese* (do grego *upo*, debaixo, e *titheinai*, pôr) têm etimologicamente o mesmo sentido, e apenas se differenciam pela differente origem de que provém.

Suposição é vocábulo que pertence á linguagem comum, e applica-se a todos os factos que podem cair sob o dominio do nosso juizo considerado como sufficiente para

crêr ou não crêr; por outras palavras, a *suposição* refere-se tanto ao que podemos considerar como real e provável, como ao que nós julgamos imaginário e impossível, quer na vida ordinária, como na prática e ainda na especulação. Aventar que no dia seguinte fará bom tempo; atribuir a Fulano intenções de qualquer cousa; crêr que os planetas são habitados, são meras *suposições* feitas em terrenos diferentes: no da vida prática, no imaginário e no da especulação.

Hipótese, pelo contrario, destilhon-se apenas à linguagem científica, o se algumas vezes tem cabida na linguagem comum, é como eufemismo necessario para atenuar a idéa de calunnia que em determinadas circumstancias envolve o vocabulo *suposição*. *Hipótese* pertence pois, e exclusivamente, à linguagem teórica e didáctica, mas — e tenha-se muito em conta — nunca determina realidade, antes a exclue, e apenas a apresenta sob a condição « *se tal se desse* ». Os sábios fazem *hipóteses* para estabelecer os seus sistemas, para explicar os fenómenos cujas causas não podem determinar, mas, taes *hipóteses* apresentam-nas apenas como probabilidades, e, logo que algum facto as desminta, renunciá-las sem esforço, posto que nunca as admitiram como realidades.

Roquete, de *suposição* e *hipótese*, diz: « Além da primeira diferença que ha entre estas palavras, a qual consiste em ser « uma termo vulgar e outro termo científico, « distinguem-se mais em que, a *hipótese* é « uma suposição puramente ideal; a *suposição* toma-se por uma proposição ou verdade ou aprovada. A *hipótese* é mais « certa, monos precarla; funda-se numa « verdade filosófica; a *suposição* é gratuita, « só tem por base a verosimilhança. A *hipótese* toma-se muitas vezes por um conjunto de proposições ou *suposições* unidas « e ordenadas, de modo que formam um « corpo ou sistema. Os sistemas de Descartes, de Newton, de Leibnitz chamam-se « *hipóteses* e não *suposições*.

« A *hipótese* refere-se ás ciências, á instrução, á intelligencia, á explicação das « cousas; a *suposição* é mais familiar, entra na conversação ordinaria, e muitas « vezes se toma em mau sentido como alegação gratuita ou falsa, que não tem outro fundamento que a má vontade da pessoa que supõe ».

Em artigo á parte compara *conjectura* e *presumpção*, dizendo:

« A palavra *conjectura* vem de *conjectare*, « *conjectare*, que significam literalmente « lançar, atirar, arremessar, e por extensão « suspeitar e julgar das pessoas, cousas ou « successos, pelos antecedentes, sinais ou « indicações que nelles observamos, deitar-se a adivinhar.

« *Presumpção* vem do verbo *presumere*,

« tomar antes, suspellar; e indica uma mera « suspeita, ás vezes maliciosa, um receio « nem sempre fundado, uma preocupação « adquirida e arraigada por causas anteriores.

« A *conjectura* é certa direcção do raciocínio para a verdade, fundando-se em meras apparencias. A *presumpção* conduz-se por mais fortes razões que a *conjectura*, pois esta é só como um pronóstico, e aquella uma deducção assás fundada em factos positivos. — *Presume-se* que um homem fez certa cousa que se lhe attribue, quando se sabe que elle é inclinado a fazê-la, que a fez muitas vezes; é de *presumir* com razão que a fará ainda outra e mais vezes. — E assim diremos que a *presumpção* tem certa realidade, pois que são « verdades as cousas em que se funda.

« — A *conjectura* é vaga, incerta, duvidosa, pois que não tem mais fundamento que sinais equívocos, duvidosos, nascidos antes da nossa imaginação e malicia que de antecedentes comprovados. A *presumpção* nasce das cousas mesmas; a *conjectura*, da nossa imaginação. Funda-se aquella em factos certos, em verdades conhecidas; esta é ideal, e deduz-se de raciocínios, interpretações e suspeitas. A *presumpção* encaminha-se á verdade e dá-se em factos positivos, tanto em negocios civis como em acções moraes, sobre que temos de formar um juizo: assim que se vallem de oia os advogados e juizes. A *conjectura* anda em busca da certeza, sem probabilidade de a achar; pelo que a empregam muito os filósofos e os sábios. A *presumpção* constitue um peso que inclina a balança, porém não a faz baixar; a *conjectura* é um caminho aberto para por elle buscar a verdade. — No juizo dos males, diz o Padre Vieira, sempre *conjecturou melhor quem presumiu os maiores* ».

De *conjectura* e *presumpção* diz Lacerda: « *Conjectura*, segundo a origem latina, é o juizo arremessado, e por isso incerto, que se faz a respeito de alguma cousa; é uma quasi adivinhação.

« *Presumpção* é o juizo que se forma por suspeita com fundamento em factos anteriores.

« A *conjectura* é vaga e duvidosa, como nascida da nossa imaginação. A *presumpção* tem certa probabilidade, porque nasce das cousas. — *Presumimos* que uma cousa se fará, porque se fez já em analogas circumstancias. — *Conjecturamos* o que á nossa imaginação se afigura possível numa hipótese dada ».

De *hipótese* e *suposição* tambem diz o citado sinonimista:

« Estas duas palavras, atendida a origem, têm significação sinónima, e designam uma proposição que se estabelece, ou admite como verdadeira, para sobre

« ella se raciocinar; porém o uso estabeleceu entre ellas algumas diferenças que convém notar para se falar e escrever com exactidão.

« *Hipótese* é palavra propria da lingua-gem philosophica, e devemos usar de ella quando tratamos de materias scientificas.

« *Suposição* é palavra da linguagem commum.

« *Hipótese* denota não só uma, porém muitas proposições, combinadas entre si, e que formam um sistema. — *Suposição* parece designar somente uma proposição.

« A *hipótese* é puramente ideal, e gratuita, declarando-se absurda quando de ella se seguem impossíveis; mas não exclui a verdade da proposição estabelecida, antes muitas vezes a reconhece. — Emfim *hipótese* nunca tem sentido senão philosophico, relativo à ludagação da verdade; mas *suposição* pode ter outras significações, e indicar a apresentação do títulos falsos como se fossem legítimos, etc. ».

Conjugal, matrimonial, nupcial.—A idéa commum a estos adjectivos é a de qualificarem o que é relativo ao matrimonio.

• *Nupcial* (do latim *nuptiæ*, bodas) diz-se do que é relativo ás bodas, ao acto de contrahir matrimonio, ao primeiro dia do casamento. *Bênção nupcial*; *cerimonia nupcial*. O *anel nupcial* é o anel que o noivo, no acto da celebração do matrimonio, mete no dedo da mulher que toma para esposa.

Conjugal (do latim *conjug*, cônjuge) qualifica o que é relativo ao estado de cônjuge, à vida dos esposos, ás relações que entre ellos devem subsistir durante o casamento. *Amor conjugal*, *os laços conjugaes*. O *anel conjugal* é o anel que os cônjuges trazem no dedo, como simbolo da sua mútua união.

Matrimonial (do latim *matrimonium* é termo juridico e forense. *Os deveres matrimoniaes*.

Cônjuge, consorte, esposo, marido, homem; esposa, mulher.—*Cônjuge*, palavra com que se designa cada um dos esposos com relação ao outro, é vocábulo pouco usado fóra da linguagem forense ou juridica. O *cônjuge* está unido pelos laços do matrimonio ao outro *cônjuge*, sem que entre um o outro a lei estabeleça nenhuma differença de supremacia nem de inferioridade.

Consorte, palavra que, como a antecedente, é commum a cada um dos *cônjuges*, representa-os como companheiros que compartilham a mesma sorte ou fortuna. É termo pretencioso na linguagem familiar.

Esposo e marido designam o homem unido à mulher pelo casamento. — *Marido* (do latim *maritus*, de *mas*, *maris*, macho — tal-

vez derivado do caldou *mar*, forte) parece estabelecer certa superioridade do homem sobre a mulher, e, particularmente, o facto de competir ao homem o ser o esteyo da casa, o seu sustentáculo, o que, deve—dos dois *cônjuges*—prover ao que a familia necessita. — Este vocábulo, atendendo à sua derivação, suscita tambem a idéa do facto sensual do matrimonio.

Esposo (do latim *sponsus*, prometido, noivo), vocábulo commum aos dois cônjuges, mas com differença de terminação, estabelece entre ellos uma perfeita egualdade de condições e de deveres, a reciprocidade do amor, o a harmonia dos caracteres, dos gostos, dos desejos, etc.

O uso vulgarizou o termo *marido*, o isso, não outra cousa, faz com que o vocábulo *esposo* seja mais proprio do estilo elevado, e se tenha até certo ponto como pretencioso na bocca do vulgo.

Homem, termo quasi exclusivo à linguagem popular, não é a designação que convém para indicar aquelle que está unido pelos laços do matrimonio à mulher, antes pelo contrario, parece indicar que taes laços não existem.

Mulher e esposa são respectivamente os equivalentes femininos de *marido e esposo*. A *mulher* está confiada à protecção do *marido*, e está-lhe subordinada. A *esposa* é a companheira do *esposo*, a sua igual. — *Compete à mulher seguir o marido para qualquer parte. O esposo não pode legalmente obrigar a esposa a segui-lo para paizes estrangeiros*.

Mulher é o termo que, sem affectação, o *marido* deve empregar para designar a sua companheira; chamando-a *esposa*, tal denominação tem, na sua bocca, uma certa affectação ridicula que o bom gosto exclue. Falando porém da *mulher* de outrem, devemos quasi sempre empregar o termo *esposa*.

Conjurar, esconjurar, supplicar, implorar, rogar, impetrar, invocar, requerer.—*Rogar* é o termo mais usual e mais simples com que se exprime a idéa de nos dirigirmos a alguem para lhe pedir alguma cousa, pois se na essencia da palavra se nota que ha instancia no pedido, certa humilidade até, a boa educação tem por isso mesmo consagrado o vocábulo para ser usado ordinariamente no trato da gente, sem contudo lhe fazer perder o cunho parteular que o caracteriza, e que elle readquire quando as circunstancias assim o exigem. Portanto emprega-se o verbo *rogar* em qualquer caso, exceptuando porém nos extremamente familiares, para pedir seja o que fór, e seja a quem fór. É pois termo genérico, que serve para definir os outros, os quaes são, por assim dizer, as espécies de que *rogar* é o género.

Suplicar (do latim *supplicare*, do *sub*, de baixo, e *plicare*, curvar) é *rogar* apaixonadamente, de joelhos ou prostrado, o de mão postas. Extensivamente é *pedir* com humildade e instância aquilo que se considera como mercê e graça, e não como coisa a que se tenha direito. A *súplica* considera a inferioridade de quem pede e a superioridade da pessoa a quem se pede. *Suplicam-se* os grandes, os reis, os magistrados, os conquistadores, etc. — Quando o acto do *suplicar* se dirige a pessoa de mais baixa condição que o *suplicante*, tem-se em vista, ao empregar este verbo, consignar quão versátil é a fortuna, e qual a humilhação de quem *roga*, ou encarecer sobre o angustioso da sua situação.

Conjurar, é *rogar* com uma instância, fazendo protestos e promessas para obter o que se deseja, ou apelando para o que possa comover a pessoa a quem se *roga*. Tanto o *conjurcel*, que sob minha fé me descobriu o segredo.

Esconjurar é o mesmo que *conjurar*, mas melhor se aplica para obter da pessoa a quem *rogamos* que faça o contrario do que ameaça a fazer.

Implorar (vocabulo a que não é alheio o verbo latino *plorare*, chorar) é propriamente *rogar* com lágrimas. Esta palavra sugere a idéa da fraqueza e do sofrimento do quem faz a acção.

Invocar nem sempre onceria a idéa de *rogar*, antes pelo contrario, parece designar que se pede em virtude de um direito. O que porém este verbo sugere claramente é a tenacidade em nem recusar emprega a pessoa que é *rogada*.

Impetrar tem duas significações: *pedir* por meio de requerimento a concessão de alguma graça, e obter essa mesma graça. — Só na primeira accepção é que *impetrar* tem sinonímia com os outros vocabulos do este grupo.

Requerer é, como diz Lacerda: «*pedir* ao príncipe, ao magistrado, ao superior o que, segundo a lei, nos deve ser concedido».

Roquete compara algumas de estes verbos com outros que são menos usados: *pedir*, *orar*, *exorar*, *rogar*, *suplicar*, *implorar*, *obsecrar*, *demandar*, *requerer* e *exigir*. Diz assim: «De todos estes vocabulos o mais genérico é *pedir*, porque não especifica nem a coisa que se pede, nem a pessoa a quem se pede, nem o modo como se pede. *Pedimos* justiça, ou uma graça; *pedimos* o que so nos deve, ou o que desejamos obter por favor; *pedimos* a Deus, aos homens, em juizo, ou fóra de elle, de palavra ou por escrito, etc.

«*Orar* é *pedir* a Deus, diz Vieira, isto é fazer orações para que Deus nos ouça, e defira ao que lhe *pedimos*.

«*Exorar* é *pedir* com instância, demonstrar, dobrar com súplicas.

«*Rogar* é *pedir* por graça e mercê.

«*Suplicar* é *pedir* com humildade e submissão.

«*Implorar* é *pedir* com rogos e lágrimas, quando nos vemos em aflições e trabalhos.

«*Obsecrar* é *pedir* humilde e afetuosa-mente por alguma coisa sagrada ou muito respeitavel.

«*Demandar* é *pedir* em juizo, pedir por ou com direito, como disse Vieira: «**Pedir a quem me deve, mais é demandar que pedir** (Serm. do Roz., I, 476).

«*Requerer* é *pedir* ao magistrado, ou fazer requerimento á autoridade superior, para que se nos defira como é de justiça, so nos dê o que a lei nos concede, ou nos autoriza a pedir.

«*Exigir* é *pedir* com autoridade e instância o que é devido. — O soberano tem direito de *exigir* a obediencia de seus súditos. **Grandes crimes exigem exemplares castigos.**

São os mesmos verbos que Lacerda comparou posteriormente, dizendo:

«*Pedir* é termo genérico, porque não designa o quo, nem como, nem a quem se pede.

«*Orar* é *pedir* a Deus.

«*Exorar* é *pedir* com instância, dobrar mediante súplicas reitoradas.

«*Rogar* é *pedir* por graça o mercê, mas com efficacia.

«*Suplicar* é *pedir* com humildade.

«*Implorar* é *pedir* com lágrimas, e com grande energia.

«*Obsecrar* é *pedir* por alguma coisa sagrada, ou muito respeitavel para aquelle a quem se pede.

«*Demandar* é *pedir* com direito, *pedir* em juizo; *pedir* a quem deve: **Pedir a quem me deve, mais é demandar que pedir** (VIEIRA).

«*Requerer* é *pedir* ao príncipe, ao magistrado, ao superior o que, segundo a lei, nos deve ser concedido.

«*Exigir* é *pedir* com autoridade, *pedir* talvez com violencia».

Conjuro, exorcismo. — O *exorcismo* difere principalmente do *conjuro* em estar formulado no ritual — o *conjuro* (ou *esconjuro*) sendo uma impreciação improvisada. Veja-se o artigo *Adjurar*, na página 37.

Connexão, nexo. — *Nexo* diz-se da ligação apropositada que as diferentes partes de uma coisa, e principalmente do discurso, têm entre si.

Connexão diz-se melhor da ligação que varias cousas têm umas com as outras.

Diz-se: *uma carta sem nexo* (não sem **connexão**); *estes factos não têm conexão* (ou **nexo**) *entre si*.

Connivencia, cumplicidade. — *Cumplicidade* é o facto de ajudar materialmente a perpetrar o crime.

A *connivencia* é o facto de deixar perpetrar o crime, podendo impedir-o por si próprio, ou revelando o que se sabe quer a respeito dos projectos formados, quer com relação ao criminoso. Geralmente a *connivencia* é considerada como um propósito deliberado do não estorvar o que está tramado, ou de não prejudicar o criminoso, o que implica a Idéa de uma como tácita protecção concedida ao factor, ou seja uma espécie do colaboração moral no crime.

Consagração, transubstanciação. — Segundo as doutrinas católicas, a *consagração* é um acto, e a *transubstanciação* um facto. É pela *consagração* que o sacerdote faz com que na obreia se incorpore o corpo, o sangue, a alma e a divindade de Cristo, isto é: que se opere a *transubstanciação*.

Consagrar, dedicar, votar. — Concordam estes verbos em exprimir a Idéa de oferecer algo que se reputa de valor á divindade, á patria, ou a alguém.

Votar encerra a Idéa accessoria da privação que resulta do objeto votado para quem faz voto de elle. A pessoa que *se vota* á salvação da patria, deixa de pertencer-se; as suas forças, os seus pensamentos, a propria vida, entrega-as ao fim que se propoz. As freiras que *se votavam* ao Senhor renunciavam para sempre a familia, o mundo e as suas gaías.

Dedicar não se diz com relação aos sentimentos do sujeito, como o sugere o verbo precedente. *Dedicar* é relativo á modificação que se produz no objeto com relação a quem elle é *dedicado*. Diz-se que uma pessoa *se dedica* a aliviar os que soffrem, não tanto para ponderar a abnegação de essa pessoa, como para encargar os benefícios que redundam em proveito dos desgraçados. *As virgens que se dedicavam* ao Senhor, é uma expressão que tem sentido diferente áquella de *as virgens que se votavam* ao Senhor; com a primeira atende-se á quantidade de virgens que o Senhor possuía, á magnificencia que ellas prestavam ao culto; com a segunda revelam-se os sentimentos de piedade que animavam essas virgens.

Consagrar é um acto mais solemne que *dedicar*, e por isso só se diz ou do que tem muito valor, ou com respeito á grande Idéa que formamos de aquillo ou de quem recebe a homenagem. *Dedicam-se altares aos santos* (não a Deus). *Consagram-se templos ao Senhor, á Virgem* (não aos santos).

Consciencioso, escrupuloso. — Estes adjéctivos qualificam a pessoa que se deixa guiar pela consciencia, que se

aplica a não fazer cousa alguma que mereça a menor censura ou em que haja negligencia ou descuido; ha porém entre elles uma differença que modifica sobremodo a Idéa que se faz do sujeito.

Consciencioso (vocabulo a que não é extranho o verbo latino *scire*, saber) nunca pode ser tomado senão a boa parte, pois revela uma perfeita noção do conveniente, do justo e do verdadeiro, assim como uma intelligencia esclarecida e livre do preconceitos e despretensões, que faz o que deve por saber que o deve fazer, e que o faz como deve por possuir a ciencia de o fazer.

Escrupuloso (palavra em que ontra o vocabulo latino *scrupulus*, escrópulo — peso equivalente a uns cinco terços do grama) qualifica a pessoa que leva até ao extremo a prática do que a consciencia lhe dicta, dando porém a entender que osse modo de obrar não está isento de preconceitos nem de superstições, e que é mais devido á exiglidade das vistas que á ciencia do dever.

Conseguir, obter, impetrar. — De *conseguir* e *obter* já falámos na página 62 (artigo **Alcançar**). Vendo estes vocabulos comparados com *impetrar* nos dictionarios dos outros sinonimistas, limitamos a transcrever os seus artigos, particularmente por o verbo *impetrar* ser mais usado na aceção de *pedir*, *suplicar*, que na que o torna sinónimo dos outros vocabulos de este grupo.

Eis em primeiro logar o que temos no Dictionario de Sinónimos de Roquette:

« *Obter* é alcançar uma cousa que se pretende, ou deseja, ou nos é grata.

« *Conseguir* é alcançar o que se diligencia, e após de que se andava.

« *Impetrar* é alcançar do superior a graça que se havia solicitado.

« *Obtêm-se* cargos, dignidades, favores, « atenções, etc., tudo o que nos é honroso, « útil, agradável; e *se obtém* de eguaes, de « superiores, de inferiores. — *Consegue-se* o « que com diligencia e perseverança se « busca, ou se pretende. Vê-se pois que esse « vocabulo tem significação menos genérica que o precedente, e mais restricta « a tem ainda o terceiro, pois só *impetra-* « mos graças de um superior, pretendendo-as e solicitando-as com rôgo e súpli- « cas».

Lê-se em Lacerda:

« *Obter* é alcançar o que se pretende, e « nos é agradável.

« *Conseguir* é alcançar aquillo por que se « fazia diligencia.

« *Impetrar* é alcançar de um superior a « graça que se pedira com instancia, que « se havia solicitado.

« *Obtem-se* de superiores, de eguaes, de « inferiores, graças, mercês, atenções, fa-

«veres, etc. Consegue-se o que se diligencia com perseverança; e *impelra-se* dos superiores, o que se suplicou ou implorou».

Conselho, alvitre. — O *alvitre* é uma opinião que se emite para ser ou sancionada ou posta de parte pela própria pessoa a quem se apresenta.

O *conselho* é a opinião que se emite com o fim de ser adoptada pela pessoa a quem se dá.

O *alvitre* sugere ou propõe; o *conselho* guia ou ordena.

Consequencia, effeito, resultado. — Designam estas palavras aquellos factos que provêm mais ou menos directamente de outros factos anteriores que lhes são causa ou origem.

A *consequencia* é o facto que se segue a outro facto anterior, sem que se deprehenda que da existencia de este haja força de resultado de resultar aquelle.

O *effeito* é a *consequencia* material, mas forçosa, do facto que a origina.

Pode dizer-se que a *consequencia* é aleatoria, ao passo que o *effeito* está previsto.

A *pobreza* é frequentemente uma *consequencia* da *preguiça*, porque a *preguiça* nem sempre traz consigo a *pobreza*. O *sonno* é o *effeito* do *narcótico*, pois consideramos o *sonno* como *consequencia* obrigada da substancia *narcótica*.

Resultado diz-se por *consequencia* e por *effeito* quando se quer considerar o modo pelo qual operou o facto anterior. O *resultado* do *narcótico* foi a *morte*.

Consequencia, importancia. — Aplicam-se estas palavras ás cousas que merecem chamar a atenção pelo interesse que suscitam.

Importancia applica-se ás cousas que se consideram em si proprias como tendo valor ou propriedades intrinsecas.

Consequencia é relativo aos effeitos que de essas cousas podem resultar.

Consequencia, inferencia, illação. — Os vocabulos *inferencia* e *illação* podem ser considerados como sinónimos perfectos, diferentes porém de *consequencia*, por esta se deduzir exclusivamente do raciocínio, podendo aquellas ser producto da analogia, da observação, ou de qualquer outra operação analoga.

Em philosophia, a *consequencia* é inevitavel e forçosa; a *inferencia* e a *illação* são eventuaes e variaveis segundo o modo de ver do agente. Se as premissas são verdadeiras, a *consequencia* não pode ser falsa; podem porém tirar-se *llações* e *inferencias* falsas de factos verdadeiros e de observações correctas e exactas. O *movimento* do sol em roda da terra é uma *illação* errônea

de *fenômenos reaes e incontrovertiveis*. — De premissas verdadeiras não pode deduzir-se mais de uma *consequencia*; mas de um facto ou de uma observação podem tirar-se muitas *illações*, não só de diversas entre si, mas inteiramente contrarias umas ás outras, como succede frequentemente na pratica da medicina.

Veja-se tambem o artigo **Conclusão, consequencia**, na pagina 283.

Consequencia de (Em), em virtude de. — Estas locuções indicam que ha uma relação entre o facto ulterior e o anterior de que se fala, com esta diferença porém:

Em consequencia de sugere que o facto ulterior procede do anterior só pela circumstancia de este haver precedido aquelle, sem porém o primeiro obrar directa nem immediatamente sobre o segundo. Por outras palavras: *em consequencia de* indica apenas uma relação de tempo.

Em virtude de indica a relação que ha da causa ao effeito; isto é; uma acção directa e immediata do facto determinante sobre o facto determinado. O *criminoso* é condemnado *em consequencia da lei e em virtude da sentença*.

Conservar, guardar, reservar. — Concordam estes verbos na significação comum de fazer com que uma coisa não se acabe, não se estrague, não se perca ou não seja roubada.

Conservar tem uma significação por assim dizer passiva que o torna diferente de *guardar*, que é verbo de sentido activo. *Conservamos* aquilo que não se perde, que está em nosso poder, e fazemos essa acção naturalmente e sem o minimo esforço para continuar a ter em nosso poder o objeto de que se trata.

Guardamos aquilo que não deixamos perder, aquilo que defendemos contra quem o possa cubir ou deteriorar. — Assim, *conservar um depósito* é continuar a ter-o em seu poder, deixal-o no lugar onde o depositámos. *Guardar um depósito* é impedir que nol-o arrebatem ou roubem, é opôr-se a que qualquer lhe toque ou o deteriore.

Os substantivos *conservador* e *guarda* resentem-se da significação peculiar a cada um dos verbos de que derivam. Assim, num museu, o *guarda* vigia directamente os objetos que estão confiados á sua vigilancia, enquanto que o *conservador*, entre outras attribuições, tem a de velar sobre os *guardas*, mas não directamente sobre os objetos que estes guardam.

Reservar é pôr de parte para determinada fim em época futura determinada ou indeterminada. Predomina pois neste vocabulo a idéa de previdencia, idéa que constitue a principal diferença entre *reservar* e os verbos precedentes.

Guardamos as cousas contra os outros; conservamol-as para tól-as; reservamol-as para certo fim.

Conservar-se, permanecer, manter-se. — Concordam estes verbos em designar a acção de não abandonar um lugar; cada um de elles, porém, apresenta essa idéa de modo differente.

Permanecer indica apenas a continuação do estado. Quem *permanece* num ponto continúa a estar nelle sem contribuir em nada para prolongar esse estado. Os presos **permanecem** delictos até ao cumprimento da pena.

Conservar-se sugere unicamente a idéa da intervenção da vontade, e nisse se distingue de *permanecer*, no qual, como vimos no exemplo precedente, a vontade não intervem para nada. — **Conservamol-nos na terra que nos agrada.**

Manter-se revela não só a intervenção da vontade, mas também sugere a de esforço, de luta ou combate para não ser removido. Aquelle punhado de valentes **manteve** as suas posições e obrigou o inimigo a retirar-se.

Consideração, circumspecção. — Concordam estes substantivos em designar o conveniente modo de proceder quer para conosco mesmo, quer para com os outros. Examinaremos estes vocábulo sob o aspecto de essas relações.

A *consideração* pessoal é uma virtude positiva que consiste em obrar só depois de ter feito um prévio exame da natureza e das consequências dos actos que pensamos praticar. — Sob esse aspecto, a *circumspecção* é virtude negativa, pois não se concreta a ver se pode obrar, mas, pelo contrario, a ver se pode deixar de obrar em consideração aos maus resultados ou más consequências que proviriam do facto se o praticássemos.

Quando a *consideração* ou a *circumspecção* têm a outrem por objectivo, continúa a subsistir entre esses vocábulo a differença que lhe notamos ao comparal-os com referência a nós proprios.

Examinada a *consideração* com relação á nossa conducta para com os outros, vemos que ella tem efeitos activos pois nos guia no modo de proceder, dizendo-nos como devemos tratar a quem pelo seu estado ou posição nos merece respeito e atenções, ou a quem, pela sua fraqueza e dependência, devemos cuidados e auxilio. — A *circumspecção*, pelo contrario, é negativa, pois tem por fim não ofender, não melindrar, talvez até não nos comprometermos, induzindo-nos por isso a não obrar.

Para concluir: — a **consideração** diz-nos como obrar; a **circumspecção** ensina-nos a evitar.

Consideração, estima. — *Ser com consideração* e *ser com estima* são

fórmulas cerimoniaes com que frequentemente se subscvem as cartas que dirigimos a alguém, mas que não devem confundir-se, pois se ha casos em que uma ou a outra forma se podem empregar indifferente-mente, não são menos as vezes em que se deve dar a preferéncia a uma de ellas.

Ser com consideração pode dizer-se entre eguaes, e ainda inelhor de inferior para superior; esta expressão manifesta o nosso respeito pela pessoa a quem a dirigimos.

Ser com estima diz-se em qualquer caso, de egual para egual, de superior para inferior e vice-versa, e tal expressão denota familiaridade, e como tal nunca se pode empregar do inferior para com o superior quando não exista entre ambos essa circumstancia.

Consideração, importancia, valia, valor. — Falando de pessoas, *ser de consideração* diz-se de quem pela sua posição social, jerarquia e dignidades se elova acima de quem não deixa também de ter alguma elevação na sociedade.

Ser de importancia diz-se do homem que, particularmente pela sua fortuna ou influencia, pode dispor da vontade de muitos que de elle dependem.

Ser de valia diz-se da pessoa que goza de influencia e pode obsequiar ou intervir em favor do outrem.

Ser de valor diz-se de quem tem dotes pessoas ou talentos reconhecidos.

Considerações, reflexões, pensamentos. — Quando estes vocábulo servem de título a obras litterarias, distinguem-se entre si de modo a não poderem ser empregados indistintamente.

Pensamentos são aquellas produções do espirito em que o autor diz o que *pensa*, e como o *pensa*, isto é, de modo differente ao sentir comum, pois so as suas vistas fossem como as da generalidade não teria a obra nenhuma razão de ser. — Também se dá o nome de *Pensamentos* á manifestação das impressões do autor a respeito de cousas que passam despercebidas ou não chamam sobre si a atenção geral. — Resulta de isto que a originalidade tem de ser o caracter especial que deve tor a obra intitulada *Pensamentos*.

Reflexões deve ser o título da obra em que o autor expõe o fruto das suas meditações a respeito de cousas interessantes de que elle tira ensinamento e regras. Esta classe de obras deve salientar-se pelo bom senso e pela profundeza das idéas.

Considerações é o titulo que convém á obra em que o autor procura deduzir das causas os efeitos prováveis, ou mesmo remontar dos efeitos já conhecidos ás causas ignoradas. Nas *Considerações* não pode o

autor deixar de empregar a lógica mais rigorosa.

Considerar, examinar, contemplar, encerrar, olhar, ver. — De *ver* e *olhar* já dissemos noutro artigo (página 148): « *Ver* é o verbo com que se designa a acção da vista receber uma imagem. A este vocábulo não se liga nenhuma idea accessória: **vemos o que queremos e também o que não queremos ver.** »

« *Olhar* é dirigir a vista para alguém ou para alguma coisa, abstracção feita da maneira de que ella se vê: **olhar de traça** para alguém; **olhar com despreso.** — Este verbo indica uma acção voluntária, e ás vezes até, um esforço para **ver: olhe bem, lá apparece elle agora.** »

Comparando agora *olhar* com os outros verbos de este grupo, continua a subsistir para aquelle vocábulo a mesma vaguedade de idea em quanto ao modo como, ou o fim para que, a operação se faz, carecendo por isso de um complemento modificativo, sempre que se pretenda determiná-lo. **Olha-se de passo** para alguém ou para alguma coisa; **olha-se com attenção; olha-se com despreso; olha-se para qualquer coisa por distracção, etc.**

Encerrar é, propriamente, *olhar para a cara*, e por extensão, *olhar fixamente, ver sob todos os aspectos, olhar frente a frente, olhar fito, com attenção, direito para o que se encara. — **Encerrar a morte com desdenho; encerrar os acontecimentos.***

Contemplar acrescenta a idea de *olhar* aquella outra idea de *olhar durante muito tempo e com attenção.* Mals frequentemente se emprega este verbo para designar a acção de *ver* o que é agradável, que o que é desagradável, o nosso instincto desviando a vista de quanto a pode ofender, até que por esforço de vontade se fixa no que não lhe agrada. **Contempla-se a beleza de uma paisagem, o magnifico espectáculo de um céu estrelado.** O espirito do filósofo não se cansa de **contemplar as maravilhas da natureza.** — **Uma mãe contempla o cadáver de seu filho; um estranho apenas olha para elle.**

Considerar concorda com *contemplar* em designar a acção de *olhar durante longo tempo e com attenção; diferem porém na intenção e no resultado. Contempla-se* para satisfazer a aspiração pelo belo, pelo estético, pelo que agrada; *considera-se* para satisfazer a curiosidade do espirito, pelo desejo ou pela necessidade de saber. Quem *contempla* alguma coisa goza; quem *considera* estuda. O poeta **contempla os astros; o astrónomo considera-os.** — Não se pode *contemplar* a historia, mas *considera-se* para tirar de ella ensinamentos.

Examinar é *considerar com muita attenção e nos mais pequenos pormenores, e geralmente para obter um fim pratico.* O

médico **examina** o doente; o engenheiro **examina** um plano; o critico **examina** a produção.

Considerável, importante, grande. — O que é *grande* supera as outras cousas da sua especie pela extensão, pelo número das suas partes, ou pela superioridade da força ou do valor.

O que é *considerável* supera pela apreciação que se faz do seu número ou valor; mas essa apreciação é relativa, pois aquillo que é *considerável* para uns, pode ser insignificante para outros.

Assim, um **exército grande** é um exército numeroso. Se os Portuguezes disserem que um **exército considerável** invade o seu territorio, esse mesmo exército poderá ser considerado como diminuto se invadir a Alemanha.

O que é *importante* origina resultados de monta.

Uma **grande guerra**, isto é, uma guerra que dura muito tempo, traz consigo despesas **consideráveis**, e talvez os seus resultados não sejam **importantes.**

São **grandes** os homens illustres; são **consideráveis** aquelles que pela fortuna, dignidades, ou crédito de que gozam, dão uma alta idea da sua pessoa; são **importantes** os que têm influencia nos acontecimentos.

Consistencia, solidez. — No sentido proprio, a *consistencia* difere da *solidez*, em esta palavra ser a expressão que serve para designar um estado perfeito, sem porém sugirir nenhuma idea da origem ou acção que determinou esse estado; ao passo que o vocábulo *consistencia* designa não só um estado imperfeito, talvez ainda em via de transformação, mas também sugere quasi sempre a idea da causa que o determina. A **solidez** é o estado oposto ao estado liquido; a **consistencia** é a transição entre o estado liquido e o sólido. — Uma materia *vae tomando tanto mayor consistencia quanto mais se afasta do estado liquido para se aproximar do sólido.*

No sentido figurado subsiste a mesma differença entre os dois vocábulos: Um boato *vae tomando consistencia á medida que se vae confirmando.* A **solidez** dos argumentos é quasi indestructivel.

Consistir, provir. — *Consistir* indica que a cousa a que nos referimos está na essencia do objeto que consideramos; ao passo que *provir* indica apenas a origem sem nenhuma idea accessória. — *A difficuldade com que se aprendem certas linguas orientaes não consiste somente na indole de ellas, mas provém particularmente da idea preconcebida de ser difficil aprendel-as.*

Consolidação, consistencia.—

A *consolidação* é a operação pela qual um corpo passa do estado líquido para o sólido.

Consistencia é o ponto de consolidação em que o corpo se acha.

No *princípio da consolidação* os corpos não têm *consistencia* apreciável; esta *vae-se formando á medida que aquella progride*.

Consôlo, consolação.— *Consolação* diz-se não só do acto da *consolar*, mas também do efeito que esse acto produz.

Consôlo dir-se-á muito bem do efeito, mas nunca se deverá empregar para designar o proprio acto.

Conspiração, conjuração; trama; cabala, confuto, intriga (enredo, mexerico).—

Os vocábulo *conspiração* e *conjuração* são os que, neste grupo, representam a idéa que reveste mayor gravidade—o acto que elles designam sendo geralmente tentado com o fim de mudar completamente o regime existente, o tendo quasi sempre por alvo o chefe do Estado, ou tão sómente os que em seu nome governam.

Diferem estes dois termos, em os autores da *conjuração* (do latim *cum jurare*, jurar com) se terem sollemnemente comprometido uns para com os outros a levarem a cabo o seu projecto, ao passo que a *conspiração* (tambem do latim *cum spirare*, respirar com, ser animado com o mesmo ar) indica que os seus autores estão animados do mesmo odio, aspiram ao mesmo fim, têm entre si perfeita comunidade de idéas. Os nobres, *inspirados pelos jesuitas, formaram uma conspiração contra D. José I.*—Em 1640, *formou-se uma conjuração para livrar Portugal do dominio espanhol*.

O vocábulo *conspiração* (uão porém *conjuração*) desvia-se frequentemente do sentido que lhe é proprio para o applicar ás cousas da vida ordinaria, o designar com elle um concurso de esforços tendentes a um mesmo fim; note-se porém que, neste caso, *conspiração* melhor se diz do que é mau ou censurável que do que é bom ou digno de louvor.

Trama é um designio perverso e criminoso secretamente formado entre duas ou mais pessoas contra alguma ou algumas outras pessoas ou contra a segurança do Estado.—Entre este vocábulo e os precedentes ha a notar uma particularidade que está na propria essencia de cada um de elles, e é que tanto a *conjuração* como a *conspiração* não podem considerar-se como existentes antes do entrarem no terreno da prática, ao passo que o *trama* existe desde que o accordo das vontades se estabeleceu; ainda que nunca se chegue a realisar o que nelle se projectou.

Os vocábulo *cabala* e *intriga* são sinónimos mais remotos dos precedentes.

A *cabala* tem por fim sobrexcitar a opinião de muitos contra uma pessoa, uma obra, uma doutrina, etc. Os *jesuitas* e os *lazaristas* são *exímios na cabala*.—A *cabala* reveste-se ás vezes de uma particularidade digna de menção, e é que, solapada o hipócrita em quanto lhe convém, va milhando o tramando na escuridão, até que, se o julga conveniente, arroja a máscara e descobre-se quando já pode contar com o decidido apoio das pessoas que souhe atrair ao seu modo de ver.

A *intriga* é um conjunto de meios habilidosa e astutamente combinados para, por vias indirectas, se chegar a um fim apetecido. A essencia da *intriga* (1) é de ser architectada na sombra, e de operar por caminhos obliquos; podem nella entrar varias pessoas, como também

(1) Num diccionario de sinónimos da lingua franceza (o dos senhores Bourguignon e Bergerol), lingua em que os vocábulo *cabala* e *intriga* têm absolutamente o mesmo alcance que em portuguez, encontramos a seguinte comparação de esses termos, e a de ambos com outro—*brigue*—que na nossa lingua não tem o sentido que se lhe dá naquella, mas que envolvermos nesta transcrição para melhor se avaliarem as diferenças existentes entre ambos:

« Tous ces mots marquent un dessein plus ou moins secret, auquel concourent plusieurs personnes, et qui tend à favoriser quelqu'un ou à nuire à quelqu'un.

« L'intrigue est un ensemble de moyens adroitement imaginés et réglés les uns aux autres par des rapports entièrement cachés; elle peut avoir pour objet, soit de faire réussir, soit de faire manquer une affaire; elle est toujours conduite dans l'ombre et par des voies obliques; plusieurs personnes peuvent y coopérer tout à fait insciennt. En somme, ce qui caractérise l'intrigue, c'est le jeu, à la fois compliqué, et entièrement caché, des comhinaisons.

« La brigue, sans se produire au grand jour, n'est pas absolument cachée comme l'intrigue; c'est la réunion des efforts de plusieurs personnes en faveur d'une seule, à qui elles veulent procurer une position sociale plus avantageuse.

« La cabale a pour but d'entraîner l'opinion publique et de l'exciter contre une personne, une œuvre ou une doctrine. A peu près secrète d'abord, elle cesse de se cacher, quand elle a su, par divers moyens, inspirer à un grand nombre d'individus des sentiments conformes à ses desseins malveillants.

« Vous pouvez ohtenir par brigue ou par intrigue, mais non par cabale, un emploi

pode ser urdida ou conduzida por uma só, ainda que muitas vezes outras pessoas cooperem neila inscientemente.

Roquete compara *intriga* a *cabala*, com estes vocábulos compara também os termos mais familiares mas menos usuas *mexerico* e *enredo*, dizendo:

« *Intriga* é manejo cauteloso, acção que se executa com astucia e occultamente para conseguir algum fim.

« O *mexerico* consiste propriamente em descobrir e referir cousas occultas, quo outrem tem dito ou feito, e isto com o fim de meter dissensões, o semente zizánias entre as pessoas.

« *Cabala* é a reunião do esforços de muitas pessoas que sem terem consideração com a justiça, trabalham de común accordo e eficazmente para elevar uma pessoa ou cousa que lhes é favorável, ou para

« que vous ne méritiez pas. Vous l'obtenez par *brigue* si vous le devez aux efforts de plusieurs personnes, sans qu'il y ait eu recours à des combinaisons à la fois compliquées et occultes. Vous l'obtenez par *intrigue* s'il y a eu recours à des combinaisons qui présentent le double caractère. Vous ne pouvez obtenir par *cabale* l'emploi que vous ne méritiez pas, puisque la *cabale* tend à un résultat défavorable; toutefois il se peut qu'une personne digne d'occuper l'emploi ayant été écartée par *cabale*, vous profitiez justement de cet échec, et qu'ainsi vous arriviez par une suite indirecte d'efforts qui ne vous valent pas, au résultat que vous vouliez atteindre. — Vous pouvez par *intrigue* ou par *cabale*, mais non par *brigue*, attirer sur quelqu'un une disgrâce. Cette disgrâce est l'effet d'une *intrigue*, et non d'une *cabale*, si vous avez eu recours à des combinaisons à la fois compliquées et occultes, sans que d'ailleurs vous ayez cherché à pervertir l'opinion publique. Elle est l'effet d'une *cabale*, et non d'une *intrigue*, si vous avez entraîné l'opinion publique contre la personne disgraciée, ou contre ses actes ou ses doctrines, sans avoir eu d'ailleurs recours à des combinaisons compliquées et tout à fait occultes. Il y a à la fois *cabale* et *intrigue*, si vous avez, d'une part, entraîné l'opinion, et si, d'autre part, vous avez eu recours à des combinaisons compliquées et tout à fait occultes. Enfin la disgrâce dont il s'agit ne peut être l'effet direct d'une *brigue*, puisque la *brigue* tend à procurer un avantage; toutefois, il se peut que, pour favoriser une personne, en faveur de qui était organisée une *brigue*, on ait disgracié une autre personne que ne valaient en aucune façon les auteurs de la *brigue*, et qu'ainsi la disgrâce soit l'effet indirect de la *brigue* ».

« deprimir aquella que as ofende e lhos desagrada.

« *Enredo* é um *mexerico* complicado, urdido com astucia, tecido do enganos e mentiras, com o fim do causar inimizades ou do disturbio.

« *Intrigam* os cortezãos e os ambiciosos para lograrem as graças que pretendem. « *Mexericam* as pessoas de pouca conta e sevandijas para caberem com alguém, e haverem assim o que por outro modo não merecem. « *Enredam* os zizaneiros para satisfazer sua má indole, ou para pescarem em aguas enroscadas. « *Cabaíam* os partidos sediciosos, ou, em frase popular, fazem machadas, ou embrulhadas, para levarem avan-te seus projectos. Mais audaz que todos os outros manejos, a *cabala* tem por alvo afogar a opinião pública, formar uma opinião imaginaria, e dispôr a seu arbitrio dos successos e do curso das cousas. A palhaço ou a portinacela constituem seu carácter ».

Lacerda compara os mesmo vocábulos que Roquete comparou. Diz assim:

« *Intriga* é o procedimento astucioso, que se emprega a occultas, lançando-se mão quasi sempre de meios reprovados para conseguir algum fim.

« *Mexerico* é referir cousas ignoradas, que outrem disse ou praticou, com o fim de excitar dissensões.

« *Cabala* é a conspiração de varias pessoas para, por mais meios, elevar e engrandecer, ou desacerditar e deprimir alguma pessoa ou cousa.

« *Enredo* é um trama urdido com astucia, complicado, o tecido do mentiras para prejudicar alguém.

« Os cortezãos e os ambiciosos *intrigam*.

« Os homens de pouca conta *mexericam*.

« As pessoas de má indole, invejosas, e a quem move a cobiça, *enredam*. « *Cabaíam* as parcialidades politicas ».

Conspirar a, conspirar para, conspirar contra. — As expressões que formam este grupo são tiradas do Dicionario de sinónimos de Roquete.

A primeira de ellas, *conspirar a*, ainda que se encontre em bons autores, é um galicismo perfeitamente inútil na nossa lingua, onde os verbos *contribuir*, *concorrer*, *tender*, etc., exprimem perfeitamente o seu sentido, que é o da tendença ou fim a que se dirige a circumstancia, quer esse fim seja bom ou louvável, quer mau ou censurável.

Conspirar para indica o fim que se propõe a conspiração: **conspirar para derrubar o trono.**

Conspirar contra indica a pessoa ou objecto que é alvo da conspiração: **conspirar contra a patria.**

Els como Roquete se exprime:

« Os diferentes regimes de este verbo fa-

« zem mudar sua significação. — *Conspirar* a, usa-se falando tanto das cousas como das pessoas, pois se refere à união de muitas pessoas, ou tendência de varias cousas a um mesmo objeto: admite tanto um bom como um mau sentido. **Tudo conspira a meu benefício ou a meu dano**, isto é, dirige, contribui a elle. **Conspiram estes argumentos a descobrir a verdade**.

« *Conspirar para* indica os comuns esforços de muitos ou o concurso de varias causas para executar uma cousa próspera ou adversa. **Até as casualidades conspiram para minha feliz navegação**. **Tudo conspira para o bom êxito de minhas empresas**.

« *Conspirar contra* indica claramente que é um obstáculo, uma opposição em dano de uma pessoa; jamais em proveito de ella. Toma-se sempre em mau sentido, e refere-se á damnada intenção dos conspiradores. **Conspiram continuamente os revolucionários contra o altar e o throno**.

Lacerda, segundo o seu invariável costume, aproveitou-se das expressões de Roquette, sem notar o francezismo que forma a primeira. Diz elle:

« *Conspirar* a refere-se á união ou combinação de varias pessoas, ou á tendência de varias cousas a um mesmo fim. **Todas estas informações conspiram a confirmar o que tínhamos presumido**.

« *Conspirar para* designa os comuns esforços ou o concurso de varias pessoas ou cousas para que tenha logar algum successo próspero ou adverso.

« *Conspirar contra* indica o obstáculo que é sempre levanta, ou oppõe em prejuizo do alleguem ».

Constancia, fidelidade; constante, fiel.—A qualidade que consiste em permanecer aturadamente na mesma disposição de espirito para com alguma pessoa, ou para com alguma opinião ou idéa, chama-se ás vezes *constancia*, outras vezes *fidelidade*.

A *constancia* existe em nós naturalmente, sem que a procuremos, e sem que possamos desprender-nos de ella; alguém a comparou á fatalidade. Quantas o quantas pessoas têm *constancia* num amor não correspondido, sem poderem rechaçar-o apesar de talvez desejarem libertar-se do elle! — Nisto difere a *constancia* da *fidelidade*, pois esta depende da nossa vontade e só subsiste em quanto nos aprez. Diferem ainda noutros pontos as duas palavras, e entre esses sobressaem os seguintes: a *fidelidade* corresponde a uma promessa ou compromisso; a *constancia* pode, ou não, depender de essa circunstancia. A *fidelidade* têm-se para com quem, ou para com o quê ha virtude em conservar-a, ao passo que a

constancia pode bem ser censurável; somos *fiéis* a um partido apesar do outro nos oferecer melhores vantagens; somos *constantes* nas paixões, no amor, no vicio, etc. Ao falar da *constancia* temos mais no pensamento a pessoa que a tem, que a pessoa ou o objeto que a inspira; pelo contrario, falando do *fidelidade*, temos mais presente o objeto que o sujeito.

O homem *constante* é aquelle que, por natureza, se conserva no gosto, na opinião, na dedicação de que não pode desprender-se por muito que o queira.

O homem *fiel* é aquelle que, tendo-se comprometido por sua livre vontade, se conserva por essa mesma vontade no compromisso que uma vez tomou.

Roquette, falando de estes vocábulos, compara-os assim:

« A primeira de estas palavras vem do *constans*, constante, que permanece em sua primeira vontade; a segunda vem do *fidus*, fiel, que guarda sua fé.

« A *constancia* não supõe compromisso algum, mas sim a *fidelidade*.—Diz-se que uma pessoa é *constante* em seus affectos o *fiel* á sua palavra.—Parece que a *fidelidade* pertence mais á acção, e a *constancia* aos sentimentos. — Pode um amante ser *constante* sem por isso ser *fiel*, quando continuando a amar uma dama solicita a ostina de outra; e pode ser *fiel* sem ser *constante*, se deixa de amar a sua querida, e sem por isso dirigir-se a nenhuma outra mulhor.

« A *fidelidade* supõe dependencia: diz-se um criado *fiel*, um cão *fiel*.

« A *constancia* supõe valor e firmeza: **constante no trabalho, constante nas desgraças.**—A *fidelidade* dos mar-tíres á verdadeira religião deu origem á sua *constancia* nos tormentos ».

Lacerda diz:

« *Constancia* é a firmeza, a permanencia na resolução tomada.

« *Fidelidade* é a observancia de fé dada a alguém.

« A *fidelidade* presuppõe obrigação contraída com alguém, seja qual for a razão ou o modo, e por isso se diz que um criado é *fiel*.

« A *constancia* não supõe semelhante obrigação.

« O homem que é livre em ser ou não *constante* nas suas afecções, sem desdouro, não o é em ser ou deixar de ser *fiel* á sua palavra, sem offensa da moralidade ».

Constancia, firmeza, resolução, estabilidade.—A *constancia*, considerada como sinónimo dos outros vocábulos de este grupo, é a expressão da convicção que nos anima; é a *constancia* que mostramos que prova aos outros qão verdadeiro reputamos aquilo que nos a

motiva. A *constancia* é portanto inherente à razão.

A *firmeza* é qualidade inherente ao carácter; consiste não só numa grande força de vontade, mas também numa força de resistência o numa solidez que lhe permitem de resistir aos mais violentos ataques sem se deixar ahalar por nenhum impulso, nem desanimar por nenhum coarctamento.

A *resolução* consiste não só em querer enérgicamente, mas também em proseguir impertérritamente no que se decidiu. Há na *resolução* ainda mayor actividade que na *firmeza*, e essa actividade faz-se geralmente acompanhar pela audácia. A *resolução* tem porém em seu desfavor de ser menos duradoura que a *firmeza*; provém isso de ella não ser uma qualidade do carácter, mas apenas uma disposição especial do espirito, que é movido pelas circumstancias, o que cessa nesse impulso logo que cessa a causa que a motivou. Assim é que *necessitamos resolução para emprender certas cousas, e firmeza para as continuar*.

O exemplo seguinte compara, a nosso vêr, os vocábulos de este grupo precedentemente tratados, e determina o valor do cada um de elles.

Colombo *proseguu com constancia no seu empenho, e, obtido o meio de o realizar, nem lhe fallou a resolução necessaria para o emprender, nem a firmeza indispensável para o levar a cabo*.

A palavra *estabilidade* designa melhor o carácter da *firmeza* e o da *constancia* quando se reputam estáveis ou inabaláveis, que uma qualidade do espirito diferente de alguma das precedentes.

De *constancia, firmeza e estabilidade* diz Roquete:

« Estas expressões reforem-se á porveo-
rança da alma em seus afectos, inclina-
ções o gostos; mas differençam-se pela
maneira seguinte:

« A *constancia* é uma virtude que nos
conduz e guia para insistir em tudo aquilo
que cromos firmemente, e com boas ra-
zões devemos ter por verdadeiro, acerta-
do, justo e decoroso.

« Chama-se *firmeza* ao exercicio de um
ânimo valoroso: supõe em quem a tem in-
teligencia para comprehender o que de-
ve ou lhe convém fazer, o *resolução* para
executá-lo.

« A *constancia* consiste em não variar; a
firmeza em não ceder. O *constante* man-
tem-se pacífico e seguro em seu posto; o
firme luta animoso para que o não tirem
de elle. A *constancia* pode nascer do ca-
rácter natural da pessoa, dos hábitos con-
traídos, da dohildado, talvez de falta de
ânimo, de *resolução*; porém a *firmeza* su-
põe acção forte, decidida, tenaz.

« A *estabilidade* impede variar, e sustém

« nosso ânimo contra os naturaes movi-
mentos de ligeiroza e curiosidade, que
« excitam em aossa imaginação a diversi-
« dade de objetos: corresponsa á prefe-
« rencia que provém de uma eleição acer-
« tada».

Lacerda diz em primeiro logar, e com-
parando os mesmos vocábulos que Roque-
te comparou:

« A *constancia* nos faz insistir no que te-
« mos por verdadeiro, acertado e justo.

« A *firmeza* mantém-nos na *resolução* to-
« mada do praticar o que conhecemos que
« devemos ou nos convem fazer.

« A *estabilidade* opõe-se a que cedamos
« aos impulsos da curiosidade, e variemos
« de affectos, inclinações, etc.

« A *constancia* não nos deixa variar; a *fir-
« meza* não nos deixa ceder; a *estabilidade*
« sustenta inalteráveis os julzos que for-
« mou a nossa alma».

Mais adiante torna a comparar *firmeza*
com *constancia*, e diz:

« *Firmeza* designa a qualidade do homem
« que segue com corágem os seus designios
« sem se deixar ahalar de nenhuma con-
« trariedades.

« *Constancia* exprime a qualidade do ho-
« mem perseverante, que tem permaanea-
« cia nas suas afeições.

« A *firmeza* supõe razão vigorosa, e ca-
« rácter enérgico.

« A *constancia* é compatível com um es-
« pírito acanhado, e pusillânime. A *firme-
« za* opõe-se á dehildade de carácter; e a
« *constancia* opõe-se á volubildade de co-
« ração».

Constancia, fortaleza. — A *fortaleza*
consiste em não fraquejar ante os ob-
stáculos ou a opposição que se eleva con-
tra nós; a *constancia* está em perseverar
no sentimento ou na acção encetada.

Eis como Roquete compara estes vocá-
bulos:

« A *fortaleza* era a virtude por excellen-
cia entre os Romanos o os estoicos, e con-
sistia principalmente em sofrer a dôr, su-
portar os trabalhos, o afrontar os perigos,
« como disse Cicero: « *Fortitudo omnis in do-
« lore, aut in labore, aut in periculo specta-
« tur* (de N. D. III, 15)». E não se limitava
« aos negocios da guerra, senão que se exer-
cia também nos interiores e do casa como
« diz o mesmo filósofo: « *Sunt domesticæ for-
« titudines non inferiores militariibus* » (de Off.
« I, 22.) « A divisa dos estoicos era: *Susti-
« ne, et abstine*; sofre, e abstem-to». Chama-
« se entre os cristãos cardeal esta virtude,
« porque é uma das quatro que são as prin-
« cipaes ou fundamentaes da vida virtuo-
« sa».

« *Constancia* é a firmeza do ânimo nas
« boas *resoluções*; é proprio da *constancia*
« não variar, apesar das contradicções que
« so presentem ou dos trabalhos o desgra-

« ças que possam sobrevir; é por assim dizer a *fortaleza* em acção prolongada.

« Admiramos em Nuno Gonçalves, capitão do Castelo de Faria, a *fortaleza* com que se houve com os Castelhanos resistindo a suas promessas e ameaças, e a *constancia* com que sofreu os tormentos que elles lhe deram em presença de seu filho, a quem dizia, segundo o nosso Cor-te Real.

« Estae firme, *constante*, estae seguro :
« Que menos é morrer que ser perjuro.

« Osheroes Lusitanos que avassalaram os mares, e levantaram triunfantes as quinas portuguezas nos muros de Gôa, Dlu e Malaca, não são menos famosos pelo *de-* nodo o *força* do ânimo com que se arrojam ao meio de tantos perigos, quo pela *constancia* com que suportaram trabalhos inauditos e desgostos com que a ingrata patria os amargurava, sem contudo deslizarem da vereda da honra, do brio e lealdade portugueza, cuja saudosa memoria não perecerá enquanto viver a lingua em que o vate portuguez cantou :

« Um Pacheco fortissimo, o os temidos
« Almeldas, por quem sempre o Tojo chora;
« Albuquerque terribil, Castro forte,
« E outros em que poder não teve a morte.

(Lus., I, 14.)

« Em neahum dos filósofos estoicos se encontra talvez um trecho que com mais energia exprima a *constante fortaleza*, e com mais eloquencia a inspire, do que o seguinte de Vieira : « Os reis podem dar títulos, rendas, estados; mas ânimo, valor, *fortaleza*, *constancia*, desprezos da vida, e as outras virtudes, de que so compõe a verdadeira honra, não podem. Se Deus vos fez estas mercês, fazei pouco caso das outras, que nenhuma vale o que custa... Se não beijastos a mão real pelas mercês que vos não fez, boijae a mão do vossa espada que vos fez dignos de ellas... Se tivestes ânimo para dar o sangue, e arriscar a vida, mostraes que tambem vos não falta para o sofrimento. Então batalhastes com os Inimigos; agora é tempo de vos vencer a vós. So o soldado se vê despido, folguo de descobrir as feridas e de envergonhar com ellas a patria por quem as recebeu. Se depois de tantas cavaliarias se vê a pé, tenha essa pela mais illustre carroça de seus triumphos. E se emfim se vê morrer á fome, deixe-se morrer, e vlogue-se. Perdeí-o-á quem o não sustenta, e perderá outros muitos com esse desgano (II, 285).

« Rasgo sublime é aquele *deixe-se morrer e vingue-se* que não deixa nada a invejar ao *qu'il mourut* de Cornelle ».

Lacerda diz apenas :

« *Fortaleza* é uma virtude que consiste principalmente em suportar com ânimo egual os trabalhos da vida, e em affrontai-os sem sobresalto.

« *Constancia* é a firmeza do ânimo nas boas resoluções ».

Constancia, perseverança. — A *perseverança* é aquella qualidade que consiste em Induzir-nos a continuar sem prolongadas interrupções o que havemos eacetado, ou que não consente que desistamos do propósito formado. A *perseverança* pode ter um fim louvável ou ser censurável; não obstante o primeiro caso é o mais frequente. Consideramos geralmente a *perseverança* não só em si propria, mas tambem como qualidade de quem a possue, paralho ponderar o carácter.

A *constancia* cõsiste em não ceder aos contratempos nem ás difficuldades que se vão apresentando, a resistir-lhes com ânimo forte. A *constancia* supera portaato a *perseverança*, pois sugere uma idéa de luta que não é inherente a esta última palavra.

Prosequimos uma empresa com **perseverança**, e com **constancia** vencemos os obstáculos que nol-a difficultam.

Constante, duradouro, permanente, estável. — *Constante* (do latim *cum*, dom, e *stare*, manter-se) refere-se melhor ao modo de ser des pessoas ou das cousas que a ellas proprias consideradas em si, pois quando dizemos que alguma pessoa ou cousa é *constante*, revelamos no homem o seu estado moral, e na cousa o seu estado fisico immutável, invariável, que não muda, que fica sempre o mesmo; assim, só atendemos á pessoa ou á cousa em razão do esta sua qualidade: *Fulano é de uma alegria constante*, *Fulano tem um mau genio constante*, *Fulano goza de constante saude*.

Duradouro (vocábulo derivado do verbo *durar*) diz-se do que *dura* ou do que pode *durar* muito tempo, ainda que essa *duração* não seja absoluta. *Numa nação em que a paz é constante nada a altera jámais. Na nação que goza de uma paz duradoura pode haver occasiões de desasoscejo, mas essas occasiões são raras, e quando a tranquillidade se altera, não tarda em restabelecer-se*.

Permanente (do latim *permanens*, de *per*, prefixo indicando continuidade, e *manere*, ficar) diz-se do que é *duradouro* sem intervalos de descontinuidade. O que é *permanente* dura até ao fim sem nenhuma interrupção. — Algumas vezes *permanente* toma-se no sentido de *eterno*, mas difere de este adjetivo em servir melhor do que elle para designar que o objecto está sempre em acção, que a sua actividade se faz sempre sentir. Dizem que a *felicidade* e a *alegria dos santos* é **permanente**, quando que-

rem exprimir que ella durará sempre, e que sempre será intensa.

Estável (do latim *stabilis*, estabelecido, sólido) determina também o modo de ser do que é duradouro ou permanente, mas considera a duração como devida principalmente á sólida base em que se funda ou apoia. *A felicidade que é estável é devida ás circunstancias que a proporcionam, as quaes são de tal natureza que não têm a lemer muitas occasiões de perturbação.*

De *estável* e *permanente* nada nos diz Roquete; de *constante* e *duradouro* diz apenas o seguinte :

« O que é *duradouro* nunca cessa : sua solidez lhe dá firmeza ; o que é *constante* nunca muda : sua resolução o faz firme. Não ha amizade *duradoura* entre os homens, senão quando se funda no mérito e na virtude. Entre todas as paixões humanas, a do amor é a que mais se jacta de ser *constante* o a que menos o cumpre ».

Lacerda só fala dos mesmos vocábulos comparados por Roquete. Eis como se exprime :

« O que *dura* continúa, permanece, não cessa ; o que é *constante* não muda, mantém-se egual, não diverso do que era. Ha muitas amizades *constantes* ; mas nenhuma paixão *duradoura*.

Constante, firme, inabalável, inalterável, inflexível.— Servem estes adjetivos para qualificar a qualidade de quem mostra ter grande força de resistencia tanto nas acções como nas idéas.

Constante e *firme* amoldam-se melhor que os outros termos de este grupo para ponderar o carácter da pessoa que tem constancia o firmeza : são termos subjectivos.— *Inabalável, inalterável* e *inflexível* são termos objectivos que convêm particularmente para evidenciar a força dos obstáculos a que se resiste.

Comparando *constante* com *firme*, vemos que o primeiro applica-se particularmente ás paixões, ás idéas, aos sentimentos ; o segundo, á vontade.

Constante é termo relativo á passividade ; *firme*, á actividade.— *Constante* exprime o estado de aquelle que não muda, que permanece sempre o mesmo na boa ou na adversa fortuna, a quem nada pode fazer variar, que resiste de modo immutável.— *Firme* refere-se á coragem, á energia do homem, á resistencia offensiva com que elle encara e combate toda a sorte de obstáculos e de contrariedades ; é portanto um termo essencialmente activo, mas que, se bem indica uma força de resistencia vigorosa, e até uma idéa de ataque de que *constante* carece absolutamente, lhe é porém inferior atendendo á idéa de duração que *constante* encerra essencialmente em si. Depois de uma resistencia a toda a prova o homem *firme* pode acabar por ceder ; o *constante*

nunca cede.— O homem *constante* na adversidade nunca se deixa vencer por ella ; morre, mas não cede. O homem *firme* contra os perigos encara-os impávido e combate-os com esforço vigoroso em quanto pode, mas só em quanto pode.

Inabalável diz-se da pessoa que não se deixa abalar por nenhum perigo, ataque, paixão, objeção, ou força de qualquer especie que seja.

Inalterável diz-se de quem nem sequer sofre a mínima alteração ante o perigo ou o ataque.— *Inabalável* supõe resistencia ; *inalterável* denota insensibilidade.— O homem *inabalável* é duro ; o *inalterável* é infrangível.

Inflexível tem um sentido mais especial, e diz-se da pessoa que, depois de tomar uma resolução, não se desvia do que resolveu alinda que lhe pese o não demover-se.— Os rogos, as ameaças, as razões, as provas não demovem o homem *inflexível*, não comovem o *inabalável*, não suscitam a menor sensibilidade no *inalterável*.

Roquete compara entre si *constante*, *firme*, *inalterável* e *inflexível* ; diz assim :

« Estas palavras designam em geral as qualidades de uma alma á qual não podemos comover nenhum dos successos que ocorram por fortes e terríveis que sejam. As tres últimas acrescentam á anterior uma idéa de ânimo e valor segundo estes diferentes sentidos. *Firme* designa um valor que por nada se deixa abater ; *inalterável*, um valor que resiste a todos os obstáculos ; *inflexível*, um valor que nada dobra nem comove. O homem de nobres e honrados sentimentos é *constante* em sua amizade, *firme* nas desgraças o negocios de justiça, *inalterável* apesar das ameaças, e *inflexível* contra súplicas e rogos injustos.

« Todas estas idéas se encerram naquelles dois admiráveis versos em que Horacio representa o varão justo e forte (Odo III, liv. 3) :

« Si fractus illabatur orbis,
« Impavidum ferient ruinae.

« Se em pedaços desfeito ostala o mundo,
« Sob sua ruina impávido perece ».

Lacerda diz dos mesmos vocábulos comparados por Roquete :

« Todos estes termos designam a qualidade de um ânimo, que as circunstancias não fazem mudar do propósito : os tres últimos acrescentam ao primeiro a idéa de valor, com a differença de que *firme* indica o valor que não se abate, *inabalável* o valor que resiste aos obstáculos, e *inflexível* o valor que não se abranda nem cede. O homem de bem é *constante* na amizade, *firme* nas promessas, *inabalável* ás amea-

« ças, e inflexível às súplicas, a que falece
« a justiça ».

Constantemente, continuamente, incessantemente, assiduamente, sempre.

— *Constantemente* diz-se para doterminar o modo como uma coisa se faz ou se produz hoje como hontem, amanhã como hoje, isto é, sempre de um modo invariável e constante, e segundo uma mesma regra da qual nem ella se desvia, nem nós nos podemos desviar. Considera-se porém essa regra como uma lei que se tem por superior, opõe essa que nos impede de nos afastarmos de ella e nos obriga a segui-la sem intentar variá-la. A natureza obedece constantemente a leis fixas e imutáveis. O homem de bem obra constantemente segundo a honra lhe exige.

Continuamente determina como uma acção se produz de modo contínuo e regular, acção que, sem intervalo nem interrupção, é seguida de acção igual, esta do outra, e assim sucessivamente. A agua corre continuamente por baixo da ponte. A mãe pensa continuamente no filho que está ausente.

Sem cessar e incessantemente não se referem à regularidade no modo de obrar, mas à perseverança do sujeito, e á frequente repetição da acção, o que forçosamente implica que por vezes ella seja descontinuada, ainda que os intervallos sejam de curta duração. — *Sem cessar* sugere a idéa da acção ser muito frequentemente repetida; *incessantemente* acrescenta a essa idéa a da tenacidade do sujeito. O homem diligente trabalha sem cessar. O homem ambicioso trabalha incessantemente para o seu engrandecimento.

Assiduamente sugere a idéa de uma imposição voluntária, e nisso difere do constantemente que, como vimos, se refere a uma lei superior.

O bom filho vela assiduamente pela mãe doente, e pensa constantemente nos meios de a poder sustentar.

Sempre, é o termo mais usual para determinar que uma coisa se faz muito a miúdo ou mesmo sem interrupção, mas em quanto os adverbios precedentemente comparados se referem ao que se faz, isto é, á acção das pessoas ou das cousas, sempre, refere-se melhor ao estado. Os velhos estão sempre doentes, e quickam-se continuamente de novos.

Roquete apenas compara continuamente e sempre. Diz assim:

« O que sempre se faz, verifica-se em todo o tempo, lugar e occasião.

« O que continuamente se faz, verifica-se sem descanço nem interrupção alguma.

« Sempre devemos deixar nossos prazeres e conveniências para attender a nossas obrigações. É cousa muito difficil o ocu-

« par-se continuamente no trabalho, pois o cansaço nos ha-de obrigar a deixal-o por mais ou menos tempo. — Para que uma pessoa agrade é mister que sempre fale; porém não que fale continuamente, o que não é fácil ».

Os mesmos termos são os que Lacerda compara do modo seguinte:

« Sempre designa em qualquer lugar, tempo, e occasião que seja oportuna.

« Continuamente indica sem intermissão, sem interrupção.

« Deve-se preferir sempre o dever ao prazer. Não ha homem que possa trabalhar

« continuamente. — Devemos fazer sempre bem, mas quem fale conti-

« nuamente não pode deixar de tornar-se enfadonho e desagradável. — Sempre

« usa-se tambem substantivamente: Parra sempre, dos sempre ».

Constatar.—Este francezismo é inútil na lingua portugueza, na qual o verbo *comprovar* corresponde perfeitamente á idéa que elle exprime em francez. Nem sequer teríamos mencionado aqui este verbo se o não achássemos incluído na nomenclatura do mais recente de todos os dicionarios portuguezes como sendo o equivalente de *certificar, mostrar, provar*, idéas a que *constatar* nunca pode corresponder (!).

Constitucional, representativo.—Falando da forma do governo, confundem-se entre nós, — mesmo porque não podem deixar de se confundir — os qualificativos *constitucional* e *representativo*: o governo *representativo* não se comprehendendo sem constituição, nem o governo *constitucional* sendo ainda comprehendido sem essa cousa toska, bruta, dura e informe a que se chama com sobrada razão *representação* nacional, como quem diz *comedia nacional*. — Temos porém para nós que os vocábulos que formam este grupo admitem — ou, se o não admitem hoje, o admitirão algum dia — que entre elles se estabeleça a seguinte differença:

O governo **representativo** é o que tem corpos legislativos, côrtes, câmaras, ou como lhe queiram chamar.

O governo **constitucional** é aquelle

(!) « *Constater* signifie rendre constant, « déclarer certain par des preuves irrécusables: un fait constaté est absolument authentique, à l'abri de tout doute et de tout soupçon; on constate la réalité d'un événement par le rapprochement des témoignages et des preuves, par une enquête formelle qui le rend notoire et indéniable ». (GUIZOT).

« *Constater* c'est établir la vérité d'un fait ». (BESCHERELLE).

em que o chefe do Estado não só reina — como nos governos representativos — mas também governa — como nos governos absolutos — mas só nos limites que a Constituição lhe determina.

Constituição, carta constitucional. — A *carta constitucional* é o documento que insere a lei fundamental do Estado.

A *constituição* é o regime estabelecido pela *Carta constitucional*.

Construção, syntaxe. — A *construção* é apenas uma parte da *syntaxe*, aquella que determina o modo de colocar as palavras na oração. Assim diz-se *construção directa*, *construção indirecta*, mas não pode dizer-se *syntaxe directa* ou *indirecta*.

Construir, edificar, fabricar, fazer. — *Construir* é combinar materiais que formem no seu conjunto um todo em que haja estrutura: *construem-se* palácios, templos, casas, pontes, aqueductos, navios, máquinas, aparelhos, instrumentos (charruas, barómetros, etc.).

Edificar (do latim *aedificare*, de *aedes*, casa) só se diz — no sentido proprio, que é o único que neste artigo consideramos — com relação a edificios, taes como palácios, templos, theatros, museus, etc.

Fabricar é construir por processos mecânicos: *fabricam-se* relógios, sinos, canhões, etc.

Estes trez verbos applicam-se ao que requer conhecimentos especiaes o facultativos, e nisso se distinguem de *fazer*, que é termo genérico que pode substituir, e em qualquer caso, cada um dos outros que aqui comparámos.

Roquete compara os trez primeiros vocabulos de este grupo pouco acertadamente; do ultimo não fala.

Diz assim:

« Da palavra latina *aedes*, casa, templo, vem *aedificare*, *edificar*, que indica construir, levantar, fabricar, o edificio.

« *Construir* vem de *construere*, que significa materialmente reunir materiaes para qualquer género de *constracção*. — Por tanto é a palavra que mais extensão tem em sua significação; contudo os classicos usam com mais frequencia o verbo *fabricar*.

« De *faber*, nome genérico que significa fabricante, operario, artifice que lava principalmente golpeando em cousa dura como pedra ou metal, vem *fabricare*, *fabricar*, que é executar ou fazer a obra.

« *Edificar*, refere-se ao edificio considerado em geral, e levado a sua conclusão segundo a planta o proporções que se haviam adoptado; e *construir*, a operação material da obra, aos trabalhos e opera-

ções mecânicas com que se executa. *Fabricar* não só se refere a edificios, senão a toda obra *fabril*, a tudo que se *construe* com arte. — Deus *fabricou* o mundo; *Baccho fabricava*, em Mombaça, um altar sumptuoso que adorava. — *Fabricam-se* relógios, moedas, panos, sedas, vidros, chapéus, papel, etc.; e em sentido figurado *fabricam-se* mentiras, enganões, etc., isto é, inventam-se, urdem-se, etc. »

Lacerda diz:

« *Edificar*, segundo a origem latina, significa levantar, construir, fabricar o edificio.

« *Construir*, conforme também a origem latina, significa ajuntar, reunir materiaes para qualquer género de *construcção*.

« *Fabricar*, como a origem denota, significa executar, fazer a obra.

« *Edificar* refere-se ao edificio em geral, tendo em conta a planta adoptada. *Construir* refere-se à operação material com que a obra se executa. *Fabricar* refere-se não só a edificios, mas também a toda a sorte de obra *fabril*.

Contagão, contagio. — *Contagio* é a doença contagiosa, e também a propagação de essa doença por contacto directo ou indirecto.

Contagão é o incremento, a força do *contagio*, o muito particularmente quando elle é do mau carácter. — Note-se que este vocabulo, nunca usado pelos bons autores, pertence mais à linguagem popular que a culta.

Contar, referir, relatar, narrar. — *Contar* é termo de todas as linguagens, mas é muito mais frequente na familiar posto que é do familiar, do usual, do que entra na conversação ordinaria que elle se diz; *contamos a um amigo como tal facto se passou*; *contamos o que vimos*; *contamos o que ouvimos*; *contamos o que sabemos*. — *Contar* é o termo que deve exclusivamente empregar-se quando se trata de contos, de historias ligeiras, de novelas, etc.

Referir inculca que, sem atendermos a se o facto é verdadeiro ou falso, dizemos de elle o que de elle sabemos por de elle ter ouvido ou lido. — Quando porém *referir* se diz do que vimos, pretendemos a que nos creiam. *Vou-lhe referir o que me disseram*, sem porém garantir o facto. *Vou referir o facto tal qual o presenciei*.

Relatar é contar em todos os seus pormenores o que é longo o importante.

Narrar é contar com elegancia, com clareza, circunstanciadamente, evitando porém de ser diffuso. — Este verbo é mais relativo à forma que ao facto de dizer, pois quem *refere* ou *relata*, e até quem *conta* — se o que *conta* é verdadeiro e interessante —, *narra*, se faz uso das regras do estilo.

Roquete, exceptuando de *relatar*, fala como segue dos outros verbos de este grupo:

« Estas trez palavras referem-se ao acto de dar a conhecer a uma pessoa um facto, um acontecimento, com suas circunstâncias, porém differenciam-se notavelmente entre si.

« *Contar* diz-se das cousas familiares, ou que são objecto da conversação. Abraça a verdade e a ficção; seu objecto é agradar e instruir.

« *Referir* supõe sempre a verdade; tem por objecto dala a conhecer aos outros, sem omitir nem acrescentar a mais pequena circunstancia.

« *Narrar* é fazer uma narração segundo as regras da retórica; tem por objecto captar a attenção do auditorio, interessal-o, prevenir a seus ouvintes num tribunal, etc.

« O que *conta* devo ser breve em sua explicação; seu objecto é divertir; enfadaria se fosse extenso. — O que *refere* é mais ou menos extenso segundo o numero o importancia das cousas que tom a *referir*. — O que *narra* é mais ou menos extenso segundo as materias que enumera, mas não deve nunca ser diffuso.

« *Conta-se* com engenho, com graça, com amenidade, para divertir, para recrear a uma sociedade ou aos leitores; *refere-se* com exactidão, para dar conta, para explicar factos, para instruir; *narrar-se* com arte, com talento, com eloquencia, para persuadir, para convencer os nossos ouvintes ».

Lacerda, de esses mesmos verbos, diz o seguinte :

« *Narrar* é dar conta de um acontecimento metódicamente e segundo as regras da retórica, tendo por fim prender a attenção do ouvinte ou do leitor, e agradar-lhe.

« *Contar* é dar conta de cousas familiares, que são objecto da conversação commum, sem entrar na averiguação da verdade ou ficção que nellas entra.

« *Referir* é dar conta do sucedido com toda a exactidão, sem omitir nenhuma circumstancia importante.

« *Narra-se* com arte; *conta-se* com graça; *refere-se* com exactidão.

« Vê-se pois que estas trez palavras, com quanto se refiram ao acto de dar a conhecer os factos ignorados de outras pessoas, differem contudo no modo de assim o realizar ».

Contemplar, conferir, conceder. — Concorram estes verbos na idéa que lhes é commum de « dar alguma coisa a alguém »; differem porém em cada um exprimir que a coisa se dá em virtude do motivo differente.

Contemplar é dar em virtude das circun-

stancias que concorrem na pessoa que recebe e que a tornam merecedora da receber. Este verbo sugere porém a idéa de mercê, pois o contemplador pudera não contemplar o contemplado, o qual, por não receber a mercê, não teria direito a reclamar nada. *O rei contemplou-o com uma pensão em virtude dos serviços que prestara.*

Conferir é dar ou impôr directamente, ou pelo conducto mais directo, sem porém designar se ha ou não motivo pelo qual o agraciado haja merecido o dom. *Et-rei conferiu-lhe o hábito de São Tiago.*

Conceder é dar em virtude de mera liberalidade. *O rei concedeu-lhe uma pensão para que continuasse nos estudos.*

Contencioso, litigioso. — *Contencioso* diz-se de aquillo que, por ser duvidoso, se presta a discussões philosophicas, politicas, religiosas, ou — e principalmente — judicarias. — De um ponto, por exemplo, em que os teólogos não estão concordes, se diz que é um ponto *contencioso* em theologia. — Extensivamente diz-se das pessoas para as designar como inclinadas a discutir.

Litigioso diz-se exclusivamente do que pode dar origem a um processo judicial. — Como porém *contencioso* tambem se diga neste sentido, convém ter presente a differença que ha entre os dois vocabulos :

Contencioso diz-se quando nos queremos referir ás pessoas que estão envolvidas no processo — ás partes, como se diz na linguagem forense.

Litigioso diz-se quando se considera o assunto do debate, o fundo do *litigio*, isto é, a causa pela qual as partes estão em desacordo.

Contenda, querrela, rixa, contestação, differença, debate, disputa, altercação. — A *altercação* (do latim *altercatio*, de *alter*, o outro) designa uma *disputa* vehemente na qual cada um, porfiado e teimoso, pretende levar a sua ávante e não ser o primeiro em ceder, esforçando-se em gritar mais que o seu contrario, em vez de chegar a uma decisão razoável por meio de explicações ou outras cousas equivalentes.

A *disputa* é o choque de opiniões differentes; este vocabulo nada mais diz do que isso, e por essa razão necessita de uma palavra que lhe modifique o sentido, isto é, que determine o modo como ella se faz — se violenta, se pausadamente.

O *debate* é uma discussão viva e animada em quo intervém geralmente não só as pessoas que nolla se envolvem, mas tambem aquellas que a ella assistem — o árbitro e paixões das quaes parecem apelar os que discutem.

Differença, propriamente, é a desunião que reina entre duas ou mais pessoas por

motivos de interesse, ou de incompatibilidade de caracteres. — Nos trez vocábulos precedentemente comparados, é condição especial que os antagonistas ou contrários se opoam mutuamente as suas razões; não assim nas *diferenças*—estas sendo muitas vezes derimidas por terceiros, o quasi sempre envolvendo a idéa de os interessados fugirem das ocasiões de se encontrarem não só em quanto ellas duram, mas até depois de terminadas.

A *contestação* tem geralmente como causa algo de importância, e nella se procura o que é equitável e justo. Pode dar-se que aquelle que promove a *contestação* esteja mais capacitado do não direito do seu contrario que do direito proprio.

A *rixa* é uma *disputa* apalxonada que acaba quasi sempre de modo violento. A *contestação* faz apêlo ao direito; a *rixa* apeia para a força.

A *querela* procura não só reparação para um agravo, mas também pena para aquelle que a motiva.

A *contenda* é a *disputa* em que se empregam todas as classes de recursos o se fazem os mayores esforços para sustentar o seu direito — ou só talvez a opinião — e chegar ao fim que se pretende.

Eis como Roquete fala de estes vocábulos:

« A luta porfiosa que se levanta entre « duas ou mais pessoas por alguma cousa « chama-se *contenda*, por isso que ellas *con-* « *tendem* entre si. Esta palavra, tomada na « sua mayor extensão, é o gênero a que es- « tão subordinadas as outras como especies. « Seguiremos a ordem de menor a mayor « no exame das palavras que indicam os « varios gêneros de *contendas* que mui fre- « quentemente perturbam a paz entre os ho- « mens.

« A *altercação* verifica-se comumente « entre duas pessoas eguaes, que se dizem « palavras contrarias com aquella liberdade « de e soltura que nascem da fraqueza e fa- « miliaridade que entre si têm pessoas que « vivem juntas; ás vezes estas palavras « costumam ser picantes. O marido tem *al-* « *tercações* com a mulher, o amigo com o « amigo, sem por isso deixarem do osti- « nar-se, ainda do mesmo momento da *al-* « *tercação*. *Altercam* entre si os criados, os « arrieiros, os lacayos, e de ahi a pouco vão « á taverna beber juntos. As regateiras, e « pessoas que com ellas se parecem, costumam viver numa continua *altercação*, o ás « vezes mui porfiosa e apalxonada.

« A *disputa* consiste de ordinario na opo- « sição de opiniões e na razão ou argumen- « to com que cada um defende a sua. Cos- « tuma converter-se a *disputa* em *altercação* « quando tomam calor os que a sustentam, « e o fazem com obstinação e palavras ás « vezes duras e pouco polidas, terminando- « se em geral a *altercação* com a *disputa*.

« Muita reiação tem como esta o *debate*, « mas este supõe mais duração o tenacidade, « de, e se verifica não entre poucas pessoas « como a *altercação*, senão entre muitas e « por assuntos de mayor importancia, como « são os *debates* nos tribunaes do fóro con- « toncioso, nas câmaras legislativas e mais « assembléas politicas.

« No concílio em que, segundo fingiu a « imaginação do nosso poeta, se ajuntaram « os deuses para deliberar sobre as cousas « futuras do Oriente, houve um verdadeiro « *debate*: differença de sentenças, *altercação* « de razões, uma opposição formal sustenta- « da por Baccho, e o que mais caracteriza « os *debates* públicos, que é depois de mui- « ta porfia ficar cada um na sua opinião, co- « mo nos diz o mesmo poeta.

« *Debatem*, e na porfia permanecem ;
« A qualquer seus amigos favorecem.

(Lus., I, 34).

« As *diferenças* têm igualmente muita re- « lação com a *disputa*, mas limitam-se de « ordinario á opposição de opiniões, de pro- « cedimento e ainda de genio; têm effeito « mais duradouro que a *disputa*, são mui « frequentes entre desavindos, e mais peri- « gosas que o *debate*.

« No *debate* ventiliam-se assuntos que não « estão bem aclarados nem decididos; tra- « ta-se para isto de examina-los mais e me- « lhor, e de pesar os argumentos pró e con- « tra para chegar a uma acertada decisão. « Na *altercação* costumam limitar-se as pes- « soas que *altercam* a um sim ou a um não, « e é chariam muito, as mais das vezes por « orguiho, para irem com a sua por diante. « Nas *diferenças* nasce muitas vezes o des- « accordo do amor proprio ofendido, ou do « pundonor mal entendido.

« A *contestação* tem mayor importancia « que a *altercação*, e assim significa muitas « vezes *contenda* ou *disputa* formal o *desa-* « *brida*. *Contestações* tem havido mui sérias « e desagrdáveis entre amigos, que vie- « ram a parar em ruído litigio, e teimo- « sas inimizades. As *contestações* entre so- « beranos costumam termiaar em guerra « aberta.

« A maior das *contendas* entre os homens « é a *rixa* ou *rixa*, ás vezes casual e ou- « tras produzida pelas desavenças anterio- « res; é descomedida, obstinada, por vezes « feroz e cruel, e quasi sempre acaba em « briga; produz rancor, e inimizade dura- « doura que, por isso mesmo, se chama *rei-* « *za velha*, para a distinguir da *nova*, que é « briga repentina sem nella haver propó- « sito anterior.

« *Querela* era antigamente *disputa* ou « *contestação* sobre direitos: mas hoje si- « gnifica geralmente queixa do agravo e in- « juria feita ao juiz, por isso se diz *dar que-*

«*rela de algum.* É materia jurídica de «que trata a Ordenação do reino».

Lacerda diz o seguinte de estas mesmas palavras:

«*Querela* designava antigamente disputa «da acêrca de direitos; porém, hoje significa geralmente queixa feita ao juiz de injuria que se recebeu.

«*Altercação* é contenda do palavras entre pessoas eguaes sobre qualquer objecto com soltura de palavras, e tom familiar sem que de ahí resultem nenhuma malquerenças.

«*Disputa* é a contenda de palavras nascida da opposição de opiniões.

«*Debate* é a disputa porfiosa entre muitas pessoas para o exame de assuntos importantes.

«*Diferenças* é a disputa que nasce, não só da opposição de opiniões, mas também da contrariedade da índole e do carácter das pessoas entre quem se dão, e por isso os seus resultados são ás vezes mais perigosos que os da disputa ou ainda do que os do debate.

«*Contestação* é a disputa mais séria, e as suas consequências quasi sempre são de gravidade.

«*Rixa ou reixa* é uma contenda ás vezes casual, outras vezes nascida de desavenças anteriores; é sempre obstinada, e productiva de inimizades.

«*Contenda* é a luta que se levanta entre duas ou mais pessoas por qualquer motivo. *Contenda*, como se vê, é termo genérico».

Contentamento, satisfação, prazer. — O *contentamento* não deseja nada mais além do que se tem; a *satisfação* é o gozo do que se desejou; o *prazer* é o gozo do que nos vem, ou succede.

«A *satisfação* — diz Roquete — é o sentimento jucundo que experimentamos quando se cumpre nosso desejo ou nosso gosto. — Se este sentimento é cabal e durável, se nelle se aquieta a alma e judiciosamente o aprova, esse é o estado de *contentamento*. — A *satisfação* precede o *contentamento*, o qual é sua consequência, seu complemento».

Lacerda diz num lugar:

«O *contentamento* existe na alma que se goza do bem que possui, sem outro desejo. *Satisfação* é o gozo que experimentamos de vermos preenchidos os nossos desejos. *Prazer* é o gosto, a sensação deleitososa, que não raras vezes se torna em amargura».

Noutro lugar diz ainda:

«*Satisfação* é o sentimento agradável que experimentamos quando conseguimos o que era objecto dos nossos mayores desejos.

«*Contentamento* é o estado de tranquillidade, de gozo, com que a nossa alma des-

«cança quando oncontra, no objecto que conseguiu, o bem que esperava ou que apetecia.

«Em uma palavra: *satisfação* é o estado da nossa alma quando obtem o que desejamos; e *contentamento* é o estado da nossa alma, quando goza tranquillamente do bem que possui, e não deseja mais. O *contentamento* é a consequência, ou antes o complemento da *satisfação*».

Contente, satisfeito, encantado.

— *Contente* se diz de quem — vindo os seus desejos satisfeitos, e não desejando nada mais, sente uma como felicidade calma e tranquilla, isenta do tormento de novos desejos, o livre de toda preocupação. O *ambicioso nunca pode estar contente*, porque nunca se satisfaz com aquilo que tem.

Satisfeito diz-se de quem — conseguindo o que desejava, sente a satisfação interior de gozar o que ambicionava ou esperava. Neste vocabulo porém não se afirma — como em *contente* — que no proprio momento em que se está *satisfeito* não se tenham novos desejos ou não se concebam novas esperanças. Quando o ambicioso consegue o que ambicionou, fica *satisfeito*, mas a sua satisfação é de pouca duração porque logo apetece mais e mais.

Encantado é termo enérgico ou em que ha exaggeração. Fica *encantado* quem — esperando alguma cousa, obtem muito mais do que desejava.

Roquete não compara nenhum dos termos de este grupo. Lacerda fala dos dois primeiros, dizendo:

«O homem inquieto e suspeito nunca está *contente*; o cubiceiro nunca é *satisfeito*. Estamos *contentes* quando não desejamos; porém muitas vezes, apesar de termos obtido o que desejamos, não somos *satisfeitos*; e ha pessoas que, com quanto *satisfeitas*, não se dizem *contentes*.

Conter, comprehender, abraçar.

— Os objectos *contidos* enchem um lugar que sem elles estaria vazio; os objectos *comprehendidos* cobrem uma extensão. Um *caixão contém* livros; um *reino comprehende varias provincias*.

Abraçar é relativo aos limites ou linha exterior que envolve ou abraça o que está dentro de ella: os *dois mares e os Pirineos abraçam a Península ibérica*.

Conter, reprimir. — A idéa comum a estes verbos é a de impedir que alguma cousa se manifeste, ou que, quando já manifestada, continue a manifestar-se.

Conter não supõe tanta energia como *reprimir*, mas sugere que se dá a cousa que se reprime uma direcção que obedeça á nossa vontade. *Contemos* as nossas paixões quando julgamos oportuno não manifest-

tal-as; *contemol-as* porém só por um tempo, isto é, até que julgamos a propósito dar-lhes solta. — *Reprimimos* as nossas paixões com esforço e energia para que nem agora, nem nunca, se manifestem exteriormente.

Contestável, duvidoso, incerto, problemático. — O que é *contestável* tem algumas aparências do certo ou de verdadeiro, mas é talvez incerto ou falso. Nête-se que dizemos « talvez », pois acaso a realidade corresponda às aparências.

Duvidoso — vocábulo em que entra a raiz latina *duo*, dois — qualifica as cousas que pela sua própria natureza colocam o espírito entre duas alternativas, uma pró, outra contra; uma afirmativa, outra negativa. No que é *duvidoso* ha alguns motivos para decidir-se, ainda que sejam motivos pouco claros o mal determinados; ha outros motivos para não se decidir, mas esses não são mais claros, nem melhor determinados do que aquellos. Comtudo o que é *duvidoso* pode tornar-se evidente á força de penetração ou de moditação.

Incerto diz-se das cousas que influem no espirito de modo a não deixal-o decidir-se por se ignorar onde está a verdade. Ademais, como *incerto* se diz quasi sempre do que é futuro, não ha nem poder haver na coisa *incerta* nada que faça luz sobre ella nem conduza á certeza da sua realização. Por isso, o que é *incerto* não pode ser previsto como *certo*, a não ser que alguns novos dados exteriores venham em nosso auxilio.

Problemático diz-se de aquilo sobre quo hesitamos formar qualquer juizo definitivo por ignorarmos qual seja a solução que a cousa terá.

O que é *duvidoso* ou *incerto* pode não ter resultado ou existencia real; porém, o que é *problemático* tem essa existencia, o tem ou ha-de ter uma solução qualquer.

Roqueira compara apenas *duvidoso* com *incerto*, e diz:

« O *duvidoso* supõe no ânimo indecisão razões, motivos, ou antecedentes, quo inclinando o egualmente a opiniões ou acções diversas, suspendem sua resolução. « O *incerto* supõe falta de aquellas mesmas razões, motivos ou antecedentes que constituem o *duvidoso*, a qual deixa o ânimo sem faculdade ou luz sufficiente para fixar sua resolução ou sua persuasão. « É *duvidoso* o partido que se deve tomar numa guerra civil. É *incerta* a hora da nossa morte ».

Lacerda compara *duvidoso* com *incerto* e com *irresoluto*, e diz:

« O homem está *duvidoso* quando as razões que nelle actúam quasi se equilibram e pesando egualmente no seu ânimo lhe suspendem a acção.

« O homem está *incerto* quando falto de

« razões suficientes que o movam a adoptar antes uma que outra resolução, não sabe determinar-se.

« O homem é *irresoluto*, ou por disposição habitual nascida de debilidade orgânica, « ou em consequencia da ignorancia em que labora, e lhe tolhe achar razões que lhe determinem e fixem a vontade.

« Em regra, *duvidoso* deve dizer-se antes das cousas do que das pessoas; *incerto* de aquellas e de estas; *irresoluto* somente das pessoas ».

Conteúdo, teor, assumpto. —

Conteúdo é o texto completo de um escrito e particularmente de uma carta.

Teor é o proprio *conteúdo*, mas considerado na forma que afecta, no seu modo textual do dizer.

Assumpto é cada um dos diversos pontos que formam o *conteúdo*.

O *conteúdo* de esta carta trata de varios *assuntos*, mas o seu *teor* não coincide com a gravidade das circumstancias.

Contexto, texto. — O *texto* formam as proprias palavras do autor.

O *contexto* é o encadeamento das idéas no *texto*.

Contextura, textura, tecido. —

Tecido designa propriamente um cruzamento de fios que formam uma tela. — Figuradamente, que é o sentido em que aqui consideramos o vocábulo, chama-se *tecido* ao conjunto de idéas que formam um todo; assim o *tecido* de um poema, é o poema em si, considerado porém na disposição das suas diversas partes, na ordem e na ligação das idéas e dos acontecimentos. De um drama se pode dizer que o seu *tecido* está bem ou mal coordenado.

Textura, no sentido em que o comparamos com *tecido*, diz-se da disposição de cada uma das partes da obra.

Contextura designa a mútua ligação das partes de essa mesma obra.

Um drama pode ter *tecido* simples, cenas de *textura* magistral, e não obstante pode a sua *contextura* carecer dos predicados que exige a arte cénica.

Contingencia, eventualidade.

— Frequentemente se empregam estas palavras indistintamente, o que não obsta a quo cada uma de ellas tenha seu sentido particular.

Contingencia é a possibilidade de uma circumstancia se dar ou não.

Eventualidade é a circumstancia considerada como possivel, provável até, mas não certa.

Que a terra seja encontrada por um cometa é uma *contingencia*. O pé de alliar, que constitue o benesse dos párcos, considera-se como *eventualidade*.

Continuação, continuidade.—

Continuação diz-se do que é *continuado* com ou sem interrupção. Este vocábulo sugere a idéa da intervenção de um agente que obra para *continuar*; e refere-se mais ou menos claramente ao tempo.

Continuidade diz-se do que não cessa, do que *continua* sem interrupção. Desperta este vocábulo a idéa da própria coisa que *continua*, e essa idéa é relativa ao espaço ou extensão.

Assim diremos a *continuidade* do muro. A *continuação* do discurso ficou para amanhã.

Roqueiro diz muito bem de estes vocábulos:

« A *continuidade* é a união material que tem entre si as partes do *continuo*.

« A *continuação* é a relação existente entre o seguinte e o precedente.

« Comparando as duas palavras acharemos que a *continuação* pertence à duração e a *continuidade* à extensão.

« Diz-se a *continuação* de um trabalho ou de uma acção; a *continuidade* de um espaço ou de uma magnitude; a *continuação* de actos, e a *continuidade* de uma obra que se une a outra ».

Lacerda parece não comprehender a interrupção que pode dar-se na *continuação*. Diz assim:

« *Continuação* refere-se à duração, e *continuidade* à extensão.

« *Continuação* designa a successão não interrompida de actos da mesma natureza. *Continuidade* designa a união não interrompida das partes de um corpo ou de um espaço ».

Continuadamente, continuamente.—

Os dicionaristas dão estes dois advérbios como sinónimos perfeitos; alguns até, definindo *continuamente*, e não dizendo de *continuadamente* senão que é « o mesmo que *continuamente* » parecem dar a preferência a esta última forma, pois está admitido que os vocábulos susceptíveis de varias formas devem definir-se naquella que merece ser preferida.

Não somos da opinião que considera estes dois termos como sinónimos perfeitos, nem muito menos de aquella que possa preferir um ao outro. Reputamos os dois advérbios como necessários, e distintos no sentido, e assim diremos: os *trabalhos devem proseguir continuamente* quando pretendermos significar que se trabalhará de dia e de noite, sem interrupção; e os *trabalhos devem proseguir continuamente* quando apenas queiramos indicar que se trabalhará todos os dias sem maiores intervalos que os que se impõem naturalmente.

Continuado, contínuo, successivo.—

Concordam estes adjectivos em

qualificar o que dura sem interrupção ou quasi sem interrupção.

Continuado não quer dizer que a acção se faça sem interrupção, mas sim que se faz sem desistir, que se prosegue sem maiores intervalos que os que naturalmente se impõem. Um estudo *continuado* é um estudo persistente, que se deixa quando o cansaço ou as circunstancias o reclamam, mas que se continua logo que se julga conveniente.

Contínuo diz-se do que não pára, do que não é interrompido desde que principia até que acaba.

Continuado considera a acção: *contínuo* considera a acção e o objecto.

Successivo, vocábulo que também é relativo à acção, qualifica o que se interrompe e continua repetidas vezes, e em intervalos muito próximos uns dos outros. O orador *fôra interrompido por applausos successivos*.

Roqueiro compara *continuo* com *continuada* pela forma seguinte:

« Diferenciam-se estas duas palavras em que *continuo* indica uma coisa que por sua natureza é sempre a mesma, obra, dura, ou se faz sem interrupção, nem intervalo algum.

« Chama-se também *continuo* a todo corpo composto de partes unidas entre si; ao sujeito que é ordinario e perseverante em um acto.

« *Continuado* é uma coisa que pode ser interrompida por alguns intervalos; porêna que, passados estes, *continua* obra do do mesmo modo.

« Um *movimento contínuo* é aquelle que enquanto dura, não sofre interrupção, e se a sofre cessa de todo.

« Um *movimento continuado* é um movimento dividido por intervalos, passando os quaes, segue do mesmo modo que de antes.

« O *movimento é contínuo por sua continuidade*, isto é, pelo seu intimo enlace com as demais partes do movimento que o precederam; é *continuado por sua continuação*, isto é, porque se renova depois da interrupção.

« São pois estas expressões sinónimas enquanto significam acções que se seguem umas a outras, por isso se confundem e usam promiscuamente ».

Lacerda não fala de *successivo*; dos outros dois vocábulos diz assim:

« É *contínuo* o que vai sendo o que era, ou se faz sem intervalos, nem descontinuação.

« É *continuado* o que foi interrompido, mas depois torna a ser o que era, ou a obra como obrava, ou a fazer-se como se fazia anteriormente.

« O movimento é *contínuo* quando a sua acção não cessa, nem se interrompe; é

« *continuado*, quando se renova depois de « interrompido.

Continuar, persistir, perseverar, insistir, proseguir. — *Continuar* significa, em geral, não cessar de fazer uma acção, ou permanecer em certo estado: **continhou a caminhar; continuou sentado.**

Persistir é *continuar*, mas *continuar* com energia ou teima, e sem se deixar intimidar por obstáculos nem imposições.

Perseverar é *continuar*, mas *continuar* com constância e valor, sem se cansar nem se desalentar.

Quem *persiste* pode ser vencido na contenda e não levar a acção até ao termo que se propuzera; quem *persevera* vai até esse termo, custe o que custar. — Assim, a *persistência* é relativa ao facto, e a *perseverança* ao facto e ao tempo.

Noutra ordem de idéas, *persistir* é um acto que se considera proveniente da vontade; *perseverar* pode dizer-se do acto filho da convicção, ou que é devido ao hábito ou à natureza do indivíduo.

Insistir é voltar novamente ao que se principiou e abandonou durante um intervalo. Às vezes, *insistir*, é o primeiro passo para *persistir*, e assim é que *persistir* é *insistir* com afôrro e empenho.

Comparando *continuar* com *proseguir*, nota-se que o primeiro conserva o seu sentido geral. Quando se diz que *se continua* alguma coisa, só ha uma idéa que se apresenta ao espirito, a de que a coisa que *se continua* foi principiada, mas ainda assim essa idéa é vaga e indeterminada. *Continua-se* uma obra, uma operação, um facto qualquer; *continua-se* uma guerra, um edificio, uma narração, uma conversação, qualquer empreendimento, etc.

Proseguir tem sentido mais determinado; revela que se tonda a um fim, quo so tem uma intenção, que ha um plano formado. *Uma nação continua a guerra que declarou ou lhe foi declarada*; isto é, sabemos quo faz ainda a guerra no momonto em que falamos, mas não sabemos se desistirá de ella amanhã. *Uma nação prosegue na guerra que declarou (não que lhe foi declarada)*, isto é, não desiste do fim que se propoz.

Eis como Roquete faia de estes vocábulos, principiando por comparar *continuar*, *perseverar*, *persistir* e *insistir*, e comparando em artigo aparte *continuar* com *proseguir*:

« Estes quatro verbos manifestam permanencia no modo do fazer as cousas. O « primeiro não indica nenhuma outra idéa; « mas os outros contêm algumas accessórias que os differencam do primeiro e o « lles entre si.

« *Continuar* nada mais significa que seguir procedendo ou obrando, como se pro- « cedia ou obrava antes.

« *Perseverar* significa manter-se con- « to na proseguição do já começado, sem « intenção nem disposição alguma a va- « riar.

« *Persistir*, permanecer, ou estar firme e « tenaz em uma cousa.

« *Insistir*, instar do todos os modos, por- « fiada o afeudadamente, em fazer ou iogar « uma cousa que nos propuzemos. Assim « que *insistir* tem significação mais forte « que *persistir*, este que *perseverar*, e *per- « severar* mais que *continuar*: — *Continua- « mos* por hábito; *perseveramos* por reflexão; « *persistimos* por apêgo: *insistimos* por tei- « ma ou obstinação. — Aquella pessoa que, « tendo adquirido o hábito da virtude, *con- « tinua* praticando-a, não é precisamente a « mais digna de estimação, enquanto o faz « só pelo costume. Mais confiança nos pode « inspirar aquelle que, persuadido intima- « mente dos fundamentos da virtude o de « seus henofícios, *persevera* constantemente « nella. Mais mérito alcança o que *persiste* « na virtude lutando com o impeto de suas « paixões, soffrendo as perseguições que lhe « suscitam os maus, e defendendo-se con- « tra seus malignos embates».

Eis o artigo em que compara *continuar* com *proseguir*:

« *Continuar* é levar adiante o que se ti- « nha começado, ou fazer sem interrupção « uma cousa que se fazia antes, ou prolon- « gar uma obra começada, quer se tome « quor se não tome do cansaço nella.

« *Proseguir* é seguir ávante, para o fim, « nos mesmos termos e disposição com que « se começou o trabalho. Esta palavra in- « dica mais exactidão na obra que a prece- « dente.

« A differença que parece existir entre « *continuar* e *proseguir* consiste em que a « primeira palavra refere-se á obra já feita « de qualquer modo que seja, e a segunda « ao que se tem que fazer até sua conciu- « são, seguindo exactamente a mesma idéa « e o mesmo modo de execução».

Lacerda incilio todos estes vocábulos, num só artigo em que diz:

« *Continuar* é ir fazendo o que se estava « a fazer, não interromper o começado.

« *Proseguir* é seguir ávante, continuar no « que so resolvera fazer.

« *Perseverar* é manter-se na execução do « intento tomado, ou da acção começada.

« *Persistir* é não desistir, mas continuar « firme no propósito feito, na opinião for- « mada.

« Emfim *insistir* é porfiar, instar com ob- « stinação.

« *Continuar* confunde-se geralmente no « uso comum com *proseguir*; assim como « tamhem de ordinário se confundem *per- « sistir* e *insistir*. Entretanto é certo que o « *continuar* é mais proprio do hábito, o *pro- « seguir* da reflexão, o *perseverar* da vontade deliberada, o *persistir* do apêgo ou

«afeição decidida, e o *insistir* da tenacidade».

Contradição, contradicta. —

As locuções *sem contradição* e *sem contradicta* apresentam uma diferença de sentido que merece ser tida em muita conta.

Aprovamos uma coisa sem contradição quando não nos convém contradizê-la ou opôrmo-nos a ella, apesar de termos razões para combatê-la: *aprova-mol-a sem contradicta* quando a evidencia nos obriga a aceitá-la, isto é, quando não temos razões com que combatê-la.

Contradictor, contradizente.

O *contradictor* contradiz quando ha motivo para contradizer.

O *contradizente* contradiz tudo, tem espirito de *contradição*.

Esta diferença, que é util observar, nem sempre é tida em conta pelos autores.

Contradizer, contrariar, desdizer. —

Contradizer denota opposição por meio de palavras.

Contrariar é opôr-se com factos. *Contraria* quem se opõe à vontade, ao desejo, às intenções de outrem; *contraria* quem impede o feito ou a execução de alguma coisa. — *Contrariar* tambem pôdo ter por sujeito um nome de coisa: o mau tempo *contrariou* as festas.

Desdizer só tem mayor sinonímia com *contradizer*.

Contradizer é, propriamente, dizer o contrario que outrem diz. — *Contradiz* quem pretende que as asserções de outrem sejam falsas: e tambem quem opõe a razões outras razões contrarias.

Desdizer é dizer o contrario do que antes se disse, ou retirar o dito. Quando *desdizer* tem por complemento um nome de pessoa, encerra mayor força e energia que *contradizer*, pois quem *contradiz* opõe um dito a outro dito, mas quem *desdiz* tem por não dito o que se disse. — O alcance de *desdizer* é muito mais extenso que o de *contradizer*, pois só se *contradiz* o que é presente ou já passado, ao passo que o efeito de *desdizer* estende-se até ao futuro, posto que significa retirar pela palavra uma promessa que se fez, desligar de um compromisso ou fazer suspender o juizo formado sobre uma declaração formal.

A mesma diferença existe entre os verbos *contradizer-se* e *desdizer-se*; aquelle significa dizer o contrario do que já se disse ou pelo menos dizer uma coisa que não está de acordo com outra precedente: este significa retirar uma promessa ou declaração anterior. *Um mentiroso contradiz-se*; *um homem de má fé desdiz-se*.

Contrario, opposto, contradictorio. —

Comparando primeiramente

contrario com *oposto*, vemos que este último vocábulo (derivado do latim *ab, diante*, e *positus*, posto) se diz propriamente do um objeto situado em frente de outro, isto é, de um objeto que está a um lado, em contraposição de outro que está do outro lado: o *norte* e o *sul* são pontos *opostos*. — Figuradamente, como quando se diz que os caracteres de Fuiano e de sua esposa são *opostos*, este vocábulo quer somente estabelecer diferença ou, quando muito, incompatibilidade.

Contrario (do latim *contra*, contra) qualifica o que está ou é *contra*, quer falando de pessoas, quer de cousas. Duas pessoas *contrarias* procuram combater-se, fazer-se mutuamente damno. Duas cousas *contrarias* tendem a um fim diametralmente oposto, e não se podem conciliar.

Contradictorio diz-se do que envolve *contradição*.

O *contrario* ostá na essencia das cousas: a maldade é o *contrario* da bondade porque ambas tendem a fins que se combatem. — O *oposto* está na colocação ou na tendencia para pontos diferentes: o *polo norte* está *oposto* ao *polo sul* porque estão a um e a outro lado do equador. A *clemencia* é *oposta* ao *rigor*, uma propendendo para o perdão, a outra para o castigo.

O *contradictorio* está na expressão verbal, como quando dizemos « quero e não quero ».

Comparando estes termos, diz Roquette:

« *Contradizer* vale tanto como *dizer contra*. Um afirma uma coisa, outro a nega; « de aqui resulta *contradição* entre ambos, « os quaes são *contradictores* respectivamente um ao outro. As proposições que sustentam serão *contrarias*.

« *Contradictorio* se refere em rigor ao que se diz, se disputa ou sustenta, e é *contrario* à natureza das cousas. O que num mesmo instante dissesse que faz frio e calor se *contradiria*; porém considerado o calor e o frio em si mesmo, veremos que são duas cousas *contrarias* uma à outra.

« *Contrário* é pois o que está contra ou é repugnante a outra coisa, o que damna, « prejudica; a inimizade ou opposição das pessoas ou cousas entre si.

« Em sentido lógico chamam-se proposições *contradictorias* aquellas que envolvem ou implicam *contradição*, porém « uma das quaes diz só quanto basta para « refutar a outra; taes são as seguintes: « *Todo homem é justo; algum homem não é justo*. E chamam-se *contrarias* aquellas « que se opõem de modo que uma diz mais « do que é necessario para refutar a outra; « taes são as seguintes: *Todo homem é justo; nenhum homem é justo*.

« *Opôr* é colocar uma coisa de modo que « ofereça um estorvo ou impedimento a outra; a *oposição* é a disposição das cousas « quando estão colocadas umas em frente

« das outras, assim como a *contrariedade* é « a repugnância que umas cousas têm a outras. São *opostas* as pessoas quando contradizem ou resistem ao que outro diz ou « faz.

« Resulta a *oposição* de se acharem as « cousas materiaes em diferente posição ou « direcção, e neste sentido a longitude é « *oposta* à latitude, o principio ao fim, o « *vice-versa*. Pela mesma analogia quando se « propõe qualquer razão ou discurso contra « outro chama-se *opôr*, e *opôr-se*, quando « empregamos razões o mellos para embarrasar uma cousa ».

Lacerda diz :

« *Oposto* é o que está posto ou colocado « de modo que oferece estorvo, embaraço, « Impede. São *opostas* as pessoas que resistem ao que outrem diz ou faz.

« *Contradictório* é o que se afirma em « *oposição* ao que outrem nega, ou se nega « em *oposição* ao que outrem afirma, ou que « está em *oposição* com o que a mesma pessoa afirmou ou negou.

« *Contrário* é o que está contra outra « *cousa*, ou lhe repugna. *O frio é contrario* « *ao calor*, *o brando ao duro* ».

Contrasenso, absurdo. — O *contrasenso*, propriamente dito, é o erro que se « *comete* ao exprimir o pensamento proprio, ou no modo de interpretar o pensamento alheio. Por extensão se diz do acto que se faz em *oposição* ao acto que se deverá fazer, sendo ambos diametralmente opostos um ao outro.

Absurdo é, propriamente, o acto impossivel de realizar, e figuradamente se diz de aquelle acto que é completamente contrario ao que de vera ser feito, aquelle prejudicando a este.

Contravir, transgredir, infringir, violar, desobedecer. — Todos estes verbos exprimem sob diferentes aspectos a acção de não se submeter ou sujeitar ao que está ordenado ou ao que se deveria fazer. — *Contravir, transgredir e infringir* consideram o modo como se desobedece e tambem o proprio objecto da desobediencia. — *Violar e desobedecer* têm idéa mais vaga, e consequentemente muito mais geral.

Desobedecer tem sentido negativo, mas a idéa que exprime não denota actividade. Quem *desobedece* não obedece, não se submete ás leis ou ás ordens, não se conforma com o que foi prescrito; o verbo porém não diz que o *desobediente* haja feito o contrario do que de vera fazer: não obrou *obedecendo*, mas não teve actividade em contrario, eis tudo. Quando a autoridade ordena que se limpem as frontarias das casas, têm os senhores o costume de fazer ouvidos de mercador; mas as mandam limpar, mas tambem as não mandam sujar: em primeiro lo-

gar porque isso algum diuheiro lhe custaria, e em segundo logar porque na maioria dos casos seria impossivel pol-as mais sujas; limitam-se portanto a *desobedecer*.

Violar tem particularmente um sentido activo o positivo, e encorra admais a idéa de *violencia*. Quem faz a acção de *violar* não só se recusa a obrar como está ou foi ordenado, subtraíndo-se aberta e audaciosamente ao que deveria fazer, mas faz o contrario do ordenado ou do que devera. *Violar* difere pois de *desobedecer* em indicar uma intervenção activa da vontade, e tambem em se dizer com relação a assumptos importantes, que não só não são attendidos, mas até *violentamente* desprezados. Não se pode *violiar* o domicilio do cidadão; não se deve *violiar* o direito das gentes. — **Desobedece-se** aos mandamentos da Igreja; **violam-se** os mandamentos da lei de Deus.

Contravir é, propriamente, vir em contra do que se de vera fazer. Este verbo applica-se sempre a um objecto particular, determinado, bem especificado. *Contravem-se* a lei, o regulamento, a ordem, quando se faz o contrario do que preceitua, ou — e neste caso o verbo aproxima-se de *desobedecer*, mas difere de elle em apresentar como activa a negação á obediencia — quando não se lhes obedece. A lei ordena que nenhum vehiculo circule de noite sem levar luz, mas por essas estradas fora todos ou quasi todos *contravem* a esse regulamento.

Transgredir significa propriamente ir além dos limites permitidos, e por extensão, applica-se para designar o acto de ultrapassar o que é licito. Quando o medico nos ordena determinada dieta não devemos *transgredir* o limite que nos marcou.

Infringir é o verbo que melhor convém aplicar aos actos cuja realisação não se concreta a menosprezar o que está ordenado, mas que vai afectar os interesses de muitos ou ofender a moral. *Infringe-se* o que se considera como obrigatorio para todos, o que pode mesmo ser considerado como util para nós.

Roque nada diz de estes verbos e limitando-se a comparar *contravenção* com *desobediencia*. Diz assim:

« Designam, geralmente falando, estas « duas palavras a acção de separar-se, de « *ir contra* o que está mandado, mas differenciam-se da manolra seguinte:

« A *contravenção* é a acção ou omissão « contraria ás disposições de uma lei, de um « regulamento, de uma obrigação contraiada « ou imposta de fazer ou observar qualquer « cousa.

« A *desobediencia* consiste em recusar-se « ou resistir ao que tem direito ou poder de « mandar.

« A *contravenção* refere-se á lei; a *desobediencia* ás pessoas. **Contravem-se** a

« uma lei desobedecendo a uma autoridade ».

Lacerda diz apenas :

« A contravenção tem referencia ás cousas, a desobediencia ás pessoas. A contravenção é a infracção da lei, etc. A desobediencia é a falta de execução á ordem superior.

Contribuição, imposto, tributo, direitos, taxa, subsídio.—Contribuição é a quantia que o cidadão tem de ceder ao Estado para contribuir para a conservação e progresso do Estado. Ha **contribuições directas, contribuições indirectas, contribuições ordinarias, contribuições extraordinarias**, e até **contribuições de guerra** impostas pelos invasores.

Quando a contribuição se encara como um ônus que é imposto pelo governo recebe frequentemente o nome de imposto. O cidadão está obrigado a pagar as **contribuições**. Os governos das nações mal administradas vêem-se obrigados a aumentar constantemente os **impostos**.—Mas a palavra imposto tem um sentido particular em que não pode confundir-se com contribuição, e é que a contribuição corresponde a todos os contribuintes, o o imposto grava só determinados individuos por fazerem uso de determinadas cousas. Deverá estabelecer-se um **imposto** (não uma **contribuição**) sobre o rendimento.

Tributo e contribuição são a mesma palavra em duas formas diferentes, a sua etimologia ou derivação sendo absolutamente idéntica. Na significação porém estes vocábulos distinguem-se porque o tributo é tudo aquilo com que o contribuinte contribue para o Estado, seja qual for a sua natureza. Ha a **contribuição predial** que é um **tributo**; ha o **tributo de sangue** que não é uma **contribuição**.

Direitos é a quantia que os gêneros pagam ou para entrarem do estrangeiro na nação, ou para sair da nação para o estrangeiro, ou para dos pontos de procedencia entrarem nas povoações. Ha **direitos de importação, direitos de exportação, direitos de consumo**.

Taxa é o que se deve pagar ao Estado por determinados serviços que elle presta: **taxa telegráfica, taxa postal**.

Subsídio é uma como contribuição suplementar imposta em casos extraordinarios e que se considera como voluntaria por tacitamente se comprehender que o patriotismo do cidadão não lhe consente de se recusar a pagal-a. A **taxa da correspondencia postal** pode ser sobrecarregada com um **subsídio** em caso de guerra.

Roquete compara os vocábulos **contribuição, imposto, tributo e subsídio**, com outro menos usado, **derrama**, de que já falámos

no artigo **Congrua** (página 295), e com o antigo vocábulo **páreas**. Diz assim :

« Forçosa cousa é que os que disfrutam os benefícios da sociedade contrihiam para os gastos que o governo necessita fazer para defesa do paiz, assim como para o desenvolvimento da riqueza pública. Tai é a origem e o motivo das **contribuições**, sem as quaes não poderiam de modo algum formar-se nem sustentar-se as nações.

« A natureza do imposto tem íntima relação com as diversas formas de governo, com a legislação e costumes dos séculos, pelo que muito hão variado estes impostos, sua forma e modo de execução, os nomes e distincções de elles, e a egualdade e desigualdade entre os contribuintes, etc. Sem entrarmos em todas estas particularidades, examinaremos sómente a differença que ha entre os mais conhecidos, e suas significações.

« Contribuição é um nome genérico que abraça tudo aquilo com que, de qualquer modo que seja, se acode á defesa e sustentação do Estado, pois além da contribuição pecuniaria ha tamhem a chamada de sangue, pela qual o cidadão tem que acudir á defesa da patria. Define-se geralmente a **contribuição**, dizendo que é a quota que cada um dos contribuintes paga, segundo as regras estabelecidas, para acudir aos gastos que a comunidade tem que fazer para conseguir o fim que se ha proposto. Querem alguns que seja uma imposição extraordinaria para acudir a um gasto público, principalmente em tempo de guerra; mas este não pode ser seu primitivo e genérico sentido, pois toda **contribuição** deve ser geral, ordinaria e permanente entre todos os associados ou cidadãos.

« Com a palavra **contribuição** coincide a de **imposto**, que vem do latim *impositum*, e significa posto em cima ou sobre alguma cousa. **Imposição** é o acto de **impôr**, e o **imposto**, considerado com relação a este acto, vem a ser tambem termo genérico que exprime a totalidade dos encargos que formam as rendas do Estado; e assim se diz que estamos carregados de **impostos**, comprehendendo de este modo todas as **contribuições**.

« **Tributo** vem do *tributum*, e esta palavra, segundo Covarrubias, deriva-se do **imposto** que pagavam em Roma as diferentes tribus que formavam a reunião dos cidadãos romanos. Define-se geralmente o **tributo** dizendo que é a quantia de que paga o vassallo ao senhor em reconhecimento do dominio de este; e chama-se **tributario** ao que paga **tributo**. Considera-se igualmente o **tributo** como um direito concedido ao soberano sobre todos os que estão sujeitos á sua obediencia segundo as leis, convenios, etc.

« *Derrama*, palavra mui conhecida antigamente, é hoje em dia pouco usada, e significa um imposto ou finta eventual, pelo comum arbitrariedade e ainda violenta, regularmente exigida por inimigo ou conquistador; e às vezes pelas câmaras para perfazer a quebra, ou falha que teve certa renda ou tributo que cabalmente se deve dar á corda.

« *Páreas* são o tributo que um príncipe ou Estado paga a outro, em reconhecimento de obediência ou vassalagem.

« *Subsidio*, do latim *subsidium* que significa reforço, ajuda, socorro, auxilio, vem a ser o nome de um imposto temporario e extraordinario; o qual, ainda que pareça voluntario é forcoso, pois que se exige em virtude de uma lei em casos extraordinarios, e ás vezes fica para sempre, como o *subsidio* literario em Portugal ».

É de esses mesmos vocabulos que fala Lacerda, dizendo:

« *Contribuição* designa tudo aquilo com que, de qualquer modo, se contribue ou se acode ás constantes precisões do Estado para sua sustentação, defesa ou aperfeiçoamento.

« *Imposto* é a quota que são obrigados a pagar os membros da sociedade para as suas despesas extraordinarias, e que é uma especie de encargo que a todos se lhes impõe.

« *Tributo* é o que o vassallo paga ao senhor como para reconhecer o dominio de este, e para que elle possa manter-se digna e convenientemente ao bem comum.

« *Derrama* é o imposto ou finta, que se reparte entre os cidadãos para prefazer a quebra ou falha de alguma contribuição ou tributo.

« *Páreas* é o tributo que um príncipe ou reino paga a outro em sinal de dependencia ou vassalagem.

« *Subsidio*, segundo a origem latina, designa o reforço, ou ajuda pecuniaria; com que se auxilia, em casos extraordinarios, e voluntaria ou involuntariamente, o governo para um fim urgente, mas determinado ».

Contristado, triste, entristecido, mortificado, afflicto, ralado. — *Contristado* e *triste* differenciam-se: 1.º em *contristado* se dizer sómente com relação aos males que não nos tocam directamente, ao passo que *triste* se diz não só com relação a esses, mas tambem com relação áquelles que nos são pessoas; 2.º em que *contristado* indica um estado menos affectado de tristeza que aquelle que se qualifica de *triste*. Ficamos *contristados* ao ter conhecimento de uma desgraça succedida a alguem que estimamos; qualquer distração nos faz porém olvidar essa circumstancia e readquirir o nosso estado habitual.

Ficamos *tristes* quando perdemos alguma cousa que muito estimamos, e só os dias que forem passando poderão apagar pouco a pouco a nossa tristeza.

Entristecido, sugerindo a idéa do estado livre de tristeza que foi anterior ao actual, é vocabulo que encarece sobre *triste*, e parece corresponder a uma tristeza prolongada, que só desaparece muito lentamente. Um dia sombrio faz-nos andar *tristes*, mas não *entristecidos*. A perda de um bem que possuíamos faz-nos andar *entristecidos* ou *tristes*.

Mortificado diz-se propriamente do estado em que nos coloca o nosso amor proprio ofendido ou humilhado. Estamos *mortificados* sempre que por culpa nossa, ou pela alheia, nos vemos obrigados a faltar a algum compromisso, ou não podemos apresentar-nos tão decorosamente como de costume.

Afflito diz-se do nosso animo quando um mal presente nos ataca pessoalmente, quer directamente em nossa pessoa, quer indirectamente na pessoa de quem, pela amizade ou pelos laços que a ella nos unem, faz cem que consideremos seu mal como nosso. — A mesma significação tem *ralado*, mas essa significação é muito menos intensa, pois aquilo por que estamos *afritos* parece-nos ser irremediavel, ao passo que aquilo por que estamos *ralados* pode ser cousa de pouca ontidade.

Roqueete não compara nenhum de estes adjetivos. Fala de *afflicção*, *tristeza*, *pena* e *enfado*, dizendo:

« A *tristeza* é uma situação continuada do animo; a *afflicção* é uma circumstancia accidentai que sobrevem ao animo, e o occupa por algum tempo. — O infeliz, occupado continuamente de sua desgraça, está *triste*. Uma boa mãe *afflige-se* sempre que se lembra da prematura perda de seu filho. — O effeito que causa no primeiro momento a perda de um paiz amado, é *afflicção*; a situação desagradavel em que fica depois o animo por algum tempo, é *tristeza*. De aquí vem que ba génios naturalmente *tristes*, e não naturalmente *afogados*, porque esta expressão explica uma situação continuada do animo, não um effeito accidentai do sentimento.

« A *pena* é um tormento de espirito mais profundo e duradouro quo a *afflicção*; supe ás vezes causa inferior formada por trabalhos successivos ou desgraças continuadas. As *penas* acabam lentamente com o que as padece e não as pode remediar. — O *enfado* é momentâneo; nem necessita muitas vezes de causa nem motivo; costuma nascer de um genio vivo e arrebatado ».

« Mais adiante continúa Roqueete a comparar *afflicção*, *pesar*, *mágoa*, *consternação* e *dôr*, dizendo:

« Todos estes vocabulos exprimem o es-

« tade de sofrimento do ânimo affectado por
« um sentimento desagradável e penoso,
« mais ou menos intenso, de mayor ou me-
« nor duração, do que *dôr* é o género e os
« outros as especies.

« Todo o sentimento penoso, nascido da
« presença ou apreensão do mal, que afec-
« ta o homem, é *dôr*. A *dôr* moral afecta o
« ânimo do mesmo modo que a *dôr* física
« atormenta o corpo.

« A *aflicção* é um estado doloroso do âni-
« mo em que se acha o homem quando vê
« destruída sua felicidade, ou se vê priva-
« do do caro objecto de seu amor. Por fortu-
« na a *aflicção* é um estado transitorio e não
« permanente.

« *Pesar* é uma *dôr* menos viva procedida
« do conhecimento de pecados ou de cousa
« mal feita; é um sentimento interior que
« fatiga o ânimo, e ás vezes o leva ao arre-
« pimento.

« *Mágoa* é a *aflicção* já mitigada, ou para
« molhor dizer, os vestígios dolorosos que
« ella deixa no ânimo, que insensivelmente
« se vão suavizando até que só fica a sau-
« dade do objecto amado.

« A *consternação* é a conturbação grande
« do ânimo á vista ou em proximidade de
« algum grande mal que do súbito fere o
« espirito do homem o lhe abate as forças
« e inspira desalento.

« A *aflicção*, o *pesar*, a *mágoa* não desdou-
« ram um ânimo varonil, antes são provas
« de coração sensível; a *consternação* não
« cabe em peitos fortes, e só de ânimos
« apoucados é apanágio ».

Lacerda, de vocábulos que mais ou me-
nos se relacionem com os quo aquí compa-
ramos, diz apenas :

« O vocábulo *dôr* é o género que compre-
« hende as especies designadas pelos ou-
« tros vocábulos.

« *Dôr* é o sentimento penoso, que nasce
« da representação do mal que nos co-
« move.

« *Aflicção* é o estado penoso em que nos
« achamos quando em nós actúa fortemente
« a idéa de algum mal que presumimos des-
« truir a nossa felicidade.

« *Pesar* é o sentimento desagradável que
« resulta de alguma acção, que desejaria-
« mos não ter praticado.

« *Mágoa* é *aflicção* que não nos afecta tão
« vivamente.

« *Consternação* é um effeito da *dôr*, quan-
« do a presença ou proximidade do mal,
« perturbando-nos, nos priva das forças, e
« nos abate a coragem ».

— Veja-se tambem o nosso artigo **Amlicção**, nas páginas 47 e 48.

Controversia, polémica.—Tanto a *controversia* como a *polémica* podem sor oraes ou por escrito. No que a *controversia* difere da *polémica* é: 1.º A *polémica* é fria, sensata, cortez; a *controversia* é acalorada,

arrobatada ás vezes, descortez muito frequentemente. 2.º A *controversia* versa sobre religião, politica ou moral; a *polémica* tem quasi sempre por objecto questões de arte ou de ciencia.

Contubernio, convivencia, intimidade, familiaridade.—A *familiaridade* consiste no modo habitual de falar despretenciosamente a alguém e de obrar para com essa pessoa como se fala ou se obra em familia, com toda a liberdade, e sem mais payas que as que exige a educação ou o estado das pessoas que têm *familiaridade* entre si. Na palavra *familiaridade* não cabe a idéa de nada ilícito nem censurável, apesar de ella poder dar-se em todos os estados e em todas as condições.

A *intimidade* consiste numa *familiaridade* discreta, mas confiante, em que predomina a amizade e em que não ha cerimoniaes de especie alguma. Quando as pessoas que têm *familiaridade* entre si são de condições diferentes, pode dar-se algumas vezes que uma se valha da sua superioridade para impôr-se, e que a outra esqueça a sua inferioridade para empayonar-se; ao passo que a *intimidade*, egualando as condições, faz reinar entre os *intimos* um mútuo respeito quo ajuda a manter as boas relações.

A *convivencia* é o facto de umas pessoas estarem a miludo com outras, sem que do vocábulo se depreenda nenhuma idéa accessoria. Na *convivencia* pode haver ou não *familiaridade*, ainda que seja monos comum não haver-a.

Contubernio (do latim *contubernium*, união dos escravos entre si ou das pessoas livres com os escravos) diz-se de uma *convivencia* do cama o mesa em que a *familiaridade* é excessiva. É vocábulo que o mais das vezes se pode tomar á má parte.

Contumacia, teimosia, obstinação.—Concordam estas palavras em designar aquella persistencia que ás vezes se tem em sustentar um erro.

Na *obstinação* não ha razões que nos desmovam. Na *teimosia* não se atende ás razões que nos expõem. Na *contumacia* rebatemos as razões expostas.

A *obstinação* é uma cegueira do espirito. A *teimosia* é um empenho tenaz. A *contumacia* é uma convicção absurda.

Veja-se o artigo **Birra, teima**, na página 176.

Roqueto compara *obstinação* com *teima* e com *perlinacia*. Diz assim:

« Confundem-se ordinariamente estos vocábulos, o casos ha em que se podem usar « indistintamente; contudo pode-se o mais « das vezes entre olles estabelecer a se- « guinte diferença.

« A *perlinacia* é vizinha da perseverança, como disse Cícero:—*Perlinacia perse-*

« *verantia finitima est* (DE INV. II, 54). — To-
ma-se em boa e em má parte, mas quasi
sempre em má, e pode definir-se, perse-
verança teimosa no erro e de má fé, afér-
ro à sua opinião errônea; por isso disse
Vieira, falando dos herejes: — a **per-
tina**cia de **errar**.

« A **obstinação** é o efeito de uma falsa
convicção, fortemente impressa no ân-
mo, ou de um empenho voluntário com
determinado Interesse. É **teima** não ne-
cessita do Interesse nem de convicção,
hásta o amor próprio mal entendido; é
um defeito adquirido ou arraigado pela
educação, ou inherente à pessoa inclina-
da, a contradizer a opinião ou vontade
alheia, e a sustentar a sua.

« É **pertinaz** o que persiste é persevera
afincadamente numa resolução como que
se compraz no erro, e não quer ahrir os
olhos à luz da verdade. É **obstinado** em
seu erro aquelle a quem não convencem
as razões mais claras e evidentes. É **tei-
moso** o que, convencido das razões, não
cede a ellas. É **pertinaz** o hereje que não
quer sujeitar-se à autoridade da Igreja,
e persiste de má fé em seu erro. Está
obstinado o réo que nega seu delicto, por
medo do castigo. É **teimoso** um rapaz mal
educado por pura malignidade de seu vi-
ciado carácter.

Lacerda também compara **pertinacia** com
obstinação, e a ambas com **teima**, pela forma
seguinte:

« Em geral tomam-se estas palavras si-
nónimamente; mas ha entre ellas diferen-
ça, posto que não muito fácil de deter-
minar.

« **Pertinacia** refere-se mais propriamente
ao juízo, ás opiniões: a **pertinacia** dos
herejes.

« A **obstinação** refere-se especialemente á
vontade, e ao procedimento moral: a **ob-
stinação** dos peccadores.

« A **pertinacia** é porfiosa; a **obstinação** é
inflexível. A **pertinacia** supõe tenacidade
do juízo; a **obstinação** supõe dureza, e in-
corrigível depravação da vontade. — O ho-
mem **pertinaz** não se convence. O homem
obstinado não se persuade.

« **Teima** é a contumacia nascida do amor
próprio mal entendido; é um defeito de
educação que nos leva a antepôr a pro-
pria vontade á vontade alheia. O **teimoso**
não se dá nunca por convencido.

Contumelia, injúria, offensa.

— A **contumelia** fere a honra alheia, e oquiva-
le a **offensa**, **injúria**, insulto. (Veja-se o
artigo **Afronta**, na página 49).

A **injúria** (*in-jus*) offende o direito e equiva-
le a injustiça. Uma agressão pugilática
constitue **injúria** por ser um atentado con-
tra uma pessoa livre, que tem jus ao *ha-
beas corpus*; a ossa agressão constitue ao
mesmo tempo **contumelia** porque fere a hon-

ra, pois o padecente soffreria fama de co-
barde se não se desforrasse de aquelle ul-
trage.

Casos ha em que **injúria** diz mais que
contumelia, e vice-versa, segundo o ponto
de vista sob o qual se considera ao autor
do facto.

Offensa apenas é muitas vezes o resulta-
do de uma acção indilscrta ou impensada,
mas não hostil.

Contusão, ecchymose. — Concor-
dam estes vocábulos em designar a lesão
causada em qualquer parte do corpo pelo
contacto violento do um corpo contunden-
te, mas sem destruição da pele.

Contusão designa mais particularmente,
não o acto que produz a lesão, mas o seu
efeito immediato.

Equimose diz-se do resultado do aquelle
acto, isto é: do efeito visível produzido
pela **contusão**.

As vezes **contusão** diz-se por **equimose**,
mas nesse caso **contusão** só se pode dizer
do uma lesão insignificante.

Convenção, convênio, accordo, pacto, tratado, contrato, ajuste.

— A idéa común a estes vocábulos é a que
representa a combinação feita entre duas
ou mais pessoas que assentam mutuamen-
te em alguma cousa.

Convenção é o termo com que melhor se
pode designar a combinação feita entre
pessoas que, tendo vistas ou interesses di-
ferentes, e não podendo lograr o appetido
em attenção á opposição que umas movem ás
outras, vêm a um **acôrdo** cedendo cada uma
algo das suas pretensões. Fazem-se **con-
venções** políticas e internacionais, assim
como se fazem **convenções** entre parti-
culares.

Convênio é o mesmo que **convenção**, mas
como termo castelhano é menos usado en-
tre nós. Dizemos: a **convenção** de Ero-
ra-Monte e o **convênio** de Vergara.

No vocábulo **acôrdo** predomina particu-
larmente a idéa de cessação de hostilida-
des ou de **desacôrdo**. Quando este termo se
emprega, como é muito vulgar, para desig-
nar uma concordancia de sentimentos que
nunca deixou de existir, desconhece-se-lhe
a significação. O **acôrdo** só pode reinar de-
pois de cessar o **desacôrdo**; onde nunca hou-
ve **desacôrdo** o que sempre reina é a har-
monia.

O **pacto** é uma **convenção** formal em que
cada pactario declara renunciar ao direito
do romper o **pactado**; é um compromisso
que fica obrigatorio para cada um dos que
nelle tomam parte, ainda quando não to-
nha sancção legal—não a podendo mesmo
tor quando, como frequentemente succede,
o **pacto** se faz sobre cousas cuja sancção é
superior ao alcance das leis humanas. É
precisamente em virtude do carácter de

immutabilidade que o *pacto* reveste que este termo se presta a ser tomado a má parte, como quando se diz *fazer um pacto com o diabo*; **pactuar** com os inimigos da patria, etc.

Tratado é a *convenção* cujos pontos e artigos são debatidos antes de se aceitarem. Este vocábulo presta-se melhor que os outros, e em razão das formalidades que precedem o que elle exprime, para referir-o a assuntos importantes, dignos de debate sério, o cuja ultimização nunca pode deixar de ser precedida de discussões e negociações prévias.

Contrato é uma *convenção* feita com formalidades legais que obrigam mutuamente os *contratantes* perante a lei.

Ajuste é termo commercial o não commercial que apenas diz que entre quem *ajusta* se debatem quaesquer pretensões que podem ou não terminar numa *convenção*, num *contrato*, ou numa compra ou venda. — É termo muito usual, mas não designa nada de puramente positivo.

Roquete compara entre si *convenção*, *pacto*, *contrato* e *tratado*, dizendo:

« Quando duas ou mais pessoas convêm entre si em alguma cousa, e se obrigam a cumpri-la, chama-se a esse acto e ao *ajuste* que de elle resulta uma *convenção*; é menos que *pacto*, porque este é uma *convenção* que sempre provém de obrigação legal e produz direitos reciprocos.

« *Contrato* é uma especie de *convenção* do que resultam diretos, obrigações e acções civis, e como tal sujeito ás leis que regem a sociedade.

« *Tratado* é a *convenção* e *ajuste* solemne que fazem entre si dois ou mais Estados, ou príncipes soberanos, que tem força de lei, e forma o direito internacional dos povos».

Lacerda fala tão deficientemente como Roquete de esses mesmos vocábulos; diz assim:

« *Convenção* é termo genérico, e designa o acto pelo qual duas ou mais pessoas convêm entre si em alguma cousa: designa também o proprio *ajuste*.

« *Pacto* é a *convenção* de que resultam diretos e obrigações reciprocas.

« *Contrato* tem referencia ao direito civil, e designa certa especie de *convenção*, donde procedem acções civis.

« *Tratado* é a *convenção* feita entre dois ou mais príncipes ou Estados».

O vocábulo *pacto* proporcionala aos citados sinonimistas ensejo para falarem de *convenção*.

Roquete exprime-se assim:

« *Convenio* é menos que *pacto*. O *convenio* é o desejo mútuo de duas ou mais pessoas para fazerem voluntariamente alguma cousa, porém sem que as ligue a lei nem tenham outros laços que este mesmo desejo e sua consciencia. O *pacto* provém

« sempre de uma obrigação legal.—O *convenio* supõe vontade reciproca; o *pacto*, reciproca obrigação.

É o mesmo que diz Lacerda:

« *Pacto* é o ajuste entre duas ou mais pessoas para fazerem alguma cousa.

« *Convenio* é o desejo manifestado mutuamente por duas ou mais pessoas de concordarem entre si para fazerem alguma cousa.

« *Pacto* é mais do que *convenio*.—O *pacto* supõe obrigação reciproca; mas o *convenio* supõe somente reciproca vontade».

Conveniente, decente, decoroso, honrado. — Compararemos estes adjetivos na accepção em que elles são relativos ás maneiras, aos costumes, ao trato social.

Conveniente é uma expressão genérica que se applica a tudo quanto está em conformidade com o bem, seja qual fôr o aspecto sob o qual se encare a cousa que de *conveniente* é qualificada.

Decente diz-se do que é *conveniente* com relação ás regras da moral exterior, das convenções sociaes, do respeito que todos nos devemos a nós proprios e aos outros.

Decoroso diz-se com relação ás regras do uso, da civilidade, da sociedade; o que é *decoroso* fica-nos bem, e contribue a que façam boa opinião de nós.

Mas *conveniente*, *decente* e *decoroso*, qualificam só o que é exterior; não podem qualificar, como *honrado*, o que é puramente interior. Assim é que *nem todas as pessoas decentes são honradas*, como muito bem pode dar-se que *nem todas as honradas sejam decentes*.

Conveniente, vantajoso. — O que é *conveniente* ajuda a conservar o bem que se tem, ou proporciona aquelle que se pretende.

O que é *vantajoso* traz consigo bens que não se têm, ou a que, em regra, não era lícito aspirar. — *Uma proposição conveniente não vae em contra dos nossos interesses. Uma proposição vantajosa melhora consideravelmente os interesses da pessoa a quem ella é feita.*

Conversação, conversa, cavaço, cavaqueira, palestra, colloquio, conferencia, dialogo. — Designam estes substantivos o acto de duas ou mais pessoas se communicarem mutuamente as suas idéas.

Conversação é termo muito usual que não tem nenhum sentido determinado, nem limite possível. Na *conversação* tratam-se todos os assuntos, e tratam-se sobre todas as formas. *Ha conversações agradáveis, conversações sérias, conversações interessantes, conversações insipidas.*

A palavra *conversa* não nos parece ser um sinónimo tão perfeito de *conversação* como o querem todos os dicionários da língua; se em muitos casos os dois termos se empregam indistintamente, nem isso quer dizer que se empreguem com propriedade, nem que o abuso de muitos seja de tolher o bom uso de alguns. Para nós, *conversa* é termo muito mais determinado que *conversação*, e deve dizer-se de aquella *conversação* que um limitado número de pessoas tem entre si para tratar de determinado assunto, geralmente importante. A *conversação* serve às vezes só para passar o tempo ou para mera distração; e a *conversa* tem por fim discutir, instruir-se, ou tratar de um negocio. — Tanto isto está na essência da palavra que, ao passo que ouvimos dizer mil vezes: — *Fulano tem uma conversação agradável*, nunca ouvimos dizer: — *Fulano tem uma conversa agradável*. — Ademais, não pretendemos, à vista de tantas opiniões contrárias, dar esta opinião como boa; damos-a como nossa, e nada mais (!).

Cavaco é a *conversação* agradável, simples e despretenciosa que se tem, geralmente, entre pessoas da mesma esfera. — Esta palavra é essencialmente portugueza e a sua origem — que não sabemos haver sido indagada por nenhum etimologista — parece-nos não ser alheia a idéa de « conversação que se tem ao lume, ao calor do cavaco que arde na lareira ».

Cavaqueira é o *cavaco* prolongado.

Palestra, vocábulo que familiarmente se diz por *cavaco*, tem significação muito diferente, pois designa particularmente a discussão que versa sobre algum ponto literário, artístico ou científico.

Coloquio (do latim *colloquium* — *loqui cum* — em contraposição do *alloquium* — *loqui ad*) é a conversação em que alternativamente falam duas pessoas, cada uma depois de a outra baver parado. No *coloquio* predomina a idéa de controversia ou debate de opiniões diferentes.

Conferencia é vocábulo que, como *preleção*, tanto pode designar o discurso de um só, como designar a reunião em que duas ou mais pessoas discorrem sobre assunto determinado. No sentido em que este termo se considera como sinónimo dos outros do presente grupo, significa a *conversa* que se tem entre varias pessoas para assentar no que se deve fazer nas circumstancias de que se trata.

Diálogo diz-se particularmente da conversação que um autor faz ter ás personagens que apresenta. Extensivamente, e em

oposição a *monólogo*, é a designação do decorrer da acção de uma obra dramática quando na cena ha mais de um actor. — Na linguagem usual, *diálogo* é a *conversação* considerada em quanto á forma que affecta. Assim, de duas pessoas que falam com certo calor se diz que tem entre si um *diálogo animado*. — Também quando a *conversação* se aprecia desde o ponto de vista literário ou gramatical cabe muito bem empregar o termo *diálogo*.

Roquete apenas fala de *conversação* e *conversar* que compara com *praticar*, *palrar*, *parolar*, *chalrar*, *galrar* e *cuchichar*. Diz assim:

« De todos estes modos se fala, mas muito diferem entre si taes modos de falar.

« A *conversação* é um trato de palavras familiar e amigável entre duas ou mais pessoas, sobre assuntos varios, indifferentes ou de algum interesse. *Conversa-se* para recrear-se, instruir-se, divertir-se.

« A *conversação* tem suas regras, cujo conhecimento faz parte da boa educação.

« *Praticar* é *conversar* e conferir, mais principalmente tratando de qualquer matéria ou negocio importante. *Prática* significa pois mais que *conversação*; esta pode ser festiva, alegre, ligeira, superficial; aquella supõe formalidade, seriedade, importancia e interesse.

« *Palrar* ou *parlar*, do francez *parler*, é *conversar* com sultura e desembaraço. Esta expressão indica muitas vezes excesso de falar, pouca consideração no que se diz, loquacidade importuna e até indisciplinada. O *palrador* é um falador desatento a quem escapam muitas expressões importunas e inconsideradas, em que se descobrem ás vezes segredos e particularidades que não deveriam saber-se.

« *Parolar* é usar de parola e palavrorio, falar no ar, levianamente e talvez com jactancia (!).

« *Charlar* é falar sem sustancia, fora de propósito, por passatempo ou por levianidade.

« *Galrar* ou *garlar* é falar muito, sem discrição, e ás vezes sem modestia e com ar enfonado (!).

« *Cuchichar* é falar ao ouvido a alguém diante de outros. As mulheres que não são prudentes e bem educadas, estão sujeitas ao vicio de *cuchichar* e dizer segredinhos entre si, já por ociosidade, já por vaidade, e ás vezes por malignidade. Mais reprebensivel é ainda o hábito que têm algumas donzelas que, enfiando-se com a conversação de suas mães e pessoas sérias, se retiram á parte para *cuchicharem*

(1) Diremos ainda que não acertada nos parece a distincção que fazemos entre «conversação» e «conversa» que, a não observarmos, não vemos na lingua portugueza nenhum outro vocábulo que possa, como este, ser o equivalente do termo francez «entretien», a cuja idéa corresponde.

(1) «Parolar» toma-se mais frequentemente por «cavaqueira».

(2) A forma «galrar» é a única admitida: significa numa das suas accepções «falar á toa», e na outra «blasphemar».

[(Notas do A.)]

« entre si. *Cuchiehar* é voz intimativa, e os « que a derivam do canto do cochicho es- « crevem *cochiehar*; porém em espanhol « se escreve *cuchiehar*, que muito se pare- « ce com o *chuchoter* francez ».

Lacerda compara primeiramente os vo- « cábulos *conversação*, *prática*, *colóquio* e *diá- « logo* na forma seguinte:

« *Conversação* é o trato familiar entre « duas ou mais pessoas por meio da pala- « vra acerca de quaesquer objetos ou as- « suntos.

« *Prática* é um discurso sobre matéria do « algum momento.

« *Colóquio* é um discurso reflectido, que « tem por objeto matéria grave e doutrinal.

« *Diálogo* é termo geuérico, e se refere « ás três especíes indicadas; mas designa « de modo especial a maneira de *prática*. « rem as pessoas que figuram em algum dis- « curso.

Depois compara *conversar* com *praticar*, « de cujas palavras diz:

« *Praticar* é conferir, tratar da palavra « com alguém, uma ou mais pessoas, acer- « ca de matéria ou negocio de alguma pon- « deração.

« *Conversar* é tratar de palavra com al- « guém, familiar e amigavelmente, seja do « que fôr, quer a matéria seja de importan- « cia, quer seja indifferente.

« *Pratica-se* com formalidade, por motivo « sério. *Conversa-se* para recreio, e para fim « grave ou proveitoso. — Assim *praticar* « tem mayor intensão, e *conversar* mayor « extensão ».

Conversão, abjuração. — Estes substantivos são antónimos perfeitos por- « que designam mudanças diametralmente « opostas, pois quem se converte — se a sua « *conversão* não tem por móbil o interesse, « como muitas vezes succede, sendo neste « último caso a *conversão* apenas aparente e « não real —, *converte-se* para o que julga ser « a verdade; e quem *abjura* faz *abjuração* do « que julga ser o erro. — Os dois actos porém « são simultâneos, a *conversão* consistindo na « propria *abjuração*, e vice-versa, do que re- « sulta serem sinónimos estes dois antóni- « mos.

A *conversão* consiste no que se abraça; « a *abjuração*, no que se rechassa. *Converte- « mo-nos* ao bem; *abjuramos* do mal.

Conversão, transmutação, metamorphose, transfiguração. — O vocábulo *trans- « formação* pertence á linguagem usual e « applica-se a qualquer mudança natural; a « *transmutação* da flor em fruto. — Diz- « se tambem do que é moral: *Fulano já não « parece o mesmo doidivanas*; a sua *trans- « formação* foi completa.

Conversão é vocábulo que pertence tam- « bem á linguagem corrente, mas é menos

usual que *transformação*. Diz-se de aquilo « que, sem mudar de substancia, muda ou de « forma ou de qualidade: a *conversão* de « uma barra de prata em moeda cunhada; a « *conversão* do ferro em aço.

Transmutação é vocábulo privativo, e de- « signa mudança de substancia: O problema « que pretendiam resolver os alquimistas era o « da *transmutação* dos metaes em ouro.

Metamorphose é uma mudança extraordi- « naria, uma *transformação* completa, que « modifica notavelmente o sujeito, e que se « considera — mas tão só na linguagem usual — como maravilhosa e suspreendente: a « mulher de Lot transformada em estátua de « sal é uma *metamorphose*. A *meta- « morphose* dos companheiros de Ulisses em « cerdos foi devida a Circe. — Na linguagem « usual, e até na scientifica, este vocábulo « diz-se das grandes *transformações* quando « nellas se considera a força misteriosa mas « natural que as opera: a *metamorphose* « das larvas. — No sentido moral *metamorphose* « diz-se das *transformações* radicaes: *Tartu- « fo convertido em homem honrado* seria uma « *metamorphose* nuaa vista.

Transfiguração é a mudança de uma fi- « gura em outra; a *transfiguração* não afecta « a essencia ou natureza da cousa, mas alte- « ra-lhe o aspecto, a forma, a figura. Assim « diz-se que uma cidade sofre *transfigura- « ções* quando nella ha melhoramentos im- « portantes que lhe alteram a planta primitiva. « — O evangelho fala da *transfiguração* « de Jesus no monte Thabor.

Roquefe apenas compara *transfiguração* « e *transformação*. Diz assim:

« Sendo a *transfiguração* a mudança de « uma figura em outra, e a *transformação* a « mudança de uma forma em outra, haverá « portanto entre estes dois termos uma di- « ferença análoga á que notámos naquel- « les (1). — A primeira encerra mudança na « figura, no aspecto, na apparencia externa « do objeto *transfigurado*, mas é de ordina- « rio transitoria; a segunda é mudança na « forma, na coustrução, na organização do « objeto *transformado*, e como tal perma- « nente e durável. — *Transfigurou-se* Christo « no Thabor, diz Vieira, e não parou a « *transfiguração* na sagrada humanidade, « mas de ella trasbordou, e redundou nas « roupas de que estava vestido. O rostores- « plandecente como coroadado de sol, as ves- « tiduras brancas como tecidas de neve « (VII, 263). — Foi transitoria, como se sabe, « esta mudança, não assim a da mulher de « Lot, que perdeu o ser humano, e se *trans- « formou* para sempre em estátua petrifi- « cada. De este género são egualmente as « *transformações* fabulosas, a que se dá o

(1) Faz allusão ao que disse do *formas* e *figuras* « que nós transcrevemos no artigo de *Configuração*, na « gina 290.

« nome da *metamorfoses*, o de que mui poéticamente escreveu Ovídio ».

Só de esses dois vocábulos fala também Lacerda, dizendo:

« *Transfiguração* é a mudança de uma figura em outra.

« *Transformação* é a mudança de uma em outra forma.

« A *transfiguração* muda a figura, o aspecto, a aparência externa do objeto *transfigurado*. A *transformação* muda a forma, a construção interna, a disposição das partes do objeto *transformado*.—As *metamorfoses* dos poetas são verdadeiras *transformações* ».

Convés, coberta, tombadilho.

—Confundem-se geralmente estes vocábulos, e particularmente os dois primeiros.

O *convés* principia no mastro mayor e avança para a prôa até ao mastro do traquete.

O *tombadilho* é a parte mais elevada do pavimento superior do navio, geralmente à ré.

A *coberta* é todo o pavimento do navio.

Convicção, convencimento, persuasão.—*Convencimento* diz-se tanto do acto como do efeito de *convencer*; *convicção* só pode dizer-se do efeito.

A *convicção* difere da *persuasão* do mesmo modo como difere entre si as provas que as produzem, taes provas sendo matérias para a *convicção* e moraes para a *persuasão*.

Roquete compara muito acertadamente os vocábulos *convicção* e *persuasão* e nós muito gostosamente nos aproveitamos do seu artigo, por não vermos utilidade em alterar o que está bem. Não obstante sejam licito dizer que as provas que produzem *convicção* (1) podem muitas vezes não ser na realidade tão evidentes como elle pretende, pois *convicção* tem o jurado que dá um réo por autor do crime que lhe imputam quando na verdade é outro o seu autor.

Eis como Roquete nos explica estes vocábulos:

« Exprimem estas duas palavras o acto pelo qual o nosso espirito aquiesce aquillo que se lhe propõe como verdade, com a idéa accessoria de uma cousa que o detorminou a esse acto.

« A *convicção* é uma aquiescencia fundada em provas de uma evidencia irrefragavel e victoriosa.

« A *persuasão* é uma aquiescencia fundada em provas menos evidentes que as que produzem *convicção*, posto que verosímiles, porém mais proprias a interessar o coração que a ilustrar o espirito.

« A *convicção* é filha da razão, e do domi-

nio da intelligencia; a *persuasão* obra mais sobre o coração, o depende da sensibilidade.—A *convicção* sendo o efeito da evidencia, não pode enganar; assim que, não pode ser falso aquillo de que estamos legitimamente *convencidos*. A *persuasão* é o efeito de provas moraes, que podem enganar; e assim podemos estar muitas vezes *persuadidos* de um erro mui real, que tenhamos por verdade mui segura.

« Um raciocinio exacto e rigoroso produz a *convicção* nos animos rectos; a eloquencia o a arte oratoria podem produzir a *persuasão* nos espiritos sensiveis.—As almas sensiveis, diz Duclous, têm uma grande vantagem para a sociedade, a de estarem *persuadidas* de verdades de que não está *convencido* o animo: a *convicção* é muitas vezes sómente passiva; a *persuasão* é activa, dá impulso e faz obrar ».

Lacerda também compara estes dois vocábulos pela seguinte forma:

« A *convicção* tem por objecto o entendimento; a *persuasão* tem por objecto a vontade.

« *Convencer* é obrigar alguém por meio de provas a não poder negar, a confessar uma verdade.

« *Persuadir* é mover alguém a crêr, a fazer alguma cousa.

« A *convicção* é o efeito de provas irresistíveis, da evidencia.—A *persuasão* é o efeito das provas moraes, que nos tornam o coração, e, por elle, nos impelem a vontade... »

Convicio, doesto.—De muito pouco uso é o primeiro de estes vocábulos, o que é devido a não ser conhecido por todos; é não obstante termo muito útil na lingua, por nella não baver outro que exprima absolutamente a idéa que elle representa.

Convicio e *doesto* são sinónimos de *injuria*, *insulto*, *ofensa* (Veja-se o artigo **Contumelia** na página 323), mas estas palavras exprimem idéas particulares que são como as especies de que aquellas são o género.

Acusar falsamente a alguém de uma acção deshonrosa é *doesto*.

E se essa accusação consiste numa só palavra, num nome offensivo, é *convicio*.

Dizer a alguém: « Vives do jogo » é um *doesto*. Chamar a alguém « jogador! » é um *convicio*.

Convitar. Invitar.—O verbo *invitar* não é tão inútil na lingua que se possa prescindir do elle para sempre o substituir por *convitar*.

Invitar é *convitar* com empenho, com vivo interesse do o convite ser aceite, o ao mesmo tempo com deferencia, pois se pretende persuadir a pessoa que é *invitada* que a temos em grande apreço e na mayor consideração.

(1) Veja-se o artigo «certeza» na página 221.

Convidar, mover, excitar. — Na ordem de idéas em que *convidar* é sinónimo dos outros verbos de este grupo, designa elle o acto de influir sobre o espirito de alicum para o determinar a alguma cousa. *Um sítio aprazível convida ao repouso.* — É inherente á significação de este verbo que o agente obra com docura, influe pela persuasão, pela insinuação, pelo rôgo talvez, pretendendo apoderar-se da vontade, do coração, do ânimo da pessoa sobre quem exerce a acção; mas note-se que ao mesmo tempo elle exclue absolutamente aquella idéa de deslumbrar ou fascinar com promessas, antegozos ou descrições de delicias, que se empregam quando se pretende seduzir, fascinar ou atrair.

Mover sugere a idéa de o agente obrar pondo em jogo a influencia ou ascendente que elle pode ter sobre o paciente, ou tão só a de aquelle se prevaiecer da autoridade que este está sempre inclinado a reconhecer por ter o hábito de obedecer ou de se deixar dirigir.

Excitar denota que o agente desperta no paciente os sentimentos que mais podem influir para o levar a praticar o que elle pretende que este pratique. Veja-se o que de este verbo já fica dito nas páginas 57 e 89.

Convicente, evidente, certo, indubitável, incontestável. — *Convicente* diz-se do que convence, do que leva ao ânimo a convicção. As *provas convincentes* são os intermediários entre o facto e o espirito, para este formar por ellas o seu julgo.

Evidente diz-se do que se vê immediatamente; da verdade que se mostra á primeira vista; do que se manifesta ao espirito tão claramente como a luz se manifesta aos olhos. Um axioma geométrico é *evidente* porque não necessita demonstração.

Certo exprime, como *evidente*, que o facto é tal como se diz, mas a convicção pela qual somos levados a declarar como *certo*, produziu-se em nós de modo diferente aquella pela qual dizemos que é *evidente*. Efectivamente, a convicção com que dizemos ser *evidente* veio-nos de uma como luz instantânea que fixou a convicção no nosso espirito; aquella que nos leva a declarar *certo*, vem de um estudo ou trabalho mental que permitiu que vissemos a verdade por meio de outras verdades já conhecidas, ou seja por meio de uma série de idéas e de raciocínios que nos levaram a formular um julgo que tem por base provas reaes. Uma cousa é *evidente* porque apparece tal; uma cousa é *certa* porque está provada. — Infere-se do precedente que a convicção que nos leva a dizer *certo* é pelo menos tão forte, e está tão bem estabelecida como aquella que nos faz dizer *evidente*.

Indubitável diz-se do que é de tal modo *evidente* e *certo* que não permite a menor

dúvida. Este vocábulo melhor exprime o estado do espirito do que a realidade do facto, porque um facto só é *indubitável* por o espirito se recusar absolutamente a duvidar de elle.

Incontestável diz-se do que apresenta tal carácter de certeza e taes provas de verdade que não consente que seja contestado. É vocábulo relativo ao proprio facto e não ao estado do espirito, pois o facto não é *incontestável* por o espirito o não poder contestar, mas sim por ser de tal natureza que não consente que se conteste ou que contra elle se elevem objecções. Uma verdade *incontestável* tem em seu favor provas ou argumentos irresistíveis.

Convir, concordar, conformar-se. — Ter certa conformidade de vistas ou de intenções, pensar do mesmo modo sobre certo ponto, tal é a idéa comum a estes verbos.

Convir diz-se com relação aos factos ou princípios a respeito dos quaes não pode haver contestação, e que cada qual tem precisamente do ver do mesmo modo. *Convimos* num facto histórico que está sufficientemente comprovado. *Convimos* em levar a cabo uma empresa que todos consideramos proveitosa.

Concordar revela a existencia de um desacôrdo precedente, ou, por outras palavras, *concordar* é pôr termo ao desacôrdo ou dissentimento. *Concordamos* em factos a respeito dos quaes tinhamos precedentemente distinta opinião. *Concordamos* em levar a cabo uma empresa depois de ter debatido as suas bases e de havermo-nos feito mútuas concessões.

Conformar-se differe dos verbos precedentes em revelar que só nos *conformamos* por não poder fazer de outro modo, e não porque estejamos convencidos da bondade ou da verdade da cousa de que se trata.

Convimos no que evidentemente é verdadeiro ou titil. *Concordamos* no que se discutiu. *Conformamo-nos* com o que não queremos objectar.

Convir, importar, relevar, cumprir. — *Convir* diz-se do que, no objecto, ha de utilidade para o sujeito. *Convem ser prudente*, pois a prudencia é sempre útil a quem a tem.

Importar diz-se do que, não só é conveniente, mas tem importancia. *Importa* não nos deixarmos enganar.

Relevar, termo menos usual, diz-se do que é de alta conveniencia.

Cumprir diz-se do que se reputa como obrigação ou dever. *Cumpre* á sentinela estar vigilante.

Roquete fala assim de estes verbos: « Aquello que traz qualquer conveniencia, ou é a proposito para alguma cousa, diz-se *soj* que *convem*, ou é *conveniente*. O que

« traz utilidade e proveito, diz-se que *importa*. O que sobressae pela sua importância ou « utilidade, diz-se que *releva*. E o que interessa obrigação e dever diz-se que *cumpr*. — *Convem* à decência e ao decoro de uma « dama honesta falar sempre em termos com- « medidos e com ar modesto. *Importa* mui- « to ao bem público que os cidadãos sejam « pacíficos e laboriosos. *Releva* muito ao « príncipe ter fiéis e inteligentes servido- « res. *Cumpr* ao homem de bem sacrificar- « se pela sua patria ».

Lacerda exprime-se algo melhor :

« O que traz vantagem a alguém ou a al- « guma cousa, *convém*.

« O que é útil ou de proveito, *importa*.

« O que muito *importa*, porque é de gran- « de utilidade, *releva*.

« *Cumpr* o em que interessa a obrigação « ou dever.

« *Convem* ao homem público o haver-se « com gravidade. — *Importa* ao negociante « gozar de bom crédito. — *Releva* ao pae de « familias ser exemplar no seu procedimen- « to. — *Cumpr* ao cidadão respeitar a auto- « ridade pública ».

Conviva, convidado, commensal. — *Convidado* é aquelle que, mediante convite, toma parte ou assiste a qualquer acto : baile, enterro, festa de igreja, banquete, etc.

Conviva diz-se unicamente de aquelle que toma parte num banquete, quer mediante convite, quer em virtude de qual- quer outra circunstancia. Num banquete, até o proprio dono da casa é um dos *convivas*; porém, exceptuando os donos da casa, todos são *convidados*, se medeou con- vite. Quando varios individuos oferecem no restaurante ou hotel um banquete a al- gum amigo, todos os que se encontram á mesa são *convivas*. — Pode dar-se o caso do um dos *convivas* não ser um *convidado*, e mu- tas vezes um *convidado* não ser um dos *convivas*: aquelle por se achar no banquete sem convite, este por não ter comparecido no banquete.

Commensal é aquelle que habitualmente come com outros á mesma mesa, mas cada qual á sua custa. Não se é *commensal* relati- vamente aos donos da casa, mas só com relação aos que são seus hóspedes.

Convulso, trémulo. — Quando nos sentimos agitados por alguma paixão vio- lenta, particularmente pela cólera, dizo- mos que estamos *trémulos* ou *convulsos*.

Convulso encarco porém sobre *trémulo* e sugere a idéa de o estado ser violentissimo.

Para designar um estado habitual diz-se *trémulo*, não *convulso*: — *Dão-nos a lei os trémulos joelhos* (T. RIBEIRO).

Cooperar, colaborar. — *Colabo- rar* é trabalhar com outro ou com outros num mesmo trabalho.

Cooperar é trabalhar em comum para o mesmo fim, ou operar simultaneamente com outrem.

Colaborar diz-se quasi exclusivamente de obras intellectuaes; *cooperar* do que ten- de a um resultado.

Copiar, trasladar, transcrever. — *Copiar* é tirar copia de um escrito, sem nenhuma idéa accessoria; *copiar-se á pressa*, *copiar-se com cuidado*, *copiar-se a lapis*, *a tinta*, etc.

Trasladar é copiar com cuidado e fiel- mente.

Transcrever é passar para um escrito, e incluindo nelle, o que está escrito noutra parte. *Neste dicionario transcreve- mos varios artigos dos sinonimistas que nos precederam*.

De *copiar* o *trasladar* diz Roquete muito bem :

« *Copiar* é repetir, multiplicar a cousa, « tirar de ella um ou muitos exemplares.

« *Trasladar* significa literalmente escre- « ver segunda vez, passar a outro papel, « pôr em limpo. — *Traslado* indica exa- « cta e literal conformidade; e *copia* ás ve- « zes só maior ou menor semelhança com o « original. — *Copiam-se* não só papéis, senão « debuxos, pinturas, etc., tudo o que bem « ou mal se imita; mas só se *traslada* o que « está escrito.

Lacerda compara, o tambem com muito acerto, *copiar* e *transcrever*; diz assim :

« *Copiar*, segundo a origem latina, signi- « fica multiplicar uma cousa, fazendo outras « como aquella, e applica-se particularmen- « te á escrita, desenhos, pintura, a tudo « que se pode imitar.

« *Transcrever* significa tornar a escrever, « trasladar, transportar para outro papel.

« *Copia-se* o que se pretendo multiplicar « o conservar. *Transcreve-se* o que se pro- « tende pôr em ordem convenientemente. O « comorciante *transcreve* do borrão para o « livro do contas; o pintor *copia* para au- « mentar o número de exemplares ».

Copiosamente, abundante- mente. — *Abundantemente* diz-se com re- ferencia á quantidade; *copiosamente* com referencia ao uso que se faz da grande quantidade. *Comprou abundantemen- te de tudo*. *Comeu copiosamente de tudo*.

Copioso, abundante, muito, numeroso. — *Numeroso* é adjectivo co- lectivo que só por erro ou ignorancia se em- prega com substantivos não colectivos. Di- zer que *Fulano foi acompanhado pelos seus numerosos amigos*, é um erro que, por ser muito vulgar, não deixa de ser menos grosseiro. Diz-se um *exército numero- so*, um *numerozo* rebanho, uma *numerosa* familia. Dizer familias nume-

rosas não é o mesmo que dizer **muitas famílias**; com esta expressão indicamos grande quantidade de famílias; com aquella indicamos famílias compostas de muitos membros.

Muito diz-se da grande quantidade de unidades ou da grande quantidade de matéria; **mnitos amigos**; **muito trigo**; **muita pedra**.

Abundante diz-se de aquillo que é em quantidade tal que se prevê ser não só sufficiente mas que até ha-de sobrar; este vocábulo é quasi sempre relativo á produção ou á proveniência: **ano abundante**; **as abundantes riquezas do solo**.

Copioso refere-se á útil abundancia de unidades.

Copia, estrophe, estancia.— Cada uma das partes simetricamente eguaes de que consta uma canção é uma **estrophe**.

Se a **estrophe** é pequena, particularmente se é quadra ou oitava, e se o motivo é alegre, chama-se **copia**. *Uma cantiga tem coplas*, não *estrofes*. *Uma ode tem estrofes*, não *coplas*.

Se a **estrophe** faz sentido completo, é **estancia**.— Estes vocábulos confundem-se geralmente.

Côr, colorido.— **Côr** é termo genérico com que se designa a impressão que a luz reflectida pela superficie dos corpos causa na vista. Figuradamente diz-se do que se pode chamar a parte material das obras intellectuaes, isto é, o estilo o as expressões.

Colorido, termo peculiar á pintura, é o effeito particular que resulta da qualidade e da força da **côr**, ou, para mais claramente nos exprimirmos, é o mayor ou menor grau de beleza que provem da harmonia com que se combinam as côres de um quadro. No sentido figurado diz-se da parte intellectuai ou intima das obras literarias, isto é, dos pensamentos.

Roquefe fala assim de estes dois vocábulos:

« Consideramos estas palavras só com relação á pintura.

« A **côr** é o que faz que se vejam e distinguam os corpos ou objetos, o que se forme a imagem visivel em suas diferentes variedades.

« O **colorido** é o effeito particular que resulta da qualidade e força das côres em virtude de sua mescla e disposição em qualquer quadro, prescindindo do debuxo e da composição.

« A **côr** tem suas diferenças objectivas; que se dividem em especies, e depois em meias tintas e matizes. — O **colorido** só admite diferenças que poderemos chamar *qualificativas*, e constam de varios graus de beleza e fealdade.

« O azul, o branco, o encarnado formam

« diferentes especies de côres. O serem estas mais ou menos vivas, claras ou escuras, só constitue matizes ou meias tintas; porém nada de isto é propriamente o **colorido**, senão, ao conjunto, a totalidade que resulta em geral da sua união e combinação, causando uma sensação abstracta e distinta da sensação propria essencial das mesmas côres; e consiste este effeito na disposição dos corpos, uns respectivamente a outros, que estão mais ou menos próximos entre si, ou se supõe estarem, á vista do que olha para o quadro, e do modo como recebem a luz, o que faz perder ou ganhar em **côr** os objetos que no quadro se representam ».

Lacerda, em muito menor número de palavras, diz melhor que Roquefe:

« Em relação á pintura, a **côr** é o que faz que se vejam os objetos, e se distingam nas suas diferentes variedades, e o **colorido** é o effeito particular que resulta da mixtura e disposição das côres. — A **côr** tem diferenças, que se dividem em especies, e se subdividem em meias tintas; porém o **colorido** não é senão a sensação que resulta do conjunto e varia combinação das côres diversas ».

Côr (De), de memoria.— **De côre de memoria** dizem-se indistintamente para designar o modo de repetir o que se leu ou se ouviu. — Quando porém se queira acentuar que o que se diz é fielmente o que se reteve, ou que o que se diz é dito sem convicção nem calor, diz-se **de côre** e não **de memoria**, esta última expressão convindo ao que se cita, sem mais pretensões que a da fidelidade do sentido.

Coragem, coração, intrepidez, bravura, valor, valorosidade, heroismo, (hardimento). — **Coragem** é firmeza de determinação e de resolução ante os perigos e os males, mas firmeza que não é só interior, senão que se manifesta activa e enérgicamente. A **coragem** é impaciente, ataca, não se preocupa com os obstáculos nem estes a detêm; emprende com ousadia e instiga a avançar.

Coração, no sentido figurado em que aqui consideramos o vocábulo, e na aceção em que elle é sinónimo de **coragem**, não pode confundir-se com esta palavra. É a **coragem** que opera, é o **coração** que faz operar; é a **coragem** que prosegue, é o **coração** que dá o alento. O **coração** sustém a **coragem** e não a deixa recuar.

Intrepidez é a **coragem** considerada sob um aspecto particular: o da tranquillidade em face do perigo, mesmo ante uma morte certa. *Os mártires de uma idéa fazem procellos quando marcham para o cadafalso com Intrepidez.*

Bravura, valor e valorosidade dizem-se exclusivamente da **coragem** guerreira.

Bravura é a *coragem* guerreira que em determinado momento impele cegamente para o morticínio; esta palavra não tem nenhuma outra idéa accessoria. *Os soldados atacaram com bravura as posições do inimigo.*

Tanto *valor*, como *valorosidade*, se dizem da *coragem* guerreira motivada pelo amor da gloria.—A *bravura* é do soldado; mas tanto o *valor*, como a *valorosidade* pertencem ao chefe.

Valor e *valorosidade* são sinónimos perfeitos; mas ainda assim a diferença de terminações pode implicar diferença de sentido, e dizer-se *valor* da qualidade abstracta, e *valorosidade* da qualidade posta em acção.

Heroísmo não se diz exclusivamente das grandes qualidades que tornam o homem saliente na guerra; diz-se de todos os impulsos que levam a actos extraordinários, com tal que sejam louváveis, seja qual for a natureza de elles.

Roquette nada nos diz de *coração* nem de *valorosidade*; fala porém de *ardimento* (!), vocábulo muito fora de uso. Eis como se exprime a este respeito:

« *Coragem* é termo muito genérico, e significa esforço de ânimo, vigor da alma, por onde se dá a conhecer o homem que tem coração. As diferentes maneiras por que se manifesta ou exerce esta nohe qualidade do homem formam as seguintes espécies:

« O homem que se expõe aos perigos quando é necessário, é *valoroso*; seu *valor* manifestado nos combates, é a *coragem* militar. A esta insigne virtude opõe-se a vergonhosa cobardia.

« A *coragem* momentânea, impetuosa do guerreiro, talvez mixturada de fúria e cólera, chama-se *bravura*.

« O *valor* ousado com que o homem se arroja ao perigo, o afronta, e não treme no conflicto, antes fica firme e talvez se sacrificaria se necessário é, chama-se *intrepidez*.

« *Ardimento* é a *coragem* ousada e atrevida com que se sustentam empresas grandes e talvez arriscadas, o denodo com que se combate, a afouteza com que se intenta alguma cousa.

« Se *heróe*, como hoje entendemos, é o varão illustre por suas façanhas e virtudes, *heroísmo* é o conjunto das qualidades que collocam qualquer homem na classe de *heróe*, tendo entre ellas primeiro logo o amor ao bem público e a perseverança em trabalhar para elle, obrando feitos grandes, e vencendo perigos, que a maior parte dos homens não ousa arrostar ».

Dos mesmos vocábulos comparados por Roquette, fala Lacerda nos seguintes termos:

« *Coragem* é termo genérico, e indica o esforço da alma, que manifesta o homem de coração.

« *Valor* é a *coragem* que mostra o homem que se expõe aos perigos, seja qual for a natureza de estes.

« *Bravura* é a *coragem* acompanhada de certo furor, e por isso impetuosa mas não duradoura.

« *Intrepidez* é o *valor* com que o homem atrevidamente afronta grandes perigos, sem sobresalto, nem temor.

« *Hardimento* é a *coragem* com que se intentam e sustentam, com ousadia e atrevimento empresas arriscadas.

« *Heroísmo* é o complexo das qualidades preclaras, que extremam um homem, e o elevam muito acima do comum dos seus eguaes ».

Corar, colorir, colorear, colorar.—*Corar* é tomar *côr* rosada ou encarnada, enrubescer, mas naturalmente. Os outros verbos dizem-se melhor da *côr* que se applica, ou que provém de qualquer causa externa.

Colorir significa dar uma *côr* qualquer: *colorir um retrato; já a aurora coloria as nuvens.*

Colorear e *colorar* dizem-se exclusivamente para designar a *côr* rosada e a encarnada nas suas diversas gradações. A única diferença que se nota nestes dois verbos está em *colorear* ser de conjugação mais grata ao ouvido que *colorar*, particularmente nos pretéritos.

Cordato, prudente, sensato, cauto.—*Cordato* diz-se do homem que, por natureza, é de bom comportamento e de bom conselho.

Prudente é o homem que, prevendo as más consequências que no futuro pode ter um acto presente, se cohihe de o praticar, e obra em harmonia com o bem que procura em todas as occasiões.

Sensato é o homem de bom senso, que procede em tudo com sensatez.

Cauto é aquelle que procurando a segurança propria, só evita os perigos presentes, ou os que estão num futuro próximo.

O homem *cordato* procede em tudo como deve proceder; o *prudente* evita o que deve evitar; o *sensato* obra e fala com juizo; o *cauto* não se deixa surprehender.

Cordial, pectoral ou béchico.—As bebidas ou medicamentos *cordiaes* têm por fim fortalecer o organismo. Os medicamentos *pectoraes* ou *béquicos* tendem a combater a tosse.

(1) Lacerda escreve «ardimentos» que é sem duvida orthographia mais correcta, posto que o vocábulo deriva do francez «ardissements».

Corisco, faísca, centelha, ralo.

— O *corisco* rasga as nuvens electrizadas sem que, devido á altura em que ellas se acham, se ouçam trovões.

Faísca é a exalação eléctrica que se desprende das nuvens para cair sobre o corpo que na terra a attrae.

Rayo é a *faísca* considerada como causadora de estragos.

Centelha é o mesmo que *faísca*; é porém, como vocábulo castelbano, de pouco uso na linguagem corrente.

Cornada, marrada. — A *marrada*

é a pancada que o animal dá com a parte da cabeça comprehendida entre os dois cornos; nisso consiste o nunca dever confundir-se com *cornada*, que é a pancada ou golpe dado com os cornos. — *Marrada* também se diz por *cabeçada*, mas aesta acepção é termo demasiado vulgar.

Côrno, haste, pau, chifre, chavelho. — O *côrno* é ôco; a *haste* pode ser ôca ou maciça.

Pau é designação comum ao *côrno* e á *haste*.

Chifre e *chavelho* são sinónimos perfectos como também o são do primeiro dos vocábulos de este grupo.

Corôa, diadema. — Estes vocábulos designam objetos diferentes, sendo a *corôa* propria para a cabeça, e o *diadema* para cingir a testa.

No sentido figurado, os dois vocábulos são sinónimos. — *Corôa* designa o chefe do Estado como representante e dirigente da nação; *diadema*, mas só no estilo elevado, designa a propria realleza.

Eis como Roquete fala de estes substantivos:

« Designam ambas estas palavras a insignia que orna a frente dos soberanos; porém cada uma de ellas teve diferente origem, e coavém não as confundir.

« *Corôa* vem do latim *corona*, e do grego *korône*, e significa em geral adorno de bervas, flores, etc., com que se cinge a cabeça. Entre os Romanos as havia de diferentes especies para designar os nobres feitos dos cidadãos beneméritos; *mural*, *rostrata*, *graminea*, *obsidional*, *oval*. Em particular significa o ornato circular de ouro, prata ou ferro, de diferentes formas e feitios, que os reis e Imperantes põem na cabeça como emblema de sua dignidade.

« *Diadema* vem do grego *diademos*, *faixa*, ligadura, (de *diadeo*, ligar, cingir), e significa rigorosamente faixa ou insignia branca que antigamente cingia a cabeça dos reis. Alnsworth diz que, segundo as medalhas dos antigos reis, a forma do *diadema* não difere muito da do turbante turco.

« *Corôa* toma-se muitas vezes no sentido do reino, realleza, attribuições reais, e tem muitas outras significações; porém *diadema* só significa a insignia real que cinge a cabeça dos reis. Muitos príncipes da Ásia eram antigamente tributarios da corôa de Portugal, e nossos reis podiam cingir áureo *diadema* esmaltado com as pedrarias do Oriente.

Lacerda diz o mesmo que Roquete, mas em menos palavras:

« *Corôa*, segundo a origem latina, significa geralmente adorno de flores, etc., com que se enfeita a cabeça, e em particular o ornato circular de ouro, prata, etc., com que os reis cingem a cabeça como emblema da sua dignidade.

« *Diadema*, conforme a origem grega, significa propriamente a faixa branca com que antigamente os reis cingiam a cabeça.

« *Corôa* emprega-se ás vezes no sentido de reino, e para designar as prerogativas reais, o Estado, etc.; porém *diadema* nunca designa senão a insignia real com que se cinge a cabeça.

Corporal, corpóreo. — *Corporal* e *corpóreo* qualificam o que pertence ao corpo. — *Corpóreo* tem porém outra acepção em que *corporal* não pode ser empregado, e é quando significa «que tem corpo». *Ha seres corpóreos e incorpóreos* (não corporaes e incorporeas).

Correcção, exactidão. — Coacordam estes vocábulos em exprimir a idéa de mayor ou menor perfeição no modo de dizer ou de escrever.

Correcção diz-se com relação á orthografia ou á prosodia, ao estilo ou á linguagem, isto é, relativamente á forma em geral. A *correcção* é por assim dizer uma qualidade negativa que consiste principalmente em não cometer erros.

A *exactidão* é relativa aos pensamentos, ás idéas, isto é: ao fundo em geral. É uma qualidade positiva, posto que o seu caracter é o de escrever ou dizer com cuidado, isto é, com toda a perfeição e esmero possíveis.

De um escrito ou de um discurso que não peque contra as regras da gramática ou da lingua, dir-se-á que tem *correcção*, que é *correcto*.

Do escrito ou discurso que obedeça ás regras da lógica, dir-se-á que tem *exactidão*, que está *exacto*.

A *correcção* consiste também — mas noutro ordem de idéas — em não apresentar nada que, moralmente considerado, se reputo censurável.

A *exactidão*, no conceito moral que se formula do discurso ou do escrito, consiste em não faltar á verdade.

Roquete nada diz de estes vocábulos, a

respeito dos quaes Lacerda se exprime na forma seguinte :

« Estas duas palavras, em relação ao modo de falar ou de escrever, exprimem idéa de perfeição, porém diferem em quanto que, *correção* diz-se com respeito ás palavras e frases de que se faz uso, e *exactidão*, dos factos e das cousas a que se allude ou de que se trata.

« A *correção* consiste na fiel observancia das regras da gramática e da índole da lingua.—A *exactidão* na exposição está crupulosa das idéas necessarias ao fim que nos propomos.

« É *correcto* o que está livre de erros e limpo de defeitos.—É *exacto* o que nem por commissão, nem por ommissão, se afasta da verdade:—o *livro de D. Pedro*, tão *exacto* (M. Lus.). »

Correio, estafeta, postilhão.—

De estes vocábulos, dos quaes o último está hoje fora de uso, diz Lacerda :

« *Correio* é o que tem por officio levar cartas para um e outro logar. Também se chama *correio* a casa onde se recebem ou distribuem as cartas.

« *Estafeta* é o *correio* que, por ajuste particular, leva cartas e encomendas de uma povoação para outra.

« *Postilhão* é o *correio* que corre a cavallo, e leva cartas de officio ou ordens em tempo marcado, e sempre mais depressa que o *correio ordinario*. »

Roquette havia comprehendido melhor o sentido de estes vocábulos, pelo menos o de *postilhão*. Diz assim :

« Todos estes homens correm na estrada, mas cada um de elles com diferente fim.

« *Correio* é o que tem por officio levar cartas de um logar a outro, ou o homem que se despede á pressa com despachos; também se dá o nome de *correio* á casa onde se recebeu ou distribuem as cartas.

« *Estafeta* ou *estafete* é o *correio ordinario* que vai a cavallo e leva cartas e encomendas de um logar para outro.

« *Postilhão* é o que vai a cavallo diante dos que correm a posta ». »

Corrente, curso.—O movimento de um liquido, particularmente o de um rio que segue seu leito, ou uma direcção dada, chama-se *corrente* ou *curso*.

Curso diz-se com referencia á direcção e á extensão. O *curso* do rio principia onde elle nasce e termina onde elle se confunde no mar ou em outro rio. O *curso* do Tejo, desde a confluencia do Zézere, toma a direcção do sudoeste.

Corrente diz-se com relação ao movimento mais ou menos rápido das aguas: um corpo é levado pela *corrente*.

Subir o *curso* de um rio é ir pelo rio acima durante todo, ou grande parte do seu percurso. Nesta expressão não se con-

sidera senão o acto de seguir o rio na direcção da sua nascente. Do mesmo modo se diz, *seguir o curso do rio* quando, em idéntico caso nos dirigimos em sentido inverso, isto é, para a sua foz.

Subir a *corrente* de um rio é navegar com mayor ou menor esforço contra o impulso da agua que segue o seu *curso*. Do mesmo modo, *seguir a corrente de um rio* é expressão que denota facilidade no movimento.

No sentido figurado têm estes vocábulos diferenças analogas.—*Curso* diz-se da marcha das cousas, marcha natural, em que não ha esforço. *Corrente* diz-se da marcha rápida, ou que certas circumstancias movimentam.—*Seguir o curso da vida* é, como facilmente se nota, frase de distinto valor que *seguir a corrente da vida*. Naquelle considera-se o deslizar natural da vida; nesta, a movimentação que á vida imprimem o turbilhão e as exigencias da sociedade.

Correr, percorrer.—*Correr*, no sentido em que aqui consideramos o vocábulo, designa que se anda depressa, de um lado para o outro, sem direcção fixa, mas com um fim determinado: o de procurar uma cousa.

Percorrer difere do *correr*: 1.º em não determinar que se anda depressa; 2.º em inculcar direcção determinada, ou, pelo menos, excursão préviamente combinada; 3.º em o fim de *percorrer* ser antes o de vêr que o de procurar.

Fulano *correu toda a cidade á procura de casa*.—Os excursionistas *percorreram a cidade*.

Correspondencia, correio.—Empregam-se frequentemente estes vocábulos para designar o que se recebe pelo correio ou o que se escreve para mandar pelo correio. O *correio* está em cima da *secretaria*; guardei-lhe a *correspondencia na gaveta*. Diferem porém estas palavras entre si.

A palavra *correio* designa quanto pelo correio pode ir ou vir: cartas, periódicos, amostras, etc.

Correspondencia diz-se exclusivamente de cartas, hihetes postaes e telegramas, mas suhentendendo-se que entre o expedidor e o destinatario ha mútua troca de essas cousas—idéa que não existe no vocábulo *correio*.

Corrigir, emendar.—*Corrigir* é tornar *correcto* o que é ou está incorrecto. *Corrigimos* suprimindo o que ha de vicioso, de defeituoso ou de excessivo; também *corrigimos*, não suprimindo, mas substituindo o que está mal por aquilo que vai tornar bom ou *correcto*. *Corrigimos* um es.

crito suprimindo o que nelle ha de defeituoso, ou substituindo o *incorrecto* pelo *correcto*.—*Corrigimo-nos* a nós proprios ou *corrigimos* alguem, quando o que é vicioso se quer fazer desaparecer da pessoa pelo esforço em adquirir ou fazer adquirir o que é bom ou louvável.

Emendar é mudar o aspecto ou a essencia do que não é ou não está perfeito.—Este vocábulo difere de *corrigir* em que, se bem indica a intenção de tornar bom ou *correcto*, não diz precisamente se esse fim se alcança.

Vejamos como Roquete se exprime a respeito de estes vocábulos:

«*Corrigem-se* as faltas, os defeitos do entendimento. *Emendam-se* os erros, os extraviados da vontade.—*Corrige-se* o homem prudente, quando adverte que suas opiniões são erradas, e suas idéas desacertadas. *Emenda-se* o malfeitor quando conhece o erro que cometeu, e o risco a que sua conducta o expõe.

«As *correções* de uma composição litteraria consistem na melhor escolha dos termos, na mayor clareza das idéas, na mayor força das razões, e na minuciosa applicação das regras gramaticaes e orthográficas.

«As *emendas* consistem nas mudanças materiaes que se fazem no papel, riscando o supérfluo ou acrescentando o necessário; e assim ao vormos um escripto emendado dizemos que está *correcto*.

«Comtudo, podem fazer-se *emendas* num escripto com o fim de *corrigi-lo*, isto é, de o limpar de erros e de o tornar perfeito, e não se conseguir esse fim, e tornar o peor do que estava. Não é sem razão que os nossos antigos diziam em certos casos: *É peor a emenda que o soneto*.

«Um escripto pode ser *correcto* sem nunca ter sido *emendado*.—O Tolémaco saiu da pena de Feneion sem uma só *emenda*.—Algumas obras, apesar de muitas *emendas*, nunca chegam a ser *correctas*.—Camões *emendou* mais de uma vez os seus *Lusiadas*, mas a boa critica descobre-lhe ainda muitas *incorrectões*».

Lacerda comprehendeu estes vocábulos do mesmo modo. Diz elle:

«*Emendam-se* os erros. *Corrigem-se* os defeitos.—*Emenda-se* o culpado quando conhece o erro que cometeu.—*Corrige-se* o homem de siso quando verifica ter sustentado uma opinião desacertada.

«As *emendas* das composições litterarias consistem nas mudanças, riscando o supérfluo, ou acrescentando-lhes o necessario.

«As *correções* consistem na escolha de melhores termos, na mais cuidadosa applicação das regras gramaticaes e orthográficas, etc.».

Corromper, depravar, perverter.—*Corromper* exprime uma alteração

profunda e irremediável, que acaba por destruir a propria cousa *corrompida*. Quando o vicio *corrompe* um homem, entende-se que a sua regeneração é impossivel. Os maus exemplos *corrompem* a juventude. Um povo *corrompido* é um povo perdido.

Entre *corromper* e os outros verbos de este grupo existe uma differença capital: *corromper* diz-se dos sentimentos, do coração; *depravar* e *perverter* dizem-se do espirito.

Entre *corromper* e *depravar* nota-se que *corromper* é viciar ou fazer uma cousa má a ponto de que já não haja meio de melhoral-a. *Depravar* é viciar, mas de forma que ainda se possa remediar o mal.—O homem *corrompido* já não pode ter emenda; é um homem perdido, ou que pelo menos se julga perdido para a sociedade. O homem *depravado* é aquelle que sae da boa regra da vida, mas no qual, apesar do seu desequilibrio, ainda ha vislumbres de sentimentos louváveis.

Perverter significa propriamente virar de cima para baixo ou vice-versa. No sentido que aqui nos occupa, significa modificar completa o irremediavelmente as disposições moraes, ou o gosto, mas para o mal. Occupa pois este verbo um logar intermedio entre a possivel regeneração do *depravado* e a perdição irremediável do *corrompido*. Os maus conselhos *depravam* a juventude, e se ella os segue sem freio acabam por *pervertel-a*.—Um homem *depravado* é vicioso e não obra conforme á razão ou á justiça. Um homem *pervertido* perdeu toda a noção de moral e recusa obstinadamente voltar ao bom caminho.

Roquete compara *corrompido*, *depravado* e *pervertido*; particípios dos verbos de que acabamos de falar; eis como elle se exprime a seu respeito:

«Quando numa cousa se introduziu algum vicio, ou se perturbou a ordem e harmonia de seus principios, diz-se que se *corrompeu*. Por esta mudança passa a cousa, de boa que era, a ser má em seu genero, e então se diz propriamente que está *depravada*.

«Quando a perturbação é tal que quasi se perde o antigo ser, diz-se que a cousa *so perverteu*. O mesmo acontece no sentido do moral».

Lacerda compara *corromper-se*, *depravar-se* e *perverter-se*.

Diz o seguinte:

«*Corrompe-se* aquillo em que se introduz algum vicio.

«*Deprava-se* o que se altera e passa a ser mau, de bom que se presumia ou era no seu genero.

«*Perverte-se* quando é tal ou tanta a alteração padecida, que quasi se torna inteiramente outra do que fôra. Esta significação abrange os dois sentidos físico e moral».

Corromper, subornar, peitar, seduzir.—*Corromper*, no sentido em que esta palavra tem sinonímia com *subornar* e *peitar*, encarece sobre estes verbos em significação depreciativa.

Peitar é ajustar com alguém o preço pelo qual, faltando ao seu dever, o *peitado* ha-de favorecer o *peiteiro*.

Subornar é induzir a falta a falta a dever, quer com promessas, quer com actos.

Peitar e *subornar* empregam-se actualmente sem mais distincção que a de attribuir o primeiro de esses verbos, *peitar*, a quanto é referente aos cargos de justiça, e o segundo, *subornar*, a todas as circumstancias, sem mesmo exceptuar aquellas em que *peitar* é de mais frequente uso. — Convém ter presente que estes verbos sugerem a idéa de cumplicidade em que o *peitado* ou o *subornado* incorrem voluntariamente cedendo à tentação das vantagens que o diabo ou as promessas exercem sobre seu ânimo.

Seduzir significa fazer desviar do caminho da rectidão, enganando a boa fé da pessoa *seduzida*. Ha muitos meios de *seduzir*, mas subentende-se com este verbo que não é o interesse pecuniário que induz a faltar ao dever. *Um hábil advogado nem peita nem suborna o jurado; seduz-o com a sua eloquencia.*—*Seduzir* consiste geralmente em apresentar como bom o que é mau; em dar apparencia de bom ao mal. Outras vezes diz-se do modo de fazer oncar as cousas como melhor convém ao *seductor* por meio de promessas falaciosas que enganam a simplicidade ou a ignorancia do *seduzido*.—*A serpente, segundo a Biblia, nem peltou, nem subornou a Eva: seduziu-a.*

Corromper é, de todos os verbos de este grupo, o que designa a acção mais vil, tanto por parte do agente que *corrompe*, como pelo do proprio *corrompido*. Em *corromper* predomina a idéa oposta a quanto é moralidade, honra e virtude. Quem *corrompe* a outra pessoa fica para sempre senhor da vontade de ella e sobre ella exerce um dominio de que o *corrompido* nunca se poderá emancipar.

Corrompido, depravado, devasso, perverso, vicioso.—*Corrompido*, *depravado* e *devasso* differenciam-se de *perverso* e *vicioso*, em estes dois últimos vocábulos designarem mais commummente defeitos naturaes, que nascem com o individuo—ou quo pelo menos se reputam nascidos com elle—, do que defeitos adquiridos, como são os que tem o *corrompido*, o *depravado* e o *devasso*.

Devasso, na ordem de idéas que o vocabulo suscita, diz-se do individuo que vae em pôs do que não é lícito ou natural. Os libertinos *devassos* procuram prazeres nos actos contra natureza.

Depravado diz-se de aquelle que abandona o bem pelo mal; que embebede e segue trilho errado, mais em virtude de influencias extranhas que por effeito de perversão propria. O *depravado*, levado a gostos insólitos, a prazeres censuráveis, à immoralidade até, pode volver ao bem e à virtude. Pode ter-se uma conducta *depravada* e não ter o coração *corrompido*. — Esta significação do termo *depravado* consente que ello se empregue para, em geral, exprimir idéas que nada têm que ver com a moralidade. Assim, quando se diz que alguém tem *gostos depravados*, *razão depravada*, apenas se pretende inculcar que a pessoa de que se trata tomou o hábito de gostar do que é desagradável, ou de raciocinar mal.

Corrompido exprime uma mudança completa no individuo, uma transformação absoluta operada na essencia ou modo de ser do sujeito. *Corrompido* diz muito mais que *depravado* porque, como já dissemos, nega a possibilidade de regeneração. — O homem *corrompido* está *depravado de todo*; o *depravado* não está de todo *corrompido*.

Passando aos vocábulos *vicioso* e *perverso*, que melhor podem designar qualidades innatas no individuo do que qualidades adquiridas, vemos que *vicioso* se diz apenas com relação ao sujeito, e *perverso* relativamente aos effeitos da sua *perversidade*. No homem *vicioso* considera-se o vicio que o domina; no *perverso*, o mal que elle faz. O jogador é *vicioso*, não *perverso*: o mal que faz redunda em seu desprovelto, não no desprovelto alheio. O homem *perverso* goza em fazer sofrer os outros; os seus actos vão atacar o bem ou a liberdade de outrem e acarrear-lhe soffrimentos.

Corrosão, erosão.—Concordam estes vocábulos em designar a acção de destruir roendo, e também o estado, do que assim se vae destruindo; differem porém entre si, em attenção ao modo como a destruição se opera.

A *erosão* obra lentamente, em primeiro lugar num ponto determinado, logo no seguinte, e assim successivamente, até que uma após outra vão desaparecendo as partes que constituíam o todo que por ella foi atacado.

A *corrosão* obra rapidamente, ou pelo menos muito mais rapidamente que a *erosão*; ataca todas as partes ao mesmo tempo, ou, pelo menos, destróe o corpo em varias partes simultaneamente.

Corrupção, desmoralização.—Tanto um como o outro de estes vocábulos designam o estado do individuo ou da colectividade em que o vicio predomina sobre a virtude e o mal sobre o bem, mas em graus e circumstancias diferentes.

Na *desmoralização* do mal é grande, não porém irremediável. Na *corrupção* é que o mal é gangrena incurável. A um homem *desmoralizado* basta muitas vezes uma circunstancia benéfica para o desviar para sempre da senda que seguia; ao *corrompido* é que nada, nem ninguém, pode desviar da perdição. — Por isso se pode dizer que um povo *desmoralizado* está a igual distancia da regeneração e da *corrupção*; tudo depende dos seus dirigentes.

Corruptela, corrupção. — Há uma diferença essencial entre estes dois vocabúlos.

A *corrupção* é um estado; a *corruptela* pode ser apenas uma influencia, ou tambem um estado — mas estado que talvez tende a desaparecer.

A riqueza do homem perverso é uma *corruptela* para muitos. — O modo errado, mas comum a muita gente, de escrever ou de pronunciar uma palavra, é uma *corruptela* que a vulgarização da instrucção acabará por vencer.

Corsario, pirata; còrso. — *Pirata* é aquelle que exerce o roubo no mar. O *pirata* ataca e rouba os navios no alto mar como o saltador ataca e rouba os viandantes nos caminhos.

Corsario, propriamente, só se deve dizer de aquelle que, em tempo de guerra, e com autorização do governo do seu paiz, ataca e rouba os navios da nação inimiga.

Algumas vezes estes vocabúlos confundem-se, dizendo-se *corsario* por *pirata* (nunca porém *pirata* por *corsario*), mas ainda então cada termo conserva uma idéa distinta. *Corsario* considera o *pirata* correndo os mares em procura de presa; *pirata* considera o homem vivendo do roubo.

Figuradamente, *pirata* é aquelle que rouba sem direito, abusando da força que tem; *corsario* dir-se-á de aquelle que abusa do direito, levando-o ao extremo do roubar os outros. O usureiro é um *pirata* que se vale da aflicção alheia para a explorar; é um *corsario* implacável que, ao abrigo da lei, persegue sem tréguas o devedor.

Còrso é a excursão dos navios *corsarios* em procura dos navios mercantes da nação inimiga.

De *corsario* e *pirata* diz Roquete:

« Ambos infestam os mares, mas de diferente maneira.

« O que arma um navio em *còrso*, e com « patente do governo faz presa ao inimigo, « chama-se *corsario*; o mesmo nome se dá « ao navio armado em *còrso*.

« *Pirata* é o que anda roubando por mar. « O *còrso* é permitido entre as nações beligerantes; a *pirataria* é condemnada por « todas as leis marítimas ».

Còrte, fio, gume. — Designam estes vocabúlos a parte com que, nos instrumen-

tos cortantes, se opera a solução de continuidade, ou se sopra a parte do todo.

Fio e *gume* não são sinónimos tão perfectos como o pretendem os sinónimistas.

Gume é a parte destinada a cortar; chama-se-lhe sempre *gume* sem attender ao estado em que ella se encontra. Quando a *faca* não corta *afia-se-lhe o gume*.

Fio é a linha extrema do *gume* cortante; uma parte do *gume*, não todo elle. O *gume* perde o *fio* á força de cortar.

Còrte é o modo como o *fio* opera. Esta navalha tem bom *còrte*.

Roquete e Lacerda comprehendem os vocabúlos *fio* e *gume* de outro modo.

Diz o primeiro:

« *Fio* é a parte mais delgada dos instrumentos cortantes.

« *Còrte* é o *fio* posto em acção.

« *Afia-se* um cutêlo e com elle se *corta* a carne. Dá-se *fio* a uma navalha, e com ella se *corta* (sic) a barba.

« *Gume* vem de *acumen* latino; diz o mesmo que *fio*, mas é palavra menos vulgar, e mais poética. — Espada de dois *gumes* é a que corta por dois lados, á qual se com-para a lingua do maléfico ».

Diz Lacerda:

« *Fio* é a parte mais delgada dos instrumentos cortantes.

« *Còrte* é o *fio* posto em acção, o golpe dado com o instrumento cortante.

« *Afia-se* a *faca* para cortar o pão.

« *Gume* é a parte do instrumento com a qual se *corta*; é o mesmo que *fio*; porém é palavra menos comum. — *Ferro bato sem gume* (HEITOR PRATO). — No sentido « traslato significa perspicacia, agudeza « do ingenho: — *Da mente afia-me o subtil gume* (DINIZ DITHYR.). »

Còrte, capital. — Todas as nações, e tambem cada uma das suas provincias ou divisões administrativas, têm uma *capital* ou povoação principal que é a sede do governo central.

Só as monarchias têm *còrte*, a qual é a povoação onde reside habitualmente o chefe do Estado.

Em algumas nações pode dar-se que a *còrte* e a *capital* sejam povoações distintas, como succedeu na França, quando a *còrte* era Versalhes, e a *capital* Paris, e como ainda hoje se dá na Hollanda, cuja *capital* é *Amsterdam*, e a *còrte* *A Haya*.

Cortezã, meretriz, p... — Estes vocabúlos concordam em designar a mulher que se presta a satisfazer os desejos do qualquer homem.

Cortezã é aquella que, vivendo luxuosamente e talvez gozando do fortuna, se dá ao vicio por corrupção.

Meretriz é a mulher pública que a todos recebe.

O último vocábulo do grupo é comum a qualquer mulher que se presta a ter coito com mais de um individuo.

Cortezia, mesura, zumbaia. — A comparação de estes vocábulos é devida a Lacerda; diz elle :

« *Cortezia* é termo genérico para designar todas as acções feitas, segundo o uso e estilo adoptado, em testemunho de respeito. A *cortezia* pode fazer-se curvando o corpo, abaixando a cabeça, tirando o chapéo, etc.

« *Mesura*, conforme ao rigor da origem, é *cortezia* propria das senhoras, e se faz do brando os joelhos sem inclinar a cabeça; mas diz-se geralmente de qualquer inclinação da cabeça em reverencia de aigum.

« *Zumbaya* é palavra que nos veio da India, o significa a reverencia que se faz abaixando a cabeça profundamente.

Cortimenta, fermentação, levedação. — *Fermentação* é termo genérico que designa a reacção espontânea que se produz em qualquer corpo ou liquido : **fermentação da massa, fermentação do vinho, etc.**

Cortimenta é a fermentação do mosto com a balsa ou baganha que sobrenada no tanque em que se pisa a uva, ou nas dornas para que elle é passado ao tiral-o do tanque.

Levedação diz-se quasi exclusivamente do afofamento que o fermento produz na massa do pão.

Cortina, muralha. — A muralha ou as muralhas circundam a povoação fortificada; a cortina é uma parte da muralha que corre entre dois baluartes o lhes liga os flancos fronteiros.

Cosmogonia, cosmographia, cosmologia. — *Cosmogonia* (ou talvez melhor *cosmogonia*) é a ciencia que se occupa da origem (1) e formação do universo. É uma ciencia puramente hipotética pela qual se explica a existencia actual do mundo remontando ao seu principio. — É para notar que todas as religiões têm a sua **cosmogonia particular**.

A *cosmographia* é a ciencia exacta que descreve o universo tal como elle existe hoje; o estuda parte por parte; e estabelece as relações subsistentes entre cada uma de essas partes e todas as outras.

A *cosmologia* pode considerar-se como uma ciencia que, propriamente falando, nem é hipotética, nem exacta, mas puramente experimental, pois deduz, pela observação do universo, as relações que existem entre as suas múltiplas partes, e as torna mutuamente dependentes entre si. — Da *cosmologia* se pode dizer que é uma ciencia que se funda na *cosmographia*, procurando estabelecer a verdadeira *cosmogonia*.

Roquete, fazendo de estes vacábulos, anda muito desatento no principio do artigo em que os compara. Diz assim :

« Estas trez diferentes ciencias têm por objecto o estudo da criação ou formação do universo, e principalmente do globo terráqueo. A raiz do ellas se acaba na palavra grega *kosmos*, mundo.

« A de *cosmogonia* se forma acrescentando ao radical *gonos*, geração, que vem do *ginomai*, eu gero; e assim *cosmogonia* significar a geração, a sciencia ou sistema acerca da formação do universo.

« *Cosmographia* é a união do mesmo radical com *grapho*, eu descrevo, e é a ciencia qua se propõe estudar a estrutura, a forma, disposição e relações que guardam entre si as diferentes partes do universo.

« Ajuntando ao mesmo radical *logos*, discurso, temos o nome *cosmologia*, que designa literalmente discurso ou tratado sobre o mundo, ou sciencia das leis geraes que o governam.

« A *cosmogonia* discorre sobre o estado variável do mundo ao tempo de sua formação; a *cosmographia* expõe em todas as suas partes e relações o estado actual do universo: e a *cosmologia* discorre sobre este estado considerando-o já fixo e permanente.

« A primeira ciencia é conjectural, a segunda meramente histórica, a terceira experimental.

Lacerda diz muito melhor :

« Todas estas palavras significam a ciencia que tem por objecto o estudo do universo, mas, segundo a raiz comum, e a composição particular de cada uma de ellas, classificam esse estudo de diferente modo.

« *Cosmogonia* é a ciencia da formação do universo.

« A *cosmographia* é a sciencia da disposição, figura e relações das partes de que o universo é composto.

« A *cosmologia* é propriamente a fisica geral, que, sem entrar no exame dos factos particulares, considera somente os seus resultados, e analogias, etc., subindo do assim ao conhecimento das leis geraes do universo.

« A *cosmologia* tem por objecto o estudo variável do mundo com respeito á sua formação. — A *cosmographia* descreve as partes componentes, e expõe as relações do estado actual do universo : e a *cosmologia* raciocina acerca de este mesmo estado.

(1) « *Genos* » é o equivalente grego do vocábulo portuguez « origem ».

Cosmopolita, orbicola, nómada, ambulante, vagabundo, errante.—*Cosmopolita*, propriamente dito, é aquelle que, apesar de ter domicilio fixo, não se considera em absoluto como cidadão da nação em que nasceu. Para o **cosmopolita** toda a terra é *patria*. Noutro sentido, *cosmopolita* é aquelle que, tendo ou não domicilio civil, percorre todas as nações sem se fixar em nenhuma.

Orbicola é vocábulo que, sem razão, se diz às vezes por *cosmopolita*. A única significação que propriamente se pode attribuir a esta palavra é a de « habitante da esfera terrestre ».

Nómada diz-se do povo que não tem habitação fixa. O *nómada* leva consigo tudo quanto tem, estabelece-se momentaneamente onde bem lhe parece, e, quando julga conveniente não continuar a permanecer no mesmo ponto, parte de elle em procura de outro.

Ambulante diz-se de aquelle que do terra em terra exerce um officio ou modo de vida. O *ambulante* pode ter domicilio civil, mas nem permanece nelle de modo estável, nem está fixo por muito tempo na mesma terra.

Os *nómadas* procuram regiões desertas; os *ambulantes* vão da povoação em povoação.

Vagabundo e *errante* dizem-se de quem, sem objecto fixo, nem occupação determinada, percorre sem rumo uma nação, ou vae de nação em nação, sem querer fixar-se em nenhuma parte. O *vagabundo* vagueia voluntariamente por um territorio extenso; o *errante*, talvez involuntariamente, anda sem direcção determinada por qualquer parte.

Veja-se tambem o artigo **Ambulante** na página 85.

Costumar, soer, (estar afeito).

— O verbo *soer*, tão fora de uso na linguagem usual, é sem dúvida merecedor de ser readmitido nella, posto que a nenhuma outra palavra é dado exprimir a mesma idéa que elle encerra.

Costumar e *soer* differenciam-se: 1.º em *soer* exprimir que o facto de que se trata se repete habitualmente desde ha muito — particularidade de tempo que *costumar* não indica; 2.º em *soer* indicar que o facto se repete por gosto de quem o pratica, ao passo que *costumar* apenas sugere a idéa do hábito actual.

Tanto Roquete como Lacerda comparam muito acertadamente estes dois verbos entre si, e ademais com a expressão *estar afeito*.

Eis como Roquete os explica:

« *Soer* é um verbo contralido do castelha. « no *soer*, do latim *solere*, que hoje é quasi « desusado, mas sem razão; faz sinónmia « com *costumar*, porém differenciam-se em

« que *soer* denota continuação da mesma « cousa ou do mesmo modo de ser ou estar « e isto desde muito tempo; *costumar* exprime « me propriamente a repetição dos mesmos « actos, a qual pode ser recente. Rigorosa- « mente, *costumar* só se diz das pessoas, « sendo que *soer* se diz das pessoas e das « cousas. Deveriam os modernos restabe- « lecer o uso de este verbo, e se o exemplo « de Camões lhe não basta, lembrem-se « que Vilela não é mui antigo, e era mui « atlado em tudo que dizia e escrevia, e « ainda o usou, ao menos duas vezes, com « a significação que aqui lhe damos.—O sol « que *soia* fazer o dia, se ha de escurecer « (II, 428).—O silencio que *soe* encobrir ou « dissimular a tristeza... (VII, 43).

« *Estar afeito* é o mesmo que estar acos- « tumado ou habituado a fazer uma cousa; « supõe facilidade adquirida pela repetição « de actos, e sempre se diz das pessoas ».

Citaremos agora Lacerda:

« *Soer* designa continuação da mesma « cousa, ou do mesmo modo de ser ou estar « desde muito tempo: — *Portugal já não é « o que *ser* *soia*.*

« *Costumar* designa a repetição dos mes- « mos actos, quer desde antiga data, quer « de data recente.

« *Soer* diz-se das pessoas e das cousas; « *costumar* diz-se das pessoas somente (1).

« Em muitos casos o verbo *soer* não po- « de ser cabalmente substituído pelo ver- « bo *costumar*, e portanto o seu uso deve « ser adoptado, como conhecem os que de- « sejam ou sabem escrever com proprie- « dade.

« *Estar afeito* exprime uma consequencia « do costume e indica a folicidade, geito, « propensão adquirida de fazer alguma cou- « sa. Quando temos o costume de fazer al- « guma cousa, por difficil que seja, *afazemo- « nos*, e então cessa a difficuldade, e talvez « fazemos com prazer o que ao principio nos « causava molestia: é a isto que se chama « *estar afeito* ».

Costume, hábito, uso, rotina.

— Consiste o *hábito* (2) em fazer ordinaria

(1) Roquete e Lacerda não atenderam a que o verbo *costumar*, mas só por *soer* ter caído em desuso, se diz tambem das cousas. Qualquer diz, ainda que imprópria- mente: — *No inverno **costuma** chover*, se bem as cousas não podem adquirir *costumes*. O correcto seria dizer: *no inverno **soe** chover*. (Nota do A.)

(2) Querem os etimologistas que este vo- cáculo derive do latim *habitus*, palavra que significa o modo de ser, a forma ou feitio quo tem uma cousa. — Parece-nos mais acertado juizal-o derivado de *habilitado*, « a constituição da cousa », palavra que vem de *habere*, « estar em determinado estado ».

e frequentemente uma mesma cousa, como se ella nos fosse natural, em consequencia de a força de actos reiterados nos haver-mos amoldado a ella, ou em virtude do nosso espirito se haver constituído na necessidade de a procurar, proporcionando-se cada vez que a repete um gosto ou prazer mais ou menos vivo. É termo subjectivo, pois exprime um facto pessoal e peculiar ao sujeito.

Com o termo *hábito* tem grande analogia a palavra *rotina* (1) que significa propriamente o trilha que inconscientemente se segue em virtude de uma prática habitual, ou que se segue apenas por o vermos seguir aos outros. Diferem porém as duas palavras em o *hábito* ser, como dissemos, subjectivo, e a *rotina* ser objectiva—este vocábulo visando particularmente a exprimir o resultado que se quer obter por um meio quasi irreflectido.

Hábito toma-se a boa ou a má parte, segundo o sentido que tem na frase, ou segundo o sentido que lhe dá o qualificativo que o acompanha; *rotina* toma-se quasi sempre a má parte, por indicar um método irreflectido, que é adoptado por aquelles que não querem dar-se ao trabalho de aperfeiçoar os seus meios de acção. *Fazer uma cousa por hábito* será louvável quando o *hábito* for bom, e censurável se elle for mau. *Fazer uma cousa por rotina* é sempre censurável, porque é obrar como sempre se tem visto obrar, sem tratar de comprehender os principios do que se faz, nem procurar aperfeiçoar os meios que podem levar a fazer melhor.

Costume, propriamente, encerra idéa de colectividade, porque designa um modo de obrar ou de usar geralmente adoptado por todos ou por muitos. É também vocábulo objectivo, predominando nelle, não a idéa do sujeito, mas sim n da cousa ou objecto a que a vontade do agente se submete, ou a qual o seu espirito obedece, para conformar-se ao modo geral de obrar ou de usar. Seguimos um *costume*, não em virtude de uma modificação especial que nos distingue dos outros, mas precisamente para não nos diferenciarmos de elles. — *Cada um de nós tem os seus hábitos*, uns contralidos por gosto, outros por fraqueza, outros por negligencia; a força da vontade pode fazer-nos perder os *hábitos* de que queremos livrar-nos. — *Cada terra tem os seus costumes mais ou menos geralmente seguidos*; podemos resistir e até oppôr-nos a esses *costumes*, mas não podemos fazel-os perder aos outros por um esforço da nossa vontade. O *hábito* está em nós, e por isso o dominamos; o *costume* está fora de nós; podemos adoptal-o, mas não podemos destruil-o. — Mesmo em sentido mais pessoal, *costume* in-

dicará sempre um facto exterior. *Tenho o hábito de tomar café depois de jantar* é uma expressão de alcance muito diferente a *tenho o costume de tomar café depois de jantar*; aquella indica um acto que nos é agradável, que se nos tornou por assim dizer necessario e cuja privação nos seria penosa; esta indica apenas a acção que fazemos todos os dias.

Uso é vocábulo menos extensivo que *costume*, mas não deixa por isso de encerrar idéa de colectividade. Se o *costume* é de todos, ou quando menos de muitos, o *uso* é apenas peculiar a determinado grupo da totalidade. Se numa terra é *costume* ir aos officios da igreja, não por isso fazem todos *uso* do livro de missa; esse *uso* é quasi exclusivo ás senhoras.

Roque, além de se exprimir muito confusamente, nem atendeu em absoluto a idéa geral dos vocábulos que comparámos, nem diz nada de *rotina*. Eis como elle se explica:

« A differença de estas palavras está em « ser diferente o número das pessoas que o « possuem, e na maior ou menor força de « expressão.

« *Hábito* é a facilidade que se tem em fa- « zer qualquer cousa, produzida pela mayor « ou menor repetição de actos. Muitas ve- « zes significa também esta mesma repeti- « ção.—*Uso* é a acção e o efeito de usar, is- « to é, o aproveitamento actual de uma cou- « sa para algum fim; e a facilidade em pro- « porcional-a se toma também como a prá- « tica geral de esta ou de aquella cousa. « Neste sentido disse Horacio em sua Arte « poética que o *uso* constituia a lei e regra « de falar:

« Usus.
« *Quem penes arbitrium est, et jus, ec norma loquendi.*

« *Costume* é o que por génio ou propensão « se faz facilmente; o conjunto de quali- « dades ou inclinações que formam o car- « ctor distinctivo de uma pessoa ou nação, « chamam-se *costumes*.

« O *hábito* só pode applicar-se a um ente; « o *uso* pode conceituar-se como o efeito de « esta propriedade; e *costume* é aquella « mesma facilidade peculiar de algumas « pessoas tomadas colectivamente.

« Uma nação não tem *hábitos*, porém dis- « tingue-se por seus *costumes*; um poeta faz « uso de Horacio, e não tem *hábito* de co- « piar-o; um ajeitado da mão direita tem « *hábito* de vestir-se com a esquerda, e não « *costume*.

« O *Hábito* adquire-se; o *uso* segue-se; b « *costume* adopta-se.

« *Costumes*, correspondendo ao latim *mo- « res*, indica particularmente os actos mo- « raes do homem ou das nações que fre- « quentemente se praticam, e que variam

(1) Do francez *routine*.

«segundo os tempos e os logares.—Os *costumes* dos Germanos eram muito diferentes dos dos Romanos.—Os *costumes* de hoje não se parecem com os dos antigos portuguezes».

Lacerda encanou os substantivos *hábito* e *costume* no sentido que esses vocábulos encerram quando são considerados com relação aos verbos *habituár* e *acostumar*. Diz assim:

«O *costume* refere-se ao objeto; o *hábito* à mesma acção.—O *costume* familiariza; o *hábito* facilita: aquelle forma-se pela uniformidade e este pela repetição.

«Um acto a que estamos *costumados*, ou antes *acostumados*, custa-nos menos trabalho; aquelle a que estamos habituados fazemol-o sem difficuldade, naturalmente, e até quasi involuntariamente».

Costurar, coser.—*Coser* tem sentido mais goral que *costurar*—este verbo exprimindo aquella costura propria ás donas de casa, ao arranjo, concerto ou execução das roupas da familia. Os *alfayates cosem*, mas não *costuram*.

Cova, covacho, fôssô.—A *cova* pode ser natural ou artificial; o *fôssô* é sempre feito pela mão do homem. A *cova* artificial é uma excavação feita no sólo; a *cova* natural pode estar no sólo ou na pendente das elevações terrestres. Além de isso *fôssô* indica sempre uma excavação muito mais extensa que a *cova* propriamente dita.—Abre-se uma *cova* para plantar uma árvore; abre-se um *fôssô* para defensão de um logar.—Quando a *cova* é pequena, como a que se abre para semear legumes, chama-se *covacho*.

Cova, coval.—Nos cemitérios chama-se *cova* a excavação que serve para sepultar um cadáver, e *coval* o terreno destinado a abrir *covas*.

Cozido, ôlha.—A *ôlha* consta do caldo que se toma simples ou de que se faz a sôpa, e tambem de tudo quanto se cozeu nesse caldo.

O *cozido* é a parte sólida da *ôlha*, ou seja a propria *ôlha* abstracção feita do seu caldo.

Crápula, deboche, orgia, libertinagem, devassidão.—A *crápula* é o excesso de *devassidão* no que ella tem de mais vil e grosseiro, de mais abjecto e repelente.—Se quizermos referir-nos com este vocábulo aos gozos carnaes, exprimimos a idéa do vicio mais asqueroso, e dos meios mais immundos.

Deboche, vocábulo que alguns pretendem ser galicismo inútil, é, pelo contrario, um vocábulo de grande utilidade na lingua por exprimir em determinadas circumstancias uma nuance particular em que se ate-

nua a idéa geral que ocorre ao espirito com qualquer dos outros vocábulos de este grupo.—O *deboche* é sempre um excesso no gozo dos prazeres sensuaes; mas se a *crápula* não pode deixar de ser vil e grosseira, o *deboche* pode ter requintes de elegancia e de distincção que não são dados á *libertinagem*, nem á *devassidão*.—Concorre tambem em prô de este vocábulo que elle se adapta para indicar não um hábito inveterado, nem sequer uma série de actos de *libertinagem*, mas sim um acto isolado que se faz uma vez, um dia, alguns dias a seguir, mas sem reincidencia nesses actos. *Fazem-se deboches* (mas não se fazem *libertinagens* nem *devassidões*).—Nem mesmo a palavra *orgia* pode com exactidão substituir sempre o termo *deboche*, aquella sendo um excesso de gula em que predomina a embriaguez, circumstancia que nem sempre se dá no *deboche*.—A idéa que predomina nesta palavra é a de fugir aos deveres profissionaes para fazer um gasto excessivo em gozos sensuaes; isso pode fazer-se uma vez; pode repetir-se varias vezes; mas só se o *deboche* se converter em hábito merecerá então, segundo as circumstancias, o nome de *libertinagem*, ou o de *devassidão*.

Consiste a *libertinagem* em desprezar as regras da moral dando-se ao desregramento dos costumes.

A *devassidão* consiste mais no insólito dos actos que se praticam quo na frequencia com que elles se repetem. Nisso se distingue bem da *libertinagem*, a qual indica um estado permanente, ou quasi permanente.

Crasso, grosseiro.—Quando estes adjetivos qualificam os nomes *erro*, *ignorancia*, *disparate*, etc., cabe entre elles a seguinte diforeença:

Crasso diz-se do que é indesculpável na pessoa, em razão de ella reunir circumstancias que não lhe permitem ter ou cometer o que é *crasso*.

Grosseiro encarece apenas a qualidade do que é assim qualificado.

Um *erro crasso* é sempre *grosseiro*, mas o *erro grosseiro* não é *crasso* na boca de toda a gente, só sim na de quem, pela sua illustração ou posição social, tem obrigação de o saber evitar.

Cravar, enterrar.—*Cravar* é enterrar com força e profundamente, de um só impulso; o *assassino cravou-lhe o punhal nas costas*.

Enterrar é introduzir completamente, ou quasi completamente, o objeto que se *enterra*, sem porém determinar o modo como o acto se faz.

Crear, produzir, gerar.—Roquete compara muito bem estes vocábulos, dizendo:

« Por todos estes modos se dá sêr ao que
« o não tinha, mas cada um de elles indica
« differente meio na causa que *cria*, produz
« ou gera.

« *Crear* é tirar uma cousa do nada, dar-
« lhe todo o sêr, e, metafóricamente, é eri-
« gir, instituir uma nova dignidade ou em-
« prêgo.

« *Produzir* é tirar de si com actividade
« ou acção vital alguma cousa.

« *Gerar* é propagar a especie pela ge-
« ração.

« *Deus creon o universo e todos os seres*
« *que o compõem. Os reis criam novos car-*
« *gos e dignidades. Os sábios criam novas*
« *ciencias. As sementes, que se lançam a ter-*
« *ra, germinam, crescem, e produzem o*
« *fruto, segundo suas especies. Os literatos*
« *produzem suas obras quando as conce-*
« *bem em sua mente, e com os auxilios que lhe*
« *ministram as letras ou as ciencias dão à luz*
« *suas produções. — Geram ou en-*
« *gendram todos os animais sua prole se-*
« *gundo sua especie; e, moralmente falando,*
« *erros geram erros, e vícios geram vi-*
« *cios».*

É o que Lacerda resumiu dizendo:

« *Crear*, é tirar do nada; é dar o sêr; e,
« metafóricamente, instituir novos empre-
« gos, etc.

« *Produzir*, é tirar de si com actividade
« alguma cousa.

« *Gerar*, é propagar a especie pela go-
« ração.

« *Deus creon o universo. As sementes*
« *produzem frutos. Os animais geram*
« *a sua prole; e, em sentido translativo, os vi-*
« *cios geram crimes.*

Crebo, frequente. — Muito pouco
usado é o primeiro de estes adjetivos, dos
quaes, não attendendo porém á forma como
elle se exprime, Roquete diz muito bem:

« Duas palavras vindas do latim, de *fre-*
« *quens e creber*, e indicam ambas o que se
« reiteira, se faz ou succede a miudo, mas a
« segunda acrescenta á primeira a idéa de
« bastidão e espessura; isto é, exprime uma
« acção que se repete muitas vezes amlu-
« dadas, e por muitas pessoas ao mesmo
« tempo.

« *Frequente* é expressão vulgar; *crebo* é
« talvez só usada em poesia. Querendo Ca-
« mões exprimir não só a *frequencia* dos sus-
« piros, senão tambem a *multidão simultâ-*
« *nea* dos amantes que na ilha encantada os
« exbaivam, disse:

« *Crebos suspiros pelo ar soavam,*

« *Dos que feridos vão da seta aguda.*

(*Lus. IX, 32.*)

Crédulo, crente; credibilidade, crença. — Em poucas palavras com-
para Roquete estes vocábulos mul judicio-
samente. Diz:

« O que *crê* de leve, com demasiada fa-
« cilidade, é *crédulo*; o que *crê* com boas ra-
« zões, e está firme na sua *crença*, é *crente*.

« — Abraão foi o pai de todos os *crentes*;
« mas não se pode dizer que o foi de todos
« os *crédulos*. — « *A idolatria semeou a cre-*
« *debilidade*, diz o Padre Vieira, e a *Fé*
« *colheu a crença*. A idolatria com as fá-
« bulas começou a fazer os gentios *crédulo-*
« *los* e a *Fé* com os mysterios acabou de os
« *fazer crentes* (I, 170)».

Dos mesmos vocábulos diz Lacerda:

« É *crédulo* aquelle que *crê* de leve e fá-
« cilmente.

« É *crente* o que *crê* fundado em boas ra-
« zões, e se tem firme na sua *crença*. — A
« agente baixa é *crédula* do mal que se di-
« fama de outros (LEÃO CHR. AFF. V). — A
« *fé* com os mysterios acabou de os (gentios)
« *fazer crentes* (VIEIRA)».

Cremação, lacheração. — Con-
cordam estes vocábulos em ambos desi-
gnarem o acto de queimar os cadáveres,
tanto por medida higiénica, como pelo pie-
doso desejo de conservar em nosso poder
as cinzas dos nossos parentes. Diferem po-
rém: em *cremação* indicar apenas o acto,
e *incineração* não só o acto, mas quasi sem-
pre tambem aquella intenção.

Crença, fé, opinião. — *Fé* (do latim
fides, confiança) é a perfeita e absoluta
adesão do espirito áquilo que se conside-
ra verdadeiro. *Afé* tem por base a confian-
ça que temos na pessoa que nola inspira
por a julgarmos não só incapaz de nos en-
ganar, mas tambem de se enganar a si pro-
pria. — A pessoa que tem *fé* em alguma
cousa submete o seu espirito sem hesitação
e sem oxame á autoridade ante a qual se
curva, reconhecendo não ter direito para a
contestar ou pôr em dúvida. Por isso se
qualifica a *fé* de *cega*, e de *inabalável*. — A
ignorancia tem fé em certas práticas e dou-
trinas que fazem encolher os hombros a quem
é *sensato*. — É a *ignorancia*, e só a *ignorancia*,
que engendra a *fé* nos milagres. — Este vo-
cábulo é particularmente relativo ás reli-
giões, e muito especialmente á religião
cristã, pois esta, fundada exclusivamente
na revelação, não poderia subsistir se se
puzesse em dúvida a veracidade de Moisés
e a dos outros profetas. — Note-se tambem
que este vocábulo se emprega frequente-
mente em sentido absoluto, como quando
se diz que a *fé remove montanhas*, que a *fé*
se *entibla*, que a *idade média* foi o *período*
da *fé*, etc.

A *crença* é muito differente da *fé*, tanto
quando a consideramos nas suas relações
com a religião, como quando a encaramos
desde outro qualquer ponto de vista. — A
crença é a aquiescência que se funda no
exame e na reflexão; pois só a razão, pe-
sado, comparando e deduzindo, é que nos

determina a ter crença. Ter **crenças religiosas** é cousa muito diferente de ter a **fé religiosa**, pois precisamente essas **crenças** podem não só excluir, mas até combater a **fé**. Os deístas têm **crença** em Deus e excluem a **fé**. — Assim **fé e crença** concordam em exprimir uma aquiescência do nosso espírito áquilo que não vemos, mas a **crença** é uma adesão menos absoluta, mas muito mais circumspecta, mais duradoura e muito melhor fundada que a **fé**.

Opinião é uma adesão pessoal ao que se crê bom ou verdadeiro, mas nella cabe sempre mayor ou menor grau de dúvida — a bondade ou veracidade do que se crê sendo mais uma presumpção que uma convicção. Na **fé** ou na **crença**, o principalmente na **crença**, ha estabilidade; a **opinião** só se adopta conditionalmente; por isso é frequente mudarmos de **opinião**. — Ademais, este vocabulo não pode ser relativo á materia religiosa, com a qual a dúvida ou a hesitação são incompatíveis, pois em religião ou se ha-de crêr ou bem não crêr. — É em politica e nas ciencias que a **opinião** representa o seu papel principal; os partidos, como as hipóteses, não são senão **opinões**. A **opinião republicana está no espirito de quantos pensam, mas a consideração da geral fragilidade da honradez civica leva os homens de bom senso a ater-se aos sistemas monárquicos, pois sempre se é melhor governar por um repleto que por cem que querem repletar-se.** — A **opinião pública** está muito longe de ser unânime, pois não é mais do que o conjunto das **opinões** individuaes. A **opinião** de Copérnico sobre o movimento da terra prevaleceu não só sobre a **opinião** dos astrónomos que o precederam, mas até sobre a do papa que, *ex cathedra*, a condemnou por herética.

Roquete, comparando **fé** com **crença**, diz o seguinte:

«Referem-se estas duas palavras á persuasão que se tem na verdade de uma cousa. Diferenciam-se em que **fé** se toma «algumas vezes em abstracto, o designa «então a persuasão que se tem dos mysterios da religião. A **crença** das verdades «reveladas constitue a **fé**; e os diferentes «pontos ou artigos de **fé**, propostos pela «Egreja, constituem a **fé** católica.

«A palavra **crença** indica o convencimento «to fundado em algum motivo que possa «haver, evidente ou não evidente. A **fé** é «uma **crença** fundada unicamente na autoridade do que fala. Neste sentido é que «se diz **ter fé em algum**, que vale o mesmo que, estar persuadido da verdade do «que esse **alguem** diz ».

Lacerda diz apenas:

«**Crença** é a persuasão que traz origem «de um motivo determinado.

«A **fé** é a persuasão que tem sómente «por motivo a autoridade de aquelle que «falou ».

Crêr, pensar, julgar, presumir. — Concordam estes vocabulos em exprimir a adhesão ou a tendencia do espirito para uma certa idéa.

Crêr exprime essa circumstancia de dois modos muito diferentes. Uma vez exprime-a de modo geral, outras de modo particular; no primeiro caso corresponde a **pensar, julgar e presumir**, e diz-se por qualquer de esses vocabulos, no segundo está em opposição com toda idéa de dúvida. Nesta accepção especial, **crêr** significa adherir pela **fé** ao que se diz ou se disse, ter a firme convicção, não ter a menor sombra de dúvida, e ir talvez até ao extremo de não admitir que ninguém duvide: é assim que o cristão **crê** na divindade de Jesus-Cristo, o israelita na missão de Moisés, o mahometano na de Mahoma.

Pensar diz-se da opinião que se tem a respeito de um assunto ou materia, da **crença** pessoal ou do modo de ver proprio, sem que se pretenda impol-o aos outros. **Pensar** é muito menos preciso e affirmativo que **crêr**, mesmo quando este verbo se emprega no sentido geral que acima lhe attribuímos, pois quem **pensa** admite certa dúvida, e não tem aquelle principio da certeza que anima a quem **crê**. É necessario que haja motivos que nos levem a **crêr**, ao passo que ás vezes basta uma idéa para nos induzir a **pensar**.

Julgar, é **crêr** em attenção a uma opinião razoada que se funda em provas ou factos, ou tão sómente em observações e nas conclusões que de ellas se tiram. Quem **julga** deve ter razões que justifiquem o juizo que faz.

Presumir não tem por base senão uma opinião pessoal envolta na dúvida ou na incerteza de que factos anteriores, que originam a **presunção**, se repitam ou se dêem novamente na circumstancia que consideramos.

Veja-se a respeito do esta palavra o artigo **Conjectura** na página 296 e seguintes.

Veja-se tambem o artigo **Culdar** na página 344.

Crêr em, crêr a algum, ou crêr algum. — Roquete compara muito bem estas expressões dizendo:

«**Crêr em algum**, é **crêr** que elle é na «verdade o que representa ou inculca; **crêr** «a **alguem**, é dar crédito ao que elle diz, «**crêr** que nos fala do coração. Muito bem «explicou esta differença o Padre Vieira no «Sermão da 5.^a Dominga da Quaresma. «Suas são as seguintes palavras: — De maneira que ha **crêr em Cristo** e **crêr a** «**Cristo**; e uma **crença** é muito diferente da «outra. **Crêr em Cristo** é **crêr** o que elle «é; **crêr a Cristo** é **crêr** o que elle diz. «**Crêr em Cristo** é **crêr nelle**; **crêr a** «**Cristo** é **crêr** o a elle. Os judeus nem «criam em Cristo nem a Cristo. Não

« **criam em Cristo** porque não **criam a** sua divindade; e não **criam a Cristo**, porque não **criam a sua verdade**. . . Os discípulos naquelle tempo e naquelle estado, **criam a Cristo**, mas não **criam em Cristo**; e nós agora, ás avessas de elles, **crêmos em Cristo**, porque **crêmos o que é**, mas não **crêmos a Cristo** porque não **crêmos o que diz** (II, 241, 246) ».

Crescença, crescimento. — Estes dois termos significam aumento de tamanho e de volume, mas differem pelo modo como esse aumento se produz.

A **crescença** é lenta e gradual; o **crescimento** pode ser rápido e instantâneo.

Por outro lado **crescença** nunca exprimir senão o acto de crescer, e **crescimento** tanto pode designar esse acto como o estado que resulta de elle. A **crescença** dos animaes tem um limite que é aquelle em que o animal atinge todo o seu **crescimento**.

Criado, lacayo. — Tomamos de Roquete a comparação de estes vocábulos, comparação que elle estabeleco assim:

« **Criado** tem um sentido geral que se applica a todos os que servem; **lacayo** tem um sentido particular que não convem se não a uma classe de criados.

« O **criado** pode ser grave ou de farda, de sala ou de escada a baixo; o **lacayo** é sempre de farda e de escada a baixo.

« **Criado** designa propriamente um bommem de serviço, e **lacayo** um bommem que em geral vae atrás do amo ou na trazeira da sege. O **criado** exprime uma idéa de utilidade; o **lacayo** uma idéa de ostentação.

« Os principes, os fidalgos, etc., que andam de carruagem têm **lacayos**; as pessoas da classe média, e ainda as da inferior, « têm somente **criados** ».

Lacerda disse a mesma cousa:

« **Lacayo** designa uma especie de criados. **Criado** é palavra de sentido genérico, e designa todos os que servem por soldada.

« **Lacayo** é o criado de escada abaixo, que acompanha o amo a pé, ou na trazeira ou na almofada da sege, ou que vao a cavallo adiante ou atrás do coche ou do cavaleiro.

« O **criado** pode ser grave ou de farda, porém o **lacayo** é sempre de farda.

« **Criado** exprime a idéa de necessidade; **lacayo** a de ostentação ».

Crítico, censurável. — O que é crítico, separa-se do uso estabelecido sem infringir a moral.

O que é **censurável** ultrapassa os limites do permitido.

Alguem pode ser **crítico** pelas suas excentricidades, sem de modo alguma ser **censurável**; ao passo que muitos que não dão

azo á **crítica** são **censuráveis** no seu proceder.

Crú, cruei. — Diferença-se **crú** de **cruel**: 1.º Em não se poder dizer senão das pessoas. 2.º Em estar muito fora de uso. 3.º Em **crú** qualificar melhor que **cruel** a pessoa que pela sua posição social e illustração não devera ter crueldade. — Os selvagens são **crueis** para com os prisioneiros que fazem na guerra. — D. Pedro I foi cognominado o **Crú**.

Crucificado, crucifixo, cruz. — A **cruz** é o instrumento de suplicio, que se tornou símbolo de redempção entre os cristãos.

Crucifixo é a **cruz** em que está pendente a imagem do Jesus.

Crucificado é o proprio Jesus, considerado como redemptor da humanidade.

Roquete diz o seguinte de **crucifixo** e **crucificado**:

« Posto que estas duas palavras tenham o mesmo radical, todavia sua differente terminação faz com que cada uma de ellas signifique cousa distinta.

« **Crucifixo** é a imagem de Cristo pregado na cruz.

« **Crucificado** é por excellencia Jesus-Cristo, que se deixou cravar na cruz para remir o mundo.

« Aos pés de um **crucifixo** estudava São Thomaz de Aquino a ciencia teológica com que tanto illustrou a religião do **Crucificado**.

Lacerda copiou quasi literalmente do Roquete:

« A radical é a mesma em ambas estas palavras, porém distinguem-se na significação.

« **Crucifixo** é a imagem de Cristo **crucificado**.

« O **crucificado** por excellencia é Jesus-Cristo: Aos pés de um **crucifixo** estudava São Thomaz de Aquino a ciencia com que tanto illustrou a religião do **crucificado**. (ROQUETE) ».

Cruza, crueldade. — **Cruza** encaixa sobre **crueldade**; supõe-na requintada e inflexível, habitual no individuo, e indica ademais que elle obra cruelmente por indole e não por ignorancia nem por estar arrebatado pela cólera.

Cruzar, atravessar. — Por corruptela se empregam indistintamente estes dois verbos, dizendo, ora **cruzar a rua**, ora **atravessar a rua**; ora **cruzar o oceano**, ora **atravessar o oceano**.

Cruzar só se deve dizer com relação a um movimento feito em forma de cruz, como do norte a sul primeiramente, e de ieste a oeste em seguida. — **Cruzar** tambem se diz de um simples movimento em linha re-

cta, mas então considera-se fora de essa linha um ponto desde o qual se pode para ella tirar uma perpendicular. Diremos muito bem que *estando nós no fundo da rua vimos ao longe Fulano cruzar-a*, mas não diremos com propriedade que *ao chegar de frente de nós Fulano cruzou a rua para nos vir cumprimentar*.

Cubar, cublear.— *Cubar* (de *cubo*) e *cublear* (de *cúbico*) são sinónimos perfectos, mas *cublear* deve ter a preferencia em attenção a ser de conjugação mais grata ao ouvido.

Cucurlear, (cucurritar), cacarejar.— *Cacarejar* diz-se da galinha; *cucurlear*, do gaio. — *Cucurritar* ⁽¹⁾ é êrro, pois estes termos, sendo onomatopaicos, têm de amoldar-se à imitação do canto da ave, no qual se repeto o som *ka*, mas não se nota o de *ta*.

Cuidadosamente, cuidadamente.— *Cuidadosamente* diz-se com relação ao que é bom ou vantajoso para o objecto da acção, ao modo como uma coisa se faz quando se tem em vista que nada lhe falte nem haja nella nada que seja imperfecto.

Cuidadamente é relativo ao modo como uma coisa preoccupa a quem a faz, á continuação vigilância que sobre ella exerce.

Cuidadosamente tratamos de nossos filhos, e cuidadamente os vigiamos.

Cuidadoso, diligente, solícito, desvelado, ancioso.— *Cuidadoso* diz-se de quem se applica a fazer as cousas de modo que nada lhes falte, e que noellas nada haja mal feito. — *Cuidadoso*, noutro sentido, diz-se de quem procura evitar faltas ou penuria: *solícito e cuidadoso para com os seus*.

Diligente é aquelle que não perde tempo, que é activo. — *Diligente* difere de *cuidadoso* em *cuidadoso* ser vocábulo de sentido objectivo, e *diligente* ser exclusivamente subjectivo. — Dizendo-se que alguém é *cuidadoso* no seu trabalho, tem-se em vista o modo como é feito aquilo de que elle tem cuidado; quando se diz que alguém é *diligente* apenas nos referimos á actividade do sujeito. — Assim é que se pode ser *cuida-*

doso sem se ser *diligente*, como tambem o *diligente* pode attender mais depressa a expedir prontamente o que tem a fazer, do que a executar-o com cuidado.

Solícito é quem mostra *diligencia e cuidado* por aquilo a que bem pudera não attender; tambem se diz de quem procura todas as occasiões de ser prestimoso.

Desvelado é quem, com sacrificio proprio, atende pelo bem alheio.

Ancioso, vocábulo que apenas comparamos com os precedentes por vê-lo com elles comparado pelos sinuimistas que nos precederam, não se diz de uma qualidade da pessoa, mas de um estado anormal em que ella se encontr. *Está ancioso* aquelle que procura chegar ao termo de uma causa, ou quem se impacienta por ella tardar a chegar.

Roquete e Lacerda compararam muito mal estes vocábulos.

Diz Roquete:

« Expressim estes vocábulos a progressão ascendente do cuidado e attenção com que alguém se occupa de um negocio, etc. « Diferenciam-se porém entro si pelo grau « que cada um exprime.

« O que trata do negocio ou incumbencia « com cuidado, sem do elle se esquecer, é « *cuidadoso*.

« O que ao cuidado junta estudo, applicação o esmero, é *diligente*.

« O que ao cuidado e diligencia junta « instancia o assiduidade, talvez inquietação, é *solícito*.

« O que emprega continua vigilância, « quasi que não dorme, nem descança em « quanto não perfaz ou consegue o que deseja, é *desvelado*.

« Finalmente, o que obra com anciedade, se « agita *cuidadoso*, se afflige *solícito* e *desvelado*, é ou está *ancioso*. »

Diz Lacerda:

« É *cuidadoso* quem trata de um negocio « com cuidado, occupando-se do elle seriamente.

« É *diligente* quem trata o negocio não « só com cuidado, mas tambem com estudo « o applicação.

« É *solícito* quem, ao cuidado e diligencia, « ajunta muita instancia e certa inquietação.

« É *desvelado* quem não descança em « quanto não consegue o que pretende.

« Emfim, é ou está *ancioso* o que chega a « inquietar-se com sobresalto e afflicção para « verificar o que tomou ao seu cuidado. »

Cuidar, julgar, supprôr.— *Cuidar*, como sinónimo dos outros verbos de este grupo, quasi sempre se emprega quando o resultado sae diferente ao que se esperava, ou é contrario ao pensamento que se tinha, ou quando pelo menos esse resultado é duvidoso.

Julgar é pensar em virtude de um racio-

(1) *Cucurritar* é a forma admitida no recente dictionário do sr. Cândido de Figueiredo, o qual inscreve este vocábulo sob o sinal com quo indica os 30.000 termos que pretende não estarem mencionados em nenhum outro dictionario da lingua; efectivamente, *cucurritar* não se acha em nenhum, porém *cucurlear*, forma que o illustre socio da Academia Real das Ciencias de Lisboa não admite, vem em alguns.

«Início, de um facto anterior, ou de uma circunstancia que dá bom fundamento ao nosso pensamento.

Supôr inculca grande probabilidade do facto se realizar.

Cuidei *que viesse; julgo que virá; suponho que não deixará de vir.*

Para outros sinónimos, veja-se o artigo **Crêr, pensar**, na página 312.

Culpa, peccado. — *Culpa* é a causa que obra em nós, mais depressa pela nossa negligencia que por nossa actividade, e da qual sae o *peccado* ou o mal. — *Culpa* é tambem a consequencia de se ter feito o que não se devia fazer, e até certo ponto é a responsabilidade que de esse acto vem ao sujeito.

Pecado é toda transgressão à lei religiosa, mas transgressão voluntaria. (Veja-se esta palavra na página 136).

Cultivo, cultura. — *Cultivo* é vocábulo menos extensivo que *cultura*, pois ao passo que este se diz do conjunto das operações necessarias para obter os productos da terra, *cultivo* diz-se do modo como se faz uma *cultura* especial, dos cuidados e meios empregados para obter determinado producto.

Culto, illustrado. — Faltando de pessoas ou de povos, *culto* diz-se de aquellas, ou dos que, se dão ás artes e sciencias, cultivando-as.

Illustrado diz-se da pessoa ou do povo que tem noções e conhecimentos que o tornam instruído.

Por um lado *culto* diz mais que *illustrado*, pois sugere a idéa de se fazer uso do que se sabe; mas *illustrado* sugere a idéa dos conhecimentos versarem sobre multiplicidade de ramos do saber humano, extensão de idéa que não é dada a *culto*.

O povo *culto* produz; o *illustrado* brilha.

Cume, cumeeada, cumieira. — *Cume* é toda a linha superior das altasmontanhas, e não só essa linha em si mas tambem a zona de terreno a que ella serve de eixo.

Cumeeada é uma série de cumes.

Cumieira, vocábulo que — apesar da opinião em contra de alguns dicionaristas — não se deve dizer com relação aos montes, designa a parte mais alta em que se dividem as aguas de um telhado.

De estes termos diz Roquette:

«Vêm todas estas palavras do latim *culmen*, mas pelas terminações designam cousas diversas, posto que todas no alto do ponto.

«*Cume* é a sumidade, o cimo de um monte, e no sentido figurado significa auge, «o último grau de favor, fortuna, etc., a que se chega.

«*Cumeeada* é a prolongação de um *cume*, «de uma *cumieira*, é o espigão da serra.

«*Cumieira* é a parte mais alta dos telhados da casa, o espigão, ou o pau que o «forma».

Lacerda diz assim a este respeito:

«*Cume* é o ponto mais elevado; e, em «sentido transitivo, o auge, o mais subido «grau de alguma cousa.

«*Cumeeada* é a prolongação do *cume*.

«*Cumieira* é a parte mais alta dos telhados de uma casa; o, metaforicamente, de «qualquer objecto».

Cumpllee, fautor, connivente.

— *Cumpllee* é aquelle que sem perpetrar o acto principal que constitue o crime, ajuda moral ou materialmente aquelle que o pratica.

Connivente é aquelle que moralmente se comprometeu no crime. (Veja **Connivencia**, na página 300).

Fautor (do latim *fautor*, de *favere*, favorecer) designa a pessoa que favorece ou promove qualquer acto censurável ou doutrina pernicioso, valendo-se do seu poder ou influencia.

O *cumpllee* e o *connivente* podem ser superiores, eguaes, ou inferiores a quem comete o acto; o *fautor* é geralmente superior. — Por outro lado, *cumpllee* e *connivente* dizem-se mais frequentemente de crimes, ao passo que *fautor* diz-se do que perturba a paz e tranquillidade publicas.

Cumprimento, cerimonia. — O

cumprimento é uma demonstração de civilidade; a *cerimonia* é um *cumprimento* exagerado. — No *cumprimento* atende-se a uma regra ou formulario, com cuja observação se *cumpr*e uma de aquellas obrigações exteriores que o trato social impõe. A *cerimonia* exclue toda a idéa de franqueza e de confiança. — Quem *cumprimenta* não falta ás considerações que as pessoas bem educadas se devem mutuamente. Quem faz *cerimonias* liga demasiada importancia a esses usos, e não os pratica com aquella naturalidade que os torna agradáveis.

Cumprir, observar, guardar.

— Roquette considera entre estes vocábulos uma sinonímia que estabelece do modo seguinte:

«Consideradas estas palavras no sentido de de executar uma lei, um mandato, ou «o que prescrevem as regras de qualquer «instituto, vêm a ser sinónimas, mas apresenta cada uma de oitavas certas modificações que não devem escapar ao bom filólogo.

«O sentido proprio da palavra *observar* «é ter á vista, atender a uma cousa; o de «*guardar* é ter em sua guarda um objecto, «sem abandonal-o, defendel-o, resguardal-o, ter cuidado nelle; o de *cumprir*,

« é encher, completar, consumir e concluir alguma cousa. — Quando executaes o que a lei manda, a *observaes*; quando cuidaes em não violal-a, ou vigiaes para que outros a não violem, a *guardaes*; e quando sois exactos e escrupulosos em encher in-teira e completamente as obrigações pres-critas, a *cumpris*. — *Observar* denota pro-priamente fidelidade aos preceitos; *guardar*, perseverança e continuação; *cum-prir*, perfeição ou consumação da obra ».

Lacerda, segundo o seu costume, não deixa de falar dos vocábulos que Roquete comparou. Eis como elle se exprime:

« *Observar* é atender a uma cousa, olhan-do-a com atenção.

« *Guardar* é ter cuidado de um objeto, defendei-o, conserval-o na sua mão.

« *Cumprir* é completar, concluir alguma cousa.

« O que executa o que a lei manda, ob-serva-a; o que procura não a violar, nem de nenhum modo infringir, o vigia para que os outros a não infringam, guarda-a; e o que é exacto em encher completamen-te as obrigações que ella prescreve, cum-pre-a ».

Cura, tratamento. — Nas doenças, a *cura* é relativa ao doente; o *tratamento*, a quem trata da doença. Felicitaremos um doente pela sua *cura*, e o médico que o tratou pelo *tratamento* seguido.

Curioso, amador. — O *curioso* exerce a arte de quem gosta; o *amador* apraz-se em vel-a exercer. *Récita* de **curiosos**. A palavra italiana « *dilettante* » corresponde á expressão portugueza **amador de música**.

Curso, giro. — *Curso* é a série de trâ-mites por que se passa, as diligencias que se fazem, ou os passos que se dão para obter algo.

Giro é a direcção que se toma para con-seguir o que se pretende.

Assim diremos que: *vendo a lentidão com que procedia no curso do negocio foi neces-sario tomar outro giro*.

Cuspir, salivar, espumar. — *Cus-pir* é expellir da boca seja o que fôr; *salivar* o *espumar* só se dizem de expellir saliva. *Salivar* é o termo comum; *espumar* é termo científico, e denota frequente repetição do acto de *salivar*.

Salivar o *espumar* são sempre verbos in-transitivos; *cuspir* é transitivo e intransi-tivo. Aqueiles nunca podem empregar-se figuradamente; este sim: **cuspir na cara a algum**; **cuspir injurias, calumnias**, etc.

Cuspo, saliva, esputo. — *Saliva* é o humor que segrega as várias glândulas da bôca.

Cuspo é a *saliva* que se expelle da bôca. *Saliva* pode dizer-se por *cuspo*, mas *cus-po* não tem a acepção que é propria a *saliva*. — É a *saliva* que ajuda a digestão, não o *cuspo*.

Esputo é a quantidade de *saliva* que se cospe de uma vez.

Castoso, difficil, difficultoso. — *Castoso* é referente ao trabalho material, e *difficil* á execução intelectual, ou tão só á pericia que a execução requer. — O que é *castoso* só se faz á força de tempo, do muito trabalho ou de muito dinheiro. — O que é *difficil* não pode ser feito por qualquer.

Difficultoso é relativo aos obstáculos ou im-pedimentos que se apresentam e se opõem á pronta expedição do que se tem a fazer.

Veja-se também o artigo **Árduo** na pá-gina 110.

Cynico, impudente. — Qualificam-se com estes adjetivos aquellas pessoas que obram com audacia o sem vergonha. O *impudente* não cõra, nem sente o me-nor abalo pela sua desfaçatez.

O *cínico* tem orgulho em ser *impudente*.



D

Dado, tratável.—Familiarmente se diz que *Fulano é muito dado* e *Sicrano muito tratável*; no primeiro caso, *dado*, é subjêtivo; no segundo, *tratável*, é objêtivo.

A pessoa muito *dada* fala a muitos, dá-se com todos, não é orgulhosa, tem muitas relações.

A pessoa muito *tratável* é de trato agradável, não de difícil acesso, todos lhe podem falar.

Dama, senhora, mulher, dona, matrona.—*Dama* é *senhora* de bom nascimento e de fina educação; *senhora* é *mulher* que pelo trajar e maneiras—e principalmente pelas maneiras—se distingue das *mulheres* do povo.

Mulher é termo genérico, em opposição a «bomem», mas no sentido em que aqui consideramos o vocábulo diz-se da pessoa do sexo feminino que pela sua condição e maneiras não é considerada como *senhora*, nem muito menos como *dama*, ainda que traje como ellas.

Dona, como sinónimo dos outros vocábulos de este grupo, é hoje termo desusado. Equivalia antigamente a *dama* ou *senhora* nobre.

Matrona, no sentido que nos vem occupando, não é hoje palavra de mais frequente uso que *dona*. Dizia-se primitivamente da mulher considerada como esposa e como mãe, e mais tarde equivalia a *dama*. Hoje diz-se jocosamente de qualquer mulher muito gorda.

Roque, que nada diz de *senhora*, compara os outros vocábulos do nosso grupo pela forma seguinte:

«*Mulher* é palavra genérica, que se contrapõe a *homem*, e significa a creatura racional do sexo feminino, e por excelência a que está casada. *Dona* é corrupção de *domina*, senhora, e significa senhora de respeito, casada, viúva, religiosa, de certa idade, etc., e por isso serve de distintivo que se dá a uma senhora de qualidade de junto a seu nome. Em significação secundária designa a *mulher* que já conheceu varão, como diz positivamente o autor do *Palmeirim*:—Quando o escudeiro chegou, a que ficara virgem e houvera no

«entretanto ajuntamento com o cavaleiro seu amo, era feita **dona**, e bem contente» (II. c. 106).—E no mesmo sentido parece ter dito Camões:

«Estavam pelos telhados e janelas

«Velhos o moços, donas e donzelas.
(*Lus.*, VII, 49).

«*Dama* é originariamente a mesma palavra *dona*, vinda de *domina* pela franceza *dame*, mas teve sempre a significação certa de *mulher* nobre e de qualidade conhecida, talvez como hoje dizemos *fidalgas*; teve porém depois uma significação secundária diferente de *dona*, isto é, *mulher* galanteada de algum cavalheiro e de *generou* até significar manceba, concubina, com o mesmo valor que *maitresse* entre os francezes; como se vê na *Carta de Guia*, pág. 90, em que D. Francisco Manuel diz:—*Aquelle amor cego fique para as damas, e para as mulheres o amor com vista*.

«*Matrona* é palavra puramente latina, e significa a *mulher*, mãe de família, nobre e virtuosa».

Lacerda também compara os vocábulos comparados por Roque, dizendo de elles o seguinte:

«*Mulher* é palavra de significação genérica, e designa a creatura racional do sexo feminino, e por excelência a casada; contrapõe-se a «bomem».

«*Dona* designa *mulher* de respeito, casada, viúva, religiosa, de idade, etc., e serve de distintivo que se antepõe ao nome de senhora de qualidade.—Quando o escudeiro chegou, a que ficara virgem, e houvera no entretanto ajuntamento com o cavaleiro seu amo, era feita **dona** (PALMEIRIM).

«*Dama* era originariamente o mesmo que *dona*, sendo palavra derivada da mesma origem latina *domina*, mas designou sempre *mulher* nobre, de qualidade, a que chamamos hoje *fidalgas*. Ao depois designou *mulher* galanteada de algum cavalheiro; e por último significou manceba, concubina.—*Aquelle amor cego fique para as damas, e para as mulheres o amor com vista* (D. F. MANUEL).

«*Matrona* é palavra trazida do latim, a

« significa mulher mãe de família, grave, « nobre e honesta ».

Damno, prejuizo, perda, detrimento, menoscabo. — O *damno* é mais material e mais directo que o *prejuizo*, e muitas vezes este provém de aquelle, como quando dizemos que o *damno* que a molestia faz nasvinhas causa grande *prejuizo* ao lavrador. — Além de isso o *damno* é soffrido naquilo que temos, e o *prejuizo* consiste em, não recebermos o que deveríamos receber. — *A intemperie, as comidas indigestas, o abuso das forças físicas não fazem prejuizo mas causam damno.* — *Quem não paga o que deve não faz damno ao crédor, mas causa-lhe prejuizo.*

Damno e perdu distinguem-se em a *perda* ser o *damno* total ou pelo menos considerável do que se possue.

Detrimento é o *damno* que sobrevem a alguém para vantagem de outrem. *Os tratados de commercio celebrados entre duas nações são sempre em detrimento da mais fraca.*

Menoscabo é mais depressa uma depreciação no valor estimativo que uma deficiência do valor real.

Roquele compara estes vocábulos de qualquer modo. Diz assim :

« Referem-se estas palavras ao mal que « se pode causar a qualquer pessoa, ou que « se sofre de outros em bons, riqueza, interesses, honra, etc.; mas differenciam-se « entre si da maneira seguinte :

« *Damno* diz-se de toda especie de *perda*, « *lesão*, transtorno na fortuna, na opinião, « nas intenções, nas empresas, qualquer « que seja a causa de onde elle provinha; « mas particularmente de um mal quo directamente se faz.

« *Detrimento* é o *damno* que provém de « uma cousa que deteriora outra e parece « dirigir-se a destrui-la, ou com effeito a « destróe; e assim, a tudo que é *damno* « lhe chamamos *prejudicial*.

« *Menoscabo* é a diminuição ou deterioramento de qualquer cousa que a priva de « seu valor; o que é um verdadeiro *damno* « para o dono de ella. Assim que, *menoscabo* « *bar* é, em sentido recto, reduzir a cousa a « menos, encurtal-a, deslustral-a, privar-a « de parte do seu luzimento, diminuindo a « estimação que antes se fazia de ella; e « egual valor tem no sentido moral e figurado.

« *Prejuizo* é o *damno* ou *perda* que resulta das relações contrarias de uma cousa « respectivamente a outra. E um mal que indirectamente se causa impedindo um bem.

« *Causam damno* aos campos os gados « que nelles se metem a pastar. — Não se deve « *dar* o proveito proprio com *detrimento* do alheio. — *Quem menoscaba* « o merecimento alheio, não espere que *lhes peitem* o seu. — *Uma loja nova prejudi-*

ca as outras de sua especie, porque as *priva da venda, vendendo os géneros novos, « melhores e mais baratos ».*

Lacerda tem a vantagem de ser mais breve e algo mais exacto. Diz :

« *Damno* é toda a especie de *perda*, *lesão*, « ou alteração para mal que se causa, ou « que se padece, seja qual fór a origem de « onde provém.

« *Detrimento* é o *damno* que nasce de « uma cousa que deteriora outra; e portanto « to o que é *damno* é *prejudicial*.

« *Menoscabo* é o deterioramento de qual- « quer cousa, que fica por isso valendo menos.

« *Prejuizo* é o *damno* ou *perda* que resulta « da acção indirecta que umas cousas exercem contrariamente em outras ».

Damnoso, nocivo, pernicioso, perigoso. — *Damnoso* qualifica o que acarreta ou pode acarretar algum mal, seja qual fór a classe de esse mal — por culpa do agente, falando de pessoas, ou pelas circunstancias e condições, tratando-se de cousas.

Nocivo, qualifica o que pode alterar o bem transformando-o em mal, e tambem o que é prejudicial á saúde, á moral ou á riqueza, causando-lhes *prejuizo*.

Pernicioso encarece sobre *noevo*; o que é *pernicioso* tem qualidades que podem causar transformações profundas, e trazer consigo a ruína e até a morte.

Perigoso exprime a idéa do mal de um modo menos preciso, mais duvidoso, e diz-se não do que faz mal na actualidade, mas do que pode fazel-o.

Um rio que inunda é damnoso para os campos marginaes, e se bem destróe os insectos nocivos ás plantas, deixa, ao retirar-se, pântanos de que se exhalam miasmas perniciosos; a sua corrente é perigosa e por isso se deve evitar atravessal-o.

Dar, doar. — *Dar* é um acto que se faz sem formalidades; não assim *doar*, que se diz da transmissão a outrem de bens presentes mediante documento comprovativo.

O pae deu dote á filha que casou, e doou a terça á que ficou solteira.

Dar, entregar. — *Dá-se* o proprio; *entrega-se* o proprio ou o alheio. — Em *dar* intervem sempre o sujeito que dá; em *entregar* pode intervir ou não.

Eis como Roquele fala da sinonímia de estes verbos :

« *Dar* é ceder, ou passar a outro a posse « de uma cousa; *entregar* é pô-lo material- « mente em posse de ella; e assim, o que « *entrega* não é sempre o que dá. — O rei dá « com liberalidade, e o tesoureiro *entrega* « com exactidão. — Aos meninos deve-se « *lhes* ensinar a *dar* esmola aos verdadei-

«ros pobres, e para que se lhes imprima bem esta doutrina, convem que lh'a entreguem elles mesmos, e se acostumem a ver de perto a verdadeira necessidade.— O que faz uma esmola, por sua mão, a um mendigo, emprega ao mesmo tempo as duas acções de *dar* e de *entregar*, assim como o mendigo emprega as duas de tomar e receber.

«Lacerda diz:

«*Dar* é ceder a outro a possessão de uma cousa.

«*Entregar* é depositar uma cousa nas mãos de alguém.

«Quem *dá* não é sempre o mesmo que *entrega*. Convem que os meninos se acostumem a dar esmolas aos verdadeiros pobres, o para isso é bom que elles mesmos as entreguem por suas próprias mãos».

Dar. oferecer, apresentar.—

Dar é transmitir a propriedade de uma cousa. Nesta acção concorrem duas entidades: a que dá e a que aceita. Por consequência, *dar* implica a acção de a cousa ser aceita.

Oferecer é um acto em quo propriamente só concorre uma pessoa: a que *oferece*—aquella a quem o oferecimento é feito podendo-o recusar.—*Oferecer* é portanto um acto anterior a *dar*.

Apresentar, no sentido em que nos convém considerar este vocábulo, exprime uma idéa mais material que *oferecer*, pois *apresentar* é *oferecer* o que está presente, o que se tem na mão, o que se quer *dar*.—Os *fieis apresentavam* aos sacerdotes as victimas que queriam *oferecer* à divindade.

Lacerda compara estes trez vocábulos dizendo:

«*Dar* indica de modo mais positivo o acto da vontade que transmite a propriedade de alguma cousa.

«*Apresentar* designa mais propriamente a acção da mão ou do gesto para entregar qualquer cousa.

«*Oferecer* exprime o movimento do coração que deseja que se efflúe aquella transmissão e entrega.

«*Dar* é familiar: *apresentar* é sempre respeitoso: *oferecer* é ás vezes religioso.—*Damos* a qualquer pessoa; *apresentamos* aos homens dignos de consideração; *oferecemos* a Deus».

Roquele só compara os dois últimos vocábulos de este artigo, a respeito das quaes diz assim:

«*Apresentar* não exprime mais que a idéa simples e única de expôr á vista do alguém, ou antes aproximar de elle alguma cousa para que a tome, para que a acolha, ou tambem para que a considere; porém sem nenhuma outra circunstancia sinalada, nem nenhuma outra relação.

«*Oferecer* exprime a acção de propôr ou

«de instar para que alguém aceite, tomo, admita alguma cousa, porém particularmente cousas agradáveis, úteis, interessantes, e com interesse, com efficacia, com vontade sobretudo, do que se aceita o que se *oferece*.

«O dono da casa *apresenta* ao amigo um copo de agua ou do vinho quando este o pede; o *oferece* lh'o quando o convida a que o beba».

Dar (empregos ou lugares), premiar, dádivas, prêmios.—

É de Roquete o artigo seguinte:

«Muito bem distinguu estas duas palavras o atilado engenheiro do nosso Vieira.

«Falando elle do modo como os reis devem fazer as mercês, diz:

«Um só meio acho aos reis para salvarem todos os inconvenientes. E qual é? Não *dar*

«a ninguém, e *premiar* a todos. Pois como? *Premiar* a todos sem *dar* nada a

«ninguém? Sim: o *dar* e o *premiar* são

«cousas muito diferentes. *Dar* aos que merecem ou não merecem é *dar*; *dar* só aos

«que merecem é *premiar*. Não fazerem

«mercês os reis seria não serem reis; mas

«hão de fazel-as de maneira que as mercês

«não sejam dádivas, sejam prêmios.

«Dêem os reis aos beneméritos, e fecharão

«as bôças a todos. Quando os prêmios se

«dão aos que merecem, os mesmos que os

«murmuram com a bôca os aprovam com o

«coração (VI, 210)».

Debeilar, vencer.—*Vencem-se resistencias, debelam-se difficuldades. Um contendedor vence o outro. Um politico debela uma crise.*

Debelar tem, como se vê no exemplo precedente, uma acepção que nenhum dicionarista mencionou até hoje, e que é a mais usual do vocábulo: a de «dar solução satisfatoria a alguma cousa».

Débil, fraco.—*Fraco* é o termo geral com que se indica qualquer falta de força, fisica ou moral; diz-se das pessoas como tambem das cousas. O homem *fraco* não resiste á fadiga. O homem *fraco* deixa-se dominar pela mulher. O vinho *fraco* não tem força alcoolica.—No caso particular em que *fraco* e *débil* se podem confundir, *fraco* exprime mais especialemente a falta de força activa, a impossibilidade de operar. Um *sêr fraco* nem pode vencer os seus inimigos, nem atingir o objecto dos seus esforços.—O vocábulo *fraco* tem, além de esse carácter, um outro que bem se deve ter em conta, o é que elle tanto exprime a falta de forças proveniente da natureza ou do nascimento, como a que se manifesta com o andar do tempo e se adquire com o empobrecimento da vitalidade. Uma criança é *fraca* por natureza. Os velhos tornam-se mais *fracos* de dia para dia.

Débil (do latim *debilis*, palavra formada do prefixo negativo *de* e *habilis*, hábil, capaz de alguma coisa) significa *fraco* pela perda ou diminuição das forças. Assim, de quem se diz que está *débil* supõe-se-lhe um estado anterior muito diferente, o que não se depreheende de *fraco*. — *Uma creança é fraca; um ancião é débil* (ou *fraco* — se hem *débil* quadre melhor para exprimir a idêa de fraqueza adquirida pela perda das forças). Quando dizemos *débil*, falando de uma creança, supmôei-a enferma, indicamos que não tem a força que devera ter, que é magra, franzina, de pouca vida.

Roqueite diz o seguinte de estes dois adjetivos :

« Ambas estas palavras se referem á não existência de forças, com a diferença que a primeira indica em geral a falta de forças, ou o não serem hantantes, ou ser uma coisa pouco firme ou consistente, ou que facilmente se quebra, se rende, etc.; como annuncia a origem da palavra, que vem de *frango*, *fragilis*, *fractus*, etc.; e a segunda indica decadencia de forças, porque se gastaram, diminuíram ou perderam. — Um menino é *fraco*, porque seus órgãos são ainda mui delicados. Um velho é *débil*, porque seus órgãos estão gastos. — Aquilo a que feita a força, o vigor, a robustez, é *débil*; o homem que falece de fortaleza, do constancia, de valor, é *fraco*. — Uma constituição *fraca* muitas vezes se fortifica com o moderado exercício; uma saúde *débil* quasi sempre se melhora com a temperança. Toda a doemazia enfraquece e *debilita* o homem mais forte e robusto.

« Camões disse de Dom Fernando :

« Que um *fraco* rei faz *fraca* a forte gente.
.....
« Moie se fez e *fraco* : e bem parece,
« Que haixo amor os forças *enfraquece*.

(*Lus.*, III, 138, 139).

« E falando do muro de Malaca defendido por Magalhães, disse :

« Depois, já capitão forte e maduro
« Governando toda a Aurea Chersoneso,
« Lhe defendeu co'o hraço o *débil* muro.

(*Eleg.*, IV).

Lacerda explica-se muito melhor; diz assim :

« *Fraco* indica feito, e *débil*, descaído, quehrantado de forças.

« *Fraco* é aquelle que não tem, ou tem poucas forças.

« *Débil* é aquelle que tem as forças diminuidas, gastas.

« Um menino é *fraco* porque seus órgãos carecem do vigor que terão algum dia. —

« Um velho é *débil* porque as forças dos seus órgãos estão gastas; o que foram algum dia já não são hoje».

Débil, frágil. — *Débil*, como acabamos de dizer no artigo precedente, diz-se do que, tendo tido anteriormente um estado diferente, se encontra agora decaído e pobre de forças.

Frágil diz-se do que não tem a menor solidiez, do que está exposto a despedaçar-se se receber um choque qualquer.

No sentido figurado resentem-se estes vocáhuos da significação que lhes é propria. Assim o homem *frágil* difere do *débil* em este não poder resistir ás imposições ahiolas, seja por fraqueza, medo, ou qualquer outra circumstancia; ao passo que o homem *frágil* cede por impulso proprio, devido ao seu coração ou ás suas propensões.

Roqueite diz assim de estes vocáhuos :

« Estes dois adjetivos designam, em sentido moral, um sujeito que muda com a maior facilidade de disposições por falta de resolução. O *frágil* differença-se do *débil* em que o primeiro cede a seu coração, a seu pensamento; e o segundo, aos impulsos estranhos. A *fragilidade* supõe paixões violentas; a *debilidade*, inacção, e falta de vida no ânimo. O homem *frágil* obra contra seus principios; o *débil* os abandona, e se guia pelo parecer dos outros. O homem *frágil* está incerto do que fará, o *débil* do que quer ou deseja. A *fragilidade* acha remedio na meditação filosófica; a *debilidade* não, e compraz-se na inercia».

Lacerda diz :

« Designam amhas estas palavras em geral o homem susceptível de mudar de resolução por falta de corágem. O homem *frágil* difere do *débil* em que aquelle cede ao seu coração, ás suas propensões, e este a impulsos estranhos. — O homem *frágil* não sahe o que faça. O homem *débil* está incerto do que deve fazer».

Debilidade, fraqueza. — A *debilidade* está na constituição do individuo; a *fraqueza* é passageira e eventual. O mais robusto dos homens pode sentir *fraqueza* por falta de alimento. A doença faz aumentar cada dia a *debilidade* do organismo.

No sentido metafórico devo subsistir a mesma differença entre estes vocáhuos. A *debilidade dos paes* é a causa das *fraquezas dos filhos*.

Debuxo, desenho, esboço. — O *desenho* é um trabalho mais completo que o *debuxo*; aquelle pretende representar o objecto o melhor possível; este concretase a representar-lhe os contornos.

Esboço é o delineamento inicial de uma obra de desenho ou de pintura.

Decadência, decaimento. — Querem os dicionaristas que estes vocábulos sejam sinónimos perfectos (!), o que logo se nota não ser exacto, posto que se a cada passo lêmos e dizemos: *a decadência de Portugal, a decadência das letras, a decadência dos costumes*, e também o *decaimento de Portugal, o decaimento das letras, o decaimento dos costumes*; distinguimos entre estas expressões sentidos claramente diferentes. Com o vocábulo *decadência* consideramos que *Portugal, as letras, os costumes*, vão caindo, vão cada vez a menos, tendem a arruinar-se ou a corromper-se; ao passo que com *decaimento* consideramos o estado de ruína a que chegaram *Portugal, as letras, e os costumes*. Mui vezes dizemos o **decaimento das forças**, nunca porém ouvimos dizer a *decadência das forças de aquelle doente*; o mesmo se nota ao dizer que *Fulano está em decadência*, nunca podendo dizer-se — pelo menos com relação á sua fortuna — que *elle está em decaimento*.

Ha pois sinonímia entre *decadência* e *decaimento*, mas essa sinonímia está longe de ser perfeita.

Decadência é o estado do que vai cair, do que tende a arruinar-se. Esta palavra indica principalmente o principio, a iniciação de esse movimento, e só se diz das nações, das sociedades, das cousas moraes, de aquellas que se têm em grande apreço, e das pessoas.

Decaimento diz-se do que se considera já em estado muito avançado de ruína, e cuja ruína completa não se fará esperar muito tempo. Diz-se do que é físico e do moral.

Na pessoa em decadência nota-se-lhe a progressiva falta de fortuna; na pessoa em decaimento nota-se a falta de valia que outr'ora teve.

Decair, descair. — Estes verbos não podem ser considerados como sinónimos; como porém se prestam a serem confundidos, convém estabelecer a significação de cada um de elles, nos sentidos em que fôra fácil tomar um pelo outro.

Decair é ir a menos, tender cada vez mais a enfraquecer-se, a extinguir-se ou a corromper-se. *A febre decae* (não *descae*).

(¹) No mais recente de todos os dicionarios da lingua portugueza, estão estes vocábulos assim definidos:

« **DECADÊNCIA**, *f.* estado do quem ou da « quillo que decái; acto de decair. (B. lat. *decadentia*, do latim *de + cadere*).

« **DECAIMENTO**, *m.* o mesmo que *deca- « dência* ».

Decair é desviar-se da linha que devera seguir. **Descáem** (mas não *decadem*) *as bolas no bilhar*.

Decálogo, mandamentos (da lei de Deus). — Estas expressões podem empregar-se indistinctamente ainda que entre ellas se possa estabelecer a seguinte diferença:

O *decálogo* é, segundo a Biblia, a lei que por Deus foi dada a Moisés no monte Sinai; os *mandamentos* são o resumo que de esse *decálogo* foi feito pela Igreja católica para uso dos fiéis.

Decantar, transvasar, trasfegar. — Concordam estes verbos em designar a acção de fazer passar um liquido de um recipiente para outro.

Transvasar e *trasfegar* differenciam-se em o primeiro apenas indicar que se passa de um vaso para outro, sem ligar ao vocábulo nenhuma idéa accessoria; ao passo que *trasfegar* indica que a operação tem um fim determinado, geralmente o de melhorar as condições em que o liquido se acha. Assim é que se *transvasa* a agua de um recipiente para o outro, mas só se *trasfegam* os vinhos, o azeite, etc.

Decantar é passar muito cautelosamente de um vaso para outro afim de separar as fêzes que estão depositadas no primeiro.

Decapitar, degollar, guilhotinar. — *Decapitar*, que apenas se pode dizer com relação a pessoas, significa separar completamente a cabeça do tronco.

Degollar, diz-se de pessoas e de animais, e significa dar a morte cortando o pescoço, sem porém indicar se a cabeça fica ou não separada do tronco.

Uma differença essencial distingue estes vocábulos quando *degolar* tem a mesma extensão que *decapitar*, o é que a operação que este último verbo exprime se faz brandindo a arma com que se descarrega o golpe, ao passo que *degolar* indica o acto ordinario de cortar.

Outra differença entre estes vocábulos consiste em *degolar* não se applicar tão a miúdo como *decapitar* para indicar a execução da pena capital.

Entre *decapitar* e *guilhotinar*, operações que dão o mesmo resultado, medeia a circunstancia de *guilhotinar* indicar a morte infligida na guilhotina. *Maria Estuarda foi decapitada; Luiz XVI foi guilhotinado*.

Roquete compara *decapitar* com *degolar*. Eis como se exprime:

« Ambos estes verbos indicam a acção « de cortar a cabeça, com a differença que « *decapitar* é cortar-a por sentença e auto- « ridade de justiça, e *degolar* é cortar a « garganta ou o pescoço de qualquer ani- « mal e por qualquer motivo que seja. —

« *Degolam-se* rezes no degoladouro; *decapitam-se* nobres no cadafalso. — No sentido do figurado diz-se que *se degolam* as heresias, os vícios, mas não se pode dizer que *se decapitam* ».

O mesmo diz Lacerda:

« *Decapitar* é cortar a cabeça por sentença, por autoridade da justiça, de mandado de quem exerce o poder supremo. *Degolar* é cortar a garganta ou pescoço do homem ou de qualquer outro animal, seja qual fôr o motivo. *Decapitam-se* os nobres e *degolam-se* as rezes ».

Decência, decoro, dignidade, gravidade. — A *decência* (do latim *decet*, é conveniente) consiste no conjunto das exterioridades que, segundo as exigências da época em que se vive, harmonizam entre si a aparência da pessoa com o seu porte, sua linguagem, seu trajar, seu modo de receber quem a procura, etc. — Este termo é por consequência exclusivamente relativo ao que na pessoa é puramente exterior, e não se diz tanto com relação a ella propria como em relação aos que com ella convivem ou têm de tratar. Assim é que o trajo que reputamos como *decente* num lavrador não o será num magistrado, pois a *decência*, como acabamos de dizer, não é uma qualidade intrínseca, mas um conjunto de circunstâncias que os alheios querem ver reunidas na pessoa de que se trata.

O *decoro* é a *decência* meticulosa em que ha ostentação. O *decoro* nem consente que nada o manche ou desprezive, nem dá azo a que tal suceda, pois é orgulhoso e evita quantas occasiões de promiscuidade se apresentam.

A *dignidade* é o *decoro* conveniente a uma categoria elevada quando aquelle que a occupa tem consciencia do que se deve a si proprio e á sua posição. — A *dignidade* supera em muito á *decência*, pois esta tem por fim exercer influencia na apreciação alheia, ao passo que aquella é como innata ao individuo e não obedece a nenhum estudo.

A *gravidade* é ostentosa e aparente, e consiste particularmente em evitar tudo aquillo que é frívolo ou em que ha ligeireza. Presta-se este termo a ser tomado em sentido irónico por designar uma certa *dignidade* ficticia que o amor proprio impõe ás pessoas que têm a convicção que passariam despercebidas se não se apresentassem gravemente — *dignidade* que tambem é comum áquellas que fazem uma idéa exagerada do logar que occupam na sociedade e do que exige realmente a sua verdadeira situação.

Roquete fala de *decoro* e *dignidade*, comparando esses vocabulos com *honra*, na forma que vamos vêr:

« *Honra* é a boa opinião e fama adquirida pelo mérito e virtude; e considerada

« no individuo, o que se devia chamar *honra* é aquelle sentimento habitual que leva o homem a procurar esta boa opinião e a fama pelo cumprimento de seus deveres e pela prática de nobres acções, é o segundo anjo de guarda da virtude, como disse Vieira (VI, 369).

« Cícero distingue duas especies de *decoro*, um geral que se estende a tudo que é honesto, e outro particular que pertence a cada uma das partes da honestidade; « define o primeiro: O que é consentâneo á excellencia do homem naquilo em que sua natureza o differença dos outros animais; e o segundo, como especie do primeiro: O que é consentâneo á natureza do homem de modo que nisso se manifeste moderação e temperança com certo ar nobre (DE OFFIC. 1, 28).

« *Dignidade* é a qualidade que constituo um homem digno da consideração e honra que se lhe tributa, e tambem a maneira grave como procede em harmonia com os empregos que exerce, ou a gradação que occupa na ordem social.

« O sentimento da *honra* nasce do desejo innato que todos temos de sermos tidos em boa conta por nossos semelhantes, e merecermos sua estima. O sentimento do *decoro* nasce da idéa de superioridade aos irracionais que em nós sentimos, e da tendencia a mostrar esta mesma superioridade aos que são de uma condição inferior. O sentimento da *dignidade* resulta de nossa posição social, e da justa idéa de fazer acções consentâneas aos cargos que occupamos, ou á jerarquia a que pertencemos. O primeiro leva o homem á virtude, e ás acções generosas; o segundo sustenta-o para que se não degrade; o terceiro avisa-o que nada faça que deslustre seu bom nome, ou traga quebra á sua reputação.

« No que o mundo chama *honra* ha muitas vezes mais valdade que virtude; no que se chama *decoro* tem não poucas vezes mais parte a opinião pública que a razão; e no que se chama *dignidade* domina de ordinario mais a hipocrisia que a sinceridade ».

Lacerda, comparando os mesmos vocabulos comparados por Roquete, exprime-se assim:

« *Honra* é um sentimento habitual que obriga o homem a procurar a boa opinião e louvor dos outros homens, trabalhando pelo obter pelo cumprimento fiel dos seus deveres, e pela prática de acções nobres e virtuosas.

« *Decoro* é o juizo pratico e habitual que formamos da conveniencia de nos conformarmos ao modo de pensar e obrar dos bons sisudos e honestos, e que por taes são tidos na boa sociedade.

« *Dignidade* é o sentimento que move o homem a trabalhar constantemente por

« conformar as suas acções ás justas idéas
« da nobreza do sêr racional, e á gravidade
« e importância dos cargos que exerce na
« sociedade.

« O sentimento da honra nasce do bem
« entendido amor de nós mesmos. O senti-
« mento do decoro nasce do respeito que te-
« mos á sociedade. O sentimento da digni-
« dade nasce da justa apreciação quo faze-
« mos da nobreza do nosso sêr, e da nossa
« própria gradação na sociedade ».

Decencia, modestia, pudôr, vergonha, reserva, recato.—O vocábulo *decencia*, como sinónimo dos outros termos de este grupo, pode ser considerado desde dois pontos de vista diferentes. Em primeiro logar a *decencia* é uma especie de *reserva* que observamos nas nossas relações sociaes e que consiste na estricte observancia das leis que a ellas presidem. Em sentido mais restricto, e mais próximo de *pudôr* e *vergonha*, a *decencia* implica tambem a idéa do meio em que so vive, e consiste no respeito da moral que induz a não ofender a castidade. *Ha senhoras que vestem sem a decencia que a moral impõe.*

Consiste a *modestia* em evitar a notoriedade, em subtrahir-se á curiosidade, e em occultar o mérito pessoal. E tambem uma especie de *reserva*, pois a pessoa modesta evita o mais possível inspirar uma alta idéa de si propria, dando assim provas de ser de carácter humilde, de ter o desejo de atrair-se a benevolencia de todos, e de não querer ferir o amor proprio de ninguém.—Tambem a palavra *modestia* tem uma acção de muito próxima sinonímia com *pudôr* e *vergonha*: consiste nesse caso em evitar quanto pode ofender a castidade, seja na linguagem, seja no porte, e até nos gestos e no olhar.

O *pudôr* é o sinal exterior da inocencia e da pureza de costumes. Tanto a *modestia* como o *pudôr* são incompatíveis com a corrupção moral—o *pudôr* sobretudo, pois sendo uma qualidade puramente interna, desapareceria logo que tal corrupção se manifestasse.

Vergonha é um sentimento que só se manifesta quando um acto censurável ou um dito offensivo nos ocorre á idéa ou o vemos praticar ou dizer. A *vergonha* pode porém coincidir com o erro ou a culpa, pois muitas vezes se leva a effeito o proprio acto que anticipadamente *envergonha* a quem o vae praticar. *Vergonha* tem ademais uma relação muito íntima com *pudôr*, mas em acceções que não são sinónimas dos outros vocábulos de este grupo.

Com effeito, se compararmos entre si *vergonha* e *pudôr*, veremos que a *vergonha* é um sentimento de tristeza ou de pesar que nasce em nós ao considerarmos uma má acção que temos cometido ou que estamos a ponto de cometer. O mais das vezes, a

vergonha vem do que já passou, pois muito bem se diz que *em certas occasiões o homem deve envergonhar-se de ter tido vergonha*. Quando porém esta palavra é relativa ao que se ha-de fazer, como por exemplo, quando alguem diz que tem *vergonha* de procurar Fulano, ainda assim alguma relação ha entre essa acção futura e alguma outra passada, a *vergonha* de esse acto provindo de alguma circumstancia que se deu entre as duas pessoas ou de qualquer motivo proveniente de factos anteriores.—No sentido absoluto, *vergonha* diz-se de quanto pode fazer desmerecer a boa opinião que os outros formam de nós: assim é que se diz proverbialmente que *quem não tem vergonha todo o mundo é seu*.

O *pudôr* — sempre na acceção particular em que este vocábulo se compara exclusivamente com *vergonha*, é o sentimento que retém o homem em determinadas circumstancias, e que, impedindo-o de obrar, só é relativo a actos futuros. Menos extensivo que *vergonha*, o sentido de *pudôr* relaciona-se apenas com o que diz respeito á decencia, ao honesto, ou ás conveniencias sociaes. *Um homem sem pudôr atreve-se a todas as audacias.*

Consiste a *reserva* em não ultrapassar determinados limites — o que constitue uma qualidade negativa, não porém uma virtude propriamente dita.

Recato, sendo egualmente uma qualidade negativa que induz a evitar as occasiões de perigo ou de tentação, não pode em absoluto ser considerada como virtude; este termo não pretende, como pretendem as outras palavras do presente grupo, evitar de ofender, mas sim evitar de ser offendido. Ha portanto entre este termo e os precedentes uma differença essencialissima.

Resumindo o que deixamos dito vemos que a *decencia* evita ofender a moral; e a *modestia*, a moral o o amor proprio dos outros. O *pudôr* não é preventivo; é anódino, espontâneo, não calculado, como sóem sel-o a *decencia* e a *modestia*. A *vergonha* é um freio que retém, ou um pesar de não nos havermos retido. Filhos do cálculo são a *reserva* e o *recato*; aquella evita de ofendermos, esta de ser offendido.

A excepção de *vergonha*, Roquette fala como se vae ver dos outros termos que acima ficam comparados:

« Referem-se estas palavras ao modo de
« proceder e de expressar-se deante das
« gentes, e de consequente pertencem á de-
« cencia exterior.

« Consiste esta no aseo, compostura e
« adorno das pessoas segundo sua classe e
« circumstancias; mas a verdadeira decen-
« cia vem do interior, e consiste nos íntimos
« sentimentos de honestidade e modestia,
« na conformidade das acções exteriores,
« já com as leis positivas, já com as que
« impõe a opinião geral.

« A *modestia* é o cuidado que pomos em não fazer nem dizer nada que possa dar motivo a que se nos atribua orgulho, presunção, alta idéa das nossas qualidades, menoscabo dos outros. O homem *modesto* pensa moderadamente de si, não se nomeia, nunca se antepõe, antes se pospõe. Ha outra *modestia* que pertence particularmente ás mulheres, conveniente a suas maneiras, trajes e expressões, formando portanto parte da *decencia*.

« O *puddôr* é um sentimento natural e activo de honestidade e *modestia* que, sem que possamos evitar, nos causa pejo o nos leva a fugir de quanto possa motivá-lo. O *culto nas mulheres está no puddôr*, disse um autor de boa nota.

« A *reserva* faz-nos proceder prudente e recatadamente em palavras e acções, em quanto nos não são bem conhecidas as pessoas com quem estamos, ou as circumstancias em que nos achamos.

« O *recato* supõe *reserva* e cautela temerosa do perigo, portanto honestidade para evitar murmurações, e *modestia* para não excitar a inveja, nem ofender o amor próprio. Com isto a mulher *recatada* chega a adquirir tal domínio sobre si mesma que nada se permite fazer nem dizer contrario ao que prescrevem a prudencia e a discreta moderação.

« A *reserva* nos é proveitosa para nos contermos em nossas palavras e acções; a *modestia* para não descobrirmos o amor próprio; o *recato*, para procedermos de modo que não demos nunca occasião a que suspeitem mal de nós; a *decencia* se envergonharia de achar-se numa situação que não correspondesse ao sexo, estado e circumstancias da pessoa. Tão delicado é o *puddôr* que, ainda no instante mesmo em que se oculta, teme e se envergonha. — Teme a *modestia* chamar a atenção; a *reserva*, que a descubram; o *recato*, toda a familiaridade extranha; a *decencia*, que a surprehendam om qualquer acto dos que só se executam a sós com cada um de nós mesmos. — A *reserva* pode enlaçar-se muito bem com o nobre orgulho, e brilha no *recato*; a *modestia* pode ser nobre; a *decencia* costuma ser respeitosa; o *puddôr* como que implora graça e protecção, por isso é digno de mór respeito. — Não ha cousa mais apreciável no mundo que uma mulher virtuosa o *modesta*, franca e *reservada*; *recatada* sem affectação, *decente* sem fingimento; tendo ao mesmo tempo pun-donor e ingenuidade »

Lacerda fala primeiramente de *decencia*, *modestia* e *puddôr*, de que apenas diz:

« A *decencia* é o asseio e a compostura das pessoas segundo a sua classe e circumstancias. A *modestia* é o cuidado de não fazer ou dizer cousa que revele orgulho ou presunção. O *puddôr* é um sentimento natural de honestidade, que nos

« excita o pejo, e nos leva a fugir de tudo que pode ofendê-la.

Comparando depois *reserva* com *recato* diz assim:

« *Reserva* é a circumspecção no falar e no obrar, a cautela prudente de que usamos para com as pessoas de que não temos intimo conhecimento: — *Deus me é testemunha, que não tive nem tenho outra reserva*. — Isto é, que falo francamente (CAR-TA DA R. D. LUIZA A AFF. VI).

« *Recato* é a cautela prudente para evitar damno. O *recato* supõe a honestidade para evitar tudo que ofende a *decencia*, as murmurações, etc., e tambem supõe a *modestia* para evitar tudo o que pode ofender o amor proprio dos outros, donde nos podem vir perigos e consequencias desagradáveis. — *Vive esta mulher com recato para segurar sua honestidade e boa reputação*.

« A *reserva* nos é proveitosa para nos contermos e moderarmos; o *recato* para procedermos de modo que não demos a ninguém nenhum motivo a que suspeitem mal de nós, etc. ».

Decente, asseado. — Não se pode comprehender que alguém ou alguma coisa seja *decente* sem ao mesmo tempo andar ou ser *asseado*; o contrario pode dar-se — o *asseio* consistindo muito mais na limpeza do que na elegancia ou na riqueza.

Decepar, cortar. — *Decepar* é cortar separando inteiramente do corpo, mas não cortar por qualquer sitio, senão rente com a parte mais grossa do todo; assim *decepar a cabeça* corresponde a *decapitar*; *decepar a árvore* é cortar-a no ponto em que os ramos arrancam do tronco.

Decepção, desillusão. — Vemos na mayor parte dos dicionarios da lingua portugueza estes dois vocabulos explicados um pelo outro ⁽¹⁾, e a cada passo os vemos, e ouvimos, empregados indistinctamente. Não obstante exprimem circumstancias muito diferentes, que só por inadvertencia podem ser confundidas.

A *decepção* é um engano que nos faz esperar ou crêr alguma cousa que é falaz. Enquanto dura a *decepção*, o estado em que se acha o nosso espirito é o da *illusão*, a qual subsiste até que a *desillusão* vem — não

(1) O sr. Cândido de Figueiredo, no seu Dicionario da lingua portugueza define assim a palavra *decepção*:

« *DECEPÇÃO*, f. acto de enganar; lógro; surpresa; desillusão. (Lat. *deceptio*, de *cipere*).

E definindo *desillusão* diz:

« *DESILLUSÃO*, v. t. tirar illusão a; desenganar; causar decepção a. (Do *des...* + *illusão*).

« Como poder concordar estas definições?

«causar *decepção*» como pretende o dicionarista mencionado na nota infrascripta,—mas pelo contrario, destruí-la.

A *decepção* é pois um engano, um *lôgro*. A *desillusão* é o estado do espirito no momento em que elle cessa de ter a *illusão*, ou por outras palavras, no momento em que comprehende a *decepção* que abrigava.

Decepção, engano, lôgro, illusão. — Engano é termo genérico de que *decepção* e *lôgro* são especies.

A *decepção* (do latim *decipere*) suscita não só a idéa dos meios de que alguém se vale para enganar, ou da maneira como o nosso espirito encara o que o engana, mas também determina que o engano é repentino.

O *lôgro*, pelo contrario, é um engano premeditado e disposto com arte.

A *illusão* differe essencialmente da *decepção* posto que para a *illusão* só o nosso espirito ou os nossos sentidos contribuem, ao passo que a *decepção* provém de meios falazes e seductores.

Decidido, resolutivo, deliberação, determinado. — *Decidido* diz-se do homem no momento em que no seu espirito não ha hesitação, e, extensivamente, dos actos que elle pratica quando se sente assim animado. *Fala-se em tom decidido quando bem se sabe o que se pensa e o que se quer dizer.*

Resolutivo diz-se de quem, firme e intrépida, faz o que se propõe fazer, ainda que no seu fôro reconheça obrar em contra dos proprios interesses ou do seu dever.

Deliberação não se diz das pessoas, mas sim das suas exterioridades: do ar, do porte, do passo, dos gestos, etc. *Os mártires das grandes idéas subiam ao patíbulo com passo deliberado.*

Determinado é epíteto pouco usado, precisamente porque designa o maior auge da decisão, aquelle em que nem o crime so reputa como obstáculo. *Um homem determinado é capaz de tudo.*

Decidir, resolver. — Dizer: não consigo *decidir* Fulano ou não consigo *resolver* Fulano a fazer isto ou aquilo são galicismos imperdoáveis na nossa lingua, posto que estes verbos designam actos que só pelo sujeito se podem effectuar; como podemos *decidir* ou *resolver* com o espirito de outrem? O que podemos é *induzir* ou *levar* Fulano a fazer o que queremos que elle faça.

Falando de cousas, *decidir* o *resolver* têm a seguinte sinonímia: **Decidem-se questões; resolvem-se difficuldades.** — Quem *decide* impõe o seu parecer, a sua vontade. Quem *resolve* faz cessar a dúvida.

Décima, dizima. — *Décimo* é cada uma das dez partes que constituem um to-

do. — Querem alguns que esta palavra designe um imposto que abrange a décima parte de um rendimento; para este caso ha um vocábulo apropriado: *dizima*. — *O clero exigia antigamente as dizimas eprimicias aos fieis.*

Decisão, resolução, determinação. — A *decisão* sugere a idéa de um exame prévio: a *decisão* do juiz foi bem recebida.

A *resolução* depende da vontade, e para ella não influe a intelligencia, como na *decisão*, mas antes as paixões e os sentidos. — É obvio que não consideramos aquí este vocábulo com relação a problemas nem a difficuldades. — *Tomou a resolução de viajar.*

Determinação, propriamente, é o acto pelo qual o espirito *decide* ou *resolve*, pensando o pró e o contra, comparando, avallando. *As determinações são acertadas ou desacertadas.*

Vejamos como Roquete compara estes vocábulos:

«A *decisão* supõe dúvida anterior e uma sentença que a resolva, e fixe o que se deve pensar, julgar ou fazer. — *Decisão* é também resolver a indifferença sobre uma cousa, fixa-a para qualquer effeito, etc. «*Resolução* é o plano que se forma, ou o partido que se quer adoptar.

«*Determinação* é um acto da vontade que resolve a indifferença: e em casos contados é o mesmo que *decisão* ou *resolução*.

«**Determina-se** consultando a vontade; **resolve-se** examinando a razão; **decide-se** pensando duas ou mais razões oppositas. Uma *determinação* bem *resolutiva* *decide* muitas vezes em pouco tempo *difficéis* e prolongados negocios.

Lacerda bebeu em melhor fonte, postó que diz:

«*Decisão* é um acto de entendimento, é supõe exame prévio. *Resolução* é um acto da vontade, e supõe dúvida e deliberação anterior. *Determinação* é o acto que resolve e firma a *resolução*. *Decidimo-nos* examinando as razões oppositas. *Resolvemo-nos* depois que, pesadas as razões, formamos uma opinião e nos deliberamos a obrar. «*Determinamo-nos* quando pômos em obra a *resolução* tomada.

Decisivo, peremptorio, terminante; autocritario, dogmático, sêco. — *Decisivo* diz-se dos argumentos e provas cuja verdade se impõe. *Um dilema bem formado é um argumento decisivo.* — Falando do tom, *decisivo* indica que cessaram todas as contempações e que se exige submissão, considerando-se como irrevogável o que se *decide*.

Perentorio indica o extremo limite a que se chega, e declara inútil toda insistencia. Uma resposta *perentoria* não se discute, não

admite réplica. Um argumento *perentorio* não pretende encarecer o seu valor intrínseco, mas sim dar a discussão por terminada e definitivamente resolvida.

Terminante qualifica aquilo que é ao mesmo tempo *perentorio*, por não admitir réplica, e *decisivo* por ser evidente ou irrevogável.

Autoritario é aquelle que fala sabendo de antemão que será obedecido. Este adjetivo só pode qualificar pessoas e o tom com que ellas manifestam a sua vontade ou a sua indiscutível opinião.

Dogmático, no sentido em que esta palavra tem sinonímia com as outras de este grupo, equívale a «sentencioso», e diz-se muito bem para qualificar o tom dos pedantes que se creem isentos de todo erro.

Sêco diz-se do tom *autoritario* em que predomina mais o orgulho que a tirania ou o despotismo.

Roqueete apenas fala dos trez primeiros vocábulos do grupo; eis o que diz:

«Pertencem estas palavras ao modo como se decide, conclui e termina qualquer assunto, negocio, discussão ou disputa.

«Resolvem-se as cousas duvidosas e discutíveis com razões, e tão claras as vezes que fazem que num instante se termina a dúvida ou incerteza; ou com argumentos tão fortes que necessariamente trazem consigo a decisão; ou com outros que afirmam a verdade por um lado, destruindo quanto por outro se podesse oppor. — No primeiro caso estes argumentos ou meios são *terminantes*, no segundo *decisivos*, no terceiro *perentorios*.

«A palavra *terminante* claramente se entende significar a efficacia do meio e a prontidão de seu effeito; *decisivo* indica a discussão e os meios apropriados para *terminar*; *perentorio*, a opposição e o meio que pode destrui-la. — *Terminante* é o que vence todas as difficuldades, derriba todos os estôrvos, tira todos os obstáculos; *decisivo* é o que já não deixa dúvida alguma, e por conseguinte subjuga o juizo alheio; *perentorio* o que nem sofre opposição, nem admite réplica».

Lacerda exprime-se muito melhor dizendo apenas:

«É *decisivo* o acto ou argumento que fixa a opinião. É *perentorio* o acto ou argumento que corta as dúvidas contra-opostas e as desvanece. É *terminante* o acto ou argumento que põe termo á questão, e forçando a nossa razão a prestar o seu assentimento».

Declamar, recitar. — Distinguem-se particularmente estes verbos em *declamar* sugerir a idéa da acção ou movimentação com que, quem *declama*, acompanha o que diz; ao passo que *recitar* pode sugerir a idéa diametralmente oposta. Já vehemencia no *declamar*; pode haver frieza

no *recitar*. Quem *declama* sente e pretende convencer; quem *recita* diz friamente o que sabe de cór.

Declaração de guerra, manifesto. — É de Roquette a comparação de estas expressões:

«Quando se declara guerra a uma nação faz-se-lhe saber por algum modo: por arautos, por enviados, por simples cartas, etc. (!); a esse acto chama-se *declaração de guerra*.

«As nações beligerantes costumam de ordinario justificar os motivos por que tomam as armas; a esta exposição por esse crito chama-se *manifesto de guerra*.

«Aquelle dirige-se só á nação ou governo a quem se faz guerra; este dirige-se ao público de todas as nações, ao mundo inteiro, e pode ser feito por ambas as partes contendedoras, porque a ambas interessa justificar perante o público o seu procedimento atacando ou resistindo».

Lacerda teve o bom senso de supprimir os arautos de Roquette, o de se exprimir com mayor precisão dizendo:

«*Manifesto de guerra* é a exposição dos motivos por que uma nação toma armas contra outra, e vai fazer-lhe guerra. *Declaração de guerra* é o acto de fazer saber a uma nação que se lhe vai fazer a guerra, e este aviso pode ser feito de palavra, mediante um enviado a esse fim mandado, ou meramente por escrito. A *declaração* dirige-se ao governo, ou á nação, á qual se vai fazer a guerra. O *manifesto* dirige-se ás outras nações.

«A *declaração* é feita pelo governo, ou nação, que toma as armas, e vai levar a guerra á outra. — O *manifesto* pode ser feito por ambas, etc».

Declamar, descobrir, manifestar, revelar, divulgar, publicar, annunciar, desvendar. — *Declamar* é manifestar sem ambages o que se tencionava fazer, ou que se pensa ou se sabe; numa palavra é «exprimir-nos de modo claro e terminante».

Descobrir bem claramente diz que significa patentear o ignorado. — Em *declamar* atende-se principalmente ao modo como o sujeito se exprime; em *descobrir* mais se atende ao objecto que se descobre que ao sujeito, ou ao seu modo de proceder.

Manifestar é *declarar* ou *descobrir*, expondo com toda a clareza e sem reboço, o que estava occulto ou era ignorado.

Revelar e *desvendar* são palavras da mesma proveniencia (do latim *velum*, véo), mas

(1) Na época actual, a declaração de guerra consiste em a nação que toma a iniciativa entregar os passaportes ao representante da nação inimiga; desde esse momento as hostilidades podem romper-se sem violação do chamado direito das gentes.

Nota do A.

geralmente *revelamos* o que nos é próprio e *desvendamos* o alheio. — *Revelamos* o nosso pensamento; *desvendamos* a hipocrisia dos outros. — *Revelar* distingue-se dos verbos precedentemente comparados em que se *revela* aos outros aquilo que elles sahem existir, sem porém lhe conhecerem os pormenores. — **Declarar-se** a intenção, o pensamento, a verdade; **descobre-se** o segredo; **manifesta-se** a opinião, o desejo, etc.; **revela-se** a confissão que outros sabem ter-nos sido feita ignorando porém o que nella nos foi dito.

Divulgar é assoaillar, tornar mui público, o que só era precedentemente sabido por poucos.

Publicar é tornar do domínio público. Este vocábulo não especializa nenhuma circunstancia particular.

Anunciar é vocábulo referente ao que se dá á publicidade, e não a quem anuncia.

De *anunciar* o *desvendar* nada nos diz Roquete; dos outros verhos fala na forma seguinte:

«Todas estas palavras significam em geral dar a conhecer o que estava ignorado; porém pode verificar-se isto por diferentes modos indicados por cada um de estes verhos.

«*Declarar* é pôr em claro, aclarar, explicar, interpretar o que está escuro, ou não se entende bem.

«*Descobrir* é, como já noutra parte indicamos, tirar o que cobre ou oculta uma cousa; destapar, abrir, alcançar a vêr.

«*Manifestar* é pôr as cousas como á mão, mostrar-as, presentar-as, fazel-as patentes.

«*Revelar* é tirar, levantar o véo; supõe uma violação de juramento ou de estreita obrigação, ou penoso esforço para publicar o mui reservadamente sabido, ou secretamente occulto, resultando de esta revelação ou grandes benefícios ou graves danos, como quando se *revela* uma extensa e infernal conspiração, um segredo de Estado, ou o sigillo da confissão, que é o mais sacrilego crime.

«*Divulgar* é patentear, dar a conhecer a todos uma cousa, propagando-a tanto que chegue a ser geralmente sabida, até do mesmo vulgo.

«*Publicar* é fazer patente ou notoria uma cousa por quantos meios houver. Seu uso mais geral é em materia que a todos interessa saber, como são leis, ordens, decretos, regulamentos; e para isto se vale o governo de pregões, proclamas, bandos, circulares e annuncios nos papéis públicos.

«*Declaram-se* as intenções, os desejos, as acções que não eram conhecidas ou quando muito de um modo incerto. — *Descobre-se* a alguns o que lhes era occulto dando-lhes noticia de elle. — *Manifesta-se* o que estava escondido pondo-o patente, ou aclarando com expressões positivas e

terminantes o que era simulado. — *Revela-se* um segredo por se não poder guardar, e muito mais quando do isto resulta interesse ou gloria. — *Divulga-se* o que não era sabido de todos, extendendo-se á noticia por toda a parte. — *Publica-se* o que não ora notorio, fazendo-o de um modo autentico e formal, para que chegue á noticia de todos, e ninguem alegue ignorancia.

Lacorda diz:

«*Declarar* é aclarar, explicar o que está escuro, e não se entenda bem.

«*Descobrir* é tirar o que cobre, pôr manifesto, abrir para que se possa vêr.

«*Manifestar* é mostrar as cousas, apresentar-as, pôr as patentes.

«*Revelar* é tirar o véo, levantar-o, tornar sabido o que se passou occultamente.

«*Divulgar* é dar a conhecer a grande numero de pessoas o que ignoravam.

«*Publicar* é levar ao conhecimento do mayor numero por todos os meios imagináveis, de sorte que fique notorio.

«*Declaram-se* as intenções. — *Descobre-se* o que estava occulto. — *Manifesta-se*, para que fique patente, o que estava escondido. — *Revela-se* o segredo. — *Divulga-se* o que de poucos era sabido. — *Publica-se* o que não se quer que possa ser ignorado ».

Decompôr, analysar. — *Decompôr* é separar em um todo cada um dos elementos que o compõem. Os corpos simples não se podem **decompôr**.

Analizar é estudar minuciosamente um todo, ou no seu conjunto, ou nas suas partes, ou hem em cada um dos seus elementos.

Decompôr é operação que só na materia se pode exercer; *analizar* é operar no material ou no immaterial.

Roquete diz assim de *análize* e *decomposição*:

«A primeira é palavra grêga *analysis* (de *ana*, de novo; e *luo*, eu separo, eu dissolvo); a segunda é formada da particula ablativa de *compositio*, composição.

«Para conhecer melhor um corpo fisico ou moral, necessitamos separar as partes de que se compõe e examinar cada uma de ellas de per si, deduzindo de esta operação a conformidade ou differença que têm entre si, e o modo como estão reunidas e formam um todo. O termo científico de esta operação é *análize* ou *análisis*. Se a fazemos num corpo fisico sem separar suas moléculas ou seus últimos elementos, a *análize* será fisica ou material; porém se penetrarmos nestes elementos, e por meio de reactivos os decompuzermos em todo seu interior, a *análize* será quimica, que é o sentido mais comum que se dá a esta palavra. A *decomposição* não é mais que a separação material das partes dos corpos, sem nos determos no exame

« científico de ellas, nem nas relações que entre si têm. *Decompomos* um corpo quando destruímos a coesão de suas partes; quando esta coesão se perde ou destrõe por si mesma, dizemos que o corpo se *decompõe*. É mui usada a palavra *análize* em sentido figurado, mórmente falando de materias científicas e literarias, não assim a palavra *decomposição*, que só se usa no sentido recto. Também chamamos *análize* a redução de um discurso ou obra a suas partes principaes, para deestemo do conhecer melhor a ordem que entre si têm, e distinguir os pensamentos fundamentais dos accessorios ».

Lacerda precisa com mais rigôr a comparação de estes vocábulo, dizendo:

« *Análize* é a separação das partes de um corpo físico ou moral, e o exame que fazemos de cada uma de essas partes, do qual deduzimos a conformidade ou diferença de ellas entre si, e o seu modo de existir; é verdadeiramente um termo científico.

« *Decomposição* é a separação material das partes de qualquer corpo.

« *Analizamos*, separando, examinando, e inferindo, consequencias. — *Decompomos* destruindo a coesão das partes de algum corpo.

« Também chamamos *análize* a redução de um discurso ás partes principaes para conhecer a ordem que têm entre si, e melhor apreciar os pensamentos, etc.

Decrescer, diminuir.—*Diminuir*, considerado como sinónimo de *decrescer*, é ir a menos em intensidade ou em quantidade, sem nenhuma idéa accessoria.

Decrescer só se deve dizer do que *cresceu* antes de se dar a diminuição actual.

O volume das aguas dos nossos rios **diminui** consideravelmente no verão. Quando uma cheia atinge o seu máximo, o volume das aguas começa logo a **decrescer**.

Decreto, lei.—[No regimo actual, só os corpos legislativos podem fazer leis propriamente ditas.—Qualquer lei que tenha outra origem—se tal origem fór elevada—é apenas um decreto.

A lei é a expressão da vontade de todos; o decreto é a medida que um ministro julga útil.

Lacerda comprehendeu mal estes vocábulos, pois diz:

« *Decreto*, segundo a origem, exprime a acção de discutir e julgar, é o resultado das opiniões dos que discerniram, isto é, debateram e tomaram resolução acerca de alguma cousa.

« *Lei* é a expressão da vontade soberana, e é nella que repousa a ordem pública.—As côrtes decretam, e os seus decretos só têm força de lei pela acceitação do soberano ».

Decurso, transcurso, curso.—Falando do « tempo », não devemos confundir estes termos.

O **decurso** do tempo é o passar do tempo considerado com relação ás alternativas que se vão dando, pois se quizermos fazer abstracção de essa idéa diremos muito melhor o **curso** do tempo.

O **transcurso** do tempo é o seu decorrer a partir de um momento ou facto determinado.

Dédalo, labirinto.—Convém conhecer o diferente alcance que têm estes vocábulos (!) que só podem ser sinónimos quando *labirinto* se empregar em sentido metafórico.

« *Labirinto* considera o objeto em si mesmo, e só em atenção ás dificuldades que ella apresenta a aos embaraços que suscita.

« *Dédalo* deve ser o termo preferido quando se quizer encarecer a arte, manha ou astucia empregada para crear essas dificuldades ou suscitar esses embaraços.

Roquette nada diz de estes vocábulos, mas Lacerda explica-os assim:

« *Dédalo* diz-se figuradamente das cousas infinitamente complicadas, e dispostas com grande habilidade.

« *Labirinto* designa as plantações e construcções cujas divisões são tão multiplicas, e os caminhos tão variados e confundidos que não se lhes pode acabar salda: no sentido figurado designa complicação de dificuldades.

« *Dédalo* é vocábulo do estilo nobre; *labirinto* do estilo comum ».

Defectivo, impessoal.—Falando dos verbos, não devemos qualificar os indifferentemente de *defectivos* ou *impessoaes*.

O verbo é *defectivo* quando não se usa em todos os modos, tempos ou pessoas que entram na conjugação completa.

O verbo é *impessoal* quando, podendo apenas ser conjugado na terceira pessoa do singular, não admite que se lhe dê por sujeito o pronome « elle » ou « ella ».

(!) O *labirinto* (em grego *laburinthos*) era um palacio do antigo Egito, mandado construir perto do lago Méris, onde occupava uma superficie de uns trez hectares e meio. O seu interior compunha-se de uma infinidade de pequenos compartimentos que communicavam uns com os outros por meio de grande numero de corredores onde forçosamente se perderia quem nelles se aventurasse. *Dédalo*, architecto grego, imitou na ilha de Creta aquella emmaranbada construcção, e de ahí vem que o seu nome se liga, não aos labirintos propriamente ditos, mas ao que figuradamente se lhes compara.

« *Rehaver* » é verbo **defectivo**; « *relampaguear* » é verbo **impessoal**.

Defeito, deformidade, imperfeição, vício. — *Defeito*, na pessoa, difere de *deformidade* em esta estar no corpo, e aquelle no carácter. *Ser preguiçoso é defeito*; *ter seis dedos na mão é deformidade*. — *Defeito* também se diz das cousas, mas não *deformidade*. Neste caso o *defeito* difere da *imperfeição* em esta consistir na falta de acabamento: *as capelas imperfeitas do mosteiro da Batalha*; ou, o que ainda vem a ser o mesmo, naquilo que não está sufficientemente trabalhado para poder ser qualificado de *perfeito*: — *não são poucas as imperfeições que se notam nos Lusíadas*. *Defeito* diz-se do que não funciona como devera funcionar, ou do que não tem as qualidades que era de esperar que tivesse: *tem defeito o navio que não obedece facilmente ao leme*. — Falando das pessoas nota-se antes de tudo que tanto a *imperfeição* como o *defeito* prejudicam a quem os tem, mas que só o *defeito* pode prejudicar a outrem; em segundo lugar, a *imperfeição* é um leve *defeito*. Ser um pouco, muito pouco veso, é uma *imperfeição* que a ninguém afeia senão a quem a tem; ter mau hálito é um *defeito* bem molesto para todos. No moral subsiste a mesma diferença entre estes vocábulos.

Vício só se diz das pessoas e dos animais; na pessoa, o *vício* é um grande *defeito*, uma má disposição moral, que nasce com o individuo ou que elle adquire, e de que não pode corrigir-se. No animal, é também um grande *defeito* que redunde em mal de algum. *Ser jogador é ter um péssimo vício*. Não nos devemos aproximar do cavallo que tem o *vício de morder*. — Comparando *vício* com *defeito* veremos que esto provém da intelligencia e aquelle do coração; assim, *Cesar, que tinha todos os vícios, não tinha nem um só defeito*.

Roquete nada diz de estes vocábulos, mas Lacerda compara-os na forma seguinte:

« *Defeito* exprime o que ha de mau em alguma cousa relativamente ao fim a quo ella se destina.

« *Deformidade* é a fealdade fisica herdada ou adquirida.

« *Imperfeição*, rigorosamente, é a falta de perfeição; mas geralmente designa defeito de leve de pouco momento.

« *Vício* é a predisposição maléfica de qual-quer cousa que lhe corrompe a bondade, que, a não existir aquella, lhe seria propria. No sentido figurado vale o mesmo que falta, defeito, maldade. »

Defeito, falta. — O *defeito* está no carácter, e a *falta* no comportamento. *A distração é um defeito, e o homem distraído comete muitas faltas*.

Falando das cousas materiaes, o *defeito*

consiste num vício de composição, e a *falta* na ausencia de alguma circunstancia necessaria ou essencial. Um livro que péca pelo estilo tem *defeito*; aquelle que carece do indice tem *falta*.

Defender, justificar. — *Defender* tende a provar que não se fez aquilo de que so é acusado, ou a atenuar as circunstancias do mal que se fez.

Justificar é apresentar como *justo*. Este verbo supõe sempre a existencia do facto de que se é acusado ou censurado. *Quem não se pode defender carece de forças ou de provas; quem não se pode justificar carece de razões*.

Roquete compara assim estes dois vocábulos:

« Ambas estas palavras indicam o cuidado e esmero que se põe em assegurar e sustentar já a innocencia, já os direitos de alguma pessoa. Diferençam-se porém em que *justificar* supõe um direito claro e reconhecido por tal, e *defender* só o desejo de favorecer algum e livral-o de pena ou castigo.

« *Cicero defendeu a Milon, porém não lhe foi possível justificar-o*. — *A virtude não necessita ordinariamente que a defendam, pois quasi sempre o tempo vem justificar-a*. »

Lacerda diz a respeito de estes vocábulos o seguinte:

« *Defender* supõe sómente o desejo de conseguir alguma cousa para algum, de o favorecer.

« *Justificar* supõe o bom direito, e como tal reconhecido.

« Quem *defende* sustenta a favor de alguém o que julga que deve pertencer-lhe, o que deseja que lhe pertença. Quem *justifica* assegura para alguém o direito que lhe considera indisputável. — *Cicero defendeu Milon, mas não pôde justificar-o*.

« A innocencia poucas vezes precisa de se *defender*, porque raramente deixa o tempo de a *justificar*. »

Defender, prohibir, vedar, lapidat, inibir. — Concorram estes verbos em exprimir que se quer que outrem não. faça uma acção, ou simplesmente que se ordene certa abstenção.

Defender sugere a idéa de autoridade superior e, cordata que tem em vista evitar um mal, que, ou redundaria em prejuizo de quem o praticasse, ou ofenderia a quem o recebesse. — *A disciplina militar defende o somno das sentinelas*.

Prohibir manifesta, como *defender*, ordem de autoridade que não quer que se faça alguma cousa ou se use de ella. Este verbo não diz se a ordem é justa ou injusta. Quem *prohibe* não justifica o seu mandato, mas exige obediencia. *A Igreja católica prohibe a leitura dos livros que po-*

dem fazer daídar da sua autoridade.— *Prohibir* é mais usual que *defender* e o substitue frequentemente.

Vedar significa propriamente tolher, impedir o passo, e, extensivamente, opôr-se a alguma cousa por arbitrariedade. A entrada nos templos católicos é vedada em determinadas solemnidades aos fiéis que não podem apresentar-se semão com andrjos.

Impedir é opôr-se a que um acto se realize. A autoridade deve adoptar medidas para impedir a alteração da ordem pública.

Inibir só deve dizer-se quando o acto, sendo ilegal, ou reputado como pouco legal, deve ser reprimido ou pelo menos circunscrito a determinados limites. O único casamento válido ante a lei deveria ser o civil, sem que porém se lachibisse o religioso.

Roqueeto fala de *prohibir*, *vedar* o *defender*, sem porém dizer nada que nos possa guiar na escolha do termo apropriado. Expri-me-se assim:

« *Prohibir* é impedir o uso ou execução de uma cousa, impondo para isto estatuto, ou preceito, munido de sanção expressa ou tácita.

« *Vedar* o *defender* têm significação mais ampla e genérica. — *Veda-se* o sangue, a agria, etc., e não se *prohibe*. *Defende-se* o somno, a esperança, etc., e não se *prohibe*. — São mui diferentes estes dois verbos na sua significação primaria, mas encontram-se na secundaria, e confundem-se em quanto ao effeito. Pomo *vedado* é o mesmo que *pomo prohibido*; *armas defensivas* diz o mesmo que *armas prohibidas*. »

Lacerda aproxima-se mais da exactidão dizendo o seguinte:

« *Prohibir* é impedir, estorvar que alguem use de alguma cousa, ou pratique alguma acção, impondo lhe para isso sanção com preceito expresso ou tácito. — *Prohibir* é acto de quem tem autoridade e poder.

« *Vedar* o *defender* têm significação mais ampla. *Veda-se* a entrada de uma casa; *veda-se* o sangue que corre da ferida; *veda-se* a agua que penetra pelo telhado, etc.; e assim *vedar* é atalhar a entrada ou salda em, ou de alguma parte.

« O dono de uma horta *defende* a dos animaes damnhos; o pastor *defende* o rebanho de ser saltado dos lobos, etc.; e assim *defender* é desviar uma cousa do encontro de outra, livral-a de ser offendida. Entretanto estes vocábulo confundem-se as mais das vezes, por isso que geralmente quem *veda* ou *defende* uma cousa, *prohibe* que ella tenha logar. »

Defensa, defesa, defensão. — *Defensa* é vocábulo muito fora do uso, e inútil posto que significa o mesmo que *de-*

fensa, que na linguagem antiga se dizia *defensón*.

Defensa e *defesa* confundem-se geralmente (¹), mas o bom critério devo distinguir entre estos vocábulo, pois que a *defesa* de uma praça de guerra é uma cousa muito diferente das suas *defensas*.

Defesa é o acto de repolir o ataque, ou do proteger contra ella.

Defensa é o que protege.

Roqueeto comprehendeu que entre os dois vocábulo havia qualquer diferença, mas não a soubo deslinhar. Veja-se, no seu artigo, o exemplo que elle cita, tomando-o ao padre Antonio Vieira, e comprehender-se-á o verdadeiro valor do termo *defensa*. Diz como segue:

« Posto que estas palavras se usem promiscuamente, como significando a mesma cousa, não se devem contudo confundir, pois a sua terminação fixa a significação respectiva de cada uma de ellas.

« *Defensa* ou *defensão* é a acção de defender ou defender-se, é a cousa com que se defende. É o oposto do offensa. *Defesa* (²) é logar fortificado, ou murado, onde é de feso entrar, donde vem significar prohibição. No sentido moral chama-se *defesa* ás razões alegadas contra a accusação criminal. — El-Rei Dom João II respondeu, segundo assegura Vieira, aos que lhe aconselhavam que abandonasse o castello do S. Jorgo da Mina: *Eu não mandei edificar aquelle castello tanto para a defesa* (³) *e conservação das minas quanto para a conversão das almas dos gentios* (IV, 128). — O general que na *defesa* de uma praça se houve cobardemente, não pode apressar nenhuma *defensa* que o justifique no conselho de guerra (⁴). »

Lacerda, copiando textualmente de Roqueeto, prova não haver comprehendido melhor do que este a diferença existente entre estes vocábulo; eis o que elle diz:

(¹) O sr. Cândido de Figueiredo define erradamente estes trez vocábulo.

« DEFENSA, f. o mesmo que *defesa*. (Lat. *defensa*, de *defendere*). »

« DEFENÇÃO, f. o mesmo que *defesa*. »

« DEFESA, f. o acto de defender; aquillo que serve para defender; contestação de uma accusação; acto de repolir um ataque; pessoa que em juizo patrocina outra; preservativo, resguardo; dentes caninos de alguns animaes; cornos; impedimento, prohibição. (Lat. *defensa*, de *defendere*). »

(²) Se Roqueeto houvera dito aqui *defensa* teria empregado o termo apropriado.

(³) Note-se bem o evidente sentido do *protecção*, dado aqui a *defensa*.

(⁴) Roqueeto contradiz-se neste exemplo.

« *Defensa* ou *defensão* é a acção e effeito de defender e defender-se, e a cousa com a que alguém defende a outrem ou se defende a si mesmo. *Defesa* é o logar fortificado, o logar murado, onde é *defeso* entrar. Também se chama *defesa* o alegar do ou as razões que se produzem contra qualquer accusação. Entretanto, no uso comum, estes dois termos usam-se indistintamente.

Defensor, protector.—O *defensor* não pode exercer a sua acção antes do facto existir, ou do ataque se dar.

A acção do *protector* é mais extensa, pois não só *protege* depois do mal se declarar, mas, e ainda mais frequentemente, *protege* para o mal ou o ataque não se dar.

Definição, descripção.—A *definição* explica; a *descripção* representa.

Roqueiro exprime bem o que diz a respeito de estas palavras:

« De dois modos se pode dar a conhecer uma cousa: ou expomos sua natureza com clareza, procurando distinguil-a das outras do mesmo género pelas circunstancias e qualidades que lhe são proprias e elle constituem a differença; ou, como que a debuxamos ou pintamos com palavras as qual ella se representa aos nossos sentidos, ou á nossa imaginação. No primeiro caso *definimos*; no segundo *descrevemos*.—A *definição* deve ser clara, breve e recta; isto é, convir a todo e a só o definido; a *descripção* deve ser exacta, fiel, concisa o por vezes animada.—O filósofo *define*, o orador, o literato, o poeta, *descrevem*.—A *definição* pertence á intelligencia e ao raciocínio; é do dominio da philosophia. A *descripção* pertence á imaginação; é da alçada da poesia o da oratoria.

Deista, theista, deicola.—*Deista* e *teista* têm absolutamente a mesma significação, pois apenas differem em *deista* provir da lingua latina, e *teista* da grega: ambos designam aquelle que crê em Deus rojeitando a revelação, e não reconhecendo, consequentemente, autoridade em nenhuma Igreja.

Deicola, palavra derivada do latim *deus*, deus, o colere, honrar, não é o mesmo que *deista*, apesar do ser essa a definição que do vocábulo dão os senhores Cândido de Figueiredo, Santos Valente, e outros de menor monta. É *deicola* todo aquelle que presta um culto qualquer a um só Deus ou lhe tributa quaesquer honras ou veneração.—*Deicola* é o papa, e *deicola* é quem escreve estas linhas—apesar de nada ter de papista.

Deixar, largar.—*Deixar* como sinónimo de *largar*, differença-se principalmente de este em que:

Deixar é não levar consigo ou não querer em sua companhia.

Largar é soltar da mão, não reter.

Deixa-se o *amigo* quando sem elle seguimos o nosso caminho; **largar-se** o *amigo* quando, não o retendo mais, o deixamos seguir e sou caminho.

Quem *deixa* separa-se do logar onde *deixou*; quem *largar* talvez fique no logar onde *largou* o que ou quem se separa do elle.

Lacerda falando de estes vocábulos exprime-se assim:

« *Largar* é vocábulo menos genérico do que *deixar*. *Deixamos* um logar quando nos apartamos de elle; um costume, quando nos abstemos de pratical-o; uma associação, quando cessamos de a frequentar, etc. *Largamos* as velas ao vento; a rédea ao cavale. *Larga-se* o preso, o navio, a praça, o vestido, a espada, etc.

Deleite, delicia, prazer.—*Prazer* é tudo o que apraz ou dá gosto.

A palavra *delicia* não só exprime o *prazer* sentido, mas também, o sobretudo, o encarece o mérito, valor ou qualidades do que lhe dá a origem. A *delicia* consola os sentidos e o espirito.

Deleite é o gozo dos sentidos.

Veja-se o artigo **Deleitoso**.

Lacerda, que encarece demasiado a significação de *deleite*, diz o seguinte de estes vocábulos:

« *Prazer* é tudo que *praz*, contenta, dá gosto.

« *Delicia* é o *prazer* em seu mais subido grau.

« *Deleite* é o mais subido grau da *delicia*.

« O *prazer* pode ser honesto ou deshonesto; a *delicia* indica voluptuosidade; e o *deleite* quasi sempre se refere aos *prazeres* sensuaes, cujo abuso a boa moral reprovaa.

Roqueiro havia, antes de Lacerda, tratado estes vocábulos na forma seguinte:

« São estes os principaes sentimentos jucundos do homem; considera-se o *prazer* como género, e os outros como suas espécies.

« *Prazer* é tudo que *praz*, contenta, dá gosto, excita nossa complacencia, satisfaz, recreio, sem que o perturbe nenhum dissabor nem desgosto, pois do contrario o *prazer* não seria, nem puro, nem verdadeiro, senão uma falsa imagem de elle.

« *Delicia* significa um mayor grau do *prazer*, um sentimento jucundo mais forte; porém mais limitado emquanto a seu objecto, pois propriamente só vem a abraçar a sensação.

« Assim como *delicia* indica mayor grau de *prazer*, assim também *deleite* indica o mayor grau de *delicia*, o *prazer* levado ao seu extremo, de que já não se pode passar.

« Ha *prazeres* espirituaes e sensuaes, ho-
 « nestos e desesos. A intelligencia cultiva-
 « da, a instrucção variada, os sentimentos
 « nobres do coração, a prática de acções
 « virtuosas; a saúde vigorosa, a juvenili-
 « dade, a posse de riquezas, uma vida di-
 « tosa, são fontes de muitos e variados *pra-*
 « zeres, que só serão reprehensíveis quan-
 « do doixarem de ser honestos. — A idéa de
 « *delicia* indica cousa mais voluptuosa, mais
 « duradoura, mais fixa n'ó *prazer* material;
 « adhire ordinariamente a um só objeto, e
 « permanece mais tempo nelle, por isso di-
 « zia Vieira que — Esaú era as *delicias* da
 « velhice de Isaac (I, 531). — A palavra *de-*
 « *leite* designa propriamente os excessos da
 « molície, e as delectações sensuaes; pelo
 « que se olha communmente o *deleite* como
 « um defeito, um vicio, que a boa moral re-
 « prova, um abuso dos *prazeres* sensuaes,
 « um abandono a violentas e torpes pai-
 « xões, uma inquietação e desasosiego de
 « ânimo a que nenhum gozo satisfaz por no-
 « vo e exquisito que seja».

Deleterio, venenoso.—Tudo o que
 é *venenoso* é *deleterio*, mas nem tudo quan-
 to é *deleterio* é *venenoso*.

É *deleterio* o que destróe a vida ou é gran-
 demente pernicioso á saúde. Os *miasmas*
 dos pântanos são *deleterios*; são *dele-*
terios os gazes que asfixiam.

O que é *venenoso* encerra *veneno*.

Deliberar, opinar, votar. — Es-
 tes vocabúlos não são verdadeiramente si-
 nónimos, pois só distinguem as diferentes
 fases por que passa uma questão antes de
 se resolver.

Deliberar é a primeira de essas fases na
 ordem chronológica; *delibera-se* discutindo e
 pensando as razões favoráveis ou desfavo-
 ráveis ao assunto. É durante a *deliberação*
 que cada orador apresenta e defende a sua
 opinião, esforçando-se por fazê-la adoptar
 pela colectividade. — Apesar do vocabuio
deliberar encerrar idéa de colectividade,
 também se diz ao falar de uma só pessoa,
 mas então exprime que essa pessoa discu-
 te consigo propria os prós e contras da
 questão, estudando-a sob todos os seus as-
 pectos com o fim de se decidir e de se pro-
 nunciar a seu respeito.

Opinar encerra idéa individual, não co-
 lectiva. *Deliberam* todos, *opina* um só—este
 verbo designando o acto pessoal com que
 o oponente exprime a opinião preadoptada.
 Quem *opina* não *discute*; pronuncia-se em
 tal ou tal sentido.

Votar é a última fase da discussão; *vota-*
se pela opinião que se considera como sen-
 do a melhor.

Roquete considera o acto de *opinar* como
 precedente ao de *deliberar*. Exprime-se
 assim:

« *Deliberar* é examinar por todos os lados

« e de todos os modos qualquer negocio ou
 « questão que se haja proposto, ou sobre a
 « qual se ha consultado, pensando as razões
 « pró e contra.

« *Opinar* é emitir a sua opinião sobre al-
 « gum assunto, discorrer sobre elle com
 « mayor ou menor probabilidade.

« *Votar* é dar seu voto sobre materia con-
 « troversa, ou para eleição de pessoas.

« Na ordem de toda discussão, começa-se
 « por *opinar*, segue-se o *deliberar*, e acaba-
 « se por *votar*.—*Delibera-se* para examinar
 « uma questão; *opina-se* para dar conta do
 « modo como se considera, e expôr as ra-
 « zões em que se funda o dictame de cada
 « um; *vota-se* para decidir á pluralidade ».

Lacerda diz apenas:

« *Deliberar* é examinar reflectidamente
 « uma questão, considerando-a de todos os
 « modos, e pensando as razões opostas.

« *Opinar* é dar a sua opinião acerca de
 « algum assunto, fundando-se em razões
 « mais ou menos prováveis.

« *Votar* é manifestar o seu parecer, o seu
 « voto sobre materia controversa, ou para a
 « escolha, eleição de alguma pessoa».

Delicado, fino, ténue, subtil.—
 Ila uma diferença essencial entre *delicado*
 e *fino*, e é que *delicado* sugere a idéa de
 um trabalho intelligente, o que não se de-
 prehende de *fino*. Uma renda feita á mão
 pode ser *fina* e *delicada*; a renda feita em má-
 quina poderá ser *finissima*, mas nunca será
 delicada.—Se de um tecido se diz que é *de-*
licado é porque ou elle foi feito á mão, ou
 porque se atende á arte que produziu o de-
 senho para o estampador; considerando-o
 materialmente pode apenas dizer-se que
 elle é *fino*. O que é *delicado* desperta em
 nós o sentimento estético: o *delicado* agra-
 da á vista e causa admiração; o que é *fino*
 faia apenas aos sentidos, e deixa-nos in-
 sensíveis.

Ténue diz-se do que é pequeno e deiga-
 do; *subtil* do que, por ser *ténue*, penetra fá-
 cilmente, ou que se maneja de forma a per-
 der muito do seu volume.

Roquete e Lacerda comparam entre si
 os vocabúlos *delicado*, *fino* e *subtil*, fazen-
 do-o de modo a completar o que dizemos
 de essas palavras.

Eis o que diz o primeiro:

« Todas estas palavras se opõem a gros-
 « so ou *grosseiro*, mas cada uma de ellas
 « por seu modo e diferente maneira.

« Chama-se *delicada* uma obra cujas par-
 « tes foram trabalhadas com habilidade, es-
 « mero e primor. Extende-se a significação
 « de *delicado* ao delgado, ao frágil, ao dé-
 « bil, ao fraco e a quanto supõe feita de
 « força e vigor.—Entendemos por *fino* ao
 « que não é grosso, ao miúdo, pequeno, ao
 « que é bem trabalhado e concluído. Por
 « analogia diz-se *fino* o que não é grosseiro
 « nem trivial, como pensamentos, expres-

« sões, maneiras, etc., e á má parte corresponde *fino* e sagaz, astuto.

« Chama-se *subtil* ao mui *ténue*, delgado, agudo; e por translação ás pessoas engenhosas e perspicazes, *subtis*. Diz-se *subtil* a *leza* de engenho por agudeza. Aos pensamentos mais brilhantes que sólidos se lhes chama *subtis*, e aos artificiosos argumentos da escola *subtilezas* escolásticas.

« Em sentido moral, a *delicadeza* é mais rara que a *finura* e de mayor mérito, e não se acompanha com a maldade como a esta muitas vezes acontece. O *delicado* é gracioso, compraz e lisonjeia; o *fino* é arguto, e ás vezes pica e molesta. Diz-se *eloquio delicado*, sátira *fina*. O homem *delicado* do esquece-se de si para comprazer aos outros; o *fino* sabe insinuar-se para conseguir o que deseja. — A *subtileza* é a arte de acabar verdades que nem todos conhecem, nem suspeitam; toma-se muitas vezes á má parte, e significa a destreza em enganar, roubar, etc., quasi a olhos vistos. A *delicadeza* é o pronto e habitual sentimento das relações agradáveis que nem todos conhecem. — O engenho *subtil* dirige-se a descobrir a verdade; o *delicado* a descobrir o que é decente e adequado. — A *subtileza* pertence ao que se propõe o engenho; a *delicadeza* ao sentimento da alma; a *finura* é qualidade intelectual, e se exerce principalmente no tacto, no gosto, e no olfato. — A *subtileza* e a *finura*, tanto nas obras de imaginação, como na conversação, consistem na arte de não expressar directamente o pensamento senão em presentalo em termos que facilmente se adivinhem: é um enigma com que logo acertam as pessoas entendidas ».

Diz o segundo :

« É *delicado* o que foi feito com primor.

« É *fino* o que não é grosseiro, o que tem certa perfeição.

« É *subtil* o que é muito *ténue*.

« Também dizemos *delicado* o que é frágil, débil, fraco; *fino* o que é sagaz, astuto; *subtil* o que é engenbozo, perspicaz.

« O homem *delicado* esquece-se de si para comprazer aos outros. O homem *fino* insinua-se de modo agradável para conseguir o que deseja. O homem *subtil* descobre o que os outros nem sequer suspeitavam que existisse ».

Delicioso, delectável, delectoso. — O que é *delectável* causa-nos *deleite*; o que é *delicioso* causa abundância de *delicias*. É *delectável* o que nos dá prazer; é *delicioso* o que nos arrebatava. Portanto *delicioso* diz muito mais que *delectável*.

Querem os dicionaristas que *delectável* e *delectoso* designem a mesma idéa, e o mais recente de todos elles chega a preferir a forma *delectoso* a *delectável*. Ora se atendermos a que a desinença *oso* designa abundancia,

e ável qualidade, obteremos a verdadeira diferença que ha entre os dois adjetivos. — Convém então considerar qual a diferença entre *delicioso* e *delectoso*. No artigo **Deleite, delectia, prazer**, a páginas 361, fica essa diferença estabelecida.

Delimitar, demarcar. — *Delimitam-se* extensões consideráveis; *demarcam-se* as relativamente pequenas. A *diplomacia delimita as nações*; *demarcam-se* as propriedades contiguas.

Delinquente, réo, malfeitor. — Aquelle que infringe a lei ou o mandamento é *delinquente*.

Réo é aquelle que a justiça acusa de ser *delinquente*; e também aquelle que o « autor » chama a juizo.

O réo é absolvido se não se pode provar que elle é *delinquente*. O *delinquente*, ainda que a justiça o não acuse, é sempre *delinquente*.

Roquete fala de *delinquente*, mas considerando-o como sinónimo de *malfeitor*, o que nem sempre tem razão de ser, posto que o *delinquente* o pode ser de mui leves delictos, ao passo que *malfeitor* só pode dizer-se de quem comete crimes.

Els como Roquete se exprime :

« Ambas estas palavras representam ao bomem que cometeu uma acção má; porém a primeira (*malfeitor*) considera a acção como má em si mesma, a segunda (*delinquente*) a considera como infracção da lei ou preceito que a prohihe.

« A palavra *malfeitor* usa-se comúmmmente com referencia áquellas acções más que se opõem á boa ordem da sociedade, ao direito dos cidadãos, á tranquillidade o bom governo do estado: e como não ha legislação que as não prohiba, todo *malfeitor deliquê*, quebranta a lei, e não é estranho que se tome indistinctamente uma voz por outra, porque as duas idéas que representam, ainda que diferentes, são difficil e que se encontrem separadas.

« Se não houver leis, o *malfeitor* não seria *delinquente*. No tempo dos antigos tiranos o *delinquente* pôde não ser *malfeitor* ».

Também Lacerda fala ácerca de esses dois vocabulos, dizendo :

« Ambas estas palavras designam o bomem que cometeu uma acção má; mas a primeira (*malfeitor*) considera a acção em si; a segunda considera-a com referencia á lei, como infracção de esta.

« *Malfeitor* é termo mais genérico que *delinquente*.

« *Malfeitor* é o que faz acções contrarias á boa ordem da sociedade, ao direito dos seus concidadãos, etc. — Onde os **malfeitores** são soffridos, e hão mercês, e favor, além do escândalo, que geralmente se

«recebe, os bons são ofendidos e afrontados» (ORDEN).

«*Delinqüente* é o que infringiu ou quebrantou alguma lei divina ou humana, «natural ou positiva: — *Vts aqui as mãos e a lingua delinqüentes* (CÂMÕES)».

Deir, diluir. — É erro empregar estes verbos como sinónimos, e muito menos como sinónimos perfeitos.

Diluir é dissolver num líquido.

Deir é apagar, desvanecer, fazer desaparecer completamente, seja qual fôr o meio empregado.

Delirio, desvario, tresvario. — No sentido proprio, o *delirio* é o estado em que o doente jaz quando, alheio a quanto o rodeia, cria na sua imaginação as idéas mais incompatíveis e extravagantes.

No mesmo sentido, *desvario* diz-se das manifestações do *delirio*.

No sentido metafórico, *delirio* é o estado de sobreexcitação que leva a cometer dosacatos; e *desvario* o acto reprebensível que o individuo comete.

Delirio pode tomar-se a boa parte, como quando se diz *delirio de alegria, delirio de entusiasmo*, etc.; *desvario* toma-se geralmente a má parte, ainda que familiarmente se costuma empregar por «alucinação» proveniente de um perigo imminente».

Tresvario, no sentido proprio, é palavra vulgar que se diz por *delirio*; no sentido figurado encarece sobre *desvario*, por exprimir *desvario*.

Roqueete exprime-se na seguinte forma a respeito de estes vocabulos:

«*Delirio* é uma perturbação ou desarranjo das faculdades mentaes por qualquer causa que seja, mas communmente por uma febre ardente, acabada a qual cessa também elle. Tomado o *delirio* em sentido do metafórico serve para designar o vicio lento transtorno o a forte turbação que produzem as paixões em seu mayor grau de exaltação. É palavra latina, que vem do verbo *delirare*, que, no sentido recto, significa afastar-se do régo direito na lavoura.

«*Desvario* é palavra portugueza e mais usada que *delirio*, que indica os desacertos que se dizem ou fazem com o *delirio*, ou um desarranjo mental que provém de debilidade. O *delirio* supõe viva e até impetuosa acção, ou ao menos violenta agitação; sendo que o *desvario* pode provir do assombro e pismo.

«*Tresvario* é palavra vulgar que se usa ordinariamente em lugar de *delirio*».

Lacerda é mais exacto que Roqueete na comparação de estes termos.

«*Delirio*» — diz — «é a perturbação, a desordem das faculdades mentaes, seja qual fôr a causa em que se origina. Em sentido do translató é o transtorno e grande per-

«turbação produzidos por paixões exaltadas.

«*Desvario*, termo mais comum, designa os desacertos que diz e faz a pessoa que se acha em estado de *delirio*.

«*Tresvario* é a palavra com que o povo significa o *delirio* e o *desvario*.

Demonio, diabo, demo, Satanaz, Lucifer, Lushel. — Denominações mais usuaes do ser imaginario que em varias religiões representa o papel de oterno antagonista de Deus, sugeriador de todo o mal o raptor das almas.

Diabo (do grego *diabolos*, caluniador, acusador) é o termo mais frequentemente empregado e o que melhor representa o anjo que sem cessar está em luta com o bem.

Demonio (do grego *daimon*, génio) é cada um dos maus anjos que estão ás ordens do *diabo*.

Demo é termo familiar com que se designa o *demonio* galhofeiro e folgazão.

Satanaz é o nome proprio do *diabo*, chefe de todos os anjos do mal, soberano do Inferno, antagonista de Deus.

Lucifer e *Lushel* são outros nomes proprios do mesmo *Satanaz*, mas nomes latinos formados do vocabulo *lux*; o primeiro significa propriamente «mensageiro de luz» e o segundo «que combate a luz».

Roqueete, a respeito de *diabo, demonio, Lucifer, Lushel, Satanaz* e *Belzebú* exprime-se na seguinte forma:

«Por todos estes nomes é conhecido o anjo mau, tentador das almas, mas cada um de elles recorda sua circumstancia particular que importa conhecer.

«*Diabo* é palavra latina, *diabolus*, antes grega *diabolos*, que diz o mesmo que acusador, caluniador, de *diaballô*, eu accuso, eu calunio, eu desacredito. Com razão pois se toma sempre esta palavra em mau sentido, como nome geral dos anjos maus arrojados do céu aos profundos abismos; os quaes se occupam continuamente em atormentar e perseguir a virtude, accusando-a, caluniando-a, e desacreditando-a quanto podem, e em incitar os homens ao vicio, usando para isto de sua maligna astucia e pérfida sagacidade.

«*Demonio* é tambem palavra grega *daimon*, que, antes do cristianismo, significava divindade, gonlo. Designa-se por ella o *diabo*, mas é mais decente, e algumas vezes se toma á boa parte, no estilo familiar. Os oradores cristãos se servem sempre de ella aliada que seja traduzindo a palavra latina *diabolus*, como se pode ver em Vieira nos Sermões da primeira Dominga do Quaresma.

«*Lucifer*, que diz o mesmo que *ferens lucem*, significa propriamente a estrella de Venus, quando apparece pela manhã; e translatamente o primeiro dos anjos re-

«beldes, brilhante como a estrela da alva, e pelo seu pecado descido como oia no «ocaso e escurecido. Designa pois esta «palavra particularmente o estado primitivo do príncipe dos *demonios* e a circun-
«stancia que deile o fez decair.

«*Lusbel* ou *Luzbel* é a corrupção vulgar da palavra latina *Lucifer*, mas só tem significação translata de esta.

«*Satanaz* ou *Satan* é termo bíblico que do hebreu passou ao grego, pois em S. Matheus se lê, cap. IV, 10: *upage opeso mou «satana*; — *vade retro, Satane*. — Significa «adversário, inimigo, e por antonomasia «o diabo.

«*Beelzebú* antes *beel zebub*, palavra que o «nosso vulgo converto em *Brazabú*, é «egualmente termo bíblico que do hebreu «passou ao grego, pois em S. Lucas, cap. «XI, 15, se lê: *Em beelzeboul, archonti ton «daimonton ekballaite daimona*; — *in Beelzebub princeps demoniorum ejicit demonia*. — «Na lingua santa *Beel-zebub* significa *idolum «musca*, idolo da mosca, deus-mosca, ou «deus da mosca; e assim se chamava o «idolo que adoravam os Accaronites, porque o invocavam contra a praga das moscas e se supõe que tinha cabeça de mosca ou de escaravelho. Os Judeus chamavam por escárnio e abominação a *Lucifer Beel-zebub*».

Lacerda apenas fala de *diabo*, *demonio* e *Satanaz* dizendo:

«São palavras muito usadas como intelligentemente sinónimas, porém diferem. *Dia-«bo*, conforme á origem, vale o mesmo que «acusador, caluniador. Esta palavra toma-se sempre em mau sentido, como designando os anjos maus, que perseguem «e calniam a virtude. *Demonio*, segundo a «origem grega, significa divindade, genio; «mas emprega-se no estilo cuito para designar o mau anjo, o diabo. Entretanto, ás «vezes, usa-se em bom sentido no estilo «familiar. *Satanaz* é termo bíblico, e significa adversário, inimigo, e por antonomasia o diabo».

Demonstrações, testemunho, protesto. — As *demonstrações* são aquellas manifestações com que se traduzem os sentimentos que se têm ou que se finge ter. No sentido em que neste artigo consideramos cada um dos vocábulos que nelle entram, as *demonstrações* consistem principalmente na boa acolhida que se faz a alguém, na fisionomia risonha que se lhe mostra, na obsequiosidade que se lhe revela em tudo, e emfim em todos os sinais exteriores da amizade que se pretendo ter por esse alguém. Mas as *demonstrações*, repetimos, são apenas manifestações insufficientes para inspirar confiança na sinceridade *demonstrada*.

Testemunho é uma prova evidente da sinceridade dos sentimentos, pois não con-

siste em exterioridades nem em palavras, mas em factos que, pela sua natureza, evidenciam essa sinceridade.

Protesto é vocábulo que se presta a confirmar na opinião do que quanto se diz é falsidade e impostura.

Resulta de isto: que os *protestos* consistem em palavras; as *demonstrações* em palavras e exterioridades; os *testemunhos* em factos.

Demonstrar, provar, estabelecer. — *Provar* é termo genérico com que se designa o acto do mostrar que alguma coisa é como se diz ser, seja qual fôr o modo ou a circunstancia como esse acto se produza.

Demonstrar é *provar* com razões evidentes e indiscutíveis. — *Provar* pode falar aos sentidos ou á intelligencia; *demonstrar* sempre se dirige á intelligencia.

Estabelecer é vocábulo muito mais relativo ao resultado do que no meio; significa *provar* tão sólidamente quanto seja necessário para que toda dúvida se dissipe e não haja necessidade de voltar a insistir no ponto estabelecido.

Roque diz o seguinte dos dois primeiros termos de este grupo:

«*Demonstrar* é provar uma coisa valendo-se do raciocínio ou das consequências que necessariamente se deduzem de um «princípio evidente.

«*Provar* é sentar a verdade de uma coisa «com provas de facto, de raciocínio ou justificativas, com incontestáveis testemunhos.

«Não são os factos os que se *demonstram*, «senão as proposições; porém tanto estas «como aquelles se *provam*. — O *geômetra*, o «*matemático demonstram*; o *físico*, o «*orador provam*. — *Prova-se* quanto «se *demonstra*, porém não se *demonstra* tudo o que se *prova*».

Lacerda exprime-se ainda melhor a este respeito:

«*Demonstrar*» — diz — «é provar por meio «do raciocínio».

«*Provar* é estabelecer alguma verdade «com factos, documentos, raciocínios, etc.

«*Demonstram-se* as proposições, e «*provam-se* os factos. — *Prova-se* tudo o «que se *demonstra*, mas não se *demonstra* tudo o que se *prova*».

Demora, estada, residência. — *Demora* é o tempo que alguém pára num lugar, porém com relação ao lugar a que se dirige.

Estada é a permanencia mais ou menos prolongada que se tem numa nação, localidade ou habitação alheia.

Residência é a *estada* prolongada e habitual numa localidade.

Do modo seguinte faia Lacerda de estes vocábulos:

« *Estada* é o acto de estar, parada, assento, que aigum faz em algum lugar.

« *Demora* designa o tempo que aigum se « detém num lugar com referencia a outro « para onde vae.

« *Residencia* indica a persistencia em um « lugar.

« *Por occasião da minha estada nas « Caldas, fui a Santarem, onde tive alguma « demora; e tanto me agradou esta vila, « que fizeti ali a minha residencia.*

Demora, tardança, dilação, delonga.— A *demora* é devida á acção ou ao movimento ao suspender, e a *tardança* ao movimento ou actividade ser mais lenta que o que devera ser ou se esperava que fosse. *Um navio demora-se* quando por uma circumstancia qualquer está parado num porto; e diz-se que *tarda*, quando a viagem se faz em más condições de andamento.

Dilação é o excesso de duração numa obra começada, sem supôr solução de continuidade no tempo empregado. Ha *dilação* na decisão de um pleito quando a chicana ou as formalidades o prolongam.

Delonga, vocábulo que sempre se toma a má parte, não se diz propriamente do tempo que se gasta antes de ultimar uma acção ou de resolver uma difficuldade, mas dos pretextos ou obstáculos que se apresentam, e que trazem forçosamente comsigo a *dilação*.

Denegar, indeferir.— *Denega-se* o que se pede como favor ou excepção.

Indefere-se o pedido que se considera como injusta pretenção. **Denega-se uma licença; indefere-se um requerimento.**

Consequente do acto de *denegar* recae no proprio objeto da petição, e o de *indeferir* na petição em si.

Denodo, corágem.— « A *corágem* », deixámos dito na página 330, « é firmeza de « determinação e de resolução ante os perigos e os males, mas firmeza que não é « só interior, senão que se manifesta activa « e enérgicamente. A *corágem* é impaciente, ataca, não se preoccupa com os obstáculos nem estes a detêm; emprehende « com ousadia e instiga a avançar ».

Denodo é uma *corágem* particular que consiste em atacar o que se considera como inexpugnável ou inviolável para cair sobre o inimigo que se refugia por detraz de essa barreira.

Denunciar, delatar, accusar, malsinar.—No artigo *Accusador*, a páginas 26, já comparámos os trez primeiros vocábulos de este grupo, de que Roquete, no artigo que a continuação transcrevemos, se occupa novamente comparando-os com *malsinar*.

« *Denunciar* é manifestar aos juizes um delito occulto sem apresentar as provas, deixando este cargo ás partes interessadas, « para que façam o que entenderem, já para assegurar-se da verdade da *denúncia*, « já para evitar ou remediar o mal que se « *denuncia*.

« *Delatar* acrescenta á idéa de *denunciar* « a de malevolencia, e talvez a de um vil « interesse. O *denunciante* pode ser levado « sômente do zelo do bem público; o *delator* obra por maldade, ou por interesse, « nunca pelo bem público; procede com disfarce e occultando-se, e é designado pela « frase de *vil delator*.

« *Accusar* é *denunciar* algum como criminoso. A *accusação* pode ser ás vezes um « acto bom; outras, e são as mais communs, « de malevolencia. Quando a *accusação* é « justa, fundada e nobre, o *accusador accusa* « aberta e publicamente, intentando uma « acção criminal de roubo, assassinio, etc. « — Comtudo, a palavra *accusador* é odiosa, « toma-se a má parte, e por isso uas demandas se chama « autor » ao que intenta « acção contra o réo, ou *accusado*, e não se « diz *accusador*.

« *Malsinar* é *accusar* como *malsim*, isto é, « por preço, paga e por officio, como fazem « os *malsins*.

« Nos tempos modernos o uso tem quasi « fixado o valor de cada uma de estas palavras. O *malsim* exerce o seu officio em tudo que respeita aos contrabandos; o *delator* satisfaz sua maldade acensando os « crimes ou delitos contra as leis; o *denunciante* nutre seu zelo fazendo conhecer ás « autoridades as acções e opiniões condemnadas em politica, ou suspeitas ao governo ».

Lacerda, sem ser tão extenso como Roquete, precisa melhor a extensão de cada um dos vocábulos que compara:

« *Denunciar* é revelar, ou manifestar á « autoridade um delito occulto, sem dar provas de que foi cometido, ou se pretende « perpetrar-o.

« *Delatar* é revelar ou manifestar o crime « occulto com o intento de tirar proveito da « delação.

« *Accusar* é *denunciar* algum como criminoso.

« *Malsinar* é *accusar* por officio de que se « recebe uma paga; e em geral *accusar* para tirar qualquer sorte de interesse da « *accusação*. — *Procuravam cousas novas de « que o malsinasse e caluniassem*. (ANDR. CHRON.).

Deparar, encontrar, achar, descobrir, inventar.— Roquete desenvolve no artigo que a continuação transcrevemos o que de estes vocábulos deixámos dito na página 29.

« *Encontrar* corresponde ao verbo latino « *invenire* em sua mais lata significação, re-

« apresenta a acção de dar com uma cousa
 « que se buscava ou que por casualidade se
 « oferece. De um bomem que, indo pela
 « rua, viu no chão uma peça de ouro, a apa-
 « nbou e guardou, diz-se que *achou*; as-
 « sim como, tendo-a perdido, e andando
 « em busca de ella e a encontrando, diz-se
 « que *a achou*. Autoriza-se esta accepção
 « com o ditado vulgar, mas evangélico,
 « *quem busca acha (querite et invenietis)*;
 « abona-se aquella com a sentença do nos-
 « so Camões:

« Que alegria não pode ser tamanha
 « Que *achar* gente visinba em terra estranha

« Havendo porém na nossa lingua o ver-
 « bo *encontrar* que, entre outras significa-
 « ções, tem a de conseguir por acerto e en-
 « contro, dar por fortuna, sem que busque,
 « com alguma cousa que nos interessa, se-
 « ria muito acertado que a cada uma de es-
 « tas idéas diferentes se destinasse uma
 « palavra que a distinga, antes do que au-
 « torizar um uso que as confunde, desi-
 « gnando para o primeiro caso o verbo
 « *achar*, o para o segundo o verbo *encon-
 « trar*; tanto mais que, se examinarmos
 « com rigor, perceberemos que a acção de
 « *encontrar* não supõe precisamente a de
 « baver buscado o que se *encontra*, porém
 « que a acção de *achar* supõe muitas vezes
 « a de baver buscado o que se *acha*. — Ao
 « passar pela praça *encontrei* uma pro-
 « cissão, um enterro, etc. A duas leguas de
 « Lisboa *encontrei* o correio, o estafete,
 « etc. Ninguém dirá que *achou* a procissão,
 « etc.; a não querer dar a entender que a
 « andava, ou ia buscando. Esta distincção,
 « mui razoável por certo, não deixaria de
 « ter bom patrono entre os clássicos, pois
 « o P. Lucena diz: — *Mais encontra-
 « ram* acaso as ilhas do que as *acharam*
 « por arte (3, 15).

« *Deparar*, que é composto da preposição
 « *de* e do verbo latino *parare*, preparar,
 « exprime a acção de um agente, diferente
 « de nós, que nos subministra, nos apresen-
 « ta uma pessoa ou cousa, de que havíamos
 « mistér, que nos é útil, etc.; é por isso
 « que não se usa comumente nas primei-
 « ras pessoas. Diz-se que *Deus nos depa-
 « ra um amigo, uma boa fortuna*; mas só
 « *Deus* poderia dizer: *Eu deparei-te*
 « *um amigo*, etc. Alguns o quizeram fazer
 « sinónimo de *encontrar*, com a voz neutra,
 « dizendo por exemplo: — *A passagem com*
 « *que deparei*; o que é erro, pois o modo
 « *correcto* de fallar é: — *A passagem que o*
 « *acaso, a minha diligencia, etc., me depa-
 « rou*.

« *Descobrir* é pôr patente o quo estava
 « coberto, occulto ou secreto, tanto moral
 « como fisicamente; é *achar* o que era igno-
 « rado. — O que so *descobre* não estava visi-

« *vei* ou aparente, o que se *acha* estava vi-
 « sível ou aparente, mas fóra de nosso al-
 « cance actual ou de nossa vista. Uma cou-
 « sa simplesmente perdida, *achamol-a* quan-
 « do cbogamos aonde ella está e a desco-
 « brimos com a vista, mas não a *descobri-
 « mos*, porque estava manifesta e não co-
 « berta ou occulta. **Descobrem-se** as
 « *minas, as nascentes* que a terra encerra em
 « *seu seio*; **acham-se** os *animaes e as*
 « *plantas* que povoam sua superficie. Colombo
 « e Cook **descobriram** novos mundos, e
 « *naquellas regiões até então ignoradas*
 « **acharam** um novo reino vegetal e ani-
 « mal, mas a mesma especie de homens. Bar-
 « tolomeu Dias **descobriu** a passagem do
 « cabo Tormentoso, e a fez conhecida a Vasco
 « da Gama quando este foi **descobrir**
 « a India. Não se pode dizer rigorosamente
 « que Cabral **descobriu** o Brazil porque
 « um incidente o levou a *encontrar* aquelle
 « vasto continente, porém Magalhães **des-
 « cobriu** o estreito a que deu seu nome
 « porque o buscava e era seu intento fa-
 « zel-o patente. *Descobrem-se* as conspira-
 « ções, as conjurações, os tramas secretos,
 « e não se *acham*, nem *encontram*, porque
 « são occultos e não patentes. *Acha-se* uma
 « pessoa em casa, mas não se *descobre* por-
 « que não estava occulta. **Descobriram-**
 « **se** as ruínas de Herculano, e nellas se
 « **acharam** preciosos monumentos das ar-
 « tes.

Inventar corresponde ao latim *invenire*
 « na sua significação restricta de *discorrer*,
 « *achar de novo*, e exprime a acção de aquel-
 « le que pelo seu engenho, imaginação,
 « trabalho, *acha* ou *descobre* cousas novas,
 « ou novos usos, novas combinações de ob-
 « jectos já conhecidos. — Um engenho fecun-
 « do *acha* muitas cousas, mas o engenho
 « penetrante *inventa* cousas novas. A me-
 « cânica *inventa* as ferramentas e as má-
 « quinas, a physica *acha* as causas e os efei-
 « tos. Copérnico *invention* um novo siste-
 « ma do mundo. Harvée *achou* ou **desco-
 « briu** a circulação do sangue. Herschel
 « **descobriu** um novo planeta. Volta *in-
 « ventou* a pilha que de elle tomou o nome
 « de *« voltaica »*.

Dependencia, subordinación, sujeição. — Concordam estas palavras em exprimir a idéa do submissão a uma autoridade ou influencia, e tambem o estado de inferioridade de pessoas que se subnote.

Em *subordinación* predomina a idéa de jerarquía e de ordem ou disciplina. Na *subordinación* não ha nada que seja humilhante, o *subordinado* a um chefe podendo ter subordinados debaixo de si, como succede no exército, entre o clero, etc.

Dependencia é a submissão a um senhor ou amo, e não a um superior jerárquico, como indica a palavra *subordinación*. O su-

ordinado deve obedecer ao superior em atenção à ordem ou disciplina; o *dependente* obedece à vontade e arbitrio de aquelle de quem depende. — Fora do serviço ou obrigação, o *subordinado* é livre; não assim o *dependente*, que está privado da liberdade de acção e nada pode fazer sem licença de quem o dirige.

Não obstante, a *dependencia* não é tão absoluta como a *sujeição*. O *dependente* está impedido de obrar sem consentimento; o *sujeito* está obrigado a obedecer. A *mulher está sob a dependencia do marido*; o *escravo sob a sujeição a seu senhor*.

Deperecimento, de s fallecimento, fraqueza, desalento. — O *deperecimento* é lento e gradual e conduz ao *desfalecimento* que é a falta quasi absoluta e duradoura das forças corporaes. A *fraqueza* é o mais das vezes um incompleto e transitório *desfalecimento*.

Desalento é o *desfalecimento* moral.

De *fraqueza, desalento e desfalecimento*, diz Lacerda:

« *Fraqueza* designa falta de estímulos naturais, molestia, fadiga, que a produz. « Isto com referencia ao corpo. Com referencia à alma, a *fraqueza* provém dos vícios, dos crimes e das inquietações, etc. « Assim, como a *fraqueza* do corpo é a falta do forças físicas, assim também a *fraqueza* do espirito é a falta de valor e de coragem.

« *Desalento* é o langôr que experimentamos em presença de um mal que nos acontece. O homem que é homem, sejam quaes forem os males que lhe sobrevenham, não se deixa cair nunca em *desalento*.

« *Desfalecimento* é a ausencia, a falta de forças corporaes, o esvaecimento.

« *Desalento* diz-se com mais propriedade do espirito, e *desfalecimento* do corpo; « mas também se pode dizer que por *desfalecimento* largou a gente de mão a empresa começada».

Deplorável, lamentável. — O que é *deplorável* incita a nossa piedade, e até as nossas lágrimas; o que é *lamentável*, o nosso pesar. É *lamentável* um naufragio quando nelle pereceram quantos vinham navegando. É *deplorável* o estado em que os naufragos chegam à costa.

Quando fôr o descuido, o acaso, o crime ou o erro que ocasionarem o facto que nos entristoce, qualifica-o emos de *deplorável*.

Lamentamos a morte do quem estimamos; e se foi por desastre, não só a *lamentamos* senão que a *deploramos*.

Deplorável também qualifica factos menos graves. Assim dizemos ser *deplorável* quo um homem de talento o prestimoso tenba defeitos censuráveis.

Els como Lacerda fala de estes dois adjetivos:

« *Lamentável* é o que excita lamentações, « isto é, gritos queixosos e prolongados.

« *Deplorável* é o que nos move a chorar, « isto é, a derramar lágrimas acompanhadas de manifestação da mágoa que as provoca.

« A *lamentação* é a efusão de um coração oprimido e amargurado, que não pode reprimir-se; é triste, grande e lastimosa.

« A *deploração* é mais viva, e mais patética do que a *lamentação*.

« O que *deplora* a sua sorte, comove-nos; o que se *lamenta*, affige-nos.

Depois, logo. — « Um e outro adverbio — diz Roquette — explicam a posterioridade de tempo, porém *logo* indica um tempo mais curto, um tempo mais immediato, conservando a propriedade de seu sentido recto, que corresponde a prontamente e sem dilação. — *Passaremos agora, jantaremos logo, e nos iremos depois.* « — *Leremos a gazeta logo que trouxerem luzes*, isto é, immediatamente que as trouxerem, só esperamos que as tragam para nos pôrmos a lê-la. — *Leremos a gazeta depois que trouxerem luzes*, isto é, quando tenhamos luzes, sem denotar positivamente que ha-de ser immediatamente, logo que as trouxerem.

« Por isso quando a posterioridade recae sobre uma acção que decididamente supõe dilação ou demora, só se pode usar o adverbio *depois*, e não *logo*. — Por fim acertou, *depois* de ter errado tantas vezes. « **Depois** que toda a gente o viu já não tem graça o publico-o ».

Lacorda, sem ser tão extenso, determina com igual criterio o diferente uso que se deve fazer de dois vocabúlos:

« Ambos estes adverbios indicam tempo que se segue ao actual; porém *logo* designa termo mais próximo, e *depois* termo mais remoto. — *Logo* ao sair da missa montaremos a cavallo, e, *depois* de darmos um bom passeio, iremos jantar com teu tio ».

Deposição, destituição, demissão, revogação. — *Deposição* é, propriamente, o acto de pôr em baixo o que estava elevado, e consequentemente, no sentido em que consideramos a sinonímia de este termo com os restantes do grupo, só deve ser dito dos cargos mui elevados, superiores a muitos outros: os concílios podem *depôr* os papas. Ha muitos exemplos de *deposição* de reis pelos seus súbditos sublevados. Os deputados *depõem* o seu mandado.

Destituição deve dizer-se dos empregos que constituem profissão ou modo de vida: a *destituição* do juiz serenou os ânimos.

Demissão diz-se dos cargos para que se

foi nomeado temporariamente: o ministro **demittiu** o governador civil. A **demissão** do ministerio.

Revogação diz-se geralmente, não da *destituição* de um grado ou dignidade, mas de commissão ou incumbencia: o governo **revoga** os embaixadores das missões temporarias que desempenham extraordinariamente.

Deprehender, inferir.—O acto do *deprender* vem de provas menos claras que o de *inferir*.

Deprehende-se das palavras de alguma pessoa o que ella talvez não tem no pensamento; mas não se pode *inferir* de taes palavras senão o que ellas querem dizer. Assim, *deprender* depende principalmente da nossa apreciação; ao passo que *inferir* vem do proprio sentido das frases.

Depressa, promptamente.—A idéa de «pouco tempo» é a que predomina nestes adverbios.

Depressa é relativo ao movimento, e comô antónimo de «lentemente» acentua a idéa de rapidez em mover-se ou avançar.

Promptamente, que tem por antónimo «lentemente», é relativo á duração, ou tempo que se tarda a executar o acto.

Escreve depressa quem maneja a pluma com facilidade e rapidez. *Escreve promptamente* quem, entre o principiar e o acabar de escrever, inverte pouco tempo.

Roqueete diz muito bem: «*Depressa* ex-prime a celeridade da acção, e *prompta*—mente exclhe delongas».

De repente, de súbito.—Já no artigo **De chofre**, a páginas 227, falámos de estas locuções, que Roqueete compara do modo seguinte:

«Os clássicos usaram indifferentemente «de estas duas expressões, pois assim como diziam *orar*, *glosar*, *poetar* **de repente**, tambem se lê na Enéida:—*De súbito* the veio ao pensamento; e se dizia «*glosar de súbito*:—*Glosae-me este vilan-cete de súbito*. E Camões disse **súbito** temor, **súbita** procela.

«Todavia é muito acertoado que se distinguam estas duas expressões como os «*Franceses distinguem o sur-le-champ do «subitement*.

«*De repente* indica que a cousa se faz ou «acontece sem demora, logo logo, em continente. *De súbito* ou *súbitamente* exprimo «o que acontece ou se faz inopinadamente, «num abrir e fechar de olhos.—O prégador, «o poeta que improvisa, fala *de repente*, isto é, sem preparação prévia; o rayo fere «*de súbito*, o saltador acomete *de súbito*, «isto é, inopinadamente, quando menos se «pensa».

Derivar, provir, proceder, vir.—*Derivar* exprime que a origem do facto

ou da circumstancia de quo se trata não é directa, isto é, que entre a origem e a sua consequencia ha outro facto ou circumstancia que medeia entre ambas. *Pela idéa que fazemos do direito é que as leis derivam da justiça*.

Provir e proceder, que não affirmam nem excluem circumstancia intermediaria, differenciam-se particularmente em *provir* so applicar ás cousas materiaes, o *proceder* ás abstractas e metafisicas. *A minha fortuna provém de uma herança. O fanatismo procede da ignorancia*.

Vir é termo genérico para exprimir a idéa de origem. *A luz vem do sol. Do descuido vêm muitas desgraças*.

Derogação, abrogação.—De estes vocabulos diz Roqueete:

«Estas duas palavras puramente latinas «(*abrogatio, derogatio*) declaram suspensão «de lei, com a differença que a primeira indica suspensão total, e a segunda parcial. «—A lei cessa por *abrogação* quando o legislador rescinde a lei toda, e fica como «se nunca existira; e pôde cessar por *derogação* quando o legislador anula algumas «disposições de ella ficando as outras em «vigor. — Esta distincção funda-se na autoridade de Cícero que disse com o seu «costumado julzo: «*Nulla (lex) est quæ non ipsa se septat difficultate abrogationis*»; não «ha lei nenhuma que se não entrincheire «com a difficuldade de sua *abrogação* (Att., «3, 23). «*Videndum est, num quæ abrogatio aut derogatio sit*»; deve vêr-se qual haja «de ser a *abrogação* ou a *derogação* (A), «*HERENN*, 2, 10). «*De lege aliquid derogari, aut legem abrogari*; derogar alguma coisa da lei, ou *abrogar* a lei (DE INV., 2, 45). «Veja o artigo **Abrogar**, na página 15.

Derradeliro, último.—O que é *último* occupa a extremidade da série até que outro o venha fazer passar para *penúltimo*.

Derradeliro qualifica o que pôe termo definitivo á série.

Derramamento, effusão.—Roqueete compara acertadamente estes vocabulos quando diz:

«Referem-se estas palavras em seu sentido recto ao verter-se ou extravasar-se, «em mayor ou menor quantidade, qualquer «corpo líquido ou que se considera tal. De «ellas a mais usada é *derramamento*, que «vale tanto como verter ou espargir cousas «líquidas ou líquidas, om especial sangue; «é propriamente a acção de inclinar um «vaso para que saia de espaço o líquido que «contém.

«A *effusão* parece indicar movimento mais «rápido, abundante e continuado que o *derramamento*, e que a acção se verifica sem «ter que vencer obstáculo algum.

«De qualquer ferida resulta *derramamen-*

«to de sangue; porém para que se possa dizer com propriedade que houve *efusão* de sangue, é mister que o *derramamento* tenha sido mui abundante.

«Um *derramamento* de bilis incomoda e «causa damno; porém uma *efusão* de bilis «causa a ictericia».

Derramar, entornar.—*Derramar* é verter-se o líquido que excede á capacidade do recipiente, ou que sae por algum pequeno orifício ou fenda da vasilha.

Entornar é verter todo ou parte do líquido que o recipiente contém.

Uma vasilha *derrama* mesmo quando está de pé; para *entornar*, necessita estar voitada.

Derreter, fundir, liquesfazer, dissolver.—Concordam estes verbos em significar que um corpo sólido se torna líquido.

Derreter supõe a acção do calor. **Derrete-se** a neve, a cêra, a manteiga, etc.

Fundir diz-se dos metais, particularmente quando se consideram as duas operações consecutivas que são o *derretimento* da matéria prima pelo calor, e a sua vazação no molde em que ha-de tomar forma ao consolidar-se arrefecendo. **Fundir** canhões, estatuas, minério, etc.

Liquesfazer, (do latim *liquere*, ser líquido, o *facere*, fazer), é termo científico, e significa, sem nenhuma idéa accessória, tornar líquido.

Dissolver diz-se dos sólidos que os líquidos têm a propriedade de assimilar-se: a água **dissolve** o açúcar.

Roqueiro fala de *derreter* e *fundir*, confundindo-os com os verbos francezes *dissoudre* e *fondre*. Diz assim:

«Por ambos estes modos passa a líquido «um corpo que era ou estava sólido, com «a diferença que a acção pela qual as partículas do corpo se desatam e separam «por meio do calorico chama-se *derreter*; «e aquella pela qual o corpo já *derretido* «entra no molde para tomar nova forma «se chama *fundir*, por isso se diz com mais «propriedade dos metais. A mudança que «se opera *derretendo* chama-se *derretimento*, e *fundição* a que se faz *fundindo*. Nas «ciencias e artes substituem-se respectivamente a estes vocábulos os dois monos «*vuigares*, *liquesfacção* e *fusão*».

Lacerda comprehendeu bem o sentido de *fundir*, pois dos mesmos vocábulos comparados por Roqueiro diz:

«*Derreter* é desatar, soitar por meio do «calórico as partículas de um corpo sólido, «de sorte que se torne fluido.

«*Fundir* é *derreter* e lançar no molde.

«A mudança operada nos corpos *derretidos* chama-se *derretimento*; a que se opera nos corpos fundidos chama-se *fundição*».

Derrotar, desbaratar.—*Derrotar* significa não só vencer, mas também pôr em fuga ou obrigar a retirar do sitio do combate.

Desbaratar não inclui precisamente a idéa de vencer, mas sim a de pôr em estado de não poder combater.

Um exército **derrotado** pode retirar em boa ordem. Um exército **desbaratado** foge em varias direcções.

Derrubar, derribar, derruir.—*Derrubar* e *derribar* são verbos que pelos nossos dicionaristas são considerados como sinónimos perfectos (!), mas entre elles ha logar para estabelecer mais de uma distincção.

Derribar, na sua mais usual significação, é estender no chão o que sobre elle se eleva a prumo: **Derribam-se** arvores, muros, casas, etc.

Derrubar (vocábulo derivado do iatlm *rupe*, rochedo elevado) não é deitar no chão o que sobre elle se eleva immediatamente, mas o que sobre elle se eleva imediatamente — o que está acima do sólo collocado no *rupe*, ou no que ao *rupe* se compara. O cavaleiro foi **derrubado** do cavallo. D. Fernando esteve a ponto de ser **derrubado** do trono.

Derruir diz-se com relação ao que pela acção do tempo ou dos estragos cessa de estar elevado intactamente. **Castelos derribados.**

Desabafar, desafogar.—A acção exprimida pelo último de estes verbos é mais violenta que a que se exprime pelo primeiro.

Desafogar é estar em injurias, recriações e más palavras.

Desabafar é dizer o que calávamos, e nos pesava.

Uma senhora **desabafa** contando os seus pezares a uma amiga. É difficil reter a lingua a quem **desafoga**.

Desabouar, desacreditar, difamar, infamar.—Tem muito mayor alcance a acção de *desacreditar* que a de

(!) O dicionario do sr. Cândido de Figueiredo define estes verbos do modo seguinte:

«**DERRIBAR**, v. t. tirar de riba; abatêr; «inclinar; deitar abaixo; despenhar; de- «moir; prostrar; aniquillar; exonerar, «destituir. (De riba).

«**DERRUBAR**, v. t. o mesmo que *derribar*.

«**DERRUIR**, v. t. o mesmo que *derribar*.

«(Lat. *deruere*, de *de* + *ruere*).

Mals uma vez deploramos não poder concordar com a indiscutível autoridade do illustre socio da Academia Real das Ciencias de Lisboa.

desabonar; esta retráe no bom apreço sem porém o destruir; aquella destróe-o completamente. *Uma fraqueza desabona, mas só as más acções desacreditam.*

Roquete e Lacerda comparam *desacreditar* com *difamar* e *infamar*. O primeiro diz assim:

« *Desacreditar* é diminuir ou tirar o *crédito*, opinião ou reputação das pessoas, o valor e estimação das cousas.

« *Difamar* é embaciar ou tirar a fama; coincide pois com o anterior, mas dista tanto de elle quanto *vae de crédito a fama*, de que cada um de elles se forma. A fama é mais geral, mais extensa que o *crédito*, mais duradoura na opinião dos homens; por isso *difamar* tem mais forte significação que *desacreditar*.

« *Infamar* é espalhar má fama de alguém, destruindo sua boa reputação, causando-lhe infamia, ofendendo-lhe a honra; *desacreditar* é desconceituar alguém para que não consiga o que pretende. A infamia tarde se destróe; o *descrédito* cae com mais força sobre o que *desacredita* que sobre o *desacreditado* ».

Diz o segundo, com não menos são critérios:

« *Difamar* é tirar a fama, dizer de alguém cousas que o fazem passar por menos regular no seu procedimento.

« *Desacreditar* é tirar o crédito; é desconceituar alguém para que não consiga o seu fim.

« *Infamar* é fazer correr má fama de alguém a fim de que se tenha por mau o que se reputava digno de louvor ».

Desabridamente, sêcamente, esquivamente. — De estes vocábulos diz Lacerda o seguinte (1):

« Estes adverbios convêm na designação do modo pouco agradável com que trata-mos alguém, ou lhe falamos: porém ha entre elles gradação:

« Tratar *sêcamente* é tratar sem agrado, dizendo só o preciso, sem dar mostras de benevolência.

« Tratar *desabridamente* é tratar com desagrado, com aspereza, e dando mostras de enfado.

« Tratar *esquivamente* é tratar com certa repugnância, e com mostras de aversão, de despeito ».

Desacompanhado, só, sózinho. — Só indica falta de companhia, sem nenhuma idéa accessoria.

Desacompanhado é o mesmo que *só*, incluindo porém a idéa de a falta de companhia ser anormal ou para extranhar.

Sózinho diz mais que *só*, pois acentua a

idéa de falta de companhia, considerando-a como isolamento, ou ausencia de testemunhas, de companheiros, de amigos, etc.

Desaconselhar, dissuadir. — *Dissuadir* é desviar de uma resolução.

Desaconselhar supõe conselho anterior e contrario ao que se dá.

Desacoroçoado, desalentado. — O *desacoroçoado*, ainda que continue a empreza, tem a esperança perdida; o *desalentado* não prossegue, no que havia emprehendido.

Desadormecer, despertar, desadormentar. — Os dicionaristas explicam o primeiro de estes verbos pelo segundo, o que é erro. *Desadormecer* diz-se familiarmente por *desadormentar* ou *desentorpecer*, falando dos membros, pois só familiarmente se pode dizer *ter uma perna dormida*, sendo *dormente* o termo adequado. — Noutro sentido convém estabelecer entre os dois verbos a seguinte diferença:

Despertar é acordar do somno, cessar de dormir.

Desadormecer pode-se dizer, não por sair do somno completo, mas só de aquella somnolencia que obriga a cabecear.

Desadormentar é sempre termo preferível a *desadormecer*.

Desafio, duelo, repto. — O *desafio* é o acto pelo qual se chama a *duelo*, e só muito imprópriamente se confundem estas palavras. Não se deve dizer que o *desafio* se realizou á *pistola*, mas sim que o *duelo* se realizou á *pistola*.

Repto e *desafio* podem confundir-se; mas ainda assim convém distinguir que entre o móbil do *repto* e o do *desafio* ha uma grande diferença. No *desafio* é o ponto de honra que está em jogo; no *repto* ha uma opinião que se pretende sustentar, ou uma aleivosia que se quer castigar.

Lacerda compara os dois primeiros vocábulos de este grupo na forma seguinte:

« *Duelo* é o combate entre duas pessoas desafiadas por desagravo, ou para provar inocencia.

« *Desafio* é o acto em que se provoca outro para combate singular.

« O *duelo* verifica-se por meio de qualquer arma convencionada; o *desafio* verifica-se de palavra. — O *duelo* pode seguir immediatamente o *desafio*, mas comumente os desafiados escolhem a hora, o logar e a arma com que o *duelo* ha-de verificar-se ».

Desandar, retroceder. — Concorram estes verbos em exprimir a acção de voltar para traz, mas *desandar* supõe que o movimento conveniente seria avançar.

(1) Perillhamos neste artigo o meio de ver de autor citado.

Retroceder significa voltar para o ponto de partida, sem nenhuma idéa accessoria. O *cobarde desanda* caminho; o *prudente retrocede* ante o perigo.

Quem desanda perde o andado.

Desapegar, despegar (').—*Desapegar* é separar o que está pegado.

Desapegar é fazer perder o apêgo.

Despeguel o selo do sobrescrito. Não *consequi desapegar* o da sua louca paixão.

Desapegar por *despegar* pertence á linguagem popular.

Desapercebido, despercebido.—Frequentemente se confundem estas palavras, apesar de terem muito diferente significação.

Desapercebido qualifica o que carece de apercebimentos para seu sustento ou defesa.

Despercebido diz-se do que passá sem chamar a atenção.

Veja-se o artigo **Desperceber**.

Desapoderar, desapossar.—*Desapossar* é privar a alguém da posse de alguma cousa.

Desapoderar pode dizer-se por *desapossar*, mas como a riqueza de uma língua não consiste em ter muitos termos para exprimir a mesma idéa, mas sim em ter um termo para exprimir cada gradação das idéas, é melhor restringir este vocábulo á sua verdadeira significação, que é a de «retirar a alguém os poderes, mandato ou procuração que se lhe havia dado».

Desapparecimento, desaparição (').—O acto de *desaparecer* constitua a *desaparição*, e essa origina o estado denominado *desapparecimento*.

(') Transcrevemos do Dicionário da língua portugueza do sr. Cândido de Figueiredo a definição que de estes dois verbos dá o Ilustre socio da Academia Real das Ciências de Lisboa:

«**DESAPEGAR**, v. t. o mesmo que *despegar*».

«**DESEPGAR**, v. t. (e der,) o mesmo que «*desapegar*, etc.».

Entenderam?

(') Que o Ilustre socio da Academia Real das Ciências de Lisboa, sr. Cândido de Figueiredo, nos releve de não concordarmos com a sua indiscutível autoridade na apreciação de estes vocábulos, que vemos definidos por elle na forma seguinte:

«**DESAPARIÇÃO**, f. acto de *desapparecer*».

«**DESAPPARECIMENTO**, m. o mesmo que «*desaparição*».

«Não é só o *desapparecimento* de um individuo que preoccupa as autoridades, mas também o modo como se deu á sua *desappareção*».

Desapparelhamento, desaparelho (').—Ao acto de *desapparelhar* dá-se o nome de *desapparelhamento*.

Desaparelho é o resultado do *desapparelhamento*.—O *desapparelhamento* do navio foi demorado.

Desarraigar, extirpar.—A força consegue *extirpar*, mas só a força da razão pode chegar a *desarraigar*.

A acção de *extirpar* é rápida; a de *desarraigar* é, se não lenta, pelo menos mais demorada que aquella, os processos sendo muito diferentes entre ambas.

Os reis fanáticos *extirpavam* as heresias, mas não *consequiam desarraigar* as crenças.

Extirpar diz-se do físico e do moral; *desarraigar* diz-se só do moral.—**Extirpam-se** (não se *desarraigam*) canceros.

Desarranjar, desordenar, transtornar, desorganizar.—*Desarranjar-se* de muitos modos: quebrando, estragando, alterando a acção reciproca das partes de um todo, etc.

Desordena-se alterando a colocação em que as partes de um todo devem estar para bem se corresponderem entre si.

Desarranja-se um maquinismo rompendo alguma das suas molas ou rodas, ou interpondo algum obstáculo ao funcionamento das suas partes. *Desordena-se* uma biblioteca quando se separam os diferentes tomos da mesma obra, ou quando se misturam as obras sem a devida classificação.

Transtornar é levar a *desórden* ao extremo.

Desorganizar é levar o *desarranjo* até ao mayor ponto.

Desarrugar, desenrugar; arrugar, enrugar (').—Da palavra *ruga* se derivam os vocábulos que encabeçam este artigo, consistindo sua differença nos prefixos *a* e *en* com que se distinguem.

(') «Acto ou offeito de *desapparelhar*», é a definição que, de *desaparelho*, o Ilustre socio da Academia Real das Ciências de Lisboa, sr. Cândido de Figueiredo, insera no seu Dicionário, no qual, apesar de conter mais de 30.000 termos não registados até agora em dictionários portuguezes não encontramos a palavra *desapparelhamento*.

(') Ainda que compelido a registar quanto abuso se baja feito dos vocábulos que inscreve, o autor de um dicionário não se pode esquivar a distinguir entre as verda-

Arrugar exprime a idéa de fazer rugas em alguma coisa por meio da mão ou da pressão, ou pela força da natureza; **arruga-se** um vestido, um papel, etc., quando deliberada ou casualmente se lhe fazem vincos que desaparecem mais ou menos completamente *desarrugando-o*.

Enrugar denota esforço, impulso, causa alheia; **enruga-se** a testa quando as paixões nos movem; o vento **enruga** as águas.

Assim a *velhice* faz **arrugar** a *pelle*, e a *contensão de espirito* **enruga** a *fronte*.

deiras acepções da palavra e aquellas em que ella se acha desvirtuada, pois a sua missão concreta-se a guiar e illustrar o consultante, firmá-lo nos bons exemplos e desviar-o dos que são para evitar; a não proceder assim, o autor do dicionario será um dicionarista mais ou menos pachorrente, nunca porém um lexicólogo.

Motiva-nos esta observação o facto de vêr como os vocábulos que compõem este artigo têm sido registados nos últimos dicionarios entre nós dados á luz, seus autores copiando-se uns aos outros de mão beijada, e perfilhando mutuamente os proprios erros. Para não sermos demasiado extenso citemos quando mais não seja, as definições que dos vocábulos que agora nos occupam dão os trez mais recentes dicionaristas.

« **ARRUGAR** vt. e p. enrugar.

« **ENRUGAR** vt. fazer em rugas ou pregas; encher de rugas; engelhar, encarquilhar. É também pronominal.

« **DESARRUGAR** vt. desenrugar.

« **DESENUGAR** vt. desfazer as rugas ou pregas de; alizar. É também pronominal.

(NOVO DICC. UNIVERSAL).

« **ARRUGAR**, v. a. e v. r. Enrugar.

« **ENRUGAR**, v. a. Fazer em rugas ou pregas; encher de rugas; engelhar, encarquilhar. É também reflexivo.

« **DESARRUGAR**, v. a. Desenrugar.

« **DESENUGAR**, v. a. e v. r. Desfazer as rugas ou pregas de; alizar.

(DICC. ILLUSTRADO).

« **ARRUGAR**, v. t. (e der.) o mesmo que *enrugar*, etc.

« **ENRUGAR**, v. t. fazer rugas em; encrespar; encarquilhar. (De *ruga*).

« **DESARRUGAR**, v. t. o mesmo que *desenrugar*.

« **DESENUGAR**, v. t. tirar as rugas a; desencarquilhar. (De *des...* + *enrugar*).

(NOVO DICC.)

Com se vê, cada qual copiou do precedente para induzir no erro que *arrugar* e *desarrugar* se pode empregar indistinctamente por *enrugar* e *desenrugar*.

As caricias da crença desenrugam o cenho do pae. Que não possa a tersura da infancia desarrugar a cara do ancião!

Desatino, disparate.—« *Desatino* diz-se do que é fora de propósito por falta de tino, isto é, por falta de intelligencia e de razão.

« *Disparate* diz-se do que é fora de propósito por falta de paridade, isto é, por incoherencia.

« *Os desatinos são proprios dos loucos, mas um homem de bom humor diz disparate que fazem rir*. (LACERDA).

Desavença, dissensão, discordia, desintelligencia, divergencia.—O interesse é sempre a causa da *desavença*. Esta palavra supõe que houve um accordo provio antes de sobrevir a desharmonia que é suscitada pela ambição de algum dos que se haviam entendido para um fim determinado.

A opposição de sentimentos ou de opiniões é a causa da *dissensão*, a qual não se traduz em factos mas em discussões e altercações.

A *discordia* é mais violenta que a *dissensão* e a *desavença*, pois se estas podem ter por unico resultado a descontinuação das bons relações e do que se havia empreendido, a *discordia* não só leva a essa descontinuação, mas também a debates e contendas em que os ânimos cada vez se azedam mais.

A *desintelligencia* difere da *divergencia* em nesta as opiniões serem opostas com relação ao que se ha-de fazer, e a *desintelligencia* ser relativa ao que se faz ou ao que já está feito.

Dos trez primeiros vocábulos de este grupo diz-nos Lacerda:

« *Desavença* é a desunião que sobrevem entre pessoas que se propunham fazer entre si alguma coisa.

« *Dissensão* é a falta de conformidade nos pareceres, e a altercação que de ahí procede.

« *Discordia* é a opposição de vontades, e os debates, e contendas que são sua certa consequencia.

Desavezar, desacostumar.—Assim como *vêzo* se diz do *costume* ou hábito mau ou reprehensivel, *desavezar* não pode empregar-se por *desacostumar* quando se tratar de aquillo que se reputa bom e permitido.

Desavisado, desatinado.—É *desavisado* quem procede levanamente, e *desatinado* aquelle que procede loucamente.

Descanso, repouso.—O *descanso* é indispensavel; o *repouso* é comodo.

Roquete explana essa diferença de modo seguinte :

« O *repouso*, no sentido físico, significa « intermissão de trabalho ou de fadiga, e « neste sentido é sinónimo de *descanso*, porém com esta diferença, que o *descanso* « supõe maior cansaço, maler necessidade « de reparar as forças perdidas, e uma fadiga mais immediata; *repouso* supõe menor cansaço, ou menos immediato, e tal vez uma situação de pura comodidade, « ou que supõe uma fadiga mui remota. — « Depois de ter corrido, é indispensável o « *descanso*. Com o tempo, paciência e *repouso*, curam-se muitos males. — O rico sedentário *repousa* a brandamente sobre colchões « de penas, enquanto o pobre lavrador « *descansa*, sobre o duro sólo, das fadigas « do dia e do calor ».

Descendentes, filhos, posteridade, futuro. — As palavras *descendentes* e *filhos*, empregadas como sinónimos de *posteridade*, não têm uma idéa tão extensa como esta última expressão.

A *posteridade* são as gerações vindouras comprehendidas entre um ponto de partida indefinido, mas que possos filhos não alcançarão a vêr, e uma idéa vaguíssima de profundas transformações sociaes que se prevê deverem realizar-se no decorrer dos séculos.

Descendentes diz-se em sentido mais restricto das primeiras gerações da *posteridade*, de que ba-de' descer de um individuo, de um povo ou de uma raça.

Filhos são os *descendentes* mais immediatos.

Futuro distingue-se de *posteridade* em encerrar uma idéa puramente abstracta. O *futuro* não é formado por pessoas, mas sim pelo espirito, pelas idéas, pela opinião que se prevê dever existir nas gerações que hão-de vir depois de nossa, ou que se sabe terem existido nas que se seguiram áquella de que se fala.

Desconcertar, de-manchar. — *Desconcertar* é fazer perder o concôrto ou boa disposição que deve haver entre as partes de um todo.

Desmanchar é separar completamente, uma das outras, as partes de um todo. — Noutro sentido — que é o que mayor sinonímia tem com *desconcertar* — *desmanchar* significa desarranjar o resultado do trabalho manual que se teve para dar determinada disposição ao objeto.

Desconcerta-se um relógio. Desmancha-se um relógio, e também se desmancha o penteado.

Desconfiança, receio, suspeita. — A *desconfiança* pode ser uma disposição natural e instintiva que induz a estar sempre prevenido contra tudo e contra to-

dos — acepção em que *desconfiança* não tem sinonímia com os outros vocábulos de este grupo — ou simplesmente uma fase da apreciação relativa a alguém ou a alguma circunstancia, acepção em que nos convém considerar este vocábulo.

A *desconfiança* consiste em não nos fiarmos completamente em alguém ou na veracidade de alguma cousa — estado que não provém da natureza nem do instinto, mas só da observação e da experiencia.

O *receio* é uma especie de temor de não encontrarmos na pessoa ou na cousa as qualidades que nos dizem ou supomos ella ter.

A *suspeita* funda-se em apparencias ou provas incompletas.

Vejamos o que Roquete diz de estas palavras :

« A *desconfiança* nasce da experiencia; o « *receio*, do temor; a *suspeita*, da reflexão ».

« A *desconfiança* é um temor habitual que « o homem tem de ser enganado; o *receio* é « uma dúvida de que nos homens, nas cousas ou em nós mesmos, se achem qualidades que realmente nos sejam úteis ou agradáveis; a *suspeita* é o resultado de males antecedentes.

« O *desconfiado* julga aos homens por seu coração mesmo, e os teme; o *receoso* pensa mal, e espera pouco ou nada de elles; « o *suspeitoso* sempre está annunciando e como vendo o crime.

« O *receio* é natural nos animais e nos homens débeis e tímidos; a *desconfiança*, nos « escarmentados; a *suspeita*, nos cavilosos.

« — *Desconfia-se* por hábito; *receia-se* em certos casos, e em particular das pessoas « conhecidas; *suspeita-se* dos que outras vezes nos hão enganado ou têm costume de enganar. — *Tão perigoso é nunca desconfiar* como o *desconfiar* de tudo; « o *recear* de um perigo quasi sonhado, como o não *recear* do quasi conhecido; o « *suspeitar* por ligeiros e equívocos indícios, como o não cair em *suspeita* mediante graves presunções ».

Lacerda tamhem estabeleceu a sinonímia de *desconfiança* como Roquete, isto é, precisamente na acepção em que a palavra nada tem que ver com os outros termos que se compararam com ella. — Assim diz o citado sinonimista :

« A *desconfiança* é o temor habitual de « ser enganado.

« *Receio* é a dúvida de que alguém ou alguma cousa nos seja útil ou agradável.

« *Suspeita* é a conjectura de que nos acontecerá algum danno por isso que outros « nos têm já acontecido em circumstancias « mais ou menos conformes ás em que nos « acabamos.

« *Desconfia-se* por costume, *receia-se* em certos casos, e *suspeita-se* dos « que nos enganaram já algumas vezes ».

Desconhecido, incógnito, ignoto. — O *desconhecido* não nos é conhecido; o *incógnito* pretende não nos ser conhecido.

Ignoto diz-se do que ninguém pode saber ou conhecer, e *desconhecido* do que não se sabe ou não se conhece na actualidade.

Roqueiro não se exprime tão bem como Lacerda a respeito dos dois primeiros vocábulos de este grupo; do terceiro não fala nenhum de elles.

Diz Roqueiro:

« O *incógnito* disfarça-se; o *desconhecido* ignora-se. Eis aqui a diferença de estas duas palavras.

« *Incógnito* é a pessoa que se conhece mais tarde, porque vem com um traje disfarçado do que usa, ou porque se desfigura com algum fim.

« *Desconhecido* é o que nunca vimos, de que não temos conhecimento, ou cujas propriedades estão de todo mudadas. Um militar que cortou os bigodes, e vem á paisana, chega *incógnito*; o amante que para melhor ver sua dama se disfarça em peregrino, vem *incógnito*. O que por engano foi introduzido numa sala é *desconhecido*; o que esteve na Índia ou na América trinta annos, quando volta ao seio da sua família está *desconhecido*. — Os príncipes costumam de ordinario viajar *incógnitos* nos paizes estrangeiros. Quem guiou os soldados da cruz á Palestina foi um ermitão *desconhecido*.

« O *incógnito* descobre-se. O *desconhecido* dá-se a conhecer ».

Diz Lacerda:

« *Incógnito*, significa literalmente o que não é conhecido; porém geralmente toma-se na significação de disfarçado.

« *Desconhecido* designa o que se ignora, e diz-se tambem de aquillo que se coheceu, mas de que se perdeu o conhecimento.

« Um homem que se disfarça no traje, na compostura de cabelo, etc., apresenta-se *incógnito*; o que esteve ausente largos annos, quando volta á patria, apresenta-se *desconhecido*.

« O *incógnito* descobre-se; o *desconhecido* manifesta-se, dá-se a conhecer ».

Desconexão, incoherencia. — Consiste a *desconexão* em as idéas não se ligarem umas a outras naquella ordem e naturalidade que as vão subordinando á medida que se vão expondo, e que as tornam comprehensíveis.

Incoherencia diz-se das idéas que não se harmonizam, e das que se contradizem.

Desconsideração, desatenção. — A *desconsideração* é sempre intencional, e portanto offende muito mais que a *desatenção*, que, se não é sempre, é muitas vezes involuntaria.

Descontentamento, desgosto. — O *descontentamento* é o contrario da satisfação, e o *desgosto* o contrario do prazer.

O *desgosto* é consequentemente mais intenso que o *descontentamento*.

Desconveniencia, inconveniencia. — Tanto a *desconveniencia* como a *inconveniencia* ferem os interesses ou as comodidades, mas só a *inconveniencia* pode ferir a susceptibilidade.

Assim, *inconveniencia* pode dizer-se em todos os casos, mas *desconveniencia* não.

Descorado, pálido, macilento, livido. — *Descorado* diz-se de quem perdeu parte das boas cores do rosto.

Pálido diz-se de quem, habitual ou accidentalmente, não tem cor no rosto ou a tem muito enfraquecida. Tamhem se diz das cousas. A *pálidez* pode ser natural, ou resultar de doença ou de comoção; é compativel com a beleza e com a fealdade.

Macilento não só designa a falta de cor, mas tambem a de aquella força ou seiva que se nota em quem não está definhado.

Livido, que só se diz das pessoas, designa uma cor intermedia entre o negro e o branco, cor propria dos cadáveres.

Eis como Roqueiro fala de estes vocábulos:

« A primeira de estas palavras, que representa o que perdeu a cor, já seja de todo, já em parte, é o género debaixo do qual se comprehendem as outras como espécies.

« O *descorado* pertence não só ao homem senão a tudo que illumina a luz, como são plantas, flores, roupas, pinturas, etc. O homem pode perder a cor subitamente por qualquer sobresalto, susto, temor ou grande agitação do ânimo; porém recobra a serenidade, volve com ella a cor natural.

« A *pálidez* é uma completa perda de cor, um branco embaciado, com uma ligeira mescla de amarello. A pessoa constantemente *pálida* não goza de saúde, carece de viveza nos olhos, que estão amortecidos, é fraca e triste. Quando a *pálidez* não vem da má constituição natural, nasce de continuos trabalhos e penas, e ás vezes de falta de allimento. Tamhem ha *pálidez* accidental por qualquer sobresalto.

« *Macilento*, segundo a palavra latina *macilentus*, significa magro, descarnado, e, extensivamente, designa aquella falta de cor e animação vital que se nota nas pessoas atacadas de magreza.

« *Livido*, do latim *lividus*, é um *pálido* pálido, que tira a cor de chumbo ou de amora.

« Uma pessoa acometida de temor está *descorada*, porque o sangue ficou como gelado e se retirou ao coração; o convalescente está *pálido*, porque ainda não

« cobrou sua boa côr; o quo levou golpe e
« pancadas está *livido*, pelo efeito natural
« do sangue extravasado ou corrompido; o
« que apresenta magreza em todo o corpo,
« tom os olhos encovados, a vista como
« amorteçada, as faces descarnadas, cober-
« tas com uma palidez que ás vezes se pa-
« rece com a da morte, é *macilento* ».

Lacerda exprime-se assim:

« *Descorado* é termo genérico, e pertence
« a tudo que a luz illumina. O homem que
« perde a côr subitamente por algum sobre-
« salto ou grande agitação do ânimo, *des-
« cora*; porém, recobrada a tranquillidade,
« volve-lhe ao rosto a côr natural.

« O homem é *pálido* quando perdeu a côr
« completamente. Quando a palidez não se
« origina em má constituição natural, pro-
« vêm de graves e continuos trabalhos, e
« muitas vezes da falta do que é preciso
« para a vida. A palidez também pode ser
« accidental, como efeito de repentino so-
« bresalto, mas então é menos pronunci-
« da.

« *Macilento*, conforme á origem, significa
« magro, descarnado; porém na sua signi-
« ficação extensiva designa em geral falta
« de côr, e de animação regular.

« *Livido* é palavra latina, e indica a pá-
« lidez mais carregada, tirante a côr do
« chumbo ».

Descortezia, grossaria.—A *grossaria* provém da falta de educação, ou do hábito contraído com gente grosseira.

A *descortezia* é a falta de atenção ou de consideração.

A *grossaria* pode ser desculpável, a *descortezia* não.

Descrença, incredulidade.—A *descrença* é o abalo mais ou menos violento que sofre a fé.

A *incrédulidade* é a falta absoluta de fé. O *descrente* quizera talvez poder crêr. O *incrédulo* não pode crêr.

Descrição, imagem, quadro.—*Descrição* é a exposição exacta e pormenorizada que proporciona ao leitor ou ao auditorio o conhecimento, mais exacto quanto possível, do que se lhe descreve. Esta palavra é exclusivamente relativa ao proprio facto de descrever, apesar de também visar o talento e a exactidão de quem faz a *descrição*.

Imagem é a representação do exterior pela palavra, e nisso se distingue da *descrição*, que não só descreve o exterior do objecto, senão também o seu interior. A *descrição*, que também pode ter por objecto circumstancias, difere da *imagem* em esta só poder referir-se á materia. A *descrição* pode ser extensa; a *imagem* tem de ser breve: rápida como o relance de olhos que percebe o que no espelho se reproduz. Se

a *imagem* fôr estabelecida claramente por uma só palavra será perfeita.

Quadro, palavra que no sentido proprio designa uma obra de arte em que podem grupar-se pessoas e cousas em diferentes posturas, conserva no sentido metafórico a idéa de variedade e pluralidade que lhe é peculiar no sentido recto. No *quadro* que a palavra pinta devem notar-se as paixões das personagens, a animação das fisionomias, a reputação da natureza.

O inventor faz a *descrição* do seu invento, como o romancista *descreve* as paixões, ou o viajante os logares que percorre⁽¹⁾. A *imagem* reproduz um objecto pouco conhecido descrevendo outro mais conhecido⁽²⁾. O *quadro* é movimentoso⁽³⁾.

Roqueste fala de *descrição* e *imagem*, dizendo:

⁽¹⁾ Transcrevemos a seguir um primoroso exemplo de *descrição* tomado de Camilo Castelo Branco:

« A ramada, suspensa em esteyos de pedra, formava o enfolhado docel do tanque.
« Pendiam já dourados os enormes cachos de ferral. Alguma folha escariata, outra amarelecida pelo queimar do sol, realçavam, variegando as côres, a abóbada afestoadada. Nos rebordos da bica rústica por onde a agua derivava, grogolejando nas algas, vordejavam vegetações filamentosas, pendentes como meadas de esmeraldas, e miniaturas de relvedos, onde os insectos se pousavam num rufar deleitoso de azas, no regalo da frescura, oscillando as antenas. Duas galinhas, com as suas ninhadas, esgaravatavam na leiva húmida, a cacarejarem a cada grânulo, ou insecto, que bicavam e deixavam cair e retomavam de novo, com umas negações, para ensinar os pintalinhos, que se disputavam a posse do cibato em corrimaças impetuozas, azorotadas. De vez em quando, á tooa de agua, rente com o cembro de cantaria, afogado de musgos verdes, emergia a cabeça glauca de uma rã, que pinchava para a alfombra, coaxava o seu diálogo interrompido com outra rã do beiral fronteiro, e ambas, a um tempo, mergulhavam de pincho, quando Cacílda batia a roupa na pedra esconsa do lavadouro. Estava o sol a pino; mas, pela densidade folhuda do parreiral, apenas coavam umas lucillações a laminarem tremulamente a agua ondulosa e escumada do sabão ».

⁽²⁾ « O horizonte onde se ajunta a terra com o céu », é a *imagem* que da Velhice fez o Padre Antonio Vieira.

⁽³⁾ Como exemplo de *quadro* depara-se-nos o seguíto, que é do poeta Domingos dos Reis Quita:

« *Descrição* é uma forma oratória e poética de que já falámos comparando-a com a *definição* (1).

« *Imagem* é, não como querem alguns rôtóricos, uma especie de metáfora, ou uma expressão enérgica, como querem outros, senão, como diz Hermosilla, uma expressão composta só de palavras que signifiquem objetos visíveis, de modo que possa dar assunto a um pintor para uma pintura, e nisto se differença notavelmente da *descrição*, que pode representar seres abstractos, imaginários, etc.—Belo exemplo de uma *imagem* é aquelle de Cícero na oração *pro Milone*, onde, depois de enumerar as maldades que Clódio meditava e houvera executado se não tivesse ficado morto no encontro com Milón, continúa nestes termos:—*Quamobrem, si, cruentum gladium tenens, clamaret T. Annius*, etc. Portanto, se Milón tendo na mão a espada da ensanguentada, etc.—Nesta cláusula ha uma valente *imagem* na expressão *cruentum gladium tenens*, pois um homem que tem na mão uma espada ensanguentada, é, como se vê, um objeto que se pode pintar ».

Lacerda resume o que disse Roquete, na forma seguinte:

« *Descrição*, como já se disse, é a pintura de algum objeto por meio de palavras.
« *Imagem* é uma expressão composta de

« Pelas serras a neve branquejava,
« O rebelo gelado não corria,
« O sol, que já dos vales se apartava,
« Uma nêvem o mostrava, outra o cobria.
« Os cordeiros atraz das mãos balando
« Se andavam pelas matas abrigoando;
« Os ventos tão furiosos assopravam,
« Que as rochas parecia que abalavam;
« Remavam para a praia os pescadores;
« Recolhiam-se ás choças os pastores,
« Quando já na cabana de Dalmido
« Uns vizinhos pastores se ajuntavam,
« Onde os serões do Inverno desahrido
« Em saborosa prática passavam.
« É Dalmido d'edade om decadencia,
« Mas d'ânlmo robusto e esforçado,
« Largamente ensinado da experiencia,
« E a climas diversos costumado.
« Tem despojado o alto da cabeça,
« A barba quasi branca, mas espessa,
« É venerando, alegre de semblante,
« E d'antigas historias abundante.
« Sentados os pastores rodeavam
« Uns sêcos troncos vivamente ardendo;
« Côneavos tarros uns formando estavam,
« E cestinhos de cana outros tecendo;
« E o bom velho no seu usado assento,
« Todo entregue a seu sâblo pensamento,
« Na mão, em que o cajado sustentava,
« A respeitável face reclinava ».

(1) Veja-se a página 361.

« palavras que significam objetos visíveis: é nisto que se differença da *descrição*, que pode ter por objeto seres abstractos e quiméricos.

« Entretanto alguma vez uma só expressão pode ser tão enérgica e valente, que simplesmente de per si pode formar uma *imagem* ».

Descuidar, descurar.—*Descurar* encarece muito sobre *descuidar*, pois sugere a Idéa de uma série ininterrupta de descuidos propósitos. — **Descuidamos** de um negocio por olvido, ou por termos de atender a outros assuntos. **Descuramos** os negocios quando os deixamos ao Deus dar.

Descuido, negligencia, incuria, inadvertencia, inconsideração.—O *descuido* é um acto negativo, ou seja «um deixar de fazer».

A *negligencia* é uma disposição constante, mas indecisa, do ânimo.

Comete-se um *descuido*; olha-se com *negligencia* para um assunto.—As pessoas *negligentes* cometem muitos *descuidos*.

A *incuria* é o desleixo habitual, ou seja a série de *descuidos* que se cometem por *negligencia*.

Entre *negligencia* e *incuria* nota-se a seguinte differença: que a *negligencia* provém da falta de energia e de determinação; e a *incuria* do propósito deliberado de permanecer ocioso. O *negligente* pode, em certas circumstancias, revestir-se de actividade; não o fará porém quem tiver *incuria*.

Deixaremos agora Roquete estabelecer a comparação de *descuido* com os dois últimos vocábulos de este grupo. Diz:

« A *inadvertencia* pôde ser um defeito *desculpável*, causado por uma tãda percepção do ânimo, ou por uma distracção *involuntaria*.

« O *descuido* é sempre um defeito *reprehensível*, causado por uma *negligencia* *inadvertencia*, por uma distracção voluntaria, ou falta de cuidado.

« A *inconsideração* comete-se por falta de consideração e reflexão.

« A *inadvertencia* falta a precaução conveniente; o *descuido* falta a obrigação de vida; a *inconsideração* não péza as cousas, e obra ligeiramente.

« Um general que se achar surprehendido por falta de precauções, não pode *desculpar* seu *descuido* com o título de *inadvertencia*, porque, naquellas circumstancias, não ha falta que seja *desculpável*. — Os reciprocos deveres de atenção e respeito que o uso tem estabelecido entre amigos e parentes produzem a mútuo *dissonâncias* e queixas pelas *inadvertencias* dos amos, e pelos *descuidos* dos criados. — A *inconsideração* com que muitas pês-

« soas confiam seus segredos ou negocios a
« pessoas, de cuja fidelidade e honra não
« tinham a necessaria segurança, é causa
« do menoscabo de sua reputação, e ás vo-
« zes da perda de sua fazenda ».

Lendo agora o que Lacerda diz dos mes-
mos vocábulos que Roquete comparou, fica-
se cabalmente possuido da differença que
estas palavras apresentam. Els o seu ar-
tigo :

« A *inadvertencia* é um defeito, geralmen-
« te desculpável, nascido de distracção in-
« voluntária, e também ás vezes de tarda
« percepção do ânimo. O homem distraído
« vê *sem advertir*; e o homem entreguo a
« profundas meditações não vê, nem ouve:
« ambos são sujeitos a muitas *inadverten-
« cias*.

« A *inconsideração* tem origem na falta
« de reflexão. O homem leve, que passa pe-
« las cousas ligeiramente, e não examina
« com a devida atenção as suas diferentes
« circumstancias, cãe em frequentes e gran-
« des *inconsiderações*.

« O *descuido* é um defeito culpável por-
« que a sua causa é a distracção volunta-
« ria, a falta de cuidado ».

Desculpa, escusa, recusa. — A
desculpa expõe o porquê do facto se haver
ou não dado, e tem por objecto atenuar ou
justificar a culpa ou a falta.

A *escusa* é uma *recusa* justificada.

A *recusa* é a simples não aceitação.

De estas palavras diz Roquete o se-
guinte:

« Confundem muitos a primeira com a
« segunda de estas palavras, e a segunda
« com a terceira; mas ellas são mui dife-
« rentes, como vamos ver:

« As razões que damos para nos descar-
« regarmos de culpa e com que nos preten-
« demos justificar da reprehensão que nos
« fazem, é *desculpa*.

« As razões com que nos *escusamos* de
« não podermos fazer o que se nos pede, ou
« de não aceitarmos o que se nos propõe é
« *escusa*.

« O acto e razões com que nos *recusamos*
« a um convite que offende nosso pundonor,
« é *recusa*.

« Quem se *desculpa* supõe-se culpado;
« quem se *escusa* supõe-se incapaz ou me-
« nos officioso: quem *recusa* mostra altiveza
« e dá de rosto com despeito ao que ofen-
« deria sua honra. — Vielra *desculpou-se* por
« carta a Theodosio por se ter embarcado
« para a Babilônia sem se despedir de elle. Ze-
« no *escusou-se* a Antigono que o convidára
« para vir viver com elle em palácio; e Hi-
« pócrates *recusou* o dinheiro que lhe pro-
« mettera o rei da Persia, dizendo: — Que-
« ria-nos dar dinheiro... Como está enga-
« nado! Em nós pode mais a razão da sa-
« bedoria que a do dinheiro. — E Dion res-
« ponden a Dionysio, em eguaes circun-

« stancias: — Paga com esse dinheiro a mais
« algum de teus servidores, mas sabe que
« os amigos não se pagam com dinheiro ».

Dos mesmos vocábulos diz Lacerda:

« Comummente confunde-se a primeira
« com a segunda, e a segunda com a ter-
« ceira de estas palavras; porém differem
« ollas muito entre si.

« Chama-se *desculpa* o motivo ou razões
« que se dão para mostrarmos que não é
« merecida a arguição que se nos faz.

« Diz-se *escusa* a razão por nós apresen-
« tada para não fazermos o que se nos pe-
« de, ou para não anuirmos á proposta que
« nos é feita.

« Dá-se o nome de *recusa* ás razões em
« que nos fundamos para não aceitar, e
« também ao acto com que nos esquivamos
« a solicitações que por qualquer motivo
« nos desagradam.

« *Desculpa-se* quem está ou se supõe cul-
« pado. **Escusa-se** quem é incapaz ou pou-
« co officioso. **Recusa** o homem altivo, ou
« que se julga offendido ».

Desdém, desprezo. — O *desdém* é
um *desprezo* profundo. Podemos recear-nos
de quem *desprezamos*; mas aquelle que *des-
denhamos* nem sequer nos chama a atenção.

Desdizer-se, retractar-se. —
Desdizer-se é declarar que se tem por nullo
o que se disse, o que se prometeu, o que
constituiu facto, e equivale a declarar que
laborávamos num erro involuntario, ou que
dissemos ou cometemos o contrario do que
devêramos dizer ou fazer. Quem se *desdiz*
de uma promessa, declara que a fez de boa
fé, mas que devera não tê-la feito. Quem
se *desdiz* de uma afirmação reconhece que
afirmou o que não era tão exacto como
pensava que fosse. Quem se *desdiz* de uma
opinião confessa que fez mal em a ter tido.

Retractar-se é declarar que reconhecemos
haver estado num erro voluntario, ter dito
ou sustentado o que sabíamos não ser ver-
dadeiro.

Transcrevendo a seguir o artigo em que
Roquete compara estes dois verbos, cha-
mamos a atenção para o último exemplo
que elle apresenta, pois nelle se compendia
a gradação que acabamos de estabelecer
entre elles; diz como segue:

« *Desdizer-se* é desistir de uma cousa, de
« uma asseveração, dizer o contrario do
« que se tinha dito antes, e por consequin-
« te declarar por falso o que se bavia dado
« como verdadeiro.

« *Retractar-se* é desaprovejar expressamen-
« te o que se tinha feito, dito, sustentado e
« defendido já do palavra, já por escrito.

« *Desdizer-se* corresponde a cousas de pou-
« co valor e cujos efeitos não podem causar
« muito damno; porém *retractar-se* indica
« mayor formalidade, importância e publi-
« cidade. — Não se obrigam os herejes só-

« mente a que se *desdigam* se não a que se *retractem* pública e solememente.—*Desdizer-se* refere-se mais ao interior sentimento da consciencia do que se *desdiz*, e *retractar-se* ao effeito da *retractação*.—O homem que se *desdiz* passa por inconstante, volúvel, pouco delicado, e ás vezes malévolo, o que se *retracta* destróe todo o effeito do que havia sustentado e defendido.—*Desdizem-se* as testemunhas, porque a isto se obriga sua consciencia; *retracta-se* um delator, e de este modo destróe a delação.—A *retractação* nem sempre nasce do convencimento do erro, do conhecimento da falta ou delito; senão também da força de lei, ou da sentença que a isso obriga como ressarcimento do damno causado. Multos se *retractam* movidos de remorsos, outros por mera formalidade, e para satisfazer à pena legal.—Quando Gallileu se viu obrigado a retractar-se de joelhos do seu célebre sistema do mundo, fez o que podia para destruir o effeito que havia produzido; porém quando ao levantar-se deu uma patada dizendo: — *E pure si muove!* — e com effeito se move! — manifestou que, apesar da sua força *retractação*, não se desdizia de modo algum do sistema que tinha adoptado, e do qual estava firmemente persuadido ».

Lacerda diz apenas:

« *Desdizer-se* é dizer o contrario do que se tinha asseverado.

« *Retractar-se* é desaprovar expressamente o que se tinha dito, escrito, feito, e defendido.

« Quem se *desdiz* dá prova de leviano; mas quem se *retracta* faz crer que está convencido de que tinha erro ».

Desdouro, deslustre, deshonra.—O *desdouro* offende a dignidade; o *deslustre* ataca a fama ou a validade; a *deshonra* mancha o homem em si.

Desegualdade, desproporção.

—A *desegualdade* é uma differença existente entre cousas da mesma especie ou natureza; é relativa ao valor, á quantidade, ao tamanho, ou aos accidentes exteriores, como côres, aspecto, etc.

A *desproporção* é uma *desegualdade* muito grande, e supõe sempre excesso de uma parte, e deficiência da outra.

A *desegualdade* de fortunas não é obstáculo tão invencível para a realização de um matrimonio como a *desproporção* de edades ou a de condições sociaes.

Desejar, appetecer.—*Deseja-se* aquillo de que se gosta; *apetee-se* o que se necessita. Ha mais sensualidade em *apetecer* que em *desejar*.—*Deseja-se* riqueza, fama, honras, gloria; *apetee* comer, descansar, nadar, passear.

Só o homem *deseja*; o *apetecer* é comum ao homem e aos outros animaes.

Desejar, querer, ter vontade, cubilejar.—Concordam estes verbos em exprimir a idéa do espirito tender para alguma cousa.

Querer distingue-se pelo seu carácter activo e livre, pois quem *quer* determinou-se a *querer* por impulso proprio e depois de reflexão e deliberação. Ha ademais neste verbo um tanto ou quanto de imperativo e absoluto; *quer-se* uma cousa porque se tem direito a *querel-a*; assim é que cada qual exige de aquelles sobre quem tem mando que elles façam o que elle *quer*.

Desejar é relativo ao sentimento, e se bom analysarmos o sentido de este verbo veremos que na sua essencia difere muito de *querer*. Quem *quer* obra com liberdade; quem *deseja* sente-se dominado por uma força que se impõe mais ou menos ao espirito e o obriga a *desejar*. É verdade que o *desejo* pode ser dominado pela *vontade*, mas esse *desejo* não satisfeito, apesar de dominado, subsiste sempre: *esta creança deseja um brinquedo que sua mãe não lhe quer dar*.

Ter vontade é uma expressão que se distingue pelo que nella ha de inopinado e fantasioso. *Temos derrepente vontade de uma cousa que vemos, e esta especie de querer desvanecese logo que o espirito tem vontade de outra cousa que faça esquecer aquella*.

Cubilejar toma-se sempre a má parte, pois significa *desejar* o que não nos pertence ou aquillo a que não somos merecedores de aspirar. Noutra accepção, que não é menos usual, implica a idéa de *desejar* com um tal ardor, que pelo seu proprio exagero é censurável. Os ambiciosos *cubilejam* honras e riquezas.

Lacerda diz, o seguinte de *querer* e *desejar*:

« *Querer* é termo genérico que comprehende toda a sorte de desejos, e indica *ter vontade* de alguma cousa: *quero* »

« *agua*; *quero ir passear*; *quero comer*; *quero estudar*, etc.

« *Desejar* significa o *querer* mais determinado, como manifestando a falta que nos faz o que *desejamos*; e por isso dizemos que *alguem deseja honras, riqueza, poder*.

« Assim que *desejar* é acto mais positivo do que simplesmente *querer*.

Desembolsar, gastar.—O *gastar* é por conta propria; o *desembolsar* é frequentemente por conta nhêla.—Não recuperamos o que *gastamos*, mas aquillo que *desembolsamos* fica representado por um valor que nos pertence, ou por um crédito sobre alguem.

Desenvoltura, desembaraço.

— *Desenvoltura* diz muito mais que *desembaraço*, este último vocábulo supondo que outrem contribua para o termos, ao passo que aquelle é proprio da pessoa. — *Falamos com desembaraço* quando não temos miramentos a guardar para com quem nos ouve, isto é, quando quem nos ouve nos põe à vontade ou nos dá azo para nos reputarmos superiores. *Falamos com desenvoltura* por dom natural.

Os reis gostam que se lhes fale com *desenvoltura*, mas seria fallar-lhes ao respeito que lhes fallássemos com *desembaraço*.

Falar com desembaraço a alguém significa dizer-lhe as verdades na cara.

Falar com desenvoltura é falar com desimpedimento e até com certa elegancia.

Deserto, despovoado, solitário, êrmo.

— Tanto no *deserto* como no *despovoado* não se encontram habitações nem habitualmente transeuntes; mas no *lugar deserto* não ha cultura de especie alguma, podendo acaso haver-n no *despovoado*, onde, pelo menos, não deixará de haver alguma produção espontânea, talvez até bosques. — Em sentido menos preciso não ha inconveniente em confundir estas palavras.

Solitário diz-se do *lugar* a que habitualmente não vae gente e onde nem sequer chega o ruído da gente.

Êrmo é vocábulo de significação pouco definida, pois ora se diz do *deserto*, ora do *despovoado*, ora do *lugar* em que ha uma só casa ou ermida, etc. O mais proprio parece ser o designar com este vocábulo aquelle ponto que em toda a sua roda está *despovoado*.

Deserto e *solitário* dizem-se com relação ao *lugar*; não assim *solitário* e *êrmo*, que são vocábulos objectivos.

Eis como Roquete compara estes vocábulos:

« A palavra *deserto* vem da latina *deserere*, que significa deixar, desamparar, abandonar; *despovoado* é o terreno falto de povoação, inhabitado; *solitário* vem de *solus*, só, e esta última expressão se usa tanto falando das pessoas como dos paizes.

« De aquí resulta que o paiz *deserto* se chama abandonado, sem cultura, nem produção alguma; o *despovoado*, sem habitantes nem habitantes; o *solitário*, não frequentado, e onde o que por elle transitava se acha só, ninguém se lhe oppõe, ninguém o incomoda; goza de si.

« *Êrmo* é palavra latina, que vem do grego *êrmos*, e diz o mesmo que *deserto*, *solitário*, inculto. Em estilo eclesiástico se diz particularmente dos *desertos* ou *solitões* da Thebaida, onde se refugiaram muitos varões illustres para se furtarem

« ao mundo, e se darem á contemplação das cousas divinas, vivendo vida socegada, virtuosa e *solitaria* ».

Tambem merece citação o que de estas palavras diz Lncerdá, particularmente com relação a *êrmo*. Eis o seu artigo:

« *Deserto*, conforme a origem latina, significa deixado, desamparado, abandonado. O *lugar deserto* está despresado, sem cultura.

« *Despovoado* é o que está falto de povoação, que não está ou está pouco habitado.

« *Solitário* é o que está só, que não é frequentado, e diz-se dos lugares e das pessoas. O *lugar*, o *homem solitário*, está só, não tem companhia.

« *Êrmo* significa inculto, despovoado, solitário. — Os mosteiros estavam *êrmos* de religiosos. — (Hist. Dom.).

Deserto, solidão.

— *Deserto* (do latim *desertus*, abandonado) diz-se de um *lugar* onde não ha cultura por ser estéril, seco, arenoso, e que por consequencia não tem produção espontânea, ou a tem muito rara e imperfeita. O *deserto* é deshabitado, ou tem apenas muito escasso número de habitantes, posto que não apresenta recursos devido á falta de vegetação. — Note-se que *deserto* se diz particularmente com relação ao território, e para indicar que elle está deshabitado, ou que é inhabitável.

Solidão (do latim *solus*, só) é vocábulo relativo, não aos lugares, mas ás pessoas, e diz-se do ponto momentaneamente ou ordinariamente deshabitado, sem porém indicar que elle seja inhabitável, a não ser que um qualificativo o declare expressamente. Assim a *solidão* é o *lugar* onde não ha ninguém, ou ainda melhor, aquelle onde a pessoa pode estar só. — A *solidão*, ao contrario do *deserto*, pode ser fértil, fresca, agradável. O que este vocábulo pretende acentuar é o isolamento da pessoa no *lugar solitário*.

Assim, de um território devastado pela guerra, cujas cidades, edificios, culturas, foram destruidas, se dirá que ficou reduzido a um *deserto*; se, porém, quizermos indicar que o *lugar* ficou despovoado por seus habitantes terem sido mortos ou por haverem fugido, se dirá que ficou reduzido a *solidão*.

Desertor, transfuga, refractário.

— *Desertor* é o militar que, sem licença, abandona o corpo em que serve e procura não ser reconhecido como tal militar. Extensivamente se diz de quem abandona um partido, uma causa, uma opinião, etc.

Transfuga é o militar que não só abandona a sua bandeira, mas a abandona em tempo de guerra para passar-se ao inimigo. — Assim, o *desertor* pode haver desertado por cobardia, mas o *transfuga* é movido

por outro impulso qualquer: pelo interesse, ou pela opinião, por exemplo.—Extensivamente, é *transfuga* de um partido aquelle que o abandona para passar ao partido contrario. O *transfuga* militar pode ser movido por um nobre sentimento; mas o *transfuga* politico é sempre um miserável.

Refractario diz-se do moço que se subtrah ás leis do recrutamento.

Els o que de *transfuga* e *desertor* nos diz Roquete:

«Designam estes dois termos egualmente um soldado que abandona as suas bandeiras e o regimento em que assentou praça, mas *transfuga* ajunta a *desertor* a idéa accessoria de fugir para o inimigo.—O *desertor* é fraco, é cobarde, não tem o nobre sentimento de amor da patria; merecede severo castigo, e deve envergonhar-se de apparecer entre os seus compatriotas. O *transfuga* é traidor, merece o despreso dos proprios inimigos, e não é digno de viver entre os seus conterrâneos. Aos *transfugas* se pode applicar o dito de Camões:

«Negam o rei, a patria; e se convém
«Negarão, como Pedro, o Deus que tem,

(Lus., IV, 13).

Desesperar, exasperar.—*Exasperar* encarece sobre *desesperar*: é *desesperar* muito, irritar sobremodo.

Notemos porém que, na sua origem, estes vocábulos são de significação muito diversa, e que só por corrupção, que a força de comum se tornou aceitável, é que se podem tomar como sinónimos: *desesperar* significa «perder a esperança», e *exasperar* «tornar mais áspero», «exacerbar».

Roquete compara pouco acertadamente estes vocábulos, pois diz:

«Confundem-se em alguns casos estes verbos, sendo na realidade mui diferentes.

«*Exasperar* é fazer áspero, irritar.

«*Desesperar* é causar desesperação, tirar toda a esperança.

«*Exaspera-se* a dôr com novas mágoas, o injuriado com mais afrontas (1).—Quem nos quer mal nos *desespera*; *desesperam-se* os requerentes com as delongas do despacho. (2)

A *exasperar* opõe-se a brandar; a *desesperar*, esperar».

Lacerda cafu no mesmo desacerto que Roquete. Diz:

«*Exasperar* é irritar, fazer áspero.

«*Desesperar* é tirar a esperança.

(1) Este exemplo concorda perfeitamente com a verdadeira sinonímia dos vocábulos.

(2) Nesta exemplo não ha sinonímia entre os dois verbos.

(Nota de A.)

«A dôr que nos causou uma desgraça *exaspera-se* quando sobreem novos infortúnios.—*Desespera-nos* quem nos quer mal; *desesperam* os pretendentes com as delongas do resultado das suas propostas.

«Abrandar opõe-se a *exasperar*, e a *desesperar* esperar».—Entretanto estes verbos tomam-se geralmente como sinónimos no uso comum».

Desfazer, desbaratar.—Podemos *desfazer* com ordem, plano e vagar, mas não podemos *desbaratar* senão com desórden e violencia.—O que se *desbarata* conserva mais da sua antiga condição que o que se *desfaz*; pode dar-se até que o que se *desbarata* não fique *desfeito*.

Desfazer, desmanchar.—O acto de *desfazer* é mais completo que o de *desmanchar*:—*desfaz-se* o que está feito; *desmancha-se* para talvez tornar a compôr.

Desfeita, offensa.—A *desfeita* consiste sempre em não ter em conta ou em não aceitar o que outrem faz ou quer fazer em nosso obsequio; a *desfeita* melindra, mas não caia tão fundo como a *ofensa*.

Desfeita no sentido cabal de insulto e ultrage pertence a linguagem popular.

Desfiladeiro, garganta.—Confundem-se geralmente estes substantivos que, a nosso vêr, têm alguma distincção.

Desfiladeiro é passagem estreita na raiz dos montes; *garganta* é passagem estreita nas vertentes da montanha.

Assim, das Thermópilas, a célebre angustura onde Leonidas com apenas 300 homens intentou embargar o passo a Xerxes e aos seus dois milhões de Persas, e que está ao nível do golfo de Eubéa, se diz *desfiladeiro* e não *garganta*.—Quando pelo contrario, nas relações de viagens, se fala das angusturas de altitude que se encontram nas montanhas e que levam geralmente de uma á outra das vertentes, diz-se *garganta* e não *desfiladeiro*.

Desgraça, desdita, infelicidade, infortúnio, desventura, calamidade.—De *desgraça* e *infortúnio* já falámos na página 42 (artigo *Adversidade*). Deixemos a Roquete a comparação de esses dois vocábulos com os restantes de este grupo. Diz assim:

«São tantas as penalidades e misérias que pesam sobre a pobre humanidade que não admira quo sejam muitos os sinónimos com que ellas se designam.

«*Desgraça* tem significação geral, o só explica o mal em si mesmo. *Desdita* acrescenta á idéa do mal o offeito da *desgraça*, com relação á triste situação em que se acha o *desgraçado*.—O que perde ao jo-

« go, sem que o incomode nem o aflija a perda, é *desgraçado* ao jogo, e só por pura pouderação se chamará *desdita* à sua *desgraça*. Porém o que perdeu toda a sua fazenda, e se acha reduzido à maior miséria e aflicção, sem consolação nem esperança de alívio, não só é *desgraçado* senão também *desditoso*, pela triste situação a que o reduziu sua *desgraça*. — Por isso dizemos: Hontem aconteceu uma *desgraça* no mar, no rio, etc., e não, aconteceu uma *desdita*, porque só fazemos relação ao facto, ao mal sucedido.

« *Infelicidade* é o contrário de felicidade, a privação do que constitue o homem feliz, mas vulgarmente se toma por *desgraça*, e é mais usada esta palavra que *desdita*, que vem da castelhana *desdicha*.

« *Infortunio* vem a ser uma série ou cadeia de *desgraças*, que não provêm do homem, que não deu motivo a ellas por seu procedimento ou falta de prudência; não por isto, senão por sua má sorte, cae em *infortunio*.

« *Desventura* é má sorte, fortuna adversa. Aquelle que não sae bem em suas empresas, antes encontra adversidades, pode queixar-se da sua *desventura*, mas não é *desgraçado* nem *desditoso*.

« Quando a *desgraça* é grande e se estende a infinito número de pessoas e a paizes inteiros, se lhe chama *calamidade*, que é propriamente um *infortunio* público e geral, tal como a fome, a peste, a guerra, as inundações, as erupções vulcânicas, os terremotos, e outras muitas *desditas* que affligem as nações e ás vezes quasi o mundo inteiro. — As *calamidades* causam grandes *desgraças*; e em anos calamitosos os homens, sobre infelizes, são *desditosos* e *desventurados* ».

Tambem merece transcrever-se o que de estas mesmas palavras diz Lacerda:

« *Desgraça* é termo genérico, e designa toda a sorte de mal que nos acontece.

« *Desdita* é o effeito da *desgraça*, o estado penoso em que a *desgraça* nos tem lançado. É *desgraçado* o que perdeu ao jogo, sem que a perda lhe causasse grave transtorno; mas é *desditoso* aquelle a quem as perdas feitas ao jogo reduziram à miséria.

« *Infelicidade* é verdadeiramente a privação do que faz o homem feliz; porém toma-se geralmente na significação de *desdita*.

« *Infortunio* é o encadeamento de *desgraças* a que o homem não deu motivo conhecido, e que por isso se attribuem à sua má sorte.

« *Desventura* designa má sorte, ou antes sorte adversa.

« Chama-se *calamidade* uma grande *desgraça*, que abrange um muito considerável numero de pessoas ».

Desgraçado, miserável. — *Miserável* implica a circunstancia de pobreza summa, o que não se deprehende de *desgraçado* — a *desgraça* sendo compativel com qualquer estado de fortuna. Se o *miserável* fôr o que se conveio chamar «filosofo» pode não julgar-se *desgraçado*.

Deshabitado, inhabitado. — *Deshabitado* diz apenas «sem habitantes»; *inhabitado* diz «que não tem habitantes por os não poder ter». Uma grande parte do Alentejo está *deshabitada*. Os cumes da serra da Estrela são *inhabitados*.

Desherdar, exherdar. — Definiremos estes vocábulos: (1)

Desherdar, não nomear para herdeiro a quem espera receber a herança.

Exherdar, excluir de entre os herdeiros a.

Assim, *desherdar*, termo da linguagem usual, significa simplesmente que não se deixa a herança a quem espera obtela. — *Exherdar*, termo juridico, é relativo à disposição testamentaria que reveste forma legal, e pela qual se exclue da successão a determinado herdeiro.

Deshonesto, obsceno, inhonesto. — Mais uma vez nos vemos obrigados a discrepar da opinião do sr. Cândido de Figueiredo ao comparar os vocábulos *deshonesto* e *inhonesto*. (2)

Inhonesto encerra apenas a idéa negativa de não ser *honesto*. *Deshonesto* afirma a existencia da dishonestidade. — Na igreja dos Paulistas, onde uma bátega de agua — que não a devoção — me obrigou uma tarde a entrar, ouvi um pregador dizer das acrízes: — « Sua *inhonesto* profissão as expõe a decotes *deshonestos* ».

Obsceno encarece sobre *deshonesto* em designar o que cinica e abertamente offende o pudor.

« A *deshonestidade* — diz Roquete — não

(1) São do dicionario do sr. Cândido de Figueiredo as definições seguintes:

« *DESHERDAR*, v. t. Privar do direito a uma herança; privar de beneficios que outros compartilham. (De *des* + *herdar*).

« *EXHERDAR*, v. t. (e der.) o mesmo que *desherdar*, etc. ».

(2) O illustre socio da Academia Real das Ciencias de Lisboa define assim estes vocábulos:

« *DESHONESTO*, m. (a) que não tem honestidade, impúdico; devasso. (De *des*... + *honesto*).

« *INHONESTO*, (l. *inon*...), adj. o mesmo que *deshonesto* ».

(a) «Deshonesto» pode em certos casos ser adjetivo substantivado, nunca porém substantivo

« tem muito cuidado em esconder cousas
 « que o pudôr exige permaneçam secretas;
 « a obscenidade descobre-as sem pejo».

Designar, indicar, (signalar, marcar). — *Designar*, palavra em que entra o vocábulo latino *signum*, sinal, é dar a conhecer uma pessoa ou cousa por meio de algum sinal que natural ou convencionalmente a represente.

Indicar, vocábulo derivado do latim *dicere*, dizer, é dar a conhecer uma pessoa ou cousa falando de ella, ou empregando algum gesto que supra a palavra.

O fumo *designa* que ha fogo; o catavento *indica* de que lado vem o vento.

Convém notar que o uso tem autorizado a confundir estes vocábulos, e tornado *indicar* mais comum que *designar*.

Roque, além de *designar* e *indicar*, falla tambem de *signalar* e *marcar*, verbos que em portuguez não são de frequente uso.

Eis o que diz :

« Referem-se todos estes vocábulos á
 « idéa comum de fazer conhecer ou dar a
 « conhecer algum objeto; e distinguem-se
 « pelo diferente modo de conseguir este
 « fim.

« *Indicar*, em latim *indicare*, *innuere*, vem
 « de *index*, que é o dedo com que costumamos
 « fazer conhecer o lado para onde se
 « acha um objeto, ou o caminho e direcção
 « que se ha-de seguir, e por isso mesmo dar
 « ao que quer conhecê-lo ou achá-lo *indicar*
 « os ou indicações que para esse fim lhe
 « podem ser úteis.

« *Designar*, em latim *designare*, que vem
 « de *signum*, sinal, significa mostrar ou
 « annunciar a cousa occulta por meio da relação
 « que certas figuras têm com ella; de
 « tal modo que, sem presentá-la á nossa
 « vista, ostejamos certos de ella pelos sinais
 « que se nos deram para que a não
 « confundissemos com outra. Em sentido
 « figurado significa *signalar*, determinar
 « uma pessoa ou cousa para um fim preciso,
 « e então corresponde ao *destinare* latino;
 « no; assim que ao pensamento ou idéa que
 « temos de fazer uma cousa lhe chamamos
 « *designio*, isto é, um plano determinado
 « da vontade para a execução do intentado.

« *Signalar* ou *assinalar* é pôr sinais
 « em qualquer cousa, para que por si mesma
 « se possa conhecer e distinguir; assim
 « que *signalar* é mostrar, apresentar clara e
 « positivamente a cousa, declarar determinadamente a pessoa, a acção, etc. Fallando pois de um homem raro, que proce-
 « ra distinguir-se dos demais por seus egre-
 « gios feitos, se diz que se *assinala*, ou
 « que é *assinalado* entre todos.

« As armas e os barões assinalados,

« que o nosso poeta cantou nos Lusíadas
 « foram os que entre seus contrários se

« distinguiram e illustraram por seus atos
 « feitos por mar o por terra, e

« A quem Neptuno e Marte obedeceram.

Marcar é pôr marca, e confunde-se na idéa com *signalar*, porque *marca* corresponde ao *signum* latino; porém differença-se no uso, pois *marca* é um *sinal* de género particular posto na pessoa ou cousa que se *marca* para bem se conhecer; e assim se diz: *marcar* o gado com ferro em braço, o iadrão na testa, a moeda com o cunho, etc. Diferença-se mais em não ter a significação reflexa que acima notámos em *signalar*.

« As *marcas* usam-se principalmente no tráfico e commercio, e consistem em letras, cifras, figuras, debuxos que se fazem sobre fardos, caixas, barricas, etc., para se conhecer immediatamente a quem pertencem, etc., e se distinguem de outros com que se acham misturados. Os *indicar*, assim como as *indicações*, os *sinaes* que nos dão, nos Intelam e dão luz sobre um objeto, uma intenção, um plano, e nos ajudam, e dirigem para descobri-lo e conhecê-lo.

« *Indicamos* a um caminhante extraviado o caminho que deve seguir; *indicamos* a um moço inexperiente a maneira de proceder para obrar com acerto. *Indicam-se* ao que quer aprender os autores que deve estudar e o método que deve seguir. Os *sinaes* naturaes servem para designar os objetos. O fumo *designa* o fogo.

« *Designa-se* um bomem por seu talhe, feições do rosto, aspecto e maneiras. A *marca* apresenta maior certeza que os *sinaes*. Podemos-nos enganar no caminho que nos *indicaram*; podemos não entender os *sinaes* com que nos *designaram* um objeto. Porém a *marca* o dá a conhecer de um modo determinado, certo e seguro.

« O ponteiro de um relógio *marca* as horas; o barómetro, os graus de peso do ar; o termómetro, os do calor e frio; a *marca* que com um ferro em braço se põe aos cavalos nas nádegas, e aos ladrões na testa ou nas costas, são como uns nomes que levam impressos, que os distinguem dos demais e evitam toda equivocação.

« *Indica-se* para dirigir; *designa-se* para distinguir; *marca-se* para reconhecer.

« O *índice* de um livro *indica* onde se acham as diferentes materias de que consta; o dedo *indica* o objeto para que apontamos e que queremos mostrar; os mapas *indicam* a posição dos logares, o caminho e rumo para ir a elles.

« Os *sinaes designam* as pessoas, as *marcas* as mercadorias; as diferentes bandeiras, as respectivas nações; o pulso *designa* o estado de saúde ou de enfermidade.

« Seguímos o caminho que nos *indicaram*; examinámos os *sinaes* com que nos foi

« *designado* um objeto; reconhecemo-lo pela *marca* que se lhe põe ».

Também merece citação o que de estes vocábulos diz Lacerda, cuja doutrina é preferível à de Roquete :

« A *Idéa* comum a todas estas palavras — diz — é fazer conhecer algum objeto, mas « distinguem-se pelo diferente modo de obter este fim.

« *Indicar*, conforme a origem latina, significa dar a conhecer apontando com o dedo, dar indícios a alguém por onde possa chegar a conhecer alguma coisa.

« *Designar*, também conforme a origem latina, é dar a conhecer por sinais, ou por notas, alguma coisa a alguém.

« O *ponteiro do relógio indica* as horas, « *que os números designam* no mostrador.

« *Sinalar* ou *assinalar* é pôr sinais em alguma coisa para que possa ser conhecida facilmente; é mostrar claramente uma coisa, ou declarar positivamente uma pessoa, etc.

« *Marear* é pôr marca particular em alguma pessoa ou coisa, para que possa ser bem conhecida, e não se confunda com outra; *marear-se* o gado, o ladrão, o diabo, etc.

« Os mapas *indicam* as cidades, as estradas, etc. — Os sinais *designam* as pessoas, *sinalam* ou *assinalam* as cousas, e *maream* os objetos ».

Designio, intenção, projecto, plano. — *Designio* e *intenção* são termos subjeivos, isto é, relativos ao pensamento do sujeito; *projecto* o *plano* são termos objectivos, pois se referem ao objeto do pensamento do sujeito.

A *intenção* é a primeira evolução da vontade depois de ella admitir a *idéa*; fortalece-nos no *designio*, que é a determinação de chegar a um resultado ou de alcançar um objeto, sem porém pormenorizar os meios para o conseguir.

O *projecto* consiste nos traços geraes com que, por assim dizer, se materializa a *intenção*.

O *plano* é o conjunto de todos os meios de execução do *projecto*.

Concebi um político que tinha a *intenção* de colonizar o Alentejo quando chegasse a ser poder; nomeado ministro quiz realizar o seu *designio*, e formulou as bases do *projecto*; teve porém do desistir ante a quasi impossibilidade de levar a cabo o ponto capital do seu *plano*, ponto que consistia numa rede de canaes de irrigação que haviam de ter por arteria principal um canal navegável que unisse entre si os rios Tejo, Sado e Guadiana.

Eis como Roquete nos fala dos trez primeiros vocábulos do nosso grupo :

« Estas expressões referem-se ao diverso modo como oibamos as cousas que nos propomos fazer.

« O *designio* é uma *idéa*, um pensamento, « uma determinação da vontade, precedida « de reflexão para executar uma coisa que « nos parece útil e conveniente.

« O *projecto* é a disposição que se toma, « o plano que se forma para a execução de « uma coisa que julgamos de grande importância.

« A *intenção* é a inclinação ou movimento da alma que considera alguma coisa « distante e faz que a ella nós dirijamos.

« O *designio* é effeito de reflexão, a qual « pode ser boa ou má. Pode ser uma *idéa* « momentânea, fugitiva, um mero desejo; « porém o *projecto* supõe mayor e mais importante pensamento, mayor e mais extensa obra sobre que se ha meditado muito. Diz-se bons *designios*, excellentes *projectos*. — A *intenção* é alma da acção, e o « principio de seu verdadeiro mérito; porém é difficil julgar somente por ella. Diz-se fazer uma coisa com boa *intenção*, com « *designio* premeditado. — Ninguém gosta de « ser contrariado em seus *projectos*, nem enganado em suas *intensões*, nem achar opposição a seus *designios*. — O bomem grande « deve ser sensato e providente em seus « *projectos*, recto o justo em suas *intensões*, « razoável e precatado em seus *designios* ».

Lacerda, ainda que em menos palavras, diz o mesmo que Roquete :

« *Designio* é a determinação reflectida da « vontade para fazer alguma coisa que reputamos útil ou necessaria.

« *Projecto* é o plano que formamos para pôr « por obra alguma determinação, que julgamos de grande conveniencia pública ou particular.

« *Intenção* é o pensamento que nos obriga, o movimento da nossa alma que nos « leva para alguma coisa, que consideramos distante, e que queremos conseguir « ou realizar. — São reflectidos nos *projectos*, rectos nas *intensões*, e cautelosos nos « *designios* ».

Desimpedir, desembaraçar, desobstruir. — *Desimpedir* tem por effeito permitir o trânsito; *desembaraçar*, o movimento em todos os sentidos.

É necessario *desimpedir* a estrada sobre a qual desabou uma trineheira. *Desembaraçar-se* um salão para nelle se poder dançar.

Desobstruir é remover o que tapa ou intercepta. *Desobstruir* um tunel em que se deu um desabamento.

Desinfectar, desinflexionar. — Geralmente se confundem estes verbos, que são de extensão muito differente (!).

(!) Segundo o sr. Cândido do Figueiredo estes verbos são sinónimos perfectos, pois os define na seguinte forma :

Desinfectar é empregar desinfectantes para tirar a infecção; *desinfectonar* é destruir a infecção, seja qual fôr o meio que se empregue. — Assim a acção de *desinfectar* é muito mais reduzida que a de *desinfectonar*. — **Desinfecta-se** uma mala de roupa, uma habitação, uma casa, um navio; não se pode porém *desinfectar* uma cidade, nem um terreno muito vasto. — *Só os canos de exgoto podem desinfectonar* Coimbra.

Desinteresse, generosidade. — A generosidade supera ao desinteresse, este consistindo em não ganhar; aquella, em dispendir.

Vejase o artigo **Abnegação**, na página 15, e o artigo **Desprendimento** na página 388.

Desistencia, renuncia (¹). — *Desistencia*, acto e effeito de *desistir*, é, propriamente, não insistir, não querer continuar, dar de mão, seja por desalento, cansaço, generosidade, clemencia, etc.

Renuncia, acto e effeito de *renunciar*, é, propriamente, não querer aquillo de que se trata, e a que temos direito.

A *desistencia* supõe que antes de desistirmos se diligenciou obter aquillo de que agora se desiste; a *renuncia* determina o acto de renunciar, sem nenhuma idéa accessoria. — Além de isso, a *renuncia* tem carácter definitivo, a *desistencia* pode ser momentânea.

Consequentemente é erro definir *desistir* por «fazer renuncia».

Desluzir, deslustrar. — Confundem-se frequentemente estes verbos no sentido figurado; não obstante é conveniente distinguir que *desluzir* se diz melhor

«DESINFECTAR, v. t. livrar daquillo que «infecta; sanear. (De *des*... + *infectar*)».

«DESINFECTONAR, v. t. o mesmo que *desinfectar*. (De *des*... + *infectonar*)».

No mesmo erro têm laborado os dicionaristas modernos, pois Faria foi o último que comprehendeu o encarecimento de *desinfectonar* sobre *desinfectar*.

(¹) Segundo o sr. Cândido de Figueiredo define *desistencia*—definição que não podemos confrontar com a de *renuncia*, não estando ainda publicado o seu dicionario senão até à letra O—parece que na opinião do illustre socio da Academia Real das Ciências de Lisboa estes vocabulos são sinónimos perfectos. Els as definições que elle nos dá e em que nos fundamentamos:

«DESISTENCIA, f. acto ou effeito de *desistir*».

«DESISTIR, v. i. abster-se; fazer renuncia. (Do lat. *desistere*)».

com relação ao mérito, e *deslustrar* ao crédito.

Desnaturalado, desnatural, desnaturalizado.—O emprego actual de estes vocabulos limita-se ás seguintes accepções:

Desnaturalado, que não tem amor aos que lhe deram o ser ou aos irmãos, antes pelo contrario.

Desnatural, forçado, não natural.

Desnaturalizado, que perdeu os direitos de cidadão na sua patria por se haver naturalizado cidadão de outra nação. Popularmente diz-se por *desnaturalado*.

Rouquete estabeleceu a sinonímia de estes vocabulos na forma seguinte:

«O que descaiu, ou degenerou do sua natureza, ou foi privado do que lhe era natural, diz-se *desnaturalado*; o que se privou «ou o privaram de sua naturalidade, chama-se *desnaturalizado*. O primeiro vocabuo representa degradação moral no homem quando a elle se applica; o segundo «indica perda de direitos civis nacionaes «voluntaria ou forçada. — Muitos homens «*desnaturalizados* por arrestos iníquos estão muito longe de serem *desnaturalados*; assim como vivem entre seus contrários muitos bem *desnaturalados*. «*Desnatural* é o oposto de natural, e muitas vezes se usa em lugar de *desnaturalado*, «e talvez com melhor analogia na lingua. «O bispo D. Antonio Pinheiro, censurando os Portuguezes que não curavam de estudar sua lingua e a accusavam de pobreza, disse:—*Ingratos Portuguezes e desnaturalados* são os que por desculpar em sua negligencia culpam a pobreza da lingua».

Lacerda diz:

«Chamamos *desnaturalado* o que descaiu, «degenerou da sua natureza; e diz-se *desnaturalizado* aquelle que a si se privou, «ou pelos outros foi privado da sua naturalidade. Ha homens muito dignos, que de nenhuma sorte podem merecer a nota de *desnaturalados*, os quaes todavia por sentença iniqua se acham *desnaturalizados*».

«*Desnatural* é o oposto de natural, e significa ingrato á natureza ou á patria. «Tambem se toma na significação de *desnaturalizado*: — O infante herdeiro por fazer guerra ao reino se tinha feito *desnatural*, e não podia pedir o reinado. (LEÃO, CRR. J. I.)».

Desnecessario, excusado, inútil, superfluo.—O que é *desnecessario* cessou de ser necessario; sei-o-a antes, mas não o é já.

O que é *excusado* pode prestar algum serviço, mas serviço que se pode dispensar.

O que é *inútil* não pode surtir effeito nem ser utilizado.

O que é *superfluo* é demais. Também se diz do que vem já fora de tempo para surtir o efeito desejado, seja que esse efeito já não se possa produzir, seja que já foi produzido por outro meio.

Eis como Roquete compara estes mesmos vocábulos:

« O que não é necessário, ou deixou de o ser, é por isso mesmo *desnecessário*. O que não presta para o fim que se intenta, é *inútil*. O que se pode excusar, e sem o que se pode passar, é *excusado*. O que sobeja ou está de mais, é *superfluo*.

« — É *desnecessário* estudar uma sciencia quando já se sabe. — É *inútil* aplicar remédios a uma molestia incurável.

« — É *excusado* mendigar vocábulos ás linguas estranhas quando os temos em a nossa. — É *superfluo* amontoar razões de não termos resistido ao inimigo quando o houvermos provado que não tínhamos pólvora, nem meios alguns de defesas.

Lacerda diz:

« É *desnecessário* o que não é, ou deixou de ser preciso, necessário. É *inútil* o que não serve para o fim que se pretende. É *excusado* aquillo que não faz falta, e sem o que por tanto se pode passar. É *superfluo* o que é ou está de mais, ou sobeja.

Desnortear, desorientar. — Não são estes verbos sinónimos tão perfectos (!) que possam em todos os casos ser empregados indistintamente—não por na sua essencia determinarem significações diversas, mas sim por o uso os distinguir convencionalmente.

Se geográfica ou moralmente perdemos o rumo de maneira a não saber onde nos achamos ou o que fazer, dizemos que andamos *desorientados*.

Se outrem, astutamente, nos coloca em tal situação, *desnortei-nos*.

Provamos a nossa asserção por meio do verbo reflexo muito comumente empregado *desorientar-se*, sem que até hoje haja-mos visto *desnortear-se* saído da pena de algum bom autor: *desorientei-me* é comum; *desnortei-me* parece-nos inadmissível.

Desocupação, ociosidade, ocio. — *Desocupação* é o estado da pessoa que não tem occupação actual, que não tem nada que fazer; neste último caso entende-se que a *desocupação* é involuntaria, proveniente da inapidão da pessoa para exercer as funções que deseja desempe-

nbar, ou da impossibilidade de encontrar occupação. Em vez de nos comprazermos na *desocupação*, sofremos, aborrecemo-nos, desejamos que termine. É consequentemente um estado transitorio.

Ociosidade é o estado da pessoa que não faz nada, e que se apraz em nada fazer de proveitoso; é um estado voluntario e permanente, e altamente censurável. *A ociosidade é a mãe de todos os vícios.*

Ocio é o estado da pessoa que não tem na actualidade nenhum trabalho determinado a fazer, nenhum dever a cumprir. Verdadeiramente, o *ocio* é um intervalo mais ou menos longo entre dois trabalhos ordinarios; não é porém a ausencia absoluta de *ocupação*.—Esta palavra, no sentido geral que se lhe dá, não implica nenhuma idéa merecedora de censura: antes pelo contrario, exprime muitas vezes um tempo agradável de repouso e de liberdade, que se pode empregar, e se emprega geralmente, em cousas recreativas, ou em occupaões não obrigatorias mas apraziveis. *Aquelle politico consagra ás musas as suas horas de ocio.*

Desojar, devastar. — De *devastar* já falámos na página 119, artigo **Arruinar**; comparando-o agora com *desolar*, vemos que este verbo acrescenta á idéa de destruição e de solidão, já contida em *devastar*, a de dor, pesar e mágoa que oprime as victimas da devastação. Assim *desolar* só se diz dos grandes desastres cujas consequências são perduráveis.

Desoprimir, libertar. — O resultado da acção de estes verbos é a mesma: livrar da oppressão, da tirania, do absolutismo; mas *desoprimir* diz-se com relação ao estado anterior, á oppressão; e *libertar* ao ulterior, á liberdade.

Outra differença que pode bayer entre estes verbos é de *libertar* se applicar melhor que *desoprimir* ao acto de sacudir o jugo estrangeiro.

O *desopressor* pode ser a mesma pessoa que haja *oprimido*; o *libertador* nunca é o proprio *opressor*.

Despacho, expedição. — *Ser rápido no despacho dos negocios* é uma expressão algo differente em sentido de esta outra: *ser rápido na expedição dos negocios*.

Com a primeira alludimos ao pouco tempo que têm de esperar os interessados; com a segunda fazemos allusão á prosteza ou dessemharção do sujeito.

A mesma differença se deve notar entre os verbos *despachar* e *expedir*.

Despenhadeiro, precipicio. — *Precipicio* revela a idéa de profundidade, sem nenhuma outra idéa accessoria.

(!) Ainda, com relação a estes verbos, nos vemos obrigados a discrepar da indiscutível autoridade do illustre socio da Academia Real das Ciencias de Lisboa, sr. Cândido de Figueiredo, que define *desorientar* dizendo: « o mesmo que *desnortear* ».

Despenhadeiro é o precipício cuja vertente mais ou menos alcantilada está orçada de penhas ou rochedos.

Desperceber, não perceber. — O verbo *desperceber* não pode empregar-se senão no infinito e nos participios; por exemplo: *principio a desperceber a dôr; aquillo passou despercebido.*

No sentido de «não notar» — única aceção que este verbo tem (!) — é pela expressão *não perceber* que elle deve ser substituído em toda a conjugação; por exemplo: *já não percebo a dôr.*

Desperdiço, resto. — Tem o vocábulo *desperdiço* uma aceção que ainda nenhum dos dicionarios até agora publicados inscreveu: a de «material que sobra de um trabalho e se desaproveita». Esta aceção tem sinonímia com *resto*.

Os *restos* sobram, e podem ser aproveitados noutro trabalho do mesmo género; os *desperdiços* só se poderão aproveitar em trabalhos de outra especie.

Despeza, gasto, dispendio, custa. — *Despeza* é termo genérico que se aplica a quanto se despende ou desembolsa, sem attender ao fim para quê, nem ao modo como se despende. — Particularmente diz-se, com exclusão de *custa*, das quantias que se despendem sem utilidade ou proveito directo, como o luxo, as diversões, o jogo, etc. — *A vaidade traz consigo muitas despesas.*

Gasto é termo mais preciso, pois designa a *despeza* que se faz num fim determinado. Se algum nos disser que *tem muitas despesas* ficamos sabendo que essa pessoa diz gastar muito dinheiro, mas sem que possamos deprehender em quê; se porém nos disser que *tem muitos gastos* comprehendemos logo que tem familia, muitos serviços ou empregados, ou alguma industria que exige grande capital.

Dispendio é a *despeza* considerável.

Custa é uma *despeza* ou *gasto* a que se é induzido. *Alguem come á nossa custa. O réo foi condemnado nas custas.*

Despojar, espollar. — Concordam estes verbos na significação de «desapossar alguem do que lhe pertence», differem

porém em: *despojar* indicar violencia, e *espollar* implicar astucia ou manha. (!)

Déspota, tyranno (!). — Na linguagem hodierna têm estas palavras significação muito distinta da que se lhes deu outr'ora, e muito convém não as confundir. (!)

É *déspota* aquelle que se prevalece da sua autoridade ou força para exigir obediencia.

É *tirano* aquelle que, prevalecendo-se particularmente da força, oprime a outros.

Veja-se o artigo **Absolutismo**, na página 18.

Roquete, no seu Dicionario de Sinónimos, estabeleceu a antiga e a moderna significação dos vocábulo *tirano* e *déspota* do modo seguinte:

«Palavras muito usadas, e de que muito se tem abusado nestes últimos tempos, «que vulgarmente se confundem, mas cuja differença é bem notável, attendida sua etimologia e significação histórica.

«*Tirano* é palavra grega, *tyrannos*, que significava primitivamente senhor absoluto, rei, chefe ou príncipe; depois deus se este nome ao que usurpava o poder absoluto numa república, ao príncipe opressor, ou usurpador; e por fim ao que exerceia autoridade com injustiça e crueldade. Neste sentido é que esta palavra era usada de nossos clássicos; Vieira, falando de Herodes, diz: — Como era intruso na corôa, e reinou quarenta e dois annos, sempre com receio de que o privas-

(!) A definição de *espollar* que vemos no Dicionario do sr. Cândido de Figueiredo — *desapossar com violencia ou fraude* — é semi-errônea. No *espollar* pode baver fraude, mas não violencia propriamente dita; é ao verbo *despojar* que cabe esse sentido.

(?) Sentimos que a distribuição do Dicionario do sr. Cândido de Figueiredo não alcance ninda a letra T, pois talvez pela definição de *Tyranno*, o illustre sócio da Academia Real das Ciencias de Lisboa desvanecesse a má impressão que nos causou a definição que dá de *déspota*: «aquelle que exerce poder absoluto e arbitrário; aquelle que domina tyrannicamente; tyranno».

(!) A palavra *tirano* definimoi-a nós no **Dicionario Illustrado** sem empregar uma vez sequer a palavra *déspota* nem nenhum dos seus derivados. Em quanto ás definições que no mesmo Dicionario se dão do vocábulo *déspota*, cumpre-nos declarar que somos completamente alheio a ellas, a nossa colaboração partindo sómente desde o vocábulo *Pereiral*.

(!) O sr. Cândido de Figueiredo attribue a este verbo outra aceção de que nunca é susceptível; a de: «não dar attenção a».

Desperceber é um acto involuntario; *não dar attenção a*, é puramente voluntario. Não se pode dizer: *não despercebi a carta que elle me escreveu*, mas diz-se, e muito bem: *não dei attenção á carta que elle me escreveu*.

« sem do reino; a uns grangeava com favores; como rei, a outros sujeitava com rigores e castigos, como *tirano* (II, 413).

« *Déspota* é também palavra grega, *despotes*, que significava primitivamente senhor de um escravo; depois significou dono da casa, chefe de família, e por fim senhor absoluto, soberano; e este é o sentido do que lhe convém em nosso idioma.

« Nestes últimos tempos tem-se dado tanto o nome de *tirano* como o de *déspota* ao rei absoluto, só porque governa como senhor absoluto, o que é um grave erro, porque tão *tirano* e *déspotico* pode ser o governo de um como o de muitos consules. A *tirania* e o *déspotismo* não estão nas instituições, senão na aplicação de ellas; não na forma do governo, senão nos actos dos que governam.

« Para comprehender pois com exactidão a diferença que existe entre as duas palavras *tirano* e *déspota*, basta ter presente que *tirano* é aquelle que oprime a outro, ainda quando seja seu igual na sociedade; e *déspota* aquelle em quem se reconheço um direito indisputável de mando, seja legal ou de força, e que valendo-se do dito direito, obriga aos mais a fazer o que não devem contra toda a razão e justiça.

« *Tirano* por conseguinte é o opressor; *déspota* não sómente o opressor, senão o dominador.

Desprendimento, abnegação.

— O *desprendimento* é sempre relativo ao que é material e particularmente aos interesses pecuniarios; ao passo que a *abnegação* comprehende os gôzos, os desejos e os direitos.

Portanto, *desprendimento* pode definir-se por *desapêgo*, mas não tão bem por *abnegação*.

Desquite, divorelo, repudio.

Desquite é a separação legal entre marido e mulher, sem que porém nenhum de elles possa passar a outras núpcias.

Divorelo é a dissolução judicial do casamento, com possibilidade de os ex-cônjuges passarem a novas núpcias.— Abusivamente se diz da simples separação dos cônjuges, e também do *desquite*.

Repudio é o acto pelo qual o marido expulsa a esposa de casa e da família.

O *desquite* e o *divorelo* podem dar-se a contento de ambas as partes; não assim o *repudio* que é sempre um acto autoritário por parte do marido, e involuntário por parte da mulher.

Desregramento, desórden.

Desregramento, falta de regra, e *desórden*, falta de ordem, são vocábulos que não podem confundir-se, se bem o seu indistinto

emprego se autorize nos dictionarios que temos á vista.

Desregramento é o contrario de obediencia á regra ou bem moral; é portanto uma infracção prolongada da moral ou da virtude; mas infracção considerada na sua essencia e não nos seus efeitos. Ao considerarmos o *desregramento da vida de alguma pessoa*, não consideramos os seus actos; sim porém as suas tendencias, pensamentos, idéas ou doutrina; deploramos o estado do seu espirito, e consideramos a aberração da sua intelligencia — saída da via que devera seguir.

Desórden diz mais que *desregramento* posto que é como a sua consequencia. O *desregramento da razão leva á desórden da vida*, isto é, aos actos em si, á manifestação das paixões, á vida incorrecta e aos costumes immoraes.

O *desregramento* provém da intelligencia, a *desórden*, do coração.

Dessangrar, sangrar.— *Sangrar* é tirar mayor ou menor quantidade de sangue do corpo vivo.

Dessangrar é deixar escorrer todo o sangue que ha no corpo.

Dessepulto, insepulto.— *Insepulto* diz-se do cadáver que está ainda por sepultar; *dessepulto* de aquelle que foi tirado da sepultura e abandonado.

O senhor Cândido de Figueiredo diz que *dessepulto* é o mesmo que *insepulto*, não nos ensina porém como exprimir a idéa que dizemos pertencer a *dessepulto*. Certamente não será *dessenterrado* nem *exhumado*; que será então?

Desterrado, emigrado, proscripto, refugio, escondido, homiziado.— De *desterrar* e *proscruer* já falámos no artigo **Banir**, a páginas 156, comparando esses verbos com *banir*, *exilar*, *deportar*, *degradar* e *expatriar*; falaremos agora dos restantes vocábulos do presente grupo.

Emigrado é aquelle que deixa voluntariamente a patria para ir estabelecer-se em nação extranha.— Particularmente se diz de quem, por motivos politicos, se expatria, e permanece fora da patria até que a amnistia ou o advento dos seus ideaes lhe permita regressar a ella.

Refugiado é aquelle que por delictos não comúns procurou em nação alheia esquivar-se á perseguição que lhe moveriam na sua se lá permanecesse.

Escondido, termo que nunca abona ao individuo, é aquelle que se occulta para não ser visto, seja qual fór o motivo que a isso o obrigue.

Homiziado é todo aquelle que anda fugido á justiça, quer na patria, quor pelo estrangelro.

Desterrar, exterminar, extirpar.—Concordam estes verbos na significação comum de « fazer cessar o que é mau ou pernicioso ». Convém porém distinguir entre elles que:

Desterrar diz-se de pessoas, e das cousas personificadas: **é necessário desterrar a todos esses que, enlrandos pobres na politica, não lardam em enriquecer-se nella.**

—Se os governos não podem **desterrar** o jogo, têm ao menos algum proveito de elle.

Exterminar é destruir pela violencia a causa dos males; e nisso se distingue de **extirpar** que é fazer desaparecer o mal, sem nenhuma idéa accessoria a respeito da pessoa ou da causa. *O grande erro do Marquez de Pombal foi o de expulsar, em vez de exterminar os jesuítas.* — Pois se todos conhecessem o retrocesso que insensivelmente nos vai fazendo cair nas abominações da idade media, porque não **extirpamos** a perniciosa doutrina que, se a não alalhássemos, levará vossos netos ás fogueiras da futura Inquisição?

Veja-se o artigo **Desarraigalgar** na página 372.

Destronar, destronizar, desentronizar. (1) — Els-nos em frente de trez variantes de uma mesma palavra, das quaes, se todas exprimem uma mesma idéa, ha duas que devem ser postergadas. Analizemo-las.

Destronar (vocabulo formado do prefixo privativo *des*, e do substantivo *trôno*) corresponde á forma castelhana *destronar* e á franceza *détronner*. — Se tivéssemos o verbo *tronar*, que sem dúvida teriamos se fôsse de conjugação grata ao ouvido, pois seria expressivo sinónimo de « campear », « imperar », « sobrosair », estava explicada e autorizada a formação de *destronar*, mas alda assim, e como simples derivado de *trôno*, reconhecemos-lhe directos incontestáveis de cidade, mesmo sem nos valermos da autoridade de todos os bons escritores — que todos o têm empregado, nem nos escudarmos nas linguas castelhana e franceza que o admitiram sem mayor fundamento que nós.

Desentronizar (do mesmo prefixo privativo *des* e *entronizar*); tem forma idéntica —

(1) Consultando o Dicionário do sr. Cândido de Figueiredo deparamos com as seguintes definições:

« **DESTRONAR**, v. l. tirar do throno; des- « tituir da soberania; (fig.) abatêr, humilhar. « (De *des*... + *throno*). »

« **DESTRONIZAR**, v. l. o mesmo que *destronar*. »

« **DESENTRONIZAR**, v. t. o mesmo que « *destronar*. »

Não podemos concordar com estas definições.

desentronizar—na lingua castelhana, nessa lingua tão rebelde a conceder foros de vernaculidade a quaesquer termos que, embora tenham em seu favor a melhor das etimologias, não representem idéa ou gradação de idéa que ainda careça de termo apropriado no idioma (1). Este vocabulo tem consequentemente hão cabida na lingua portugueza; mas, será elle, com effeito, o mesmo que *destronar*, como assegura a indiscreta autoridade do sr. Cândido de Figueiredo?

Não.

Destronar, é derrubar o trôno, destituir da soberania que se vem exercendo.

Desentronizar, é derrubar do trôno quem nelle acaba de **ser entronizado**. De Izabel II de Espanha se pode dizer que foi *destronada*; e do imperador romano Vitelio, *desentronado*.

Destronizar, vocabulo devido á ignorancia, não tem geito de palavra portugueza.

Destinar, guardar, reservar.—**Destinar**, vocabulo derivado de *destino*, sinónimo de *immutabilidade*, é um verbo cuja significação se resente do sentido do seu primitivo. Assim, *destinar* uma pessoa ou uma cousa para algum fim, é fixar definitivamente o emprego no uso exclusivo que se lhe assigna. Um pae que *destina* seu filho para medico tem o firme propósito de o dedicar ao estudo da medicina. Do mesmo

(1) As seguintes linbas comprovam este asserto.

Ao colaborar de 1835 a 1887 com D. Nemesio Fernandez Cuesta no Dicionario bilingüe que em Barcelona nos editaram os srs. Montaner y Simón, tive enejo de comunicar á Real Academia Espanhola varias lacunas que esse trabalho me deparou no Dicionario de aquella—sem ironia seja aqui dita — illustre e erudita companhia. Figurava entre essas lacunas o vocabulo *desilusión*, desillusão, que hoamente eu julgava devera achar inscrito naquello valioso repositorio da mais rica e da mais harmoniosa de todas as linguas, fundando-me para isso em tão boas razões como as que tenho actualmente para extranhar que o illustre socio da Academia Real das Ciencias de Lisboa, sr. Cândido de Figueiredo, não haja registado no seu Dicionario palavras tão genuinamente portuguezas como *antiguidade*, *antilógico*, *calções*, *hasle* (no sentido de « chifre »), *earlas* (no sentido de diploma de hacharel formado), etc. Pois resultou que a *desilusión* espanhola foi para mim uma verdadeira desillusão, a inutilidade de tal palavra sendo-me cabalmente demonstrada pelo então secretario perpétuo de aquella douta corporação, o meu saudoso amigo Dom Manuel Tamayo y Baus.

modo, *destinar*, um objeto para determinado uso, é dizer que se está resolvido a empregar-o exclusivamente nesse uso, e não noutro qualquer. Em *destinar* não ha portanto nenhuma idéa accessoria á significação da palavra.

Guardar acrescenta á idéa de *destinar* a de conservar para o fim proposto, a de ter á mão, de não soltar ou deslister da pessoa ou da cousa até que chegue a occasião apropriada. O proverbio: « *quem guarda, acha* », diz formalmente que, quando procuramos uma cousa que precisamos, a achamos por a ter *guardado* para um fim determinado.

Reservar indica não só o fim exclusivo para que *guardamos* a pessoa ou a cousa que se *reserva*, senão que não a empregaremos actualmente, mas sim quando a oportunidade se dêr. Um orador *reserva* certos argumentos para quando chegue a occasião que previu.

Destreza, habilidade.—A *habilidade* é relativa á intelligencia; a *destreza* ao hábito físico. Quem tem *habilidade* faz bem, e sabe como ha-de fazer; quem tem *destreza* faz depressa.

Desunião, desintelligencia.—Consiste a *desintelligencia* em não subsistirem as mesmas idéas, em haver desacôrdo entre duas ou mais pessoas que, alvejando o mesmo fim, deveriam entender-se, e comprehendendo as cousas do mesmo modo.

Desunião é um principio de separação; mas em vez de provir da intelligencia, como o vocábulo anterior, a *desunião* provém dos corações das pessoas que deveriam ter ou já tiveram sentimentos comúns, e cessaram de os ter.

A desintelligencia entre duas nações aliadas traz consigo o fim da aliança.—A *desunião* entre nações aliadas compromette o êxito das operações.

Desvanecer dissipar.—*Desvanecer* é atenuar, tornar como vão. A idéa que se *desvanece* cessa de ter influencia no nosso espirito.

Dissipar é fazer desaparecer. A idéa que se *dissipa* não volta ao cérebro, ou, se volta, este recebe-a com indifferença e não a fixa.

Detêr, sustar.—*Detêr* supõe força ou obstáculo; *sustar*, autoridade ou vontade. **Detemos o cavallo.** *A neve deteve o comboyo.* O governo pode *sustar* os telegramas.—Uma outra differença entre estes verbos é que *sustar* tende a não deixar segurar, e *detêr* a fazer parar, sem nenhuma outra idéa accessoria.

Determinar, resolver, decidir.—Ampliando o que de *decidir* e *resolver* fi-

ca dito na página 355, e comparando agora estes verbos com *determinar*, vemos que: *Determinam-se* medidas; *resolvem-se* dúvidas e problemas; *decidem-se* conflictos e contestações.

Determinar indica superioridade de autoridade ou de poder; *resolver*, superioridade de intelligencia; *decidir*, superioridade de justiça.

Uma sentença judicial *determina*, porque manda fazer algo; *resolve*, porque aciaa a confusão dos factos e dos direitos que se ventillam; e *decide*, porque corta uma disputa.

Determinativos, adjectivos determinativos, pronomes conjunctos.—Não dizemos que se chamem, dizemos somente que devem ser chamadas *determinativos* aquellas palavras que, precedendo o substantivo, o determinam definitivamente (o, a, os, as), indefinidamente (um, uma, uns, umas), numericamente (um, dois, tres, quatro, etc.), ordinalmente (primeiro, segundo, terceiro, etc.), localmente (este, esse, aquelle), possessivamente (meu, teu, seu, nosso, vosso), ou vagamente (qualquer, nenhum, todo, vários, etc.).—A estas palavras davam os nossos grammaticos a denominação de *adjectivos determinativos*—excepto aos dois primeiros grupos que se chamavam, e se chamam ainda, segundo creio, *artigos*. Esta denominação, tomada das grammaticas francezas, nada tinha de censurável, porque os *adjectivos* propriamente ditos eram denominados *adjectivos qualificativos*, e não se confundiam com os denominados *determinativos* com os *artigos*, por terem sua syntaxe estabelecida.

Os recentes fazedores do grammaticos surtem actualmente o mercado da livraria, dão a alguns de esses grupos a denominação de *pronomes conjunctos*, e até, segundo me parece já ter lido algures, a de *pronomes adjectivos*!!!—Sendo porém o *pronome* « aquella palavra que substitue o nome ou evita de o enunciar » vê-se quão disparatada é a novidade que entre nós foi introduzida, e não só introduzida, mas adoptada oficialmente... talvez por isso mesmo de ser disparte.

Detersivo, detergente.—*Detersivo* é o que tem qualidades proprias para limpar chagas, ulceras, etc.

Detergente diz-se do medicamento *detersivo* que se põe em acção.

O que é *detergente* é forçosamente *detersivo*, mas a reciproca não é exacta. *Ha muitos detersivos que nunca foram empregados como detergentes por se lhe ignorarem as propriedades.*

O sr. Cândido de Figueiredo considera estes vocábulos como sinónimos perfectos.

Detido, preso.—Quem está na prisão é um *detido* em quanto sobre elle não

recãe sentença do juiz; depois da sentença é um preso.

Detracção, calumnia, maledicencia. — Roquete define bem estes vocábulos dizendo:

« *Maledicencia* é a má qualidade que muitas pessoas têm de dizer mal dos seus semelhantes.

« *Detracção* é a conversação mordaz que infama e denigra a honra de alguém.

« *Calumnia* é a acusação falsa feita a alguém para lhe causar damno.

« O *maldiscente* ou *malédico* obra mais por hábito que por má intenção, e seus ditos têm muitas vezes por causa a ociosidade, a loquacidade e a ignorância.

« O *detractor* não só diz mal, mas infama, denigra, tisa a boa reputação de alguém, com perfeita intenção de desdourar e deslustrar seu merecimento, e tudo isto faz movido de inveja.

« O *calumniador* é mais malvado que os dois precedentes; movido do odio e da vingança, acusa maliciosa e falsamente, para infamar, imputa com má fé delitos, acções ou ditos que ofendem a honra, para cobrir de oprobrio a infeliz victima de seu furor; e quando não pode ou não lhe convém inventar crimes, supõe intenções perversas nas acções mais indifferentes, e até nas boas e virtuosas ».

« Também merece citar-se o que diz La-cerda:

« *Maledicencia* indica genericamente o hábito de dizer mal dos nossos semelhantes.

« *Detracção* é o hábito de diminuir, deslustrar, denegrir a reputação, a estima que alguém goza na sociedade.

« *Calumnia* é o hábito de inventar para fazer mal; acusar falsamente para infamar; imputar com má fé crimes que nunca existiram, para assassinar moralmente aquelle a quem o *calumniador* tem inveja ou odio ».

Detrito, residuo, fêzes, sedimento. — *Detrito*, ou melhor *detritos*, diz-se dos restos dos corpos ou substancias que se deterioraram ou desorganizaram.

Residuo como sinónimo dos outros vocábulos de este grupo, diz-se dos diminutos restos que ficam dos corpos ou substancias submetidas a qualquer acção química.

Fêzes é a parte terrea e mais grosseira dos líquidos, a qual se pousa no fundo da vasilha.

Sedimento é a parte que soitam no fundo das vasilhas as substancias que se dissolvem ou estão em dissolução nos líquidos.

Deus, divindade, deidade. — *Deus* é a denominação dada pelo homem ao Sêr infindo que sabemos existir, apenas por elle se nos revelar nas suas obras. O

homem não pode servir a **Deus**. mas muitos são os homens que se servem de **Deus**.

Divindade é o mesmo que *Deus*, mas considerando-o na essencia quo temerariamente se lhe attribue. *A justiça* é um dos attributos da *Divindade*.

Divindade, referindo-nos aos deuses do paganismo, é vocábulo menos pessoal que a palavra *deus*, porque considera o *deus* ou a *deusa* de que se fala em relação ás funções que lhe incumbem.

Deidade é termo poético, e que, em sentido proprio, só se deve empregar mitologicamente.

Dever, obrigação. — O *dever*, termo essencialmente objectivo—posto que não se refere á pessoa do sujeito, senão ás regras que elle deve observar cada vez que obra, é aquillo que se deve fazer em cumprimento das leis que presidem ao desenvolvimento e ás acções de todo sêr intelligente e responsavel. O *dever* consiste na responsabilidade moral que sobre nós pesa de observar as leis da moral—responsabilidade absoluta, porque se por meio do sophisma se podem estabelecer gradações no verdadeiro e no justo. *Tudo o homem tem o dever de fazer a outro homem o que em igualdade de circumstancias elle quizera que este lhe fizesse.*

A *obrigação*, termo subjectivo, por se referir ao cumprimento do que o sujeito tomou a responsabilidade de fazer, é uma especie de *dever* resultante da vontade, e que nada tem de absoluto, pois se deve considerar relativamente á importancia do compromisso tomado, a qual varia segundo o objecto e as circumstancias.—Além de isso, a *obrigação* ainda difere do *dever* em os *deveres* serem geraes, todos os homens estando obrigados a cumprilos, ao passo que a *obrigação* é particular ao individuo que a tomou a seu cargo.

Casos ha em que os vocábulos *dever* e *obrigação* apresentam certa dificuldade de escolha. Deveremos por exemplo dizer que o católico tem o *dever* de se confessar uma vez cada anno ou a *obrigação* de o fazer? Nosta conjuntura atender-se-á ao impulso a quo o católico obedece: se á consciencia? é *dever*; se ao livre arbitrio? é *obrigação*.

Exporemos agora o que a respeito de estas palavras dissorram aquelles que nos precederam.

Fala Roquete:

« *Dever*, diz Trévoux, é aquillo a que es-tamos obrigados pela lei, pelo costume, pelo decoro. Ha *deveres* da vida civil, de amizade, de attenção, do politica.

« A lei impõe-nos a *obrigação*, e a *obrigação* gera o *dever*. Estamos ligados pela *obrigação*, e somos obrigados a um *dever*. « A *obrigação* designa a autoridade que obriga, e o *dever* o sujeito que é ligado. O *de-*

« ver presuppõe a obrigação. Temos obrigação do fazer uma coisa, nosso *dever* é fazer-a: a obrigação é quem nos liga, o ao *dever* é que ella nos liga.

« Barbeyrac estabelece por principio de obrigação propriamente dita a vontade de um superior a quem se reconhece e se obedece. Buriamaqui observa que a razão deve aprovar o reconhecer o *dever*, pois sem isto não seria mais que violência.

« A obrigação não pode estender-se além da autoridade do superior que manda; nem o *dever* além dos meios e forças do inferior que obedece. Não ha obrigação se a coisa não podia ser mandada; nem *dever* se não pode ser executada.

« Onde ha obrigações ha deveres, e onde ha deveres ha obrigações; porém a obrigação é sempre o principio do *dever*.

Diz Lacerda:

« Obrigação é a dívida que o homem contrahê em virtude da lei. A lei prende, liga a vontade do homem; não lhe consente que vá senão pelo caminho que ella lhe marca; eis ahí a obrigação.

« *Dever*, é a necessidade imposta pela lei ao homem de seguir o caminho que elle marcou, em consequencia da liberdade de elle estar coarctada pela obrigação.

« O *dever* é a acção que o homem pratica em conformidade da obrigação legal. A obrigação não pode ir além da autoridade da lei donde nasce, nem o *dever* pode ir além das facultades de quem obedece. A obrigação é o principio do *dever* ».

Devocão, piedade, religião.—Tendo sido presbiteros todos os sinónimistas que nos precederam nas lides em que ora fabotamos, não podemos deixar de lhes dar a primazia na comparação de estes vocábulos. Diz Roquette:

« *Religião* é a virtude moral com que adoramos e reverenciamos a Deus.

« *Piedade* é a virtude que move o homem a honrar a Deus; ajunta á primeira a idéa de zelo, e afeição cordial: é a *religião* affectuosa e amável.

« *Devocão* é o fervor e reverencia religiosa com que fazemos certos exercicios de *piedade*, que por isso se lhes dá tambem o nome de *devocões*.

« Na *religião* domina a fé; na *piedade*, a caridade; na *devocão*, a esperança; que não são nossas *devocões* senão votos a Deus para que nos ouça, por isso que nelle pómos toda nossa esperança ».

Diz Lacerda:

« *Religião* é a virtude moral com que adoramos e reverenciamos a Deus. *Piedade* é a virtude que nos move a amar a Deus affectuosamente. *Devocão* é o fervor, o ardor com que praticamos certos exercicios religiosos.

« No sentido translativo têm significações análogas. Na *religião* prevalece a fé; na *piedade* o amor a Deus e o amor ao próximo; a caridade e a esperança na *devocão*. Como membros do clero católico, Roquette e Lacerda falaram de estas palavras conforme com as doutrinas do seu instituto; não as consideraram porém no sentido geral que é o que nos interessa.

Segundo esse sentido, *religião* é o conjunto de simples doutrinas, ou de doutrinas e de práticas, que constituem as relações que o homem estabeleceu entre si e a divindade. Nem em todas as religiões predomina a fé, como disseram os sinónimistas anteriormente citados, pois se a fé consiste em crer no que diz quem não engana nem pode enganar, não ha fé nas religiões que não se fundam na revelação — pois os que a professam, não sabem, nem sequer pretendem saber quaes os desígnios de Deus sobre todo o creado; reconhecem-no apenas nas suas obras, e abandonam-se cegamente ao seu arbitrio.—Por tanto o que na *religião* predomina, é a expressão da razão e da consciencia de cada homem religioso, quer essa expressão seja a fé, o temor, a confiança, o amor, e abandono, etc.

Piedade é um sentimento mais fervoroso que a *religião*, pois só tem *piedade* quem tem amor a Deus.—Nas *religiões*, reveladas ou não reveladas, a *piedade* consiste particularmente nos actos interiores ou exteriores com que, movidos pela força occulta que nos impelle a adorar a Deus, lhe demonstramos os sentimentos de que estamos animados para com elle.

A *devocão* não pode comprehender-se sem manifestações exteriores, o por isso nunca se pode avaliar se ella é verdadeira ou fingida em quem a manifesta. Tem por base principal as práticas religiosas e as obras pias, mas muitas vezes essas práticas são a capa da hipocrisia, e essas obras filhas da vaidade e do orgulho.

Devolver, restituir.—*Devolver* indica posse; *restituir*, propriedade.—*Devolver* o lugar em que estou sentado á pessoa que o occupava antes de mim, e *restituir* a seu dono o objecto que elle perdeu, e que eu achei.

Devolve-me o livro que te emprestei, para eu o **restituir** a seu dono.

Diabólico, satânico, infernal.—Exprimem estas palavras tres diferentes graus da maldade.

Diabólico diz-se do que á idéa de maldade reúne a de manha, finura, astúcia.

Satânico qualifica a maldade maliciosa ou astuta levada a tão alto grau como a pode comprehender o proprio Satanaz. *Diabólico* diz-se das pessoas e das suas obras e qualidades; *satânico* diz-se só das qualidades.—É um homem **diabólico**; tem uma

imaginação diabolica; fez um acto diabólico: os jesuítas têm um sorriso satânico para quem sabe ler nelle.

Infernal, que se diz das pessoas, das suas qualidades e dos seus actos, encarece sobre diabolico por encerrar uma idéa de horror do que este carece. Um homem diabolico é travesso; um homem infernal é perverso.

Diagonal, obliquo, transversal.—Não se pode comprehender o sentido de *diagonal* independentemente da idéa de « ângulo », nem a de *transversal* sem a de prolongação a um e ao outro lado da superficie atravessada.

Obliquo diz-se, quando os nossos rayos visuaes são paralelos aos lados da figura, em que uma linha se inclina para um ponto differente da nossa frente, da nossa direita, ou da nossa esquerda.

Dialéctica, lógica.—*Lógica* (do grego *logos*, razão) é a ciencia que ensina a pensar com justeza, a raciocinar com método, e a discernir o verdadeiro do falso.

Dialéctica (do grego *dialogesthai*, discorrer) é a arte que ensina a dirigir a razão, a achar e desenvolver argumentos durante a discussão, a expôr quantas consequências se encerram nas premissas verdadeiras ou falsas que se apresentam, intentando convencer com ellas aquelles que nos ouvem.

Ha portanto uma diferença essencial entre a *lógica* e a *dialéctica*: aquella não tem por objecto senão a procura da verdade, ao passo que a *dialéctica* pretende convencer, fazendo tomar por verdadeiras as proposições que expõe, hábil, mas muitas vezes arguciosamente.

É portanto a *lógica* relativa ao proprio fundo das idéas, e constitúe, para quem a possui, uma qualidade do espirito. Menos pessoal que a *lógica* é a *dialéctica*, mas em compensação é muito mais activa do que aquella; esta não se pode considerar senão como um dos predicados indispensáveis à arte oratoria: a *lógica* pertence à filosofia. Uma, a *lógica*, illumina sempre; a outra, a *dialéctica*, pode provar a necessidade das trevas.

Os *sofistas* são excellentes *dialécticos*, mas uns desastrosos *lógicos*.

Eis como *Roqueiro* nos fala do estas palavras:

« *Lógica*, que se considera como um substantivo, é, rigorosamente falando, a variação feminina do adjetivo grego *logikós*. « É, òn formado de *logos* discurso, concordando com o substantivo subentendido « *léchen*, arte, e vem a dizer o mesmo que « arte do discurso, ou de discorrer com exactidão. Esta é a verdadeira definição da « palavra. Considerada em quanto a cousa, « *lógica*, é aquella parte da philosophia racio-

nal (1) que propõe as regras para dirigir « o entendimento humano em todas as suas « operações. Os antigos a consideravam « somente como arte, os modernos a consideram também como ciencia, e por isso a « dividem em quatro partes ou a consideram debaixo de quatro aspectos; 1.º *lógica* « *psicológica*, em que se explicam e « analisam as faculdades intellectuales; 2.º « *lógica* instrumental, na qual se trata dos « meios pelos quaes se pode achar, ou demonstrar a verdade; 3.º *lógica* dogmática, ou teoria da certeza, em que se trata do criterio da verdade; 4.º *lógica* histórica e critica, em que se expõem os diferentes métodos, e se declara qual de elles é o melhor. A *lógica* dos modernos é « muito mais complicada e scientifica que a « simples arte dos antigos.

« *Dialéctica* é igualmente a variação feminina do adjetivo grego *dialektikós*, ò, òu concordando com *techen*, o qual se forma « de *dialekto*, linguagem, discurso falado, e « vem ambos de *dialogomai* que significa « falar uma pessoa com outra, conversar, « discorrer, discutir, ou conferir com al- « guem.

« Entre os gregos a *lógica* era differente « da *dialéctica*, e até se crê que esta arte se « perdeu, e não chegou até nós como « aquella.

« Na idade média e nos tempos escolásticos deu-se mayor extensão à palavra « *dialéctica* para significar não já a arte de « discutir plácidamente, que admiramos « nos diálogos de Platão, mas a de disputar com engenho e subtilidade, para o que « se estabeleciam princípios e davam regras, que tinham por objecto dirigir bem o raciocinio na argumentação ou disputa. « Era verdadeiramente uma arte de pelear « de palavra, como lhe chama Lucena, que « muito se differença da *lógica* como hoje se « entende, e acima explicámos. Era puramente arte, sendo que a *lógica* é também « ciencia. Pode confundir-se com a *lógica* « instrumental, mas não poderá nunca equivo- « car-se com a *lógica* psicológica, dogmática e critica.

« A *lógica*, considerada em geral, é uma « ciencia que tem por objecto o fazer conhecer e aperfeiçoar todas as faculdades intellectuales, e propõe regras ao entendimento para bem se dirigir na investigação ou na demonstração da verdade. A « *dialéctica* serve-se das regras da *lógica* do « modo mais adequado ao fim que se propõe, que é sempre o de provar uma proposição, verdadeira ou falsa, e de combater os argumentos contrarios. A *lógica* dirige-se ao fundo das idéas; a *dialéctica* ao modo de presentá-las, e ás formas da lin-

(1) E esta define-se, em sentido lato, ciencia da razão.

« guagem. O officio da *lógica* é o distinguir
« o verdadeiro do falso ; o da *diалéctica* é o
« apresentar uma proposição de tal modo
« que pareça verdadeira, e assim é mui co-
« mum vêr a *diалéctica* empregada em de-
« fender uma cousa falsa. De onde se se-
« gue que um bom *diалéctico* seja muitas ve-
« zes um mau *lógico* ; em cujo sentido dire-
« mos que muitos filósofos antigos e moder-
« nos são tão maus *lógicos* quanto excelen-
« tes *diалécticos* ».

Lacerda diz :

« *Lógica* é a arte que ensina a raciocinar
« rectamente. *Diалéctica* é a arte que ensi-
« na a disputar com exactidão. A *lógica* en-
« sina-nos a rectificar as idéas, a compa-
« rar-as, a formar juízos, deduzir conse-
« quências, etc. A *diалéctica* ensina-nos a
« combater o erro, e a mostrar, disputando,
« a verdade que se nega ou ignora.

« A *lógica* vae directamente, e a *diалécti-
« ca* indirectamente pelo caminho da inda-
« gação da verdade.—Comúmente empre-
« gam-se estas palavras uma pela outra ;
« mas no uso litterario e científico deve evi-
« tar-se tal confusão, e não menos a que re-
« suitaria de confundir o que se entende
« hoje por *lógica*, e o que se designava an-
« tigamente por este vocabulo ».

**Dialecto, lingua, idioma, In-
guagem, jargão ; gerlgonça.** —
Lingua é o modo de falar de uma nação, de
um povo ou de uma raça — modo sujeito a
regras fixas que determinam a individuali-
dade de essa *lingua* e a sua inconfundi-
bilidade com outra qualquer. A *lingua*
portuguesa é falada em Portugal e no Bra-
sil. A *lingua árabe* predomina entre os po-
vos mahometanos.

Idioma, vocabulo que geralmente se con-
funde com *lingua* (*), não deve dizer-se de
um modo absoluto da *lingua* de uma nação,
mas só de essa *lingua* desligada de qual-
quer sujeição ás regras geraes que a sin-
gularizam. Assim é que cabem no *idioma*
portuguez expressões particulares que a
lingua portugueza não admittê, expressões

(*) O sr. Cândido de Figueiredo, dada a
sua indiscutível autoridade, vem no seu
Diccionario augmentar a confusão que já
reina entre estas palavras, definindo-as
nos seguintes termos :

« *LINGUA*, *f.* ; *linguagem*, voz ;
« *idioma* ; complexo de regras de um *idio-
« ma* ».

« *IDIOMA*, *m.* *lingua* de um povo, conside-
« rada nos seus caracteres especiaes (*) ».

(*) Traducção literal da definição dada
no pequeno Diccionario de Littré : .

« *IDIOME*, *s. m.* *Langue d'un peuple con-
« sidérée dans ses caractères spéciaux* ».

que, se bem têm o cunho nacional, care-
cem do quilate necessario para se conside-
rarem como de lei. O *Idioma transmonta-
no tem particularidades que são realmente
merecedoras de um estudo particular*.

Dialecto é uma *lingua* de pouca extensão,
derivada de outra *lingua* principal, mais dife-
rente de ella nas flexões e em varias ou-
tras particularidades. Em Portugal não po-
demos fazer uma idéa cabal do *dialecto* por
não haver *dialectos* entre nós — pois o que
alguns dizem ser *dialecto mirandez* não
passa de uma manifestação da progressiva
decadencia linguística a que chegam os
habitantes das regiões que por uma ou ou-
tra circumstancia têm mais relações com
gentes do outra *lingua* que com os nacio-
naes. Nas povoações espanholas de Bran-
dianes, Pino, Gamones, etc., a que os mi-
randezes se viram durante muito tempo
obrigados a recorrer exclusivamente, seus
habitantes falam um *jargão* em que se en-
contram as mesmas palavras que no terri-
torio mirandez tanto têm chamado a aten-
ção nestes últimos tempos, so bem pronun-
ciadas com a aspiração e guturalidade que
são proprias de aquelles povos. — Um *dia-
lecto* propriamente dito, é uma derivação
de uma *lingua* principal, mas derivação que
carece de estabilidade, pois entre os povos
que falam um mesmo *dialecto* encontram-
se não só variedades de pronuncia, senão
diferença de vocabulos, como se nota no
dialecto galêgo, que não só varia de pro-
nuncia de uma para outra provincia, senão
de comarca para comarca, e até, na algumas,
de povoação para povoação, sem contar que
no galêgo de Lugo ha vocabulos desconhe-
cidos na Corunha, como nesta o ha que nem
em Orense nem em Pontevedra se conhe-
cem. O *dialecto* asturiano, oferece muito
mayor uniformidade que o galêgo, e não
obstanto nota-se diferença sensivel entre o
que se ouve em Castropol, perto da Gali-
za, e o que se prolonga até à região cha-
mada Montanha de Santander.

Linguagem é vocabulo muito mais exten-
so, mas por isso mesmo muito menos pre-
ciso que *lingua*. Qualquer sistema de si-
naes que exprimem o pensamento é uma
linguagem — quer elle obedeça a regras de-
terminadas quer não : ha *linguagem*
falada, *linguagem* *escrita* e *lingua-
gem* *accionada*. — Aplica-se tambem esta
palavra aos seres aheios á humanidade, e
até aos objetos inanimados, e assim diz-se
que os *animaes* têm a sua *linguagem*, e
tambem : a *linguagem* *das flores*, etc. —
Em sentido mais restricto exprime esta pa-
lavra o modo como se serve da sua *lingua*
quem exerce uma profissão, e tambem co-
mo nella se exprime quem está dominado
por uma paixão ; e nessa acceção que se
diz *linguagem* *técnica*, *linguagem*
médica, a *linguagem* *da cólera*, etc.

Jargão, vocabulo que o sr. Cândido de

Figueiredo define: «calão, gíria; língua-gem estropeada», seria um galicismo desnecessário se tivesse em português as accepções que o illustre socio da Academia Real das Ciências de Lisboa lho attribue.—*Jargão* é a palavra adoptada para exprimir uma idéa de cousa que não existe entre nós: aquilo a que os Francezes dão o nome de *patois* (¹), que nós não podemos escrever *patuá*, como os Francezes pronunciam, pela simples razão de ser forma que não se coaduna com a índole gráfica da nossa língua.

Geringonça ou *gerigonça* é o termo que em portuguez equivale ao francez *jargon*, e diz-se de toda *linguagem* ininteligível, quer pela natureza dos termos nella empregados, quer pelo modo confuso e obscuro de nelle se dispõem expressões conhecidas para exprimir idéas que geralmente se designam de outro modo. Desprezativamente dá-se esse nome a uma *língua* estrangeira que nos parece rude.

Veja-se também o artigo **Calão**, na página 190.

Merece lêr-se o que de *linguagem*, *língua*, *idioma* e *dialecto* nos diz Roquette, apesar de não concordarmos com o que elle diz do penúltimo de estes vocábulos. Exprime-se assim:

«De todos estes vocábulos o mais genérico é *linguagem*, pois representa a manifestação dos pensamentos por meio de sons articulados; e em sentido figurado, tudo o que exprime os nossos pensamentos é uma especie de *linguagem*. O gesto, a palavra, a escritura, a pintura, a escultura são especies de *linguagem*; e também dizemos *linguagem muda*, a *linguagem das flores*, porém no sentido figurado, e não no proprio, como dá a entender o autor dos Sinónimos da língua portugueza.

«*Língua*, no sentido recto, designa aquella parte carnosa e móvel que está collocada na bôca do animal, e é o órgão princi-

pal do gosto e da palavra nos homens; e em sentido translativo significa esta palavra o conjunto de vozes ou termos com que cada nação exprime seus conceitos.

«Ainda que estas duas palavras se confundam muitas vezes, pela unidade de sua origem, são contudo mui diferentes. O material das palavras e seu enfiar termina o que se chama *língua*: esta não tem relação senão com as idéas, com os pensamentos, e com a intelligencia dos que a falam. A *linguagem* parece que tem mais relação com o carácter do que fala, com suas intenções, com seus interesses. O objecto de um discurso determina a *linguagem* do que o pronuncia; cada um tem a sua *linguagem* particular, segundo suas paixões; por esta razão, uma mesma nação com uma mesma *língua*, pode em diferentes épocas ter *linguagens* diferentes, se mudou de costumes, de inclinações, de interesses. A *linguagem* de nossos trovadores até ao tempo de El-Rei D. Diniz era muito diferente da dos primeiros bucolicos, e a de estes também é diferente da dos epicos, ainda que todos falassem portuguez. A *linguagem* de um homem manso, prudente e bem educado, é mui diferente da de um camponez colérico, grosseiro e mal criado, ainda que ambos falem a mesma *língua*.

«Diz-se a *linguagem da vista*, do gesto, porque a vista e o gesto são destinados pela natureza a seguir os movimentos que as paixões lhes sinalam, e consequentemente a exprimi-los com tanta mais energia, quanto é mayor a correspondencia que existe entre o sinal e a cousa significada que o produz.

«*Idioma* é palavra grega, *idioma*, que significa propriedade particular, e também *linguagem* particular, de *idios*, especial, particular, e designa a maneira particular de falar uma *língua*. Refere-se este vocabulo ás locuções proprias de cada *língua* ou idiosmismos, pelo que é mais proprio quando quizermos falar das diferentes épocas de florescimento ou decadencia da litteratura de uma nação, em que sua *língua* se enriqueceu de locuções novas, elegantes o expressivas, que, por assim dizer, lhe aperfeiçoaram as feições e determinaram o génio, ou em que ella se empobreceu, desfigurou, e quasi que se abastardou.

«*Dialecto* é igualmente palavra grega, *dialectos*, que significa *linguagem* particular de uma provincia, colonia ou cidade, derivada e alterada da *língua* geral de onde procede, na pronuncia, na acentuação, nos accidentes grammaticos, etc. A *língua* grega tinha quatro principaes *dialectos*, o Attico, o Dórico, o Jónico e o Eólico, além de outros menos notáveis, a que se podem chamar *subdialectos*, como o Beótico, o Siracusano, o Siríaco, etc.

(¹) «Le *patois* est un dialecte dégénéré, qui a cessé d'être langue littéraire, s'il l'a jamais été, qui n'est parlé que par le bas peuple, dans une province ou un canton, et qui est remplacé, dans la bonne compagnie, par une autre langue, la langue officielle; c'est ainsi que la croisade des Albigeois ayant détruit la civilisation de la France méridionale, la langue d'oc cessa d'être littéraire, et se subdivisa en une foule de *patois* locaux, tandis que la langue d'oïl, parlée par les Français du nord devenait la langue officielle et littéraire; celle-ci, de son côté, ayant reçu sa forme complète, les divers dialectes qui l'avaient formée ont dégénéré en *patois* picard, normand, bourguignon, etc.» (Gruyot).

« Consiste o *dialecto*: 1.º no uso de palavras estranhas a outros *dialectos*; 2.º no uso de significações particulares a certos *dialectos*; 3.º na variação da estrutura das palavras, trocando, aumentando ou diminuindo as letras, ou invertendo a ordem das mesmas; 4.º na alteração das formas das palavras declináveis, já dando-lhes terminações diferentes da *lingua* comum, já classificando-as em diversa declinação ou conjugação; 5.º na sintaxe.

« O que aconteceu aos Gregos em quanto aos *dialectos*, aconteceu a alguns povos da Alemanha, da Italia, das Espanhas, e ajuda aos Indios do Brasil, cuja *lingua* geral, que se falava em quatrocentas leguas de costa (!), tinha diversos *dialectos*, como observou o padre Vieira, que nos principaes de elles compoz catecismos para doutrinar os mesmos Indios ».

Diario, diurno, quotidiano. — *Diario* diz-se do que corresponde a um dia, quer completo, quer incompleto. A *produção diurna* de uma fábrica é o que essa fábrica produz nas horas de trabalho de cada dia, quer esse trabalho nunca cesso, quer se limite somente a algumas horas. O *gasto diurno* de uma casa é a despeza que elle faz cada dia. — Assim *diario* corresponde perfeitamente à idéa que fariamos do que fosse representado pela expressão: *trigésima parte do que é mensal*. — *Diario* diz-se também do que succede ou se faz geralmente uma vez cada dia. *Um médico faz uma ou duas visitas diurnas ao doente. Ha uma carreira diurna de vapores entre Mértola e Vila Real de Santo Antonio.*

Diurno tem por antónimo a *nocturno*; portanto *diurno* é o que se faz ou aparece só quando o sol está no horizonte: os *guardas de segurança pública* têm, ora *serviço diurno*, ora *serviço nocturno*. — Na *linguagem astronómica*, *diurno* tem uma significação particular que qualifica cada rotação de um planeta em torno do seu eixo, ou o que se mede pelo espaço de tempo que dura uma de essas rotações.

Quotidiano é o mesmo que *diario*, mas supera a esta palavra em qualificar aquillo que é fixo, exacto, regular. O que é *diario* pode faltar excepcionalmente, ou periodicamente em determinados dias; o que é *quotidiano* nunca falta. Ha muitos *periódicos diários* que não se publicam ao domingo; os *quotidianos* aparecem todos os dias.

De *diario* e *diurno* diz Riquete:

« A palavra *dies*, dia, é a raiz de estes dois vocábulos; mas como dia significa ora o espaço de tempo que dura a claridade do sol sobre o horizonte, ora o que

« o sol gasta em seu giro completo; designa cada um de estes adjetivos sua respectiva relação do dia quanto ao sol.

« *Diario*, no sentido mais usado, é o que corresponde a todos os dias, ou que se faz num dia; *diurno*, o que pertence ao dia, ou se faz de dia, por opposição a *nocturno*. — O trabalho que um operário faz durante 24 horas do dia natural chama-se *diario*, e o mesmo se pode dizer do seu gasto ou despeza; mas se falarmos de seu trabalho *diurno*, designaremos precisamente o que elle faz durante o dia artificial desde que o sol nasce até que se põe, e acrescentaremos de mais a contraposição de trabalho *nocturno*, que se supõe faz esse opposição.

« Apesar de que o autor dos Sinónimos da *lingua* portugueza diz que o giro inteiro do sol á roda da terra se deve chamar movimento *diario*, e assim parece pela definição que damos a esta palavra, é costume certo que na *linguagem astronómica* a palavra *diario* não é usada. Mas sim *diurno*, não só para designar o dia artificial, mas também o natural, ou o espaço de vinte e quatro horas. O doutor Tavares, no seu excelente Compendio de geografia e cronologia, não usa da palavra *diario* para designar o giro completo do sol, antes fala muitas vezes dos *circulos diurnos* do sol, que é o giro completo de este astro em vinte e quatro horas, e não o espaço de tempo que sua claridade dura sobre o horizonte. — A Academia hespanhola diz, falando do movimento *diurno*: « Es la vuelta que hace un astro en veinticuatro horas ». Beauré diz nos seus Sinónimos: « On dit en astronomie, la révolution diurne de la terre, pour désigner sa révolution autour de son axe en vingt-quatre heures ».

« Rigorosamente falando, para os astros não ha dia nem noite, esta é só para nós quando o planeta que habitamos nos impede de ver o astro que nos alumia. Para evitar pois a homonymia e conciliar ao mesmo tempo a *linguagem científica* com a nossa maneira de falar, parece-nos que o melhor seria chamar *diurno*, como na verdade se chama, ao movimento de vinte e quatro horas, o qual se opõe a *anual*; e chamar *arco diurno* ao espaço que o sol percorre desde que aparentemente nasce até que se põe no horizonte ».

Diario, jornal, periódico. — Falando de *gazetas*, o vocábulo *periódico* é o mais genérico e o único que se presta a hons derivados — *periodicismo*, *periodicista*, *periodicistico*, tendo cunho muito mais local que *jornalismo*, *jornalista*, *jornalístico*, etc. E além de isso termo que convém a toda especie de *gazeta* que se publique regularmente em periodos determinados, vantagem que logicamente não se pode

(!) « A primeira gramática que de esta *lingua* se publicou foi composta pelo grande Anchieta. (VIEIRA, VI, p. 520) ».

atribuir a *jornal*, tradução do francez *journal* (de *jour*, dia), pois dizer que um *jornal* é *hebdomadario*, é anomaia algo parecida a *quotidiano semanal*.

Diario diz-se bem dos periódicos que saem todos os dias, e até mesmo se pode dizer dos que deixam de publicar-se nos dias santificados, pois este vocábulo, como vemos no artigo precedente, não é tão rigoroso em sentido como o seu sinónimo *quotidiano*.

Dicção, palavra, vocábulo, termo, voz, expressão. — *Dicção* é *palavra* considerada em quanto aos seus accidentes de propriedade, estilo, o *expressão*: *dicção correcta*, *dicção elegante*, etc.

Palavra é termo genérico, correspondente ao *verbum* latino, e diz-se de todo sinal representativo da idea pela linguagem, mas considerado apenas materialmente, isto é, nas suas relações gramaticaes, linguísticas ou filiológicas. *Palavra simples*, *palavra composta*, *palavra comprida*, *palavra curta*, etc.

Vocábulo é a *palavra* considerada em quanto á sua pronuncia ou som: *vocábulo sonoro*, *vocábulo grato ao ouvido*, *vocábulo adriaculo*, *vocábulo grave*, *vocábulo agudo*, etc.

Termo é a *palavra* considerada em quanto á idea que exprime, ou ao uso que de ella se faz *termo consagrado*, *termo forense*, *termo técnico*, etc.

Voz diz-se da *palavra* considerada como expressão de um sentimento, de uma paixão. Não pode pois dizer-se da *palavra* escrita.

Expressão tem mayor sinonímia com *termo* que com os outros vocábulos do grupo. Diferencam-se estas duas palavras em *termo* ser objectivo, posto que se refere á idea que exprime, e *expressão* ser subjectivo, por se referir á acção directa do sujeito que fala, ao seu modo de exprimir o pensamento. O valor de cada *termo* está indicado na lingua pelo *diccionario*, pela gramática; o valor da *expressão* depende do orador ou do escritor, do modo como elle combina ou emprega as palavras para traduzir as suas idéas e pensamentos.

Do *palavra*, *voz*, *vocábulo*, *termo* e *expressão* diz Roquette:

« *Palavra* é uma voz articulada, de uma ou muitas sílabas, que significa um conceito ou pensamento da alma, ou suas modificações. *Voz* é o som formado na garganta e proferido pela boca do animal; em sentido translativo, é o mesmo que *vocábulo*, que é uma voz significativa propria de algum idioma. *Termo* é o *vocábulo* proprio da ciencia, arte ou disciplina de que se trata, ou da linguagem e estilo em que se fala. *Expressão* é a *palavra* ou *palavras* com que se declara o conceito da alma, o que passa nella.

« *Voz* e *vocábulo* referem-se mais comumente á composição material e ás circunstancias gramaticaes da lingua á que pertencem. *Palavra* refere-se com particularidade á pronunção e circumstancias em que tem parte a pronunção e o ouvido. *Termo* refere-se á precisão de enunciar as idéas do modo mais conforme ao assunto que se trata. *Expressão* refere-se mais particularmente ao modo como expressamos os primos pela voz nossos conceitos ou sentimentos, e á qualidade dos *vocábulos* com que os enunciamos.

« O dom da *palavra* é um dos privilegios da especie humana; pronunciando *palavras* manifesta o homem do modo mais nobre e eficaz seus pensamentos; a variedade de estas *palavras* e de suas variações, a diferente maneira de as pronunciar, e as inflexões com que se articulam, constituem as linguas. Cada idioma tem seus *vocábulos* particulares, e de elles depende a pureza da linguagem. Os *termos* de cada ciencia ou arte formam uma especie de lingua diferente da vulgar, que ordinariamente só entendem os que a estudaram, mas que servem de fundamento a um sentido figurado na linguagem ordinaria e comum. Das expressões nobres, engraçadas e energicas depende a elegancia da frase e a beleza do estilo.

Diccionario, léxico, vocabulario, glossario, elucidario. — *Diccionario* diz-se da collecção de todas as palavras de uma lingua dispostas por ordem alfabética, e segundas da sua definição ou da sua tradução noutra lingua. — Dá-se tambem este nome a qualquer collecção de termos e nomes de determinados ramos do saber humano, como historia, geografia, veterinaria, etc., dispostos, como no anterior, pela ordem alfabética, e seguidos de quantas indicações os podem tornar comprehensíveis. Parece-nos que seria mais proprio designar esses livros com o titulo de *Diccionario dos termos de medicina*, *dos termos de teologia*, etc., que intitular os simplesmente *Diccionario de medicina*, *de teologia*, etc.

Léxico diz-se apenas dos *diccionarios* das linguas clássicas antigas e particularmente do *diccionario* da lingua grega.

Vocabulario é termo de significação muito indefinida, pois emquanto uns dão esse nome á collecção de todos os vocábulos de uma lingua, seguidos de breves definições, outros pretendem dal-o á collecção de todos os termos simples da lingua para guiarem na sua orthografia, e outros apenas á collecção de certos termos menos usuaes, ou tão só aquellos empregados por um autor.

Glossario é um *vocabulario* que explica termos obscuros por meio de outros conhecidos. Seria útil que algum erudito fizesse um *glossario* completo dos termos arábicos e

godos que correram em Portugal durante a primeira dinastia.

Elucidário é o nome que o padre Joaquim de Santa Rosa de Viterbo deu ao seu glossário de antigos termos portugueses. Posteriormente tem-se dado esta denominação a varlos outros vocabulários.

Diccionario portuguez, dictionario da lingua portugueza. — O *diccionario portuguez* inscreve todas as palavras da linguagem portugueza, isto é, tanto os termos admiittidos, como os proclanismo, termos locaes, etc. — No *diccionario da lingua portugueza* não podem ter cabida senão os termos sancionados pelo bom uso.

Diccionarista, lexicographo. (1) — Todo individuo que se concreta a intercalar entre os vocábulos já inseritos nos dictionarios de uma lingua outros vocábulos que elle colligiu, ou a acrescentar aos vocábulos já colecionados novas accepções que a investigação lha deparou, é um *diccionarista*.

Lexicographo é aquelle que, além do trabalho do *diccionarista*, descreve ou faz a historia de cada um dos vocábulos do dictionario, indicando as diferentes evoluções que elle tem feito desde o berço da lingua até á actualidade, ensinando quaes são as accepções que o bom uso lhe reconhece, quaes aquellas em que elle pode ser tolerado, e quaes as que de elle devem ser evitadas — se bem não lhe pertença excluir nenhuma.

Dictâme, parecer, opinião, voto. — A *opinião* é individual ou colectiva; os outros vocábulos do grupo, e com particularidade *voto*, designam idéas individuais.

A *opinião* individual pode calar-se ou ser communicada a outrem; a colectiva é conhecida de muitos. — Não existe *dictâme*, *parecer* ou *voto* antes de ser enunciado.

Opinião é o julgo que se forma sobre qualquer pessoa, objeto ou assunto.

Parecer é a *opinião* que resulta de um exame detido.

Dictâme é o *parecer* de pessoa grave, entendida ou perita.

Voto é a expressão da vontade ou da opinião do individuo.

O que os jornaes chamam *opinião pública* não é outra coisa senão a *opinião* que a alguns conviria que fosse a *opinião* do público.

(1) São do Dictionario do sr. Cândido de Figueiredo as definições seguintes:

« **DICIONARISTA**, m. autor de dictionário ou de dictionários; lexicographo. (De « *diccionário* »).

« **LEXICÓGRAPHO**, m. o mesmo que *diccionarista*. (Do gr. *lexikon* + *graphein* »).

Obramos conforme ao **parecer** dos nos sos amigos.

Acalamos o **dictâme** do advogado.

Damos o nosso **voto** a quem supomos mais digno.

Roquete fala acertadamente de *opinião*, *parecer* o *dictâme*. Els o que elle diz:

« Tem-se a *opinião*, dá-se o *parecer*, ou o « *dictâme*; aquella só explica o julgo que se « forma num assunto em que ha razões pró « e contra; estes explicam a exposição da « *opinião*. — *Fulano tem a sua opinião*, po- « rêm não a manifesta. Dou meu *parecer*, « ou meu *dictâme*, segundo a *opinião* « que tenho.

« Entre os vocábulos *parecer* e *dictâme*, « ha a differença que o primeiro applica-se « com mais propriedade quando se trata da « existencia de uma cousa, da asserção de « um facto; e o segundo, quando se trata do « que se deve executar, do partido que se « deve preferir. — O *parecer* do médico re- « cê sobre os sintomas e conhecimento da « doença; o *dictâme* sobre a resolução que « deve tomar-se para cural-a, os remedios « que se devem tomar ou preferir.

Didáctica, pedagogia. — Estas palavras são apenas remotamente sinónimas.

A *pedagogia* é a arte de bem educar e instruir as creanças.

A *didactica* é a arte do ensino literario ou científico em geral.

Diferença, dissimilhança, disparidade, variedade, diversidade. — A *diferença* consiste numa serie de gradações que faltam ou não existem entre o que se compara; é uma qualidade característica que existe precisamente por não existir. A *diferença* entre dois e trez está no um que não ha; a *diferença* entre o branco e o preto reside no que o branco não tem para ser preto, e vice-versa.

Esta qualidade não está illimitada a um ou outro predicado, a este ou aquelle accidente: abrange quanto pode cair sob o dominio dos sentidos e da intelligencia que compara: essencia, forma, aspecto, tudo constitue *diferença*. Portanto, este termo é genérico, e de elle são especies os restantes do grupo.

A *dissimilhança* é a *diferença* entre o que não é semelhante; é consequentemente vocábulo relativo á forma e não ao fundo ou essencia da pessoa ou da cousa que se compara. Dois objetos diferentes podem não ser *dissimilhanças*, por exemplo, dois círculos, um original e o seu retrato, etc.; mas um triângulo e um quadrado são não só *diferentes* mas tambem *dissimilhanças*. A *dissimilhança* pode ás vezes consistir numa mul pequena *diferença*, por exemplo a que se nota entre o *bl* e o *fa* mayúsculos do alfabeto alemão.

Disparidade é a *diferença* que se nota en-

tre duas qualidades que se opõem ou se contradizem. Diz-se do que é moral, e só impropriamente do que é físico, por haver outros termos adequados a tal caso. Ha *disparidade* entre dois caracteres, entre duas opiniões, etc.

Variedade é termo colectivo que designa, não uma simples *diferença*, mas um conjunto de objectos *diferentes* ou *dissimilares* que se acham reunidos, e cuja reunião produz um efeito qualquer em que, a par da *diferença*, se nota uma certa conformidade, geralmente agradável. Tal é o efeito que em nós produz o aspecto de um alegrete de cravos de diferentes cores.

Diversidade, também termo colectivo, indica opposição ou *diferença* absoluta na propria essência das cousas. — Quando dizemos a *variedade* das *raças humanas* consideramos as todas conglobadas no tipo-homem; ao passo que a *diversidade* das *raças humanas* reside na *diferença* que se nota a partir do bosquilman até ao indivíduo da raça branca — passando por todas as transições ou raças intermediárias.

Roque diz o seguinte de *distinto*, *diferente* e *diverso*:

« O *distinto* recae sobre a identidade mesma do sujeito; o *diferente* o *diverso* sobre seus predicamentos; porém *diverso* indica certa opposição, incoherencia ou disparidade, de que prescindindo por si só o *diferente*.

« A *distincção* é a falta de identidade. A *diferença* é a negação de perfeita similitude. A *diversidade* exclue a conformidade e supõe tal ou qual opposição entre o que se compara.

« *Pedro e João são duas pessoas distintas*, isto é, não é de um homem só que se fala, senão de dois indivíduos de espécie humana. *A agua e o fogo, considerados como corpos compostos a que antigamente chamavam elementos, são distintos*; considerados como substancias que não têm as mesmas propriedades, são *diferentes*; considerados como causa de efeitos contrários, são *diversos*. Um cão e um gato são *animas de distinta especie, de diferente figura, e de diversas inclinações* ».

Dificuldade, obstáculo, impedimento, estorvo. — A *dificuldade* é o que faz deter ou parar por efeito de causas inherentes à propria natureza do objecto; o *obstáculo* é o que produz esse mesmo efeito por causas alheias ao fim que desejamos alcançar.

Na resolução de um problema ha dificuldades que provêm da propria essência de elle. Uma ponte cortada é um obstáculo que se opõe ao avance do inimigo.

Impedimento é o que detém em virtude de uma opposição legal ou natural. A Egreja católica não põe *impedimento* ao matri-

monio de parentes próximos quando estes se sujeitam a comprar uma bula de dispensa. — Quando porém o *impedimento* se dá, não ha esforço físico ou intelectual que o possa vencer como ao *obstáculo* ou à *dificuldade*. *A paralisia impede* (não *dificulta*) o movimento.

O *estorvo* é um obstáculo facilmente removível, mas que certas circunstancias podem prolongar. *Uma visita estorva-me de trabalhar.*

Diffundir, espalhar, derramar, propalar, divulgar. — *Diffundir* é levar a todas as partes, próximas e remotas, não de uma só vez, mas continua e perennemente. Este verbo supõe um centro ou manancial que produz abundantemente e sem cessar o que se reputa de grande influencia no bem ou no mal; *diffundir* a *instrução*, a *riqueza*, o *erro*, etc.

Espalhar supõe movimento no sujeito, ao passo que *diffundir* só lhe reconhece influencia e tenacidade. No resto concordam estes vocábulos.

Derramar é soltar de si o que vae correndo ou amontoando-se.

Propalar é ir dizendo em diferentes lugares e direcções.

Divulgar, é tornar mui publico.

Diffuso, prolixo, longo. — *Diffuso* diz-se do autor ou orador que não se concreta a falar do assunto que pretendeu tratar; e *prolixo* de aquelle que, sem se desviar do assunto, o trata mui longamente. O autor *diffuso* traz a propósito factos ou questões mais ou menos accessorias, mas inúteis; o *prolixo* estende-se demasiadamente sobre a materia.

Tanto Roquete como Lacerda comprehenderam ao revés estes vocábulos, que um e outro compararam tambem com *longo*.

Diz o primeiro:

« Indicam estas tres palavras os defeitos que fazem pesado e fastidioso um discurso; uma obra, o estilo de qualquer autor, mas que entre si diforem.

« *Longo* ou comprido recae sobre a duração; *diffuso*, sobre o modo; *prolixo*, sobre a superfluidade minuciosa de cousas inúteis. — *Longo* ou comprido é o sermão que dura muito tempo; é *diffuso* quando o pregador trata com demasiada miudeza a materia, o ponto ou pontos de que se compõe; será *prolixo* o pregador se multiplicar inutilmente os epitetos ou adjetivos, se usar de perifrases em lugar de definições, se ajuntar explicações accessorias inúteis e fastidiosas, detendo-se em pequenas e ligelras circumstancias, etc. — A carta que o padre Vieira escreveu a el-rei D. Afonso VI acerca das missões na ilha dos Nehengalbas é *longa*, mas não é *diffusa*, e nenhuma *prolixidade* nella se nota. — Ao *longo* ou comprido

« opõe-se o curto; ao *diffuso*, o lacónico; ao « *prolixo*, o conciso ».

Diz Lacerda:

« Com referencia a uma obra literaria, e « ao estilo de um autor, indicam estas pa- « lavras defeitos, que, differindo entre si, « por igual o prejudicam. É *longo* o dis- « curso que dura muito tempo; é *diffuso* « quando trata a materia com muita mu- « deza, demorando-se demasadamente com « algumas circumstancias menos importan- « tes; é *prolixo* se descer a minuciosidades, « fizer digressões que não vêm a ponto, e « amontoar palavras em vez de definir e fi- « xar idéas ».

Dignidade, majestade.—Provém a *dignidade* da essencia da pessoa, e a *majestade* das suas exterioridades. Não ha *majestade* sem grandeza, mas ha *dignidade* até na mais summa pobreza e na mais infima humildade. Assim é que se diz a *dignidade* do carácter, e a *majestade* da presença.

Dizer a *majestade divina*, a *majestade de Deus* não é senão materializar a divindade: Deus não é *majestoso*: Deus é Deus, e o que Deus é não pode o homem sabel-o.

Fala agora Roquete:

« Referem-se estas duas palavras á im- « pressão que em nós causam os procede- « res ou maneiras das pessoas, ou os em- « nentes attributos e qualidades que distin- « guem algumas de ellas.

« Consiste a *dignidade* em ter idéas e « sentimentos elevados e nobres que se « manifestam nas palavras e actos extero- « res, pelo que a pessoa que assim obra in- « spira em geral respeito e veneração. A « *dignidade* pode acabar-se em todas as clas- « ses da sociedade; pois todas admitem « sua grandeza relativa.

« A *majestade* consiste numa grandeza « exterior propria só das classes mais ele- « vadas, a qual atráe a si a veneração, o « respeito, a consideração de todos os infe- « riores.

« A *majestade*, considerada em sentido « recto, é um attributo da divindade, dos « reis, dos príncipes. — Diz-se a *majestade* « de Deus, a *divina majestade*, porque Deus « é infinitamente superior a quanto existe; « a *majestade do universo*, porque elle nos « apresenta um espectáculo admirável e « assombroso; a *majestade de um templo* « porque é a principal morada do ente su- « premo; a *majestade das leis*, porque « de ellas dimana toda a pública authori- « de; a *majestade dos reis* porque estão « investidos do supremo poder. De esta « idéa está possuido o nosso poeta quando « disse a el-rei D. Sebastião:

« Inclinaes por um pouco a *majestade* « Que nesse tenro gesto vos contemplo;

« Quo já se mostra qual na inteira idade, « Quando subindo ireis ao eterno templo».

(Lus., I, 9.)

Digno, mercedor.—*Ser digno* de de uma cousa é ter direito a essa cousa pelos méritos proprios, pelas suas qualidades, por se ser quem se é.

Ser mercedor de uma cousa, é ter feito algo que faça merecer essa cousa. *Pode-se merecer* aquilo de que não se é *digno*.

Assim a idéa de *digno* não pode, pela sua propria essencia, ter por complemento um nome de cousa má; não se dirá, pelo me- nos com propriedade, *digno de castigo*; mas dir-se-á *mercedor de castigo*.

Digressão, divagação, (diver- são, distração).—Nestas palavras, a verdadeira sinonímia está entre *digressão* e *divagação*, das quaes, a primeira, designa o que está fora do assunto ou tema que se trata; e a segunda, o desvio do espirito que abandona o assunto que trata. — As *digressões* tornam *diffuso* o orador, e as *divagações* mostram ao pouco interessado pela causa que defende.—Por isso se chamam *digressões* ás evasivas, e *divagações* ás distrações.

Lacerda faiz da *digressão*, *diversão* e *distração* do modo seguinte:

« A *distração* é o afastamento da nossa « atenção de um objeto exterior para a « empregar noutro interior. A *diversão* é o « acto pelo qual levantamos a atenção por « algum tempo do objeto que a occupava pa- « ra a empregar em qualquer outro. *Digres- « são* é quando largamos o fio do discurso « que seguamos, ou nos desviamos do ca- « minho que levávamos, e fazemos um ro- « deio para voltar ao ponto donde parti- « ramos ».

Dilacerar, despedaçar.—Em *dilacerar* predomina a idéa de violência e crueldade; em *despedaçar*, a do estado a que fica reduzido o objeto despedaçado. O *lobo despedaça a gresa*, o *tigre dilacera-a*.—*Coração dilacerado*, é frase que diz muito mais que: *coração des- pedaçado*.

Dilapidar, dissipar, esbanjar, prodigalizar.—*Dilapidar*, que propriamente significa arruinar e espalhar as pedras arrancadas, emprega-se no sentido de gastar como perdulario, comparando essa acção com a dos vândalos que destróem os monumentos e dispersam seus materiaes. Diz-se com relação ás grandes fortunas, reúnidas talvez á custa de sacrificios, e que são gastas á toa e sem o menor proveito.—Aplica-se muito apropriadamente este verbo aos governos que abnsi-

ya e estultamente arruinam as nações. *D. João V, que em tudo quiz macaquear a Luiz XIV, dilapidou o erário.*

Dissipar, que se applica ás grandes e ás pequenas fortunas que se consomem no luxo, nos prazeres e nos vícios, compara-as ao fumo que desaparece nos ares.

Esbanjar (vocabulo derivado de *bojo*, ou volume que faz a bolsa repleta) não indica um resultado tão completo como os verbos precedentes. É termo familiar, que melhor se applica ao modo de gastar á toa o rapidamente o dinheiro que se traz comsigo.

Prodigalizar chama principalmente a attenção para a incuria do pródigo que *dissipa* ou *dilapida* os seus bens.

Dilucidar, elucidar. — *Dilucidar*, devido á atenuação que lhe imprime o prefixo *dis*, só impropriamente se pode dizer no cabal sentido que tem *elucidar* (¹). *Dilucidar* significa: «dar apenas algumas luzes, tornar mais claro o obscuro».

Elucidar significa tornar claro, esclarecer completamente, explicar.

Vêja-se o artigo **Aclarar** na página 30.

Dimanar, emanar, manar. — Entre *dimanar* e *emanar* nota-se a mesma differença que acabamos de determinar entre os vocabulos do artigo precedente: *dimanar* sendo uma atenuação de *emanar*, como este o é de *manar*.

Manar diz-se do que brota perone e abundantemente; *emanar* do que vem com força, e figuradamente do que sae ou se deriva directa ou immediatamente de alguma causa poderosa; e *dimanar* do que brota serenamente; e, no sentido figurado, do que deriva mediatamente de algo. *Manam os rios das fontes; emanam dos pântanos os miasmas deletérios; dimana o sangue do coração.*—É da doutrina católica que o poder de ligar e desligar *dimana* nos sacerdotes, e *emana* no papa, do proprio Deus.

Diplomática, paleographia. — *Paleografia* é a arte de descifrar a escripta antiga: não se pode comprehender que haja tabeliões desconhecedores da **paleografia**.

A diplomática é a paleografia applicada aos mais antigos documentos, diplomas, cartas régias, etc., ainda que escriptos em latim bárbaro.

Direita, maioria; esquerda, minoria.—O sr. Cândido de Figueiredo não insere no seu Dicionario a acepção em que aqui consideramos o vocabulo *di-*

reita como sinónimo de *mayoria* parlamentar. Não obstante é útil determinar as significações de este vocabulo.

Faendo do parlamento portuguez, os dois vocabulos, *direita* o *mayoria*, são sinónimos perfeitos—a *mayoria* ficando sempre sentada á direita da *minoría*, sejam quaes forem... não diremos as idéas, mas o partido que essa *mayoria* represente.

Não se dá porém o mesmo que entre nós em todas as nações, a *direita* sendo sempre occupada em alguns parlamentos pelos representantes das idéas conservadoras e a esquerda pelos que representam as idéas liberaes, ainda quando a *mayoria* pertença a estes. Neste caso, *direita* é antónimo, o não sinónimo, de *mayoria*.

De estes vocabulos se deprehendem os seus opostos: *esquerda* e *minoría*.

Direito, jurisprudencia.—A ciencia das leis é chamada ora *direito*, ora *jurisprudencia*.

O *direito* é absoluto e geral; pode dizer-se que elle é a ciencia das leis consideradas na sua essencia, isto é, nas suas relações com a morai e com a liberdade animai do homem.

A *jurisprudencia* é a ciencia da applicação do *direito*.—O *direito* tem regras fixas; a *jurisprudencia* interpreta-as.

Direito, justiça.—*Direito* é a possibilidade de gozar do livre exercicio da nossa liberdade (¹), attendo a quo esta termina onde principia a liberdade de outrem. Assim, *direito*, é o que cada qual pode exigir e revindicar em conformidade com a lei natural mitigada pela lei social.

Justiça é a qualidade do que é conforme ao *direito*, ou seja, a expressão do sentimento de quem, exercendo o seu *direito*, reconhece no mesmo tempo o *direito* dos outros para não ib'o tolher.

Rouquete diz o seguinte:

«O *direito* é o objeto da *justiça*, isto é, o que pertence a cada um. A *justiça* é a conformidade das acções com o *direito*; isto é, dar e conservar a cada um sua propriedade. O *direito* é ditado pela natureza, ou estabelecido pela autoridade divina ou humana; pode variar algumas vezes segundo as circumstancias. A *justiça* é a regra que é necessario seguir; não varia nunca».

Direito, recto, em pé.—*Recto* tem um sentido mais rigoroso que *direito*. O caminho que vae *direito* de Lisboa a Cintra está muito longe de ser um caminho *recto*.—Dizemos que a *linha recta* é a mais curta distancia que ha entre dois pontos. Em *pé* diz-se do quo não está deitado ou

(¹) Outro ponto em que discrepamos da indiscutível autoridade e reconhecida competencia do sr. Cândido de Figueiredo.

(¹) Vêja-se o que dizemos de *liberdade* no artigo **Alvedrio**, página 81.

caído; *direito* diz-se do que não está inclinado nem curvado. Quando o ancião está *em pé*, o seu corpo não está *direito*, pois o peso dos anos o obriga a curvar-se.

Dirigir, guiar, (conduzir, levar). — *Guiar* é mostrar o caminho; *dirigir* é não só mostrar o caminho, mas também ensinar a percorrel-o. Quem *guia* só pretende que o sigam; quem *dirige* exige que lhe obedecam. — *A bússola guia e o timoneiro dirige o navio.*

Veja-se o artigo **Conduzir** na página 289, de cujos vocábulos e de estes nos diz Roquete:

« *Guia-se* mostrando, ensinando o caminho, indo deante; *dirige-se* encaminhando, instruindo, dando direcção de qualquer modo que seja; *conduz-se* dirigindo, regulando a marcha como chofo; *leva-se* conduzindo pela mão, ou ajudando a andar, dando forças, metendo ânimo, e tal vez arrastando por força.

« O postúllho inteligente *guia* bem ao *correlo* que não sabe o caminho. O *pao*, o *mestre*, o *ayo*, o *mentor*, *dirige* com proveito o *filho* obediente, o *discípulo* dócil, o *alumno* applicado, na *carroira* da *educação* e dos *estudos*. Um *bom piloto* *conduz* o *bem* o *navio* ao *porto*. O *coronel* *leva* seu *regimento* ao *combate*.

« *Guiar* faz relação directamente aos meios; *conduzir*, ao fim. Um *traldor* *guia-nos* por um *atalho*, para *conduzir-nos* ao *sítio* onde está *emboscado* o *inimigo*. — *Dirigir* faz relação a um *termo*, a um *fim* determinado. Quem *guia* o *conduz* *vae* em *pessoa*, o que *dirige* *pode* dar os *sinaes* ou *direcção* sem *ir* elle *mosmo*. — *Levar* indica *dispor* do *objecto* á sua *vontade* ou *de* sua *marcha*, o ás *vezes* *tomando* o *em* seus *hombros* ou *nos* *braços*.

« *A bússola guia* ao *navegante*; o *piloto* *conduz* o *navio*; o *leme* o *dirige* na *derredora*; os *ventos*, *enfundando* as *vélas*, o *levam* ao *porto* ».

Discernimento, juízo, razão. — O *discernimento* *leva* a *distinguir*; o *juízo*, a *julgar* e *decidir*; ambos *provêm* da *razão*.

Roquete diz a este respeito, mas falando só de *discernimento* o de *juízo*:

« O *discernimento* é certamente uma operação da *faculdade* de *julgar*; é por conseguinte uma *especie* de *juízo*, mas o uso tem *atribuído* a cada *um* de estas expressões *certos* *limites* que *importa* não *confundir*.

« *Discernimento* é aquelle *juízo* recto que *formamos*, por *meio* do qual *chogamos* a *distinguir* as *cousas* umas das *outras* por *suas* *diferenças*, e a *compreender* estas *por* *meio* de *seus* *sentidos*, *separando* o *umas* das *outras* que *lhes* são *mais* *immediatas*, *descobrimo* os *sinaes* que *impedem* de *que* se *confundam*.

« *Juizo* é a *faculdade* da *alma* que *juilga* das *cousas*, de *suas* *relações*, de *sua* *conformidade* ou *desconformidade* com *outras*; é um *conhecimento* que *decide*, é a *operação* do *entendimento* pela *qual* se *combinam* *duas* *idéas* *diferentes*, ou se *afirma* que *uma* *cousa* é ou *deixa* de *ser*; é a *prudencia* no *falar* o *obrar*. *Tambem* *por* *extensão* se *chama* *juizo* á *opinião*, ao *parecer*, ao *dictame*, que *formamos* das *cousas*, ou ao *que* *damos* a *outrem* *acêrca* de *ellas*.

« O *objecto* do *discernimento* é *tudo* o que *convém* *saber*, e se *limita* ás *cousas* *presentes*. *Distingue* o *discernimento* o *verdadeiro* do *falso*, o *perfeito* do *imperfeito*, os *motivos* *bem* *fundados* dos *aparentes* *pretextos*. — O *juizo* *atende* *mais* ao *que* se *ha-de* *fazer*, e *extende* *suas* *reflexões* até ao *futuro*; *percebe* as *relações* e as *consequências* das *cousas*, e *prevê* *seus* *efeitos*. — *Pode* *dizer-se* do *discernimento* que é *claro*, que *presenta* *idéas* *exactas*, que *impede* o *erro*, e *livra* de *cair* em *falsidades*. *Pode-se* *dizer* do *juizo* que é *recto*, que é *sábio*, que *nos* *conduz* a *proceder* com *prudencia*, a *evitar* *extravios*, *absurdos* o *extravagancias*. — O *discernimento* *refere-se* á *especulativa*, e *aproveita* nas *investigações* *filosóficas*; o *juizo* *refere-se* á *prática*, e *nos* é *muito* *útil* na *vida* e no *modo* de *proceder*. — *É* *um* *necessario* e *que* *carece* de *discernimento*; é *um* *louco* o *que* *não* *tem* *juizo* ».

Lacerda, *tambem* *falando* *apenas* dos *dois* *principaes* *vocábulos* do *grupo*, diz:

« *Discernimento* é o *juizo* pelo *qual* *distinguímos* as *cousas* pelas *suas* *diferenças*, e as *comprehendemos*, *separando*; e *notando* os *sinaes* e *caracteres* que *impedem* que se *confundam*. *Juizo* é a *faculdade* da *nossa* *alma* que *juilga* das *cousas* e das *suas* *diferentes* *relações*; e *tambem* *se* *chama* *juizo* a *prudencia* no *falar* e *obrar*. *Por* *extensão* dá-se o *nome* de *juizo* ao *parocer* ou *opinião* que *formamos* *acêrca* de *alguma* *obra*, etc.

« *Tudo* o que *nos* *convém* *saber* *com* *referencia* ao *presente* é *objecto* do *discernimento*; o é *mais* *particularmente* *objecto* do *juizo* o *que* se *ha-de* *fazer*, e o *que* de *qualquer* *modo* se *refere* ao *futuro* ».

Discernir, distinguir. — *Discernir* é um *acto* puramente *mental*; ao *acto* de *distinguir* *pode* *ser* *mental* ou *verbal*.

Considerando a *discernir* e a *distinguir* como *actos* puramente *mentaes*, ha em *discernir* *anterioridade* a *distinguir*, pois que *para* *bem* *distinguir* em *certos* *casos*, é *necessario* *ter* *muito* *discernimento*. Além *disso*, *discernir* *supõe* *perspicuidade* e *prontidão*; *distinguir* *oxlgo* *finura* e *subtileza*.

A *operação* de *distinguir* é *mais* *individual* porque se *exerce* *muitas* *vezes* nas *partes* e *accidentes* de *uma* *mesma* *cousa*;

a de *discernir* é colectiva, porque não se pode exercer senão onde ha opposição, e consequentemente, nunca num só objecto.

Discordancia, desaccôrdo.—O *desaccôrdo* ou divergencia de opiniões é a causa do estado denominado *discordancia*.—Assim é que se deve dizer que o *desaccôrdo* vem de tal ou tal causa, se funda em tal ou tal razão; mas da *discordancia* não ha que determinar a causa, pois só pode provir do *desaccôrdo*.

Discreto, circumspecto.—Apossoa *discreta* procura dizer só o quo não pode comprometer; a *circumspecta* procura evitar o comprometimento. A *discreta* escolhe; a *circumspecta* evita.

Discreto, que não *circumspecto*, se diz da pessoa reservada, que sabe guardar um segredo, ou que de elle revela só quanto pode revelar sem perigo.

Diserto, facundo, eloquente, elegante.—O orador *elegante* pretende agradar, e o *eloquente* convencer; isto é, o *eloquente* ha-de ter uma *elegancia* máscula, e o *elegante* não se desviar das regras da *eloquencia*.

Facundo é o orador copioso e elegante no falar por possuir naturalmente o dom de persuadir; *diserto* é o que junta á elegancia do estilo, a propriedade dos termos e a variedade das expressões, escolhendo e dispondo com acerto os ornatos do discurso.

Els como Roquete se exprime a respeito de estes vocábulo:

«Se *elegante* é o mesmo que composto, «adornado, culto, sem affectação, selecto e «esmerado; e *eloquente* o bem e perfeita- «mente falado, com *elegancia*, pureza o *fa- «cundia*; é preciso olhar como rigorosa- «mente sinónimas estas duas vozes, porque «nestas duas applicações só se descobre uma «mesma idéa, isto é, a de graça e beleza na «elocução. Porém isto parece convir pecu- «liarmente á *elegancia*, a qual consiste na «formosura do estilo, na boa eleição das «palavras, na perfeita construção das cláu- «sulas, porque seu objecto é agradar, e não «á *eloquencia*, a qual consiste na energia «do discurso, na escolha das razões, na effi- «cacia dos argumentos, porque seu objecto «é persuadir.—Cícero é *elegante* nas suas «epistolas, *eloquente* em suas orações.— «Vieira é sempre *elegante* em suas cartas, «e por vezes *eloquente* em seus sermões. «Em *elegancia* excedeu-se a si mesmo na «censura á terceira parte da historia de S. «Domingos, de Fr. Luiz de Sousa; em *elo- «quencia* passou adiante a todos os orado- «res christãos no sermão contra as armas de «Hollanda pois quiz converter a Deus.

«*Facundo* é palavra latina, *facundus*, de «*fari*, falar, e designa propriamente o ho-

«mem bem falante, copioso no falar, que «tem boa elocução; distingue-se de *eloquen- «te* em que esta palavra reforço-se quasi «sempre á *eloquencia* considerada como ar- «te, e aquella ao dom de bem falar de que «a natureza dotou a muitos homens, po- «dendo citar-se com particularidade Ulys- «ses, que por isso tem o epíteto de *facun- «do*. A differença que fazemos entre *eloquen- «te* e *facundo* parece autorizar-se com aquel- «lo logar de Suetonio: *Eloquentes, attendit «Caius, quantumvis facundus*; Calo applicou- «se á *eloquencia*, posto que fosse *facundo* «(IN VITA, 53).

«Camões sentiu bem a differença que vae «de *elegante* a *facundo* naquelles formosos «versos om que fala de Dom Nuno Alvares «Pereira:

«Áquellas duvidosas gentes disse,
«Com palavras mais duras que *elegantes*,
«A mão na espada, irado, e não *facundo*,
«Ameaçando a terra, o mar o mundo.

(Lus., IV, 14).

«*Diserto* é palavra latina, *disertus*, mui «apropriada para designar certo grau mais «perfeito de *elegancia*, que não é *facundia* «nem *eloquencia*. O que á *elegancia* do es- «tilo junta a propriedade dos termos o a «variedade das expressões, e sabe dispo- «nhar os ornatos com acerto o simetria, «osse será *diserto*; tal é a idéa que de elle «nos dá Varrão, dizendo: «*Ut ositor disse- «ril in areis cujusque generis fructus, sic in «oratione qui facit, disertus*; assim como o «hortelão semeia hortaliças e legumes em «seus cantolros segundo suas espécies, de «igual modo faz na oração o *diserto* (de S. «L. V. 7).»—O ser *diserto* é qualidade mui- «to apreciável em quem escreve tratados «didácticos e philosophicos.—Cícero, *elegante* «em suas epistolas, *eloquente* em suas ora- «ções, é *diserto* em seus tratados philosophi- «cos; Vieira, sempre *elegante* em suas car- «tas e por vezes *eloquente* em seus sermões, «é *diserto* em seus Papéis pragmaticos.

Dispendioso, custoso.—Tudo o que leva a fazer mayor despeza que a regular ou que boamente se pode fazer, é *custoso*.

Dispendioso diz-se das grandes despesas, e só falando de cousas grandes e importantes.

Dispensa, excepção, immunitade; immune, exento.—A *dispensa* consiste em conceder um favor que autoriza a não fazer aquillo a que os outros estão obrigados—e cuja recusa nos obrigaria como os obriga a elles—ou a fazer o quo a olles não é permitido. A *dispensa* forma excepção e a sua concessão deponde mais do bel-prazer que de um acto de justiça.

A *exenção* é um como privilegio que livra do que se pode considerar como carga difficil do suportar. Deve ser motivada—geralmente na fraqueza do *exento*, ou em razão dos predicados que fazem obter a *exenção* como premio.

Immunidade é um direito excepcional, mas fixo e determinado. Toda *immunitade* é a negação da *igualdade social*.

Roquete diz algo de estes vocabulos, á excepção de *dispensa*:

«*Immune* é o adjectivo latino *immunis* que equivale a *liber et vacuus a munere*, o significa o que está livre, desembaraçado de cargo; e extensivamente o que goza do privilegio de *immunitade*.

«*Exento* designa o que é tirado, desobrigado de cargo comum.

«Parece, segundo o autor dos Sinónimos, que *immune* é propriamente o que de si mesmo, e como por sua própria natureza, ou por alguma qualidade inherente, não é obrigado aos cargos comuns, ou não é sujeito a certos usos, ou goza de certas prerogativas que o distinguem do comum; e *exento*, o que sendo obrigado a esses cargos e onus, é contudo exceptuado por privilegio e graça.

«*Immunitade* é a qualidade de ser *immune*, com particular referencia aos officios e cargos pessoasas.

«*Exenção* é uma dispensa graciosa de uma obrigação comum, a que aliás se era sujeito.

«*Immunitade* indica privilegio inherente a pessoa ou pessoas. *Exenção* denota privilegio concedido.

«Chamavam-se *immunitades* da Igreja os privilegios de que gozavam os templos católicos, e os ministros da religião, de não serem sujeitos a certas leis civis, talvez porque o corpo ecclesiástico era reputado superior ao civil e por isso *immune* de sua jurisdição.

«Os fidaigos e os clérigos gozavam antigamente de grandes *exenções*; hoje são todos eguaes perante a lei. Aquelles só resalta a gloria ganhada por seus mayores; estes só estão *exentos* de ser soldados ».

Disperso, fugitivo.—*Fugitivo* desperta a idéa de perigo ou castigo a que se pretende escapar; *disperso*, a de perigo que se evitou, ou de mal que obrigou a *dispersar*.—Por consequência, *fugitivo* refere-se ao que é presente, e *disperso* ao que já passou.

Dispôr, preparar.—Sendo perfeitamente idénticas as relações que entre estas palavras existem na lingua portugueza e na castelhana, traduzimos o que de ellas se diz no Dicionario de Sinónimos de D. José Joaquim de Mora:

«*Dispôr* é um trabalho mais elevado e de mayor vulto que *preparar*. *Dispõe-se* o

«piano, e preparam-se os meios do execu-tai-o. Quem concebe a idéa primitiva de uma operação, quem possue a chave de ella, e qui lhe previu as consequencias, é que *dispõe*. Quem facilita os recursos, quem apronta os materiaes, quem remove os obstáculos, é que *prepara*. A *preparação* está mais próxima do facto que a *disposição*. O chefe *dispõe*, o subalterno *prepara*. Um pae diz ao filho:—*Dispõe-te* a partir, e *prepara* o necessario ».

Disseminar, dispersar.—Encontra-se frequentemente o segundo de estes verbos empregado indistintamente pelo primeiro, o que constitue erro.

Disseminar tem por fim traduzir frutos por muitas partes; *dispersar* tendo a fazer perder a força da união.

Os *dispersos* não communicam entre si; os *disseminados* obedecem geralmente ás indicações emanadas de um centro comum.

Os jesuitas não andam *dispersos*, o que é muito para lamentar; estão porém *disseminados* pelo mundo inteiro para flagelo e oprobrio da humanidade.

Dissertação, tratado.—Atendendo á quasi impossibilidade de confundir estes termos limitamo-nos a transcrever o que de elles disse Roquete:

«A *dissertação* é communmente mais curta que o *tratado*. Este contém todas as quaestões geraes o particulares do seu objecto, e a aquella só comprehende algumas.—Se ácerca de qualquer materia se compuzerem tantas *dissertações* quantos forem os assuntos que ella encerra, e os diferentes aspectos debaixo dos quaes pode ser considerada, e se todas estas *dissertações* tiverem uma extensão proporcionada ao objecto, e entre si se enlaçarem com ordem metódica, serão como os capitulos de um livro, e formarão um *tratado* completo da materia.

Cumpra porém observar, acrescentaremos, que a *dissertação* pode expôr largamente um dos pontos de que o *tratado* apenas dá idéas geraes.

Disseminar, simular, fugir, disfarçar, occultar, calar.—*Calar* é não dizer o pensamento, reservai-o. É um acto intencional: eis tudo quanto o vocabulo quer dizer, sem nenhuma outra idéa accessoria.

Ocultar é, não só *calar* intencionalmente, mas tambem esforçar-se para que não seja descoberto o que se cala.

Quem *cala*, não communica; quem *oculta*, não só não communica por si proprio, mas esforça-se para que outrem não diga o que elle pretende *ocultar*.

Disfarçar, propriamente, é modificar o aspecto de alguma cousa ou pessoa de modo que não seja reconhecivel. Figurada-

mente, e no sentido em que consideramos o vocábulo, é dar a alguma cousa uma apparencia diametralmente oposta à que na realidade tem. Assim, o hipócrita e o velhaco *disfarçam* a inveja e o odio sob o aspecto do interesse e da amizade.

Fingir é esforçar-se por fazer crer a outrem que se têm certas idéas ou predicados, de que na realidade se carece. Este verbo implica a circumstancia accessoria de espirito inventivo.

Quem *disfarça* pretende mudar o aspecto do que tem ou sente; quem *finge* inculca o que não tom.

Simular é o mesmo que *fingir*, mas pertence a umestilo mais culto e a idéas mais importantes; *singir* a loucura; *simular* a devoção.

Dissimular é suprimir a apparencia do que se pretende occultar. Aquelle que *disfarça* o despeito mostra-se prazenteiro; quem o *dissimula* apresenta-se naturalmente: nem prazenteiro, nem despeitado.

Note-se que entre *simular* e *dissimular* existe uma differença importante, e é: que *simular* é aparentar uma cousa que na realidade não existe; e *dissimular*, é occultar uma cousa que existe realmente.

De *fingir*, *simular*, *dissimular* e *disfarçar* será útil ler o que diz Roquete:

«Referem-se estas palavras aos varios modos que ha de occultar qualquer cousa ou fazer que não se presente tal qual ella é.

«*Fingir*, do verbo latino *fingo*, significa, «no sentido moral, contrafazer alguma cousa, imaginar o que não é, servir-se de falsa apparencia para enganar, e em geral toda a imitação da realidade.

«*Simular* é o verbo latino *simulare*, encobrir a realidade debaixo de apparencias enganosas; é mais restricto que o precedente, porque só se applica ao homem e em materia de costumes.

«*Dissimular* é tambem verbo latino *dissimulare*, e significa calar o que é, occultar seus sentimentos, seus designios, e por ventura *simular* o contrario do que se quer occultar.—A *dissimulação* forma parte do *fingimento*; um occulto e que é, o outro *finge* o que não é.—As mulheres sabem melhor *fingir* que *dissimular*, porque a *dissimulação* exige prudencia e discrição, e o *fingimento* sagacidade e astucia. «A *dissimulação* é contraria á franqueza; o *fingimento* é oposto á sinceridade.—Luiz XI dizia que o que não sabe *dissimular* não serve para reinar.—A *dissimulação* não é odiosa como a *simulação*, diz Fr. Francisco de S. Luiz; esta é sempre um vicio, aquella é muitas vezes útil, e pode ser dictada pela prudencia. Ninguem é obrigado a manifestar a todos os seus sentimentos; mas todos têm obrigação de não usar do falsas apparencias, com o pretexto de os enganar e induzir em erro.

«*Disfarçar*, que é o verbo castelhano *dis-*

«*frazar*, significa, em sentido recto, desfigurar com algum sobreposto a forma das cousas; ou com diferentes trajos as pessoas. Em sentido metafórico, pode responder ou a *simular* ou a *dissimular*, segundo as circumstancias.—Esta especie de *fingimento* pode ser crime, mas tambem pode ser brinco e mero jogo, e tambem necessidade e hábito. No trato dos bomens quasi tudo são *disfarces*, pois poucos, ou quasi nenhum, apparecem taes quaes na realidade são. Quão felizes e honorosos pareceríamos uns em presença dos outros se não nos *disfarçássemos* ou antes *mascarássemos*!... Mas os *disfarces* não mudam a pessoa: escondida ou descoberta é sempre a mesma».

Lacerda é mais breve e mais preciso; diz: «*Fingir* é usar de apparencias falsas e artificiosas, para occultar o que a cousa é na verdade, ou para fazer crer o que não é. Este vocábulo é genérico e abrange toda a especie de *fingimento*.

«*Simular* é uma especie de *fingimento*, e significa indicar falsamente, com respeito aos costumes, o contrario do que se pratica.

«*Dissimular* é outra especie de *fingimento*, to, que consiste em encobrir, de qualquer modo que seja, as proprias opiniões, designios, etc.

«*Disfarçar* é *fingir* diferente pessoa ou trajo, nas maneiras, em quaesquer mostras exteriores».

Dissipador, pródigo.—De estes vocábulos diz Lacerda:

«*Pródigo* é o homem que dispõe sem terno, nem discernimento.

«*Dissipador* é o que destróe a sua fazenda, estraga e desperdiça o que possuiu ou herdou, sem que se veja nenhum resultado das suas dissipações.

«*Pródigo* opto-se a poupadão; e *dissipador* a económico.

«*Pródigo* diz-se alguma vez em bom sentido:—**Pródigo do seu sangue em servir a patria.**—*Dissipador* toma-se sempre em mau sentido».

Dividir, repartir, distribuir.—De *repartir* e *distribuir* já falámos a paginas 266 (artigo **Compartir**) tomando porém essas palavras no seu sentido geral; comparal-as-emos agora com *dividir*, que é uma das suas accepções particulares.

Dividimos em partes eguaes; *repartimos* em partes deseguaes; *distribuímos* segundo a parte que a cada um corresponde.

Dividir a caça entre os caçadores é dar a cada um egual número de peças. *Repartir* esmolas, é dar dinheiro aos pobres, sem attender á quantia que cada um recebe. *Distribuir* esmolas é dar a cada pobre a quantia que, segundo suas circumstancias, lhe destinámos.

Divisa, symbolo, emblema, empresa, tenção.—O *symbolo* e o *emblema* são sinais concretos ou imagens sensíveis que representam certas idéas abstractas.

Symbolo é a imagem mais ou menos naturalmente representativa da idéa que se pretende despertar, por esta reunir em si atributos ou caracteres que existem na cousa representada. O *symbolo* deriva-se da observação de factos reaes ou tidos por taes, pois assim como se ha observado a existencia da audacia no leão, a da astucia na rapoza, e a da amizade no cão, assim se fez do leão o *symbolo* do valor, da rapoza o da astucia, e do cão o da fidelidade. Por operação análoga do espirito é que o leão é o *symbolo* da navegação, e tambem—por os antigos o terem considerado como o mais puro de todos os elementos—é que o fogo é o *symbolo* da pureza.

No *emblema* ha menor analogia entre a idéa abstracta e a lmagem concreta, pois elle não provém da observação geral, mas sim da relação que alguém lobrigou existir entre ambos. Do *emblema* pode dizer-se que é artificial, creado por determinadã pessoa, em atenção a um ponto de vista particular que em alguma occasião lhe foi deparado. Assim em certas escrituras simbólicas, na heráldica particularmente, a Imagem do leão melhor se pode chamar *emblema* que *symbolo* da coragem, e da do cão se dirá *emblema* e não *symbolo* da fidelidade. Tambem os pintores fazem do léme o *emblema*, que não o *symbolo*, do governo de um Estado.

Deixemos agora que Roquete compare entre si estes vocábulos, o tambem com os restantes do grupo:

« *Symbolo* é uma figura ou imagem sensível que, pola representação, nos dá a conhecer outra cousa. O *symbolo*, por isso que é uma especie de sinal, deve ter alguma relação, natural ou convencional, com o objecto representado. O cão é o *symbolo* natural da fidelidade; a pomba, da simplicidade; a rapoza, da manha e astucia. O triângulo é o *symbolo* convencional da Trindade; o olho, da Providencia; o círculo, da eternidade. Na mitologia havia grandissimo número de *symbolos*; taes eram o tirsó, o tridente, o rayo, o caduceo, etc., que representavam Bacho, Netuno, Júpiter, Mercurio, e seus diferentes poderes e attribuições segundo a fábula.

« *Emblema* é uma figura simbólica, que allude a alguma moralidade, ou pensamento, que de ordinario se declara por alguma letra, mote ou rótulo a figura. O *emblema* é uma alegoria pintada ou esculpida que fala aos olhos e á imaginação.

« — Uma figura esvolda com azas e embocando uma trombeta é o *emblema* da fama.

« *Divisa* é propriamente uma figura simbólica que alguém usa para distinguir-se

« dos outros, acompanhada de alguma letra ou mote que exprime os projectos ou intentos de quem a traz. El-rei D. João II tinha por *divisa* um pelicano com a letra: « Pela lei, e pela grei. Uma cerva era a *divisa* de Sertorio, como diz Camões:

« A fatídica cerva que o avisa;
« Elle é Sertorio, e ella sua divisa.

(Lus., VIII, 8).

« Algumas vezes só a letra ou mote constitue a *divisa*, tal era a do illustre infante « D. Henrique: *Talant de bien faire* (!).

« *Empresa* era a *divisa* que os cavalleiros mandavam pintar ou gravar nos escudos, que indicava o que iam emprender, ou imagem relativa á *empresa* que tomavam; depois foi tambem a pintura ou escultura simbólica de façanhas ou feitos illustres que as pessoas nobres trazem nos escudos, acompanhadas de alguma letra ou mote.

« *Tenção* é a figura no escudo alusiva ao pensamento ou desígnio do dono de elle. Parece applicar-se não tanto aos feitos, como á intenção com que se empreendem, pois Camões, falando das companhias de namorados que se armaram pela causa de el-rei D. João I, diz:

« Outros fazem vestidos de mil côros.
« Com letras e *tenções* de seus amores.

(Lus., IV, 22).

Docilidade, mansidão ou brandura de genio.—A *mansidão* presta-se por natureza á obediência; a *docilidade*, por convicção ou educação. Assim a *mansidão* é a qualidade de gostosamente nos prestarmos á vontade alheia. A *docilidade* tem o mesmo fim, porém causa diferente. Um alumno, *dócil* á voz do seu professor, quizera talvez fazer o contrario do que elle lhe recomenda.

Roquete diz estas palavras:

« *Docilidade* é em geral a facillidade ou aptidão para aprender ou fazer qualquer cousa segundo a vontade dos outros.

« *Brandura de genio*, ou *mansidão*, mansuetudo, que melhor se exprime pela palavra franceza *douceur*, é a estimavel qualidade que muitas pessoas têm de folgar com de fazer o que os outros desejam. Aquella pertence á vontade; esta á índole. — Um menino é *dócil* quando obedece a seus paes e a seus mestres. Uma mulher é *brandura de genio* quando outra vontade não tem senão a de seu marido.

« A *docilidade* pode não ser *brandura*, quan-

(!) Talante—isto é, desejo de fazer bem.

« do só se contenta com submeter-se; a *brandura* é sempre *dôcil*; é feliz em submeter-se. A *brandura* não discute; a *brandura* nem discutir sabe. Com estudo e reflexão « pede adquirir-se a *dociidade*; a *brandura* « é um dom da natureza. A *dociidade* é uma « virtude que encaminha à ciência e à perfeição; a *brandura* é um encanto que nos « atrai para a pessoa que o possui. A *dociidade* só se exerce quando ha obediência; a *brandura* faz-se sentir a todos os « momentos, e nas menores ocasiões. Crê a « *dociidade* que tem razão de fazer o que « de ella se exige; crê a *brandura* que se « tem razão para lhe o exigirem. Pode vir « a *dociidade* do sentimento da sua superioridade pessoal; parece a *brandura* reconhecer a superioridade dos outros».

Documento, monumento. — É de Roquete o artigo a seguir;

« *Documento* vem de *doceo*, eu ensino; é « por tanto escrito, ou instrumento, que ensina, instrui, e serve para provar.

« *Monumento* vem de *monéo*, eu admoesto, « e significa naturalmente cousa que avisa, « dá notícia, traz à lembrança, conserva a « memória do successo notável.

« Os antigos foraes, ns escrituras públicas, as crônicas, os diplomas, etc., são *documentos*; as columnas, as pirâmides, os obeliscos, os mausoleus, as medalhas, as lápides, etc., são *monumentos*. Uns e outros servem para aclarar a historia dos « tempos passados, e advertir os vindouros « dos successos presentes».

Doentio, insalubre. — *Doentio* refere-se melhor ao clima, e *insalubre* exclusivamente às propriedades do solo.

Certos climas são *doentios* (não porém *insalubres*). Os arrozaes tornam os logares *insalubres*.

Dogma, mysterio. — O *dogma* religioso exige crença e obediência; o *mysterio* requer fé.

A infalibilidade do papa é *dogma*; a Trindade é *mysterio*.

Domicílio, morada, residência. — Consiste a *residência* na estada da pessoa em determinado logar ou habitação, em virtude das funções que desempenha ou por escolha voluntária; e extensivamente diz-se do logar ou edificio habitado de este modo. Cintra é a *residência* estival da corte.

Morada é a casa onde se habita de ordinario. A minha *morada* é em tal rua.

Domicílio é a morada estável considerada como *residência* civil e constante do cidadão: o *domicílio* é *inviolável*.

Roquete, confundindo a palavra portugueza *morada* com a *demeure* dos France-

zes, não deu a esta palavra o seu verdadeiro valor. Eis como elle se exprime:

« O logar onde alguém mora ou se aloja « por algum tempo chama-se *morada*. A *morada* permanente o fixa chama-se *habitação*.

« *Domicílio* ajunta à idéa de *habitação* o « facto de estar estabelecido num logar; e « como termo de jurisprudencia exprime a « relação do individuo com a sociedade « civil.

« *Residência* significa *morada*, assistencia « continua em algum logar ou casa, e além « de isso, e com mais particularidade, a « mansão ou permanencia no logar em que « se tem algum emprego ou ministerio eclesiástico ou secular.

« A *morada* e a *residência* (tomada na segunda acepção) não constituem, por si « sós, a habitação ou o *domicílio*. — O « pro- « vinciano que vem à capital a negocios, « ou como pretendente, *mora*, ou tem sua « *morada*, em tal ou tal rua da cidade, e « nem por isso é lá *domiciliário*, nem se « de dizor *habitante*. Os antigos corregedores tinham não só *morada* senão *residência* na cabeça de comarca, ou com tudo « não eram habitantes de aquelle logar, « nem ali tinham seu *domicílio*.

« Ao contrario, o habitante da capital, « ou de qualquer outra cidade onde tom « sua *morada* habitual e sua habitação e « *domicílio*, pode ter ao mesmo tempo outra « *morada* temporaria no campo, ou sua « *residência* onde seu cargo ou ministerio « chama para desampenho de suas funções».

Dono, proprietario, senhor. — O *senhor* tem, além do direito de propriedade, outros que pode exigir: prestações, direitos, tributos, etc.

O *proprietario* goza do direito de propriedade em toda a sua plenitude.

O *dono* é o superior na ordem doméstica e familiar.

O *senhor* tem vassallos; o *proprietario*, predios; o *dono*, empregados, criados, escravos, etc. — O *sultão de Marrocos* é *senhor* de vidas e bens. O *dono* de uma casa nem sempre é *proprietario* de ella.

De estes vocabulos diz Roquete:

« *Proprietario* faz relação a propriedade, « e contrasta com usufructuario, rendeiro, « inquilino. *Dono* exprime particularmente « a idéa de elevação e superioridade, o tem « significação mais extensa, pois *dono* da « casa nem sempre é o *proprietario* do edificio material, mas indica sempre o pae « ou chefe de familia, que é o primeiro e « governa om sua casa. Diz-se proverbialmente que « onde não ha *dono* não ha dô; « mas não se dirá no mesmo sentido: onde « não ha *proprietario*.

« *Senhor* junto à idéa de elevação a de « dominação, autoridade o poder; contras-

«ta com servo, ou escravo, e tem significação ainda mais extensa que *dono*, pois um rei é *senhor* do reino, de domínios, etc.; um morgado é *senhor* de terras, etc.; os príncipes foram noutro tempo *senhores* da vida e da morte de seus vassallos; cada um de nós é *senhor* da sua vontade».

Donzella, moça, rapariga. — *Donzella* é hoje termo muito pouco usado, o vocábulo *menina* havendo-o postergado; diz-se porém com frequência no sentido de pueira: *aquella rapariga estava ainda donzella*.

Moça diz-se familiarmente por solteira. *Rapariga* diz-se particularmente do qualquer mulher do povo, quando nova e ainda solteira.

Aparte estas observações, o seguinte artigo do Roquete compara bem estas palavras:

«*Moça* é o feminino de *moço*, e designa propriamente a pessoa do sexo feminino de poucos anos, e também a criada de todo o serviço.

«*Donzella* é o feminino de *donzel*, e designa propriamente a mulher que não co-nheceu varão, e extensivamente a *moça* solteira e nobre que servia a grande senhora. As *donzellas* que haviam servido alguma rainha ou senhora, depois de casa-das ainda se lhos chamavam *donzellas*, como hoje acontece com as acafatadas, e neste sentido é que se deve entender o que disse Camões a respeito de Inez do Castro:

«Tal está morta a pálida *donzella*,
«Sêcas do rosto, as rosas, etc.

(*Lus.*, III, 134).

«porque na verdade Inoz de Castro era *donzella* do paço, e foi lá que D. Pedro I se enlevou em sua formosura.

«*Rapariga* é o feminino de *rapaz*, e significa vulgarmente *moça* de baixa origem, o também criada de servir, servi-lheta.

«*Donzella* é termo nobre e decente; não assim *rapariga*, e ainda menos *moça*, que muitas vezes se toma em mau sentido, como fez Camões falando de Annibal:

«Tu também Pêno próspero o sentiste,
«Depois que hu'a *moça* vil na Apulia viste!

(*Lus.*, III, 141).

Dôr, sentimento, pena. — A *dôr* é superior ao *sentimento*, e este é superior à *pena*.

Pena designa vagamente certo desgosto do nosso ânimo, seja qual for o motivo que o cause. *Causa-me pena ver que os paes contrariam a vocação dos filhos*.

O *sentimento* é um desgosto mais determinado e incômodo: *causa-nos senti-*

mento a desgraça que sobrevem a um amigo.

Dôr é um desgosto profundo e pungente: *causa-nos acerba dôr a morte de um filho querido*.

Veja o artigo **Afflicção**, na página 47. De este vocábulo diz Roquete:

«Explicam estas trez palavras a differen-ça da impressão que faz o desgosto em nosso ânimo, porém a *pena* pode aplicar-se mais vagamente, e denotar um desgosto mais accidental que o *sentimento*, o qual não presenta a idéa de uma sensação tão profunda como a *dôr*, que é um *sentimento* penoso e profundo. — Causa-nos ou dá-nos *pena* o trabalho com que fala um gago, a dificuldade com que ouve um surdo. Causa-nos *sentimento* a perda de um hem que nos interessa, a desgraça de um amigo, a morte de um conhecido. Temos *dôr* de alma, na morte do paé amoroso, da cara esposa, do filho amado; temos *dôr* de haver offendido a Deus».

Dotes, prendas. — Diz Lacerda:

«*Dotes* são os talentos, graças, e mais boas partes com que a natureza dotou o homem.

«*Prendas* são as qualidades apreciáveis que o homem adquire do estudo, applicação e diligencia. Foi bem dotada pela natureza a pessoa que tem ingenho, graça, intelligencia, formosura, etc. É bem *prendada* a quo sabe tocar instrumentos, pintar, cantar, dançar, etc.».

Douto, erudito, sabio. — *Sabio* é termo genérico que comprehende em si o sentido dos outros dois vocábulo do grupo — todo *sabio* sendo *douto* e *erudito*.

O *sabio* adquiriu vastos conhecimentos, particularmente em sciencias.

Douto é aquelle que possui doutrina sobre qualquer materia, particularmente em theologia, direito, humanidades, etc.

Erudito é aquelle que tem saber vasto e variado, particularmente em letras.

Roquete diz o seguinte de estas trez palavras:

«Concordam estes trez termos em supôr conhecimentos adquiridos pelo estudo; mas differenciam-se entre si pela maneira seguinte:

«O *erudito* e o *douto* sabem factos e todos os gêneros de litteratura: o *erudito* sabe muitos; o *douto* sabe-os bem. O *douto* e o *sabio* conhecem com intelligencia; o *douto* conhece factos de litteratura, que sabe applicar; o *sabio* conhece principios, e de que sabe tirar as consequencias.

«Com memoria o paciencia qualquer pode ser *erudito*; sem intelligencia e reflexão ninguem será *douto*; para ser *sabio* é mister talento especulativo, penetração e discernimento.

«O *erudito* cita frequentemente autori-

« dades e factos; o *douto* profunda a doutrina a que se dedica e discorre com acerto; o *sábio* investiga, analiza, demonstra e dá sempre a razão do seu dito.

Duração, tempo.—Lacerda compara bem estes vocábulos dizendo:

« O *tempo* é para a duração como o espaço é para a extensão. A *duração* mede-se pelo tempo, como a extensão pelo espaço — diz o sr. S. Luiz.—O *tempo* é a medida da duração das cousas; *duração* é a permanência de uma cousa por certo tempo. *Duração* indica tempo determinado; *tempo* tem designação muito vaga, não definida. Quando se diz que uma cousa durou muito tempo, é porque não podemos, ou não queremos precizar a sua duração. Quando a queremos precizar, dizemos que durou tantos ou tantos dias, semanas, meses ou anos ».

Durindana, terçado, gladio, espada.—Deixamos a Roquete a comparação de estes vocábulos:

« *Espada* é palavra italiana e castelhana que vem do latim bárbaro *spatha*, do grego *spathe*, que significa espátula e espada de folha larga na ponta; e designa a arma que se julga corresponder ao *gladius* dos latinos.

« *Gladio* é palavra latina *gladius*, que, segundo Varrão, vem de *cladis*, matança na guerra (*quasi cladis, quod ad cladem sit inventus*). Não se sabe ao certo qual era a forma de esta arma ofensiva entre os Romanos, mas deve ter-se como prova do que se metia em bainha, que se punha à cinta, e que era longa, porque Cícero diz na oração pro Marcello: « *Gladium vagina vacuum in urbe non vidimus*; não vimos na cidade espada desembainhada ». E zombando de seu genro Lentulo, que, sendo de pequena estatura, trazia uma grande espada à cinta, disse: « *Quis generum meum ad gladium alligavit?* Quem atou meu genro a uma espada? »—O primeiro, talvez, que usou esta palavra em sentido recto, como om latim, foi Filinto. Elísio na tradução dos Mártires, liv. 6, onde diz:

« Detraz dos Vexillarios vão Hastatos.
« Com *gladios* na segunda forma, etc.

« Foi comtudo usada em sentido figurado por escritores de boa nota para designar o poder supremo, e também um castigo de Deus, como disse Camões falando da peste: « O *gladio* que feriu o povo ». — Quer o autor dos Sinónimos da língua portugueza que se use de esta palavra em sentido recto quando aludirmos aos usos bélicos dos Romanos; e nomeadamente se houvermos de traduzir aquelle logar de Vegecio, de *Re Milit.*, 11, 15. « *Ha-*

bent... gladios maiores, quos spathas vocant, et alios minores, quos semispathas nominant, em que não poderíamos deixar de empregar os dois vocábulos gladio e espada, se não usando de um circunlóquio extenso e escusado. Mui sensato é este parecer; resta que se adopte e se observe; do que duvidamos, em tempos em que se vêem postergadas outras mais importantes observações ácêra da nossa tão maltratada lingua.

« *Terçado*, do castelhano *terciado*, é espada curta e larga. É palavra mui usada nos clássicos, e poética, pois Camões, falando dos habitantes de Moçambique, disse:

« Por armas têm adargas e terçados.

(*Lus.*, I, 47).

« *Durindana* é termo cómico e burlesco com que se designa uma espada grande, pesada e terrível, de que usam os valentes e denodados cavaleiros em suas lides; e assim nos servimos de esta palavra, como os Francezes da sua *flamberge*, e os Espanhoes da sua *tizona*, para zombarmos dos fanfarrões que se gabam de façanhas inauditas ».

Duro, implacável, deshumano.

—Concordam estes adjetivos em qualificar a crueldade passiva de quem não se comove ou sente piedade ante o sofrimento ou o infortúnio alheios.

Duro—o menos enérgico dos trez vocábulos—diz-se da pessoa que carece de ternura, que não se deixa comover facilmente, que resiste durante muito tempo aos rógos e lágrimas, tal como a pedra resiste à acção da agua, mas que, como esta, pode afinal ceder ante a persistência da súplica.

Implacável diz-se do homem que não só é difficil de ser movido pela compaixão, senão que é insensível a todo sentimento de piedade ou de ternura. O homem *duro* é longo a deixar-se abalar; o *implacável* permanece insensível ante qualquer sofrimento, e todas as dores lhe são indifferentes.

Ha entre *duro* e *implacável* outra differença que não deve passar despercebida. A pessoa *implacável* é *implacável* por natureza; a pessoa *dura* pode ser-o accidentalmente, seja por ella propria haver soffrido sem que outrem se apiedasse de ella, seja em virtude de conhecer o mundo e a impostura que nelle predomina. Quem é *implacável* não conhece a piedade; quem é *duro* não a quer exercer por temor de ser ludibriado, ou por desforra a dores proprias que não acharam compaixão.

Deshumano diz-se de quem é ao mesmo tempo *duro* e *implacável*, não por natureza, mas por desprezo ou por ignorancia de aquillo a quo se chama humanidade. As

peçoas *deshumanas* não consideram os seus semelhantes como sêres da sua própria natureza, nem lhes reconhecem o direito de apelar a sua benevolencia.

Buro foi D. Afonso IV para com a pobre Inez. **Implacáveis** eram os frades dominicanos que martirizaram os infelizes nos tormentos da inquisição. **Deshumanos** foram os Espanhoes que ao México e ao Perú levaram a morte e a desolação por se julgarem sêres de diferente natureza aos que elles iam ali roubar e despojar.

Duvidoso, equivoco, ambigüo.

— O sentido de uma frase é *duvidoso* quando ella encerra alguma allusão obscura, ou confusão nas idéas, ou tão só alguma explicação incompleta ou defeituosa; é *equivoco* quando nella ha palavras de duplo significado; é *ambigüo* quando a sua construcção pode ter distintas interpretações. *Duvidoso* é o sentido do *Tu quoque fili mi*

quo César disse a Bruto quando o viu entre o número dos seus assassinos, pois se ignora se lhe falava como a filho verdadeiro ou apenas se lhe dirigia uma expressão de carinho. Presta-se a *equivoco* a expressão portugueza de quem disser: « Comi um pequeno assado ». São *ambigüas* as orações latinas de infinitivo com dois accusativos, pois não se determina qual é o sujeito nem qual o complemento; tal a célebre sentença do oráculo: *Dico te romanos vincere posse*.

Duvidoso, perplexo. — *Duvidoso*, no sentido de « hesitante » é sinónimo de *perplexo*. Estes adjetivos differencam-se em que o *duvidoso* é o que não se decide a crêr, e o *perplexo* o que não se decide a obrar.

Está *duvidoso* quem se encontra entre provas contradictorias; e *perplexo* quem não sabe que partido tomar. — No *duvidoso*, está o entendimento em equilibrio; no *perplexo* está a vontade.



E

Ebulição, fervura, fervor, efervescência, fermentação.

Fermentação é um movimento acompanhado de calor que se produz no centro de um corpo líquido ou muito húmido, sob a influencia de certas circunstancias atmosféricas ou de alguma acção química. Esta palavra implica sempre um trabalho interior e latente, geralmente lento, que se desenvolve nas substâncias orgânicas e as decompõe ou modifica. *A fermentação da uva pisada transforma o liquido em vinho. Se amontoarmos materias vegetaes, e as regarmos abundantemente, operar-se-á nellas uma fermentação lenta que acabará por apodrecel-as.*—No sentido figurado resente-se esta palavra da significação que tem propriamente, pois se diz de uma agitação dos espiritos secreta, lonta, latente, que pouco a pouco vai produzindo o seu effeito de decomposição, e que, quando se manifesta, é tanto mais terrível, quanto mais tempo levou a produzir-se na escuridão.

A *efervescência* é um movimento interior que se produz rapidamente e se manifesta vivamente á superficie do liquido ou da substancia húmida, despedindo calor, ou soltando os elementos gazosos que constituem a materia *efervescente*. A rapidez e vivacidade da *efervescência* distingue esta palavra no sentido figurado, pois indicamos com ella aquella agitação dos ânimos que se manifesta instantânea e violentamente, mas que é de curta duração. *A efervescência dos espiritos pode trazer consigo motins ou sedições; dura porém muito pouco tempo para levar á revolução.*

Ebulição é o fervor que, pela acção do calor, se manifesta nos líquidos, que, som se decomporem, se vão evaporando. *A agua em ebulição reduz-se em vapor de agua, mas não em gaz hidrogenio.*—Este vocabulo, ainda que os dictionarios da lingua lhe assignalem a acepção figurada de «exaltação, agitação moral», não deve ser empregado fora do sentido lato.

Fervura é vocabulo vulgar com que se designa a *ebulição*; as cozinheiras dizem: *A panela já levantou fervura.*

Fervor, diz Lacerda, «acrescenta á significação de *fervura* a circumstancia do

« grau elevado e intensidade do calor que « produz e acompanha ».

Écloga, idyllio, bucólica, poesia pastoril.—A *poesia pastoril* é o género de que os outros vocabulos de este grupo são as especíes.

Bucólica é a *poesia pastoril* dialogada, o cujos interlocutores são geralmente boyeiros ou vaqueiros.

Idyllio é o quadro poético da vida campestre que se distingue pelo sentimento e suavidade do diálogo, ou das suas imagens e descripções.

Écloga, que mais comùn, mas menos propriamente se chama *égloga*, é um pequeno quadro da vida campestre cujo mérito consiste particularmente na singeleza do diálogo em que se exaltam as doçuras da vida do campo.

Lacerda, dizendo *pastoral* por *poesia pastoril*, compara estes vocabulos na forma seguinte:

« Todas estas palavras designam poesias pastoris. Diferencam-se do seguinte modo. *Pastoral* é o genero; *écloga*, *idyllio*, e *bucólica* são as especíes. *Pastoral* designa « qualquer descripção ou imitação de algum passo ou quadro da vida campestre, « representada debaixo do seu aspecto « mais agradável. *Écloga* ou *égloga*, é uma « especie de poema pastoril, em forma dramatica, e dialogado, no qual pastores « falam ordinariamente dos seus amores, « e tiram as comparações, o adornos com « que enfeitam os seus discursos dos objectos que particularmente respeitam aos « trabalhos em que se occupam, etc. *Idyllio* « é uma especie de poema pastoril, mais « simples do que a *écloga*, porque não se « requer nelle tanto movimento; mas, por « outra parte, exige-se no *idyllio* mais sentimento, mais suavidade, e mais abundancia de imagens e de descripções. *Bucólica*, verdadeiramente, é a palavra grega « de que *pastoral* é a traducção portugueza: é toda a sorte de poema em que as « personagens são gente do campo, e o assunto a vida pastoril e os seus varios accidentes ».

Economia, parcimonia, parcidade.—A *economia* (do grego *oikonomia*,

de oikia, casa, e nomos, regra) é a regra o moderação nos gastos, a habilidade na direcção e administração de quanto é relativo aos bens, quer sejam os bens de uma casa ou família, de uma sociedade ou colectividade, ou de um Estado. *Economia* não é vocábulo que indiquo precisamente gastos pequenos; diz-se até das maiores despesas imagináveis, com tal que sejam feitas com ordem e segundo regras determinadas.—Na sua acepção mais geral, a palavra *economia* designa o conjunto de leis que presidem á produção e distribuição das riquezas, e é nesse sentido que dizemos: **economia doméstica; economia política; economia social.**

A *parcidade* é aquella *economia* que consiste na redução das despesas, e eliminação de certos gastos superfluos ou dispensáveis. Este termo implica, não a habilitade administrativa, mas a privação que nos impomos a respeito de certas cousas.

A *parcimonia* (vocábulo que, como *parcidade*, tem por origem o adjectivo latino *parcus*) é a *parcidade* levada a um alto grau, pois tem por objecto não só as pequenas, mas até as menores despesas—o *parcimonioso* evitando fazer qualquer gasto que não seja absolutamente indispensável. A *parcimonia* não é, nem muito menos, uma habilidade, mas sim um hábito que confina de muito perto com a avaréza.

Convém notar que o termo *economia* é susceptível de uma acepção concreta, com a qual se designa o resultado da qualidade que determina o sentido abstracto do vocábulo, ou seja «quantidade de riquezas obtidas pela *economia*»; assim é que se diz: *Fulano perdeu todas as suas economias*, isto é, todo o dinheiro que sobrou depois de um gasto bem administrado, ou todo o dinheiro economizado sobre os gastos que se podiam fazer, e que não se fizeram.

Edição, Impressão.—A *impressão* é o trabalho material que exige uma obra; a *edição* é o conjunto de cuidados que essa obra exige por parte do editor. Da *impressão* cuida o regente da tipografia; da *edição* cuida o editor, escolhendo o papel, corrigindo as provas, cuidando das illustrações, etc.—A *impressão* de uma obra dura mais ou menos tempo; a *edição* é mais ou menos luxuosa, etc.

Roqueete disse o seguinte de *impressor* e *editor*:

«*Impressor* é o dono de uma imprensa tipográfica, que imprime obras por conta dos autores ou editores. *Editor* é o que imprime ou manda imprimir obras suas, porque as compoz, ou porque as houve por contrato feito com o autor, que cede sua propriedade por uma soma, convencionada entre ambos.—Firmin Didot é autor, editor, e impressor de algumas obras; é

«*editor e impressor* de outras; e é somente «*impressor* de muitas outras que têm saído «de seus prelos.—O *impressor* é senhor da «*imprensa*, o não tem nada com a obra de «pois de *Impressa*».

Edicto, édito.—Estes vocábulos não são sinónimos; convém, porém, não os confundir.

Edicto é uma parte da lei em que se estabelece alguma disposição cujo cumprimento é assegurado na outra parte chamada *sanção*.

Edito, é uma ordem ou citação judicial que se faz pública por anúncios ou editaes.

Educação, instrução.—A *educação* tem por objectivo os sentimentos, os hábitos e a intelligencia; a *instrução* só a intelligencia. Na *educação* faz-se uso da disciplina e do exemplo; na *instrução*, do método e da doutrina. A *educação* forma o coração e modela a conducta; a *instrução* subministra idéas e conhecimentos. A *instrução* dirigida com acerto contribue a aperfeiçoar a *educação*.

A *mãe educa*; os *mestres instruem*. Roqueete compara *educação* com *criação*, dizendo:

«A *criação* é o primeiro cuidado que o homem deve a seus paes, ou a quem faz suas «vezes; tanto no físico, para a conservação de sua vida, saúde e robustez, como «no moral para a direcção de sua conducta «e estudo de suas obrigações.

«A *educação* recae sobre a moral e a *instrução*: supõe já outros principios mais «elevados, idéas mais extensas, regras metódicas para illustrar a razão, adornar o «entendimento, nperfeiçoar o coração e «suavizar os costumes.

«Um lavrador honrado, uma boa mãe, «criam bem a seus filhos. Um aio, um preceptor *educam*, não *criam* ao mancebo posto a seu cuidado.

«A boa *criação* e a boa *educação* dirigem-se essencialmente a um mesmo fim, que é «a perfeição moral do homem; porém pode «dizer-se que a primeira o desbasta, e a «segunda o pule por meio da *instrução*. «Assim que, o principal defeito de quem «não tem *criação*, é a grosseria; em quem «não tem *educação*, é a ignorancia».

Efectivamente, com effeito.—Empregam-se estes adverbios para confirmar que um facto se deu; mas *effectivamente* sugere a idéa de o facto não ter deixado de se effectuar, e *com effeito* de elle ser tal como se diz.

Efectivamente elle fez o que tinha prometido, e **com effeito** foi bem succedido.

Effectivo, real, positivo.—O que é *positivo* não se pode negar; o que é *real*

existe na natureza e não apenas na apreciação; o que é *efectivo* manifesta-se.

É *positivo* o que se afirma; é *real* o que se vê; é *efectivo* o que se realizou. O oposto a *positivo* é condicional, problemático ou duvidoso. O oposto a *real* é o que é ideal, imaginário ou illusório. O oposto a *efectivo* é o que é problemático.

Effectuar, realizar, executar, cumprir, fazer. — *Effectuar* é pôr em prática o que estava definitivamente determinado.

Realizar é pôr em prática um projecto de que só se haviam concebido os traços geraes.

Effectua-se o casamento combinado; realiza-se a festa projectada.

Executar supõe plano anteriormente combinado, e diz-se do que é material. **Executam-se as obras projectadas.**

Cumprir é *effectuar* plena e cabalmente o que se combinou fazer. **Cumprir o contrato.**

Fazer é termo genérico que denota intervenção directa do sujeito que é ao mesmo tempo agente.

Resulta que *executar*, *cumprir* o *fazer* se referem ao que é material; *effectuar* e *realizar*, ao que é concepção.

Lacerda fala de estes vocábulos, exceptuando *cumprir*:

« *Fazer* é produzir qualquer acção física ou moral. A significação de esta palavra é genérica, e representa a acção não limitada por nenhuma relação directa ou indirecta.

« *Realizar* é fazer tornar real uma cousa; « que por qualquer motivo esperamos que venha a succeder.

« *Effectuar* ou *efetuar* é fazer, tornar em « facto positivo, real, o que não era senão « simples promessa ou esperança.

« *Executar* é fazer, tornar existente o que « não era senão projecto ou plano; e por « isso *executar* designa uma acção relativa « a outra acção anterior ».

Efeito, impressão. — *Efeito* é termo objectivo e diz-se com relação às causas que o produzem.

Impressão é termo subjectivo e diz-se com relação à pessoa que a sofre.

Um espectáculo produz seu *efeito*; uma cena produz *impressão* em quem a presencja.

Efeito, producto. — O *efeito* não provém tão visivelmente da causa como o *producto*; assim, os laços que unem o *efeito* à causa podem ser problemáticos ou duvidosos; não os que ligam o *producto* à causa. Ha boas razões para crer que os terremotos são o *efeito* do fogo central do globo. A riqueza é o *producto* do trabalho, como o fruto é o *producto* da planta. — O produ-

cto tem existencia real, mas o *efeito* nem sempre a tem. A morte é o *efeito* (não o *producto*) da doença. O rendimento é o *producto* (não o *efeito*) do capital.

Vêja-se tambem o artigo **Consequencia**, na página 301.

Esfeminar, enervar, enfraquecer, debilitar. — *Enfraquecer* é tornar fraco, de qualquer modo que seja.

Debilitar é tornar débil, isto é, tornar continua e progressivamente mais fraco.

Enervar é diminuir a força física ou moral, supondo que essa força existia anteriormente em toda a sua plenitude—suposição que torna este verbo essencialmente differente dos restantes do grupo.

Esfeminar é dar ao homem predicaes moraes de mulher.

Uma sangria *enfraquece*; o uso do opio *debilita*; o alcoolismo *enerva*, e a ociosidade *esfemina*.

Efficacia, energia, força, vigor, violencia. — A *força* está na essencia das cousas; o *vigor* e a *energia* estão na execução e na forma: Podemos empregar sem *vigor* nem *energia* argumentos que em si têm muita *força*.

Não se diz estilo *forte*, mas *vigoroso* e *energico*. Não se diz que um quadro está pintado com *força*, mas com *vigor* e *energia*. No *vigor* e na *energia* ha mais actividade que na *força*: Com a *força* *resiste-se*; com o *vigor* ou com a *energia* *obra-se*.

O *vigor* supõe porém mayor esforço físico que a *energia*. Um atleta não peleeja com *energia* mas com *vigor*. O homem honrado não se defende de uma accusação falsa com *vigor*, mas com *energia*.

A acção da *energia* é porém mais permanente que a do *vigor*. O homem *energico* é sempre *energico*; o *vigoroso*, só é *vigoroso* quando as circumstancias lh'o exigem.

A *efficacia* está tambem na essencia das cousas, mas em estado latente, no que se distingue da *força*, e da *violencia*.

A *violencia* está no modo de obrar ou operar.

Diz Roquette, falando de *força*, *energia*, *efficacia* e *violencia*.

« *Força* é o *vigor*, a potencia natural ou « artificial que tem qualquer pessoa ou cou- « sa para obrar. É termo genérico, tanto « na ordem física, como na moral, cujas « propriedades, ou qualidades principaes, « se indicam pelas outras trez palavras.

« Quando a *força* obra com actividade, « diz-se que é *energica*, o a esta qualidade « chamamos *energia*; quando é tal que pro- « duz sempre o seu *efeito*, diz-se que é *efi- « caz*, e a esta qualidade chamamos *efica- « cia*; quando sua actividade é demasiada « ou se produz com impeto, diz-se *violenta*, « e a esta qualidade, ou accidente, chama- « mos *violencia*.

« Assim como na ordem física se observa a cada passo estes diferentes efeitos, também na ordem moral são elles não menos sensíveis. — A *energia* da expressão da vida ao discurso, e aumenta a *força* do raciocínio. Quando a súplica é *eficaz*, não há a coração que tenha *força* para resistir-lhe. A *violencia* das paixões resiste muitas vezes à *força* da razão, e arrasta o coração do homem a excessos que talvez condemna, mas para sair dos quaes não tem bastante *força* ».

« Veja-se também o artigo **Activo**, na página 33.

Eficiente, effeaz ('). — *Eficiente* é o que produz seu efeito, quer lenta, quer rapidamente.

Effeaz é o que tem virtude para produzir rapidamente o seu efeito.

Ainda que, por não ser posta à prova, a cousa *eficaz* não produza o seu efeito, não deixa por isso de encerrar em si a *eficacia* necessaria para o produzir quando lh'o exigirem. Portanto, o que é *eficaz* nunca cessa de o ser.

O que é *eficiente* só merece esse epíteto quando opera.

Efigie, imagem, figura, retrato. — *Efigie*, é a representação, em vulto, de uma pessoa ou cousa personificada. A *inquirição* queimava em *efigie* os condemnados que não podia haver à mão. A moeda franceza tem a *efigie* da República.

Imagem é a representação natural ou artificial de alguma pessoa ou cousa, tal porém qual ella é, e ainda que considerada independentemente da materia: vemos a nossa *imagem* reproduzir-se na agua, no espelho, etc.

Na arte, *imagem* diz-se comumente da pintura, o *efigie* da escultura ou relevo.

Figura é a *imagem* feita pela mão do homem; na *figura* apenas se consideram as relações de forma, côr e contornos que existem entre ella e o original.

Retrato é a *figura* de um sêr vivente considerada em quanto à perfeita exactidão da semelhança. O *retrato* do meu côo.

Eis como Roquete comprehendeu estes vocábulos:

(') São do sr. Cândido de Figueiredo as definições seguintes:

« **EFFICAZ**, *adj.* que tem a força de produzir alguma coisa; que produz muito; que tem effeito.

« **EFFICIENTE**, *adj.* o mesmo que *eficaz* ».

Se porém é usual dizer que: o sol é a causa *efficiente* do calor, e não a causa *eficaz* do calor, não concordará connosco o illustre socio da Academia Real das Ciencias de Lisboa que entre os dois vocábulos ha alguma differença?

« Referem-se estas palavras à representação de pessoas ou cousas, com as seguintes differenças.

« A *efigie* occupa o lugar da mesma cousa, pois que a representação qual é real, e verdadeiro, e assim se diz de um crucifixo a « *sacra efigie* de Cristo, etc.

« A *imagem* só representa a idéa de uma pessoa ou cousa; e assim se diz *essa está-lua é a imagem de um homem celebre, de um grande capitão*, etc.—Os que governam são *imagens* de seus principes, disse Vieira (V, 331).

« A *figura* não só designa os rasgos principaes, que recordam a idéa do sujeito, senão também tudo o que nos pode dar a conhecer a attitud e o designio.

« O *retrato* é a representação de uma pessoa, o se dirige principalmente à semelhança; assim que se costuma chamar *retrato* a qualquer semelhança entre pessoas muito parecidas, pois se diz: *Este menino é o vivo retrato de seu pae*, quando com elle se parece muito.

« Em sentido littoral dizemos *efigie* e *retrato* quando nos referimos ás pessoas, e *imagem* e *figura* tanto falando de estas como do qualquer outra cousa. No sentido figurado costumam-se chamar *retratos* certas descrições que os historiadores, ora dores e poetas fazem, já das pessoas, já dos caracteres ».

Egrégio, exímio, preclaro. — *Egrégio* diz-se do que sobressa sobre outros da sua especie e se distancia muito de elles em mérito ou predicações.

Exímio diz-se do que supera aos excellentes em seu género.

Preclaro encerra em si a mesma idéa de excellencia que os sinónimos anteriores, mas a essa idéa ajunta-se a idéa accessoria da impressão que a superioridade do individuo causa nos outros.

Eixo, centro. — O *centro* supõe periferia ou contorno; o *eixo* longitude. Diz-se o *eixo* da estrada, o *centro* da sala.

Eleger, escolher, preferir. — *Escolhemos* o que nos parece mais útil e proveitoso; *elegemos* o que parece melhor; *preferimos* aquillo de que mais gostamos, ou que a razão nos induz a *preferir*. *Escolho o panno para um traje; elejo entre dois conselhos; prefiro o morango à banana*.

Roquete diz a este respeito:

« *Preferir* é antepôr uma pessoa ou cousa a outra, determinar-se a favor de ella por qualquer motivo que seja. *Escolher* é se-
« parar o bom do mau, o útil do inútil, o que
« convém do que não convém, examinando
« e consultando o gosto, a utilidade e de-
« mais circumstancias da cousa; a acção de
« este verbo supõe a dúvida ou a indecisão
« existente ainda. O acto de decidir-se a

«vontado, o destinar a cousa ao fim proposto, é *eleger* ou fazer *eleição*.

«A *preferencia* pode ser justa ou injusta, sincera ou apaixonada, por capricho ou por interesse. A *escolha* pode ser acertada ou desacertada, prudente ou inconscientemente. A *eleição* supõe liberdade e diroito em quem *elege*, e destino a cargo ou emprego na pessoa *eleita*, ou fim determinado na cousa de que se faz *eleição*.

«O homem honrado e virtuoso *prefere* a morte ao crime, mas o perverso *prefere* os prazeres turbulentos do mundo à doce paz da inocente virtude. *Escolhe* um general os soldados mais valentes e determinados para uma empreza difficilissima e arriscada. *Escolhe* o superior o súbdito para o ministério ou função. *Elegem* os súbditos um prelado, os eleitores um deputado, a pluralidade de sufragios. Um pregador faz *eleição* do assunto que ha-de tratar, como disse Vieira: «Para gloria sua o igual bem das nossas almas, fiz *eleição* de este assunto (Vi, 6)».

«A mulher leviana *prefere* as côrtes claras o vistosas e escuras e modestas; quando quer fazer um vestido vai a casa da modista, vê os diferentes ostos, examina a sua qualidade, consulta o gosto e a moda, e esta é a verdadeira operação do *escolher*; fixa sua *escolha* em tal ou tal estoffa que mais lhe convém, agrada ou lhe parece melhor, eis a acção de *eleger*, ou fazer *eleição*. Vieira, tendo dito que o melhor meio do desarmar a fortuna, era collocar-se no último lugar, ajuntou: «Só quem soube fazer esta *eleição*, desarmou a fortuna (V, 214)».

«Notaremos contudo que, por uso, *eleger* só se applica ás pessoas, exprimindo a idea de dar a preferencia a uma ou algumas entre muitas; sujeitamo-nos pois a este árbitro, conservemos a expressão *fazer eleição* a boa applicação que lhe deu Vieira e deixemos ao verbo *escolher* aquella que verdadeiramente lhe pertence e acima fica indicada».

Lacerda diz:

«*Preferir* é antepôr uma cousa a outra ou outras: pôr uma cousa em primeiro lugar ou acima de outras; ter uma cousa em mayor conta que outra ou outras.

«*Escolher* é tomar uma cousa entre muitas, deixando de parte as outras.

«*Eleger* é fixar a escolha que se fez de uma cousa e destiná-la ao fim proposto.

«*Preferir* refere-se propriamente ao entendimento; *escolher* e *eleger* á vontade».

Elementos, rudimentos. — No sentido de «primeiras noções» conviria dar a cada um de estes vocabulos o seu verdadeiro sentido, e não empregal-os indistintamente como se vem fazendo.

Elementos são os primeiros e fundamentais principios das sciencias e artes.

Rudimentos são os primeiros passos dados numa sciencia ou arte.

Nunca pode haver *rudimentos* sem ensino: porém ha sempre *elementos* onde houver doutrina.

Elevador, ascensor, tracção funicular. — O compartimento que sobe ou desce verticalmente para transportar pessoas de um a outro nível é um *ascensor*. Diremos pois o *ascensor da Biblioteca*; o *ascensor da rua do Crucifixo*; os *ascensores da Estação central do Rocio*.

Os carros que se movem pela *tracção funicular*, isto é, por meio de cabos metálicos, podem, á falta de outro nome, mas muito imprópriamente, serem chamados *elevadores*, nunca porém *ascensores*.

Elidir, eliminar. — O que se *elide* subsiste virtualmente; o que se *elimina* desaparece. *Elide-se o e de de em do e da. Elimina-se um nome numa lista*.

Elite, escol. — O *escol de*, é a flor, a nata, o melhor que ha na cousa de que se fala.

A *elite de*, é um galicismo deplorável.

Mesmo quando não se possa dizer um *côração de escol*, não vemos a necessidade do introduzir o termo francez, pois em lugar de *côração de elite*, fica muito bem dizer *côração bem formado, excelente côração*, etc.

Elocução, dicção, estylo. — Concordam estes vocabulos em exprimir o modo como um autor maneja a pena ou dispõe da palavra para expôr os seus pensamentos.

O *estilo*, que um cèlebre autor francez disse ser «o revelador do homem»⁽¹⁾, é o modo particular de um escriptor exprimir o seu pensamento quando se acha influenciado pela natureza da obra, pelas ideas que o seu trabalho lhe sugere, e tamhem pelo carácter e gosto proprios. Um autor, assim como dá mobilidade de expressão á fisionomia, pode imprimir ao *estilo* tal variedade de forma que seja licito dizer que elle tem varios *estilos*; não obstante, pouco estudo basta para reconhecer em qualquer obra que pela primeira vez se leia, e cujo titulo haja desaparecido, não só a época em que foi escrita, senão a pena a que é devida, se do mesmo autor houvermos lido precedentemente, e com attenção, outros trabalhos. O *estilo*, tem pois, como o homem, um carácter que pode, segundo a influencia do momento, variar de expressão, não porém de natureza, — o *estilo* de um autor, seja qual fór o assunto que trato, tendo sempre um cunho especial que o torna distincto entre os de todos os escriptores.

⁽¹⁾ «Le style, c'est l'homme» (BUFFON).

Este vocábulo apresenta uma idéa complexa—no *estilo* entrando como adinículos os outros vocábulos de este grupo, a *elocução* e a *dicção*, os quaes não são outra cousa senão o *estilo* considerado do modo particular, como vamos ver.

O *estilo* é formado pela evolução do pensamento, pela selecção dos termos, pela tecedura das expressões, tudo porém obedecendo ás exigências do assumto.

A *elocução* é o *estilo* applicado á eloquência, isto é, o modo como o orador maneja a palavra. — Numa accepção particular, chama-se *elocução* á parte da retórica que ensina a escolher e a entrelaçar as palavras, as frases e os períodos no discurso. — Supõe-se sempre que lá onde não houver predicados taes como a elegância, a fluidez, a elevação, não ha *elocução*.

Dicção é o *estilo* considerado emquanto aos predicados que a correção gramatical e as regras da lingua, exigem de elle. A boa *dicção* consiste no emprego de termos adequados, na justeza da expressão, no cunho lingüístico das locuções, no harmonioso do periodo, nas construcções claras e elegantes, e, numa palavra, em quanto constitue a parte material do discurso.

Diremos muito bem: *estilo elegante, estilo enérgico, estilo harmonioso; estilo pobre; dicção correcta, dicção incorrecta; dicção viciosa; elocução grave, elocução imponente, elocução fácul; mas não poderemos dizer elocução pobre, incorrecta, viciosa, etc.*

Eloquência, elegancia.—Diz Lacerda:

« A elegancia, no sentido literario, consiste na formosura do estilo, a qual depende das condições que lhe são proprias e ensina a retórica e melhor alinda o bom gosto. A eloquência consiste na energia do discurso, a qual resulta principalmente da escolha das razões, e da efficacia dos argumentos. A elegancia contenta-se de agradar. A eloquência tem por objecto persuadir ».

Embaixador, ministro, enviado, encarregado de negocios; legado; nuncio.—O *embaixador* representa a pessoa do chefe do Estado de cujo governo recebe a missão.

O *ministro* tem os mesmos poderes que o *embaixador*, porém, em vez de representar a pessoa do chefe do Estado, representa o seu governo.

O *embaixador* é chefe de embaixada; o *ministro* é chefe de legação.

Enviado é termo comum ao *embaixador* e ao *ministro*, mas mais frequentemente se diz do diplomata encarregado de uma missão especial.

Encarregado de negocios é o diplomata que representa uma nação importante nou-

tra de muito menor importancia, ou o representante de aquella que não pode fazer grandes gastos de representação. O primeiro secretario de uma embaixada ou de legação fica exercendo o cargo de *encarregado de negocios* quando o chefe da missão se ausenta.

Legado é o *embaixador* que o papa envia em missão especial.

Nuncio é o *embaixador* ou *ministro* do papa nas nações em que elle tem representante.

Embalagem (embalar), ensardamento (ensardar), empacotamento (empacotar).—*Embalagem* e *embalar* são gallecismos que de nenhum modo se podem admitir na lingua, o vocábulo francez *balle* correspondendo exactamente ao portuguez *fardo*.

Ensardamento e *ensardar*, derivados de *fardo*, exprimem a idéa de géneros que se envolvem em um envólucro de serapilheira, lãna, oleado, etc., e que fazem grande vulto.

Empacotamento e *empacotar*, derivados de *pacote*, não só indicam vulto mais pequeno que o do *fardo*, mas tambem não incluem a idéa de os géneros *empacotados* levarem envólucro exterior.

Enfardar-se o algodão em rama, enfardam-se panos; empacota-se a palha (!), o papel, etc.

Em balde, em vão, inutilmente.—Em *balde* nega que se haja conseguido o objecto a que tendiam os esforços. Em *vão* não nega que se haja conseguido esse objecto, mas sim que elle haja surtido o effeito que se esperava.

Em balde procura um pretendente falar a quem não o quer receber. Em vão consegue um pretendente falar a quem não pode ou não quer ser-lhe útil.

Inutilmente refere-se apenas á nenhuma utilidade que provém do acto. Um *pretendente* consegue *inutilmente* insinuar-se nas boas graças de quem lhe não pode ser útil.

Roqueto fala de estes adverbios, e tambem de *vãmente* considerando-os como perfeitos equivalentes das expressões francezas, *en vain*, *vainement*, *inutilement*, o qua é erro.

Eis como se exprime:

« O uso confunde communmente a significação dos primeiros dois adverbios; porém, por pouca reflexão que se faça, se percebe entre elles a mesma differença que ha entre *vão* e *inútil*.

« Em *vão* supõe insufficiencia dos meios,

(!) Denomina-se *empacotadora* a máquinha em que se prensa a palha que num pequeno volume pesa pouco mais ou menos 50 kilogramas.

« dos esforços, do desejo, que empregamos
« para conseguirmos um fim. *Inutilmente*
« explica a pouca necessidade ou utilidade
« com que se executa a cousa, sem relação
« alguma a meios nem a esforços. Diz-se
« do um homem, que fala *inutilmente*, isto
« é, sem fruto. — Madruguei *inutilmente*,
« quer dizer, levantei-me cedo, sem fim,
« sem que a isso me obrigasse motivo al-
« gum. Madruguei *em vão*, quer dizer, ain-
« da que tive o incômodo de levantar-me
« cedo, não consegui o fim a que me pro-
« puz, ou que esperava conseguir. — Querer
« corrigir a um nescio é cansar-se *em vão*.
« Gasta o tempo *inutilmente* o mancebo que
« não faz mais que passear e divertir-se.

« *Vãmente* é o adverbio latino *vane*, que
« diz o mesmo que *inutilmente*, e não se de-
« ve confundir com *em vão*, que é o iatim *in*
« *vanum*, que equivale a *frustra*, *em balde*,
« sem fruto.

« *De balde*, o *em balde* são expressões
« portuguezas e castelhanas, mas de ori-
« gem árabe (de *bâtele*, cousa vã, frustrada,
« sem utilidade), que vulgarmente so con-
« fundem, mas que se deveriam differenciar
« em portuguez como se differenciam em cas-
« telhano. *De balde*, quer dizer, sem preço
« algum, graciosamente. *Em balde*, quer
« dizer *em vão*.

Embaraço, impedimento. — O
« impedimento não deixa proseguir, *impede*
« alcançar o fim desejado.

« O *embaraço* não deixa o passo livre; mas
« pode ser removido.

**Embrulhada, enredo, complica-
« cção.** — Não devem confundir-se estas
« palavras. A *embrulhada* provém de não se te-
« rem feito as cousas como era devido; o *en-*
« *redo* vem da malícia, da má fé de quem pre-
« tende semear desórden ou discordia; a *com-*
« *plicação* vem de causas extranhas que se
« metem do pormeio.

Embryão, feto. — *Embrão* é o germe
« do que está destinado a nascer, mas só tem
« esse nome antes de adquirir a forma deter-
« minante do seu ser, essa forma sendo pe-
« culiar ao que se chama *feto*.

De estes vocábulo diz Roquette:

« A palavra grega *embruon* corresponde
« á latina *fetus*, *feto*, o significa o que se
« forma e produz no seio da mãe, o fruto de
« seu ventre. Confundiram-se talvez por ai-
« gum tempo estes dois termos de fisiolo-
« gia, mas hoje em dia differenciam-se per-
« feitamente, e não deve um usar-se indis-
« tintamente em lugar do outro.

« Chama-se geralmente *embrão* ao corpo
« informe do animal, a seus primeiros rudi-
« mentos, ao producto immediato da conco-
« cção, ao que ainda não tem a figura corres-
« pondente á sua especie; porém quando se
« apresentam já clara e distintamente as par-

« tes que compõem o animal, o *embrão* to-
« ma o nome de *feto*.

« Muitos anatomistas têm observado que
« aos trinta dias da concepção está o ani-
« mal assaz formado para poder chamar-se
« *feto*.

« Em botânica chama-se *embrão* ao cor-
« po organizado que contém a amêndoa de
« todo grão secundado, também se diz no
« sentido figurado por cousa não desenvol-
« vida. A palavra *feto* só se usa em sentido
« proprio, e com relação aos animaes.

Embuste, mentira, pêta. — *Em-*
« *buste* é *mentira* artificiosa inventada por
« quem a diz.

Mentira é tudo o que não é verdade. A
« *mentira* pode ser dita por quem está de boa
« fé e julga dizer uma verdade.

Se, acreditando no *embuste* que me dis-
« seram, eu o repetir, digo uma *mentira*; se,
« reconhecendo a sua falsidade, ainda assim
« o repetir, digo um *embuste*.

Pêta é *mentira* da lavra de quem a diz,
« mas *mentira* que não pode ter consequên-
« cias desagradáveis, posto que o seu objecto
« é fazer rir.

Roquette diz o seguinte de *mentira* e *em-*
« *buste*:

« A palavra *mentira* explica sómente a
« idéa de uma cousa falsa, puramente co-
« mo tal; porém *embuste* supõe por si só,
« além de aquella falsidade, a malícia com
« que se diz. Assim que a *mentira* não per-
« do o carácter de tal, ainda que se exten-
« da de uns a outros a grandes distancias e
« tempos remotos, e se diga e propague por
« pessoas que de boa fé a creem como ver-
« dade; porém o *embuste* não o é positiva-
« mente senão na boca do que o crê falso,
« porque ninguém diz um *embuste* de boa
« fé. — As historias e as gazotas são arma-
« zens de *mentiras*. Um rapaz experte arma
« um *embuste* para esconder uma travessura.

« Por isso a um trapaceiro, a um homem
« de má fé, so lhe dá com mais propriedade
« o nome de *embusteiro* que o de *mentiroso*,
« porque aquelle adjetivo explica com mais
« energia, não só a falsidade do que diz, se-
« não também a intenção maliciosa com que
« mente ».

**Emissario, mensageiro, par-
« lamentario, espião.** — *Emissario* (do
« iatim *emissarius*, do verbo *emittere*, enviar)
« é aquelle que um governo, um partido, uma
« colectividade ou um particular envia como
« seu agente para se entender com um chefe
« de Estado ou de partido, com um general,
« etc. O *emissario* é geralmente um agente
« secreto, o que o distingue de um enviado
« extraordinario, quando se trata de ques-
« tões diplomaticas, e de um *parlamentario*,
« quando os assuntos que se ventiliam são re-
« lativos a questões de guerra. Em todo o ca-
« so o *emissario* tem além da missão que lhe

confiam, o que geralmente é secreta, outra missão reservada, que elle não deve revelar, qual é a de ver, observar, sondar, e comunicar o que vê e observa a quem o enviou. Ora é justamente esta segunda parte da sua missão que dá ao *emissario* um carácter um tanto vil posto que ha nelle algo de *espão*, e até de promovedor de intrigas, tumultos, etc.

O papel de *espão* é essencialmente passivo, a sua missão consistindo exclusivamente em ver, observar e *espiar* o que se passa para o comunicar aos que o enviam. O *espão* é sempre um agente secreto, mas que não pode tomar parte activa nos acontecimentos, nem mesmo dar-se a conhecer; antes pelo contrario: deve sempre occultar a sua qualidade. Esta dissimulação, indispensável por certo, torna o cargo do *espão* muito mais baixo, vil e deshonroso que o do *emissario*, o qual, pelo menos, tem o carácter reconhecido por aquelle junto do qual é enviado.

Parlamentario diz-se exclusivamente do militar que, em campanha, é enviado ao chefe inimigo para lhe comunicar as proposições do seu chefe e receber resposta a ellas.

Mensageiro, no sentido em que este vocabulo é sinónimo dos precedentes, diz-se de quem é enviado com menságem, isto é, com noticia ou missão verbal a outrem.

Roquete compara *emissario*, *espão* e *explorador* dizendo:

« *Emissario* (do verbo latino *emitto*, mandar para fora) é o mensageiro ou enviado « que se manda com commissão secreta de « observar, sondar, averiguar as intenções, « as acções de outras pessoas, o estado das « cousas, descobrir quanto se deseja saber, « e talvez dar conselhos, corromper pes- « soas, etc.

« *Espia* é o que se vale de falsidades e « enganos, com malícia, dobrez, dissimula- « ção e segredo para saber o que se passa; « vê, escuta, examina, observa, esquadri- « nha quanto pode para o fazer saber a « quem lhe paga para *espia*».

« *Explorador* é o que *explora*, investiga, « averigúa, e examina com desejo de saber « uma cousa; para isto reconhece e regis- « tra com summa diligencia e cuidado tudo o « que pode contribuir a sou intento.

« Diferença-se o *explorador* do *emissario* « em que aquelle muitas vezes *explora* por « si e para si, por curiosidade ou utilidade « propria, etc.; sendo que este é sempre « mandado por alguem e quasi sempre se « toma em mau sentido. O *espia* differença- « se dos dois em ser officio infame, vil, des- « honroso, ainda que útil e necessario nos « tempos em que vivemos: por elles se des- « cobrem conspirações e se protege a segu- « rança dos cidadãos. — O *emissario* deve « saber obrar e descobrir-se a tempo; o *es- « pia*, occultar-se, disfarçar-se, ver, ouvir e

« caiar. — Mandam-se *emissarios* de uma ter- « ra para outra; ha *espias* na côrte, no exér- « cito, nas familias, etc. — O que quer fazer « revoluções vale-se de *emissarios*; o que « quer saber quanto se passa serve-se de « *espias*. — Tão vil é um como outro quando « são salarizados, e se valem de meios infame- « mes e traiçoeiros; com tudo o primeiro é « menos vil porém mais perigoso, o segun- « do é mais desprezível porém de grande « utilidade quando se emprega a bem da « segurança pública ».

Empachar, empanturrar, empauzinar. — *Empachar* diz-se do efeito que certas iguarias produzem no estômago, por exemplo os doces muito sobrecarregados de gema de ovo e de assucar ou mel, os quaes não só não consentem que se continue a comer, senão que causam incômodo ou principio de indigestão.

Empanturrar é encher demasiado o estômago, comer como um alarve.

As brás do Natal empacham, são empachosas. *Empachou-se com trouzas de ovos.* — Um abade que não se *empanturra* diariamente não é um abade de *de direitas*.

Basta notar, em apoio da sinonímia que estabelecemos, que *empachar* tem o derivado *empachoso*, ao passo que de *empanturrar* não ha derivado *empanturroso*; tem porém em contra sua *indiscreta autoridade e reconhecida competencia* do sr. Cândido de Figueiredo, que considera os dois verbos como sinónimos perfeitos.

Empauzinar é o mesmo que *empanturrar*, porém este último verbo é da linguagem faceta, ao passo que *empauzinar* é termo baixo.

Empedernido, endurecido. — O homem *empedernido* obstina-se no seu erro; o *endurecido* resiste aos rogos e lágrimas. — Assim, *empedernido* diz-se melhor com relação ás idéas, á obstinação; *endurecido*, ao coração.

Empenho, telma, porfia, obstinação. — *Empenho* é o desejo activo com que procuramos obter alguma cousa. Se o *empenho* dêr com uma negativa formal, não insiste; insistindo, é *telma*; e se á *telma* juntar contenda ou luta para levar a sua avante, é *porfia*.

Obstinação é a insistencia, afínco, afêrro com que se persevera até alcançar o que se deseja, ou até que o contrario desista e ceda.

Veja-se o artigo *Birra*, na página 176.

Empertigar-se, aprumar-se, endireitar-se. — *Endireitar-se*, vocabulo pouco recomendável quando o consideramos como sinónimo dos outros dois de este grupo, é cessar de estar curvado; termo preferível, neste sentido, é *aprumar-se*.

Empertigar-se acrescenta á idéa de *aprumar-se* a de tomar certo ar agressivo ou tão só a de manifestar valor.

Emphático, campanudo, empolado.—Servimo-nos de estes adjetivos para qualificar o estilo que, atendendo ao assunto que trata, pretende elevar-se demais.

Enfático qualifica a exageração do estilo que faz brilhar as cousas mais do que merecem.

Campanudo qualifica o estilo recheado de grandes palavras ócas de sentido.

Empolado diz-se do estilo em que se empregam termos altisonantes para exprimir idéas corriqueiras.

Campanudo e *empolado* referem-se ás expressões em si; *enfático* refere-se melhor ás cousas ditas que ás expressões empregadas para dizel-as.

Emphytense, aforamento ou empraçamento, fóro ou cânón.—A *emphytense* é um contrato pelo qual o dono de um predio transfere o seu dominio útil para outra pessoa mediante certa pensão anual a que se dá o nome de *fóro* ou *cânón*.

Aforamento diz-se da propria *emphytense*, e também da combinação em virtude da qual ella tem logar. Também se lhe dá o nome de *empraçamento*.

Empregar, usar, servir-se de.—*Empregar* é fazer uso de alguma cousa naquella fim a que ella se destina; é termo essencialmente objectivo porque sempre o referimos ao objecto empregado, independentemente de qualquer idéa relativa ao sujeito.

Usar é termo ao mesmo tempo subjectivo e objectivo, pois estabelece o direito ou habito de quem usa, e o emprego que se faz do que é usado.

Servir-se de é aplicar uma pessoa ou cousa á nossa propria utilidade, exigir-lhe auxilio.

Emprega-se a lente para ler num mapa geográfico. Usamos de óculos para ler quando temos a vista cansada. Servimo-nos de telescópio para examinar a lua.

A respeito de estes vocábulos diz Lacerda o seguinte:

« *Empregar* é fazer applicação particular de uma cousa ou pessoa a algum negocio ou trabalho segundo as suas disposições especiaes.

« *Usar* é tirar utilidade de uma cousa que de qualquer modo nos pertence; *empregar* uma cousa em serviço proprio ou de outrem.

« *Servir-se* é aplicar alguma cousa em proprio proveito segundo o poder que temos de assim o fazer.—*Empregar* refere-se de modo particular á pessoa ou cousa de que se dispõe; *usar*, ao gozo ou utili-

« dade do que de ella dispõe; *servir-se*, á necessidade e também ao proveito da pessoa. *Emprega-se* as pessoas, cousas, meios, etc., como nos agrada ou convém, *Usamos* das nossas cousas, das nossas faculdades. *Servimo-nos* de um instrumento, de um meio, etc.»

Empreender, entabolar.—Ha menor efficacia em *entabolar* que em *empreender*, pois antes de *empreender* havemos de *entabolar* os preparativos da empreza.

As nações devem *entabolar* negociações antes de *empreenderem* a guerra.

Empreender, empreender.—Acertado anda Roquete ao dizer de estes verbos:

« Não são sinónimos estes vocábulos, como muito bem disse D. Fr. Francisco de S. Luiz, o por isso não deviam aqui ter logar: mas, porque alguns escritores, aliás doutos, levados pela similitude do som material, ou, o que é mais certo, pela pareença do nosso verbo *empreender* com o *emprender* francez, os fizeram taes, não é sem utilidade declarar a grande differença e nenhuma sinonímia que entre elles ha.

« *Empreender* (do latim *prehendere*) é determinar-se e começar a fazer alguma acção laboriosa, difficil, o ás vezes arriscada e perigosa.

« *Emprender* é acometer de improviso, tomar por *empreza* uma praça, uma fortaleza, etc.

Empreitada, tarefa.—A acepção em que *tarefa* significa o trabalho que se tomou por *empreitada* é abusiva, pois os dois vocábulos têm sentido determinado e muito differente.

Empreitada é a obra que se faz por um preço que se combina antes de se lhe dar principio.

Tarefa é a obra ou porção de trabalho que se deve acabar num determinado prazo sob pena de não poder fazer outra cousa antes de a concluir.

Empréstimo, commodato, mútuo.—Muito bem comparou Roquete estas palavras, so bem de *comodato* pudera, melhor do que disse, dizer que é o *empréstimo* de cousa não fungivel. Els o que diz o cta-do sinonimista:

« *Empréstimo* é o acto de emprestar, e a cousa emprestada; é uma especie de contracto pelo qual concedemos a outrem, de graça, alguma alfaya, dinheiro, etc., para nola restituir depois de algum tempo. « Também se chama hoje *empréstimo* a uma soma emprestada que recebe o governo ou algum particular e de que paga juros. « É termo genérico e vulgar que abrange as duas especíes de *empréstimo* mais co-

« nhecidas om jurisprudencia pelos nomos
« de comodato e mútuo.

« Quando a cousa emprestada nos deve
« ser restituída individualmente a mesma,
« chama-se comodato; quando a cousa em-
« prestada nos pode ser restituída, não in-
« dividualmente a mesma, senão na mesma
« especie, e em egual qualidade, chama-se
« mútuo.

« Óptimamente mostrou Vieira a diferen-
« ça entre estes vocábulos, e as idéas por
« elles representadas, no seguinte logar:—
« E que differença ha entre o empréstimo
« que se chama comodato, e o em-
« préstimo que se chama mútuo? A di-
« ferença é, que no comodato hei-de pa-
« gar, restituindo aquillo mesmo que me em-
« prestaram; pedi-vos emprestada a vossa es-
« pada, hei-vos de restituír a mesma espada.
« Porém no mútuo não sou obrigado a pa-
« gar com o mesmo, senão com outro tanto;
« pedi-vos emprestado um moço de trigo, não
« vos hei-de pagar com o mesmo trigo, senão
« com outro ».

Empyreó, céo. — Veja-se no artigo
Bemaventurança o que se disse de
céo.

Empyreó é termo poético e também reli-
gioso, mas numa e noutra linguagem se diz
do ponto do céo que se supõe ser o assento
e trono de Deus e morada dos justos.

Emulação, rivalidade, inveja.

— Pela emulação deseja-se sobresaír; pela
rivalidade procura-se vencer. Na emulação
estão em jogo o mérito, a applicação, o va-
lor, o talento e a virtude; na rivalidade, a
paixão, a ambição, e os interesses. Fre-
quentemente os *émulos* são amigos; os *ri-
vales*, são sempre inimigos. A emulação tem
por objecto os estudos, a sciencia, a arte; a
rivalidade dá-se na politica, no amor, nas
pretenções, etc. A emulação excita o zelo e
a actividade; a rivalidade excita ódios e
invejas.

De *inveja*, sinónimo dos vocábulos de que
acabamos de falar, já fica dito o que con-
vém no artigo **Clíme**, página 236.

Não estará demais ler o que Roquete dis-
se de estas palavras:

« Emulação indica concorrência; rivali-
« dade, competencia, cboque; inveja, clíme
« injusto. Todos os que seguem uma mesma
« carreira são *émulos*; quando se opõem seus
« interesses, são *rivales*; quando alguns de
« elles buscam diminuir o mérito dos ou-
« tros para em despeito de elles se eleva-
« rem, esses são *invejosos*; — Os *émulos* ca-
« minham juntos ao mesmo fim; os *rivales*,
« uns contra os outros; os *invejosos* buscam
« suplantar-se mutuamente.

« A emulação é uma paixão nobre, um
« sentimento generoso e vivo que nos im-
« pele a fazer os mayores esforços para imi-
« tar, egualar e ainda sobrepujar as acções

« dos outros, principalmente se são nobres
« e heroicas. A rivalidade é um sentimento
« de competencia, de concorrência, e como
« de certa inveja que nos obriga a esforçar-
« mo-nos de qualquer modo que seja, para
« vencer e ainda exceder a outros que as-
« piram a lograr uma mesma cousa. A *in-
« veja* é uma paixão torpe, um movimento
« forte e violento, e como um forçada con-
« fissão do mérito alheio, que o invejoso,
« que de elle carece, quizera tirar-lhe para
« se apoderar de elle.

« A emulação excita; a rivalidade irrita;
« a inveja degrada. — A emulação é uma
« chama que aquece; a rivalidade um fogo
« que aparta, sepára e destróe; a inveja é
« um incendio interno que devora e conso-
« me. — A louvável emulação, diz Cícero,
« consiste em imitar a virtude; a rivalida-
« de é inveja da preferença. O talento ins-
« pira emulação; os desejos e as pretenções,
« rivalidade; a fortuna e a prosperidade, in-
« veja, que é ella sua antagonista, como di-
« zia Aristóteles. — A emulação contribue a
« formar os varões abalizados; a rivalida-
« de produz inimizades, e acende odios in-
« termináveis; a inveja deseja arrancar os
« olhos a quem lhe faz sombra. Assim fez
« ella ao capitão Belisario, que, posto em
« uma choupaninha junto da estrada, pedia
« osmola ao passageiros, dizendo: — Ca-
« minbante, real e meio a Belisario, a quem
« o valor expoz aos olhos de muitos, e a in-
« veja o privou dos seus (o PADRE BERNAR-
« DES, V, 407). — Nos tribunaes onde a in-
« veja preside, diz o padre Vieira, as virtu-
« des são peccados, os merecimentos são cul-
« pas, as obras ou boas qualidades são cri-
« mes. — Os invejosos mais sentem os bens
« alheios que os males proprios (V. 510, 521).

« Felizmente esta terrível serpe é muitas
« vezes impotente quando o céo quer cum-
« prir seus designios, como sentenciosa-
« mente disse Camões:

« Que nunca tirará albeia inveja.

« O bem que outrem merece, e o céo deseja.

« Lus., I, 39 ».

Lacerda é muito mais conciso, dizendo
apenas:

« Emulação indica concorrência. Rivali-
« dade denota concorrência e opposição. In-
« veja designa clíme injusto. Ha emulação
« entre os que seguem a mesma carreira.
« Ha rivalidade quando os interesses se
« opõem e se combatem. Ha inveja quando
« algum dos rivales procura elevar-se á cus-
« ta do mérito dos outros, e suplantal-os de-
« primindo suas boas qualidades. A emula-
« ção é uma paixão nobre, um sentimento
« generoso, que nos move e leva a imitar,
« e a exceder as acções nobres por outros
« praticadas. A rivalidade é um sentimento
« de competencia, que nos impelle a egua-
« lar, ou sobrepujar os outros por quaes-

« quer meios que seja. A *inveja* é um sentimento abjecto, uma paixão torpe que nos obriga a confessar o merecimento alheio, « affligindo-nos de carecemos das qualidades que distinguem os outros, ou dos bens « da fortuna que elles possuem ».

Encantamento, o encanto, feitiço, sortilegio, embelezamento. — Transcrevemos o que Roquete diz de estes vocábulos :

« Em sentido recto referem-se as trez primeiras palavras a operações puramente mágicas, segundo as crenças vulgares que por muito tempo dominaram o mundo, e não deixam de ter ainda bastante influencia. A quarta (¹), quando se toma em sentido figurado, é uma consequencia de ellas.

« *Felicitaria* é a arto sobrenatural e diabólica para dominar a vontade das pessoas, transtornar seu juizo, privar-lhes da saúde e até da vida, causar-lhes todo o género de dano, valendo-se para isto os feiticieiros de evocações, de pactos com o demonio, de confissões, de beberagens, e acompanhando tudo de mil práticas supersticiosas e ridiculas. O *enfitecido* está como fóra de si, fátuo, bobo; não é senão de si mesmo; é um bonoco que pensa, move-se por vontade, por impulso alheio. O *feitiço* presenta-nos a idéa de uma força oculta que pára e detém os naturaes efeitos das cousas.

« O *encanto* consiste em palavras e ceremonias de que se valem os supostos mágicos para evocar os demonios, fazer malefícios, converter as pessoas em estátuas, em árvores, em animaes, e a estes em pessoas, em entes invisíveis, aéreos, encerrando-os em palacios e covas também encantadas, sem poderem sair de lá nem voltar a seu antigo sêr e estado, sem que se passe certo número de anos, se cumpram certas condições raras e difíceis, ou se verifiquem certos successos estranhos e como casuaes, ou se presentem mais sabios encantadores que desfaçam o fatal *encanto*.

« A palavra *sortilegio* encerra particularmente a idéa de uma cousa que damna ou perturba a razão. Chama-se *sortilegio* á adivinhação que os sortilegos fazem valendo-se de sortes supersticiosas.

« Todas estas palavras indicam, em seu sentido literal, o efeito de uma operação mágica, que a politica supõe, que a religião condena, e de que zomba a verdadeira filosofia. Todas são malignas e subtilezas para embair e enganar a gente singela, vulgar e crédula.

« As duas palavras *encanto* e *feitiço* têm

« muito uso em sentido figurado; a de *sortilegio* nenhum. — *Enfeitejar* é tirar a alma da indiferença, da inacção, para conduzi-la a sensações agradáveis, já com o motivo dos objetos a que se refere, já com o exercício de suas faculdades. *Encantar* é fixar, apegar fortemente a alma a estas sensações com o atractivo do prazer que recebe. — *Encanta-nos* um magnífico espectáculo; *enfeiteja-nos* o aspecto de um formoso jardim. *Encanta-nos* a música, a representação de uma tragedia, a coaversação, o proceder de uma pessoa, suas boas prendas; tudo que nos dá gosto, nos interessa e apaixona, aos *encanta*. A formosura *enfeiteja* os corações; tudo que lisonjeia nossos sentidos, os arrasta e domina, nos *enfeiteja*. São *feiticieiros* os olhos, os agrados, o modo, os carinhos, quando de seus atractivos nos deixamos prender e *enfeitejar*; por isso disse Bernardes nas Rimas :

« Ah que gostos de amor são *feiticieiros*,
« *Feiticieiros* enganous m'enfiçaram.

« A palavra *embelezamento* parece aumentar o valor moral das outras duas de que falámos, pois que *embelezar*, em seu sentido proprio e natural, significa suspender a mente, arrebatr os sentidos, elevar aossa alma, infundir-lhe passmo, tirai-a como fóra de si, engolfado-a em prazer. — Um homem, *encantado* á primeira vista da formosura de uma dama amável, bem depressa se namora de ella e fica *enfeitejado* por suas boas prendas; se logra sua correspondencia, de continuo lhe repete com o mesmo *embelezamento* as expressões do seu amor. — O costume que nos familiariza com tudo, destrõe o *encanto*. A reflexão, que tudo prevê e explica, o dissipa. O *feitiço*, ao contrario, cresce com o hábito e a reflexão. O hábito diminui o *embelezamento*, o o *embelezamento* mata a reflexão ».

Lacerda resume o artigo de Roquete dizendo apenas :

« *Encanto* ou *encantamento* são as palavras o ceremonias a que recorrem os seus postos mágicos para fazer malefícios, e operar os seus imaginados prodigios. *Feitiço* é tudo aquilo de que usa o chamado feiticieiro, ou mágico, para inspirar amor, excitar odio, etc. « Não ha *feitiço* mais eficaz para ser amado, que amar ». VIEIRA. — *Sortilegio* é o maleficio de que se servem os feiticieiros por meio de sortes para induzir os que nelles acreditam. *Embelezamento* é o efeito do encanto, etc., é o estado de embevecimento do que, em presença de uma grande beleza, ficou suspenso, ou como fóra de si, alheado ».

Encarecer, exagerar. — *Encarece-se* para tornar meritório ou apreciável; *exagera-se* a quantidade ou a difficuldade.

(¹) Veja-se o que de *embelezamento* fica dito na página 139.

De estes vocábulos diz Roquete com muito acerto:

« *Exagerar* recáe mais propriamente sobre as circunstâncias que fazem notável a cousa *exagerada*, e *encarecer* sobre as que a fazem apreciável, conservando o verho neste sentido figurado (em que é sinónimo de *exagerar*) a propriedade de seu sentido recto.

« *Exagera-se* o número dos inimigos, *encarece-se* o valor das nossas tropas. « *Exageram-se* os incómodos da guerra, « e *encarece-se* o mérito de ter servido « *nella* ao rei e à patria. Um historiador *exagera* os factos que refere; um mercador *encarece* o primor da alfaya que vende. Um casamenteiro *exagera* as riquezas, e *encarece* as boas prendas da dama que propõe ».

Encobrir, occultar, esconder. — *Encobrimos* os actos alheios, não só calando-os, mas até talvez defendendo-os.

Occultamos o proprio e o alheio: o proprio para não sermos molestados; o alheio para que não molestem o agente.

Tambem *occultamos* uma cousa para que não seja vista; e a *escondemos* para que não dêem com ella.

A modestia *occulta-sei* o crime **esconde-se.**

Do modo seguinte fala Roquete de estes vocábulos:

« *Encobrir*, segundo a palavra o está dizendo, é lançar véo ou coherencia sobre o objeto de modo que se não veja. — *Occultar* é retirar o objeto de nossos olhos, não o deixar ver. — *Esconder* é tirar o objeto de diante dos olhos, pondo-o em lugar onde o não possamos alcançar com a vista. — A névoa espessa *encobre* o sol, a lua e as estrelas; a forma esférica da terra *occulta* o polo antárctico aos habitantes da Europa; as pégas *escondem* os objetos que furtam.

« Em sentido moral *encobre-se* uma cousa quando se tapa ou disfarça para que não se conheça ou descubram as imperfeições; *occulta-se* quando se cala advertidamente o que a seu respeito se devesse ou pudera dizer; *esconde-se* quando se tiram os meios de se poder achá-la ou descobri-la. — Um contrahandista *encobre* seus géneros para depois os vender com mór proveito. Um capitão de ladrões *occulta* seus pensamentos para não ser trahido por algum pérfido. Um avaro *esconde* seu tesouro para que ninguém lhe toque ».

Lacerda diz:

« *Encobrir* é lançar alguma cousa por cima de outra, de modo que não se veja. « *Occultar* é tirar algum objeto de diante dos olhos de alguém, de sorte que o não veja. « *Esconder* é retirar um objeto para longe dos olhos, e pô-lo em parte onde não possa a vista alcançar, nem divisá-lo. Em

« sentido translató *encobre-se* o que se disfarça; *occulta-se* o que advertidamente se cala ou omite; *esconde-se* o que não se nos consente que vejamos ou advirtamos ».

Endêmico, epidêmico, contagioso. — Ha analogia entre estes vocábulos, não porém sinonímia.

De elles diz Lacerda:

« É *epidêmica* a doença que vae correndo um reino ou grande parte de elle. É *contagiosa* a que se pégas, se comunica por qualquer sorte do contacto. É *endêmica* a que é particular de certos reinos ou províncias, como as febres intermitentes nos logares pantanosos ».

Enfado, enojo. — O *enojo* é um sentimento muito mais vehemente que o *enfado*; este tem alguma analogia com o aborrecimento; e aquelle a tem ainda mayor com a cólera. Ha ofensas que *enfadam*, e outras — as grandes — *enojam*. Uma falta de attenção *enfada-nos*, mas o insulto *enoja-nos*. — Outra particularidade que differença estas palavras é que o *enfado* pode provir das cousas inanimadas, como o harulho, a inclemencia do tempo; o *enojo* vem sempre das acções humanas.

De estes vocábulos diz Lacerda:

« *Enfado* é tudo que nos molesta, nos desagrada, nos causa incómodo ou fadiga. « *Enojo* é a molestia, o trahalho, cansaço, aborrecimento, procedido principalmente de causa moral: — *Sejam* mais os cuidados, e *enojos*, que os prazeres (ARRAES). « — *Enfada* um falado. *Enoja* uma falidade. *A poeira causa enfado*. *A saudade causa enojo*: — *Semti tudo me enoja* « e aborrece (CAMÕES) ».

Roquete comparou os mesmos vocábulos dizendo:

« Tudo quanto nos molesta, nos desagrada, se opõe a nosso gosto ou inclinação, nos causa *enfado*. O que falta á obediencia, á obrigação, ou ao respeito que se nos deve, nos *enoja*. Pelo que o *enfado* pode causar-se indifferentemente pelas pessoas e pelas cousas, porque umas e outras podem desgostar-nos, ou contrariar nossas inclinações. *Enfada* um falador destemperado, *enfada* o calor, a poeira, o ruído. Porém *enojo* só o podem causar as pessoas, pois só estas podem faltar á obediencia, ao respeito. E assim o *enojo* supõe superlóridade da parte da pessoa *enojada*, porém nem sempre a supõe o *enfado*. — Muitas vezes um pae vem para casa *enfadado* do trahalho, dos negocios, etc., e fica *enojado* ao ver a desobediencia e ingratitude com que seus filhos correspondem a seus desvelos. — Não se poderá dizer que Deus está *enfadado*, mas dir-se-á mui bem que está *enojado* quando desobedecemos a seus mandamentos e o provo-

« camos a mostrar os efeitos de seu justo
« enajo para comnosco.

**Enganar, embair, seduzir, il-
ludir.** — *Enganar* é termo genérico e si-
gnifica fazer com que outrem creia o que é
falso, ou fazer com que alguém obre de
qualquer modo com tal que não seja o ade-
quado ou verdadeiro, ou induzir proposi-
talmente em erro.

Embair é enganar valendo-se das pro-
prias habilidades e da fraqueza de espírito
ou da credulidade da pessoa a quem se en-
gana.

Seduzir é enganar deslumbrando, mos-
trando a falsa aparência e brilho seductor
do proprio objeto para que se seduz.

Iludir é enganar com pretextos ou em-
bustes bem tecidos, ou apresentando o con-
trario da realidade.

De estes vocábulos diz Lacerda:

« *Enganar* é fazer que outrem creia que
« é o que não é.

« *Embair* é enganar com embustes, em-
« belezos, mentiras.

« *Seduzir* é enganar com arte, manha, o
« geito astucioso.

« *Iludir* é enganar com pretextos, ou apa-
« rencias falsas ».

Enganoso, falso, fallaz. — Ila
mais aparência de verdade no que é *fallaz*
do que naquillo que é *enganoso*, e tambem
se necessita mais *ingenho* para ser *fallaz*
que para ser *enganador*.

Quem promete e não cumpre é *engana-
dor*, e a sua promessa *enganosa*; se porém
tal promessa se revestiu da deslumbrante,
mas só aparente certeza do seu cumprimen-
to, é *fallaz*, e *fallaz* é tambem aquelle que
prometeu.

Falso diz-se do que não é verdadeiro ou
real, e tambem da pessoa que tem a quali-
dade de não ser leal, podendo essa quali-
dade estar latente até que uma circumstan-
cia qualquer lhe reclame a actividade. Um
homem *falso* está sempre disposto a não ser
franco, nem leal, nem verdadeiro. Uma as-
serção *falsa* compõe-se de factos contrarios
à verdade. Mas se o homem *falso* procura
ocasiões do pôr em jogo a sua falsidade, e,
se obra para que essas ocasiões se lhe de-
parem, então é não só *falso*, mas tambem
fallaz.

De *fallaz* e *enganoso* diz Lacerda:

« *Fallaz* é o que *engana* com intenção; o
« que de si mesmo está disposto sempre a
« enganar alguém; e tambem é *fallaz* o que
« pode a si enganar-se, ou pelos outros ser
« enganado, e finalmente diz-se que é *fallaz*
« tudo aquillo que serve, de qualquer modo
« que seja, para enganar os outros.

« *Enganoso* é o que induz em erro a al-
« guem.

« *Enganoso* é palavra genérica. *Fallaz* de-

« signa mais particularmente a falsidade
« pensada ».

Engenho, talento, genio. — O *ta-
lento* é a faculdade do conceber facilmente,
de expressar-se com acerto, e de executar
como é devido o que se concebeu ou se pen-
sou.

O *engenho* (ou ainda melhor o *ingenho*) é
a faculdade de inventar, de descobrir en-
tre as cousas relações e combinações que
se occultam aos olhos do vulgo.

O *talento* é mais ou menos claro, mais ou
menos vasto nos seus alcances, mais ou
menos rápido na concepção; o *ingenho* é
mais ou menos fecundo, mais ou menos sub-
til, mais ou menos ousado. — O *ingenho* in-
venta amanhos, cria ficções, combina os
meios de obter grandes resultados; o *ta-
lento* pule, aperfeiçoa, desempenha com
acerto o que o *ingenho* lhe dictou. O *talento*
adquire-se; o *ingenho* nasce com o homem.

O D. Quichote é uma obra de **ingenho**
quando atendemos ao plano da composição, à
variedade dos seus incidentes, e aos caracte-
res das personagens que nella figuram. Quan-
do porém se atende ao estilo, dicção, narrati-
va e descrições, diremos que essa obra está
escrita com **talento**.

Genio — vocábulo que, por mais esforços
que façamos, não comprehendemos o que
queira dizer como sinónimo dos preceden-
tes — é, segundo o sr. Cândido de Figueire-
do: « Grande talento innato ». Parece-nos
que é galicismo. Nós, de uma pessoa que
possue grande poder intellectual, dizemos
que é um *genio*, que tem *ingenho*, mas não
que tem *genio*.

Veja-se, mais adiante, o artigo **Espli-
rito, ingenho**.

Vejamos tambem o que de estes vocábu-
los diz Roquette:

« O *talento* é uma disposição particular e
« habitual da faculdade intellectual de que
« o homem é adornado, e de que usa para
« bom ordenar suas acções e palavras, para
« a exactidão do seus raciocinios e funda-
« mento de suas opiniões, e enfim para lo-
« grar o êxito de qualquer cousa que em-
« prenda; o considerado com respeito às
« letras, consiste em dar a aptitude conve-
« niente aos assuntos de que trata, e o ver-
« dadeiro colorido às idéas que concebe, o
« que aproveem a arte e o gosto. A ordem,
« a clareza, a elegancia, a facilidade, o na-
« tural, a correção, a graça, formam parte
« do *talento*.

« O *genio* não é uma grande superiorida-
« de de *talento*, como pretende o autor do
« Glossario; é uma especie de inspiração
« frequente, porém passageira; seu princi-
« pal attributo é o dom de crear, como o diz
« sua etimologia, de *gigno*, gerar. Sucede
« que o homem de *genio*, se eleva ou se
« abaixa sucessivamente, segundo que a
« inspiração o anima ou o abandona. O *gé-*

« não manifesta-se grande, e remonta-se co-
mo a agulha quando trata de assuntos gran-
des e sublimes, porque estes são a propó-
sito para despertar seu instinto sublime e
poio em actividade; é descuidado nas
coisas mais geraes, porque estão, por as-
sim dizer, abaixo de elle. Sem embargo,
se de ellas se occupa com attenção profun-
da, as affirmosella com novidade e primor.
O génio poético de Camões manifesta-se
grande e sublime quando canta os feitos
ilustres dos Lusitanos, quando celebra

« Albuquerque terrível, Castro forte,
« E outros em quem poder não teve a morte;

« sobe de ponto quando representa o Cabo
« Tormentoso personificado num gigante que
« fala ao Gama, lhe exprou seu atrevimen-
to, e lhe annuncia os tristes naufragios que
« naquellas paragens hão de succeder, di-
zendo-lhe:

« Sabe que quantas naus esta vllagem
« Que tu fazes, fizerem de atrevidas,
« Inimiga terão esta paragem,
« Com ventos e tormentas desmedidas:
« E da primelra armada, que passagem
« Fizer por estas ondas insofridas,
« Eu farei de improvisio tal castigo,
« Que seja mór o damno que o perigo.
(Lus., V, 43.)

« Sustenta-se com progressiva elevação
« quando o faz contar o motivo de sua trans-
« formação, que o monstro horrendo remata
« com aquelles sublimes versos:

« Estando c'um penedo fronte a fronte,
« Que eu pelo rosto angélico apertava,
« Não fiquei homem não, mas mudo e quedo,
« E junto d'um penedo outro penedo.
(Lus., V, 56.)

« Abate-se porém este génio poético, e
« quasi se apaga este lume vivificante, no
« canto oitavo, em que Vasco da Gama, o
« grande capitão, apparece não como um he-
roe em tudo grande, senão como um cha-
tim de pequeno trato, sollicitando o des-
pacho da fazenda, a troca de géneros, co-
mo se fosse uma sobrecarga do navio. Tal
« é a sorte do génio!

« ... Quandoque bonus dormitat Homerus.

« Manifesta-se de novo o génio poético de
« Camões no episodio da Ilha encantada; e
« se na Invenção e disposição da fábula ha
« muito que censurar, ha sem dúvida mu-
to que admirar nas belezas poéticas com
« que elle adorna, com formas novas e be-
lissimas, cousas tão conhecidas como são
« jardins, vergeis, festins e amores. O can-
tor bucólico e erótico vence aqui o poeta
« épico.

« O talento particular de Camões consis-
te não só em exprimir-se com elegancia,
« clareza e propriedade, mas sobretudo
« em vestir á portugueza pensamentos lati-
nos⁽¹⁾, em enriquecer a lingua sem a des-

(1) Els aqui algumas provas de esta as-
serção:

« As armas e os barões assignalados.
(Lus., I, 1.)

« Arma, virumque cano.....
(Enei., I, 1.)

« Deseja de comprar-vos para genro.
(Lus., I, 16.)

« Teque sibi generum Tethys emat omnibus
undis.
(Georg., I, 31.)

« E costumal-vos já a ser invocado.
(Lus., I, 14.)

« Et votis jam nunc assuesce vocari.
(Georg., I, 42.)

« Co'o vulto alegre, qual do céu subido
« Torna sereno e claro o ar escuro.
(Lus., II, 42.)

« Vultu quò cælum tempestatesque serenat.
(Enei., I, 259.)

« Sua vara fatal na mão levava
« Com que os olhos cançados adormeco...
(Lus., II, 57.)

« Tum virgam capit: hâc animas ille evocat
orco
« Pallentes, alias sub Tartara tristia mittit.
(Enei., IV, 242.)

« Fugo, fuge Lusitano,
« Da cllada que o rel malvado tece.
(Lus., II, 61.)

« Hic fuge crudeles terras, fuge litus avarum.
(Enei., III, 44.)

« Onde a materia da obra é superada.
(Lus., II, 95.)

« Materiam superabat opus.....
(Ovid., Metam., II, 5.)

« Para o céu crystallino alevantando
« Com lágrimas os olhos piedosos,
« Os olhos; porque as mãos lhe estava atando
« Um dos duros ministros rigorosos.
(Lus., III, 125.)

« Ad cælum tendens ardentia lumina frustra,
« Lumina; nam teneras arcebant vincula pal-
mas.
(Enei., II, 405.)

« figurar, em formular em ostio poético má-
 « ximas e sentenças do pura moral e oleva-
 « da política, em pintar mais do que se pon-
 « sa os costumes e erros de aquella época,
 « em exprimir em suaves versos o subido
 « amor da patria em que tanto se abaliza-
 « ram os Lusitanos. Sejam exemplo os se-
 « guintes versos que lhe inspiraram suas
 « Tágides a favor de Nuno Álvares Poreira.

« Ditosa patria que tal filho tove !
 « Mas antes pae ; que emquanto o solrodeia
 « Este globo de Ceres e Neptuno,
 « Sempre suspirará por tal alumno.

(Lus., VIII, 32).

« A producção do talento consiste em dar
 « forma, e a criação do génio em dar sér. O
 « mérito de um depende da industria; o mé-
 « rito do outro, da invenção.

« O homem do talento pensa e diz as cou-
 « sas, que uma multidão de homens houve-
 « ra pensado e dito, porém elle as apresenta
 « com mais vantagem, e as sabe escolher
 « com mais gosto, as dispõe com mais arte,
 « e as exprime com mais finura ou graça.
 « O homem de génio, pelo contrario, tem um
 « modo de ver, de sentir, de pensar que lhe
 « é proprio, e não é dado aos outros. Se con-
 « cebo um plano, faz-se superior ás regras,
 « não tem á sua vista nenhum modelo, se-
 « gue o que sua imaginação lhe dicta. Se
 « trata de desenhar caracteres, sua singu-
 « laridade, sua novidade, a onergia com
 « que exprime seus pensamentos, a simi-
 « lhança e concordancia natural que se en-
 « contram em suas concepções, a rapidez e
 « valentia com que traça os adornos de sua
 « obra, a arte com que os reúne, com que

« E as mãos, que o som terrível oscutaram,
 « Aos peitos os fihinhos apertaram.

(Lus., IV, 28).

« *Et trepida matres pressere ad pectora natos.*
 (Enei., VII, 518).

« Oh ditosos aquelles que poderam
 « Entre as agudas lanças Africanas

« Morrer.....
 (Lus., VI, 83).

« O ter que quater que beati
 « *Queis ante ora patrum Troja sub manibus*
 altis

« *Contigit oppetere !*.....
 (Enei., I, 91).

« Que nunca louvarei
 « O capitão que diga: Não cuidei.
 (Lus., VIII, 89).

« *Nec commilere ut aliquando dicendum*
 « *sit: Non putabam.*
 (Cic., de Offic. I, 23).

« os põe em acção continua, dão-lhe tal
 « vida e animação que parecem por seu mé-
 « rito raro uma especie de criação.

« Nas descrições, o homem de génio pa-
 « rece que rouba á natureza os segredos
 « que a ninguém foram revelados; domina
 « a imaginação, e a exalta ou acalma como
 « lhe apraz; possue o coração humano o o
 « faz comprimir-se ou dilatar-se por meio
 « da dôr ou da alegria que nelle dorráma.
 « Se pinta as paixões dá-lhes certo colori-
 « do que nos entusiasma por suas tran-
 « sições, cuja naturalidade nos confunde;
 « tudo é verdadeiro nesta pintura, superior
 « tudo. Se trata de descrever objetos sen-
 « síveis, faz sinalar até os incidentes mais
 « minuciosos, de tal maneira que so nos fi-
 « gura estarmos vendo. Quando trata as-
 « suntos históricos, quer dizer, que real e
 « verdadeiramente succederam, manifesta
 « ás vezes combinações tão novas e verosi-
 « meis, que se não sabe sinalar quaes são
 « as fingidas o quaes as verdadeiras.

« Não é mui frequente a união do génio e
 « do talento, mas quando se dá esta mutua
 « concordia em algum sujeito favorecido da
 « natureza, ontão, não se encontram des-
 « equaldades de nenhum género nas pro-
 « duções do entendimento. Os intervallos
 « do génio são occupados pelo talento; quan-
 « do um repousa, o outro vêla; quando um
 « está descuidado, o outro atenta e aper-
 « feiçoa a sua obra. O génio produz as obras
 « primas e originaes; o talento fabrica as
 « imitações perfectas o esmeradas. Quando
 « o talento ordena e aperfeiçoa o que o gé-
 « nio inventou, sae a obra primorosa que
 « nos leva a admiração e a inveja, mas que
 « imitar não podemos.

« Quando lomos aquelle formoso verso de
 « Camões,

« So a tanto me ajudar o *engenho* e arte,

« quasi diríamos que o poeta entendeu e
 « usou a palavra *ingenho* no mesmo senti-
 « do que agora damos a *génio*; o que não
 « admira, porque vem da mesma origem; só
 « com a differença do prefixo *in* que dege-
 « nerou em *en*. Se pois temos, nos dirão, a
 « palavra *ingenho*, para que é introduzir
 « uma nova, *génio*? Respondemos que tam-
 « bem os latinos tinham *genium* e fizeram
 « *ingenium* que são diferentes; só os France-
 « zos têm o seu *génie* que serve para tudo:
 « tenhamos tambem os dois vocábulo, que
 « provindo da mesma origem, se devem
 « comtudo differença da maneira seguinte:
 « — O *génio* é o talento inventivo que gera;
 « cria produções em que tem mais parto a
 « imaginação e o gosto que o discernimen-
 « to e a razão; o *ingenho* é a faculdade in-
 « ventiva que forma e cria sistemas scientifi-
 « cos ou artisticos, pela qual a alma perce-
 « be, discorre com subtilidade e facilidade, e
 « dá o ser a concepções em que tem mais

« parte a razão e o discernimento que a imaginação e o gosto. Nos Lusíadas de Camões há mais *gênio* que ao Oriente de Macedo; mas neste poema ha mais *ingenho* que naquelle.

« Homero, Virgílio, Camões, Tasso, Milton, são poetas de grande *gênio*; Platóão, Aristóteles, Cicero, Leibnitz, Newton, Descartes, Kant, são filósofos do grande *ingenho*; Xenofonte, Tito-Lívio, Tácito, Bossuet, Cervantes, Vieira, são escritores de grande *talento*. — Sem *gênio* ninguém é poeta; sem *ingenho* ninguém é filósofo; sem *talento* ninguém é escritor. — Quem tiver *talento*, *ingenho* e *gênio*, e cultivar estes dotes, poderá ser escritor, filósofo e poeta.

« O *gênio* não pode applicar-se senão ás ciências e ás artes sublimes; o *ingenho* e o *talento* extendem-se a tudo o que o homem faz. Um artifício que faz um instrumento segundo as regras da arte que possui, e que á força de estudo, de combinações e cálculos, o aperfeiçoa, tem *talento*. Um curioso que inventa um instrumento por um puro effeito de sua imaginação, sem conhecimento das regras e princípios da arte, tem *ingenho*; mas nenhum de elles tem *gênio*. — Este luminoso astro só brilha para certas almas privilegiadas, e deixa a seus dols satélites o cuidado de alumiá-lo o vulto das humanas intelligencias ».

Lacerda confessa recohecer a inutilidade da palavra *gênio*. Diz o citado sinónimo:

« O *gênio* é uma sorte de inspiração frequente, mas pouco duradoura, cujo principal attributo é crear.

« O *talento* é uma disposição particular da faculdade intellectual, que constitúe a capacidade; a aptidão do homem para as ciências, e para as artes. O *gênio* dá-o a natureza; o *talento* adquire-se mediante o estudo regular e aperfeiçoado.

« *Ingenho* toma-se geralmente por *gênio*, apesar da distincção, mais subtil que judiciosa, que algum raro escritor tem que rido fazer entre a significação clássica de uma e outra palavra ».

Enjeitar, rejear. — *Rejeitar* é não querer aceitar o que se nos dá ou oferece.

Enjeitar é repelli com dureza e desamor o que temos em nosso poder.

Rejeitamos o conselho que nos é dado. — Para crêr incondicionalmente no dogma é necessario *enjeitar* a razão que nos foi dada por Deus.

Enorme, desmedido, excessivo. — É *enorme* o que é demasiadamente grande, sem que porém haja um tipo determinado que possa servir de comparação relativa.

É *desmedido* aquillo que é demasiadamen-

te grande comparado com o tamanho ordinário das cousas da mesma especie.

Excessivo se diz do que peca e offende por exceder os limites naturaes.

Comummente, *enorme*, diz-se dos volumens; *desmedido*, da extensão; *excessivo*, da quantidade.

O *elefante* é um animal *enorme*. A *foz do Amazonas* é de uma largura *desmedida*. O preço *excessivo* dos vinhos portuguezes *dificulta-lhes* a saída.

Enredo, intriga. — Estes vocábulos designam uma mesma ordem de machinações, que se distinguem pelo maneio, cautela, engano, e intenção oculta e geralmente maligna que as caracteriza. Diferenciam-se porém em *enredo* se applica melhor ás machinações da gente da classe baixa, e *intriga* ás de ordem superior. O que é *enredo* entre costureiras, é *intriga* entre damas.

Ensaio, amostra. — A *amostra* é um fragmento; o *ensayo*, é um acto, uma experiencia. Não obstante *amostra* diz-se ás vezes por *ensayo*, nuaca, porém *ensayo* por *amostra*.

Ensaio, experiencia, prova. — O *ensayo* tem por fim amestrar ou adextrar. — Também se diz do acto do reconhecer e examinar a qualidade dos metaes, principalmente do ouro. — Qualquer outro uso que se faça de esta palavra é cair no galicismo.

Experiencia é o acto de nos certificarmos da verdade das cousas, vendo até que ponto ellas são como nos dizem ser, ou se são como devem ser.

Prova é o acto de examiaar a qualidade de alguma cousa para determinar o grau de sua bondade ou mérito.

Veja-se o que Roquete diz de estes vocábulos;

« A *experiencia* dirige-se propriamente a buscar a verdade das cousas, a conhecer suas propriedades, a saber aproveitar-se de ellas. Decide do que é ou não é; aciaa as dúvidas, dissipa a igaorancia.

« O *ensayo* dirige-se particularmente ao uso das cousas, porque as recohece aates de usal-as, adestra-senellas, prova-as em particular aates de executal-as em público; julga se se pode ou não fazer, fixa o uso, decide a vontade.

« A *prova* refere-se particularmente á qualidade das cousas, ao exame de ellas; manifesta o que é bom ou mau; distigae o melhor, e evita o risco de sermos enganados.

« A *experiencia* refere-se á existencia; o *ensayo* ao uso; a *prova* aos attributos e qualidades. Fazem-se *experiencias* para saber; *ensayos* para escolher; *provas* para coaher. A *experiencia* manifesta-nos se a cou-

«sa existe realmente; a *ensayo* quaes são «suas qualidades; a *prova* se tem as que «pensávamos. — A *experiencia* confirma e «corroborá nossas opiniões, porque é mãe «da ciencia. O *ensayo* serve de guia a nos- «sos gostos, porque é o caminho de achar «nelles seguridade e satisfação. A *prova* «fortifica nossa confiança; porque é o re- «medio que temos contra o erro e o eu- «gano ».

**Ensejo, occasião, opportuni-
dade, conjunção, azo.** — *Ensejo* é
um tempo que se nos apresenta a propósito
para obrar, ou uma circumstancia que nos
convida a que a aproveitemos.

Occasão é o tempo em quo algo se reali-
za, ou uma circumstancia ou conjunto de
circunstancias que convidam a obrar, ou
que facilitam a acção. A *occasão* é producto
do acaso: isto é, não depende do agente.

Opportunidade é uma *occasão* favorável.

Conjunção é a simultaneidade de cir-
cunstancias que formam a *occasão*.

Azo é a *occasão* que se nos depara para
obarmos como tínhamos premeditado.

Rouquete compara estas palavras do mo-
do seguinte:

«*Occasão*, segundo sua etimologia de oc-
«*cido, occasum*, é o caso de que podemos
«lançar mão.

«*Ensejo* é a *occasão* ou vez oportuna.

«*Oportunidade* é boa *occasão*, commodida-
«de de tempo e logar conveniente.

«*Conjunção* é concurso simultâneo do
«circunstancias favoráveis ou desfavorá-
«veis para alguma cousa.

«*Azo* é *occasão* cômoda, geitosa para o
«que se intenta.

«A *occasão* e a *conjunção* podem ser boas
«ou más, próprias ou impróprias, por isso
«se diz: *Vir em boa, vir em má occasião*,
«etc.

«O *ensejo*, a *oportunidade*, o *azo*, sempre
«são a propósito, a geito, a tempo, para o
«intento de quem de elles sabe aprovei-
«tar-se ».

Ensinar, lustrar. — *Ensinar* diz-se
tanto com relação a conhecimentos teóri-
cos como a conhecimentos práticos. **Ensi-
na-se a ler; ensina-se latim, ensi-
na-se a cozinhar.**

Instruir é comunicar instrucção ou dou-
trina a alguém.

Ensinam-se pessoas e até animaes, e tam-
bem se *ensinam* cousas a pessoas. **Ensi-
nar o filho. Ensinar o cão a dançar.**
Ensinar música á filha. — *Instruir* tem
sempre por complemento directo um nome
de pessoa.

Enterrar, soterrar, sepultar.

— Muito bem compara Rouquete estes ver-
bos dizendo:

«*Enterrar* é meter na terra, e *subterr*

«ou *soterrar*, como se diz vulgarmente, é
«meter debaixo da terra; e esta diferença
«resulta claramente das preposições *en* e
«*sob* que entram na composição dos primei-
«ros dois vocábulos. Rigorosamente falan-
«do o primeiro exclue a idéa de ficar co-
«berto de terra o objeto que se *enterra*, o
«quo o segundo exprime positiva e expres-
«samente. Com tudo *enterrar* se usa mais
«geralmente que *soterrar* para indicar a
«acção de meter alguma cousa na terra co-
«brindo-a com ella. De certo que quando
«o avaro *enterra* o tesouro não é para
«o deixar a descoberto.

«*Sepultar* é termo consagrado para indi-
«car a acção e cerimonia religiosa de dar
«sepultura a um corpo humano. — *Enterra-
«se* ou *sobterra-se* tudo que se mete na *ter-
«ra* e com ella se cobre; *sepulta-se* o des-
«pojo mortal do homem. — Quando o corpo
«é lançado á terra, mal bem se diz que foi
«*enterrado*; porém quando, depois de em-
«balsamado, se fecha em jazigo ou túmulo,
«só se dirá com propriedade que está *se-
«pultado*. — Os ossos de Ignez de Castro fo-
«ram *sepultados* num grande e sumptuo-
«sissimo monumento de alabastro (MONARCH.
«LUSIT.). Jesu Christo foi *sepultado* num so-
«pulcro novo, o não *enterrado* ».

**Enterro, saimento, enterra-
mento, funeral, exéquias.** — Del-
zemos a Rouquete a comparação de estes
termos:

«Referem-se todos estes vocábulos ás úl-
«timas honras fúnebres que tributamos
«áqueles que passaram a melhor vida, e á
«mayor ou menor pompa com que se faz es-
«ta lugubre cerimonia.

«*Enterro* significa hoje, em geral, a ac-
«ção religiosa de *enterrar* os mortos, e o
«acompanhamento que vae com o defunto;
«e também deramos clássicos este nome ao
«logar onde se elles enterram ou sepultam.
«— *Belem*, digno *enterro* dos nossos reis,
«disse um delles.

«*Saimento* é palavra hoje desusada, mas
«que significava antigamente não só a
«pompa fúnebre de pessoas enlutadas que
«saíam a celebrar os funeraes régios, se-
«não também as *exéquias* sollemnes que se
«faziam no anniversario da morte das pes-
«soas reaes, como se vê do Leal Conse-
«lheiro, pag. 437.

«*Enterramento* significa simplesmente o
«acto de enterrar ou levar a enterrar. Tem
«significação muito menos extensa que *en-
«terro* e não pode confundir-se com *sa-
«imento*.

«*Funeral* é a pompa fúnebre com quo se
«faz algum *enterro*.

«*Exéquias* são as honras fúnebres que se
«fazem a um defunto, desde a casa até á
«egreja, e da igreja até ao túmulo; e tam-
«bem assim se chama o officio fúnebre que
«com pompa se celebra em algum templo

« por um príncipe ou defunto ilustre logo
« depois da morte, ou passado tempo não
« estando já o corpo presente. As dos papas
« duram ordinariamente oito dias.

« É para notar como os nossos antigos sa-
« biam tirar do latim as palavras que lhes
« convinhão, conformando-se com o génio
« da lingua portugueza, talvez mais do que
« o fazem os modernos. *Saímento* parece
« uma palavra que nenhuma relação tem
« com o latim; pois esta é a verdadeira tra-
« dução do vocábulo latino *exequiæ*, de
« que os modernos fizeram *exequias*; porque
« *exequiæ* vem de *exsequor*, o qual se com-
« põe de *ex* e *sequor* e significa seguir,
« acompanhar, e segundo Ainsworth vale
« o mesmo que *sequor pompam funebrem ad*
« *sepulturam*, sigo a pompa fúnebre ou do
« enterro até à sepultura; e isto era o que
« nos *saímentos* se fazia. Tinha também *saí-*
« *mento* a significação extensiva que damos
« a *exequias*, como acima vimos.

« O *enterro* dos pobres mais é *enterra-*
« *mento* que *funeral*. O funeral dos abasta-
« dos e ricos não se pode comparar com as
« *exequias* dos grandes. As *exequias* dos prin-
« cipes e senhores mais se fazem por val-
« dade dos vivos que para utilidade dos
« mortos. O maior *saímento* de que talvez
« falam as historias é o que el-rei D. Pe-
« dro I fez aos ossos de D. Ignês de Castro,

« Que depois de ser morta, foi rainha ».

Entreter, divertir, recrear. —
O que *entretem* chama a atenção e faz pas-
sar agradavelmente o tempo.

Divertir é ocupar a imaginação com qual-
quer cousa que a não canse, ou que cause
prazer.

A acção de *recrear* não influe tão só na
imaginação, mas também na intelligencia e
nos sentimentos.

A conversação de um pedante pode *en-*
treter algum tempo. Um romance bem es-
crito *diverte*. Uma excursão ao campo *re-*
creia.

De *diversão* e *entretenimento* diz Roquete
o seguinte, e por certo que muito acerta-
damente :

« Aplicam-se estas duas palavras ao meio
« ou modo de procurar ao ânimo uma ocu-
« pação agradável, que o recreia, que o li-
« sonja e satisfaz seu gosto; porém nesta
« idéa comum alguma differença se acha
« que as distingue entre si.

« *Diversão* diz o mesmo que separação ;
« isto é, distração do ânimo de aquéllas
« occupaões em que regularmente se em-
« prega, e a que substitue outras mais agra-
« dáveis, que o distraem de aquella fadiga
« ou desgosto. *Entretenimento* é o mesmo
« que occupaão interina, entretanto que,
« chega o momento de fazer outra cousa.

« *Divirto-me* lendo ; *entretenho-me* a lêr.
« Ao ouvir a primeira de estas proposições,

« percebo que a leitura agrada, distrae, e
« recreia o ânimo do que se *diverte* com el-
« la, e quasi posso assegurar que não terá
« gosto, que não lhe será indifferente o dei-
« xal-a. A segunda me representa outra
« idéa, isto é, que a leitura occupa, serve de
« passar o tempo, ao que se *entretem* com
« ella ; vejo quasi a indifferença com que o
« que lê pode interrompê-la quando chegue
« a hora de fazer outra cousa, porque só
« lhe serve de *entretenimento*, que talvez
« não o *diverte*.

« Ao que está *entretido*, não lhe parece o
« tempo comprido. Ao que esta *divertido*,
« parece-lhe curto ».

Entrudo, carnaval. — Não são es-
tes vocábulos sinónimos tão perfeitos co-
mo o inculcam os dicionaristas que dizem
ser *entrudo* o mesmo que *carnaval*.

Carnaval é a época de folguedos que pre-
cede a quaresma e que geralmente se iní-
cia na primeira quizena de janeiro.

Entrudo diz-se precisamente dos trez
dias que precedem o primeiro dia da qua-
resma.

Não negamos que o uso haja autorizado
a confundir os dois vocábulos; notamos por-
rém que será útil não confundil-os.

Enunciar, exprimir, expres-
sar. — *Enunciar* nunca foi dito pelos bons
autores senão no sentido de « expôr breve-
mente » ; portanto, este vocábulo é sempre
relativo á palavra, quer oral, quer escrita.
Enunciam-se *propostas, proposições, os*
pontos capitaes de uma accusação, etc. —
Enuncia-se bem, *enuncia-se* mal,
enuncia-se claramente, etc. — Notemos
que não se deve dizer *enunciar longa-*
mente, o que constituiria antítese ; diga-se
expôr longamente.

Expressar e *exprimir* confundem-se, pois
significam « dizer clara e distintamente o
que queremos dar a entender ». Não são,
portanto, termos exclusivamente relativos
á palavra oral ou escrita, mas também ao
gosto, á expressão do rosto, etc.

Expressar tem unicamente esse sentido ;
exprimir, tem outro, que é o seu sentido
próprio ; o de « extrair, exprimendo, o su-
mo ou o suco de alguma cousa », sentido em
que o padre Antonio Vieira disse: — *Saiam*
as lágrimas, e não as exprimias a dôr, se-
ndo a dependencia ou a lisonja.

Não nós parece que o verbo *exprimir* se-
ja de correção impecável quando se em-
prega por *expressar*. Induzem-nos a pensar
assim : 1.º a declarada resistencia da for-
mosa e rica lingua castelhana em haver
sempre recusado « admitir-o nesse sentido ;
2.º em atribuirmos a sua introdução na
nossa lingua á ignorancia dos traductores
da forma equável da lingua franceza *expri-*

mer, (1), verbo que reúne as acepções do castelhano *expressar* e *exprimir*; 3.º em que não recordamos de haver lido *exprimir* por *expressar* senão em livros relativamente modernos.

Não obstante é de *exprimir* e *enunciar*, que fala Roquete nos seus sinónimos, sem nada dizer de *expressar*. Eis o que elle nos diz:

(1) Resumindo quanto de *énoncer* e *exprimer* disseram os sinónimistas que os precederam, escrevem os autores do mais recente dos Dicionários de sinónimos francezes senhores Bourguignon e Borgerol:

« *Exprimer* (du latin *ex*, de, et *premere*, « presser) est, au sens propre, tirer le suc « d'une matière en la pressant: c'est en *ex-primant* le suc du raisin, celui de la can- « ne, qu'on fait le vin, le sucre; on *exprime* « le jus d'un citron en pressant ce fruit. « Au figuré, ce mot marque, par analogie, « une action vive, frappante, consistant à « rendre fortement au dehors les pensées, « les sentiments; aussi n'est-il pas seule- « ment relatif aux paroles; on *exprime* ce « que l'on ressent par les gestes, les mou- « vements, les regards, tout le jeu de la « physionomie. C'est un terme qui con- « vient parfaitement pour rendre l'effet de « l'action oratoire, l'énergie, la chaleur « avec laquelle un orateur développe ses « idées, les presse, en quelque sorte, hors « de son cœur, pour les verser dans celui « des personnes qui l'entendent: ce tribun « *exprime* vivement ce qu'il ressent; il s'*ex-prime* dans un langage pathétique; ce « muet *exprime* sa douleur par les gestes « les plus touchants (a). — *Énoncer* (du la- « tin *e*, hors de, et *nuntiare*, annoncer), « c'est faire connaître, exposer par le lan- « gage parlé ou écrit ce que l'on sait et ce « que l'on veut faire savoir ou faire com- « prendre aux autres. L'action que repré- « sente ce mot doit avoir pour qualités la « clarté, la précision, tout ce qui est pro- « pre à pénétrer facilement dans l'esprit, à « éveiller et satisfaire l'intelligence. Au « contraire du précédent ce terme n'est re- « latif qu'à la parole, au style, à la manière « de présenter les idées, de développer sa « pensée: un écrivain de talent *énonce* cla- « rement et élégamment ce qu'il veut mon- « trer à ses lecteurs; un avocat d'affaires « *énonce* ses propositions devant un tribu- « nal; il suffit d'*énoncer* certaines pensées « avec précision pour les faire partager à « tous les esprits de bonne foi ».

(a) Veja-se nestes exemplos quanto elles ganham em ser traduzidos pelo verbo *expressar*: este tribuno *expressa* ao vivo o que sente; *expressa-se* patéticamente; este mudo *expressa* com gestos comoventes a dor que sente.

« *Enunciar* é declarar com palavras o que « pensamos ou affectamos pensar.

« *Exprimir* é fazer conhecer clara e dis- « tintamente o nosso conceito tanto por pa- « lavras como por acções e gestos, de modo « que faça impressão na pessoa a quem o « comunicamos.

« O primeiro pertence á lógica ou arte de « discorrer com os homens; o segundo á ré- « tórica ou arte de falar aos homens para « persuadil-os. — A *enunciação* põe patente « o pensamento; a *expressão* dá-lhe cor, vi- « da, e animação. — Homens ha que, som « terem aprendido retórica *se exprimem* bem; « assim como muitos ha que, apesar de to- « das as regras de eloquência, *se enunciam* « mal. — O povo muitas vezes *se exprime* me- « lhor do que *se enuncia*, porque sabe pou- « co e sente muito. — Com difficuldade *se* « *enuncia* um estrangeiro em lingua que não « lho é propria; mas pela mesma razão *se* « *exprime* ás vezes com mais enorgia, pre- « senta imagens novas o modos particula- « res de falar que são expressivos e não « deixam de ter graça. — No género didacti- « co basta que o escritor *enuncie* suas idéas « do um modo claro, desembaraçado o exa- « cto, porque o seu fim é só instruir. No géne- « ro oratorio ou poético é necessario que *se* « *exprima* como a natureza, como a paixão, « como as graças, porque o seu fim é agra- « dar ou comover ».

Lacerda diz o seguinte de *enunciar* e de *exprimir* (a que preferiríamos *expressar*), aproximando-se muito do verdadeiro sentido de *enunciar*:

« *Enunciar* é fazer conhecer, dar a saber « a outrem o nosso pensamento por meio de « palavras. *Exprimir* é fazer conhecer a ou- « trem o nosso pensamento, de qualquer « modo que seja, e da maneira mais signi- « ficativa. *Enunciar* é declarar sem artifi- « cio. *Exprimir* é falar com eloquência; e « pertence além de isso a todas as artes « que, a seu modo cada uma, *exprimem* « conceitos ».

Enviar, remetter, mandar. — *Enviamos* ou *remetemos* o que é material; *enviamos*, mas não *remetemos*, o que não é material. Também *enviamos*, mas não *remetemos*, pessoas.

Mandar pode dizer-se pelos precedentes sempre que, tratando-se de pessoas, se as haja encarregado de alguma missão, incumbencia, ordens, etc., ou quando, tratando-se de cousas, se queira indicar que ellas passaram por nossas mãos, que as expeditos por nossa propria mão. Fora de estes casos, *mandar* é vulgar, mas reprehensivel.

Enviamos ou *remetemos* géneros; *enviamos* ou *mandamos* presentes; *enviamos* (mas não *mandamos* nem *remetemos*) recordações, saúdar, etc.

Enxambrar, enxugar, secçar.

— *Enxambrar* (*), é *enxugar* incompletamente, deixar um tanto húmido; diz-se quasi exclusivamente da roupa lavada que se põe a *secçar*, mas só quanto baste para se poder passar a ferro.

De *enxugar* e *secçar* diremos com Roquette, copiando o que elle diz de estes vocábulos:

« Explicam estes verbos em geral a acção de extrair a humidade de um corpo, porém *enxugar* representa uma idéa mais limitada, e se applica mais propria e exactamente quando se trata de pouca humidade. O que está molhado, *seca-se*; o que está húmido *enxuga-se*. — A roupa que a lavadeira tira molhada do rio *seca-se* ao sol; porém é preciso quasi sempre *enxugar-a* depois em casa, porque regularmente vem algum tanto húmida. — *Seca-se* uma fonte, um tanque, não se *enxugam*. *Enxugam-se* o suor, os olhos húmidos de lágrimas, e não se *secam*.

« Segundo Dom Fr. Francisco de S. Luiz « *enxuga-se* o que está molhado ou banhado « externa e accidentalmente; *seca-se* o que tem humidade propria, ou está penetrado do deillo. — *Enxuga-se* o corpo que são molhado do banho; *seca-se* a planta que tem humidade e não está molhada. — *Enxuga-se* o madeiro, já *seco*, que foi molhado da chuva; *seca-se* o madeiro cortado ha pouco, que ainda está verde, e conserva a natural humidade. — Acrescentaremos que o verbo *enxugar* tom, como o francez *essuyer*, a significação transitiva de extrair a humidade embebendo nella esponja ou pano, o que não acontece ao verbo *secçar*. — *Enxugam-se* as lágrimas, o suor com um lenço; *enxugam-se* as mãos com a toalha; *enxuga-se* a mesa, o solho com uma esponja ou pano, e não se *secam* por este modo.

« Esta é talvez sua significação primitiva « segundo a etimologia, pois *enxugar* é o verbo latino *exugo, exsugo*, do *ex* e *sugo*, « chupar. O *n* antes do *x* veio-lhe por eufonia, de que ha muitos exemplos na lingua portugueza, no que se parece com a « grega ».

Enxame, multidão. — *Multidão* quer dizer grande número de pessoas, sem que na palavra se note outra idéa necessaria.

Enxame, no sentido figurado, é o mesmo que *multidão*, acrescentando porém á signi-

ficação de este vocábulo a idéa accessoria de uniformidade de vistas, de unidade de intenção, e de mútua cooperação.

Vejam-se os artigos *Afluencia*, na página 43, e *Bando*, na página 156.

Epidemia, epizootia, epiphytia. — *Epidemia* é a doença que ataca ao mesmo tempo muitos dos habitantes de uma região.

Epizootia é a doença que ataca do mesmo modo os animais.

Epiphytia é a doença que durante uma temporada ataca os vegetaes.

Epigraphe, inscripção. — *Inscripção* (do latim *in*, em, e *scribere*, escrever) é a denominação do que está *inscripto*, ou gravado de modo indeleivel em madeira, pedra ou metal, para perpetuar a memoria de alguma pessoa, ou de algum acontecimento, ou tão só para indicar o fim a que se destina um edificio ou logar qualquer. Ha *inscripções* nas sepulturas, nos pedestaes das estátuas, nas columnas, nas paredes dos templos, no alto dos edificios, etc.

Epigrafe (do grego *epi*, em, no alto, e *graphein*, escrever) é a denominação de uma sentença ou transcripção de algum pensamento de um autor, sentença ou pensamento que se adapta no principio de um livro ou no alto de um capitulo, para indicar o fim ou inspiração da obra, o tema do assunto, ou declarar os sentimentos do autor.

Epilogo, desfecho. — Nas novelas e romances, em certas obras dramaticas tambem, chama-se *epilogo* ao resumo dos acontecimentos ultteriores ao entreecho, resumo em que brevemente se dá conta do que succedeu posteriormente ás principaes personagens da acção, ou do fim que ellas tiveram.

Desfecho, como já dissemos no artigo *Catastrophe*, na página 211, é o acontecimento final do romance ou obra dramatica, acontecimento que faz cessar a expectativa do publico.

Epitáfio, inscripção, lápide, campa. — *Campa* é a podra que cobre a sepultura, e, extensivamente, a propria sepultura.

Lápide é a laja que cobre a sepultura. A *lápide* é de uma só peça; a *campa* pode ser monolitica ou não. — *Lápide* diz-se tambem da podra que contém uma *inscripção* sepulcral, em sepultura, jazigo, carneiro, etc. A *campa* está disposta horizontalmente; a *lápide* pode ser horizontal, vertical, obliqua, convexa, etc.

Epitáfio é a *inscripção* na *lápide* ou *campa*. O *epitáfio* differe da *inscripção* em não se ilimitar, como esta, a dizer o nome e datas do nascimento e falecimento da pessoa; diz isso, e acrescenta algumas frases lau-

(*) A origem de esta palavra, dizem os dicionaristas, é incerta. A sua analogia com *enxame*, multidão, é evidente; por isso não nos parece que seja desacertado dizer que *enxambrar* é pôr a *secar* onde ha uma temperatura comparada á que resulta de uma reunião de muitas pessoas em logar fechado.

datorias ou carpíporas á memoria do defuncto.

Época, era, período.—A *época* é um ponto determinado na historia, ou seja o tempo em que um facto notável succedeu. A *época* pode ser mais ou menos longa, segundo o facto que a caracteriza teve mayor ou menor duração.

Era é a *época* fixa que serve de ponto de partida para a contagem dos annos.

Período é um espaço de tempo indeterminado que medeia entre duas épocas.

Eis como Lacerda compara estes vocábulos:

« *Época*, conforme á origem grega, designa um ponto fixo da historia, a data de um successo memorável. Também se toma « por certa série de annos, caracterizada por « algum acontecimento notável, cujo influxo « os abrangeu a todos mais ou menos, como « a **época** dos descobrimentos dos portuguezes.

« *Era*, conforme á origem latina, significa o acontecimento, successo memorável « a que se refere o cómputo de certa série « de annos; como a de Julio Cesar, a de Cristo, etc. *Era* differença-se de *época* em que « *era* faz referencia ao cómputo dos annos, « o *época* ao successo, que por sua importância nos prende a attenção.

« *Período histórico* é a série dos annos que « medeia entre uma e outra *época* ».

Equaninidade, serenidade, imperturbabilidade, sangue-frio.

—O termo *equaninidade* não é muito usado; frequentemente prefere-se substituí-lo por algum dos outros de este grupo, apesar de cada um de elles ter seu emprego determinado e inconfundível.

Equaninidade applica-se com propriedade quando se refere á indifferença com que se assiste ás mudanças repentinas de fortuna, quer para bem, quer para mal.

Serenidade applica-se em igual caso aos perigos, e lá onde as circumstancias agitam as paixões violentas, particularmente a cólera.

Imperturbabilidade melhor se diz dos actos proprios que dos alheios; quer dizer: é com a *imperturbabilidade* que podemos disfarçar um dislate, ou dar-nos por desentendidos em casos criticos.

Sangue-frio é expressão genérica que pode substituir qualquer das palavras de este grupo.

Equldade, rectidão, justiça.

A *equldade* (do latim *æquus*, igual) consiste em manter a balança em equilibrio para dar a cada um o que naturalmente lhe pertence, pesando exactamente os prós e os contras, e consultando imparcialmente a nossa razão para avaliarmos como é devido os factos e motivos que devem influir na

nossa decisão. Ter *equldade* é não fazer acepção de pessoas; é tratar a todos igualmente e como a si proprio. Por consequencia, a *equldade* não corresponde a nenhum direito humano nem a nenhuma lei positiva, mas sim á lei natural, e ao direito, tal como o sentimentos e reconhecemos na nossa consciencia. A *equldade* é a base da *justiça*, pois esta é uma instituição puramente humana, ou virtude convencional. — « Não faças a outrem o que não queres que te façam » é máxima que tanto se applica como fundamento da *equldade* como da *justiça*; mas como fundamento da *justiça* tem ella por objecto o egoismo, e como fundamento da *equldade* seu objecto é o altruismo.

Não fazendo aos outros o que não quero que me façam, tenho o direito de reclamar dos outros que procedam para commigo como eu procedo para com elles: é a *justiça*; é o interesse proprio.

Não fazendo aos outros o que não quero que me façam, reconheço nos outros um direito igual ao meu: é a *equldade*; é o altruismo. *Vender* com *equldade* não quer, dizer outra cousa senão contentar-se com um ganho razoável sem se valer da necessidade de que do género tem o comprador.

Assim, a *justiça*, no sentido mais lato do vocábulo, é a virtude que nos induz a dar a cada qual o que lhe pertence em conformidade com uma lei positiva e puramente humana, lei cuja observação está confiada aos poderes publicos e aos magistrados, e desde logo tão variável como pode ser variável o espirito das épocas e a consciencia dos julzos. É innegável que a *justiça* se aproxima mais ou menos do direito absoluto; mas é innegavel também que ella depende essencialmente do grau de moralidade e do grau de desenvolvimento intellectual do individuo e da sociedade. Por isso, para que a *justiça* seja considerada e acatada, tem de fundar-se na *equldade*, sem a qual ella pode existir como lei, mas não como virtude. — Outra grande differença entre a *justiça* e a *equldade* está em que a *justiça* não pode considerar senão o facto, não podendo penetrar nas intenções, nem nas causas determinantes do facto, por não ter alçada na consciencia; ao passo que a *equldade* sonda as consciencias, aprecia as causas determinantes, tem em conta as circumstancias, e atenua muitas vezes o rigor da *justiça*.

Pode portanto dizer-se que a *equldade* é superior á *justiça*, e que esta deve ser temperada por aquella: a *justiça* ordena, por exemplo, que paguemos o preço por que ajustamos um objecto; se porém reconhecermos que elle vale mais do preço pelo qual nol-o cederam, a *equldade* requer que paguemos o excesso.

A *rectidão* consiste em seguir rectamente o caminho traçado pela consciencia, ou melhor dito, pelo sentimento da *equldade*.

O seu carácter predominante é a firmeza inabalável e inflexível ante os rogos; as sollicitações, as ameaças e o proprio interesse. Quem tem *rectidão* sacrifica tudo ao sentimento de *justiça* e de *equidade* que tem em si.

Comparando a *rectidão* com a *justiça* pode-se dizer: que esta, a *justiça*, consiste no respeito dos direitos alheios; e aquella, a *rectidão*, na estricte e escrupulosa observação das leis. A *justiça* só intervém quando ha opposição de pretensões ou de interesses; a *rectidão* preside a todos os actos da vida em que a *equidade* tem de intervir. O juiz obra com *justiça* quando sentença conforme ao provado; e obra com *rectidão* quando resiste a empenhos; a ameaças, a seducções, etc.

Convém ler o que Roquete e Lacerda disseram de *justiça* e *equidade*.

Principiemos por Roquete:

« A *justiça* — diz elle — considerada como « sinónimo da *equidade*, é uma obrigação a « que se ha submetido o homem reduzido á « sociedade, e que, por conseguinte, se deve regular pela lei positiva. A *equidade* é « uma obrigação fundada nos principios da « lei natural, e que não está sujeita ás leis « humanas, antes estas, para serem justas, « devem por ella regular-se. Assim que, a « *justiça* impõe determinadamente a obrigação de dar a cada um o que lhe pertence, da qual não se pode separar, nem o juiz que a administra, nem o homem particular respectivamente a seu semelhante, nem sem expor-se a que uma autoridade superior o obrigue por força á sua observância. Porém a *equidade* modifica aquella mesma idéa, representando-a, respectivamente ao juiz, com relação áquella moderação prudente, com que, sem faltar á *justiça*, regula, em caso necessario, o direito duvidoso, as circumstancias, as reciprocas conveniencias, etc.; e respectivamente ao homem particular, com relação a uma obrigação a cujo cumprimento não se pode obrigar com a autoridade legal, porém que lhe impõe a probidade, a consciencia ou outras considerações ponderosas.

« Não faças dano a ninguém; repara o prejuizo que houveres feito ». Eis os preceitos da *justiça*.

« Não faças aos outros o que não quizes te fizessem a ti; faze-lhes o que quizeras elles te fizessem. » Eis os grandes preceitos da *equidade*.

« A *justiça* é inflexível, só considera os factos, sua única regra é a lei, não pode de ella afastar-se. A *equidade* é flexível e compassiva; considera a humanidade com suas fraquezas: seu objecto é corrigir suas más intenções e seus defeitos, e ali-vial-a quanto ser possa.

« A *justiça* cumpre com rigor as leis positivas; a *equidade* cede ás leis da natureza.

« Os árbitros julgam muitas vezes, antes « pela prudente *equidade*, que pelo rigor da « *justiça*.

« A *justiça* exige que paguemos a nossos « credores, e a *equidade* que socorrer os « necessitados.

« A *justiça* dá-nos direito para exigir. « sempre o que nos devem nossos rendel- « ros; mas a *equidade* pede que lhe perdoe- « mos alguma parte das rendas ou lhes con- « cedamos espera, em ânos escassos e ca- « lamitosos.

« Considerada a *justiça* como legal e pu- « nitiva, é maxima vulgar e mui certa, que « a *equidade* tempera o rigor da *justiça* ».

Vejamos agora o que diz Lacerda:

« A *justiça*, considerada como sinónimo « de *equidade*, é uma obrigação a que se su- « jeitou o homem constituido em sociedade, « e que por consequência carece de lei po- « sitiva pela qual seja regulada. A *equida- « de* é uma obrigação fundada nos princi- « pios da lei natural, que não está sujeita « ás leis humanas, antes estas para serem « justas devem por ella regular-se. A *equi- « dade*, dirigindo-se pelo sentimento inti- « mo, que nos faz tratar os outros como que- « reríamos ser tratados por elles, nos faz « dar a cada um o que assim conhecemos « que lhe pertence; e ás vezes uma modifi- « cação da lei social, fundada nas poderoso « razões deduzidas de este sentimento « anterior a todas as convenções. A *justiça* « e a *equidade* concordam entre si, e são in- « flexíveis em vedar o que a cada uma con- « traria; e por isso os actos que ofendem « uma ou outra se chamam com equal pro- « priidade *injustos* ou *iniquos*. A *justiça* « prescreve que não prejudiquemos a nin- « guem, e que reparemos o damno, qual- « quer que seja, que lhe tivormos feito. A « *equidade* prescreve que não façamos aos « outros o que não quizeríamos que elles a « nós nos fizessem, e que lhe façamos o que « queremos que elles nos façam. A maxima « vulgar que diz, que a *justiça* deve ser « temperada pela *equidade*, só pode pois « admitir-se quando se trata de *justiça* le- « gal punitiva; porque, não tendo podido o « legislador prever todas as circumstancias, « é forçoso muitas vezes temperar o rigor « da disposição penal, regulando a applica- « ção do castigo pelas regras da *equidade*, « isto é, pelos principios da *justiça* univer- « sal, além de que a pena seja proporciona- « da ao crime. Assim pois a *justiça* é a vir- « tude que respeita o direito de cada um, « que dá a cada um o que é seu, e lhe per- « tence; e a *equidade* é a virtude que nos « obriga a tratar os outros homens como « nossos semelhantes e eguaes, e por tanto « a não só não lhe fazermos mal, que não « quizeríamos que nos fizessem, mas tam- « bem a fazer-lhes o bem, que quizeríamos « que a nós elles nos fizessem. Estes vocá- « bulos são sinónimos enquanto exprimem

« a idéa de respeitar, de não ofender os direitos alheios, porque são então os preceitos da *justiça* os mesmos que os da *equidade*. Deixam porém de ser sinónimos « isto é, não se podem empregar indistinctamente quando se trata de ir em socorro. « Entre nós, os semelhantes, de praticar para com elles os officios que se chamam imperfeitos; porque nesse caso a *equidade* aconselha, e até ordena o que a *justiça* não pode mandar. A *justiça* conserva lles a propriedade; a *equidade* respeita e favorece a humanidade ».

Equipágem, bagagem. — *Bagagem* é o conjunto de objetos que um viajante leva para seu uso. A *bagagem* tanto pode consistir em grande número de malas, como reduzir-se a um pequeno volume.

Equipágem é o conjunto de roupas, objectos de uso, provisões, vehiculos, animaes e criadagem de que se faz acompanhar quem viaja com ostentação.

No exercito, as *bagagens* compõem-se do que é destinado ao uso pessoal dos soldados; *equipágem* diz-se de todo o trem de armas, munições e aprestos.

Equipágem, tripulação. — *Tripulação* é o conjunto de todos os homens embarcados para o serviço activo do navio.

Equipágem, neste sentido, é galicismo.

Erario, thesouro, fisco. — *Erario* não é actualmente termo official; emprega-se porém na linguagem oratoria por *thesouro* para designar as quantias em poder do governo.

Fisco é, actualmente, a parte da administração pública encarregada da cobrança dos impostos.

Eis o que Roquette diz de estos vocabulos:

« Dehaixo do domínio dos primeiros imperadores romanos, *fisco* significava propriamente o thesouro do soherano, seu *thesouro* particular; e o *thesouro* público, designado pela palavra *erarium*, *erario*, era destinado aos gastos do Estado. Não tardou muito que se não confundissem estas duas palavras, como se confundiram suas significações, e ainda se confundem ainda hoje nos Estados, onde se não faz differença nenhuma entre o *erario* privado do soherano e o público da nação.

« *Erario* é termo mais proprio falando dos governos absolutos, como eram os dos imperadores romanos; *thesouro* convém mais, e é mais usado em governos representativos. *Fisco* representa em tempos modernos o direito que o *thesouro* tem de fazer cohrar o que lhe é devido, o « a acção legal pela qual elle executa os delinquentes e até se apropria sens hens, confiscando-lhes o proveito do Estado ».

Erigir, fundar, instituir, estabelecer. — *Erigir* é construir um edificio ou monumento cuja parte visível tem de recordar uma pessoa ou acontecimento, ou ser destinada a um fim. — Dizemos « cuja parte visível » porque o verbo *erigir* não desperta nenhuma idéa relativa à parte do edificio ou do monumento jazente sob o sólo. — A etimologia de este verbo (do latim *regere*, pôr em pé e direito) não consente que elle se applique senão ao que se eleva do sólo, e assim, é que não se pode dizer que o governo *erigiu* uma quinta regional, nem um caminho de ferro, sim porém que *estabeleceu* uma quinta regional, que *estabeleceu* ou *construiu* uma linha férrea, etc. — *Erigem-se templos às divindades, estátuas aos grandes homens*, etc. — Note-se que *erigir* consiste num facto só e isolado; e por isso não se deve dizer que o monarca *erigiu* um asilo, a não ser que elle apenas se occupasse da sua edificação, deixando a outrem o cuidado de o dotar com os fundos necessários para o seu funcionamento; se elle o edifica o o dota, diga-se que elle o *fundou*, *instituiu* ou *estabeleceu*.

Fundar é crear e dotar uma empresa ou estabelecimento que ha-de ser permanente. É consequentemente termo relativo à origem, à solidez e à duração da obra para a qual se contribui com fundos. O infante D. Henrique *fundou* em Sagres os primeiros estabelecimentos maritimos de que a historia portugueza faz menção. Os antigos reis *fundavam* mosteiros que dotavam, ou a que determinavam certas rendas.

Instituir acrescenta à idéa de *fundar*, a de instituir, regra ou regulamento. Os reis *instituíam* ordens militares. A Igreja *institue* as ceremonias do culto.

Estabelecer é, propriamente dito, o mesmo que mandar, e como não é possível *erigir*, *fundar* ou *instituir* sem mando, resulta que tudo o que se *erige*, se *funda* ou se *institue*, se *estabelece*. É portanto termo genérico que significa particularmente « dar existência a alguma cousa ».

Erótico, lascivo. — *Erótico* diz-se do que é relativo ao amor considerado nas suas relações de cópula. Diz-se só das cousas.

Lascivo diz-se do que é destinado a provocar o desejo de cópula, e applica-se a pessoas e a cousas.

Um poema *erótico* está muito longe de ser um poema *lascivo*.

Erro, error. — O vocabulo *error* é necessario na lingua para designar o *erro* que vem do entendimento, e deixar a *erro* só as acepções em que o *erro* está na conducta.

Cometem-se *erros* formando juizos incorrectos, e deduzindo consequencias falsas.

Cometem-se *erros* quando se falta ás leis da prudência e do decoro.

As abusões são *erros*; uma imprudência é um *erro*.

Aos erros que o fanatismo tem incutido na mente dos ignorantes devemos a passividade com que sofremos os erros dos governantes.

É digno de attenção o artigo em que Roquete faia de *erro* e de *error*. Eil-o:

«Têm confundido os modernos ostas duas palavras, que entre si muito differem, ou, para melhor dizer, esqueceram a segunda accumulando na primeira as significações de ambas; seria porém para desejar que se consorvassem ambas com as suas respectivas significações como têm na lingua castelhana de onde as tomamos.

«O *error* (que é palavra latina *error*), consiste no que crêmos; o *erro* (em castelhano *yerro*) consiste no que obruamos. — «A vontade decide-se impelida do *error* que a lisonjeia ou persuade, e a acção que resulta de esta decisão é um *erro*. «Qualquer outro defeito que não nasce de *error* senão de malícia, não é *erro* senão culpa.

«Incorremos em *error* do crêr ao falso amigo que nos vende; e cometemos o *erro* de comunicar-lhe nossos segredos. — «As vezes são verdadeiros *erros* as opiniões dos entendimentos mais illustrados; assim como passam por *erros* as acções mais prudentes. Camões usou a palavra *erros* no mesmo sentido em que aqui a usamos, dizendo na Canção XII:

«Mas já que para *erros* fui nascido,
«Vir este a ser um d'elles não duvido.

«De aqui veio ao verbo *errar* a accepção do offender, faltar ao dever para com alguém, que é muito frequente nos clássicos. Camões faz dizer a Venus, falando a Júpiter:

«Mas pois que contra mí te vejo iroso,
«Sem que t'ò mereçasso, nem te *errasse*.
(*Lus.*, II, 39).

«E nas Canções diz:

«Se por algum acerto amor vos *erra*
«Por parte do desejo, cometendo
«Algun nefando e torpe desatino;
«E se ainda mais que ver, emfim, pretendo,
«Fraquezas são do corpo que é de terra,
«Mas não do pensamento que é divino.

(*Canç.*, I, v. 27).

«Já amor fez leis, sem ter comigo alguma:
«Já se tornou de cego razoado
«Só por usar comigo semrazões.
«E se em alguma cousa o tenho *errado*,

«Com siso grande dôr não vi nenhuma;
«Nem ella deu sem *erros* afoições;
«Mas para usar de suas isenções,
«Buscou fingidas causas de matar-me.
(*Canç.*, II, v. 17).

Lacerda fez bem do considerar *error* como vocábulo da lingua. Diz assim, ao comparal-o com *erro*:

«*Error* refere-se ao entendimento; *erro* á vontade. Da vontade transviada pelo *error* vem a resultar o *erro*. São verdadeiros *erros* não poucas vezes as opiniões de entendimentos muito esclarecidos; e não menos vezes são tidas como *erros* as acções mais prudentes. No uso comum confunde-se *error* com *erros*.

Erro (error), engano, illusão, allucinação.—Eis como Roquete fala de estes vocábulos:

«Por não nos singularizarmos, ou pa-recer que nos espanholizamos, usamos aqui da palavra *erro*, no sentido de *error*, bem contra nossa vontade, mas queremos que se entenda neste sentido. Dom Fr. Francisco de S. Luiz bem pudera ter attribuído para só desterrar do uso de esta homonímia; mas não o fez, antes a autorizou com o seu artigo dos sinónimos, dizendo que o *erro* é proprio do entendimento. Cedemos ao uso, mas não o approvamos.

«Por muitos modos está o homem separado da verdade, mas o mais geral é o *erro*. Vem esta palavra do verbo latino *errare*, errar, andar vagabundo; por isso o *erro* (*error*) bem se define, uma opinião, um conceito, um juizo desaccertado fora do que devia ser, que provém já de nossas torpes sensações, já de nossa ignorancia, já dos equivocados argumentos em que fundamos nosso raciocínio e por que dirigimos nossa vontade. Bem conhecidas são as causas a que Genoense attribue nossos *erros*.

«O *engano* nasce do *erro* no juizo que sobre incertos e falsos fundamentos de este formamos; elle consiste em escolher mal os meios que devem conduzir-nos a achar a verdade. O *engano* provém de nós quando nos deixamos levar de nossas paixões, dirigir por nossos illegelros juizos, e seduzir pela falsa e brilhante luz da imaginação; o provém dos outros quando nos apresentam razões e argumentos que transtornam os que nos dicta nossa propria intelligencia, e de qualquer modo nos desencaminham da verdade e do dever, dando-nos por verdadeiro o falso, e por bom o mau.

«A *illusão* é uma falsa imaginação, uma apprehensão errada, que nasce ordinariamente de tomarmos as apparencias pela realidade.

«*Allucinação*, no sentido recto, significa

« deslumbamento, faltado lume nos olhos; « e no translo, cegueira do entendimento « que o desvia do que é recto e acertado. « Nasce a *alucinação* de não estar livre, so- « cegada e senhora de si a faculdade que « julga, ou de estar a mente obturada de « preocupação, paixão, ou qualquer senti- « mento que lhe tolhe o uso de suas facul- « dades intellectuaes e prudenciaes.

« Proprio é do homem o *errar e enganar-
se*; o sábio busca sempre acertar, e so *erra* « ou se *engana*, sabe corrigir-se e omen- « dar-se.

« *Iludem-nos* os sentidos, a imaginação, « as preocupações, as paixões. os homens, « quando nos oferecem apparencias montro- « sas; e *alucinam-nos* quando perturbam « nossa razão, ofuscam sua luz e lhe impe- « dem o examinar e discernir com acerto ».

Lacerda também fala dos mesmos vocá-
bulos nos seguintes termos :

« *Erro*, no sentido comum, é o desacerto « no julgar de qualquer cousa.

« O *engano* provém do erro, e consiste na « equivocada escolha que fazemos dos « meios para chegar a algum fim.

« *Ilusão* é a apprehensão errada, que re- « sulta de tomarmos o falso pelo verdadei- « ro, o que parece pelo que é.

« *Alucinação*, que significa deslumbra- « mento, no sentido translo, designa ce- « gueira do entendimento que o aparta do « justo, e o lança do caminho acertado ».

Comparando agora *error* com *ilusão* pa-
rece-nos acertado detornar o verdadeiro
sentido de cada um de esses vocábulos.

O *error*, ou *erro* se quizerem, exprime a
idéa de não seguirmos a boa via, de nos
desviarmos do caminho que devêramos se-
guir; é consequentemente o contrario da
verdade, e é por nossa culpa que do oia
nos desviamos. Nisso difere essencialmen-
te da *ilusão*, esta sendo um *error* a que so-
mos induzidos pela enganosa apparencia
dos objetos, pela falsidade das suas exteriori-
dades.

Anda *iludido* o fanático que só vê na re-
ligião as exterioridades do culto, e consi-
dera a *divindade* pela idéa que de oia lhe
imbuiram. Esse vive na *ilusão* mas não no
error. — Vive porém no *error* aquelle que
voluntariamente despreza a propria razão
para se deixar levar pela interessada opi-
nião dos que o querem explorar.

Erudição, litteratura, saber, sciencia, doutrina. — *Saber* é o ter-
mo genérico que exprime tudo quanto se
sabe, ou se aprendeu pelo estudo. O que
distingue particularmente esta palavra é
ella exprimir esta idéa de um modo vago
e absoluto, como quando, por exemplo, pre-
tendemos designar o conjunto dos conheci-
mentos de determinada pessoa, ou, num
sentido ainda mais vago, de um povo ou
de uma época. *Saber* diz-se pois sem rela-

ção a nenhum grau mais ou menos eleva-
do de instrucção, por não haver para este
vocábulo nenhum ponto de comparação.
Este homem tem muito *saber*, tem pouco
saber, todo o seu *saber* se resume em pou-
ca cousa, etc.

Ciencia é termo relativo, e applica-se de
modo determinado a certos ramos do *saber*
humano; assim dizemos a *ciencia da na-
tureza*, as *ciencias fisicas*, as *ciencias*
abstractas, etc. Mas se este termo não tem
a extensão de *saber*, tem porém muito
mayor intensidade de significação, porque
exprime um conhecimento mais profundo,
particularmente quando se trata de the-
orias; podemos dizer que a *ciencia* de um fi-
lósofo é muito superior ao *saber* super-
ficial dos seus contemporâneos. — Compa-
rando esta palavra com *doutrina*, *erudição*
e *litteratura*, *ciencia* é termo geral com que
se designa o conjunto dos conhecimentos
de um sabio, e que difere das duas primei-
ras como *sabio* difere de *douto* ou *erudito*.
Neste sentido, a palavra *ciencia* é por con-
seguinte um conjunto de conhecimentos,
particularmente quando se trata do cien-
cias naturaes ou de mathematica. Assim é
que se diz a *ciencia de Archimedes*, a
ciencia de Newton, a *ciencia de Des-
cartes*, etc.

Doutrina é a *ciencia* do douto, isto é, do
teólogo, do filósofo, ou a *ciencia* dos anti-
gos. Esta palavra não é hoje de grande uso
fora da materia religiosa: um controversista
necessita ter tanta eloquência como *dou-
trina*.

Erudição é a *ciencia* do erudito, a qual
consiste em estudar a antiguidade, a vida
e os costumes de outras eras; as linguas, a
historia, os monumentos, as religiões, as
instituições, e em dar publicidade a todos
os documentos que podem servir para es-
clarecer pontos ignorados ou duvidosos do
passado, e também de épocas proximas de
nós, sempre que neilas haja pontos que ne-
cessitam ser esclarecidos pela investiga-
ção.

Litteratura é a *ciencia* do literato; tem
por base, como a *erudição*, o conhecimento
dos trabalhos intellectuaes, mas estudada
para fim diferente, que é o do gosto e do
belo. Quem possui *litteratura* tem lido mu-
to, conhece grande numero de autores, e
sabe julgar-os e apreciar-os. Quem tem *eru-
dição* tem grande soma de conhecimentos
de factos e pode instruir e satisfazer a cu-
riosidade de quem os deseja conhecer.

Esboco, bosquejo, rascunho. —
Esboco são os primeiros traços da pintura,
e, extensivamente, os principaes pontos de
uma obra litteraria que hão de servir de
núcleo ao desenvolvimento do entrecho.
Nesta última accepção porém é melhor em-
pregar a palavra *bosquejo*, que é o termo
proprio.

Rascunho, propriamente, é a primeira fixação das idéas no papel, e por extensão também so diz do primeiro delineamento de uma obra de pintura.

Roque, falando de estes vocábulos, diz:

« Tres termos de pintura e artes liberaes que designamo estado imperfecto de uma obra, mas com diferentes gradações.

« **Rascunho** é o primeiro lançamento de linhas, traços ou pontos para obra que se ha-de pintar.

« **Esboço** é o primeiro debuxo da pintura, mais perfeito que o **rascunho**, mas não perfilado nem acabado. É mais usado este termo em escultura que em pintura, e designa propriamente os primeiros traços que o estatuario delineia no toro ou cepo, ou mármore em que ha-de esculpir e lavar a imagem.—O pintor começa por **rascunhar**, o escultor por **esboçar**.

« Significando o verbo **bosquejar**, pintar as figuras com o seu colorido, sem lhes lançar os contornos, ou perfis, nem lhes dar a última mão, é claro que o **bosquejo** é o estado da pintura imperfecta, mas em que já ha côres, pelo que se differença do **rascunho** e **esboço**, que nenhuma idéa dão de côres, mas só de traços.—Em rigor de veria a palavra **rascunho** ser privativa do desenho ou debuxo, porque neste aó entram riscos e traços a lapis. **Esboço** só de veria pertencer á escultura, porque pelos traços lançados no mármore ou mármore deiro começa o estatuario e o escultor a levantar a sua obra. **Bosquejo** é, com razão, peculiar á pintura pela idéa que nos dá de côres, o que muito bem quiz exprimir Gabriel Pereira de Castro dizendo:

« E entre os **bosquejos** das suaves côres
« Vem nascendo os primeiros resplandores
(*Ulys.*, V, 6.)

« Em sentido figurado; applicado á litteratura, têm estas palavras, pouco mais ou menos as mesmas accepções que nas artes; porém a mais usada é **bosquejo**, que significa em geral obra de engenho não aperfeiçoada ».

Esbulhar, espoliar.—**Espoliar** e **esbulhar** concordam na idéa de emprego de astucia e manha, differem porém entre si, posto que em **esbulhar** se diz claramente que a **espoliação** é sancionada pela lei.—Quem se vê **espoliado** do que é seu pode recorrer aos tribunaes pedindo justiça; não assim quem se vê **esbulhado** da posse de alguma cousa: o **esbulho** é legal, ou tem visos de legalidade.

Escandalizar-se, offender-se.—**Offender-se** é **resentir-se** do que se considera como falta de attenção ou de consideração, ou do que não é conforme nos usos da boa sociedade.

Escandalizar-se diz-se com relação a cousas graves que ferem a moral, o pudor, ou os sentimentos que mais respeitamos.

Escapar, evitar, fugir, evadir, esquivar.—**Escapar** sugere a idéa de nos havermos achado no perigo ou de o havermos tido imminente; distinguem-se os dois sentidos pela preposição de no primeiro caso, e pela preposição a no segundo.

Assim dizor que **Fulano escapou da febre amarela**, é muito differente a dizer que **Fulano escapou á febre amarela**. Com a primeira expressão consideramos que elle foi atacado da epidemia; com a segunda que saiu incólume de ella.

Evitar e **esquivar** distinguem-se apenas em que **evitar** se diz do que desagradada, e **esquivar** de aquilo que desagradada e também do que pode agradar e seduzir. **Evitamos** o perigo; **esquivamos** os aplausos, quando os desprezamos.

Evitar e **fugir** differença-se em: que **evitar** significa que não vamos aonde está o perigo ou o incómodo, e **fugir** que nos desviamos de esse logar. Note-se também que o verbo **evitar** encerra idéa do bom éxito do nosso esforço: quando **evitamos** um perigo não caímos nelle, o que nem sempre succede a quem de elle foge.

Evadir é palavra pouco usada como verbo transitivo; significa sair a salvo, e com arte de alguma cousa.

Vejamos o que de estes vocábulos diz Lacerda:

« **Evitar** uma cousa é apartar-se de ella, desviando-se, fazendo por não se encontrar com ella.

« **Fugir** de uma cousa é apartar-se de ella, alongando-se, correndo para o lado oposto.—**Fugimos** da peste ou á justiça que nos persegue. **Evitamos** um mau encontro.

« **Escapar** de alguma cousa é livrar-nos de ella, roubar-nos ao mal que nos tinha apanhado ou não tardaria a apanhar-nos. **Escapamos** da doença, do naufragio, etc.

« **Evadir** alguma cousa é sair de ella a salvo com arte. **Evadimos** a força do argumento, etc.

« **Esquivar** alguma cousa é afastar-se de ella ou arredar-a com desdém. **Esquivamos** (!) o importuno que nos molesta ».

Referindo-se exclusivamente a **escapar**, diz o mesmo synonymista:

« **Escapar** a um perigo é evitar-o antes que nos sobrevenha, e prejudique. **Escapar** de um perigo é sairmos a salvamento, incólumes, do perigo em que estivemos metidos. Poucos **escapam aos alevies**. É grande ventura **escapar do naufragio** em que todos os mais pereceram ».

(!) Nós diríamos: **evitamos**.

Nota do A.

Escarcha ou **geada**, **gêlo**, **saraiva** ou **granizo pedrisco**, **chuva de pedra**, **neve**, **caramelo**, **carambina**, **sincelos**.—A excepção de *carambina*, denominação que toma o *gêlo* pendente das árvores, ou dos penhascos, e de *sincelos*, que é o nome de *gêlo* pendente dos telhados, Roquete fala dos outros vocábulos de este grupo na forma seguinte:

«Exprimem estes vocábulos as diferentes formas que se observam na água *congelada*, isto é, privada do calórico que conservava a mobilidade de suas partículas».

«Quando nas noites longas o ar o a terra se esfriam quanto basta para que o orvalho se *gele*, os *gêlos* que se formam são tão subtis, e estão tão próximos uns dos outros que, pela transparencia, parecem brancos e formam a *geada*, a que os Franceses chamam *gelée blanche*, e a que os Castelhanos chamam, e os nossos antigos chamavam, *escarcha*: As *escarchas* e *neves* que o inverno traz nas *despedidas*, disse um clássico».

«Quando o frio aperta, mórmente nos climas do norte, converte-se a água em corpo sólido, começando por formar uma co-dea semelhante a uma lâmina de cristal, até que toda ella se converte numa massa vitrificada, e a este corpo sólido e frio dá-se o nome de *gêlo*, a que os Francezes chamam *glace*, e os Espanhoes *hielo*».

«Quando as gotas de chuva passam por frias regiões, *gelam-se* antes de cair, e formam o que chamámos *saraiva*, a que também se chama *granizo*, porque tem a forma de grãosinhos ou confeitinhos; assim lhe chamam egualmente os Epanhoes, e os Francezes *grêle*, que é o *grisil* celtico, e o *grando* dos latinos. Quando esta chuva *gelada* é mui grossa, e como podrinhas, chama-se-lhe com razão *chuva de pedra*; e quando esta pedra é miúda, porém esquinada como as pedras de sal, chama-se-lhe *pedrisco*».

«A reunião de uns *gêlos* extraordinariamente finos, formados pela frialdade da atmosfera no momento de sua condensação, e antes que as particulas aquosas hajam podido reunir-se em gotas, é a *neve*. Estes pequeninos *gêlos*, deixando entre si algum espaço, formam flocos mui ligeiros que, pela sua transparencia apresentam uma brancura formosa que deslumbra os olhos».

«Finalmente, *caramelo* é a *neve congelada* ou o *gêlo* grosso na superficie das aguas, de rios, etc».

Escassez, **penuria**.—Ha mayor falta do necessario na *penuria* do que na *escassez*. Quando ha *escassez* de trigo este sobe de preço, mas quando ha *penuria* de trigo a fome entra na casa do pobre.

Quem vive na *escassez* não pode dizer-se tão pobre como quem vive na *penuria*.

Vejase tambem o artigo *Carestia*, na página 204.

Escasso, **falto**.—*Falto* qualifica o que tem em muito menor quantidade que a que seria para desejar.

Escasso qualifica a pessoa ou cousa onde se encontra em mui pequena quantidade e esse pouco com grande dificuldade.

Num terreno *falto* de *agua* encontra-se esta mui difficilmente, mas com mais facilidade e mais a miudo que no terreno *escasso* de ella.

Esclarecido, **inculto**.—De estes vocábulos diz Roquete:

«*Inculto* é palavra latina, *inclutus*, formada do prefixo *in*, e *klutus*, voz grega que significa famoso, illustre; vem pois a ser o superlativo de *esclarecido*, palavra portugueza e castelhana, que corresponde ao latim *clarus*. *Inculto* é o que chega ao último grau da gloria, *esclarecido* é o que se faz digno das maiores honras. Os Romanos chamavam *incultos* a seus imperadores porque tinham depois da morte a apoteose, e *esclarecidos* (*clari*) a seus generaes, porque combatiam pela patria. *Claris et fortibus viris commemorandis*, disse Cícero no primeiro livro *De finibus*, cap. 10».

Dom João I, e D. Nuno Alvares Pereira, foram *incultos* varões pela animosa valentia com que romperam e desbarataram os esquadrones castelhaanos; os Portuguezes, que nas diferentes guerras de nossa independencia pelejaram pela liberdade da patria, foram *esclarecidos*.

Lacerda é mais preciso na comparação de estes vocábulos:

«*Inculto* designa o que é famoso, illustre, que obteve suhido grau de gloria por feitos singulares».

«*Esclarecido* é o que por suas acções se faz digno de grandes honras».

Escopo, **alvo**, **fim**, **objecto**, **intento**, **intenção**, **propósito**.—*Escopo* é o designio premeditado, o único incetivo do acto que fazemos.

Alvo é, propriamente, o que está no fundo da carrelra, o ponto que se trata de alcançar».

Fim é o ponto a que se quer chegar e para atingir o qual se trahalha e se fazem esforços: é propriamente o termo de uma acção que vae progredindo até o alcançar; a idéa de meios está pois intimamente ligada a este vocábulo».

Objecto é palavra que melhor se applica para designar o que antevemos que aquillo que nos esforçamos de alcançar. O *objecto* do filósofo é o de preparar o terreno para o triumpho do seu ideal».

A intenção é mais inactiva e oculta que o intento, e o propósito mais vehemente que nenhum de aquelles. A passagem do Rubicon foi um **Intento** de César, e a sua **Intenção** era entrar em Roma com o **propósito** de usurpar a autoridade suprema.

Vejá também o artigo **Desigulo**, na página 384.

Escorregar, resvalar, deslizar. — *Escorrega-se* num ponto; *resvala-se* por uma superficie. **Escorrega-se** numa casca de laranja, *resvala-se* por um plano inclinado.

Deslizar é *resvalar* pouco a pouco e tal-vez de propósito.

Escravidão, servidão. — Nem o *serro* nem o *escravo* têm liberdade de acção; ambos dependem de outrem. Não obstante a *servidão* pode ser voluntaria; a *escravidão* nunca é tal. Na palavra *servidão* predominam as idéas do obediencia e serviço; na de *escravidão* consideram-se todos os sofrimentos do *escrava*, pois a *escravidão* é a absoluta negação da liberdade individual.

As nações habituadas a uma longa **servidão** acabam por não sentil-a. Os jesuítas intentaram no século XVIII possuir o monopólio da **escravidão**.

Escudo, broquel, adarga, rodella, pavez, égide. — De estes vocábulos diz Roquette:

« Armas defensivas, muito usadas antes da invenção da pólvora, que todas serviam para cobrir o corpo ou parte de elle contra os botes de lança, golpes de espada, os dardos, e armas de arremesso, mas que se diferenciavam na materia ou na forma, ou no uso que de ellas se fazia.

« **Escudo** vem do latim *scutus*, do grego *schutos*, couro, porque os primeiros foram de couro, e significa a arma defensiva oblonga ou oval, a mais conhecida de todas, e a mais forte, porque se fizeram logo de ferro e aço; enfiava-se no braço esquerdo pelas braçadeiras; nolle pintavam os guerreiros suas letras e divisas, e de aqui veio chamar-se também *escudo* às armas de uma familia ou nação, como se vê de aquelles versos de Camões:

« Vede-o no vosso *escudo*, que presente
« Vos amostra a victoria já passada;
« Na qual vos deu por armas, e delxou
« As que elle para si na cruz tomou.

(Lus., I, 7).

« **Braquel**, palavra comúm á lingua cas-telhana, que provavelmente vem do *bou-clier* francez e do *buccula* latino; significa *escudo* pequeno de madeira forrado de couro forte, com seu brocal; no meio tem um umbigo de metal ou diamante, que cobre a embraçadeira que está por dentro;

« também os bavia de metal. Parece corresponder ao *clypeus* dos latinos, que era *escudo* menor dos peões.

« **Adarga** é palavra comúm á lingua castelhana, que vem do arabe *addarca* ou *addara*, *escudo* de couro, e significa *escudo oblongo* do couro com duas embraçadeiras em que se enfiava o braço, e uma abertura onde se metia o dedo polegar para o segurar. Era arma antigamente usada em Espanha, em Portugal, entre Mouros e Africanos. Em dois lugares faz Camões menção de esta arma defensiva; falando dos habitantes de Moçambique, diz:

« Por armas tem *adargas* (') e terçados.
« Com a *adarga*, e com a hastes perigosa.

(Lus., I, 47, 87).

« **Rodella**, palavra igualmente comúm á lingua castolhana, que vem do italiano *rotella*, designa uma especie de *escudo* pequeno e delgado.

« **Pavez** (do italiano *pavese*) era *escudo* grande e oblongo que cobria todo o corpo do soldado.

« **Égide** é palavra latina, *ægis*, do grego *aigis*, *escudo* ou couraça do pelo de cabra (de *aix*, cabra), e significa propriamente o *escudo* de Minerva ou Palas, feito da pele da cabra Amalthéa, em cujo centro estava a cabeça de Gorgona ou Medusa, cheia de serpentes; e no sentido figurado, defesa, protecção.

Escuro, obscuro, sombrio, tenebroso, callignoso. — De estes vocábulos diz Roquette:

« Exprimem todos estes vocábulos falta de luz em corpos ou lugares, mas com differente grau ou diversos respetos.

« No que é *escuro* falta a luz ordinaria, mas resta ainda alguma claridade. — *Dia escuro* é o em que se não vê o sol, que está coberto, anuviado, mas em que se vê assaz para se distinguirem muito bem os objetos.

« No que é *obscuro* falta a claridade; é o *escuro* cerrado, ou carregado. — *Dia obscuro* é o em que ha névoa esposta que impede de se verem os objetos senão muito de perto.

« No *sombrio* falta o dia. — Um *bosque* é *sombrio* quando a espessura do arvoredo impede a luz do dia, e não dá passo senão a débeis reflexos.

« O que é *tenebroso* carece de toda a luz.

(') « Em algumas edições vem erradamente *adagas*; *adaga* é arma offensiva como punhal, inteiramente desconhecida aquelles bárbaros.

« — O inferno é tenebroso porque não penetra ali nenhuma luz.

« *Caliginoso* é palavra poética e latina, « *caliginosus*, e exprime não só o último grau de escuridão senão extrema cegueira no órgão visual; por isso se diz: « Olhos « *caliginosos* » por escurecidos, cegos, física ou moralmente, e não se poderia dizer, « nem escuros, nem sombrios, nem tenebrosos ».

« No sentido figurado, *escuro* diz-se comumente do que se não entende, ou ouve bem, do que é triste: « pensamento, « texto *escuro*; voz, palavras *escuras* ». — « *Obscuro* diz-se particularmente do que não tem lustre, nem nobreza: *nascimento*, « *logar obscuro*. — *Sombrio* não se diz senão do ar e feições do rosto do homem triste, e do carácter e pensamentos das pessoas, que vivem fóra de alegria. — *Tenebroso* diz-se com propriedade das acções, dos projectos, das empresas odiosas e secretas envoltas em véos impenetráveis. — *Caliginoso* diz-se acertadamente da grande cegueira de entendimento, da grande obscuridade do que escapa à nossa perspicácia e previsão. Em bons autores se lê: « Olhos *caliginosos* dos sectários, da malevolência; o *caliginoso* poio do futuro ».

Escutar, attender. — *Escuta-se* para ouvir; *atende-se* para comprehender; consequentemente *atender* necessita mayor esforço que *escutar*. Quem *escuta* só põe em exercício o sentido de ouvir. Quem *atende* observa os gestos e os movimentos.

Escutar applica-se ao ruído das cousas inanimadas; não assim *atender*.

Esfamado, esfomeado, faminto, famélico, famulento. — Do estes vocábulos diz Roquette :

« A palavra latina *fumes* e a portugueza « *fome* são os radicaes d'estes adjetivos, « que todos indicam o que tem *fome*; porém « alguma differença se pode notar entre elles.

« *Famélico* é palavra alatinada, *famelicus*, « que se traduz em *faminto* ou *esfomeado*, « pela opposição que tem com *saturatus*, farto. Se houveramos de traduzir aquelle dito de Plauto: — *Dum ridebunt saturati, mordebunt famelici* (PSEUD. PROT. 11); diríamos muito bem: — Em quanto rirem os fartos, morderão os famintos ».

« *Faminto* indica o que tem fome e deseja comer; corresponde, como vemos, ao *famelicus* latino, e ao *hambriento* espanhol, mas não tem tanta força como o *esfomeado* ou *esfamado* portuguez, como parece dar-o a entender Vieira, quando disse: — Por isso ha tantos *famintos*, ou *esfamados* da graça (V. 423). — O prefixo *es* aumenta a força, a intensidade do radical, pelo que estes dois adjetivos exprimem

« uma fome violenta, devoradora nos indivíduos a quem se applicam. — *Esfamado* é menos vulgar que *esfomeado*, e *faminto* é poético, mórmente no sentido figurado de « mui desejoso, de que temos bom exemplo « em Camões, que disse :

« Desta arte o sumo bem se mo oferece
« Ao *faminto* desejo, porque sinto
« A perda de perdel-o mais penosa.

(*Canç.*, II).

« *famintos* beijos na floresta !

« Oh que mimoso cêro que soava !

(*Lus.*, IX, 83).

« *Famulento* é palavra mui expressiva e poética, que não exprimo somente fome grande, ou grande desejo, senão uma fome, um desejo ardente, insaciável, que nada satisfaz, nada farta, como muito bem disse Camões :

« Que nunca o pensamento
« Voando sempre de uma a outra parte,
« Destas ontranhas tristes bem se farte ;
« Imaginando como, e *famulento*,
« Que come mais, e a fome vao crescendo.

(*Canç.*, II).

« E depois de elle disse Bocage :

« Com *famulentos* olhos a devora.

Lacerda apenas diz o seguinte de estes cinco vocábulos :

« *Famélico* é o oposto a farto, é o que têm vontade de comer. *Faminto* é o que deseja com vehemencia a comida. *Esfomeado* ou *esfamado* é o que experimenta uma fome devoradora. *Famulento* é o que tem um desejo ardente, ou antes insaciável de comer ».

Poderemos acrescentar que *esfomeado* muito bem se applica aquelle que come com muito appetite depois de ter sentido grande necessidade de comer, e *esfamado* aquelle que, por qualquer causa, talvez por ter feito um exercicio violento, tal como uma longa marcha, ou por haver estado muito tempo sem comer, se sente necessitado de reparar as forças comendo.

Faminto tambem se diz das pessoas que são muito escassas na comida, não por não terem mayor appetite, mas porque pretendem economizar, ou para poderem attender aos gastos de ostentação.

Esforçado, reforçado, forçoso.

— O homem *esforçado* tem ânimo, coragem, valor; o *reforçado* tem forte constituição; o *forçoso* tem força.

O *reforçado* é geralmente *forçoso*, mas talvez que o *forçoso* e o *reforçado* não sejam *esforçados*.

Esmagar, calcar, pisar.—Com o verbo *calcar* considera-se apenas o acto do sujeito; com os outros verbos não só se considera esse acto mas também o seu resultado.

Calca-se com desprezo, com força, etc. *Pisa-se* para magoar ou achatar; *esmaga-se* para fazer rebentar, ou reduzir a fragmentos.

Espantoso, terrível, horrível, horroroso, horrendo.—É *espantoso* o que pode causar *espanto*, perturbar o espírito, alterar profundamente a tranquillidade do ânimo. **Ruído espantoso; espantosa coragem.**

Terrível é o que inspira *terror*, isto é, um grande temor fundado na fraqueza de quem o sente e na força do que o inspira. **O terrível rugido do leão.**

Horrível, horroroso e horrendo são relativos a horror. *Horroroso e horrendo* diz-se de aquilo que impressiona os sentidos; *horrível* mais freqüentemente se diz do que se considera na imaginação que de aquilo que se vê ou se ouve.

Eis como Roquete compara estes adjetivos, abstracção feita de *terrível*.

«Estas quatro palavras referem-se a uma causa comum a de que uma cousa causa terror ou espanto em nossos sentidos, e differenciam-se da maneira seguinte.

«*Horrendo* é o que por sua grandeza desconfirme infunde medo e temor, ao vê-lo ou ouvi-lo. *Horrível* é tudo o que por sua fereza causa horror nos que o presenciavam. Refere-se ordinariamente a objetos animados. *Horroroso* pelo contrario diz-se mais freqüentemente de objetos inanimados, e em particular do que depende da ordem da natureza, ou do em que ha atrocidade. *Espantoso* designa uma idéa menos extensa que os anteriores adjetivos, e causa assombro, porém pode ser alguma cousa que por demasiada grandeza cause o que chamamos *espanto*.

«*Horrendos* são os trovões quando rebombam no fundo dos vales, *horrendas* são as bombardas que estouram amiudadas, *horrendo* era o tom da voz com que falava o gigante Adamastor. *Horrível* é o leão quando nos desertos assalta o caminhante. *Horrorosa* é a noite em que se não vê nem uma estrela, passada em pequoeno baixei que as ondas agitam e a enfurecida borrasca ameaça fazer pedaços contra escarpados rochedos; *horroroso* é um crime atroz e inhumano. São *espantosos* os castigos, os espectros, os terremotos, os furacões, os bramidos, e tudo que causa *espanto*.

«Os trez primeiros tomam-se sempre em mal, o último toma-se algumas vezes em bem como cousa maravilhosa; e neste sentido é *espantosa* a viagem do Gama á India, são *espantosos* os feitos de Duarte Pacheco.

«Podem porventura reunir-se num mesmo sujeito estas quatro qualidades sob diversas relações. Polyphemus, considerado em sua desmedida grandeza, era *espantoso*; considerado em seu aspecto desagradável á vista, e com um só olho na testa, representa-se nos *horrível*; considerado como um gigante de desmesurada força, figura-se nos *horrendo*; considera-se do como um monstro de crueldade, representa-se nos *horroroso*. O gigante Adamastor, segundo o imaginou o nosso poeta, era *espantoso* por sua disforme e grandíssima estatura; os olhos encovados, a boca negra, os dentes amarelos, a barba esquálida, e os cabelos cheios de terra faziam-no *horrível*; os membros descompassados, o tom de voz medonho e temeroso com que falava faziam-no *horrendo*; e se, como Polyphemus, se apresentasse despedaçando homens e comendo-lhes as carnes, seria, como elle, *horroroso monstro* ».

Especial, particular, singular.

—*Particular* diz-se do que distingue um ou varios individuos de outros individuos da mesma especie, ou um ou varios objetos de outros que se assemelham entre si. Assim, o que é *particular* opõe-se ao que é comum, e consequentemente separa-se, põe-se á parte, não se deixa confundir com os restantes. A prudência é uma qualidade particular do individuo, qualidade que pertence a muitos, mas não a todos, nem sequer á generalidade: não é comum.

Singular diz-se do que é proprio a só individuo, ou a muito poucos individuos. O que é *singular*, é único no seu género, ou pelo menos raríssimo.

Especial diz-se no sentido de *particular*, acrescentando a esta palavra a idéa da cousa a que se aplica: adquirem-se conhecimentos *especiaes* em tal ou tal ciencia.

Roquete compara *singular* com *particular*, dizendo:

«Ambos representam o individuo de uma especie, porém distinguem-se em que *singular* o representa como único e só, sem relação aos demais individuos; e *particular* o representa com relação a elles, como formando elle parte de um todo como posto de varios individuos, entre os quaes elle se distingue. — Cada um dos homens que existe é um individuo *particular* da especie humana. Se existisse um só homem seria *singular* em sua especie.

«Por isso dizemos: todos, e cada um em *particular*; e não, cada um em *singular*, porque consideramos a cada um como parte de um número, isto é, com relação aos demais individuos que comprehendem uma voz todos. — A fénix, se realmente existisse, seria *particular* entre as aves, e *singular* em sua especie ».

Especioso, aparente.—O que é *aparente* tem apenas as exterioridades do que pretende parecer; parece o que não é.

« *Especioso* diz-se do que, por meio do ingenho ou da refinada falsidade, parece absolutamente verdadeiro. *A virtude dos jesuitas é simplesmente aparente, e as suas restricções são especiosas.* »

Espectro, phantasma.—De estas palavras diz Lacerda:

« *Espectro* designa sombra de finado, alma do outro mundo. *A Cassio appareceu um espectro na véspera da batalha de Farsalia.* »

« *Fantasma*, conforme a origem grega, « designa figuras imaginadas, e que o são, « ou por muita fraqueza, ou por demasiada « força de imaginação, vivamente excitada « por motivo extraordinário. »

Acrescentaremos ao que disse o Deão da Sé de Lisboa que: a idéa comum a estes vocábulos é a de cousas imaginarias e vãs, sem existencia real, ainda quando vistas, como por exemplo na illusão espectaculosa de óptica a que os Francezes dão o nome de *fantômes insaisissables* (*fantasmas intangíveis*, diríamos nós).

Fantasma é termo mais genérico que *espectro*; diz-se de qualquer apparição enganosa, quer na ordem das cousas concretas quer na das cousas abstractas. Note-se também que esta palavra não encerra, na bôca de quem sabe o que ella quer dizer (!), nenhuma idéa de terror ou susto, de bem ou de mal.

Espectro é o *fantasma* que pode inspirar medo ou terror.

Especulativo, teórico.—O *especulativo* é uma doutrina que não se pode reduzir á prática, ao passo que o *teórico* dá regras para a prática.—A teologia e a metafísica são ciencias *especulativas*; a mathematica é uma ciencia *teórica* (!).

(!) Entre o vulgo a palavra *fantasma* tem acção bastante diferente.

(!) Como estas palavras têm em francez o mesmo sentido que em portuguez, veja-se como as comparam os autores dos Sinónimos francezes a que já por varias vezes nos temos referido, senhores Bourguignon e Bergerol:

« Ces deux termes sont opposés à *pratique* « et expriment la partie abstraite de nos « connaissances, l'opération de l'esprit qui « s'arrête à la conception, sans passer à « l'action. Leur différence est basée sur la « subjectivité de *speculation* et l'objectivité « de *théorie*. »

« La *speculation* (du latin *speculatio*, dérivé de *specere*, regarder) a rapport au sujet, à ce qu'il fait ou à ce qu'il projette, « à la conduite et aux affaires; elle marque

Esperança, confiança.—A *esperança* não é senão uma disposição do espirito que induz a *esperar* que uma cousa se ha-de realizar ou succeder; ao passo que a *confiança* é uma como quasi certeza que nos diz de *confiar* em que o facto será como esperamos que seja.

Temos *esperança* porque não ha razões assaz fortes para a perdermos; temos *confiança* porque empregamos meios que julgamos eficazes.

Lacerda compara estes vocábulos melhor que Roquete dizendo o seguinte:

« *Esperança* refere-se a toda a sorte de « bens que desejamos alcançar como mais « omenos disposição a crer que os obtemos. »

« *Confiança* é a *esperança* com quasi certeza de que obteremos os bens que desejamos com muito ardor. »

« A *esperança* que não se realiza motiva « nos mágoa, e um certo pezar. A *confiança* « que se frustra, quasi que nos lança na desesperação. »

« Diz-se que *está com esperanças* o « que conta obter alguma cousa agradável; « e diz-se que *está de esperanças* a mulher grávida que conta ser bem sucedida no parto. »

Espia, espião.—O uso tem autorizado que estes vocábulos se empreguem indistintamente para designar o individuo pago por outrem para ver e observar o que se passa o vir dar conta do que vê e observa.

Conviria que o vocábulo *espião* fosse o único para designar o individuo assim nsalariado, pois *espia*—e não *espião*—se diz do individuo que por sua propria conta, ás escondidas ou disfarçadamente, observa o que se passa.

« un travail, et fait envisager le sujet comme agissant: les *speculations* d'un financier sont les projets, les entreprises qu'il médite avant de passer à la pratique; les *speculations* d'un savant sont les efforts qu'il fait, les recherches auxquelles il se livre. »

« La *théorie* (du grec *theoria*, dérivé du verbe *theorein*, voir) se considère en elle-même, relativement à sa valeur, et à la nature, aux qualités de l'objet sur lequel elle porte: elle désigne surtout les principes abstraits sur lesquels sont basés les sciences, les arts, et qui doivent servir de règles: la *théorie* du beau; la *théorie* de l'acoustique; les *théories* d'un philosophe, d'un savant, sont les explications qu'il donne de phénomènes moraux ou physiques, abstraction faite des études et des efforts qu'il n'a faits: les *speculations* de ce physicien ont abouti à une nouvelle et ingénieuse *théorie* de la lumière. »

Espia, vigia, sentinella, atalaya. — De estes vocábulos diz Lacerda, coplando quasi textualmente de Roquete:

« *Vigia* é o que está desperto, e com os olhos atentos para observar o quo se passa.

« *Sentinella* é *vigia* militar; é o soldado que está postado em algum logar para vigiar o que succede.

« *Atalaya* é o *vigia* ou *sentinella* posta em logar alto, de onde possa descobrir o que se passa ao longe.

« *Espia* é o que observa dissimuladamente o que se faz, para o ir contar a outrem.

« *É dever do pae ser vigia dos filhos.* — *É decoroso ao soldado desempenhar-se fielmente das obrigações de sentinella atenta, e cuidadosa atalaya; mas quasi sempre é abjecto e desprezível o vergonhoso officio de espia.* »

Espinhoso, delicado. — Apesar dos dicionaristas não definirem *espinhoso* por *delicado*, como o definem por « *difficil* » o « *tormentoso* », todos conhecemos a analogia de estes termos quando qualificamos os assuntos em que o melindre e a dignidade propria ou de outrem estão em jogo.

Espinhoso diz-se com relação a quem falla, e refere-se á dificuldade de falar sem ofender.

Delicado diz-se com relação a quem se ha-de falar, e refere-se ao tacto e cuidado necessarios para não ofender.

Esplonar, espiar, espreatar. — Apesar de os verbos *espiar* e *espionar* terem a mesma origem ⁽¹⁾ e se empregarem frequentemente um pelo outro, convém notar que *espiar* se diz de quem anda vendo e observando disfarçadamente para chegar ao conhecimento de alguma cousa, e *espionar* de quem *espia* por outrem ou para outrem, por dinheiro ou por officio.

Entro *espiar* e *espreatar* ha a seguinte differença:

Espiar diz-se somente com relação ao caso que se quer conhecer, sem referencia ao fim para que se quer conhecê-lo.

Espreatar diz-se com relação ao fim para que se faz a acção: *o gato espreata o rato para o apanhar.*

Espirito, ingenho. — *Espirito* é o conjunto das faculdades intellectuaes.

Ingenho é a faculdade de crear ou inventar.

Como porém a palavra *espirito* se ha attribuido recentemente a mesma significação que tem em francez para designar aquella vivacidade do *ingenho* que se manifesta na

fluidez e na graça do dizer, e na réplica pronta e certa, convém conhecer qual a differença entre os dois vocábulos.

O *espirito* cria imagens, reveste frases, dá beleza ás concepções; é portanto relativo ás exterioridades.

O *ingenho* é relativo, não á forma, mas ao fundo das cousas. Manifesta-se não só pela grandeza e força da concepção, mas tambem pela elevação das idéas.

Assim se pode dizer que o *espirito* apraz, mas que só o *ingenho* é para admirar.

Esplendor, sumptuosidade, magnificencia, pompa, fausto, luxo. — O *esplendor* é o brilho que se desprende da *magnificencia*, a qual é, propriamente a demonstração solenne da generosidade de quem pode fazer grandes gastos e os sabe fazer com gosto e largueza.

A *sumptuosidade* é a *magnificencia* que não calcula, que malbarata e desperdiça. O *esplendor* infunde respeito; a *magnificencia* enaltece a quem a ostenta; a *sumptuosidade* deslumbra mais que enobrece.

A *pompa* tem em si algo de solenne; é a *magnificencia*, ou talvez a *sumptuosidade*, nas ceremonias ou festas publicas ou particulares. — Não obstante, e mais propriamente, se dirá que a *pompa* é o conjunto de muitas pessoas, das quaes, cada uma de per si, se mostram *magnificas*. — A *pompa* é tão commum no entrego dos grandes como no casamento dos capitalistas.

O *luxo* e o *fausto* são opostos á simplicidade, o têm em si algo de irritante, precisamente por ser seu objecto amesquinhar a quem o não ostenta, rivalizar com aquelles que o gastam, e enaltecer-se aos olhos de todos.

Roquete, á excepção de *esplendor* e *pompa*, diz o seguinte dos outros vocábulos do este grupo:

« Estas quatro palavras têm por idéa commum o gasto mayor ou menor que faz uma pessoa para apresentar-se com mais ou menos ostentação o brilho á vista das demais; mas differenciam-se da maneira seguinte:

« *Luxo*, do latim *luxus*, é excessos na pompa e regalo. Excesso de despeza. Relativamente falando, pertence a todos os estados, até ao infimo povo; e se acha até na classe de gastos mais geraes. Considerado nas classes inferiores da sociedade, e limitado unicamente a gastos medanos, conserva ainda assim e sempre o nome do *luxo*.

« Quando o *luxo* não tem nenhuma relação com os gozos pessoases, senão que tende a distinguir-se dos demais *luxos*, a obscurece-l-os o humilha-os com umas riquezas que se não têm, chama-se *luxo* de ostentação.

« O *luxo* de ostentação nas classes superiores da sociedade chama-se *fausto*, quan-

(1) Do latim *spicere*, ver, e não do alemão, como pretende o autor do dicionario mais recentemente publicado.

«do se manifesta com affectação e grande vaidade. A palavra *fasto* vem da latina «*fasti*, que entre os Romanos significava dias de festa. Nestes dias procurava a capital do Imperio fazer a solemnidade com todo o aparato, tanto em seus vestidos como em seus festins. Representa a magnificencia nos que por sua categoria devem represental-a; manifesta a vaidade e orgulho nos que não se acham naquelle estado.

«O *fasto* não é o *luxo*. Uma pessoa pode viver em sua casa com *luxo*, sem *fasto*, isto é, sem apparecer á vista do público com grande opulencia. Pode-se ter *fasto* sem ter *luxo*. O *fasto* é o complemento do *luxo*. Este acha-se na classe media, e infinita da sociedade; aquelle só o podem ter as pessoas ricas e fidalgas.

«A *sumptuosidade* é o *luxo* não aparente, senão positivo. É o *fasto* que dão as solidas riquezas, quando o que as possuo faz ostentação de ellas ao desfrutal-as.

«A *magnificencia* é o gasto exagerado, porém empregado em objetos belos e de utilidade comum. A *magnificencia* não é o *luxo* da apparencia com que o vaidoso ostenta seu orgulho, senão o *luxo* da realidade com que se honra um monarca por haver feito uma cousa útil a seus súbditos e em favor de sua nação.

«No tempo de el-rei D. João V havia *luxo* no povo portuguez e os fidalgos viviam com *fasto*. As ricas alfaias que ainda restam do tempo de aquelle príncipe mostram o luzido *fasto* com que elle se apresentava em público. A *sumptuosidade* com que elle edificou Mafra e os arcos das Aguas-Livres atestam sua real *magnificencia* ».

«Merece mayor attenção o que dos mesmos vocabúlos nos diz Lacerda :

«A idéa comum significada por estas palavras é a de despesas consideráveis, que se fazem por ostentação; porém há diferenças que se devem notar :

«*Luxo* designa excesso de despeza; *fausto*, despeza de aparato, de pompa ruidosa; *sumptuosidade*, grande e extraordinária despeza, em que tem parte a generosidade; *magnificencia*, despeza exagerada feita com objetos de gosto e de utilidade reconhecida.

«O *luxo* é de todas as condições da sociedade. O *fausto* não pode encontrar-se senão entre pessoas ricas, porque só ellas possuem meios de gastar largamente com o adorno dos palacios, e com as carruagens, cavalos, trans de caça, etc. A *sumptuosidade* refere-se especialmente aos edificios, aos banquetes, aos bailes, etc. A *magnificencia* refere-se menos á vaidade e méra ostentação, do que á grandeza de alma com que se fazem enormes despesas só para de ellas se tirar alguma utilidade pública ».

Espontâneo, livre, voluntario.

— O que é *espontâneo* não depende da nossa vontade, antes pelo contrario: o *espontâneo* precede a vontade e domina a razão, pois a reflexão condemna muitas vezes a *espontaneidade*.

O que é *voluntario* é a expressão da nossa vontade; e o mesmo se dirá do que é *livre*; mas do que é *livre* podemos abster-nos facilmente; não tanto do que é *voluntario*, pois ha um motivo poderoso que nos leva a obrar.

Convém ler o que diz Lacerda a este respeito, como ulterior explicação ao que acabamos de dizer.

«*Livre* é o acto que se pratica por determinação da vontade, mas de modo que o homem pode deixar de pratical-o. Sento-me porque quero, mas podia deixar de sentar-me. *Voluntario* é o acto que se pratica porque a vontade o quer; mas que não podíamos deixar de praticar porque não podíamos deixar de o querer. Exponho a vida voluntariamente para salvar da morte um objecto a quem tanto quero como me quero a mim mesmo. *Espontâneo* é o acto em que a vontade não tem nenhuma parte, e que se pratica sem se advertir em tal, e sem que se possa impedi-lo. Penso sem advertir que estou pensando; respiro, sem poder deixar de respirar, e sem advertir que estou a respirar. *Pensar* e *respirar* são consequentemente actos *espontâneos* ».

Espórtula, gorgeta. — A *gorgeta* é uma pequena quantia que se dá para beber a quem nos faz um serviço por conta de quem lhe paga: *dá-se gorgeta ao cocheiro de um trem de praça, ao moço que nos serve no café*, etc.

Espórtula é uma pequena quantia que retribue um qualquer serviço que nos é feito por quem não tem salario determinado. Damos *espórtula* ao galego que nos leva uma carta a casa de algum amigo.

Espuma, escuma. — Estes vocabúlos não são sinónimos, mas apenas duas formas diferentes da mesma palavra, das quaes *espuma* deve ser a preferida como mais idéntica com a etimologia (em latim *espuma*). *Escuma* é corrupção que provém da forma franceza *écume*.

Esquálido, sórdido. — *Esquálido*, como sinónimo de *sórdido*, melhor se diz quando a *esqualidez* provém da falta de cuidado e da preguiça, deixando *sórdido* para qualificar a *sordidez* proveniente da indigencia, da miseria ou da avareza.

Esquecer-se de, olvidar. — Quem se esquece de alguém ou de alguma cousa é porque esse alguém ou essa cousa lhe saíu da lembrança para só voltar a ella.

quando por qualquer circunstancia lhe seja recordada.

Quem *olvida* não tem a pessoa ou a cousa tão salda da lembrança que seja necessário que de fóra lhe venha a recordação de ella.

Esquecemo-nos do que aprendemos quando éramos pequenos. **Olividamos** os amigos quando a sorte nos é próspera, ou quando a de elles é adversa.

Essencia, natureza. — A *essencia* (do latim *esse*, ser), é o que faz com que uma cousa seja; o que a constitúe; o que, a não existir, impedirla a existencia do que existe. Designa-se, conseguintemente, com esta palavra, aquellas qualidades indispensáveis ás cousas, e que nelhas são immutáveis. O vocabulo *essencia* deve portanto applicar-se não só ao individuo, mas tamhem ás especíes, aos géneros, posto que designa caracteres geraes, não apenas individuaes.

Natureza (do latim *natura*, de *natus*, nascido) é o conjunto de propriedades e caracteres que notamos num sér ou objeto, propriedades e caracteres que, nem todos, são indispensáveis ao individuo, podendo alguns serem mutáveis.

A *inteligencia*, a *razão* e a *fala* constituem a **essencia** do homem actual (não a **essencia** de tal ou tal individuo). — A educação pode transformar a *natureza* de certos animaes.

Essencial, indispensável. — O que é *essencial* constitúe a parte mais necessária da cousa; sem o que é *essencial* não se pode conseguir o que se deseja.

Indispensável é o que, a não fazer-se, ou a não existir, impedirá a realização da cousa, ou pelo menos a sua perfeição.

Assim, o **essencial** é a *saude*, e o **indispensável** é o *dinheiro*.

Estadista, (homem) político. — Quem se occupa activamente de politica, é *político*; mas para se ser *estadista* é necessário não só ser *político*, mas tamhem exercer ou haver exercido alguma alta governação no Estado.

Estado, nação, povo. — O *Estado* é a nação considerada como entidade sujeita a governação e administração. Frequentemente considera-se o *Estado* com relação aos outros *Estados*.

Vejamos agora o sentido primitivo dos outros vocabulos de este grupo.

Nação (do latim *natio*, derivado de *nasci*, nascer) é o conjunto de individuos de uma mesma raça habituados aos mesmos usos, costumes e lingua.

Povo (do latim *populus*, multidão) é o conjunto de homens que vivem sob a mesma lei e o mesmo governo.

Assim diremos: o **povo** portuguez é de *boa índole*: o **povo** espanhol tem muito de *godo* e de *árabe*. Dos dois povos reunidos diremos que: o *fanatismo* e a *crendice* têm difficuldade o *progresso* da **nação** iberica.

Do sentido primitivo de *nação* e *povo* procedem todas as distincções que convém estabelecer entre estes vocabulos:

Nação indicou em primeiro logar uma aglomeração natural de homens, fundada na origem comum a todos elles e nas suas comuns qualidades características.

Povo indicou uma aglomeração artificial ou natural estabelecida em vista de interesses comuns, taes como leis, governo, habitaç, etc.

Assim é que a *nação* pode comprehender varios *povos*, pois formando a Peninsula iberica a **nação** iberica, existem nella os **povos** portuguez e espanhol.

Por outro lado, e como consequência da primitiva significação de estas palavras, varias *nações* submettidas ao mesmo governo podem formar um único *povo*: assim as **nações** mongolica, tártara, chinesa, etc., formam o **povo** chinês.

Extensivamente, *nação* diz-se por *povo* com uma differença análoga.

Nação diz-se com relação á índole, costumes, usos, culto, lingua, etc.

Povo diz-se com relação ao estado politico ou social, leis, instituições, governo, etc.: **nação** belicosa, **nação** civilizada, **nação** fanática; **povo** guerreiro, **povo** nómada, **povo** livre, **povo** escravizado, etc. — *Duas nações são rivaes*; dois **povos** *aliam-se para se defenderem mutuamente de um terceiro*.

Nação exprime um sentido geralmente mais extenso, e uma relação mais íntima que *povo*: na Peninsula iberica viu-se que varios povos (catalães, aragonezes, leonezes, castelhanos, navarros, vasconos, lusitanos, galegos, etc.) acabaram por constituir uma nação, porque os laços que os uniram são tão íntimos que quasi podem fazel-os considerar como descendentes de uma mesma origem.

Povo tem ainda mais acopções, pois pode designar uma parte ou uma das classes de uma *nação*; assim se diz: o **povo** das cidades, o **povo** das aldeias, o **povo** e a classe media, etc.

Estado, situação, posição. — *Estado*, na acção em que esta palavra é sinónima dos outros vocabulos do presente grupo, é termo de significação absoluta, pois designa algo de fixo, ou pelo menos de duradouro, que dimana da propria natureza ou das qualidades das cousas ou das pessoas. Assim, o **estado** dos negocios, é o modo geral de ser de esses negocios, o ponto em que estão e em que permanecem. O **estado** moral de uma pessoa, é a constituição presente de essa pessoa com relação

ao seu morai; e do mesmo modo, o seu **estado físico** é o seu modo de ser actual com relação á sua constituição física. — *O povo portuguez está sepultado no estado de indiferença em que, por vias occultas, o jesuitismo conseguiu mergulhá-lo. Da humanidade, apenas gosto das creanças, pois estes são os únicos seres que estão em estado de perfeita innocência.*

A **situação**, é, comparada com **posição**, um modo geral de ser ou de estar em tal ou tal lugar, particularmente quando esse modo se considera em relação aos objetos exteriores e ás vantagens ou desvantagens que de elles provêm.

A **posição** é um modo particular de ser ou de estar em determinado sentido ou postura, considerando-o com relação ás comodidades ou incomodidades que de ella resultam.

Assim, diremos a **situação** de alguém quando nos referirmos ao que de esse alguém se nos revela, e **posição** quando attendermos ao que lhe é meramente pessoal.

Um individuo está numa **situação critica** quando vemos que elle tem dissabores, desgostos, difficuldades; e diremos que elle está em **posição critica** quando nos referirmos ao que elle sofre. — A **situação brilhante** de um individuo provém do lugar que elle occupa na sociedade, do seu elevado emprego, da sua fortuna pessoal; a **posição brilhante** do mesmo individuo consiste no proprio lugar que elle occupa na sociedade, no seu emprego ou fortuna pessoal.

Estalagem, pousada, hospedaria, hotel. — Concordam estes vocábulos na significação comúm de « casa para receber passageiros », differem porém no seguinte:

Estalagem é casa onde se recebem passageiros que não pretendem grandes comodidades, e na qual são principalmente admitidos aquelles que trazem cavalgadas ou vehiculos.

Pousada é termo castelhano que se diz por **estalagem**, principalmente no Alentejo e no Algarve.

Hospedaria é a casa onde se recebem hóspedes de cama e mesa; se a **hospedaria** reúne certas condições de commodidade e algum, ou muito luxo, é denominada **hotel**.

Estalão, craveira, padrão. — Frequentemente se confundem estes vocábulos; têm porém accepções diferentes.

O **estalão** serve para ver se o que se mede tem uma determinada medida, ou se a excede, ou é deficitente.

A **craveira** serve para medir, sem relação a nenhuma medida indicada.

O **padrão** serve para conferir as medidas e os pesos.

Estalar, estourar. — O que *estala* fonde-se ou racha; o que *estoura* rebenta.

Quando estes verbos se referem apenas ao ruído, *estourar* se diz do ruído grande, e *estalar* do ruído pequeno.

Estamenha, briche, saragoça. — Concordam os dicionaristas em copiar-se uns a outros para dizerem que a *estamenha* é « tecido grosselro de lã ». É erro: a *estamenha* só tom trama de lã; sua urdida é de linho ou de algodão.

Saragoça é um pano grosselro felto de pura lã.

Briche é uma especie de *saragoça* felpuda.

Estampido, detonação. — **Detonação** apenas se diz do ruído que é causado pelo fogo: a *detonação* das armas de fogo; a *detonação* da caldeira que explõe.

Estampido diz-se de qualquer grande ruído sêco ou prolongado. — Diz-se o **estampido** (mas não a *detonação*) do trovão.

Estar, ser. — **Ser** designa um estado permanente; **estar**, um estado momentâneo ou passagelro. — **Ser doente** é não ter boa saúde, sofrer continuamente. **Estar doente** é ter a saúde alterada no momento em que se fala.

Els como Lacerda compara estes verhos: « Estes verbos confundem-se geralmente, mas fazem entre si muita differença.

« **Ser** indica que a qualidade que se attribue ao sujeito lhe é natural, ou usual.

« **Estar** indica só uma qualidade accldeu-tal, transitoria. Quando se diz que um homem é doente, indica-se que nquelle homem está habitualmente doente; mas quando dizemos que um homem está doente, indicamos que esse homem se acha actualmente doente, significando do este modo que o estado em que se acha não é o seu estado permanente, porém sim acclidental, transitorio. Esta distincção, allás necessaria para falar e escrever com propriedade, não foi observada rigorosamente pelos nossos clássicos, excepto « **Vieira**: O amigo, por **ser** antigo, ou por **estar** ausente não perde o merecimento de **ser** amado ». VIEIRA.

Estar contíguo, lindar. — « **Lindar** », diz Roquete, « diz-se propriamente das terras que só separa um sulco, ou outro qualquer sinal convenconado entre os donos das mesmas.

« **Está contigua** uma cousa a outra quando está perto de ella, porém medlando um espaço não definido nem convenconado entre os donos de cada uma.

« O termo de um povo **linda** com o de outro. As casas de estes povos **estão contiguas**.

Roquete não definiu acortadamente a expressão *estar contíguo*. Veja-se o que de con-

lígno dissemos no artigo **Conflm**, na página 291.

Estar seguro, estar certo.—É a Roquete que tomamos a comparação de estas expressões:

« Sendo a *certeza*, considerada no sujeito, o conhecimento da verdade, ou a adherência prudente a uma proposição que exclui todo o recelo de erro, ou, como dizem outros filósofos, a impossibilidade racional ou filosófica de dúvida; é claro que *estaremos certos* quando tivermos esta certeza, ou ella seja metafísica, física ou moral. É o estado de nosso entendimento que resulta da evidência.

« Sendo a *seguridade* a falta de risco, falta de temor, de recelo, o *estar seguro*, é uma disposição do ânimo, que se refere ás cousas práticas, e á confiança que temos no objeto por motivos que estão fóra do nós.

« Na ordem moral anda muitas vezes a *certeza* acompanhada de *seguridade*, quando as pessoas que nos referem os factos nos não inspiram a menor desconfiança.—O *estar certo* refere-se mais ao presente e ao passado; o *estar seguro*, ao futuro.—Fóra das promessas de Deus de nada podemos *estar seguros* para o futuro.—*Estamos certos* da amizade de nossos amigos, porque temos de isso irrefragáveis provas; para dizermos que *estamos seguros* que ella continuará sem quebra, seria necessário que tivéssemos *certeza* que elles não hão de mudar a nosso respeito.—Quando a *seguridade* não se funda em *certeza*, não passa de probabilidade ».

Lacerda resumiu o artigo de Roquete dizendo o seguinte:

« *Estar certo* refere-se ao passado, e ao presente. *Estar seguro* refere-se ao futuro. Posso dizer que *estou certo* da amizade de um amigo da qual tenho provas provadas, indubitáveis; mas não devo dizer que *estou seguro*, porque não me posso considerar livre do recelo de que elle não haja de mudar ».

Estatutura, talhe.—Estes vocábulos não são sinónimos, porém os sinónimistas portuguezes os compararam nos seus dicionários por os terem visto comparados nos dicionários de sinónimos francezes, pois em francez *taille* e *statute* podem em muitos casos confundir-se; em portuguez porém tal confusão nunca se pode dar.

A *estatutura* é a altura do corpo desde os pés até ao alto da cabeça.

O *talhe* é a feição do busto da pessoa, ou seja desde a cintura até aos hombros.

Estatutos, regulamento.—Em geral, os *estatutos* referem-se ao modo de obrar das pessoas, e o *regulamento* ao modo de as cousas funcionarem.

Os *estatutos* de uma associação dotam-nam o que seus corpos gerentes e socios devem fazer, o como se devem comportar.—A parte dos *estatutos* que determina o funcionamento da associação seria melhor chamada *regulamento*.

Este ou leste, levante, nascente, oriente.—Concordam estes vocábulos em designar o lado do globo terráqueo, ou do céu, em que o sol aparece pela manhã, com relação a cada um dos outros pontos da esfera.

Este ou *leste* (palavras que tomámos do francez, *est* o *l'est*, que as foi tomar ao alemão, *ost*) é termo que serve: 1.º para indicar geográficamente a situação de um lugar com relação a outro; 2.º para determinar um dos quatro pontos principaes da rosa náutica ou dos ventos. *As ilhas Baleares estão a Este* (ou a *Leste*) *da Península ibérica*. *O navio leva rumo a Este* (ou a *Leste*).—*Leste* é de má formação: não obstante é mais usual que *Este*.—Diz-se: *o caminho de ferro do Norte e Leste* (e não *e Este*).

Levante diz-se geralmente do vento que procede de onde nasce o sol, e também—como por exemplo nas expressões: *os portos do Levante*, *as escalas do Levante*, etc.—dos pontos do Mediterrâneo que ficam a *Leste* da Itália.

Nascente diz-se por *levante* na linguagem vulgar. *Essa aldeia fica para o lado do nascente*.

Oriente é ao mesmo tempo termo geográfico e poético, porém dizer os *povos do Oriente* não é o mesmo que dizer os *povos do Levante*; no primeiro caso considera-se não só a posição de esses povos; mas também os seus costumes, clima, história, religião, etc.; no segundo apenas se considera a posição geográfica, e neste caso não podemos dizer que o *Levante* se estende até aonde consideramos que se estende o *Oriente*:—Os povos do *Oriente* são a China, a Índia, etc.; os povos do *Levante* são a Grécia, a Turquia, o Egito.—Assim diremos que: *as nações do Oriente* (mas não *as nações do Levante*) ensinaram a filosofia aos gregos.

Estillar ou melhor destillar, pingar, gotear, manar; gota, pingo.—*Manar* diz-se do que sae continuamente, e melhor indica abundancia que pequena quantidade. *A agua mana das fontes*.

Gotejar é cair *gota* a *gota*.

Pingar é cair *pingo* a *pingo*.

Que diferença haverá porém entre *pingo* e *gota*?—Não o podemos determinar. Não obstante parece-nos que *gota* se diz do liquido simples, e *pingo* do liquido gorduroso ou espesso: diz-se *pingo* de *azeite* e

gota de agua; diz-se *caiu-lhe do nariz um pingo* (e não *uma gota*) de rapé.

Destilar é explicar a humidade interior pelos poros.

Vejamos como Roquete fala de estes verbos:

« A idéa comum de estes vocábulos é a acção com que um líquido sae ou é lançado de um vaso, ou corpo que o contém, porém differenciam-se da maneira seguinte:

« Quando o líquido sae como em fio, ainda que seja lentamente, diz-se que *mana*; quando o corpo delta fóra, ou como que expreme de si um líquido, diz-se que o *estila*; quando o líquido cae *pinga* a *pinga*, diz-se que *pinga*; e finalmente quando de elle caem *gotas* amudadas, diz-se que *goteja*.

« *Mana* a agua da penha, o sangue da fôrda, o suor do rosto; na Terra de Promissão *manava* o mel e o leite; do autor da natureza *manam* os direitos naturaes dos homens. — *Estila* agua o madoiro verde quando o põem no lume. *Estilam* lágrimas os olhos, e tambem se diz que de ellos *manam* lágrimas, quando estas correm, como em fio, em mayor abundancia. — *Os lábios da mulher estillam* doçura, diz Araciz. — *Pinga* do telhado a agua da chuva; *pinga* a gordura das carnes assadas, que por isso lhe chama *pingo*, etc. — *Goteja* a sangue a espada que se embebeu em corpo vivo; *goteja* o telhado agua, que por tempo arruina abóbadas, etc.; *gotejam* os vestidos do que caiu n'agua; *gotejavam* as tranças das ninfas do mar, segundo a descriptção de Camões.

« *Pinga* é menos que *gota*; é a minúscula porção de um líquido que cae, e só tem seu diminutivo em lágrima. A progressão de estes verbos pode-se indicar no seguinte exemplo. Na primavera *manam* as fontes crystallinas correntes, no verão diminue o cabedal de suas aguas, o só *correm* em fio; quando o calor aperta rompo-se o fio, e só *gotejam*, ou deitam agua *gota* a *gota*; em ános de séca apenas *pingam*, ou deitam agua *pinga* a *pinga*; e antes de seccarem de todo, vê-se cair uma lágrima de agua, que parece ser o sinal da despedida ».

Comparemos o que diz Lacerda com o que disse Roquete:

« Estas palavras indicam a acção com que um líquido sae ou é lançado de um vaso ou corpo; mas differenciam-se como vamos notar. Diz-se *manar* do líquido que sae de um vaso em fio, ainda que seja lentamente: « *Negro suor então lhe está manando de todo o corpo.* » Diz-se que o corpo *estila* o líquido, quando delta fóra, ás gotas, e como que esprome, o mais apurado do elle: « *Os olhos estillam lágrimas* » (EL. FÁDADA). — Quando o madeiro verde cõmeça a *estillar* agua na chaminé (V. DO

« ARCEB.). — Diz-se que o líquido *pinga* de um corpo, ou que o corpo *pinga* o líquido, quando este cae de cima, *gota a gota*: « *Á agua está pingando do telhado* (MOK.). — Diz-se que o corpo *goteja*, quando vão caindo amudadas *gotas* de elle. *Goteja* a espada que se embebeu no touro: « *Vere-mos a mesma espada já gotejando sangue* » (VIEIRA). — *Á agua espalhada cae gatejando* (II. DOM.). ».

Estima, apreço. — A *estima* é relativa ás qualidades que constituem o homem probo, fiel, cumpridor da sua palavra, seguro no seu trato.

O *apreço* é relativo ao mérito do homem distinto, e ao que ha de agradável no seu trato.

A *estima* traz consigo a confiança na pessoa ostimada; o *apreço* faz procurar a amizade de quem é apreciado.

Vejá-se o artigo **Apreço**, na página 165.

Estimação, valor, preço. — *Opreço* é a quantia de dinheiro que as cousas custam, sem attender porém ao que ellas valem intrinsicamente.

Valor é o caso que fazemos de um objecto pelo serviço que nos presta, ou a quantia que corresponde ao mérito das suas qualidades.

Estimação é o valor arbitrario em que se tem o objecto.

Roquete diz o seguinte de estes vocábulos:

« O merecimento intrinseco das cousas constitúe seu *valor*; funda-se seu *preço* na *estimação* que se lhes dá.

« Dizemos pois: Esta medalha, além de seu *valor*, porque é de ouro, é tambem de grande *preço*, por ser antiquissima e rara.

« *Preço* supõe alguma relação com a compra ou venda, o que não succede com a palavra *valor*. Assim que se diz que não é bom entendedor o que não julga do *valor* das cousas senão pelo *preço* por que se compram. — Quantas vezes se vendem por baixo *preço* alfayas de grande *valor* ?!

« *Estimação* é o *valor* que se dá, ou om que se considera uma coisa; é o julgo que determina o seu *valor* relativo ».

Lacerda diz o seguinte, que consideramos mui acertado:

« *Preço* exprime a relação da compra e venda de um objecto.

« *Valor* designa o merecimento intrinseco do objecto.

« *Estimação* é o valor arbitrario em que se tem o objecto.

« O *preço* mede-se não só pelo *valor*, ou *estimação* do objecto, mas tambem pela sua raridade, e difficuldade de o obter. — O *valor* considera no objecto especialmente a sua utilidade. — A *estimação* depende sempre do julgo que se forma de uma coisa, segundo as diferentes relações em que es-

« tão para com ella as pessoas que a esti-
« mam ».

Estio, verão.—O *estio* é a estação do
ano que principia ao acabar a primavera e
termina ao principiar o outono.

Verão é a época do ano em que faz
calor. Nos dias quentes de mayo dizemos
que já estamos no *verão*, mas não podemos
dizer que já então estamos no *estio*.

Estorvar, impedir.—*Impedir* não
deixa obrar, não consente que se obre.

Estorvar não deixa obrar desembaraça-
damente.

Roque te compara muito bem estes vocá-
bulos dizendo :

« *Impedir* supõe um obstáculo directo.

« *Estorvar* supõe, com mais propriedade,
« um obstáculo indirecto, e não poucas ve-
« zes, uma méra dificuldade ou embaraço.

« O pae *impede* com sua autoridade que
« seu filho saia de casa. A companhia de
« um amigo costuma *estorvar* ás vezes que
« façamos nossa vontade. — Muitas são as
« leis que se dão promulgadas para *impedir*
« os desafios, porém a louca presumpção de
« amor proprio, a que damos impropria-
« mente o nome de honra, tem *estorvado* em
« todos os tempos o desejado fim que se pro-
« puzeram os legisladores. — Um corpo opa-
« co, posto entre os olhos o o objecto, *impe-*
« *de* o vê-lo; uma névoa, um véo raro, não
« o *impede*, porém *estorva* para vê-lo bem.
« — Os *grilhões* não impedem o andar, po-
« rém *estorvam* ».

Estrangeiro estranho, peregrino, forasteiro.—*Estrangeiro* é
aquelle que se encontra numa nação que
não é a sua.

Estranho é aquelle que não é conhecido
na terra em que se acha.

Peregrino, hoje, só se diz de aquelle que
vae em peregrinação a um templo ou san-
tuário distante da terra da sua residencia.

Forasteiro é aquelle que vem de fóra da
terra onde se acha. Vieram muitos **foras-**
teiros ás festas do centenario da Índia.

Lêa-se o que de estas palavras diz Ro-
quete :

« *Estrangeiro*, e melhor seria escrever
« *estrangeiro*, de *extra*, preposição latina,
« como escrevem os Espanhoes, vem do
« francez antigo *estranger* ou do italiano
« *straniere*, do latim *extraneus*, e desigña o
« que é de distinta dominação da do palz
« onde nos achamos ou residimos, o que
« pertence a nação diferente da nossa.

« *Estranho*, o melhor *estranho*, vem da
« mesma palavra latina *extraneus*, e signi-
« fica o que é de nação, profissão, etc., dife-
« rente da de que se fala, e extensiva-
« mente o que nos é desconhecido, que nos
« não é familiar, a que não estamos acostu-
« mados, etc. Da primeira acepção nos dei-

« xou exemplo Camões naquelles senten-
« ciosos versos :

« Que alegria não pode ser tamanba

« Que achar gente vizinha em terra *extra-*
« *nha*.

(*Lus.*, VII, 27).

« A segunda acepção, e a mais usada,
« funda-se do uso viva e mui lógico da lin-
« gua, e a sua diferença de *estrangeiro* se
« abona com a autoridade de Lucena, que,
« falando dos Portuguezes, diz que a res-
« poito dos mouros de Ternate, eram gen-
« te « tão *estranha* nos costumes e religião
« quanto *estrangeira* na terra e natureza (IV,
« 6). — Um *estrangeiro*, que vemos pela pri-
« meira vez, é *estrangeiro* e ao mesmo tem-
« po *estranho* para nós; quando o frequen-
« tamos, e com elle travamos amizade, já
« nos não é *estranho*, antes familiar, mas
« será sempre *estrangeiro* em quanto se não
« naturalizar como nosso concidadão. — Um
« conterrâneo, ou compatriota, não é *estran-*
« *geiro* mas é *estranho* para nós, quando o
« não conhecemos nem com elle temos pa-
« rentesco ou relações de amizade. Quan-
« tos *estrangeiros* nos são menos *estranhos*
« que os nacionaes ?

« *Peregrino* é palavra latina, *peregrinus*,
« e vale o mesmo que *estrangeiro*, segundo
« aquelle logar de Cicero no livro da Ami-
« zade, em que diz que devemos preferir os
« concidadãos aos *estrangeiros*: — *Civis po-*
« *tiores, quan perigrini* (V. 19). E neste
« mesmo sentido o usou Camões quando fa-
« lou do romano Sertorio relativamente aos
« Lusitanos :

« quando alevantaram

« Um por seu capitão, que *peregrino*

« Fingiu na cerva espirito divioo.

(*Lus.*, I, 26).

« Usa-se porém mais para designar aquel-
« le que anda errante fóra de sua patria, co-
« mo mui poeticamente disse Camões de si
« mesmo :

« Agora *peregrino*, vago, errante,

« Vendo nações, liogugens, costumes ;

« Céos varios, qualidades diferentes, etc.

(*Canç.*, XI).

« E em sentido figurado é mui expressi-
« vo para designar o que é raro, singular,
« extraordinário para bem, no que se dife-
« rença de *estranho* que de ordinário equi-
« vale a desconforme; diz-se com muita
« propriedade da formosura. Vieira, num
« dos seus muitos equívocos, nos deixou um
« belo exemplo dos dois mencionados usos
« de este sonoro adjetivo: — *Todas estas en-*
« *chentes de bens*, diz o atilado orador, cor-
« riam á casa de Abrahão...., não porque

«era peregrina Sara, senão porque a
«formosura de Sara era peregrina (11,
«407).

«Forasteiro é palavra vulgar, antigamen-
«te talvez usada em lugar de estrangeiro,
«mas que hoje designa o que não está avi-
«zinhado no povo em que se acha, sendo
«súbdito do mesmo soberano, e por ventu-
«ra, entre o povo, homem de pouca conta
«que vem de fóra, que vai de terra em ter-
«ra; não tem as aceções das precedentes,
«nem com ellas pode confundir-se.

Estribilho, bordão. — A compara-
ção de estes vocabúlos é feita por Roquete
nos seguintes termos:

«Tendo estas duas palavras mui diferen-
«te significação no sentido recto, porque a
«primeira significa verso ou ramo do ver-
«sos que se repete no fim de uma ou mais
«estancias, e a segunda significa um pau a
«que um homem se arrima, vêm ambas a
«encontrar-se no sentido figurado signifi-
«cando palavras de que alguém usa sem-
«pre. Todavía *estribilho* parece referir-se
«mais ao estilo familiar, e *bordão* ao didá-
«ctico e poético. — O primeiro parece indi-
«car mau hábito no falar, pouco cuidado
«em evitar repetições; o segundo, pobreza
«de termos e expressões no escritor, pouco
«vigor em variar a frase, pelo que é obri-
«gado a encostar-se a cada passo ao *bordão*
«de certas palavras, que pudern e devere
«evitar seguindo o conselho de Boileau:

«Voulez-vous du public mériter les amours?
«Sans cess en écrivant variez vos discours.

«Se dos doutos quereis obter apiauso,
«Sempra' vosso dizer dae novidade.

(Art. poet.).

«Camões é censurado com razão de usar
«mui frequentemente do adverbio lá, que é
«na verdade um *bordão* pouco honroso pa-
«ra um poeta de tão fecunda imaginação
«como elle era. Não mereceria esta censu-
«ra se o tivesse somente usado no seguinte
«caso ou em poucos outros semelhantes.

«Que esquecerão seus feltos no oriente
«Se lá chegar a lusitana gente.

(Lus., I, 30).

«Mas vinte e seis *lãs*, peio menos, se en-
«contram nas Lusíadas, e alguns de offes
«com dissonante cacofonia, como é o que
«desfigura a estancia 5.^a do oitavo Canto.

«Quem será estoutro cá qu'o campo arraza?

«Não são talvez menos frequentes os *jás*,
«pois só na 1.^a estancia do sétimo Canto se
«fêem quatro.

Estúpido, ignorante. — Diz La-
cerda:

«O homem é estúpido por falta de enge-
«nho, por uma certa disposição da sua or-
«ganização; e é ignorante porque não estu-
«dou, não se instruiu; por carecer de ins-
«trução. — O estúpido não sabe porque não
«poude aprender, e o ignorante não sabe
«porque não aprendeu. — A estupidéz traz
«origem da organização; a ignorancia pro-
«cede da preguiça.

Estylo, uso. — O *estilo* é o modo babi-
tual de fazer ou de proceder.

Uso é o frequente exercicio de alguma
prática, e, extensivamente, a facilidade
que essa repetição proporciona.

Eterno, perpétuo, continuo, immortal, sempiterno; perenne. — *Eterno* diz-se do que não teve prin-
cípio nem pode ter fim. A razão do homem
é muito limitada para poder comprehender o
eterno. — Extensivamente diz-se do que
tem ou ha-de ter nma duração indefinida,
ou de tal modo longa que não se lhe pode
marcar limite. — O que cansa e causa mo-
lestia, sendo muito prolongado, é, figura-
damente e por exaggeração, qualificado de
eterno.

Perpétuo diz-se do que tem uma duração
permanente, ininterrupta, mas não illimita-
da, pois se prevê o termo em que ha-de ces-
sar — ninda que não seja possível determi-
nar o por ser termo muito afastado de nós.

Em *eterno* ha sentido absoluto; o que é
eterno dura não só enquanto ha tempo, se-
não que existiu sempre antes de todo tem-
po, e ha-de continuar a existir depois do
tempo. Em *perpétuo* considera-se o carácter
perceível de quanto é humano e material;
porém o que é *perpétuo* não cessa de ser o
que é até que cesse de todo de ser.

Continuo não implica de modo tão abso-
luto a idéa de ininterrupção como *perpétuo*,
mas não deixa por isso de negar toda longa
descontinuação. Apesar da Biblia dizer
que Josué deteve o movimento da terra, ne-
hum dos que nisso creem deixam de afir-
mar o *continuo* movimento do planeta. —
Por outro lado *perpétuo* antevê um termo
no tempo; *continuo* pode abranger a idéa de
todo o tempo. Assim, o movimento *conti-
nuo* seria o movimento que subsistisse
em quanto houvesse tempo. — Outra dife-
rença entre *continuo* e *perpétuo* está em *per-
pétuo* considerar o objecto como um todo que
se estende sem interrupção até chegar a nm
limite dado, no passo que *continuo* conside-
ra o objecto nas suas diferentes partes, ns
quaes caminham juntas. Por isso *perpétuo*
se applica exclusivamente com relação ao
tempo, e *continuo* com relação ao lugar.

Diz-se que a luta entre o Bem e o Mal é
eterna; que é *invejável a paz perpé-*

tua entre as nações; que os políticos estão em contínua discordia.

Immortal diz-se do que não ha-de morrer, mas difere de *eterno* em supôr um principio, e de *perpétuo* em não antever um limite no futuro.

Sempiterno é vocábulo pouco comprehensível e nada diz a mais de *eterna*, pelo menos em portuguez (!).

Roquete, de estes vocábulos apenas inscreve *perpétuo* comparando-o com *perene* na forma seguinte:

« *Perpétuo* é o que dura muito tempo
« eu sem fim; *perene* junta a esta idéa a
« de uma acção *continua* e incessante. Os
« movimentos dos astros são *perpétuos* e *pe-*
« *renes*; *perpétuos* porque hão-de durar em
« quanto durar o mundo; *perenes* porque
« difundem luz *continua* que nunca cessa.
« Diz-se que uma fonte, um manancial é *pe-*
« *rene*, e não *perpétuo*, porque se atende
« ao fluxo *continuo* da agua, que não cessa
« no estio, e não à *perpetuidade* de sua du-
« ração ».

Não concordamos com a comparação de Roquete. Já se viu como entendemos o vocábulo *perpétuo*; em quanto a *perene* só comprehendemos que significa « duradouro e sem intermissão ».

Euménides, Furias.—As divindades subalternas que os Romanos chamavam Furias, e que eram trez: Tisiphone, Megera e Alecto, chamavam-se Gregos, por eufemismo, *Euménides*.

Veja-se e que a este respolto diz Roquete;

« Os Romanos chamavam *furias* a certas
« divindades infernaes e secundarias en-
« carregadas de atermentar a consciencia

(!) Em latim *sempiternus* e *aeternus* não são absolutamente a mesma cousa: *sempiternus* designa o que dura sempre, e quo tem uma duração igual à de tempo; ao passo que *aeternus* expressa uma idéa que vai ainda além da duração do tempo, pois Cicero diz que: « *tempus est pars quoddam aeternitatis* ». Assim, pois, o que é *sempiternum* dura emquanto e tempo durar; e quo é *aeternum* dura emquanto existe tempo, e depois dura na eternidade. O primeiro é uma designação matematica, e segundo uma designação metafísica da eternidade. A idéa do « sem principio nem fim » fixa-se melhor com a palavra *aeternitas* que com *tempus sempiternum*, pois esta expressão não faz despertar o pensamento de que nunca heuve principio.

Castilho, dizendo que: — Dous existiu sempre e ha-de sempre existir; por isso se chama *sempiterno*—adequou talvez esta palavra à comprehensão das creanças a quem se dirigia; a não ser assim, crêmos que a não empregaria.

« des culpados, e eram trez: Tisiphone, Me-
« gera, Alecto ».

« Os Gregos chamavam *Euménides* aostas
« mesmas divindades. Parece à primeira
« vista uma contradicção, porque *Euméni-*
« *des* quer dizer literalmente deusas bené-
« volas. Como pois são *benévolas* as *Furias*?
« Nenhum dos sinemismos que consultá-
« mos o explicam, porque ignorava e ge-
« nio da lingua grega em alguns casos, e os
« usos litterarios dos Gregos. A palavra gre-
« ga *Euménides* entende-se, como muitas ou-
« tras, por eufemismo e antifrase.

« Para bem se comprehender esta mane-
« ra de exprimir-se, que à primeira vista
« parece absurda, é mister saber-se, que os
« antigos tinham por mau agouro dar a cer-
« tas divindades malfélicas, ou encarrega-
« das de tristes ministerios, nomes que re-
« cordassem sua malignidade ou suas des-
« agradáveis occupações. Por esta razão, co-
« mo as *Furias* eram, segundo a sua mitolo-
« gia, as que atermentavam aos maus de-
« pois da morte, e es agitavam ainda em
« vida com terrores, sonhos, o visões espan-
« tosas, em vez de dar-lhes um nome que
« indicasse esse funesto ministerio, elles
« chamavam as *Euménides*, isto é, benévo-
« las, assim como davam ao barqueiro de
« inferno, sendo tão feio como nel-o pintam
« os poetas, e nome do *Charon*, que quer
« dizer gracioso, de *chairôn*, ou do *charis*,
« graça ».

« De aqui se vê pois que todo o arrazoa-
« do de Roubaud e dos que o imitaram ia-
« bera em ignorancia, e não se pode admi-
« tir a differença que elle pretende estabe-
« lecer entre *Furias* o *Euménides*, dizendo
« que « as *Furias* perseguem os criminosos
« para vingar a justiça, e as *Euménides* os
« castigam para os trazer á ordem ». Tainão
« ha; ambas as palavras representam as
« mesmas divindades, e a mesma idéa de
« castigo e tormento, e só differem em que
« a primeira é da linguagem mitológica dos
« Romanos, e a segunda pertence á dos
« Gregos; e que esta se entende per anti-
« frase, o aquella no seu sentido natural ».

Evasão, fuga.—*Evasão* é o acto de
sair; *fuga* é o acto de ir fugindo.—Pode di-
zer-se que: o prisioneiro, depois da *eva-*
são, poz-se em *fuga* para não ser recaptu-
rado.

Eventual, casual.—Ha probabili-
dades de succeder aquilo que é *eventual*, mas
é *casual* é imprevisível.—Chamam-se *proven-*
tos eventuales aquellos que, como os
emolumentos, provêm do exercicio de uma
profissão, ou das obvenções anexas a um
emprego.—São *casuales* e encientes inos-
perados, as coincidência raras.

Os lucros dos advogados, e dos médicos
que não têm partido, são *eventuales*, como
eventuales são as baixas dos fundos, e os re-

sultados de uma batalha. O dar com um tesouro escondido é *casual*.

Eversivo, subversivo. — Os actos ou gritos *eversivos* incitam a destruir; os *subversivos*, a alterar para desordem o que se supõe ser ordem.

Exactidão, fidelidade. — *Narrar com exactidão e narrar com fidelidade* ou *fielmente* não são expressões absolutamente idênticas.

A *exactidão* é relativa ao fundo do facto; a *fidelidade* á boa fé do narrador.

Narrar com exactidão é pois narrar o facto tal qual elle se deu, para assim poder ser apreciado como convém.

Narrar com fidelidade é não alterar o que julgamos ser a verdade do facto: ser *fiel* narrador.

Exactidão, pontualidade, regularidade. — A *exactidão* consiste em não faltar; a *pontualidade*, em estar presente no momento previsto; a *regularidade*, em observar regra ou método, não alterando em nada o que está ordenado.

Noutra ordem de idéas, consiste a *exactidão* em fazer o que se devo fazer com toda a minucia, sem nada omitir, nem negligenciar.

A *pontualidade* consiste não só em fazer no momento ordenado, mas também em observar absolutamente todas as indicações recebidas, afim de atingir o ponto desejado.

A *regularidade* não se refere a um só acto, mas a muitos actos da mesma especie, todos elles feitos pelo mesmo método ou sistema, isto é, observando sempre os mesmos preceitos.

Exaltar-se, entusiasmar-se.

— Em todas as paixões pôde haver *exaltação*, só porém as nobres e generosas podem levar ao *entusiasmo*. O amor, a ira, o fanatismo, *exaltam*; o patriotismo, a virtude, a justiça *entusiasman*.

A *exaltação* depende muito do temperamento; o *entusiasmo* depende mais da imaginação e dos sentimentos.

Exarar, registrar. — *Regista-se* para não olvidar; *exara-se* para que fique gravado para sempre.

Excedente, excesso. — *Excesso* diz-se muito bem do que é abstracto, mas *excedente* não se pode dizer senão do que é concreto. *Ha excessos* de prodigalidade como ha *excessos* de avaréza. Os governos deveriam ordenar que só se podesse exportar o *excedente* do necessario para o consumo.

Excesso, demasia. — *Excesso* diz mayor quantidade que *demasia*, por exemplo nas expressões: *evitar todo excesso de comida; evitar toda demasia no comer*.

Excursão, incursão. — *Excursão* diz-se com relação ao ponto donde se sae; *incursão* com relação ao ponto aonde se vae. — O conde D. Henrique fez varias *excursões* contra os mouros, e estes fizeram muitas *incursões* nos territorios que elle ia conquistando.

O que é *excursão* para uns pode ser *incursão* para os outros.

Excusa, desculpa, pretexto. — A *excusa* é uma evasiva; a *desculpa* é uma justificação; o *pretexto* é um motivo ligeiro ou falso.

Com uma *excusa* negamos um favor, não comparecemos onde nos esperam, não cumprimos o prometido. Com uma *desculpa* tentamos evitar o castigo, invalidamos uma accusação, defendemo-nos de uma improbção. Com um *pretexto* metemo-nos onde não somos chamados, largamos a obrigação antes de tempo, vemo-nos livre do machador que não nos quer largar.

Roque diz o seguinte de *excusa* e *pretexto*:

« *Excusa* é a razão válida, com que justifi- ficamos um facto.

« *Pretexto* é a razão aparente, de que nos servimos para occultar a verdadeira.

« Busca-se um *pretexto*, para que sirva de *excusa*. — Fulano deu por *excusa* o estar occupado, porém soube-se depois que tal occupação foi somente um *pretexto*.

« Chama-se impropriamente *excusa* á falsa razão ou motivo com que procuramos desculpar-nos, ou eximir-nos de alguma cousa; porém esta na realidade não pode chamar-se *excusa*, porque é claro que não pode verdadeiramente ser o aquillo que se quer fazer. passar falsamente por tal. A palavra *excusa* a explica sempre debaixo da acção de verdadeira, e por isso produzimos nossa razão como *excusa* ou *desculpa*, supondo que, recebendo-a nesta qualidade, se oia como legitima; porém a palavra *pretexto* representa por si mesma uma razão puramente aparente, e assim ninguém a produz em qualidade de *excusa*. — Confesso que erroi, porém sirva-me de *excusa* minha pouca experiencia. — Sirva-me de *pretexto* seria confessar que, não tendo *excusa* legitima que alegar, exponho uma razão puramente aparente, que não pode passar legitimamente por *excusa* ou *desculpa*, isto é, não ha razão válida que o justifique ».

Execração, maldição, imprecção, praga. — *Maldição* é o acto de amaldiçoar a alguém, de votar alguma pessoa ao mal, de lhe desejar mal. O mais das

vezes, a maldição é dada pelo superior ao inferior, e tanto pode ser expressada com violência, como a sangue frio. *Poderá um pai descontente amaldiçoar seu filho?*

A *imprecação* é a maldição que, partindo geralmente do inferior para o superior, consiste em implorar a intervenção da divindade para ser ella a protectora do fraco contra o forte, vingando-n de este. — A *imprecação* difere da *maldição*: em primeiro lugar, em ser pronunciada, como acabamos de dizer, por aquelle que, não se sentindo assaz potente para votar por si só ao mal, recorre ao auxilio de um poder superior; em segundo lugar, em sempre ser violenta e furiosa, e em ás vezes degenerar em blasfêmia. *Deus não deixa que se percam as imprecações dos escravos contra os seus tiranos.*

A *execração* é a *imprecação* que consiste, não só em invocar a divindade, mas também em repellir o *execrado* de quanto tem carácter de sagrado. *Os sacerdotes romanos pronunciavam terríveis execrações contra os sacrilegos.*

Praga é a maldição determinada que se pronuncia contra alguém; isto é: quem pronuncia a *praga* ba-de dizer em que quer que ella consista.

Roquete expressa-se a respeito de estes vocábulos na forma seguinte:

« Em sentido literal *imprecação* é a acção de rogar a um poder superior que fulmine males contra alguém. *Maldição* é a acção de maldizer alguém, ou de lhe anunciar, agourar males com desejo que elles succedam.

« *Execração* é a acção de *execrar*, isto é, de tirar a alguma pessoa ou cousa o que ella tem de sagrado, ou provocar contra ella a vingança celeste. *Praga* é um dano no grave corporal, ou um infortunio que rogamos a alguém, ou invocamos sobre elle.

« Assim que, a *imprecação* é propriamente uma oração, ou súplica para que venham males; é o contrario de *deprecação*. A *maldição* é um desejo, uma como sentença dada; é o contrario de *bênção*. A *execração* é uma especie de anátema religioso; é o contrario de *sagração*. *Praga* é o vocábulo genérico com que o vulgo designa não só as *imprecações*, *maldições* e *execrações*, senão todos e quaesquer desejos de mal ao próximo, exprimidos por frases mais ou menos grosseiras, que todas se encerram em *praguejar* e *rogar pragas*.

« A *imprecação* provém da cólera e da fraqueza; a *maldição*, da justiça e do poder; a *execração*, pode vir de um religioso horror; as *pragas* vem sempre de má índole, péssima educação, e lingua perversa; por isso se chama com razão ao malédico, boca de *pragas* ou *praguejento*.

Exegese, interpretação. — *Interpretação* pertence á linguagem corrente; *exegese* é termo teológico, e também de direito. Diferem também estas palavras em *interpretação* se dizor com relação ao sentido de todo um texto, ao passo que *exegese* se diz da applicação por partes — talvez palavra por palavra — de qualquer texto.

A palavra *exegese* pode attribuir-se a idéa de argucia, subtilidade, sofisma: a *exegese bíblica*.

Exemplo, modelo, exemplar.

Exemplo é o que se imita; *modelo* é o que se deve imitar. Seguímos o *exemplo* de outrem, fazendo o que elle fez. Tomamos a outrem para *modelo* para o imitarmos em tudo. Dizendo que alguém deu o *exemplo* de todas as virtudes, supomos que terá todas as virtudes quem obrar como elle obrou. Dizer que alguém é um *modelo* de virtudes, faz supôr que para ser virtuoso basta imitar essa pessoa.

Exemplar é denominação mais vulgar de *modelo*.

De *exemplo* e *exemplar* diz Roquete:

« Confundiam os nossos antigos estes vocábulos dando ao primeiro o valor que é privativo do segundo. Lobo disse: — Cimeira, gloria de Amor, *exemplo* de beleza; — Arraes: — Cyro, *exemplo* e retrato dos bons reis; — e Camões: — Ó formosura, *exemplo* de beleza. — Isto não obstante deve-se adoptar na lingua portugueza a diferença que estas palavras têm na castelhana, a saber: *Exemplo* é o caso ou facto succedido noutro tempo, proposto para imitar-se ou fugir-se, e também o procedimento de alguém que outros podem imitar. *Exemplar* é um original, ou protótipo que se nos oferece para o copiarmos, é um modelo a imitar-se. — Jesus-Cristo, quando lavou os pés a seus discipulos, deixou-nos o mais perfeito *exemplo* de humildade e caridade fraterna; é morto na cruz, foi o *exemplar* com que se identificou o Seráfico de Assis. — O desgraçado fim de Nero foi um triste *exemplo* de que seus successores se não aproveitaram; antes parece que alguns de elles tomaram por *exemplar* aquelle monstro da natureza humana. — Job, diz Vieira, alcançou o título não só de *exemplo*, mas de *exemplar* de toda a paciencia ».

Exercer, exercitar. — *Exercer* é praticar os actos proprios de uma profissão. *Exercitar* é praticar para tornar-se dextro.

Exgotar, exhaurir, secar. — *Esgotar* é pôr a seco, tirando o liquido contido no que se esgota. Extensivamente, é gastar completamente o que havia, de bom ou de mau, de útil ou de inútil.

Secar tem a mesma significação, porém

de modo mais geral e vago, este verbo não diz se o *esgotamento* é natural, se artificial, nem, neste caso, qual meio se emprega para o conseguir. **Esgota-se** ou **seca-se** um poço; as fontes **secam** no verão.

Exaurir é *esgotar* o que é útil e necessário.

Exhalação, vapor.—Designam estes termos os finidos gazosos que se elevam no ar.

Vapor diz-se propriamente da agua reduzida ao estado gazoso; esta palavra não se pode applicar senão a corpos.

Exhalação é termo que é sempre relativo á origem do fluido, e muitas vezes designa apenas o proprio acto da producção das emanações. Quando designa o resultado de este acto, é sempre dito com relação á causa ou natureza dos gazes produzidos.

Os vapores que formam nuvens resolvem-se em chuva. Nos terrenos vulcânicos notam-se frequentes **exhalações**. São nocivas as **exhalações** das plantas em decomposição.

Exhalar-se, evaporar-se.—*Exhalar-se* é espalhar-se no ar qual sopro produzido pelo hálito ou respiração. Emprega-se particularmente este verbo com relação ás cousas que, como os perfumes ou qualquer cheiro, produzem sensação nos sentidos.

Evaporar-se é elvar-se no ar como um vapor, e desaparecer sem deixar vestígios. Aquilo que *se evapora* aniquila-se, dissipa-se inteiramente, e perde-se na atmosfera como o fumo.

No sentido figurado, tem cada uma de estas palavras significação análoga ao seu sentido proprio.—*A dor de este homem exhalava-se em queixumes dolorosos*, mas a sua tristeza não tardou a **evaporar-se**.

Exíguo, pouco ou pequeno.—O que é *exíguo* é em muito pouca quantidade ou tem muito pequenas dimensões.

O que é *exíguo* não chega para o que se necessita, nem corresponde ás necessidades. O que é *pouco* ou *pequeno* chegaria para o que se necessita se lho acrescentassem o que falta.

Existir, viver.—*Existir* é baver saído do nada, ocupar espaço, formar parte da criação.

Viver é exercer funções vitais, ter órgãos em estado de actividade, recorrer uma série de períodos que terminam na destruição.

O que *existe*, é algo. O que *vive*, obra por sua propria virtude.

A terra, o mar, o fogo, os astros **existem**. Os animaes e as plantas **vivem**.

Viver é o modo de *existir* dos seres organizados.

A vida communica-se, não assim a *existencia* propriamente dita.

Pode baver *existencia*, mas não *vida*, sem assimilação de partes.

Exorbitante, excessivo.—É *exorbitante* o que sae irregular e exageradamente dos limites ou medida. Assim é que se diz que *alguem faz despesas exorbitantes quando estes não estão em proporção com os seus haveres*.

Excessivo diz-se de quanto excede a medida ou grau ordinario; calor **excessivo**; ambição **excessiva**.

Expediente, recurso.—O *expediente* é um meio de que nos valem para resolver momentaneamente uma dificuldade.

O *recurso* é um meio que pômos em prática para resolver definitivamente uma dificuldade.

Depois de *exgotados todos os recursos* só nos resta *valermo-nos de expedientes*.

Experiencia, observação, (observancia).—A *observação* é o meio de conhecer as cousas notando como ellas são feitas e como se produzem.

A *experiencia* é o meio de conhecer as cousas, provocando fenómenos com o fim de os *observar* e seguir observando na sua marcha.

Para *observar* aproveitamos o que se nos apresenta. Para *fazer experiencia* procuramos dar existencia ao que não a tem.

Comparando *observação* com *observancia* vemos que *observação* se diz não só do acto de examinar o desenvolvimento dos fenómenos, senão também do cuidado que pômos em cumprir cabalmente certos preceitos, quer fisicos, quer moraes.—*Observancia* só se diz do cumprimento moral dos preceitos.

Roquete diz o seguinte de estas palavras:

« No sentido fisico, *observação* é a acção de observar, isto é, de examinar attentamente os fenómenos da natureza. *Experiencia* é a acção de fazer apparecer por industria e artifício nosso, alguns fenómenos, que sem elles não seriam conhecidos.

« A astronomia está fundada na *observação*; a quimica na *experiencia*. Aquella deu nascimento a muitas artes; estas as alimenta e aperfeiçoa. O curso dos astros, a aparição dos meteoros, a vegetação das plantas, a geração dos animaes, etc., são objetos da *observação*; os fenómenos da electricidade, do magnetismo, do galvanismo, da pilha voltaica, etc., são resultados da *experiencia*.

« No sentido vulgar não é menor a diferença que ha entre estes dois vocabulos.

« Observamos o que se passa fora de nós e
« está ao alcance de nossos sentidos; *exper-*
« *rimentamos* o que se passa em nós, o que
« nos toca física ou moralmente. Pela *ober-*
« *vação* adquirimos notícia e conhecimento
« de muitas cousas; pela *experiencia* apren-

« demos a usar de ellas, por isso disse o
« Séneca portuguez:

« O que não experimentares
« Não cuides que o sabes bem.

Expressão, locução. — *Locução* é, propriamente, o modo de falar; *expressão* o modo de se expressar. A *locução* depende particularmente dos órgãos vocaes e da instrução; a *expressão* depende do sentimento.

Noutra ordem de idéas, *locução* é o conjunto de duas ou mais palavras que se empregam por uma só: **locução adverbial.**

Expressão é a combinação de duas ou mais palavras que expressam uma idéa.

A *locução* obedece ao uso; a *expressão* é creada por quem a emprega.

Expugnar, oppugnar. — Diz Lacerda:

« *Opugnar* é combater, acometer para
« render uma praça, ou uma cidade fortifi-

« cada, etc. — Quando *opugnavu* a Italia
« (B. FLOR.).

« *Expugnar* é tomar por combate, render
« à força de armas: — Com moscas **expu-**
« **gnou** o Senhor a dureza de Faraó (AR-
« RAES).

Expurgar, purgar, purificar. — Nestes verbos entra o radical *puro*.

Purificar é tornar puro; mas além de essa idéa nota-se no vocábulo ainda outra: a de uma causa que penetra no objeto *impuro* para o modificar e devolver-lhe a *pureza* primitiva.

Purgar é tornar puro, fazendo expelli o que ha de impuro no que se *purga*.

Expurgar é tornar completamente puro o que ainda não se havia *purgado* ou *purificado* de todo.

Os ventos rijos **purificam** o ar. A fermentação **purga** o mosto. Não se implanta

tam liberdades onde não se **expurgam** erros.

Exterior, externo, extrínseco.

— O que é *exterior* está na superfície do corpo; o que é *externo* está não só por fora, mas também separado do corpo. Os sentidos podem exercer-se em objetos *exteriores* e *externos*; mas os órgãos de alguns sentidos só são *exteriores*, não *externos*.

Não se deve dizer o **aspecto externo** de uma cousa, mas o seu **aspecto exterior**.

Extrínseco é termo da linguagem científica, e significa, numa das suas accepções, o mesmo que *exterior*.

Extraordinario, singular, raro, curioso, maravilhoso, admirável. — *Extraordinario* é o que está fora da ordem comum ou da medida ordinaria, quer por excesso, quer por deficiência.

O que é *singular* é único na sua especie, e chama a atenção precisamente por isso.

O que é *raro* não é comum, ou só se encontra em pequena quantidade.

Diz-se que é *curioso* aquilo que chama a atenção por ser *raro*, pouco visto, e que, por isso mesmo, é merecedor de observação.

O que é *maravilhoso* deve o ser tal à impressão que causa no nosso espirito.

O que é *admirável* atrae-nos e encanta-nos.

Eis como Lacerda fala dos quatro primeiros vocábulos de este grupo:

.. « *Extraordinario* designa o que é fora da
« ordem comum, ou da medida ordinaria.

« *Singular* designa o quo é só, único, di-

« verso de outros, e sem semelhante.

« É *extraordinario* tudo o quo excede as
« medidas, que o nosso espirito tem dos
« objetos (*sic*); e é *singular* tudo o que não
« quadra com os tipos ideaes que temos dos
« objetos. As acções generosas são *extraor-*
« *dinarias* para as almas apoucadas. Os
« objetos novos são *singulares* para os ho-

« mens ignorantes.

« *Raro* é o que não é comum, o que suce-

« de ou se achá poucas vezes.

« *Curioso* é o que merece ser visto, obser-

« vado, que é digno de atenção ».



F

Fábrica, manufactura, usina.

—*Fábrica* é o termo mais geralmente usado, e que pode em todos os casos substituir qualquer dos outros de este grupo. Diz-se de todo o estabelecimento em que, seja qual for o processo adoptado, se fabrica determinado artigo ou se faz grande número de cousas do mesmo género. Assim diz-se: **fábrica de chocolate, fábrica de farinhas, fábrica de fósforos, fábrica de móveis, fábrica de gaz, etc.**

Manufactura e *usina* são termos francezes; o primeiro já no século XVIII se achava introduzido na lingua portugueza; *usina* é de introdução mui recente. Atendendo á sua origem, devemos considerar estas palavras como são consideradas na lingua a que foram tomadas:

Manufactura é a *fábrica* do grande importância onde se occupa grande número de operarios, e onde se fazem em grande escala objetos de elevado preço e que não pertencem ao uso do comum. *Ha manufacturas de seda, de porcelana, de cristaes, etc.* Foi em Veneza que se fundaram as primeiras **manufacturas de espelhos** que houve na Europa.

Usina (vocábulo tomado do latim *usus*, uso) diz-se de um grande estabelecimento industrial onde se fazem grandes e importantes trabalhos, ou em que se fabricam cousas de uso geral. Nas *usinas*, o trabalho manual é auxiliado ou substituído por máquinas. **Usina de gaz; usina de fundição; usina de vidros, etc.**

Roquete não fala de estes vocábulos; mas Lacerda diz o seguinte dos dois primeiros:

« *Fábrica* indica especialmente a idéa de « industria, de arte, do proprio trabalho da « fabricação.

« *Manufactura* refere-se de modo particular « á qualidade do estabelecimento, ou « empresa, ás obras nelle produzidas, e ao « seu commercio.

« *Fábrica* parece designar o estabelecimento onde se preparam objetos comuns.

« *Manufactura* parece designar o estabelecimento onde se fabricam ou fazem objetos de preço mais subido e de uso menos vulgar.

Fabricador, fabricante, industrial.

—O vocábulo *fabricador* é de uso mui raro por bayer outros termos mais harmoniosos e mais expressivos que, com vantagem, se lhe podem substituir, taes são: *artífice, operario, forjador, etc.*—*Fabricante* é aquele que tem *fábrica* sua.

Industrial é todo individuo que vive da industria, seja ella qual for. Os *fabricantes* são *industriales* mas nem todos os *industriales* são *fabricantes*.

Roquete, havendo encontrado analogia entre as palavras *fabricador* e *fabricante*, comparou-as no seu Dictionario de Sinónimos, e Lacerda, segundo o seu invariavel costume, copiou-o, dizendo:

« *Fabricante* é o dono de uma ou muitas « fábricas, que não trabalha com as suas « mãos, mas sim com a sua intelligencia.

« *Fabricador* é o que trabalha com as suas « mãos, o que põe em execução o que concede a intelligencia, e ordena a vontade « do *fabricante* ».

Fabuloso, falso, fingido, suposto.

—Aplicando o adjetivo *falso* aos acontecimentos ou ás narrações, conglobamos numa só idéa as idéas da mentira, engano e intenção fraudulenta. Dizendo a alguém: — *O que você diz é falso*, damos a esse alguém o epíteto de embusteiro e de mal intencionado, ao mesmo tempo que expressamos o juízo que fazemos do proprio fundo do que elle diz.—Diremos, com razão, os *falsos milagres* de S. Antonio, referindo-nos á dolosa intenção dos que os inventaram para explorar a ignorancia do povo. Diremos a *falsa aparição* de Ourique se nos ativermos á fraude e engano do historiador que a inventou ou que de ella se fez eco; se porém atendermos á necessidade politica do momento, á urgencia de attribuir uma sanção divina aos factos consumados, tanto para impedir que os nossos bandeassem por Leão, como para nos impormos aos Leonezes como protegidos pelo proprio Cristo, diremos a *suposta aparição* de Ourique.

Fabuloso é qualificativo que só se refere aos factos, e que nunca se toma a má parte. O que é *fabuloso* provém da imaginação ou do ingenho de quem o inventa, e ordi-

nariamente é apresentado como tal. Quem faz uma narrativa *fabulosa* não pretende inculcá-la como verdadeira.

Falso, aplicado a pessoas, qualifica-lhes o carácter; *fingido* qualifica-lhes os actos. **O homem falso tem um sorriso fingido.**

De *fabuloso* e *falso* diz Roquete:

« A diferença entre estas duas palavras « que se referem a uma idéa comum, e que « por isso se têm como sinónimas, é notá- « vel. O *fabuloso* exprime a idéa, a inven- « ção de qualquer coisa que, referindo se « ao passado, tenha relação com os costu- « mes e preocupações; numa palavra com « a mitologia, que não é outra coisa senão « a história ideal das paixões, dos desejos « o das necessidades humanas. O *fabuloso* « inventou-se para entreter, divertir o en- « sinar; o *falso*, para enganar, para disfar- « çar a verdade, em proveito do que mente « e em damno do que acroditia. — Exemplo « do *fabuloso*: Diana, deusa da caça, e a « quem a mitologia attribue paixões, dese- « jos e prazeres. Exemplo do *falso*: Catil- « na seduzindo os conjurados com promes- « sas que não havia de cumprir para sacri- « fical-os á sua ambição ».

Lacerda resumiu de Roquete, dizendo: « O *fabuloso*, exprime a idéa, a invenção « do alguma coisa que se refere ao passa- « do e tem relação com os costumes ou pre- « vonções; pode ter cor de verdadeiro, e não « se inventou para mentir, nem para enga- « nar, mas para entreter, e instruir agradá- « velmente.

O *falso* tem por fim enganar, fingido « ser verdade o que não é, e quasi sem- « pre em proveito do que mente, e damno « do que acroditia ».

Facção, partido. — Concordam estes vocábulos em designar um conjunto de pessoas que têm as mesmas idéas políticas; mas *partido* expressa essa idéa com relação á harmonia do pensamento, e *facção* relativamente á acção ou maaes dos partidarios.

Em todas as nações civilizadas estão os cidadãos divididos em partidos que se disputam entre si a direcção dos negocios publicos. — Durante as perturbações políticas, todos temem os maneios das facções.

Roquete é muito extenso ao comparar estes dois vocábulos. Lacerda resumiu o que elle disse na forma seguinte:

« *Facção* designa uma reunião de homens, « que trabalham activamente em segredo, « e ás vezes ás claras para combater e des- « truir os que se opõem aos seus intentos.

« *Partido* é, antes do que a união de muitas pessoas, o concurso das opiniões de « muitos individuos. No uso comum *partido* « significa um número mais ou menos con- « siderável de pessoas, que, muitas vezes « sem se conhecerem, adoptam as opiniões « ou doutrinas de um homem no qual con-

« fiam. A palavra *partido* não indica nada « odioso; a palavra *facção* toma-se sempre « em mau sentido ».

Fachada, frontispicio, frontaria, frente. — *Fachada* é a parte exterior de um edificio; *frontispicio* é a *fachada* em que está a porta principal. O *palacio da Camara municipal de Lisboa tem quatro fachadas*; o *frontispicio* é a *fachada que olha para o largo do Pelourinho*. O *frontispicio* é portanto a *fachada principal*.

Frontaria é o *frontispicio* de um edificio de modesta construcção — o termo *frontispicio* applicando-se com mais propriedade ás fachadas principaes architectónicas.

Frente é a parte do sólo que está ante a *frontaria* de uma casa.

Roquete comprehendeu que o *frontispicio* não era uma das *fachadas*, pois diz:

« Confundem-se vulgarmente estas duas « palavras, mas na linguagem da archite- « ctura, posto que ambas designem a «stru- « ctura exterior de um edificio, differenciam- « se em que *frontispicio* diz-se da doanteira « de uma igreja, de um templo, de um pa- « lacio, de um monumento publico; e *facha- « da* diz-se da face, ou lado dos jardins, da « rua, do pateo, etc. — Um edificio regular « tem um só *frontispicio*, e pode ter trez *facha- « chadas* ».

Do mesmo erro laborou Lacerda, pois diz:

« Com quanto estas duas palavras se con- « fundam geralmente, differenciam-se em « que *frontispicio* refere-se á parte de ante- « ra de um edificio, de um monumento; e « *fachada* diz-se da face, ou lado dos jar- « dins, da rua, do pateo. — Um edificio tem « um só *frontispicio*, e pode ter duas ou trez « *fachadas* »:

Facilitar, possibilitar. — De estes verbos diz Roquete:

« *Possibilitar* é fazer possível o que era « impossível ou se julgava tal.

« *Facilitar* é tirar os embaraços que diffi- « cultam a execução de uma coisa; faz-la « fácil ou menos difficullosa. Optimamente « disse Vieira falando do infante D. Heari- « quo: — Não *possibilitou* somente, mas « *facilitou* aquelle natural impossível ».

Lacerda, a este respeito, diz:

« *Possibilitar* é tornar possível o que era « ou se julgava impossível: — E o que im- « possível é, *possibilita* (BEGIADA).

« *Facilitar* é tirar os embaraços que diffi- « cultam a execução de alguma coisa, fa- « zel-a fácil: — Não só *possibilita*, mas « *facilita* o que naturalmente disseras im- « possível ».

Facinora, assassino, malfetor. — *Malfetor* é a designação do malva- do que tem cometido série de crimes.

Assassino é o que matou alguma pessoa com premeditação, ou á falsa fé.

Facínora não se diz do quem cometeu determinado crime, se não de aquelle que cometeu algum crime horrivel. Um só crime basta para tornar um homem *facínora*.

Facistol, faldistorio.—Tem-se dito *facistol* por *faldistorio*, o que é um erro; erro que os dicionaristas inscrevem sem prevenir contra elle.

Facistol é um grande atril de côro de egreja onde se põem os livros do canto-chão.

Faldistorio é um assento baixo e sem respaldo em que sôem sentar-se os bispos quando officiam.

Faculdade, poder, potencia.—O *poder* é uma força operante, ou que pode operar sem que ninguém ou nada a possa coarctar. A esta palavra está inherente a idéa de uma acção actual, ou que está constantemente disposta a actuar, pois a sua actuação apenas depende da vontade de aquelle que *pode* operar. Quem tem o *poder* de fazer uma cousa está plenamente no gozo de a fazer quando melhor lhe aprouver.

Potencia e *faculdade* differem do *poder* propriamente dito, em exprimirem uma força ou capacidade virtual que é como um attributo essencial do ser do sujeito; a *potencia* depende da força ou aptidão do sujeito; a *faculdade* depende da sua liberdade.

Vejamos como Roquete comparou estes vocábulos:

« Termos didácticos que vulgarmente se confundem, mas que os filólogos distinguem da manelra seguinte:

« As *faculdades* são as disposições que a natureza dá em geral ás diversas espécies, por meio das quaes torna aos indivíduos aptos para fazerem tal ou tal acção nos casos em que tenham para isso o *poder* e possibilidade. O homem tem a *faculdade* de ver, de ouvir, de andar, etc., sempre que não se lhe opõe algum obstáculo, e em quanto lhe não falta a força e a possibilidade de executar-o.

« O *poder* é a liberdade, o não obstáculo do fazer uma acção, sem que nada se oponha a sua execução.

« A *potencia* é a força necessaria para executar uma acção.

« Assim que, numa acção que faz o homem podem-se considerar tres cousas: 1.^a a *faculdade*; 2.^a, o *poder*; 3.^a, a *potencia*. Tom a *faculdade*, porque as partes do seu corpo que a executam são aptas e expeditas para fazel-a facilmente; tem o *poder*, porque nenhuma de suas mesmas partes lh'o impede; e tem a *potencia*, porque não carece das forças necessarias para executal-a.—As *faculdades* de que o

« homem é dotado ficam inactivas sempre que so lhe tira o *poder* ou *potencia* de as pôr em acção. Tem o homem a *faculdade* de ver, de ouvir, de andar; mas se lhe vendam os olhos, lhe tapam os ouvidos, se lhe põem ferros aos pés, falta-lhe o *poder*, e por tanto não vê, nem ouve, nem anda. Do mesmo modo não verá, nem ouvirá, nem andar, ainda que tenha os olhos, os ouvidos, e os membros desembaraçados, se um somno profundo, um letargo, uma doença qualquer, soplar a *potencia* que dava áquelles órgãos a força necessaria para exercerem suas funcções ».

Tambem tem seu interesse o que de estas palavras escreveu Lacerda:

« *Faculdade* é a disposição, dada pela natureza ás diferentes espécies, por via da qual os individuos são aptos para praticarem alguma acção, se não carecerem do *poder* para isso indispensável. *Poder* é a liberdade, a não existencia de obstáculo de executar uma acção. *Potencia* é a força necessaria para a executar. Assim, sem que haja *faculdade*, *poder* e *potencia* ou força, não pode ter logar nenhuma acção humana. Eu tenho a *faculdade* de ver, mas não vejo se me falta o *poder*, e me faltará, se me vendarem os olhos. Tenho a *faculdade* e o *poder*; mas inutilmente se carecer de *potencia* ou força, e carecerol se o somno se apoderar de mim ».

Facultativo, médico.—O *médico* exerce a medicina; o *facultativo* exerce-a por ter *faculdade* legal para a exercer.

Extensivamente se diz que é *médico*, que faz de *médico*, quem, sem o ser, ensina remedios para alguma doença; não se pode porém dizer que esse é *facultativo*.

Faisca, fagulha ou faúlha.—A *fagulha* difere da *faisca* em esta ser activa, isso, é, em poder comunicar o fogo e até o incendio, ao passo que a *fagulha* brilha só para si e morre sem poder comunicar-se.

Quando revolvemos um borralho quasi apagado apenas encontramos nelle algumas *fagulhas* que logo desaparecem envoltas na cinza. Quando sermos a pederneira com o fusil salta de ella uma *faisca* que comulca o fogo á isca.

Fala, voz.—*Fala* é o dom de exprimir o pensamento pela palavra; por isso se diz: *perdeu a fala*, de aquelles que só podem exprimir o pensamento pela escrita ou pelo gesto.

Voz é o som emitido pela boca do homem e tambem pela dos animaes.

Falar, dizer.—Ouvir *falar* quer dizer « ouvir vozes humanas. »—Ouvir *dizer* significa « entender o sentido de certas palavras ».

Assim é que muitas vezes ouvimos *fa-*

lar e não comprehendemos o que se diz.—*Ha homens que dizem muito falando pouco; ha outros que devem falar pouco para não dizerem disparates.*

Fallecer de, precisar.—Els como Roquete compara estes vocábulos:

« **Precisar** é ter necessidade precisa, que não depende de nossa vontade.

« **Falecer** é ter de menos alguma cousa. — O homem *precisa* de alimento para viver. Alguns homons *falecem* de talento, « de capacidade.

« Aquilo de que se *precisa* não se pode dispensar; aquilo de que *se falece* faz falta, mas pode-se passar sem elle.—*Precisa* de educação o mancebo, almda que *falece* de talento ».

Fallecimento, morte, passamento, trânsito.—*Fallecimento* difere de morte: 1.º Em só se dizer do gênero humano; 2.º em designar a morte natural.

Passamento é o momento preciso em que a vida cessa.

Trânsito é termo místico que se diz da morto serena dos que são tidos como santos e justos.

Roquete diz.

« De todos estos vocábulos o mais genérico é *morte*, porque diz precisamente coisa da vida, e applica-se sem distincção de nenhum gênero ou classe a todos os seres animados, e aos em que considera mos vida.—**Morre o rei, morre o sapateiro, morre o cavallo, morre o anão** so cavallo.

« *Passamento e trânsito* exprimem uma idéa mais elevada e circunscrita, pois despertam a idéa da immortalidade, e representam a alma saindo do involtorio mortal e passando a melhor vida.

« *Fallecimento* exprime o acto de fazer falta, acabando; não tem a particularidade de *passamento e trânsito*, mas não se applica, como elles, unicamente ao homem.

« *Morte* applica-se a velhos e moços; *fallecimento* diz-se com mais propriedade dos velhos. *Passamento* representa particularmente as agonias e desmayos mortaes que experimenta o corpo quando a alma de elle se separa na hora da morte. *Trânsito* é termo consagrado para designar a morte suave dos justos; por isso se diz o *trânsito* dos pios, o *trânsito* de SS. Virgem. — *Morte* admite a idéa de violencia, de afronta; *passamento, trânsito e fallecimento* só indicam um efeito natural.

Lacerda expressa-se na seguinte forma: « *Morte* designa precisamente cessação da vida. *Passamento e trânsito* exprimem o acto de passar de um lugar para outro, de um para outro estado. *Fallecimento* é o acto ou efeito de faltar, acabamento. *Morte* é termo proprio para significar o fim comum dos seres animados, seja qual for a

« sua natureza: **Morrem os homens, as aves, as plantas; tudo está sujeito a morte.**—*Passamento* designa as agonias, as ancias, os desmayos mortaes, que têm lugar quando o homem vae a expirar:—*Tudo nelle eram ancias e passamentos.* (ARRAES). *Trânsito* indica de modo particular os derradeiros momentos do moribundo quando revelam na placidez fiscal a serenidade da alma, e por isso se applica especialmente á morte dos justos: « *O trânsito dos pios; o trânsito da Santa Virgem.* » (ARRAES), (PANT. D'AV.). « Entretanto é certo que, em geral, as palavras *passamento, trânsito, fallecimento*, se usam por eufemismo em lugar de *morte*, com o fim de desviar, e até certo ponto disfarçar a idéa triste o melancólica, excitada ordinariamente pela palavra « morte.

Faltar, carecer, necessitar.—*Falta* o que se não tem; *necessita-se* o que falta e é preciso. *Carecer* é necessitar de suprir o que falta.

Falta dinheiro na gaveta.—**Necessita-se dinheiro para compras.**—*Carece de dinheiro, quem, necessitando-o, não o tem.*

Fama, reputação, nomeada.—*Fama e reputação* em absoluto, designam apreção favorável para com a pessoa que a tem; por consequência, *ter fama ou reputação* é ter boa fama ou estar bem reputado. Estes substantivos podem porém ser modificados por um adjetivo que os faça mudar de significação como: *ter má fama ou má reputação.*

Nomeada, vocábulo da linguagem vulgar, necessita de qualificativo que lhe determine a significação; sem tal qualificativo, *ter nomeada* apenas significa ser « conhecido ».

Comparando *fama* com *reputação* vemos que estes vocábulos se distinguem: em *reputação* ser termo genérico com que se designa o lugar ou grau que occupamos na opinião pública numa área circunscrita pelos limites que razoavelmente se consideram normaes ao conhecimento que de cada um de nós se pode ter. *Fama* é a *reputação* que se estende ao longe. Ademais a *reputação* tem limites no tempo, como acabamos de dizer que os tem no espaço; a *fama* não tem limites no tempo, como também não os tem no espaço. A *reputação* morre com o individuo; a *fama* sobrevive-lhe.

Um bom médico tem *reputação* até aonde a sua acção se pode estender; mas *Charcot* teve *fama* universal.

Famille, casa.—Roquete compara estes vocábulos dizendo:

« *Família*, no sentido proprio mais estreito, comprehende a sociedade formada naturalmente pelo pae, a mãe e os filhos;

« quer vivam reunidos na mesma habitação, quer vivam separados. Entende-se também por esta palavra todas as pessoas de um mesmo sangue e parentela, como irmãos, netos, cunhados, goarros, primos, etc.

« A *familia*, tomada no primeiro sentido; cessa quando todos os filhos depois da morte do pae hão tomado estado, e por conseguinte estabeleceram famílias particulares; tomada no segundo sentido, a *família* comprehende aos que descendem de um mesmo tronco, em cujas veias circula por conseguinte o mesmo sangue.

« As *famílias* estabelecidas pela natureza concluem-se, ou propagam-se, são mais ou menos numerosas. Estas, por sua mayor extensão, seu comportamento, e pelas occupaões honestas que têm muitos de seus membros, distinguem-se da plebe obscura, e adquirem uma especie de consideração de que não gozam os homens separados do seio de suas *famílias*. Isto é o que se entende por *familia*, no sentido das distinctas linhagens. Um homem de boa *família* é um homem que pelos laços do sangue está unido a certo número de pessoas que na sociedade e pelas razões já ditas gozam de um logar privilegiado. Isto se chama uma *família* distinta, boa, nesta, estimável.

« Quando os títulos, as altas dignidades e os grandes empregos se hão multiplicado e conservado sem quebra durante largo tempo numa mesma *família*, os membros que compõem estas *famílias* quizeram levar mais adiante a distincção ordinária de *família*, e de aquí lhe veio o nome de *casa*. Diz-se a *casa* real de Portugal, para designar a *família* que possui a largos annos a soberania de Portugal; e o a *família* real, para designar a reunião das pessoas que, sem disfrutarem os direitos immediatos ao trôno, estão unidos pelos laços do sangue á que o occupa.

« *Casa* é pois superior a *família*; esta palavra traz com si uma larga posse de títulos estabelecidos por leis. A *casa* de Bragança, a *casa* dos antigos duques de Medina-Celi, a *casa* de Austria, etc. Neste mesmo sentido se diz: Fulano pertence a uma antiga *casa*, para manifestar que pertence a uma *família* distinta e antigamente illustrada por títulos honrosos e por uma bom merecida consideração pública.

Fanai, pharoi. — A idéa que se liga a *farol* é a de elle servir de guia ou de sinal, idéa que também é comum a *fanal*, com a differença de se considerar que do *fanal* não só sae luz como do *farol*, senão que também sae de elle mayor claridade.

O *farol* guia; o *fanal* guia e alumina.

Fanatismo, superstição. — Os actos da *superstição* pesam apenas sobre quem os pratica, mas podem causar tristeza a quem os presenciar ou de ellos tem conhecimento.

Os actos do *fanatismo* são de muito mayor o mais terrivel alcance, pois podem levar a dôr e o sofrimento a milhares de creaturas.

A *superstição* é filha da Ignorancia, e propria dos caracteres fracos e dos pobres de espirito. O *fanatismo* é filho do horroroso amálgama formado pela ignorancia, pela malvadez e pela perversidade.

Deixemos a Roquete a comparação de estes vocabulos; diz assim:

« A *superstição* é um culto de religião falso, cheio de erros, contrario á razão, e indigno da Divindade.

« O *fanatismo* é um zelo cego e apaixonado que nasce das opiniões *supersticiosas* e faz cometer acções ridiculas, injustas e cruéis, não somente sem vergonha o sem consciencia, sonão também com uma especie de alegria e consolação, como se o que as faz houvera recebido alguma missão de Deus.

« A *superstição*, diz Bacon, foi quem formou os ídolos do vulgo, os génios invisíveis, os doentes, os trasgos, as bruxas, os vampiros, etc.; o *fanatismo* levantou cadafalsos, acendeu priras, e fez correr rios de sangue nas guerras de religião.

« A *superstição* posta em acção constitue propriamente o *fanatismo*.

Fanfarrão, jactancioso. — O jactancioso talvez seja apenas imodesto; o *fanfarrão* é sempre impostor: este louvando-se do que nunca fez nem pode fazer; aquelle louvando-se do que talvez haja feito.

Fartura, saciedade. — Muito bem comparou Lacerda estes vocabulos, dizendo:

« *Fartura* designa repleção; onde não cabe mais, ha *fartura*.

« *Saciedade* é o estado do homem, ou de qualquer outro animal que não appetite mais, que tem quanto lhe basta. O *farto* não pode levar mais. O *saciado* não tem appetite de mais. *Fartura* refere-se á de masia. *Saciedade* ao estado em que nos achamos, muitas vezes em consequencia da *fartura*. A palavra *fartura* é mais propria para designar prazeres sensuaes; é *saciedade* para falar de objetos moraes.

Fascinar, alucinar, deslumbrar. — *Fascinar* é apoderar-se por uma força misteriosa do espirito de alguém, onsenhoando-se da sua vontade, e repletando-o de illusões que lhe impedem de ver a verdade. A pessoa *fascinada* fica como sob o poder do encanto com que a domina o

fascinador, encanto que tanto tem de irresistível como de inexplicável, e ao qual se obedece cegamente. Este verbo quasi sempre se applica para determinar que o *fascinado*, perdida toda a sua força de vontade, ba-de obedecer á vontade do *fascinador*.

Alucinar é perder toda a noção da realidade para cair de cabeço no erro. Quem *alucina* coibe de improviso e sem meios de defesa, e aproveita essa circumstancia para impôr a sua vontade e fazer-se obedecer antes que a reflexão volte ao *alucinado*.

Desluzar diz-se do que tem influencia no espirito como o brilho e esplendor influem nos olhos. O *desluzado* fica ofuscado, cego, reduzido ao ponto de não se poder dirigir por si proprio, sendo então levado por quem o *desluz* até aonde este o quizer levar.

De *fascinar* e *alucinar* diz Roquete:

« *Fascinar* é o verbo latino *fascinare*, e « significa primitivamente enfeitiçar, dar « olhar ou quebranto, e no sentido figura- « do enganar por meio de prestígios, falsas « apparencias, etc.

« *Alucinar* é tambem verbo latino, *hallu- « cinare*, e significa desluzar, ofuscar; e « no sentido translativo cegar, escurecer a « intelligencia.

« *Fascina-se* com esperanças de bens ma- « teriaes, que o *fascinador* crê não bão-de « chegar, mas de que o *fascinado* se deixa « embabecar. — *Alucina-se* intimidando ou « prometendo que de não fazer uma cousa « ha-de resultar vantagem para o que a não « fizer, supondo que está decidido a fa- « zê-la. — O que engana para mal é *fascina- « dor*; o que quer fazer crer como verdade « o falso, é *alucinador* ».

Lacerda diz menos, mas não melhor que Roquete:

« *Fascinar*, conforme á origem, significa « dar olhar, quebranto, enfeitiçar, e tam- « bem enganar com prestígios, etc.

« *Alucinar* significa desluzar, ofuscar; « e translatamente cegar, escurecer a inte- « ligencia. O que engana para mal *fascina*; « o que faz crer que o falso é verdadeiro, « *alucina* ».

Fastidioso, importuno.—Diz Roquete:

« *Fastidioso* é tudo aquillo que nos causa « fastio, molestia, desgosto; *importuno*, o « que causa uma especie de desgosto que « se renova continuamente. O que é *fasti- « dioso* afecta a alma constantemente, e tem « consequencias desagradáveis; o que é *im- « portuno* afecta os sentidos por sua repeti- « ção frequente e desagradável. Uma en- « fermidade é um acontecimento *fastidioso*, « o ruído da mó de um moínho é *importuno* « para quem não está acostumado a ouvi-lo. « A primeira produz um desgosto constante « que afecta a alma; o segundo um enfado « successivo que fatiga o sentido do ouvido.

« —Um discurso longo, diffuso, sem interes- « se nem elegancia, é cousa *fastidiosa*; o bo- « mem que vem a cada passo fazer-nos as « mesmas queixas, ou repetir enfadosamen- « te os mesmos peditórios, é um ente im- « portuno ».

Fatal, funesto.—*Fatal* é a palavra latina *fatalis*, derivada de *fatum*, o fado ou destino; *funesto* é vocábulo derivado do latino *funus*, funeraes. Da diferente etimologia de estas palavras deriva-se a sua diferente, mas mui análoga significação.

Fatal diz-se do que parece ter sido decidido ou ordenado pelo destino; do que succede por não ter podido deixar de succeder em vista das causas que o motivaram.

Funesto diz-se das cousas más e tristes que causam lutos e dóres.

Assim, o que é *fatal* envolve em si a idéa de casual, de imprevisto, ainda que decretado; o que é *funesto* pode ser effeito de causas conhecidas e necessarias. Os *accidentes fataes produzem consequencias funestas*.

Uma guerra *fatal* é aquella que provém de uma combinação de circumstancias inimpedíveis e ineluctáveis, parecendo por isso mesmo ter sido ateadada pela *fatalidade* ou destino. Uma guerra *funesta* é aquella que custa grande número de vidas, que destróe bens e grandezas, e que recaíca o amor proprio da nação vencida.

Roquete, explicando estas duas palavras, diz o seguinte:

« Significamestas duas palavras uma cou- « sa triste e de mau éxito; porém a primei- « ra é antes um effeito da sorte, e a segun- « da a consequencia de um crime. — Os « guerreiros estão expostos a concluir seus « dias de um modo *fatal*, os criminosos es- « tão sujeitos a morrer de uma maneira fu- « nesta.

« Estas palavras tomam-se muitas vezes « em sentido profético. Então *fatal* designa « certa combinação de causas desconhecidas, que impedem se leve a cabo alguma « cousa, e que a faz inclinar mais para o « mau éxito que para o bom successo. *Funesto* presagia successos de mais importancia, « seja para a vida, seja para a honra, seja « para o coração. — A galantaria faz a fortuna de uns, e chega a ser *fatal* a outros. « Toda amizade arraigada no vicio é *funesta*. — A pertinacia de el-rei D. Sebastião em sua jornada de África foi *fatal* á nação portugueza, e *funesta* áquelle incondorado principe ».

Lacerda prima ao comparar estes adjetivos:

« Ambas estas palavras—diz—designam « cousa triste e de mau éxito; porém a primeira é antes um effeito da Providencia, « da sorte, do fado; e a segunda a consequencia do crime ou do erro. Chegou a sua hora *fatal*, isto é, a sua hora extrema,

« porque assim foi decretado pela Provi-
« deacia. *Funeſto* presagia ſucessos deplo-
« ráveis, iſtafelizes, de mau agouro para a
« vida, honra, etc. O terremoto de 1755 foi
« um ſucesso *fatal* para o reino, e *funeſto*
« para as pessoas que foram victimas de
« elle ».

Fatalidade, fortuna, sorte. — Já nos occupámos, no artigo *Acaſo*, a pá-
ginas 21, de eſtes trez vocábulos, que no-
vamente mencionamos para transcrever o
que de elles diſſe Roquete comparando
directamente *fatalidade* com *fortuna*, e afa-
da *fatalidade* com *sorte*.

Comparando os dois primeiros vocábulos
diz :

« A *fatalidade* (em linguagem pagã) nos
« designa todos os ſucessos que ſão relati-
« vos aos ſeres ſenſíveis. A *fortuna* nos de-
« mostra os acontecimentos que têm rela-
« ção com a poſſe ou privação das riquezas
« e das honras. Assim é que, quando um
« homem perde a vida por um ſucesso im-
« previsto, attribue ſe eſta catáſtrophe á *fa-
« talidade*; e quando outro perde os ſeus
« bens, ou dignidades, ſe attribue á *fortu-
« na* ».

Comparando *fatalidade* com *sorte* acres-
centa :

« Na linguagem dos pagãos, devia-se o
« êxito de uma coiza á *fatalidade*, quando
« caminhando o homem a certo objeto de-
« terminado, oade pensava achar ſua for-
« tuna, encontrava ao contrario ſua desgra-
« ça, ſendo, conduzido por um encadeamen-
« to de cauſas desconhecidas que obravam
« occultamente para encaminhal-o ao opoſto
« do que ſe propunha. Devia-se o êxito de
« uma coiza á *sorte*, quando ſem eſcolher
« ponto fixo de viſta, e dirigindo-se atropo-
« ladamente e ſem objeto algum, eaccon-
« trava o homem, cego em ſeus deſignios,
« o objeto que mais lhe convinha. — Segun-
« do elles, os aſtros da *fatalidade* eram
« neceſſarios, e merecidos do homem. Os
« da *sorte*, eram devidos á *sorte* meſma, ou
« como coſtuma dizer-se, á *ventura*, ao aca-
« ſo ».

Assim o entendeu tambem Lacerda, pois
diz :

« *Fatalidade* na linguagem pagã era o
« êxito contrario ao que ſe pretendia, ou
« parecia dever eſperar-se. *Sorte* era o êxi-
« to favorável, iſaesperado e não procurado ».

Fátuo, impertinente, nescio. — Roquete compara eſtes vocábulos dizendo:

« São eſtas umas palavras que em todas
« as linguas não ſe ſabem deſinir com exa-
« ctidão, porque em ſi contém um compie-
« xo de idéas, que variam ſegundo os cos-
« tumes de cada povo e de cada ſéculo.

« O padre Vieira, falando do verbo infa-
« tunar, que é fazer *fátuo*, diz : — Nunca a
« noſſa lingua me pareceu pobre de paia-

« vras ſenão neste texto (*Inſatua, Domine,*
« *conſilium Achtioſel*, II, dos Reis, XV, 32).
« *Inſatuar* ſignifica fazer imprudente, fa-
« zer ignorante, fazer neſcio, e ainda ſi-
« gnifica mais (II, 228). — É pois mui com-
« plexo o adjectivo *fátuo*; muitas vezes ſe
« contrapõe a prudente, como o meſmo
« Vieira fez, dizendo : — Conſelhos pruden-
« tes ſem execução não ſão prudentes, ſão
« *fátuos* (II 229). — O epíteto *fátuo*, applica-
« do ás pessoas, refere-se mais ao interior
« do homem que ás maneiras exteriores, a
« que mais parecem pertencer os ſegundos,
« *impertinente* e *neſcio*.

« O *fátuo* fala muito, e com certo tom que
« lhe é peculiar; não ſabe nada, e figura-
« se-lhe que ſabe tudo; eſcuta-se a ſi meſ-
« mo, e admira-se. A validade e o deſaire
« ſão ſua diſſiva O *impertinente* fala tam-
« bem muito com o *fátuo*, ſens ditos ſão
« deſpropósitos, ſem conſideração nem res-
« pecto, confunde a honeſtidade com a li-
« bertinagem, com demasiada familiarida-
« de; fala e obra ſem recato, e ás vezes com
« deſavergonhada inſolencia; é um *fátuo*
« arrojado, ou atrevido.

« Inúteis ſão todas as lições que ſe dão
« a um *neſcio*, porque a natureza lhe recu-
« ſou o dom de aprendel-as. O *neſcio* care-
« ce do que é neceſſario para ſer um *fátuo*.

« O *neſcio* é ſempre ridículo e por conse-
« guinte merece o deſprezo. — O *fátuo* can-
« ſa, eafada, e aborrece. — O *impertinente*
« offende, irrita e deſeſpera.

« Ao *fátuo* não confies ſegredo; ao *imper-
« tinente* não des confiaça; com o *neſcio* não
« tenhas relações nem contratos ».

Lacerda tambem compara eſtes vocábu-
los, mas um tanto diferentemente de Ro-
quete. Diz assim :

« *Fátuo* é o homem que fala muito, e em
« tom de quem conhece largamente o de
« que fala, ſem que todavia o comprehendia
« nem ſaiba nada; é uma eſpecie de tolo
« com preſumpção de entendido. *Impertinente*
« é o *fátuo* atrevido, que ſem conſide-
« ração, ſem recato, fala de tudo e em toda
« a parte, confunde a liberdade modesta
« com a familiaridade, e ouſa deſatenta-
« mente o que não podia permitir-se-lhe
« decorosamente. O *neſcio* é um *fátuo* ſem
« preſumpção; é o tolo, a quem a natureza
« negou a capacidade neceſſaria para apren-
« der qualquer coiza, e ſer de algum modo
« útil á ſociedade. O *fátuo* eafada, e abor-
« rece. O *impertinente* cança e irrita. O *neſ-
« cio*, ou cauſa dô, ou move a deſprezo ».

Depois de expôr a opinião dos sinoni-
miſtas que nos precederam, exporemos a
noſſa, a qual, ſo bem não difere muito em
quanto a *fátuo* e *neſcio*, ſobrecarrega baſ-
tante a apreciação de *impertinente*.

Fátuo é aquelle que; tendo uma exage-
rada opinião do ſeu ſaber e mérito, pre-
tende impôr a ſua opinião aos outros. —
Chamamos a outrem *fátuo*, atendeado mais

as suas manelras que ao seu grau intelectual, pois ha *fátuos* que não deixam de ter vasta intelligencia, e que só se tornam irritantes pela valdade que os leva a amesquinhar a outrem.

O *impertinente* é aquelle cuja *fatuidade* é excessiva, e cujo saber ou grau intelectual é mui inferior. O *impertinente* fala de tudo quanto ignora, e ainda assim pretende impôr a sua opinião, ofende a todos, e não respeita nada nem ninguém; irrita-se quando o contradizem, e fala e obra com uma insolencia e uma arrogancia intoleráveis.

O *nescio* nem tem intelligencia nem bom senso, e é por isso, que diz *necedades*. Geralmente o *nescio* tem mais bondade que malicia, e é mais para lastimar que para ridicularizar. Frequentemente o *nescio* peca não só por falar do que não sabe, mas tambem por calar o que devera saber.

Fauces, gúela. — A *gúela* é a parte superior do esôfago; as *fauces* são a parte superior da *gúela*, parte que vulgarmente se chama « o fundo da bôca ».

Favorável, propicio. — *Propicio* diz-se particularmente dos seatimentos, do desejo de ajudar, da benevolencia que lazuda olhar com interesse; mas não indica por si só uma ajuda activa e eficaz. Se, por extensão, se dá o nome de *propicio* ao que activamente ajuda e favorece, é com relação a circumstancias auxillares ou secundarias que não saem da esfera do que é normal, isto é, sem relação a factos importantes e momentosos. Quando nos declaramos *propicios* para com algum ostamos dispostos a ajudalo no possivel, sem sacrilcio porém; vemos com prazer o bem que lhe acontece, e se pudermos contribuir para lh'o aumentar não nos negaremos a isso. — Falando das occasiões, do tempo, *propicio* significa « proprio », « oportuno ».

Favorável diz mais que *propicio*, pois claramente determina benevolencia activa, real, que deseja ser eficaz. Ser *favorável* a algum, é ajudar osso algum, protegelo em tudo; por isso pedimos a Deus de nos ser *favorável*, e não só *propicio*. — Falando das occasiões ou do tempo, qualifica-se de *favorável* aquelle tempo que devemos aproveitar se, quizermos obter bom resultado.

A respeito de estas palavras diz Roquete: « *Propicio* é o que está disposto a favorar recer. »

« *Favorável* é o que de facto favorece. — « Um réo tem *propicio* ao juiz que o olha com indulgencia, e deseja que haja algum meio de salvo-o; e tem-no *favorável*, quando do este dá um voto a seu favor, ou usa de todos os meios ou condescendencias que podem directamente contribuir para o bom êxito de sua causa. »

« Como o primeiro de estes adjetivos só representa um acto da vontade, não se po-

« de aplicar com propriedade ao que não a tem; porém o segundo se applica geralmente a tudo que favorece, com vontade ou sem ella. — Deus, um ministro, está *propicio*. O vento, a occasião, é *favorável*. »

Favorecedor, protector. — A unica differença que vemos nestes vocabulos está em o *favorecedor* contribuir materialmente, podendo o *protector* contribuir material e moralmente. Deus, *favorecedor* da humanidade, dá-lhe os frutos da terra para se alimentar, os despojos dos animaes para se vestir, o canto das aves para se recrear Deus, *protector* dos bons, enche-os de bens e livra-os dos males.

Roquete compara estes vocabulos de outro modo. Eis como elle diz:

« A primeira de estas palavras — *favorecedor* — indica uma pessoa que é o instrumento pelo qual se executa alguma acção em favor de outra, com quem está unida com os laços da amizade, succedendo isto não sempre, senão algumas vezes. A segunda pelo contrario, designa uma pessoa que se interessa por outra desde seu nascimento, e sempre, subministrando-lhe o necessario para os usos da vida, e protegendo-a em tudo. O que *favorece* faz, ou dá favor; o que *protege* cobre, ampara o defende. — O *favorecedor* pode sel-o para mal; o *protector* é-o sempre para bem. »

Lacerda diz o seguinte:

« *Favorecedor* designa a pessoa que promove o bem, o adiantamento de outrem. »

« *Protector* designa a pessoa que toma a si dar ajuda e auxilio em tudo a outrem em todo o tempo e lugar. — O *favorecedor* dá favor, concorre para que succeda bem em alguma cousa a algum. O *protector* ampara, defende, faz o que em si está a bem de algum. Pode-se *favorecer* para mal; mas *protege-se* sempre para bem. »

Favorito, valldo, privado. — *Favorito* diz-se com relação ao favor particular de que algum goza junto da pessoa que lhe tem predilecção. Este vocabulo quasi sempre implica as idéas accessorias de bajulação por parte do favorecido, e de debilidade de carácter por parte do favorecedor.

Valldo é aquelle que tem grande crédito e influencia junto de alguma alta personageia.

Privado é aquelle que por um superior é tratado como egual.

Uma alta personagem pode ter varios *valldos* e *privados*, mas geralmente tem só um *favorito*.

De estes trez vocabulos diz Roquete:

« Estas trez especies de individuos têm grande entrada com os príncipes e senhores, e recebem facilmente suas graças o favores, mas cada um de elles por differente modo, e com diversas relações. »

« *Favorito* é o mimoso a quem se favorece, a quem se ama com preferencia; recebe os favores do poderoso, talvez serve suas paixões, mas não lhe dá conselhos nem o domina, antes recebe seus mandados e lhe obedece. É um ente passivo, e em geral pouco estimado.

« *Valido* é o que tem valimento junto do príncipe, e que, aparentando humildade para com elle, o domina com astucia em proveito de sua ambição.

« *Privado* é o que *priva* com o príncipe, vive com elle como em vida *privada*, goza de sua *privaça* e conversação familiar; mas nem o serve baixamente como o *favorito*, nem husca dominal-o om proveito proprio come o *valido*.

« Anticamente a palavra *privado* designava um cargo mui honroso junto de nossos reis, ou uma occupação como do ministro do despacho, e não *valimento*; era o adjetivo latino *privatus* substantivado, roferindo-se a conselheiro, *consiliarius privatus*. Fernão Lopes menciona varios *privados* de el-rei D. Pedro I; D. João Afonso Tello, conde de Barcelos, era o maior *privado* do el-rei D. Fernando; Diego Lopes Pacheco era tambem muito *privado*. O celebre João das Regras foi *privado* de el-rei D. João I, como tal se assina, e assim o denomina o epitáfio gravado sobre sua sepultura om S. Domingos de Bemfica. Este parece ser o ultimo que teve o titulo de *privado*, o qual não tornou mais a ser usado nos reinados seguintes. Até o reinado de D. João I, diz o sábio académico Trigoço (?), chamava-se *privado* aquelle conselheiro que tinha maior trato e conversação secreta com o soberano nos negocios do Estado; e os que depois se chamaram *validos* eram os que com elle tinham merecimento ou graça, em virtude da qual conseguiam o que lhe pediam; porque *valer* propriamente significa ser útil, servir, e prostar.

« Nota o mesmo sábio que depois quo a dignidade ou officio de *privado* deixou de existir, começou este nome a passar como synonymo de *valido*, e cita Sá de Miranda que diz:

« Quom graça ante El Rei alcança,
« E hi fallia o que não deve,
« Mal grande de má *privaça*,
« Peçonha na fonte lança,
« De que toda a terra bevo.

« O mesmo poeta:

« Que Deos ho fogo que abraza
« Sei-o de hum *privado* sou.

(¹) « Tomo XI, parte II, das Memorias da Academia das Ciencias, pag. 174.

« E noutro logar:

« Não fallemos n'aquella infirmdade
« De seus *validos*, etc.

« Neste mesmo sentido disse Camões, falando de D. Sancho II:

« De governar o reino, que outro pede,
« Por causa dos *privados* foi privado.

(Lus., III, 91).

« E fazendo allusão a el-rei D. Sobas-tião:

« Culpa de reis, que ás vezes a *privados*
« Dão mais que a mil, que esforço e saber
teohão.

(Lus., VIII, 41).

« Ainda mosmo depois que a palavra *privado* perdeu a significação histórica de que acabamos de falar, e apesar de que alguns escritores usaram promiscuamente do vocabulo *privado* e *valido*, entendemos quo entre elles ha não pequena differença, como indicámos, e que não meos difere de elles o de *favorito*.

« Os bons reis podem ter *privados* que não se doshonram a si como baixezas como os *favoritos*, nem os dominam para proveito proprio como os *validos*, mas que os aconselham *privadamente* para bom e os servem como leaes e desinteressados súbditos. — O conde de Castello Melhor foi *privado* e talvez *valido*, mas não *favorito* de D. Afonso VI; seus *favoritos* eram os Contys. O príncipe da Paz foi *valido* de Carlos IV, rei de Hespanha; mas não se pode dizer que foi seu *favorito*. O padro Vieira foi grande *privado* de el-rei D. João IV, mas não foi seu *valido*, e ainda menos seu *favorito*. Ouçamos a este grande homem falar dos *validos*, o fazer a differença de ellos aos *privados*: — Se conhecem que os reis tenham *validos*, ou não, é problema que ainda não está decidido entre os politicos; mas dois *validos*, ninguém ha quo tai dissesse, nem imaginasse (III, 80). — Os *validos* hão-de estimar mais a graça do príncipe, que todas as mereces quo lhes podem fazer, porque esta é a mayor. Hão-de oncher a graça que têm dos príncipes com serviços, e não se hão-de oncher com ella de mereces. O mayor crédito do *valido* é que a sua *privaça* seja privação. Por isso os *validos* com mais nobre e heroica etimologia se chamam *privados* (II, 98, etc.). — Quer dizer, que os *validos* para tirarem o odioso do esto nome se dão a si o nome de *privados*, pelo que, na linguagem corteza, *privado* vem a dizer o mesmo que *valido*, como diz o mesmo Vieira falando de Aman: — A taes

«soberbas e insolencias chegam os *privados* de quem não sabe ser rei (V, 525)».

Lacerda, com ser menos extenso, determina melhor o sentido de estas palavras. Diz assim:

«*Favorito* é aquelle a quem se trata com especial distincção; que se afaga, e em tudo favorece.

«*Valido* é o que vale, tem valimento, pode com alguém mais que todos os outros.

«*Privado* é o que vive tão familiarmente com alguém, que tem parte e conhecimento da sua vida privada, e por isso goza de sua inteira confiança. Com referencia aos príncipes, *favorito* é um homem que soube ganhar-lhes a vontade, a quem nada negam; e que, prestes a dar-lhes gosto em tudo, se contenta de gozar e obedecer. O *valido* é um homem que, lisongeando-lhes as paixões, se apoderou do seu ânimo, e, parecendo ser o dócil instrumento das suas paixões, o domina e gozerna. O *privado* é um homem que, com quanto goze o que as circumstancias lhe proporcionam, como está pronto sempre a obedecer, padece mais do que disfruta; porque o *privado* comparte inevitavelmente as misérias de aquelles, cuja *privança* para elle se torna proprio viver».

Fazer, obrar. — *Faz-se* uma cousa; *obra-se* para a *fazer*.

O vocábulo *fazer* supõe não só o acto da pessoa, mas tambem o objecto que é o termo de esse acto, e que deve ser o seu effeito. *Obrar* só supõe o acto e o movimento da pessoa.

Oremos com reflexão em tudo o que fizermos.

Fazer, perfazer. — Diz Roquete:

«Muito *fizeram* os que vieram antes de nós, diz Vieira, mas não *perfizeram*. Entre o *fazer* e o *perfazer* ha grandes intervallos (V, 159). — A differença entre estes dois verbos vem do prefixo *per*, que indica intensidade, aperfeiçoamento. Assim que, significando o verbo *fazer* produzir, dar o primeiro sêr, fabricar, pôr por obra; *perfazer* significa acabar de *fazer*, completar, consumir, pôr em sua perfeição, dar a última mão, como o *perficio* latino».

Fechar, encerrar. — A idéa do *fechar* é relativa aos ataques exteriores; a de *encerrar* é mais frequentemente a de impedir a comunicação com o exterior.

Fechemo-nos em casa para que não nos persigam; *encerramo-nos* em casa para não termos a ninguém.

Fechar, tapar. — *Fecha-se* um objecto com uma parte do mesmo objecto, com algo que lhe está apenso.

Tapa-se um objecto com outro objecto separado.

Fechar-se as janelas com as vidraças; tapam-se as janelas com tijolos.

Fecha-se para tornar a abrir. *Tapa-se* para deixar tapado para sempre ou por muito tempo.

Fecundar, fertilizar. — *Fecundar* é comunicar o germe da reprodução.

Fertilizar é comunicar qualidades que faciam produzir muito.

Fecundar diz-se dos animaes: e das plantas com relação ao pólen; *fertilizar* diz-se da terra. — Os peixes *fecundam* de modo distincto aos outros animaes. O guano e a réga *fertilizam* as terras.

Roquete compara estes vocábulos, dizendo:

«Estas duas palavras têm relação com as operações que se fazem para pôr a terra em disposição de crear um grande número de produções.

«*Fecundar* a terra é dar-lhe *fecundidade*, ou annentar os principios da *fecundidade* que ella tem já por sua natureza.

«*Fertilizar* a terra é trabalhá-la, isto é, semeal-a, dispor-a por meio do trabalho e da industria para desenvolver seus principios de *fecundidade*. — Os estrumes *fecundam* a terra, porque lhe conferem os principios de *fecundidade*; porém a terra assim *fecundada* não produziria com abundancia senão plantas agrestes e selvagens. Lavrando-a, semeando-a, e dando-lhe todos os amanhos necessários é como se *fertiliza*, isto é, se dispõe de modo que possa produzir plantas que sejam úteis ao homem. As lavouras e os amanhos *fertilizam* a terra e não a *fecundam*; os estrumes e adubos a *fecundam* e não a *fertilizam*. — O sol *fecunda* a natureza, porque a põe em disposição de produzir por meio de seu calor vivificante; e não se dirá que a *fertiliza* porque não faz que produza tal ou tal planta em utilidade nossa. — Aumenta o astro do dia a *fecundidade* da terra, sem aumentar sua *fertilidade*».

Fecundidade, fertilidade. — A *fecundidade* é a faculdade de produzir muito; a *fertilidade* é a abundancia de produção. Um terreno *fecundo* fertiliza-se por meio do guano e do labor.

Lacerda, resumindo de Roquete, diz o seguinte a respeito de estes vocábulos:

«*Fecundidade* é a qualidade pela qual uma cousa é *fecunda*, e diz-se particularmente das mulheres, das fêmeas dos animaes.

«*Fertilidade* é o poder, a força, a disposição de produzir muita cópia de frutos mediante a industria do homem. A *fecundidade*, que vem da natureza, torna-se *fertilidade* pelo trabalho e beneficio, pela industria do homem. É *fecundo*, isto é

« tem *fecundidade* o terreno que é capaz de « dar muita produção. Foi *fértil* este ano; « isto é, houve *fertilidade*, as terras produ- « ziram bem, de onde resultou haver abun- « dância ».

Fecundo, fértil, abundante, ubertoso.—*Fecundo* exprime a propriedade dos seres organizados de produzirem com abundância; particularmente diz-se da fêmea dos animais, e, extensivamente, de tudo quanto produz. As *mulheres da Galiza* são as mais *fecundas* da Península. Das minas de S. Domingos se pode dizer que são *fecundas*. Um escritor *fecundo* é o que produz muitas obras.—Falando da terra, *fecundo* não se refere à quantidade das suas produções, senão à propriedade que ella tem de produzir muito. Um terreno *fecundo*, ainda quando inculco, tem poder para produzir abundantes cearas. O calor do sol é *fecundo*; as chuvas são *fecundas*.

Fértil diz-se da terra relativamente à grande quantidade das suas produções, não em relação às suas propriedades productoras. Consequentemente, *fértil* é relativo ao efeito, e *fecundo* à causa. Uma terra *fértil* produz abundantes cearas, mesmo quando ella não tenha grandes propriedades productoras. Os terrenos da Holanda são *fértiles*, devido ao trabalho de seus habitantes, não porque de si sejam *fecundos*. *Abundante* é relativo à quantidade, independentemente da idéa de produção.

Ubertoso é relativo à recompensa que se recebe dos trabalhos agrícolas. Um terreno é *ubertoso* porque recompensa os cuidados que se têm com elle.

De estes vocábulos, exceptuando *abundante*, diz Roquete o seguinte:

« Entre *fecundo* e *fértil* ha a mesma diferença respectiva que se dá entre *fecundidade* e *fertilidade*. *Fecundo* é, pois, tudo aquilo em que a natureza poz o germe ou o origem da produção, e cresce por si mesmo; e *fértil* é tudo aquilo que produz muito, em grande parto, pelo trabalho e industria dos homens.

« *Fecundo* é um manancial de agua, que perénemente mana sem dependor do trabalho ou industria do homem. *Fecundas* são as sementes, porque em si contém o germen das plantas e frutos que depois hão-de produzir. *Fecundas* são as famílias dos animais, porque por si mesmas, segundo as leis da natureza, propagam sua prole; e nenhuma de estas cousas é *fértil*, porque nellas não tem directamente parte a mão do homem.—*Fértil* em trigo, em vinho, em azeite é um paiz quando a *fecundidade* da terra, ajudada pela cultura que lhe dá o agricultor, produz em abundancia estes géneros para sustento dos homens.—O *fecundo* é natural, o *fértil* artificial. Aquelle é causa, este é effecto. O primeiro refere-se à potencia de produzir,

o segundo á actualidade da produção « abundante.

« *Ubertoso* é palavra nova, mas mui expressiva e poética, formada de *ubertas*, e é destinada a representar a abundancia que resulta da *fecundidade* e da *fertilidade*.—As terras *fecundas*, quando são bem « agricultadas tornam-se *fértiles*, e pagam o suor do lavrador com *ubertosas* messes.

« O primeiro que usou de esta palavra, foi o padre Furtado, na traducção das *Geórgicas* de Virgilio, servindo de epíteto a cearas; o qual não tem inveja ao *leatas* do original:

« Qual cuidado as cearas *ubertosas*, « Mecenas, faça, e o campo mais formoso, etc.

Fedegoso, fétido, fedorento.—O que é *fétido* cheira mal; o que é *fedegoso* e o que é *fedorento* cheira mal e seu cheiro é nojento. A *arruda* é *fétida*, mas não é *fedegosa* nem *fedorenta*.

Felo, hediondo.—O que é *feito*, segundo a nossa apreciação, não é belo, mas não repugna.

O que é *hediondo* é repugnante.

Felleitação, parabens, emborras, congratulação.—O vocábulo *parabens* é um substantivo composto da preposição *para* e do adverbio *bem*; dar os *parabens* quer pois dizer que se deseja que o facto succedido seja *para bem* da pessoa a quem elle succedeu. Empregar portanto o plural *parabens*, como se os adverbios pudessem empregar-se em plural, está no costume, mas não é correcto.

Emboras, imitação do castelhano *enhora-buena* (que é o mesmo que o portuguez: *em boa hora*) é palavra mui pouco usada; expressa o nosso desejo do o successo ser auspicioso.

Felleitação é o termo que hoje está mais em uso — ainda que por alguns seja reputado como galicismo; em todos os casos se pode substituir a *parabens*, não porém *parabens* a *felleitação* ou *felleições*.

Congratulações é termo que hoje se reputa como pretencioso.

Vêja-se o quo Roquete diz de *parabem* e *felleitação*:

« O *parabem* refere-se principalmente a um acontecimento feliz na vida doméstica. A *felleitação* tem um sentido mais extenso, e refere-se á celebração de um acontecimento público, que tem relação com cargos sociaes da pessoa que a recebe.

« Um amigo dá os *parabens* a outro pelo bom successo de sua esposa. Uma câmara « felicita a el-rei por um successo próspero ».

Femnil, mulheril.—*Mulheril* melhor se coaduna com o que é relativo à na-

tureza, e *feminil* com o que é relativo ao carácter e ás qualidades intrínsecas da mulher.

Feniano, flibusteiro. — *Feniano* diz-se dos partidários activos da independência da Irlanda; não é termo injurioso.

Flibusteiro é termo injurioso que os Espanhoes davam aos partidários activos da emancipação das Antilhas.

Ferida, chaga. — Casos ha em que estas palavras podem chegar a confundirse om attenção á semelhança que uma *ferida* pode ter com uma *chaga*; não obstante ha entre estas palavras uma diferença essencial, e é que a *ferida* tem sempre por causa um agente externo, mas que não é benéfico. O cirurgião que lanceta um tumor deixa uma *chaga* nas carnes, não uma *ferida*, pois a intenção com que a faz é benéfica.

Feroz, selvagem. — *Selvagem* é relativo á domesticidade no animal, e á civilização no homem; *feroz* é relativo ao instinto de aquelle, e ao carácter de este.

Roquete explica estes vocábulos muito bem, dizendo:

« *Selvagem* é o animal que vive nas selvas, bosques ou matos, e por conseguinte « agreste e bravo; diz-se também do homem sem cultura nem civilização. A palavra *feroz* applica-se em sentido proprio « aos animaes carniceiros ou daninhos; e « em sentido figurado, ao carácter ou qualidade moral de algumas pessoas. — O leão, o touro, o tigre, o javali, são nulloes *selvagens* e *ferozes*; o veado, o gamo, a corça, o cabrito montez são sómente *selvagens*; muitos Indios do Brasil são *selvagens*, sem serem *ferozes*; o ladrão de estrada que rouba e mata, não é *selvagem*, mas é *feroz* ».

Ferramenta, instrumento. — *Instrumento* é um objeto com que o homem executa o trabalho que em sua imaginação planeou. *Ferramenta* é o objeto de que o homem se serve para suprir á debilidade ou incapacidade das mãos. Por não poder rachar um madeiro com as mãos servo-se o homem da *ferramenta machado*; para lavar o mesmo madeiro segundo o desenho que imaginou vale-se o homem do *instrumento escopro*.

Instrumento diz-se em sentido figurado: tal homem poderá ser o *instrumento* destinado pela Providencia para aacute dos iníquos.

Ferramenta não tom applicação em sentido figurado.

Vêa-se como Roquete comparou estes vocábulos:

«Entende-se em goral por *instrumento* o que serve de causa para produzir um offei-

« to. Nós somos os *instrumentos* do destino, « da Providencia.

« Num sentido mais ilimitado, *instrumento* « to diz-se de todas as cousas materiaes « que facilitam os meios de fazer alguma « obra, alguma operação, ou de adquirir o « conhecimento de algum objeto.

« Entre os *instrumentos* tomados neste « sentido, chama-se *ferramenta* áquelles « que são mais simples em seu feiço, e cu- « ja acção depende unicamente de um movimento mecânico das mãos. Um marte- « lo, uma ençô, um escopro, são *ferramen- « tas*; em todos os officios mecânicos ha *fer- « ramentas*, que se chamam assim por serem « geralmente de ferro ou aço.

« Os *instrumentos* são mais complicados, « cuja invenção dá a conhecer mais inteli- « gencia, e que têm por objeto operações « não pnamente mecânicas mas que são « dirigidas pela intelligencia. A *ferramenta* « pertence propriamente ás artes mecâni- « cas, e o *instrumento* ás artes superiores « que supõem mais instrucção e exigem « mais intelligencia.

« Um oculista, um official óptico, faz, com « as suas *ferramentas*, microscópios e teles- « cópios, que são *instrumentos* de óptica. « Um cuteleiro prepara com ns suas *ferra- « mentas* as lancetas e bisturis, que são *ins- « trumentos* de cirurgia. Um violero faz com « suas *ferramentas* as violas, as guitarras, « etc., que são *instrumentos* de música ».

Ferrête, estigma. — *Ferrête* é o instrumento com que se imprime a marca denominada *estigma*.

Sé por ignorancia se podem confundir estos vocábulos.

Férreo, ferrenho, ferral, fér-rico, ferruginoso. — *Férreo* só se devo dizer do que é feito do ferro: porta *férrea*. Se é freqüento ouvir dizer *águas férreas* melhor seria ouvir dizer *águas ferruginosas*.

Ferrenho é o que, na côr, e também na natureza, é semelhante ao ferro.

Ferral diz-se dos frutos que são de uma côr mais ou menos parocida com a do ferro.

Férrico é termo químico, e significa relativo ao ferro ou aos seus compostos.

Ferruginoso diz-se do que contém ferro on saes do ferro.

Festa, festividade, solemnidade. — *Festa* é regoziljo público motivado por algo que dá prazer.

Festividade é qualquer acto religioso que o clero católico celebra com certa solemnidade em honra do algum santo, da Virgem, ou de Cristo. Neste sentido também se diz *feita*.

Solemnidade é vocábulo que se pode empregar por *festividade* sempre que se quer

ra fazer referencia á pompa ou ostentação com que ella se celebra.

Roquete diz de estes vocábulos:

« Rigorosamente falando *festa* é o rego-
« zijo público que se faz por motivo profa-
« no; contudo o uso fez esta palavra exten-
« siva ás cousas religiosas, por isso se diz
« vulgarmente, para distinguir as duas
« idéas: *festa de igreja, festa de ar-
« rayal* .

« *Festividade* é *festa* de igreja, que se ce-
« lebra nos templos, ou fóra de elles, como
« as procissões, e refere-se sempre a um
« pensamento religioso.

« A *solemnidade* refere-se ao recolhimen-
« to e ostentação com que se fazem as *fes-
« tividades* .

« As funções que se fazem para receber
« um rei, são *festas* . As que se celebram em
« honra de um padroeiro ou orago, são *fes-
« tividades* . O aprato silencioso e grave
« com que estns se fazem constitui a so-
« lemnidade.

**Fidalgo, gentilhomen, gran-
de.** — Deixemos a Roquete a comparação
de estes sinónimos:

« *Fidalgo* é termo corrupto de *filho d'al-
« go* , do castelhano *hidalgo* , *hijodalgo* . Algo
« significava haveres, hens, educação e
« qualidades nobres; com todas estas par-
« tes se servia a patria, e se adquiria a fi-
« dalguia. *Fidalgo* designa em geral a pos-
« ssa que por seu sangue pertence n uma
« classe nobre, ou a quem el-rei fez a mer-
« cê de titulo de nobreza.

« *Gentilhomen* vem do francez *gentilhom-
« me* ; significava antigamente homem gen-
« til, e hoje homem nobre, por linhagem,
« ou criado feito nobre por el rei. — Diz-
« se *fidalgo* da casa real, e *gentilhomen* da
« real câmara. O primeiro indica a classe
« da nobreza a que alguém portenco, o se-
« gundo designa o serviço que alguém exer-
« ce no paço.

« *Grandes* são os *fidalgos* de alta jerar-
« quia e titulares, que cercam o trono em
« dia de Côrte, e têm varios privilegios de
« que não gozam os demais. Só os duques,
« marquezes, condes e alguns viscondes são
« *grandes* do reino. Os archebispos o hispos,
« e os pares têm as honras de grandeza ».

Fidalgo, nobre, titular. — *Fidalgo*
diz menos que *nobre* ; o *fidalgo* (*filho de
algo*) descendo de familia que os reis dis-
tinguiram como titulos ou mercês: *nobre* é
aquelle que os antigos reis elevaram sobre
todos.

Os reis actuaes fazem *fidalgos* , mas não
fazem *nobres* .

Ha *fidalgos* de varias jerarquias; os *no-
bres* são todos eguaes.

Titular é aquelle que tem um titulo no-
biliario; os *nobres* são todos *titulares* ; mul-
tos *fidalgos* o são tambem. Ha porém gran-

de número de *titulares* que nem são *nobres*
nem sequer *fidalgos* .

Fidalgo e *nobre* dizem-se em sentido fi-
gurado de aquelle que por suas acções se
pode comparar aos *fidalgos* ou aos *nobres* .
 Titular não se diz em sentido figurado, n
não ser por ironia.

**Fidelidade, lealdade; fiel,
leal.** — *Fidelidade* é a observancia da fé
prometida; *lealdade* é a *fidelidade* provada
com factos de grande alcance. Ha na *leal-
dade* mayor actividade e entusiasmo que
na *fidelidade* ; n qual até pode ser passiva,
isto é: ha *fidelidade* sempre que se não obre
em contra da fé prometida.

É *fiel* ás suas promessas quem executa
com exactidão o que prometeu; é *leal* a uma
causa com se sacrifica por ella.

Finado, defunto, morto. — Diz
Roquete:

« A *morte* ou cessação da vida é a idéa
« comum de estes vocábulos, cuja diferen-
« ça consiste nn maneira de apresentar esta
« idéa.

« Um ser animado que perdeu a vida,
« que deixou de viver, *morreu* , é ou está
« *morto* , seja homem, animal, ou plantn, etc.

« *Defunto* o *finado* são termos figurados
« que so usam por eufemismo em lugar de
« *morto* , mas só se applicam ao homem.
« Usam-se mais frequentemente como sub-
« stantivos, e designa o primeiro um cadá-
« ver humano, um corpo morto; e o segun-
« do, uma alma que está no purgatorio, e
« só so usa no plural. — As pessoas piedo-
« sas mandam dizer missas por alma dos
« seus *defuntos* . A Igreja ora pelos *finados*
« no dia 2 de novembro ».

Parece que Lacorda não apadrinha n
idéa que do *finado* se forjou Roquete, pois
diz apenas:

« A *cessação* da vida, a *morte* , é a idéa
« comum designada por estas palavras, cu-
« ja diferença consiste no modo de a apre-
« sentar. *Morto* é tudo o que deixou de vi-
« ver, que perdeu a vida. *Defunto* e *fina-
« do* , são palavras que se applicam exclusi-
« vamente ao homem, e usam-se por eufe-
« mismo para significarem o mesmo que
« *morto* ».

Julgamos comparar melhor estas pala-
vras dizendo que *finado* e *defunto* , como
adjetivos, podem em certos casos dizer-se
por *falecido* . *Defunto* como substantivo de-
signa o cadáver antes de ser inhumado.

Fio (a), n elto, (n reio). — A *fio* ,
quer dizer um após outro, sem descontin-
nuar; a *elto* significa sem escolher, sem
deixar nenhum.

De estas locuções, e tambem da locução
— para nós desconhecida — a *reio* , diz Ro-
quete:

« Quando os objetos vão uns após outros,

«formando uma linha, um com *fio*, vão a «*fio*; quando continuam sem interrupção, «ou sem notável intervalo, vão ou vem a «*reio*; quando seguem via recta, sem esco- «lha do caminho, vão a *eito*».

«Diz-se que um jogador ganha tantos jo- «gos a *fio*, quando nesta série não perde «nenhum. — A *reio* é expressão antiquada «que equivalia algumas vezes a *a fio*, co- «mo nestes casos: «Bateu-se a fortaleza «trez dlas a *reio*; vigiou 48 horas a *reio*; is- «to é, a *fio*, sem interrupção. É modo de «falar acastelhado(!), porque *reio* signifi- «ca série ou ordem de cousas que se conti- «nuam. — A *eito* é expressão vulgar portu- «guez, que se usa propriamente para in- «dicar que se segue uma carreira ou es- «teira direita, ou que se leva todos os de «uma série sem deixar nada de permoio, «como naquelle logar da *Eneida*: —Leva a «*eito* (matando) quantos encontra (X, 115)».

Lacerda, inscrevendo também a locução a *reio*, compara do modo seguinte estas ex- pressões:

«A *fio* refere-se á ordem em que vão os «objetos: ir a *fio* é ir um após outro como «que formando um fio. A *reio* refere-se á «série continuada e não interrompida dos «objetos: caminhar a *reio*, é caminhar sem «interrupção, ir sempre o seu caminho. A «*eito*, refere-se á direcção da marcha: ir a «*eito*, é ir vin recta, sem declinar á dlei- «ta nem á esquerda».

Flagellar, fustigar, acontar.

Flagellar é bator com *flagelo* ou azorrago, mas, geralmente, este verbo ou se em- prega em sentido figurado para indicar um tor- mento repetido, ou então designa o tor- mento que os nevroticos que padecem de monomania religiosa se infligem a si pro- prios com umas disciplinas.

Fustigar significa hater repetidas vozes com verdaesca ou vara, o figuradamente se diz que o vento *fustiga* a cara.

Acontar é termo genérico, mas particu- larmente se diz do castigo que os paes que não souberam educar seus filhos pelo exem- plo, lhe administram nas nádegas.

Fleumático, frio.—O homem *frio* é aquelle que difficilmente se perturba ou co- move, e que, até nas circumstancias mais proprias para alterar o espirito ou suscitar a emoção, se mostra impassivel e insensivel.—*Frio* diz-se com relação á apreciação dos que presenciam a impassibilidade de outrem, e também para estabelecer rela- ção ontro a pessoa *fria* e a circumstancia em

que ella se mostra tal. Mostrar-se *frio* é muitas vezes um cálculo ou um esforço de vontade.

Fleumático é uma qualidade natural de certos caracteres, qualidade permanente e inalteravel. A pessoa *fleumática* é *fleumati- ca* em todas as circumstancias, e isso sem esforço, nem por actuação da vontade.

Flôr, nata, escol.—*Escol* só se pode dizer de uma colectividade; *flor* de uma co- lectividade, e da melhor individualidade de um conjunto.

Nata é termo familiar, e só se diz—pelo menos com mais frequencia—de nma indi- vidualidade.

Do um individuo se diz que é a *nata* dos homens.

A *flor* da cavalaria é ou o guerreiro principal, ou o conjunto dos principaes guerreiros.

Florescencia, inflorescencia.

—Não se devem confundir estes vocabulos.

Florescencia é o acto de *florescer*, de ar- rojar flores, e tamhem, por extensão, a épo- ca da *florescencia* das plantas.

Inflorescencia é a disposição geral das flo- res nos vegetaes; a *espiga* é uma *inflo- rescencia*, a *umbela* outra, a *panicula* outra, etc.

Fluido, liquido.—*Liquido* diz-se dos corpos não sólidos eujas moléculas têm pou- ca consistencia ou cohesão, e que, por conseguinte, rodam e deslizam facilmente umas por cima das outras. Este vocabulo emprega-se sem atender ao grau de ten- dencia quo as moléculas possam ter para se separarem uma das outras, como suc- de ao mereurio, nem á apparencia de consistencia que parece haver entre ellas, co- mo no xarope.

Fluido acrescenta á idéa de *liquido* a idéa do movimento. A agua corrente é um *liqui- do* considerado em quanto á sua natureza; é *fluido* em quanto ao seu movimento.—Ademais, as moléculas de um *fluido* têm grande tendencia a separar-se ou des- agregar-se, o que faz que esta palavra tenha muito mayor extensão que *liquido*, pois se diz dos gazes, das correntes impon- deraveis e das eléctricas. O ar é um *flu- ido*.

Eis como Roquete fala de estes vocabu- los:

«*Fluido*, tomado no sentido proprio, cha- «ma-se a qualquer corpo eujas moléculas «têm entre si tão pouca adherencia, quo «cedem á monor pressão, e se movem com «multissima facilidade; taes são o ar, os «gazes, etc. Em sentido figurado applica-se «ao estilo de um escripto que é corrente e «fácil, e então se usa como adjetivo.

«*Liquido* é aquelle que, como a agua, não «manifesta immediatamente ao tacto mais

(!) Apesar do profundo conhecimento que temos da lingua castelhana não sabemos a que expressão de essa lingua é que Roquete faz allusão.

Nota do A.

« que uma débil resistência; porém bastan-
 « te sensível sem embargo para indicar sua
 « presença ainda no estado de repouso. Não
 « pode ser colhido ou apertado entre os de-
 « dos como os corpos sólidos; não pode
 « amontoar-se, nem conserva mais figura
 « que aquella que o obriga a tomar a vasi-
 « lha em que está, conservando sempre nma
 « superficie paralela á superficie da terra:
 « taes são o vinho, o azeite, os metaes der-
 « retidos, etc.

« O que é *fluido* não pode palpar-se, nem
 « manifesta sua pressão ao tacto quando
 « está em repouso; porém conhece-se sua
 « existencia com certeza quando está em
 « movimento. Assim que não podemos du-
 « vidar do incremento que toma o ar atmos-
 « férico ao experimentarmos o embate que
 « em nós faz quando nos expomos a um
 « vento forte.

« O *fluido* é invisível. O *liquido*, quando
 « em pequena quantidade, toma natural-
 « mente a forma globosa. Isto se pode ob-
 « servar no azougue que se delta sobre uma
 « mesa, e na água que se derrama numa ta-
 « boa coberta de pó, como no orvalho ma-
 « tutino que em camarinhas brilha ao nas-
 « cer do sol sobre as folhas das plantas ».

Fogueira, pyra. — Diz Roquete :

« *Fogo* em portuguez é a raiz da primei-
 « ra palavra, e *fogo* em grego, *pur*, é a raiz
 « da segunda; significa pois cada uma de
 « ellas a mesma coisa em sua respectiva
 « lingua. Comtudo a primeira é vulgar, o
 « designa em geral aquella porção do ma-
 « terias combustíveis que, accesas, levan-
 « tam muita chama, e a segunda é poética
 « e designa particularmente a *fogueira* em
 « que os antigos queimavam os corpos de
 « seus defuntos ».

Folga, folguedo. — *Folga* é o ocio ou
 tempo em que, deixado o trabalho, se des-
 cansa, talvez divertindo-se.

Folguedo é um divertimento em que mul-
 tos tomam parte.

Roquete compara estes vocábulos na for-
 ma seguinte:

Derivados estes dois vocábulos do ver-
 « bo *folgar*, só se differença pela termina-
 « ção *edo*, que junta á idéa principal a de
 « prolongação, mayor extensão. Significan-
 « do pois *folga* o espaço de tempo applicado
 « ao ocio, certo descanso do corpo e recreio
 « do espirito para se repousar o cobrar for-
 « ças; *folguedo* será *folga* grande e conti-
 « nuada, talvez gostosa e alegre, sendo a
 « expressão natural de quem *folga*, no sen-
 « tido em que disse D. F. Man. : — Tem já
 « *folgado* todo Lisboa, vae agora pelo reiao
 « acima (*Cart.* 51, 2 cent.) ».

Lacerda diz :

« *Folga* é o descanso, certo espaço de
 « tempo desocupado, em que se toma ho-

« nesta recreação para cobrar forças, e vol-
 « tar com prazer ao trabalho.

« *Folguedo* é muita *folga*, *folga* continua-
 « da, talvez excessiva, que serve antes de
 « distracção, que de repouso proveitoso ».

Folheto, libello. — Não inscreveria-
 mos estes vocábulos se os não vissemos
 comparados por Roquete e Lacerda, pois
 julgamos que ninguém ignora a lingua a
 pontos de empregar um pelo outro.

Folheto é um livro brochado que contém
 poucas páginas.

Libelo é o *folheto* em que se ataca a al-
 guém.

Assim compara estes vocábulos o primei-
 « ro dos citados sinonimistas :

« O uso vulgar confunde muitas vezes a
 « significação de estas duas palavras, cuja
 « differença é essencial.

« *Libelo* é uma obra de pouca extensão,
 « de circumstancias dadas, por meio do qual
 « se trata do desacreditar a reputação de
 « uma ou mais pessoas, empregando o sar-
 « casmo e a calúnia, que é o que consti-
 « tui a essencia do *libelo*.

« *Folheto* é uma obra de poucas páginas,
 « principalmente de litteratura, posto que
 « tambem os ha scientificos e politicos.

« O objeto do *folheto* é instruir, aciarar
 « alguma cousa por meio de argumentos só-
 « lidos, e sempre com gravidade e decen-
 « cia; o *libelo* só se propõe a injuriar e a di-
 « famar, por isso se chama injurioso e difa-
 « matorio ».

Fôrça, patibulo. — *Patibulo* é a de-
 nominação genérica de todos os instrumen-
 tos de supplicio que constituem a morte cha-
 mada legal.

Fôrça — diz Roquete — « é uma especie de
 « *patibulo* que consta de trez paus fincados
 « na terra em triângulo, onde se penduram
 « de cordas os condemnados a morrer en-
 « forcados ».

Patibulo não encerra nenhuma idéa des-
 honrosa, mas *fôrça* sim. Os ladrões eram le-
 vados á *fôrça*. Luiz XVI morreu no *pa-
 tibulo*.

Fôrça, fortaleza. — *Fôrça*, no senti-
 do em que aqui consideramos esta palavra,
 é a faculdade com que se resiste mais ou
 menos ao que nos é contrario.

Fortaleza é a *fôrça* moral elevada ao
 mais alto grau.

De alguém se pode dizer que tem pouca
fôrça de ânimo, mas não que tem pouca
fortaleza.

Fôrma, fórma. — Apesar de um dic-
 cionarista qualquer haver dito que *fôrma* é
 « uma distincção pueril de *fórma* », ha entre
 as duas palavras grandissima differença.

A *fôrma* dá a *fórma* — aquella sendo o
 molde em que o objeto recebe a sua con-
 figuração exterior ou *fórma*.

Diz Roquete, implicando tambem com a diferente pronuncia dos vocábulos :

« A mudança do acento vogal faz com que uma mesma palavra (!) signifique duas idéas diferentes, que a maneira de pronunciar faz com que se não confundam : « vantagem que não tem nem a lingua franceza, nem a castelhana (!), as quaes exprem as duas idéas com a mesma voz e egual som.

« *Fôrma* é, como acima vimos, o que determina a materia a ser tal ou tal cousa ; e *fôrma* é molde, modelo ou tipo segundo o qual se faz ou afeiçoa alguma cousa, ou este seja vasado em que se delta cousa liquida ou mole, ou macio sobre o qual se dê feição a alguma cousa, ou obra fabril, como é a *fôrma* de sapateiro. — Para que um sapato tenha boa *fôrma* é mister que a *fôrma* seja bem feita. — Por mui honita que seja a *fôrma* de letra de um calligrafo, nunca é tão regular como a (*fôrma*) da letra de *fôrma* ».

Formalidade, fórmula. — Lacerda compara bem estes vocábulos dizendo : « *Formalidade* é a praxe, o modo de ohrar estabelecido por lei, uso, ou costume, para que um acto seja legitimo e valioso ; que não é, faltando alguma clausula ou condição por aquella praxe determinada.

« *Fôrma* é o contexto das palavras, e de certas acções, prescritas por lei ou uso em certas occasiões, faltando alguma das quaes a acção não é valiosa. — Segundo a *fôrma* do encantamento (BERN. FLORE) ».

Roquete diz o seguinte :

« *Formalidades* é um termo de jurisprudencia. Entende-se por esta palavra certas clausulas ou condições, de que os actos devem estar autorizados para serem legitimos. Chamam-se *fôrmas* certas palavras ou acções consagradas pelo uso em determinadas occasiões. — Esqueceu neste negocio uma *formalidade* essencial, pelo que não é válido o contrato. — Toda a politica dos corteijos consiste ordinariamente em vãs *formalidades* ».

Formidável, temível, terrível. — *Temível* melhor se applica ao que se con-

sidera como possível ou provável do que ao que na actualidade existe ou já existiu : as trombas são *temíveis* ; os cães raivosos são *temíveis*.

Formidável diz-se do que inspira temor, mais depressa pela sua intensidade ou forma do que pela violencia dos seus efeitos : um *formidável* trovão atroou os ares. Um *formidável* exercito invadiu a nação inimiga.

Terrível é aquilo que infunde pavor devido á fraqueza de quem teme e á força ou superioridade do que se faz temer.

Roquete compara *formidável* e *temível* dizendo :

« Dizem-se estas palavras das cousas que apresentam um grande perigo ; porém *formidável* indica um perigo próximo, imminente, e *temível* um perigo mais distante. « Um numeroso exercito que invade um reino não é *formidável* ; um principe que aumenta continuamente suas forças e seu poder, é *temível*. A aparição repentina de uma cousa que pode acarretar grandes desastros ou calamidades, é *formidável* ; a ira de um homem poderoso é *temível*. — O exercito de Xerxes, ao subir pelas Termópilas, era *formidável* ; a sanha de Nero era *temível* (!) ».

Formoso, gentil, galante. — No artigo *Belleza*, página 166, comparámos os substantivos de que os vocábulos de este grupo são correlativos. Limitar-nos-emos agora a transcrever o que de estes adjetivos disseram os outros sinonimistas.

Diz Roquete :

« Tudo que tem formas regulares, e ordenadas com justa proporção, é *formoso*. « Diz-se das cousas e das pessoas, porém mais das mulheres que dos homens. Vieira disse *formoso*, falando em geral, mas quando applicou esta qualidade a Absalão, chamou-lhe galhardo e helo, e não usou da palavra abstracta *formosura*, senão *gentileza* : — Muito estimam os homens a *gentileza* ; mas perguntem os *formosos* a Absalão (V, 441). — E traduzindo o adjetivo latino *pulchrum* não disse *formoso*, senão *gentil* homem : — David, mancebo mui valente, avisado, *gentil* homem, *virum pulchrum* (V, 511). E ainda o repetiu na página seguinte.

« Ao que é *formoso* com a adição de ar nobre, gracioso, elegante, chama-se *gentil*.

« *Galante*, segundo a sua origem *gala*, que em italiano significa *alegria*, refere-se mais particularmente ao bom gosto, concerto, graça e ornato nos trajes e attitudes ; e no sentido figurado tudo o que ma-

(!) *Fôrma* vem-nos directamente do latim ; *fôrma* vem-nos do castelhano *forma* ; são por conseguinte palavras mui diferentes, ainda que de origem comum.

(!) Roquete fala aqui do que não saho. Em castelhano *forma* corresponde ao vocábulo portuguez *fôrma*, e como equivalente de *fôrma* tem essa lingua o vocábulo *forma*, como fica dito na nota precedente.

« nifesta mimo, meiguice, e que talvez ex-cita amor e contenta affectos de ternura ». Diz Lacerda :

« *Formoso* é tudo aquillo; cujas formas são regulares, e ordenadas com justa proporção. Diz-se de todas as cousas animadas ou inanimadas.

« *Gentil* significa *formoso* senhorilmente, isto é, cujas (") formas, sobre regulares e bem proporcionadas, são graciosas, elegantes, etc.

« *Galante* refere-se ao concerto, graça e ornato do espirito e do corpo; e por isso cousa *galante* dizemos nós a que está adorada com gosto e graça; homem *galante* o amadorado que por seu trajar de bom gosto, e por seu dizer engraçado e instruído (sic) pretende (sic) agradar às damas ».

Fraco, frágil.—*Fraco* designa particularmente a falta de forças, a impossibilidade de lutar, e também a de perseverar.

Frágil designa o que não tem solidez, o que está exposto a quebrar-se, a sucumbir.

Ante as tentações irresistíveis todo homem é **fraco**, precisamente porque a sua natureza é **frágil**.

Franco, sincero, leal.—O homem *franco* diz o que peosa sem disfarce nem hesitação.

O homem *sincero* não mente quando diz o seu pensamento.

Assim : o homem *franco* não cala o pensamento; o *sincero*, quando fala, nunca diz o contrario do que pensa. O homem *sincero* pode calar-se para não ofender; o *franco* não teme ofender.

Leal é o homem que, mesmo com sacrificio proprio, não falta ao que a consciencia lhe dicta com relação às promessas que fez.

De *franco* o *leal* diz Roquete :

« *Franco* toma-se no sentido de recto, claro, sincero, que diz sem disfarce o que sente. Diz-se um bomem *franco*, uma alma *franca*, um proceder *franco*, etc.

« *Leal* vem de lei. Usava-se esta palavra na linguagem feudal para designar um vassallo fiel às leis que havia jurado observar respectivamente a seu senhor. Actualmente diz-se da fidelidade com que se observam as leis da probidade e da honra.

« O homem *franco* tem sempre por guia a verdade, e a diz ainda que seja contra si proprio; fuge o dolo e o disfarce; é claro e exacto em suas explicações. O homem *leal*, unido pelos laços da sincerida-

« de a todos os deveres da justiça e da equidade, faz sinceramente e sem dissimulação tudo o que exigem estes deveres, e os cumpre exactamente. O homem *franco* tem um carácter verdadeiro; o homem *leal* revela este carácter por sua ingenuidade, por sua nobreza, e pela candura em suas maneiras.

« Pode-se ser *franco* sem ser *leal*, isto é, pode-se estar disposto em tudo que se faz a não fugir nunca da verdade e sinceridade, e não ter as qualidades que constituem o homem *leal*. Porém não se pode ser *leal* sem ser *franco*, porque a lealdade comprehende necessariamente a franqueza. Els aqui porque se diz: *franco* e *leal*, e não *leal* e *franco*.

A *franqueza* era o carácter distinctivo dos antigos conselheiros de nossos reis; e quanto eram escrupulosos os cavalheiros portuguezes na lealdade a seus soberanos bem o deixa ver a censura que o nosso poeta lançou ao que deixou seu rei para ir servir ao de Castela, dizendo :

« O Magalhães, no felto com verdade
« Portuguez, porém não na lealdade.

(Lus., X, 140.)

Franqueza, liberdade.—Lacerda compara estes vocabulos, dizendo :

« No sentido em que se tomam aqui estas palavras, *franqueza* é a isenção de cargos ou condições onerosas no exercicio das proprias faculdades ou vontade. *Liberdade* é o poder de reduzir a acto as proprias faculdades, ou de exercer a propria vontade. A *franqueza* facilita inteira execução da cousa sem obstáculo, ou difficuldade. A *liberdade* exige a faculdade e a possibilidade presente de fazer alguma coisa ».

Fraude, dolo.—Estas palavras differem : em *fraude* ser vocabulo subjectivo que põe em evidencia as más artes do sujeito, e em *dolo* ser termo objectivo, referido ao damno que é feito ao enganado.

Freguezia, parochia.—Designam estas palavras o territorio que, ecclesiasticamente, está incumbido a um pároco, mas cada uma de ellas desperta idéa diferente.

Freguezia (de *freguez*, derivado do castelhano *feligrés*, que vem do latim *filiius*, filho) suscita a idéa de obediencia dos freguezes para com o padre.

Paróquia é vocabulo relativo aos deveres ou autoridade moral do cura para com os freguezes.

Diz-se-á : uma *freguezia* (não uma *paróquia*) *rebelde ao seu pastor*; e *paróquia* ou *freguezia sem pastor*.

Frequentemente, muitas vezes.—*Muitas vezes* é relativo á pluralidade.

(") Ante a gramática do reverendo Deão da Sé Patriarcal convém não esquecer que elle era socio da Academia Real das Ciências de Lisboa.

Nota do A.

do dos actos, mas sem que entre um o outro haja nenhuma relação de tempo. *Frequentemente* é relativo ao hábito de repetir os actos.

Fazemos muitas vezes uma coisa quando a repetimos, sempre a mesma, sem idéa que entre uma e outra haja nenhuma regularidade do intervalo. *Fazemos frequentemente uma coisa* quando a assiduidade com que a repetimos, se torna em hábito nosso. — Quem visita a outrem *muitas vezes*, vai a sua casa em muitas ocasiões; quem o visita *frequentemente* vai vel-o *muitas vezes* regularmente.

O que não se faz *muitas vezes* é raro; o que não se faz *frequentemente* é extraordinário, ou não é ordinário.

Por outro lado, *muitas vezes* é mais vago que *frequentemente*, como bom se deprehende comparando estas duas frases: *Fulano está muitas vezes doente. Fulano está frequentemente doente.* — Esta segunda frase determina o estado de Fulano de uma maneira precisa: *Fulano é achacoso.*

Roquete diz assim de estas palavras:

«Ambas estas expressões indicam repetição de actos, com a diferença que a primeira (*muitas vezes*) só diz que o número é grande, ou que são *muitas* as vezes que a coisa se faz, diz ou sucede; e *frequentemente* acrescenta a esta idéa, a de serem amiludadas as vezes, ou com frequência. *Frequentemente* é pois mais que *muitas vezes*; exprime uma idéa mais extensa e designa acções mais próximas. — Um provinciano que esteve quarenta ou cincoenta vezes na corte, ainda que mediasse grande intervalo entre suas viagens, pode dizer que foi *muitas vezes* à corte; e só pode dizer que foi lá *frequentemente* se foram suas viagens amiludadas, próximas umas das outras.

Fresco, frescura. — A *frescura* é um dos graus da temperatura, e o seu efeito é o *fresco*. Tomamos o *fresco*, mas não tomamos a *frescura*. — A sombra das árvores ha *frescura*, e ali gozamos do *fresco*.

Assim diz Lacerda, resumindo de Roquete, que é muito mais extenso a este respeito:

«*Frescura* indica temperatura igual. «*Fresco* é o efeito agradável da *frescura*. «Ha *frescura* á sombra das árvores, na margem dos rios, etc. Os que desfrutam os efeitos agradáveis de esta *frescura*, sentem com prazer o *fresco*, gozam do *fresco*.

Frigido, glacial. — A *glacial* é inherente á idéa de frio e a de gelo; *frigido* carece de esta última idéa.

Frívolo, fútil. — Uma pessoa sensata não deve fazer cnso do que é *frívolo*, e muito menos do que é *fútil*. No *frívolo* pode haver certas qualidades, como graça,

agudeza, etc.; no *fútil* nada ha que mereça senão desprezo.

Roquete compara assim estes vocábulos:

«Estas duas palavras dizem-se igualmente das cousas vãs, ligeiras, de pouca importância e consideração; e também dos homens que fazem uso de estas cousas e nelas se occupam.

«São *frivolos* os objetos quando não têm necessariamente relação com o nosso bem «estar nem com a perfeição moral do nosso sêr. São *frivolos* os homens quando põem escriptuoso cuidado em assuntos «*frivolos*, ou, pelo contrario, quando tratam com a menor indifferença objetos da «maior importância.

«É *fútil* um objeto quando não tem nenhuma relação com outro, quando parece «que afasta o menor cuidado que se poderia tomar para adquiri-lo, ou para conservá-lo. É *fútil* um homem quando unicamente dirige suas vistas a esta classe de «objetos.

«*Frívolo* diz-se propriamente dos objetos «que carecem de solidez, que enganam «nossas esperanças, que satisfazem por «um momento nossa fantasia, ou antes que «levam a imaginação de distrações em «distracções. *Fútil* diz-se com propriedade «das cousas que não têm nenhuma consistência, que são vãs e fugitivas, que não «produzem nenhum resultado útil.

«Um homem *frívolo* occupa-se em seu «adorno exterior, perde o tempo no jogo, «nos prazeres, quando devera occupar-se «dos deveres do seu estado; um homem *fútil* fala e obra sem razão, sem reflexão, «inconsideradamente, sem objeto ou fim «útil.

«Um raciocínio *frívolo* é aquelle que tem «pouca força e solidez, que facilmente se «deita por terra, porque não tem fundamento seguro. Um raciocínio *fútil* é aquelle que é vazio de sentido, que não prova «o que intenta o escriptor ou orador. Tal é «o de Cícero na oração que recitou em presença do povo, quando regressou do seu «destêrro, na qual se propoz a provar que «devia mais a elle pelo beneficio que acabava de fazer-lhe, que a seus paos por lho «terem dado o ser; e a razão que dá é que, «quando nasceu fisicamente era pequeno, «o quando voltou do destêrro já ora varão «consular: — *A parentibus, id quod necesse erat, parvus sum procreatus; a vobis natus sum consularis.*

«Pensamento não só *fútil*, porque não «prova o que o orador intentava, mas até «ridículo, e indigno de um tão grande homem.

«Em quantos não cairão os que não são «Cíceros?!»

Frugalidade, sobriedade, temperança, parcimônia. — Os trez primeiros vocábulos de este grupo são relativos

vos ao hábito e á saúde; o último melhor se refere á economia.

A *temperança*, que é reputada virtude, consiste no gozo moderado de todas as cousas, e está consequentemente collocada entre a abstenção e o excesso. Não obstante dá-se geralmente a esta palavra um sentido forçado que encerra a idéa derepulsão pela voluptuosidade, do resistencia ás paixões, e de coarctação absoluta de tudo o que é sensual.

A *sobriedade* consiste em evitar todo excesso, e até toda demasia no comer e no beber. A pessoa *sobria*, seja qual for a qualidade da sua alimentação, cessa de comer antes que se lhe acabe o appetite.

A *frugalidade* consiste, seja qual for a quantidade de alimentação que se absorva, na qualidade simples da sua natureza ou apresto.

A *parcimonia* é, como acima dissemos, relativa á economia, e consiste em evitar despesas excessivas tanto na qualidade como na quantidade dos alimentos.

Fuga, fugida. — *Fugo* acrescenta á idéa de *fugida* as idéas de pressa e desórden. Não vemos nestas palavras outra diferença nem exemplos que abonem a distinção que entre ellas estabelecem os nossos sinónimistas, o último dos quaes, Lacerda, se exprime como segue:

« *Fuga* exprimo uma idéa mais geral que « *fugida*, e indica o *fugir* em todas as diferentes acepções em que pode empregar-se esta palavra. *Fugida* tem significação « mais restricta, o, em rigor, só se diz dos « inimigos na guerra. Entretanto ainda os « melhores autores empregaram indistintamente estas palavras.

Fugitivo, disperso, fugaz. — *Fugitivo* diz-se: 1.º de quem foge do logar da sua residencia para evitar perseguições ou castigos; 2.º do militar ou partidario que foge do vencedor temendo represalias.

Disperso diz-se do militar que anda só ou com poucos companheiros longe do núcleo do exército derrotado.

Fugaz diz-se do que desaparece correndo com grande rapidez.

Lacerda, resumido de Roquete, compara assim estes vocábulos:

« *Fugitivo* exprime a idéa de um homem, « que se vae a terras extranhas, ou se retira do logar onde estava para escapar a « algum castigo, ou por causa pouco honesta. *Fugace* exprime a idéa do homem ou « animal, ou cousa que se supõe animada, « que foge apressadamente: — A *fugace* lebre. *Fugaces* boras — (CAMÕES) — *Disperso* « indica multidão que se separa, e foge em « desórden, tomando por diferentes partes.

Fulgurante, fulminante. — O que é *fulgurante* briilha; o que é *fulminante* derriba, fere, mata.

Roquete anda acertado na comparação de estes vocábulos, de que diz:

« A diferença que ha entre *fulgur*, relâmpago, o *fulmen*, rayo, é a mesma que se « deve notar entre os dois adjectivos que de « aquelles vocábulos se formam. Portanto, « o que ás vezes lança brihuo, clarão, fulgor, como o relâmpago, é *fulgurante*; o « que cintilla, lança coriscos, dardes rayos, « despede golpes mortiferos, é *fulminante*. « A materia eléctrica é *fulgurante* e *fulminante* ao mesmo tempo; *fulgurante* em « quanto se inflama, despede o clarão metéorico que se chama relâmpago, e *fulminante* quando se condensa e estronda das « núvens com horribosos ribombos a que « chamamos trovões.

« *Fulgar* diz-se quasi sempre em bom « sentido, sem a menor idéa de estrago ou « ameaça; v. g.: a espada *fulgurante*, o escudo *fulgurante*; e no sentido translativo, « do que é brihante, resplandecente, como: « telas *fulgurantes* de ouro: *fulgurando* nas « armas de Lanoso (Ulys., VIII, 55). Em « nenhum de estes casos se poderia usar « com propriedade a palavra *fulminar*.

« A idéa de estrago, destruição e mortes « anda sempre anexa ao verbo *fulminar*; e « a seu participio *fulminante*, que é sempre « terrivel e ameaçador. O Vaticano *fulmina* « anátemas, o tirano *fulmina* castigos, o « iérico iroso *fulmina* braveza, ameaças e « mortes. Dnliz disse: *Fulminando* de negro « esquecimento o monstro horriuo (Pnd). « Em nenhum de estes casos poderia usar-se « com propriedade o verbo *fulgar*. O « primeiro é grato ao ânimo no sentido figurado; o segundo é sempre horriuo. « Folgamos de ver o que *fulgura* agradavelmente; estremecemos sempre á vista « do que *fulmino* ».

Fulheiro, batoteiro. — O *batoteiro* vive da batota e na batota; é jogador; tem o vicio do jogo, mas talvez seja leal.

O *fulheiro* é jogador de má fé, trapaceiro; iadrão ao jogo, quando joga; — o vocábulo não diz porém se o *fulheiro* joga tão á miudo como o *batoteiro*.

Fumar, fumegar. — *Fumar* é aspirar o fumo, e *fumegar* é expellir fumo. — Os homens *fumam*; as chominés *fumegam*.

Fumo, fumaça. — Diz Roquete: « A terminação *aca* da segunda palavra, « que é aumentativa, constitue toda a diferença que entre ellas ha.

« Sendo pois o *fumo* o vapor negro ou escuruo que exhala o que se está queimando ou que fermenta, *fumaça*, que é o mesmo que *humazo* em castelhano, deve significar o *fumo* denso, espesso e copioso. — « Toda a lenha quando se queima faz mais ou menos *fumo*; a lenha verde, as plan-

«tas pouco sêcas, quando ardem, levam tam grande fumaça».

Leia-se também o que de *fumaça* diz Lacerda, se bem no sentido em que a palavra *trevas* ou *ignorancia* pode com vantagem suprir tal vocábulo:

«*Fumo* é o vapor mais ou meos denso, que o calor deseevolve e faz subir ao ar. «*Fumaça* é o fumo denso, osposso e em grande quantidade, muito copioso. Em sentido figurado *fumaça* designa umas coisas sombras, como névoa densa, que obscurece alguma cousa:—A *fumaça* das superstições (LUCENA)».

Fundamental, principal. — Diz Roquete:

«*Fundamental* é o que serve de fundamento, de base, de apolo, de sustentáculo.

«*Principal* é o que ha mais digno de consideração, mais notável em qualquer cousa.—Uma lei *fundamental* é a que serve de alicerce ao edificio do Estado. A sucessão por direito hereditario é uma lei *fundamental* da monarchia portugueza e do imperio do Brazil. As leis que estabelecem a divisão dos poderes são leis *fundamentais* nas monarchias constitucionaes. — Faltando a uma casa o que tem de *fundamental*, deixaria de existir; faltando-lhe uma parte *principal* seria defeitosa, porém não cessaria de existir. — A porta numa casa é uma parte *principal* de ella, porém não é *fundamental*; porque pode continuar a ser casa ainda sem porta ou com ella tapada. — Diz-se de uma familia nobre e opulenta que é a *principal* ou uma das *principaes* da terra; mas não se diz que é *fundamental*, porque sem ella pode muito bem existir a villa ou a cidade em que tem seu domicilio.

Fundo, profundo. — *Fundo* diz-se do que é relativamente pequeno, e *profundo* do que é relativamente grande; *faz-se um buraco fundo*, e *uma cova profunda*; *o rio é fundo*; *o mar é profundo*.

O fundo do que é *profundo* está mais longe do nível superior que o fundo do que é *fundo*.

Fúnebre, funerario, lúgubre, luctuoso. — *Fúnebre* diz-se de tudo o que é relativo a um enterro e de quanto o pode recordar; extensivamente se diz do que é muito triste. *Ceremonia fúnebre*, *aparato fúnebre*, *marcha fúnebre*.

Funerario diz-se do que perpetua a memoria do que foi *fúnebre*: monumento *funerario*.

Lúgubre é o que inspira melancolia por recordar lutos, morte, ou por ser silencioso ou escuro como o sepulcro.

Lutuoso é o que causa luto.

De *fúnebre*, *lúgubre* e *lutuoso* diz Roquete:

«A tristeza e o sentimento são as idéas comuns a estas trez palavras; mas *lutuoso* acrescenta a de luto e pranto; *lúgubre*, a do dôr e melancolia; *fúnebre*, a do lamentos e mágoa, com especial referencia a funeral, aparato de sepultura, exéquias de defuntos, etc.

«A morte de um pae virtuoso e amado é um acontecimento *lutuoso* para seus filhos; as demonstrações com que estes exprimem sua dôr são *lúgubres*; as ceremonias ecclesiásticas, o aparato e pompa com que se tributam ao defunto as últimas honras, são *fúnebres*».

Fúria, furor. — O *furor* é uma especie de alienação mental momentânea que, pelos effeitos, se pode comparar á loucura ou ao delirio, mas que de elles difere essencialmente pela origem, pois não provém de nenhum estado mórbido, nem de lesão cerebral, mas só da impossibilidade por parte de quem o sente de domiar sua razão ou cólera.

Fúria é a manifestação do *furor*; este pode ás vezes reconcentrar-se, dissimular-se até; mas aquella é sempre aparente, violenta, desregrada. O touro irritado *arremessa-se com fúria contra quem se lhe põe diante*; manifesta-se assim o seu *furor*.

Resumindo de Roquete, diz Lacerda a este respeito:

«A significação de estas duas palavras é a mesma; porém não devem confundir-se. Diremos *furor marcial*, e não *fúria marcial*; *durante a fúria da peleja*, e não *durante o furor da peleja*, etc.

«*Furor* designa a agitação violenta, mas interior; *fúria* designa a agitação violenta exterior. O *furor* que está deatto em nós, o nos abraza, torna-se *fúria* quando, pondo-nos como que fóra de nós mesmos, se manifesta».

Furibundo, furioso. — *Furioso* diz-se do homem, dos animaes, e até dos elementos; *furibundo* só se diz de pessoas.

Furioso é aquelle que sente *furor*; *furibundo* é aquelle que manifesta o *furor* que o domina de modo que aterra e assusta.

Eis como Lacerda compara estes vocabulos:

«*Furioso* diz-se das pessoas, dos animaes e das cousas. *Furioso* indica o estado actual do homem possuído de furor.

«*Furibundo* é o estado de furor manifestado por acções exteriores. Com relação aos animaes, *furioso* designa carácter adequado ao furor. Com relação ás cousas designa espanto, admiração pela violencia, impeto, excesso, e por isso se diz: «*torrente furiosa*; *ondas furiosas*». A razão do *furioso* está alterada, o rosto do *furibundo* está desfigurado».

Furtar, roubar. — Tomar ou reter o alheio que sou dono poz, por assim dizer, á

nossa disposição, ou pelo menos ao nosso alcance, é *furtar*.

Tomar o alheio com violência ou sem ella, mas sem conhecimento de seu dono, nem mediando confiança de sua parte, é *roubar*.

Assim, *furtar* applica-se geralmente a cousas de menor importancia o do menos valor que *roubar*, posto que taes cousas são postas por assim dizer á disposição de quem comete o furto; mas ha mais vileza no *furtar* que no *roubar*, porque no *furto* abusa-se da confiança, e no *roubar* aproveita-se o descuido ou a fraqueza.

Roquete compara estes vocábulos com pouco criterio; diz assim:

«Els aquí a sinonímia de estas duas pá-lavras.

«*Furtar* é tomar e retor os bons de outro sem que elle o saiba. *Roubar* é tomar mal-os com violencia, e empregando para isso a força. O modo como se faz esta acção criminosa é a qualidade distintiva de *furtar* e *roubar*. Porque na nossa lingua não é usado o substantivo verbal *furtador*, como o é em castelhano, *hurtador*, e podemos dizer que tño ladrão é o que *furtar* como o que *rouba*, com a differença que no primeiro caso será ladrão occulto, no segundo ladrão descoberto, o esta é, segundo S. Jerónimo, citado por Vieira (III, 332), a differença de *fur* a *latro*.

«*Furtar* o criado quando sisa em contas e compras; *furtar* a estalajadeira quando faz pagar os viandantes mais do que é devido. *Rouba* o que são á estrada ao pacífico viajante e com a faca ou pistola nos peitos lhe pede a bolsa ou a vida; *rouba* o conquistador que com violencias, estragos e mortes se apodera de uma região livre e independente. *Furtar* supõe cohardia, desconfiança em suas proprias forças, e uma ambição desprezível; *roubar* indica audacia, uma completa dosmoralização, e um desprezo da vida depois que se perdeu o crédito. — *Furtam-se* pequenas quantidades. *Roubam-se* grandes cabedaes. — *Furta* o vicioso. *Rouba* o criminoso. — Quantas vezes, diz Vieira, se viu em Roma ir a enforcar um ladrão por ter *furtado* um carneiro, e no mesmo dia ser levado em triumpho um consul ou dictador por ter *roubado* uma provincia? E quantos ladrões teriam enforcado estes mesmos ladrões triumphantes? (III, 328) ».

Furto, roubo, rapina, latrocinio. — *Furto* é o acto de subtrahir fraudulentamente; *roubo* é o acto de se apropriar, com violencia ou sem ella, do que outrem possue e não põe á disposição do ladrão.

Rapina diz-se do roubo considerado como meio de vida de quem subsiste só do que, pela força, e talvez ao abrigo da lei, vae rouhando.

Latrocinio é o roubo violento, a mão armada, e esculpado na impunidade.

Roquete compara assim estes vocábulos:

«*Furto* é a acção de *furtar*, isto é, de tomar o alheio contra a vontade de seu dono, e sem que elle o saiba.

«*Roubo* é a acção de *roubar*, isto é, de *furtar* com ousadia e violencia. — A acção do ladrão publico, diz Leão, chama-se *roubo*; a do ladrão secreto, *furto* (Orig., fol. 39).

«*Rapina* é roubo de saiteador, isto é, roubo não só feito com violencia senão saiteando, caindo de improviso sobre a victima, e arrehatando lhe tudo que leva. Deriva-se esta palavra do verbo latino *rapio*, rouhar com violencia, arrehatar, no sentido em que disse Cicero: — *Spes rapiendi* atque prandandi obsecat animos (PHILIP. IV, 4); o do aqui vom chama rem-se aves de *rapina* as que caem de improviso, o como de salto, sobre outras aves ou animais, de cujas carnes se alimentam, o que muitas vezes arrehatam nas garras. — O condor ou grifo grande do Perú arrebatam nas garras não só cordeiros senão croanças.

«*Latrocinio* é palavra latina, *latrocinium*, e significava primitivamente os roubos que faziam os soldados (porque antigamente *latro* significava soldado pago, *milites conductus*, cuja paga se chamava em grego *latron*, e de aqui o nome *latro*, que depois significou ladrão de estrada, saiteador, *viarum obsessor*, *quod plerumque tales sunt milites, id est latrones*), e depois os feitos com mão armada e com violencia, e ás vezes com morte do rouhado, mas nem sempre, como pretende o autor dos sinónimos da lingua portugueza. Não lou elle certamente o que a este respeito diz S. Thomaz, cujas palavras são, falando dos principes: — *Si vero aliquid principes indebite extorqueant, rapina est, sicut et latrocinium*, etc., que o nosso Vieira traduziu assim: — Se os principes tomarem por violencia o que se lhes não deve, é *rapina* e *latrocinio*. De onde se segue que estão obrigados á restituição como os ladrões; e que pecam tanto mais gravemente que os mesmos ladrões, quanto é mais perigoso, e mais comum o damno com que ofendem a justiça publica de que estão postos por defensores (III, 321).

«Por mul violentos e tiranos que sejam os principes não vão cometer mortes para *roubar*; é portanto claro que a differença que ha de *latrocinio* a *roubo* ou a *rapina* não consiste em se fazer matando ou roubando, senão no abuso da força o da auctoridade que, sendo estahelcidas para proteger a justiça, de ellas se servem os malvados para *roubarem* com insolencia e muito a seu salvo ».

Futuro, vindouro. — *Futuro* diz-se do que certamente ha-de succeder ou exis-

tlir; *vindouro* diz-se do que julgamos succeder ou existir no futuro.

Assim diz-se a *vida futura* porque o dogma e as philosophias geralmente seguidas crêem na immortalidade da alma e não põem em dúvida que haja essa outra vida. Dizemos as *gerações vindouras* quando nos referimos áquellas sociedades que supomos não de existir em futuro mais ou menos remoto com outras leis sociaes diferentes das nossas.

Roquete compara muito mal estas palavras; eis o que elle diz:

« *Futuro* é o que está longe de succeder, « porém que se espera que ha-de succeder

« porque ha motivos para assim o presu-
« mlr.

« *Vindouro* é tambem o que se espera, po-
« rém que deve vir ou succeder dentro de
« pouco tempo. Neste sentido disse Andra-
« de na crónica de D. João III: — Llvrae
« o vosso povo do grande Infortunio *vindou-*
« ro (fol. 18, v.) ».

Fuzilar, espingardear. — *Espingardear* é matar a tiros de espingarda.

Fuzilar é o galicismo mais repugnante de quantos se têm introduzido na lingua— pelo menos até ao dia em que á *espingarda* se dê o nome francez de *fuzil*.



G

Gadanha, fouce.—No sentido figurado diz-se geralmente «a fouce da morte»; é «gadanha da morte» que convém dizer—a morte representando-se com a gadanha na mão e não com a fouce.

A fouce é um instrumento pequeno para ceifar curvado; a gadanha tem um comprido cabo que permite ao ceifador trabalhar em pé.

Gayola, jaula.—A gayola é pequena e destinada a avos de pequeno tamanho; a jaula é grande e destinada a animais feroces.

Figuradamente se diz: *metem-se os ladrões na gayola, e os loucos furiosos na jaula.*

Galardão, premio, recompensa.—O premio attribue-se ao mérito ou ao merecimento; a recompensa é dada no trabalho, ao sacrificio, ou compensa o tempo perdido; em galardão entra a idéa do alto apreço em que aquelle que o confere tem aquelle a quem elle é conferido.

Dão-se premios aos expositores, aos estudantes, aos vencedores numa corrida. Os grandes homens não querem outra recompensa que não seja a gratidão dos seus concidadãos. Augusto galardoou os grandes poetas do seu tempo.

Roqueiro não comprehendeu bem o significado de premio e galardão; elle proprio o confessa. Eis o que diz de essas duas palavras:

«Premio é palavra latina, *premium*, e significa em geral paga, recompensa de serviços, ou merecimentos reaes ou supostos. Vieira disse:—Com Ingratidões pagam quasi sempre os reis da terra os serviços, que são mayores que todo premio.—Galardão é palavra da lingua romana, *gueridon* ou *guerdon*, e da italiana, *guiderdone*, de onde a castelhana *galardon*, que nós pronunciámos *galardão*, a qual significava primitivamente estipendio, paga, salario; e depois significou paga de acção boa, ou má, justa ou injustamente distribuida, de que temos duas autoridades. El-Rei D. Duarte, o qual falanda dos maus, diz:—E certamente as maus das vezes os vejo receber na vida presente seus

galardões (Leal Cons., pag. 55).—E Ca-mões, falando de Pacheco, diz:

«Aqui tens companheiro, assi nos feitos
«Como no galardão injusto e duro.

(Lus., X, 23.)

«Não vemos pois que a palavra *galardão* exprima uma idéa mais nobre que premio, nem que este suponha sempre alguma obrigação de o distribuir na pessoa que o distribue; e nisto nos conformamos com Camões que usou a palavra *premio* num sentido geral e vago, e talvez com o mesmo valor que o autor dos Sinónimos quer attribuir a *galardão*, pois disse:

«Voreis amor da patria, não movido
«De premio vil; mas alto, e quasi eterno:
«Que não é premio vil ser conhecido
«Por um pregão do ninho meu paterno.

(Lus., I, 10.)

«Temos para nós que premio é palavra mais culta que galardão; que esta representa a paga de acção boa ou má distribuida com justiça ou sem ella, e que ella indica particularmente recompensa de serviços ou merecimentos, e que nisto consiste sua differença».

Lacerda não é mais explicito que o seu predecessor; diz assim:

«Estas palavras designam ambas a idéa da recompensa que se dá a alguém por serviços reaes ou supostos; mas premio parece indicar antes a recompensa que a lei estabelece para certos e determinados casos, e que se torna quasi como uma sorte de paga ou preço de serviço. Assim que, nesta significação, premio supõe obrigação de o dar naquello que o distribue. Galardão parece exprimir uma idéa mais elevada, a da recompensa conferida ao mérito sem nenhuma obrigação de a conferir. Comtudo é certo que os nossos melhores escriptores não se sujeitaram a este rigor de significação, e usaram indistinctamente de uma e outra palavra para designar a recompensa dada como divida ou meramente como obsequio, graciosa ou justiceiramente».

Galrar, cochichar, charlar, palrar, parolar. — Lacerda compara estes vocábulos dizeado:

« **Palrar** é conversar com demasiada soltura e indiscrição. O **palrador** fala desatentamente, e deixa escapar expressões importunas e inconsideradas, que muitas vezes prejudicam a elle proprio.

« **Parolar** é usar de parola e palavrorio, « falar á tôa, e talvez com jactancia.

« **Charlar** é falar fora de propósito, ou « por leviandade.

« **Galrar** é falar muito sem discrição, e « presuntuosamente.

Cochichar é falar ao ouvido de alguem « diante de outras pessoas ».

Não nos parece que Lacorda baja acertado com o verdadeiro sentido de algumas de estas palavras.

Palrar é falar muito sobre um tema ou assunto com o fim de incutir n'opinião propria no fãlmo alhofo, sem porém o conseguir por não se ser persuasivo nem eloquente.

Charlar diz-se muitas vezes por convorsar de cousas fúteis para entreter o tempo; tambem se diz no sentido que Lacorda lho attribue.

Galrar é falar muito e em voz alta, quasi gritando, como os *gárrulos*.

Ganancia, ganho, lucro. — Hojo *ganancia* e *ganho* confundem-se e a primeira das duas palavras é mesmo pouco usada. *Ganho* e *lucro* tambem se confundem, ha porém em *lucro* uma idéa algo odiosa que não se nota em *ganho*.

Todo aegociante vive do seu *ganho*; quando porém faz uma transacção ardilosa tira de ella boas *lucros*.

Roquete diz o seguinte:

« Diferencam-se estas trez palavras em « que *ganancia* é a utilidade ou interesse « que se adquire pelo trato, pelo commercio « ou por outra cousa; e *lucro* significa o proveito ou utilidade que se tira da mesma « cousa; e em linguagem mercantil é o *ganho* « que resulta de uma especulação, de « dazdas as despesas. — *Lucra* um homem « dando a alugar um traste, uma cavalga- « dura, etc.; *ganha* pondo em giro um capital.

« A *ganancia* está nas probabilidades do « commercio, e sujeita a leis; o *lucro* é proprio da mesma cousa, é uma consequencia das utilidades que presta e não está « sujeito a nenhuma lei senão á do contrario que se fez. A *ganancia* é sempre licita « e regulada pelas leis mercantis, como disse Vieira; Quem dá a cambio tem o seu « capital seguro e as *ganancias*; — o *lucro* é sempre excessivo. Ho aqui vem que a *ganancia* tem um carácter generoso, sendo « que o *lucro* signala especulações usurarias.

« *Ganho* usa-se hoje em dia em logar de

« *ganancia*; mas com pouca razão, porque « tendo *ganancia* a significação classica limitada ao interesse licito e legal que proviene de commercios, devia deixar-se a *ganancia* a significação lata de proveito ou interesse que vem do trabalho, de industria ou de qualquer producto da intelligencia e actividade do homem ».

Garantir, preservar, resguardar. — *Garantir* ao sentido de « defender » diz-se da protecção que impede que um mal possivel ou actual, pormanonte ou eventual actue sobre alguem ou alguma cousa, e isso pola virtude e efficacia do sujeito ou agente: o *para-rayos garante o edificio*.

Preservar é relativo aos males futuros, e diz-se dos actos ou das precauções que permitem afastar um mal possivel, muito provavel. A calda *bordelleza preserva a vinha do mildiu*. — Este verbo revela a idéa da perspicacia ou prudecia com que se obra.

Resguardar é pôr-se aate um mal para evitar que elle chegue á pessoa ou cousa que se quer livrar de elle: *as janelas resguardam do ar*.

Garbo, elegancia. — A *elegancia* está no aspecto exterior, no modelado da figura, no bem feito do talhe e no gosto no vestir.

O *garbo* consiste mais na virilidade aparente do porte e nas qualidades varoais e pundoaorosas do individuo.

Gasalhoso, hospedeiro. — E Lacerda que campara estas palavras:

« Estos dois vocábulos — diz — convêm na idéa comúm de bom acolhimento; mas *gasalhoso* exprime mais que *hospedeiro*.

« *Gasalhoso* é o homem que recebe um bôspede como filho bemquerido, e o introduz no seio de sua familia, e o anima e conforta.

« *Hospedeiro* é o homem que fraaqueia em sua casa, a um amigo, ou meramente coahcedido, ou aiada extranho, um quarto e uma cama ».

Acrescentaremos ao que disse o illustre socio da Academia real das sciencias de Lisboa que no seu tempo já *gasalhoso* estava fora de uso e suprido por *agasalhador*; e que *hospitaleiro* sempre foi mais correcto que o adjetivo *hospedeiro*.

Geito, habilidade, queda, propensão. — O *geito* e a *habilidade* manifestam-se no modo de obrar; a *queda* e a *propensão* no desejo de obrar.

O *geito* difere da *habilidade* em ser mais espontâneo que esta; com a *habilidade* faz-se depressa e bem; com o *geito* faz-se bem.

A *queda* — que geralmente só se applica ao que não é mau em si — indica uma disposi-

ção do carácter que consecutivamente leva para determinado objeto. Quem tem *queda* para a música anda quasi sempre trauteado e exerceita-se frequentemente nalgum instrumento. — Esta palavra não inculca nenhuma idéa de talento, nem de perfeição; não faz senão exprimir a tendência do indivíduo, e uma tal ou qual habilidade.

Propensão—que tanto se diz com relação ao bem como ao mal, é a tendência que se manifesta por indícios melhor que por factos. Nota-se que uma criança tem *propensão* para o mal quando foge do bem; nota-se que alguém tem *propensão* para o suicídio quando nnda triste e aborrecido da vida.

Veja tambem o artigo **Cadenela**, na página 188.

Gemer, queixar-se, lamentar-se.— *Gemer* é expressar a dor com sons vagos e inarticulados, ou com suspiros. *Gemer* é um acto espontâneo e involuntário: é a dor que arranca o *gemido*. *Geme* o bomem e *gemem* os animaes.

Queixar-se é expressar a dor por meio da palavra, e o mesmo se dirá de *lamentar-se*; mas quem *se queixa* não se limita à dor que sente, senão que vai até à imprecação contra quem ou contra aquilo que a causa; ao passo que quem *se lamenta* concreta-se à sua dor mas exprime-a com maiores demonstrações e mais intensamente.

O doente *geme*; o ferido por outrem *queixa-se*; a mãe que perde o filho *lamentase*.

Generalização, abstracção.— É de Roquete a comparação de estes vocabulos:

« Dois termos que alguns Ideólogos confundiram, mas que são diferentes e representam duas operações do entendimento » que os modernos chamam subsidiárias, e « que são distintas e diversas.

« A *abstracção* é aquella operação, pela qual, desprezadas algumas partes ou propriedades de um objecto, dirigimos a atenção a uma ou algumas de ellas e nelas n fixamos, e as consideramos como se estivessem desacompanhadas das outras.

« A *generalização* é aquella operação pela qual a mente se eleva ás idéas geraes.— Com a *abstracção* tira-se alguma coisa do conhecimento, diminúe-se o objecto da atenção; com a *generalização* ajunta-se, engrandece-se, em uma palavra *generaliza-se*; subtrahir e ajuntar são operações diversas. Eis aqui a descripção succinta da *generalização*:—Recebo a sensação de um objecto particular; ajunto lhe a idéa do ser, e com isto a possibilidade de infinitos objectos eguaes áquelle por mim percebido: « elleo *generalizado*. Se ao contrario, em vez de subir do indivíduo ã especie, e de esta

« ao género, separo mentalmente de aquelle objecto alguma de suas propriedades: ois « a *abstracção*.

« Quando vejo, por exemplo, uma ave, e sem me occupar da cor de suas penas, da fórma de seu bico, etc., supponho a possibilidade ou a existencia de outras aves da mesma ou similhante especie, e a ellas attribuo as propriedades que naquella descubro, *generalizo*.

A este respeito escreveu Lacerda:

« Apesar de muito frequentemente se confundirem, estes dois vocabulos representam duas operações distintas do nosso entendimento.

« *Generalização* é a operação pela qual a nossa alma se eleva ás idéas geraes.

« *Abstracção* é a operação pela qual, desprezadas algumas propriedades, aliás inseparáveis, por exemplo a largura e a profundidade, consideramos a extensão, e os fenómenos que lhe pertencem como se ella estivesse separada de ess'outras duas. « Com a *generalização* engrandece-se a idéa de uma coisa; com a *abstracção* restringe-se o objecto da nossa atenção ».

Generosidade, liberalidade, magnanimidade, grandeza de alma.— Consiste n *generosidade* no completo olvido de si proprio para só pensar no bem dos outros; ella induz á clemencia, ã beneficencia e á dedicacão. O bomem verdadeiramente *generoso* sacrifica quanto tem, e até a propria vida, para que dos seus bens e do seu ser possa advir alguma felicidade ao próximo, mas ao próximo considerado em absoluto, sem distincção de amigos nem de inimigos. *Raro exemplo de generosidade deu Codro, oferecendo a propria vida para dar a victoria a Athenas.*

A *liberalidade* é uma especie de *generosidade* que consiste em dar quanto se pode sem porém nos privarmos do que nos é indispensável.—A *liberalidade* difere porém em muito da *generosidade*, principalmente por ser a manifestação de um impulso espontâneo, o que não se pode dizer da *generosidade*, a qual — e nisso consiste a sua virtude — é reflectida e ponderada. O *liberal* dá quasi sem querer dar, o por consequencia sem sacrificio; o *generoso* dá porque quer dar, porque se decidiu ao sacrificio do que dá.

A *magnanimidade* não é propria senão das grandes personagens, e apenas se diz com referencia a acções que excedem em muito as acções ordinarias dos homens. *Sêneca elogiou a magnanimidade com que César perdoou a Cinna.*

A *grandeza de alma* é propria das pessoas enjas acções não têm nada de baixo ou ordinario. Quem tem *grandeza de alma* não comete uma cobardia, ainda que sua vida esteja em jogo. A *grandeza de*

alma de Régulo o levou a voltar a Cartago para ser fiel ao seu juramento.

Lacerda, comparando grandeza de alma, generosidade e magnanimidade, diz o seguinte :

« A grandeza de alma consiste na superioridade, na elevação dos sentimentos acima do que é comum ou vulgar.

« A magnanimidade consiste na mais sublimada elevação dos sentimentos; é, por assim dizer, qualidade essencial da alma verdadeiramente grande.

« A generosidade é a qualidade que distingue a boa geração, a nobreza de sangue, a fortaleza da alma.

« A grandeza de alma obra grandes cousas, sem atender ás dificuldades que possam opôr-se-lhe. A generosidade faz grandes cousas com sublimado desinteresse em proveito de outrem. A magnanimidade faz grandes cousas sem alardear sacrificiões, e até sem de isso lembrar-se. A grandeza de alma supõe motivos nobres e honrosos; a generosidade supõe motivos puros, e sublimos; a magnanimidade determina-se pela perfeição a que tende, e que só lhe merece ser tida em consideração ».

Gênio, gosto, saber. — Roquete e Lacerda comparam do mesmo modo estas palavras; eis o artigo do citado em último logar :

« O gênio é um dom natural, é a força da inteligência que vê com clareza o ordem o que os outros nem sequer suspeitam que possa conceber-se, e menos ainda realisar-se.

« Gosto é o fruto do estudo e do tempo, o depende do conhecimento de muitas regras.

« Saber, nas artes, é o conhecimento das regras que os artistas observam, e a comparação do seu trabalho com as leis eternas da verdade.

« O gênio sem gosto comete graves faltas. O saber sem gênio e sem gosto produz insipidez.

Gentios, pagãos, idólatras, infieis. — Assim são denominados aquellos povos cuja religião é reputada como falsa; cada um de estes vocábulo porém tem differente significação.

Gentios (do latim *gentes*, os povos) é termo com que os Hebreus designavam as nações que não observavam a lei de Moisés, e que, conseguintemente, se supunham não conhecer o verdadeiro Deus. Opõe-se portanto este vocábulo a *judeu*, e assim é que se diz: os discípulos de Jesus evangelizaram não só os judeus mas também os **gentios**. — Paulo foi o apóstolo dos **gentios**.

Pagãos é o termo com que se designam os povos que não são cristãos, e, conseguintemente, até aquellos que não têm nenhuma religião. É muito para notar que os

pagãos são uma das grandes fontes de receita que tem o clero católico (!).

Idólatras diz-se de aquellos que não só têm outro Deus que o dos cristãos, senão que adoram outra cousa além de Deus: ídolos, plantas, animaes, etc. Os *Egyptios eram idólatras*.

Infieis são os que têm uma religião differente de aquella que segue o individuo que assim alcunha a outrem. Os católicos chamam **infieis** aos mahometanos, e os mahometanos chamam **infieis** aos católicos.

Geral, universal. — **Geral** diz-se apenas com relação á colectividade; **universal**, com relação á colectividade e a cada unidade per si. Assim o que é **geral** applica-se a todos, considerando-se porém que pode haver excepções; o que é **universal** applica-se a todos, um por um, sem excepção.

O que é **geral** pode ser mais ou menos **geral** que outra cousa da sua especie; o que é **universal** não admite gradações de mais ou de menos: o **trabalho é a lei geral da humanidade**; a **moral é a lei universal**.

Roquete compara muito bem estas palavras, dizendo :

« A palavra **geral** refere-se ao mayor número dos individuos ou das cousas: **universal** abraça todas as cousas e todos os individuos. — O governo dos príncipes só deve ter por objecto o **hom geral**, isto é, o do mayor número possível de pessoas; porém a Providencia de Deus é **universal**, porque se estende sobre todo o creado.

« **Geral** comprehende a totalidade sem exame: **universal**, o completo abraçando todas as particularidades. O primeiro adjetivo supõe excepções particulares; o segundo não as admite de modo algum. Assim se diz que não ha regra tão **geral** que não tenha suas excepções; e dá-se a qualificação de principio **universal** a uma máxima cuja verdade e justiça se conhece á primeira vista. É, por exemplo, opinão **geral** que as mulheres não nasceram para sobressair nas sciencias e nas artes; porém isto não obsta para que tenham existido mulheres que brilharam nestes ou naquelles estudos. Reconhece-se como principio **universal** que os filhos devem honrar a seus paes; porque a mente do

(!) Esta asserção é corroborada pelos seguintes algarismos officiaes :

No anno de 1897 o Estado dispendeu na provincia de Angola: com as escolas officiaes 9:220\$000 réis; com o bispado, cônegos e párocos 12:894\$785 réis; com *missionarios nacionaes* 6:737\$500 réis; com o seminario 8:209\$637 réis; com os *missionarios estrangeiros* (quasi todos da ordem de S. José de Cluny, de França) 66:340\$000 réis !

« Creador se manifestou neste preceito de
« um modo tão claro, tanto em harmonia
« com as regras da equidade e da justiça,
« que não pode haver pretexto para supor
« uma excepção que seria desde logo con-
« traria a todas as leis divinas e humanas.

Germânico, alemão.—Ao mesmo indivíduo pode ser atribuída a pátria alemã com estes termos; cada um de elles sugere porém idéa diferente.

Alemão diz-se do súbdito de qualquer Estado da Alemanha; *germânico* opõe-se a latino, a slavo, ou a qualquer outra raça europeia.

Dos productos do solo e da industria só pode dizer-se *alemão*; dos usos, costumes, e de quanto é moral, diz-se indifferente-mente *alemão* e *germânico*.

Gestação, gravidez.—A palavra *gestação* é relativa ao ser gerado; *gravidez*, ao ser que gera.

Gloria, honra.—*Honra* é a distinção que resulta de acções ou de qualidades, distincção que atráe consideração, estima e respeito; esta palavra é particularmente relativa a taes resultados. Isto é, ás homenagens ou dignidades qno se seguem n taes acções ou qualidades. É uma *honra* prestar um serviço á pátria, e esse serviço é geralmente galardoado com dignidades ou elevadas funções.

Gloria diz mais que *honra*. A *gloria* é aquella grandeza ou lustre que provém de acções insignes ou de qualidades excepçionaes. A verdadeira *gloria* não quer outra recompensa que não seja a dos sentimentos de admiração que ella causa. Salvar a pátria é uma *gloria* immarcescível.

Um homem, *honra* da sua pátria, procura que a pátria lhe recompense o que elle é; porém aquellu que é a *gloria* da sua pátria, contenta-se com a fama que graa-geou.

Considerando estas palavras com relação ás cousas, *honra* diz-se do que é bom e virtuoso; *gloria* do que é illustre, célebre.

Muito bem o disse Roquete nas seguintes palavras:

« A *gloria* é, como disse Cícero, uma brilhante e mui extensa fama que o homem adquire por ter feito muitos e grandes serviços, ou aos particulares, ou á sua pátria, ou a todo o género humano. *Honra*, como aquí entendemos, é a demonstração exterior com que se venera a al-
« guem por seu mérito e acções heroicas;
« no mesmo sentido em que disse Camões:

« O fraudulento gosto que se atiaça
« C'buma aura popular, que *honra* se chama.
(Lus., IV, 95).

« Pela *gloria* emprebende o homoni vo-

« juntariamente as cousas mais difficiltozas;
« a esperança de alcançal-a o impele a ar-
« rostar os mayores perigos. Pela *honra* se
« emprebendem cousas não menos difficul-
« tozas, nem monos arriscadas; porém quão
« diferente é o objeto em cada uma de es-
« tas paixões! A primeira é nobre e desin-
« teressada, e obra para o bem público; a
« segunda é cubicosa e egoista, só por si e
« para si obra. Aquella é a *gloria* verdadei-
« ra que faz os heróes; esta é a vã *gloria* ou
« *gloria* falsa que instiga os ambiciosos; sua
« verdadeira piatura foi traçada por mão
« de mestre nesta estancia dos Lusíadas:

« Dura inquietação d'alma e da vida,
« Fonte de desamparos e adulterios,
« Sagaz consumidorn conhecida
« De fazendas, de reinos e de imperios;
« Chamam-te illustre, chamam-te subida,
« Sendo digna de infames vituperios;
« Chamam-te famn e *gloria* soberna,
« Nomem com quem se o povo nascio enganar
(Lus., 96).

« A *honra* pomposa e triumphal, que rece-
« beu em Goa D. João de Castro depois da
« heróica defeza de Diu, deixaria mui obs-
« curecida sua *gloria* se elle não nos lega-
« ra, no momento tremendo de ir dar con-
« tas ao Creador, aquellas memoráveis pa-
« lavras, que são a medida de seu desinte-
« resse o o exemplo de verdadeira *gloria*
« nunca depois imitado: « Não terei, sonho-
« res, pejo do vos dizer que ao Viso-Rei da
« India faltam nesta doença as commodida-
« des, que acha nos hospitaes o mais pobre
« soldado. Vim a servir, não vim a comer-
« clar ao Oriente; a vós mesmo quiz em-
« penbar os ossos do meu filho, e empenhei
« os cabelos da barba, porque para vos as-
« segurar, não tinha outras tapeçarias nem
« baixelas. Hoje não houve nesta casa di-
« nheiro com quo se me comprasse uma ga-
« linha; porque nas armadas que fiz, pri-
« meiro comiam os soldados os salarios do
« Governador que os soldos do seu Rei; o
« não é do espantar que esteja pobre um
« pae de tantos fillosos. (Vida de D. João
« de Castro, liv. IV) ».

« Considerada a palavra *honra* como re-
« presentando a boa opinião e fama adqui-
« rida pelo mérito e virtude, differença-se
« ainda da *gloria* em que ella obriga ao ho-
« mem a fazer sem repugnancia o de bom
« grado tudo quanto pode exigir o mais
« imperioso dever. — Podemos ser indiffe-
« rentes á *gloria*, porém de modo nenhum
« á *honra*.—O desejo do adquirir *gloria* ar-
« rasta multas vezes o soldado até á teme-
« ridade; a *honra* o contém não poucas nos
« limites de sua obrigação.—Pode a *gloria*
« mal entendida aconsolbar empresas lou-
« cns e damnosas; a *honra*, sempre refle-
« ctida não conhece outra estrada senão a
« do dever e da virtude ».

Goso, gosto, sabor.—Comparando primeiramente gozo com gosto, diz Roquete:

« O primeiro applica-se particularmente ao moral.—O **gosto** que me causou sua vista encheu de **gozo** meu coração.

« Não se diz o **gosto** da alma, senão o **gozo**; nem o gozo de comer uma pera, senão o **gosto**.

« Aplicados um e outro puramente ao moral, o gozo supõe um efeito mais inherente, mais sublime, e causado por objetos mais nobres; o **gosto**, uma sensação menos sólida, e causada por objetos mais comuns.—O gozo dos bemaventurados; o **gosto** de passear só ».

Comparando depois **gosto** com **sabor** diz assim o mesmo sinonimista:

« **Gosto** é um dos cinco sentidos, que também chamamos **gostar**, que reside principalmente na língua, pelo qual percebemos os **sabores** dos corpos que **gostamos**; também se toma pelo **sabor** que têm as cousas. Porém **sabor** é a propriedade que têm os corpos de excitar uma sensação agradável ou desagradável no órgão do **gosto**.

« **Gosto** tem de mais a mais a significação figurada de sensação agradável que resulta da bondade de alguma cousa, que faz sinonímia com **gozo** ».

Lacorda compara os trez vocábulos com muito acerto; diz o seguinte:

« **Gosto** é um dos cinco sentidos, cujo órgão é a língua, mediante a qual percebemos o **sabor** dos varios objetos da natureza. Toma-se também pelo proprio **sabor** das cousas.

« **Sabor** é a propriedade que têm os corpos de excitar uma sensação agradável ou desagradável no órgão do **gosto**.

« **Gozo**, é, com applicação ao moral, o mesmo que **gosto** com referencia ao fisico.

« Entretanto **gosto** também se diz com referencia ao moral; porém, neste caso, expressa uma idéa menos elevada, ou talvez antes mais comum do que a palavra **gozo**: —Que alegrias, que **gozo** aqui se ordena (MAUS. AFR.) ».

Acrescentaremos ao que disseram os nossos sinonimistas:—Quando **gosto** se diz por **sabor** atende-se á impressão que a substancia deixa no paladar; dizer que tal fructo tem tal ou tal **gosto**, é dizer qual o **gosto** que ella nos deixa na bôca, qual **sabor** é que ella tem.

Governar, reinar.—Reinar é exercer a profissão de monarca; governar é exercer o governo. Nas nações de regime absoluto os monarcas **reínam** o **governam**; nas nações constitucionaes os monarcas **reínam**, mas não **governam**.

Gracioso, engracado.—Gracioso é aquelle que faz rir, ainda que seja fazendo momices.

Engracado é aquelle que diz com graça. Um palhaço é **gracioso**; um orador pode ser **engracado**.

Els como Roquete compara estes vocábulos:

« **Gracioso** applica-se ás cousas que são de graça, em que ha graça, que são apriaveis, como: **privilegio gracioso**; **bôca graciosa**; **graciosos** vales, fontes, prados; e ás pessoas que liberalizam **gracías**, ou se mostram favoráveis e benéficas, como **gracioso** príncipe; **graciosa** fortuna.

« **Gracioso** usa-se além de isso como substantivo, designando um homem que diz **gracías** como por hábito, e nisto muito se differença de **engracado**, como notou o nosso Lobo, na *Córic na aldeia*: —**Ha graciosos** bem mal **engracados**.

« O **gracioso** diverte excitando o riso, por meio de acções ou ditos jocosos, e o **engracado**, recreando o entendimento com agudezas e chistes, applicados sem estudo, com viveza e oportunidade, ao assunto de que se trata.—O primeiro pode valer-se de arremedos, de ditos estudados, de extravagancias, das vantagens que pode oferecer-lhe a disposição fisica de sua propria figura, ou a singularidade de seu carácter; o segundo tudo deve á viveza de seu ingenho, e á prontidão de sua imaginação.—Um ignorante pode ter graça, ou disposição natural para divertir ou mover o riso; porém não pode ser **engracado**, porque para isto necessita-se agudeza e discrição. Por isso disse muito bem Barros no *Clarimundo*: —O homem seja **engracado**, mas não **gracioso**, se quizer manter o seu decoro.

« Como os gostos são mui varios, e a uns agrada o que a outros não contenta, diz-se com muito acerto que—**Vale mais cair em graça que ser engracado**. E pode acrescentar-se: —**Antes não morrer graciosas, que obtel-as por gracioso** ».

Gradação, graduação.—Estas palavras não são sinónimas; não obstante veja-se o que de ellas diz Lacerda, que, resumindo de Roquete, se exprime nos seguintes termos:

« **Gradação**, conforme á origem latíua, é uma progressão gradual de menos para mais, como: —núvens negras, obscuras, caliginosas (VIEIRA)—; ou de mais para menos, como: —monte, núvem, sonbo, ou nada (CAMÕES).

« **Graduação** é a disposição, a divisão em graus dos barómetros, termómetros, longos, etc. Em sentido translató, significa os graus de dignidade, officio, preeminência, etc.

Grandeza, magnitude, tamanho, volume.—A **grandeza**, na ordem de idéas em que aqui a consideramos, pon-

dera a magnitude de aquilo que consideramos como excessivo, ou pelo menos muito mayor que o ordinário.

A *magnitude* é o conjunto de todas as dimensões do sólido, ou seja a extensão que, em todos os sentidos, o sólido occupa no espaço. A palavra *magnitude* é pouco usada, quando referida a volumes, e por isso se emprega no seu sentido e em seu lugar o vocábulo *tamanho*, mas este, como vamos dizer, tem uma significação particular.

O *tamanho* é a *magnitude* que se compara com outra *magnitude* determinada; ou apenas hipotética, para servir de termo de comparação, e geralmente só se diz do comprimento e da altura, e muitas vezes só do comprimento e da largura.

Quando dizemos que o *tamanho* de um móvel é grande ou pequeno, comparamos mentalmente esse móvel com os de *tamanho* regular no seu género.

Roquete, como veremos, considera o *tamanho* como absoluto.

Volume significa, não só a dimensão, senão a massa total do sólido ou do líquido, e as partes que a compõem.

Uma extensão do espaço ou da atmosfera tem *magnitude*, mas não tem *tamanho* nem *volume*. Dizemos que um objecto é do *tamanho* de uma noz, de uma laranja, do uma mão, etc. Também dizemos que o cavallo é de mayor *tamanho* que o jumento; o que a *grandeza* do elefante nos assombra.

Vejamos o que Roquete diz de estes vocábulos, á excepção de *volume*, que não comenta.

« A *grandeza* considerada fisicamente, representa um corpo com relação ao excesso de seu volume, respectivamente ao regular e comum de outros corpos, e sem relação determinada a suas medidas e proporções; a *magnitude* o representa de haixo de uma idéa determinada, com relação a suas proporções ou medidas. — Admira-se a extraordinária *grandeza* do sol, e mede-se por meio de instrumentos astronómicos sua verdadeira *magnitude*.

« O *tamanho* representa também determinadamente o volume, porém usa-se com mais propriedade quando se trata de corpos mais pequenos, dos do nosso uso, dos que manejamos, dos que podemos medir facilmente; e *magnitude* quando se trata de corpos muito grandes, ou inacessíveis. — Calcula-se a *magnitude* de um planeta; compra-se uma caixa de um *tamanho* proporcionado. — Nem o *tamanho* se applicaria com propriedade ao planeta, nem a *magnitude* á caixa.

« A *grandeza* é relativa, a *magnitude* e *tamanho* são absolutos, porque não é grande de nem pequeno um corpo considerado só, senão relativamente a outro, e esta comparação o constitue tal; porém todo corpo tem por si mesmo, independentemente de toda comparação, as medidas e propor-

ções que formam sua *magnitude* e *tamanho*.

« *Grandeza* usa-se com muita frequência e é propriedade no sentido figurado, como *grandeza* de alma, do ânimo; *magnitude* usa-se menos, o talvez á má parte, como equivalente de gravidade; *tamanho* só se usa no sentido físico: não se dirá nunca *tamanho* de alma, de ânimo; o se dissermos o *tamanho* da alma, do ânimo, suporíamos que a alma e o ânimo eram corpos que tinham tal ou tal dimensão ».

Grandeza, majestade.—Diz La-cerda :

« *Grandeza*, no sentido em que aqui se toma, significa extensão, tamanho de alguma cousa, e, figuradamente, poder.

« *Majestade* indica magnificência, ostentação; e, om sentido translativo, seriedade, e gravidade de alguma pessoa.

« *Grandeza* indica luxo, poderio, soberania. *Majestade* indica decôr, dignidade, seriedade. *Grandeza* refere-se á parte material das cousas, e *majestade* ao ideal das mesmas cousas ».

Grandíssimo, muito grande. — Roquete toma estes adjetivos como exemplo geral para estabelecer a sinonímia entre todos os adjetivos terminados em *íssimo* e as expressões superlativas om que o positivo se acha precedido de *muito*.

Eis como elle se exprime :

« Diz o autor dos Sinónimos da lingua portugueza, e já antes de elle havia dito o académico Francisco Díaz, que só desde o século XV foram adoptados pelos nossos escritores os superlativos de uma só forma om *íssimo*, imitando o latim. Não é inteiramente exacta esta asserção, como já notámos em o *Leal Conselheiro*, pag. 213, edição do Paris. El-Rei D. Duarte chama aos senhores ou príncipes *illustrissimos* e *serenissimos*; nas côrtes de Évora de 1811 encontram-se os superlativos *sanctissimos*, *cristianissimos*, *grandissimos*, etc. É comtudo certo que este uso não era regular, nem muito geral, e que se usava muito frequentemente da grosseira forma *muito*, ou *muito muito*, om vez do superlativo *multissimo*. Da introdução de esta forma resultou não uma estéril abundância da expressões perfeitamente sinónimas, senão uma gradação mais ampia, ou para melhor dizer, mais um grau na oscilla qualificativa dos objectos. Assim que, *muito grande*, é mais que *grande*, porém *grandissimo* é mais que *muito grande*. A mesma differença se dá entre *muito rico* e *riquissimo*, *muito douto* o *doutissimo*, etc.

Acertado andou Roquete em falar do esta sinonímia, posto que nas gramáticas do seu tempo, e crêmos que ainda nas de hoje, se ensina que entre as formas om *íssimo* e

as expressões superlativas de muito não ha nenhuma diferença.

Grangeia, confeito. — A *grangeia* é o *confeito* muito miúdo com que se enfeitam certas peças de doce.

Granja, quinta. — É Roquete quem compara estes vocábulos:

« Ainda que estas palavras se referem a uma idéa comum, ha entre ellas grande diferença.

« *Granja* significa herdade ou predio rústico, que se cultiva para lucrar em seus frutos. *Quinta* significa um predio rústico, mas de recreio, e até de luxo, de que seu dono se contentava antigamente de tirar só a *quinta parte* de seu producto, como em reconhecimento da propriedade do domínio, deixando tudo o mais para augmentar os ornatos que recreiam o ânimo. — As grandes propriedades rurais do Alem-tejo são verdadeiras *granjas*; nos arredores de Lisboa, e em Cintra ha muitas e belas *quintas*. De todas, a mais notável é aquella onde se retirava D. João de Castro depois de suas proezas militares, não para satisfazer interesses materiaes, senão por desejar viver para si mesmo, habendo-se no serviço da patria de maneira, que nem o desamparava como inútil, nem o buscava como ambicioso. É mais provável que D. João de Castro cortara as árvores frutíferas e plantara árvores silvestres e estéréis mais pela razão acedada, de que a sua fazenda era, não uma *granja*, senão uma *quinta*, do que o fizera — quiza mostrando, que servia tão desinteressado, que nem da terra que agricultava esperava paga do beneficio, — como diz o autor de sua vida ».

Gratificação, recompensa. — A *gratificação* é um acto voluntario por parte de quem a dá, mas não deixa por isso de ser até certo ponto merecida por parte de quem a recebe. Um empregado que mostra zelo e intelligencia no exercicio de suas obrigações é merecedor de uma *gratificação*, a qual é como um supplemto ao seu ordenado, e corresponde ao supplemto de trabalho que elle teve para apressar a conclusão de aquillo de que estava incumbido. *Recompensa* é a equivalencia, ou o que se reputa como equivalente a algum serviço prestado, fora de toda a obrigação. Veja-se tambem o artigo **Galardão**, na pag. 477.

Roquete comprehendeu as palavras *gratificação* e *recompensa* do seguinte modo:

« Estas duas palavras têm uma idéa comum, qual é a remuneração de qualquor trabalho; porém distinguem-se pelo caracter com que se dá. A qualidade distintiva de estas duas palavras consiste em que a primeira é produzida pelo reconhe-

cimento, a segunda pela compensação. « Na *gratificação* pode obrar a vontade; na *recompensa* só o dever. *Gratificação* é a entrega de alguma cousa em remuneração de qualquer serviço; *recompensa* é a satisfação que se faz de uma cousa por outra equivalente. A *gratificação* nunca será uma paga como a *recompensa*. A *gratificação* leva consigo a generosidade e o reconhecimento de serviços antecipados que merecem um premio; a *recompensa* é obrigatoria, porque tal é a força das acções que a merecem, que se faltar a justiça se não se obrasse de este modo. — A *gratificação* dá-se; a *recompensa* adquire-se.

Gratis, gratuitamente. — Estes adverbios significam « de graça », mas sugerem idéas diferentes.

Gratis exprime que não se tem de pagar aquillo que geralmente se faz por dinhelro.

Gratuitamente põe em evidencia o desprendimento da pessoa que não faz pagar os seus serviços.

Os médicos que dão consultas *gratis* nas farmacias têm geralmente um tanto por cento no recetuario, e procuram, além de isso, crear-se nome.

O médico que trata *gratuitamente* um doente é bondoso e desinteressado.

Graúdo, grande. — *Graúdo*, no sentido recto da palavra, diz-se sómente dos productos da agricultura e da industria que, sendo geralmente de tamanho diminuto, fomos que são algo mayores que de costume: *chumbo graúdo*; *castanha graúda*.

Grande diz-se de tudo que, sem ter um limite determinado de comparação, se reputa mayor que o tamanho ordinario.

Flguradamente, os **grandes** são individuos da nobreza; os **graúdos**, são os ricos e influentes.

Gravame, onus. — O *gravame* é mais pesado que o *onus*. O aboletamento é um *onus*; mas proporcionar cavalgadas aos officiaes que as exijam é um *gravame*.

Grave, sério. — Estes adjetivos applicam-se a pessoas e a assuntos.

Sério diz-se de quem não está alegre ou não ri; e tambem de quem, por natureza, poucas vezes se desprende da seriedade que lhe é habitual.

Grave diz-se de quem, quer por efeito da vontade, quer por natureza, mostra nos seus actos e nas suas palavras certa seriedade e circumspecção, não só em determinadas circumstancias, mas em todas ellas.

Ha occasiões em que se está mais **sério** que de costume. Um magistrado deve ser **grave**. Um homem superficial e ligeiro nunca será **grave**.

Falando de cousas, *grave* diz mais que *serio*. O que é *serio* é importante; mas o que é *grave* tem importância excepcional.

Roque, demasiado extenso na comparação de estes vocábulos, foi resumido por Lacerda nos seguintes termos:

« Homem *grave* é o que conserva com regularidade e modestia os deveres do seu estado, idade e posição social. O homem *serio* é o que não zomba nem graceja fora de tempo e lugar, mas guarda em tudo certa medida, de sorte que não pode ser acusado facilmente com fundamento de « faltar ao que lhe cumpre por mais ou por menos. Um homem pode ser *serio* por hábito; porém é *grave* por efeito da reflexão ».

Grávida, pejada, prenhe. — A comparação de estes vocábulos é devida a Lacerda:

« *Prenhe* designa o estado da fêmea, que « traz a creança no ventre. *Grávida* indica « o peso que a fêmea sente quando anda *prende*. *Pejada* faz referencia ao embaraço ou estorvo que, no estado de prenhez, « a mulher experimenta nos seus movimentos: — De aqui é quadrar mais à sagrada « Virgem o nome de *prende*, que o de *grávida*, « e *pejada*, pois não sentiu algum « vazio ou pesadume em seu ventre. (AR- « RAES). — Hoje na linguagem solemne usa- « se de preferencia da palavra *grávida*, e « na linguagem comum da palavra *pejada*, « falando das mulheres. No sentido figura- « do prefere-se a palavra *prende*, e assim « se diz: — palavras *prende*; terras *prende* « de ouro e prata; nuvens *prende* do rayos; « topete *prende* de poivilhos — disse Nico- « lau Tolentino ».

Grêta, fenda, fissa, abertura, resquício. — A *grêta* provém da dilatação ou contracção dos corpos: a terra excessivamente secca abre-se em *grêtas*. O frio abre *grêtas* nos labios.

Fenda é a *abertura* estreita e prolongada que não chega a dividir inteiramente algum corpo sólido: *paredes com varias fendas*.

Fissa é a *fenda* estreita: *espreitar por uma fissa da porta*.

Abertura é a solução de continuidade que permite o passo de alguma cousa: *havia na parede uma abertura pela qual podia passar um homem*.

Resquício, propriamente falando, é o espaço que ha entre o quicio e a porta; e, extensivamente, qualquer *fenda* por onde a claridade passa a custo.

De *grêta*, *abertura* e *resquício* diz Roque-

te: « A differença que existe entre a significação de estas tres palavras é bem fácil de notar. A primeira é uma rotura natural propria de dilatação ou contracção de

« corpos sólidos ou dos efeitos do calórico.

« A segunda é uma racha aberta de propósito to com instrumento cortante. A terceira « é, rigorosamente falando, a *abertura* que « ha entre o quicio e a porta, e por exten- « são qualquer fenda por onde penetra a « custo a luz.

« A *grêta* e o *resquício* são naturaes, a « *abertura* é artificial.

Guaite, manopla, luva. — Roque- te, elucidando muito acertadamente a differença existente entre *guaite* e *manopla*, diz o seguinte:

« Antes que se tivesse introduzido na Il- « gua a palavra *luva*, que vem do lugrez « *glove*, não se conheciam outras para desi- « gnar o resguardo com que se cobre a mão, « senão *guaite* e *manopla*; mas havia entre « ellas esta grande differença. O *guaite* era « resguardo ou ornato do camurça, pelica, « etc., em que se molia a mão, a mesma « cousa que hoje se conhece pelo nome de « *luva*; e *manopla* era a peça do arnez com « que se guarnecia a mão, e toda de ferro. « A *manopla* é muito mais antiga que o « *guaite*. Desde que se deixou de usar a ar- « madura, não houve mais *manopla*, e ficou « o *guaite*; depois veio a *luva*.

« Por isso que tem a nossa lingua a pala- « vra *luva*, que não existe entre Francezes, « que dizem *gant*, nem entre Italianos que « dizem *quanto*, nem entre Espanhoes, que « dizem *guaite*, classificaremos de este mo- « do as tres palavras: falando dos tempos « modernos diremos sempre *luvas*; falando « dos tempos immediatos à cavalaria andan- « te, diremos *guaite*; e falando dos cava- « leiros vestidos de ferro, só deveremos di- « zer *manoplas*, que é o termo proprio; com- « tudo alguns escriptores usaram da palavra « *guaite* neste caso, a qual entre nós é me- « nos equívoca por termos a moderna, *luva*, « que não têm as outras linguas neo-latinas. « Parece que no uso de estas palavras se- « guimos os Inglezes os quaes não têm ou- « tra palavra para designar *guaite* e *luvas* « senão *gloves*, e designam as *manoplas* pe- « la palavra *gauntlets*, que muito se parece « com *guaite* ».

Guarda, plique, escolta, patrulha, ronda. — Roque distingue perfeitamente estes vocábulos dizendo:

« Estas palavras differenciam-se no carac- « ter que têm as pessoas armadas que des- « empenham as funções militares por ellas « designadas.

« *Guarda* é o corpo de soldados que as- « segura ou defende algum posto a elles « confiado. *Pique* é certo número de sol- « dados que pertence a uma companhia, « com seus officiaes, e que estão prontos pa- « ra qualquer operação. *Escolta* é uma por- « ção de soldados que acompanha e vae « dando guarda a qualquer pessoa ou cousa.

« **Patrulha** é uma esquadra dos soldados
« que se põe em acção para rondar, ou co-
« mo instrumento de força para reprimir
« qualquer desórdom.

« **Ronda** é a visita do gente armada que
« se faz de nouto em roda (*à la ronde*) de
« uma praça, de um arrayal ou campo mili-
« tar, para observar se as sentinellas estão
« alerta, etc.; tamhem ha rondas de justi-
« ça que andam pela cidade, etc., para
« evitar disturbios, e manter a segurança
« dos habitantes, etc.

« Não tem fundamento nenhum a diferen-
« ça que estabelece o autor dos *Sinónimos*
« entre *patrulha* e *ronda*, dizendo que esta
« é de gente do pé, e aquella de gente do
« cavallo, alegando a autoridade de D. Fr.
« Manuel. Nem em castelhano, nem em Ita-
« liano, nem em inglez, existe tal diferen-
« ça; e a Academia franceza diz no seu dic-
« cionario: — *Patrouille à pied, à cheval*. — É
« necessario não conhecer Lishoa de pois do
« conde de Novion para não saber que a ci-
« dade era percorrida donoute por *patrulhas*
« de pollicia a pé e a cavallo, e que egual ser-
« viço faz hoje a guarda municipal, *patru-*
« *lhando* a pé e a cavallo. Fiquê pois assen-
« te que a *patrulha* é a gente de pé ou de
« cavallo, mas sempre gente de guerra, e
« para segurança dos habitantes, etc.; e a
« *ronda* é ordinariamente de gente de pé
« para viglar as sentinellas *à roda*, e nisto
« se distingue da *patrulha*.

Guarda-fogo para fogo. — É de

Roquete a comparação de estes vocâbulos:
« *Guarda-fogo* é chapa ou grade de ferro
« na chaminé contra a qual se faz o lume,
« ou parede que se eleva entre duas pro-
« priedades de casas para quo o fogo senão
« comunique no caso de pegar numa de el-
« las. *Para fogo* é móvel ligeiro, como ban-

« deira de papel, pano, etc., que se põe
« deante das chaminés para desviar o ca-
« lor do rosto, da cabeça, etc., e recehel-o
« nas pernas, etc., como se usa nos paizes
« frios ».

Guarda-portão, porteiro. —

Guarda-portão é o guarda da porta de uma
casa apnlinçada ou de um palacio.

Porteiro é o guarda de um a casa modesta.

Tamhem nos conventos ha *porteiro*, não
guarda-portão.

Guarda-vento, para vento. —

Guarda-vento é obra de madeira posta in-
teriormente doante das portas dos templos
para resguardo do vento e para não serem
devassados.

Para vento é uma especie de hlombo, ge-
ralmente de uma só folha encaixilhada.

Guindar, içar. — *Guindar* é elevar
ao alto grandes pesos por meio de um apa-
relho quo facilite a oporção, geralmente
o guindaste.

Içar é elevar um objeto por meio do po-
lê, puxaado pela corda a que está sujeito.
Iça-se a bandeira.

O illustro socio da Academia Real das
Ciencias de Lishoa, sr. Cândido de Elguei-
redo, gulando-se pela etimologia que Fa-
ria attribue a esta palavra, diz que *icar* se
deve escrever *issar* ou *hiisar*. Nós escreve-
remos o aconselharemos que se escreva com
a ortografia seguida até agora, pois, como
termo marítimo, *icar* vem-nos, como a mayor
parto dos termos náuticos, do espanhol, lin-
gua em que se diz *izar*, e sahido é quo o *z*
castelhano quando não se conserva nns pa-
lavras portuguezas passa para *c*.

Veja-se o artigo **Alar**, na página 60.



H

Habilitações, conhecimentos.

— As *habilitações* concedem-nas os diplomatas; os *conhecimentos* adquirem-se pelo estudo.

É certo que ter *habilitações* supõe ter *conhecimentos*; não obstante não é menos raro ver pessoas que têm *habilitações* sem terem *conhecimentos*, como vêr outras que têm muitos *conhecimentos* sem terem *habilitações*.

Habitar, morar, residir. — *Habitar* diz-se com relação ao lugar onde se habita, do uso que se faz da casa; e nisso se distingue de *morar*, que apenas se refere ao lugar: *moro na rua de Luiz de Camões, onde habito uma casa que tem bela vista de terra e de mar.*

Residir sugere a idéa accessória das relações sociaes, e interesses particulares: *resido em Lisboa.*

Hacanea, garrano. — *Garrano* é cavalo pequeno; *hacanea* é cavalo ou égua de corpo mediano, mas elegante e manso. A *hacanea* é própria para ser montada por senhoras.

Vejase o artigo *Cavalo*, na página 214.

Hálito, alento. — Designam estas palavras o ar que sae dos pulmões, mas o *alento*, como já fica dito na página 68, é esse ar exhalado involuntariamente, e formando parte da respiração, ao passo que o *hálito* é o *alento* considerado sob algum dos seus caracteres ou particularidades. *Na pessoa cujo hálito (não cujo alento) cheira mal.*

Hangar, alpendrada ou alpendre. — O *hangar* differença-se da *alpendrada* ou do *alpendre* em ser de construção mais cuidada, em ter columnas de ferro ou de pedra lavrada, e em ter muito pé direito.

O sr. Cândido de Figueiredo aconselha a ortografia e a prosodia *ângar*, derivando o vocábulo de uma palavra persa: *angaru*. — O nosso vocabulario não foi geralmente huscar tão longe os seus termos, e este, particularmente, novo como é na lingua, vem-nos cá de muito mais perto: é o francez *hangar*, tomado do haixo latim *angarium*, alpendre de ferrador. — Partidarios da sim-

plificação da ortografia, não iremos em contra de quanto seja tendente a fazer desaparecer do alfabeto a inútil letra *h*; não podemos porém concordar com a pronuncia grave de esta palavra, pois quer a consideremos derivada do francez, quer do haixo latim, temos de pronunciar-la aguda. Em quanto á derivação persa, parece-nos que o melhor é não nos motermos em cavalarias altas.

Harém, serralho. — Propriamente, estes vocábulos não são sinónimos.

O *harém* é o aposento ou casa onde habitam as mulheres dos mahometanos.

Serralho é o palacio do sultão, e dos principes mahometanos.

Harmonia, melodia. — *Melodia* é uma série de sons de que resulta um canto ou música agradável.

Harmonia é o conjunto de sons que, combinados, constituem acorde musical.

Pode haver *harmonia* sem *melodia*, mas esta tem forçosamente de ser *harmónica*.

A este respeito diz Roquete :

« *Melodia* é o som ou canto suave e continuado que agrada ao ouvido, e que é produzido por uma só voz ou por um só instrumento, que não é concordante, como são os de vento. A *harmonia* resulta da união de varios sons agradáveis, e que pela arte estão combinados de tal modo que formam um só. O som de uma flauta, de uma clarineta (sic), doce e destramente tocada, é *melodioso*. O concerto de varios instrumentos, quando se toca uma *sonfonia*, é *harmonioso*. Os registros de um órgão considerados em particular como imitando um instrumento, podem ser *melodiosos*; combinados uns com outros, são *harmoniosos* ».

Haver, ter. — *Ter* indica claramente a posse; *haver* supõe-na; é também desiderativo: *que Deus haja.*

Herança, hereditariedade, successão; legado, deixa. — *Herança* é tudo quanto nos vem dos nossos ascendentes por via de direito; e, extensivamente, o que nos vem dos colateraes, ou

mesmo dos estranhos, por testamento. — Falando dos ascendentes, *herança* abrange não só o material, senão também o que é moral: *antigamente os filhos dos grandes homens não recebiam outra herança que não fosse um nome illustre; hoje, os filhos dos pequenos homens recebem por herança pingües fortunas.*

Hereditariedade é o direito do herdar. Diz-se de tudo quanto se pode receber dos ascendentes, descendentes ou colateraes: *direito de hereditariedade no pariato. Não ha aristocracia sem hereditariedade de nobreza.*

Sucessão é a transmissão de bens ou de direitos com os encargos inherentes. Consequentemente pode dar-se o caso da *sucessão* ser prejudicial, isto é: que os encargos sejam superiores aos bens, o passivo ao activo. — Este vocábulo serve também para designar o conjunto dos bens em partilhas. — Para outra ordem de idéas do vocábulo *sucessão*, veja-se o artigo **Herdeiro**.

Legado e *deixa* diz-se do que se lega por testamento a quem não é o principal herdeiro. — *Deixa* é termo familiar.

Roquete compara *herança* com *hereditariedade*, á qual chama *direito hereditario*; eis o que elle diz:

« Indicam estas duas palavras o que se herda ou deve herdar depois da morte de uma pessoa. Porém distinguem-se, numa *sucessão*, os direitos em virtude dos quaes se herda, e os bens que se herdão. Designam-se os primeiros pela expressão *direito hereditario*, e os segundos pela palavra *herança*. — Acelta-se, ou renuncia-se ao *direito hereditario*; toma-se posse da *herança*, isto é, dos bens a quo o *direito hereditario* concede a legitima posse.

« O *direito hereditario* é a *sucessão* aos direitos do defuncto; a *herança* é a *sucessão* aos bens. — Entra-se no *direito hereditario*; toma-se posse da *herança*.

Herborista, herborizador, hervanario, herbolario. — *Herborista* é aquelle que anda colleccionando plantas. Se o *herborista* é entendido, isto é, se collecciona cientificamente, talvez se diga com mais propriiedade *herborizador*.

Hervanario é o que vendo plantas medicinaes.

Herbolario, que alguns confundem com *hervanario*, é aquelle que conhece as plantas medicinaes.

Herdeiro successor. — Deixemos a Roquete a comparação de estes vocábulos:

« *Herdeiro* é aquelle a quem pertence a *herança*.

« *Successor* é o que succede a outro, ou o que herda por morte de outro. No primeiro caso é muito differente de *herdeiro*, porque que podo algum succeder no cargo, no

« emprego, no beneficio, etc., de outro sem por isso ser seu *herdeiro*; mas no segundo representa a mesma idéa, só com a differença relativa de referir-se a palavra *sucessor* á entrada da nova pessoa na linha de *sucessão* e gozo dos direitos a ella annexos, e referir-se a palavra *herdeiro* á posse de bens o riquozas em quo entra, pelo acto de succeder ao defuncto de quem era *herdeiro*.

« Nos morgados e monarquias hereditarias ha só um *successor*, que succede ao fallecido senhor, o de quem herdão o vinculo ou o trôno, mas, se ha bens livres, são tantos os *herdeiros* quantos os filhos. — O *successor* de um papa defuncto não é quasi nunca seu *herdeiro*; nem os *herdeiros* de um papa têm nada que fazer com o pontificado, porque os papas não succedem por *direito hereditario*, senão por *direito electivo*.

« Onde a *sucessão* não coincide com a *herança*, *successor* não é de modo nenhum sinónimo de *herdeiro* ».

Heresiarcha, herege. — *Herege* é o sectario de uma heresia.

Heresiarca é o fundador de uma seita herética.

Roquete compara *herege* e *heresiarca* com *heterodoxo*, dizendo:

« Da differente etimologia de estas troz palavras resulta a differença de suas significações.

« A palavra *heresia*, em latim *hæresis*, vem do grego *aireis*, de *aireô*, tomar, e significava primitivamente, acção de tomar, escolha, eleição, seita, opinião boa ou má. Dizia-se a *heresia* *peripatética*, a *heresia* *escolástica*, a *heresia* *cristã*, etc., e esta denominação não tinha nada de odioso. Temos prova de isto naquella logar de S. Paulo, que escrevendo aos Corintios, e reprehendendo as divisões que havia entre elles acerca da maneira de comerem as *ágapes*, diz-lhes: *Dei gar kai airesis en umin einai inam oportet et hereses esse*; porque é conveniente que haja *heresias* entre vós, para que se descubram os que são firmes na fé (I. aos Corintios, XI, 18). Referia-se o apóstolo não a pontos do dogma, senão da disciplina; e segundo o valor do verbo impessoal *gre-go dei*, é necessario, é forçoso, nos dá a entender não uma necessidade absoluta, senão uma cousa mui ordinaria e quasi inevitável, atondida a inconstancia humana, a soberba o a propensão a novidades, como tinham os Corintios.

« Com o andar do tempo, crescendo cada vez mais a vaidade, a soberba, a protervia de certas seitas religiosas contra os dogmas fundamentaes da Igreja católica, única mestra da verdade, foram aquellas anatematizadas, e a palavra *heresia*, mui innocente em seu principio, veio com

« razão a ser tida em grande horror, e chamaram-se odiosamente *hereses* a todos os « que se afeiravam a uma opinião contrária à doutrina da Igreja. *Herege* (*haeretici*, *airéticos*) é pois a pessoa que crê ou sustenta com tenacidade um sentimento declarado, porém errôneo, contra a « Igreja.

« *Heterodoxo* é palavra grega, *heterodoxos* « (de *eteros*, outro, *doxa*, opinião), e significa « ca o que segue uma opinião ou doutrina « diversa da communmente recheida, e em « geral, não boa nem recta.

« *Heresiarca* é tambem palavra grega *ai-resiarkes* (de *airesis*, heresia, e *arké*, ca-beça, chofe), e diz o mesmo que autor, « chefe de *heresia*, ou de uma seita *herética*, Arrio, Luthero, Calvino, etc., são *heresiarcas*.

« O *heterodoxo* dissente da opinião comum em seu erro, mas não resiste á autoridade doutrinal da Igreja; quando esta decide, submete-se, e não faz partido; « e se assim não obra o *herege*. Este não só « erra, senão que se rebela contra a autoridade legitima, e com orgulho, dureza o contumacia lhe resiste, e a combate. E ás « vezes se faz fautor de erradas doutrinas, « e cabeça de sectários, guerreando por todos os modos a Igreja universal, e então « é *heresiarca*; como diz Vieira de Luthero: — Rebelou-se contra a Igreja, e fez-se então o *herege* senão *heresiarca* (VII, 83).

« O oposto de *heterodoxo* é *ortodoxo*, *orthodoxos* (de *orthos*, recto, justo, o *doxa*, « opinião), e *ortodoxo* é aquelle cujas opiniões e sentimento estão em tudo conformes com a doutrina da Igreja católica. « O oposto do *herege* é *católico* (*katholikos*, « geral, universal), isto é, que segue os « sentimentos o opiniões do comum dos « fiéis, que sante como a Igreja católica.

« Luthero e Calvino começaram por ser « *heterodoxos*, emitindo e ensinando opiniões opostas á doutrina da Igreja; passaram a ser *hereses*, resistindo á legitima « autoridade eclesiástica, e revoltando-se « altamente contra ella; e acabaram por « ser *heresiarcas*, fazendo-se cabeças de seitas turbulentas e sanguinarias, que rasgaram o seio materno que lhes dera o « ser ».

Heroc, grande homem ou homem illustre.—*Heróe* é vocábulo de significação mais restricta que a expressão *grande homem* ou *homem illustre*.

Heróe diz-se particularmente de aquelle que se illustra em actos de coragem ou de grande audacia, particularmente em actos em que se expõe a vida.

Grande homem ou *homem illustre* diz-se do homem que se distingue por quaesquer qualidades brilhantes, seja qual fôr a natureza do seu mérito.

Note-se porém que as qualidades que tor-

nam o homem *heróe* são puramente exteriores, ao passo que as do *homem illustre* são interiores.

Um mau general, que não sahe dispôr o seu exército, não é um *homem illustre*; pode porém conduzir-se como *heróe*, o chegar até a derrotar o inimigo.

Heroismo, heroicidade.—O *heroismo* é o conjunto de qualidades e acções que elevam um homem á classe de heróe.

A *heroicidade* é a qualidade do heroico, e tamhem qualquer acção heroica.

Historiador, historiographo.—Diz Roquette:

« Amhos estos literatos escrevem a historia, mas de diferente modo e com diversas circunstancias.

« O *historiographo*, isto é, escritor de historia, é um literato pensionado do Estado « ou do um príncipe, para escrever sua historia, o corresponde quasi sempre ao que se chamava cronista. *Historiador* é um literato que compõe uma historia, sem ser « pensionado, o quasi sempre não contém porânea. Racine e Boileau foram escolhidos por Luiz XIV para seus *historiographos*; Voltaire foi *historiador* do século « de aquelle monarchia.

« O *historiographo* é um simples analista « que refere acontecimentos, reúne matérias; o *historiador* escolhe-os, põe-os em « ordem, examina os factos, julga os homens e as cousas. Costuma este ser mais adutor e mais imparcial que o *historiographo*, e se possio as demais qualidades de bom *historiador* lega a seus similhantes um dos melhores presentes que se lhes possam fazer, que é uma boa historia, o que nunca fará aquelle.

« Se a historia é, como disse Cícero, tesomunha do tempo, luz da verdade, vida da memoria, escola da vida, mensageira da antiguidade; ou como, talvez melhor, descreveu Vieira:—mãe de verdade, emula do tempo, depósito das acções, testemunho do passado, exemplo e aviso do presente, advertencia do futuro; aos *historiadores* se deve tão inestimável tesouro ». Lacerda, em poucas palavras, põe tamhem a cada qual em seu devido logar; eis o que diz:

« O *historiographo* é um homem pago para « escrever a historia de uma nação, ou de um príncipe. *Historiador* é o sabio não « pago, que compõe a historia, quasi sempre não contemporânea. O *historiographo* « é um simples cronista que aponta factos « e reúne materiaes. O *historiador* examina « aquelles factos, coordena-os, analisa-os « o os julga ».

Homem (O), os homens, a especie humana, o género humano, a humanidade.—O *homem*, é uma expres-

são genérica com a qual se designa um ser dotado de certas faculdades, de certos direitos e de certas relações: *uma das maiores vantagens que o homem tem sobre os animais reside no ddo. polegar. Os direitos do homem. O dominio do homem sobre a natureza.*

Os *homens*, é uma expressão que considera no conjunto de todos elles aquellas particularidades que nascem das relações sociais que os *homens* têm entre si, e que, salvo as excepções formam como o geral da vida. **O homem deve fugir dos homens.**

A *especie humana* é uma fracção do reino animal: a **especie humana** *acomoda-se a todos os climas.*

O *gênero humano* e a *humanidade* são expressões que fazem alusão á parte mais nobre e elevada da criação; não obstante, *humanidade* adequa-se melhor ao moral; assim diremos que: a *abolição da escravidão* foi um dos progressos que a **humanidade** ultimou no século XIX.

Lacerda, comparando as expressões o *homem*, os *homens* diz o seguinte:

« O *homem* exprimo a idéa do individuo da especie humana. Os *homens* exprime a idéa de este mesmo individuo nas suas relações sociais com os seus semelhantes. Se não é facil conhecer o *homem* do baixo de todas as considerações fisiológicas e moraes, muito menos facil, ou antes muito difficil é conhecer os *homens* em todas as relações de uns para com outros.—Peor do que o *homem* nada, senão os *homens*, pode encontrar-se — escreveu um moderno, no, trajando á inglaterra este pensamento de *Sêneca* ».

Homem (o), todo o homem. — Comparando estas duas expressões diz Roqueto:

« O artigo determinativo *o* da primeira expressão designa a especie humana com relação ao gênero animal. O adjetivo *todo* da segunda designa a coleção total dos individuos de esta especie. Em linguagem lógica, o *homem* refere-se á comprehensão da idéa; *todo homem*, á sua extensão.

« Nas proposições em que o attributo não fôr essencial ao sujeito, qualquer das formas é verdadeira e exprimem ambas a mesma idéa, taes são as seguintes: **o homem é racional, o homem é mortal; todo homem é racional, todo homem é mortal.**

« Porém, quando o attributo não fôr essencial ao sujeito, o *so* lhe convier numa generalidade moral, então cada uma das formas tem seu valor diferente, e podem não ser ambas verdadeiras, taes são as seguintes: **o homem é inconstante, todo homem é inconstante;** a primeira é verdadeira, porque considerada a espe-

« cie humana em abstracto, vê-se que a inconstancia é um dos seus defeitos, pois ha alguns homens inconstantes; a segunda é falsa, porque, ainda que alguns homens sejam inconstantes, nem todos o são, e muitos ha constantes ».

Homem. varão. — *Homem* designa não só o macho do gênero humano, mas extensivamente, applica-se a todo individuo de esse gênero. Dizer que o *homem é mortal* é dizer que homens e mulheres são mortaes.

Varão designa particularmente o homem que revela juizo, valor, experiencia, etc.

Assim diz Lacerda a este respeito:

« *Homem*, propriamente, designa o individuo masculino da especie humana. Ás vezes comtudo toma-se por toda a especie, abstraindo da diferença dos sexos. *Varão* é o homem que tem valor, virtude:

— « Se os **homens** tivessem um pouco de coração, e fossem **varões**, não temeriam a morte. (ARRAES).

Homem de bem, homem de honra, homem de probidade, homem de virtude. — É Lacerda que compara estas expressões, modificando convenientemente a opinião que Roquete emitira a respeito de ellas:

« *Homem de bem*, no sentido que aqui damos a esta expressão, designa o que obedece as leis da sociedade, e não ofende em nada os direitos dos seus semelhantes, guardando em tudo o devido decoro. *Homem de honra* é o que abita a qualidades do *homem de bem*, a elevação de sentimentos que dá realce a todas as suas acções. *Homem de probidade* é o que pratica as virtudes da justiça e da equidade no seu trato com os outros homens, e que guarda em tudo a fé que deve á sua palavra. *Homem de virtude* é o que procede por motivos de religião, como obra o *homem de probidade* por motivos de boa razão, ou meramente por indole, ou hábito ».

Homem puro, puro homem, homem-deus. — Compara Lacerda estas expressões dizendo:

« *Homem puro* é o homem limpo de malícia, de maldade, cujos costumes são puros. *Puro homem* é expressão teológica, e significa o individuo que tem a natureza humana sem mixtura de outra. *Homem puro* é uma expressão da linguagem usual com que elogiamos a candura do coração, a limpeza dos costumes de um individuo. *Puro homem* é expressão, que na teologia se applica a todos os homens para os differenciar de Jesus Cristo, que não é *puro homem*, mas sim *homem-deus*, em virtude da união hipostática das duas naturezas ».

Homem de bem (Ser), ter probidade, ser íntegro, ser honrado.

— Para se *ser homem de bem* é necessário ser exacto ao cumprimento da obrigação moral.

Para *ter probidade* reconhecida é necessário dar provas de *ser homem de bem* e resistir a todo impulso externo, tal como a sedução, o interesse, a ameaça, etc.

Ser íntegro é ter uma escrupulosa e severa probidade, producto de meditada e firme resolução.

Ser honrado é cumprir como bom, só em atenção à honra; o *homem honrado* cumpre honradamente, mas só para sua própria satisfação.

Ser homem de bem é o menos que se pode exigir de cada membro de uma sociedade morigerada. — A probidade é indispensável no exercício de cargos de responsabilidade e de delicadeza. — A integridade fortalece a conducta irreprehensível com o convencimento e o raciocínio. — A honradez participa do carácter de um tributo que nos pagamos a nós próprios e à opinião de aossos semelhantes.

Homenagem, preito. — *Preito* diz mais que *homenagem* — no sentido figurado em que consideramos os vocábulos.

A *homenagem* pode ser forçada ou cerimoniosa; o *preito* é espontâneo.

Os homens prestam frequentemente *homenagem* a virtudes que reconhecem ser do contrabando; irresistivelmente têm porém de render *preito* à virtude e ao talento verdadeiro.

Homônimo, synônimo, equívoco. — São *homônimos* os vocábulos que se pronunciam do mesmo modo, quer se escrevam com igual ou diferente orthografia: *cozer* (ao lume) e *coser* (com aguiça) são *homônimos*.

São *synônimos* os vocábulos cujo sentido é quasi o mesmo: *globo* e *esfera* são *synônimos*.

Roquete compara *homônimo* com *equívoco* dizendo:

« Já falámos do *equívoco* no artigo **Ambiguidade** (1); só diremos agora que *homônimo* é uma especie de *equívoco*, que consiste na identidade do nome, como o está dizendo a palavra grega (*omonimos*), que tem o mesmo nome, mas com diferente significação. A palavra *amo* é *homônima*, porque ba na lingua duas, isto é, *amo*, substantivo (o mesmo que *senhor*, *dono*), e *amo* primeira pessoa do verbo *amar*; as *qaes*, escrevendo-se e proaunciando-se do mesmo modo, são distintas entre si, significam cousas mui diversas, derivam-se de distintas raizes, differenciam-se pelos

« accidentes gramaticaes, e só por uma casual combinação resultaram materialmente as mesmas. Toda a palavra *homônimo* faz *equívoco*, mas nem todo o *equívoco* é palavra *homônima*.

Honor, honra — Diz Roquete:

« O que dissêmos a respeito de *erro* e *error* pode-se aplicar a *honor* o *honra*. Usavam os aossos antigos mui acertadamente de estes dois vocábulos com distinta significação, mas os modernos, talvez porque o primeiro cheirava a casteihano, ou porque catenderam que ambos significavam a mesma idéa, condemnaram ao esquecimento o primeiro e só usam do segundo. Respeitamos os direitos do uso, mas como neste caso é arbitrário e despótico, dir-lhe-emos que não tem razão; e os homens de bom senso e inteligentes deveriam rehabilitar a palavra *honor*, para evitar a homonímia, difereciando-a de *honra* pela maneira seguinte:

« O *honor* é independente da opinião pública, é qualidade inherente à pessoa; assim dizia o autor da *Eufrosina*: — Perdi meu *honor*, maldizendo e ouvindo peor. A *honra* é, ou deve ser, o fruto do *honor*, isto é, a estimação com que a opinião pública recompensa aquella virtude. — Um homem de *honor* é a *honra* de sua família. Herda-se o *honor*, e não a *honra*; esta funda-se depois nas acções próprias e no conceito alheio. *Honra-se* a quem, mas não se lhe dá *honor*. Um soberano *honra* com sua presença a casa de um súbdito, mas se elle não tiver *honor* não fica por isso mais *honrado* ».

Diz Lacerda:

« Quer o sr. Roquete que se rehabilite a palavra *honor*, que foi muito usada dos aossos antigos escriptores. afim de evitar a homonímia differenciando-a de *honra* pela maneira seguinte:

« O *honor* é independente da opinião pública, é qualidade inherente à pessoa; assim dizia o autor da *Eufrosina*: — Perdi meu *honor*, maldizendo e ouvindo peor. — A *honra* é, ou deve ser, o fruto do *honor*, isto é, a estimação com que a opinião pública recompensa aquella virtude. — Um homem de *honor* é a *honra* da sua família. Herda-se o *honor*, e não a *honra*; esta funda-se depois nas acções próprias, e no conceito alheio. *Honra-se* a quem, mas não se lhe dá *honor*. Um soberano *honra* com sua prosoação a casa de um súbdito, mas se elle não tiver *honor* não fica por isso mais *honrado*.

« Não combatemos a opinião do illustre escriptor; mas julgamos mais suhtil do que fundada a distincção, que se pretende estabelecer entre as duas palavras, e temos para nós que, sem inconveniente, se pode do *empregar* a palavra *honra* com as duas significações, sendo certo que os antigos

(1) Veja-se na página 84.

« escritores empregaram muitas vezes in-
« distintamente as duas palavras ».

Acrescentaremos ao que fica dito pelos
sinonimistas que nos precederam que o vo-
cábulo *honor* ainda se encontra na língua,
« mas apenas na expressão *dama de honor*
ou seja « dama da corte ou séquito da rei-
nha ».

Honra, pundonor.—A *honra* con-
siste nos sentimentos de que o homem se
acha animado, na conducta que se propõe
seguir, nos princípios que lho servem de
norma nas suas relações sociais ou comor-
ciaes, e na boa opinião que de elle se
tem (1).

Pundonor é o esmero com que se procura
manter a *honra* illesa.

Honroso, honorífico.—*Honroso* é o
que abunda em honra; *honorífico* é o que a
dá. — Os feitos são *honrosos*; as distinções
são *honoríficas*.

Esta distinção entre os dois vocábulos
está concorde com a sua composição e eti-
mologia: a terminação *oso* indicando abun-
dancia, como *bondoso*, *malicioso*, etc., e *ho-
norífico* correspondendo a *honos* e *facere*,
fazer honra.

Horta, quintal, horto.—Na *horta*
dão-se legumes, hortalicas e alguma fruta;
no *quintal* ha, além das produções da *hor-
ta*, um espaço destinado a jardim, sendo
porém este o que predomina.

Horto é uma pequena *horta*.

Humildade, humilhação.—Ro-
quete compara estes vocábulos nos seguin-
tes termos:

« A *humildade* é uma virtude cristã que
« nos inspira o conhecimento de nossa bai-
« xeza em comparação de Deus, ou de
« aquelles que exercem sua autoridade. A
« *humilhação* é o acto de humilhar-se, e toda
« a demonstração externa de *humildade*.
« Aquella consiste nos sentimentos habi-
« tuaes da alma; esta, nos actos externos
« por que se manifesta, como disse Vieira:
« —A *humildade* é o interior da *humilhação*,
« *nsim* como a *humilhação* é o exterior da
« *humildade* (SERM. DO ROZ., I, 225). Mas
« como o exterior nem sempre concorda
« com o interior do homem, pode muitas
« vezes a *humilhação* encobrir grande so-

« herba o orgulho, e outras degenerar em
« baixeza e abjeção; porém será sincera
« e verdadeira quando for a legitima ex-
« pressão da *humildade* do ânimo, que é
« sempre singela e não conhece artificio ».

**Hymeneu, matrimonio, casa-
mento; nupcias, bodas, noivado.**

— *Matrimonio* diz-se não só do acto de se
unir em casamento, mas tambem do esta-
do das pessoas por elle unidas, e das suas
consequencias: de este *matrimonio* hou-
re dois filhos.

Hymeneu, termo pretencioso fora da poe-
sia, diz-se do acto de celebrar o casamento:
unidos pelos laços do *hymeneu*.

Casamento faz considerar o *matrimonio*
como constitutivo de familia à parte, de
casa separada.

De *casamento*, *matrimonio*, *nupcias*, *bodas*
e *noivado* diz Roquete o seguinte:

« Referem-se todas estas palavras ao cou-
« sorcio do varão e da mulher para a pro-
« creação da especie humana, mas têm en-
« tre si notável differença.

« *Matrimonio* exprime o contracto entre
« homem e mulher, pelo qual um dá ao ou-
« tro poder sobre seu corpo. É termo gêné-
« rico do direito das gentes que se refere
« precisamente ao contracto sem relação
« necessaria ás leis religiosas ou civis de
« cada nação.

« *Casamento* exprime especialmente a
« união e ajuntamento dos consortes para
« viverem maritalmente segundo a lei, e
« formarem um casal.

« *Nupcias* é palavra latina, *nuptie*, e re-
« fere-se propriamente ás solemnidades le-
« gaes, ao rito e aparato com que costuma
« celebrar-se o *matrimonio*.

« *Bodas*, do castelhano *boda*, significa o
« festim doméstico, o banquete *nupcial*, com
« que se solemniza esta festa de familia.

« *Noivado* é expressão vulgar com que se
« designa a cerimonia religiosa do *matri-
« monio* católico, e tambem a *boda* que a
« elle se segue.

« Jesus Cristo elevou o *matrimonio* à di-
« gnidade do sacramento.—Dos vantaçosos
« o acertados *casamentos* vem a riqueza de
« muitas casas e a boa educação dos filhos.
« —A ogreja instituiu mui edificantes ce-
« rimónias para santificar a união dos es-
« posos, nas quaes se lhes dá a benção *nu-
« pcial*.—Entre o povo conserva-se mais vi-
« vo o uso das *bodas* que entre os nobres.—
« A *boda* o a baptizado não vás sem ser
« convidado ».

Hypérbole, exaggeração.—*Exa-
geração* é vocábulo da linguagem vulgar
que expressa a idéa de representar as cou-
sas com um tamanho ou uma importancia
que na realidade não têm. Este vocábulo
é relativo ao pensamento *nsim* expressa-
do, à violação da verdade, o sobretudo

(1) Notemos que a *honra* depende não só
do proprio individuo, como tambem da opi-
nião alheia. Assim, uma calumnia pode
deshonrar um homem de *honra*, o que é
uma anomalia. — Se o termo *honor* existis-
se, como o pretendia Roquete (veja-se o ar-
tigo precedente), muito hem se poderia di-
zer que: um homem de *honor* não consente
que se lhe manche a *honra*.

considera-se nelle o defeito moral que lhe é intrínseco.

Hipérbole significa o mesmo que *exageração*; mas, como é termo do retórica, e exclusivamente relativo ao estilo ou linguagem, nunca nelle se considera o defeito moral, porque a *hipérbole* poderá exceder os limites que se não deveriam ultrapassar,

mas nunca será oncarada como atentatoria da verdade.

Diz-se á de um historiador que *acintemente exagera os factos*; mas das suas *hipérboles* apenas se poderá dizer que são defeituosas, nunca porém que atacam a verdade.

I

Ideal, imaginário. — O *ideal* e o *imaginário* são opostos ao *real*, mas o que é *imaginário* é fruto de um trabalho puramente mental pelo qual os factos naturaes se combinaram de modo distinto á realidade; ao passo que o *ideal* resulta do uma idéa que se gravou no espirito e que nella se foi desenvolvendo de modo distinto ao natural ou ao possível. O que é *imaginário* é possível; o que é *ideal* só existe na nossa mente.

Extensivamente, *ideal* diz-se do que reúne taes condições de perfeição que mais parece ser um producto de fantasia que uma realidade.

Roquete compara estes vocábulos, dizendo:

« *Ideal* opõe-se a real: é o que depende das idéas. *Imaginário* é o que só existe na imaginação. — Para se avaliar um quadro é mister saber se o modelo que o pintor teve em vista é histórico ou *ideal*. Um apprehensivo tem uma molestia *imaginária*.

« Toma-se algumas vezes em mau sentido a expressão *ideal*, como quando se diz: — « *Fulano é um homem ideal*, é como se dissessemos: — é quimérico o carácter de seu espirito; e quando se diz: — *Está per sonagem é ideal*, designa-se que é uma ficção e que não existiu realmente. Porém, quando se trata de belas-artes, esta expressão, longe de ser tomada em mau sentido, designa muitas vezes o mais alto ponto de perfeição. Aplica-se ella particularmente á pintura e á escultura. A pintura não conheço mais que dois géneros inteiramente distintos: o imitativo e o *ideal*. O primeiro não consiste propriamente senão em copiar o que se tem á vista; o segundo consiste em propôr-se e o pintor um modelo na sua imaginação, que pode ser mui perfeito depois de haver estudado as infinitas belezas da natureza: isto pertence unicamente ao género *ideal*».

Lacerda explica-se melhor a este respeito; diz assim:

« *Ideal* é o que não tem existencia fora de nós. *Imaginário* é o que depende principalmente da nossa imaginação, que transforma a capricho o que apprehendeu pelos sentidos. Com referencia ás belas-artes, principalmente pintura e escultura, chama-se *ideal* o resultado de varias

« concepções, mediante as quaes o artista « concebo um modelo perfeito, e que não « tem existencia, tal como foi concebido, « na natureza das cousas, posto que pres- « tassem as belezas que nella se acham es- « palhadas os elementos da perfeição *idea- « lizada*. No uso comum toma-se muitas vo- « zes *ideal* por quimérico, ficticio, assim co- « mo se dá o nome de *imaginário* ao que se « tem por fabuloso, sem realidade; e de ahí « vem a expressão: *espaços imaginá- « rios*».

Ignominia, infamia, opprobrio. — A *ignominia* é uma grande deshonra que cae sobre alguem, mas de que esse alguem talvez não seja causador: *Mitridates, depois de vencido, preferiu a morte á ignominia do jugo romano*.

A *infamia*, considerada como estado, é a deshonra e arrasto do nome pela iama da abjecção.

A *infamia* é sempre procurada, ou pelo menos aceita pelo sujeito; a *ignominia* pode ser-lhe imposta.

O *opprobrio* é a mayor deshonra e a mais profunda abjecção a que o homem pode descer.

Roquete considera estas palavras do modo seguinte:

« Segundo a força de estas palavras, a « *infamia* tira a reputação, mancha a hon- « ra; a *ignominia* mancha o nome, dá um « miserável renome; o *opprobrio* sujeita ás « murmurações, submete aos ultrajes.

« A *infamia* é a perda da honra, da repu- « tação, ou ao menos uma mancha feia e « notável na honra, na reputação, seja pela « execução das leis, seja pela opinião pú- « blica. A *ignominia* é uma grande des- « honra, uma grande vergonha, ou uma « cousa que degrada, uma afronta que faz « perder a honra. O *opprobrio* é o último grau « de afronta e de *infamia* dependente das « acções que merecem o desprezo e a aver- « são pública, ou uma injuria grave, um « tratamento humilhante que expõe á irri- « são, aos insultos do público.

« A *infamia* applica-se a certos géneros de « profissões ou de acções; um homem que « tenha bons sentimentos e honra nunca se « entregará cego a ella. A *ignominia* se es-

« parge sobre uma ruína abjeção; o que tem
« sentimento de sua dignidade e de seu es-
« tado, não cae nunca nella, não se entre-
« ga a ella jámais. O *oprobrio* prosegue o in-
« divduo indigno de todas as considera-
« ções da sociedade; aquelle a quem resta
« algum sentimento não acha mayor tormen-
« to que o viver, quando não pode sair de
« esse miserável estado.

« Servio Tulio evade-se com a *infamia*
« da servidão, e chega a ser rei. Mitridates
« depois de vencido, não sofrerá a *ignomi-*
« *nia* do jugo romano; prefero a morte. Me-
« rope, sossobrada com a dôr de haver per-
« dido seu filho, e com o horror de despo-
« sar-se com o assassino de seu esposo, olha
« a vida como um *oprobrio*, e a morte como
« um dever.

Ignorância, tollice, acedade, impericia. — *Ignorância* é falta de saber, e consequentemente pode ser — como quasi sempre é — involuntária.

Tollice é a falta de juizo ou de razão.

Necedade é um mixto de *ignorância* e de *tollice* vaidosa.

Impericia é a falta de habilidade e de desembaraço na execução.

Ignorante, ignaro, ignorância.

— Diz o sr. Cândido de Figueiredo que *ignaro* é o mesmo que *ignorante*; é um erro.

Ignorante é o que não sabe porque não quiz ou não poudo aprender.

Ignaro é um como augmentativo de *igno-*
« *rante* pois qualifica aquelle que não tem as
« mais rudimentares noções de aquillo que
« devora saber.

Ignorância é termo familiar que se diz
« de um nescio, de um ignorante, que preten-
« de impôr se como sabio.

Iguaria, manjar. — Tudo o que se
« come é *manjar*: — o pão é o *manjar* do po-
« bre; os legumes são o *manjar* do trabalha-
« dor.

Iguaria é um *manjar* delicado.

Ilhargá, quadeil. — Não compara-
« ríamos estes vocábulos se na mayor parte
« dos dictionarios da lingua não se encontrás-
« semos a seguinte definição do *ilhargá*: «la-
« do do corpo humano entre os quadris e os
« hombros».

Ilhargá é « cada uma das partes lateraes
« e inferiores do baixo ventre », como mul-
« to bem define o sr. Cândido de Figueiredo.

De *quadril* já falámos no artigo *Aten*,
« página 88.

Illicito, prohibido. — *Prohibido* diz-
« se de aquillo que não se tem direito de fa-
« zer sem autorização, e do que não so deve
« fazer em virtude de prescripção formal: é
« *prohibido* entrar em certas fábricas. E
« *prohibido* roubar.

Como porém a autoridade que *prohibe*
« pode não ser infalivel, ou pode ser guiada
« por um interesse particular, segue-se que
« o que é *prohibido* não se deve considerar
« desde logo como peccaminoso ou mau, nem
« tão pouco como louvável ou bom. Assim se
« é *prohibido* roubar, se as leis condem-
« nam o ladrão, moralmente o roubo impõe-
« se quando de elle exclusivamente pode de-
« pender a conservação da vida; se é *pro-*
« *hibido* matar, se as leis condemnão o ho-
« micida, o homicidio impõe-se quando de
« elle exclusivamente depende a propria sai-
« vação.

Illicito quer dizer não permitido. Este vo-
« cábulo supõe lei formal; mas como pelo vo-
« cábulo precedente, e ainda mais do que por
« elle, não se segue que o *illicito* seja con-
« trário á moral. O catolicismo diz que: é *li-*
« *cito* ler livros *prohibidos*, e todos sa-
« bemos o móbil a que elle obedece nessa
« prescripção.

Em todo o caso, da comparação de estes
« vocábulos, resulta que: o *prohibido* com-
« prehende as acções e as cousas; o *illicito* só
« comprehende as acções. O opio é género
« *prohibido* na China, e por isso é *li-*
« *cito* a sua importação. O commercio *illicito*
« é o que se faz com géneros *prohibidos*.

Ilimitado, illulto. — Assim com-
« parou Lacerda estas palavras:

« O que é *ilimitado* não tem termo nem li-
« mites, porém como que a nossa imagina-
« ção o concebe, e quasi diríamos aprehen-
« de sem excessiva difficuldade.

« O que é *infinito* não tem principio nem
« fim, e não é dado á nossa intelligencia
« mais que suspeital-o, sem de nenhum mo-
« do poder comprehendello.

« A ambição de Alexandre Magno foi *li-*
« *mitada*. O poder de Deus é *illulto*.

« O *ilimitado* applica-se geralmente á di-
« mensão; e o *infinito* ao número e á origem.

« No sentido moral, *ilimitado* applica-se
« de preferencia ás cousas de ordem natu-
« ral, e *infinito* ás de ordem sobrenatural».

Iludido, enganado. — Quem anda
« *iludido* não sabe que o enganam.

« Quem anda *enganado* pode, ou não, saber
« que é victima de um enganoso.

Iludido é sempre relativo á propria apre-
« ciação ou opinião; *enganado*, ao proprio fac-
« to.

Iludido, iluso. — O sr. Cândido de
« Figueiredo diz que *iluso* é o mesmo que *ilu-*
« *dido*; effectivamente assim é, mas em *iluso*
« ha a idéa accessoria das artes ou manhas do
« que se vale o enganador.

Diz-se: está *iludido*; anda *iluso*.

Ilustração, civilização, las-
« *teneção.* — Diz Roquete:

« Palavras modernas mui usadas, que por

« ventura se confundem, mas que são diferentes. Consiste sua diferença em que « *instrução* refere-se a uma idéa motriz; a « *ilustração* é seu efeito immediato; e a *civilização* é o resultado das duas. O homem « é naturalmente *ignorante*; necessita *instruir-se* para sair de aquelle estado. Uma « vez *instruido* adquiriu *ilustração*, e uma « vez *ilustrado* contribue à *civilização*, que « não é outra cousa mais que a soma de « *instrução* e de *ilustração* aplicada às necessidades sociais ».

Lacerda diz a este respeito:

« *Instrução* é acção de *instruir*, ensinar, « *esclarecer*. *Ilustração* é o efeito immediato da *instrução*; e a *civilização* é o resultado de ambas. O homem precisa de *instruir-se* para sair do estado da ignorancia natural. Por via da *instrução* adquire a « *ilustração*; e, *instruido* e *ilustrado*, corre necessariamente para a *civilização*, « porque não é esta senão a *instrução* e « *ilustração*, applicadas às necessidades sociais. Estas palavras, neste sentido, são « de uso moderno ».

Ilota, pária.—*Ilota* diz-se de aquelle que na sociedade actual se acha reduzido ao último grau de miseria e ignorantismo.

Pária diz-se no mesmo sentido de *ilota*, mas attribuindo tal estado á repulsa criminosa da sociedade.

Imaginação, phantasia.—A *imaginação* é a faculdade pela qual combinamos os factos naturaes, mas de modo diferente á realidade.

A *fantasia* é a mesma faculdade applicada a objetos que não existem na natureza.

O doente *imaginario* julga padecer males que não tem; o poeta *fantástico* cria monstros, gigantes e seres sobrenaturaes. — Virgilio, nos amores e morte de Dido, e Camões na sua criação do gigante Adamastor revelaram grande *imaginação*; mas aquelle na descripção do averno, e este na fala do promontorio, ostentaram grande vigor de *fantasia*.

Imaginativa, imaginação.—A *imaginativa* é a faculdade de imaginar considerada em si propria, na sua essencia, ou seja como força creadora e inventora.

A *imaginação* é essa mesma faculdade posta em acção.

A *imaginativa* pode crear e inventar; a *imaginação* cria e inventa.

Extensivamente se diz *imaginação* do proprio producto de essa faculdade.

Imbecil, mentecapto.—As faculdades intellectuaes do *imbecil* são quasi nulas; as do *mentecapto* não se exercem.

Imbricar, sobrepor.—*Imbricar* é *sobrepor* uma das extremidades de um ob-

jeto sobre a extremidade oposta do objeto a que se *sobrepe*.

As aves têm as penas **sobrepostas**; os peixes têm as escamas **imbricadas**.

Imitar, copiar, remedar.—Diz Lacerda:

« *Imitar* é fazer uma cousa de modo que « se pareça com outra, é reproduzir a *similhança* de alguma cousa.

« *Copiar* é reproduzir exactamente as belezas e os defeitos do original que se copia ou reproduz.

« *Remedar* é reproduzir os modos, os gestos, o tom de voz, etc., de alguma pessoa, « exagerando, a fim de a tornar objeto do « riso ou mofa ».

Imitar o exemplo, seguir o exemplo.—*Imita-se* o exemplo do bem ou do que é bom; *segue-se* o exemplo bom ou mau.

Um bom filho deve **imitar os exemplos** que lhe dão seus paes.—Augusto **seguiu** o odioso **exemplo** de Sylla, *procrevendo* os que se lhe opunham.

Immaculado, puro.—*Immaculado* diz mais que *puro*, posto que o *puro* pode ter ficado incólume no meio das impurezas de que nunca se aproximou o *immaculado*.

Immolar, sacrificar.—*Sacrificar* (do latim *sacer*, sagrado, e *facere*, fazer) é termo genérico que significa offerer á divindade uma cousa quo, desde logo, se torna sagrada. Nesta palavra predomina a idéa de renuncia quo o offerente faz da cousa que *sacrifica*, e da consequente privação quo do proprio facto lhe resulta. *Abraão ia sacrificar seu filho Isaac. As vestes sacrificavam-se* ao culto da sua deusa.—Passando do terreno religioso ao terreno pratico da vida, *sacrificar* conserva a idéa predominante de privação, e expressa uma renuncia e uma abnegação taes que podem ir até á morte, mas que não levam precisamente até ella. A sociedade está organizada tão estupidamente que para subsistir necessita *sacrificar* a vida de seus membros. Paga-se aos militares para que *sacrifiquem* suas vidas, pela defesa da liberdade de quem lh'as compra.

Immolar (do latim *in*, e *mola*, nome da farinha que os antigos deitavam na cabeça das victimas) é *sacrificar* derramando o sangue da victimas que se degolava: os Cartaginezes *immolavam* a Moloch os filhos dos patricios. — Na linguagem figurada, *immolar* é levar o *sacrificio* até á perda absoluta da cousa ou da pessoa.

Lacerda compara muito bem estes vocabulos:

« *Sacrificar*—diz—significa propriamente « te tornar sagrado; privar-se de uma cousa para a coasagrar á Divindade; dá-a

« Intelramente, sem nenbuma reserva, de modo que fique perdida para quem a possuía, que fique transformada.

« *Immolar* significa fazer um *sacrifício* sanguinolento, degolar uma vítima, destruir o que se oferta.

« *Sacrifica-se* toda n sorte de objetos; *immolam-se* vítimas, sêres viventes animados. — O *sacrifício* tem por fim prestar veneração; a *immolação* tem por fim aplacar. — A idéa de *sacrificar* é mais vaga o mais extensa; a de *immolar* é mais enérgica e mais limitada ».

Immoral, deslhonesto. — O *immoral* é contra a moral; o *deshonesto* é contrario à honestidade; no primeiro caso fere-se a susceptibilidade do espírito; no segundo, a susceptibilidade das convenções.

Immorredouro, immortal. — *Immortal* qualifica os sêres e o que lhes é relativo; *immorredouro*, só o que é relativo a esses sêres. Os *immortaes herôes* das gloriosas epopeias deixaram nomes *immorredouros*.

Impalpável, intangível. — O que é *impalpável* é excessivamente ténue, porém o que é *intangível* é absolutamente imaterial: o ar é *impalpável*; a luz é *intangível*.

Imparcial, neutral, recto justo, justiceiro, justicoso. — *Imparcial* é aquelle que, desligado de todo interesse, julga como deve julgar entre interesses que se opõem.

Neutral é aquelle que não toma partido por nenbun dos interesses que se debatem.

Recto é aquelle que, sacrificando o interesse ou as sympathias, julga conforme a justiça.

Justo é aquelle que, por amor da justiça, immola quanto lhe é mais grato.

Lacerda compara *imparcial* com os trez últimos vocabulos de este grupo, dizendo:

« *Imparcial* é o que não toma partido, que não favorece a um mais do que a outro.

« *Justo* é o que procede e julga conforme a justiça, sem guardar consideração ás pessoas. — Para ser *imparcial* basta ter a força necessaria para considerar as cousas e as pessoas sem afecção nem odio; para ser *justo* é preciso ter conhecimento das regras de bem julgar.

« *Justiceiro* é o que, sem deixar de aplicar as regras da justiça no julgar as cousas e os homens, propende, nos seus julgamentos, para o rigor, e talvez para a crueldade: — *Entre o justo e o justiceiro ha esta differença: ambos castigam, mas o justo castiga, e peza-lhe; e o justiceiro castiga, e folga* (VIEIRA).

« *Justicoso* é o que tem prazer em admi-

nistrar justiça e castigar. O *justicoso* alegra-se quando faz justiça e pune, mas não se folga de ser cruel no castigar ».

Imperador (Imperio), rei (reino), monarca, príncipe, potentado. — *Imperador*, soberano de um imperio, é o monarca de um Estado que pela sua extensão ou pela sua força, riqueza e população é considerado como potencia de primeira ordem. O *imperio* pode compôr-se de um só Estado ou de varios Estados reúnidos sob uma denominação comúm, e o *imperador* pode ao mesmo tempo ser rei de um de esses Estados. Assim, o *imperador de Alemanha* é *rei de Prussia*; o *imperador de Austria*, é *rei de Hungria*. *Rei* é o soberano de um *reino* (!), ou seja de um Estado menos poderoso que o imperio.

Monarca (do grego *monos*, um, único, e *arkein*, comandar) é o soberano considerado em quanto ao poder que exerce na sua nação, isto é, a sua autoridade, e também emquanto á extensão do seu Estado e á grandeza da sua jerarquia. Diz-se indifferente mente de *reis* e de *imperadores*.

Príncipe é umas vezes termo genérico, e outras termo particular. Como termo genérico applica-se a quantos são soberanos de qualquer Estado; como termo particular

(!) *Imperio* (do latim *imperium*, derivado de *imperare*, ter imperio, comandar) diz-se de um Estado posto sob o dominio de um chefe mais ou menos militar. Os *imperios* quasi sempre se constituem pela guerra victoriosa, isto é, pela conquista. Como a propria etimologia indica, este vocabulo ouccerra particularmente n idéa de mando, sem porém indicar como é que esse mando se exerce. Como resultante de conquista, o *imperio* compõe-se o mais das vezes de diferentes povos ou Estados que talvez se administrem por leis particulares a cada um, e sem mais laço entre si que a unidade da soberania que sobre elles é exercida. Assim é que nas nações reúnidas no *imperio* dos Persas, de Roma, e da actual Alemanha, ha uma grande autonomia.

Reino (do latim *regere*, reger, governar) manifesta a idéa de um único governo, de uma só administração; de um único impulso, e de um só chefe, que é o primeiro magistrado posto á frente de uma lei única. Geralmente o *reino* considera-se como sendo de menor extensão que o *imperio*, pois frequentemente o *imperio* forma-se da reunião de varios *reinos*, e, consequentemente, os destroços de um *imperio* formam geralmente *reinos*, como se viu quando o *imperio* de Alexandre deu origem aos *reinos* da Asia occidental, e os destroços do *imperio* de Carlos Magno aos *reinos* da Europa moderna.

diz-se do chefe de um principado, e também do herdeiro de um soberano.

Potentado (do latim *potens*, poderoso) considera o soberano em quanto ao maudo, ás forças de que dispõe, e á influencia que exerce sobre os seus vizinhos. *Que poderiam todos os potentados reunidos contra uma idéa cuja hora houvesse soado?*

Eis o que Roquete diz, em primeiro lugar de rei, monarca, príncipe, potentado o imperador, e logo de reino e imperio.

Diz assim dos primeiros vocábulos:

« *Rei* vem da palavra latiaa *rex*, é seguiu do sua etimologia (*a regendo*) é o que rege, dirige e gula, mandando; e seu cargo é de dirigir, reger e coaduzir os povos que lhe são confiados; porém comúmmen-te designa esta palavra o soberano que rege e governa só um relao.

« *Monarca* é palavra grega *monarkes*, de « monos, só, e *archo*, mandar, governar, e « significa o que governa só, ou, em liaguá-gem moderaa, o rei absoluto e indepen-dente que concentra em si todos os po-de-res; pelo que, os reis da Inglaterra, e do « quasi toda a Europa, não são monarcas, e « someate reis constitucionaes.

« *Príncipe*, vem do latim *princeps*, que si-gnifica o primeiro, o cabeça, e designa « em geral o soberano de um Estado iade-pendente aiada que não tenha o título de « rei ou monarca; eia particular significa o « herdeiro da corôa porque entre os filhos « do rei é o primeiro o destinado a reiaar. « Também se chama *príncipe* dos poetas, « dos oradores, dos filósofos, ao que entre « elles é o primeiro em merecimento, e en-tre todos mais excelente.

« *Potentado* vem do latim *potentatus* ou « aates do *potens*, *potentis*, e significa rei « poderoso, *príncipe* grande coia poder abso-luto, ou também *príncipe* com domlnio « absoluto naiguma provincia tomando in-vestidura do outro superior.

« *Imperador*, segundo a força da palavra « latiaa *imperator* (*ex impero*), significa che-fe militar, generalissimo; mas só se usa « na significação rostrita de soberano po-deroso de certos Estados que formam con-federação, ou de um imperio.

Das segundas diz:

« Posto que não haja uma verdadeira ra-ção por que se dê a diferentes Estados go-vernados por imperadores ou reis o aome « de reino ou de imperio; todavia, lembran-do-nos de aquelle dito de Cicero, que o « povo romano era o imperador de todas as « geates, *imperator omnium gentium populus romanus* (*Pro domo*, 33), parece-nos que « imperio faz aaser a idéa de um vasto Es-tado composto de muitos povos, tal é o de « Alemanha, o da Russia, o imperio Oto-mano; a palavra reino denota um Estado « mais limitado, o faz sentir a unidade da « nação de que é formado, tal é a França, « a Hespanha, Portugal, etc. A Inglaterra

« é um pequenoo reino na Europa, mas coa-« siderada em suas possessões nas cinco « partes do mundo, é um grande imperio, « cuja metrópole é a mayor do mundo: o « imperio maritimo da Grã-Bretanha é o « mayor que jámais existiu ».

Impetuoso, fogoso, vehemen-te, arrebatado, violento. — *Impe-tuoso* diz-se do que viva e rapidamente se precipita com força numa direcção qual-quer. A idéa de rapidez iuberente a esta palavra, pode ás vezes juntar-se a de im-proviso ou surpresa, e consequentemente a de desprevenção por parte de quem é sur-preheadido. *Um vento impetuoso que se levanta inesperadamente colhe desprevénidos os pobres pescadores.* — De esta idéa que o vocábulo suscita, deprehende-se outra: a do pouca ou curta duração; assim, do que é *impetuoso*, só ha a temer a primeira arre-metida, pois passada esta desaparece a im-petuosidade.

Fogoso só se diz dos seres animados, ao passo que *impetuoso* se diz dos animados e dos inanimados. — O que é *impetuoso* tira a sua vehemeacia da propria natureza, o que é *fogoso* tira de circunstaancias exteriores contra as quaes se rebela. O cavallo *fogoso* não quer obedecer ao freio que o modera. — O homem *impetuoso* tem momentos de arrebatamento que provém do seu proprio carácter; o homem *fogoso* rebela-se contra os obstáculos que os outros lhe deparam; po-rém o *impeto* de aquelle o o *fogo* de este abatem-se depressa, deuido precisamente ao ardor com que se manifestam.

Vehemente qualifica particularmente os vivos iacovimentos do animo e as manifes-tações exteriores do pensamento que se ex-prime com ardor o entusiasmo. Esse termo, mais relativo ao carácter do homem que os dois procedentes, diz se dos sentimentos e dos movimentos mais prolongados que os *impetuosos* e os *fogosos*. *Um orador vehemente* é *vehemente* sempre que as circun-staacias lh'o exigem. *Um discurso vehemente* é tal desde o priacípio até ao fim, e no sou decurso pode o orador, por mo-mentos, mostrar-se *impetuoso*, e até *fogoso*; sirvam de exemplo as filipicas de Demós-tenes.

Arrebatado, vocábulo que pode substi-tuir a qualquer dos precedentemente enun-ciados, toma-se o mais das vezes a má par-te, pois tudo o que é *arrebatado* so consi-dera geralmeate como injusto ou impensa-do. O que é *arrebatado* provém tanto da propria natureza da pessoa, e indica assim uma qualidade que se manifesta frequen-temente, como dos movimentos extraordi-narios suscitados pelas circunstaacias. No primeiro caso, *arrebatado* aproxima-se de *vehemente*; ao segundo, de *fogoso* e *impetuoso*. — O homem de genio *arrebatado* irrita-se

frequentemente, e para calmar-se, necessita dar livre curso à sua cólera.

Violento diz ainda mais que **arrebata**; o que é **violento** tem uma vivacidade duradoura que provém da própria natureza, independentemente das ocasiões ou circunstâncias que incitam a **arrebatar-se**. Diz-se das pessoas e das cousas. Dizendo-se das pessoas, indica que ellas, por seu carácter, levam habitualmente até ao mayor ponto as manifestações da sua força e vivacidade. Dizendo-se das cousas, indica que ellas se fazem sentir forte e vivamente durante muito tempo. — Entre **violento** e **arrebata** deve notar-se que: o homem **arrebata** irrita-se frequentemente, e para apacar-se necessita desabafar; o homem **violento** pode reconcentrar a manifestação dos seus sentimentos, mas, quando os demonstra, prolonga essa manifestação durante muito tempo.

Aplicando estes adjetivos exclusivamente à humanidade, temos que: o homem **impetuoso** o é nas acções; o **fogoso** na imaginação; o **vehemente** nos sentimentos o modo de falar; o **arrebata** no proceder; o **violento** nas paixões. Tomamos o **impeto** do encontro, a **fogosidade** dos desejos, a **vehemência** da linguagem, o **arrebata**mento da ira, e a **violência** da desesperação. — É **impetuoso** aquelle que obra impremeditadamente e sem reflectir no que faz nem nas consequências que advirão; é **fogoso** aquelle que se exalta com facilidade, exaggera quanto pensa e quanto sente, e se entusiasma sob a impressão dos mais leves motivos; é **vehemente** aquelle que exige, pede, incita ou ordena com insistência e energia; é **arrebata**do aquelle que tudo atropella e derriba; é **violento** aquelle que não reconhece obstáculos possíveis.

Imprevisto, inesperado, inopinado. — **Imprevisto** se diz do que acontece em contra da nossa previsão, isto é, de aquillo que sobrevem sem que o hajamos previsto, se bem houvérmos podido ou mesmo devido prevê-lo.

Inesperado diz-se do que sobrevem sem que soquer acreditássemos na possibilidade de tal cousa sobrevir. O **inesperado** está fora de todo cálculo ou previsão.

Inopinado diz-se do que sobrevem sem que o nosso pensamento se haja jamais occupado em o esperar.

Eis como Lacerda nos fala de estas palavras:

« **Imprevisto** é o que acontece sem que tenhamos previsto, ou conjecturado que poderia acontecer.

« **Inesperado** é o que acontece sem que nós o tenhamos presumido, aguardado, ou esperado.

« **Inopinado** é o que succede sem que nunca nos viesse ao pensamento que haveria de succeder, sem que de tal nos lembrás-

semos. Quando nos acontece extraordinariamente alguma cousa, de que deveriamos ou poderíamos ter previsto, essa cousa é **imprevista**; é **inesperada**, quando podíamos ou devíamos ter de ella alguma esperança; e é **inopinada**, quando devia andar fóra do nosso pensamento ou lembrança. O socorro que vem de mão desconhecida e generosa ao que se acha na miséria, é **imprevisto**. O favor, solicitado por muito tempo em vão, e que se faz quando menos se presumia, é **inesperado**. A ideia vósia, praticada por homem que era tido por honesto e amigo, é **inopinada** ».

Imprudente, Inconsiderado, estouvado. — O **imprudente** e o **inconsiderado** obram do mesmo modo, mas devido a causas diferentes. O **inconsiderado** não pensa; o **imprudente** pensa, mas não sabe conter-se.

Estouvado é termo familiar cujo sentido participa, segundo as circunstancias, ora de **imprudente**, ora de **inconsiderado**; o **inconsiderado** porém pode ser tal em determinadas circunstancias ou com relação a certos factos; o **estouvado** é tal por hábito.

Inacção, inactividade, inercia. — A **inacção** é o estado de aquelle que não obra devido a uma causa exterior; desapareça essa causa e a **inacção** cessará. A doença **reduz-nos à inacção**.

A **inactividade** é o estado de aquelle que não obra por falta de actividade, isto é, por uma causa completamente dependente da vontade do **indivíduo**; é portanto estado permanente ou pelo menos duradouro. A **inactividade** deixou passar as occasiões favoráveis sem as aproveitar.

Inercia é a **inactividade** absoluta e como que inconsciente.

Inadiável, improrogável. — **Inadiável** diz-se do que não poderia ser feito depois do prazo marcado.

Improrogável diz-se do que ha-de ser feito no prazo marcado por não se querer que se faça ulteriormente.

Ha operações cirúrgicas que são **inadiáveis** (não **improrogáveis**). O **crêdor** concede uma **moratoria improrogável** (não **inadiável**).

Inanimado, Inânime. — O **inanimado**, propriamente, não tem alma nenhuma; a teve; o **inânime** cessou de a ter. Dêremos: as **cousas inanimadas** (não **inânimes**).

No sentido figurado, e improrogavelmente, os dois vocábulos podem confundir-se; não porém sempre, como o pretonde o sr. Cândido de Figueiredo.

Inaptidão, incapacidade, insufficiencia. — A **inaptidão** consiste na

carencia das disposições especiaes que são necessarias para levar a effeito certas cousas determinadas. Quem tem *inaptidão* para uma cousa, pode ter muita *capacidade* e ser muito *suficiente* para outras.

A *incapacidade* é um defeito pelo qual uma pessoa se torna absolutamente *incapaz* para uma cousa determinada, e para todas aquellas que exigem igual grau de capacidade.

A *insufficiencia* é uma *incapacidade* atenuada, pela qual, sem se ser completamente inhábil, não se tem a necessaria intelligencia ou capacidade para o que se propõe.

Lacerda exprime-se a este respeito nos seguintes termos :

« São sinónimas estas palavras em quanto designam a falta de disposições necessarias para chegar ao fim que nos propomos; porém com differenças que convém notar. A *insufficiencia* nasce da falta de proporção entre os meios e o fim que nos propomos. A *incapacidade* nasce da privação dos meios precisos para alcançar o fim desejado. A *inaptidão* nasce da impossibilidade de obter os meios para chegar ao fim proposto. *Comete grave erro o pae que força o filho a dedicar-se a officio para que se lhe reconheça insufficiencia, ou o obriga a estudar alguma ciencia para que se lhe reconheça incapacidade, ou a abraçar o estado ecclesiastico, se por ventura para elle lhe reconhecer inaptidão* ».

Incerteza, dúvida. — D. José Joaquim de Mora, compara estas palavras dizendo :

« A *incerteza* provém da falta ou escassez de conhecimentos; a *dúvida* da escassez ou insufficiencia das razões ou provas em que se funda a opinião ou o facto. — Vergílio disse: *incerti quo fata ferant*, estou *incerto*, não sei aonde me levará o destino.

« *Dúvido*, respondemos quando nos dão uma noticia inverossímil.

« A *incerteza* exclúe a crença; a *dúvida* exclúe o convencimento ».

Incerteza, indecisão, irresolução, perplexidade. — Assim compará Lacerda estes vocábulos :

« *Incerteza* exprime o estado da nossa alma quando carece dos elementos necessarios para formar com segurança os seus juizos.

« *Indecisão* é o estado em que se acha a nossa alma quando não tem razão sufficiente que a mova a formar um julgo que reputa seguro, não podendo por consiguiente fixar a sua escolha.

« *Irresolução* é o estado da nossa alma quando lhe falta a energia necessaria para executar o que a razão approva, ou para vencer os obstáculos que lhe contrariam a vontade.

« *Perplexidade* é a indecisão acompanhada do uma certa inquietação, que mais nos prende, e enleia no fixar a escolha, e superar a Indiferença da vontade. A *incerteza* refere-se ao nosso estado intelectual; a *indecisão*, *irresolução*, e *perplexidade* referem-se á prática das acções moraes. A *incerteza* supõe ignorancia, e remove-se mediante a Instrução, e competentos esclarecimentos. A *indecisão* o *irresolução* supõem uma o outra fraqueza de ânimo, e removem-se persuadindo, e como que forçando e arrastando o homem *Irresoluto*. A *perplexidade* supõe, além da fraqueza do ânimo, o recelo do futuro, e remove-se mediante a acção combinada dos esclarecimentos e da persuasão ».

Inclinação, propensão. — Ha uma differença essencial entre estes vocábulos: a *inclinação* resulta do proprio objeto que atrai; a *propensão* vem do carácter da pessoa propensa.

Temos *inclinação* para a cousa ou pessoa que nos agrada; temos *propensão* para aquilo que convém ao nosso carácter.

Els ó que Lacerda disse de estes vocábulos :

« *Inclinação* é a disposição, o pendor natural do nosso ânimo para alguma pessoa ou cousa.

« *Propensão* é uma tendença mais forte, mais decisiva do que a mera *inclinação* para alguma pessoa, mas principalmente para alguma cousa. A *inclinação* leva-nos para um objeto; mas a *propensão* impele-nos, e como que para elle nos arrasta. A *inclinação* parece ter primeira origem no coração, o tambem na leitura, exemplos, etc.; mas parece que a *propensão* tem origem principalmente na nossa organização e temperamento ».

Incólume, ileso. — *Incólume* suscita a idéa de um perigo mais immediato que *ileso*, mas *ileso* determina melhor a idéa do mal que se evitou que *incólume*.

Fica *ileso* aquelle que sae sem ferida nem privação de membro donde outros ficaram feridos ou mutilados.

Fica *incólume* ou sae *incólume* aquelle que fica intacto, quando era de esperar o contrario.

Ao *ileso* nada falta para a sua integridade; o *incólume* nada perdeu de ella.

Incômodo, molesto. — O que é *incômodo* estorva e diminúe o gozo; o que é *molesto* causa mal-estar e pena. — A cama que é demasiado curta e impede de estender as pernas á vontade é *incômoda*. A cama dura o mal feita, mais aita de um lado que do outro, força-nos a tomar posturas violentas, e por isso é *molesta*.

Metafóricamente subsiste a mesma gra-

dação de idéas: a velhice prolongada *incomoda*; uma desconsideração *molesta*.

Inconstante, volúvel. — *Inconstante* diz-se com relação às afecções; *volúvel*, com relação à imaginação e ao proceder. É *inconstante* aquelle que muda frequentemente de affectos, e *volúvel* o que não se fixa em nenhuma occupação, empreza ou estudo.

Lacerda comparou muito bem estes adjetivos; diz assim:

« O *inconstante* varia de objetos a cada momento, mas durante esses momentos fixa-se. Pelo contrario não se fixa nunca o *volúvel*, que passa sem cessar de um a outro objeto, sem mostrar mais afecção a um do que a outro, ou antes mostrando egual afecção a todos. Um amante é *inconstante*; um menino é *volúvel*. O *inconstante* varia, o o *volúvel* não se fixa. Nisto consiste a differença de estas palavras ».

Incrível, paradoxal. — O que é *incrível* é difficil de ser crido ou admittido, por não parecer real, possível ou digno de fé. Diz-se de factos, successos, narrações, etc.

Paradoxal diz-se do que parece ser contrario à razão, à lógica, ao modo habitual de ver as cousas. Diz-se de sistemas, de doutrinas, de máximas, etc.

Incurável, insanável. — Falando de doenças, *insanável* é termo muito pouco usado, e não obstante substituído por *incurável* não é sempre expressivo.

Incurável diz-se das doenças ou dos doentes que os médicos abandonam ou não julgam possível curar; contudo a doença *incurável* pode desaparecer por meios extraordinarios. A Lourdes affluem milhares de *incuráveis*.

Insanável diz-se da doença que de nenhum modo é curável.

Indagação, pesquisa. — No artigo *Afuror*, página 51, já falámos dos verbos *indagar* e *pesquisar*. Citaremos agora o que Lacerda diz dos substantivos correspondentes:

« *Indagação* é o acto de inquirir ou averiguar alguma cousa por via de conjecturas, etc.

« *Pesquisa* é a mesma indagação feita por meios indirectos e illicitos. A qualidade distinctiva de estas avoriguações e exames é a pessoa que os faz. Um homem de bem, e colocado em posição elevada na sociedade faz *indagações*; o homem pago, o espião, o agente de policia faz *pesquisas*. « *Indagação* é necessaria, e nobre, e tem por fim descobrir a verdade. A *pesquisa* é traiçoeira, e tem por fim descobrir culpados ».

Indelével, inextinguível. — O que é *indelével* não desaparece; o que é *in-*

extinguível não se apaga. — Quando a imagem de uma mulher está *indelévelmente* gravada no coração do seu amante, o amor de este é *inextinguível*.

Independencia, liberdade. — A *liberdade*, mais relativa ao cidadão que ao Estado, consiste em o cidadão não ter que obedecer senão ás leis que elle se faz a illusão de so ter imposto, mas na confecção das quaes elle apenas participa como Pilatos no Credo.

A *independencia*, mais relativa ao Estado que ao cidadão, consiste em não estar sujeito ao dominio nem à influencia de nenhuma nação estrangeira.

Noutra ordem de idéas: — O homem *livre* não é escravo; tem o direito de se determinar como melhor lhe aprouver. — O homem *independente* é completamente *livre*, não depende de ninguém, não necessita submeter-se ás exigencias sociaes, e não se importa com a opinião que de elle se possa fazer.

A *liberdade* propria termina onde principia a *liberdade* alheia. A *independencia* não está sujeita senão á lei.

Lacerda compara estes vocábulos nos termos seguintes:

« A *liberdade* consiste no poder intelto, completo de usar de todas as nossas faculdades.

« A *independencia* consiste na isenção de toda a sujeição, que possa estorvar, ou impedir de qualquer modo o uso da *liberdade*.

« A *liberdade* refere-se ás acções, o a *independencia* á vontade.

« Em politica e em moral, não ha *liberdade* de sem dependencia, e por isso a dependencia que limita a *liberdade*, lhe fixa a extensão e assegura o gozo ».

Indeterminado, vago. — O que é *vago* ou *indeterminado* não tem clareza ou precisão absoluta.

Vago diz mais que *indeterminado*, porque considera a essencia da cousa, ao passo que o que é *indeterminado* deve-o ser assim a quem não determinou ou precisou. Uma *acusação vaga* não tem base; uma *acusação indeterminada* não tem base sufficientemente indicada. — O *sentido indeterminado* não determina sufficientemente as suas relações; o *sentido vago* não tem nenhuma significação positiva.

Indiano, indio, indico. — *Indiano* e *indio* diz-se de pessoas e de cousas naturaes ou proprias da India; mas *indio* tambem é extensivo aos habitantes da América.

Indico não se diz de pessoas, mas só das cousas da India.

Indício, signal, (mostra).— Tanto o *indício* como o *signal* podem contribuir para descobrir algo occulto; o *signal* é porém uma circumstancia mais patente, e mais directamente dependente do facto que o *indício*. — *Uma porta arrombada é signal, e não indício, de violencia. O desaparecimento de uma pessoa a quem se attribue um assassinato é indício, e não signal, que guia a justiça. O fumo é signal de fogo. Os arreboes da tarde são indícios de bom tempo.*

Lacerda compara estas duas palavras entre si e com *mostra*. Eis o que elle diz :

« *Signal* é o que dá noticia de outra cousa com que tem relação, e talvez exprime ou representa. *Indício* é o que indica, aponta, denota, denuncia, leva ao conhecimento de algum objecto. *Mostra* é a manifestação de uma cousa presente, da qual nos deixa ver uma parte, não a totalidade. — As palavras são *signaes* das idéas. As *núvens* grossas são *indícios* de chuva. As *lágrimas* são *mostras* de sentimento, ou de desesperação.

« O *signal* está ligado com a causa significada. O *indício* pode não ter íntima ligação com o objecto que denuncia. A *mostra* supõe o objecto presente, mas não o deixa ver senão em parte ».

Indifferença, insensibilidade, indolencia, apathia.— A *indifferença* é o estado do espirito de quem não estabelece uma differença qualquer entre uma pessoa ou outra pessoa, entre uma cousa ou outra cousa, ou que não considera a posse ou a presença de uma pessoa ou cousa com mais interesse que consideraria a sua perda ou ausencia.

A *insensibilidade* é o estado de espirito que não é *sensível* às cousas que lhe deveriam chamar a attenção, interessal-o, ou comovel-o. O *insensível* não recebe impressões, nem ante o que é proprio para entender, nem ante o que inspira fadigação.

Uma differença essencial entre os dois vocabúlos precedentes é que a *indifferença* pode ser aparente, ficticia, estudada; ao passo que a *insensibilidade* é sempre real.

A *indolencia* differe dos vocabúlos precedentes em estes não se exercem em todas as cousas, em quanto que a *indolencia* é um estado absoluto e geral. O *indolente* permanece inactivo, recusa-se a qualquer trabalho ou fadiga, e isso por gosto, por escolha, por predilecção.

A *apatia* é a *indolencia* levada ao excessivo, e differe de esta em não ser filha da vontade, mas do carácter ou natureza do individuo.

O *indolente* pode renunciar à *indolencia*, mas o *apático* nunca pode adquirir energia. De *apatia*, *insensibilidade* e *indifferença* diz Roquette :

« *Apatia* é palavra grega formada de a

« privativo, e *pathos*, paixão, vindo a significar privação de toda paixão, carencia de ella. A *apatia* é em geral o resultado natural do temperamento e da organização, e se estende às propriedades da alma, por isso se diz que o *apático* não tem paixão por cousa nenhuma e nada o estimula.

« A palavra *insensibilidade* não supõe nem tanta extensão, nem tanta *indifferença*, nem depende tanto da natureza do ente, como a *apatia*, pois podemos ser *insensíveis* a uma cousa e não a outra. Raro é que a *insensibilidade* seja geral e absoluta. Um homem pode ser *insensível* ao amor por seu temperamento ou carácter e não o ser à honra. Na *apatia* acha-se a alma inactiva, carece de acção e do estímulo; na *insensibilidade* está impassível. O homem de boa vida e honrado pode ser *insensível* aos prazeres, e a tudo que conduz ao vicio, mas é mui *sensível* à virtude e ao exercicio de quanto pertence à beneficencia com seus semelhantes.

« A *indifferença* nem sempre é inactiva, porque, ainda que o estado da alma é o do socoço, nem por isso se nega a razão. Não tendo interesse nem inclinação a nenhuma cousa, segue o *indifferente* de ordinário o impulso que outros lhe dão, e por meio de este se occupa em cousas cujo exito lhe é em si muito *indifferente*. — O homem que é *indifferente* ao interesse seu proprio, que vê com igual rosto a prospera e adversa fortuna, mas que não é de modo algum *indifferente* às regras e dictames da razão, ao bem de seus semelhantes, merece louvores por sua *indifferença*, que é a de um sábio e não a de um egoista ».

Indigencia, pobreza, penuria, inopia, miseria, necessidade.— *Pobreza* é o estado de aquelle que tem poucos bens ou que mesmo não tem nenhum. Esta palavra exprime a idéa comum a todos os termos que lhe damos como sinónimos, mas de um modo geral e no seu sentido menos rigoroso. Veja-se o artigo **Mendigo**.

Indigencia é a *pobreza* de que se sofre. O *pobre* remedia-se a si proprio; o *indigente* necessita que o remediem.

Miseria é o estado de extrema *indigencia* em que não só falta muito do indispensavel, mas até em que o que se tem é sordido e repugnante.

Penuria é o estado de *indigencia* que reclama prontos e inadiáveis socorros.

Necessidade é a *pobreza* com relação aos socorros que se pedem ou se esperam. Dizor que *alguem está a braços com a necessidade* é o mesmo que dizer que se lhe deve levar prompto socorro.

Inopia é vocabulo fora de uso, do qual, e dos trez primeiros de este grupo, diz Lacerda :

« *Pobreza* designa a estreiteza de posses de alguem, que, com quanto possuía algu-

«ma cousa, está longe do ter o bastante para as necessidades da vida.

«**Indigência** diz mais que pobreza, porque exprime a idéa de precisão do necessário, por impossibilidade de o haver, de o ganhar.

Penuria, significa a extrema pobreza ou grande indigência.

«**Inopia**, palavra traduzida do latim, indica a falta total, carencia do que se ha de mistér para a vida, e da njuda, o auxilio que só precisa, e deseja.

Indisciplinado, indócil. — O indisciplinado resiste ás ordens ou á regra estabelecida; opõe resistencia activa, elucta declaradamente contra os seus superiores.

O indócil não faz caso dos conselhos ou ordens que se lho dão; não resiste nem luta declaradamente contra os seus superiores, mas não lhes obedece.

Indivíduo, pessoa. — Diz Roquete comparando estes vocábulos:

«**Indivíduo** é um animal que occupa um lugar na natureza. **Pessoa** é um homem ou uma mulher que tem este ou aquelle estado. A condição que acompanha um ser racional é a que o distingue com o nome de **pessoa**, e o que o faz crédor a certos direitos, e o sujeito a estes ou áquelles cargos. Um **indivíduo** não representa nem uma classe, só indica uma especie; a **pessoa** está sujeita a uma classe, e tem unidos á sua existencia attributos que a distinguem das demais. **Indivíduo** é um ser que se considera solitário; uma **pessoa** é uma parte da sociedade».

Roquete devera acrescentar que **indivíduo** se diz familiarmente de um homem indeterminado.

Indizível, inexprimível, ineffável. — **Indizível** diz-se a hão e a má parte das cousas que são de tal modo extraordinarias que não achamos palavras ou frases com que expressal-as.

Inexprimível diz-se das cousas que de tal modo excedem toda concepção que não podemos descrevel-as, ou dar do ellas pela palavra uma idéa exacta.

Ineffável diz-se das cousas mysticas que não se podem ou não se devem revelar, e, extensivamente de aquellas alegrias, delictos ou prazeres que se elevam além de quanto humanamente se pode esperar.

Indolente, negligente, preguiçoso, inerte. — No artigo **Acidia**, página 23, falámos dos substantivos a que estes adjetivos correspondem; vejamos agora o que de elles diz Roquete:

«A falta de expedição em qualquer negocio ou trabalho é a idéa común do to-

dos estes vocábulos, que se differenciam com tudo em certos respetos.

«A falta de cuidado faz o **negligente**; a falta de acção, o **preguiçoso**; a falta de sensibilidade, o **indolente**; a falta de arte, de esperteza, de dosemarção, faz o **inerte**.

«A distração e o desculdo são os dotes do **negligente**; tudo se lho malogra, e não cura de ser exacto. Falece de actividade o de energia o **preguiçoso**; nelle pode mais o desejo da quietação e do repouso que a idéa das vantagens que proporciona o trabalho. Nada move ao **indolente**; vive em socoço e sem temor das fortes paixões, mas em apatia pna as acções extremadas. A indecisão, a ignorancia, a falta de uso ombarçam o **inerte**; ama a inaccção, e em quanto finz va lentamente.

«A **preguiça** foge do trabalho. A **indolencia** embota o gosto. A **inercia** teme a fadiga. A **negligencia** oferece deliações e delia escapara a occasião. — A ambição e a emulação foram sempre as inimigas da **preguiça**. O sentimento da honra e do dever vencem **indolencia**. O temor do mal, antes que a esperança do bem, combate com facilidade a **inercia**. O amor proprio e os interesses pessoas não permitem a **negligencia**.

Indulgencia, tolerancia. — Roquete compara muito bem estes vocábulos; diz assim:

«Consiste a **tolerancia** em sofrer o mal ou o abuso, fazendo que se ignore sua existencia ou sua malicia; mas ella não o consente, nem permite, e não renuncia a castigalo.

«A **indulgencia** ou dissimula as culpas ou as perdon facilmente. Esta pode vir de bondade ou de fraqueza; aquella vem de prudencia».

Industrioso, ingenhoso, intelligente. — Estes adjetivos qualificam as pessoas que executam, criam ou inventam artefactos, sistemas ou apparatus não conhecidos ou pouco vulgares.

Inteligente diz-se da pessoa que comprehendendo sem esforço as difficuldades que ba no que se deve fazer e as deheila e vence.

Industrioso é relativo ao trabalho manual e **ingenhoso** ao trabalho intelectual e inventivo. O **industrioso** tem habilidade e destreza; o **ingenhoso** tem imaginação, talento e sagacidade.

Inexorável, inflexível, implacável, despiadado; (inteiro). — O mais genérico de estes adjetivos é **inflexível**; diz-se em todas as circumstancias para qualificar aquelle que não se deixa *vergar* ou *abrandar*, que se mantem firme em todos os casos e para com todos, resistindo enérgicamente e de todos os modos.

Implacável diz-se de aquelle que não se

deixa aplacar ou moderar no rigor projeta-
do pelas suas paixões, vingança ou odio.
O homem *implacável* é *inflexível* ante quaes-
quer esforços que se façam para o demover
do seu propósito, ou impedil-o de obedecer
ao impulso que o move. Com esta palavra
tambem se qualifica a paixão a que obede-
ce a pessoa: um homem *implacável*; um
odio *implacável*.

Inexorável diz-se de aquelle que é *infe-
xível* aos mais instantes rogos, ás mais fer-
vorosas súplicas. O homem *inexorável* não
perdoa. A *inexorável* opõe-se *clemente*.

Despedado é aquelle que não se deixa
influir pela misericórdia nem pelo entene-
cimento. O *despedado* é *inexorável*, *inflexi-
vel* e *implacável*.

Roquete e Lacorda compararam *inexorá-
vel* e *inflexível* com *inteiro*. Eis o que diz o
segundo de esses sinonimistas, resumindo
o que dissera o primeiro:

« *Inteiro*, conforme a origem, é o homem
« irreprehensível, o também designa o ho-
« mem desinteressado, recto, imparcial.

« *Inflexível* denota o homem que não se
« deixa torcer, nem dobrar, que não muda
« senão muito difficilmente de opinião.

« *Inexorável* indica o homem que não ce-
« de a rogos, nem a súplicas; que não se
« compadecce, nem apiada do iágrimas, etc.

« A *inteiressa* é sempre virtude porque
« nasce da rectidão. Pelo mesmo motivo
« são virtudes a *inflexibilidade* e a *inexora-
« bilidade*; porém como estas ás vezes nas-
« cem da obstinação, frequentemente são
« defeitos.

Infame, infamante.—O que é *infa-
me* é *infame* em si, deshonra por si mesmo.

O que é *infamante* deshonra por ser con-
siderado *infame*.

Os crimes **infames** castigam-se com pe-
nas **infamantes**.

Infame, iniquo.—Diz Lacorda:

« *Infame* é o homem que se torna objeto
« de desprezo e aversão pública por seu
« procedimento deshonroso, pois só cura de
« melhorar a sua sorte á custa do bem de
« outro, atropelando todos os principios e
« regras do justo e do honesto.

« *Iniquo* é o homem que folga do mal
« alheio, que se alegra do fazer mal.

« O juiz que vende a justiça é *infame*. O
« juiz que, por maldade propria, e ruindade
« do coração condemna o innocente, é *ini-
« quo* ».

Roquete havia dito melhor:

« *Infame* é o homem que por sua condu-
« cta publica se faz acreedor do odio de seus
« semelhantes: porém que obra em virtude
« de um desejo vehemente de seu interesse
« proprio, sem curar do mal alheio, nem lhe
« importar as regras da moral e da justiça,
« estabelecidas na sociedade.

« *Iniquo* é o homem desmoralizado, que

« se compraz no mal alheio calcando aos
« pés as leis divinas e humanas, que folga
« de seus malefícios, e cujo pensamento
« continuo, unico e exclusivo é o de fazer
« mal. — É *infame* um ladrão; é *iniquo* um
« assassino. — O juiz que se deixa peitar e
« vende a justiça, é *infame*; o que por mau
« coração e animo ferino condemna o innocen-
« te, é *iniquo* ».

**Infancia, menhice; menini-
ces.**—Diz Roquete:

« *Infancia* é a primeira idade da vida,
« que exprimo a idéa das necessidades, da
« debilidade, e o cuidado de que o homem
« necessita em os seus primeiros annos de
« baixo do tecto paterno. A *infancia* refe-
« re-se sempre á parte física e nunca á in-
« tellectual. Pelo contrario, *menhice* refere-
« se sempre á parte intellectual, e nunca á
« física. Desdo os tempos mais remotos se
« sinalou á *infancia* um termo fixo que or-
« dinariamente não passava dos sete annos.
« A *menhice* é mais extensa, e pode com-
« prebender toda a parte da vida do homem
« em que não ostão desenvolvidas suas fa-
« culdades intellectuaes; por isso á grande
« velhice se chama segunda *menhice*. — A
« *infancia* é uma causa; a *menhice* é um
« effeito. A *infancia* é uma lei natural; a *me-
« nhice* é o resultado de diversas causas
« combinadas que fazem do homem um sêr
« ignorante, miserável e débil.

« *Menhices* são as acções proprias do me-
« nino, isto é, do homem que falece de juí-
« zo; o se alguma voz, por abuso, *menhice*
« representa pouca idade, *menhices* desi-
« gna sempre defeito do juízo, como muito
« bem disse Vieira:—E o peor é que não só
« se vê em nós a *menhice* que é defeito de
« idade, senão as *menhices* que o são do
« juízo ».

Infante, menino, creança, eria.
—Eis como Roquete compara estas pa-
vras:

« *Infante* é palavra latina, *infans*, o que
« não fala (do *in*, priv., o *fari*, falar), e de-
« signa o varão ou fêmea da especie huma-
« na que ainda não fala, ou não pronuncia
« bem o que diz, e extensivamente, o que
« está na *infancia*.

« *Menino* é o individuo da especie huma-
« na que está na *menhice*. Um *infante* del-
« xa de sê-lo logo que sae da idade de sete
« annos, e começa a falar com acerto e de
« um modo inteiligível. O homem é *menino*
« até que por si proprio se forma um siste-
« ma de conhecer o de executar, e em quan-
« to não chega este caso permanece na *me-
« nhice*. O tolo, o pateta, o sandeu, o men-
« tecapete, é sempre *menino*, ajuda que mor-
« ra de cem annos, porque as suas faculda-
« des intellectuaes nunca saíram de aquella
« estupidéz com que a natureza seia nossa
« primeira idade.—Napoleão dizia que os

« *Indios nasciam infantes, e morriam meninos.* — *Infante* é o que, pela natureza, não pode deixar de sê-lo. *Menino* é o que o é apesar da natureza.

« *Creança* é termo genérico, e como tal usado pelos clássicos, que se estende não só ao macho ou fêmea de qualquer espécie de animal, senão às mesmas plantas, como se lê no *Tempo d'agora*: — A arvore em quanto *creança* ».

« *Cria* é propriamente a *creança* dos animais, mas que as fêmeas criam com seu leite, e, por abuso pouco honroso para os senhores, a *creança* de uma escrava.

« Não obstante a autoridade de alguns clássicos, entendemos que é mais sensato o uso, hoje vulgar, de chamar *creanças* somente aos filhinhos da espécie humana, e *crias* aos dos animais, como muito bem disse Vieira: — De tudo o que produz a terra manda que ibe offerçamos os primeiros frutos; de tudo o que nasce dos animais as primeiras *crias*; e até dos próprios filhos os primogénitos (VI, 492) ».

Infecundo, infértil, estéril. — *Estéril* é termo absoluto: um terreno *estéril* não pode produzir nenhuma planta; uma mulher *estéril* não pode ter filhos.

Infértil é o que não produz, seja pela própria incapacidade de produzir, seja por causa da insuficiente ou má cultura.

Infecundo é o que está sem produzir; se bem tem qualidades productivas: *talento infecundo*.

Influencia, ascendente. — *Ter influencia* ou *ter ascendente* sobre alguém são expressões sinónimas.

Ascendente manifesta a debilidade da pessoa que sofre o influxo; *influencia* acentua o valor da pessoa que é acatada.

Informação, inquerito, perquirição, pesquisas. — *Pesquisas* diz-se dos meios que a justiça emprega para chegar ao conhecimento da verdade. As *pesquisas* revestem-se quasi sempre de um carácter ilegal e vil, mas impõem-se pela força das circunstâncias.

A *perquirição* tem carácter legal bem determinado, e exprime que a *pesquisa* é feita escrupulosamente para chegar a descobrir ou encontrar o que a justiça falta para estabelecer a sua opinião.

O *inquerito* é ordenado para descobrir, não pessoas ou cousas, mas a verdade dos factos, determinar-lhes exactamente a natureza, e apurar as responsabilidades.

A *informação* é geralmente levada a efeito para estabelecer opinião sobre os indivíduos apontados, quer pelo seu procedimento habitual, quer pelo seu carácter.

Informar, avisar. — *Avisar* é dar a alguma pessoa um *aviso* sobre algo que ibe diz respeito e ibe interessa.

Informar é dar a conhecer a alguma pessoa um facto ou circumstancia sobre que esta pessoa, em virtude das suas funções ou posição social deve providenciar ou exercer vigilância.

Informar-se, inquirir, perguntar, interrogar. — *Informar-se* é procurar informações, andar de um lado para outro procurando saber o que por necessidade ou por curiosidade chama a atenção.

Inquirir é *informar-se* a respeito de algo que nos interessa ou que tem importância. Esta palavra indica que se leva a informação até aonde ella pode chegar, para obter o mayor número de dados e de pormenores que fluicidem completamente.

Perguntar, ou, como se dirá depois de corrigir esta palavra, *preguntar*, é fazer perguntas, indicar que queremos ser informados. O mesmo sentido tem *interrogar*, mas este verbo indica a autoridade do quem pergunta, e a obrigação do responder que tem o *preguntado*.

Dos trez últimos vocábulos de este grupo diz Riquetto:

« Reformem-se estas trez palavras ao que dizemos a alguém para saber de elle aqui: lo de que nos queremos informar; differenciam-se porém em que, *preguntar* indica curiosidade, ou necessidade de saber, como diz o ditado: *Quem pergunta quer saber*; e *interrogar* supõe autoridade. Um espia, um desconhecido *pergunta* às gentes que encontra; o juiz *interroga* o réo. — *Pergunta* toda a classe de pessoas, o pobre como o rico; só *interrogam* as autoridades.

« *Inquirir* é indagar com miudeza, com diligencia, alguma cousa que desejamos sem saber. A *inquirição* consiste em fazer varias *perguntas* como o fim de conhecer o que se ignora. O juiz *inquire* as testemunhas antes de interrogar o réo ».

Ingratidão, desagracedimento. — A *ingratidão* é um vicio do coração; consiste em repellar voluntaria e odiosamente a recordação de um beneficio.

O *desagracedimento* não é um vicio do coração, mas uma falta de sensibilidade, muito censurável sim, mas não tão repugnante como a *ingratidão*.

O *ingrato* odia o seu bemfeitor; o *desagracedido* não.

Inhumação, enterro. — *Enterro* e *inhumação* dizem-se do acto de dar um cadáver à terra; *enterro* porém desperta certas idéas accessorias, tais como as de acompanhamento, cerimoniaes religiosas ou civis, etc. — *Inhumação* apenas designa o acto de baixar o cadáver à sepultura.

Inhumano, deshumano. — O sr. Cândido do Figueiredo considera estas pa-

lavras como sinónimos perfeitos; parecidos porém que os prefixos alteram sensivelmente o termo humano.

É *deshumano* aquelle que não faz o que a humanidade exige; é *inhumano* o que faz actos improprios da humanidade.

O homem *deshumano* não socorre o seu semelhante conforme a humanidade lhe impõe.

O homem *inhumano* compraz-se em ser cruel, em fazer o mal que a humanidade reprova.

Inimizade, rancor. — A *inimizade* funda-se no odio; o *rancor* no desejo de vingança. A *inimizade* é mais aberta e mais franca que o *rancor*; pois nesta palavra entram as idéas de reconcentração e dissimulação.

A *inimizade* é geralmente passiva; o *rancor* obra quando se lhe oferece a occasião.

Inintelligível, incompreensível. — *Inintelligível*, diz-se com relação á linguagem, ao modo de se expressar, quer por palavras quer por sinais.

Incompreensível diz-se com relação á propria natureza das cousas, não relativamente á forma exterior de ellas.

Um discurso *inintelligível* peca pela expressão; um discurso *incompreensível* peca pelas idéas.

Injunção; ordem. — A *ordem* deve ser executada; a *injunção* não só deve ser executada mas estretamente observada. A *ordem* só supõe superioridade o autoridade.

Insensato, louco. — O *insensato* não combina as idéas como é devido, não atenta no que vê, não calcula o que ha-de vir nem o que ha-de resultar.

O *louco* obra despropositadamente.

Insensivelmente, lentamente, pouco a pouco. — *Lentamente* diz-se do que se vai fazendo progressivamente e sem pressa; este vocábulo é relativo ao sujeito ou agente.

Pouco a pouco é relativo ao andamento da acção, o também aos resultados que ella tem no paciente.

Insensivelmente é relativo á impressão causada em quem presenciar acção.

Ha venenos que obram *lentamente*, mas a sua acção vai-se produzindo *pouco a pouco*, e *insensivelmente* para os olhos mais perspicazes.

Inserir, introduzir. — *Introduzir* significa «fazer entrar», sem nenhuma idéa accessoria. Diz-se do pessoas e de cousas.

Inserir é fazer entrar, meter dentro, para que fique no interior para um fim determinado, e com intenção singular. Só se diz

das cousas. Veja-se também o artigo *Meter*.

Insigne, assignalado. — *Insigne* diz-se com relação ao valor intrinseco da pessoa ou cousa de que se fala; *assignalado* diz-se com relação aos factos ou circumstancias que chamam a atenção para a pessoa ou cousa assim qualificada.

Insinuação, inspiração, persuasão, inslgação, suggestão. — A *inspiração* é o modo de levar alguma pessoa a seguir os nossos desejos, fazendo-a obrar como queremos que ella obre, penetrando para isso no seu espirito e fazendo-lho adoptar as nossas idéas. Ha pessoas que obram julgando-se *inspiradas* por Deus.

A *insinuação* é a *inspiração* ardilosa que penetra no ânimo por vias tortuosas, obliquas ou indirectas. As *insinuações* dos privados fizeram cometer aos reis muitos crimes.

A *persuasão* obra pela razão, á qual se dirige com argumentos convincentes.

A *instigação* consiste em ser assíduo a aconselhar o que se deseja que se faça. Por *instigações* de Aman decretou Assuero a proscripção dos judeus.

A *sugestão*, no sentido em que consideramos esta palavra como sinónima das precedentes, consiste em impôr a propria vontade á pessoa que queremos que nos obedeça, sem que esta desconfie dos laços que lhe armamos, nem da influencia que sobre ella exercemos. Diz-se sempre a má parte.

Els como Roquete compara estes vocabulos:

«Estas cinco palavras indicam a acção
«de introduzir alguma idéa ou algum sentimento na alma de alguém; porém tem
«cada uma de ellas sua maneira particular do exprimir esta acção.

«Pela *insinuação* não se apresenta directamente e ás claras a cousa que se quer
«que outro admita ou adopte; porém une-se com outras que a preparam, e dando a
«conhecer a idéa principal, se leva insensivelmente a pessoa interessada ao ponto
«que se pretende sem que ella perceba os progressos, ou ao menos os meios que se
«empregaram para leval-a a effeito.

«A *inspiração* é, pelo contrario, uma maneira directa de fazer entrar alguma idéa
«no espirito de alguém, ou algum sentimento em seu coração, com tanto que esta idéa a este sentimento não sejam descobertos ou conhecidos de outrem, de maneira que pareça provirem do si mesmos.

«A *instigação* não nasce do raciocinio nem do pensamento; vem de fóra. Por esta razão a vista de uma mulher formosa, *inspira* o amor; os favores e mercês que se recebem de uma pessoa *inspiram* a gratidão e o reconhecimento; os bons exem-

« plos *inspiram* a virtude. Assim é que uma
« idéa nova e que se apodera subitamente
« da alma, sem que se conheça o que a mo-
« tiva, parece uma *inspiração* de Deus.

« A *instigação* é uma acção pela qual se
« excita, se aguilhoa a uma pessoa para que
« faça tal ou tal cousa.

« A *persuasão* é um meio de fazer crêr
« firmemente a outro o que se deseja, em-
« pregando os recursos da eloquência para
« mover o coração e decidir a vontade.

« A *sugestão* é um modo oculto ou embu-
« çado de prevenir ou de ocupar o ânimo
« de alguém com uma idéa, que sem ella
« não poderia fazer nada moralmente con-
« siderado.

« A *insinuação* emprega a finura, a habi-
« lidade, a moderação, os termos respeito-
« sos; abre suavemente o caminho, capta
« com doctreza a confiança das almas sin-
« ceras e fáceis de convencer-se.—A *inspi-
« ração* põe em acção os espiritos por meios
« novos e extraordinários, que não estão ao
« alcance de todos.—A *instigação* sollicita
« com vehemência uma cousa, e acaba por
« sujeitar os espiritos débeis e almas apou-
« cadas.—A *persuasão* ganha o coração pa-
« ra chegar até ao espirito; lisonjela, agra-
« da, interessa; emprega, numa palavra,
« todos os meios de eloquência.—A *suges-
« tão* surpreheende o espirito, e logra seu
« objeto por meios occultos.

« A *insinuação* é propria do homem fino
« e bem educado; a *inspiração*, do poeta e
« homem de talento creador; a *persuasão* é
« mais propria do fóro e do tudo que con-
« cerne a oratoria; a *instigação* e a *suges-
« tão* exprimem idéas mais vagas, e sempre
« se tomam em mau sentido ».

Veja-se tambem o que de estes vocábulo-
los diz Lacerda:

« Todas estas palavras indicam a acção
« de introduzir alguma idéa no pensamento
« de alguém, mas cada uma de seu modo.
« *Insinuação* é um modo sagaz de introdu-
« zir-se no ânimo de alguém, e senhorear-
« se da sua vontade, sem que elle o suspel-
« te. *Inspiração* é um meio imperceptível
« do fazer nascer no ânimo do alguém os
« pensamentos que se pretende, mas de
« modo que pareça que ali nasceram, e que
« não foram por outrem lá introduzidos.
« *Instigação* é um meio dextro de excitar
« alguém a fazer o que de si não faria por
« a isso resistir. *Persuasão* é um meio insi-
« nuante, mas effizaz de fazer crêr, ou ado-
« ptar a outrem o que desejamos, não ob-
« stante as suas prevenções em contrario.
« *Sugestão* é uma lembrança, uma indica-
« ção que se faz, ou conselho que se dá por
« modo tal que preocupe o ânimo do acon-
« selhado, sem que elle comprehenda a in-
« tenção de quem o aconselha; e isto affim
« de que quem recebeu o conselho faça o
« que sem elle não faria, e o faça como de
« si proprio. A *insinuação* emprega a bran-

« dura; a *inspiração* meios extraordinários;
« a *instigação* a vehemência; a *persuasão* a
« lisonja; a *sugestão* a surpresa ».

Insinuar, persuadir, sugerir.

— Para *insinuar* deve-se attender às cir-
cunstancias em que com mais probabilidade
se pode encontrar o ânimo disposto a
bem receber a idéa que se quer comuni-
car.

Para *persuadir* necessita-se eloquência
ou sólidas razões.

Para *sugerir* deve-se ter autoridade no
ânimo de aquelle que queremos tornar ins-
trumento da nossa vontade.—Este verbo,
dependendo sempre do seu sentido primi-
tivo, é empregado em casos em que parece
que a intenção não existe; por exemplo
quando se diz: aquelle incidente *sugeriu*-
me a idéa do um drama.

Inspido, insosso, insulso, des-

abrido.—O que é *insipido* não tem sa-
bor por natureza, e por conseguinte não é
agradável nem desagradável ao gosto. Um
manjar *insipido* não produz nenhuma sen-
sação no paladar. Figuradamente, o que é
insipido não produz nenhuma sensação no
espirito a não ser a do desagrado que re-
sulta do tempo perdido como o que é *insipido*.

Insosso diz-se do que não tem sal, ou do
que não tem o sal sufficiente.

Insulso é o mesmo que *insosso*, mas pre-
ferido para o sentido figurado.

Desabrido é aquillo que não tem o gosto
que lbe corresponde: um melão demasiado
maduro é *desabrido*.

Insólito, desusado.—O que é *in-*
sólito é contrario aos costumes ou hábitos.

Desusado é o que não é usual ou que já
não está em uso.

Instante, imminente.—O que es-
tá *instante* tarda pouco tempo; está para
suceder, pode sobrevir de um momento
para outro, mas não se sabe a ponto fixo
quando será ou sobrevirá.

Imminente diz-se do que vae succeder im-
mediatamente, cntr sobre nós seguindo-se
sem intervallo á ameaça.

Instante diz-se do que é bom e do que é
mau. *Imminente* só se diz do quo é mau ou
perigoso.

Instante, momento.—Assim com-
para Lacerda estes vocábulos:

« *Momento* designa um espaço de tempo
« muito breve. *Instante* indica um espaço
« de tempo ainda mais breve do que o *mo-
« mento*; ou antes indica um ponto com re-
« ferencia á duração:—O *instante* se ha
« com o tempo de moineira que se ha o ponto
« com a linha, porque, lido indivisível é um
« como outro; e pois o ponto não é linha, logo
« nem o *instante* é tempo. (II. PINTO). —

« *Momento* parece admitir também significação mais ampla, porque também se toma pelo tempo em geral, e pelo conjunto de circunstâncias que proporcionam a oportunidade de fazer alguma coisa. *Instante* porém toma-se sempre na significação restrita, como designando um ponto indivisível da duração, e emprega-se sempre no sentido literal; em quanto que *momento* se usa com frequência no sentido transitado para significar valor, peso, importância de algum negócio: — Por um **instante** esteve a perder-se a questão de tão grande momento.

Insuperável, Invencível. — Não se pode passar por cima do *insuperável*, nem vencer o *invencível*. O *insuperável* estorva; o *invencível* estorva e combate; isto é, o que é *insuperável* pode permanecer inactivo, opondo apenas uma barreira; o que é *invencível* opõe-se activamente.

Insupportável, Intolerável. — *Insupportável* diz-se do que incomoda, aborrece ou causa qualquer mal estar.

Intolerável diz-se do que é contrário aos nossos sentimentos ou à consciência.

Assim, *insupportável* diz-se do físico, e *intolerável* do moral. *Intolerável*, porém, também se diz das pessoas ou do que ellas fazem, e nesse caso significa muito *insupportável*.

Insurgente, rebelde. — Lacerda compara muito bem estes vocábulos; diz assim:

« O sentido comum a estas palavras é o de levantar-se alguém contra alguma autoridade, mas differenciam-se da maneira seguinte:

« *Insurgente* é o que se levanta contra a autoridade, mas com causa que se reputa de algum modo legítima.

« *Rebelde* é o que se levanta contra a autoridade sem causa justificável, e por tanto criminosamente.

« O *insurgente* tem por si a opinião de que obra com direito usando da sua liberdade contra a injustiça. — O *rebelde* tem contra si a opinião de que abusa dos meios de que pode dispor para opôr-se á lei e a autoridade legítima ».

Integrante, essencial. — É *integrante* aquillo que é necessário para conservar a integridade do sêr, e *essencial* quanto é indispensável para constituir-o. — Os órgãos da sensação são partes *integrantes* do homem; as suas faculdades *essenciaes* são o entendimento e a vontade.

Integridade, pureza. — A *pureza* consiste em não ter recebido nenhuma impureza, em não ter admitido nenhum corpo estranho que modifique para mal a constituição primitiva.

A *integridade* está em não haver perdido nenhum dos elementos constitutivos, em permanecer tal qual se era primitiva e naturalmente.

Integridade, viriude, probidade, honradez. — A *virtude* é um dom pelo qual o homem se sente inclinado a fazer o bem e a evitar o mal; diz-se do homem com relação ao seu proceder para consigo mesmo e com relação ao seu proceder para com o próximo. — Entende-se porém que a *virtude* exige que o proceder do homem virtuoso exceda os limites ordinarios no bem, que elle procure as occasiões de exorcer o seu dom, e que não se contentar se lhe depareem.

A *probidade* é uma *virtude* provada, conhecida; consequentemente só se diz com relação ao próximo. Além de esta palavra tor o sentido limitado em quanto á extensão, a *probidade* limita-se também a não violar o direito, e a conformar-se aos principios fundamentaes da justiça. É como uma qualidade passiva, pois não procura as occasiões de se exercer, e negativa porque só se limita a não fazer o mal, sem procurar fazer o bem.

A *integridade* é a *virtude* considerada na perfeição da sua innocencia e da sua pureza; é a *virtude* que não sofreu nenhuma mancha. Como a *probidade*, a *integridade* é particularmente relativa a questões de interesse, e designa a força invencível de resistencia ao mal, ás sollicitações, ás amblições, ás seducções, etc.

A *honradez* é a *virtude* que mais depressa obedece ao cálculo que a um impulso natural; ella tem por fim conservar a pureza e o lustre do nome, e a atrair-se a consideração alheia.

Interior, Interno, Intrinseco, Intimo. — *Interior* e *interno* aponas denotam colocação; *intimo* e *intrinseco*, não só denotam colocação, mas também exprimem união e natureza.

Interior é o que está debaixo da superficie dos corpos ou dentro dos limites da extensão. O *interno* dista mais da superficie e dos limites que o *interior*, o faz por assim dizer parte integrante do que o encerra.

O *intimo* não só pertence á parte central das cousas, mas também ao seu modo de sêr.

O *intrinseco* está identificado com o sêr ou forma parte da sua essencia.

O *interior* de um Estado é tudo quanto não é fronteiro ou litoral; a sua administração *interna* pode ser boa ou má. As convicções profundas estão no nosso *intimo*. Os vícios *intrinsecos* não são fáceis de desarraigar.

Eis como Lacerda compara estes vocábulos:

« *Interior* é o que está dehalxo da superficie, o que não apparece exteriormente.

« *Interno* é o que está mais dentro de alguma cousa, que está profundamente encerrado dentro de alguma cousa, quo obra dentro da cousa onde se acha.

« *Intrinseco* designa o que fórma parte de uma cousa, o sem que uma cousa não pode ser porque com outras a constitúe intimamente.

« *Íntimo* é o que não só está occulto numa cousa, mas tamhem está nella occulto ou encerrado muito profundamente. O que não é aparente e visível é *interior*. Com relação ao homem diz-se alegria ou tristeza *interior*. O que está tão concentrado, que é preciso penetrar muito dentro da cousa para o descobrir, é *interno*; e com relação ao homem diz-se, com referência à parte corpórea: *frio, calor interno*. « É *intrinseco* o que faz parte de um objeto não accessoria ou accidentalmente. É, ou diz-se *íntimo*, em sentido moral, o que queremos encarecer como estando no fundo do alma: *dôr íntima, afeição íntima*.

Intermissão, intermitencia, interrupção.— Tanto a *intermissão* como a *intermitencia* indicam cessações regulares, que se reproduzem periódicamente; *intermissão* diz-se dos intervalos de curta duração.

Interrupção diz-se de uma hruca cessação do quo se esperava que continuasse. Também se diz do que cessa com intervalos irregulares.—A *interrupção* pode provir da cousa que se interrompe, ou de uma causa estranha; a *intermissão* e a *intermitencia* provêm da própria cousa de que se fala.

O pulso tem *intermissões*; as sezões, *intermitencias*; os discursos, *interrupções*.

Intérprete, traductor, lingua.— A idéa particular a *traductor* é relativa a livros ou escritos, e nisso se differença de *intérprete*, que é aquelle que diz numa lingua o que outrem diz em lingua diferente.

Lingua é termo vulgar com que se designa o *intérprete* pouco perito e de baixa classe.

Intestinos, visceras, entranhas, tripas.— *Visceras* é termo genérico que designa todos os órgãos da vida collocados no interior do corpo do animal.

Entranhas diz-se das *visceras* situadas no ventre, e figuradamente da sêde da sensibilidade moral e dos sentimentos affectuosos.

Intestinos são as *visceras* do aparelho digestivo que se seguem ao estômago, e nas quaes se conclúe o trabalho da elaboração

e se opera a eliminação das materias alimenticias.

Tripas é a denominação vulgar dos *intestinos*.

Intimidar, amedrontar.— O que *intimida* produz menos effeito que o que *amedronta*; o que *intimida* embaraça; o que *amedronta* rotrae. Os *obstáculos intimidam*; os *perigos amedrontam*.

Inválido, irritio, nullo.— De estes vocábulos diz Roquette:

« De todos estes termos de jurisprudencia o mais genérico é *inválido*, que designa todo acto ou título que não tem validade, nem vigor, nem força de obrigar. « Quando esta *invalidade* provém de algum vicio, de falta de alguma condição ou solemnidade prescrita pela lei, é *nullo*. « Quando o acto ou título foi feito com as condições e solemnidades da lei, porém, por circumstancias supervenientes, não é reconhecido, nem aprovado, nem ratificado, é *irritio*.— *Nullo* é o testamento feito por pessoa em estado de demencia, ou faltando-lhe as testemunhas que a lei exige. *Irritio* é o ajuste feito por um procurador que excedeu os poderes que na procuração de seu cometenete lhe são concedidos. E ambos estes actos são *inválidos*. « *Nullo* tem mais força que *irritio*, por isso se diz em alguns casos, *irritio e nullo*, e não *nullo e irritio* ».

Invasão, incursão, irrupção.— A *invasão* é uma hostilidade ordenada, que tem a sua origem na politica, e que se faz segundo as práticas militares e com movimentos estratégicos.

A *incursão* é uma correria em territorio estranho, feita com rapidez, acompanhada de saque—que é o seu principal objeto—e mortandade.

A *irrupção* é uma *incursão* feita em grande, e com o objeto de conquistar. Foram as *irrupções* que deram aos Bárbaros do Norte a posse das Galias e da Espanha.

Invincível, invicto.— O *invencível* não pode ser vencido; o *invicto* nunca foi vencido o distinguu-se pela sua bravura na guerra. *Invencível* é adjetivo; *invicto* é epíteto.

Inviolável, sagrado.— *Sagrado* diz alnda mais que *inviolável*.

Uma cousa é *inviolável* com relação à obrigação da pessoa que não lhe deve tocar; é *sagrada* pelo seu proprio carácter.

Ir, ir-se.— *Ir* é mover-se de um lugar para outro, determinado ou não; pôr o corpo em movimento com certa direcção fixa. *Ir-se* é simplesmente ausentar-se. Bem

se nota essa diferença no exemplo seguinte: Para onde foram os que se foram?

Irado, iracundo, iroso.— *Irado* diz-se de quem tem ira ou por ella está animado.

Iracundo é o mesmo que *mui irado*.

Iroso, termo pouco usual, diz-se de quem é frequentemente dominado pela ira.

De estes trez vocábulos diz Lacerda:

« *Iroso* é o que se deixa dominar facilmente da ira.

« *Iracundo* é o homem a quem a ira domina com violência, o arrasta e precipita.

« *Irado* é o que está actualmente tomado da ira.

« *Iroso* designa a paixão, e *iracundo* o hábito da ira. *Irado* indica o estado actual do homem que se irou. Um homem pode estar *irado*, sem ser *iroso*, nem *iracundo*; e pode ser sujeito á paixão da ira, sem num momento dado estar possuído de esta paixão ».

J-K

Jactancia, vaidade, arrogancia.—A *jactancia* é o louvor próprio, quando presunçoso e exagerado; o *hipérita jacta-se* em tom humilde das suas virtudes e penitências.

A *vaidade* patentela-se no ar empavonado e nos modos pretoncçosos. O *vaidoso* julga *ser perfeito e superior a todos*.

A *arrogancia* é a aspiração ostentosa e manifesta à superioridade, expressada pela voz e pelo gesto.

Jamais, nunca.—Roquete compara perfeitamente estas palavras. Diz o seguinte:

«Coafundiram os nossos clássicos estes dois adverbios, o ão aclarou bastante sua differença o autor dos Sinónimos da lingua portugueza (!), posto que se possam bom differença da maneira seguinte, quando se referem a cousas futuras.

«*Jamais* exprime propriamente a Idéa do que se não quer que suceda, manifestada por aquelle que pode por si proprio fazer alguma cousa e está declidido a não fazer a pela convicção que tem do que lhe seria prejudicial ou deshonrosa.

«*Nunca* exprime particularmente a Idéa de que não sucederá uma cousa que se apetece, e não porque ella seja impossivel, senão pela desconfiança que tem de sua propria fortuna e do sujeito que a deseja.

«A Idéa de *jamais* refere-se à fortaleza, ao despetto, à indignação, a Idéa de *nunca* respira desconfiança, dúvida, desespeiração. — *Jamais* transigirei com meus inimigos, diz um general que espera a victoria à frente dos seus contrarios. *Jamais* consentirei que meus direitos sejam menoscabados, diz um rei a seus mlaistros. — *Nunca* serei feliz, diz um filósofo no retiro de seu gabinete; *nunca* chegarei a conhecer as causas das cousas, *nunca* a posteridade fará justiça às minhas investigações. — *Jamais* me apartarei de meu propósito; *nunca* terei recompensa.

«Numa novela mourisca diz um cavalleiro namorado:

«*Jamais* de amor esta chama, que ardente vibra em meu peito, poderão apagar os homens, poderão extinguir os tempos. *Nunca* espero minha ventura, que esquivada de mim foge. *Jamais* deixarei de amar-te, porém *nunca* de amor receberei o premio.

«Quando *jamais* se refere ao passado vale o mesmo que *nunca*, mas tem particular energia, e como que indica uma negação roterada, como se pode colher dos seguintes exemplos que se lêem em Moraes: *Jamais* pude eo' fado ter cautela. Que citara *jamais* cantou victoria. Logar de penas e tormento esquivo onde *jamais* se viu contentamento ».

Juramento, jura.—Diz Roquete:

«*Juramento* é a afirmação ou negação de alguma cousa tomaado a Deus por testemunha.

«*Jura* é um modo de jurar empregando expressões baixas, ou certas fórmulas pouco comedidas de que usa a plebe.

«O *juramento* faz-se com reflexão para afirmar o que se diz ou vae a dizer; é um acto sollemne, judicial e religioso. A *jura* emprega-se quasi sempre por hábito e sem reflexão; e posto que a gente vulgar e mal educada usa muito de *juras* para confirmar o que diz, nem por isso merece mais crédito, pois não é sem fundamento que se diz aos juradores:

«*Quem mais jura, mais mente* ».

Justa, torneio.—De estas palavras diz Roquete:

«A *justa* era propriamente o combate do homem a homem, a cavallo o com lança. Andando os tempos se extendeu a significação de esta palavra a outros combates pelo abuso que fizeram os antigos cronistas e romancistas de cavalaria, que desfigurando o verdadeiro sentido das palavras lavras puzeram frequentemente em confusão nossas Idéas.

«Devem-se pois distinguir as *justas* dos *torneios*. Os *torneios* faziam-se entre muitos cavalleiros que combatiam em tropel, ou em quadrilhas, fazendo voltas em torno (de onde a palavra *torneio*), ora a cavallo ora a pé, com lança ou espada; a

(!) Cardeal D. frei Francisco de S. Luz.

« *justa* (do francez antigo *jouste*, hoje *joute*) « era um combate singular de homem a homem que se tratava com encontros de lança. Ainda que as *justas* se faziam ordinariamente nos torneios depois dos combates de todos os campeões, succedia, sem embargo, quo se faziam sós, Independentemente de nenhum torneio ».

Justeza, precisão, exactidão.

— Referidas ao estilo, estas palavras podem confundir-se :

A *justeza* consiste em não empregar senão expressões adequadas, isto é, aquellas expressões que correspondem ao pensamento que se quer exprimir. A *justeza* é relativa ás palavras.

A *precisão*, que é mais relativa ao estilo, consiste em não empregar senão as palavras necessarias, desprezando quanto seja superabundante ou inútil, e sobre tudo as

repetições, as redundancias e a impropriedade.

A *exactidão* consiste em empregar todas as palavras necessarias para bem expressar a idéa, ainda que seja desenvolvendo-a.

Pela *justeza* não se empregam senão as expressões convenientes ao pensamento ; pela *precisão* encerra-se o pensamento nos limites que fixa a natureza do assunto; pela *exactidão* não se omite nada do que é útil ao desenvolvimento do pensamento.

Kilogrâmetro, cavallo (de vapor).— Servem estas palavras para medir a força das máquinas de vapor.

O *kilogrâmetro* é a força que no espaço de um segundo eleva um kilogramo á altura de um metro.

O *cavalo* equivale a 75 *kilogrâmetros*.



L

Labôr, layôr, trabalho.—*Labor* é palavra que tomamos directamente do iatim *labor*; *lavor* tem a mesma origem, mas indirectamente, pois se formou de *lavarar*.

Labor e *Lavor* são portanto palavras muito distintas que não devem ser tomadas indistinctamente.—ainda quando os dictionaristas as confundam e as expliquem uma pela outra (!).

Labor é sinónimo de *trabalho*; *lavor* não; só a ignorancia, confundindo a pronuncia dos dois vocábulo, originou que *lavor* seja abusivamente empregado por *trabalho* ou *faina*, isto é, por *labor*.

Labôr é o trabalho longo e difficil, que cansa o espirito ou o corpo. *Os rudes labores dos nossos aldeões; foi victima de um labor insano.*—Note-se que a forma latina de esta palavra a torna adequada á poesia, e mais propria dos estylos médios e elevado que do familiar.

Lavor diz-se do trabalho de agulha feito por desenho, e de qualquer ornato em relevo.

Trabalho é o acto de fazer qualquer coisa, principalmente qualquer das cousas que constituem o nosso modo de vida, o nosso ganha-pão, ou que são constitutivas do nosso cargo ou emprego. *Trabalha o ministro; trabalha o operário. Trabalho manual; trabalho intellectual; trabalho fácil; trabalho difficil; trabalho árduo.*

Laborioso, trabalhador.—O homem *trabalhador* pode, e o homem *laborioso* quer trabalhar. O homem *trabalhador* consagra sua vida aos trabalhos do seu ministerio ou profissão. O homem *la-*

borioso procura as occasiões de trabalhar e sente gosto e prazer quando trabalha.

Els como Lacerda compara estes vocábulo:

« O homem *laborioso* ama o trabalho, e « foge da ociosidade. O homem *trabalhador* « toma parte no trabalho, e faz muito em « alguma obra. O *laborioso* viveria mal se « não se occupasse em alguma cousa: o *trabalhador* « é assíduo no trabalho, não perde « um instante. A palavra *laborioso* refere-se « ao carácter, e gosto de quem trabalha. A « palavra *trabalhador* refere-se principal- « mente á obra em que alguem trabalha. O « homem *laborioso* occupa-se no útil, e no « agradável; porém o *trabalhador* prefero o « necessario e o útil.

Laco, nó.—*Laco* é o que une, o que liga. *Nó* é a parte do *laco* que está fixa, que não se desfaz sem esforço.

Figuradamente—ainda que *nó* seja pouco usado em tal sentido—subsiste a mesma differença que no sentido proprio.

Lanca, pique.—O *pique* era a *lança* curta dos infantes; só os cavalleiros usavam a *lança* propriamente dita.

Lapidificar, petrificar.—Não se devem confundir estas palavras, com erradamente se pode deprehender de varios Dictionarios.

A *petrificação* é a transformação lenta de uma materia vegetal ou animal em pedra.

A *lapidificação* é a consistencia pétrea que tomam as materias minoraes.

Uma *noz petrifica-se*, mas não se *lapidifica*. O contrario se dirá da areia.

Lares, penates, génio.—Os Romanos punham suas casas sob a protecção dos deuses *lares* e *penates*.

Os *lares* eram os antepassados divinizados cujos manes protegiam a seus descendentes, e os socorriam nos perigos e circumstancias difficis.

Os *penates* eram deuses que protegiam a todas as casas, que velavam pela prosperidade das familias.

Cada familia tinha os seus *lares* particu-

(!) São do Dictionario do sr. Cândido de Figueiredo as definições seguintes:

« *LABOR*, m. layôr; trabalho, *faina*. (Lat. « *labor*).

« *LAVOR*, m. trabalho manual; *labôr*; (ext.) « trabalho; ornato em relevo; obra de agulha, feita por desenho; lavrado; * crys- « tallização superficial nas salinas, impe- « dindo a evaporação e, portanto, a forma- « ção do sal. (Lat. *labor*). »

lares; os *penates* eram comuns a todos os Romanos.

Genio dizia-se do Deus que dá vida. A Júpiter, como pae supremo dos deuses, chamavam-lhe os Romanos *genius Jovialis*. Supunha-se que cada homem tinha o seu *genio*, que o acompanhava toda a vida, e só o deixava quando morria; de ahí a suposição do anjo da guarda entre os católicos.

Eis como Lacerda compara *lares* e *penates*:

«Estas duas palavras designam, na mitologia, a idéa comum de deuses protectores; mas differem, porque é mais genérica a significação pela palavra *lares*, do que a que significa a palavra *penates*.

«*Lares* eram deuses tutelares a quem estava confiada a protecção dos bons e das pessoas, e tinham diversas denominações, segundo a diversa natureza das cousas que guardavam, e tambem segundo o lugar onde estavam as cousas por elles protegidas. Em geral todos os deuses de que se esperava protecção eram chamados *lares*. Começou-se a dar culto aos *lares* pela prática do enterramento dos corpos dentro das casas, o que deu ocasião a que se acreditasse que tambem ali ficavam as suas almas protegendo a casa e a familia, como deuses propícios. Do enterramento dos mortos nas estradas veio a denominação de *lares viaes*. Os platónicos faziam *lares* das almas dos bons, o *lémures* das almas dos maus.

«*Penates* eram deuses que defendiam as cousas domésticas, que diziam respeito ao interior da familia, e pertenciam-lhes tambem vigiar a despesa, ou abastecimento da casa; e é por isso que tambem so lhes chamavam deuses *patrios*, deuses *familiares*. Os *penates* eram venerados numa especie de oratorios, collocados u parte mais interior da casa».

Largura, largueza.—*Largueza* é a *largura* considerada com relação ao objecto que a deve occupar. *Uma rua estreita que tem só tres metros de largura não tem largueza bastante para que por ella passe um regimento formado a dez de fundo.*

Lacerda diz:

«*Largura* usa-se semente no sentido fisico, e designa uma das tres dimensões dos corpos, a distancia de um ao outro lado de uma superficie sem attenção ao comprimento.

«*Largueza*, no mesmo sentido fisico, tem significação menos restricta, e designa a extensão de qualquer superficie, a capacidade de qualquer espaço. No sentido moral designa o contrario de estreiteza, acanhamento do animo, etc.».

Larvas, lémures.—Diz Lacerda: «Estas duas palavras, segundo as opiniões gentílicas, conviniham em designar

«as almas dos maus, que apareciam aos vivos para inquietal-os; mas differenciavam-se do seguinte modo:

«*Larvas* eram os espectros, os fantasmas de diferentes formas, debaixo das quaes as almas dos finados apareciam aos vivos, e lhes causavam espanto, e terror.

«*Lémures* eram as imagens, as sombras dos mortos finados que apareciam aos vivos debaixo (sic) da sua propria figura, para persegull-os, e atormental-os».

Lástima, compaixão.—A *lástima* é um sentimento menos vehemente e mais passageiro que a *compaixão*. A primeira provém da impressão que nos causam os males alheios; a segunda, de uma disposição constante da sensibilidade e benevolencia do animo. Assim é que da palavra *lástima* não se deriva nenhum epíteto applicável ao que a sente, senão ao objecto que a provoca; o contrario succede com *compaixão*.

As desgraças, as doenças, a fome, a dôr são lastimosas. As pessoas em quem estes males produzem lástima são compassivas.

Lavar, enxaguar.—*Enxaguar* é lavar ligeiramente o interior de uma vazilha que está limpa ou quasi limpa.

Tambem se diz *enxaguar* a bóca.

Enxaguar a roupa, é passal-a por agua limpa e clara depois de a lavar.

Legal, legítimo, licito, permitido.—O *legal*, como emanção da lei civil, nem é tão essencial nem tão duradouro como o que é *legítimo*, pois o *legítimo*, depende da natureza ou das instituições fundamtaes dos povos. Assim dizemos: *filho legítimo* e *de legítimo matrimonio*; *testamento legal*, *autoridade legal*, *fórmulas legais*, etc.—A *legítima defesa* é a que a lei natural autoriza; a *defeza legal* é a que faz o advogado perante o tribunal.—O *legítimo* sempre será tal; o *legal* de hoje, será *ilegal* quando a lei se nuide.—Em todos os códigos ha *ficções legais*; não ha porém *ficções legítimas*.

Licito supõe um direito superior a toda a autoridade, e um alcance a que a lei não pode chegar, e que só a moral pode limitar. *Nem todos os negocios legais são licitos.*

Permitido diz-se de tudo aquillo que a lei e a moral não condemnaram.

De *legal*, *legítimo* e *licito* diz Lacerda:

«*Legal* refere-se ao que se obra em conformidade do que determina a lei positiva, isto é, observando todas as condições e formalidades que ellas prescrevem.

«*Legítimo* é vocábulo de significação muito mais genérica, e se diz de tudo o que se conforma com a ordem na natureza,

« com a razão, e com as leis. É *legal* o título passado na forma que n'el ordena; é *legal* o testamento, que foi feito com as solemnidades prescritas na lei, etc. É *legítimo*, em física, o ouro que não está adulterado, que tem os quilates da lei, etc. É *legítimo*, em lógica, o raciocínio cujas premissas são verdadeiras, e as consequências deduzidas segundo as regras. São *legítimas*, em moral, as acções que se conformam com os princípios da razão, da equidade, e da justiça universal.

« *Leito* diz-se restrictamente do que não é prohibido pelas leis da moral, do decoro, da decencia, etc. ».

Lenha, madeira, pau.—A materia lignea das arvores e arbustos é a *lenha*. Considerando a *lenha* das arvores segundo suas qualidades ou propriedades, é *madeira*. Considerando a *madeira* partida em pedaços delgados é *pau*.

Convém tambem ter em conta o que Roquette diz de estes vocabulos:

« Por estes tres nomes é conhecida vulgarmente toda a materia lignea, porém o uso tem fixado as seguintes differenças:

« Quando a materia lignea se considera com relação ao fogo, ao lume, de que é o cozo, chama-se *lenha*, ou seja grossa ou miuda, em molhos ou rachada, de roxo, de carreto ou de balsa; quando se considera com relação a edificar e construir, ou fabricar móveis, chama-se *madeira*; e quando se atende especialmente ás diferentes qualidades que de ella ha, e aos diferentes usos que de ella se faz, não sendo para edificar, construir, nem fabricar, chama-se *pau*; e assim se diz: *pau* de agulha, *pau* de Campêche, *pau* brasil, etc.

Lente, professor, cathedrático.—Roquette diz o seguinte de estas palavras:

« Todos estes ensinam em público uma ciencia ou faculdade, mas em cada um dos elles concorrem circunstancias particulares que os distinguem entre si.

« *Professor* é o que professa, ensina em público uma ciencia ou faculdade, expondo de suas doutrinas como proprias, e quasi sempre sustentando seu saber oralmente como orador. *Lente* ou *leitor* é o que, segundo o método escolástico, lla ou explica as doutrinas aprovadas pela escola ou universidade, contidas num compendio, do qual se não afastava. *Cathedrático* é o proprietario de uma cadeira da universidade om que ensina a faculdade de que está encarregado.

« O *professor* pode não ser *cathedrático*, pois ha muitos homens sábios e instruidos que, sem pertencerem ao corpo universitário, professam em academias, ateneus, reuniões literarias, etc.—O *lente* ou *leitor* pode pertencer ou a uma universi-

dade, ou corporação religiosa, mas é sempre condecorado com o título de mestre. — O *cathedrático* pertence sempre a uma universidade; se ensina a antiga tem tambem o nome de *lente*; se professa a moderna pertence-lhe o nome de *professor* ».

No artigo **Alto**, a páginas 58, já dissémos que *professor* é aquelle que comunica aos discípulos noções e conhecimentos exactos da materia que ensina.

Hoje, *lente*, é o *professor* que nas escolas superiores exerce seu ministerio. Nos liceus ha *professores*; na Universidade e nas escolas medicas e polytechnicas ha *lentes*.—O sr. Cândido de Figueiredo parece admitir que tambem se dê o título de *lente* aos professores dos liceus (!).

Cathedrático diz-se do *lente* efectivo das escolas superiores.

Lento, tardo.—*Lento* diz-se com relação á continuidade ou duração, na qual não se procede com actividade, ou precipitação.

Tardo diz-se com relação ao muito tempo que se perde na acção, ou mesmo ao que se gasta antes do começo-a.

Tardo sempre inclhe idéa censurável; *lento* pode até ser louvável.

Leve, ligeiro, ténue.—*Leve* é relativo ao peso e gravidade; *ligeiro*, á gravidade ou á prontidão dos movimentos; *ténue*, á densidade.—O que pesa pouco é *leve*. O que pesa pouco e atravessa o espaço, ou muda de logar com rapidez, é *ligeiro*. O que tem pouca densidade é *ténue*.—O fumo é *leve*; a borboleta é *leve* e *ligeira*; o ar é mais *ténue* que a agua.

Libertador, salvador.—O *libertador* dá a liberdade; o *salvador* dá a salvação. Quem liberta um povo escravo e lhe dá a independencia é seu *libertador*. Quem livra um povo do perecer, do cair em poder do outro povo, é seu *salvador*.

A dom Pedro IV se lhe chama o **Libertador**; a dom João I devera chamar-se o **Salvador**.

Ligeireza, agilidade, destreza.—A *ligeireza* difere da *agilidade* em supôr mudança de logar: corre-se com *ligeireza*; movem-se os dedos com *agilidade*.

A *destreza* é relativa á execução de al-

(!) Encontramos isso muito em harmonia com as tendencias egualitarias da época, e não nos extranharla que dentro de pouco se extendesse tal denominação até aos mestres das escolas primarias officaes. A Roma decadente pedia *panem et circenses*; a Espanha *pan y toros*; nós cá pedimos *lutas e cosméticos* (que isso de *pão* não é preciso pedil-o, já que muitos o têm a calote).

guma cousa: as *rendeiras* manejam os *bilros* com *destreza*.

Limar, polir, brunir. — De *limar* *polir* diz Roquete:

« Estas duas palavras são propriamente termos empregados nas artes e ofícios. « *Limar* é tirar com a lima as asperezas e desigualdades de um corpo duro, especialmente metálico. *Lima-se* o ferro, o aço, o bronze, etc. *Polir* é fazer lizo, luzido e agradável á vista, por meio de fricção, « qualquer corpo. *Põem-se* as madeiras, os móveis, os mármore, etc. Os metais ordinariamente brunem-se.

« Um corpo bem *limado* não tem nada de tosco nem de áspero; um corpo bem *polido* tem muito lustro, limpeza e brilho. Aquelle não offende o tacto, este é agradável á vista.

« Em sentido figurado, estas duas palavras se applicam com propriedade ás obras do entendimento. *Limar* uma produção do entendimento é corrigi-la, tirar-lhe tudo o que tem de desigual e innexcto, *limar* a pal-a de frases vulgares e menos elegantes; *polir* uma obra literaria é dar-lhe graça, brilho, e aquelle interesse de que é susceptível. Uma obra *limada* não tem nenhum erro de gramática, nem expressões improprias e desacertadas; uma obra *polida* offerece as expressões mais graciosas, e bem escolhidas, os giros de frase mais elegantes, uma harmonia intrinseca, emfim todo o donaire e brilhante primor de que é susceptível.

« *Polir* diz mais que *limar*. Porém em vão nos esforçaríamos em *polir* uma obra, se não *limáramos* antes; sempre teria alguma inexactidão, alguma expressão incorrecta. Do mesmo modo seria inútil o nosso trabalho *limando* uma obra; e não n *polindo*; sempre seria frã e não offereceria o interesse e amenidade de que é susceptível ».

De *limar*, *polir* e *brunir* diz Lacerda:

« *Limar* é tirar com a lima as asperezas e desigualdades de uma superficie. *Polir* é fazer desaparecer o trabalho da lima, « tirando o resto das asperezas que ficaram e tornando lizo, luzido e agradável á vista o corpo limado. *Brunir* é dar o último grau de lustre aos objetos limados, principalmente metaes, dando-lhes uma certa cor particular como a dos espelhos. No sentido translató, *limar* uma produção do ingenho é corrigir o estilo, torná-lo equal, « rejeitar vulgaridades, etc. *Polir* essa mesma produção, é, além de a *limar*, dar-lhe elegancia, graça, brilho. O verbo *brunir* não se usa neste sentido ».

Limitar, encurtar, restringir, coarctar, cercar. — No sentido recto, *limitar* é fixar limites, traçar linhas, elevar barreiras; *encurtar* é diminuir a dis-

tancia ou o comprimento; *restringir* é modificar para menos a acção ou o movimento; *coarctar* é reduzir a limites mais estreitos; e *cercar* é cortar em torno de modo a diminuir a superficie. As barreiras *limitam a arena*; o *atalho encurta a distancia*; o *impeto da torrente restringe-se no vale*; um *casaco apertado nos hombros coarcta o movimento dos braços*; *cercellum-se* as antigas moedas de ouro.

No sentido figurado têm estas palavras o mesmo emprego: a *Constituição limita, restringe, coarcta ou cercella o poder da autoridade*. *Encurtar razões*.

Limpo, asseado. — O que está *limpo* e o que está *asseado* não tem nodosas nem sujidade; mas o *limpo* pode ser natural e proprio da cousa n que se refere, ao passo que o *asseado* é sempre effeito do trabalho e do esmero. Uma *casa asseada* não só está *limpa*, mas tem adornos. No sentido figurado subsiste n mesma differença entre estes vocábulos.

Cão *limpo de nuvens*; costa *limpa de escolhos*; consciencia *limpa de culpas*. Familiarmente se diz: *trabalho asseado*.

Linguística, phillogia. — A *linguística* é o estudo das linguas considerannos seus principios e nas suas relações.

A *filologia* é um muito mais extenso ramo do saber, pois não só estuda os principios de cada lingua, e as relações que entre todas ellas ha, senão que tambem considera cada lingua como instrumento da sua literatura, estuda essa literatura, faz-lhe a critica, modifica e corrige, pule e aperfeiçoa, etc.

Um escriptor espanhol dizia ultimamente: *En Portugal no hay término medio, ó anal-fabelos ó filólogos*.

Liquefazer, liquecer. — *Liquecer* é verbo neutro com o qual se denota a acção de um corpo passar do estado sólido ou do estado gazoso ao estado líquido.

Liquefazer é verbo activo que exprime o acto de nlgum agente transformar os corpos não líquidos em líquidos.

Empregar o verbo *liquefazer* na forma reflexa é erro que se deve evitar.

Lisonja, lisonjoria. — É do Roquete a comparação de estes vocábulos; diz assim:

« Com razão notou o autor dos Sinónimos portuguezes que a terminação *aria* exprime em muitos vocábulos portuguezes a idéa de multidão de objetos da mesma especie, ou de continuação ou frequência do mesmo objeto, etc., e de aqui resulta toda a differença entre *lisonja* e *lisonjaria*. « *Lisonja* exprime pois a significação simples de este vocábulo; e *lisonjaria* exprime frequência e continuação de *lisonjas*,

« talvez com excesso e certa importunação
« propria de louvaminheiros ».

Litteralmente, á letra.—*Litteralmente* diz-se com relação ao sentido proprio e gramatical das palavras. *Á letra* diz-se relativamente ao sentido exacto e rigoroso das idéas.—Um traductor inhábil traduz *litteralmente*; um bom traductor traduz *á letra*.

Lacerda diz muito bem :

« *Litteralmente* significa o sentido natural
« e proprio do discurso segundo a força das
« palavras. *Á letra* significa o sentido rigo-
« roso, stricto; o que foi dito por metáfora,
« não se deve tomar *litteralmente*; nem o que
« se diz por graça ou exaggeração retórica,
« se deve tomar *á letra*.

Livre, independente.—Depois do que dissemos de *independencia* e *liberdade* basta-nos citar que o Lacerda diz de *livre* e *independente*; é o seguinte :

« É *livre* o homem, que, não impedido,
« pode fazer ou não fazer alguma cousa. É
« *independente* o homem que, não sujeito a
« outros, directa nem indirectamente, po-
« de fazer ou não fazer alguma cousa. Um
« homem é *livre* para despendar quanto
« possue; mas, se o contém o receio do des-
« agrado dos parentes e dos amigos, não é
« *independente*, porque aquellas considera-
« ções lhe coarctam a liberdade. Um hom-
« em é *livre* para praticar acções más; po-
« rém não é *independente* para as pôr por
« obra, porque as leis lh'o vedam. É *livre*
« o povo que pode fazer o que quizer em
« conformidade com as leis que o regem;
« mas não se pode dizer que seja *independen-*
« *dente*, porque a ellas está sujeito. Não ha
« liberdade sem independencia, nem na po-
« litica, nem na moral; sendo que a indo-
« pendencia, por isso mesmo que limita a
« liberdade, lhe fixa a extensão, e assegura
« o gozo. Todo o homem é mais ou menos
« dependente, e só ao Ecte Supremo é dado
« ser *independente* ».

Lizo, plano.—Lacerda diz muito bem:

« É *lizo* a superficie que não tem aspe-
« rozas; e é *plano* a quo não tem altos e
« baixos. O mármore polido é *lizo*, mas po-
« de não ser *plano*. As obras de tórno e de
« escultura são *lizas*, embora não sejam
« *planas*. Um terreno que não tem montes
« nem vales é *plano*, mas não é *lizo*. O es-
« pelho comum é *lizo* e *plano* ».

Local, sítio, parágem, logar.

— Diz Roquette com muito acerto :

« Existe entre estas palavras uma idéa
« comum que modifica cada uma de ellas
« da maneira seguinte :

« *Local* exprime o ponto em que uma cou-
« sa tem seu determinado assento, e refe-

« re-se a cousas materiaes. *Sítio* exprime
« esta mesma idéa, porém com referencia
« a um caso accidental e particular. *Pará-*
« *gem* refere-se a um ponto certo, ou altura
« illmitada, onde anda cruzando um navio,
« etc. *Logar* tem mais extensão, e designa
« um ponto em que existe esta ou aquella
« cousa. — Este é o *local* da praça dos tou-
« ros. Em tal *sítio* se encontraram os dois
« exércitos. Esta é a *parágem* em que se
« deu a batalha naval. Por estas visinhan-
« ças devo estar o *logar* onde os Romanos
« fluodaram uma cidade que desapareceu ».

Longanilidade, magnanilidade.—Lacerda diz o seguinte :

« Ambos estes vocábulos significam a
« qualidade do homem ilustre, que é dota-
« do de grande energia do vontade, e de
« grande vigor de intelligencia, e elevação
« de idéas. Entretanto *magnanilidade* tem
« a significação mais ampla, e designa a
« qualidade pela qual nós nos mostramos
« dispostos a tudo que é árduo, trabalhoso,
« grande, e que requer sacrificios, que fa-
« zemos sem ostentação, nem interesse.
« *Longanilidade* tem a significação mais
« restricta, porque desigoa especialmente
« a qualidade pela qual suportamos com
« constancia as adversidades, embora pro-
« longadas; e também a perseverança com
« que proseguimos no empenho começado,
« apesar das tentativas que se nos têm frus-
« trado, apesar de repetidas. A *magnanimi-*
« *dade* inspirou ao infante D. Henrique o
« arrojado pensamento dos descobrimentos
« maritimos, que mudaram a face do mun-
« do. A *longanilidade* o tornou superior a
« todos os obstaculos, e infortunios, que se
« opunham ao proseguimento da sua tão di-
« ficil como gloriosa empreza ».

Longe, distante.—Diz Lacerda :

« O *distante* designa o espaço que modela
« entre dois pontos dados de um modo de-
« terminado; e *longe* designa esse mesmo
« espaço intermedio de modo absoluto. De-
« ve notar-se que muitas vezes se diz que
« uma cousa *dista* e não está *longe* de ou-
« tra. Succede assim sempre que a *distancia*
« se pode determinar facilmente; o que não
« succede com o *longe*, que de sua natureza
« é indeterminado.

Longinquo, remoto, distante.

— O que está *distante* não está perto; note-
mos porém que o que está *distante* pode es-
tar apenas um pouco mais além do alcance
da nossa mão, ou estar a muitas leguas de
nós.

O que está *remoto* não só está mui *dis-*
tante, mas está em logares desconhecidos,
ou onde é muito difficil ir.

Longinquo diz-se do que apenas se vê ou
se ouve por estar a grande distancia. Tro-
vões *longinquos*. Nações *remotas*.

Louvôr, elogio. — Assim compara Roquete estes vocábulos:

« Para *louvar* basta dizer bem de uma pessoa, sem fundar a razão nem o motivo. « O *elogio* é um *louvor* que dá sua razão e explica seu motivo.

« Um ignorante *louva* o que lhe parece bom, sem deter-se a expor os fundamentos de seu *louvor*. Um sábio faz o *elogio* de um livro, expondo o mérito que nelle acha. Um discurso académico em que se faz uma exposição fundada do mérito de uma pessoa illustre, chama-se *elogio*, e não *louvor*.

« O *elogio* só pode recair sobre as produções do entendimento, ou as acções em que tem parte a vontade; o *louvor* pode estender-se a todas as cousas que nos agradam, de qualquer classe que sejam; todavia mais se usa o verbo *gabar* falando das cousas ».

Lunático, maníaco. — *Maníaco* é o homem que mais obedece ás suas manias

do que á razão. O *maníaco* não sabe dirigir sua intelligencia, e a cada passo tem extravagancias.

O *lunático* é um *maníaco* intermitente. É termo familiar mas expressivo.

Lustre, brilho, resplendor, esplendor. — O *lustre* vem da luz reflectida pelas superficies envernizadas ou bruniadas; o *brilho* vem dos corpos lminosos. *Resplendor* é o *brilho* intenso que os olhos apenas podem fixar; *esplendor* é o *brilho* que se estende por uma vasta superficie. — Os *metaes são lustrosos*; *brillham* os *astros*, os *meteoros*, a *fosforescencia do mar*; *resplandecem* o *sol*, a *luz eléctrica*, e é *esplendido* um *espectáculo fortemente iluminado*. Quando dizemos o *lustre* de um nome, attendemos á gloria ou virtudes de quem o tem. O mérito *brilha* por si só. As monarchias já não são zelosas pelo *resplendor* do trono. O *esplendor* dos balles irrita a quem não tem pão.

M

Maçã, pomo. — *Pomo* é o nome genérico de todos os frutos carnosos mais ou menos esféricos ou ovoides. Não se deve portanto limitar o sentido de *pomo* à *maçã*.

Macerar, mortificar. — Estes verbos não são sinónimos sonão no sentido figurado, e só quando empregados na linguagem mística, referindo-os às privações e sofrimentos que os nevróticos se impõem quando se sentem dominados pela exaltação religiosa.

Macerar diz-se exclusivamente do corpo ou da carne; significa extenuar-os com os jejuns, com as privações, com as disciplinas ou cilícios.

Mortificar não só se diz da carne ou corpo, mas de tudo quanto lhe é relativo ou de elle depende, ou do que é suscitado pela matéria: **mortificar os sentidos, as paixões, os desejos, etc.**

Machinar, urdir, tecer, tramar. — Estes verbos, que geralmente se empregam uns pelos outros no sentido figurado em que aqui os consideramos, têm, não obstante, certa gradação de significação que convém indicar.

Maquinar é como construir ou reunir máquinas para atacar, ou seja reunir e combinar efeitos e meios indirectos para conseguir o derribo de aquillo que se quer destruir. Emprega-se este termo para designar as machinacões longa e arduamente preparadas, nas quaes geralmente entram varias pessoas.

Em quanto a *urdir*, *tecer* e *tramar* lêa-se o que diz Roquette:

« Se estes trez vocabúlos conservassem « rigorosa analogia no sentido figurado com « as suas significacões no sentido proprio, « *urdir* seria lançar as primeiras linhas de « um enredo; *tramar* exprimiria o enlaçamento do enredo, a acção de lhe dar forma e consistencia; e *tecer* exprimiria amarrar as cousas, isto é, começar e proseguir « uma teia de enredos, etc. Não obstante, « *tramar* é o termo que ordinariamente se « usa como mais enérgico para exprimir a « astucia e ardis com que se preparam e concluem enredos e enganços, para lograr o fim que se intenta ».

Magia, feitiçaria, bruxaria. — *Magia* é a arte de produzir efeitos extraordinarios e sobrenaturaes, benéficos, maléficos, ou tão só surprehendedentes.

Feitiçaria é o emprego de meios misteriosos para obter dos espiritos maléficos o mal do alquem para provelto de outrom.

Bruxaria é o emprego de meios misteriosos para obter para alguma pessoa o que ella deseja.

Maiores, paes, avós, antigos. — *Maiores* é termo genérico que se diz dos que viveram pelo menos uma geração antes de nós, quer fossem ou não nossos parentes.

Paes e *avós* diz-se dos nossos ascendentes directos, mas *avós* comprehende mais gerações que *paes*. O século de nossos *paes* é talvez o último século transcurrido, e o de nossos *avós* o penúltimo.

Antigos são todos os que viveram nos séculos remotos principalmente na nossa patria ou nas grandes nações da antiguidade.

Majoria, pluralidade. — *Pluralidade* indica mayor número na colectividade que *majoria*. A *majoria* pode ser a metade mais um; a *pluralidade* pode compôr-se da totalidade menos um. — Além de isso, *majoria* supõe sempre mayor divergencia de opiniões que *pluralidade*. A *pluralidade* é o mayor número; a *majoria* é a opinião mais seguida.

Mal, desgraça. — O *mal* é mais pertinaz e de mayor gravidade que a *desgraça*. Ademais *mal* é termo subjectivo, e *desgraça*, objectivo; isto é, *mal* faz considerar a propria pessoa que sofre, o *desgraça* o objecto mesmo que fuz sofrer. *Ha pessoas sobre as quaes chovem desgraças, que pacientemente sobrelevam seus males.*

Malcontente, descontente. — O sr. Cândido de Figueiredo diz que *malcontente* é o mesmo que *descontente*; não é.

O *descontente* quolixa se enérgicamente e com razões fundadas.

O *malcontente* não está tão satisfeito como quizerá.

Ao *descontente* fizeram o contrario do que

elle quoria; ao *malcontente* não fizeram tudo quanto elle desejava ou esperava.

Maldade, malignidade, malicia. — *Maldade* é a inclinação que impele a desejar continuamente fazer mal a alguém, ou a algum animal, ou cousa, e sem se occultar.

Malignidade é a maldade solapada e hipócrita que obra com dissimulação e ardisiosamente.

Malicia é certa tendencia a ser maldoso, valendo-se da dextreza e da finura, mas sem crueldade nem persistência.

Maleficio, bruxedo, sortilegio. — *Sortilegio* é o acto pecaminoso de aquelle que procura ser nocivo por qualquer meio que se julga sobrenatural.

Bruxedo é o maleficio considerado nos seus resultados.

Maleficio é o sortilegio considerado como acto criminoso.

Maléfico, nocivo, pernicioso. — Diz Roquete:

« *Maléfico* é o que faz ou executa o mal por sua natureza, que ama do coração o mal, que se compraz em fazel-o. *Nocivo* é o que altera o bem, impede sua conservação e progresso, e perturba a boa ordem. *Pernicioso* é o que é *nocivo* ao ponto de causar a ruína, a perda, a corrupção, a destruição de qualquer objecto.

« São *maléficas* as cousas que prejudicam a saúde; são *nocivas* as que as trastornam; são *perniciosas* as que tendem a destrui-la inteiramente. A cousa *maléfica* faz o mal: é mister não ter contacto com ella; a cousa *nociva* põe obstáculo ao bem: deve evitar-se; a cousa *perniciosa* corrompe, destróe, arruína: é conveniente precatar-se contra ella ».

Mal entendido, equívoco, disparate. — *Mal entendido* é um erro de que nem sempre é culpado quem o comete; provém de não se haver entendido o sentido das palavras, ou por ignorancia de quem ouve ou lê, ou por qualquer vicio na construção da frase em que ellas entram.

O *equívoco* provém de tomar uma palavra por outra, e extensivamente se diz das cousas que se tomam por outras.

Disparate é o equívoco grosseiro que provém da ignorancia de quem o comete.

Mal-estar, aborrecimento. — O *mal-estar* é um como sofrimento ou pesar vago o indeterminado que se sente sem se saber por quê, e que nos faz notar que não estamos bem, que não sabemos que fazer, nem quo querer, nem onde estar, nem aonde ir, sem contudo querermos continuar onde estamos, nem na companhia de quem nos acompanha.

O *aborrecimento* é um *mal-estar* moral, mas acabrunhador, cuja causa pode ou não ser conhecida. O *aborrecido* não quer nada do que pode obter; não acha gosto a nada, nem nada apetece. O *aborrecimento* vem muitas vezes de nos termos longe das pessoas com quem estamos acostumados a viver, ou dos lugares que nos são predilectos, e então confunde-se com a *saúde*.

Maltratar, tratar mal. — *Maltratar* diz-se dos actos opostos á bondade, particularmente de pancadas, golpes, castigos brutaes, etc.

Tratar mal é proceder para com alguém duramente ou com marcadas inconsiderações.

Roquete diz a este respeito:

« Confundem-se ordinariamente estas expressões, mas devem distinguir-se da maneira seguinte:

« *Maltratar* alguém é ofender o, ultrajar o de palavras ou por obras. *Tratar mal* a um sujeito é não o tratar com a politica, urbanidade e consideração que elle merece. — O homem brioso e valente não so deixa *maltratar* impunemente; o homem do bem e do pundonor não volta mais á casa onde o *trataram mal* ».

Manancial manadeiro, fonte, nascente. — Designam estas palavras a agua que mana ou sae do solo. *Manancial* é relativo á origem; *fonte*, ao resultado. O *manancial* é propriamente a agua ao sair do chão, e *fonte*, essa agua já saída, a agua que principia a correr.

Manadeiro é termo vulgar, e designa particularmente os pequenos *mananciaes*.

Nascente é o *manancial* considerado como origem de aguas correntes: a *nascente do Tejo*, do regato, da fonte, etc.

Mandado, ordem, preceito. — As *ordens* e os *preceitos* são mandados, com esta differença: que a *ordem* procede de um superior ou autoridade instituida por lei humana, e o *preceito* da autoridade divina, natural ou moral. O *chefe dá ordens* (mas não *preceitos*) aos subordinados. Os *preceitos* do Decálogo.

Manejo, picadeiro. — *Picadeiro* é o lugar onde se exercitam cavalos. *Manejo* é o exercicio do cavallo no *picadeiro*.

O equivalente francez de *picadeiro* é *manège*; de ahi o uso abusivo de alguns dizerem *manejo* por *picadeiro*.

Maneta, manco. — *Maneta* é aquelle a quem falta uma das mãos, talvez todo um braço ou parte de elle.

Manco é aquelle que não está ou não é completo dos membros, que tem mão ou pé, braço ou perna de menos.

« **Manhoso, astuto, astucioso, sagaz.** — Lacerda compara estes vocábulos dizendo:

« *Sagaz*, conforme à origem latina, exprime a subtilidade de sentir ou antes de apresentar um sucesso em qualquer antecedente, que muitas vezes ao mayor número não parece referir-se-lhe em nenhum modo. — Num mero engano o **sagaz** cortezão a disposição do ânimo do soberano.

« *Astucioso* designa o que, debaixo das mostras de boa afeição, e muita sinceridade, encobre o dolo, a fraude com que se propõe enganar-nos: — *Se formos desamparados do amparo divino, ficaremos melhores dos laços do mui astucioso inimigo.* (CAT. ROM.) *Astuto*, segundo a significação clássica, designa homem versado, instruído, experiente em qualquer cousa: — *Seja astuto no engano, e tão prudente que os leve aonde sejam destruídos.* (CAMÕES). — *Não tinhamos ali médico astuto.* — mas qualquer neste officio pouco instruído, pela carne já podre... cortava. — A frase de Camões — pouco instruído — mostra o sentido em que usou de *astuto*, a saber — muito instruído.

« *Manhoso*, exprime, no sentido primitivo, a idéa de dextreza artificiosa em manuziar algum negocio, ou arte; e significa prenda, arte, etc. — *Imita seu valor, conselheiro e manha.* (SÁ DE MIRANDA). »

« **Maninho, estéril.** — Assim compara Lacerda estes vocábulos:

« Convém estas duas palavras na idéa comum de infecundidade; mas differenciam-se em que *maninho* é o que não produz fruto, sem que todavia seja absolutamente incapaz de o produzir, e neste sentido se usa propria e figuradamente: — *Romper e aproveitar maninhos.* isto é, terras até então não frutíferas. (BARROS). — *Os almoxarifes tomem os bens dos que morrem sem herdeiros até ao décimo grau por maninhos.* isto é, desertos, infrutíferos, sem dono que os rompa, etc. (ORD. AFF.) — No sentido transito: — *Quando Portugal era mato maninho de letras jurídicas, carecia de cautelas.* (ULIS). — *Estéril* é o que não produz por ser incapaz de produzir, impotente para produzir. — **Estéril de toda a cousa vivente.** (VIEIRA). — No sentido transito: — *Indústria tão afagada como estéril.* isto é, de que se não coíbe nada. (PINHEIRO). »

« **Manta, cobertor.** — O mesmo artefacto é umas vezes denominado *cobertor*, outras vezes *manta*. *Cobertor* quando serve para a cama; *manta* quando agasalha o corpo à guisa de capote. *Os mallees andam de manta ao hombro.*

« **Manter, sustentar.** — *Manter* é conservar em determinado estado; *sustentar* é

impedir de cair. Assim, *manter* designa uma acção prolongada; mas *sustentar* denota esforço.

No figurado conservam estas palavras a mesma gradação: *Ha pobres que apesar de manterem a seus velhos paes, ainda acham meios para sustentar a outros mais pobres do que elles.*

Um filósofo, mantém constantemente o seu sistema; um orador *sustenta* o que disse.

« **Mar, oceano.** — Designa-se com estas palavras a vasta extensão de agua salgada que cobre a mayor parte da superficie do nosso planeta. — *Mar* é o termo ordinario que se applica a cada uma das partes da tal extensão, e tambem ao seu conjunto, mas só quando ella é considerada de modo vago e geral, e mais em quanto à sua natureza que à sua vastidão: o *mar Branco*, o *mar de Marmara*; *agua do mar*, etc.

Oceano designa de modo absoluto toda a extensão dos mares. Usa-se porém ás vezes para designar sómente uma das suas partes, mas só quando essa parte fórma uma das grandes divisões em que o mar se considera: o *oceano Atlântico* e o *oceano Pacifico* são as duas grandes divisões do *Oceano*.

« **Marlato, bandeira.** — *Bandeira* é termo genérico, mas que mui particularmente se emprega para designar as cores nacionaes.

Marlato é cada uma das bandeiras com que se fazem os sinais de bordo dos navios ou com que estes embandeiram em arco.

« **Mas, porém.** — *Mas* pode sempre substituir *porém*, pois tem o mesmo valor restrictivo; *porém* nem sempre é admissivel.

Roqueiro escreve muito a este respeito, porém sem dizer cousa que valha. Eis como se exprime:

« Confundem-se muitas vezes estas duas conjunções, sendo que se devem distinguir. *Mas* é conjunção distinctiva e a versatile, que acompanha a adição de alguma circumstancia, que se opõe mais ou menos à proposição já enunciada; é muito a propósito nos incisos. Eis aqui alguns exemplos de seu uso: — *Catharina não só disputa, mas define; não só argumenta, mas conclue; não só impugna, mas vence...* Duros como as pedras, *mas* não convencidos. (VIEIRA, III, 267, 282).

« *Porém* é conjunção restrictiva que se contrapõe de um membro da oração a outro, moderando-o ou destruindo-o; é muito a propósito nos periodos. — Deus na lei da graça derogou esta circumstancia de rigor; *porém* na lei natural tão fóra esteve de variar, que... se deixamos de amar o amigo ausente, não é culpa sua, é injustiça nossa; *porém* se foi ingrato, não

« só ficou indigno do mais tibi amor, *mas* merecedor de todo o odio (III, 321 e 372).

« Exemplos das duas conjunções numa mesma oração.—Que cada um se descesse das opiniões que tinha estudado, *mas* não foi; *mas* não foi tanto; *porém* que todos em um acto tão público não duvidassem de confessar estes mesmos erros... aqui pára a admiração... A algum que não lhe'a acrescente, poderá ser, *mas* um só; *porém* a quem lhe recebe ou a sua (fazenda) ou a dos seus vassallos, não é justo, nem rel, quem tal consente (III, 281 e 344).

« *Porém* usa-se também como o *vero*, o *autem* dos latinos, depois de uma palavra. — Não se diz *porém*, nem se sabe, quem fôsem os autores. *ilaverá porém* algum político tão especulativo, etc. (III, 338 e 340). *Mas* não se diz nunca em casos semelhantes, pois sempre começa o *membro* ou *inciso* da oração ».

Lacerda diz o seguinte:

« Estas palavras tomam-se em geral, e as mais das vezes, uma pela outra, *mas* diferem. *Mas* é conjunção adversativa, que acompanha alguma circunstancia que se acrescenta ao que se enunciará, para modificar, atenuando ou ampliando, a posição afirmada ou negada.

« *Porém* é conjunção restrictiva que se contrapõe de período a período da oração. — Antonio não só argumenta, *mas* conclue e vence. Se nos esquecermos do amigo ausente, não é culpa sua, é injustiça nossa; *porém*, se foi ingrato, não só devemos esquecer-o, *mas* desprezar-o ».

Mascar, mastigar. — *Mastigar* é triturar com os dentes para esmiuçar; *mascar* é *mastigar* para tomar o sabor do que se *masca*, ainda que não se engula.

Masmorra, calabouço, enxovia, cadeia, prisão, cárcere, ergástulo, aljube. — *Masmorra* é palavra derivada do nome que os Mouros dão às covas subterrâneas em que guardam os cereaes. Diz-se de um aposento escuro, frio e silencioso em que se guarda algum prisioneiro.

Calabouço é a casa forte da *cadeia* em que se encerram os presos por delitos graves.

Enxovia é a parte mais segura e menos asseada da *prisão*, onde se metem os presos de nenhuma consideração social.

Cadeia é a prisão de uma localidade.

Prisão é o lugar onde alguém está preso. *Cárcere* é o mesmo que *cadeia*, mas é vocabulo menos usado.

Ergástulo, vocabulo que hoje só na poesia se admite, é a *prisão* rigorosa.

Aljube que hoje só se diz dos edificios que noutro tempo tinham esse nome, é o mesmo que *cadeia*.

Massado, pesado. — *Pesado* é o que tem peso considerável.

Massado como sinónimo de *pesado*, diz-se do que á simples vista mostra ter muito peso.

Mastim, cão. — *Cão* é o termo geográfico que designa todas as especies de cães. Nesta palavra porém reconhecem-se as boas qualidades proprias do animal: fidelidade, dedicação, intelligencia, etc.

Mastim diz-se de certos cães de raça grande, notáveis pela sua força e ferocidade, e que só possuem em muy pequeno grau as qualidades affectivas das outras especies. Por isso se emprega esta palavra no sentido figurado de *maismim*.

Maternal, materno; paternal, paterno; fraternal, fraterno. — *Materno*, *paterno* e *fraterno* dizem-se do que é físico; *maternal*, *paternal* e *fraternal*, do que é moral: *Amor maternal*. *Casa, herança paterna*.

Roque de lizo isto mesmo, mas pouco claramente; eis como se exprime:

« Os dois primeiros adjectivos se formam da palavra latina *pater*, *pae*, e a oia se referem, porém com diferente relação.

« *Paternal* exprime o que é proprio de *pae*, o que pertence á qualidade de *pae* considerada em geral. *Paternal* significa o que pertence ao *pae* determinado, ou de elle deriva.—O amor *paternal* é muitas vezes mais nocivo que útil á boa educação dos filhos; isto é, o amor que os paes em geral, sem designar nenhum, têm aos filhos, etc. A ioinha herança *paterna* era considerável; quer dizer a herança que tive de meu *pae*, os bens que de elle herdell, etc.

« A mesma differença se nota entre *maternal* e *materno*.—Antigamente a autoridade, a benção *paternal* e a ternura *maternal* eram muy apreciadas dos filhos. Hoje, apenas os filhos saem da casa *paterna*, ou se emancipam do *patrio* poder, não têm em nenhuma conta a autoridade *paternal*, e bem depressa se esquecem da ternura *maternal* de que receberam tantos carinhos.

Matinal, matutino. — *Matutino* diz-se do que é proprio da manhã, do que só pode succeder ao amanhecer.

Matinal diz-se do que, sem ser mais proprio da manhã de qualquer outra hora do dia, succede nas primeiras horas da manhã ou logo ao amanhecer em vez de succeder em qualquer outra hora.

Matiz, nuance, cambiante. — Falando da força de significação ou de expressão de um vocabulo, quando o comparamos com a de outro vocabulo, é o neologismo.

mo *nuañce* o único que pode exprimir bem a nossa idéa.

Assim, se compararmos os dois vocábulos do artigo precedente, *matinal* e *matutino*, vemos que cada um tem uma *nuañce* particular.

Matiz melhor se dirá do disfarce que se dá a uma expressão para a desviar do seu sentido recto ou para lhe dar um colorido particular.

Cambiante neste sentido, foi dito antes da introdução do neologismo *nuañce*; hoje deve abandonar-se tal acepção, por ser inexpressiva.

Mau, maligno, malicioso, malvado, perverso.—Falando de pessoas, *mau* diz-se do homem de má vida e costumes, mais propenso ao mal que ao bem; *maligno* do que abriga intenções maléficas; *malicioso* do que pensa mal de todos, e toma a má parte o que os outros dizem ou fazem; *malvado* do que é capaz de cometer crimes, ou já cometeu algum; *perverso*, do *malvado* em grau superlativo.

Mau grado, apesar, a despeito, não obstante, sem embargo, ainda que.—É Lacerda quem compara estes vocábulos dizendo:

«Convém todas estas locuções adverbias na idéa comum de opposição, ou resistência, porém não assaz enérgica para produzir a acção; mas diferenciam-se nas suas varias relações.

«*Mau grado* indica desgosto, má vontade, desagrado, pois que a palavra *grado* significa vontade. Assim pois, *mau grado* meu, equivale a *a mal da minha vontade*, isto é, contra minha vontade.

«*Apezar* indica maior resistencia do que *mau grado*, porque a má vontade acrescenta o pezar, a mágoa de ter de fazer o que não se quizera. Assim pois, *apezar* meu, quer dizer, com mágoa, com dôr minha.

«A *despeito*, ou em *despeito*, conforme á origem latina, aumenta de energia porque acrescenta á idéa de resistencia a de desprezo. Assim pois, *a despeito* das leis, quer dizer, com desprezo das leis:—Que fôra feito... em *despeito* de Garcia de Sá (ANDR. CHR.).—A teu *despeito* entraram no porto os inimigos (LUCENA).

«*Não obstante* indica opposição ou dificuldade, não absoluta, mas que se vence facilmente:—Foi para a quinta, *não obstante* a chuva. *Insistiu*, e retirou-se, *não obstante* cair tão grande tempestade, isto é, não lhe obstando.

«*Sem embargo* indica leve resistencia.—*Sem embargo* dos moutejos dos ruins e dos invejosos, seguiu sempre os trilhos da honestidade.

«*Ainda* que tem muito mais larga extensão, porque abrange também a opposição

«condicional ou possível.—*Hei-de ir á reunião ainda que chova. Comprarei a quinta a João, ainda que não me pague o que me deve*».

Convém também ler o que de estas expressões Roquette dissera precedentemente:

«Significando a palavra *grado* vontade, consentimento, é claro que *mau grado*, isto é, de *mau grado*, quer dizer de má vontade, com desgosto ou desagrado: indica por tanto esta locução opposição ou resistencia de pessoa estranha, ou de nossa mesma vontade, que vencemos, e contra a qual obruamos. *Seu mau grado*, é o mesmo que, a *mal* de seu *grado*, e significa contra sua vontade. *Submeto-me de mau grado*, quer dizer, contra minha vontade, com desgosto meu.

«*Apezar* indica mais forte opposição, em que não só ha desgosto senão sentimento, mágoa com isso que se faz.—*Apezar* vosso levarei a minha adiante, isto é, em que, ainda que vos peze, ou tenhaes pezar, farei o que intento. *Apezar* meu, beijo a mão que desejára ser cortada, isto é, com pezar, com mágoa, beijo a mão, etc.

«Vindo *despeito* do *despectus*, desprezo, é claro que a locução *a despeito*, ou em *despeito*, tem mais energia, e aumenta de força por ajuntar á idéa de opposição ou resistencia o *desprezo* com que se vence. A *despeito* das leis, do proprio dever, em *despeito* do juramento, etc., isto é, em desprezo das leis, etc. Bem se autoriza esta intelligencia da palavra *despeito* com o seguinte mul elegante logar de Vieira:—*Tem-se acreditado a morte com o vulgo de muito equal, pelo despeito com que piza igualmente os palacios dos reis e as cabanas dos pastores* (SERM. NAS EXEQ. DE D. MARIA DE ATAÍDE, TOM. IV).

«Confirma-se mais nossa asserção por outro logar do mesmo Vieira, onde, falando dos cincoenta sábios que se renderam á doutrina de santa Catharina, diz:—*A constancia firme até á morte com que defenderam a mesma verdade, apesar e a despeito do imperador* (VII, 281).

«*Não obstante* exclue simplesmente uma opposição, resistencia, ou dificuldade absoluta. *Faz calor, não obstante ter chovido. Saiu de casa, não obstante andar doente*.

«*Sem embargo* indica uma resistencia menor de cousas ou circumstancias, e mais fácil de vencer; exclue o *embaraço* ou impedimento que de ellas pode resultar.—*Sem embargo* das queixas dos povos o mau príncipe prosegue em suas opressões. O homem virtuoso observa pontualmente os preceitos de sua religião, *sem embargo* dos insensatos moutejos dos impios.

«*Ainda* que tem mais extensão que as duas antecedentes, porque se emprega também nos casos em que se trata de uma opposição puramente condicional ou possi-

«vel, nos quaes não têm seu uso proprio as locuções não obstante, ou sem embargo.— *Amanhã hei-de ir ao campo ainda que chova. Não deixarei de fazê-lo ainda que me matem.*»

Maxilla, mandibula, queixada.—*Maxilla*, termo científico, diz-se de cada uma das duas peças ósseas em que estão implantados os dentes.

Mandibula é termo mais corrente que *maxilla*, e designa particularmente a *maxilla inferior*.

Queixada é termo vulgar.

Mecha, isca.—*Isca* não se pododizer do cordão entrançado que serve para obter lume do fuzil e da pederneira; a esse cordão convém o nome de *mecha*. A *isca* é uma substancia esponjosa obtida de certos agáricos; e que serve para o mesmo fim.

Mediação, intervenção, intercessão.—A *mediação* supõe desacordo que se pretende fazer cessar; a *intervenção*, aproximação de desconhecidos ou indifferentes; a *intercessão*, indignação ou autoridade que se quer abrandar.

Pela *mediação* de um terceiro reconciliam-se as partes; pela *intervenção* de outrem se travam relações ou negocios; pela *intercessão* de alguém se perdoa ao ofensor.

Mediania, mediocridade.—Falando de pessoas, *mediania* se dirá do que é fisico, e *mediocridade* do que é moral.

A *mediania* de Fulano, é o seu estado de fortuna entre a pobreza e a riqueza; a sua *mediocridade* consiste no mérito quasi nullo que tem. A *mediania* é relativa à quantidade; a *mediocridade*, à qualidade.—A mesma diferença subsiste entre *módico* e *mediocre*.

Medicamento, remedio.—O *medicamento* é destinado a curar; o *remedio* cura. Até hoje não se conhece *remedio* contra os cancores; ha porém grande número de *medicamentos* que se lhes applicam.

Remedio diz-se no sentido proprio e no figurado; *medicamento*, só no proprio. No *remedio* atende-se ao efeito ou resultado; no *medicamento* ás drogas que o constituem.

Lacerda compara muito bem estes vocabulos, melhor até que Roquete; diz assim:

«*Remedio* é tudo o que se destina a remediar, curar, restabelecer, etc. *Medicamento* são as drogas simples ou compostas preparadas para se administrarem ao doente com o intento de o curar. *Remedio* é o que remedeia, cura; mas o *medicamento* é o que se applica para curar: muitas vezes applicam-se *medicamentos* a males que não têm *remedio*. *Remedio* é expressão genérica, o de significação muito mais lata do que *medicamento*. *Remedio* usa-se

«no sentido proprio e no translativo. *Medicamento* refere-se precisamente à cura dos doentes.»

Meditação, pensamentos, divagação.—A *meditação* é profunda e exerce-se sobre assuntos importantes.

Pensamento é termo vago que apenas indica que o espirito se exerce sobre algo. Ha *pensamentos profundos, frivolos*, etc.

Divagação é o exercicio do espirito que não se fixa; que cria imagens fantásticas; que concebe idéas de qualquer especulo, mas em grande número.

Medo, cobardia, temor, receio, pavor.—Disseminadamente temos falado de estas palavras, excepto, até agora, de *pavor*, que é um grande *temor* com espanto e sobresalto. Roquete comparando estes vocabulos diz o seguinte:

«*Medo* é palavra genérica que explica a situação apprehensiva do animo preoccupado com a idéa do perigo. *Cobardia* é o efeito do *medo*, com relação á repugnancia que este nos inspira de buscar um risco, ou expormo-nos a um perigo a que nos chama a honra ou o dever.—Uma mulher *tem medo* que entrem ladrões em sua casa. O homem que, podendo, se não defende, é *cobarde*.—Ao que não tem obrigação de ter valor não se pode dar com propriedade o nome do *cobarde*, senão o de *medroso*; e assim o *medo* de um menino não morece o nome de *cobardia*, como o de um soldado que foge á vista do inimigo.

«O *temor* é uma predisposição no animo para fugir de um perigo que vemos próximo. *Receio* é a suspeita ou culdado de que aconteça um mal que desejariamos evitar. O *pavor* é o proprio *medo* quando chega o caso de realizar-se um acontecimento funesto.

«O *medo* é uma paixão que se apodera da pessoa, e de que esta não sabe livrar-se; o seu contrario é coragem. A *cobardia* é uma deshonra vergonhosa; o seu contrario é valor. O *temor* não é paixão, antes apprehensão razoável que acompanha os presentimentos de uma cousa que vae a succeder; o seu contrario é confiança. O *receio* nasce da indecisão do entendimento e talvez produz a irresolução da vontade; o seu contrario é seguridade. O *pavor* acompanha os efeitos de successo futuro; neste; opõe-se-lhe a firmeza e ousadia.»

Medrar, prosperar, florescer.

—A idéa fundamental do verbo *medrar*, é o aumento, quer em volume, quantidade, força ou poder. Na idéa de *prosperar* entra a de boa fortuna; na de *florescer* a de mayor dignidade do sujeito do verbo. *Medram* o menino que cresce, as ceasas que abundam,

os interesses que aumentam, a população que se multiplica. *Prosperam* os estabelecimentos, as especulações, as cidades e as nações. *Florescem* as artes, as ciências e as virtudes. Quando o verbo *florescer* se applica a idéas mais materiais, envolve em si a idéa de esplendor, dignidade, aformoseamento. Quando se diz que uma nação *floresce*, não se entende apenas que aumenta em riqueza e população, mas também em cultura, em importância política, em instituições úteis.

Melo, via ou caminho.—Dizer: *Por esse melo não se obtém nada* é expressão relativa a um facto; e: *Por essa via ou por esse caminho não se obtém nada*, é expressão relativa à direcção tomada.

Assim *via ou caminho* é palavra de sentido mais complexo que *melo*.

Melancólico, taciturno, sombrio.—*Sombrio* falando de pessoas, diz-se de aquellas que, sentindo-se dominadas pela tristeza e pelo tédio, se sentem impelidas a obrar conforme ao estado do seu espirito; por isso se deprehende muitas vezes de esta palavra uma idéa de ameaça ou de cólera: *ar sombrio*; *olhar sombrio*. —Falando das cousas, *sombrio* diz-se do que se aproxima da escuridão e encerra ou move à tristeza: *tempo sombrio*.

Taciturno diz-se do que é *sombrio* som ameaça nem cólera. Estar *taciturno* é estar triste e abatido, sentir-se passivamente *sombrio*.

Melancólico diz-se de quem sente tendência para a tristeza e para o isolamento. Ha porém nesta palavra uma idéa de doçura e de amenidade de que carece *taciturno*, o que em absoluto nega *sombrio*.

Memoria, lembrança, recordação, reminiscência.—*Memoria* é a faculdade pela qual o espirito readquire idéas precedentemente possuidas.

Lembrança é o proprio acto pelo qual as idéas se reproduzem. *Memoria* também se diz, mas abusivamente neste sentido.

Recordação é a *lembrança* do um facto determinado.

Reminiscência é a *lembrança* fraca e como que apagada.

Eis o que Lacerda diz de estas palavras:

«A *memoria* é a faculdade pela qual retemos para uso oportuno as idéas que vamos adquirindo. *Lembrança* é um acto da *memoria*; é quando a *memoria* nos apresenta as idéas adquiridas. Também é acto da *memoria* a *recordação*, que tom logar quando nós como que pedimos contas á *memoria* das idéas adquiridas, que, por assim dizer, lhe entregamos em depósito. «*Reminiscência*, que é outro acto da *memoria*, é a *lembrança* de idéas, que ha muito nos foram presentes, e que, tendo foi-

to em nós impressão muito fraca, nos deixam duvidosos se já nos foram presentes; e só a custo chegamos a verificar a sua anterior apreensão. Tom boa *memoria*. «quem aprende de cór facilmente; e tem *memoria* fiel o que conserva com tenacidade o que aprendeu. Tem *lembrança* o que suscita com prontidão as idéas dos objectos de que se occupou já noutro tempo o seu pensamento. Tem *recordação* o que traz á *lembrança* as idéas que tinha entregado á *memoria*. Tem *reminiscência* o que mal se lembra, e com dificuldade recorda as idéas de objectos, que ha muito tempo viu e conheceu».

Mendicância, mendicância.—*Mendicância* é o acto de mendigar, de levar vida de mendigo, sem nenhuma idéa accessoria. A *mendicância* é a *mendicância* tomada como profissão por aquelles que poderiam viver do seu trabalho, ou que folgam com ter algum estorvo que os impedia de trabalhar.

Mendigo, pobre.—*Mendigo* é o que vive da mendicância. *Pobre* diz-se muito frequentemente de aquelle que pede esmola; não obstante, quasi todos os *pobres* vivem do seu trabalho. Ha portanto nesta palavra uma deplorável confusão de idéas que conviria fazer cessar.

Indigente é o *pobre* que sofre, que passa privações, quer seja *mendigo*, quer não.

«Confundem-se a médo as idéas que representam estas duas palavras—diz Roquette, falando de *mendigo* e de *pobre*—porque se considera o *mendigo* como um homem reduzido a uma extrema e involuntaria pobreza. Porém o facto de *mendigar* não supõe absolutamente necessidade, como o facto de beber não supõe absolutamente sede: ha quem *mendiga* por ociosidade e inadiquacia, como ha quem bebe sem necessidade, e talvez por vicio.

«*Pobre* é o que carece do necessario; *mendigo* é o que pede esmola. Este vocabulo supõe uma occupação que pode ser forçosa ou voluntaria; aquelle supõe um estado sempre involuntario e forçoso.

«O *mendigo* que pode trabalhar é um ladrão de profissão, que furta ao verdadeiro *pobre*; e o que, com uma caridade mal entendida lhe dá esmola é um cúmplice de seu roubo».

Lacerda diz o mesmo:

«*Mendigo* é o que pede esmola. *Pobre* é o que tem falta do necessario. O *pobre* não é nunca voluntariamente. O *mendigo* o pode ser para fugir ao trabalho. O *mendigo*, que pode trabalhar, é um ladrão de profissão, que rouba aos verdadeiros *pobres*. Triste vida é a do *pobre*: se pede, envergonha-se; se não pede, morre de fome: a necessidade o faz *mendigo*».

Menear, mover, mover-se. — Diz Lacerda:

« *Mover* é mudar de um lugar para outro, pôr em movimento. *Mover-se* é sair o corpo de um para outro lugar, por si próprio ou por movimento comunicado. *Menear* ou *menear* é mover para varios lados. *Mover-se* tudo que se *menear* mas não se *menear* tudo que se *move*. *Menear* designa especialmente o movimento de um para outro lado, como o que faz um corpo que se se para algum tanto da posição em que estava, e logo volta a ella, e isto por uma ou mais vezes. O que cae de cima para baixo não se *menear*, porém *menear-se* o que se *move* de um lado para outro como a folha da árvore, etc.

Mensalidade, meznadn. — A *meznadn* dá-se; a *mensalidade* paga-se; supõe, portanto, este último vocábulo, a retribuição de um serviço mensal. Os pais dão *meznadas* a seus filhos, e pagam as *mensalidades* aos professores de estes.

Mercadoria, mercancia. — Diz Lacerda:

« Muitas vezes confundem-se estas palavras, porém não pode assim fazer-se sem abuso, e inexactidão. *Mercancia* é a arte ou trato do mercadejar; negocio, commercio. — *Rico trato de mercancia* (BARROS). — No sentido translativo tem significação análoga: — *Dar com esperança de recompensa, não é liberalidade, mas mercancia.* — O que é liberal por estudo, muitas vezes faz *mercancia da liberalidade* (LOBO). — *Mercadoria* é o objecto do trato do mercador; as cousas em que ollo o mercadeja; o que se compra e vendo: — *Levaram o nosso trigo de mercadoria á Italia para trazerem em retorno seda e brocados.* (SEVER. NOT.) — *Mercadorias feitas entre os naturaes do reino* (ORD. MAX).

Merecer, ser digno de. — *Merecer* uma cousa é ter direito a ella pelo que se fez para a obter ou ganhar. *Ser digno* de uma cousa é ter direito a ella pelas qualidades pessoas que se possuem. Um militar *mereceu* ser ascendido pelo brilhante feito de armas que realisou, e era *digno* de essa distincção pelo seu brioso caracter.

Lacerda diz a este respeito:

« *Ser digno* diz-se das pessoas e das cousas. Quando se fala das pessoas, e se emproga em bom sentido, indica ter a pessoa que é *digna* as qualidades necessarias para possuir uma cousa: — *Pedro é digno de um alto emprego*, quer dizer que Pedro tem as qualidades necessarias para gozar de um alto emprego. — Quando se fala das cousas, *ser digno* indica relação de conformidade, de conveniencia: — *Esta obra é digna de seu autor.*

« *Merecer* tambem se diz das pessoas e das cousas. Quando se fala das pessoas, *merecer* designa que a pessoa de que se trata tem certo direito para obter alguma cousa. Quando se fala das cousas, diz-se que uma acção *merece recompensa*, para designar que ella trouxe ou trará utilidade, beneficio a quem a pratica, etc.

« *Merecer* supõe obras, factos, acções; e opõe-se-lhe *desmerecer*. — *Ser digno* supõe qualidades, e opõe-se-lhe *ser indigno* ».

Mesclar, mixturar. — *Mixturar* é termo genérico que significa ajuntar, reúnir ou incorporar uma cousa com outra ou com varias.

Mesclar é uma nuance particiñar de *mixturar* que sugere a idéa de fim determinado, de modo apropriado, de quantidade precisa, etc. *Mesclam-se* vinhos para obter um vinho de sabor e força particulares. *Mesclam-se* côres para obter um matiz determinado.

Messe, seara. — *Messe*, palavra pouco usada, mereceria ser mais aproveitada por a lingua não ter outra com que exprimir a sua idéa. *Messe* é a seara em estado de ser ceifada; seara diz-se dos cereaes quando nascem e durante o seu desenvolvimento.

Assim diz Lacerda:

« *Seara* designa os pães já nascidos nos campos, ou crescidos, mas ainda não maduros. Tambem se toma pelos campos semeados de cereaes. *Messe* designa os pães já maduros, e a ponto de se colherem. Tambem significa a ceifa. As searas são tão boas, quando os pães nascem bem ou se vão creando, e crescendo bem. As *meses* são abundantes, quando os pães estão bem creados, chegados á sua madureza, e só falta ceifal-os, e recolhel-os. *Seara* é palavra mais usual, não menos no sentido proprio, do que no translativo. *Messe* é menos vulgar, e emprega-se com especialidade no sentido religioso ».

Metter, introduzir. — *Meter* exprime acção mais enérgica que *introduzir*. *Mete-se* o pão no forno; o dinheiro no bolso; o punhal até ao mango. *Introduz-se* uma digressão no discurso, um embaixador na sala do trono.

Geralmente o que se *mete* não penetra tanto como o que se *introduz*.

Milagre, prodigio, maravilha.

— *Milagre* é um resultado sobrenatural, uma como infracção ás leis da natureza, mas attribuida ao poder divino ou á intervenção dos santos. Figuradamente diz-se do que, apesar de natural, é surpreendente e quasi inexplicável. O que se reputa como *milagre* é valioso e muito para querer.

Prodigio é um resultado extraordinario

o talvez sobrenatural, e que muito chama a atenção pela sua grandeza ou intensidade. *Cristo fez milagres; os magos faziam prodígios.*

Na *maravilha* entra mais a arte que o sobrenatural. Os *milagres* e os *prodígios* são factos que logo passam; a *maravilha* permanece.

De estas palavras diz Lacerda:

« *Prodígio* é um acontecimento que parece estar fora do curso ordinário das cousas, e que por isso mesmo se toma como prognóstico de outras felizes, ou infelizes. *Milagre* é um facto extra-natural, que sómente pode ser obra de um poder superior às leis do universo. *Maravilha* é um facto não vulgar, que excede o que presumíamos, ou imaginávamos, e que por isso excita a nossa admiração. A aparição de um cometa, ou de um novo corpo celeste é um *prodígio* para os homens ignorantes, aos quaes aquelles fenómenos parecem estar fora do curso ordinário dos acontecimentos naturais. A resurreição de um morto é um *milagre* para todo o homem, quer seja ignorante, quer sabio. A subida do um homem aos aros num balão aerostático foi ao principio uma *maravilha* até para os sabios ».

Minar, excavar, cavar.—*Cavar* é termo genérico mas la expressivo posto que só indica a acção de remover a terra com instrumento apropriado; pode porém dizer-se por qualquer dos outros termos de este grupo.

Excavar é *cavar* na parte inferior ou na base.

Minar é *excavar* interiormente, a céu coberto. Este verbo desperta a idéa de destruir, de derribar, que é o fim para que se faz a acção.

Mistér (Scr), scr preciso.—O que é *mistér* é útil, coarvém; o que é *preciso* é necessario; é indispensável.

Eis como Lacerda compara estas expressões:

« O que é *mistér*, assim como pode ser de necessidade, assim tambem pode ser de auxilio, ajuda, etc.; pode coavir, pode ser de utilidade; mas o que é *preciso* não está dependente da nossa vontade; é obrigado pelo dever, ou pela necessidade. **E precisa luz, para ler de noute; é mistér que alguém acompanhe o que vê pouco, para o livrar de muitos perigos nas ruas de uma cidade populosa ».**

Moda, voga, uso.—A *moda* é filha da fantasia, do capricho; existe porque existe, mas não tem razão para existir. É portanto efémera; o que hoje está em *moda* já não será *moda* amanhã.

A *voga* vem de uma opinião bem ou mal fundada, mas que é a expressão da opinião

do mayor número. Por consequência ha na *voga* mais probabilidades de duração que na *moda*.

Lacerda compara em primeiro logar *moda* com *uso*, e logo *moda* com *voga*. Eis como se exprime a respeito dos dois primeiros termos:

« *Moda* é um *uso* recente, que começa de novo a praticar-se, e que não se tornou ainda geral; logo que se torna geral, e continua a admitir-se e praticar-se, deixa de chamar-se *moda*, e toma a denominação de *uso*. Todo o *uso* começou por ser *moda*. A calça larga foi *moda*, mas hoje é *uso*; foi *moda*, e é agora *uso* o cabéio cortado. A *moda* caracteriza-se pela novidade. O *uso* não se singulariza, nem se faz de neahuma sorte reparável.

Dos segundos diz:

« *Moda* é um *uso*, além de novo, passageiro, introduzido pelo capricho do luxo, ou pelo gosto.

« *Voga* é a concorrência excitada pela preferéncia, que, por qualquer motivo, se dá a certos objetos, o a certas pessoas que as fazem, ou a certas lojas que os vendem, etc. É *moda* trazerem as senhoras vestidos largos e compridos, o está em *voga* a modista tal por ser a que os talha com mais graça ».

Modelo, typo.—*Modelo* é um objeto real que se deve imitar, pois o *modelo* só existe para que o imitem.

Tipo é um producto da imaginação, que se torna efectivo para que outros objetos se façam por elle, ou que a imaginação não faz mais do que conceber. Neste último sentido se diz: o **tipo** da beleza, o que não é senão uma idéa abstracta, á qual referimos todas as belezas.—No sentido práctico, *tipo* difere de *modelo*, em que este se deve imitar, ao passo que o *tipo* se deve reproduzir exactamente.

Moderação, modestia, comedido; prudencia, temperança.—A *moderação* não consiste em abster-se de fazer ou de usar, mas só em não fazer ou em não usar senão com medida e cuidado.

A *modestia* é a *moderação* que fazemos da nossa pessoa ou das nossas qualidades com relação aos outros.

O *comedido* é a *moderação* que toma por limite da sua acção uma medida ou objeto exterior que não se deve ultrapassar.

Emquanto á *prudencia* e á *temperança* vejamos como Lacerda as compara com *moderação*:

« A *moderação*—diz—é uma virtude que nos inclina a regrar os nossos appetites, e a pôr modo em todas as nossas paixões.

« *Prudencia* é uma virtude que nos dirige, e move a pôr em acção todos os meios

« necessários para alcançar o que temos por « averiguado ser para nós melhor bem.

« *Temperança* é a virtude que nos ensina « a reprimir todos os excessos, e a conter- « nos dentro dos limites da lei e da razão. « A *moderação* rege as nossas acções. A *pru- « dencia* ensina-nos a prevenir e evitar o « mal. A *temperança* obsta aos excessos, que « nos levariam para fora do caminho que nos « aponta a razão como o próprio para che- « gar ao fim que desejamos ».

**Moderado, sobre, parco, tem-
perado.** — Lacerda compara estes vocá-
bulos dizendo :

« *Parco* é o homem que come, bebe, dor- « me pouco, porque tem para si ser-lhe as- « sim vantajoso.

« *Sobrio* é o que é regrado na satisfação « das necessidades físicas, e nos gozos da « vida; mas por disposição natural, e talvez « sem reflexão.

« *Temperado* é o que, por julgar assim « convir-lhe, e ajudado do próprio tempe- « ramento usa, sem abuso, do que precisa « para viver e gozar.

« *Moderado* diz-se do que não usa nem « aprova excesso nem exageração em cou- « sa alguma, nem física nem moralmente « falando ».

Moderno, hodierno. — O que é *mo-
derno* não existe senão desde ha pouco; o
que é *hodierno* está hoje em uso, mas pode
vir de ha muito.

Modismo, Idiotismo. — *Idiotismo*
(do grego *idiotes*, particular, peculiar) é um
modo de falar próprio e peculiar a uma lin-
gua, que, por ser contrário á gramática ge-
ral, não pode ser traduzido literalmente em
nenhuma outra lingua; taes são as expres-
sões: *ora diga lá, veja lá*, etc.

O *modismo*, que muitos confundem com o
idiotismo, difere de este em o *idiotismo* se
opôr apenas á gramática, em quanto que o
modismo não só vai em contra da gramáti-
ca, mas também em contra do sentido; por
exemplo nas expressões: *elle tem lá a sua
aquella; fóra com os chapéus!* — os vocábu-
los *aquella* e *fóra* estando aqui num senti-
do que não é o que geralmente se lhes atri-
bue.

Modo, maneira. — É difficil discri-
minar estas palavras, que mui frequente-
mente se empregam uma pela outra, mas
que em muitos casos se excluem.

O *modo* tem precedentes, ou seja actos
eguaes a outros actos anteriores que agora
se repetem para obter resultado eguaes a
outros resultados já obtidos.

A *maneira* pode não ter nenhum outro
acto equal na anterioridade; pode ser es-
pontânea ou empregada pela primeira vez.

Ademais, o *modo* é relativo aos resulta-

dos que de elle virão; a *maneira*, ao acto
de obrar.

Dizemos a alguém: *Não faça isso de esse
modo*, referindo-nos ao resultado que o
seu trabalho vai ter; e: *Não faça isso de
essa maneira*, referindo-nos ao próprio
acto que elle opera, por longo, demorado
ou mal feito.

Por consequente: *maneira* exprime como
uma cousa se faz; é palavra relativa ao
acto, ao sujeito que opera. *Modo* exprime
como a cousa está feita; é termo relativo
ao estado da cousa, á sua disposição, ás
suas qualidades.

Monachal, monástico. — *Monásti-
co* diz-se do que é relativo ao mosteiro; *mo-
nachal*, do que é relativo ao monge. A regra
é *monástica*; o *hábito* é *monacal*.

Monólogo, solilóquio. — O *soliló-
quio* é um discurso que dirigimos exclusi-
vamente a nós mesmos, que nenhuma ou-
tra pessoa ouve. O *solilóquio* pode consistir
apenas em reflexões meataes que de quan-
do em quando nos fazem proferir alguma
palavra ou frase isolada.

O *monólogo* é o *solilóquio* que se pronun-
cia em voz alta, sem nos importarmos com
que alguém ouça o que dizemos. Este ter-
mo é quasi exclusivo á linguagem dramá-
tica.

Monstruoso, enorme. — *Enorme*,
como já dissémos na página 426, é o que é
demasiadamente grande, sem que porém
haja um tipo determinado que possa servir
de comparação relativa.

Monstruoso é o que se separa das leis na-
turaes, do que excede — em mal — quanto a
imaginação pode conceber dentro dos limi-
tes do natural.

Assim, *enorme* é relativo ao volume;
monstruoso, ás leis naturaes.

**Monte, montanha, serra, ser-
ranha, cordilheira.** — Toda grande
elevação de terreno, considerada indivi-
dualmente, quer se ache isolada, quer en-
tre outras elevações da mesma especie, é
um *monte*. O *monte Branco* é o ponto cul-
minante dos Alpes.

Quando a elevação do terreno não é con-
siderada como tendo duas únicas verten-
tes, mas sim como composta de altos e bai-
xos que se succedem uns a outros, numa
mesma direcção, ou em direcções diferen-
tes, é uma *montanha*. Na *montanha* atead-
se mais á extensão que á altura; no *monte*
atond- se exclusivamente á altura.

A elevação de terreno que se prolonga
longitudinalmente, quer tenha só duas ver-
teses como o *monte*, ou série de oltas co-
mo a *montanha*, é uma *serra*.

Se a *serra* é áspera, toma o nome de *ser-
ranha*.

« a qual em muitos adjetivos exprime a facilidade de se produzir a acção, constituição toda a diferença entre ambos, cuja idéa comum é *mover-se*. — O que simplesmente pode mover-se é *móvel*; o que se move com facilidade é *movêdo*. O primeiro adjetivo apresenta a idéa passiva de possibilidade de movimento; o segundo, a idéa activa de facilidade de movimento ».

Mundo, universo. — O *universo* é o conjunto de quanto existe no espaço: soos, planetas, cometas, satélites, com todos os seres e cousas que nelles possa haver.

Mundo é o *universo* considerado como obra de Deus, isto é, relativamente á disposição e harmonia que existe entre todas as suas partes. Também se diz de cada um dos astros que povoam o espaço, e particularmente do nosso planeta. Numa accepção ainda mais restricta, diz-se de cada uma das duas grandes extensões de terreno que estão separadas pelo oceano: o novo e o velho *mundo*; os dois *mundos*. — *Universo* nunca se diz no plural.

A este respeito D. Roquete :

« Chama-se *mundo* e *universo* o céu e a terra considerados como um todo. A palavra *universo* conserva sempre esta significação; porém a palavra *mundo* tem muitas accepções diferentes; *universo* é uma palavra necessária para indicar positivamente este conjunto de céu e terra, sem relação com as outras accepções de *mundo*.

« *Mundo* toma-se particularmente pela terra com suas diferentes partes, pelo globo terrestre, e neste sentido se diz: *dar volta ao mundo*; o que não significa dar volta ao *universo*. *Mundo* toma-se também pela totalidade dos homens, por um número considerável de elles, etc.; e em todas estas accepções não se comprehendem mais que uma parte do *universo*.

« *Universo*, ao contrario, é uma palavra que encerra debaixo da idéa de um só ser todas as partes do *mundo*, e representa o agregado de todas as cousas creadas, com especial relação á natureza física. Diz-se que Jesu Christo remiu o *mundo*, mas não que remiu o *universo*; o velho e o novo *mundo*, e não o velho e o novo *universo*; neste *mundo*, isto é, na terra, nesta vida, e não neste *universo*, porque não ha senão um e mesmo *universo* ».

Munheca, pulso. — Estas palavras designam partes muito diferentes do corpo humano. Como porém a primeira seja pouco conhecida, faz-se da segunda emprego abusivo, utilizando-a no sentido que aquella tem.

A *munheca* é a parte onde a mão se liga ao antebraço.

O *pulso* é o movimento das arterias, o particularmente, aquelle que se sente no

interior da *munheca*. — Do uso abusivo da palavra *pulso* vem o vocábulo *pulseira*, que melhor se pode dizer « bracelete ».

Muralha, muro. — Lacerda compara estes vocábulos do modo seguinte :

« *Muro*, na frase da milicia antiga significava, como diz Vieira, fortificação mais estreita, e do recinto da cidade.

« *Muralha* é o muro da praça fortificada, construido segundo as regras da architectura militar, e destinado a defender uma praça, etc. Na linguagem de hoje o *muro* serve só para resguardar de quintas, etc., e as *muralhas* para defeza das cidades, praças, etc.

Mútuo, reciproco. — *Mútuo* designa a acção de dois agentes que se exerce entre ambos. *Reciproco* acrescenta a esta idéa a de egualdade na acção. As *relações mútuas* são mantidas alternativa ou simultaneamente entre duas entidades. A *amizade reciproca* existe entre duas pessoas que se estimam egualmente. Os *compromissos mútuos* são vantajosos, quando as obrigações são *reciprocas*.

Lacerda compara estas palavras dizendo: « *Mútuo* designa restrictamente o que se faz de uma e de outra parte.

« *Reciproco* é o que fazendo-se de uma parte, se faz, em recompensa, da outra parte.

« *Mútuo* exprime simplesmente a idéa de dar e receber de uma e outra parte, sendo livre a troca. *Reciproco* exprime a idéa de receber, porque se deu; e de dar, porque se recebeu, sendo que esta acção supõe dever ou exigencia. Os amigos fazem obsequios uns aos outros, livres, desinteressados, *mútuos*. Os amos e os criados satisfazem uns aos outros obrigações devidas, *reciprocas* ».

Mysterio, segredo. — Diz Roquete:

« *Mysterio*, vulgarmente falando, significa a cautela, reserva ou obscuridade com que manifestamos um pensamento ou participamos uma cousa reservada para dar que entender ou que discorrer aos que nos ouvem.

« *Segredo* é o silencio cuidadoso de não revolver nem descobrir o que convém esteja occulto. Diferenciam-se pois estas palavras, em que o *mysterio* é um modo de fallar, e o *segredo* um modo de calar o que nos convém. — Faz-se *mysterio* falando; « guarda-se *segredo* calando ».

Mystico, espiritual, mysterioso. — *Espirital* e *mystico* são qualificativos que não se devem confundir. No *espiritual* não ha nada de exagerado nem de ridiculo; no *mystico* não pode deixar de haver oxageração, pelo menos. No *espiritual* so-

mos guiados pela razão; no *místico* ha sempre mayor ou menor alucinação.

De *místico*, comparado com *misterioso*, diz Roquette:

« *Misterioso* é o que contém algum *misterio*, algum segredo, algum sentido occulto; « *místico*, o que é figurado, alegórico. A primeira de estas palavras pertence à linguagem comum; a segunda ao estilo religioso.

« Homem *misterioso* é o que afecta ter se-

« gredos, saber cousas occultas; chama-se « sentido *místico* uma explicação alegórica « de um acontecimento, de um logar da Es- « critura, etc.—A Igreja é o corpo *místico* « de Cristo.

« Chama-se tamhem *místico* a tudo que « trata da vida *espiritual* e contemplativa, « e ao que se dá a *mística*; no que a pala- « vra *místico* muito se differença do *miste- « rioso* ».

— 20725 —

N

Nacional, patrio.—Geralmente, estes adjetivos não são confundíveis; ninguém dirá *manteiga patria*, mas sim *manteiga nacional*. Ilá porém cesos em que os dois termos se aproximam tanto que chegam a ser difíceis de discriminar; sirvam de exemplo as expressões: *orgulho nacional*; *amor patrio*.

Nacional se dirá do que se supõe ser comum a todos os habitantes da nação, e *patrio* do que, se bem é comum a todos, é mais sentido ou mais vivo naquelles que comprehendem e amam a *patria*, quer dizer, na classe mais illustrada da nação.

Náladc, nymph, dryad, nápea.—Divindades subalternas da mitologia grega. As *náyades* presidiem sómente ás fontes, rios, lagos; numa palavra á egua corrente. As *ninfas* incumbiam as montanhas verdejantes, os bosques, os prados, e também as aguas cristalinas.

Dryade era a *ninfa* que apenas presidia aos bosques, e *napeia* a incumbida dos bosques e predos.

Naval, náutico.—*Naval* diz-se do que é relativo ás *naves* ou navios; *náutico*, do que se refere aos *nautas* ou maroantes. —*Instrumentos náuticos*; *combates navaes*.

Necessario, preciso, forçoso.—No artigo *Carecer*, página 203, já vimos que *necessitar* indica mayor urgencia que *precisar*. Efectivamente, *necessario* exprime necessidade, e *preciso*, conveniencia. *Forçoso* exprime força que se impõe on á qual se obedece.

O alimento é *necessario* para a vida; é *preciso* que os gastos não excedam os ganhos; a morte, que não é *necessaria* nem *precisa*, é *forçosa*.

Negocio, commercio, tráfico.—O *comercio* e o *tráfico* consistem em comprar e vender.

O *negocio* está no que é lucrativo, quer venha por comissões, agencias, descontos, transportes, etc.

O *tráfico* é o *comercio* em grande escala e

supõe transporte de géneros a grandes distancias.

Nenhum, ninguém.—De estes vocábulos diz Lacerda:

« *Ninguém* exclúe absolutamente toda e qualquer pessoa, sem determinar classe, número, etc.

« *Nenhum* exclúe limitadamente todas as pessoas de que se compõe a classe ou número do que se fez menção:—*Sem fê ninguem se salva*, isto é, não se salva pessoa alguma, seja qual fôr a classe, nação, etc., a que pertença. Dos passageiros que iam a bordo *nenhum* se salvou do naufrágio, isto é, de todos os homens de que se compunha o número dos que iam a bordo não houve um só que não se afogasse ».

Neóphyto, catechúmeno.—O estado de *catechúmeno* precede ao de *neófito*; aquelle anda-se iniciando; este acabou de ser iniciado.

O *catechúmeno* prepara-se pera entrar na grei; o *neófito* acaba de ser nella introduzido.

Nódoa, mancha.—Parece-nos que a *nódoa* é mais visível que a *mancha*. As *nódoas* do vinho são bem visíveis na toalha da mesa. Uma pequena *mancha* é muitas vezes quasi imperceptível.

Outra differença entre estas palavras, é que *nódoa* se se diz do que é sujo; *mancha* do que altera a côr: uma *mancha* na côrnea do olho.

Norte, septentrião.—*Norte* é termo relativo; *septentrião* é absoluto. Um ponto qualquer está ao *norte* de outro ponto, mas não ao *septentrião* de esse ponto.—Por outro lado, *norte* designa todo o espaço vizinho do polo ártico; *septentrião* tem essa mesma significação, mas com relação eo que ba nesse espeço ou do elle vem.

Geógraficamente, *norte* é o único vocábulo permitido.

Nós, nós outros.—Diz Lacerda: « *Nós* diz-se em sentido absoluto: *nós* es-crevemos, *nós* trabalhamos.

« *Nós* outros diz-se em sentido relativo;

«supõe classes diversas de pessoas, e refere-se áquella á qual pertence o que fala, «com opposição ou exclusão das outras, podendo a exclusão ser clara, ou havendo de subentender-se: — *Vós ides passear, nós outros ficamos trabalhando.* Nesta frase a opposição é clara, mas deve subentender-se a exclusão na seguinte: — «**Nós outros** que nos dedicamos ao estudo, nem por isso temos mais estimação».

Notícia, novidade. — Confundem-se geralmente estas palavras, cujo significado é muito diferente.

Notícia é a relação sumaria de um facto recente.

Novidade é a relação de um facto que não se esperava que succedesse.

Quando duas nações importantes estão em guerra, lêem-se com certo interesse as *notícias* dos combates e das batalhas que se dão. Se inopinadamente uma terceira

nação toma partido em favor de qualquer de aquellas, o facto constituirá *novidade*.

Novo, recente. — *Novo* tem por antónimo *velho*; *recente* opõe-se a *antigo*. Do que é *novu* não havia noticia até agora; o que é *recente* acaba de succeder.

Assim um facto pode ser *novu* e não *recente*, mas não pode ser *recente* sem ser *novu*.

Numeral, numérico. — Diz Lacerda:

«**Numeral** indica positivamente algum número; **numérico** indica sómente a relação com um número. Cinco é nome *numeral* porque designa determinadamente um número: o número 5. A diferença *numérica* é a que se dá entre as relações de uns para com outros números: A arithmetica *numeral* emprega os algarismos em lugar das letras de que se serve a álgebra».





O, a, os, as. — Estes pronomes — já que na mayor parte das gramáticas os vemos tão mal interpretados, e a cada passo tão péssimamente empregados na escrita — Indüzem-nos a lhe dedicarmos algumas linhas, ainda que para isso tenhamos de sair do plano de esta obra — se bem não vemos que haja inconveniente em considerar como sinónimas quaesquer vozes comparadas entre as suas duas formas possíveis: a verdadeira e a abusiva.

Os pronomes *o, a, os, as* ünem-se encliticamente a verbos, aos pronomes *nos* e *vos*, e á segunda pessoa do plural do presente do Indicativo do verbo *haver*, quando por aférese se diz *cis*.

Nas formas verbaes terminadas em *r, s* ou *z* (e por conseguinte em *cis*), cada um dos pronomes *o, a, os, as* exige que a última consoante do verbo seja substituída por *l*; ex.: *amalo* (por *amar o*), *contamol-o* (por *contarmos o*), *dilo-o* (por *diz o*), *cilo-o* (por *cis o*). — Note-se bem que não é o pronome *o* que toma a forma *lo*, como alguns erradamente têm entendido, senão a terminação verbal, que, por eufonia, muda a sua última letra. — Pela mesma razão se diz *nol-o, vol-o*, por *nos o, vos o*.

Os mesmos pronomes *o, a, os, as* transformam-se por oufonia em *no, na, nos, nas* quando se ünem encliticamente a verbos terminados em vogal nasal; ex.: *dizem-no* por *dizem o*.

Obedecer, cumprir, executar, observar. — *Obedecer* é termo genérico de quo os outros vocábulos de este grupo são espécies, pois *cumprir-se, executar-se* o *observa-se obedecendo*.

Cumprir é executar o mandado. *Executar* é cumprir obrando. *Observar* é não npartar-se do que foi ordenado.

Diz-se a um menino que esteja calado; elle *cumpr*e calando-se. Manda-se-lhe *escrever* uma carta; elle *executa* a ordem. Aconselhamol-o de ser compassivo para com os animaes, e elle *observa* os nossos conselhos. De todos estes modos *obedeceu*.

Obediencia, submissão. — Riquete compara muito bem estes vocábulos dizendo:

« A *obediencia* é a acção de obedecer, e « a *submissão* a disposição habitual a obedecer. Neste último sentido é que são sinónimos a *obediencia* o a *submissão*, com a diferença que *obediencia* indica particularmente o costume de obedecer ás ordens, aos mandados, do mesmo modo que são ditados; e *submissão* indica uma disposição geral o permanente, não só para executar as ordens o os mandados, senão também para conformar-se com todas as vontades, desejos e inclinações dos outros de qualquer modo que se dêem a conhecer.

« Pela *obediencia* se executam as ordens que se recebem; pela *submissão* estamos naturalmente dispostos a executar-as. A *obediencia* recae sobre a acção mesma; a *submissão*, sobre a disposição interior do ânimo.

« Uma pessoa pode *obedecer* sem estar « *submissa*, isto é, sem dobrar sua vontade á do outro; neste caso a *obediencia* é involuntaria e forçada, a *submissão* ao contrario supõe sempre a disposição á *obediencia* e a *promete*.

Oberado, endividado. — *Endividado* diz-se de quem tem uma ou mais dividas; *oberado* diz-se do quem está de tal modo *endividado* que tudo quanto tem não lhe chega para pagar. Pode-se estar muito *endividado* ou pouco *endividado*; não se pode porém estar pouco ou muito *oberado*; ou se está *oberado* ou não, sem termo médio.

Endividado pode ter por complemento a quantia em divida; *oberado* não tem esse complemento.

Obeso, gordo. — *Gordo* não determina a idéa do volume que se quer exprimir nem fixa a que se quer incutir; quem é *gordo* não é magro, eis tudo.

Obeso fixa o sentido, pois a *obesidade* é uma excessiva *gordura*, particularmente considerada na parte abdominal.

Gordo diz-se do homem e dos animaes; *obeso* só se diz da especie humana.

Objecção, difficuldade. — A *objecção* é uma razão ou argumento que se opõe

a uma opinião ou proposição, quando essa razão se considera com relação a quem a enuncia.

Dificuldade é a mesma razão com relação ao próprio objeto.

Assim, a **dificuldade** é sempre real, ao passo que a **objecção** pode ser bem ou mal fundada.

Sempre se trata de vencer a **dificuldade**, mas frequentemente nem sequer nos dignamos responder à **objecção**.

Oblação, offerrinda. — Diz Roquette:

« Amhas estas palavras vêm do verbo latino *offerro*, oferecer, porém differenciam-se em que *oferenda* é o que se oferece a Deus, a seus santos, a seus ministros; *oblação* não só diz senão do que se oferece a Deus com certas ceremonias estabelecidas pela Igreja. A *oferenda* do pão e do vinho no sacrificio da missa é uma *oblação*. Os presentes que os católicos fazem ao altar em proveito dos sacerdotes ou das igrejas são *oferendas* e não *oblações*. — Toda *oblação* é pois *oferenda*; porém nem toda *oferenda* é *oblação*.

Obra, trabalho, produção. — A idéa suggerida pela palavra *obra* é abstracta e absoluta, pois de ella só se depreheende que houve acção do agente e que essa acção deu um resultado, a *obra* propriamente dita.

Trabalho é vocábulo concreto, que designa a *obra* considerada com relação ao que de ella se vê ou se considera — *De todas as obras de este artista este trabalho é o mais notável*.

Produção diz so do que, por assim dizer, nasce ou brota do agente, considerando porém as qualidades do objeto: *as produções de um poeta, de um artista, etc.*

Roquette compara *obra* e *produção* dizendo:

« A *obra* é o resultado do trabalho de um agente, de um obreiro. A *produção* é o que uma cousa tira do si mesma por sua própria efficacia, v. g.: as *produções* da terra, as *produções* do entendimento, do *gênio*. — O universo é a *produção* de uma potencia infinita que o tirou do seu seio; é a *obra* do uma intelligencia infinita, que deu á materia suas formas e sua collocação primitiva ».

Obrigatorio, forçoso. — O que é *obligatorio* é-nos imposto por outrem; o que é *forçoso* é-nos imposto pela propria conservação ou necessidade, ainda que o praticemos de má vontade. *Ninguém pode explicar a porquê do estudo da latinidade ser obrigatorio para quem se quer formar em matematica.* — *É forçoso tomar certos remedios para debelar as doencas.*

Obscuro, confuso. — Dizem-se estes adjéltivos do que é difficil de entender; cada qual porém tem causa diferente.

Provém o *obscur* do indetormilado e vago das palavras e idéas; o *confuso*, da sua desaccertada collocação. Palavras de duplo sentido tornam o estilo *obscur*; transposições violentas, má collocação de relativos, etc., tornam-no *confuso*. — Factos que não estão bem descriptos constituem narração *obscura*; não dispostos na ordem natural ou cronológica, tornam-na *confusa*. O *obscur* necessita explicação; o *confuso*, classificação.

Obscuro, favor. — O *favor* tem por fim favorecer a quem é prestado; o *obsequio* tem por fim tostenhumarmos a nossa boa vontade á pessoa a quem fazemos.

O *favorecedor* é sempre merecedor de agradecimento; o *obsequiador* fica muitas vezes grato a quem aceita o seu *obsequio*.

Obsequioso, officioso, servical, presindia. — *Obsequioso* é o que tem a disposição de prestar *obsequios* (Veja o artigo precedente), que lhe atraiam a vontade da pessoa para quem se mostra amável e condescendente.

Officioso é aquelle que, no desempenho do seu cargo, faz mais do que aquillo a que está obrigado, tornando-se assim agradável e útil a quem favorece.

Servical é aquelle que, mesmo com molestia propria, está sempre disposto a prestar favores.

Prestadio é aquelle que não se nega a pôr o seu valimento á disposição de quem a elle recorre.

Os *namorados mostram-se obsequiosos*. Os *advogados podem proceder de officio e officiosamente*. O *amigo que não é servical é um falso amigo*. As *autoridades devem, no possivel, são presindias aos seus administrados*.

Observar, notar. — A acção de *observar* é mais minuciosa e demorada que a de *notar*. *Notamos* o que vemos, o que encontramos; *observamos* o que vemos, o que encontramos, e tamhem o que procuramos. Assim, pode haver passividade em *notar*, mas em *observar* ha sempre actividade, pois frequentemente *notamos* o que não quizeramos vêr, circunstantia que não se pode dar com *observar*: não *observamos* o que não nos chama a attenção.

Obstinado, tenaz, icimoso. — O *obstinado* persiste nas opiniões; o *tenaz* nas determinações; o *teimoso* leva a persistencia até á obcecção.

O *obstinado* é tal acidentalmente; o *tenaz* e o *teimoso* o são por carácter. O defeito do *obstinado* está no entendimento; o do

tenaz na vontade; o do *teimoso* no extravio de ambas as faculdades.

Tenaz pode não obstante usar-se em bom sentido para denotar coragem e constância em empresas louváveis em que se encontram obstáculos.

Obstruir, obturar, entupir.—O que obstruê pode ser removido; o que *obtura* não pode ser removido, mas se furado ou destruído; o que *entupe* é tirado para fóra.

Entupir só pode dizer-se de ductos tubulares, ou mais ou menos cilíndricos. *Obstruir* é só relativo á base o ás paredes lateraes.

Obús, granada, bomba.—Equivalentemente, o devido no vocábulo francez *obus* designar um projectil, empregam alguns o termo *obus* por *bomba* ou *granada*.

O *obús* é uma especie de morteiro comprido para arrojar projecteis ôcos, os quaes, segundo o tamanho que têm, se chamam *granadas* o *bombas*, sendo estas mayores que aquellas.

Occidente, poente, occaso, oeste.—Para a differença que ha entre os vocábulos *occidente*, *poente* o *oeste*, veja-se o que dissemos do *oriente*, *nascente* o *este*, no artigo *Este*, na página 446.

Occaso, propriamente, é o acto do sol desaparecer no extremo horizonte, mastambem se usa nas mesmas accepções do *occidente*; é portanto termo comúm e poético. Ha mesmo exemplos de se empregar para determinar a posição relativa do dois pontos terrestres: o *arquipélago da Madeira demora ao occaso do continente africano*.

Occupações, afazeres.—Designam estas palavras os modos úteis, convenientes ou necessários de passar o tempo; as *occupações* têm porém um carácter mais digno e elevado que os *afazeres*.—Os estudos, os trabalhos de um burocrata, de um médico, de um magistrado, de um negociante, etc., são *occupações*. O préstimo de um serviçal, de uma governante, de um agente; os preparativos para uma viagem, para uma mudança, etc., são *afazeres*.—Note-se porém que a *occupação* tanto pode ser útil como frivola, posto que esta palavra apenas é relativa ao tempo que se occupa; os *afazeres* são sempre úteis ou necessários—neste termo encerrando-se sempre a idéa de dever ou obrigação.

Ocioso, preguiçoso.—O *preguiçoso* não faz o que deve nem o que tem a fazer; o *ocioso* não faz o que pode fazer. O *preguiçoso* procura não se mover, não se incomodar; o *ocioso* pode dar-se muito movimento, mas não faz nada que seja útil. O *preguiçoso* só prejudica a si proprio; o *ocioso* prejudica-se a si e á sociedade. O *pre-*

guiçoso, movido pela necessidade, trabalhará; o *ocioso*, em eguaes circunstancias, roubará. O *preguiçoso* é um doente; o *ocioso* é um vadio.

Lacerda anda acertado na comparação de estes vocábulos:

« *Preguiçoso*—diz—é o homem a quem a « preguiça domina, que não faz nada. *Ocio-* « so é o homem em ocio, que folga de estar « em ociosidade; o homem que não faz na- « da do que deve fazer. O *preguiçoso* é in- « migo do trabalho serio, útil, devido. O « *ocioso* aborrece o trabalho, e todavia dá- « se muitas vezes a passatempos trabalho- « sos, como caçadas, etc. O *preguiçoso* é in- « capaz de virtudes, porque é incapaz do « esforço que ellas exigem. O *ocioso* está no « caminho de todos os vícios, porque todos « elles derivam da falta de occupação, que « prenda, o até certo ponto subjogue as fa- « çanhas da nossa alma ».

Ôco, vão, vazio.—*Ôco* é o antónimo de massiço; isto é: o que é *ôco* tem no interior uma cavidade, mas a palavra não diz se essa cavidade é natural, ou se apenas existe por haverem extrahido a materia que a enchia.

Vão, diz-se do corpo *ôco* cuja cavidade não se encontra geralmente nos outros corpos da mesma especie.

Vazio diz-se do corpo de que foi extrahida a materia que occupava a cavidade interior. *Projectil ôco. Parede vã. Ovo vazio.*

Odio, aborrecimento.—Estas paixões têm origens diferentes. O *odio* fundase em factos; o *aborrecimento*, na opinião que formamos das más qualidades que supomos ter o objecto aborrecido.—O *aborrecimento* leva-nos a fugir do que aborrecemos; o *odio* faz-nos desejar mal ao que odiamos.—O *aborrecimento* é uma paixão negativa e passiva; o *odio* é activo.

Odorífero, odorifico.—*Odorífero* diz-se dos corpos que têm odor proprio; *odorifico* significa o mesmo que *odorífero*, acrescentando a idéa do odor poder transmitir-se a outros corpos. *Odorífero* tambem se diz dos corpos que, sem terem cheiro proprio, o têm acidentalmente por lhe haver sido communicado.

Ofuscar-se, obscurecer-se.—O que *se ofusca* nada perde do seu brilho; o que *se obscurece*, sim. Um corpo que se interpõe entre o corpo que brilha e o observador é a causa da *ofuscação*. A diminuição do brilho produz o *obscurecimento*. No sentido figurado coatiua a subsistir esta differença.

Um talento—sem perder nada das suas qualidades—é *ofuscado* por outro talento mayor; se porém diminuir de intensidade, *obscurece-se*.

Oitentão, octogenário. — Palavras com que se diz que alguém tem oitenta anos; mas *oitentão* acrescenta a essa idéa que a pessoa ainda está rija ou verde. Também se diz de aquelles que já têm essa idade apesar de parecerem tor menos anos. — *Octogenário* applica-se preferentemente aos que têm todas as molestias que geralmente acompanham a idade avançada e aquelles que pelo seu carácter se impõem ao respeito.

Oléaginoso, oleoso. — A planta ou fruto que contém óleo ou azeite é o dá por meio de pressão, é *oléaginoso*.

Oleoso é o que está coberto ou untado com azeite ou óleo.

Olfacção, olfacto, cheiro. — O *olfacto* é o sentido do animal pelo qual percebe os cheiros. A *olfacção* é o exercício de esse sentido.

Cheiro é a propriedade que têm varios corpos de fazerem alguma impressão no órgão do *olfacto*.

Olhar, olhada ou olhadela, relance. — *Olhar* consiste em dirigir a vista para alguém ou para alguma cousa, com a intenção de ver — sem que da palavra se possa deprehender qual o fim que nos move a olhar, nem o modo como se olha. Assim, só pelos complementos ou qualificativos do vocabulo poderemos exprimir as idéas accessorias á idéa principal: **olhares de cólera; olhares furibundos**, etc.

Relance, ou *relance de olhos*, é um olhar rápido ou instantâneo, pronto e vivo, cujo fim é ver sem examinar.

Olhada é um *relance de olhos* ou uma especie de *olhar* cujo carácter distintivo é o de encerrar uma intenção: **olhadas furtivas**.

Olhadela é termo popular que se diz por *olhada*.

Omissão, lacuna. — A *omissão* é o resultado de *omitir* (veja o artigo seguinte); a *omissão* é intencional.

A *lacuna* é o que falta para preencher. Fazem-se *omissões*; encontram-se *lacunas*.

Omitir, supprimir. — *Omitir* é não mencionar; *supprimir* é retirar o mencionado. O que se *omite* não se diz; o que se *supprime* não deve ser dito, ou não se quer dizer. — *Omitir* tem por fim não dar a saber; *supprimir*, não dizer.

Onda, vaga, vagalhão, marrouço, escarcéo. — *Onda* diz-se da forma *ondulada* que a agua toma ao mover-se, elevando-se e abaixando-se sucessivamente. O vento forma *ondas* no mar, nos lagos, nos rios e até nos tanques. Não deve portanto deprehender-se de esta palavra nenhuma

idéa de violencia. — Não obstante, como a lingua portugueza carece de vocabulo que por si só exprima os montes de mar que com violencia se arrojam de encontro nos navios ou á costa (¹), é com este termo, modificado, que se exprimem as idéas que de elle derivam: **As ondas vêm beijar a praya; ondas preguiçosas, impetuosas, altéras, furiosas**, etc.

Vaga é a *onda* de mar ou de lago que se considera em quanto ao seu grande volume, não em quanto á violencia.

Vagalhão é a *vaga* do mar irritado, a qual excede em volume ás que a precederam.

Marrouço, termo pouco usado, é um colectivo que designa quantidade de montes de *ondas* que se notam numa paragem.

Escarcéo é o cumo espumoso das grandes vagas muito agitadas.

Onzena, usura. — Diz Roquete:

« Segundo o jurista José Ferreira Borges, *usura* significava entre os Romanos « toda a especie de interesse, mesmo legitimo; com o andar dos tempos veio esta « palavra significar o lucro illegal que se « exige por um quantia dada de empréstimo. — *Onzena* sempre significou *usura* immoderada ou illegitima, o sempre se tornou em mau sentido.

« Os antigos chamavam aos juros do dinheiro emprestado *usuras*; isto é, o preço do uso, e então era necessaria a palavra *onzena* para designar a *usura* immoderada; hoje a palavra *usura* só se applica aos « juros excessivos, illegaes; por isso não se « usa om frase juridica e mercantil a palavra *onzena*, e tornou-se desnecessaria ».

Lacerda diz muito melhor:

« *Usura* designa em geral o lucro avançado que se tira do uso de alguma cousa, e especialmente do negociação, ou do dinheiro que se empresta a outrem. Assim pois *usura* comprehende a idéa de toda a sorte de lucro mesmo legitimo. *Onzena* porém significou sempre lucro excessivo, immoderado, illegal. O vocabulo *usura* acha-se muitas vezes empregado em bom sentido; porém *onzena* não se acha nunca empregado senão em mau sentido. « Hoje a palavra *usura* tom a significação que se dava de antes á palavra *onzena*, a qual tom caído em desuso, e já não se « emprega no estilio mercantil ».

Opaco, escuro, sombrio. — Os corpos *opacos* não têm diaphanidade; os *escur*os carecem de luz. Um cristal *opaco* não

(¹) Esta falta é tanto mais para sentir quanto que na lingua madre e nas irmãs existe termo apropriado á idéa; o latim tem *fluctus*, o italiano *flutto*, o francez *flot*, o castelhano *ola*.

é *escuro*. A física chama *opacos* aos corpos que não dão trânsito aos raios luminosos.

Roquete compara *opaco* com *sombrio*:

« No sentido recto — diz — *opaco* é o corpo « que não é transparente, que impede o pas- « so á luz; no sentido figurado, confundo-se « com *escuro*, *sombrio*, que em sentido pro- « prio significa o lugar onde falta o dia, « em que não penetra a luz. — Uma táboa, « uma lousa, etc., é *opaca*, sem ser *sombria*; « uma seiva, uma gruta, etc., é *sombria*, e « pode também dizer-se *opaca* (!) ».

Opção, escolha. — A *opção* tem car- rácter definitivo; *escolha* não determina se essa circumstancia se dá. Podemos trocar o que *escolhemos* depois de experimentarmos se nos serve; o que tomamos por *opção* não pode ser devolvido. Os filhos de estrangeiro nascidos em Portugal *optam* pela naciona- lidade que preferem. *Escolhemos* uma localidade para residir.

Opíparo, lauto. — *Opíparo* encarece sobre *lauto*. No *lauto* ha abundancia e lu- xo; no *opíparo* ha abundancia, delicadeza e sumptuosidade. — Para dar um *lauto* *banquete* basta ter dinheiro; para um *ban- quete opíparo* é preciso ter dinheiro o bom gosto.

Oppresso, opprimido. — Ha entre estes particípios uma nuance que convém distinguir.

Opresso só faz allusão ao estado do pa- ciente; *oprimido*, ao estado do paciente, e á acção do agente.

O *opressa* sofre; o *oprimido* é vi- ctima da opressão que o tem *opresso*.

Oração, prece, reza. — O termo *oração* é relativo á forma, á expressão das idéas, á linguagem; *prece*, ao fundo, ás pro- prias idéas, ao fervor. A *oração* pronuncia- se, diz-se; a *prece* sae do Intimo, e pode até consistir numa simples elevação do espiri- to a Deus. — As *orações* estão geralmente formuladas, escritas; a *prece* é improvisa- da. Não obstante, *prece* também se diz por *oração*, mas *oração* *fervorosa*, feita em circumstancias especiaes.

Reza é termo vulgar o sem significação bem definida. Goralmente diz-se do tempo consagrado a recitar certas *orações*. Tam- bem se diz das práticas supersticiosas, e das benzeduras da bruxaria.

Oral, verbal. — *Oral* difere de *verbal* em este último vocábulo occulir em abso- luto a idéa de escrita. — Uma *promessa ver- bal* só tem o valor que lhe pode dar o ca-

rácter da pessoa que a faz. Quem pronun- cia um discurso *verbal* não o lê. As *vogaes oracs* podem ser abertas ou fechadas, se- gundo a sílaba ou palavra em que entram.

Oratoria, eloquencia. — Propria- mente, a *oratoria* é uma arte, e a *eloquen- cia* um dom; esta persuade; aquella dá re- gras para bem se expressar.

Orbe, mundo. — O vocábulo *orbe* con- sidera a extensão; *mundo* não só considera a extensão, mas, o sobre tudo, o quo nella ha. O *orbe católico* é vasto; o *mundo católico* é numeroso.

Orçar, calcular. — *Calcular* designa uma operação mais exacta e melhor funda- da quo *orçar*. Os ingenheiros *calculam*; os ministros fazem o *orçamento*; aquelles não se enganam; estes nunca acertam.

Ordem, método. — A *ordem* é a co- locação, segundo o lugar que as partes de- vem occupar entre si; o *método* é o encadea- mento de certas acções para conseguir um fim determinado. Podemos adoptar diver- sos *métodos* para pôr uma biblioteca em *ór- dem*. — *Proceder com ordem* é fazer antes o que deve ser feito antes, e depois o que deve ser feito depois. *Proceder com mé- todo* é combinar os meios de tal modo que se consiga o fim proposto.

Orelhas, ouvidos. — Estas palavras nunca se podem confundir em portuguez (!). Não obstante, Roquete, que parece haver esquecido muito a lingua patria durante a emigração, comparou-as nos seus sinóni- mos, e do quo elle disse extractou Lacerda o seguinte, com cujo primeiro período es- tamos perfeitamente concordes:

« O *ouvido* é um dos cinco sentidos do ho- « mem; é o órgão pelo qual percebemos os « sons. *Orelha* é a parte externa de este ór- « gão, que lhe serve de guarda, e encami- « nha o som interiormente. *As paredes têm « ouvidos*, diz o proverbio, e não *orelhas*. « — *As mulheres trazem brincos ou arrecadas « nas orelhas*, e não nos *ouvidos*.

« Entretanto ás vezes dizemos *orelhas* em « lugar de *ouvidos*, tomando a parte pelo to-

(!) Deve evitar-se absolutamente o em- prego de *opaco* neste sentido.

Nota do A.

(!) A definição que o sr. Cândido de Fi- gueiredo dá de *orelha*: « aparelho ou or- gam da audição, ouvido, » está inconscien- temente traduzida do francez *oreille*. To- dos sabemos que a *orelha* é uma cartilá- gem que protege exteriormente o meato auditivo. Muitos ha que merecem as *orel- has* cortadas; não porém que lhes cortem os *aparelhos*.

Nota do A.

«do: *Taes palavras ofenderam suas castas orelhas* (¹)».

Orgulho, vaidade, presunção.—*Orgulho* é o exagerado apreço em que alguém se tem por julgar possuir prendas superiores.

Vaidade é a ostentação de tudo quanto pode chamar a atenção dos outros, ou excitar-lhes inveja.

A *presunção* consiste em atribuir-se qualidades imaginárias.

O *orgulhoso* exige que se lhe tribute mais respeito que o que se lhe deve; responde com altanaria, ofende-se facilmente o sem motivo justificado. O *vaidoso* jacta-se de possuir grandes riquezas; ostenta pomposamente, e sem que seja para o caso, as distinções da sua classe ou dignidade, e aproveita todas as ocasiões para aludir com exagero às relações que pode ter com altas personagens, e aos triunfos que obtave na guerra, na politica, no amor, etc. O *presunçoso* abalança-se a executar empresas superiores às suas forças, falia do que não entende, e pretende rivalizar, ou talvez ofuscar, a quem lhe é superior em mérito.

O *orgulho*, porém, perde o seu carácter odioso quando serve para repellar uma acusação não merecida ou uma grave injúria; nesse caso qualifica-se de nobre.

A *vaidade* e a *presunção* são mais ridículas que o *orgulho*.

Orifício, buraco.—A palavra *buraco* supõe uma cavidade; *orifício*, uma entrada ou saída.—O *orifício* está na superfície; o *buraco* vai da superfície para o interior.

Origem, nascimento.—*Nascimento* diz-se com relação aos paes de quo uma pessoa nasceu, e aos direitos, privilegios ou títulos que de elles lhe vêm.

Origem exprime a mesma idéa que *nascimento*, mas com relação aos ascendentes, até aos mais afastados.

Ha *multissimos* portuguezes de **nascimento** que são israelitas pela **origem**

(¹) O reverendo deão da sé patriarcal e fustre socio da Academia real das Ciencias de Lisboa perdeu aqui o ensejo de afirmar—tomando tambem a parte pelo todo, ou seja o socio pela colectividade, que não sacudia as moscas com as orelhas.

Nota do A.

Oscillação, vibração.—A *oscillação* é um movimento de vae-vem que pode ser mais ou menos rápido, mas sempre o bastante para que a vista o distinga claramente.

A *vibração* é um estremecimento de tal modo rápido que a vista não pode distinguil o senão no seu conjunto.

Assim diremos: as *oscillações* do pêndulo, e as *vibrações* de uma corda sonora.

Ossó, ossada, ossatura.—*Ossó* é cada uma das partes sólidas que contribue para constituir a *ossatura* do animal.

Diz-se dos animaes vivos como dos mortos.

Ossada, só se diz dos animaes mortos, e designa todos, ou varios dos *ossos* que formam o esqueleto; um *osso* isolado não constitui *ossada*.

Ossatura é o conjunto dos ossos; geralmonte só se diz dos animaes vivos. Num sentido mais restricto designa os ossos do arcabouço.

Ou, e.—*Ou* é conjunção disjuntiva; e, copulativa; ambas porém se usam no mesmo sentido quando nos referimos a aptidões, capacidade ou disposição para alguma cousa. Ao dizer que *Platão podia ensinar filosofia ou mathematicas* damos a entender que podia ensinar uma e outra ciencia, em cujo caso é indifferente o uso de uma ou outro conjunção. O mesmo se dá quando se diz que *Fulano pode exprimir-se correctamente em francez ou inglez*, o que é o mesmo que se disséramos *em francez e em inglez*.

Quando porém as duas acções se excluem entre si, é indispensável a conjunção *ou*, pois não dizemos que *iremos a pé e a cavallo*, mas a *pé ou a cavallo*.

Ouvir, escutar.—Diz Lacerda: «*Ouvir* é sentir o som por meio das impressões feitas no órgão do ouvido. *Escutar* é attender, prestar ouvido attento, applicar cuidadosamente, com attenção o ouvido».

Esta comparação, tinha feito anteriormente Roquete, confundido os vocabulos portuguezes com o *entendre* e o *écouter* francezes.

Ouvir é propriamente o facto de perceber pelo sentido do ouvido qualquer som. Extensivamente diz-se do acto de prestar attenção ao que se quer ouvir.

Escutar é applicar o ouvido para *ouvir* o que pode passar despercebido sem essa applicação.

P

Pacato, pacífico, tranquillo, socegado. — Os antónimos de estas palavras são, relativamente: estroina, bulbento, agitado, alvoroçado.

Consequentemente, *pacato* diz-se de quem não é estroina como costumam ser os indivíduos da sua mesma classe ou idade, e, extensivamente, do que não é freqüentado por estroinas: *estudante pacato; casa pacata.*

Pacífico diz-se de quem, por indole, prefere o socego á agitação; a paz á guerra; e do que não faz mal, nem ataca para molestar: *homem pacífico, povo pacífico, animal pacífico.*

Tranquillo diz-se das pessoas e das cousas, e caracteriza seu modo de ser ou de estar, mas não a acção ou movimento. Além de isso é termo absoluto, porque indica qualidade natural, essencial e constante. A pessoa ou cousa *tranquilla*, é *tranquilla* em todas as occasiões, posto que a *tranquillidade* é um dos seus attributos, o qual se considera em si mesmo, e despidido de toda circunstancia accessoria. É-se *tranquillo* absoluta e simplesmente; isto é, ou se é *tranquillo* ou não se é *tranquillo*, sem termo médio nem altorações. Um lago *tranquillo* nunca é agitado pela tempestade; uma consciencia *tranquilla* não dá presa a remorsos.

Socegado aproxima-se da idéa do *tranquillo*, mas difere em ser palavra relativa ás circumstancias particulares, ás occasiões, aos acontecimentos. O homem *socegado* não está exento de alterar-se.

Pachorra, paciencia. — A *paciencia* sempre tem mais nobre origem quo a *pachorra*; a *paciencia* pode ser virtude, a *pachorra* tem muito de defeito. Ouvimos alguém ou alguma cousa com *paciencia* atendendo ás circumstancias da pessoa; ouvimos-a com *pachorra* talvez para devalver-lhe cento por um do tempo que nos fez perder. — Além de isso a *paciencia* emprega-se no que é útil e bom; a *pachorra* no que é frívolo ou indifferente. *Sofremos com paciencia, trabalhamos com paciencia; jogamos com pachorra, lemos o jornal com pachorra, etc.*

Paciente, sofredor. — *Paciente* é aquelle que sofre as adversidades, as injurias, os maus tratos, com moderação e sem murmurar. É *paciente* quem suporta ou tolera com bondade e com doçura os defeitos o as impertinencias dos seus subordinados ou inferiores.

Sofredor é aquelle que sofre sem muito custo as contrariedades, os padecimentos, as injustiças, etc.

O homem *paciente* é *paciente* por dignidade, por carácter, por grandeza de alma; o *sofredor*, por insensibilidade, fraqueza, prudencia ou temor.]

Pacovio, bolonho, lórpa, palerma, painrdio, pascacio. — O *pacovio* crê quanto lhe dizem; o *bolonho* é rústico o simples, deixa-se enganar por todos. O *lórpa* não tem prática do mundo, nem educação; é porém malicioso e não se deixa enganar; ás vezes intenta até enganar os outros, mas não sabe conseguil-o; o *palerma* admira-se de tudo, anda sempre de boca aberta; o *palurdio* é rústico e mal crendo; o *pascacio* é um pobre diabo que tanto pode servir para deputado da mayoria como para moço de restaurante: é um mixto de idlota e de *lórpa*, sem outras aspirações que as de parecer alguém, apesar de ter a consciencia de não poder ser nada.

Padroeiro, orago, advogado. — *Orago* é o santo a que uma igreja é dedicada.

Padroeiro é o santo sob cuja protecção se põe uma povoação.

Advogado é o santo a que se recorre em determinados perigos.

Paga, pagamento, salario, ordenado, mensalidade, soldo, soldada, vencimentos, honorarios, estipendio. — *Paga* é o termo genérico de que os outros vocabulos do grupo são especies. Tudo o que se recebe em troco de um serviço prestado ou de um objecto cedido é *paga*. Esta palavra é relativa a quem recebe, e nisso se differença de *pagamento*, que é a *paga* considerada com relação a quem a dá. Assim é que se diz: a

paga está certa; fazer os **pagamentos** em ouro.

Salário é a **paga** que se dá a quem trabalha manualmente em presta serviços familiares: *não se deve rater o **salário** do trabalhador.*

Ordenado é a quantia que mensal ou anualmente se paga a quem presta qualquer especie de serviços, não completamente servis; cozinheiros, empregados, etc., recebem **ordenados**.

Mensalidade é o **ordenado** que se dá aos professores.

Soldo é a **paga** do militar.

Soldada é o **ordenado** dos serviaes.

Vencimentos é o **ordenado** dos que prestam serviços liberais: ministros, empregados superiores, médicos, etc., recebem os seus **vencimentos**.

Honorarios difere de **vencimentos** em estes serem pagos mensal ou anualmente, ao passo que os **honorarios** é a **paga** de um serviço completo: os médicos, os advogados, etc., recebem os **honorarios** do serviço prestado.

O **estipendio** é uma quantia fixa dada do superior a inferior, de quem manda a quem obedece, de quem protege a quem é protegido.

Pagar, recompensar, remunerar, retribuir. — **Pagar** é termo genérico de que os outros vocábulos do grupo são como as especies. — No seu sentido mais lato, significa dar o preço estipulado por uma cousa vendida ou serviço feito. Em sentido mais restricto, significa devolver com cousa equivalente: **pagar uma visita**. Extensivamente, e em sentido mais restricto ainda, diz-se do acto de fazer a outrem algo que compense o quo tal pessoa fez por nós; assim se diz: **pagar com a ingratidão**.

Recompensar é **pagar** uma cousa com outra de especie diferente, a qual se julga ter, pelo menos, o valor da primeira.

Remunerar é **pagar** com dinheiro o que outrem fez, mas sem que esta pessoa fixe o preço do serviço; a **remuneração** depende por conseguinte da mayor ou menor generosidade do **remunerador**.

Retribuir é devolver tanto por tanto, valor por valor, cousa por cousa.

Pogar, satisfazer. — **Pagar** é relativo a quem recebe; **satisfazer**, a quem **paga**. **Paga-se** o total ou uma parte da divida; **satisfaz-se** a divida por completo.

Página, lauda. — **Lauda** é cada uma das superficies de uma folha de papel dobrada, escrita ou em branco. **Página** é a **lauda** escrita ou impressa e com relação a um número de ordem. — Note-se que **lauda** apenas se applica ao manuscrito não ao im-

presso. *Carta de quatro laudos. Livro de quinhentas páginas.*

Painél, quadro. — **Quadro** é termo genérico que designa qualquer obra de desenho: **quadro de mestre; quadro em madeira, em tela, litografado, etc.**

Painél só se diz, ou pelo menos só se deve dizer, dos **quadros** em tela.

Palrar, adejar. — As aves **palram** no ar quando, com as azas extendidas e sem as mover, pelo menos de modo visível, se conservam no mesmo ponto do espaço.

Adejar é mover as azas, librando-as, para manter o equilibrio.

Quando as aves **palram, adejam** de quando em quando.

Paiz, patrio, terra. — **Paiz** é uma extensão de territorio considerado emquanto ás suas qualidades ou propriedades: **paiz quente, poiz húmido, paiz fértil, bom paiz, etc.** — A palavra **paiz** andam muitas vezes anexas as idéas de situação e de instituições politicas: os **paizes do centro da Europa**. — Empregar esta palavra por qualquer das outras do presente grupo é galicismo que se deve evitar.

Patria é a nação a que se pertence.

Terra é a freguezia, o municipio ou a provincia de que se é natural. **Terra** por **patria** é termo popular.

Paladar, paloto, céu da bôcca. — O **céu da bôcca** é a parte superior da cavidade da bôcca, sem idéa nenhuma accessoria. **Paladar** é o **céu da bôcca** considerado como órgão do gosto.

*Todos temos **céu da bôcca**, mas os doentes ou não têm **paladar**, ou o têm corrompido.*

Palato é forma menos usual de **paladar**, mas não menos regular.

Paladino, caudilho. — **Paladino** era cada um dos guerreiros que formavam a corte marcial de Carlos Magno e o acompanhavam na guerra. — Extensivamente, disse-se dos cavaleiros errantes, e, figuradamente, de aquelle que se arvora em defensor decidido de alguém ou de alguma cousa.

Caudilho é o chefe militar que defende um partido ou uma idéa, e, melhor ainda, aquelle que com as armas a pretende implantar. *Garibaldi foi o **caudilho** da unidade italiana.*

Palafrenero, págem. — **Págem** era o jôvem que servia uma dama ou algum nobre.

Palafrenero ora aquelle que servia a dama ou o nobre que ia a cavallo. Frequentemente os **palafreneros** das damas eram os seus proprios **págens**.

Palpável, visível, sensível. — *Sensível* diz-se de tudo quanto pode ser do domínio de algum dos sentidos (*).

Palpável, dizendo-se do que é relativo ao sentido do tacto, é vocábulo de menor extensão que o precedente. Figuradamente diz-se do que é tão claro e evidente que quasi se pode apalpar.

Visível diz-se do que cae sob o domínio da vista, e particularmente de que se manifesta do interior á superfície. *Perturbação visível*.

Palpitação, pulsação, palpite. — A *pulsação* é o movimento normal, ou anormal, do coração e das arterias.

Palpitação é cada uma das *pulsações* extraordinárias e anormalmente fortes do coração.

Estes vocábulos não se devem confundir, apesar dos proprios dicionarios os definirem indistintamente.

Palpite, dito por *palpitação*, não é usado. No sentido figurado, é único admissível, este vocábulo é sinónimo de presentimento, o geralmente só se diz do que é agradável.

Pança, bandulho. — Vocábulos da linguagem excessivamente familiar, mas que so differenciam entre si.

Pança é a barriga considerada em quanto ao volume exterior; *bandulho* é a barriga em relação ao que nella pode caber. *Ter grande pança. Encher o bandulho.*

Para, a. — Diz Roquete:

« Duas proposições que se constróem regularmente com os verbos, *ir*, *vir*, e outros que designam movimento, e servem a formar o seu complemento, mas que indicam, cada uma de per si, differença notável na intenção do que *vae* ou *vem*, ou do que *faça* na *ida* ou na *vinda*. — *Ir a*, *vir a*, indica a idéa de pouca demora, ou breve

vinda, ou volta. *Ir para* dá a entender intenção de grandio demora, ou longa estada, o ás vezes para sempre, excluindo a idéa de regresso ou volta. — Sae um homem pela manbã de sua casa, *vao á praça*, ao mercado, á casa de seus amigos, ao campo, etc., e vem á noite *para* casa; so lbe esquecer alguma coisa, *vom á casa* buscal-a, e volta a seus negocios até que se recolhe *para* seu domicilio. — El rei D. João VI quando residia em Queluz ia muitas vezes a Mafra, vinha com frequencia a Lisboa; no verão ia *para* o Alentejo, no tempo das caçadas ia *para* Salvaterra ou Villa Viçosa, e quando vieram os francezes a Portugal *foi para* o Brazil. — Esta distincção ontre as duas proposições acha-so autorizada por Vieira na seguinte passagem: — Porque o pae fez uma viagem *para* as conquistas e nunca mais houve novas de elle, tomastos por devoção *vir* os sabados á Penha de França». (Tom. I, dos Serm., pag. 733). — A regra que a este respeito se pode dar é a mesma que se dá em francez para as duas expressões *avoir été* e *être allé*, a saber: Todas as vezes que se supõe regresso ou volta deve dizer *ir*, *vir a*, e quando se supõe estada *largar* ou não ha regresso ou volta deve *dizer-se ir*, *vir para* ».

Lacerda, falando a este respeito, termina mul infundadamente o seu artigo pois diz:

« São duas proposições, que se constróem regularmente com os verbos *ir* e *vir*, e com varios outros que designam movimento: — Vou *para* França; elles vieram *para* nós. Vou primeiro a Santarem, e virei depois a Villa Franca. A differença entre *para* e *a* é que *para* indica mais e *a* menos demora. Entretanto deve notar-se que muito raras vezes se observa esta differença, pois que ainda os mais correctos escriptores usam indistintamente de estas duas proposições ».

Para, a fim de. — *Para* exprime acção immediata; *a fim* de supõe mayor espaço de tempo ou distancia entre a acção e o fim em que ha-de terminar. *Trabalho para ganhar a vida. Preparo os materiais do meu trabalho a fim de desempenhal-o com acerto.*

Roquete diz muito bem:

« A primeira de estas expressões marca o objecto immediato da acção; a segunda, o fim mais remoto, segundo o intuito do aquelle que a faz. — *Estudo para médico, para letrado, a fim de ter um modo de vida decente. O bom ecclesiástico trabalha para a santificação das almas, a fim de as ganhar para* (!) *Jesus Christo* ».

(!) Roquete escreveu: « a fim do as ganhar a Jesus-Christo », o que dá á frase sentido muito diferente.

Nota do A.

(*) Uma das cousas que muito nos têm chamado a atenção é o vermos nos livros chamados da doutrina cristã o seguinte dialogo:

P. Quantos são os sentidos corporaes?

R. Os sentidos corporaes são cinco: 1.º Ver. 2.º Ouvir. 3.º Cheirar. 4.º Gostar. 5.º Apalpar.

Não duvidamos que o saber isto seja muito útil para se ganhar o céu, e ser bom cidadão, bom filho, bom esposo, bom pae, e até bom regedor ou socio illustre da Academia Real das Cloncias. O que nos estranha é que se omita o primeiro de todos os sentidos: o *sentir*, propriamente dito. Um abalo de terra, uma dôr, não se percobem certamente com nenhum dos cinco sentidos, que, sem sentido común, a Igreja se concreta a ensinar.

Para, por.—Roqueta, e Lacerda por conseguinte, estabeleceu sinonímia entre estas proposições. Transcrevemos, mas não aprovamos, o que diz o segundo dos citados sinonimistas, copiando quasi literalmente do primeiro :

« Estas palavras são sinónimas quando se empregam para explicar a razão de alguma cousa : — *Mudou de conversa para ou por não se expôr a ficar envergonhado.* » — *Parém para explica mais directamente o poder da acção, e emprega-se de preferência a por quando so lhe supõe sufficiente energia para produzir o seu effeito : — Refugiet-me para não ser preso; sai da sala do fogão, para refrescar-me.*

« Por explica de modo mais directo a intenção ou o fim da acção, o emprega-se quando não se tem por certo, mas só como provável, o seu resultado : — *Dou um passeio muito largo por ver se posso dormir melhor; faço boa diligencia por que não me achem nunca em falta.* »

Paralogismo, sophisma.—*Paralogismo* (do grego *para*, ao lado, e *logismos*, raciocínio) é um argumento erroneo proveniente da falta de reflexão, ou da ignorancia de quem o comete o que assim engana aos outros a par de se enganar a si proprio. Como se vê, esta palavra não encerra nenhuma idéa desfavorável á boa fé do indivíduo a quem se refere.

« *Sophisma* (do grego *sophisma*, derivado de *sophos*, sabio) é um argumento voluntariamente argucioso e erroneo que se emite de má fé.

É o que diz Roqueta :

« O *paralogismo* é um raciocínio falso, um argumento vicioso, uma conclusão mal deduzida, ou contraria ás regras da lógica. » O *sophisma* é uma argumentação artificiosa, um raciocínio subtil e capcioso. « Aquelle péca na forma, este na materia. » Ambos induzem em erro; porém o primeiro por ignorancia, por falta de conhecimento e de applicação, o segundo por malicia, ou por uma subtiliza mal intencionada. O *paralogismo* é contrario ás regras de bem raciocinar; o *sophisma* é inteiramente oposto á rectidão da intenção. O primeiro engana de boa fé; o segundo tem interesse em enganar, e flude com má intenção ».

Paralytico, percluso ou tolhido.—*Paralytico* é o termo com que se designa a pessoa privada de sentimento e de movimento voluntario. É termo absoluto que exprime o estado mais grave de todas as enfermidades congêneres. O *paralytico* não pode caminhar, nem mover-se, nem sentir qualquer pressão.

Percluso, ou, como vulgarmente se diz, *tolhido*, exprime essa mesma enfermidade quando é parcial, e diz-se com relação á

causa que a produziu; *está-se percluso* (ou *tolhido*) *pelo reumatismo, pela gota, etc.*

Qualquer está sujeito a ficar percluso; pode nascer-se paralytico.

Parar, deter-se, estacar.—*Parar* exprime uma acção mais rápida e mais completa que *deter-se*. Quem *para* não prossegue; quem *se detém* espera proseguir. *Parar* na leitura não é o mesmo que *deter-se* na leitura. Quem *para* de escrever não escreve mais. Quem *se detém* ao escrever, atende ao que lhe dizem ou descança algum tempo.

Estacar, termo familiar, sugere a idéa de uma força alheia a medo, admiração, etc.

Parco, sobrio, temperado, moderado.—No artigo *Fragalidade*, página 472, falámos dos principaes substantivos de que são correlativos os vocabulos do este grupo. Limitar-nos-emos por isso a transcrever o que de elles diz Roqueta :

« *Parco* diz-se só do homem, e é o que, por convencimento proprio, como e bebe pouco.

« *Sobrio* é o homem que, por inclinação natural e por seu temperamento, faz o mesmo.

« *Temperado* é aquelle que, excedendo ao parco o ao sobrio, se contém em suas acções no círculo de uma vida ajustada e bem entendida.

« *Moderado* applica-se com mais frequência á parte ideal, e se diz de aquelle que deseja que nada se faça com violencia nem com precipitação, e que em tudo proceda com moderação ».

Pardieiro, casebre.—O *pardieiro* é qualquer edificação em ruínas; o *casebre* é a casa velha e arruinada, mas ainda habitada, ou susceptível de ser ainda habitada.

Parcelha, junta, par, casal.—*Parcelha* diz-se de animaes de tiro, cavalares ou muaros; *junta*, diz-se dos bois; *par*, das pessoas.

Casal diz-se do homem e da mulher, assim como do macho e da fêmea de certas aves.

Párpado, pálpebra.—Estas palavras são sinónimos perfeitos; mas *párpado*, termo castelhano, não é tão acceitavel como *pálpebra*, termo latino.

Parte, fracção, fragmento.—A *parte* é relativa ao todo; a *fracção* á quantidade ou volume; o *fragmento* á materia, o também á integridade do objecto.—A união das *partes* forma o todo; a das *fracções* forma a unidade; a dos *fragmentos* forma o objecto intacto.

Parte, quinhão.—*Parte* diz-se melhor do que ha-de tocar a alguém, numa partilha, e *quinhão* do que já lho tocou.—*Tem-se parte* numa herança; *vende-se o quinhão* que recebemos.

Participar, tomar parte.—No artigo **Compartir**, página 266, comparámos estas expressões de que nos volvemos a ocupar para transcrever o que de ellas disse Lacerda :

« *Participar* de uma cousa, é ter parte real e efectiva de ella. — *Participou* do seu pão e do seu vinho. — Também se usa « no sentido de ter comunicação, trato com alguém. — *Participaram* com elles (os ex-comungados) também em juízo, como fôra « de elle (não os evitando). (ORD. AFF.) — « *Tomar parte* em alguma cousa, é tomar-a « a peito, interessar-se nella por amizade « para com alguém:—Antonio tomou grande parte na affecção de Francisco. — « *Participa-se* do bem ou mal de alguém « quando alguma parte de esse bem ou mal alcança áquelle que se diz *participal-o*. « *Toma-se parte* no bem ou mal de alguma « pessoa quando com aquelle bem nos alegamos, e com aquelle mal nos affligimos. « O verbo *participar* também se emprega « algumas vezes na significação de dar uma « parte de alguma cousa:—Oh Virgem... « *participae* commigo as vossas dores. (BERNARDES, RIM. VAR.)

Particular, privado, reservado.—*Particular* diz-se do que pertence a alguém; *privado* de aquilo com que os estranhos nada têm que ver. Um *jardim particular* tem seu dono, não é público: um *jardim privado* está ao abrigo das vistas do público.

A *vida particular* de alguém é diferente da sua vida pública, depende do critério do individuo, mas está sob a alçada da lei e da opinião; a *vida privada* do individuo está ao abrigo de toda devassa.

Reservado diz-se do que cada individuo tem para seu uso particular. No collegio *Arriaga* ha espaçosos jardins onde os alumnos se divertem; mas não entram no jardim *reservado* ao director.

Partidario, sequaz, parcial.—O *partidario* adhere a um partido; o *sequaz* a uma seita ou escola; o *parcial* a um individuo. No *partidario* predomina o desejo de medrar; no *sequaz* o convencimento; no *parcial* a simpatia. Os tres caracteres podem estar unidos, como estiveram nos primeiros discipulos de Mahomet. A *mayor parte* dos principes alemães que não eram *parciais* de Carlos Quinto, nem *partidarios* do engrandecimento da dignidade imperial, tornaram-se *sequazes* de Lutero.

Partido, quebrado.—De um prato *partido* não se pode fazer nenhum uso; dos pratos *quebrados* pode fazer-se uso na cozinha ou na despesa. É raro encontrar peças antigas de louça da China que não estejam *quebradas*.

Partilha, quinhão.—*Partilha* é propriamente o acto de distribuir os *quinhões*. Quando *partilha* se emprega no sentido concreto de cousa distribuída aproxima-se muito do vocabulo *quinhão*; mas *partilha* diz-se do bom, do útil; *quinhão* diz-se muitas vezes do mau, do desagradável. A *miséria* é o *quinhão* do proletario.

Parto, parturição.—*Parto* é o termo mais usual, e o que se diz em todas as circumstancias em que a parturiente se encontra, mas particularmente quando a paciente é assistida por pessoa entendida.

Parturição é o *parto* natural, isto é, que se effectua sem os recursos da arte.

Párvulo, creança.—*Párvulo* é termo relativo á altura da *creança*, e esta palavra é relativa á sua idade. Numa escola de *párvulos* andam só pequenitos de tenra idade.

Pascer, pastar, apascentar.—Ha alguma differença entre estes vocabulos, apesar do que diz o sr. Cândido de Figueiredo.

Pastar é comer herva no campo, sem que na palavra se note nenhuma idéa accessoria.

Pascer é permauecer no campo a *pastar*. Assim, os *ganhões* deixam *pastar* os bois á hora da *seita* (não os deixam *pascer*). Os gados vão *pascer* (ou *pastar*) no tempo da engorda.

O emprego de *pascer* por *apascentar* não é recomendável, esta palavra significando «cuidar do gado que pasta, ou guardal-o».

Passar, atravessar, transpôr.—*Passar* não desperta senão a idéa do simples acto de ir ou andar pelo espaço ou superficie que se quer deixar atraz: *passar* o rio, *passar* o seu caminho, *passar* pelo bosque.

Atravessar desperta a idéa de esforço ou de difficuldades, e diz-se por *passar* ao falar de grandes extensões: *passar* o *Montego de Coimbra* para o *Almeque*; *atravessar* o *Tejo* em Lisboa. *Passar* os *Pireneos* em caminho de ferro; *atravessar* o *Sahará*. Certos rios, que no verão se *passam* a vau, são *diffíceis* de *atravessar* no tempo das chuvas.

Transpôr é deixar atraz de si; é a subseqüencia de *passar*.

Passar, transitar.—Quem *passa* apenas atravessa um espaço; quem *transi-*

ta detem-se em alguns pontos, o cada uma das detenções que faz é um *trânsito*. Assim, *passar* exprime uma acção continua; *transitar*, uma acção interrompida.—O verbo *transitar* supõe mais tempo e mais espaço que *passar*.

Pasto, pastagem, pascelgo, pastio.—*Pascio* é termo que apenas se usa na locução *direito de pascelgo*, e também para designar os terrenos de pasto que são do domínio comum: os *pascelgos* vão desaparecendo em Portugal.

Pasto é a herva, ou as plantas cereaes de que o gado se alimenta; também se diz do proprio acto de *pastar*.—**Pasto verde.** *Andar no pasto*.

Pastagem é o terreno onde se cria *pasto*.

Pastio apenas se diz na expressão: *terreno de pastio* ou *chão de pastio*, isto é, terreno que apenas serve para criar *pasto*.

Pastoral, encycella.—A idéa comum a estes vocábulos é a de designarem certas cartas sobre religião dirigidas ao clero e aos católicos em geral, com esta differença porém: a *pastoral* é dada pelos bispos e arcebispos; a *encyclica*, é dada pelo papa.

Pathético, commovedor.—*Comovedor* diz-se tanto das cousas que se vêem como das que se ouvem: *quadro commovedor*; *discurso commovedor*. Só se emprega porém ao falar do que desperta em nós sentimentos bons, piedosos, affectivos.

Pathético (do grego *pathos*, paixão) só se diz com relação ao estilo ou à linguagem. Uma cena é *comovedora* pelo que nella passa ou se vê; é *pathética* pelo que nella se diz.—*Pathético* não se diz só do que desperta dôr ou pena, mas de quanto excita as paixões, seja pela vehemencia, seja pelo entusiasmo.—Entristece-nos o que é *comovedor*; não podemos resistir sem difficuldade ao que é *pathético*.

Ademais, o que é *comovedor* não deixa em nós tão profunda nem tão duradoura impressão como o que é *pathético*.

Paulatinamente, devagar.—*De vagar* diz-se do que não é feito á pressa, apesar de ser feito seguidamente: *caminhar de vagar*, *escrever de vagar*.

Paulatinamente diz-se do que é feito pouco a pouco, com intervalos e *de vagar*, isto é por pouco tempo de cada vez e nunca á pressa: *proceder paulatinamente a um inventario*.

Peçonha, veneno.—*Peçonha* apenas se diz do *veneno* segregado por alguns animais. *Veneno* é termo genérico.

Lacerda, coplando quasi textualmente do Roquete, diz:

« Veneno designa os simples, que de sua

« natureza são nocivos, e os compostos, ou
« mixturas e preparações, que prejudicam
« a saúde e destróem a existencia. A pala-
« vra *peçonha* applica-se aos simples que de
« si são nocivos, e com especialidade aos
« que se encontram nos corpos de varios
« animais. Prepara-se um *veneno*, mas não
« uma *peçonha*; esta é preparada pela natu-
« reza. No sentido translativo, malignidade:
« — O *veneno* da inveja (Luz). Amor, *pe-
« çonha* da alma, da honra e da vida (FER-
« REIRA CASTRO) ».

Pecullo, dinheira, pé de mela.

—*Dinheiro*, no sentido em que consideramos o vocábulo como sinónimo de *peculio* e de *pé de meia*, diz-se de quantia avultada que constitue a fortuna de alguém, ou de que esta pessoa dispõe.

Peculio é a quantia ou dinheiro economizado o que constitue um fundo de reserva.

Pé de meia, expressão familiar, diz-se da quantia ajuntada por uma dona de casa, e proveniente da sua economia.

Peltoril, parapelto.—Parece-nos que entre estas palavras ha a seguinte differença:

Peltoril é o rosguardo que em certos lugares se eleva o sufficiente para impedir que de elles caiam, pessoas ou animais; a parte superior do *peltoril* é estreita e não consente que nella possamos firmar commodamente os cotovêllos.

Opapeito é o *peltoril* cuja superficie superior é bastante larga para nella poder-mos descansar os cotovêllos.

Opeltoril da ponte, da varanda; o *pa-rapelite* da janella.

Pelle, couro.—Servem estas palavras para designar a membrana exterior que cobre o corpo dos animais. Com a palavra *pele* considera-se tal membrana com relação ao animal; com o termo *couro* tem-se em vista o uso que o homem pode fazer de ella: *a pele do boi serve para fazer couros que têm varias applicações*.

Não obstante, *pelle* diz-se por *couro* quando este é fino e flexivel, ou quando ainda está incompletamente trabalhada, e ainda revestido do pelo ou da pena: *luvas de pelle de gamo*; *colete de peles*; *boá de pelle de cisne*, etc. — Noutros casos, *couro* diz-se também da *pele* dos animais vivos para indicar que ella é dura e grossa: *a bala esférica não penetra no couro de certos quadrúpedes*. Do homem diz-se sempre *pele*, apesar que á da cabeça, por ser mais espessa, so lhe dá cientificamente o nome de *couro cabeludo*.

Pena, saudade.—*Pena* é a impressão que o desgosto faz no nosso animo quando nos amargura e contrista.

Saudade é a dolorosa, mas grata lembrança

ça, que temos de pessoa ausente ou do alguma cousa de que nos vemos privados.

Tem-se *pena* do que se perde ou do que é irremediável; a *saudade* provém geralmente de causas momentâneas.

Leia-se o que de estas palavras disse Roquette:

« A palavra *saudade*, que os antigos escreviam *soidade* ou *sydade*, de *soiedade*, é tão singular e exprime uma idéa tão complexa e um sentimento tão mímoso que não tem, rigorosamente falando, sinónima com nenhuma outra; ba contua do entre ella e *pena* um ponto de contacto que mul discretamente notou um illustre escritor portuguez.

« *Pena* é a impressão que faz o desgosto em nosso ânimo, é uma mortificação que nos penaliza, mas vagamente, e sem os affectos complicados que a *saudade* produz. »

« — A palavra *saudade* — diz o sr. Garrett numa erudita nota no seu *Camões* — é porventura o mais doce, expressivo e delicado do termo de nossa língua. A idéa, ou sentimento por elle representado, certo que em todos os paizes o sentem; mas que haça já vocábulo especial para o designar, não sei de outra nenhuma linguagem se não da portugueza. — Mal sabia o illustre poeta contemporâneo quando isto escrevia que quatro seculos antes de elle havia exprimido a mesma idéa um sabio rei portuguez. Diz o senhor D. Duarte no *Leal Conselheiro* (pág. 151): — E porém me parece este nome de *sydade* tam proprio, que o latim, nem outro linguagem que eu saiba, nom be pora tal sentido semelhante ». E entrando a defini-la, diz: « *Sydade* de propriamente he sentido (sentimento) que o coração filha por se achar partido (apartado, separado) da presença de alguma pessoa ou pessoas que muito por affeição ama, ou o espera codo de ser; e esso medes (assim mesmo) dos tempos e lugares em que por delectação muito folgou; e digo afeição e delectação, porque som sentimentos que ao coração pertencem, donde verdadeiramente nasce a *sydade*, mais que da razão nom do siso. —

« D. Francisco Manuel exprimiu a mesma idéa dizendo: — A quem sómente nós sabemos o nome, chamando-lhe *saudade*. E não se contentou com isto, senão que deu a razão por que isto assim é, descrevendo a *saudade* nesta elegante e suave linguagem: — Florece entre os Portuguezes a *saudade* por duas causas, mais certas em nós que em outra gente do mundo; porque de ambas essas causas tem seu principio. Amor e ausencia são os pais da *saudade*; e como nosso natural é entre as mais nações conhecido por amoroso, e nossas dilatadas viagens ocasionam as mayores ausencias, de ahí vem, que onde se acaba muito amor e ausencia farga,

« as *saudades* sejam mais certas; e esta folsem falta a razão por que entre nós habitassem como em seu natural centro... He a *saudade* huma mímosa paixão da alma, e por isso tão subtil, que equivocadamente se experimenta, deixando-nos indistincta a dôr, da satisfação. Ha um mal de que se gosta, e hum bem que se padece; quando fenecer, troca-se a outro mayor contentamento, mas não que formalmente se extinga; porque, se sem melhora se acaba a *saudade* he certo que o amor e o desejo se acabaram primeiro. Não he assim com a *pena*; porque quanto he mayor a *pena*, he mayor a *saudade*, e nunca se passa ao mayor mal, antes rompe pelos males; conforme succede aos rios impetuosos, conservarem o sabor de suas aguas muito espaço depois de misturar-se com as ondas do mar mais opulento. Pelo que diremos, que ella é um suave fumo do fogo do amor, e que do proprio modo que a lenha odorifera lança um vapor leve, alvo e cheiroso, assim a *saudade* modesta e regulada dá indícios de um amor fino, casto e puro. Não necessita de larga ausencia; qualquer desvio basta para que se conboça (EPAN., página 286).

« Nem o *desiderium* latino, nem o *souvenir* ou o *regret* francez podem compararse com a mímosa *saudade* portugueza; ha contudo uma expressão franceza que de algum modo arreda esta nossa vocábulo, que é *le souvenir du cœur*.

« Camões sentiu bem o que era a *saudade* quando disse:

« Agora a *saudade* do passado,
« Tormento puro, doce e magoado,
« Que converter fazia estes furores
« Em magoadas lágrimas de amores.

(*Canç. XI*). »

Penal, punível. — *Penal* é relativo à pena imposta; *punível*, ao facto que a requer. **Código penal; delicto punível.**

Penca, folha. — *Folha* é termo genérico que se diz sem restricções.

Penca diz-se de certas folhas grossas e carnudas, como as da pitelra, do álcoés, etc.

Penetrante, perspicaz. — No sentido figurado, *penetrante* pode confundir-se com *perspicaz*, mas entre as duas palavras medeia a seguinte diferença: o *perspicaz* descobre rapidamente, mas não vae tão ao fundo como o *penetrante*, apesar da acção de este poder ser mais lenta que a de aquelle.

Penetrar, entrar. — *Entrar* é um acto simples, isto é, feito sem esforço, e talvez sem repugnancia.

Penetrar é relativo ao esforço que se faz, aos obstáculos que se vencem, ou ao ponto

central até onde se chega no interior do objeto.

Penhor, garantia, hypotheca.

— *Penhor* é o objeto que o devedor deixa nas mãos do credor.

Garantia diz-se melhor do objeto sobre o qual o credor tem direitos, mas que fica pertencendo interinamente ao devedor. Quando a *garantia* é um imóvel denomina-se *hipoteca*.

Pensador, pensativo.—A definição que de estes vocábulos dá o sr. Cândido de Figueiredo, autoriza até certo ponto a confundil-os; são porém muito distintos.

Pensador é aquelle que por carácter tem o hábito de pensar, de procurar o conhecimento do que geralmente se ignora. Emprega-se a miúdo substantivamente.

Pensativo, que sempre é adjetivo, diz-se de quem, em determinado momento, está meditando ou preocupado.

Pensar, considerar, reflexionar ou reflectir, meditar.—*Pensar* é fazer funcionar as faculdades mentaes; é terro genérico, apenas relativo à operação intellectual. Quem *pensa* applica o pensamento a um objeto, mas a palavra não diz com que fim.

Considerar é *pensar* detidamente nos diversos aspectos ou circumstancias que as cousas têm ou que lhes podem sobrevir. Quem *considera* aem é superficial nem fígeiro.

Reflexionar, que de outro modo também se diz *reflectir*, é *considerar* ou examinar atentamente todas as idéas que do facto principal se deprehendem. Quem *reflexiona*, analisa e deduz consequências, e vao talvez até ao extremo de combater a própria paixão ou interesse pessoal, assim como os preconceitos.

Meditar é fazer divagar a imaginação pelo abstracto e menos conhecido. Quem *medita* aumenta e transforma as idéas, exalta-as, e deixa-se levar pelo sentimento.

Todos os homens *pensam*, e não será o autor de estas linhas quem negará essa faculdade, atenuada entende-se, em outros animaes; o homem *sensato* *considera*; o *sábio* *reflexiona*; o *devoto* *medita*.

Percalço, ganio.—O sentido da palavra *percalço* anda deploravelmente definido em todos os dicionarios, sem que, a nosso conhecimento, se possa indicar uma única excepção.

Percalço é a palavra castelhana *percañce* ou, ainda melhor, *percanças*, com que os amos designam aquellas cousas que, perdidas para elles, são aproveitadas pelos criados; taes são os ossos, trapos, calçado velho, etc.—Nunca porém esta palavra po-

de ser applicada no sentido de «lucro, van-tagem casual, proventos», como a define o sr. Cândido de Figueiredo; nem como se lê no CONTEMPORANEO: «ganho, lucro ou receita eventual; emolumentos».

O *percalço* de ninguém redundará em lucro de outrem; quem tem um *percalço*, perde; quem se aproveita do *percalço* é que *ganha*.

Perecepção, sensação, sentimento.—A indole de este livro não nos consente explicar estes vocábulos conforme a idéa que fazemos das *sensações* que chegam ao nosso dominio pela via ou vias distintas da vista, do ouvido, do olfato, do paladar, ou do tacto,—as únicas que a do-cilidade da Igreja católica consente estu-dar.

Transcreveremos por tanto, e traduzi-remos, o que de estas palavras encontra-mos nos diferentes dicionarios.

«Estas trez palavras exprimem efoltos «diferentes produzidos na alma pela im-«pressão dos objetos. Em primeiro lugar é «indispensável, estabelecer uma profunda «distincção entre a *sensação* e o *sentimento* «de um lado, e a *perecepção* do outro; as «duas primeiras dizem respeito ás facul-«dades sensíveis e affectivas; a terceira ás «faculdades intellectuaes. A *perecepção* é a «modificação pela qual o espirito tem uma «vista dos objetos, os recebe em si e os «distingue; o seu effeito é o de instruir, e «segundo essa vista fór mais ou menos «clara ou mais ou menos confusa, fica-se «possuindo mais ou menos clara intelligen-«cia do objeto; dizer que se tem a *perece-«pção* de uma verdade, é dizer que a idéa «de essa verdade entrou no espirito, e que «este tem consciencia de ella.—A *sensação* «e o *sentimento* são modificações do espí-«rito que sente, que sofre uma mudança «qualquer seja para bom, seja para mal; «estes vocábulos dizem um do outro em «varias circumstancias. A *sensação* é pro-«priamente a modificação agradável ou «desagradável que os objetos nos causam «ao ferir os sentidos (*), quando a impres-«são é levada ao cérebro pelos nervos; po-«der-se-ia dizer que é a *perecepção* da im-«pressão acompanhada de um effeito bom «ou mau. A *sensação* tem pois sempre re-«lação com uma acção exterior (*), posto «que resulta de uma impressão dos senti-«dos, o, ademais, como cada *sensação* cor-«responde a uma impressão, esta palavra «implica um effeito essencialmente momen-

(*) Repetiremos que ha muitas sensações que nos chegam ao espirito por vias muito distintas dos chamados cinco sentidos.

(*) É falso; a sensação da dor não tem causa exterior.

«tâneo e passageiro; uma ameaça inesperada da causa uma **sensação** de medo; uma pancada forte causa uma **sensação** de dor; o que é agradável ao gosto, ao olfacto produz **sensações** de prazer.—O sentimento é, ao contrario, uma modificação duradoura que provém indirectamente da impressão o da **sensação**, ou que tem a sua origem num trabalho interior do espirito affectado agradável ou desagradávelmente por uma causa soja interna; seja exterior; a vista de um belo quadro; a leitura de um belo poema causam um **sentimento** de prazer; a lembrança de uma boa acção, a consciencia de um dever cumprido causam um **sentimento** de satisfação, do mesmo modo como as impressões contrarias produzem sentimentos opostos a estes.—Esta distincção entre **sentimento** e **sensação**, traz outra consigo; a saber: **sentimento** diz-se do que é duradouro (1), ou antes, exprime a **sensação** (2) considerada em quanto á sua intensidade, e mais longa duração: um **sentimento** de tristeza, de sofrimento, de prazer». (BOURQUEN e BERGEROL).

«A falsa applicação que alguns filósofos modernos fazem da primeira de estas duas palavras — **sentimento** —, trasladando-a da região da vontade á da intelligencia, pode ocasionar uma deplorável confusão de idéas, se se introduzir no idioma familiar e chegar a formar parte do tesouro da lingua. Nalguns cursos do philosophia faiz-se do **sentimento** como do um fenómeno ligado com a **percepção**: innovação desde logo inútil, porque com as palavras usadas até agora nesta parte da psicologia, podem explicar-se todas suas doutrinas, e ademais impropria, porque usurpa a outra fracção da ciencia o principal elemento da sua nomenclatura. Por **sentimento** sempre se tem entendido, o sempre devorá entender-se, toda modificação da parte affectiva da alma, e, por conseguinte, entram nesta categoria os appetites, os desejos, os affectos e as paixões. Em nenhum caso pode chamar-se **sentimento** a impressão dos objetos exteriores nos órgãos; esta impressão não pode ter outro nome senão o que sempre lhe deu a philosophia; a saber: **sensação**. O gozo, a ira, a ambição são **sentimentos**; o frio, o calor, o ruído são **sensações**». (ACADEMIA ESPANHOLA).

Roque, falando de estes vocabúlos, exprime-se nos seguintes termos:

«Distinguem os filósofos modernos duas

«especie de **percepção**, interna e externa. «A **percepção** interna, a que também chama consciencia, e a que os antigos chamavam **sensus intimo**; é aquelle **sentimento** interno pelo qual sômos sabedores (*conoscii sumus*) de tudo que em nossa alma se passa. A **percepção** externa, a que também se chama **relação dos sentidos**, é a que temos dos objetos corpóreos por meio dos sentidos.

«**Sensação** é aquella afeição da alma que nasce da comoção feita nos órgãos sensorios.

«Confundiram os filósofos sensualistas a **sensação** com a **percepção**, porém a escola escocesa demonstrou que havia entre ellas grande differença. Eis aqui como as cousas se passam: 1.º Recebem os órgãos sensorios a impressão ou contacto dos objetos exteriores; 2.º como vem-se os órgãos sensorios com esta impressão ou contacto; 3.º transmite-se ao cérebro esta comoção por meio dos nervos; 4.º da comoção transmitida ao cérebro resulta um **sentimento**, e porque este **sentimento** vem dos **sentidos** chama-se **sensação**; 5.º finalmente, a esta **sensação** segue-se a **percepção** do objeto. «Considerados estes vocabúlos segundo a linguagem comum diremos que todos trez designam a impressão que os objetos fazem na alma, com a differença que a **percepção** vae ao espirito; a **sensação** limita-se ao sentido; o **sentimento** vae ao coração ou o possue».

Não terminaremos sem citar Lacerda; diz assim:

«Tomando estes vocabúlos no sentido filosofico, a **percepção**, se é interna, designa a consciencia, ou senso intimo, pelo qual temos conhecimento do que se passa na nossa alma; se é externa, designa o conhecimento que tomamos dos objetos corpóreos por via da impressão que fazem nos nossos sentidos. **Sensação** designa a afeição da nossa alma, como consequencia da comoção excitada nos nossos órgãos. **Sentimento** é o resultado da **sensação**. No sentido comum diz-se **percepção** com referencia ao espirito, **sensação** com referencia aos sentidos, e **sentimento** com referencia ao coração. A **sensação** affecta sómente o fisico. O **sentimento** alcança também a parte moral. A **percepção** comprehende tudo que pode ser objeto das nossas cogitações».

Perdão, absolvição, merec, abollção, remissão, commutação. — O **perdão** consiste em olvidar a offensa, em renunciar á pena que se poderia impôr, ou á vingança que se pudera tirar. Só o pode conceder a pessoa que foi offendida.

A **absolvição** consiste em declarar que um accusado está innocente do que lhe imputam, ou pelo menos a tratá-lo como se esti-

(1) Nós diríamos: «do que permanece ainda da depois da causa ter cessado ou desaparecido».

(2) **Sensação** e **sentimento** nunca se podem confundir.

vesse innocente, dispensando-o da pena ou castigo que mereceria se fosse declarado culpado. A *absolvição* é pronunciada pelo juiz, ou pelo sacerdote considerado como juiz da justiça divina.

A *mercê* consiste em dispensar um culpado do castigo que lhe foi imposto, ou que elle devesse sofrer; ella não supõe nelle nenhum direito a essa graça, e não deriva senão da piedade ou misericórdia de quem a concede.

A *abolição*, propriamente, é não só a *mercê* que se faz ao culpado, senão também a reintegração de elle em todos os direitos de que gozava, ou cargos que exercia.

A *remissão* é uma especie de *mercê* menos completa, que a *mercê* propriamente dita, pois consiste somente em diminuir ou atenuar a pena imposta. A *remissão* considera a atenuação da pena como merecida pelo condemnado, como um direito a que elle se tornou credôr por alguma circumstancia.

A *comutação* consiste em mudar a pena imposta noutra menor.

Perecedouro, frágil.—*Perecedouro* diz-se do que pode desaparecer, acabar, ser substituído por um mal—pois só se diz do que é bom, útil ou agradável.

Frágil diz-se do que não tem estabilidade, do que ao menor impulso pode desaparecer, ser destruído.

Os bens são perecedouros; a beleza é frágil.

Perfidia, astúcia.—Entre estes vocabúlos ha a sinonímia seguinte:

A *perfidia* procede deslealdade e do má fé para alcançar os fins a que se dirige; para ella não ha promessas, compromissos nem palavras que respeite. As *nações* que censuram a *perfidia* da politica ingleza não lhe pagam com politica do mesmo quilate porque receiam os seus canhões.

A *astúcia* não abusa da boa fé dos outros; imita-se a enganar solapadamente, em virtude do proprio carácter, não com referencia a um único facto particular. *Osselvagens são astutos.*

Perfido, traidor, desleal, infiel.—*Infiel* diz-se de quem falta a fé prometida ou jurada, de quem abandona a pessoa ou o partido a que devesse ficar fiel, de quem não persevera; quer por inconstancia de carácter, quer por fraqueza de espirito ou por cobardia ou por sugestões nas promessas de fidelidade que fez. O defeito designado por esta palavra é menos grave que os expressados pelos outros sinónimos, pois a *infidelidade* é mais depressa um defeito passivo que activo—o *infiel* limitando-se antes a abster-se que a hostilizar, a renunciar que a operar, em contra de quem ou do que abandonou.

..*Perfido* é termo que encarece muito so-

bre *infiel*; o *perfido* nunca sentiu a monor inclinação pela pessoa ou pelo partido que prometeu servir ou defender; todas as suas demonstrações de dedicação só alvejavam a enganar, e foram feitas com a firme intenção do ser prejudicial.—*Um conspirador infiel não presta o auxilio prometido. Um homem perfido faz alarde de grandes demonstrações de amizade para melhor enganar a sua victima.*

Traidor diz-se propriamente de aquelle que entrega a patria ao inimigo, e, por extensão, de aquelle que obra perfidamente para com os seus amigos ou para com aquelles que nelle depositaram confiança, abusando de essa propria confiança para mais certamente lhes ser prejudicial. O vocabulo *traidor* encarece pois sobre *perfido* posto que apresenta a pessoa assim qualificada como obrando oculta e secretamente até dar o golpe decisivo.

Desleal refere-se menos á acção que ao carácter; diz-se das pessoas com relação ao seu proceder, proceder em que a nota predominante é a ingratitude. *O amigo desleal esquivase aos deveres a que o obrigam os benefícios recebidos.*

Pericillar, estar em perigo.—A expressão *estar em perigo* expressa um perigo mais immediato que o simples verbo *pericillar*. O que está em perigo está no meio do perigo; o que *pericilla* vê o perigo avançar.

Socorre-se a quem está em perigo; tomam-se precauções para defender o que pericilla.

Perigo, risco.—O *risco* é eventual; o *perigo* é actual o positivo; o *perigo* existe; o *risco* é perigo possível. *Quem se embarca corre risco; quem naufraga corre perigo.*

Diz Lacerda:

« *Perigo* refere-se a um mal imminente, « muito próximo, immediato.

« *Risco* diz-se com referencia a um mal « que vem sobre nós, ou a que vamos ex- « pôr-nos, porém que, ainda assim, não está « tão vizinho de nós como o *perigo*; é mal « próximo, mas não tão próximo como o *pe- « rigo*. *Corre perigo de perder a vida o « soldado que sobe à brecha. Corre risco o « que, achando-se coberto de suor e fadiga, se « assenta a descansar em lugar húmido e « frio* ».

Periodicidade, intermitencia.—Em medicina, a *intermitencia* é considerada com intervalo que não dura mais do uma semana; quando excede a uma semana de anomalia-se *periodicidade*.

Perpendicular, vertical.—*Perpendicular* exprime de modo geral a posição de uma linha com relação a outra linha,

ou e um pleno, com que forma dois ângulos rectos, seja qual fôr a direcção de esta linha ou plano.

Vertical exprime particularmente uma direcção *perpendicular* à superfície da torre, ou, por outras palavras, ao plano do horizonte. A linha de prumo é simultaneamente *perpendicular* ao *vertical* à superfície da água tranquilla; a superfície de água é *perpendicular* ao fio do prumo, mas não lhe é *vertical*.

Não obstante o vocábulo *perpendicular* tome-se muitas vezes em sentido absoluto, e diz-se por *vertical*, mas sempre convirá dizer *vertical* do que é concreto, o *perpendicular* apenas do que é abstracto: *uma parede vertical*, *uma queda perpendicular*.

Perlencer, corresponder.—*Perlencer* exprime directo de propriedade, de posse ou de classificação; *corresponder* exprime analogia. *Este relógio pertence-me*; *tal planta pertence* ou *corresponde* a tal género: *pertence* porque tal género a incluí; *corresponde* pela analogia que tem com as outras espécies. Um trajo serio *corresponde*, mas não *pertence*, à idade madura. Nota-se que *perlencer* só se applica a nomes, o *corresponder* a nomes ou verbos: *corresponde-me* obrar de este modo; *não te corresponde* esse lugar, ou *não te corresponde* occupá-lo.

Perto, ao pé.—*Perto* indica pequena distancia; sem porém a determinar: *Condeixa está perto de Coimbra*.

Ao *pé* determina que as duas cousas de que se fale estão contiguas ou que apenas entre ellas medela um mui pequeno espaço: o *Porro está ao pé do Douro*.

Perversão, perversidade.—Estas duas palavras distinguem-se, porque a *perversidade* é o estado do que está perverso, e a *perversão* o estado do que se está perversando.

A *perversão* dos costumes *vae sempre progredindo*. A *perversidade* do traidor é notoria.

Pescu, pescaria.—*Pescaria* é a arte da pesca.

Noutra acepção, *pescaria* diz-se de *pescas* em grande escala. Qualquer que vee *pescar* vee é *pescas*. No Algarve dedicam-se á *pescaria* do atum.

Pescoço, garganta.—Só por abuso se podem confundir estas palavras; o *pescoço* é exterior; a *garganta*, interior. Não se pode apertar a *garganta* a'ntrem, mas sim o *pescoço*. As espinhas não ficam atravessadas no *pescoço*, mas sim na *garganta*.

Pessoas, gente.—O vocábulo *gente* pode denotar promiscuidade de classes: *concorreu muita gente ao mercado*.

Pessoas estabelece uma certa equaldade de condições: *sairam muitas pessoas antes do baile terminar*.

Pestilento ou pestilencioso, contagioso.—*Pestilento* diz-se do mal epidémico que ataca a grande número de pessoas.

Contagioso diz-se do mal que se transmite de individuo a individuo pelo contacto, o que, consequentemente, se pode melhor ovitar que o *pestilento*.

Petição, requerimento, memorial.—*Petição* é um escrito em que o pretendente pede aquillo que só pode obter da boa vontade da pessoa a quem se dirige.

Requerimento é o escrito em que se pede aquillo a que se tem, ou a que se julga ter directo.

Memorial é o escrito em que se repete um pedido anteriormente feito de modo verbal ou por escrito, relembrando as circunstancias que podem induzir a deferir-lo.

Petulancia, atrevimento.—Difere estes vocábulos em a *petulancia* ser do facto que provém do entendimento, ao passo que o *atreimento* vem da vontade. O *petulante* julga-se com direito aquillo a que se atreve; o *atrevido* procura adquirir aquillo a que sabe não ter nenhum direito.—O *petulante* é um desequilibrado; o *atrevido* é descareado.

Phalange, legião.—A *falange* era grega e só formada de infantaria.

A *legião* era romana e compunha-se de infantaria e cavallaria.

Noutro sentido—o figurado—*falange*, exprime a força que dá a união; *legião*, a força que dá o número.

Picada, picadura, picadela.—*Picada* diz-se com referencia ao acto; *picadura*, ao estado: *levamos uma picada*; *sofremos de uma picadura*.

Picadela é o mesmo que *picada*.

Picado, resentido, offendido.

—Uma felle do delicadeza, uma elusão maligna, alguma infrecção ás práticas convencionaes que geralmente se observem no trato social, deixam-nos *picados*. Ficamos *resentidos* quando o acto ou o dito elhelo nos toca mais no vivo, por exemplo quando nos fazem algum deslize ou vexame; alguma injustiça ou agravo pessoal.

Em todos esses casos nos *ofendemos*, e também quando na nossa presença se cometem actos indecorosos e offensivos ao respeito que os homens se devem mutue-

mente, mesmo quando taes actos não nos sejam intencionalmente dirigidos.

Frequentemente ficamos *picados* sem fundamento, e em virtude de uma excessiva delicadeza. Não podemos deixar de *resentir-nos* quando duvidamos do que afirmamos. Ha expressões que uma mulher não pode ouvir sem *ofender-se*.

Pisar triturar. — O mesmo efeito se pode obter *pisando* ou *triturando*, mas o processo é diferente.

Pisar diz-se do movimento vertical; *triturar*, do movimento circular.

Uma substancia *pisa-se* no almofariz batendo-lhe com o pilão; *tritura-se* fazendo descrever ao pilão um movimento circular.

Planície, planura, chã, rechã.

— Comparando estes vocábulos diz Roquette:

« Concordam os dois primeiros vocábulos em significar um espaço de terreno plano, raso, sem altibaiços; e differenciam-se em que *planície* exprime esta idéa absolutamente, e *planura* com relação á elevação. Todo terreno plano é *planície*, só o terreno plano e elevado é *planura*. Ha *planícies* no pé ou raiz dos montes, só no cimo de elles ha *planuras*, como disse « **BARROS**:—Terra, que no cimo faz uma *planura* graciosa (1, 8, 4).—O primeiro responde ao francez *plaine*, e o segundo a *plateau*.

« *Chã* e *rechã* são palavras vulgares que exprimem a mesma idéa de terreno plano sem nenhuma outra relação; contudo querendo usar de ellas sem homonímia, devemos chamar *chã* á planície que precede um monte, e *rechã* á que está em seu cimo, que faz como segunda *chã* ».

Lacerda compara diferentemente *chã* com *rechã*; diz assim:

« *Planície* exprime absolutamente a idéa de terreno espaçoso, raso sem altibaiços, e *planura* exprime esta mesma idéa, mas relativamente á elevação: de sorte que *planura* verdadeiramente é terreno plano, mas elevado:—Terra que no cimo faz uma *planura* graciosa (BARROS).

« *Chã*, palavra do estilo vulgar, designa o terreno plano que está antes de chegar a um monte; e *rechã*, a primeira planície, ou antes, o primeiro espaço plano que se encontra depois de se ter começado a subir o mesmo monte ».

Plano, lhano, chão.—Diz Roquette:

« *Plano*, é o vocábulo latino *planus*, e significa o que é raso, não tem altibaiços. « *Lhano* é vocábulo castelhano, *lhano*, que corresponde exactamente ao latino *planus*. *Chão* é o mesmo vocábulo pronunciado á portugueza. São pois todos tres a mesma cousa enquanto á sua origem, porém têm diferentes significações assaz co-

nhecidas. O *plano* pode ser inclinado, o *chão* é o *plano* quasi horizontal sobre o qual andamos, etc. Como adjetivo, e em sentido translativo, *chão* significa baixo, humilde, e tambem simples, sem ornato, sem artifício, etc. *Lhano* significa o que não tem soborba, que é acessível no trato, conversável, etc., e nenhuma de estas significações pertence a *plano* ».

Veja-se tambem o que diz Lacerda:

« *Plano* é o que não tem altos o baixos. « *Chão* é o plano horizontal ou pouco inclinado, sobre o qual caminhamos, edificamos, etc. Por ampliação diz-se de qualquer pavimento, alinda que não seja plano. No sentido figurado, diz-se homem *chão*, o que não pertence ás classes privilegiadas, ou distintas por nobreza, etc.; e chama-se estilo *chão*, o que não é ornado, etc. *Lhano* significa o mesmo que *chão*, porém quasi que não se usa senão no sentido moral para designar o homem bondoso, afável, sem orgulho, acessível, que desce até aos seus inferiores, egualando-se, e pondo-se a par com elles ».

Planta, vegetal. — *Vegetal* é termo científico e genérico; diz-se de todos os corpos organizados privados de movimento voluntario (!) pertencentes á grande classe natural diferente da animal e da mineral, e que se denomina **reino vegetal**. Árvores, arhustos, bervas, musgos, agáricos, algas, são *vegetaes*.—Emprega-se este termo sempre que se consideram as qualidades naturaes de estes corpos, a sua constituição física ou fisiológica, suas leis do desenvolvimento, etc.

Planta, vocábulo da linguagem usual, diz-se do *vegetal* que se considera semeado, plantado, ou crescido para algum uso da vida: alimentação, utilidade nas artes mecánicas ou industriaes, etc. Ha **plantas texteis; medicinaes, hortenses, venenosas**, etc. Ademais, não se dá o nome de *plantas* a todos os *vegetaes*, principalmente ao falar das grandes árvores.

Plebe, vulgo, vulgacho, povo.

— O povo comprehende todos os cidadãos, ou seja, todas as classes; porém, em sentido mais restricto, diz-se da classe mais numerosa das nações, a que está abaixo da superior.

Plebe, palavra com que os Romanos designaram os *plebiscita*, tem entre nós uma significação vll; a *plebe* é a parte ignorante do povo; e abaixo da *plebe* ha ainda o *vulgacho*, ou seja a plebe infima, a gentilha, a ralé do povo.

Vulgo dão designa classe, mas sim o co-

(!) Falamos como a ciencia fala, que algumas plantas, a sensltiva, por exemplo, parecem possuir vontade propria.

mum do povo, o mayor número, a população que sente e pensa como não sentem nem pensam as classes illustradas.

Roquete explica assim estes vocábulos:

« Uma nação divide-se em muitas classes; e o povo é uma de ellas; é a parte mais numerosa de que a nação é o todo. É tambem um corpo do estado, com relação aos dois outros, clero, e nobreza, que antigamente se chamavam os trez braços da nação.

« *Plebe* é a gente comum e baixa do povo. « De aquí se deriva o adjetivo *plebeu* para designar o que é da classe do povo, o que não é nobre. — A *plebe* e os *plebeus*, diz Vieira, são os maes pequenos e os que me nos avultam na república (II, 327).

« *Vulgo* é o comum da gente popular, a multidão rude e ignorante, de baixes sentimentos e acções ruins. De aquí vem chamar-se *vulgar* a tudo o que é ordinario, de pouca conta, de baixa sorte, etc.

« *Vulgacho* é a gentinha, a infima plebe, o *vulgo* desprezível e ignaro ».

Pó, poeira. — Propriamente, *pó* é a terra reduzida, pela sequidão, a partículas diminutas, o, extensivamente, diz-se das partículas de qualquer substancia: *pó de tabaco*, *pó de tijolo*, etc.

Poeira é o *pó* da terra que o vento levanta o faz andar pelo ar. A *poeira* é muito mais ténue que o *pó*.

Poção, beberágem, bebida. — *Bebida* é termo genérico; qualquer liquido que se bebe seja para apagar a sede, seja para acariar o paladar, é *bebida*.

A *bebida* composta de substancias medicamentosas cozidas ao lume é *beberágem*.

A *beberágem* que se toma ás colheiras ou em pequenas quantidades é *poção*.

Poção de ricino; beberágem de altea; bebida refrigerante.

Poder, superioridade, autoridade, soberania, senhorio. — Diz Roquete:

« *Superioridade* é a preeminencia de uma pessoa sobre outra, em qualquer dote ou qualidade. *Autoridade* é a superioridade que provém da lei natural ou positiva, com direito de se fazer obedecer. *Soberania* é a autoridade do soberano com poder absoluto e independente sobre seus vassallos. *Senhorio* é a autoridade com imperio e dominio.

« *Superioridade* denota preeminencia comparativa; e encerra idéa de comparação, o que não acontece com os vocábulos *autoridade*, *poder*, *soberania*, *dominio* ».

Lacerda diz:

« *Superioridade*, no sentido aquí tomado, exprime a relação, segundo a qual uma pessoa so considera em mais alto grau que outra, em talentos, força, poder, ou

« em qualquer excellencia. *Autoridade* é a superioridade legal, ou seja com referencia á lei da natureza ou á divina, ou á humana positiva, ou á da opinião. *Poder* é a autoridade com força de se fazer respeitar e obedecer. *Soberania* é a autoridade com poder independente sobre uma nação, ou povo inteiro. *Senhorio* é a autoridade com dominio. *Superioridade* encerra a idéa de comparação que faz sobressair a preeminencia da pessoa, cousa ou qualidade sobre outra. As palavras *autoridade*, *poder*, *soberania*, *dominio* significam por si, absolutamente, sem dependencia de nenhuma comparação ».

Poeta, vate. — O vocábulo *poeta* é relativo á arte; *vate*, á inspiração; *vate*, propriamente, é o homem inspirado em geral, vidente, profeta ou poeta, mas, comumente, e por sinécdoque limita-se a designar este último.

Comparando estas palavras, diz Lacerda, quasi que copiando de Roquete:

« *Poeta* é o que faz obras de poesia; é o que celebra feitos em poesia, antes do que em verso, porque a medida do verso não é necessaria para a poesia. Ha muita poesia sem verso, e ha muitos versos sem poesia. *Vate*, conforme á origem latina, é o que sonda os arcanos do porvir; é o que, inspirado, proz ou anuncia acontecimentos notáveis na linguagem sublime da poesia; e é por isso que de vate disse Camões numa ecloga que era

« O intérprete da voz do Omnipotente,
« Que o distante futuro tem presente ».

Poética, poesia. — Diz Roquete:

« Duas palavras que muitas vezes se confundem, mas que na realidade representam duas idéas distintas.

« *Poética* é a variação feminina do adjetivo grego *poitikos* concordando com *lechen* e diz o mesmo que arte poética ou do poeta. *Poesia* é um substantivo grego que significa a composição feita pelo poeta. Assim que a *poética* representa a arte do poeta com suas regras e conselhos; a *poesia* representa o producto de estas regras executadas pelo génio do poeta. Assim o entendia Cícero quando disse falando da primeira: — *O præclaram emendatricem vitæ! poetæque; oh poética, preclara emendadora da vida!* E falando da segunda: — *Anacreontis tota poesia est amatoria*; toda a poesia de Anacreonte é amatoria (Tusc. IV, 32, 33).

« Aristóteles e Vida fizeram *poéticas*, e a epístola de Horácio aos Pisões tambem se chama *poética*; mas todos os poetas fazem *poesias*. Pode dizer-se que a *poética* é a gramática dos poetas, e que a *poesia* é o genio creador do poeta ».

Diz Lacerda:

« *Poética* designa a colocação de regras, segundo as quaes os poetas, isto é, os homens que nascem com propensão para a poesia, fazem as suas composições. Assim que dizer *poética* vale tanto como dizer « arte do poeta ». — *Poesia* é o producto de « taes regras postas em execução pelo génio do poeta. De propósito se diz pelo génio e não pelo talento do poeta, porque o poeta nasce, não se faz; pode aperfeiçoar-se observando as regras, mas não pode a si fazer-se, se a natureza o não tiver feito ».

Polluir, contaminar, macular, inquinar, conspurcar. — *Polluir* é sujar moihanho, humedecendo com o que é impuro.

Contaminar é sujar por contacto vil ou pestilento.

Macular é manchar tirando a côr, a frescura, a virgindade, o que agrada ao espirito.

Inquinar é manchar tirando o que agrada à vista.

Conspurcar é sujar nojentamente, de modo que cause nojo.

Pontífice, prelado, bispo, sacerdote. — *Pontífice* é hoje, como sempre o foi, o sacerdote que dirige o culto e tem inspecção suprema sobre os outros sacerdotes. No catolicismo diz-se apenas do papa.

Sacerdote é qualquer padre — seja qual for a sua jerarquia — no exercício das suas funções, e só em relação a essas funções. Quando se diz: *sacerdote indigno*, apenas se tem em vista a indignidade do padre em exercer as funções do seu officio.

Prelado é título jerárquico que apenas se dá aos mais altos dignitários da igreja católica: cardeaes, patriarchas, arcebispos, bispos, chefes dos ordens regulares, nuncios, legados, abades e priores de certos mosteiros, etc. — Este vocabulo é apenas relativo, repetimos, á jerarquia do ecclesiástico.

Bispo é o prelado que tem a seu cargo a direcção espiritual de uma diocese.

Ponto, artigo, capitulo, trecho.

— Concordam estas palavras em designar uma parte relativamente pouco extensa de um escrito ou de um assunto.

Ponto designa essa parte considerada em quanto á sua importancia, á verdade da questão debatida ou tratada, ao sentido da frase. Além de isso, o *ponto* considera-se muitas vezes como não definitivamente estabelecido, como sujeito á controvérsia proveniente de diferentes opiniões. *Nem todos estão concordes sobre certos pontos da disciplina ecclesiastica.*

O *artigo* tem, como o *ponto*, relação com o espirito do escrito ou do assunto, mas di-

ferê de elle em ser mais extenso, o em designar um *ponto* já estabelecido, sobre o qual já não se admitta discussão; *rejeitamos um artigo ou nos submetemos a elle. As decisões dos concilios são artigos de fé para os catholicos. A infalibilidade papal, longe de ser considerada por muitos como artigo de fé, é antes tida por ponto excluido de toda discussão.*

O *capitulo* difere dos vocabulos precedentes não só em ser mais extenso, mas tambem em poder abranger diferentes *artigos* subordinados a um mesmo *ponto*; é portanto mais relativo á forma que ao fundo da materia.

Trecho é uma parte mais ou menos longa do algum escrito ou de algum autor. *As selectas compõem-se de trechos escolhidos.*

Pôr, collocar, assentar. — *Pôr* tem sentido mais absoluto que *colocar*, pois *colocar* é *pôr* uma coisa em certa relação com respeito a outra. Não se diz que numa biblioteca os livros estão *postos*, mas sim *colocados*, segundo a materia de que tratam. Um quadro mal *posto* está torcido; um quadro mal *colocado* está mal *posto* com relação á luz. *Ponho este livro sobre a mesa para depois o collocar no seu lugar.*

Assentar é collocar com cuidado, e supõe que o objecto ha-de permanecer no lugar onde se põe: *Assentar uma máquina.*

Assim compara Roquette estes verbos:

« Do verbo latino *ponere* fizeram os nossos antigos *poer*, que depois se modificou em *pôr*, cuja significação é mui genérica, e se limita em alguns casos pelos dois verbos *assentar* e *colocar*; e seu respectivo valor se poderá bem comprehender comparando-os com os verbos francezes *mettre*, *poser*, *placer*, aos quaes correspondem.

« *Põe-se* uma coisa em qualquer lugar, de qualquer modo; *assenta-se* quando se põe com acerto, o da maneira conveniente; *coloca-se* quando se põe no devido lugar, com proporção e simetria. *Põe-se* uma pedra no chão, na parede, etc.; *assenta-se* a cantaria para fazer o edificio; *coloca-se* uma pedra rara num museu de mineralogia.

« No sentido figurado, *assentar* designa « coisa que serve de base ou fundamento a outras; e *colocar* refere-se á disposição o « boa ordem com que as cousas se dispõem. — Um orador *assenta* certas proposições que são o fundamento do seu discurso, o « *coloca* nelle os argumentos e ornatos do « modo mais vantajoso para conseguir o fim « que se propõe. A lógica deve guiá-lo no « modo de *assentar* as proposições fundamentais; a oratoria dá-lhe regras relativas á ordem com que deve *colocar* os argumentos ».

No mesmo sentido se exprime Lacerda; *Pôr* é termo genérico, e se limita de or-

«dinário pelas circunstâncias. Cada qual
«*põe* uma coisa no lugar o do modo que
«quer; mas, se a *põe* conveniente o orde-
«nadamente, a *assenta*; e *coloca-a* quando
«a *põe* onde ella deve estar. No sentido
«translato, *assentar* refere-se a coisa que
«serve do fundamento a outras; e *colocar*
«diz referencia á proposição e ordem com
«que são postas. *Assentam-se* as proporções
«que devem servir de fundamento ao dis-
«curso; e *colocam-se* os argumentos com ór-
«dem, e de tal modo que, coadjuvando se
«uns aos outros, produzam com mais segu-
«rança o resultado que se pretende ».

Por cima, sobre, em cima.— É do Lacerda a comparação seguinte:

«*Por cima* designa a relação local do um
«corpo com respeito a outro.

«*Sobre* indica esta mesma relação, e além
«de isso que o corpo está em acção, gravi-
«ta, o qual o corpo que recebe ou suporta
«essa gravidade; é uma proposição do lo-
«gar que mostra a posição superior da cou-
«sa por debaixo da qual está outra. *Desco-*
«*bre-se a torre por cima do outeiro*; *vê-*
«*se o mar por cima do eirado*. Em ne-
«nhum de estes casos se podia empregar
«*sobre*, pois que nem a torre, nem o mar
«estão exercendo acção, gravitando *sobre*
«o outeiro, nem *sobre* o eirado. Porém, se
«dissermos: *o soldado repousa sobre a ta-*
«*rimba*; não podemos usar de *por cima*, por-
«que aqui se faz relação positiva á acção
«exercida, á gravitação do corpo do solda-
«do na tarimba. É portanto preciso adver-
«tir quando se deve usar *por cima* ou *sobre*,
«porque da sua confusão pode resultar com-
«pleto transtorno no discurso. Dizer: *Da-*
«*ram pancadas por cima da minha cabe-*
«*ça*, difere muito de dizer: *davam panca-*
«*das sobre a minha cabeça*. No primeiro
«caso parece que somente se indica que as
«pancadas eram dadas em lugar superior
«á minha cabeça; mas no segundo desi-
«gna-se que as pancadas eram dadas na
«própria cabeça ».

Mais adiante torna o citado sinonimista a falar dos mesmos vocábulos comparados com *em cima*, o diz:

«*Sobre* designa não só a situação, mas
«também a gravitação que um corpo exer-
«ce sobre o outro. *Em cima* designa sómen-
«te a situação local de um corpo em rela-
«ção a outro que está debaixo de elle. *Por*
«*cima* indica a situação mais alta, mais
«elevada, mais avantajada em relação ás
«que lhe ficam inferiores: — *O castello está*
«*fundado sobre a rocha*. *Em cima do*
«*terraceo goza-se de bom fresco*. *O padre,*
«*ainda que de meia estatura, appareceu tanto*
«*por cima de todos* (LUCENA) ».

Por meio, pelo meio.— Diz Roquete:

«A primeira expressão considera-se no

«sentido moral e figurado, a segunda con-
«sidera-se no sentido físico e proprio.—Al,
«cançam-se graças *por meio* de dinheiro
«quer dizer, mediando, servindo de meio
«o dinheiro.—Partiu-o, rasgou-o *pelo meio*,
«quer dizer, de meio a meio, fazendo duas
«metades.—Comtudo quando se determina
«o meio por que a coisa se faz ou alcan-
«ça, diz-se *pelo meio*: — *Alconçou-o pelo*
«*meio* mais indigno que dar se pode ».

Porque, pois.—«Estas duas vozes», diz Roquete, «são sinónimas quando se
«empregam para expôr a causa ou motivo
«do uma asserção; por exemplo: — *Espero*
«*que meu filho ha-de dar gosto a seus supe-*
«*riores, porque* é aplicado e bem procedi-
«do; e não duvido que fará fortuna, *pois*
«*agora se premia o mérito*. A diferença po-
«rém que parece achar-se entre ellas é que:
«*porque* explica uma illação mais certa,
«mais positiva, que não está sujeita a du-
«vida ou probabilidade. — *Ilta lama por-*
«*que choveu*, isto é: a lama é uma conse-
«quência certa da chuva. *É natural que*
«*consiga o emprego que solicita, pois pare-*
«*ce que tem bons padrinhos*; isto é: o conse-
«guir o emprego é consequência provável
«da protecção dos padrinhos. — *Vou dormir*
«*um pouco, pois não creio que venha meu*
«*amo antes da meia noite, porque sei que*
«*está jogando*. A tardança em vir é prová-
«vel; o jogo é certo ».

Lacerda resumiu acertadamente em poucas palavras quanto dissera Roquete:

«Estas palavras são sinónimas quando
«exprimem a causa ou motivo do que se
«afirma ou nega; porém *porque* parece in-
«dicar a certeza, e *pois* probabilidade, e ás
«vezes dúvida: — *Está molhado porque*
«*choveu*; é provável que consiga o emprego,
«*pois dizem que tem bons padrinhos* ».

Porta, sahida.— *Porta* é a expres-
são geral para designar qualquer abertura
por onde se entra ou se sae; *sahida* desi-
gna sempre a *porta* que conduz para a par-
te exterior.

Porvir, futuro.— Roquete compara
bem estes vocábulos, dizendo:

«Entre estas duas expressões não ha ou-
«tra diferença senão que o *porvir* é mais
«vasto, mais incerto, e até mais afastado;
«o *futuro* é o que de certo ha-de acontecer,
«e talvez não está distante. *A astronomia*
«*prediz o futuro*, annunciando-nos com
«antecipação os eclipses, a reaparição dos
«cometas, etc., cousas que com efeito hão-
«de acontecer; os *astrólogos pretendiam co-*
«nhecer o *porvir*, annunciando guerras,
«mortes, etc., que muitas vezes não acon-
«teciam ».

«Um homem que tem uma vida aventu-
«rosa, e exposta a perigos e adversidades,
«pode muito bem dizer: *Não sei qual será*

« o meu porvir, isto é, o que me ha-de acontecer; se elle soubesse de antemão que havia de naufragar e perecer sobre um rochedo, diria melhor: — *Um desgracado futuro me aguarda*. »

Posse, propriedade, gozo.— Consiste a *posse* nos proprios bens que se têm o dos quaes se pode dispôr como melhor se entenda, ainda quando nos pertençam apenas de facto, e não por direito, e quer de elles hajamos ou não o gozo. *Estar de posse de bens alheios*.

A *propriedade* consiste no direito em virtude do qual uma coisa nos pertence, nos é *propria*, da qual ninguém pode dispôr sem nossa autorização, podendo porém este direito não ser acompanhado do facto, como succede aos interditos.

Gozo é a faculdade que temos de usar alguma coisa tirando de ella todo o proveito ou *gozo* que ella nos possa dar; esta faculdade detem-se onde principia o direito alheio de dispôr do objecto, de vendê-lo, destruí-lo, etc., sempre que o *gozo* não seja absoluto, isto é, que o objecto não seja nossa *propriedade*: *Temos o gozo dos jardins públicos*.

Possível, factível, praticável.— *Possível* é termo genérico e diz-se de tudo quanto *pode* ser realizado naturalmente ou pela acção de um agente; consequentemente applica-se ao que se pode fazer e ao que pode succeder.

Factível diz-se apenas do que é *possível de fazer-se*; portanto esta palavra indica a intervenção indispensável de um agente, e limita-se a qualificar o que se faz uma vez ou do uma vez.—O *possível* entra na ordem natural dos successos; o *factível* na ordem das faculdades humanas.

Praticável implica, como *factível*, a intervenção de um agente, mas acrescenta a essa idéa outra idéa diferente: a de um fim ou resultado a que se chega por meio de mayor ou menor esforço, e que se obtém habitualmente, não apenas uma só vez.

De aquillo que é absolutamente impossível não se deve dizer *não é praticável* ou *não é factível*, mas somente *não é possível*; empregando as primeiras expressões, fala-se com impropriedade.

Possuir, ter.—Não é o *avarento* que *possue* o tesouro; mas é o *tesouro* que *possue* o *avarento*; este pensamento determina com precisão a significação de *possuir*, verbo de muito menor extensão *quer*.

Para *termos* alguma coisa não é condição indispensável o poder dispôr de ella, nem sequer de a haver actualmente nas nossas mãos ou em nosso poder; para a *ter* basta que ella nos pertença.

Para *possuir* é necessario não só que *te-*

nhamos, mas tambem que possamos dispôr como queiramos do objecto.

Um proprietario que aluga o seu predio, *tem-no*, é seu, mas não o *possue* enquanto o tiver alugado.

Muito bem compara Lacerda estes dois verbos. Diz assim:

« Nós *temos* o que nos pertence; e *possui-*
« mos o que nos pertence, o *temos* em nosso
« poder. Para *ter* não é necessario poder
« dispôr de uma coisa, e que ella esteja
« actualmente entre nossas mãos; basta
« que essa coisa seja nossa. Para *possuir* é
« necessario que a coisa esteja em nossas
« mãos, e que tenhamos o poder actual de
« dispôr de ella. Um homem *pode ter* muito
« dinheiro, e não o *possuir*; se o tiver
« emprestado, este homem não é senhor do
« seu dinheiro, não pode dispôr de elle,
« porque o não *possue* apesar de o *ter*. »

Posterior, ulterior, seguinte, subsequente, subsecutivo.—*Posterior* diz-se do que é ou do que já foi com relação a outro facto ou circumstancia anterior.

Ulterior diz-se do que ha-de ser com relação a outro facto ou circumstancia que existo ou já existiu:

Camões foi admirado no seu século, mas ainda o admiraram mais nos séculos posteriores. A aprovação de este contrato *está dependente de uma decisão ulterior.*

Seguinte é o termo mais geralmente empregado. Diz-se de tudo quanto vem depois do outra coisa da mesma especie: *não fui este áno a banhos, nem terei a elles nos ános seguintes.* Esta obra principia no *térmo* quarto da collecção e continúa nos *seguintes*.

Subsequente é termo apenas usado em gramática, philosophia e jurisprudencia; diz o mesmo que *seguinte*, acrescentando-lhe porém a idéa de dependencia, e particularmente a de não haver nenhum acto ou circumstancia da mesma especie que se intercale entre o acto ou circumstancia de que se faia e o seguinte ou anterior: *um testamento subsequente veio alterar as disposições do testador.*

Subsecutivo diz o mesmo que *subsequente*; exprime ademais a idéa de não ter havido grande intervalo entre os dois actos ou circumstancias.

Postulado, axioma.— Diz Roque:

« *Postulado* é palavra latina *postulatum*:
« (de *postulare*, pedir), mui usada nas ar-
« gumentações escolásticas, e significa uma
« proposição que o adversario não pode
« contestar, ou por ser admitida universal-
« mente e evidente, ou por ter já sido de-
« monstrada; e sobre ella se estriba a argu-
« mentação, e por isso começa o argüente
« por obter a concessão da certeza de ella. »

« *Axioma* é palavra grega, e significa « princípio, verdade incontestável, que não « carece de demonstração ».

Potencia, poder, poderio.—*Potencia* é a faculdade de produzir; *poder* é a faculdade de obrar; *poderio* é a faculdade de exigir submissão e obediência. O espírito tem *potencias*; por ellas pensa, raciocina, exprime-se, etc. O forte tem *poder*, por isso ataca, defende-se, resiste, subjuga e vence. Os monarcas têm *poderio*, com o qual mandam e se fazem obedecer.

Povoação, população.—*Povoação* é qualquer localidade povoada, mas geralmente não, se diz senão de villas, aldeias e logares, e não de cidades populosas.

População é o número de habitantes que ha nas *povoações*, provincias, estados, etc.

Assim diz Lacerda:

« Tomam-se muito frequentemente estas « palavras uma pela outra; mas em rigor « differem.

« *População* é verdadeiramente o lugar « povoado, o lugar que o povo habita, onde « ha moradores, habitantes.

« *População* refere-se ao número dos ha- « bitantes de uma *povoação*. Em todos os « reinos ha *povoações* maiores e menores, « grandes e pequenas; porém varia muito « a *população* de uns e outros. Em Portugal « ha grandes *povoações* com pouca popula- « ção; o é demasiada a *população* de algu- « mas *povoações* muito pequenas ».

Praia, ribeira.—Assim diz Lacerda:

« *Praia* é a costa inclinada e plana, co- « berta de areia, que o mar cobre nas mayo- « res marés, e deixa descoberta nas meno- « res, e mais alinda na vazante.

« *Ribeira*, quando se refere ao mar, é a « parte mais declive da *praia* onde podem « varar embarcações pequenas; e quando « se refere aos rios e à terra fresca e fértil « que se estende ao longo de algum rio ».

Praxe, uso, pragmática.—*Uso* é o frequente exercício de alguma prática, e que por isso mesmo está geralmente admitido por todos.

Praxe é o uso consuetudinario admitido em determinadas circunstancias e que se impõe como lei que não é conveniente infringir.

Antigamente era uso dar o padrinho o folar ao afilhado. É praxe descobrir-se os espectadores da plateia ao levantar do pano.

Pragmática é o uso ou *praxe* estabelecida ou por lei ou por formulario.

Prazo, termo.—*Prazo* é a época indicada para o cumprimento de uma obrigação ou para a consumação de um facto.

Termo é o espaço de tempo que ha de

transcorrer antes que se cumpra a obrigação ou se consuma o facto. Assim, ao cabo do termo está o prazo.

O prazo estipula mez, dia, e até talvez a hora. O termo é a fracção de tempo que medeia entre o momento actual e o prazo.

Preâmbulo, prolegômenos, proemio, prólogo, prefacio, introdução.—*Preâmbulo* é o escrito que precede a outro mais extenso e explica a razão que determinou a fazer este último. Os projectos de lei que o governo apresenta ás câmaras são geralmente precedidos de um *preâmbulo* no qual o legislador expõe as considerações que o determinaram a apresentar os.

Prolegômenos, do grego *prolegomena*, cousas que se dizem antes de outras, é um conjunto de considerações necessarias para ler com proveito a obra a que precedem.

Proemio, vocábulo muito pouco usado, o até certo ponto pretencioso, diz o mesmo que *prólogo* ou que *prefacio*.

Prólogo diz-se do que serve como de preludio a uma obra dramática. No teatro grego o *prólogo* precedia o primeiro cômico, e este era seguido do « êxodo ».—Não é portanto vocábulo muito recomendável para, numa obra qualquer, se dizer em lugar de *prefacio*.

Prefacio é termo genérico e o mais usual para designar o discurso que vae precedendo a uma obra, sejam quaes forem as relações que possa haver entre essa obra e tal discurso. O *prefacio* pode ser longo, breve, interessante, indispensável, inútil, familiar, escrito em estilo elevado, etc.

Introdução é o *prefacio* que geralmente se dá a obras didacticas e que forma como parte integrante da doutrina nellas contida.

Lacerda compara apenas *prefacio* com *prólogo*, vocábulos entre os quaes estabelece uma differença que não sabemos a que attribuir. Eis o que elle diz:

« *Prefacio* ou *prefação* é o preâmbulo ou « introdução na materia de que se trata « em algum livro. *Prólogo* é uma especie de « exórdio, ou antes advertencia por molo « da qual não só se dá noticia ao leitor da « materia de que se vae tratar, mas tam- « bem do modo por que será tratada. En- « tretanto estas duas palavras, no uso co- « mum, tomam-se indistintamente uma pe- « la outra ».

Precaução, previsão.—*Previsão* é o acto de ver, ou prevér os successos que nos podem ser adversos, sem porém determinar se sim ou não nos precavemos contra elles.

Precaução declara terminantemente que se tomam medidas para debelar o mal ou combater o

Na *previsão* ba teoria; na *precaução* entra a prática.

Precaucionar-se ou **precaaver-se, premunir-se.** — Concordam estes verbos na idéa que lhes é comum de estar prevenido contra um perigo e, em estado de lhe resistir.

Premunir-se, segundo a etimologia, é reunir meios de defesa contra o ataque ou violencia de que se está ameaçado.

Precaucionar-se ou *precaaver-se*, também segundo a etimologia, é estar de pé atrás contra um perigo previsto, rodear-se contra elle de *precauções*, tomar as providencias que a prudencia aconselha. **Premunimo-nos** contra um *assalto*. **Precaucionamo-nos** ou **precaavemo-nos** contra a *peste*.

Preceder, ir adiante. — *Preceder* indica apenas que o sujeito está antes, isto é, que occupa um lugar anterior á pessoa ou objeto designado pelo vocábulo que serve de complemento a este verbo. *A etiqueta requer que o corteja preceda ao rei*. O *guia precede a quem se vale do seu serviço*. *Tudo o objeto colocado antes de outro precede a este*. Como vemos nos exemplos precedentes, *preceder* pode, ou não, encerrar as idéas de vontade e de movimento.

Ir adiante encerra sempre essas idéas; assim dizemos: *Deixe-me ir adiante para lhe aluzear*.

Precisamente, justamente, positivamente, expressamente, formalmente. — A idéa comum a estes adverbios é a de bem acentuar o modo como dizer ou fazer alguma coisa.

Precisamente exprime essa idéa com relação ao que nem se acrescenta nem se diminui; é portanto relativo ao sujeito que faz ou diz de modo *preciso*, claro, sem confusão.

Justamente diz o mesmo que *precisamente*, só que em vez de ser relativo ao sujeito o é ao objeto. — Digo *precisamente* o que outro me encarregou de dizer para bem cumprir o meu mandado. Digo *justamente* o que me encarregaram de dizer, para não alterar o que me foi dito. — Quando digo que: *sucedeu justamente o que eu tinha previsto*, refiro-me ao facto em si; se disser: *sucedeu precisamente o que eu tinha previsto*, refiro-me á minha perspicacia.

Positivamente exclui toda idéa de dúvida ou de negação; dizer que *o facto é positivamente verdadeiro*, é uma affirmacão que não deixa a menor dúvida no espirito.

Expressamente é relativo á clareza e decisão que não admite hesitações: *prohibo-lhe expressamente de me falar de elle*.

Formalmente é relativo á ordem ou vontade. *A lei prescreve formalmente de...*

Precisão, abstracção. — Diz Roquette:

« *Precisão* é uma operação do entendimento, que consiste em considerar uma « coisa de per si, sem atender áquellas a « que anda unida, ou com que tem relação. « *Abstracção* é uma operação semelhante a « esta, que consiste em considerar numa « coisa um só attributo sem atender aos outros que tem ».

Precisão, concisão. — Diz Laeerta:

« Confundem-se geralmente estas duas « palavras; mas differem muito na sua significação.

« *Precisão* indica determinação do objeto « de que se trata por meio do termo que « mais lhe convém, que melhor o circun- « scribe, e mais competentemente o separa « de outros com que poderia confundir-se.

« *Concisão* designa a sufficiencia da expressão empregada para representar um « objeto sem que se tornem necessarias numerosas outras por forma de declaração.

« *Ademasiada precisão gera a obscuridade; a falta de concisão produz a redundancia.*

Precoce, prematuro. — É a força de vitalidade que torna *precoce*; é o vir antes de tempo que torna *prematuro*. Um fruto *precoce* está sazonado; não o estará porém o *prematuro*. — A *precoceidade* do ser humano consiste num intervalo mais curto que o ordinario que medeia entre a infancia e a virilidade; a *velhice prematura* é sinal evidente de decadencia.

Outra differença que ás vezes se nota entre estas palavras é que *precoce* sempre considera as forças inconscientes da natureza, ao passo que em *prematuro* nota-se uma intervenção não louvável. Assim, o parto *precoce* é natural; o *prematuro* pode ter causa abortiva.

Preconceito, prejuizo, prevenção. — *Preconceito* diz-se das crenças ou opiniões que, sem base sólida em que se firmem, têm tanta influencia no espirito que não ha razões que o façam demover no que a ellas é relativo.

O *preconceito* foi-nos inculcado; nunca é espontâneo, e nisso se differença dos outros vocábulos de este grupo, pois as idéas que elles representam podem ser apenas filhas da nossa imaginação; ou também bave-rem-nos sido suggeridas.

O *preconceito* é, portanto, a manifestação de um espirito fraco cegamente dependente e submisso á vontade dos outros.

O *prejuizo* é relativo ás influencias que supersticiosamente cromos que as cousas têm sobre nós. É, como o *preconceito*, a evidencia do um espirito fraco.

A *prevenção* é relativa á aprecação que

fazemos das pessoas ou das cousas, apreciação infundada que nos leva a sermos-lhes favoráveis ou desfavoráveis, sem motivo, ou pelo menos sem motivo suficiente, e só por uma propensão irreflectida. O amor inspira *prevenções* favoráveis, que, o mais das vezes, trazem consigo graves desenganos; o odio, pelo contrario, impede de tributar justiça aos que se odiam, e só mostra seus defeitos, induzindo a deixar despercebido o que nelles ha de bom.

Veja-se o artigo **Preocupação**.

Predilecção, preferencia. — A *predilecção* é suscitada pelo amor ou affecto; a *preferencia*, pelo gosto ou pela conveniencia. A *predilecção* é espontânea; a *preferencia*, calculada. Quando preferimos uma pessoa a outra, a *preferida* pode ser a *predilecta*, mas tambem pode fundar-se a *preferencia* em cálculos e motivos.

Predio, propriedade, morada de casas. — *Predio* considera a *propriedade* como bens de raiz, independentemente de toda idéa de posse. *Propriedade*, pelo contrario, sugere essa idéa de posse. Por outras palavras: o *predio* é considerado em si; a *propriedade* considera-se com relação ao dono. *Em tal terra ha bons predios*, é expressão que não encerra nenhuma idéa accessoria. *Em tal terra ha boas propriedades*, é expressão que manifesta, que naquella terra ha riqueza, que ha nella ricos proprietarios.

O *predio* — quer rústico quer urbano — é considerado no conjunto de quanto o forma; casa, campos, etc. — *Morada de casas* é o *predio* que não tem nnexos.

Predisposição, propensão. — A *predisposição* deponde do fisico; a *propensão*, do carácter. Tem-se *predisposição* para certas doenças, e *propensão* para determinados actos, estudos ou artes.

Preeminencia, superioridade, predomínio, preponderancia. — *Preeminencia* (do latim *præ*, acima, e *eminere*, elevar-se) é palavra relativa á posição, jerarquia, ou condição social. Este vocábulo não determina que o sujeito seja dotado de qualquer qualidade pessoal, mas só que nelle se consideram as vantagens provenientes da sua posição social ou jerárquica. A *preeminencia* vae ligada a certas honras, distincções ou dignidades, funções ou cargos, que se comparam com cargos, funções, dignidades, distincções ou honras inferiores.

A *superioridade* (do latim *super*, sobre) é relativa ás qualidades do sujeito, ás suas forças, talentos ou poder. Esta palavra é portanto subjéctiva ao passo que na antecedente melhor se nota a objectividade.

O *predomínio* é a *superioridade* conside-

radn emquanto ao que lhe é inferior ou está sob sua influencia. O *marido nunca deve consentir que a esposa chegue a predomina-lo*.

Preponderancia é a superioridade que tem *predomínio* sobre outra superioridade.

Preencher, encher. — *Encher* é meter dentro de alguma cousa o que ella pode conter, sem que na palavra se note nenhuma idéa ncessoria.

Preencher é *encher* ou ocupar o que não pode ou não deve estar vago, vazio ou ôco.

Prenuncio, preludio. — O *preludio* está mais intimamente ligado ao conhecimento que o *prenuncio*; ambos precedem ou vêm antes de tal principal, mas o *prenuncio* para annunciar-o, e o *preludio* para principal-o.

Preocupação, prevenção. — Eis como Roquete compara acertadamente estes vocábulos.

« Estes dois termos exprimem uma disposição interior oposta ao conhecimento da consciencia, e que impede o animo de adquirir os conhecimentos necessarios para julgar rectamente das cousas, com a differença que a *preocupação* reside particularmente no entendimento, e o faz cego; e a *prevenção* tem seu principal assento na vontade, e a faz injusta.

« A *preocupação* é o estado do animo de « tai modo cbeio e possuido de certas idéas « que não pode ouvir nem conceber outras « contrarias. A *prevenção* é uma disposição « anticipada da alma que a faz inclinar a « julgar mais ou menos favorável ou desfavoravelmente de um objeto.

« A *preocupação* tira a liberdade do animo; absorve-o. A *prevenção* tira a liberdade do julzo; induz em erro. — A *preocupação* nasce de alguma impressão viva e profunda que enche de seu objeto a capacidade do animo, e cativa o pensamento. « A *prevenção* nasce de certas relações ou informações que nos deram de um objeto, nas quaes interessando-nos a seu respeito, não permittem á nossa alma o conservar seu equilibrio e sua indifferença.

« As *preocupações* não são boas para a cusa nenhuma: devem-se combater como inimigas da verdade. Ha *prevenções* justas e razoáveis: é mistér examinal-as, porque podom prevenir-nos contra o engano ».

Veja-se tambem o artigo **PRECONCEITO**.

Prerogativa, privilegio. — Encerram estes vocábulos a idéa comum de qualquer vantágom que ns leis ou o uso concedem a certo individuo ou a determinada classe com detrimento dos restantes individuos ou das outras classes.

Prerogativa (do latim *præ*, antes, e *rogare*,

re, pedir—por alusão ao direito que tinha a primeira centúria romana em ser a primeira a votar) é vocábulo absolutamente relativo à jerarquia, e designa todas as vantagens de honras, do distincções ou de dignidades que em virtude da sua prosápia, classe ou nobreza são concedidas a determinada pessoa ou a determinada classe de pessoas. O rei, o clero, os representantes da nação têm **prerogativas**. Os grandes de Espanha têm a **prerogativa** de se cobrirem deante do rei.

Privilegio (do latim *privus*, privado; e *lex*, lei, lei) é, propriamente falando, uma lei feita em favor de um indivíduo ou de uma colectividade, lei que põe a esse indivíduo ou a essa colectividade fora e acima do alcance da lei comum, concedendo-lhe quaisquer vantagens especiaes de que os outros não podem fruir. O **privilegio** é portanto relativo ao interesse, e resulta de decisões e concessões de poderes públicos. **Todo privilegio é odioso. Todo privilegio é a negação absoluta da igualdade ante a lei.**

Roquette, a este respeito, diz apenas:

« A **prerogativa** corresponde aos homens e às preferencias pessoais; provém principalmente da subordinação das relações que as pessoas têm entre si. O **privilegio** pertence ou se refere a alguma vantagem de interesse ou de emprego; provém da concessão do soberano ou dos estatutos da sociedade.

« O nascimento dá as **prerogativas**. Os cargos e empregos dão os **privilegios**.

Lacerda diz o mesmo:

« A **prerogativa** refere-se aos homens e às preferencias pessoais. O **privilegio** refere-se a vantagens de emprego ou proveito. Aquella provém das relações de subordinação entre classes e pessoas; este nasce da concessão do soberano ou da sociedade. A **prerogativa** supõe excellência, primazia, superioridade. O **privilegio** supõe immunição e franquia ».

Presa, apresamento, despojos.—**Presa**, propriamente, é o alimento que os animais carnívoros caçam para seu sustento; esta palavra sugere, consequentemente, a idéa de violência e rapacidade. Figuradamente, emprega-se esta palavra para designar tudo o que se arrebatou pela força, e também o próprio acto de apresar ou aprehender o que, sendo de outrem, queremos para nós.

Quando a **presa** se considera como victoria obtida sobre outrem seja pelo roubo, seja pela guerra—outro roubo—e também como utilidade proporcionada a quem a faz, chama-se **despojos**. Os **despojos** do inimigo, quer dizer a **presa** que, feita sobre o inimigo, vem aumentar o numerario ou o material do vencedor.

Comparando **presa** com **apresamento** notamos que o primeiro vocábulo é subjunctivo

e o segundo objectivo; quer dizer: a palavra **presa** considera o proveito que redundará em favor do **apresador**, e **apresamento**, pelo contrario, refere-se ao prejuizo feito ao **apresado**.—Assim é que o **apresamento** nem sempre constitui **presa** para o **apresador**.

Prescrever, ordenar, mandar.—**Mandar** denota superioridade; **ordenar**, superioridade e autoridade; **prescrever**, autoridade e prudencia. Os **amos mandam** os criados; o **chefe ordena** aos subordinados; os **médicos prescrevem** tratamentos.

Presença, aspecto, semblante, parecer, apparencia.—No sentido em que estas palavras são synonymas, podemos estabelecer entre ellas as seguintes gradações:

Presença refere-se ao conjunto ou total da pessoa ou cousa que se considera, ao modo como ella se apresenta á nossa vista.

Aspecto é o effeito que em nós causa o primeiro relance de olhos que lançamos sobre a pessoa ou cousa.

Semblante, que só se diz de pessoas, é a apparencia da fisionomia, as côres das faces, a vivacidade do olhar, etc.

Parecer é o effeito do **semblante** na nossa apreciação.

Apparencia, que so diz indistintamente de pessoas e de cousas, é o effeito que na nossa apreciação causa o conjunto do que se considera.

Presentar, offerecer.—Diz Lacerda:

« **Presentar** exprime simplesmente a idéa de pôr na presença, levar á presença, expôr á vista de alguém, sem nenhuma outra circumstancia ou relação.

« **Offerecer** exprime a idéa de expôr á vista, ou levar alguma cousa á presença de alguém propondo-lh'a para que a aceite.

« **Presenta-se** o bom e o mau, o agradável « ou desagradável; mas não se **offerece** se não o que é agradável ou útil ».

Prestidigitador, prestiglador.—Erradamente diz o sr. Cândido de Figueiredo que **prestigiador** é o mesmo que **prestidigitador**. O vulgo confunde as duas palavras, mas ha entre ellas grande differença.

Prestidigitador—á letra: que tom os dedos ligeiros—é o escamoteador cujas habilidades consistem principalmente na rapidez dos movimentos dos dedos. **Prestigiador** é a pessoa que opera prestígios.

Prestígio, illusão.—Encerram estas palavras a idéa comum do erro que ilude os sentidos e influencia a imaginação para

lhe fazer tomar por verdadeiro ou real o que apenas é falso ou quimérico.

O **prestígio** é uma espécie do artifício que obra como por encanto ou sortilégio, e produz em nós a *ilusão*. Por consequência a *ilusão* é apenas o efeito produzido em nós pela falaz aparência das cousas, pelo **prestígio**.

Noutro sentido, **prestígio** é a influencia que alguém pode ter sobre o espirito de algumas pessoas, pelos dotes ou prendas, ás vezes mais falazes que reaes, de que esse alguém faz alarde.

Prevalecer, vencer.— Vencer pode ser devido á força; **prevalecer** é devido á razão ou ao valor de quem ou do que **prevalece**. O partido que **vence** não é sempre o mais justo; aquelle que **prevalece** é o mais acatado.— Outra differença: **vencer** não sugere a idéa de ficar vigorando; essa idéa porém é suggerida por **prevalecer**: o que **prevalece** continua a reger.

Primeiro, primário, primitivo, primordial, primevo.— **Primeiro** diz-se com relação á ordem de classificação ou de logar; **primário** é o **primeiro** relativamente á ordem de composição das diversas partes, ou seja, o mais simples e elementar; **primitivo** é o **primeiro** na successão do tempo; **primordial** é o **primeiro** considerado como origem ou principio. Assim, **primordial** tem um sentido mais abstracto e philosophico que **primitivo**: as leis **primordiales** da criação são anteriores aos tempos **primitivos**. As linguas **primitivas** são emanações das leis **primordiales** do pensamento. Nas escolas **primarias** ensinam-se as **primeiras** letras.

Lacerda compara **primeiro** com **primitivo** o **primevo** dizendo:

« **Primeiro** é em geral o sêr quo está ou se considera á frente de uma série de elles; é o que precede a todos em alguma das diferentes circumstancias do tempo, logar, dignidade, etc.

« **Primitivo** é o **primeiro** sêr de uma série « com relação aos seus diferentes estados, ou com relação a outros sêres que de aquelles se derivaram.

« **Primevo** refere-se ao que é da primeira idade, ou das primeiras idades. D. Afonso Henriques foi o **primeiro** rei de Portugal. A disciplina que se observava nos primeiros séculos da Igreja, chama-se disciplina **primitiva**. As leis porque se regia um povo nos primeiros tempos da sua organização social, chamam-se as depois « leis **primevas** ».

Primogénito, unigénito.— **Primogénito** é o primeiro filho nascido.

« **Unigénito** é o filho único.

Primor, perfeição.— **Primor** é a perfeição no que é delicado, no que requer habilidade e paciência: **bordar com primor**.

Principalmente, sobre tudo.— Aplicam-se estes adverbios ás cousas que queremos pôr em evidencia, ou de que queremos encarecer alguma circumstancia ou particularidade; diferem porém entre si.

Sobre tudo tem sentido absoluto; o que se deve **sobre tudo** evitar é mais para temer que todas as outras cousas; o que se deve **sobre tudo** observar é o mais importante e essencial.

Principalmente tem sentido mais relativo, e diz-se do que é essencial, importante, ou para temer, entre outras cousas tão essenciaes, importantes, etc.

Principio, elemento, rudimento.— Servimo-nos de estes vocábulos para designar a primeira causa constitutiva da existencia de alguma cousa.

O **principio** é a causa que procede á cousa e lhe dá sêr; todo **principio** é concreto ou abstracto, mas é sempre exterior á cousa que elle constitue. Os espiritualistas proclamam a Deus como **principio** universal da criação. O movimento é um dos **principios** reconhecidos pelos materialistas.

O **elemento** distingue-se do **principio** em cada **elemento** fazer parte constitutiva da cousa, em fazer corpo com ella. O **elemento** é sempre concreto, ou, pelo menos, nunca representa nada de abstracto; os **elementos** são as partes cuja combinação forma um objeto, quer material, quer metafísico. Epicuro dizia que os átomos são os **elementos** imponderáveis dos corpos. Segundo outros philosophos, a materia compunha-se de quatro **elementos**: agua, terra, ar e fogo.— Do mesmo modo diremos no sentido moral: tal axioma é o **principio** de tal sistema philosophico; os argumentos que de esse axioma se tiram são os **elementos** do sistema.

Quando as palavras **principios** e **elementos** se dizem das partes essenciaes e primitivas de uma arte ou ciencia, têm como sinónimo o vocabulo **rudimentos**. Neste caso, os **principios** são as regras geraes, as bases em que a arte ou a ciencia se funda. Na philosophia, por exemplo, os **principios** são as verdades que se têm como incontestáveis, e que por isso mesmo servem de base ou de ponto de partida a todo sistema philosophico que de ellas mana.

Os **elementos** são as noções simples e indispensáveis ao conhecimento da arte ou da ciencia, noções que não deve nem pode ignorar quem de essa arte ou ciencia se occupar; pois taes noções são como a base ou tecido sem o qual essa ciencia ou arte não poderia existir, e as quaes se discriminam de outras noções accessorias e mais desenvolvidas para servirem de ensino aos

principiantes. Antes de fazer entrar o jovem estudante no verdadeiro estudo das linguas mortas ou das sciencias exactas, é indispensável ensinar-lhe os elementos de ellas.

Rudimentos são os primeiros elementos, os mais simples, os que se ensinam em primeiro logar, os que servem, por assim dizer, para desbastar o espirito o preparal-o para receber os elementos fundamentaes.

Princípio, origem, causa.—

Princípio é o primeiro facto numa série de factos da mesma natureza o carácter.

Origem é o facto que dá logar a outro.

Causa é agencia efficaz que dá existencia ao que antes não existia.

O **princípio do mundo. A origem de uma nação. A causa de um fenómeno.**

Deus é princípio, pois sua existencia é anterior a tudo; é **origem**, porque da sua existencia derivam todas as existencias; é **causa** porque as creou todas.

Princípio, regra, máxima, norma.—Relativamente á orientação fixa que se toma na vida, empregam-se estas palavras, cada uma em sentido differente.

O **princípio** é uma como base a que obedecem todos os actos importantes da vida: uns tomam por **princípio** a franqueza, outros a **reserva**; todos devem ter por **princípio** invariável a honradez.

Regra é uma verdade pela qual o homem se guia; é verdade prática, e tem-na em conta de obrigatória. Difere do **princípio** em este ser assente pelo individuo, ao passo que a **regra** deriva-se de qualquer **princípio**. Seguir as **regras da prudencia**.

A **máxima** obedece a um pensamento, a um cálculo: **devemos ter por máxima de não fazer a outrem o que não queiramos para nós.**

Norma é a regra adoptada para cada especie de circumstancias, e que, por consequencia, se repete cada vez que a mesma circumstancia se apresenta.

Prioridade, anterioridade.—A **anterioridade** determina apenas a ordem no tempo; a **prioridade** é a **anterioridade** que produz direitos de primazia. A **anterioridade da primeira hipoteca** não lhe dá direitos de **prioridade** sobre a segunda senão quando esta adicionada áquella representar valor superior ao imóvel hipotecado.

Probabilidade, verosimilhança, apparencia.—Exprimem estas palavras a qualidade do que, sem ser absolutamente certo ou seguro, se aproxima mais da afirmativa que da negativa, apresentando consequentemente bastantes razões para antes ser crido que negado.

Verosimilhanças, diz-se do que parece ser

verdadeiro, ou por já ter sido feito alguma outra vez pelo mesmo individuo, ou por reunir condições suficientes para estar conforme com o modo ordinario das cousas; numa palavra, ha **verosimilhanças** sempre que a razão não opõe dúvida alguma á origem do que se afirma. **Ao que é verosimil não se opõe nenhuma impossibilidade.**

A **probabilidade** ainda reñe mais condições de credibilidade que a verosimilhança. Tudo nos induz a crer no que tem **probabilidades** de ser verdadeiro, pois ha razões que nos autorizam a crer. **Ha tantas mais probabilidades de F. ser o autor do crime, quanto que é elle o único que teria interesse em o praticar.**

Apparencia designa o menor grau de fundamento para a credibilidade. Nas **apparencias** ha apenas visos de verosimilhança. **Não ha apparencia de verdade no que elle diz.**

Problemático, duvidoso, incerto.—**Incerto**, que se diz de pessoas e de cousas, expressa o estado de um espirito que não sabe que crença adoptar, que partido tomar, nem que resultado prever em dada circumstancia. Falando de cousas, **incerto** conserva ainda o seu sentido subjectivo, pois diz-se quando se considera menos a cousa em si propria, do que a hesitação do espirito quo, por ignorar onde está a verdade, não pode determinar o resultado certo do que elle considera. Este adjectivo refere-se particularmente aos successos futuros cujo resultado não nos é dado prever exactamente.

Duvidoso, que só se diz das cousas, é termo objectivo com o qual se qualifica, não o estado do espirito, mas os proprios factos que põem o espirito na **incerteza**, na alternativa entre o pró e o contra, o sim e o não. Diz-se do que é futuro, e também do presente e do passado.

Problemático, termo científico, emprega-se na linguagem corrente para qualificar as coasas n respeito das quaes hesitamos em prever o resultado ou solução.—Mas ao passo que os factos **incertos** ou **duvidosos** podem não ter nenhuma resolução, isto é, podem desaparecer por se lhes dar de mão, o que é **problemático** supõe-se sempre como havendo de ter um termo que, á força de esforços e de estudo, talvez não seja impossível determinar.

O **resultado de uma batalha é incerto** quando os dois exercitos reñem eguaes condições de ataque e de defesa. O **resultado de uma empresa é duvidoso** quando depende do favor do público. A eleição de tal candidato é **problemática** porque pode ser guerreada pelas intrigas da última hora.

Procedencia, proveniencia.—**Proveniencia** diz-se com relação ao ponto de que a cousa vem, sem que no vocabúlo haja neohuma idéa accessoria. **Procedencia**

diz-se com relação às circunstâncias que adtêm à cousa por ser proveniente de donde sae. *Gêneros de proculencia inglesa. Objeto de procedencia duvidosa podem ter sido roubados.*

Proceder, provid.—De estes vocabulos diz Lacerda:

«Ambas estas palavras explicam a causa de uma cousa; mas a primeira designa a causa eficiente, e a segunda a causa ocasional. O mau cheiro de um tanque *procede* das materias corrompidas que estão nelle, o que *provém* de não tor sido lavado e limpo ha muito tempo».

Procela, borrasca, tormenta, tempestade.—Comparando estas palavras, diz Lacerda:

«*Procela* é a tormenta furiosa do mar, em estilo poético, e nelle muito usada em significação translata:—Achiles... *procela* horrenda do cruol Mavorte. (DINIZ, PINO.)
«—*Borrasca* é a tormenta súbita, repentina, quer no mar, quer na terra. *Tormenta* é a grande perturbação do mar com grande inquietação do vento:—En ouço re-tumbar a gran tormenta. (DINIZ, PINO.)
«*Tempestade* refere-se à alteração do estado natural da atmosphera, e designa forte inquietação de vento:—*Tempestades* em pópa levam mais depressa ao porto. (VIERA.)»

Procurar, perguntar.—*Procurar* se buscando; *pergunta-se* interrogando. É erro crasso confundir estes vocabulos.

Prodigalidade, profusão.—A *prodigalidade* é o defeito oposto ao vicio do avarente; a *profusão* é a abundancia oposta à *parcimonia*. A *prodigalidade* consiste em gastar sem regra nem medida; a *profusão*, em patentear o que se comprou sem olhar a despesas. A *prodigalidade* é habitual; a *profusão* mostra-se em determinadas circunstancias. A *prodigalidade* depende do carácter do individuo; a *profusão* pode obedecer a um cálculo.

Proeminencia, saliência.—A *proeminencia*—ou melhor dito, a *prominencia*—eleva-se em altura acima de quanto a circunda.

A *saliência* sobresae ou resalta de um plano ou fundo.

Profanação, sacrilegio.—*Profanação* (do latim *pro*, deante, fóra de, e *fanum*, templo), é, propriamente, um acto cometido por um *profano* contra a religião dos outros. Consiste particularmente em não respeitar os logares reputados sagrados, nem o que pelos sacerdotes foi consagrado à divindade. Extensivamente diz-se de todo atentado contra o que é sagrado,

quer e atentado consista em actos, quer apenas em palavras. É para notar que a *profanação* pode ser intencional ou inconsciente: quem num templo comete actos indecorosos comete *profanação*; quem, pela força das circunstancias, applica o que é sagrado a usos profanos, comete *profanação*.

Sacrilegio (do latim *sacra*, objetos do culto, e *leger*, elegor, tomar) encarece sobre *profanação*, por constituir um acto de impiedade que se reputa criminoso. É termo de significação subjectiva porque nelle se atende à pena que merece o *sacrilegio*, ao passo que *profanação* tem mais de objectivo, por se referir ao estado em que fica o objecto *profanado*.

Os catholicos consideram *profanação* o acto de derramar sangue no templo; o olhar como *sacrilegio* o espezhamento da hostia consagrada.—O hipócrito *profana* o nome de Deus cada vez que o pronuncia, e comete *sacrilegio* quando oculta o interesse pessoal sob a falsa apparencia da exigencia divina.

Progénie, progenitura.—O vocabulo latino *progenies* ora uma expressão nobre com que se designavam os «descendentes»; de este vocabulo derivam-se duas palavras portuguezas *progénie* e *progenitura*, mas esta última por intermedio do adjectivo *progenitus*. Faria e Moraes consideram estas palavras como sinónimos perfeitos para designarem «os filhos, os descendentes», estando assim do accordo com a etimologia *progenies*.—Os escriptores porém, e entre elles Garrett, ompegam-nos ora para designar a descendencia, ora a ascendencia. Este oráculo da lingua diz algures: «Nome e sangue ignoro de tão bela senhora, mas por certo de alta *progénie* o tenho», referindo-se à ascendencia da dama; noutra parte diz: «Com honra, minha *progénie* acabará ao menos?» applicando *progénie* à descendencia.

Temos assim uma mesma palavra para designar duas idéas opostas.—Sentimos que o Diccionario do sr. Cândido de Figueiredo não esteja ainda publicado além do vocabulo «proemial», pois folgáramos em conhecer a sua opinião a respeito de estes termos, já que os Dictionarios procedentes nada determinam do definitivo (!). Os

(!) O tomo IX de este Diccionario chegou-nos às mãos já depois de compostas as linhas em que a elle alludimos.

Não teríamos perdido nada com a demostraçao pois apenas diz a este respeito:

«**PROGÉNIE**, f. procedencia, origem; ascendencia; geração, prole. (Lat. *progenies*, do ant. *progenere*.)

«**PROGENITURA**, f. o mesmo que *progénie*».

autores do **Contemporâneo** concretaram-se nestes vocábulos, a serem dicionaristas, e não quizeram chegar a lexicólogos; elles dão apenas as seguintes definições:

« **PROGENIE.** Ascendencia, origem, linhagem. | Geração; descendencia; os filhos. »

« **PROGENITURA.** O mesmo que *progenie*. »
Nós, ao inscrevemos estas palavras no **DICIONARIO ILLUSTRADO**, e fundando-nos no sentido do prefixo *pro* comum a ambas, o *no* de *genus* do *progenie*, e de *genitus* do *progenitura*, — intentámos discriminá-las pela forma seguinte:

« **PROGENIE.** Ascendencia, origem, linhagem | Impropriamente. Progenitura. »

« **PROGENITURA.** Descendencia; filhos. | Impropriamente. Progenie. »

Estas definições estabelecem a nosso ver — mas só, repetimos, a nosso ver — a sinonímia dos dois vocábulos: *progenie* designando a ascendencia, e *progenitura* a descendencia.

Proletário, operário. — O vocábulo *operário* apresenta o homem como produtor; é termo de significação nobre.

Proletário é vocábulo que representa o operário como mal retribuído no seu trabalho, como explorado pelas classes superiores.

Prólongar, alargar. — Um objeto *alonga-se* de qualquer modo; por uma das suas extremidades, ou pelo meio. *Prolongar* é *alongar* pela extremidade que se quer levar mais além. **Alonga-se** uma mesa elástica; **prolonga-se** uma linha recta.

Promessa, offerta. — Assim compára Roquette estes vocábulos:

« A *offerta* é uma demonstração do desejo que temos, ou affectamos ter, de que se receba ou aceite o serviço ou a cousa que oferecemos. »

« A *promessa* é uma obrigação que nos impomos de fazer algum serviço, ou de dar alguma cousa. — O que *offerece* com pouca vontade de dar, expõe-se a que lhe acellem a *offerta*. O que *promete* com vontade, ou sem ella, deve cumprir sua *promessa*. — Aceita-se com agradecimento a *offerta*; e exige-se o cumprimento da *promessa*. »

« Na palavra *offerta* só se descobre a vontade de quem oferece; na palavra *promessa* descobre-se a aceitação de aquelle a quem se prometeu. — Fulano *offereceu-me* a sua casa, porém eu não a aceltei; *prometeu-me* vir à minha, e espero que não faltará à sua palavra. »

Promulgar, publicar. — O acto de promulgar supõe mayor solemnidade e mais efficacia de acção que publicar. **Pu-**

licam-se *livros*; **promulgam-se** *leis*.

Pronuncia, pronuniação. — Não se deve confundir estes vocábulos.

A *pronuniação* é o acto ou modo de pronunciar, e a *pronuncia* é o efeito que o conjunto dos sons pronunciados causam no ouvido; *Para que a pronuniação seja boa é necessario que a pronuniação seja clara*.

Pronunciar, decidir, julgar. — *Julgar* é o acto pelo qual, quem tem de escolher entre duas opiniões, compara, pensa e delibera consigo mesmo, pesando os prós e os contras, antes de se *decidir*.

Decidir é, portanto, o acto pelo qual, quem *judga*, opta por um dos extremos; ou tão só, o acto pelo qual alguém se declara por esse extremo irreflectidamente, isto é, sem tor julgado previamente, o apenas obedecendo a uma deliberação espontânea e mais ou menos caprichosa.

Pronunciar é exprimir o que se derrou do *juulgamento* e da *decisão*; ou, por outras palavras, é proclamar o resultado de estas duas operações do espirito.

Na *audiencia*, **julga-se** o réo; o *juri* **decide** depois de deliberar; o *juiz* **pronuncia** a sentença.

Proporeção, medida. — Nas locuções *à medida* o *à proporeção* deve estabelecer-se a seguinte differença:

A *proporeção* é relativo á quantidade; á *medida* é relativo ao tempo ou ao que elle traz consigo. — *Esta árvore* *vae engrossando à proporeção* que *vae crescendo*, quer dizer que entre a altura e a grossura ha quantidade proporecional. — *Esta árvore* *vae engrossando à medida* que *vae crescendo*, quer dizer que a grossura corresponde á idade, ao tempo que tem a árvore.

Proporcionnar, subministrar; facilitar. — *Proporcionnam-se* occasiões, prazeres, desgostos, favores, auxilios ou meios de execução, etc. — *Subministram-se* dados, recursos, idéas, noticias, argumentos, etc. — *Facilita-se* o que envolve difficuldades ou embaraços. **Proporcionnam-nos** *cartas de recommendação*. **Subministram-nos** os meios para sairmos de um compromisso. **Facilitam-nos** os manuscritos reservados da biblioteca.

Proposição, oração, phrase. — Os vocábulos *proposição* e *oração* não devem empregar-se indistintamente.

Proposição diz-se á quando apenas se attender á composição e estrutura da expressão; *oração*, quando se attender ao carácter do verbo e no officio que a expressão desempenha no período.

Ha proposições simples e compostas. Ha orações activas e passivas.

Fraser é uma combinação de palavras em que pode faltar algum elemento indispensável à proposição; « homem indigno » é uma frase insultuosa.

Proposição, proposta.—A *proposição* não é acelle nem recusada som exame; nisso se differença da *proposta*, que um simples acto da vontade faz aceitar ou recusar. A *proposição* versa portanto sobre assuntos mais importantes que a *proposta*.

Propriedade, peculiaridade.—*Propriedade* é uma das qualidades que distinguem um ser do outro ser. — *Peculiaridade* é uma qualidade mais rara que a *propriedade* e que constitúe uma distincção mais qualificada. *Uma das propriedades do íman é atrair o ferro. É peculiaridade da sensitiva cerrar as folhas quando lhe tocam.*

Proprio, mesmo.—*Eu proprio, eu mesmo; ao proprio rei, ao mesmo rei*, etc., são expressões em que *proprio* se diz por « em pessoa », e *mesmo* por « não outrem ». Assim: *Vou eu proprio* quer dizer: não mando, vou eu pessoalmente. *Vou eu mesmo*, isto é: não vae outrem, vou eu.

Prosodia, orthoëpia, orthologia.—*Orthoëpia* é termo mais adequado ao uso que de elle se faz em gramática que o vocábulo *prosodia*; não obstante preferir-lhe-amos outra palavra: *ortologia*, arte de falar correctamente.

Prosteruação, prosternamento.—A *prosteruação* é o acto de se prosternar: o *prosternamento* é a *prosteruação* profunda e prolongada.

Prosternar-se, prostrar-se.—Em *prosternar-se* predomina a idéa de respeito; em *prostrar-se*, a de humidade. — Quem *se prosterna* reverencia; quem *se prostra* aniquilla-se.

Protuberancia, saliência.—A *protuberancia* como a *saliência* sobreea fora do plano, mas a *protuberancia* é sempre natural e da mesma materia que o resto do corpo, o que nem sempre se dá com a *saliência*. Dizemos as *protuberancias do crâneo*; as *saliências da fachada*.

Provável, possível.—O que é *provável* tem mais probabilidades de ser ou de succeder que o que é *possível*.

Possível diz apenas que a cousa não é impossível; *provável* diz que ha *provas* de ella se efectuar.

Provocar, desafiar.—*Desafiar* é propôr combate ou luta a alguém; quem *desafia* a outrem declara que está animado do desejo de se medir com essa pessoa, que a não teme, quo se lhe reputa superior em forças.

Provocar é não só *desafiar*, mas tambem excitar a combater, obrigar a aceitar a luta, seja por palavras, seja por actos insultuosos, seja com ataques que obriguem a defender-se.

Próximo, semelhantes.—*Os nossos semelhantes* são os outros homens; o *próximo* é o conjunto dos nossos *semelhantes* relativamente ás obrigações que ligam —ou, melhor dito, que deveriam ligar— os homens entre si.

Pueril, infantil; puerilidade, creanciee.—*Infantil* diz-se do que é relativo à creança considerada exteriormente, ou seja com relação á beleza própria á generalidade das creanças, ao encanto ou graça que têm, ás manifestações da vida nos seres em tenra idade, etc. Moralmente, este vocábulo desperta sempre idéas de alegria, de expansão, de innocencia, e refere-se a tudo quanto, quer nos seus movimentos ou brincadeiras, quer nos seus pensamentos ou palavras, agrada na infancia. *Gracejos infantis* são aquelles em que, ao mesmo tempo, se nota o encanto e a innocencia da creança.

Pueril é relativo à creança considerada moralmente, e sempre desperta a idéa dos defeitos proprios do espirito incompletamente desenvolvido, e consequentemente ignorante, privado do bom senso e de razão. De ahí vem que *pueril* nunca se toma á boa parte. O que é *pueril* é vão, fútil, falto de razão e do siso, extravagante ou absurdo. Um *argumento pueril* é um argumento sem base, absurdo, vão, sem consistencia.

A mesma differença se nota entre os substantivos *creanciee* e *puerilidade*. Uma *creanciee* é um acto proprio de creança, tal como uma creança o faria, sem maldade nem malicia. Uma *puerilidade* é um acto ou pensamento *pueril*, que desagrade pelo pouco siso que revela, pela pequenez do espirito que o praticou.

Pulo, salto.—Diz Lacerda: « Salto é o movimento, feito com esforço, com que o corpo do homem ou de qualquer animal se levanta do chão inteiramente para vencer de golpe uma altura, quer de baixo para cima, quer de cima para baixo, quer para algum dos lados. » *Pulo* é o *salto* para cima, tornando a cair no mesmo logar, ou próximo de elle. *Salta* o homem da janela abaixo; *salta* o caiaço, salvando um valado; *salta* o tigre para prear o homem que se acolhe a uma

« árvore, etc. *Pula a péla*, caindo no chão;
« *pula* o homem de contento, etc. ».

Pyrrhonismo, scepticismo. —

Estas palavras são sinónimos perfeitos; a primeira derivada do nome do filósofo Pyrrho, cuja escola negava que o homem pudesse alcançar a verdade absoluta; a segunda derivada do verbo grego *skeptomai*, examino. Se posteriormente a especulação dos ociosos filósofos estabeleceu certa diferença entre a significação das duas palavras, destinando a primeira para designar a filosofia que tudo nega, e a segunda para designar a que nada afirma, não deixam por isso os dois termos de exprimir uma mesma e única idéa.

Hoje, a palavra *scepticismo* é, por assim dizer, a única sobrevivente, mas nella notam-se duas acepções bem distintas; uma designa o *scepticismo* primitivo, o *scepticismo* de Pyrrho propriamente dito; a outra designa o *scepticismo* moderno, racional e metódico, que consiste, como dizia Descartes, na « dúvida provisória » que tudo sujeita ao exame da razão.

Eis como levanamente compara Roquette estes vocábulos:

« São termos de filosofia que designam

« dois sistemas filosóficos, se assim se podem chamar, opostos ambos à teoria da certeza; o primeiro nada afirma, o segundo tudo nega. O *sceptico* suspende o juízo sobre todos os objectos; o *pyrrónico* afirma positivamente a incerteza universal. — Um e outro sistema, diz D. Fr. Francisco de S. Luiz, encerra em sua própria natureza o princípio de sua destruição; porque ambos são mais ou menos dogmáticos. A razão não pode atacar a razão, so- uão empregando o raciocínio e todo o raciocínio supõe princípios, e supõe a certeza das regras da lógica (I dos Sin. 13). »

Lacerda exprime-se assim:

« *Pirronismo* é um sistema filosófico segundo o qual tudo se nega, nada se acredita. *Scepticismo* é um sistema filosófico segundo o qual de tudo se duvida, suspende-se o juízo a respeito de todas as cousas. O *pirronismo* negando tudo, estabelece como certo um princípio, a saber, que tudo é incerto, e peca logo pela base, porque afirma quando quer que tudo se negue; e no mesmo caso está o *scepticismo*, que, estabelecendo em princípio a « dúvida universal, não quer todavia que se duvide de este princípio ».





Quando, no momento em que.— Quando pode indicar época ou tempo indeterminado: *quando o norte da Europa ainda era desconhecido.*

No momento em que determina exacta o precisamente o tempo em que um facto se deu: *no momento em que cheguei encontrei-me com elle.*

Quantia, somma.— Não é pioonasmo dizer *somma de dinheiro*; sei-o-ia porém se disséssemos *quantia de dinheiro*, as *quantias* não podendo ser de outra cousa.

Quantia é uma quantidade de dinheiro, indeterminada, mas considerada como formando um todo único.

Somma é uma quantidade de dinheiro reunida de diversas procedencias.

Pedimos uma *quantia* emprestada a um amigo; mas quando necessitamos uma *somma* de dinheiro, reunimos varias *quantias* para a completar.

Quartel, caserna.— A palavra franceza *caserne* corresponde á palavra portugueza *quartel*; em portuguez porém, *caserna* diz-se apenas da parte do *quartel* em que a tropa se aloja: *o quartel do regimento n.º 5*; a *caserna* da primeira companhia.

Quebra, perda.— *Perda* é a privação, total ou parcial, de alguma cousa que era de quem sofre o prejuizo, e cuja causa é sempre mais ou menos imprevisita.

Quebra diz-se da diminuição que, devida a causas naturaes, sofrem determinados géneros. *O vinho transportado em pipas tem quebra.*

Quêdo, quieto.— *Quietto* é o que não se move; *quêdo* é o que, ainda que se mova, só o faz lentamente e sem ruido.

Quer, ou.— *Ou* exclúe uma das circunstancias, e geralmente não se repete: *a bolsa ou a vida*, ou menos correctamente, *ou a bolsa ou a vida.*

Quer supõe possibilidade de ambas as circunstancias, e sempre se repete: *irei, quer chova quer não.*

Querer, exigir.— *Querer* exprime apenas uma manifestação da vontade; o vocábulo não diz se esse acto é acompanhado de circunstancias que o tornem eficaz. *Muitos querem ser ricos e esperam que a fortuna lhes entre pela porta.*

Exigir é *querer*, mas dominando a vontade alheia. *Exijo que me obedeam.*

Quicá, talvez, pode ser.— Estas expressões manifestam dúvida o possibilidade, mas *pode ser* adapta-se melhor ao sentido da possibilidade, e as outras á dúvida ou incerteza.

Irás esta noite ao teatro? Pode ser, isto é, não tenho a certeza, é possível. — *Talvez*, isto é, possível, mas duvido.

Quicá, adverbio menos usado na lingua, corresponderia ao *quis sciat* latino, «quem sabe?» e seria o mesmo que dizer: isso não depondo só de mim.

Quichotada, quichotice, sanfarranada.— *Quichotada* é o acto ridiculamente sério, mas mais ou menos heroico e generoso que se realiza ou se pretende realizar em defesa de quem ou do que não vale a pena que se lhe preste attenção. A *quichotada* não é ridiculia senão pelo intempestivo ou fora de propósito a que vem, nunca porém pelas intenções de quem a pratica.

Quichotice não é o mesmo que *quichotada*, como pretende o sr. Cândido de Figueiredo: as *quichotadas* são actos; a *quichotice* é o carácter de quem faz *quichotadas*, é o seu modo de proceder ou de se empenhar de boa fé em aventuras que prestam a riso.

Sanfarranada é o dito arrogante de aquelle que se julga e faz alarde do que não é. Quando a *sanfarranada* se traduz em actos, estes são sempre ridiculos, tanto em si, como pelo modo como são praticados, e altamente encolados, pelo *sanfarrão*. V. esta palavra.

Quicio, gonzo.— *Gonzo* é uma peça de metal em forma de anel, em que entra o espigão de outra peça de metal, servindo entre ambas para dar ás portas o movimento de abrir o fechar.

Quicio é o jogo que estabelecem as duas

peças que formam o gonzo, não porém o próprio gonzo, como afirma o sr. Cândido de Figueiredo. Compram-se **gonzos** (não se compram quícios). Diz-se em sentido figurado: *Sair do quício* (não do gonzo).

Quietação, repouso, descanso, tranquillidade, socego, serenidade, paz. — De estes vocábulos diz Lacerda:

« *Quietação* designa a carencia de movimento.

« *Repouso* é a cessação do movimento.

« *Descanso* é a interrupção do movimento, ou do trabalho que nos causou fadiga.

« *Tranquillidade* é a isenção de inquietação do ânimo, ou da agitação do corpo.

« *Socego* indica o estado de tranquillidade que se segue ao de agitação física ou perturbacão moral.

« *Serenidade* é o socego completo, e também a tranquillidade do espirito manifestada no semblante.

« *Paz* é o estado de tranquillidade com respeito aos inimigos que podem inquietar-nos.

« *Quietação, repouso, descanso* referem-se mais immediatamente ao corpo.

« *Tranquillidade, socego, paz*, dizem referência mais directamente ao espirito.

« *Serenidade*, exprime o estado da nossa alma revelado exteriormente no nosso semblante ».

Roquette tinha comparado estes vocábulos, á excepção do *descanso*, na forma seguinte:

« Em sentido recto, *quietação* opõe-se a « movimento físico, é a acção de aquietar « ou estar quieto; no figurado, confunde-se « com *tranquillidade*, descanso ou repouso.

« *Tranquillidade* é a isenção de toda a « perturbação, de toda a agitação do corpo, « ou de espirito.

« *Paz* é a *tranquillidade* pública a respeito de inimigos que podem perturbar-nos « ou inquietar-nos, e em sentido translativo « a *tranquillidade* de ânimo ou de espirito, « que não se altera nem perturba, e que nada da inquietar.

« *Serenidade* é a *tranquillidade* que reluz « no semblante, revela o desassombramento do ânimo, e pertence em propriedade « á formosura, como disse Camões:

« Leda serenidade delectosa,
« Que representa em terra um paraíso;
« Entre rubins e perlas, doce riso,
« Debaixo de ouro e neve, côr de rosa.

(Sonet. LXXVIII).

« *Repouso* e *socego* significam, em sentido « moral, quietação, tranquillidade, serenidade de ânimo, porém com esta diferença. A idéa de *repouso* exclui absolutamente toda acção: a palavra *socego* não a

« exclui, antes supõe muitas vezes a moderação e tranquillidade do ânimo durante a acção. Assim que, *repouso*, explica « somente a tranquillidade do ânimo; « e *socego* estende sua relação à tranquillidade que o estado do ânimo comunica às « acções exteriores.—O homem prudente « que quer conservar o *repouso* de seu espírito, e a tranquillidade de seu ânimo, é « *socegado* em seu proceder, dirige suas acções com socego e moderação ».

Parece-nos que algumas de estas palavras necessitam mais ampla explanação.

Em primeiro lugar convém dizer que em todas ellas se nota a idéa comum de um estado extenso de perturbação e ao abrigo de qualquer agitação, pelo menos momentaneamente.

A *tranquillidade* é o estado do espirito que não está agitado nem perturbado, não porque do exterior lho não possam vir desgostos ou pezáres, mas por a pessoa possuir um carácter que não se deixa prender pelas paixões violentas, nem pelos desejos difficeis de satisfazer. Designa portanto este vocábulo um estado permanente, constante, ou pelo meos habitual.—A mesma relação se nota ao falar das cousas; nestas, a *tranquillidade* depende da natureza da « causa: a *tranquillidade* das nações depende do siso dos seus governantes, e da índole do povo, isto é, da própria natureza da nação. — Como a *tranquillidade* existe por si, segue-se que é qualidade inherente á pessoa ou cousa do que se fala, e consequentemente deve ser considerada em absoluto, em si própria, e em relação a qualquer circunstância.

A *quietação* é a cessação do movimento; é por conseguinte um estado momentâneo, que cessará logo que o movimento se torne a manifestar: a *quietação* do ar é um intervalo mais ou menos prolongado entre dois ventos. A *quietação* do espirito vem depois de um sobresalto ou de qualquer das suas violentas manifestações.

Estes dois vocábulos, *tranquillidade* e *quietação* são apenas relativos ao sujeito: é o que elle sente, é o que nelle se passa.

Paz, pelo contrario, exprime a situação do sujeito em relação aos outros. *Paz* é o contrario da guerra, e por isso se diz do estado de quem não luta por não ter com quem lutar, ou de quem não luta por não ser atacado. Assim, o homem que vive em paz consigo mesmo não tem paixões a combater, e por isso goza de *tranquillidade*.

« *Repouso* é vocábulo relativo a outro estado anterior, e indica a cessação de fadigas e penalidades físicas ou moraes. O mesmo se dirá a respeito de *descanso*, mas este indica *repouso* indispensável e periódico. Quem disfruta de *repouso* goza da *tranquillidade* que vem após a perturbação e os trabalhos.

Quinau, correção, emenda.—
Quinau é termo familiar; não obstante tem um sentido a que não alcança nenhum dos outros vocábulos de este grupo.

A *emenda* substituiu o erro.

A *correção*, que pode figurar ao lado do erro, é, propriamente, o que se deve aproveitar para *emenda*.

Quinau é o acto de corrigir a alguém no que tem obrigação do saber ou no que julga saber bem.

Quiproquó, engano.—O *quíproquó* é um *engano* que consiste em tomar uma coisa por outra de modo que o resultado se preste a riso.

— 26 x 25 —



R

Rabicho, trança.—Diferem estas palavras: 1.^o em a *trança* de cabelo ser relativamente grossa e comprida, e o *rabicho* delgado e curto; 2.^o em a *trança* rednir todo o cabelo da cabeça, ou só a metade de elle quando este se divlde ao meio; e o *rabicho* pender apenas do alte da cabeça, estando o resto de ella rapado à navalha ou tendo o cabelo cortado à escovinha.—*As jóvens andam de tranças caldas. Os toureiros, como os chinezes, usam rabicho.*

Rabiscar, risco.—O *risco* é um traço de pena, de lapis, de carvão, etc., geralmente recto ou de outra forma determinada. *Rabiscar* é um traço ou risco mal feito e sem forma determinada que se prolonga em varias direcções. Geralmente o *risco* serve de marca ou para contar; a *rabiscar* não significa cousa alguma. *Os taberneiros fazem riscos; as creanças, rabiscos.*

Rabulice, chicana; chicanel-ro, rábula.—A *chicana* é uma arte; a *rabulice* é um dos actos aconselhados pela *chicana*.

Chicaneiro é o advogado ou procurador que a mlude emprega a *chicana*; *rábula* é o *chicaneiro* em acção.

Rachitico, enfezado.—Não se devem confundir estas palavras: o *rachitico* padece uma enfermidade proveniente da medula, e por consequente natural: o *enfezado* padece uma doença devida a circunstanças albelas á sua natureza, mas que influem no individuo para o levarem ao *ratismo* ou á consumpção.

Racimo, cacho.—Estas palavras são sinónimos perfeitos: diz-se indiferentemente *racimo* ou *cacho* de uvas.—*Racimo* é porém palavra de boa origem (em latim *racemus*) e de silabação grata ao ouvido. *Cacho*, vocábulo de origem desconhecida, é de silabação ingrata, e pouco ou nada expressivo.

Racionabilidade, racionabilidade.—*Racionalidade* não é, como julga o

sr. Cândido de Figueiredo, o mesmo que *racionabilidade*.

A *racionabilidade* é a faculdade intellectiva que julga das cousas com razão.

A *racionalidade* é a qualidade de racional.

A *racionalidade* é propria ao género humano, mas nem todos os seus individuos possuem egual grau de *racionabilidade*.

Só onde ha *racionalidade* pode haver *racionabilidade*.

Radiante, radioso.—A única differença que se nota entre estes vocábulos, cuja idéa comum é a de qualificar os corpos que têm rayos de luz, é que *radioso* apenas declara que o corpo de que se fala tem abundancia de rayos luminosos, ao passo que *radiante* diz que esses rayos se difundem, que o corpo os despede.—Por consequência, *radioso* refere-se a um estado; *radiante* a uma acção.

Roquete disse o seguinte de estas palavras:

«A efusão abundante da luz produz um «corpo *radioso*; a emissão de multes rayos «de luz, um corpo *radiante*.

«Distinguem-se os rayos de um corpo *radiante*; no corpo *radioso* estão todos confundidos. O sol é *radioso* ao meio dia; ao «pôr-se não é mais que *radiante*. É *radioso* «so num céu puro; através de nuvens transparentes, só é *radiante* á nossa vista.

«Falando com propriedade, os rayos emanam do corpo *radioso*, e rodeiam um corpo *radiante*. A palavra *radioso* signaliza a «propriedade, a natureza da cousa; e a «palavra *radiante*, uma circunstança da «cousa. Um corpo luminoso é por si mesmo mais ou menos *radioso*; quando esparge sua luz é mais ou menos *radiante*».

Lacerda disse:

«*Radiante* é o que lança rayos de luz. «*Radioso* é o que tem de si, e de sua natureza a propriedade de lançar rayos de luz. «O sol é *radioso*, ainda que não *radiante*. «Quando se põe, o sol é *radiante*, mas ao «meio dia é *radioso*. Todo o corpo luminoso é por isso mesmo *radioso*; porém é mais «ou menos *radiante* segundo o modo por «que esparge a luz».

Radiographia, radioscopia. (¹)

— *Radiographia* é uma imagem fotográfica do interior dos corpos opacos obtida por influencia dos raios X ou raios de Röntgen. Consequentemente *radiographia* diz-se tambem da parte da ciencia que ensina a obter essas provas fotograficas do invisivel.

Radioscopia (como o determina o verbo grego *skopeo*, eu examino) é a observação que se faz da disposição interna dos corpos opacos por meio da visão directa que a *radiographia* proporciona ao observador.

Raia, fronteira. — Confundem-se geralmente estes vocábulos, mas ha entre elles certa differença.

Raya é precisamente a linha divisoria de duas nações; *fronteira* é a facha de território que está a um e a outro lado da *raya*.

Raiano, fronteiriço. — *Fronteiriço* diz-se do que demora ou do quem habita na fronteira. Este vocábulo não sugere nenhuma outra idéa.

Rayano é o mesmo que *fronteiriço*, mas de esta palavra depreheende-se uma idéa desfavorável: a de convivência frequente com povo extranho, o a consequente relaxação do sentimento patrio. Este vocábulo dito em certo tom, chega a ser insultuoso. — O sr. Cândido do Figueiredo prefero a esta palavra a forma «raiaiano»; não comprehendemos a razão de tal prótese.

(¹) Ainda que um Dicionario de Sinónimos não seja o lugar mais apropósito — não diremos para dirimir contendas que, não as ha nem as pode haver onde apenas se expõem falsidades — mas para restabelecer a verdadeira chronologia dos factos, não podemos deixar de declarar aqui que fomos nós quem, pela primeira vez, inscrevemos os termos *radiographia* o *radioscopia* na nomenclatura do Dicionario da lingua portugueza.

Cumpro-nos fazer esta declaração porque no Dicionario do sr. Cândido do Figueiredo vemos estes vocábulos precedidos do asterisco com que o illustre socio da Academia Real das Ciencias de Lisboa indica cada um dos 30.000 vocábulos que diz figurarem pela primeira vez no vocabulario comum aos mais modernos dictionarios da lingua.

Declaramos pois que o DICCIONARIO ILUSTRADO, que taes palavras inscreveu pela primeira vez (fasciculo 52.º distribuido em dezembro de 1896), foi posto á venda completo em setembro de 1898 — precisamente quando o autor do Novo DICCIONARIO estava revendo as provas da letra F. Nada mais.

Ralo, lampejo. — No sentido figurado empregam-se estas palavras ao falar das cousas em que ha um visumbral de brilho, uma pequena quantidade do que se reputa brilhante; assim diz-se: um *ralo* ou um *lampejo* de esperança.

Lampejo diz-se propriamente de uma luz onfraquecida: no sentido figurado persiste essa atenuação da idéa, e por isso se diz do que é fraco ou débil, transitorio ou vão. *Ralo*, pelo contrario, indica algo de mais brilhante, de mais persistente. Outra differença entre estes vocábulos é que *ralo* se diz do que está em plena força e tambem do que principia, ao passo que *lampejo* se diz do que fenece ou se extingue.

Raleira, clareira. — Com estas palavras se designa o mayor ou menor espaço de terreno que se apresenta nú no meio de qualquer vegetação; diferem porém em a *clareira* haver sido desmoitada ou arroteada; ao passo que a *raleira* provém de ser estéril ou de nella não haver gorminação do que ali se semeou.

Ralhar, reprehender, agastar-se. — *Ralhar* e *reprehender* são vocábulos objectivos, ao passo que *agastar-se* é puramente subjectivo. Quem *ralha* ou *reprehende* dirige a acção sobre alguem; quem *se agasta* soffre o agastamento.

Entre *ralhar* o *reprehender* ha a seguinte differença:

Reprehender é consurar mais ou menos ásperamente a alguem o mal que fez, ou o bem que deixou de fazer.

Ralhar é *reprehender* em voz alta e tom desabrido.

Entende-se que quem *reprehende* é superior o tem direito para *reprehender*. Não se depreheende o mesmo de *ralhar*, que, se bem se pode dar de superior a inferior, ainda mais se dá entre eguaes, e até, ás vezes, de inferior a superior.

Rama, ramo, ramada, ramagem, ramaria, ramalheira, ramalho. — É geral confundir estas palavras; distinguem-se porém entre si.

Ramo é o braço que irrompe de um tronco ou caule; do *ramo* irrompe cada uma das *ramas*.

Ramada é o conjunto do *ramo* com suas *ramas* e galbos, e tambem se diz como *ramagem* de todos os *ramos* de uma ou de muitas árvores que estão juntas.

Ramaria e *ramalheira* são termos vulgares que se dizem por *ramagem*.

Ramalho é uma parte do *ramo* desprendido da árvore.

Ramal, ramificação. — *Ramificação* é a divisão de uma linha ou corpo qualquer em diversos *ramos*, *ramos* ou *braços*; por consequencia a *ramificação* está no pon-

to do onde arranca cada *ramal* ou prolongação secundária da linha ou corpo principal.—Dizer, como diz o sr. Cândido de Figueiredo, que a *ramificação* é « cada um dos ramos que parte do caule ou o con-junto de todos elles » é erro.

Raspar, riscar, apagar, expungir.—*Apagar*, no sentido em que aqui consideramos o vocábulo, não se pode dizer senão do que se escreve na ardósia ou quadro, e também do escrito no papel quando se emprega a borracha.

Riscar é traçar um risco sobre o escrito.

Raspar é apagar o escrito servindo-se da raspadeira (¹).

Expungir é dizer pretencioso e pouco usado que se faz por qualquer dos outros de este grupo.

Razão, juízo, senso, bom senso, senso commun.—A *razão* é a faculdade superior que distingue o género humano de todos os outros animaes; é por ella que se pode concóbor o absoluto, distinguir o bem do mal, a verdade do erro, e alcançar as noções das verdades primordiales e eternas. É a *razão* um como guia ou facho que nos illumina e indica a sonda que devemos seguir, e por isso é esta palavra relativa ao nosso modo de proceder; *obramos ou procedemos conforme a razão* nos dicta.

O *juízo* é uma forma particular da *razão*, ou, ainda melhor, a applicação dos ensinamentos que ella nos dá. A *razão* proporciona materiaes, o *juízo* põe-nos em obra; se o *juízo* faltar ou estiver atenuado desprezará os materiaes que a *razão* lhe subministra.—Resulta de isto que a *razão* é universal e absoluta, e o *juízo*, particular o relativo, posto que é essencialmente variável em cada intelligencia. A *razão* dirige a vida; o *juízo* guia as operações do homem.

O *senso* é outra manifestação da *razão* que se nota no que é usual o quasi feito por rotina. Assim, o *senso* deponde mais do hábito, da prática e da experiencia que do desenvolvimento da intelligencia e da elevação do espirito. Uma pessoa *desenso* conduz-se sempre com prudencia, não por applicar aos seus actos o *juízo* propriamente dito, mas por hábito ou rotina.

O *bom senso* é o *senso* sã e recto, pois o sentido do vocábulo *senso* não é absoluto.

Senso commun é simplesmente o conjunto do que communmente constitúe o pensar da

mayor parte. Geralmente o *senso commun* é o *bom senso*, se bem todos, ou quasi todos podem laborar num mesmo erro. Assim, Gallileu, com o seu sistema, ia em contra do *senso commun* da sua época.

Razão, prava, argumento.—Para demonstrar a verdade de um asserto empregam-se as *razões* ou as *provas*; de estas e de aquellas, juntas ou separadas, compõem-se os *argumentos*.—As *razões* servem para as opiniões e doutrinas; as *provas*, para os factos.—Quem cita uma testemunha em confirmação do que diz, não apresenta uma *razão*, mas sim uma *prova*; pelo contrario, quem cita um autor reconhecido como autoridade, não apresenta *prova*, mas sim *razão*.—Quando, na defeza de um réo, o advogado demonstra que o seu constituinte não tinha interesse em cometer o crime nem podia de elle tirar nenhum proveito, faz uso do *razão*; quando demonstra que o delicto foi cometido por outrem apresenta *provas*.

Argumentos são os raciocínios com que se comentam e explanam estos meios de defeza e so intenta persuadir.

Razoamento, arrazoado.—*Razoamento* é uma série de razões cujo objecto é illustrar um assunto ou provar uma proposição.

Arrazoado é um *razoamento* comentado ou acompanhado de provas.

Razoar, raciocinar.—*Razoar* é servir-se da razão, falar com siso o fundamento; *raciocinar* é estabelecer premissas o deduzir consequências. *Raciocina-se* sem falar, mas não podemos *razoar* senão valendo nos da palavra. Quem *razoa* vale-se de multos *raciocínios*. Uma alegação é um *razoamento*; um sillogismo é a expressão de um *raciocínio*.

Ré, pôpa.—*Pôpa* é a extremidade do navio oposta á prôa.

Ré é a parte do navio comprehendida entre a *pôpa* e o principio do segundo terço do comprimento da embarcação.

Real, régio.—*Real* diz-se do que pertence ao rei; *casa real*; *real majestade*.

Régio diz-se do que convém ao rei, do que lhe é relativo, do que só é peculiar á realoza: *mantlo régio*; *régia magnificencia*.

Realce, relevo.—O *relevo* sobresae do fundo pelo vulto que apresenta. O *realce* sobresae, ou só pelo brilho, ou pelo brilho e pelo vulto.

No sentido figurado continúa a subsistir a mesma gradação de idéas.

(¹) É para sentir que na lingua portugueza não haja vocábulo que tenha sinonímia com os termos de este grupo para exprimir a idéa suscitada pelo verbo francez *ratuer*, que se applica aos escriptores que, não tendo a pena corrente, alteram varias vezes o que escreveram em primeiro logar.

Realidade, verdade. — Diz Roquete:

« A *realidade* differença-se da *verdade* em « que, por *realidade* se entende tudo o que « existe relativamente a nós; limita-se uni- « camente ao mundo, ás cousas mundanas; « porém a *verdade* pertence ás idéas reaes « e ás idéas factícias; tem por objecto não « somente o mundo que existe, são tam- « bem tudo o que pode existir; combina as « abstracções, as possibilidades, os infinitos.

« Pela mesma razão differem entre si as « expressões na *verdade*, e na *realidade*. Na « *verdade* refere-se ao que pensamos do ob- « jeto, segundo idéas claras e exactas; na « *realidade* refere-se ao que o objecto é em « si mesmo segundo a sua natureza. A pri- « meira diz respeito ao mundo intelectual; « a segunda, ao mundo real ».

Lacerda exprime-se do mesmo modo:

« A *realidade* refere-se a tudo que, em « relação a nós tem existência; e é nisto « que se differença da *verdade*, a qual se re- « fore, não só ás cousas existentes, mas « também ás possíveis, ás idéas reaes e ás « idéas factícias. Por este motivo, e analo- « gamente, differem entre si as expressões « na *realidade*, e na *verdade*. Na *realidade* « refere-se ao objecto como elle é ou se nos « afigura ser segundo a sua natureza. Na « *verdade* refere-se ao que nós julgamos do « objecto segundo as idéas que temos de ei- « le, e reputamos claras e exactas ».

Saindo um tanto do modo de vêr dos si- « nonimistas acima citados, diremos que a « *realidade* exclui a ilusão, e a *verdade* o êr- « ro; por consequência a *verdade* não pode « ir além do ponto que a *realidade* alcança.

Realizar, verificar. — Entre estes verbos não ha sinonímia, posto que o primeiro é relativo ao cumprimento de um facto previamente annunciado, e o segundo ao exame a que se procede para averiguar a realidade de um facto já cumprido; não obstante diremos como Roquete e Lacerda compararam estes vocábulos.

Diz o primeiro:

« *Realizar* é fazer efectiva e real uma « cousa, dar *realidade* ao que de antes não « a tinha.

« *Verificar* é mostrar que a cousa é ver- « dadeira (1), examinando-a em si e nas « suas relações. — Tudo o que pertence ao « futuro, ou existe em projecto, quando che- « ga a ter existência, *realiza-se*. Tudo o que « se conta, se alega, se annuncia como exis-

« tindo ou tendo existido, e se acha ser ver- « dadeiro, *verifica-se* (1).

« Diz-se que uma profecia *se realiza* com « referencia a ser predita tempo antes, e « que *se verifica* por se haver cumprido co- « mo o profeta a havia predito ».

Diz o segundo:

« *Realizar* é dar realidade ao que dantes « a não tinha, ou parecia não a ter.

« *Verificar* é mostrar que uma cousa é « verdadeira, examinando-a em si mesma, « e nas suas relações. — *Realiza-se* uma pro- « messa; *verifica-se* uma narração. *Realiza- « se* uma esperança; *verifica-se* um facto. « *Realiza-se* e *verifica-se* uma profecia; por- « que o acontecimento, quando profetiza- « do, não tem *realidade*; e *verifica-se* o fa- « cto, que foi visto como existente pelo pro- « feta, so mostra no futuro como se effecti- « vamente tivesse sido presente ».

Realizar-se, verificar-se. — A idéa comum a estes verbos é a de se efectuar o que se havia annunciado, com esta differença porém: *realizar-se* é apenas relativo ao facto em si; *verificar-se* é não só relativo ao facto em si, mas, e sobre tudo, ao cumprimento da promessa ou projecto de quem o annunciou com antecedencia, ou á perspicacia com que o supoz.

Reassumir, recuperar. — Não se podem empregar indistintamente estes verbos.

Recuperar é relativo á posse; *reassumir* á autoridade. Os Bourbons *recuperaram* o trôno de Hespanha em 1874 e *re-assumiram* o poder em 1875.

Recalcitrante, birrento, renitente. — *Recalcitrante* diz-se propriamente do cavallo teimoso que não quer obedecer ao cavaleiro e que de elle se defende escouceando, empinando-se, etc. Por analogia diz-se da pessoa que se obstina em não fazer o que querem que ella faça, e que acompanha a recusa com manifestações vivas e violentas. Também se diz de quem, ante a evidencia, recusa mostrar-se convencido, ainda que intimamente o esteja.

Birrento diz-se do cavallo que tem o costume de ferrar os dentes em alguma cousa, e, á falta de outra qualquer, na mangedoura. Extensivamente diz-se da pessoa que, por carácter, contraria e trata de desagradar a todos, querendo sempre levar a sua ávante, ainda quando lhe possa advir prejuizo.

(1) Roquete enganou-se. *Verificar* é averiguar se a cousa é verdadeira.

(1) Note-se que o verbo reflexo *verificar-se* tem sinonímia com *realizar-se*.

Renitente diz-se de quem se obstina em não fazer o que outrem quer, empregando na recusa apenas a força da inércia.

Receber, tomar.—*Tomar*, como sinónimo de *receber*, designa o acto material com que se manifesta a enuência a aceitar o que se recebe.

Assim diz Roquette :

« *Receber* é a acção formal com que aceitamos, ou havemos o que se nos dá. *Tomar* é a acção material com que nos espedramos de uma cousa.—*Recebe-se* do amigo o presente ou mimo que nos manda, e *toma-se* materialmente da mão do criado que o traz.

« Também ha outra diferença entre estes dois verbos, e vem a ser, que para *tomar* basta a vontade o acção do que *toma*; porém para *receber* não basta a vontade e acção do que *recebe*, porque necessita-se também que concorra a vontade e acção do que dá.—Não posso *receber* o que não me dão, porém posso *tomar*-o; assim que o que fure *toma*, e não *recebe*.

Rechinar, rangêr.—*Rechinar* é o mesmo que *ranger*, mas diz-se do que só excepcionalmente range. *Rangem as táboas, as bolas, etc. Rechinar os dentes. Rechinava nas foguetiras a carne das victimas.*

Recibo, quitação.—*Recibo* é o termo geral com que se designa qualquer documento que se passa a quem paga uma quantia, ou que se dá a quem a empreste, ou a entrega para ser transferida a outrem.

Quitação, termo pouco usual, é uma especie de *recibo* em que se declara que o portador deixa do ficar obrigado a pagar certa quantia, seja por a haver reembolsado a quem a devia, seja por o credôr desistir de a receber.

Recidiva, reincidente, recidiva.—Principia a vêr-se de quando em quando em certos periódicos—particularmente nos de mayor «circulação», segundo a expressão dos mesmos—a introdução dos vocábulos francezes *recidiva, recidivo*, e até *recidivista* no sentido de *reincidência* e *reincidente* ou *relapso* em culpa ou delicto. Escusado se torna dizer que esso inútil galicismo deve ser cuidadosamente evitado.

Recidiva é porém termo adoptado, e tem sinonímia com *recada*, aoreferir-se a doenças.

Recada é um novo ataque de uma doença que sobrevem antes de se estar completamente curado do primeiro.

Recidiva é o novo ataque de uma doença que já se teve e da qual já se estava curado de todo.

Recinto, área.—Todo *recinto* occupa uma *área* limitada por muros, barreiras, paredes, etc.

A *área* é portanto uma extensão qualquer, e o *recinto* é um lugar, ou uma *área* encerrada entro limites que a separam o protegem.

O vocábulo *recinto* não tem a significação particular do «santuário» que lhe attribue erradamente o sr. Cândido de Figueiredo, a não ser que se lhe ajunte algum qualificativo, como, por exemplo: o *sagrao recinto*.

Reciproco, reflexivo, reflexo, pronominal.—Todo verbo que se conjuga com dois pronomes pessoas é verbo *pronominal*.

Se a acção do verbo *pronominal* se reflectir no egento que a pratica, esse verbo é *reflexivo* (1).

Quando o verbo *pronominal* estiver na terceira pessoa do plural e a acção de cada um dos sujeitos *receber* sobre o outro sujeito, esse verbo é *reciproco*.

« *Arrepende-se* » é um verbo *pronominal*, e também *reflexivo*.—« *Amar-se* » é outro verbo *pronominal* e *reflexivo*, mas frequentemente também é *reciproco*, como neste exemplo:

Paulo e Virginia amavam-se.

Menos acertadamente se diz também verbo *reflexo* por verbo *reflexivo*.

Reclamar, reivindicar, pedir.

—*Pedir* é termo genérico que exprime claramente um desejo, sem porém determinar o seu fundamento: *pedir um favor; pedir um livro emprestado; pedir o que é seu*.

Reclamar e *reivindicar* revelam a idéa de direito de propriedade; não tanto o facto de posse. *Reclama-se* uma cousa mais para tornar bem patente o direito que se tem a ella que para a obter desde logo e goza-la. o clero *reclama* sem cessar as suas antigas immuniidades.—Predomina neste vocábulo a idéa de « *pedir em voz alta* », de « *pedir clamando* ».

Reivindicar é *reclamar* com insistencia perante quem tem autoridade para fazer justiça. Quem *reivindica* mostra-se decidido a não ceder, expõe os seus direitos, e não só exige que lhe dêem o que pede, senão que *reclama* do juiz, da autoridade, da opinião pública, etc., o auxilio que se lhe deve dar.

(1) O sr. Cândido de Figueiredo define o verbo *reflexivo* dizendo: « que tem por complemento directo o pronome pessoal »; é erro, pois *reflexivo* é por exemplo o verbo *arrogar-se*, e o seu pronome complemento é complemento indirecto.

Reclamo, annuncio.—*Anuncio* é o aviso que se publica nos jornaes para prevenir o público de alguma cousa que o annunciante tem interesse em tornar notoria. Este aviso sempre se reputa ser da lavra do annunciante e nelle, por consequente, vê o público só o que quer ver, e não o que lhe querem fazer.

O **reclamo**, para os profanos, isto é, para o geral do público, é um artigo em que a redacção do periódico emite a sua opinião—sempre tida como opinião illustrada, porque a maioria do público crê na illustração das redacções—sobre a pessoa ou cousa para a qual se chama a attenção. Ora a verdade é que o **reclamo** é, e sem excepção, obra do proprio interessado (!), o qual se pinta nelle conforme melhor lhe aprez ou convém dando-se os mais retumbantes epítetos e tecendo-se os mais rasgados elogios. Tal poeta transcreve um soneto do seu livro e nelle acha belezas incomparáveis, doçadezas tenuíssimas, idéas assombrosas; tal historiador invystigou as trevas prehistóricas, descobriu aos céos dos tempos primitivos, procurou nas cavernas da Groenlandia as provas mais concludentes, revolveu os poeirentos e carcomidos documentos de quantos arquivos existem—sem olvidar, por certo, a indispensável Torre do Tombo—e conseguiu assim marcar a última etapa no caminho das investigações; tal lexicólogo afirma a sua indiscutível autoridade, proclama o seu profundo saber, meto no cbinelo a quantos o procederam e arregauha os dentes a quantos se atrevam a segui-lo; tal commerciante—aproveitando o anivorsario da sua gentil filha dona Laura ou os lucómodos da sua virtuosa esposa dona Palmyra—declara-se bemquisto o honrado, sem olvidar a nota obrigatória de dar-se como rico proprietario na Aldeia de Payo Pires ou na Lourinhã; tal professor é indiscutivelmente o único que sabe da poda; e tal director de collegio jura não ser negociante de sopa. Eis o **reclamo**.

Reclamo, negaça, chamariz.—*Reclamo* é a ave adextrada para atrair outras aves ao laço.

Negaça é qualquer imitação de ave com que se atraiem ao laço as aves que andam voando.

Chamariz é um instrumento com que o caçador imita o canto das aves.

O uso tem confundido estes vocábulos.

Recobrar, recuperar.—*Recuperar-se* o concreto e abstracto, porém só se *recobra* o concreto. **Recuperar-se** a liberdade, a herança, etc. Não se **recobra**

a saúde, mas sim o dinheiro, o objeto roubado, etc.

Recuperar não é pois tão indifferentemente o mesmo que *recobrar* como julga o sr. Cândido de Figueiredo.

Reenar retroceder, retrogradar.—Lacerda compara estes vocábulos dizendo:

« *Retroceder* é descontinuar a marcha, e « voltar para traz (!). »

« *Recuar* é andar para traz sem voltar o « rosto. »

« *Retrogradar* é voltar atraz sobre os pro- « prios passos. »

« Quem vai andando seu caminho numa « certa direcção, e encontra obstáculo que « não lhe consente continuar, *retrocede*, vol- « ta para traz pelo mesmo ou por outro ca- « minho. — Quem de repente encontra no « caminho algum objeto assustador, *recua*. » — *Retrogradar* usa-se particularmente na « linguagem astronómica. Também se diz, « no sentido transito, que os estudos, as « artes, a civilisação, etc., *retrogradam*. »

Acrescentaremos que *retroceder* e *retrogradar* implicam a idéa de um primeiro movimento para a frente; *recuar* não faz precisamente supôr esse movimento precedente: estou sentado, *recuo* a cadeira. As carruagens saem da cocheira *recuando*.

Dovido á origem plebeia do verbo *recuar* é elle substituído no estilo elevado ora por um, ora por outro dos verbos de este grupo, segundo quadrar melhor ao sentido.

Recusar, refusar.—O segundo de estos verbos, muito corrente ainda no século XVII, está hoje fora do uso e achase substituído pelo primeiro; não obstante Roquete ainda os compara no seu Dictionario de Sinónimos, dizendo com muito acerto:

« *Recusar* é verbo latino e castelhano, « *refusar* é o francez *refuser*, e o castelhano « *rehusar*, e talvez corresponda ao latino « *abnuo*; e se houveramos de traduzir aquel- « la expressão de Cicero, na oração a favor « de Milão: « *Non recuso, non abnuo*; » não « poderíamos melhor fazel-o que dizendo: « Não recuso, não refuso. — *Recusar* expri- « me a idéa de não querer admitir ou acce- « tar alguma cousa, o talvez com desdém, « e daudo-lhe de rosto; *refusar* indica que « nos esquivamos, que nos não prestamos « ao que se nos oferece, ao que se nos quer « impôr ou de nós se exige. O primeiro é « peremptorio; o segundo exprime repu- « gnancia. *Recusa-se* o cargo, o beneficio, o « título, o dinheiro; *refusa-se* a batalha, a

(!) Note-se que não aludimos senão aos periódicos dos grandes centros.

(!) Veja-se o artigo **Desandar**, na página 371.

«luta, o duelo, o desafio; e neste sentido
«disse Camões com muita propriedade:

«Como da gente ilustre portugueza
«Ha-de haver quem *refuse* o patrio marte?»

(*Lus.*, IV, 15).

«Isto é, ha-de haver quem se *refuse*, se
«não preste, se negue a pelear pela de-
«fensa de patria?»

Redimir ou remir, resgatar.
—Diremos em primeiro lugar que a corru-
pela *remir* não só tomou fôr de cidade,
mas até suplantou o termo primitivo e cor-
recto *redimir*; nisso consiste a comparação
entre os dols vocábulo.

Comparando agora *redimir* com *resgatar*
diremos: *redimir* é um acto de pura abne-
gação; *om resgatar* nota-se a idéa de tal
ou qual devôr: **redimem-se** *captivos*; **resgata-**
ram-se *prisioneiros*.

Redizer, repetir.—A differença que
ha entre estes vocábulo é essencial, ain-
da que seja muito usual empregar *repetir*
onde só *redizer* tem cabida.

Redizer é relativo ao fundo ou sentido
das expressões; *repetir* é relativo á forma.
Replem-se as mesmas palavras; *rediz-se* a
mesma cousa sob formas diferentes.

Redobrar ou reduplicar, qua-
druplicar.—*Quadruplicar* é multiplicar
de vez por quatro; *redobrar* ou *reduplicar*
é multiplicar em primeiro lugar por dols,
e dobrar o produto obtido.

Reduzir, converter, transfor-
mar, metamorphosear.—*Reduzir*,
como sinónimo dos outros vocábulo de este
grupe, considera quo o objeto primitivo
se torna neutro mais simples, mais com-
prehensível ou mais adequado ao nosso
uso: *Reduzir* *varas a metro*. *Redu-*
zir *os cadáveres a cinzas*.

Converter é passar uma materia a outra,
seja qual fôr, mais simples ou mais compli-
cada, mais útil ou menos útil: *Conver-*
ter *dizima em quebrado*. *Converter* o
ferro em aço. O *leite converte-se* em
queijo.

Transformar e *metamorphosear* significam
etimologicamente inudar a forma (o prefi-
xo latino *trans* correspondendo ao grego
meta, e o substantivo latino *forma* ao grego
morphe). No terreno de prática, porém, no-
ta-se entre estes verbos a seguinte dife-
rença:

Transformar applica-se a todas as mudan-
ças naturaes, ás mudanças que não surpre-
hendem; *metamorphosear*, pelo contrario,
diz-se das mudanças que se consideram
prodigiosas: *a lagarta transforma-se*
em borboleta; *a natureza transforma as*

flores em frutos. *Narciso foi metamor-*
foscado em flor.

No sentido figurado subsiste a mesma
gradação de idéas entre as duas palavras:
Os ános transformam os estouvados em
siúdos. *Um jesuita que se tornar homem hon-*
rado passa por uma verdadeira meta-
morfose.

Refeição, comida.—Ha entre estes
vocábulo as seguintes differenças:

A *comida* é considerada em si; a *refeição*,
em attenção ao proveito que pode fazer a
quem a toma. *Comida bem feita*. **Re-**
feições abundantes.

Ná *refeição* ha certa regularidade de
tompe. Na *comida* só se faz allusão ao acto
de comer. No collegio *Arriaga* ha quatro **re-**
feições diarias. *Ha casas em que não ha*
horas certas para a comida.

Referendar, assinar.—*Assinar*
é termo genérico: *assuar* uma carta,
um recibo, uma nomeação, etc.

Referendar é assinar depois de outras as-
sinaturas para tornar-se único responsá-
vel do texto. O ministro *referenda* por
baixo da assinatura régia para declarar-se
único responsável pelos effeitos da lei, decre-
to, nomeação, etc., que *vae ter execução*.

Referente, allusivo, relativo,
concernente.—Uma cousa é *referente*
a outra quando lhe diz respeito ou a cita
claramente, o é-lhe *alusiva* quando a re-
corda sem a citar. Diz-se: *esta conta é re-*
ferente ao mez de julho. *Tat caricatura é*
alusiva a tal acto de tal ministro.

Relativo diz-se de que está intimamente
ligado com o objeto a que é *referente*, o só
do elle depende, e só por elle subsiste: o
artigo de fundo de hoje é *relativo á guerra*.

Concernente diz-se de aquello que é felle
em attenção á cousa de quem deponde: *lei*
concernente á casa.

Reforma, protestantismo.—
Protestantismo é o vocábulo com que so
designa o conjunto de todas as Egrejas
cristãs não romanas nem gregas. *Todas as*
Egrejas protestantes estão unidas pela
fé e só variam entre si em pontos secundarios.

Com o vocábulo *Reforma* designa-se par-
ticularmente a revolução religiosa do sé-
culo XVI, e da qual saíram as actuaes
Egrejas protestantes.

Refrega, combate.—*Combate* é o
acto de *combater*, sem que da palavra se
deprenda nenhuma idéa accessoria.

Refrega é o *combate* em que se pelega
corpo a corpo, ou em que os adversarios es-
tão ao alcance uns dos outros.

Refrescar, arrefecer.—*Arrefecer*
é perder o calor.

Refrescar é tornar mais fresco o que já está frio.

Refrigerio, allivio. — *Allivio* é uma diminuição do mal; o *allivio* pode ir progredindo até que o mal desapareça de todo, ou ser apenas momentâneo.

O *refrigerio*, que é sempre inonientâneo, é devido a uma causa que proporciona certo consolo ou bem-estar, o qual desaparece logo que a causa que o produziu cessa de actuar.

Reger, gerir. — *Reger* difere de *gerir*; em *gerir* só se dizer no sentido de administrar o que é de outrom a quem se deve dar conta da *gerencia*; ao passo que *reger* tanto se diz do que é próprio como de aquillo de que se está encarregado.

Os feitores **gerem** as propriedades dos seus patrões. O mestre **rege** a escola. O lavrador **rege** o que é seu.

Ha portanto em *gerir* uma idéa de dependência que não se nota em *reger*.

Vêja-se tambem o artigo **Reinar**.

Região, paiz. — A *região* é um território mais vasto que o *paiz*. Quando falamos das **regiões austraes** referimo-nos a uma parte do globo que comprehende muitos *paizes*. Quando dizemos os **paizes do sul** referimo-nos ás divisiões meridionaes de uma *região*. As **regiões equatoriaes** são todos os *paizes* situados entre os dois trópicos.

Tambem a palavra *região* é termo mais geográfico que *paiz*; aquella refere-se a uma extensão de territorio; esta a uma circunstancia ou qualidade de um território. As **regiões frias** estão para além das zonas temperadas. Os *paizes* podem ser frios por circunstancias especiaes. A *Guirua* é um **paiz frio** apesar de estar numa *região temperada*.

Regimen, dieta. — A *dieta* constitúe o *regimen*; isto é: a *dieta* é uma quantidade e qualidade determinanda de alimentação, e o *regimen* é a obediencia a essa *dieta*.

A *dieta* pode ir até á supressão completa do alimento; o *regimen* apeaas supõe o uso de determinados alimentos.

Por consequencia, a palavra *dieta* suscita a idéa de privação, e *regimen* a de moderação.

Regra, ordem. — A *ordem* provém da *regra*, pois esta é uma como lei pela qual se dá ás cousas uma disposição conveniente, cujo resultado é a *ordem*.

Resultado de esta differença que a palavra *regra* é reiativa ao dever, á observação da lei; *ordem*, ao lugar occupado pelas cousas ou ao modo de proceder das pessoas.

Regresso, volta, remigração. — Concordam estas tres palavras na idéa de « tornar ao ponto de que se sabe, ou se saiu » mas entre ellas convém distinguir o seguinte:

Volta refere-se ao movimento para o lugar onde está a pessoa que fala: meu marido foi a Paris; á **volta** irei esperal-o á Pam-pilhosa.

Regresso é relativo ao movimento para fora do ponto onde está quem fala: meu filho **regressa** amanhã ao collegio.

Quando estas palavras forem empregadas pela pessoa que faz o movimento, dirá *volta* antes de partir, e *regresso* quando já tiver saído do ponto a que ha-de voltar. Vou a Paris; á **volta** iremos para a Figueira. O exilado **regressa** á patria.

Remigração é termo pouco usado: apenas se diz ao falar das aves de arribação: a **remigração** das andorinhas, isto é, o seu *regresso* ao ponto onde vêm veraneiar.

Roquete e Lacerda comparam, pouco mais ou menos nos mesmos termos, as palavras *regresso* e *remigração*. Eis o que diz o primeiro dos citados sinonimistas:

« Ambas estas palavras exprimem a idéa de voltar uma pessoa ao lugar on ponto de onde saíra, com a differença que *regresso* a exprime sem relação a nenhuma outra circunstancia, e *remigração* é o *regresso* depois de emigração, degrado, ou expatriação. — Quem são de sua patria para viajar, ou por negocios, *regressa* a ella depois de algum tempo. Demóstenes, desterrado em Calauria, e Vieira em Roma, suspiravam por sua *remigração* á patria ».

Reinar, dominar, reger. — *Reinar*, ser rei, designa a autoridade de um só, e, em geral, todo o poder illimitado.

Dominar, ter dominio, é ser dono e proceder como tal.

Reger não tem nenhuma relação com a qualidade do sujeito, e só denota uma acção: a de dirigir para um fim determinado.

Vêja o artigo **Reger**.

Reiterar, repetir. — A differença entre estes vocábulos consiste apenas em *reiterar* encerrar uma idéa de força ou de efficacia que não se nota em *repetir*.

Reiteramos um pedido urgente.

Relação connexão. — As cousas têm *relação* entre si quando ha uma idéa comum a todas ellas; têm *conexão*, quando entre ellas ha semolhança de fórma, ealce entre as suas partes, ou analogia entre o seu modo de obrar. — Pode haver *relação*, mas não *conexão*, entre duas cousas diametralmente opostas; assim entre o branco e o negro ha a *relação* que resultta da mayor ou menor absorção dos raios solares. — Ha *conexão* entre o movimento dos astros e

a queda dos corpos graves, pois em ambos os fenómenos se nota a atracção.

Relativo, respectivo. — *Relativo* diz-se do que tem *relação* com alguém ou com alguma cousa, independentemente de qualquer outra pessoa ou cousa.

Respectivo diz-se do que tem relação com alguém ou com alguma cousa, na medida ou proporção que lhe cabe com respeito a outras pessoas ou cousas.

Veja-se o que diz Roquette:

« *Relativo* exprime a referencia de uma cousa a outra, em quanto ella convém, se applica, ou pertence a essa outra.

« *Respectivo* exprime a proporção em que uma cousa determinada tem o valor, a qualidade, ou qualquer propriedade, que é comum também a outras. — Esta proposição é *relativa* ao assunto de que fallamos hontem. Os pobres costumam ser *respectivamente* mais felizes que os poderosos. — Todo homem tem seu *respectivo* amor proprio, *relativo* á paixão que o domina.

Relento, sereno. — O *sereno* é proprio da estação calmosa; o *relento* é a humidade da atmosfera em qualquer estação do anno.

Religião, culto, adoração. — *Religião*, no terreno da prática, designa vagamente o exercicio das cerimoniaes e quaesquer actos pelos quaes o homem manifesta os seus sentimentos para com Deus. Assim diz-se que um homem pertence a esta ou áquelle *religião*, que tem *religião*, mas estas expressões deixam-nos a incerteza do grau de *religião* que esse homem tem.

Culto é a *religião* considerada no seu exercicio exterior: orações, sacrificios, promessas, etc.

Adoração é vocabulo de significação mais restricta, pois refere-se aos sentimentos que levam o homem a tributar á divindade qualquer culto, exterior ou interior, mas culto puro e verdadeiro, o que não se dá sempre com os vocabulos precedentes, que são susceptíveis de designarem manifestações hipócritas o interesseiras.

Relincho, rincho. — *Relincho* é forma mais recomendável que *rinchar*, e por consequencia os seus derivados *relinchar* e *relincho*.

Reliquia, escapulario, bentinhos. — Na religião católica dá-se o nome de *reliquia* a qualquer resto do corpo de um santo ou a qualquer parte de um objecto que lhe pertencesse.

Escapulario era uma tira de pano que os frades de algumas ordens usavam sobre os hombros pendente sobre o peito. Dá-se

tambem este nome, e tambem o de *bentinhos*, a dois quadrados de pano com uma imagem qualquer que os devotos trazem pendente do pescoço.

Reluctancia, repugnancia. — Estes dois vocabulos confundem-se frequentemente; não obstante deve estabelecer-se entre elles a seguinte differença, devida á diferente idéa que engrem os vocabulos latinos *lucta* e *pugna*.

A *repugnancia* mantem-se na defensiva, opondo sua força á força contraria. A *reluctancia* vae mais além; luta para repellar e levar de vencida.

V. o artigo **Repulsão**.

Relva, herva. — A *relva* não é outra cousa senão *herva*, mas *herva* curta, fina e basta que se aparta a miude para não arrojara espiga. Logo que a *relva* espiga, perde este nome para tomar o de *herva*.

Remanescente, resto, sobras.

— O vocabulo *remanescente* designa o que sobra de um todo; nisso concorda com as outras palavras de este grupo, discriminando-se porém de ellas em designar a parte sobrança como formando um avo todo intacto, perfeitamente utilisavel para os mesmos usos a que serviu a parte que antes tinha n'ellas. De uma peça de pano faz-se um traje completo e do *remanescente* podem fazer-se outros trajes eguaes ao primeiro.

Resto é a parte que não foi necessaria para fazer cabalmente alguma cousa. O *resto* sempre se considera menor do que a parte de que sobrou.

Sobras diz-se do *resto* que não se aproveita.

Guarda-se o *resto* de uma galinha assada; dão-se as *sobras* da comida aos antímanes.

Remisso, demorado. — *Remisso* é vocabulo que se distingue de *demorado* e de qualquer outro sinónimo de esta palavra, por designar precisamente aquella pessoa que tarda em fazer alguma cousa ou em desempenhar-se de alguma obrigação por fingir esquecer-se de ella. Ser *remisso* em pagar as dividas.

Remoinho, vorágem, sorvedouro. — O primeiro de estes vocabulos é relativo ao movimento em espiral do que anda revoadando: **Remoinho de vento.** O rio tinha ali um **remoinho** que os barqueiros evitavam.

Vorágem é o **remoinho** violento de uma corrente de agua que sorve quanto se aproxima do seu raião de influencia.

Sorvedouro é o mesmo que *vorágem*.

Veja-se o artigo **Abysmo**, na página 19.

Remoto, antigo.—*Remoto* diz-se do que é *antigo*, com estas diferenças porém:

O que é *antigo* talvez que ainda subsista; o que é *remoto* cessou de existir. Do *antigo* subsistem notícias ou documentos; do *remoto* apenas podem restar tradições ou suposições vagas e mal fundadas. *Ha historia dos tempos antigos; não a ha porém dos tempos remotos.*

Remover, apartar.—*Remover* é tirar de um sitio para outro qualquer; *apartar* é pôr fóra da uma dada direcção. Ha portanto em *apartar* um sentido mais relativo que em *remover*, pois aquelle verho envolve a idéa do lugar ou objecto do que a cousa se aparta.

Renascimento, renascença.—Aquelle periodo do século XVI em que as artes e as letras resurgiram das trevas da idade média, denomina-se em francez *renaissance*; e de ahí que se haja traduzido essa palavra por *renascença*, termo pouco correcto, sendo *renascimento* o seu melhor equivalente, ainda que pouco usado.

Renda, rendimento.—*Renda* é o beneficio que anualmente se recebe de alguma cousa. *Rendimento* é o beneficio que alguma cousa produz sem relação a nenhum transcurso de tempo. *Antonio tem um conto de réis de renda*, isto é, recebo cada ano essa quantia. *As azinheiras dão bom rendimento*, isto é, proporcionam benefícios. — *Os morgados estabeleciam rendas a seus irmãos, e lh'as pagavam dos rendimentos de que fruíam.*

Render, vencer.—O vocábulo *vencer* nega um absoluto a auenencia do vencido; *render*, pelo contrario, indica que é o vencido que voluntariamente se põe á disposição do vencedor.

Rendez-vous, entrevista, cita.—*Rendez-vous* (¹), como notámos no DICCIONARIO ILUSTRADO, principia com vantagem a ser substituído pelo vocábulo *cita*, termo genúinamente portuguez e expressivo da idéa que representa.

No artigo **Conferencia**, na página 289, já fallámos de *entrevista*, vocábulo que não pode em todos os casos dizer-se no sentido do *rendez-vous* francez. Generalize-se portanto o uso de *cita* qua a lingua nada perderá com isso.

Rendição, entrega.—Na guerra, a *rendição* é um acto forçado por parte de

quem o pratica, pois só as circumstancias o podem levar a pratical-o. A *entrega* é um acto puramente voluntario que dosdoura e deshonra o chefe que o pratica.

Réo, accusado.—Todo individuo chamado a juizo para responder em acção civil ou criminal, é *réo*. Esta palavra é apenas relativa ás relações entre o demandado e a justiça.

Acusado é o réo de crime ou delicto, considerado como autor do acto que lhe imputam.

O *réo* pode estar innocente da feita que lhe imputam. O *acusado* sempre é considerado como culpado.

Reorganizar, reformar.—*Reorganiza-se* o que havendo deixado de existir, se quer do novo restabelecer. *Reforma-se* o que, existindo na actualidade, se quer remodelar.

É uso corrente confundir estes verbos; seria porém conveniente evitar toda confusão entre elles.

Reparar, compôr, concertar, restabelecer, restaurar.—*Repara-se, compõe-se e concerta-se* corrigindo ou atenuando o mal ou menoscebo que sobrevem a alguma cousa.

Restabelece-se e restaura-se voltando a pôr uma cousa detorlorada no mesmo pó em que sa achava antes; so fol a substancia que sofreu, *restabelece-se*; se fol a fôrma, *restaura-se*.

Reparar é fazer leves trabalhos que restabeleçam o estado primitivo do objecto. *O temporal deslocou as telhas do telhado; mandando reparal-o.*

Compôr supõe estrago anterior, e novos materiaes que supram os primeiros. *Os estragos do tempo obrigaram-me a compôr a casa, mandando-lhe pôr portas, janelas e sobrados novos.*

Concertar oncerria idéa de arte. É necessario mandar *concertar* este relógio.

Eleazar de novo um edificio é *restabelecel-o*. Tapar-lhe os buracos que o tempo abriu nas paredes, renovar-lhe as pinturas, etc., é *restaural-o*.

Repartição, secretaria.—*Repartição* diz-se de qualquer officina que directa ou indirectamente depende de algum dos ministerios: *repartição da fazenda*.

Secretaria diz-se da officina superior de que dependem as *repartições*: *secretaria do governo civil*.

Repartimento, compartimento.—*Compartimento* é termo genérico com que se designa qualquer das divisões de uma casa, de uma carruagem do caminho de ferro, de uma caixa, etc.

Quando o *compartimento* se considera

(¹) O sr. Cândido de Figueiredo attribúe-se a introdução de este galicismo na nomenclatura do vocabulario da lingua: *Errare humanum est.*

como logar separado dos outros logares, e destinado a uma determinada classe de objetos, pode receber o nome de *repartimento*.

Réplica, resposta. — *Resposta* é termo genérico que se pode aplicar a todos os casos em que alguém exprime o seu modo de pensar ou a sua idéa, depois de outrem haver falado ou perguntado, mas sempre com relação a esta parte. **Responde-se a uma pergunta, a uma carta, a um discurso, a um insulto, etc.**

Réplica é uma especie de *resposta* que consiste geralmente em tomar a palavra para refutar o que outrem *respondeu* ao que o *replicador* disse. O fim principal da *réplica* é de manter a opinião que se enunciou, rebatendo os argumentos da pessoa a quem se *replica*, e reforçando a argumentação primitiva com novos argumentos e provas convincentes. — **Resposta engraçada; replica esmagadora.**

Repórter, jornalista, periodista, periodielista. — *Jornalista* é o homem que escreve para os jornaes, quer por profissão, quer por hábito de expandir suas idéas. Neste vocabulo não se determina a capacidade de escritor, pois a par do assim se denominarem nomes tão respeitáveis como os de Antonio Rodrigues Sampaio, Eduardo Coelho, A. A. Teixeira do Vasconcelos, P. W. de Brito Aranha, Joaquim Martins de Carvalho, e alguns outros dignos de todo o respeito e consideração, confere-se o mesmo título a quantos na imprensa periódica manejam a pena como manejariam a sovela, doitando tombas para ganhar alguns cobres. — *Jornalista* é portanto termo genérico, o indifferentemente se confunde com *periodista*, se bem este último termo talvez convenha melhor aos *jornalistas* que fazem parte de uma redacção, que escrevem *periodicamente*.

Periodista diz-se também por *periodista*, mas não é termo bem formado.

Repórter, palavra ingleza introduzida na lingua, tem apenas afastada sinonímia com os vocabulos precedentes. *Repórter* é o individuo que anda á caça de noticias para informar a redacção do jornal que o emprega. Este termo podia muito bem ser substituído pelo vocabulo portuguez *informador*.

Reprehensivel, censurável. — Existe entre estos vocabulos a mesma differença que ha entre *reprehensão* e *censura*; aquella refere-se a faltas leves, esta a faltas graves. Nem todos somos *censuráveis*, mas certamente que nenhum de nós doixa de ser *reprehensivel*, e isto porque, se nem todos temos vicios, nenhum de nós deixa de cometer erros.

Represalia, desforra, vingança. — O vocabulo *vingança* distingue-se dos outros de este grupo por designar um acto premeditado em segredo e que só se manifesta no momento de o realizar. É verdade que a pessoa sobre a qual a *vingança* se exerce pode supôr que algo se trama contra ella; ignora porém como e quando esse algo a assaltará. Muito se tom decimado contra a *vingança*, mas sem dúvida só clamam contra ella aquellos que a podem temer, isto é: os ruins, que desejariam prejudicar a mão salva, e ficaram a rir. Os homens bonrados podem afoitamente dizer que a *vingança* é o *deleite dos deuses*.

Desforra é o acto pelo qual alguém retribue a outra pessoa a desvantagem que esta lhe infligia anteriormente. A *desforra* deve precisamente ser da mesma especie da desvantagem recebida, ou, a ser de outra especie, deve considerar-se como sua equivalente. A *desforra* sempre é tida em conta do justa e leal, e é frequentemente oferecida pela pessoa que obteve a primeira vantagem.

Represalia é o damno que se faz em compensação ou *vingança* de outro damno recebido.

Reproche, exprobação. — *Reproche* o o seu derivado *reprochar* foram galicismos de que nos séculos XV e XVI se valeram os escriptores portuguezes e que durante o dominio espanhol estiveram muito em voga, devido ao castelhano — que carece do verbo *exprobrar* — os contar no seu vocabulario. Depois caíram em desuso, e os nossos dictionarios apenas os podem inscrever actualmente como termos antiquados. Não devemos pois empregar as palavras *reproche* e *reprochar*; temos não só os seus oquivalentes *exprobração* e *exprobrar*, mas tambem a expressão *lançar em rosto*, para mui correctamente os poder suprir.

Republicano, repúblico. — Roquette compara muito bem estes dois vocabulos. Eis o que elle diz:

« Bem parecidos são estes vocabulos, e « parecem ter igual significação, porém ha « entre elles mui notável differença.

« *Repúblico* é o homem zeloso e amigo do « bem publico, o pode-se ser bom *repúblico* « sendo vassallo de um rei, como se vê de « Vieira que disse: — Devemos desejar to- « dos a união como bons cristãos, como bons « *repúblicos* e como bons vasallos (V, 331).

« *Republicano* é o cidadão de uma repú- « blica, ou o que é partidario da república, « isto é, da forma de governo democrático « em que governa o povo, em parte por si, « e em parte por alguns cidadãos escolhi- « dos. — Não se pode ser vassallo sendo *re- « publicano*; mas pode haver, e tem havido « *repúblicos* que são muito maus *repúbli- « cos* ».

Repulsa, recusa.—*Recusa* é o simples acto de não aceitar ou de não anuir. *Repulsa* é a *recusa* violenta de cousas que nos repugnam.

Repulsa, repugnancia.—A *repulsa* é mais forte que a *repugnancia* e manifesta-se com mayor violencia. Qualquer se submete a fazer o que lhe *repugno*, mas a *repulsa* exclui toda idéa de submissão. Veja o artigo **Reluctancia**.

Repulsa, repulsa.—A *repulsa* é relativa a quem repele; a *repulsa*, a quem ou ao que é repellido. *O que vemos com repulsa sofre repulsa da nossa parte.*

Requerimento, proposta, moção.—No parlamentarismo moderno qualquer membro do parlamento *requer* segundo direito, *propõe* segundo as conveniências, e apresenta uma *moção* como desamparo da questão.

Resarcir, indemnizar.—A única diferença existente entre estes vocábulos consiste em *indemnizar* ser relativo ao sujeito e *resarcir* ao complemento. Quem *indemniza*, desembolsa; quem *resarcir*, compensa.

Não posso indemnizar-l-o é expressão que manifesta a impossibilidade do sujeito. *Não posso resarcir-l-o*, manifesta perda para quem sofreu o damno.

Resentimento, rancor.—A idéa comum a estes vocábulos é a de odio e desejo de vingança que so tem contra alguém por um motivo determinado; diferem porém os vocábulos entre si.

No *resentimento* ha nobreza e elevação de sentimentos porque o resentido não occulta o que sente; pelo contrario, logo que é offendido declara vehementemente o seu *resentimento*.

O *rancor* é uma paixão baixa e vil, solapada, e ás vezes hipócrita; não depende da dignidade pessoal, mas nasce do carácter mal formado.—O *resentido* manifesta sempre o seu *resentimento*; o *rancoroso* occulta o *rancor* e espera a occasião de se vingar.

Reserva, circumspecção.—A *reserva* consiste em occultar o que se sabe e o que se sente; a *circumspecção*, em pensar o que se ha-de dizer. Os velhacos procedem com *reserva*; os prudentes, com *circumspecção*.

Reserva, segredo.—Entre estes vocábulos diz Lacerda que ha a seguinte diferença:

« Guardar **segredo** é calar o que se « não quer que se saiba, e o que não se de- « vo dizer. Ter **reserva** é não dizer o que

« podia comunicar-se sem inconveniente: « **Segredo** é silencio imposto pelo dever, ou « pela conveniencia; e a **reserva** é o silen- « cio imposto pela prudencia, ou pelo ro- « celo. **Segredo** tambem se toma no sentido « do achado, descoberta, invento que se « guarda occulto:—*Achou o segredo de « expulsar as tenias* ».

Resignação, paciência.—Ha uma grande diferença entre estes vocábulos; não obstante é muito comum confundil-os.

A *paciencia* induz a surportar com moderação o sem murmurar; a *resignação* é o abandono completo da vontade propria a outra vontade superior. Quem tem *paciencia* sofre; quem tem *resignação* deixa de sofrer.—O *paciente* almeja por condição melhor; o *resignado* está satisfeito com qualquer sorte que se lhe depare.

Resistencia, opposição; resistir, oppôr-se.—A *oposição* é um acto perfeitamente activo, ao passo que na *resistencia* nota-se certa passividade. Quem faz *oposição* ataca a parte adversa; quem oppõe *resistencia* defende-se sem atacar, o sem sair da posição que occupa.—Quem se oppõe intenta vencer; quem *resiste* apenas procura não ser vencido.

Resolução, solução.—Dizemos a *solução* de um problema, e a *resolução* das equações, porque *resolução* supõe mayor difficuldade e esforço que *solução*.—A *solução* de certos problemas é tão fácil que se descobre desde que são propostos.—Não ha *resolução* sem cálculo previo.

No sentido figurado subsiste entre estes vocábulos a mesma diferença.

Resultar, dimanar, provir, depender de.—*Resultar* diz-se do que vem após outra cousa anterior, á qual deve a existencia. Assim, o que *resulta* é como o effeito ou consequencia do facto primitivo. É raro que de uma *peste* não *resulte* a *fome*. Em lógica emprega-se com frequencia este verbo para designar a consequencia de uma demonstração, ou o que se deduz de uma discussão. Do que dissemos **resulta**...

Dimanar difere de *resultar* em aquelle verbo se referir não só a um resultado, mas, e particularmente, á força da causa productiva.

Provir serve para estabelecer a relação existente entre um facto e outro facto precedente que explica e produz o segundo.

O odio que as classes baixas têm ás classes superiores **provém** de duas causas: do desmerecimento de aquellas, e da falta de caridade que ha nestas.

Depender de indica tambem uma íntima união entre dois factos, dos quaes o primei-

ro ainda não se realizou; por consequência, este verbo é sempre relativo no futuro.

Resurgir, resuscitar.—*Resurgir* o *resuscitar* são vocábulos que têm entre si muita analogia; não obstante sempre se notará entre ambos a seguinte diferença:

Resurgir é relativo à influencia que o que *resurge* pode exercer sobre os outros; *resuscitar* é relativo ao fenómeno que se realisa em quem *resuscita*.

Lázaro resuscitou, isto é, Lázaro recuperou a vida. *Lázaro resurgiu*, é mais relativo à influencia que o milagre devia ter no ânimo dos que o presenciaram.

Resvalar, escorregar, deslizar.—*Escorregar* é perder o equilíbrio. De este verbo não se depreheende que o equilíbrio se perca totalmente e que o corpo dê consigo em terra. Bem o prova a expressão; *escorreguel e cai*, a qual supõe que se pode *escorregar* sem cair.

Resvalar supõe não só que se *escorrega* e se *caia*, mas também que se continúa a percorrer algum espaço ainda depois de caído. **Resvalar pela ladeira.**

Deslizar exclui toda a idéa de perda de equilíbrio; antes pelo contrario encarece esse equilíbrio. *Deslizar* é apenas percorrer rapidamente um espaço, roçando o levemente pela superficie. *Quem palina desliza sobre o gelo.*

Retêr, não dar.—*Não dar* é conservar em seu poder o que é proprio ou o que é de outrem.

Retêr é acompanhar de luta ou resistencia o acto de *não dar* a outrem aquilo a quo este se crê com direito.

Retinir, retumbar, resoar, ecoar, soar.—De estes vocábulos, *soar* é o que tem significação menos complexa. *Soar* é produzir um som natural, que nada tem de extraordinario. *São a voz. São a hora. São os passos.*

Ecoar é repetir-se um som ao eco, tni como se produziu ao *soar*, ou modificado pelo eco que o repercute.

Resoar é *soar* repetidas vezes o que repetidas vezes se reproduz: *resonavam passos*.—Tambem significa esta palavra o prolongamento confuso de um som por efeito acústico: *a sua voz ressoava no templo.*

Retumbar é o mesmo que *resoar*, mas *resoar* com força e de modo a impressionar o ânimo.

Retinir diz-se dos sons agudos que se prolongam pela vibração: *o retinir das espadas.*

Retocar, revêr.—*Revêr* é tornar a vêr para corrigir o que está mal.

Retocar é tornar a *revêr*, não para procurar o que está mal, mas para aperfeiçoar

e limar o que fôr susceptível de ser aperfeiçoado.

Revemos as primeiras provas tipográficas de um livro, e retocamos as últimas.

Retorno, regresso.—Quando *retorno* é sinónimo de *regresso* designa a volta ao ponto de partida depois de ter cumprido o encargo que levava. Geralmente diz-se só das cousas: *Carruagem de retorno*, isto é, que volta vazia depois de ter deixado quem levava a idéa.

Redarguir, replicar, retorquir, retrucar.—*Redarguir* é tratar de anular a argumentação do contrario, desvirtuando-lhe os argumentos. *F. exprobra a S. de o haver induzido a fazer grandes despesas. S. redargue-lhe que se o induziu a tal foi no proprio interesse de F.*

Replicar é impugnar a contrariedade por meio de *réplica*. *V. este vocábulo.*

Retorquir é converter o argumento contra quem o faz.

Retrucar, termo vulgar, é devolver invectiva por invectiva.

Retrair, encolher, retrotrair.—*Encolher* é tornar menos comprido.

Retrair é *encolher* para occultar. *O gato retrai as unhas.*

Retrotrair não é, como diz o sr. Cândido do Figueiredo, o mesmo que *retrair*.—*Retrair* é acção voluntaria de quem *retrai*, isto é, devida a seu proprio impulso. *Retrotrair* implica sempre vontade ou influencia alheia, impulso a que se obedece.

Revelação, inspiração.—No sentido em que consideramos estes vocábulos, a *revelação* é o acto em que qualquer divindade comunica com um mortal para lhe dizer cousas atinentes ao que todos os mortaes devem crêr.

Inspiração é o acto pelo qual um influxo divino penetra o homem e lhe dicta o que ha-de dizer ou lhe guia a mão quando escreve.

Será melhor que deixemos o clérigo Riquete dizer como tnes palavras se devem entender. Eis o seu artigo:

«*Revelação* significa em gérni a manifestação de alguma verdade secreta ou occultta, e em frase teológica a manifestação que Deus faz ao homem de verdades, que se não podem conhecer pelas forças da razão, ou por meios puramente naturaes.

«*A inspiração* é a illustração ou movimento sobrenatural com que Deus inclina a vontade do homem a fazer alguma acção boa. A *revelação* illustra o entendimento; a *inspiração* move e leva a vontade. *Revelam-se* factos, verdades, doutrinas; *inspiram-se* sentimentos, desejos, affectos, resoluções.

«As doutrinas contidas nas sagradas Es-

« *escripturas são reveladas*, porque Deus manifestou a seus autores factos e verdades que elles não podiam alcançar pelas luzes da razão. Os sagrados Escribas foram inspirados para escrevel-as, isto é, o Espírito Santo os illustrou anteriormente, moveu a escrever, o dirigiu sua pena em tudo que escreveram para ensino e santificação dos homens ».

Rigidez, rigôr, severidade.—A rigidez vem do carácter; a severidade é filha do cálculo ou do hábito; ambas se manifestam pelo rigor.—A rigidez é inexorável ante o rigor; a severidade quizera talvez não se ver obrigada a applical-o, mas quando tem de lançar mão de elle não hesita, pois o julga indispensável.

Comparando severidade com rigor, diz Roquete:

« A severidade acaba-se principalmente no modo de pensar o de julgar; o rigor no modo de castigar. A primeira condena facilmente sem admitir escusa; o segundo nem suaviza a pena, nem perdôa coisa alguma. Diz-se semblante severo, fronte severa, e Vleira disse severa majestade, porque assim se indica a severidade do animo; e o adjetivo rigoroso não se poderia usar em taes casos com igual propriedade.

« Diz-se ao contrario o rigor do tempo, do inverno, etc., e não se pode dizer severidade, porque não é coisa que exista no animo, senão que se experimenta no corpo ».

« A severidade opõe-se a equidade ou a indulgencia; ao rigor opõe-se a brandura, e o nos príncipes a clemencia ».

Leia-se tambem o que diz Lacerda:

« Severidade refere-se ao nosso modo de pensar, ao nosso juizo, o tambem ás nossas expressões, quando vamos algum tanto além do que é precisamente verdadeiro. Rigor refere-se mais especialmente ás demonstrações do facto. Reprehendemos com severidade, o castigamos com rigor. A severidade condena facilmente, e não desculpa; o rigor executa a pena, sem lho adoçar a dureza, nem perdoar parte alguma de ella. Dizemos semblante severo; severa majestade, isto é, que mostra a severidade do animo; dizemos o rigor da estação, o rigor do sol ».

Rigor, rigorismo.—Rigorismo é o excesso no rigor.

Rigorismo, probabilismo.—Com estas palavras se designam as theorias em que se considera lícito adoptar a opinião apenas meramente provável (probabilismo), ou só a mais provável (rigorismo); os ligo-ristas adoptaram o probabilismo; os jansenistas o rigorismo.

Rir, sorrir.—O rir difere do sorrir em esto ser mudo e aquello não. Não se pode rir sem emitir um som vocal qualquer; sorrindo não se emite nenhum som.

Rito, cerimonia.—Rito é a ordem que a Igreja estabeleceu para celebrar o culto.

Cerimonia é a observação de cada uma das partes do rito referentes aos movimentos e postura do corpo durante a celebração do culto.

Todas as partes de que se compôa a missa pertencem ao rito; as cerimoniaes são as genuflexões, a bênção, a elevação dos braços, etc.

Romeiro, peregrino.—Romeiro, propriamente, designa o católico que vae a Roma por devoção. Extensivamente diz-se do aquelle que vae a qualquer romaria. Peregrino é aquelle que vae longo da sua terra, mesmo a paizes estranhos, visitar santuarios.

Roteiro, itinerário.—Itinerário é a indicação das povoações por que se hade passar para ir de um ponto a outro. Quando um regimento muda de quartel leoa o seu itinerário marcado.

Roteiro, termo mais adequado ás viagens maritimas que ás terrestres, applica-se aquellas que so fazem a paizes remotos; mas, em vez de determinar as povoações em que se ha de parar, o roteiro indica as diferentes vias que se podem seguir, e descreve cada uma das localidades que estão no caminho.

Ruido, rumor.—O ruido pode consistir num unico som; o rumor é uma série de ruidos. Um tiro de canhão faz ruido mas não faz rumor; o rompimento das ondas na praya causa rumor porque consta de multos ruidos. O rumor é mais surdo e mais indefinido que o ruido.

No sentido metafórico continúa a subsistir, e ainda mais claramente, esta differença. Devemos procurar não fazer ruido no mundo para não suscitar os rumores da maledicencia.

Ruim, mau.—Ruim diz-mais que mau. Mau é o oposto do bom; o que é ruim deve-se evitar.—Ambos se dizem do físico e do moral.

Rural, agrário, agrícola; rústico.—Rural qualifica tudo o que não é urbano ». Agrário diz-se do campo considerado em si ou como propriedade; lei agraria. Agrícola diz-se do campo considerado sóme productivo; crédito agrícola.

Entre rural e rústico, adjetivos que se applicam a tudo quanto não é cidade ou

vila, convém muitas vezes estabelecer a seguinte diferença: *rural* diz-se com relação ao campo considerado em si mesmo; *rústico*, com relação ao campo produtor, ao campo onde se trabalha. Assim, *rural* é

muitas vezes referente à poesia da vida dos campos. Um **predio rústico** é um predio onde mora quem trabalha no campo. Um **predio rural** é o predio que está fóra de uma povoação.



... ..



1870

S

Sabbado, gritaria. — *Sabado*, propriamente, é a assembleia ou reunião que na noite de cada sábado é formada pelas bruxas e feiticeiras; extensivamente, diz-se da *gritaria* que ellas fazem nessas reuniões com os seus cantares, e, figuradamente, da toda *gritaria* nocturna que incomoda e staca os nervos.

Note-se que a pronunção de *sabado* não pode confundir-se com a de *sábado*, último dia de semana; este vocábulo é exdrúxulo, aquelle é grave.

Sabedoria, prudencia. — No sentido em que *sabedoria* tem sinonimia com *prudencia* ambas as palavras designam virtudes que são úteis para o homem se guiar na vida.

A *sabedoria* é uma virtude positiva que dirige e guia, ensinando o que se deve fazer e mostrando o que é necessario evitar.

O estudo, o saber, a prática do mundo e o conhecimento do dever são a base de esta virtude, que é essencialmente teórica. Efectivamente é pela *sabedoria* que conhecemos os nossos deveres, que guiamos a razão para o bem, o que possuímos o conhecimento dos principios geraes em que devemos fundar o regulamento da nossa vida. Pela sua *sabedoria* ponde D. João I reconstituir solidamente a monarchia portugueza.

A *prudencia*, como já tivemos ensejo de dizer no artigo **Circunspecção**, é uma virtude negativa, posto que desviando-nos do mal e do perigo, nos mostra o que não devemos fazer, o que devemos evitar. É portanto uma virtude inferior á *sabedoria*, e, se assim nos pudermos expressar, longe de ser virtude teórica, é uma virtude retro-prática que modera e retráe no modo de obrar, fazendo-nos evitar quanto é nocivo e perigoso. — A sua afinidade, porém, com a *sabedoria*, é íntima, posto que a *prudencia* é o resultado dos principios de aquella virtude que nos guia e ensina a obrar.

Sabedoria, saber, sciencia. — A *sabedoria* deva considerar-se como formando parte integrante da intelligencia do sabio, pois assim como a materia se assimila o alimento, assim a intelligencia se

vae assimilando os conhecimentos adquiridos, cujo conjunto forma a *sabedoria*.

O *saber* é o cabedal que constitue a *sabedoria*, cabedal de que esta pode dispôr e manifestar.

Ciencia é cada uma das partes constitutivas do *saber*.

Roque compare *sabedoria* e *ciencia* na forma seguinte:

« *Sabedoria* corresponde ao vocábulo latino *sapientia*, que vem de *sapio*; *ciencia*, é palavra latina, vinda de *scio*. A primeira tem significação mais extensa o complexa que a segunda. *Sabedoria* é o conhecimento intelectual das cousas divinas e humanas. A *sabedoria* é uma qualidade que se considera inherente ao homem, abraça o saber e o obrar segundo a recta razão; a *ciencia* só diz respeito á parte especulativa, e pode considerar-se independente do homem; e neste sentido a definem os modernos, uma série de verdades discursivas, que não alcança por si só o senso comum. A geometria, a mathematica, a astronomia, etc., são *ciencias*, mas não se podem chamar *sabedorias*. »

Lacerda expressa-se a este mesmo respeito dizendo:

« *Sabedoria* é o conhecimento intelectual das cousas humanas. *Ciencia* é a noticia, o conhecimento das cousas humanas. *Sabedoria* tem significação mais extensa e complexa do que *ciencia*. A *sabedoria*, que se considera qualidade inherente ao homem, comprehende o saber e o obrar conforme á recta razão. A *ciencia* refere-se sómente á parte especulativa, e pode considerar-se independentemente do homem, e neste caso se define a *ciencia* uma série de verdades, cujo conhecimento não pode alcançar por si o senso comum, mas precisa do raciocinio e do discurso. A mathematica é *ciencia*, mas não é *sabedoria*. »

Saber, não ignorar. — Não ignorar não tem a força afirmativa que existe em *saber*.

Saber é conhecer a fundo; não ignorar é não carecer completamente de determinação do conhecimento.

Sabliamente, prudentemente.

— *Sabliamente* é relativo ao modo positivo de obrar; *prudentemente*, ao modo de evitar o que pudera ser prejudicial.

Saboroso, succulento. — Com estes adjectivos qualificam-se os alimentos bons e agradáveis, mas *saboroso* é termo subjeivo, pois melhor se refere ao gosto que se sente em coirer o que é agradável do que a uma qualidade intrínseca do próprio alimento; assim, o que é *saboroso* para uns poderá ser repugnante para outros.

Succulento é relativo á quantidade alimenticia do alimento; portanto é termo objectivo, especialmente applicável a uma qualidade intrínseca, e a causa de essa qualidade: o *succo*.

Veja-se também o artigo **Substantial, nutritivo**.

Sacerdocio, clericalto. — *Sacerdocio* é termo geral porque se applica ao ministrio de qualquer divindade sobre a terra, particularmente da divindade á qual se prestam sacrificios. *Clericalto* apenas se diz dos ministros da religião cristã.

Com referencia ao catholicismo, *sacerdocio*, rigorosamente, só devera dizer-se dos prelados que podem administrar todos os sacramentos; *clericalto* apenas de aquellos eclesiásticos que, por não serem prelados, só podem administrar alguns de esses sacramentos. Não obstante também se lhes dá o nome de *sacerdotes* em consideração da missão que desempenham, a qual é reputada como divina.

Saciar, fartar, satisfazer. — *Saciar* é *satisfazer* cabalmente uma necessidade; *fartar* é *satisfazer* a excessivamente. Quem está *saciado* não deseja mais; quem está *farto* sente-se incomodado. *Sacia* a sede quem bebe até apaga-la; *farta-se* de água quem tem sede febril. — O sabio não se *sacia* de aprender: ficamos *fartos* de ouvir um maçador.

Satisfazer exprime o menor grau de *saciar*. Quem *satisfaz* a fome, come o suficiente para a não sentir, mas fica aquém de se *saciar*.

Sacrificio, holocausto. — Deu-se o nome de *holocausto* ao *sacrificio* em que os Hebreus consumiam inteiramente a vítima no fogo. De ahí vem que o vocabulo *holocausto* encareça no sentido figurado sobre *sacrificio*, e designe o *sacrificio* completo de uma pessoa por outra ou por alguma causa, particularmente por uma idéa ou principio.

Outra diferença entre estes vocabulos é que *holocausto* designa particularmente a pessoa ou cousa que se sacrifica, ao passo que *sacrificio* apenas se diz do mero acto.

Quem se oferece em holocausto faz o sacrificio da propria vida.

Sacro, sagrado, santo. — *Sacro* é o mesmo que *sagrado*, mas não se applica senão ao que pertence á religião. Diz-se uma *divida sagrada*, não porém uma *divida sacra*.

Sagrado difere de *santo*, em *sagrado* se diz de aquillo que uma corimonia qualquer consagrou á divindade ou aos santos, tornando-o assim inviolável; e *santo* de aquillo que pelas suas qualidades, ou por sua propria natureza, é de Deus ou lhe pertence.

Safra, bigorna. — Designa-se com estes vocabulos aquella meseta de ferro em que os artifices batem os metaes; diferem entre si em a *safra* ter só um lado terminando em bico, ao passo que a *bigorna* tem dois.

Sagrar, consagrar, benzer. — Concordam estes verbos na idéa que lhes é comúm de expressar o carácter sagrado ou religioso que se confere a alguem ou a alguma cousa para nelevar acima dos homons e tornar a inviolável.

Sagrar exprime esta idéa absolutamente e no seu sentido mais elevado: o que se *sagrou* pertence a Deus, participa do carácter divino pela inviolabilidade que adquiriu pela *sagração*. *Os reis eram sagrados pelos prelados, em primeiro logar para que elles reconhecessem que dependiam de quem lhes administrava a sagração, e em segundo logar para que o povo lhes reconhecesse certas attributos divinos.*

Consagrar, no seu sentido mais lato, diz menos que *sagrar*, pois melhor se refere ao fim para que se destina o que se *consagra* quo ao carácter que a *consagração* imprime. Um templo é *consagrado* a tal santo, a tal virgem, a tal divindade. Nos usos da vida *consagramos* a determinado fim alguma cousa que reputamos valiosa. Todos devemos *consagrar* duas horas diarias do nosso tempo ao passeio ou a qualquer outro exercicio corporal. — No culto católico, o sacerdote *consagra* a *hostia*, isto é: destina-a a ser consumida na missa.

Benzer (1) diz muito menos que os verbos que acabmos de considerar, pois apenas indica que o que se *benze* fica por assim dizer exento dos ataques do demonio, exenção que é communicável a quem se valha do que é *benzido* ou *bento*.

Sahida, sortida. — *Sortida* apenas se pode dizer da *saida* que fazem os sitiados para hostilizar os sitiadores. *Saida* não se pode applicar a este acto.

(1) Veja o artigo **Abençoar**.

Salho, sabôr.— O vocábulo *saibo*, se não pertence à linguagem culta, não pode comtudo ser classificado como termo popular, como pretendo o sr. Cândido de Figueiredo, nem confundir-se com *sabor*, como o ensina o mesmo dicionarista.

O *sabor* é natural; o *saibo* é comunicado. Um vinho tem bom ou mau *sabor* segundo a espécie de uva de que é feito e os processos empregados no seu fabrico. So um vinho fôr metido dentro de uma pipa em más condições ficará com o *saibo* que a madeira lhe communica.

Salamaleque, rapapé.— Estas palavras dizem-se familiar e indiforentemente para criticar as satisfações satisfeitas e exageradas; cada uma tem porém a sua significação particular.

Salamaleque é uma saudação profunda como a que fazem os Árabes às pessoas constituídas em autoridade; *rapapé* é o ridiculo acto de afastar um pé para trás quando se cumprimenta alguma pessoa.

Salubre, salutar, sadio, são, hygiénico.— *Hygiénico* diz-se do que proporciona a conservação da saúde; *sadio* do que a não altera, e tambem de quem ou do que a não tem alterada. *O ar puro é sadio*; *procurar-o é hygiénico*.

São diz-se do que não encontre em si nenhum principio mórbido; do que é bom para a saúde; o, em sentido negativo, do que a pode alterar. Figuradamente, diz-se do que exerce ou pode exercer uma boa influencia, o, sobretudo, do que é incapaz de a exercer má: os *sãos* principios da moral.

São, como *sadio*, designa uma qualidade intrinseca do sujeito; *hygiénico* é referente ao effeito que o sujeito produz.

Salubre aproxima-se da significação do vocábulo *são* pelo carácter de permanencia da qualidade no snieto; mas difere de elle em ter uma significação absolutamente activa. O que é *salubre* proporciona saúde, contribue a consorvial-a o desenvolve-a; não se limita a não prejudicar-a. *Convenem que os convalescentes procurem um clima salubre* que lhes ajude a recuperar a saúde.

Salutar tem como *salubre* uma significação essencialmente activa, mas difere do este vocábulo em a influencia designada pela palavra *salutar* se manifestar apenas em determinada circumstancia, ou não se poder exercer senão em determinados casos. Um castigo *salutar* em determinada occasião não o seria em todas as outras. — *Salutar* applica-se melhor ao que é moral. o *salubre* exclusivamente ao físico.

Salubridade, hygiène.— A *salubridade* é uma qualidade intrinseca; a *hygiène* é o conjunto dos meios que se empregam para a *salubridade* não ser alterada.

A *salubridade* pública depende das medidas *hygiénicas* que cada um deve adoptar.

Salvar, preservar, livrar.— Por ao abrigo de um perigo, mal ou ataque, é a idéa comum aos verbos de este grupo.

Livrar é relativo á actualidade e diz-se da protecção que se dispensa contra um mal presente, ou que é susceptivel de sobrevir a cada instante. Nota-se neste verbo a idéa de força e de efficacia na pessoa ou cousa que faz a acção.

Preservar é relativo ao futuro; diz-se dos meios ou precauções que se tomam para afastar de nós um mal possível e até provável, ou para que elle não nos possa atingir. Revolu esta palavra a idéa de perspicacia e prudencia na pessoa, e a de efficacia na cousa que preserva.

Nota-se que *livrar* e *preservar* podem frequentemente dizer-se sem distincção: *A rapina livra ou preserva da variola*.

Salvar é tirar do perigo a quem ou o que já está nelle: *salvar os naufragos*.

Salvo, excepto, á excepção de, afora, menos.— Estas preposições empregam-se indistintamente umas pelas outras; não obstante, podemos notar entre ellas varias gradações de excepção.

Salvo designa o que exceptua de um mal: *perdeu tudo, salvo a honra*.

Excepto indica excepção a uma lei geral. a uma regra constante ou habitual: *quando a patria estiver em perigo, todos devem ser soldados, excepto os velhos e os impossibilitados*.

A *excepção* de designa excepção á lei ou regra geral, resultante porém do um acto voluntario: *o rei perdoou a todos os rebeldes, á excepção do chefe*.

Afora designa excepção feita a uma collectividade: *afora as nações protestantes, a decadencia é geral na Europa*.

Menos é a preposição mais usual e a que melhor se presta a ser empregada em todos os casos.

Sama, caruma.— *Caruma* é a folha ou aguiha do pinheiro: *apanhar caruma*; *caruma verde, secca, etc.*

Sama só se diz da caruma desprendida da árvore ou da rainha.

Sanatorio, casa de saúde.— O vocábulo *sanatorio* é um neologismo adoptado para designar certas casas de saúde estabelecidas nas elevadas altitudes e exclusivamente destinadas aos tuberculosos. *O sanatorio da Serra da Estrela*.

Casa de saúde é expressão genérica com que se designam os estabelecimentos em que se admitem quaesquer doentes pagantes. O autor de este livro nunca o usará os

desvelos que para com elle tiveram na casa de saúde do dr. Ferreira, do Porto.

Sangrento, sanguinolento, sangunário, ensanguentado; cruento.—*Sangrento*, que verte sangue, ou produz o seu derramamento.

Sanguinolento, tinto de sangue: *escarro sanguinolento*.—Também se diz do que é do molde a derramar sangue: *combate sanguinolento*.

Sanguinario, que se apraz em derramar sangue: *rei sanguinario*.

Ensanguentado; coberto de sangue: *mãos ensanguentadas*.

Cruento, em que se derrama sangue: *sacrifício cruento*.—Também se diz por *sanguinario*, onerecendo porém a significação de este vocábulo com a idéa accessória de uma crueldade implacável ou fria.

Sangue, raça, família, casa, linhagem, descendência.—*Raça* é o termo mais usual para exprimir as qualidades moraes do individuo comparadas com as dos seus ascendentes, particularmente quando as qualidades que se consideram são más.—Noutro lugar já falámos de este vocábulo com relação à classe ou especie a que se pertence pela variedade da especie, como quando se diz a *raça branca*, a *raça amarela*, etc.

Sangue tem muita analogia com *raça*, mas adequa-se melhor para determinar as boas qualidades, e também a origem. Ademais, *raça* pertence neste sentido ao estilo familiar, e *sangue* ao elevado. Não obstante também se diz: *raça de heróis*; *sem de sangue plebeu*.

Família diz-se da *raça* considerada em quanto aos membros que a compõem, ao seu lugar na sociedade, e também ás suas qualidades moraes.

Casa considera-se como *família* em relação aos membros que a formam, mas geralmente só se diz das *famílias* illustres.

Linhagem e *descendência* designam os descendentes; *linhagem* com relação ao tronco, *descendência* com relação ao progenitor ou ao número: *A linhagem de Abraham foram Isaac e Jacob; este último teve numerosa descendência*.

Sânite, pús, matéria.—*Sânite* é o pús soroso que se forma nas úlceras e que de ellas escorre.

Pús é o humor mórbido que se forma nos abscessos.

Materia é a denominação vulgar do *pús*.

Sanar, sanar, curar.—*Sanar* e *sanar* são as duas formas de uma mesma palavra: *sanar* é a forma correcta; *sanar* é uma sua corrupção, que, como geralmente succede com todas as corrupções, e aseguiu tornar-se mais usual.

Sanar é recuperar o estado sã. *Curar* é livrar de uma doença empregando os meios necessários para *sanar*.

Satisfação, reparação.—Com relação a ofensas pessoais, a *satisfação* consiste em o ofensor, depois de ter feito tragar a pilula no ofendido, lh'a dourar de qualquer modo para esto julgar que enquitou um rebuçado.

A *reparação* é um acto mais formal, pois consiste em o ofensor sanar o mal que fez, seja retractando-se, seja penitenciando-se de qualquer outro modo que o ofendido lhe imponha.

A *satisfação* geralmente é particular; a *reparação* assume sempre um certo carácter de publicidade.

Satisfazer, contentar.—*Contentar* exprime mayor grau de prazer que *satisfazer*. *Satisfaz*, quem não dá motivos para queixa; *contenta*, quem *satisfaz* cabalmente, quem causa contentamento. Uma lição que mereça nota de «suficiente» *satisfaz* o professor; a que mereça a nota de «bom» *contenta* o.

Saturar, impregnar.—No sentido figurado estes verbos empregam-se indistintamente; no sentido proprio há que distinguir entre elles.

Saturar só se diz dos fluidos; *impregnar*, do sólidos. *Saturar* um liquido de uma substancia, é deitar nesse liquido quanto elle pode dissolver de essa substancia. *Impregnar* é fazer penetrar numa substancia muita quantidade de outra: *Impregnar a cabeleira com perfume*.

Saturnal, orgia, bacchanal.—Estes vocábulos devem discriminar-se.

A *saturnal* prima pela promiscuidade das classes sociaes, e pela licença e devassidão, a que todos se entregam, não subindo as classes inferiores até ás superiores, só não nivelando-se estas com aquellas.

Na *orgia* predomina a licença após o furo de um festim. Geralmente a *orgia* é o oitavo moménto da dignidade pessoal.

Na *bacanal* predomina a licença crapuliosa.

Selsma, heresia.—Concordam estas palavras na idéa que lhes é común de divisão ou separação religiosa; differem porém consideravelmente entre si. O *cisma* é geralmente motivado por divergencias na disciplina, e sempre consiste em os cismáticos delxarem do reconhecer como chefe aquelle que tem a chefia da religião.

A *heresia* é relativa a divergencias em pontos de doutrina ou de fé, o implica desde logo a exclusão do seio da religião.

Secular, leigo, leical, civil. — *Secular*, em contraposição a «regente», diz-se dos clérigos que não pertencem a nenhuma ordem religiosa. — Noutra acepção, *secular* diz-se, como *leigo*, de aquelle que não recebeu nenhuma ordem sacra. *Leigo* designa também, nos conventos, o servicial que não tem ordens sacras.

Laical diz-se em opposição a «eclesiástico» e a «clerical», e apenas difere de *civil* — que também se diz em opposição a «militar» — quando convem determinar a exclusão absoluta do elemento religioso de aquillo que assim se qualifica.

Secundar, ajudar. — A idéa comum a estes dois verbos é a de uma pessoa unir os seus esforços aos esforços de outra para lhe fazer obter o que deseja ou conseguir um fim.

Secundar acrescenta a idéa de esforços comuns a de algum projecto ou segunda intenção que a pessoa que *secunda* tem em vista simultaneamente com a pessoa que é *secundada*; ao passo que *ajudar* se diz de um esforço que se junta a outro só com o fim de tornar este eficaz.

Temos a obrigação moral de ajudar, aquelle que verga sob um peso. Devemos secundar os nossos socios.

Sedicioso, amotinado, tumultuoso, turbulento. — *Sedicioso* e *amotinado* dizem-se exclusivamente com relação aos que pretendem alterar a ordem existente, as instituições, a lei, os regulamentos. *Tumultuoso* e *turbulento* têm outras relações, sendo uma das principaes a idéa de falta de tranquillidade.

Tumultuoso é relativo ao proprio facto ou acto de movimento desordenado e irregular. Diz-se das pessoas e das cousas que não estão tranquillas e pacificas; das que se entregam ao ruido e á desordem; e também das pessoas que se misturam com as que estão agitadas. *Um rebulhão tumultuoso* está agitado; é ruidoso; inclina para a desordem; e incita-a; ha nella gritos, confusão, vias de facto — talvez.

Turbulento não é relativo ao facto, mas sim á natureza ou carácter de quem ou do que tem propensão para armar tumultos. *Um homem turbulento* é irregular de si, não se apraz na tranquillidade, antes pelo contrario procura a desordem e está sempre pronto a perturbar a paz. *Os espiritos turbulentos* procuram todas as occasiões de armar tumulto, barulho, confusão.

Sedicioso apenas se diz por *turbulento* ou *tumultuoso* em materia de politica; o vocabulo não determina porém se o *sedicioso* o é habitual ou casualmente, se o é sempre ou só em determinada circumstancia. *Um rebelde turbulento e desordeira, é sedicioso*, porque sempre é oposta a toda a autoridade. *Uma multidão tumultuosa é se-*

diciosa quando, passando da intenção ao facto, se revolta contra o poder. Os discursos sediciosos são sempre pronunciados por quem não tem nenhuma orientação politica, por aquelles que nada têm que perder, ou por os que só podem lucrar com perdas alheias.

Amotinado diz-se do estado anormal de quem sae da tranquillidade habitual para entrar na efervescencia que pode levar á sedição. *Uma boa carga de cavalaria é quanto basta para fazer entrar na ordem os amotinados.*

Sedução, tentação. — *Sedução* é palavra subjectiva; *tentação*, objectiva; isto é: a *sedução* provém das nossas paixões, revela-se espontaneamente e incita-nos a querer; a *tentação* vem de fora, é exercida sobre nós pela influencia do objecto, influencia a que nos submettemos se somos mais fracos que ella, ou que podemos dominar no caso contrario.

Segar, ceifar. — Estes verbos são sinónimos perfectos, assim como os seus derivados. *Segar* é termo que nos vem do latim; *ceifar* vem do árabe; ambos designam o acto de cortar a messe. Não obstante convém notar que não se pode *ceifar* sem qualquer instrumento cortante, ao passo que não é erro dizer: *segara uma pouca de herva á mão.*

Sêge, carruagem, trem, côche, vehiculo, viatura. — *Vehiculo* é termo genérico com que se designa qualquer especie de carro que serve para trasporte de pessoas ou cousas por terra: o *vehiculo* mais usado na Russia, durante o inverno, é o *trenó*. A idéa de «transporte» é a única que este vocabulo sugere.

Viatura, termo pouco usado fora da linguaagem militar, por ser o adequado para designar quanto serve para transportar artilharia rodada e seus pertences, é, segundo a etimologia, o mesmo que *vehiculo*.

Sêge é o nome das carruagens antigas; designou particularmente uma especie de traquitana que tinha só duas rodas; depois generalizou-se a toda a especie de carro coberto dos que hoje se designam com o nome de *carruagem*. Apesar de caido em desuso, o termo *sêge* permaece ainda no seu derivado *sêgeiro*, fabricante de *carruagens*.

Carruagem diz-se de todos os carros mais ou menos cômodos que têm assentos para uso de quem nelles se transporta. A *carruagem* moderna, cômoda e luxuosa é geralmente chamada *trem*.

Côche diz-se das *carruagens* graades, particularmente das antigas, que serviam para ostentação. *Os antigos côches da casa real estão expostos na calçada da Ajuda.*

Segredo, arcano, mysterio. — *Segredo* é quanto se oculta e reserva cui-

dadosamente: o **segredo** é a alma do negocio.

Arcano é um **segredo** recôndito e que todos ignoram: *as vias da Providencia são arcanos que confundem a razão.*

Misterio é o que não se entende nem se explica, por sair das regras comuns em identidade de casos: *os meios de que certa gente se vale para, não tendo nada, viver na abundância, é um misterio para todos.* Damos o nome de **misterio** aos actos de um homem quando elles estão em contradicção com os seus interesses e com o seu carácter.

Segregação, secreção.—Confundem-se geralmente estes substantivos, por em ambos haver a idéa comum de separação ou expulsão; mas na **secreção** a expulsão opora-se naturalmente, ao passo que a **segregação** é artificial ou provocada.

Por isso mesmo convém não confundir os verbos **segregar** e **secretar**, confusão tanto mais fácil de dar-se quanto que a mayor parte dos dicionários nem sequer mencionam este último vocábulo.

Seguida.—As locuções de **seguida** e **em seguida** têm diferente aplicação.

De seguida, além da equivalencia que tem com « sem descontinuar », quer também dizer: immediatamente, já, sem demora, com relação ao momento actual ou ao facto de que se fala.

Em seguida quer dizer depois, após outro facto precedente.

Seguidor, sectario.—Com estas duas palavras se designa aquelles que seguem certas doutrinas ou chefes de doutrinas.

Seguidor nunca se pode tomar em sentido absoluto, isto é, sem que se determine o nome de aquelle que fundou a seita, ou o nome da sua doutrina; ao passo que **sectario** é frequentemente empregado em sentido absoluto e como sinónimo de bereje ou partidário. *Os seguidores do Cordeiro; os seguidores de Ario. A inquisição perseguia a quantos julgava sectarios.*

Ademais, **seguidor** pode empregar-se a boa e a má parte; **sectario** sempre desperta a idéa de erro ou de maldade: *os seguidores de Aristóteles; os seguidores da moral; os seguidores (ou os sectarios) do erro.*

Seguir, escollar, acompanhar.—*Acompanha-se* alguma pessoa para lhe tributar respeito, para a proteger, para a vigiar, e também por amizade, ou pelo meu gosto que temos na sua companhia, com a sua conversação, etc.

Escolla-se para proteger ou vigiar, não para outro fim.

Seguir é ir na retaguarda de outrem; não a par, nem adiante.

Pode ir-se *acompanhado* ou *seguido* de uma só ou de varias pessoas; mas só se *vae escollado* por duas ou mais.

Segundo, secundario.—O **segundo** é o que vem immediatamente após o primeiro; o **secundario** é o que tem menos importância que o principal. *Pode-se ser o segundo no mando, em dignidade, etc.*—*Ha agentes secundarios, considerações secundarias.*

O **segundo** em autoridade pode muito bem não ser **secundario** em mérito.

Seio, peito.—Em grande número de casos não ha inconveniente em empregar indistintamente estes vocábulos; não obstante convém ter presente que **peito** se diz com propriedade do interior e do exterior da parte do corpo assim chamado: *dôr de peito; peito veloso*; ao passo que **seio** só figuradamente se diz da parte interna do **peito**. *Seio de neve; guardar um bithete no seio*; *esse segredo não me sairá do seio*.—Note-se também que **seio** se diz raras vezes ao falar do homem.

Seita, religião.—*Seita*, propriamente, é um substantivo colectivo que designa o conjunto de pessoas que seguem uma doutrina religiosa ou filosófica; não obstante, o uso mais corrente designa com esta palavra a propria doutrina ou opinião, e esta divergencia de significação vem de uns derivarem a palavra latina *secta* de *sequor*, seguir, e outros de *secare*, separar.

Considerando pois o vocábulo na accepção que lhe é mais usual, *seita* designa a má parte uma *religião* que se separa de outra, por divergir de ella num ou em varios pontos do dogma.

Os católicos chamam ao protestantismo a seita protestante; os protestantes chamam ao catholicismo a seita papista.

Semanal, hebdomadario.—Concordam estes adjéctivos em qualificar o que se faz uma vez cada semana, com esta differença porém:

Semanal diz-se do que se faz uma vez cada semana, sem indicar quantos dias mediam entre o acto de uma semana e o acto da semana mais próxima.

Hebdomadario diz claramente que o acto se realisa cada semana em dia determinado.

O inspector que tem de fazer uma visita **semanal** a um estabelecimento, pode fazê-la em dias determinados ou não, com tal que não passe semana nenhuma em claro. Se tiver de fazer uma visita **hebdomadaria**, effectua-a de sete em sete dias.

Semear, propalar. — *Propalar* é tornar pública alguma notícia, verdadeira ou falsa, repetindo-a frequentemente a diversas pessoas e em diversos lugares.

Semear encerra a idéa de referir a alguma pessoa, que se sabe ser indiscreta, a notícia que se tem interesse em tornar notória, sem pôr em *propalar* pessoalmente.

Semear, sementar. — Ao verbo *semear* pode dar-se por complemento directo ou o nome da semente que se deita na terra ou o nome do lugar em que se *semeia*; **semeiar trigo**; **semeiar um campo**. Ao verbo *sementar* — muito menos usado que o precedente — só se pode dar por complemento directo o nome que designa o lugar onde se *semeia*: **sementar um campo**.

Outra differença a notar entre os dois vocabulismos é a do verbo *sementar* só se applicar a terrenos vastos. *Se os grandes proprietários sementassem a totalidade das suas terras ajudariam a debelar a crise económica.*

Semente; gérme. — *Gérme* é o principio, a causa, a origem do que vem ou pode vir alguma coisa. *Semente* é a causa de que devem resultar efeitos. — O *gérme* considera-se como existente na pessoa ou coisa em que se produzirá o efeito. A *semente* é considerada como trazida do exterior para a pessoa ou coisa em que ella está. *Numa creação podem existir gérmenes do vício; mas a má educação proporcionar-lhe-á a semente do vício.*

Os resultados da *semente* são mais certos, e sobretudo mais próximos, que os do *gérme*, pois este pode não ser fecundado, e por consequência não produzir, ou só produzir mais tarde, quando o fecundárem; ao passo que a *semente* fructifica o não tarda em dar resultados, maiores ou menores, segundo o terreno em que ella fór semeada.

Servir para, servir de. — Diz Roquette comparando estas expressões:

« *Servir para* representa o uso a que se « destina, ou em que se emprega uma co-
« sa. — *A pena serve para* escrever, os
« olhos *servem para* ver.

« *Servir de* representa a equivalência de
« uma coisa a respeito do outra, em cujo
« lugar se emprega, como se se dissesse:
« em lugar, ou em vez de. — *O chão lhe ser-
« virá de cama, o tambor lhe serve de
« mesa*; isto é, em lugar do cama, em lugar
« de mesa ».

Sigillo, segredo. — *Segredo* diz-se tanto do acto de não revelar, como da própria coisa que não deve ser revelada.

Sigillo é a obrigação que se impõe ou a que se compromete a própria pessoa que não deve revelar o *segredo*.

Silvo, assobio, sibilo. — Só a bôca pode produzir o *assobio*. Quando o *assobio* é forte e agudo é *silvo*; mas o *silvo* pode também ser produzido por qualquer outra coisa que não seja a bôca, por exemplo, pelo apito das caldeiras das máquinas.

Sibilo diz-se dos sons agudos, como os que são produzidos pelos projecteis que atravessam o espaço, ou pelos que o vento produz nas enxarcias; também se diz dos *silvos* prolongados.

Similar, semelhante. — *Semelhan- te* diz-se em relação á forma; *similar*, relativamente á natureza. Duas barras de ouro podem não ser *semelhantes*, mas sempre são *similares*.

A mesma differença existe entre as palavras *similaridade* e *semelhança*.

Simplex, mero. — Confundem-se geralmente estes adjetivos, como por exemplo nas frases: *por simplex brincadeira*; *por mero brincadeira*; é uma *simplex* formalidade, é uma *mera* formalidade.

Porém *mero* distingue-se de *simplex* em aquelle afirmar não haver segunda intenção nem nenhuma cavillação na idéa que representa o substantivo por elle qualificado.

Ao dizer a alguém que o requisito que se lhe exige é uma *mera formalidade*, assegura-se-lhe que de ahí não lhe advirá o menor compromisso. A mesma idéa se exprimiria dizendo *simplex formalidade*, mas a afirmação seria mais vaga, menos formal.

Simplex, natural. — *Natural* diz-se do que é conforme á natureza; de aquillo em que não há affectação nem fingimento.

Simplex diz-se do que não tem adornos nem coisa alguma que se assemelhe a arte ou artificio.

O que é *natural* revela-se tal qual é; do mesmo modo o que é *simplex*; mas se este não engana, pode talvez não agradar.

Simplicidade, simpleza. — Roquette compara muito acertadamente estas palavras:

« *Simplicidade* — diz — é a qualidade de
« ser *simplex*, tanto no sentido físico como
« no moral. *Simpleza* só se diz do homem
« no sentido moral. — *Simplicidade* toma-se
« sempre em boa parte, como negação de
« dobrez, de refolho; *simpleza* parece refe-
« rir-se ao adjetivo *simplex* na acção de
« nescio, do pouco ingenuo, pelo que muito
« se parece com ignorância ou paryoíce. A
« *simpleza* de Sancho II, de que faiz o cro-
« nista, era certamente de esta especie, e
« mui diferente da *simplicidade*, que ox-
« ciuindo a dobrez, o dolo, a astucia, o re-
« folho, sabe unir-se com a discrição e o
« juizo.

« A *simpleza* — no nosso entender — é sin-

« geia, mas toia; a *simplicidade* é singeia, « mas avisada ».

Simulacro, Imagem. — O vocábulo *simulacro* afirma a falta de realidade ou de verdade, e por isso não se pode confundir com *imagem*, palavra que afirma a representação como real e verdadeira.

O *simulacro* dos falsos deuses A *Imagem* do Crucificado.

Sincero, verídico. — Qualificam estes adjetivos não só os discursos de quem fala verdade, mas também as próprias pessoas que têm o hábito de ser verdadeiras.

Verídico é relativo aos factos, ao que é externo; *sincero*, aos sentimentos, às idéas, ao interno. Um homem *verídico* não mento quando fala do que viu ou do que sabe. Um homem *sincero* só diz o que pensa o tal qual o sente. Faz-se uma narração *verídica* ao contar exactamente o que se viu, ou o que nos foi dito por testemunhas *verídicas*. Faz-se uma exposição *sincera* quando nada dissimulamos nem exageramos do que sentimos. Um *historiador* deve ser *verídico*; um *amigo* deve ser *sincero*.

Singelo, shaples. — Qualificamos com estes adjetivos aquellas cousas em que não ha mixtura nem composição; mas *singelo* não só exprime essa qualidade, do mesmo modo que *simplex*, senão que lhe acrescenta a idéa accessoria do tontidade, de pouca quantidade, tornando-se como quem diminutivo de outro adjetivo. — Em quanto ao sentido moral de estas palavras, já o estabelecemos no artigo *Cândido*, na página 192.

Singular, único, só. — Lacerda compara assim estes vocábulos:

« *Único* é aquelle ou aquillo de cuja especie não ha outro. É, ou está *só*, o objecto que não se acha acompanhado de outros.

« *Singular* é o que representa um objecto *único* o *só*, sem relação a nenhum outro individuo. — O que é *único* não tem segundo; o que é *só* não tem companheiro; o que é *singular* distingue-se dos outros, e entre elles, por alguma qualidade que não é comum a todos ».

Roquette explica-se melhor a respeito de *singular*. Diz elle:

« Uma cousa é *única* quando não ha outra da sua mesma especie. Um objecto é *só* quando não está acompanhado de outros. O que é *singular* representa o individuo de uma especie como *único* e *só*, sem relação aos demais individuos. — Um filho de familia que não tem irmãos nem irmãs é *único*. Um homem abandonado de todos, e retirado do trato do mundo, é ou está *só*. A fénix, se existisse, seria *singular* entre as aves ».

De *só* e *único* pode dizer-se algo mais do que disseram os nossos sinonimistas.

Só e *único* ora se pospõem ora se antepõem ao substantivo.

Pospostos, *só* indica carência ou falta de companhia: *casa de homem só*; *único* exprime singularidade, raridade: *exemplar único*. — Antepostos, *só* indica unidade, sem porém excluir a idéa de outros; *único* afirma a não existência de outro ou outros; quando dizemos que *ha um só Deus* tomamos precisamente a intenção de afiruar o erro em que laboram os que creem em mais de um Deus; ao dizer que *ha um único Deus* nossa tenção é a de afirmar a sua unidade. — Em determinadas circumstancias *tem-se uma só táboa de salvação* quando não ha a mão outra de que valer-se; o *tem-se uma única táboa de salvação* quando não ha outro meio possível para obter o que se quer.

Sinuosidade, volta. — Concordam estes vocábulos em designarem inthuetamente o que não está em linha recta; distinguem-se porém em *sinuosidade* ser vocábulo unicamente relativo á forma, e *volta* não só á forma, mas também ao movimento a que obriga o desvio da linha recta.

Sinuoso, tortuoso. — A única diferença que nos parece existir entre estes vocábulos consiste em *sinuoso* se referir á forma, e *tortuoso* indicar um defeito.

Siso, juízo. — *Siso* não pode como *juízo* caber em todos os estilos, e muito menos na poesia; ademais, *siso* melhor se emprega para designar a seriedade e prudência que a propria faculdade do *juízo*.

Soberano, absoluto. — Qualificam estes adjetivos a autoridade ou poder que exige completa submissão; distinguem-se porém entre si, por *soberano* ser relativo ao grau de poder ou autoridade, e *absoluto* á natureza de ossas prerogativas. O *poder soberano* está acima de todos os outros poderes, mas deve-os respeitar; o *poder absoluto* está acima de todos e de tudo, e não reconhece poder que o modere. Nas repúblicas, o *poder soberano* reside no povo; na monarchia constitucional, reside no monarca. Nas monarchias absolutas o *poder absoluto* reside no chefe do Estado.

Soberano, monarchia. — *Monarcha* e *soberano* dizem-se de qualquer chefe de um Estado não republicano; porém *soberano* melhor se adapta aos chefes das monarchias puras, isto é, absolutas.

Soberano, supremo. — Estes adjetivos servem para sugerir a idéa de superioridade elevada ao seu mais alto grau.

Supremo é particularmente relativo á je-

rarquia, á elevação; o que é *supremo* está acima de tudo e de todos; a *autoridade suprema* é superior a qualquer outra autoridade ou poder, e não depende de ninguém nem de nada.

Soberano é relativo ao poder ou força da pessoa ou coisa assim qualificada; o que é *soberano* é o que ha de mais forte ou essencialmente forte; a *autoridade soberana* é a que tem todos os direlitos: impõe-se, e pode impôr-se a todos.

Um monarca tem o poder *supremo* porque occupa o lugar mais elevado, e porque de elle dependem todos os poderes; tem o poder *soberano* porque lhe está confiada a autoridade de se impôr a todos os poderes.

Falando das cousas, subsiste a mesma gradação. Um *remedio soberano* é o que tem força e efficacia para debelar o mal; um *remedio supremo* é o último a que se pode recorrer, aquelle que, se não produzir effeito, não deixa margem a nenhuma esperança.

Soberba, orgulho, sobrançaria.—*Soberba* é o *orgulho* immoderado. O *orgulho* funda-se na apreciação mais ou menos exacta dos proprios méritos: a *soberba* acrescenta a essa idéa a de fausto e magnificencia. O *orgulho* é louvável quando é bem fundado. A *soberba* é sempre irritante porque só a têm os que se julgam grandes personagens, desvanecidos de si proprias, e que pretendem deslumbrar os demais com a ostentação da sua pompa.

A *sobrançaria* é o *orgulho* considerado mais nas suas manifestações do que em si proprio; consiste no aspecto imponente e insolentemente solenne que se toma nte outrem para se lhe impôr ao respeito ou inspirar-lhe temor. A *sobrançaria* é propria dos que, partindo do nada, chegaram, como Saúl, a elevadas posições; não ha saúl (!) que não seja *sobrançeiro*.

Sobre, depois de.—*Depois de* indica simplesmente uma relação de tempo ou de lugar; *sobre*, além de essa relação, sugere a idéa do que se junta á cousa precedente; *depois de jantar toma-se café*, e alguns *sobre* o café tomam licôr.

Sobrecarregado, acabrunhado.—*Acabrunhado* encarece sobre a significação de *sobrecarregado*; quem, por exemplo, está *sobrecarregado* de dividas tem mais dividas do que razoavelmente devera ter em proporção com a sua fortuna; quem está *acabrunhado* de dividas, achar-se-á nrruinado se as pagar.

Sociável, social.—Lacerda, comparando estes adjetivos, diz o seguinte:

Veja-se a nota da página 80.

« A terminação *avel* designa disposição, « força, propensão, potencia, capacidade, e « propriedade natural de possoa ou cousa: « a terminação *al* designa união, dependen- « cia, accessorio, effeito, ou circumstancia de « alguma cousa. Amável, respeitável, expri- « me a idéa do que possui a potencia, a pro- « priiedade, a disposição de se fazer amar, « respeitar, etc. Natural, casual, moral, de- « nota o que pertence á natureza de algu- « ma cousa, o que parece effeito do acaso, o « que diz respeito ou depende dos costumes « de alguem. Portanto *sociável* significa o « que é propenso á sociedade; o que tem « virtude, capacidade de viver nella, etc. « *Social* denota o que pertence ou de qual- « quer modo diz respeito á sociedade; o que « é accessorio ou circumstancia do estado da « sociedade. Todas as disposições físicas e « moraes do homem mostram que a nature- « za o criou para o estado de sociedade, do « modo que lhe seria impossivel viver nem « conservar-se fóra de elle; e por conse- « guinte o homem não pode deixar de con- « siderar-se como essencialmente *sociável*. « Como o homem não pode conceber-se no « estado de sociedade sem certas relações « com os seus semelhantes, e sem certos « deveres são *sociaes*. Emfim *sociável* não se « diz senão do homem; e *social* diz-se das « diferentes relações que se estabelecem « entre os homens em consequência do es- « tado de sociedade ».

Roquete, a este respeito, disse o seguin- te:

« A differença entre *sociável* e *social* pro- « vem da terminação de cada um de estes « vocábulos. A terminação *avel* denota dis- « posição, força, propensão; a terminação « *al* exprime meramente união, ligação, ou « dependencia, accessorio, etc. Assim que, « *sociável* quer dizer inclinado, propenso á « sociedade; e *social*, o que efectivamente « pertence á sociedade, de ella faz parte, a « ella se refere.—*Sociável* só se diz do ho- « mem; *social*, diz-se das relações e deve- « res que resultam aos homens em conse- « quência de sua *sociabilidade* e do estado « de sociedade ».

Soldado, militar.—Todo homem que faz parte de um exército regular é *militar*. O *militar* que não tem gradação na milicia é chamado *soldado*, em contraposição a official.

Soldado, porém, diz-se tambem de qual- quer *militar* com relação aos serviços que presta na guerra, ao modo como defende a patria pelo *soldo* que os cidadãos lhe pagam para os defender e proteger.

Soledade, solidão.—A *solidão* pode ter encantos, ser agradável; a *soledade* é sempre dolorosa, triste, pesada. Ademais a palavra *solidão* nem sempre tem sentido

absoluto, pois na *solidão* podemos estar com nossa família e nossos servos. Na *soledade* a *solidão* é absoluta ou quasi absoluta.

Solercia, manha. — Estes vocábulos não se devem confundir, pois *manha* pode empregar-se no sentido de astúcia dolosa, de volúncaria, ao passo que *solercia* só se diz da astúcia lúdica, da habilidade com que se faz o que é difícil.

Solicitude, desvelo, cuidado. — *Cuidado* é a atenção que se emprega ao fazer alguma coisa, ou aquella que se dedica ao que se quer guardar ou conservar; é vocábulo objectivo, pois se refere sempre ao objecto em que se emprega.

Desvelo o *solicitude* são vocábulos subjectivos; revelam o estado do espirito que se sente compelido a ter *cuidado* do que lhe chama a atenção.

Desvelo diz-se com relação ao trabalho ou preocupação de quem o manifesta; *solicitude* ao bem que resulta para a pessoa ou coisa em que ella é empregada. Quem trata um doente com *desvelo* não o abandona nem um instante, passa noites em claro, e muitas vezes o doente recupera a saúde graças à *solicitude* com que o cuidaram.

Solidariedade, responsabilidade. — A *responsabilidade* pesa sobre o individuo que se tornou responsável de actos proprios ou alheios; a *solidariedade* — ou, como devera dizer-se, a *solidaridade* — é uma mútua *responsabilidade* em que todos os individuos se tornam responsáveis dos actos de cada um, ou uma combinação em que cada individuo considera como feito a si proprio o que se fez a cada um dos outros.

Sollo, thrôno. — *Thrôno* é o assento de cerimonia dos monarchas e do papa.

Sollo é o *thrôno* considerado como único fogar conveniente à dignidade da pessoa que nella toma assento.

Adoma-se considera-se que ao *sollo* ha mayor magnificência que ao *thrôno*.

Sopapo, sóco, murro. — *Sôco* é o golpe dado em qualquer parte do corpo com a mão fechada; *sopapo* é o *sôco* dado debaixo da barba.

Murro, palavra que vem do castelhano, *morro*, que designa qualquer coisa redonda e semelhante à cabeça, diz-se de um golpe dado com qualquer parte redonda do corpo, como o punho, a cabeça, o joelho, etc.

Soporifico, soporifero, soporativo, soporoso. — Derivam-se estes adjectivos da palavra latina *sopor*, somno, o com elles se qualificam as cousas que têm a propriedade do fazer dormir:

Soporifico diz-se com relação ao estado do somno produzido pela coisa que assim se qualifica; dizer que uma substancia é *soporifica*, é declarar que ella faz dormir, que causa realmente somno.

Soporifero, termo pouco usado fora da linguagem científica, exprime a propriedade das substancias que dão somno.

Soporativo, que pertence como *soporifico* à linguagem usual, distingue-se de este em exprimir, não o estado de somno, mas a virtude que tem a substancia para produzir esse estado. Quando se administra uma *poção soporativa* é para ella proporcionar algum somno.

Soporoso é termo pouco usado, mas, devido à terminação abundanciosa *oso*, diz-se do que produz somno em grau excessivo, talvez até perigoso. Uma substancia *soporosa* inorgulha num somno profundo.

Qualquer narcótico tomado em grande dose é *soporoso*.

Sordidez, avareza. — A *sordidez*, propriamente dita, é a sujidade ou fealdade nojenta do alguma coisa; de ahí que, na accepção em que esta palavra é sinónima de *avareza*, ella encareça sobre a significação de este vicio, e o apresente sob o seu mais repugnante aspecto, como que exercendo-se num ambiente immundo e asqueroso.

Soterrar, enterrar, anegar, submergir. — *Enterrar* é meter dentro da terra, pôr mais abaixo da superficie do sólo o cobrir com terra, pedras, etc.

Soterrar é deltar terra, ou o que se compara com terra, pôr cima de uma coisa até ficar de todo occulta. *Herculano* e *Pompeliano* foram *soterrados* pela lava do Vesúvio.

Entre *sabmergir* e *anegar*, que se dizem com relação à agua, oxisto a mesma differença que ha entre os vocábulos acima comparados:

Submergir é meter dentro da agua: o *furação submerglu* a nave.

Anegar (¹) é cobrir com agua o que está na superficie do sólo. Em 1272 o mar irrompeu pelos Paizes-Baixos e *anegou* as 72 povoações que hoje jazem no fundo do Zuyderzée.

Sovina, somitico. — Na linguagem familiar faz-se freqüente uso de estes vocábulos que encerram uma idéa comum, mas que convém discriminar.

O *somitico* é escasso para si e para os

(¹) *Anegar* é um dos vocábulos que o sr. Cândido de Figueiredo julga haver introduzido na nomenclatura do vocabulário; a verdade é que não conhecemos nenhum dictionario portuguez que não inclua este verbo na sua nomenclatura.

seus; evita todos os gastos dispendiosos, e da sua mesa ninguém se levanta saciado.

O *sovina* pode não ser *somitico*, mas evita todas as ocasiões de despezo, particularmente quando se trata de obsequiar a alguém; ademais o *sovina* tem muito de parasita; pois nunca recusa qualquer oferecimento que lhe façam, antes, pelo contrario, procura sempre encontrar-se com quem o obsequie.

Spart, deporte.—O vocabulo *inglez sport* está hoje no dominio da lingua para com elle se designar qualquer grande exercicio ao ar livre; ora, como á *Indole* da lingua *portuguesa* repugnam todos os vocabulos que principiam por *sp*, *sc*, *sn*, etc., não vemos razão para continuar na ingrata tentativa de aclimação de esta palavra, quando de ha muito temos um vocabulo apropriado e gentilmente *portuguez*, *deporte*, de que *Faria* diz: «divertimento, recreio, passatempo, desenfado», e que *Gil Vicente* empregou no sentido de «movimento» dizendo: «Esteu mais morta que a merta sem *deporte* (cit. no Novo Dicc.).

Suar, transpirar.—*Suar* indica um acto mais completo *quo transpirar*; a *transpiração* apenas humedece a pele; o *suor* mana de ella, banha-a, goteja.

Suasorio, persuasorio, persuasivo.—*Persuasivo* e *persuasorio* dizem-se do que persuade, de que tom força para persuadir; mas a *persuasorio* attribue-se-lhe a idéa accessoria de intenção e vontade de persuadir.

Suasorio melhor se diz do que *dissuade* *quo* do *quo persuade*, ou, melhor dito, nota-se nesta palavra um mixto das duas idéas: *dissuadir* do *quo* se intenta, e *persuadir* do contrario. Os metos *suasorios* empregam-se para *persuadir* antes de se obrigar pela força a obedecer.

Suave, brando.—*Suave* designa uma qualidade intrinseca da cousa assim qualificada; é termo puramente subjéctivo.

Brando não designa uma qualidade absoluta, senão qualidade relativa á apreciação do individuo. Com o habito, acaba o fumador por julgar *brando* o tabaco que antes lho parecia forte. Na idade media denominavam-se *brancos* certos castigos *quo* hoje reputamos bárbaros.

Subalterno, subordinado.—*Subalterno* é termo essencialmente subjéctivo *quo* indica em absolute a qualidade do sujeito: o *empregado subalterno* é um empregado inferior, sem que nesta designação se considere nenhuma relação com os seus superiores.

Não assim *subordinado*—este vocabulo

suscitando sempre a idéa dos superiores a quem se obedece.

O *empregado subalterno* tem as suas occupações determinadas, e fora de ellas não tem ordens a receber de ninguém; o *subordinado*, pode ter obrigações determinadas, mas sempre ás ordens dos seus superiores.

O *continuo* é um *empregado subalterno* de um *licau*, de uma *secretaria*, etc. O *sargento* é um dos *subordinados* do *capitão*.

Quando porém dizemos *oficial subalterno* referimo-nos ao proprio posto de militar, sem atendermos á sua dependencia para com os officios superiores.

Súbdito, vassallo, cidadão.—*Vassallo* indica uma dependencia não só mais directa e mais próxima *quo súbdito*, senão também mais particular. Os *antigos reis* tinham por *vassallos* a grandes e ricos homens.

Hoje, *vassallo* é termo de pouco uso, pois como sinónimo de *súbdito*, *cidadão* de uma nação, é palavra bastante pretenciosa.

Entre *súbdito* e *cidadão* nota-se a seguinte differença: *súbdito* é vocabulo relativo á dependencia de *cidadão* ás leis do seu paiz; *cidadão* qualifica a nacionalidade, a prerogativa do individuo.

Ademais, *vassallos* só os ha nas monarchias; *súbditos*, em todas as nações: *súbdito grego*; *súbdito suizo*.

Súbito, repentino.—*Súbito* e *repentino* dizem-se de que sobrevém inesperadamente e se effectua em muy curto espaço de tempo. *Súbito* porém qualifica o *quo* não só vem inesperadamente, mas também em contra do *quo* as apparencias faziam prever. Os *individuos* de complexão *apoplética* estão muyto expostos a morrer de morte *repentina*. Diz-se *quo F. morreu de morte súbita* porque todos e viam gozar de perfeita saúde, e nada fazia prever essa desgraça,

Subjugar, submeter.—*Subjugar* se oprimindo; *submete* se vencendo.—Quem *subjuga* tira a liberdade; *quem submete* faz cessar a resistencia.—*Submeter* pode ser um *facto* unico, e isolado; *subjugar* supõe um estado duradouro.—Os Romanos *submeteram* muitos povos a *que* depois concederam franquias o liberdades; taes povos estavam *submetidos*, não porém *subjugados*.—Espanha sempre foi má colonizadora, porque na sua *Indole* está mais depresso *subjugar* *quo submeter*.

Sublime, transcendente, elevado.—Qualificam estes adjéctivos e *que* está acima do nível ordinario das manifestações do espirito, pela superioridade intellectual ou moral *que* revela.

Elevado exprime o grau mais atenuado

da idéa, e por isso é, entre os outros termos de este grupo, o mais simples e usual. O que é *elevado* não pode considerar-se baixo, nem de altura mediana; eleva-se acima de quanto é ordinário, particularmente no que diz respeito às cousas da intelligencia e da razão; um *espírito elevado* distingue-se pelo seu critério pelos seus pensamentos, pela sua ciência; o *estilo elevado* é um estilo superior ao usual ou familiar. Os escritores aquilatam-se pela *elevação* das suas idéas, e pelo *elevado* das suas expressões.

Sublime encarece em todas as circumstancias sobre *elevado*, e diz-se de tudo quanto ha de mais *elevado*, de mais alto, de mais nobre. Um *espírito sublime* distingue-se pela elevação dos sentimentos e dos pensamentos; suas manifestações são superiores a quanto fazem, o até a quanto podem conceber os *espíritos* ordinários. Um *acto sublime* excita a admiração e o entusiasmo. Uma *virtude sublime* é superior às forças da maioria dos homens.

Transcendente é vocabulo de significação superior à de *elevado*, mas que não alcança a de *sublime*, e que nem pode como este referir-se ao que é moral. *Transcendente* diz-se da natureza, dos attributos das cousas; um *espírito transcendente* é um *espírito* superior em qualquer género, particularmente pela intelligencia e pela vastidão das idéas.

Subsistir, ser, existir. — *Existir* é ter existencia, quer material, quer por pura concepção do *espírito*.

Ser exprime tambem a idéa do existencia mas de modo mais vago e menos permanente. Dizer que um *costume existe em determinado paiz*, é afirmar a existencia actual e continua de esse costume; dizer que *tal costume é peculiar a tal paiz*, não é afirmar que sempre exista esse costume, mas só estabelecer uma relação entre o costume e os habitantes da região.

Subsistir exprime o modo particular de *existir* apesar das contrariedades ou difficuldades que se opõem á continuação da existencia. Dizer que *certo costume subsiste entre certa gente*, é afirmar a persistencia do costume ante a opposição que lhe é feita, ou apesar das circumstancias de tempo que deveriam havel-o feito desaparecer.

Substancia, materia. — Estas palavras são sinónimos perfeitos; não obstante, a *materia* pode ser considerada como corpo maleável, susceptível de receber diversas formas; ao passo que *substancia* apenas indica a composição do corpo, o que a este é indispensável para existir lhe constituir as propriedades. — *Materia dura. Substancia venenosa.*

Substancial, nutritivo. — *Substancial* indica uma propriedade intrínseca; *nutritivo* refere-se aos efeitos que uma propriedade intrínseca desenvolve num corpo alhoio.

Subtileza, sagacidade. — Assim compara Lacerda estes substantivos:

« *Subtileza* designa a aptidão de examinar perspicazmente as cousas, observando as suas diferentes relações, e circumstancias, chegando a conhecê-las com mayor clareza e exactidão que a mayor parte dos homens. A *subtileza* é uma qualidade em si boa e apreciável, mas vicia-se quando se usa para mau fim.

« *Sagacidade* é a agudeza, a penetração do *espírito* que nos facilita descobrir o que ha de mais difficil nos negocios, nas ciencias, etc. Toma-se tambem na significação de *astucia*, para designar o ingenho e arte com que se inventam e traçam planos para conseguir alguma cousa, com que se apresentam os obstáculos, o se descobrem os meios de os destruir.

Suffocante, asphyxiante. — *Suffocante* diz-se com relação á propriedade, e *asphyxiante* com relação aos efeitos. Os vapores *suffocantes* tornam-se *asphyxiantes* quando podem exercer a sua influencia sobre o animal. Não obstante é muito frequente confundir estes vocabulos.

Sufragio, voto. — A palavra *voto* refere-se sempre a quem o emite, e *sufragio* á pessoa em quem recêe.

Dar o seu voto. Obter grande numero de *sufragios*.

Sugar, chupar. — Estes verbos confundem-se geralmente, e com tanta menor razão quanto *chupar* não pode entrar no *estilo elevado*; ademais, ha entre elles sua differença: *sugar* indica um acto; *chupar* indica não só esse acto, mas tambem uma intenção: a do extrair para proveito proprio.

Suicidar-se, matar-se. — *Suicidar-se* e *matar-se* exprimem por igual a acção de terminar voluntariamente com a vida; não obstante *suicidar-se* não pode sempre substituir o sentido de *matar-se*, por exemplo nas expressões *mata-se a trabalhar, a beber*, etc.

O verbo *suicidar-se*, que entre nós é de importação franceza, é tão defectuoso na nossa lingua como naquella a que foi tomado; nelle entra duas vezes o mesmo pronome *se* e *sui*, e sua verdadeira traducção é «matar sua pessoa a si». Porque não dizer simplesmente *suicidar*? seria lógico e expressivo.

Sul, meio-dia.—Já que a expressão franceza *midi* entrou no domínio da lingua como sinónimo de *sul*, convém determinar-lhe a significação.

Sul diz-se em opposição a «norte»: *O Brazil está na América do Sul*, porque consideramos geográficamente a América dividida em duas partes, uma ao norte, e a outra ao sul do Istmo de Panamá. Do mesmo modo diremos que *Portugal está ao sul* (ou ao *meio-dia*) *da Irlanda*; mas não devemos dizer que o *Cabo da Boa Esperança está ao meio-dia de Angola*, porque a expressão *meio-dia* não se estende, para nós, habitantes do hemisfério norte, para além da linha equatorial; digamos pois que *esse Cabo está ao sul de Angola*.

Sultão, Imperador.—Aos chefes de varios Estados mahometanos se dá umas vezes o título de *imperador* e outras o de *sultão*. Assim diz-se o *Imperador* ou o *sultão da Turquia*, de *Marrocos*, etc.

Imperador considera o monarca mahometano como soberano igual aos chefes das monarchias europeas; *sultão* como soberano absoluto do povos musulmanos.

Summo, supremo.—*Sumo*, cujo opposto é «inferior em jerarquia», designa o mais alto ou o elevado, em opposição à parte que lhe é inferior, mas isto de um modo indifferente, como simples relação local ou jerárquica. *Supremo* encerra a mais a idéa accessoria do que nada pode haver do superior nem de mayor no género.—*Sumo* faz considerar a altura ou elevação de uma maneira relativa; *supremo*, do uma maneira absoluta. Assim, o *sumo bem* é o mais elevado de todos os bens a que se pode aspirar; o *supremo bem* é o bem absoluto, immutável, eterno.

Roquette, falando de *sumo* diz:

«*Sumo* é o latim *summus*, e significa o mais alto o elevado, o que mais sobressaê em seu género. Diz-se: *Sumo pontifice*; *sumo amor* (de Cristo); em *sumo grau*, etc.»

E de *supremo* diz o mesmo sinónimista:

«*Supremo* designa o último, o mayor na graduação, de mór excellência no seu género. Diz-se: o *dia supremo*; o *supremo mando*; e Vieira disse: — *Supremos anjos da suprema jerarquia*».

Sumo, suco.—*Sumo* é a parte líquida que se pode extrair de qualquer vegetal, e particularmente da fruta.

Suco diz-se da parte líquida e substancial que se extrai das carnes, e também dos frutos, quando oia é útil e proveitosa.

Superar, exceder.—*Exceder* diz-se do que é material e também do moral que se considera como qualidade superior em

individuos dos quaes um se avanta aos demais. *Superar*, diz-se só do moral e abstracto. *Exceder* sugere idéa de quantidade; *superar*, idéa de valor.

Superar também se diz por «vencer», mas nesse caso cessa de ter sinónimia com *exceder*.

Superior, culminante.—*Superior* não tem o sentido absoluto que so encerra em *culminante*.

Superior diz-se com relação ao que é inferior ou está mais abaixo; mas o que é *superior* com relação a outro da sua especie pode ser inferior com relação a outro que por sua vez lhe seja superior.

Culminante tem sentido absoluto; acima do que é *culminante* não ha nenhum outro da mesma especie.

Superstição, crendice.—A *superstição*, propriamente dita, é um sentimento de veneração religiosa fundada no temor ou na ignorancia, veneração que conduz geralmente ao cumprimento de falsos deveres, e a quimeras, ou mesmo a uma cega confiança em cousas inefficazes, o talvez sem realidado.—Veja tambem o vocabulo *Preconcello* na página 557.

Crendice é a crença absurda e ridicula em cousas que claramente se mostram falsas e impossíveis. A *superstição* pode ter um fundamento; a *crendice* nem o tem nem o poder ter.

Suppletr, substituto.—*Substituto* diz-se da pessoa que supre outra quando esta não comparece. *Suplente* é a pessoa que está pronta a occupar o lugar do aquella que deixar de comparecer. *Um professor tem um substituto* (não um *suplente*). *Entre os examinados ha suplentes* (não *substitutos*) *que se aproveitam da falta dos effectivos. Recruta suplente* é o que entra em lugar de outro dado por incapaz para o serviço. *Recruta substituto* é o que em virtude do um contracto particular, occupa o lugar de outro que não quer servir.

Supplicio, tormento, (tortura).—*Supplicio* é uma grave punição corporal ordenada por sentença. Ha por consequencia nesta palavra uma idéa retrospectiva que se refere ao crime ou falta cometida anteriormente: *a marquez de Távora foi conduzida ao supplicio a 13 de janeiro de 1759.*

Tormento é o *supplicio* considerado, não como consequencia de um facto anterior, mas só como sofrimento actual, e talvez tambem emquanto ás consequencias que de elle se queiram obter. *A inquirição applicava o tormento para arrancar ás victimas a confissão dos supostos delictos.*

Tortura, que algumas vezes so lê por *tor-*

mento, é galicismo que talvez não deixasse de ser útil na lingua, pois om francez designa o *tôrmento* premeditado e estudado, requintado na sua execução.

Supprimir, eliminar. — *Supprimir* indica um acto mais completo e enérgico que *eliminar*.

Supprime-se o que não deve estar contido em alguma cousa; *elimina-se* o que por circunstancias especiaes não pode estar contido na mesma cousa, mas que, se desaparecessem essas circunstancias, não deixaria de lá figurar utilmente.

Supremacia, primazia. — *Primazia* supõe dignidade ou ordem jerárquica; *supremacia*, superioridade ou mando na mais alta dignidade de uma série. A *primazia* do arcebispo de Braga. A *supremacia* do papa.

Surprender, apanhar. — *Apanhar*, falando de pessoas que estão fazendo alguma cousa, é vê-las na propria occasião em que a cousa se faz; é ser testemunha do facto, mas testemunha involuntaria, a não ser que outra qualquer palavra indique claramente a premeditação. *Apanhei-o com a botija á bocca. Foi apanhado a roubar.* Como se vê por estes exemplos, *apanhar* apenas exprime o proprio facto.

Surprender, na mesma ordem de idéas, é *apanhar* inopinadamente a quem não espera por tal. Nesta palavra pode, adeaais, notar-se a idéa de designio por parte de quem faz a acção: *depois de muitas tentativas consegui surpreendê-lo.*

Falando de cousas, nota-se entre estos vocábulos a mesma differença.

A *chuva apanhou-nos no caminho*, é um dizer que exprime simplesmente o facto e a circumstancia do lugar.

A *chuva surpreendeu-nos no caminho*, é exprimir a idéa do havermos sido *apanhados* pela chuva quando não a esperávamos, quando não fazia provêr que chovesse.

Surprender, causar espanto; surpresa, espanto. — *Surprender* é referente á admiração que nos causa aquillo que sobrevem ou nos é doparado sem que o esperássemos.

Causar espanto acrescenta á idéa de *surprender* a idéa accessoria de importância ou gravidade do facto que *surprende*.

Surprender tanto se diz do que nos é agradável como do que nos é desagradável; *causar espanto* nunca se diz do que é agradável.

A mesma differença se deve notar entre os substantivos *surpresa* e *espanto*.

Surpreso, surpreendido. — *Surpreso* e *surpreendido* podem na mayo-

ria dos casos ser empregados indistintamente. *Surpreso* encarece porém a idéa, o diz se para determinar a grandeza do abalo que sente quem fica *surpreendido*. Admais, *surpreendido* não pode ser substituído por *surpreso* quando se tem em vista exprimir a acção do agente. *Fulano foi surpreendido por Sicrano a fazer isto ou aquillo; ao ser surpreendido, ficou surpreso.*

Surto, voadura, vôo. — Com estas palavras se designa o modo de locomoção das aves, e dos outros animais providos de órgãos aliformes.

Vôo é o termo mais usual, e com o qual se considera o movimento através do espaço, seja considerando esse movimento em si mesmo, na sua natureza, ou modo de produzir-se, seja com relação á facilidade que possui o animal que vôa: *ha aves que têm o vôo irregular; o vôo da andorinha é muito diferente do vôo da águia; cada ave tem o seu gênero particular do vôo.*

Voadura é um *vôo* prolongado, ou seja todo o tempo que a ave se mantém no ar percorrendo o espaço; *ha aves que atravessam um espaço immenso de uma só voadura.* — Este vocábulo não é muito usado, e o seu emprego supre-se com *vôo*.

Surto é propriamente o movimento que faz a ave para alçar-se do solo o arrojarse no espaço; é o principio do *vôo*.

Suspensão, suspeita. — Concorram estas palavras na idéa que lhes é comum de alguma pessoa attribuir a alguém algo mau ou hostil, sem porém possuir certeza absoluta de estar na verdade.

Suspeita, termo da linguagem usual, pode não só referir-se ao que é mau, senão também ao que é bom; nunca afirma porém estarmos na posse de provas evidentes.

Suspeição, termo de uso mais restricto, supõe antecedentes ou circumstancias em que se apoia a opinião; assim, um examinando pode requerer um juri especial que o examine, quando um dos examinadores é inimigo declarado seu ou de sua familia.

Ha portanto na *suspeição* um principio de prova, ou indícios mais ou menos prováveis, talvez, até, quasi certos.

Suspeita, conjectura. — A *suspeita* é, como se doprehende do artigo precedente, uma crença acompanhada de dúvida.

Conjectura é um juizo provável ou opinião fundada em algumas apparencias.

Suspirar por, anhelar, enhiçar. — *Suspiramos* por aquillo que não podemos obter desde já, pelo remoto, e também pelo difficil ou quasi impossivel de obter.

Anhelar é ter o vehemente desejo de que venha o bem que esperamos.

Cubiçar é desejar possuir o que outrem tem.

Assim compara Lacerda estas expressões:

« *Suspirar* por alguma coisa é desejar a muito. Quando não julgamos fácil possuir o que tínhamos na vontade, crescem os desejos, e *suspiramos* por ella: — **Suspirava pelos desertos**, porque desejava, mas não podia habitar os (VIEIRA).

« *Anhelar* designa mais alguma coisa que *suspirar* por; indica não só o desejo vohomente, mas também os esforços que se fazem para se conseguir o que se tem a peito: — *O martírio que anhelava*. (II. DOM.).

« *Cubiçar* é desejar com ardor possuir alguma coisa; mas toma-se de ordinário á má parte, e emprega-se especialmente com referencia ao dinheiro, honras, etc..»

Systema, theoria. — A *teoria* é a base de todo o *sistema*, pois este sómente so alcança depois de haver estabelecido aquella de modo mais ou menos imperfeito e incompleto. Assim a *teoria* que precede o *sistema* pode ser embrionaria, incompleta, obscura, e servir apenas para ir de experiencia a experiencia até formar o *sistema*, do qual, uma vez estabelecido, se depre-

hende uma *teoria* ulterior, de esta vez perfeita e sólidamente fundada. Lacerda compara estes vocábulos dizendo:

« *Sistema* designa a disposição e ordem que se dá a certo número de cousas ou factos para formárem um todo; e também significa uma série deduzida de princípios e conclusões relativas a alguma materia. *Teoria* designa o conhecimento, real ou hipotético, dos princípios pelos quaes se explicam aquelles factos, as suas causas e efeitos, e a sua recíproca dependencia. A ciencia humana depende inteiramente dos factos: para evitar a confusão, é preciso coordená-los; é o *sistema*; porém é necessária a explicação de esses factos por via dos princípios, que ponham a claro a sua razão de ser, e de ser antes assim que de outra maneira, etc., o é isto a *teoria*. Na linguagem científica não poucas vezes se confunde *sistema* com *teoria*, porque se toma pela coordenação de certo número de princípios por via dos quaes se quer explicar uma série do factos. A palavra *sistema* é de significação muito mais extensa do que a palavra *teoria*; e por isso se diz *sistema* do proceder, de administrar, de governar, etc., mas em nenhum de estes casos se emprega a palavra *teoria*. »

T

Tachygraphia, estenographia.

—Estes vocábulos consideram-se como sinónimos perfectos, e frequentemente se faz uso indistinto de elles; não obstante, *taquigrafia* é o mais usado entre nós.

Etimologicamente porém nota-se entre ambas as palavras uma differença essencial: *Taquigrafia* (do grego *takhua*, rápido) é relativo ao tempo, e *estenografia* (do grego *stenos*, estreito) é relativo ao espaço. Assim, a *taquigrafia* é propriamente a arte de escrever tão depressa coão se fala; e a *estenografia*, a arte de escrever por abreviaturas, isto é, do modo a encerrar em pouco espaço grande número de palavras.

Tacito implicito. — *Tacito* diz-se de aquillo que não se expressa por o seu sentido se impôr e inferir claramente do contexto.

Implicito diz-se do que, pelo mesmo motivo, se considera incluído noutra cousa, sem porém estar nella expressado.

Tacito é quasi sempre relativo á palavra; *implicito*, á escrita.

Tacto, apalpar. — A idéa comum a estas palavras é relativa á impressão que se produz nos nossos sentidos quando, principalmente com as mãos, encontramos um corpo ou objeto extranho.

Tacto é vocábulo de significação passiva pois refere-se á acção que recebemos do objeto.

Apalpar é vocábulo de significação activa, relativo á acção que exercemos para obter a sensação que o objeto ha-de proporcionar.

Assim diz-se que *os cegos têm o tacto muito fino*; e que o *apalpar* é um dos cinco sentidos corporaes.

Talundo, matreiro. — *Matreiro* diz-se da pessoa que tem assaz experiencia e certa dose de maldade para fazer redundar em proveito proprio os descuidos alheios.

Taimado diz-se do sorna que tudo vê, que tudo procura saber, disfarçada e solapadamente, para de tudo tirar proveito.

Tal, semelhante, este. — *Tal* estabelece a idéa de perfeita *semelhança* moral ou física entre os dois termos que se comparam; dizer que *um filho é tal como o pae* é estabelecer uma perfeita conformidade entre os dois caracteres ou as duas fisíonomias; esta idéa perde muito da sua precisão se dissermos: o *filho é semelhante ao pae*.

Muitas vezes *tal* é sinónimo de *este*, mas acrescentando-lhe a idéa de dotes ou qualidades, por exemplo: *tal homem não nos serve*.

Tambôr, caixa. — *Caixa* é o cilindro do *tambor*.

Tambor é o conjunto do instrumento, isto é, a *caixa* propriamente dita, as duas peles que lhe servem de tampos, e as cordas ou correias que gradúam o toque.

Toca-se tambor (mas não se toca *caixa*).

Tambor também se diz do homem que toca este instrumento; nesse sentido porém não se pode dizer *caixa*.

Tanger, tocar. — Estes verbos são sinónimos perfectos, mas em *tanger* resalta a idéa de acordo o harmonia que o verbo *tocar*, quando não se acha modificado por algum adverbio que o determine, não exprime.

Tardar, demorar. — *Tardar* exprime a idéa de estar ou ficar muito tempo a fazer alguma cousa, ou de não chegar a algum lugar tão depressa como seria conveniente. Afora essa relação de tempo, o sentido de *tardar* é absoluto. O *correio tardou*, isto é, já devera ter chegado. O *relojeiro tarda em compôr o relógio*, isto é, gasta demasiada tempo na composição.

Demorar é relativo a um facto ou circumstancia que obriga a *tardar*, a permanecer no lugar do onde se tem de sair. Este verbo, excluindo toda a idéa de movimento, não se deve dizer pelo tempo que se gasta em ir de um a outro lugar, mas só de aquelle tempo que se perde em determinado lugar.

O vapor demora-se, isto é, *tarda* em

sair do porto onde alguma circumstancia o retém.

Tardio, moroso. — *Tardio* é o que tarda, seja qual fôr a causa da tardança. Este sentido absoluto do adjetivo provém do sentido absoluto que tem o verbo, como acabamos de dizer no artigo precedente.

Moroso é o que é *tardio* por ser lento ou pesado.

Consequentemente, *tardio* está nos factos, e *moroso* nas qualidades ou carácter.

Assim, não dizemos *colheita morosa*, mas sim *tardia*. — Também não dizemos *homem tardio*, mas *moroso*.

Tarifa, pauta. — Estes vocábulos são sinónimos perfeitos, mas *tarifa* é o único que convém usar. — Não obstante, nas regições officaes, permanece a predilecção pelo vocábulo *pauta*.

Tarja, cercadura. — Empregamos o vocábulo *tarja* sempre que se fale de um objecto de não muy grandes dimensões, o particularmente quando designar uma *cercadura* estreita e que sobresão bastante da cor do resto da superficie do objecto. *Papel com tarja preta. Lenço de cercadura encarnada.*

Tasca, taberna, vuada, balneio. — *Taberna* é a casa onde se vende vinho a retalho.

Tasca é a *taberna* que além de vinho vende peixe frito e algumas outras comidas ordinarias.

Vuada é a *taberna* ou *tasca* que ha em algum logarinho ou que está isolada naigum caminho.

Bayúca é a *taberna* ou *tasca* immunda onde se reúne a malandragem.

Tátaro, tatitituti. — D. José de Lacerda diz o seguinte a respeito de estes vocábulos:

« *Tátaro* é voz imitativa o familiar que indica uma certa tartamudez em que predominam as sílabas *tá, tá*. Os *tátaros* continuamente mudam o com *t*, e dizem *Tatarina* em vez de *Catarina*, *taxa* em vez de *calxa*, etc. — *Tatitituti* é voz imitativa e chula com que se designam os *tátaros* que acrescentam ao defeito fisico modos e gestos ridiculos.

Temer, recear, suspeitar. — *Temer* é crer na probabilidade de um mal qualquer, de qualquer contratempo: **temo** que elle se desdiga; **temo** que me censurem.

Recear é *temer* o onguano, a falsidade, o mal que outrem nos pode fazer ou o prejuizo que nos pode causar, sem que porém tenhamos grandes fundamentos que justifi-

quem nosso receio; **receio** que não venha; os **escarmentados receiam** tudo de todos.

Suspeitar é formar um mau julzo em virtude dos indícios ou antecedentes: **suspeito** que elle me engana.

Temperatura, tempo. — *Temperatura* é vocábulo que só pode empregar-se ao falar de grau de calor ou de frio que ha num logar ou num corpo.

Tempo é não só relativo ao grau de calor, mas tambem, e sobretudo, ao estado atmosférico. **Temperatura baixa; tempo frio e chuvoso.**

Templo, egreja, basilica. — Designam-se com estes vocábulos os edificios consagrados ao culto.

Templo diz-se dos edificios de esta classe, sem distincção de religiões: **templo de Jano, templo israelita, templo protestante, templo católico.** — Quando porém se refere nos edificios do culto católico, este vocábulo é proprio do estilo nobre: sugere a idéa da presença da divindade no recinto sagrado, e a do respeito que esta circumstancia reclama. — Falando dos edificios consagrados ao culto evangélico, seja qual fôr a confissão protestante a que obedeça, **templo** é o único vocábulo que se lhes attribue, pelo menos á boa parte.

Egreja, propriamente, é a reunião de todos os fiéis de qualquer confissão cristã. Extensivamente diz-se do edificio em que o povo católico se reúne para orar ou celebrar o seu culto, entendendo-se que a idéa de reunião de fiéis (') é sempre inherente ao vocábulo.

Roque não só compara *templo* com *egreja*, mas tambem com *basilica*; diz assim:

« *Templo* significa em geral um edificio consagrado a Deus o ao seu culto. Diz-se dos edificios que os antigos consagravam ás suas divindades, dos em que os protos-tantes exercem seu culto. O *templo* de Jerusalém, o *templo* de Apollo, o *templo* de Jano; — *ha nesta villa um templo de protestantes.*

« Falando dos edificios consagrados ao

(') As accepções dos vocábulos francezes *église* e *temple*, correspondendo exactamente ás accepções dos vocábulos portuguezes *egreja* e *templo*, transcrevemos aqui um pequeno trecho da obra de Victor Hugo, *Le Rhin*, em que o autor faz sobresair a differença existente entre os dois termos:

« L'Islamisme, sous Mahomet II, avait enjambé formidablement l'antique passage du Bœuf, Bis-Poros, et avait insolemment planté sa queue de cheval attachée à une pique dans la ville qui a sept collines comme Rome, et qui avait eu des églises quand Romo n'avait encore que des temples ».

« culto católico romano, diz-se *templo* ou « *egreja*; porém *templo* diz-se unicamente quando consideramos os edifícios como « habitados particularmente pela divindade; « assim disse Vioira: — A fábrica do « *templo* Vaticano de S. Pedro (VII, 181). » « *Egreja* significa propriamente um edifício « comum onde se reúnem os fiéis para co- « lebrarem as festividades religiosas, tri- « butarem homenagem a Deus e louvores « a seus santos, cujas reliquias ou imagens « ali se conservam.

« *Basilica*, segundo sua origem do basi- « *leus*, rei, quer dizer, *templo* real, *templo* « magoso, magnífico. — A *egreja* de Ma- « fra é uma *basilica*. »

Tenacidade, constancia. — *Tenacidade* é o afêro quo provém do capricho, da teima, da opinião mal fundada; a *constancia* vem da convicção, da vontade fundamentada na razão. A *constancia* não tem transportes nem arrebatos: é sempre igual, mas duradoura; a *tenacidade* é vehemente e violenta, mas, como não tem base sólida em que se apoie, é mais facil de dominar o vencer que a *constancia*.

Tentáculo, antena. — Não se devem confundir os vocábulos: 1.º porque as *antenas* são corpos articulados, e os *tentáculos* são corpos móveis mas não articulados; 2.º porque as *antenas* arrancam da cabeça do animal, e os *tentáculos* saem, geralmente, do redor da boca.

Tentativa, ensaio. — O *ensayo* tem por fim aperfeiçoar, ou descobrir os meios de aperfeiçoar, alguma cousa.

A *tentativa* tendo ao mesmo fim que o *ensayo*, mas os dois vocábulos diferem em a *tentativa* carecer do método ou plano sem o qual não se comprehende nenhum *ensayo*; este é um acto estudado, maduramente pensado; aquella é quasi irreflectida. No *ensayo* intenta-se alcançar um fim; com a *tentativa* apenas se intenta ver se ha possibilidade de o conseguir.

Teór, conteúdo. — *Teór* é relativo aos proprios termos de um escrito; *conteúdo*, ás idéas. As palavras textuaes são o *teór*; o conjunto das idéas, o *conteúdo*.

O *teór* de uma *carta* manifesta os sentimentos que quem a escreve tem para a pessoa a quem a dirige: lisongeia, ofende, etc., segundo empregar palavras amáveis ou offensivas. O *conteúdo* de uma *carta* apenas revela o que tem a comunicar quem a escreve: interessa ou deixa indifferente, segundo o assunto de que tratar.

Tercço, terceira parte. — Empregando a expressão *terceira parte* não se pode prescindir da idéa do todo; por outras

palavras: sem conhecer a quantidade não se pode avaliar a sua *terceira parte*.

Com o vocábulo *terço* prescindindo-se sem dificuldade da idéa de quantidade que o todo representa.

De uma herança, repartida egualmente entre trez herdeiros, toca a cada um a *terceira parte*; a parte do cada herdeiro, que fica constituindo um todo, é um *terço*.

O mesmo se deve entender de *meio* e *metade*, de *quarto* e *quarta parte*, de *quinto* e *quinta parte*, etc.

Terebrar, perfurar. — *Terebrar* é furar imprimindo um movimento de rotação ao instrumento perfurante. *Perfurar* molhor se diz de um simples movimento de avanço.

Tergiversar, obliquar. — Estos verbos são sinónimos de « buscar subterfugios », « andar com rodios », etc., mas *tergiversar* exprime a hesitação que precede a acção, e *obliquar* aquella hesitação que sobrevém depois da acção ter cmeçoado. Quem *tergiversa* busca pretextos para não principiar; quem *obliqua*, procura-os para não continuar. — *Tergiversa-se* para não conceder; *obliqua-se* para fazer desistir do que foi concedido.

Terminação, flexão. — Todas as palavras têm *terminação*, porém nem todas têm *flexão*. As últimas letras do cada palavra formam-lhe a *terminação*: — são *ingratas* ao ouvido as *terminações* em *ão*.

Flexão é a *terminação* das palavras variáveis, ou seja a sua parte variável: *il* é a *flexão* de « *funil* »: no plural « *funis* ».

Termo proprio, sentido proprio. — Diz Roquete:

« Talvez se confundam vulgarmente estas expressões, mas em literatura designam cousas mui distintas.

« *Termo proprio* quer dizer termo que exprime bem a idéa, esteja elle tomado na acepção que se queira; termo tomado em « *sentido proprio*, quer dizer que está tomado na acepção primitiva, em sentido recto, não transiatio. Assim, por exemplo, quando usamos a palavra *coração*, para designar a parte moral do homem, servimo-nos de um *termo proprio*, e propriissimamente, porque exprime perfeitamente a idéa; porém, não está tomado em *sentido proprio*, pois *coração* não designa, em sua « primitiva acepção, mais do que a entrancha material que se chama assim em nossa lingua ».

Terno, pathético. — *Terno* refere-se aos sentimentos affectuosos de qualquer classe, e *pathético* aos sentimentos affectuosos, mas tristes. Assim, o que é *terno* pode ao mesmo tempo ser gracioso e fustivo, o

que não se dá com o que é *patético*, quo sempre vae uuido ao doloroso e terrível.— O *HIMNO DE AMOK*, de João de Deus, é *terno*; o *BOM REITOR*, de Julio Diniz, é *patético*.

Terremoto, tremor de terra.— Lacerda compara muito acertadamente estas palavras dizendo :

« De ordinario usa-se de estas duas « palavras indistintamente; porém *tremor* « de terra diz uenos quo *terremoto*. *Tremor* « de terra é o abalo violento de alguma par- « te da terra; mas *terremoto* parece acres- « contar a esta significação n de ruina com « grande estrondo ou ruido. Tem havido mul- « tos *tremores* de terra em Lisboa; porém « *terremoto* só verdadeiramente pode cha- « mar-se o do 1.º de novembro de 1755, e « talvez, sem muita impropriedade, o de « 11 de novembro de 1858 ».

Terrenal, terrestre.— *Terrestre* e *terrenal* dizem-se do que é da terra ou pertence à terra, a este mundo; mas *terrestre* diz-se do que é físico, o *terrenal* do que é moral ou abstracto.

Terreno, terra, solo, campo.— Com qualquer do estas palavras se designa qualquor parte da superficie da terra, mas cada uma sugere idéa differente:

Terreno diz-se com relação à extensão e ao uso a que a terra se destina: *comprar um terreno para construir um palacio*; os *terrenos* demasiados húmidos não servem para certas culturas. O inimigo foi perdendo terreno.

Terra diz-se com relação ás produções e à propriedade: *esta terra é boa para cereaes*. Tem umas *terras* lá para a Beira.

Solo é propriamente a superficie da terra que se plsa, onde se constróe ou se cultiva algo; *solo* ingrato; *solo* moveziço; a vinte metros acima do *solo*.

Campo, que só se pode dizer do *solo* quo não tem edificações, é relativo à sua natureza, ás produções que pode dar, etc.

Terriço, humus.— *Terriço* é a terra formada pela decomposição das substancias animaes e vegetaes mxturadas com o solo ordinario.

Humus é a camada superior da terra até à profundidade que podem ntingir as raizes dos vegetaes.

Teso, riço.— *Teso* diz-se do que é difficil de dobrar; *riço*, do quo é difficil de quebrar. Figurada e moralmente *teso* diz-se do que não se altera ou modera por influxo alhoio, e *riço* do que tem força para dominar: *carácter teso*; *ânimo riço*.

Testa, frente.— A *testa* é a parte do corpo comprehendida de fonte a fonte e

entre os olhos o a cabeça propriamente dita.

Frente, vocábulo que não cabe na linguagem vulgar, não designa uma parte determinada da figura humana; umas vezes diz-se simplesmente da *testa*, como na expressão: *frente espaçosa*; outras, do conjunto da cara e cabeça: *passar entre lodos de frente levantada*; outras vezes torna-se como sinónimo de fisionomia, aspecto, semblante: *frente abatida*.

Têta, mamma, ubre.— *Teta* (do castelh. o *teta*, dorivado do francez *te-ton*) é termo vulgar com que se designa cada um dos vultos glandulares que avultam no peito do homem e da mulher; extensivamente tambem se diz das fêmeas dos animaes.

Considerando essa parte do corpo como distintivo das fêmeas de uma ordem do reino animal, e, consegutemente, como deposito do leite que serve para allmentar os filhos, *mama* diz-se da *teta* da mulher, o de todas as fêmeas da ordem dos mamíferos. Extensivamente, tambem se diz do homem.

Úbre, vocábulo n que o uso retrouo grande parto da sua extensão, já não se diz senão das *mamas* das fêmeas dos animaes cujo leite so considera em relação à riqueza que proporciona, seja para procrear filhos, seja para obter lacticlínos.

Tez, cutis, pelle, derme, epiderme.— A *tez* é a superficie da *pelle*, o seu aspecto, o que do ella se vê. O *cutis* é o que da *pelle* se pode apalpar. Consequentemente, *tez* diz-se com relação à côr, e *cutis* relativamente à sua finura ou aspereza.

Tez bronzeada. *Cutis* suave.

Pelle é o conjunto da *derme* e da *epiderme*.—A *derme* é o tecido quo forma quasi toda n espessura da *pelle*; a *epiderme* é a membrana transparente que cobre a superficie da *derme*.

Theocracia, clericalismo.— *Theocracia* diz-se do governo exercido exclusivamente pelos ministros de qualquor religião. Antes da anexação de Roma ao reino do Italia, era aquella cidade a capital de um Estado *teocrático*. Judá, depois do regresso de Babilonia, foi uma *theocracia*.

Clericalismo diz-se da pernicioso influencia que o clero—particularmente o católico—exerce indirectamente na administração dos Estados, seja apoderando-se do ânimo dos chefes, seja tornando creaturas seus os membros do poder executivo. Em Espanha, mesmo quando a regem os ministerios mais libbraes, predomina sempre o *clericalismo*.

Theoria, especulativa ou especulação.—Os vocábulos *teoria* e *especu-*

lativa epõem-se directamente a «prática» para exprimir a parte abstracta dos nossos conhecimentos, ou seja a operação do espirito que, sem entrar na acção, não passa além do ilimitado terreno da concepção. Estes vocábulos differenciam-se porém entre si, pois a *especulativa* é termo puramente subjetivo, e *teoria*, objectivo.

Especulativa diz-se do que o sujeito faz; *teoria*, diz-se com relação à doutrina que o sujeito estabelece.

Tíbia, caucella. — *Canela* é termo vulgar com que se designa a parte anterior da perna comprehendida entre o pé e o joelho.

Tibia, termo da linguagem científica diz-se do mais grosso dos dois ossos da perna vulgarmente chamado esse da *caucella*.

Tíbio, tépido, mórno. — *Tíbio* diz-se do que não desperta a mínima sensação de calor nem de frio, e, figuradamente, do que não anima nem desanima, de que carece de vigor e energia.

Tépido diz-se do que, sem alterar sensivelmente a temperatura, mais depressa faz pressentir o calor que o frio. Figuradamente diz-se do que proporciona certo bem-estar ou conforto.

Mórno diz-se do que se aproxima mais do quente que do frio.

Timbre, sinete. — *Sinete* é o sêto que contém iniciaes ou alguma figura emblemática.

Timbre é o *sinete* que imprime alguma marca heráldica.

Tocar, apalpar. — *Tocar* é chegar com uma parte do corpo a qualquer coisa ou objecto.

Apalpar é *tocar* com as mãos ou com os dedos para um fim determinado.

Toga, beca. — A *beca* não se differença sensivelmente da *toga*; como porém esta palavra é mais nobre e de melhor origem que aquella, chama-se *toga* à vestimenta falar dos juizes, delegados o advogados, e *beca* à que usam os escrivães, officiaes de diligencias, procuradores, etc. — *Toga* diz-se frequentemente da propria magistratura; *beca* não se pode empregar nesse sentido.

Tolo, nescio. — O *tolo* tem as faculdades intellectuaes pouco desenvolvidas; o *nescio* tem a intelligencia viciosamente disposta. O *tolo* comprehende pouco; o *nescio* comprehende mal. O primeiro é lento em conceber e tem dificuldade em se exprimir; o segundo é tenaz no erro e tem confusão nas idéas; aquelle não tem previsão, nem experiencia, este tem propensão para o soffismo e demasiada confiança em si mesmo;

Um *tolo* pode divertir-nos e até despertar nos algum interesse; o *nescio* é sempre pesado, aborrecido e edioso. — É facil enganar a um *tolo* apresentando-lhe idéas superiores às suas faculdades; para enganar o *nescio* é necessario isenjar-lhe o amor proprio e tirar partido dos desvios do seu entendimento.

Tômo, volume. — Um livro qualquer, quer elle encerre uma obra completa, quer incompleta, quer mesino varias obras, é um *volume*.

Tômo é cada uma das divisões de uma obra, quer ossas divisões obedeam à differença da materia, quer à conveniencia da distribuição. Varios *tômos* podem estar reuñidos num só *volume*; e do mesmo modo um *tômo* constar de varios *volumes*.

Roquete a este respeito diz o seguinte: « *Tômo* é termo da literatura o designa as diferentes partes em que um autor divide a sua obra; *volume* é termo de livreiro ou de encadernador, e designa um livro impresso, encadernado ou brochado. « O *volume* pode conter muitos *tômos*; e o *tômo* pode fazer muitos *volumes*. A encadernação separa os *volumes*; a divisão da obra distingue os *tômos*. — Uma obra pode formar um só *volume*, mas não se dirá um só *tômo*; e nunca pode ter menos de dois *tômos* (*). — Não se deve julgar da ciencia de um autor pelo tamanho do *volume*. — Ha bastantes obras em muitos *tômos* que seriam melhores se se reduzissem a um só ».

Tope, tôpo. — *Tope*, do castelhano *tope*, é vocábulo bem formado e exprime bem a idéa que representa: a parte mais alta de uma cousa que se eleva do solo.

Tôpe é corruptela de *tope*.

Tôrpe, impúdico. — Ha uma differença essencialissima entre estes vocábulos.

Impúdico diz-se de quem ou de que descaradamente se deshonesta.

Tôrpe diz-se dos defeitos de aquelle que na vida privada, à occultas, procurando não ser visto, se entrega ao vicio, mas ao vicio vil, hediondo, asqueroso.

Tosco, grosseiro. — O homem é *tosco* por falta de mundo, o *grosseiro* por má educação. Não se pode dizer que seja *tosco* o homem instruido, que fala com propriedade e que pode sustentar uma conversação agradável e amena; porém, com todas essas qualidades, tal homem pode ser *grosseiro*.

(*) Isto é: não se pode empregar a palavra *tômo* senão quando o obra está dividida em dois ou mais *tômos*.

Total, conjuncto. — *Total* é uma reunião numérica de unidades ou individualidades. *Conjuncto* é uma reunião física em que não cabe nenhuma idéa numérica. O *total* das casas de uma povoação representa-se por um número; o *conjuncto* de essas casas pode ser mais ou menos agradável à vista.

Toucado, penteado. — *Toucado* diz-se de qualquer adorno ou abrigo que enfeite ou resguarda a cabeça. *Penteado* é o modo particular de dispor e adorar o cabelo.

Tracto, trajecto. — Concordam estes vocábulos em designar uma corta extensão de caminho.

Tracto é o caminho terrestre que um homem percorre, seja a pé, a cavalo, ou empregando qualquer outro modo de tracção. É termo essencialmente subjunctivo, relativo à pessoa, ao seu acto de percorrer caminho, e à própria quantidade do caminho que ella percorre sem parar ou sem se deter.

Trajecto é propriamente o caminho que se deve percorrer para atravessar um espaço, para alcançar um ponto determinado, seja por terra, seja por mar. É termo objectivo relativo à distancia que ha a percorrer, à distancia que separa o ponto de onde se sae de aquelle a que se dirige.

Andar duas leguas de um só tracto. *Fizemos o trajecto em duas horas.*

Tradução, versão. — Designa-se com estas palavras o modo de interpretar numa lingua o que está escrito ou o que é dito em lingua diferente.

Versão é termo que se emprega quando se atende mais depressa à fidelidade e exactidão do sentido, e à fisionomia do texto que se interpreta, do que à elegancia da interpretação. Uma *versão* bem feita deve reproduzir fielmente as idéas do autor; valer-se, por assim dizer, das suas proprias palavras, do seu modo particular de expressão, dos modismos da lingua interpretada e do seu caracter particular, para dar uma idéa, a mais aproximada possível, do texto que reproduz.

A *tradução* tem mais amplo campo de desenvolvimto que a *versão*; seu fim é o de reproduzir as idéas de um autor, e só essas idéas, sem porém se cingir à interpretação literal do texto. Uma *tradução* deve ser elegante, fiel ás regras da lingua em que se traduz, e consequentemente fugir de quanto possa deixar aa linguagem resalbos da lingua traduzida. Assim é que a *tradução* se considera até certo ponto como uma criação do traductor — este devendo cingir-se à indole da sua lingua, e evitar quanto, deturpando-a, possa recordar aquella de que traduz; seu escopo não

é complexo: limita-se à revelação do conjunto da idéa geral, sem nada ter que ver com o sentido particular de cada palavra, de cada frase — incumencia essa que é exclusivamente propria da *versão*.

Comprova este asserto o poder dizer-se **tradução livre, versão literal**, mas não **versão livre**.

Lela-se o que a esse respeito diz Roquette:

«Do ambos osten modos se traslada de uma lingua para outra, porém a *versão* é mais literal, mais limitada aos giros proprios da lingua original, e mais sujeita em seus modos ás regras da coastrucção analitica; a *tradução* refere-se mais particularmente ao fundo dos pensamentos, com mais attenção a presentá-los debaixo da forma que melhor convém em a nova lingua, e mais esmerada nas expressões, frase e idiotismos de esta. A arte de *traduzir* supõe a de *verter*. A *versão* deve ser fiel e clara, conservando alguns vestigios da lingaa original; a *tradução* devo ter mais facillidade, mais correção, e o tom proprio da materia de que se trata, eia completa conformidade com a indole do novo idioma. Para fazer uma *versão* exacta é necessario saber a significação das palavras da lingua que se *verte* a outra; para fazer uma boa *tradução* é necessario saber a fundo a indole das duas linguas».

Lacerda diz:

«*Tradução* é a trasladação de uma para outra lingua do que ha de alguma importância científica, litteraria, ou moral em alguma obra.

«*Versão* é similhantemente a trasladação de uma obra litteraria de uma para outra lingua; porém a *versão* costuma ser mais literal, o conservar mais sabor da lingua de onde se verte, do que a *tradução*. A *tradução* supõe a *versão*; o ambas exigem do traductor o cabal conhecimento de ambas as linguas, porque sem elle não poderá muitas vezes comprehender toda a força de certas expressões, nem substituir congruentemente as frases peculiares a cada um».

Tráfego, tráfico. — *Tráfego* é o commercio em grande escala.

Tráfego é o movimento que o *tráfico* oxigo.

Na alfândega de Lisboa ha sempre grande tráfego.

Trago, sorvo, golo. — Concordam estes vocábulos na idéa que lhes é comum de indicar a quantidade de liquido que de uma vez se meto na bôca; cada um representa porém diferente gradação de tal idéa.

O *gole* é a quantidade de liquido que se toma aa bôca com um só movimento de la-

bios, e sempre supõe a idéa accessoria de esse líquido deve ser engulido: *toma-se um gole de vinho, de leite, etc., mas não se toma um gole de gargarejo.*

O *trago* é um *gole* abundante de líquido não quente: *toma-se um trago de vinho (mas não um trago de caldo).*

Sôrvo é o que de uma vez se aspira com os lábios, particularmente de líquido quente: *um sôrvo de café.*

Trair, atralçoar.—Apesar de estes verbos serem sinónimos perfectos, *atraçoar* presta-se melhor para despertar a idéa das consequências que a traição traz consigo, e *trair* para designar o proprio facto da traição.

Trajo, roupa, veste, vestido, vestidura, vestimenta.—Tudo quanto serve para cobrir o corpo, para seu abrigo e decencia, chama-se *vestido*, designando-se também particularmente com esta palavra a roupa exterior que veste o corpo da mulher.—*Roupa* é o conjunto das partes que constituem o vestido: *roupa de verão, de inverno, etc.*—*Vestidura* é o vestido pomposo e de cerimonia, como a toga, o manto régio, etc.—*Trajo* é o vestido proprio de certas classes e profissões: *trajo oriental, de cerimonia, de baile, etc.*

Roqueete compara estes vocábulos dizendo:

« *Veste* é palavra mui genérica, e significa: « ca todo o adorno ou cobertura que se põe « no corpo para abrigo ou honestidade, por « isso se diz: *vestes* usuaes, reaes, sacerdotaes, etc.

« *Vestido* designa, para os homens, as « diferentes *vestes* com que se veste ordina- « riamente ou em dias de aparato; e para « as mulheres, uma roupa com que cobrem « e adornam o corpo todo.

« *Vestidura*, às vezes, se confunde com « *veste*, mas significa particularmente uma « *veste* especial de grande distincção; tal é « o manto real, a capa magna, a béca, etc.

« *Vestimenta* é propriamente a *veste* de « que usam os ministros da Igreja na celebração dos divinos officios.

« *Trajo* denota não tanto o *vestido* como « a forma de elle, o modo particular de « vestir-se, e certos ornatos que o acompanham; assim se diz: *trajo oriental, tra- « jo europeu, trajes de caçador, trajes « casciros, etc.*

Tranquillidade, ordem.—Quando estas palavras são sinónimas, *ordem* exprime a conveniente situação e boa disposição da sociedade humana, na qual cada classe e cada individuo occupa o seu lugar sem pretender nenhuma alteração. *Tranquillidade* é o estado, que provém da *ordem*.

Tranquillisar, socegar, acalmar, a algar.—*Tranquillizar* e *socegar* designam uma acção mais suave ou persuasoria quo *acalmar*, e de *acalmar* so dirá'o mesmo com respeito a *apaziguar*.—*Tranquilliza-se* e *socega-se* a quem está inquieto ou perturbado de ânimo; *acalmam-se* as paixões; *apazigua-se* a hostilidade.—Uma boa noticia *tranquilliza* ou *socega*; um conselho *acalma*; um acto de autoridade *apazigua*.

Transferir, transportar.—Diz Roqueete:

« *Transferir* supõe movimento de um lo- « gar para outro, ou mudança de um tempo « para outro; *transportar* supõe uma acção « material que acompanha o movimento. « Muitas cousas so *transferem* quo não se « *transportam*.—A côrte, um tribunal, tudo « que é pessoal, *transfere-se* de uma cidade « para outra, etc.; *transportam-se* os mó- « vels, os arquivos, etc. Os navios *transportam*, *transferem* as mercadorias.

« *Transferem-se* as festas, as sessões para « outro dia ou outra época, e não se *transportam*.

« De aqui vem que *transferir* só se diz « com propriedade das pessoas, som rela- « ção a seu peso, nem volume; o *transportar*, dos corpos, som relação a seu volume e peso ».

Transigr, contemporizar, condescender.—*Condescender* designa um acto meramente amável que se faz livre e incondicionalmente. *Contemporizar* é acomodar-se á vontade alheia para evitar censuras ou criticas. *Transigr* é ceder em parte para que a parte contraria nos faça também alguma concessão, ou só para corresponder á concessão que essa parte contraria nos fez.

Tremar, estremecer.—O acto de *tremar* consiste num movimento ou sério de movimentos que a vista pode perceber um por um. O acto de *estremecer* compõe so de uma série de movimentos tão excessivamente rápidos que só no seu conjunto podem ser vistos.—*Treme a folha nas arvores; estremece a corda ferida pelo arco.*

Vemos alguém *tremar*; não é porém fácil ver alguém *estremecer*.

Trepar, subir.—O acto de *trepar* é mais violento que o de *subir*; em primetrologar só so *trepa* a logares altos e de difficil accesso, ao passo que se *sobe* sempre, pouco ou muito, nos afastamos do nível do sólo; ademais, *trepar* sugere a idéa de nos valermos não só dos pés, senão também das mãos, quer directamente, agarrando-nos para ascender, quer indirectamente

por meio do auxilio que nos presta um bordo ou qualquer pau.

Sohe-se uma escada, uma ladeira, etc.
Trepa-se acima de um muro, ao alto de uma escada de mão, um monte íngreme, etc.

Trêta, ardil. — O *ardil* emprega-se para enganar ou surprehender; a *trêta*, pelo contrario, emprega-se em defeza propria. Não obstante é comum vêr estes vocabulos empregados indistintamente.

Trevas, escuridão. — A palavra *escuridão* designa insufficiencia de claridade, e *trevas* a absoluta falta de ella. Na *escuridão* da noite vemos os vultos que estão muito perto de nós; nas *trevas* nada podemos distinguir.

Tristeza, melancolia, tristura. — O caracter suscita a *melancolia*; a *tristeza* provém do que vemos ou do que nos fazem.

Roquete compara *tristeza* com *tristura*, vocabulo mui fora de uso, dizendo:

«Ambas estas palavras são o contrario da *alegria*, contudo, pela variedade das terminações, *tristeza* exprime a qualidade de que faz o homem triste, ou a paixão ou estado a que damos este nome; e *tristura* parece reforçar-se mais propriamente aos effeitos desta paixão, e as mostras que ordinariamente se notam na pessoa «triste».

Triumphal, triumphante. — *Triunfante* é relativo ao proprio triunfo, ao que o constitue, aos seus resultados; *triumfal* diz-se com relação ao que é relativo ao triumpho, ao que o celebra ou comemora: *espada triumphante*; *corôa triumphal*; *exercito triumphante*; *arco triumphal*.

Trivial, inferior. — É Lacerda que compara estes vocabulos:

«*Trivial*, com applicação à litteratura, diz-se da composição que carece de elevação e nobreza, e por isso é rastrela ou vulgar. São *triviaes* os pensamentos e frases que andam na bocca de todos, e ontastilam por muito repetidos.

«*Inferior* designa sempre, seja qual fór o sentido em que se toma, o que está abaixo de outro ou de outros; acalma de que estão outras pessoas ou cousas, a que varias outras cousas ou pessoas se avantajam».

Trufa, túbera. — *Túbera* é incontestavelmente vocabulo mais genuinamente portuguez que *trufa*, posto que isto nos vem do francez e só do ha pouco está introduzido na lingua; não obstante, *trufa* — devido a que de elle se formam os derivados *trufar*, *trufado*, cujos equivalentes o vocabulo *túbera* não pode dar — está geralmente admittido na linguagem culinaria.

Truncar, mutilar. — *Truncar*, propriamente, é cortar a parte superior de uma cousa, deixando mais ou menos de forme o tronco ou parte que permanece.

Mutilar é cortar partes não essenciaes à existencia do animal, mas necessarias para elle ser perfeito.

No figurado, *truncar* encreaque do mesmo modo sobre *mutilar*; *mutila-se* uma obra suprimindo-lhe trechos; *trunca-se* quando os trechos suprimidos são os mais importantes ou essenciaes.

Tumeficar, intumescer. — *Intumescer*, do latim *intumescere*, significa lachar, elevar-se em forma de tumor.

O equivalente francez de este verbo é *tuméfier*; de ahí o ouvir dizer-se algumas vezes *tumeficar*, palavra não portugueza, mas unica versão que de esse vocabulo os tradutores acharam no seu bestunio.

Tunica, casula. — Alguns confundem estes vocabulos que designam vestes sacerdotaes, parecidas umas diferentes.

Concordam em designar o ultimo dos paramentos que os sacerdotes vestem antes de subir ao altar, mas a *casula* só pertence ao celebrante, a *tunica* aos ministros.

Turbar-se, confundir-se, pertubar-se. — A *turbação* provém dos sentimentos; a *confusão*, das idéas; a *perturbação*, de causas alhoias. O orador *turba-se* por timidez, por vergonha, etc.; *confunde-se* quando perde o fio do discurso; *perturba-se* quando ouve algum sussurro desaprovador ou nota demonstrações de desgosto.

Turno, vez. — *Turno* supõe repetição do mesmo acto; *vez*, não. Entramos por *turno* sempre que nos toca entrar; entramos por *nossa vez* depois de entrarem os que estavam antes de nós.

Tutano, medalla. — *Medula* é a substancia que existe no interior dos ossos.

Em culinaria, na linguagem vulgar, e na industrial, dá-se-lhe o nome de *tutano*.

U

Úlcera, chaga. — Toda *úlcer*a é uma *chaga*, mas nem todas as *chagas* são *úlcer*as. A *chaga* tem dois períodos bem caracterizados: um de formação, outro de cicatrização. A *úlcer*a é uma *chaga* que, após o período de formação, fica estacionaria.

Um, único. — Concordam estes vocábulos em despertar a idéa de unidade, posto que se dizem do quo é ou está só.

Um é termo abstracto e absoluto; concretiza-se a indicar a unidade e a chamar a atenção para essa simples idéa; do elle não se deprehende divisibilidade alguma; assim: o *espírito* é *um*, porque não pode ser considerado por partes.

Único é termo relativo e concreto; não se diz da unidade considerada em si propria, mas somente da qualidade pela qual um objeto está só e se distingue dos outros. Dizer-se *filho único* é considerar-se com as vantagens que advêm de não existirem os irmãos que pudera haver. Dizer que *ha um único Deus* é considerar a divindade sob o aspecto de essa excellencia de superioridade. Dizer que *Deus é um*, é considerá-lo na indivisibilidade do seu poder.

União, junção. — *Junção* diz-se do acto pelo qual duas cousas cessam de estar separadas, e também do proprio ponto em que ellas se reúnem.

União diz-se do estado de duas cousas que não estão separadas, quer sempre hajam estado unidas, quer o estejam apenas desde ha certo tempo.

O vocábulo *união* sugere a idéa de uma relação mais íntima que o termo *junção*. Quando entre duas cousas subsiste a *união* pode dizer-se que ellas constituem uma unidade.

Urgência, pressa. — O que requer *pressa* não consente perda de muito tempo; o que requer *urgência* exige que não se perca tempo nenhum.

Útil, proveitoso. — O que é *proveitoso* nunca perde essa qualidade quando alguém haja necessidade de a aproveitar; o que é *útil* só possui tal qualidade quando as circumstancias permittem de lh'a aproveitarem. Ademais, o fim do que é *útil* é ser *proveitoso*. Um médico é *útil* quando a sua sciencia é *proveitosa*. A saúde é sempre *proveitosa*. O dinheiro não é *útil* numa ilha deserta.

Utilidade, proveito, vantagem. Roquete diz o seguinte a respeito de estas palavras:

« A *utilidade* nasce do serviço que se tira das cousas; o *proveito*, da ganancia que produzem; a *vantagem* resulta da honra ou da commodidade que nellas se encontra. — Um móvel tem sua *utilidade*; o commercio traz grandes *proveitos*; uma casa grande tem suas *vantagens*. — Um autor honesto que publica uma obra literaria deseja que ella seja *útil* ao leitor, que elle dê algum *proveito* pecuniario, ou ao livreiro que a vende, e que lhe grangeie a *vantagem* do apreço público ».

V

Vagas, ondas. — Diz Lacerda:

« As ondas são cortas elevações, não grandes, que formam as águas por cima da sua superfície sobre o mar, sobre os rios, etc. As *vagas* são as ondas elevadas a grande altura em consequência de extraordinária agitação causada pelos ventos o tempestades. O navio, que vai sulcando as ondas gentil e bonancoso, so o vento cresce, e se desfaz em temporal, não raro é batido e despoaçado pelas *vagas*, que o impellem e rolam sobre os rochedos ».

Vêja o artigo **Onda**, página 537.

Vagabundo, vadio. — Diz Lacerda:

« *Vadio* é o que não tem modo de vida conhecido. — É *vadio* o que vive num lugar sem officio, sem amo, sem se ocupar em outro mistér, que nem ganha a sua vida, nem anda negociando algum negocio seu ou alheio, etc. (ORDENAÇÃO).

« *Vagabundo* é o que anda vagando sem domicilio nem vivenda certa. A muitas pessoas se pode dar o nome do *vagabundo*, das, sem que comtudo se possam chamar *vadias*. O negociante que vai do terra em terra, de reino em reino por causa do seu negocio, é verdadeiramente um *vagabundo*, mas ninguém dirá que é um *vadio*. « Lucena usa frequentemente de este vocabulo com a acepção em que aqui é tomada ».

Hoje, estes vocabulos podem comparar-se de outro modo.

Vadio é aquelle que, sem ter meios de subsistencia por não querer dedicar-se a um trabalho qualquer, está habitualmente numa povoação onde tem ou não um domicilio certo.

Vagabundo é aquelle que, sem se dedicar a nenhum modo de vida, anda de terra em terra, vivendo, como o *vadio*, do que se lhe depara.

Vêja-se o artigo **Ambulante**, página 85.

Valentia, valôr. — Assim compara Lacerda estes dois vocabulos:

« *Valentia* é o esforço do *valor* pessoal, a ostentação, a demonstração externa do *valor*. A *valentia* pode ser effeito da pre-

« sunção, da valdado, do amor proprio, e talvez da educação o do exemplo; porém o *valor* é uma qualidade propria e inherente ao carácter uobre que se eleva acima dos perigos. *Valentia* usa-se tambem no sentido translatô, e diz-se *valentia* de pintura, *valentia* de fantasia. — *Valentia* das expressões, que pintam com força pessoas, e cousas fortes e animosas (VERBA).

Valetudinário, doente, enfermo. — *Doente* tanto se diz de aquelle que momentâneamente está a braços com uma doença, como de aquelle que geralmente sofre do alguma doença crônica ou de males que sobrevêm uns aos outros e se succedem.

Enfermo diz o mesmo que *doente*, mas supõe a não existencia de intervalos de saúde.

Valetudinário é o mesmo que *enfermo*, e diz-se de quem, padecendo continuamente do achaques, necessita euidar sem cessar da sua saúde. Este termo não pertence á linguagem vulgar.

Vãmente, em vão, inútilmente. — As duas primeiras expressões são subjêctivas, a terceira é objêctiva.

Vãmente e *em vão* dizem-se com relação aos esforços do sujeito; *inútilmente*, com relação á opposição encontrada o não venciada.

Vãmente, ainda quo pouco usado, é o unico adverbio quo exprimo cabalmente a impossibilidade, e não pode confundir-se com *em vão*, que é relativo ao nenhum resultado obtido, mesmo quando se consegue o fim do quo se esperava esse resultado.

Pretoendo abrir num poço, mas como não posso conseguir furar a rocha que o terreno me depara, intento *vãmente*. Consigo abri-lo, feval-o a grande profundidade, mas não encontro agua; desisto, e digo que *em vão* gastei tempo e dinheiro, pois nada consegui; o quo *inútilmente* procurei a agua que no sub-sóio não achei.

Vão, balldado. — *Vão* sugere a idéa de dosilusão, do esperança indubriada; o que é *vão* tem bela apparencia, mas engana: *vãos* protestos de amizade. — Noutra

acção, mais próxima do sentido do outro vocábulo do grupo, *vão* diz-se do que não surte efeito: *esforços vão*, *esperanças vão*.

Baldado diz-se para comparar os vults resultados obtidos do objecto com os esforços empregados pelo sujeito.

Veja o artigo **Desnecessario**, pagina 385.

Varição, alteração, mutação.

— **Mutação** diz-se propriamente da substituição de uma pessoa por outra. *Nos regimentos ha frequentes mutações de officiaes.* **Mutação** tambem se diz da posição do um objecto que vem occupar o logar precedentemente occupado por outro: **mutação cénica.**

Alteração é uma modificação que altera, que torna um objecto differente do que elle era antes. **Alteração violenta, rápida, insensivel.**

Varição diz-se da inconstancia de uma pessoa ou cousa que passa sucessivamente por varios estados, voltando aos que antes já tivera.

O corpo do homem passa por varias alterações até alcançar todo o seu desenvolvimento. O humor do homem está sujeito a frequentes variações: ora triste, ora alegre, ora melancólico, ora outra vez alegre, etc.

Variação, variedade. — A **variação** é successiva; a **variedade** é simultânea. Ha **variação** nas estações; ha **variedade** nas flores de um jardim. Nos entendimentos débéis ha continua **variação** de opiniões; no homem instruido ha **variedade** do conhecimento.

Lacerda diz a este respeito:

« **Varição** designa mudanças successivas « num mesmo sujeito ou objecto. **Variedade** « designa multidão de sujeitos differentes, « ou que entre si têm diversidade: — É « grande a **variedade** de caracteres dos ho- « mens; mas tambem ha homens, em cujo « carácter se observa uma quasi continua « **variação**.—Deve notar-se a **variação** dos « tempos; a deve maravilhar-nos a **varieda-** « **de** das cores ».

Vehemencia, efficacia. — A **vehemencia** provém dos sentimentos o revela-se na linguagem e nos gestos; a **efficacia** é originada pela força e manifesta-se nas acções. Os affectos, as paixões, o entusiasmo têm **vehemencia**; a actividade, o cálculo, o interesse, criam a **efficacia**; esta pode ser astuta, moderada e branda no seu modo de obrar; aquella é sempre violenta e fogosa. A **efficacia** pode muitas vezes applicar-se ao proverbio latino: *suaviter in modo, fortiter in re*. O carácter da **vehemencia** está bem desenhado no verso:

Et frustra retinacula tendens, fertur equis auriga.

Vehemencia, intensidade. — A acção da **vehemencia** é mais violenta e mais rápida que a da **intensidade**, mas esta é mais íntima e mais profunda do que aquella. Uma dor **vehemente** dura menos que uma dor **intensa**. O **intenso** não se manifesta tanto no exterior como o **vehemente**.—As **vehementes** exortações de uma mãe podem produzir um **intenso** arrependimento no coração do filho extraviado. — A paixão **intensa** concentra-se; a **vehemente** necessita desafogar.

Vender, alienar. — **Vender** sugere sempre a idea de preço; **alienar** não indica se a transmissão da propriedade se faz a título gratuito ou a título oneroso.

Veracidade, verdade. — A **verdade** é qualidade que se considera em si propria, na sua esseencia, com relação ao carácter ou natureza do sujeito. A **veracidade** é uma qualidade que se considera com relação ás suas manifestações, á confiança que devo inspirar a todos.

Noutra acção, em que as duas palavras ainda são sinónimas, a **verdade** é uma qualidade das cousas, uma conformidade de ellas com a realidade; a **veracidade** é uma qualidade das pessoas, uma conformidade entro o que ellas dizem e a realidade dos factos: a **veracidade** de um historiador consiste em elle não alterar a **verdade** dos factos.

Verdadeiro, verídico.—Lacerda compara assim estes adjetivos:

« **Verdadeiro** toma-se muitas vezes por « **verídico** ao uso latino, o que diz a verda- « **de**. Quem diz homem **verídico** supõe que « elle é **verdadeiro**. O homem **verdadeiro**, « pela recção do seu carácter, e pelo seu « amor á verdade, é sempre **verídico**. O ho- « mem **verdadeiro** folga de dizer a verdade « e não pode não a dizer: o **verídico** ama a « **verdade**, está contente quando a diz, mas « não era impossivel que alguma vez a ca- « lasse ».

Verdor, verdura.—O **verdor** é uma qualidade abstracta dos vegetaes, qualidade que se manifesta activamente, e mercê á qual elles vivem e crescem. A **verdura** é, pelo contrario, uma qualidade puramente exterior que resulta do efeito que as folhas ou a herva produzem na vista.

De esta differença resulta que **verdor**, e não **verdura**, se empregue ao sentido figurado como sinónimo de vigor, força, etc.

Versado, práctico.—**Versado** refere-se ás ideas e aos acontecimentos; **prático**, aos actos maauaes e negocios: de um advogado se diz que é **versado** em jurisprudencia e **prático** no foro.

Verter, entornar.—*Entornar* diz-se dos objectos, e *verter* do quo nelles está contido. **Entorna-se** uma garrafa e **verte-se** o vinho que ella contém.

Vestigio, pégada, pisada, rasto, trilha, pista.—Assim compara Lacerda estes vocábulos:

« *Vestigio* é o sinal que deixou de si, em
« algum lugar, a cousa que nelle esteve.
« *Pégada* é o vestigio do pé do homem ou
« do animal. *Pisada* é o vestigio mais dis-
« tinto, a mostra impressa na areia, lama,
« pó, etc., do homem ou do animal. Usa-se
« muito ao sentido figurado: — O filho ho-
« nesto segue as *pisadas* do seu honra-
« do pae. — *Rasto* é o *vestigio* que deixa
« por uma certa extensão do seu caminho
« o homem ou a fera que por elle passou,
« principalmente a rasto, ou de rojo. *Trilha*
« é o *rasto* impresso no chão por cousa pa-
« sada, que passa carregando, e passando
« por ali repetidamente. *Pista* é o *rasto* que
« deixam os animais nos logares por onde
« passam ».

Vial, avenida.—*Avenida* diz-se de uma ampla via que se compõe de uma larga rua central separada de duas outras ruas lateraes por largos passeios arborizados; a **Avenida da Liberdade**.

Vial, neologismo proposto para substituir o francez *boulevard*, diz-se de uma rua ampla orlada de largos passolos arborizados; o **vial dos Italianos** é um dos pontos mais frequentados de Paris.

Victoria, triumpho.—É tambem de Roquete a comparação de estes vocábulos:

« *Victoria* é o acto de vencer, e a vantá-
« gem que se alcança sobre outro, vencon-
« do; *triumfo* é a ostentação da *victoria*,
« ou a solemnidade com que ella se celebra
« em hora do vencedor. João de Castro
« ganhou a *victoria* em Dlu, e teve seu
« *triumfo* em Goa. — Em sentido figurado,
« *triumfo* é uma grande *victoria* ».

Victoria, vencimento.—Roquete fala acertadamente de estes vocábulos:

« Camões — diz — e outros clássicos con-
« fundiram estas duas palavras, que si-
« gnaficam duas cousas bem diferentes.

« *Victoria* é a acção de vencer; *vencimen-
« to* a de ser vencido. — O general que ga-
« nha uma batalha, publica sua *victoria*; o
« que a perde procura occultar seu *ven-
« cimento*. — O *vencimento* das paixões é a *vi-
« ctoria* da razão. — Teu *vencimento* foi tua
« *victoria*; isto é, vencoste com ser ven-
« cido.

Victorioso, vencedor.—*Vencedor* applica-se geralmente com relação a um só facto, a uma única victoria; *victorioso* su-

gere a idéa de uma série de victorias, e parece indicar o hábito de sempre vencer. — *Depois da batalha, o exercito vencedor acampou nas posições que tomara, e terminada a campanha atravessou victorioso todas as regiões que conquistara.*

Viga, travc.—A *viga* e a *trave* são madeiros que servem para o mesmo uso, e apeaas diforem em a *viga* ser falqueada, ao passo que a *trave* não o é.

Vindouro, porvir.—Lacerda coarpara o substantivo *porvir* com o adjectivo *vindouro* dizendo o seguinte:

« *Porvir* difereença-se de futuro, em que
« exprimo maior incerteza, como já vimos;
« o distingue-se do *vindouro* em que, *vin-
« douro* exprime a idéa de um futuro mais
« determinado, e menos remoto do quo *por-
« vir*: — *Livrae* o vosso povo do grave infor-
« tunio *vindouro* — isto é, próximo a suce-
« der. (ANDR. CHR.) « Elles... alcaçaram o
« *porvir*, isto é, o quo ao depols ha-de vir,
« ha-de acontecer. (PALM. DIAL).

Violar, profanar.—*Viola-se* o quo é puro o o que é vedado; *profana-se* o quo é sagrado o o que é respeitável. *Viola-se* a virgindade e o domicilio; *profana-se* o templo e o táiaao.

Violento, excessivo, extremo.—Ao falar das paixões, dos movimentos do ânimo, *extremo* e *excessivo* indicam quantidade ou extensão, e tanto se dizem do bom como do mal; *violento* exprime intensidade e nunca se toma a boa parte.

Extremo iudica o ponto mais distante ou elevado a que habitualmente se pode chegar: *bondade extrema, maldade extrema*.

Excessivo encarece sobre *extremo*, e indica um ponto que só mui extraordinariamente se pode atingir: *excessiva bondade, rigor excessivo*.

Violento diz-se só das paixões que inflamam e transportam: *amor violento; violenta cólera*.

Violento, vivo.—O que é *violento* manifesta-se exteriormente com vehemencia; o que é *vivo*, além de se manifestar como *violento*, actúa e obra com a força intrinseca de que dispõe. *Um odio violento* não se pode occultar; *um odio vivo* não só não pode occultar-se, mas obra saerergicamente contra aquilo que odia.

Vlr, chegar.—Estas palavras são sinónimas quando se dá a segunda toda a extensão da primeira, como, por exemplo, em: *já veio* ou *já chegou o correio*.

Não obstante convirá distinguir que *chegar* é sempre relativo á consumação da vinda, e *vir* ao objecto de essa vinda ou a

uma idéa que é suggerida pelo ponto donde se vem. Assim: **chego da caça** exprime que acabei de caçar, que entro em casa depois de haver caçado; **venho da caça** diz-se com relação ao resultado da caça, às circunstancias que se deprehendem do exercicio a que me dediquei.

Outra differença, e ainda mais essencial que a precedente, é que *vir* designa uma acção que termina no ponto em que está quem fala, ao passo que a acção expressada por *chegar* pode terminar em ponto distante. **Vim hontem do Brasil** dirá aquelle que já desdo hontem está em sua casa. **Cheguei hontem do Brasil**, tanto é pode dizer aquelle que desde hontem está em sua casa; como aquelle que tendo desembarcado hontem ainda tem de continuar viagem para chegar á sua terra.

Virago, marimacho.—*Marimacho* diz-se da mulher que tem estatura, voz e maneiras de homem.

Virago diz-se da mulher esforçada e destemida.

Viril, varonil.—*Viril* diz-se do que é proprio do homem; *varonil*, do que é proprio ao varão. — Veja-se o artigo **homem, varão**, na página 490.

Vistas, designio, fim.—*Fim* é o extremo objecto que nos propomos.

Designio é o que nos propomos executar. *Vistas* é o *designio* relativamente ás considerações que nos levaram a formal-o.

Vivaz, viável.—Falando dos seres dotados de vida, *viável* diz-se dos que se apresentam em condições de poder viver, e *vivaz* dos que revelam condições de viver muito tempo.

Viveres, mantimentos.—A única differença que se nota entre estes vocabulos é a de *mantimentos* designar de um modo geral o conjunto das cousas necessarias para a alimentação ao passo que *viveres* se refere aos *mantimentos* de que immediatamente se tem de fazer uso. Uma praça si-

tiada pode suster-se muito tempo se estiver bem provida de *mantimentos*; se estos escassearem render-se-á se não lhe levarem *viveres*.

Volatilizar-se evaporar-se.—*Evaporar-se* diz-se do que desaparece quando se converto em vapor.

Volatilizar-se diz-se do que se converte em vapor ou em gaz, sem a idéa accessoria que se infere do verbo precedente—antes, pelo contrario, de *volatilizar* parece inferir-se haver um fim que desejamos obter pela volatilização.

Voltar, regressar.—*Voltar* é andar em direcção contraria á que se seguiu á ida; *regressar* é *voltar* ao ponto de partida. — Ademais *voltar* diz-se de distancias ou ausencias curtas e longas; e *regressar* só das longas. *O eriado volta da praça* (não *regressa*). Quando Vasco da Gama **volto**u ou **regressou** da India...

Voluntariamente, de boa vontade.—*Voluntariamente* diz-se do que se faz por movimento da vontade, por impulso proprio, ainda que o acto nos seja desagradável: o criminoso *foi entregar-se voluntariamente* ás autoridades.

De boa vontade diz-se do que é não só feito *voluntariamente*, mas que tambem nos é agradável, ou que, pelo menos, não nos repugna.

Vontade, desejo.—A *vontade* tem resultados—ou, pelo menos, quer ter resultados mais immediatos que o *desejo*; isto provém da *vontade* se distinguir pelo seu carácter absoluto e preciso, e ser como o principio inicial da acção, ao passo que o *desejo* é mais depressa uma simples inclinação ou propensão para a acção.

Voracidade, sofreguidão.—A *voracidade* atende apenas á saciedade propria, ao passo que a *sofreguidão* ovita que outrem arrebate parte alguma da presa.—A *voracidade* devora; a *sofreguidão* devora e roceia não ter bastante.



Z

Zabumba, bombo.—O *bombo* é uma espécie de grande tambor que se toca com uma só roçanota, e que faz parte das bandas.

O *bombo*, isolado de uma banda de música, e que se toca só ou que acompanha algum instrumento rústico, chama-se vulgarmente *zabumba*.

Zêlo, solicitude.—Concordam estes vocábulos na idéa de designar aquella pressa o exactidão com que se faz a alguma pessoa o que ella ordenou ou o que se sabe que lhe ha-de ser agradável.

O *zêlo* é um sentimento puramente interno, vivo e affectuoso, que induz a sermos por todos os meios ao nosso alcance agradáveis e úteis a alguém, ou conservando o fazendo prosperar quanto lhe pertence, ou

aquillo pelo qual ella se interessa. Estes sentimento provém do affecto que se tem pela pessoa que se quer servir ou obsequiar, e o seu carácter é a sinceridade, ás vezes até uma sinceridade exagerada.

Solicitude á a exterioridade o consequência do *zêlo* verdadeiro ou fingido com que procuramos todas as occasiões possíveis para dizer ou fazer o que pode ser agradável ou útil a alguém. Criado **zelo**so; herdeiro **solicito**.

Zumbido, zunido.—Muitos confundem estas palavras que diferem essencialmente entre si.

O *zumbido* é produzido por insectos; o *zunido* pelo ar. **Zúmbem** as abelhas, os mosquitos, etc. **Zúnem** os ouvidos, as balas, o vento enfiado e coado por grelas, etc.

FIM

FÉ DE ERRATAS

	Onde se lê	leia-se
Página 13.....	Desmoronar-se	Desmuronar-se.
» 130.....	Gentil	Gentio.
» 130.....	Gentís	Gentíos.



FÉ DE ERRATAS

1. O nome do autor é: *Dr. João de Deus*
2. O nome do editor é: *Editorial do Brasil*
3. O nome do ilustrador é: *Ilustrador do Brasil*
4. O nome do tradutor é: *Tradutor do Brasil*
5. O nome do revisor é: *Revisor do Brasil*
6. O nome do corretor é: *Corretor do Brasil*
7. O nome do designer é: *Designer do Brasil*
8. O nome do produtor é: *Produtor do Brasil*
9. O nome do distribuidor é: *Distribuidor do Brasil*
10. O nome do vendedor é: *Vendedor do Brasil*
11. O nome do comprador é: *Comprador do Brasil*
12. O nome do leitor é: *Leitor do Brasil*



INDICE

DOS

Vocábulos contidos neste volume

A

1) A (prep.)	542	1) Abnegação	15	Abysmado	18
2) A (pron.)	534	2) Abnegação	388	Abysmo	19
Aba	9	Abolado	86	1) Acabado	20
Abaçanado	9	Abolição	548	2) Acabado	20
Abadanado	9	Abolir	15	1) Acabar	20
Abafado	9	Abominar	16	2) Acabar	20
1) Abafar	9	Abonação	16	3) Acabar	21
2) Abafar	9	Abonança	16	Acabrunhado	592
3) Abafar	9	Aborigene	16	Acaçapado	51
4) Abafar	129	Aborrecer	16	Academia	21
Abafeira	10	1) Aborreclimento	520	1) Acalmar	17
Abafó	10	2) Aborreclimento	536	2) Acalmar	191
Abaixamento	151	Abortar	16	3) Acalmar	605
Abairar	10	Abra	17	Acamar	30
Abalançar-se	10	1) Abraçar	12	Acampamento	21
1) Abalar	10	2) Abraçar	314	Acanhamento	21
2) Abalar	11	Abrandar	17	Acarear	21
3) Abalar	81	1) Abranger	12	Acarrrear	21
1) Abalo	11	2) Abranger	273	Acarrretar	21
2) Abalo	260	Abrasado	109	1) Acaso	21
Abalroamento	11	1) Abrasar-se	109	2) Acaso	21
Abanar-se	12	Abrigada	17	Acatamento	24
Abandonar	11	1) Abrlgar	17	Acautelado	24
Abandono	11	Abrir	17	1) Aação	24
Abanicar so	12	Abrogação	369	2) Aação	24
Abaratar	12	Abrogar	15	3) Aação	25
Abarca	78	Abrolhos	17	4) Aação	25
1) Abarear	12	Abrunho	85	5) Aação	97
2) Abarear	12	Abrupto	17	Accecer	25
Abas	12	Abolutismo	18	Acceitar	25
Abastado	12	1) Absoluto	18	Accelerar	25
Abastardar-se	12	2) Absoluto	591	1) Accento	25
Abastecer	13	Abolver	18	2) Accento	25
1) Abater	13	Absolvição	548	Accepção	25
2) Abater	13	Absono	18	Accidentalmente	26
3) Abater	13	Absorto	18	1) Accidente	26
Abatimento	13	Absorver	18	2) Accidente	210
Abbadia	14	Abster-so	18	Acclamação	26
Abbreviar	14	Abstinnencia	19	Accommodar	26
Abc	14	1) Abstracção	19	Accôrdo	323
Abdicar	14	2) Abstracção	479	1) Accrescentar	26
Abdômen	14	3) Abstracção	557	2) Accrescentar	34
Abecedario	14	Abstracção	19	Accumular	26
Abençoado	170	Abstruso	19	Accusado	78
Abençoar	14	Absurdo	319	Accusador	26
Abertura	485	1) Abundancia	19	1) Accusar	27
Abjecção	151	2) Abundancia	19	2) Accusar	30
Abjecto	14	1) Abundante	19	3) Accusar	366
Abjuração	326	2) Abundante	329	Acedia	29
Abjurar	15	3) Abundante	465	Acerbo	27
Ablação	15	Abundantemente	329	Acerca de	28
Ablaquear	15	Abundoso	19	Acercar	28

II

Acertar	28	1) Adherente	35	Afecção	46
Acerto	28	2) Adherente	35	Affecto	45
Acervo	28	Adherir	25	Afeição	45
Acha	28	Adhesão	34	Afeite	45
Achacadiço	29	Adiar	35	1) Afnidado	34
Achacoso	29	1) Adivinhar	28	2) Afnidade	251
Achado	29	2) Adivinhar	35	Afirmacção	127
Achaque	29	Adivinho	36	Afirmar	47
1) Achar	29	Adjacente	36	1) Aflicção	47
2) Achar	29	Adjectivo	36	2) Aflicção	89
3) Achar	366	Adjectivos dotermi-		Aflicções	48
Acidia	29	nativos	390	Aflicto	321
Acido	27	Adjurar	37	1) Afliencia	48
Aclarar	30	Administração	37	2) Afliencia	49
Aclarar-se	241	Admração	37	Afronta	49
Acilmar-se	32	Admirado	18	Afrontar	50
Acocar	30	Admrativo	37	Afusão	50
Acotar	30	1) Admirável	37	Afiar	86
Acolá	30	2) Admirável	454	Afim de	542
Acolher	30	Amittir	47	Afincado	50
Acolher-se	30	Admoestar	38	A fio	467
Acólytho	59	Adobe	38	Afagador	50
Acommetter	30	Adoçar	38	1) Afora	50
Acommettida	52	Adoececer	38	2) Afora	586
Acompanhamento	31	Adolescencia	38	Aforamento	419
Acompanhar	589	Adonde	39	Afortunado	50
Acondicionar	31	Adoptar	39	Afouteza	50
Acontecer	31	Adoração	577	Afrancezado	50
Acontecimento	26	Adorar	40	Afretador	51
Acordar	31	1) Adormecer	40	Afuroar	51
Acorrentar	32	2) Adormecer	40	Agachado	51
Acossar	32	Adornar	40	Agarrado	147
Acostumar-se	32	Adorno	40	Agarrar	51
1) Açougue	32	Adquirir	41	1) Agasalhar	9
2) Açougue	32	Aduana	41	2) Agasalhar	17
Açoutar	468	Adubo	41	3) Agasalhar	30
Acquiescer	25	Adufa	41	Agasalho	10
Acquisição	32	Adufe	41	Agastar-se	570
Acre	27	Adulador	41	Aggravar	49
Acreditar	32	Adular	41	1) Agregar	34
Acrimonioso	27	Adulterar	42	2) Agregar	127
Acro	32	Adunar	144	Aggressão	52
Acrobata	32	Adunco	42	Agil	52
Actividade	33	Adversario	42	Agilldade	515
Activo	33	Adversidade	42	Aglo	52
Acto	24	Adverso	42	Agliomacho	52
Actor	33	Advertir	43	1) Aglota	52
Actual	33	1) Advogado	43	2) Aglota	156
Actualmente	33	2) Advogado	43	1) Agitação	52
Acuar	33	3) Advogado	540	2) Agitação	53
Acudir	34	A eito	467	Agitar	53
Adagio	99	1) Aeronáutica	43	Agnação	251
Adaptar	26	2) Aeronáutica	117	Agnosticismo	276
Adarga	438	Aerostação	43	1) Agora	33
Adição	34	A especie humana	489	2) Agora	53
Adicionar	34	A excepção do	586	Agourar	35
Aduzir	34	Afago	43	1) Agouro	53
1) Adeantar	34	Afamado	43	2) Agouro	143
2) Adeantar	34	Afastar	44	Agradar	54
1) Adejar	34	Afazer	536	1) Agradável	54
2) Adejar	541	Afazer-se	32	2) Agradável	85
Adepto	34	Aferrado	50	Agradecimento	54
Adequado	268	Aferro	44	Agrado	44
Adequar	26	Affabilidade	44	1) Agrario	54
A despeito	523	1) Affável	45	2) Agrario	582
Adherencia	34	2) Affável	45	Agreste	54

Agrícola	582	Alcantillado	17	Alívol	73
Agrícultor	55	1) Alcar	63	Alívio	73
Agricoltura	55	2) Alçar	63	Alizar	73
Agrihoar	55	Alcatén	63	Aljava	73
Agro	55	Alcatifa	263	Aljuhe	522
Agronomia	55	Alcatrão	49	Allea	60
Agrônomo	55	Alcavala	64	1) Allegar	34
Aguacelro	56	Alcofa	64	1) Allegar	74
Agua-mel	56	Alcool	64	Allogoria	98
Aguardar	56	Alcoollismo	64	Allemão	481
Aguas-furtadas	56	Alconce	64	1) Allança	74
Agudeza	56	Alcoucelra	64	2) Allança	75
Agudo	57	Alcovitelra	64	Allelar	75
1) Aguentar	57	Alcunha	64	Allvio	576
2) Aguentar	141	Aldeão	65	1) Allocução	75
1) Agullhão	57	Aldela	65	2) Allocução	114
2) Agullhão	230	Alcatorlo	65	Allucinação	434
Agulhoar	57	1) Alegre	65	1) Allucinar	76
A humanidade	489	2) Alegre	66	2) Allucinar	459
Ainda que	523	Alegria	66	Allusão	76
Alo	58	Aleljado	66	Allusivo	575
Alroso	58	Aléivos	67	Alma	76
Alslado	58	Além	30	Almanak	77
Ajoelhar	58	Além-mar	67	Almargeal	78
1) Ajuda	58	Alentejano	68	Almárgem	78
2) Ajuda	248	Alentado	68	Alméce	78
Ajuda de custo	59	Alentar	89	Almocreve	78
Ajudante	59	1) Alento	68	Almoeda	78
1) Ajudar	59	2) Alento	487	Almosada	78
2) Ajudar	59	A letra	517	Alongar	563
3) Ajudar	249	Aliageme	68	Alopecia	78
4) Ajudar	588	Alfala	68	Alparca	78
Ajuntamento	58	Alfândega	41	Alpargata	78
1) Ajuntar	34	Alfange	232	1) Alpendrada	79
2) Ajuntar	59	Alfaque	68	2) Alpendrada	487
Ajustado	255	Alfarrabio	69	1) Alpendre	79
Ajustar	105	Alfelro	69	2) Alpendre	487
1) Ajuste	60	Alféloa	69	Alpendurada	79
2) Ajuste	323	Alfenim	69	Alpense	79
Ala	60	Alfim	69	Alpestre	79
Alahão	69	Alfombra	63	Alpétrico	79
Alagado	60	Algalia	70	Alphaheto	14
Alameda	60	Alganame	70	Alpico	79
Alamia	60	Algar	70	Alplno	79
Alapardado	51	Algazarra	70	Alquelve	79
Alar	60	Algehrista	70	Alquillar	80
Alarde	60	Algibelra	70	Altanaria	80
Alarido	60	Algido	70	Altar	79
1) Alarme	61	Algoz	71	Altear	79
2) Alarme	61	Alguns	71	1) Alteração	79
Alastradeiro	61	Algures	71	2) Alteração	609
Albergaria	61	Alhelo	71	Alterar	80
Albergue	61	Alhures	71	1) Altercação	80
Alhescente	62	Allecerces	71	2) Altercação	312
Alhorque	62	Allenção	71	Alternativa	80
Alhufelra	62	Allenção mental	71	Alteza	80
Alcaçar	62	Allenador	72	Altitude	80
Alcacer	62	Allenar	609	Altivez	80
Alçada	62	Allenatarlo	72	Alto	80
Alçado	62	Alífero	72	1) Altura	80
1) Alcançar	62	Aligero	72	2) Altura	80
2) Alcançar	62	Alimentar	72	Alude	80
3) Alcançar	137	Alimentos	73	Alugar	80
1) Alcance	63	Alimpa	73	Aludir	81
2) Alcance	63	Alinhar	73	Alumno	81
Alcantil	63	Aliseos (ventos)	73	Alva	81

IV

Alvaceuto	62	Amor proprio	183	Annuencia	92
1) Alvadio	62	Amossado	86	Annular	15
2) Alvadio	81	Amostra	426	Andunclador	92
Alvedrio	81	Amotinado	588	Annunclante	92
Alveitaria	82	Amovível	86	1) Anuaciár	92
Alvejar	181	Amparar	59	2) Anunciar	356
Alvenol	82	Amparo	58	Annunclativo	92
Alveo	82	Amphibologia	84	1) Anuncio	148
Alvitre	301	Amphitheatro	231	2) Anuncio	574
Aivo (adj.)	82	Amplicar	86	Anoltecer	93
Alvo (subst.)	437	Amplio	86	Anojar-se	93
Alvorada	82	Amputação	15	Antagonista	42
Alvorogo	82	Amuleto	86	Antártico	145
Alvoroto	82	Anachorota	86	Antecedente	93
Alvura	181	Anadiplose	87	Antecedentes	93
1) Ama	82	Anafado	86	Antecessor	93
2) Ama	82	Analecto	230	Antecessores	93
Amabilidade	44	Analogia	86	Antecipadamente	93
Amador	316	Análogo	87	Antecipar	34
Amadurecimento	82	Analphaboto	87	Antenna	601
Almadicoar	82	Analysar	357	Antopassados	93
Amanhar	83	Analyso	87	1) Anterior	93
Amansado	83	Anão	87	2) Anterior	93
Amansadura	83	Anápfora	87	Anterioridade	561
Amansamento	83	Anarchia	87	Anteriormente	94
Amansar	83	Anáthema	87	Anterosto	94
Amansia	83	Anatomia	87	Antes	94
1) Amante	83	1) Anca	88	Anthologia	230
1) Amante	268	2) Anca	88	Anthropopago	94
Amantelar	83	Ancia	88	Anthropophobia	94
Amarellecer	83	Ancião	88	Anticathólico	94
Amarellejar	83	Anciar	88	Antichrese	94
Amargado	83	1) Anciedade	88	Antidoto	94
1) Amargo	27	2) Anciedade	89	Antigamente	94
2) Amargo	83	Ancioso	344	1) Antigo	94
Amargura	83	1) Ancorar	88	2) Antigo	94
Amargurado	83	2) Ancorar	101	3) Antigo	578
Amarrar	129	Andaço	88	Antigos	519
Amarúgem	83	Andalme	88	Antiflahe	99
Amásia	286	Andar	88	Antipathia	95
Amaturoso	83	Anédota	89	1) Antiquado	95
Amável	45	Anegar	593	2) Antiquado	109
Amavias	83	Anexim	99	Antiquario	95
Amavios	83	Angelical	89	Antireligioso	96
Ambages	83	Angélico	89	Antithese	96
Amhar	83	Angra	17	Antro	96
Ambição	84	Anguia	89	Aonde	96
Ambigüidade	84	Angular	89	Ao pé	550
Ambigüo	410	Angulo	89	Apagado	9
Amolto	85	Anguloso	89	Apagar	571
Ambo	85	Angustia	89	1) Apalpar	599
1) Ambulante	85	1) Anhelar	88	2) Apalpar	603
1) Ambulante	338	2) Anhelar	597	Apanhar	597
Amedrntar	509	Animai	89	1) Apartar	44
Amelxa	85	1) Animar	57	2) Apartar	578
Ameno	85	2) Animar	89	Apascentar	544
Amelga	286	Aniruo	76	Apathia	502
Amigávelmente	108	Animosidade	90	1) Apaziguar	17
Amizade	45	Animoso	90	2) Apaziguar	605
Amnistia	85	Annaes	90	Apedrejar	96
Amolar	86	1) Anexo	35	1) Apêgo	41
Amolgado	86	1) Anexo	91	2) Apêgo	45
Amontoar	26	Anniquillar	91	Apeirar	96
Amor	45	Anoso	92	Apenas	96
Amor ao próximo	172	Annotação	92	Apertado	96
Amor à patria	86	Annuario	77	Apesar	523

Apesar disso	276	Apresamento	559	Aridez	111
Aphasía	96	Apresar	106	1) Árido	111
Aphonia	96	Apresentar	349	2) Árido	111
Aphorisma	99	Apresentar-se	106	Arisco	110
Apíce	96	Apressar	25	Aristocracia	111
A pique	17	Apressurar	25	Arlequim	111
Apíacar	17	Apresto	101	Armada	111
Aplanar	269	Aprimorar	106	Armadura	112
Apócrýpho	97	Aprisco	106	1) Armas	112
Apodo	64	Aprisionar	106	2) Armas	112
Apogeu	96	Aprofundar	106	Armistício	112
Apólíce	97	Apropositado	106	Arnez	112
Apologética	97	Apropriar-se	106	Aroma	112
Apologia	97	Aproveitado	107	Arqueação	113
Apólogo	98	Aprumar-se	418	Arrabalde	12
Apontamento	99	Aptidão	107	1) Arraial	21
Apontar	99	Apto	137	2) Arraial	113
Apophtegma	99	Aquí	107	Arraia miuda	192
Após	133	Ar	108	Arraigado	231
Aposentado	100	Ara	79	1) Arrancar	113
Aposento	266	Arabe	108	2) Arrancar	115
Apossar-se	100	Arabista	108	Arranhadela	113
Apostatar	15	Arabizante	108	Arranhadura	113
Apostilla	92	Arado	108	1) Arranjar	31
Apóstolo	100	Arágem	181	2) Arranjar	245
Apothéose	101	Arar	108	1) Arrazar	13
Apoutar	101	Arbitralmente	108	2) Arrazar	114
Apparato	101	1) Arbitrio	81	Arrazoado	571
1) Apparecer	106	2) Arbitrio	108	1) Arrazoamento	75
2) Apparecer	128	Arboricultor	108	2) Arrazoamento	114
Apparecimento	102	Arçada	108	1) Arrebatado	115
Apparelho	101	Arcano	588	2) Arrebatado	498
1) Apparencia	103	Arcaria	108	Arrebatamento	115
2) Apparencia	103	Archaico	109	Arrebatat	115
3) Apparencia	559	Archeólogo	95	Arrebatat	252
4) Apparencia	561	Areo	175	Arreból	215
Apparentar	103	Arcos	108	Arredar	44
Apparente	411	Arctico	109	Arredores	12
Apparição	102	1) Ardente	109	1) Arrefecer	115
Appellação	103	2) Ardente	109	2) Arrefecer	575
Appellido	64	3) Ardente	223	Arrelo	115
Appêndice	103	Arceer	109	Arremessar	115
Appetecer	379	1) Ardil	109	Arremetter	30
1) Appetite	103	2) Ardil	109	Arrender	80
2) Appetite	104	3) Ardil	606	Arrependimento	116
Applauso	105	Ardilleza	109	Arrepio	117
1) Applicaçáo	104	Ardor	110	Arrestar	292
2) Applicaçáo	135	Arduo	110	Artrimar	117
Appoio	104	Are	110	Arriscar	117
Apprehender	104	1) Área	85	Arriscar-se	10
Apprehensão	104	2) Área	110	Arrobe	117
1) Apprender	104	3) Área	573	Arrogancia	511
2) Apprender	292	Areal	110	Arrogante	117
Apprendiz	104	Areento	110	Arrogar-se	106
Apprendizagem	105	A reio	467	Arroio	117
Approvação	105	Arona	110	Arrojado	118
Approvar	105	1) Arenga	75	Arrojar	115
Approximar	28	2) Arenga	111	Arrojar se	10
1) Aprazar	35	Arenoso	110	Arrojo	133
2) Aprazar	105	A respeito de	28	Arrostar	50
3) Aprazar	105	Argilla	110	Arroto	118
Aprazer	273	Argüir	27	Arruaça	52
Aprêçar	105	1) Argumento	87	Arrugar	372
Apreeiar	116	2) Argumento	110	Arruinar	118
1) Apreço	105	3) Argumento	571	Arummar	31
2) Apreço	447	Arguto	198	1) Arte	119

VI

2) Arte	119	Associar	127	Attractivos	139
3) Arte	120	Assolar	118	Atribuições	62
Artelrice	109	Assomar	128	Atribuído	97
Arteriotomia	121	Assombrado	18	Atribuir	99
Artêsano	121	1) Assombro	37	Atribuir-se	136
Artesão	121	2) Assombro	128	1) Atributo	106
Articular	122	1) Assumpto	128	3) Atributo	130
Artífice	121	2) Assumpto	315	Atrição	140
Artificial	122	Assustar	128	Atrito	116
1) Artificio	119	Astro	128	Aturar	141
2) Artificio	123	Astrologia	128	Aturdir	141
1) Artigo	245	Astrólogo	36	Auctor	141
2) Artigo	553	Astronomia	128	1) Auctoridade	142
1) Artista	33	1) Astucia	109	2) Auctoridade	252
2) Artista	121	2) Astucia	123	3) Auctoridade	553
Arvoredo	179	3) Astucia	549	Audacia	133
Arvorejado	123	Astucioso	521	Auditorio	236
As	534	Astuto	521	Auge	96
1) Asca	95	Asylo	128	1) Augmentar	26
2) Asca	123	Atabafar	129	2) Augmentar	143
As cégas	214	Atabal	129	Augurio	143
Ascendente	505	Atacar	30	Augusto	143
Ascendentes	93	Atafona	129	Aulico	144
Ascenso	123	Atalafa	442	Aunar	144
Ascensor	415	Atalhar	129	Aurora	81
Asceta	123	Ataque	52	Auspicios	144
1) Asco	123	Atar	129	Auspicioso	144
2) Asco	124	Ataude	129	Austero	144
Ascu	124	Atavia	40	Austral	145
Asexual	124	Atheu	130	1) Authentico	146
Asinino	124	Atinar	28	2) Authentico	146
Asir	51	Atirar	115	Autochthone	16
Asnar	124	Atiante	207	Autoeracia	18
Asno	124	Atomo	132	Autographo	226
1) Aspecto	125	Atordoar	141	Autônomo	146
2) Aspecto	559	Atormentar	132	Autoritario	355
Aspero	27	Atrabillario	132	1) Auxillar	34
Asphyxiante	595	Atrabilis	133	2) Auxillar	59
Aspirar a	125	Atração	605	Auxilio	58
Assaltar	30	Atrás	133	Avalancha	80
Assassinar	125	Atrasamento	133	Avallar	146
Assassinato	126	Atraso	133	Avania	149
Assassinio	456	1) Atravessar	133	1) Avarento	146
Assaz	126	2) Atravessar	343	2) Avarento	147
1) Asseado	354	3) Atravessar	544	Avareza	593
2) Asseado	516	Atrever-se	10	Avaria	147
Assedio	127	Atrevido	118	Ave	147
Assegurar	47	1) Atrevimento	133	Avelhentado	20
Asselo	127	2) Atrevimento	550	1) Avenida	60
Assembléa	127	Astro	135	2) Avenida	610
1) Assentar	127	1) Attenção	135	Aventurar	117
2) Assentar	553	2) Attenção	135	Aventurar-se	10
Assentimento	92	1) Attender	136	Averiguar	147
Asserção	127	2) Attender	439	Aversão	95
Asseverar	47	1) Attentado	136	Avesso	147
Assexuado	124	2) Attentado	136	Aviação	147
Assiduamente	310	Attestado	221	Avidez	286
Assiduo	127	1) Attestar	47	Avido	146
Assignalado	506	2) Attestar	137	Aviltamento	151
1) Assignar	127	Atticismo	137	1) Avisar	43
2) Assignar	575	1) Attinente	137	2) Avisar	505
Assignatura	127	2) Attinente	137	Aviso	148
Assim como	261	1) Attingir	137	Avistar	148
Assistencia	286	2) Attingir	221	Avós	519
Assoante	127	Attitude	138	1) Axioma	99
Assobio	590	Attracção	138	2) Axioma	555

Azado	149	Azelte	149	Azinhal	178
Azagafia	149	Azenha	129	Azo	427
Azedo	27	Azlagio	149	Azongue	149

B

Bahucha	150	1) Barra	159	Bemquistar	172
Bacchanal	587	2) Barra	159	1) Beneficencia	171
Bafio	150	Barraca	159	2) Beneficencia	172
Bafo	68	Barregã	286	Beneficio	173
Baga	150	Barreira	159	Benéfico	174
Bagagem	433	Barrete	159	Benevolencia	171
Bagaglia	59	Barriga	14	1) Benevolente	45
Bagatela	150	Barro	110	2) Benevolente	174
Bago	150	Barulho	160	Benévolo	174
Bahia	17	1) Base	9	Benignidade	174
Ballado	150	2) Base	160	Bens	174
Baile	150	3) Base	160	Bens allodiaes	174
Ballêo	88	Basilica	600	Bens livres	174
Baiuca	600	Bastante	126	Bentinhos	577
Baixar	10	Bastão	179	Bento	170
Baixeza	151	Bastardo	160	1) Benzer	14
Baixio	68	Bastião	161	2) Benzer	585
1) Baixo (adj.)	14	Batalha	24	Benzer-se	175
2) Baixo (adj.)	151	Batalhar	161	Berbere	108
3) Baixo (subst.)	68	Báttega	56	Berra	181
Bajulador	41	Batoteiro	473	Berreiro	60
Bajular	41	Battologia	162	Bêsta	175
1) Bala	152	Bazofia	163	1) Besta	89
2) Bala	177	1) Beatice	176	2) Besta	175
Balançar	152	2) Beatice	206	Bétula	175
Balancear	152	Beatificação	163	Bezerro	175
Balbuclar	153	Beatitude	163	Bibliotheca	176
Baldado	608	1) Beato	164	Bichanar	176
Balela	177	2) Beato	165	Bigamo	176
Baluarte	161	Bebedeira	165	Bigorna	585
Banal	153	Bebedice	165	Bilhete	206
Bancarrota	154	Beber	166	Bimensal	176
Banco	68	Beberagem	552	Biububo	176
Banda	155	Bebericar	166	Biographia	90
Bandarinha	155	Bobida	552	Biologia	176
1) Bandeira	155	Beca	603	Biouice	176
2) Bandeira	521	Bêchico	331	Birra	176
Bandido	155	Beijo	166	Blrrento	572
1) Bando	63	Beljo	166	Bisbilhotar	226
2) Bando	156	Beira-mar	166	Blsemanal	176
Bandoleira	156	1) Belleza	166	Blspado	176
Bandoleiro	155	2) Belleza	168	Bispo	553
Bandulho	542	Bélico	168	Bivaque	21
Banir	156	Bellicoso	168	Bizarria	176
Banqueiro	156	Bello (adj.)	170	Bloqueio	127
Banquete	156	Bello (subst.)	168	Boas acções	177
Baralha	157	Bemaventurado	50	Boas obras	177
Baralho	157	1) Bemaventurança	163	Boato	177
Barba	157	2) Bemaventurança	170	Bocado	177
Barbaridade	157	Bom creado	237	Bodas	492
Barbarismo	158	Bomdito	170	Bode	225
Bárbaro	158	Bem educado	221	Bodo	156
Barco	159	Bem-estar	260	Bofe	177
Bardo	159	Bemquerença	171	Bohemio	232

VIII

Boi	177	Bosquejo	435	Bricho	445
Bolar	177	Bossa	180	Brigar	161
Bola	177	Bostela	180	Brilhante	182
Boleta	178	Bota	180	Brilhar	122
Bolha	178	Botão	180	1) Brilho	240
Bolonio	540	Botequim	180	2) Brilho	518
Bolor	150	Botica	180	Brincadoira	183
Bolota	178	Botim	180	Brinde	183
Bolotal	178	Botina	180	1) Brío	183
Bolso	70	Bracalete	181	2) Brío	199
Bom	178	Brado	239	Brisa	184
Bomba	536	Brahmanismo	184	Broquel	438
Bombo	612	Brama	181	Bruna	184
Bom senso	571	Branças	181	1) Brunir	73
Bonacheirão	178	Branco	82	2) Brunir	516
Bonança	191	Brancura	181	Bruto	89
Bondade	174	1) Brando	181	Bruxaria	519
Bondoso	178	2) Brando	594	Bruxedo	520
Bonina	178	Brandura	181	Bruxo	36
Boniteza	166	Brandura de genio	406	Bucho	184
1) Bonito	58	Branquejar	181	Bucólica	411
2) Bonito	170	Branquidão	181	Buddhismo	184
3) Bonito	179	Brasa	124	Bulcão	184
Borbotão	179	1) Brasão	112	1) Bulha	160
Borbulha	178	2) Brasão	181	2) Bulha	184
Borda	179	Bravata	181	Bulir	81
1) Bordão	179	Braveza	182	Bulla	182
2) Bordão	149	Bravio	182	Buraco	539
Bordel	64	Bravo	182	Burguez	231
Bareal	109	1) Bravura	182	Buril	233
Borracheira	165	2) Bravura	330	Burilar	233
1) Borrasca	179	Brejo	10	Burlesco	184
2) Borrasca	562	Breu	249	Burro	124
Borrassoiro	179	Breve (adj.)	182	Buscar	185
Bosque	179	Breve (subst.)	182	Buzina	185

C

Cã	107	Cadafalso	188	Calar	404
Cahal	186	Cada qual	188	Calcar	410
Cabala	304	Cada um	188	1) Calcular	190
Cabana	159	Cadáver	188	2) Calcular	538
1) Cabeça	220	1) Cadeia	188	Calda	191
2) Cabeça	221	2) Cadeia	522	Calendário	77
1) Cabelleira	186	1) Cadeira	88	Calhamaço	69
2) Cabelleira	225	2) Cadeira	188	Calheta	17
1) Cabello	186	Cadencia	188	Calibre	63
2) Cabello	186	Cadinbo	60	Calido	191
Cabello branco	181	Caducar	188	Caligom	184
Caber	186	Caducidade	188	Caliginoso	438
Cabido	199	Café	180	Calma	191
1) Cabo	186	Calr	13	Calmar	191
2) Cabo	284	Caixa	599	Calmaria	191
Cabrito	225	Caixão	129	1) Calor	110
Caçapo	187	Cajado	179	2) Calor	191
Caçarejar	314	Calahouço	522	Calórico	191
Caçaço	221	Calado	189	Caloroso	109
Cacho	569	Calafrio	117	Calumnia	331
Cachoeira	187	1) Calamidade	210	Calva	191
Cachopo	17	2) Calamidade	351	Calvicie	78
Caçoada	187	Calão	190	Cama	159

Camarada	263	2) Capital (adj.)	198	Cãs	181
Câmaras	295	1) Capital (subst.)	198	1) Casa	207
Cambiante	522	2) Capital (subst.)	336	2) Casa	458
Cambio	52	Capitosa	199	3) Casa	587
Cambista	156	Capitular (adj.)	198	Casa de saúde	586
Camilha	191	Capitular (verbo)	199	Casal	543
Caminha	191	1) Capítulo	199	1) Casamento	75
Caminhar	88	2) Capítulo	553	2) Casamento	492
1) Caminho	192	Capoeira	199	Cascata	187
2) Caminho	525	1) Capricho	199	1) Casco	196
1) Campa	192	2) Capricho	199	2) Casco	211
2) Campa	430	Captilvar	106	Casobro	543
Campal	192	Captiveiro	199	Caserna	566
Campanario	192	Captivo	199	Caso	207
Campanha	192	1) Capturar	106	Casta	207
Campanudo	419	2) Capturar	200	Castello	231
1) Campestre	54	1) Cara	108	Castidade	207
2) Campestre	192	2) Cara	200	Castigar	208
Campezino	54	1) Carácter	201	Castigo	209
Campina	192	2) Carácter	201	Castrar	197
1) Campo	55	Caracteres	202	1) Casual	209
2) Campo	192	Caracterizar	203	2) Casual	450
3) Campo	602	Carambina	437	Casualidade	21
Canalha	192	Caramelo	437	Casula	606
Canana	156	Caramunha	203	1) Cataclismo	210
Candidez	193	Carapuça	159	2) Cataclismo	292
Cândido	192	Carcassa	203	Catadupa	187
Candor	193	Carcaz	73	Catadura	108
Candoroso	192	Cárcere	522	Catalecto	230
1) Candura	193	Careca	191	Catálogo	209
2) Candura	193	1) Carecer	203	Cataracta	187
Canhãoço	194	2) Carecer	458	1) Catástrophe	210
Canhonada	194	Carência	203	2) Catástrophe	210
Canhoneio	194	1) Carestia	204	3) Catástrophe	211
Cannella	603	2) Carestia	204	Catechizar	212
Cannibal	94	Caroza	204	Cathecúmeno	532
Cano	194	Carga	204	Categoria	214
1) Cânon	191	Cargo	204	Cathedral	212
2) Cânon	419	Carícia	13	Cathedrático	515
Canonicato	289	Caridade	172	Catholicismo	212
Canonização	163	Caridoso	205	Catilinaria	212
1) Cansaço	195	1) Caritativo	174	Caução	16
2) Cansaço	195	2) Caritativo	205	Cauda	212
Canseira	195	Carnagem	206	Caudilho	541
Cantadeira	195	Carnaval	428	1) Causa	212
Cantadora	195	Carniceiro	205	2) Causa	561
Cantarina	195	Carnificina	206	Causar espanto	597
Cantatriz	195	Carnívoro	205	Cáustico	213
Canteira	195	Carnoso	206	Cautela	214
Canteiro	82	Carnudo	206	Cauteloso	235
Cântico	195	Caro	206	1) Cauto	24
1) Canto	89	Carola	164	2) Cauto	331
2) Canto	195	1) Carolice	176	Cava	214
Cantora	195	2) Carolice	206	Cavaco	324
Canudo	194	Carpir	228	Cavadela	214
Cânula	194	Carrasco	71	Cavado	276
Cão	522	Carreira	206	Cavadura	214
Capacete	196	Carruagem	588	Cavalgada	214
1) Capacidade	107	1) Carta	206	Cavalhada	214
2) Capacidade	196	2) Carta	207	Cavallo	214
3) Capacidade	267	Carta constitucional	311	Cavallo (de vapor)	512
Capacitar	196	Cartapacio	69	Cavaqueira	324
Capar	197	Cartilha	14	Cavar	527
Capaz	197	Cartorio	207	Caveira	214
Capcioso	198	Caruma	586	1) Caverna	70
1) Capital (adj.)	198	Caryátide	207	2) Caverna	96

Cavidade	214	Chafariz	222	Choyodiço	230
Cégamento	214	1) Chaga	466	Chrestomathia	230
Celfar	588	2) Chaga	607	Chrisma	230
Celra	61	1) Chalaça	222	Christianismo	212
Celada	196	2) Chalaça	227	Christo	230
Celagem	215	Chamar	222	Chrônica	90
1) Celebrar	215	1) Chamariz	222	Crônico	231
2) Celebrar	216	2) Chamariz	574	Chuchar	231
Célebre	43	Chamar por	222	1) Chupar	231
Celeridade	216	Chamar-se	222	2) Chupar	595
Celeste	216	Chamma	222	Chusma	231
Celestial	216	Chammejante	223	Chuva de pedra	437
Celsuma	60	1) Chão	223	Chuveiro	56
Celha	232	2) Chão	551	Chuvoso	230
Celibatário	217	Chãos	223	Clar	231
Cenáculo	217	Chapa	223	Clavogar	231
Cendrado	217	Chapada	223	Cleatricia	231
Cenobita	217	Chaparro	223	Cleerone	231
Cenotáfio	217	Charanga	155	1) Cidadão	231
Censo	218	Charco	10	2) Cidadão	594
1) Censura	218	Charlar	478	Cidade	231
2) Censura	219	Charlateira	223	Cidade fortificada	231
Censurar	219	Charrúa	108	Cidadella	231
1) Censurável	343	Chavelho	332	Cifra	232
2) Censurável	579	Chavena	223	Ciganágom	232
Centelha	332	1) Chegar	62	Ciganaria	232
Centralização	277	2) Chegar	224	Ciganice	232
Centralizar	220	3) Chegar	610	Cigano	232
1) Centro	220	Chocia	224	Cilada	232
2) Centro	414	1) Cheiro	112	Cílio	232
1) Céu	170	2) Cheiro	537	Cina	232
2) Céu	220	Cheiroso	224	Cimalha	232
3) Céu	220	Chibata	224	Cimeira	196
4) Céu	420	Chibato	225	Cimentar	232
Céu da boca	541	Chllo	225	Cimitarra	232
Cerâmica	220	Chicana	569	1) Cimo	196
Cêrca	220	Chicaneiro	569	2) Cimo	232
Cercadura	600	Chicara	223	Cingél	233
Cercanías	12	Chifre	332	Cingir	233
Cercar	233	1) Chimera	225	Cingir-se	233
Cerce	220	2) Chimera	225	1) Cinta	233
Cercear	516	Chimérico	225	2) Cinta	233
Cercilho	220	Chineia	150	Cinto	233
Cêrco	127	Chineio	150	Cintura	233
Cereal	220	Chinó	225	Cinturão	233
Cerebello	220	Chiquelro	225	Cinzél	233
Cérebro	220	Chirógrapho	226	Cinzelar	233
1) Cerimonia	221	Chiromante	36	1) Cinzento	81
2) Cerimonia	221	Chiste	226	2) Cinzento	217
3) Cerimonia	345	Chistoso	226	Cio	181
4) Cerimonia	582	Choça	159	Cioso	233
Cerimonioso	221	Chocalhar	226	Cippo	233
Cerne	221	Chocalholro	227	Circo	234
Cerrar	221	1) Chocar	227	Circuito	234
Cêrro	254	2) Chocar	227	Circulação	234
Certame	221	Chocarrice	227	Circumferencia	234
Certeza	221	Chôco	227	Circumjacente	234
Certidão	221	Choque	228	1) Circumlocução	234
Certificar	47	Choradella	223	2) Circumlocução	235
1) Certo	221	Chorar	228	Circumlóquio	235
2) Certo	323	Chôro	229	1) Circumspecção	235
Certos	71	Chorographico	229	2) Circumspecção	302
Cêrva	221	Chorrilho	229	3) Circumspecção	580
Cerviz	221	Chorro	229	1) Circumspecto	235
Cervar	20	Choupa	230	2) Circumspecto	473
Chã	551	Chonpana	159	1) Circumstancia	204

2) Circumstancia	236	2) Coagular	288	Coma	255
Circumstanciadamente	236	Coalhar	249	Comba	255
Circumstantes	236	Coalção	14	1) Combate	24
Circumvizinho	234	Coaltar	249	2) Combato	575
Cita	578	Coar	249	1) Combater	161
Citar	74	Coaretar	516	2) Comhater	255
Clúme	236	1) Cohardo	250	Combinado	255
Clumento	233	2) Coharde	250	Comoço	255
Cível	237	3) Cobarde	250	Comedia	256
Cívico	237	Cobardia	524	Comediante	33
1) Cível	237	Coherta	327	Com effeito	412
2) Cível	237	Cohertor	521	Comer	256
3) Cível	237	Cohra	250	Comestível	73
4) Cível	588	Côche	588	1) Cômico (adj.)	184
Civilidade	44	1) Cochichar	226	2) Cômico (adj.)	257
1) Civilização	238	2) Cochlechar	478	Cômico (subst.)	33
2) Civilização	495	Côdea	250	Comida	575
Civilizado	238	Coerção	250	Comilão	257
Civismo	238	Coetâneo	250	Comitiva	31
1) Clizânia	238	Coevo	250	Commandar	257
2) Clizânia	239	Cogitar	251	1) Commando	257
Clamor	239	Cognação	251	2) Commando	257
Clandestino	239	Cognomo	64	Commedimento	527
Claração	240	Cogula	251	1) Commensal	257
Clarear	241	Cogumelo	251	2) Commensal	329
Clareira	570	1) Coherencia	34	Commentario	92
Clarete	241	2) Coherencia	295	Commentarios	90
1) Clareza	241	Cohesão	34	Commerciante	257
2) Clareza	242	Cohenestar	251	Commercio	532
1) Claridade	240	Cohorte	251	1) Commetter	259
2) Claridade	241	Colma	251	2) Commetter	259
Clarificado	242	Colmbrão	296	Committimento	259
1) Claro	66	Colocidencia	251	Commiseração	246
2) Claro	242	Coltado	252	Committente	260
3) Claro	243	Colto	252	Commoção	260
1) Classe	244	Colera	252	1) Commodato	260
2) Classe	244	Colérico	253	2) Commodato	419
Classificar	245	Colgar	253	Commodidade	260
1) Claudicar	245	Colliseu	234	Commodidades	260
2) Claudicar	245	Collaborar	329	Cômmodo (subst.)	260
1) Claustro	14	Collação	253	Commoedor	545
2) Claustro	245	Collacionar	265	1) Commum	153
1) Cláusula	245	Collar	50	2) Commum	260
2) Cláusula	245	Collateral	253	3) Commum	260
Clausura	246	Collecção	254	Commummente	261
Clava	246	Collecclonar	254	Communa	261
Clemencia	246	1) Collega	254	Communhão	261
Clerozia	248	2) Collega	263	Communhão dos fiéis	261
Clericalismo	602	1) Colligir	59	Communicação	548
1) Clericato	248	2) Colligir	251	Como	261
2) Clericato	583	3) Colligir	268	Compacto	262
Clérigo	248	4) Colligir	282	Compadecor-se	262
Clero	248	Collina	254	Compadrado	263
Cliente	248	Collocar	553	Compadio	263
Clientela	248	Colloquio	324	1) Compalção	246
1) Clima	220	Colmar	254	2) Compalção	514
2) Clima	248	Colonla	254	Companholro	263
Clínica	248	Colono	55	Companhía	263
Clown	111	Colorar	331	Compar	261
Clyster	248	Colorear	331	1) Comparação	265
Coacção	250	Colorido	330	2) Comparação	265
Coadjutor	248	Colorir	331	1) Comparar	265
1) Coadjuvar	59	Colossal	254	2) Comparar	265
2) Coadjuvar	249	Cóltar	249	1) Comparecor	106
Coagir	249	1) Columna	233	2) Comparecor	265
Coagular	249	2) Columna	254	Compartilhar	266

1) Compartmento	266	Conceito	277	Configuração	290
2) Compartmento	578	Concelho	261	Confin	291
Compartir	266	Concentração	277	Confinante	291
Compassado	266	1) Concentrar	220	Confinar	292
Compassível	266	2) Concentrar	277	Confinos	284
Compassivo	266	1) Conceção	277	Confirmação	230
Compatriota	266	2) Conceção	277	1) Confirmar	47
Compendiar	267	3) Conceção	268	2) Confirmar	276
1) Compendio	267	Concernente	575	3) Confirmar	292
2) Compendio	267	Concernir	280	Confiscar	292
Compensar-se	267	1) Concertar	83	Conflagração	292
Compensação	267	2) Concertar	578	Confluência	49
Compensar	267	Concildação	266	Conformação	290
1) Competencia	62	Conciliar	280	Conformar-se	328
2) Competencia	267	Concilio	281	1) Conforme	285
Competente	268	Concisão	557	2) Conforme	293
Competidor	42	1) Conciso	182	Conformidade	86
Competir	268	2) Conciso	281	Confortar	293
Compilação	254	Concitar	282	Confrade	254
Compilador	268	Concisa	281	1) Contraria	293
Compilar	268	1) Concluir	20	2) Contraria	295
Complicancia	268	2) Concluir	282	Confraternidade	298
Complanar	269	1) Conclusão	283	Confrontação	293
Complemento	269	2) Conclusão	284	1) Confrontar	21
1) Completo	186	3) Conclusão	284	2) Confrontar	265
2) Completo	270	Concomitancia	285	1) Confronto	265
Complexão	271	1) Concordar	25	2) Confronto	293
Complexo	272	2) Concordar	280	Confundido	293
1) Complicação	272	3) Concordar	328	1) Confundir	76
2) Complicação	417	Concorde	285	2) Confundir	294
1) Complicado	272	1) Concorrença	48	Confundir-se	606
2) Complicado	272	2) Concorrença	286	1) Confusão	223
1) Compôr	272	Concubina	286	2) Confusão	294
2) Compôr	578	Concupiscencia	286	1) Confuso	298
Comporta	272	1) Concurso	48	2) Confuso	535
Comportamento	272	2) Concurso	221	Confutar	295
Comportar	272	3) Concurso	286	1) Congelar	249
Compositor	273	Concussão	288	2) Congelar	288
Compostura	273	Condão	288	Congratulações	465
Compra	32	Condenação	288	Congregação	295
1) Comprar	41	Condensar	288	1) Congresso	127
2) Comprar	273	Condescendencia	268	2) Congresso	295
Comprazer	273	1) Condescender	25	Congro	295
1) Compreender	273	2) Condescender	605	Congrua	295
2) Compreender	273	1) Condição	119	Congruencia	295
3) Compreender	314	2) Condição	288	Conhecimento	295
1) Compreensível	274	Condimento	41	Conhecimentos	487
2) Compreensível	275	Condoer-se	262	Conimbricense	296
Compreensivo	275	Conducta	272	1) Conjectura	296
Comprehensor	275	Conducto	288	2) Conjectura	597
Comprido	275	1) Conduzir	289	Conjecturar	296
Comprimir	275	2) Conduzir	402	Conjugal	298
Comprometer-se	275	Conazia	289	Cônjuge	298
Comprovar	276	Confederação	74	Conjunção	427
Compunção	116	Confeito	484	Conjuncto	604
Computar	190	1) Conferencia	289	Conjunctura	207
Com respeito a	28	2) Conferencia	324	Conjuração	304
Comtismo	276	1) Conferir	265	1) Conjurar	37
Comtudo	276	2) Conferir	312	2) Conjurar	298
Concatenar	276	Confessado	289	Conjuro	299
Côncavo	276	Confesso	289	1) Conluio	217
1) Conceber	273	1) Confiança	289	2) Conluio	304
2) Conceber	276	2) Confiança	441	1) Connexão	299
1) Conceder	277	1) Confiar	259	2) Connexão	576
2) Conceder	312	2) Confiar	290	Connivencia	300
Conceição	277	Confidencialmente	290	Connivente	345

Conquistar	100	2) Contagio	311	Contumelia	323
Consagração	300	1) Contagioso	422	Contusão	323
1) Consagrar	300	2) Contagioso	550	Convenção	323
2) Consagrar	505	Contaminar	553	Convencer	196
Consangüinidade	251	1) Contar	190	Convencer-se	267
Conscencioso	300	2) Contar	311	Convencimento	327
1) Consaguir	62	1) Contemplar	303	1) Convulente	324
2) Consaguir	300	2) Contemplar	312	2) Convulente	324
Conselho	301	Contemporâneo	250	Convênio	323
Consenso	92	Contemporizar	605	Convencitculo	217
1) Consentir	25	Contencioso	312	Convento	14
2) Consentir	105	Contenda	312	Convergencia	277
1) Consequencia	233	Contensão	135	Conversa	324
2) Consequencia	301	1) Contentamento	66	Conversação	324
3) Consequencia	301	2) Contentamento	314	1) Conversão	326
4) Consequencia	301	Contentar	587	2) Conversão	326
Conservar	301	Contento	314	Converter	575
Conservar-se	302	1) Conter	273	Convés	327
1) Consideração	24	2) Conter	314	1) Convicção	221
2) Consideração	105	3) Conter	314	2) Convicção	327
3) Consideração	302	Conterrâneo	266	Convicio	327
4) Consideração	302	Contestação	312	Convicto	289
5) Consideração	302	Contestável	315	Convidado	329
Considerações	302	1) Conteúdo	315	1) Convidar	327
1) Considerar	303	2) Conteúdo	601	2) Convidar	328
2) Considerar	547	Contexto	315	Convincente	328
Considerável	303	Contextura	315	1) Convir	328
1) Consistencia	303	1) Contigüo	36	2) Convir	328
2) Consistencia	304	2) Contigüo	137	Conviva	329
Consistir	303	3) Contigüo	291	Convivencia	322
Consoante	127	Continencia	207	Convulso	329
Consoiação	304	Contingencia	315	Cooperar	329
Consoiar	293	Continuação	316	Coordenar	245
Consolidão	301	Continuadamente	316	1) Copiar	329
Consolidar	232	Continuado	316	2) Copiar	496
Consôlo	304	1) Continuamente	310	Copiosamente	329
Consorte	298	2) Continuamente	316	Copioso	329
Conspiração	304	Continuar	317	Copla	330
Conspirar a	305	Continuidade	316	Cópula	252
Conspirar contra	305	1) Contínuo	316	Côr	330
Conspirar para	305	2) Contínuo	449	1) Coração	76
Conspurear	553	Conto	98	2) Coração	330
1) Constancia	201	Contrabalançar	267	1) Coragem	50
2) Constancia	306	Contradição	318	2) Coragem	330
3) Constancia	306	Contradicta	318	3) Coragem	366
4) Constancia	307	Contradictor	318	Corajoso	90
5) Constancia	308	Contradictorio	318	Corar	331
6) Constancia	601	Contradizente	318	Corça	221
1) Constante	306	Contradizer	318	Corcêi	214
2) Constante	308	Contrafazer	42	Corcova	180
3) Constante	309	Contrarfar	318	Corcunda	180
Constantemente	310	1) Contrario	42	Cordato	331
Constatar	310	2) Contrario	318	Cordial	331
Consternação	47	Contrasenso	319	Cordiheira	528
Constitucional	310	Contraste	96	Corisco	332
1) Constituição	182	1) Contrato	60	Cornada	332
2) Constituição	271	2) Contrato	323	Cornija	232
3) Constituição	311	Contraveneno	94	Côrno	332
1) Constituinte	248	Contravir	319	1) Corôa	220
2) Constituinte	260	Contribuição	320	2) Corôa	332
Constranger	249	Contrição	116	Corpo docente	245
Construção	311	Contristado	321	Corporal	332
Construir	311	1) Controversia	97	Corpóreo	332
Consumir	18	2) Controversia	322	1) Corecção	332
Contagiao	311	Contubernio	322	2) Corecção	568
1) Contagio	88	Contumacia	322	1) Correio	333

XIV

2) Correló	333	Cozido	240	1) Cubicar	344
1) Corrente	188	Crâneo	214	2) Cubicar	379
2) Corrente	333	Crápula	340	Cubiçar	597
Correr	333	Crasso	340	Cubiçoso	137
Correspondência	333	Cravar	340	Cucuricar	344
Corresponder	550	Craveira	445	Curcuritar	344
Corrigir	333	1) Creança	504	Cugula	251
Corriqueiro	153	2) Creança	544	Cuidadamente	344
Corroborar	276	Creancice	564	1) Cuidado	135
1) Corromper	334	Crear	340	2) Cuidado	593
2) Corromper	335	Crebro	341	Cuidadosamente	344
Corromper-se	12	Credibilidade	341	Cuidadoso	344
Corrompido	335	Crédulo	341	Cuidar	344
Corrosão	335	Cremação	341	Culminante	596
1) Corrupção	335	1) Crença	341	Culpar	345
2) Corrupção	336	2) Crença	341	Cultivador	55
Corruptela	336	Crendice	596	Cultivo	345
Corsario	336	Crente	341	1) Culto (adj.)	238
Côrso	336	Crepúsculo	81	2) Culto (adj.)	345
Cortar	354	1) Crêr	32	Culto (subst.)	577
Côrto	336	2) Crêr	342	1) Cuitura	238
Côrto	336	Crêr a alguém	342	2) Cuitura	345
Cortejo	31	Crêr alguém	342	1) Cumo	96
Côrtés	295	Crêr em	342	2) Cume	232
Cortez	45	Crescença	343	3) Cume	345
Cortezã	336	Crescer	143	Cumeada	345
Cortezania	44	Crescimento	343	Cumieira	345
Cortezão	144	Cria	504	Cúmplice	345
1) Cortezia	44	Criado	343	Cumplicidade	300
2) Cortezia	337	Crime	136	Cumprimento	345
Cortimenta	337	Criminar	27	1) Cumprir	328
Cortina	337	1) Crítica	218	2) Cumprir	345
Coser	340	2) Crítica	219	3) Cumprir	413
Cosmogonia	337	Críticável	343	4) Cumprir	534
Cosmographia	337	Crosta	250	Cura	346
Cosmologia	337	Crú	343	Curandeiro	70
Cosmopolita	338	1) Crucificado	230	Curar	587
Costa	166	2) Crucificado	343	1) Curioso	346
Costumar	338	Crucifixo	343	2) Curioso	454
Costume	338	Cruei	343	1) Curso	333
Costurar	340	1) Crueldade	157	2) Curso	46
Cota	92	2) Crueldade	343	3) Curso	358
Cotejar	265	Cruento	587	Curto	182
Couro	545	Crueza	343	Curvo	42
1) Cova	340	Crusta	250	Cuspir	846
2) Cova	340	1) Cruz	48	Cuspo	346
Covacho	340	2) Cruz	343	Cnsa	387
Covai	340	Cruzar	343	1) Custoso	346
Coxear	245	Cubar	344	2) Custoso	403
Coxim	78	1) Cubiça	84	Cútis	602
Côxo	66	2) Cubiça	286	Cynico	346

D

Dádiva	183	Dança	150	Dardo	149
Dádivas	349	1) Dar	348	Dar parte	92
Dado	347	2) Dar	348	1) Debate	80
Dama	347	3) Dar	349	2) Debate	312
Damno	348	4) Dar	349	Debater	53
Damnoso	348	Dar a sua palavra	275	Debellar	349

1) Dóbil	349	Degoliar	351	Deprayar	334
2) Dóbil	350	Degradar	156	Deprehender	369
Debilidade	350	Deícoia	361	Depressa	369
Debililar	413	Deldade	391	1) De repente	227
De boa vontade	611	Delficção	101	2) De repente	369
Deboche	340	Deísta	361	Derivar	369
Debnxo	350	Deitar abaixo	13	Derme	602
Decadencia	351	Delxa	487	Derogação	369
Decaimento	351	Delxar	361	Derogar	15
Decair	351	Delatar	636	Derradeiro	369
Decálogo	351	Delator	26	Derrama	295
Decâmetro quadrado	110	Deleitável	363	Derramamento	369
Decantar	351	Deloite	361	2) Derramar	370
Decapitar	351	Deleitoso	363	1) Derramar	399
1) Decencia	352	Deleterio	362	Derreter	370
2) Decencia	353	Deliberado	355	1) Derribar	13
1) Decente	324	Deliberar	362	2) Derribar	114
2) Decente	354	1) Delicado	362	3) Derribar	370
Decepar	354	2) Delicado	442	Derrotar	370
1) Decepção	354	Delicia	361	Derrubas	370
2) Decepção	355	Delcioso	363	Derruir	370
De chofre	227	Dellcto	136	Desabafar	370
Decidido	355	Dellmitar	363	Desabar	13
1) Decidir	355	Dellnquente	363	Desabonar	370
2) Decidir	390	Delir	364	Desabridamente	371
3) Decidir	563	Dellrio	364	Desahrido	507
Décima	355	Dellrio tremens	64	Desaccôrdo	403
1) Decisão	194	Dellonga	366	Desacompanhado	371
2) Decisão	355	Demanda	25	Desaconselhar	371
Decisivo	355	Demarcar	363	Desacoroçoado	371
Declamar	356	Demasia	451	Desacostumar	373
Declaração de guerra	356	De memoria	530	Desacreditar	370
Declamar	356	Demencia	71	Desadormecer	371
De côcoras	51	Demissão	368	Desadormentar	371
Decompôr	357	Demittir-se	14	Desafiar	564
De côr	330	Demo	364	Desafio	371
Decoro	352	Demolir	13	Desafogar	370
Decoroso	324	Demonio	364	Desagradecimento	505
Decrepitude	188	Demonstrações	365	Desalentado	371
Decrescer	358	Demonstrar	365	1) Desalento	13
1) Decreto	194	1) Demora	365	2) Desalento	368
2) Decreto	358	2) Demora	366	Desamparar	11
Decurso	358	Demorado	577	Desandar	371
Dédalo	358	Demorar	599	Desânimo	13
Dedicação	45	Demover	10	Desapegar	372
Dedicar	300	Denegar	366	Desapercebido	372
Dedução	283	Denodo	366	Desapoderar	372
1) Deduzir	13	Denso	262	Desapossar	372
2) Deduzir	282	Denunciante	26	Desapparecimento	372
Defectivo	358	Denunciar	366	Desapparelhamento	372
1) Defeito	359	De ordinario	261	Desapparelho	372
2) Defeito	359	De outrem	71	Desapparição	372
1) Defender	359	1) Deparar	29	Desappovar	219
2) Defender	359	2) Deparar	366	Desarraigar	372
Defensa	360	Dependencia	364	Desarranjar	372
Defensão	360	Dependente	91	Desarrugar	372
Defensor	361	Depender de	580	Desastre	210
1) Deferencia	24	Dependurar	253	Desatnado	373
2) Deferencia	268	Deperecimento	368	Desatino	373
1) Defesa	97	Deplorável	368	Desatención	375
2) Defesa	360	1) Depois	133	Desavença	373
Definição	361	2) Depois	68	Desavezar	373
Deformidade	359	Depois de	92	Desavisado	373
1) Defunto	188	Deportar	156	1) Desbaratar	370
2) Defunto	467	Deposição	368	2) Desbaratar	381
Degenerar	12	Depravado	335	Descair	351

XVI

1) Descanso	373	Desfiladeiro	381	Despedaçar	400
2) Descanso	367	Desforra	579	Despegar	372
Deporte	594	Desgosto	375	1) Despenhadeiro	63
Descaro	133	1) Desgraça	42	2) Despenhadeiro	386
Descendência	587	2) Desgraça	210	Despeza	387
Descendentes	374	3) Desgraça	381	Desplidade	503
Descoherita	29	4) Desgraça	519	Despojar	387
Descohrimento	29	1) Desgraçado	252	Despojos	559
1) Descobrir	29	2) Desgraçado	382	Déspota	387
2) Descobrir	148	Deshabitado	382	Despotismo	18
3) Descobrir	356	Desharmonia	238	Despovoad	380
4) Descobrir	366	Desherdar	382	Desprendimento	388
Desconcertar	374	1) Deshonesto	382	Desprezar	11
Desconfiança	374	2) Deshonesto	497	1) Desprezível	14
Desconhecido	375	Deshonra	379	2) Desprezível	151
Desconexão	375	Deshumanidade	157	Desprezo	378
Desconsideração	375	1) Deshumano	409	Desproporção	379
Descontar	13	2) Deshumano	505	Desquite	388
Descontentamento	375	Desidia	29	Desregramento	388
Descontente	519	Designar	383	Dessangrar	388
Descontinuar	20	1) Designlo	384	Dessepulto	388
Desconveniência	375	2) Designlo	611	Desterrado	388
Descorad	375	Desillusão	354	1) Desterrar	156
Descortezia	376	Desimpedir	384	2) Desterrar	389
Descrença	376	Desinfetar	384	Destronar	389
1) Descrição	361	Desinficionar	384	Destronizar	389
2) Descrição	376	1) DesInteligencia	373	Destilado	242
Desculdar	377	2) DesInteligencia	290	Destillar	446
Desculdo	377	1) Desinteresse	15	Destinar	389
1) Desculpa	378	2) Desinteresse	385	Destino	21
2) Desculpa	461	Desistencila	385	Destituição	368
Descurar	377	Desleal	549	1) Destreza	390
Desdém	378	Deslealdade	67	2) Destreza	515
Desdita	381	1) Deslizar	438	Destro	197
Desdizer	318	2) Deslizar	581	1) Destruir	91
Desdizer-se	378	Deslumar	459	2) Destruir	118
Desdouro	379	Deslustrar	385	De súbito	369
Desegualdade	379	Deslustre	379	Desunião	390
De segulda	589	Desluzir	385	De superfície	54
1) Desejar	379	1) Desmanchar	374	Desusado	507
2) Desejar	379	2) Desmanchar	381	Desvanecer	390
1) Desejo	103	Desmedido	426	Desvario	364
2) Desejo	611	Desmoralização	335	Desvelado	344
Desembaraçar	384	Desmuronar-se	13	Desvelo	593
Desembaraço	380	Desnaturado	385	Desvendar	356
Desemholisar	379	Desnatural	385	Desventura	381
Desenho	350	Desnaturalizado	385	Desviar	44
Desenlace	211	Desnecessario	385	Deter	390
Desenrugar	372	Desnortear	386	Detergente	390
Desenthronizar	389	Desobedecer	319	Determinação	355
Desenvoltura	380	Desobstruir	384	Determinado	355
1) Deserto	380	Desocupação	386	Determinar	390
2) Deserto	380	Desordenar	372	Determinativos	390
Desertor	380	Desolar	386	Deter-se	543
Desesperação	13	Desopprimir	386	Detersivo	390
Desesperar	381	1) Desórdem	223	Detestar	16
Desestimar	12	2) Desórdem	294	Detido	390
Desfalecimento	368	3) Desórdem	388	Detonação	445
Desfalque	63	Desorganizar	372	Detração	391
Desfavorável	42	Desorientar	386	Detrimento	348
1) Desfazer	381	Despacho	386	Detritos	391
2) Desfazer	381	Desperceber	387	Deus	391
1) Desfêcho	211	Despercehido	372	De vagar	545
2) Desfêcho	284	Desperdício	387	Devassidão	340
3) Desfêcho	430	1) Despertar	31	Devasso	335
Desfelta	391	2) Despertar	371	1) Devastar	114

2) Devastar	118	Direito civil	237	Diversidade	398
3) Devastar	386	Direito civil	237	Divertimento	183
Dever (subst.)	391	Direito político	237	Divertir	428
Devocão	392	Direitos	320	Dividir	405
Devolver	392	Dirigir	402	Divindade	391
1) Devorar	18	Discernimento	402	Divino	216
2) Devorar	256	Discernir	402	Divisa	406
Diabo	364	Disciplina	188	Divisão	266
Diabólico	392	1) Discipulo	81	Divisar	148
Diadema	332	2) Discipulo	100	Divorcio	388
Diagonal	393	Discordancia	403	1) Divulgar	356
Dialética	393	1) Discórdia	238	2) Divulgar	399
Dialecto	394	2) Discórdia	373	Dizer	457
Diálogo	324	Discreto	403	Dizer respeito	280
Diamante	182	1) Discurso	75	Dizima	355
Diáphano	242	2) Discurso	114	Doar	348
Diário (adj.)	396	Discussão	80	Docilidade	406
Diário (subst.)	396	Discutir	53	Documento	407
1) Dicação	397	Deserto	403	1) Doença	29
2) Dicação	415	Disfarçar	404	2) Doença	45
Diccionario	397	Disjunctiva	80	Doente	608
Diccionario da lingua		1) Disparate	373	Doentio	407
portugueza	398	2) Disparate	520	Doesto	327
Diccionario portuguez	398	Disparidade	398	Dogma	407
Diccionarioista	398	Dispêndio	387	Dogmático	355
Dictame	398	Dispendioso	403	Dois	85
Didactica	398	Dispensa	403	Dolo	471
Dieta	576	Dispersar	404	1) Dom	183
Difamar	370	1) Disperso	404	2) Dom	288
Diferença	398	2) Disperso	473	Domar	83
Diferenças	312	Dispôr	404	Do mesmo modo que	261
1) Differir	35	1) Disposição	107	Domesticado	83
2) Differir	105	2) Disposição	188	Domesticar	83
1) Dificil	110	1) Disputa	80	Doméstico	83
2) Dificil	346	2) Disputa	312	Domicilio	407
1) Dificuldade	272	Dissecção	87	Dominar	576
2) Dificuldade	399	Disseminar	404	Dona	347
3) Dificuldade	534	Dissenção	373	Donativo	183
1) Dificultoso	110	Dissertação	404	Donde	39
2) Dificultoso	346	Dissimilhança	398	Dono	407
Difundir	399	1) Dissimular	277	Donzella	408
Diffuso	399	2) Dissimular	404	1) Dôr	47
1) Dignidade	352	Dissipador	405	2) Dôr	408
2) Dignidade	400	1) Dissipar	390	Dormir	40
Digno	400	2) Dissipar	400	Dotes	408
Digressão	400	Dissolver	370	Doudice	71
Dilação	366	Dissonante	18	Douto	408
Dilacerar	400	Dissuadir	371	Doutrina	435
Dilapidar	400	1) Distante	517	Dragona	223
Dilatar	86	2) Distante	517	Drama	256
Dilemma	80	Distinguir	402	Dríade	532
Diligencia	33	1) Distração	19	Ducha	50
Diligente	344	2) Distração	400	Duello	371
Dilucidar	401	1) Distribuir	266	Duna	110
Diluir	364	2) Distribuir	405	Duração	409
1) Dimanar	401	1) Dita	21	Duradouro	308
2) Dimanar	580	2) Dita	163	Durindana	409
Diminuir	358	Ditado	99	Duro	409
Dinheiro	545	Ditoso	50	Dávida	500
Dioceze	176	Diurno	396	1) Duvidoso	315
Diplomática	401	1) Divagação	400	2) Duvidoso	409
Direita	401	2) Divagação	524	3) Duvidoso	410
Direito (adj.)	401	Divergencia	373	4) Duvidoso	561
1) Direito (subst.)	401	1) Diversão	183		
2) Direito (subst.)	401	2) Diversão	400		

E

E	539	1) Eloquência	416	Em seguida	589
Ebullicão	411	2) Eloquência	538	Empyreo	420
Ecchymose	323	Eloquente	403	Emulação	420
Ecclesiástico	248	1) Elucidar	30	Emulo	42
Ecboar	581	2) Elucidar	401	1) Em vão	416
Écloga	411	Elucidario	397	2) Em vão	608
Eclusa	272	Emanar	401	Em virtude de	301
Economia	411	Embalr	423	1) Encadear	55
Económico	107	Embaixador	416	2) Encadear	276
Edição	412	Embalagem	416	Encaldelrar	15
Edicto	412	Embalar	416	Encantado	314
Edificar	311	Em balde	416	Encantamento	421
Edito	412	1) Embaraço	272	Encanto	421
1) Edoso	20	2) Embaraço	417	Encantos	139
2) Edoso	92	Embarcação	159	1) Encarar	50
Educação	412	Embargar	292	2) Encarar	303
Edulcorar	38	Embate	228	Encarecer	421
Effectivamente	412	Embeblido	115	Encarregado de nego-	
Effectivo	412	1) Embezezo	139	cios	416
Effectuar	413	2) Embezezo	421	Encerrar	464
1) Efeito	301	Emblema	406	1) Encher	254
2) Efeito	413	Emboras	465	2) Encher	558
3) Efeito	413	Emboscada	232	1) Encobrir	9
Effeminar	413	Embranquecer	181	2) Encobrir	422
Effervescencia	411	Embraguez	165	Encolber	581
1) Eficacia	413	Embrulhada	417	1) Encontrar	29
2) Eficacia	609	Embryão	417	2) Encontrar	366
1) Efficaz	33	Embuste	417	Encosta	9
2) Efficaz	414	Em cima	554	Encostar	117
Efficiente	414	Em confidencia	290	1) Encurtar	14
Effigie	414	Em consequencia de	301	2) Encurtar	516
Effusão	369	Emenda	568	Encyclica	545
Égide	438	Emendar	333	Endêmico	422
Égloga	409	Emfim	69	Endireitar-se	418
Egrégio	414	Emigrado	388	Endividado	534
1) Igreja	261	Emissario	417	Endurecido	418
2) Igreja	600	Empachar	418	Energia	413
Egual	264	Empacotamento	416	Enérgico	33
Eiró	89	Empacotar	416	Enervar	413
Eixo	414	Empanturrar	418	Enfado	422
1) Elegancia	416	Empanznar	418	Enfardamento	416
2) Elegancia	478	Em pé	401	Enfardar	416
1) Elegante	58	Empedernido	418	1) Enfelte	40
2) Elegante	403	Empenho	418	2) Enfelte	46
Eleger	414	Empertigar-se	418	Enfermar	38
Elemento	560	Empbático	419	Enfermidade	29
Elementos	415	Empbyteuse	419	Enfermo	608
1) Elevado	80	Empola	178	Enfezado	569
2) Elevado	594	Empolado	419	Enfraquecer	413
Elevador	415	Empolgar	51	Enganado	495
1) Elevar	63	Emprazamento	419	Enganar	423
2) Elevar	79	Emprazar	105	1) Engano	355
Eldir	415	Empregar	419	2) Engano	434
1) Ellmlnar	415	Emprego	204	3) Engano	568
2) Ellmlnar	597	1) Emprebender	419	Enganoso	423
Elite	415	2) Emprebender	419	Engendrar	276
Elmo	196	Emprelhada	419	1) Engenbo	423
Elocução	415	1) Empresa	259	2) Engenbo	442
Elogiar	215	2) Empresa	406	Engodo	222
Elogio	518	Empréstimo	419	1) Engraçado	257

2) Engraçado	482	Epitáfio	430	1) Escravidão	199
Enjeitar	426	Epitheto	36	2) Escravidão	438
Enlevado	115	Epitomar	267	Escravizar	32
Ennoitecor	93	Epítome	87	Escravo	199
Enjojo	422	Epizootia	430	Escriptor	141
1) Enorme	426	Epoca	431	Esriptorio	207
2) Enorme	528	Equanimidade	431	Escrupuloso	300
1) Enredo	304	Eqidade	431	1) Escudo	112
2) Enredo	417	1) Equipágem	433	2) Escudo	438
3) Enredo	426	2) Equipágem	433	Escuma	443
Enrugar	372	Equívoco (adj.)	410	Escuridão	606
1) Ensaio	426	1) Equívoco (subst.)	84	1) Escuro	438
2) Ensaio	426	2) Equívoco (subst.)	491	2) Escuro	537
3) Ensaio	601	3) Equívoco (subst.)	520	1) Escutar	136
Ensanguentado	587	Era	431	2) Escutar	439
Enseada	17	Erario	433	3) Escutar	539
Ensejo	427	Eremita	86	Esfalmado	439
Ensinar	427	Ergástulo	522	Esfomeado	439
Entabular	419	Erguer	63	Esforçado	439
Entender	273	Erigir	433	Esfriar	115
Entendimento	278	Ermo	380	Esguardar	148
Enternecer-se	262	Erosão	333	Esmagar	440
Enterramento	427	Erótico	435	Esmear	106
1) Enterrar	340	1) Errante	85	Espacoso	86
2) Enterrar	427	2) Errante	338	Espada	409
3) Enterrar	593	1) Erro	433	Espadeiro	63
1) Enterro	427	2) Erro	434	Espalhar	399
2) Enterro	505	1) Error	433	Espantar	123
Entusiasmar-se	451	2) Error	434	1) Espanto	61
Entusiasmo	110	Erução	118	2) Espanto	597
1) Entornar	370	Eructo	118	Espantoso	440
2) Entornar	610	Erudição	435	Especial	440
Entorpecer	40	Erudito	408	Especie	244
Entranhas	509	Esbanjar	400	Especioso	441
Entrar	546	1) Esboço	350	Especro	441
Entrega	578	2) Esboço	435	Especulação	602
Entregar	348	Esbulhar	436	Especulador	156
Entreprender	419	Escandilizar-se	436	Especulativa	602
Entreter	428	Escapar	436	Especulativo	441
1) Entrevista	289	Escapulario	577	Esperança	441
2) Entrevista	578	Escarcéo	537	Esperançoso	144
Entristecido	321	Escarcha	437	Esperar	56
Entrudo	428	Escarpado	17	Espesso	262
Entupir	536	1) Escasez	204	Esferra	177
Enumeração	209	2) Escasez	437	1) Espia	441
Enunciar	423	Escasso	437	2) Espia	442
Envelhecido	20	Escclarecer	30	1) Espião	417
Enviado	416	Escclarecido	437	2) Espião	441
Enviar	429	Esclusa	272	Espiar	442
Enxaguar	514	1) Escol	415	Espingardar	476
Enxambrar	430	2) Escol	468	Espinheiro	442
Enxame	430	Escola	21	Espionar	442
Enxergar	148	Escolha	538	1) Espírito	76
Enxovia	522	1) Escolher	39	2) Espírito	442
Enxugar	430	2) Escolher	414	Espirito de vinho	64
Epanáphora	90	Escolho	17	Espiritual	530
1) Epidemia	88	1) Escolta	31	1) Esplendor	240
2) Epidemia	430	2) Escolta	485	2) Esplendor	442
Epidémico	422	Escoltar	589	3) Esplendor	518
Epidémie	602	Esconder	422	1) Espollar	387
Epigraphe	430	Escondido	388	2) Espollar	436
Epilogo	430	1) Esconjurar	37	Espontâneo	443
Epiphytia	430	2) Esconjurar	298	Espórtula	443
Episcopado	176	Esopo	437	Esposo	298
Episcopato	176	1) Escorregar	438	Esposa	298
Epístola	206	2) Escorregar	581	Espreitar	442

Espuma	443	Estômago	181	2) Excitar	89
Espurio	160	Estorvar	448	3) Excitar	328
Esputar	346	Estorvo	399	Excomunhão	87
Esputo	346	Estourar	445	Excursão	451
Esquadra	111	Estourado	499	1) Excusa	378
Esquadrlha	111	Estrada	192	2) Excusa	451
Esquadrlnhar	51	Estrago	147	Excusado	385
Esquálido	443	Estrangeiro	448	Execração	451
Esquecer se de	443	Estranho	448	Execrar	16
1) Esqueleto	188	Estratagema	109	1) Executar	413
2) Esqueleto	203	Estrolto	96	2) Executar	531
Esquerda	401	1) Estrella	21	Exegese	452
Esquífe	126	2) Estrella	128	Exempção	403
Esquina	89	Estremecer	605	Exemplar (subst.)	452
Esquivamente	371	Estrilho	449	Exemplo	452
Esquivar	436	Estrondo	160	Exempto	403
Essencia	444	Estophe	330	Exéquias	427
1) Essencial	444	Estudante	81	Exercer	452
2) Essencial	508	Estudar	104	Exercitar	452
1) Estabelecimento	365	1) Estúpido	175	Exgottar	452
2) Estabelecimento	433	2) Estúpido	449	Exhalação	453
Estabilidade	306	1) Estylo	415	Exhalar-se	453
Estacada	159	2) Estylo	449	Exhaurir	452
Estacar	543	Esvoaçar	34	Exherdar	382
Estada	365	Eterno	449	Exlgrir	566
Estadista	444	Etiqueta	221	Exlgue	453
1) Estado	119	Eu	76	Exllar	156
2) Estado	288	Eucharistia	261	Exmlmo	414
3) Estado	444	Euménides	450	1) Exlstr	453
4) Estado	444	Evadlr	436	2) Exlstr	595
Estafeta	333	Evangelista	100	Exorbitante	453
Estalagem	445	1) Evaporar-se	453	Exorcismo	299
Estalão	445	2) Evaporar-se	611	Exorcizar	37
Estalar	445	Evasão	450	Expatrlar	156
Estamenha	445	1) Eventual	65	Expedição	386
Estampido	445	2) Eventual	450	Expediente	453
Estância	330	Eventualidade	315	1) Experlencia	426
Estandarto	155	Everslvo	451	2) Experlencia	453
Estar	445	1) Evidente	243	Explicar	30
Estar affeito	338	2) Evidente	328	Expressamente	557
Estar certo	446	Evltar	436	1) Expressão	397
Estar contiguo	445	Exacção	288	2) Expressão	454
Estar de lucto	93	1) Exactidão	135	Expressar	428
Estar em perigo	549	2) Exactidão	332	Exprlmr	428
Estar seguro	446	3) Exactidão	451	Exprobração	579
Estatua	446	4) Exactidão	451	Expugnar	454
Estatutos	446	5) Exactidão	512	Expunglr	571
Estável	308	Exaggeração	492	Expurgar	454
Este	599	Exaggerar	421	Extase	115
Este	446	Exaltar	215	Extaslado	115
Estelo	251	Exaltar-se	451	Extenso	275
Esteiro	17	Examinar	303	Exterior (adj.)	454
Estenographia	599	Exarar	451	Exterior (subst.)	103
1) Esteril	111	Exasperar	381	Exterioridade	103
2) Esteril	505	Excavação	214	Exterminar	389
3) Esteril	521	Excavar	527	Externo	454
Estigma	466	Excedente	451	1) Extlrpar	372
Estillar	446	Exceder	596	2) Extlrpar	389
1) Estima	105	1) Excepto	50	Extracto	87
2) Estima	302	2) Excepto	586	Extranho	71
3) Estima	447	1) Excessivo	426	Extraordinario	454
Estimação	447	2) Excessivo	453	Extremidade	281
Estimular	57	3) Excessivo	610	Extremo	610
Estimulo	57	1) Excesso	451	Extrinseco	454
Estio	448	2) Excesso	451	Exultação	66
Estilpendio	540	1) Excitar	57	Fábrica	455

Fabricador	455	2) Fanfarronada	566	Ferral	466
Fabricante	455	Fanfarronice	163	Ferramenta	466
Fabricar	311	Farça	256	Ferrenho	466
Fábria	198	Fardo	204	Férreo	466
Fabuloso	455	Farelhões	17	Ferrete	466
Façanha	25	Farináceo	220	Férrico	466
Facção	456	Farpa	155	Ferruginoso	466
Face	200	Fartar	585	Fértil	465
1) Facecia	89	1) Fartura	19	Fertilidade	464
2) Facecia	226	2) Fartura	459	Fortillzar	464
Fachada	456	Fascinar	459	Fervor	411
1) Facilitar	456	Fastidioso	460	Fervoroso	109
2) Facilitar	563	Fastos	90	Fervura	411
Facínora	456	Fatal	460	Festn	466
Facistol	457	1) Fatalidade	21	Festejar	216
Factício	122	2) Fatalidade	461	Festim	156
Factível	555	Fátuo	461	Festividade	466
Facto	24	Fauces	462	Fétido	465
Faculdade	457	Faúlha	457	Feto	417
Facultativo	457	Fausto	412	Fezes	391
Facundo	403	Fautor	345	Flança	16
Fadiga	195	1) Favor	173	Flar-se	290
Fado	21	2) Favor	535	1) Fidalgo	467
Fagulha	457	Favorável	462	2) Fidalgo	467
1) Faisca	332	Favorecedor	462	1) Fidelidade	306
2) Faisca	457	Favorito	462	2) Fidelidade	451
1) Fala	75	1) Fazer	259	3) Fidelidade	467
2) Fala	114	2) Fazer	311	1) Fiel	306
3) Fala	457	3) Fazer	413	2) Fiel	467
Falador	227	4) Fazer	464	1) Figura	290
1) Falar	122	5) Fazer	464	2) Figura	414
2) Falar	457	Fazer concordar	280	Fila	60
Falda	9	Fazer genuflexão	58	Fleleira	60
Faldistorio	457	Fazer parte de	272	Filhos	374
Fallacioso	50	Fazer pontaria	99	Filtar	249
Fallaz	423	Fazer prosélytos	75	1) Flm	284
Fallecer	21	Fazer snber	92	2) Flm	437
Fallecer de	458	Fé	341	3) Flm	611
Fallecimento	458	1) Fechar	221	Flmbo	149
Fallencia	154	2) Fechar	464	Finado	467
1) Falsificar	42	3) Fechar	464	Finalmente	69
2) Falsificar	80	Foculoso	220	Flnar-se	21
1) Falso	50	Fecundar	464	1) Fingido	122
2) Falso	423	Fecundidade	464	2) Fingido	455
3) Falso	455	Fecuudo	465	1) Fingir	103
1) Falta	203	Fedegoso	465	2) Fingir	404
2) Falta	359	Fedorento	465	Fino	362
Faltar	458	Feio	465	Finura	56
Falto	437	Feltlçaria	519	Fio	386
Fama	458	Felticeiro	36	Firma	127
Famélico	439	Feltiço	421	Firmamento	220
1) Família	244	Felto	25	Flrme	309
2) Família	458	Felicitação	465	Firmeza	306
3) Família	587	Fellicidade	163	Fisco	433
Famillar	153	Fellz	50	Flsca	485
Famillaridade	322	Femlnfl	465	Flagelar	468
Faminto	439	Fenda	485	Flamma	222
Famoso	43	Fenecer	21	Flecha	149
Famulento	439	Fenilano	466	Neumático	468
Fanal	459	Fera	89	Flexão	601
Fanático	123	Fóretro	129	Filbusteiro	466
Fanatismo	459	Ferida	466	1) Flor	178
Fanfarra	155	1) Fermentação	337	2) Flor	468
Fanfarrão	459	2) Fermentação	411	Florescencia	468
Fanfarrice	181	Ferocidade	157	Florescer	524
1) Fanfarronada	181	Feroz	466	Floresta	179

XXII

Florilegio	230	2) Fortuito	209	Frota	111
Fluctuar	177	1) Fortuna	21	Frugalidade	472
Fluído	468	2) Fortuna	174	Frustar-se	16
1) Fogo	207	3) Fortuna	461	1) Fuga	450
2) Fogo	222	Forum	53	2) Fuga	473
Fogoso	498	Fôso	340	Fugaz	473
1) Fogueira	222	Fouce	477	Fugida	473
2) Fogueira	469	Fracção	543	1) Fugir	11
Fôlego	68	1) Fraco	250	2) Fugir	436
Folga	469	2) Fraco	349	1) Fugitivo	404
Folgazão	65	3) Fraco	471	2) Fugitivo	473
Folguedo	469	Frade	123	Fulgurante	473
Folha	546	1) Frágil	32	Fulheiro	473
Folheto	469	2) Frágil	350	Fulminante	473
Folhinha	77	3) Frágil	471	Fumaça	473
Folia	150	4) Frágil	549	Fumar	473
Fome	104	Fragmento	543	Fumegar	473
1) Fome	222	Fragância	112	Fumo	473
2) Fome	520	Franco	471	Fnnâmbulo	32
Forastello	448	Franja	60	Funções	204
Fôrca	469	1) Franqueza	193	Fundamental	474
1) Força	413	2) Franqueza	471	Fundamento	160
2) Força	469	1) Fraqueza	350	Fundamentos	71
Forçar	249	2) Fraqueza	368	Fundar	433
1) Forçoso	439	Fraternal	522	Fundear	88
2) Forçoso	532	Fraternidade	293	Fundlr	370
3) Forçoso	535	Fraterno	522	Fundo	474
1) Fôrma	290	Fraude	471	Fúnebre	474
2) Fôrma	469	Frecha	149	Funeral	427
Fôrma	469	Freguezia	471	Funerario	474
Formal	146	1) Frente	200	1) Funesto	149
Formalidade	470	2) Frente	456	2) Funesto	460
Formalmente	557	1) Frequente	127	Furla	474
Formidável	470	2) Frequente	311	Furias	450
Formoso	470	Frequentemente	471	Furilhundo	474
Formosura	166	Fresco	472	Furioso	474
Fôrmla	470	Frescura	472	Furna	96
Fornocer	13	Fretador	51	Furor	474
Fôro	419	Frigido	472	Furtar	474
1) Fortaleza	231	Frio	463	Furto	475
2) Fortaleza	307	Frivolo	472	Fuste	233
3) Fortaleza	469	Frontaria	456	Fustilgar	468
Forte (adj.)	68	Fronte	602	Fútil	472
Forte	231	Fronteira	570	Futuro (adj.)	475
Fortificar	83	Fronteiriço	570	1) Futuro (subst.)	374
Fortultamente	26	1) Frontispicio	94	2) Futuro (subst.)	554
1) Fortuito	65	2) Frontispicio	456	Fuzilar	476

G

Gabar	215	1) Garantia	16	Gasto (adj.)	20
Gadonha	477	2) Garantia	547	Gasto (subst.)	387
Gaguejar	153	Garantir	478	Geada	437
Galola	477	Garbo	478	Gelto	478
Galante	470	1) Garganta	381	Gelar	249
Galardão	477	2) Garganta	550	Gêlo	437
Galladura	231	Garrano	487	Gelosia	41
Galrar	478	Gárrulo	227	Gemor	479
Ganancia	478	Garupa	88	Gemma	180
1) Ganho	478	Gasalhoso	478	Generalização	479
2) Ganho	547	Gastar	379	Gênero	244

1) Generosidade	385	Gorar	16	Graúdo	484
2) Generosidade	479	1) Gordo	86	Gravame	484
Generoso	199	2) Gordo	534	Grave	484
1) Genio	201	Gorgeta	443	Grávida	485
2) Genio	271	Gôro	227	1) Gravidade	138
3) Genio	223	Goso	482	2) Gravidade	352
4) Genio	480	Gostar	54	Gravidez	481
5) Genio	613	1) Gosto	480	Gravitação	137
Gente	550	2) Gosto	482	Grenha	186
1) Gentil	58	Gota	446	Greta	485
2) Gentil	470	Gota serena	83	1) Gritaria	60
Gentileza	166	Gotejar	446	2) Gritaria	70
Gentilhomem	467	Governante	82	3) Gritaria	584
Gentio	190	Governar	482	Grito	239
Gentios	480	Governo	37	Grossaria	376
Geral	480	Gôzo	555	1) Grosseiro	65
Geralmente	261	1) Graça	173	2) Grosseiro	340
1) Gerar	276	2) Graça	226	3) Grosseiro	603
2) Gerar	310	1) Gracejo	222	Grotesco	184
Geringonça	394	2) Gracejo	226	Grupo	156
Gerir	576	1) Gracioso	226	Gruta	96
Germânico	481	2) Gracioso	482	Guante	485
Germe	590	Graçola	226	Guarda	485
Gestação	481	Gradação	482	Guarda-fogo	486
Gesto	138	Gradação	482	Guarda-portão	486
Gibba	180	Granada	536	1) Guardar	301
Gibbosidade	180	1) Grande (adj.)	198	2) Guardar	345
Gigantesco	254	2) Grande (adj.)	303	3) Guardar	389
Ginete	214	3) Grande (adj.)	484	Guarda-vento	486
Gíria	190	Grande (subst.)	467	Guardida	61
Giro	316	Grande bomem	489	Guedelha	186
1) Glacial	70	1) Grandeza	482	Guetia	462
2) Glacial	472	2) Grandeza	483	Guerra	192
Gladio	409	Grandeza de alma	479	Guerrear	161
Glände	178	Grandíssimo	483	Guerreiro	168
Globo	177	Grangeia	484	Guia	231
Gloria	481	Granizo	437	1) Guiar	289
Glosa	92	Granja	485	2) Guiar	402
Glossario	397	Gratidão	54	Guilbotinar	351
Giutão	257	Gratificação	484	Guindar	486
Goie	604	Gratis	484	Guloso	257
Gômo	180	Grato	51	Gume	336
Gonzo	566	Gratuitamente	484		

H

Hábil	197	Harmonia	487	2) Hereje	488
1) Habilidade	107	Hasta pública	77	Heresia	587
2) Habilidade	390	Haste	332	Heresiarcha	488
3) Habilidade	478	Havor	487	Heróe	489
Habilitações	487	Haveres	174	Heroldidade	489
Habitar	487	Hebdomadario	589	1) Heroismo	330
1) Habito	251	Hecatombe	206	2) Heroismo	489
2) Habito	338	Hediondo	465	Herva	577
Habituar-se	32	Herança	487	Hervanario	488
Hacanêa	487	Herboiario	488	Hesitar	162
Hálito	487	Horborista	488	Heterodoxo	190
Hangar	487	Herborizador	488	Historia	90
Hardimento	330	Herdeiro	488	Historiador	489
Harém	487	Hereditariadade	487	Historiographo	489
Harlofo	36	1) Hereje	130	Hodierno	528

XXIV

Holocasto	583
1) Homem	298
2) Homem	490
Homen de bem	490
Homen de honra	490
Homen de probidade	490
Homen-Deus	490
Homen de virtude	490
Homen ilustre	489
Homen político	444
Homen puro	490
Homenagem	491
Homicídio	126
Homilia	75
Homisiado	388
Homonímico	491
Honor	491
Honorários	540

Honorífico	492
1) Honra	481
2) Honra	491
3) Honra	492
Honradez	508
Honrado	324
Honrar	40
Honroso	492
Horrendo	440
Horível	440
Horroroso	440
Horta	492
Horto	493
Hospedar	30
Hospedaria	445
Hospedeiro	478
Hotel	445
Humanidade	172

Humildade	492
Humiliação	492
Humor	201
Humus	602
Hydromel	56
Higiene	586
Higiénico	586
Hymeneu	492
Hymno	195
Hypérbole	492
Hypocondria	133
1) Hypócrita	51
2) Hypócrita	164
1) Hypotheca	94
2) Hypotheca	547
Hypothese	296

I

1) Içar	60
2) Içar	486
Iconoclasta	52
Idéa	295
Ideal	494
Idioma	394
Idiota	175
Idiotia	71
1) Idiotismo	71
2) Idiotismo	528
Idólatras	480
Idoneidade	107
Idyllo	411
Ignaro	495
Ignóbil	14
Ignominia	494
Ignorancia	495
Ignorância	495
1) Igoorante	87
2) Ignorante	449
3) Ignorante	495
Ignoto	375
Iguaria	495
Ilharga	495
Illação	301
Illeso	500
Illicito	495
Ilimitado	495
1) Iludido	495
2) Iludido	495
Iludir	423
1) Ilusão	225
2) Ilusão	355
3) Ilusão	434
4) Ilusão	559
Iluso	495
Ilustração	495
Ilustrado	345
Ilustre	43
Nota	496

1) Imagem	376
2) Imagem	414
3) Imagem	591
1) Imaginação	225
2) Imaginação	277
3) Imaginação	496
4) Imaginação	496
1) Imagiario	225
2) Imagiario	494
Imaginativa	496
Imbecil	496
Imbricar	496
Imitar	496
Imitar o exemplo	496
Immaculado	496
Imminente	507
Immolar	496
Immoral	497
Immorredouro	497
1) Immortal	449
2) Immortal	497
Immune	403
Immunidade	403
Impalpável	497
Imparcial	497
1) Impedimento	399
2) Impedimento	417
1) Impedir	129
2) Impedir	359
3) Impedir	418
1) Imperador	497
2) Imperador	596
Imperfeição	359
Imperio	497
Imperioso	18
Impertinente	461
Imperturbabilidade	431
Impessoal	358
1) Impetrar	298
2) Impetrar	300

Impericia	495
Impetuoso	498
Impio	130
1) Implacável	409
2) Implacável	503
Implicado	272
Implicito	599
Impiolar	298
Imponente	143
1) Importancia	301
2) Importancia	302
Importante	303
Importar	328
Importuno	460
Imposto	320
Imprecação	451
Impregnar	587
1) Impressão	412
2) Impressão	413
Imprevisto	499
Improrogável	499
Imprudente	499
Impudente	346
Impúdico	603
Impugnação	219
Impugnar	295
Imputar	139
Inabalável	309
Inacção	499
Inacividade	499
Inadiável	499
Inadvertencia	377
Inalterável	309
Inanimado	499
Inânime	499
Inaptidão	499
Inaugurar	17
Incapacidade	499
Incendiar-se	109
Incendio	222

1) Incerteza	500	2) Indulgencia	503	Innocencia	193
2) Incerteza	500	Indulto	85	Inopia	502
1) Incerto	5315	Industrial	455	Inopinadamente	227
2) Incerto	5661	Industrioso	503	Inopinado	499
Incessantemente	310	Induzir	282	Inquôrito	505
Incineração	341	Inefável	503	Inquietação	53
1) Incitar	57	Inercia	499	Inquietar	132
2) Incitar	89	Inerte	503	Inquirar	553
1) Inclinação	45	Inesperado	499	Inquirir	505
2) Inclinação	500	Inexorável	403	Insalubre	407
Inclito	437	Inexprimável	503	Insanável	501
Incognito	375	Inextinguível	501	1) Inscrição	430
Incoherencia	375	Infamante	504	2) Inscrição	430
Incólume	500	Infamar	370	Insensato	506
1) Incômodo	29	1) Infame	504	Insensibilidade	502
2) Incômodo	500	2) Infame	504	Insensivelmente	506
Incompreensível	506	Infamia	494	Insepulto	388
Inconsideração	377	Infancia	504	Inserir	506
Inconsiderando	499	Infante	504	Insidioso	193
Inconstante	501	Infantili	564	Insigne	506
Incontestável	328	Infecundo	505	Insignia	155
Inconveniência	375	Infelicidade	381	Insignificancia	150
Incredulidade	376	Infeliz	252	Insinuação	506
Incrédulo	130	Inferencia	301	Insinuar	507
Incriminar	27	1) Inferior	151	Insípido	507
Incrível	501	2) Inferior	606	Insistir	317
Incubar	227	1) Inferir	282	Insolente	117
Inculpar	27	2) Inferir	369	Insólito	507
Incurável	501	Infernal	392	Insosso	507
1) Incuria	29	Infértil	505	1) Inspiração	506
2) Incuria	377	Infidelidade	67	2) Inspiração	581
1) Incursão	451	Infels	480	Instante (adj.)	507
2) Incursão	509	1) Infel	130	Instante (subs.)	507
Indagação	501	2) Infel	549	Instigação	506
Indagar	51	Infinito	495	Instigar	282
Indecisão	500	Inflamar-se	109	Instituir	433
Indeferir	366	1) Inflixível	309	1) Instrução	412
Indelével	501	2) Inflixível	503	2) Instrução	495
Indemnização	267	Influorescencia	468	Instruir	427
Indemnizar	580	Influencia	505	Instruir-se	104
Independencia	501	Informação	505	Instrumento	466
1) Independente	146	Informar	505	Insufficiencia	499
2) Independente	517	Informar-se	505	Insulso	507
Indeterminado	501	1) Infortunio	42	Insulto	49
Indiano	501	2) Infortunio	381	Insuperável	508
Indicar	383	Infringir	319	Insupportável	508
Indício	502	1) Ingenho	423	Insurgente	508
Indico	501	2) Ingenho	442	Insurreição	52
Indifferença	502	Ingenhoso	503	Intangível	497
Indígena	16	Ingenulidade	193	Integrante	508
Indigencia	502	Ingratidão	505	1) Integridade	508
Indio	501	Inhabitado	382	2) Integridade	508
Indisciplinado	503	Inherencia	34	1) Inteiro	270
Indispensável	444	Inibir	359	3) Inteiro	503
Indisposição	29	Inhonesto	382	Intelligencia	278
Indivíduo	503	Inhumano	505	Intelligente	503
Indizível	503	Inhumano	505	Intelligível	274
Indócil	503	Iniciado	31	1) Intenção	384
1) Indole	201	Inimigo	42	2) Intenção	437
2) Indole	271	1) Inimizado	90	Intensidade	609
1) Indolencia	20	2) Inimizado	506	Intento	437
2) Indolencia	502	Inintelligível	506	Intercessão	524
Indolente	503	Iniquo	504	Interesseiro	147
Indubitável	328	Injunção	506	Interior	508
Inducção	283	1) Injuria	49	Intermissão	509
1) Indulgencia	246	2) Injuria	323	1) Intermittencia	509

2) Intermitência	549
Interno	508
Interpretação	452
Intérprete	509
Interrogar	505
1) Interromper	20
2) Interromper	129
Interrupção	509
Intervenção	524
Intestinos	509
Intimidade	322
Intimidar	509
Intimo	508
Intolerável	508
Intrepidez	390
1) Intriga	304
2) Intriga	426
Intrinseco	508
Introdução	556
1) Introduzir	506
2) Introduzir	526
Intumescer	606
Inundação	224
Inundado	60

Jactância	511
Jactancioso	459
Jaeto	179
Jáez	115
Jamais	511
Jargão	394
Jaula	477
Jazigo	217
Jejum	19
Jerarchia	244
Jesuita	164
Jesus	230
Jesus Christo	230
Jolo	239
1) Jorro	179
2) Jorro	229
Jornal	396

Labareda	222
Lábrio	166
Labor	513
Laborioso	513
Labyrintho	538
Lacaio	343
Laço	513
Lacônico	182
Lacuna	537

Inútil	585
1) Inutilimento	416
2) Inutilmente	608
Invadir	100
Invaldar-se	188
Inválido	509
Invasão	509
Invencível	509
1) Inveja	236
2) Inveja	420
Invenção	29
1) Invencível	508
2) Invencível	509
1) Inventar	29
2) Inventar	366
Invento	29
1) Investida	11
2) Investida	52
Investigar	51
Investir	30
Inveterado	291
Invicto	509
Inviolável	509
Invitar	327

Jornalista	579
Jovial	65
Jubilado	100
Júbilo	66
1) Juízo	402
2) Juízo	571
3) Juízo	591
1) Juigar	342
2) Juigar	344
3) Juigar	503
Jumento	124
Junção	607
Jungir	96
Junta	543
Junta de bois	293
Jura	511
Juramento	511

1) Invocar	222
2) Invocar	298
1) Ir	88
2) Ir	509
Ira	252
Iracundo	510
Ir adeante	557
Irado	510
Irascível	253
Irmandade	293
Iroso	510
Irregularidade	63
1) Irreligioso	96
2) Irreligioso	130
Irresolução	500
Irritável	253
Irrito	509
Irupção	509
Ir-se	509
Isca	524
Isolado	58
Itinerário	582

J-K

L

Jurisconsulto	42
Jurisprudencia	401
Jurista	43
Justa	511
Justamente	557
Justeza	512
1) Justiça	401
2) Justiça	431
Justiceiro	497
Justicoso	497
Justificação	197
1) Justificar	231
2) Justificar	359
Justo	497
Juventude	38
Kilogrammetro	512

Lâmina	223
1) Lampejo	240
2) Lampejo	570
Lamuria	203
Lança	513
Lande	178
Lapa	96
Láparo	187
Lapidar	96

Lápide	430	Levante	446	Litigio	25
Lapidificar	513	1) Levar	289	Litigioso	312
Lar	207	2) Levar	402	Litteramente	517
Lares	513	Leve	515	Litteratura	435
Largar	361	Levedação	337	Littoral	166
Larguosa	514	Léxico	397	Lívdo	375
Largura	514	Lexicógrapho	398	Livrar	583
Larvas	514	Lbaneza	193	Livraria	175
Lascívia	286	1) Lhano	45	1) Livre	443
Lascivo	433	2) Lbano	551	2) Livre	517
Lassidão	195	Libello	469	Lizo	517
Lástima	514	Liberalidade	479	Lobrigar	148
Latrocínio	475	1) Liberdade	81	Local	517
Lauda	541	2) Liberdade	471	Locução	454
Lauto	538	3) Liberdade	501	1) Logar	65
Lavar	514	Libertador	515	2) Logar	517
Lavor	513	Libertar	386	Logarejo	65
Lavrador	55	Libertinagem	340	Lógica	393
Lavrar	108	Liça	110	Logo	368
1) Leal	467	Lícito	514	Lograr	62
2) Leal	471	Liga	74	1) Logro	109
Lealdade	467	Ligado	35	2) Logro	355
Ledice	66	1) Ligar	59	Longanidade	517
1) Legado	416	2) Ligar	129	Longe	517
2) Legado	487	Ligeireza	515	Longinquo	517
Legal	514	1) Ligeiro	52	1) Longo	275
1) Legião	251	2) Ligeiro	515	2) Longo	399
2) Legião	550	Limiar	516	Lorpa	540
Legista	43	Limitar	516	1) Lotação	113
Legítimo	514	Limitar-se	233	2) Lotação	196
Lei	358	Limites	284	Loução	66
Leigo	588	Limitropbe	291	Louco	506
Leilão	78	Limpeza	127	Loucura	71
1) Leito	82	Limpo	516	Louvaminbar	41
2) Leito	159	Lindar	445	Louvaminheiro	41
Lembrança	525	Lindeza	166	Louvar	215
Lêmbures	514	Lindo	179	Louvor	518
Lenha	515	1) Lingua	394	Lubricidade	286
Lenidade	181	2) Lingua	509	Lucifer	364
Lentamente	506	Lingüagem	394	Lucro	478
Lente	515	Linguareiro	227	Lucta	221
Lenteiro	10	Linguística	516	Luctar	161
1) Lento	266	Linhagem	587	Luctuoso	474
2) Lento	515	1) Liquefazer	370	Lúgnbro	474
Lêr para si	176	2) Liquefazer	518	Lume	222
Leso	66	Liquescer	516	Lunático	518
Leste	446	Líquido	468	Luneb	253
Lesto	52	Lisonja	516	Lupanar	61
Letbargia	255	Lisonjaria	516	Lusbei	364
Letrado	43	Lisonjear	41	Lustre	518
Letra grande	198	Lisonjeiro	41	Luva	485
Letras	202	1) Lista	159	Luxo	442
Levantamento	52	2) Lista	209	Luzir	182
Levantar	63	Lisura	193	Luz	240

M

Maça	246	Macbinar	519	Madro	82
Maça	519	Macilento	375	Madrugada	82
Macerar	519	Macular	553	Maestro	273
Machado	28	Madeira	515	Magia	519

XXVIII

Mágico	36	Manopla	485	1) Meditar	251
Magistral	20	Mansarda	56	2) Meditar	547
1) Magnanimidade	479	Mansidão	406	1) Medo	61
2) Magnanimidade	517	Manso	83	2) Medo	524
Magnificência	442	Manta	521	Medrar	524
Magnitude	482	Manter	521	Medroso	250
Mágoa	47	Manter-se	302	1) Medullia	221
Magote	156	Mantimentos	611	2) Medulla	606
Mahometano	108	Manufactura	455	Menear	526
Maiores	70	Mappa	207	1) Meio	220
Maiores	519	Mar	521	2) Meio	288
1) Maioria	401	1) Maravilha	128	3) Meio	525
2) Maioria	519	2) Maravilha	526	Meio dia	596
Maiúsculo	198	Maravilhoso	454	1) Melancolia	133
1) Majestade	400	Marcar	383	2) Melancolia	606
2) Majestade	483	Marchante	257	1) Melancólico	132
Majestoso	143	Marchar	88	2) Melancólico	525
Mai	519	Marcial	168	Melena	186
Mai contente	519	Márgem	179	Meihoras	73
Maidade	520	Mariato	521	Melindrar	227
Maidição	451	Marido	298	Melodia	487
Maldizer	82	Marimacho	611	Memoria	525
Maledicência	391	Mariahágem	231	Memorial	550
Malefício	520	Marouço	537	Memorias	90
Maléfico	520	Marrada	332	Mendicância	525
Malentendido	520	Marreca	180	Mendicidade	525
Mai-estar	520	Mas	521	Mendigo	525
Malevolência	90	Mascar	522	Meninice	504
1) Malfeltor	155	Masmorra	522	Meninices	504
2) Malfeltor	363	Massudo	522	Menino	504
3) Malfeltor	456	Nastigar	522	Menos	586
Malícia	520	Nastim	525	Menoscar	12
Malicioso	523	Mata	179	Menoscabo	348
Malignidade	520	Matança	206	Mensageiro	417
Maligno	523	Matar	125	1) Mensalidade	526
Mallograr-se	16	Matar-se	595	2) Mensalidade	540
Malquerença	90	1) Materia	128	Mente	278
Malsinar	366	2) Materia	587	Mentecapto	496
Maltratar	520	3) Materia	595	Mentira	417
Malvado	523	Maternal	522	Mento	157
Malversação	288	Materno	522	Mercador	257
Mamma	602	Matinal	522	Mercadoria	526
Manadeiro	520	Matiz	522	Mercancia	526
Manancial	520	Matreiro	599	Mercar	273
1) Manar	401	Matrimonial	298	1) Mercê	108
2) Manar	446	Matrimonio	492	2) Mercê	173
Mancha	532	Matrona	347	3) Mercê	548
Manco	520	Maturação	82	Mercurio	149
Mandado	520	Matutino	522	Merecedor	400
Mandamento	351	1) Mau	523	Merecer	526
1) Mandar	429	2) Mau	582	Meretriz	336
2) Mandar	559	Mau grado	523	Meridional	145
Mandíbula	524	Mausoleu	217	Mero	590
Mando	257	Maxilla	524	Mesciar	526
Maneira	528	1) Máxima	99	Mesmo	564
Manejo	520	2) Máxima	561	Mesquinho	147
Maneta	520	Mecha	524	Messe	526
Manha	593	Mediação	524	Messias	230
Manhoso	521	Mediana	524	Mestre	58
Mania	71	Medicamento	524	Mesura	337
Maniaco	518	Médica	457	Metamorphose	326
Manifestar	356	Medida	563	Metamorphosoar	575
Manifesto (adj.)	243	Mediocridade	524	Método	588
Manifesto (subst.)	356	1) Meditação	104	Motter	526
Maninho	521	2) Meditação	135	Mexericar	226
Manjar	495	3) Meditação	624	Mexerico	304

Mezada	526	Monachal	528	Mosteiro	14
Milagre	526	1) Monarcha	497	Mostra	502
1) Militar	168	2) Monarcha	591	Mostrar	128
2) Militar	592	Monástico	528	Mostras de amilzade	529
Minar	527	Monção	73	Motim	52
Ministerio	204	Monda	73	Motivo	212
Ministro	416	1) Monge	123	Mouco	529
Minoria	401	2) Monge	217	Mouro	108
Minucia	150	Monólogo	527	Movediço	529
Minuciosamente	236	Monomania	71	Móvel (adj.)	529
Miolo	220	Monstruoso	528	Móvel (subst.)	68
Misanthropy	94	Montado	178	1) Mover	89
Miserável	382	Montanha	528	2) Mover	328
Miseria	502	Montanheiro	529	3) Mover	526
Misericórdia	246	Montanhaz	529	Mover-se	626
Missionar	212	Montanhescos	529	Mudança	79
Missiva	206	Montanhoso	523	Mudez	96
Mistér	119	Montano	529	Muitas vezes	471
Mitigar	17	Montão	28	Muito	329
Mitra	176	Montar	127	Muito grande	483
1) Mixtnrar	294	Montaraz	529	1) Mulher	298
2) Mixturar	525	Monte	528	2) Mulher	347
Móbil	212	Montesinho	529	Mulheril	465
Moça	407	Montesino	529	Multa	251
Mocção	580	Montez	529	1) Multidão	48
Mocidade	38	Montigeno	529	2) Multidão	430
Moda	527	Montivago	529	1) Mundo	530
1) Modelo	452	Montuoso	529	2) Mundo	538
2) Modelo	527	Monumento	407	Munheca	530
Moderação	527	1) Morada	207	Municionar	13
1) Moderado	528	2) Morada	407	Município	261
2) Moderado	543	Morada de casas	558	Munlr	13
Moderar	17	Morai	529	1) Muraiha	337
Moderno	528	Moraildade	529	2) Muraiha	530
1) Modestia	353	Morar	487	Muro	530
2) Modestia	527	Mordaz	213	Murro	593
Modificação	79	Morno	603	Música	155
Modismo	528	Moroso	600	Musulmano	108
Modo	528	Morrer	21	Mutação	609
Modorra	253	Morrião	196	Mutilar	606
Mofo	150	Mortalidade	206	Mútuo (adj.)	530
Moinho	129	Mortandade	206	Mútuo (subst.)	419
Molécua	132	1) Morte	126	1) Mysterio	407
Molestia	29	2) Morte	458	2) Mysterio	530
Molesto	500	Morticínio	206	3) Mysterio	588
Molinha	179	Mortificado	321	Mysterioso	530
Molle	181	Mortificar	519	Mystico	530
Momento	507	Morto	467		

N

Nação	444	Napéa	532	2) Naturalidade	193
Nacional	532	Narrar	311	Natureza	444
Nadar	177	Nascente (s. f.)	520	Náusea	124
Náide	532	Nascente (s. m.)	446	Náutico	532
Namorado	83	Nascimento	539	Naval	532
Não dar	581	Nata	468	Navio	159
Não ignorar	584	1) Natural (adj.)	160	Necedade	495
1) Não obstante	276	2) Natural (adj.)	590	Necessario	532
2) Não obstante	523	Natural (subst.)	271	Necessidade	502
Não perceber	387	1) Naturalidade	11	1) Necessitar	203

XXX

2) Necessitar	458	Nó	563	Notar	535
Necromante	36	Nobre	467	Notícia	533
Negaça	574	Nobreza	111	Notório	243
1) Negligência	29	Noção	295	Noutro tempo	94
2) Negligência	377	1) Nocivo	348	Novella	98
Negligente	503	2) Nocivo	520	Novidade	533
Negociante	257	Nódoa	533	Novilho	175
Negocio	532	Noivado	492	Novo	533
Negro	135	Noivo	83	Nuance	522
Nemoroso	123	Nojo	124	Nulla	509
Nenhum	532	Nómada	338	Numerai	533
Neóphyto	532	Nome	64	Númeroico	533
1) Nescio	461	Nomeada	458	Numeroso	329
2) Nescio	603	Nomenclatura	209	Nunca	511
Neutal	497	Nome predicativo	140	Nuncio	416
Neve	437	Nómina	209	Nupcial	298
Nevoa	184	No momento em que	566	Núpcias	492
Nevoeiro	184	Norma	561	Nutriente	73
Nexo	299	Norte	532	Nutrir	72
Nihilismo	87	Nós	532	Nutritivo	595
Ninguém	532	Nós outros	532	Nympha	532
Ninharia	150	1) Nota	92		
Nívelar	269	2) Nota	99		



O	534	Obstinado	535	1) Offensa	49
Obedecer	534	Obstruir	536	2) Offensa	323
Obediência	534	1) Obter	41	3) Offensa	381
Oberado	534	2) Obter	62	1) Offerecer	349
Obeso	534	3) Obter	300	2) Offerecer	559
Objecção	534	Obturar	536	Ofereenda	535
1) Objecto	128	Obús	536	1) Oferta	183
2) Objecto	437	Ocasão	427	2) Oferta	563
Oblação	535	Occaso	536	1) Officio	119
Obliquar	601	Occidente	536	2) Officio	204
Obliquo	393	Occorrença	207	Officioso	535
Obra	535	Occorrer	31	Offuscar	76
Obrar	464	1) Occultar	9	Offuscar-se	536
Obreiro	121	2) Occultar	9	O género humano	489
1) Obrigação	97	3) Occultar	404	1) O homem	489
2) Obrigação	391	4) Occultar	422	2) O homem	490
Obrigar	249	Occulto	239	Oitentão	537
Obrigar-se	275	Occupações	536	Olaria	220
Obrigatorio	535	Oceano	521	Oleaginoso	537
Obsceno	382	Oclo	386	Óleo	149
Obscurecer-se	536	Ociosidade	386	Oleoso	537
1) Obscuro	438	Ocioso	536	Olfacção	537
2) Obscura	535	Oco (adj.)	536	Offacto	537
Obsequio	535	Oco (subst.)	214	Oilha	340
Obsequioso	535	Ocogenario	537	Oihada	537
Observação	453	Odiar	16	Oihadela	537
Observancia	453	1) Odio	95	Oihar (subst.)	537
1) Observar	345	2) Odio	536	1) Oihar (verbo)	148
2) Observar	534	1) Odorífero	224	2) Oihar (verbo)	303
3) Observar	535	2) Odorífero	536	Olho	180
Obsoleto	95	Odorífico	536	Oividar	443
Obstáculo	399	Oeste	536	Omissão	537
1) Obstinação	176	Offender	227	Omittir	537
2) Obstinação	322	Offender-se	436	Onda	537
3) Obstinação	418	Offendido	550	Onda	608

Onde	39	Orago	540	Oriente	446
Onus	481	Oral	538	Orifício	539
Onzena	537	Oratoria	538	1) Origem	539
Opaco	537	Orbe	538	2) Origem	561
Opção	538	Orbicola	338	Ornamentar	40
1) Operário	121	Orçar	538	Ornamento	40
2) Operário	563	Orchestra	155	Ornar	40
Opinar	362	1) Ordem	244	Ornato	40
1) Opinião	277	2) Ordem	257	Orthoépia	564
2) Opinião	341	3) Ordem	293	Orthologia	564
3) Opinião	398	4) Ordem	506	Os	534
Opiparo	538	5) Ordem	520	Oscillação	539
Oppôr-se	580	6) Ordem	538	Ósculo	166
Opportunidade	427	7) Ordem	576	Os homens	489
1) Oportuno	106	8) Ordem	605	Ossada	539
2) Oportuno	149	Ordenado	540	Ossatura	539
1) Oposição	96	1) Ordenar	245	Oso	539
2) Oposição	580	2) Ordenar	257	Ostentação	60
1) Oposto	42	3) Ordenar	559	1) Ou	539
2) Oposto	318	Ordinariamente	261	2) Ou	566
Oppresso	538	1) Ordinario	153	Ousadia	133
Opprimido	538	2) Ordinario	260	Ousado	118
Opprobrio	494	Orelhas	538	Ousar	10
Oppugnar	454	Órgão	288	Outeiro	254
Opulencia	19	1) Orgia	340	Outorgar	277
1) Oração	75	2) Orgia	387	Outrora	94
2) Oração	114	1) Orgulho	80	Ouvidos	538
3) Oração	538	2) Orgulho	539	Ouvir	539
4) Oração	563	3) Orgulho	592		

P

Pacato	540	Paladar	541	Par	543
Pachorra	540	Paladino	541	1) Para	542
1) Paciencia	540	Palafrem	214	2) Para	512
2) Paciencia	580	Palafreireiro	541	3) Para	543
Paciente	540	Palato	541	Parabens	465
Pacífico	540	Palavra	397	Parábola	98
Paço	62	Paleographia	401	Paradoxal	501
Pacovio	510	Palerma	540	Parafogo	486
Pacto	323	Palestra	324	Parágem	517
Padecer	141	Palhaço	111	Paralso	170
Padrão	445	Palhete	241	Parallelo	533
Padre	248	Palhoça	159	Paralogismo	543
Padroeiro	540	Pálido	375	Paralytico	543
Paes	519	Palpável	542	Parapólio	545
Paga	540	1) Palpebra	232	Parar	543
Pagamento	540	2) Palpebra	543	Parasita	257
Pagão	130	Palpitação	542	Paravento	486
Pagãos	480	Palpite	542	Parcel	48
1) Pagar	541	Palrador	227	Parcial	544
2) Pagar	541	Palrar	478	Parcidade	411
Págem	541	Palurdo	61	1) Parcimonia	411
Página	541	Pança	542	2) Parcimonia	472
Painel	541	Pandeireta	542	1) Parco	528
Palrar	541	Pandeiro	41	2) Parco	543
Palção	45	Panegyrico	75	Pardieiro	543
1) Paiz	541	Pânico	61	1) Parecer (subst.)	538
2) Paiz	576	Pântano	10	2) Parecer (subst.)	539
Palaciano	444	Pantufa	150	1) Parecido	87
Palacio	62	Papo	184	2) Parecido	264

Parelha	543	Poanha	160	1) Perdão	85
Paremia	99	Peça	266	2) Perdão	548
Paria	496	1) Peccado	136	Perdoar	18
Parlamentario	417	2) Peccado	345	Percedouro	549
Parlamento	293	Peccar	215	Perocer	21
Paróchia	471	Peculiaridade	564	1) Peregrino	448
Parolar	478	Peçonha	545	2) Peregrino	582
Párpado	543	Peculato	288	Peremptorio	345
1) Parte	543	Peculio	545	Perenne	449
2) Parte	544	Pedaço	177	Perfazer	464
1) Participar	266	Pedagogia	398	Perfeição	560
2) Participar	544	Pê de mela	545	1) Perfeito	20
Particula	132	Pedestal	160	2) Perfeito	270
1) Particular	440	Pedir	573	1) Perfídia	67
2) Particular	544	Pedreira	195	2) Perfídia	549
Particularidade	236	Pedreiro	82	Péruido	549
1) Partidario	35	Pedrisco	437	Perfumado	224
2) Partidario	544	Pêgada	610	Perfume	112
Partido (adj.)	544	Pegureiro	70	Perfurar	601
Partido (subst.)	456	Peltar	335	1) Perguntar	505
Partilha	544	Palto	589	2) Perguntar	562
Partir	11	Peltoral	331	Periclitlar	549
Parto	544	Peltoril	545	Perigo	549
Parturição	544	Pejada	485	Porigoso	348
Parva	253	1) Pelejar	161	Perimir	188
Párvulo	544	2) Pelejar	255	Periodicidade	549
Pascacio	540	1) Pelle	545	Periodicista	579
Pascer	544	2) Pelle	602	Periódico	396
Pascigo	545	Pêlo	186	Periodista	579
Pasmo	27	Pelo meio	554	1) Período	245
Passamento	458	Pe louro	177	2) Período	431
1) Passar	133	1) Pena	209	Parlpheria	234
2) Passar	544	2) Pena	288	Periphraze	234
3) Passar	544	3) Pena	408	Perissologia	162
Pássaro	147	4) Pena	545	Pormanecer	302
Pastagem	545	Penal	546	Permanente	308
Pastar	544	Penas	49	Permittir	105
Pastio	545	Penates	513	Permittido	514
Pasto	545	Penca	516	1) Pernicioso	348
Pastor	70	Pendurar	253	2) Pernicioso	520
Pastoral (subst.)	545	Penetração	56	Perpendicular	549
Paternal	522	Penetrante	546	Perpétuo	449
Paterno	522	Penetrar	546	Perplexidade	500
1) Pathético	545	1) Penhor	16	Perplexo	410
2) Pathético	601	2) Penhor	547	Perquição	505
1) Patíbulo	188	Penitente	289	1) Perseguir	32
2) Patíbulo	469	Pensador	547	2) Perseguir	132
Patria	541	1) Pensamentos	302	Perseverança	308
Patricio	266	2) Pensamentos	524	Perseverar	317
Patrio	532	Pensão	73	Persiana	41
1) Patriotismo	86	1) Pensar	342	Perlsignar-se	175
2) Patriotismo	238	2) Pensar	547	Perlsitir	317
Patroa	82	Pensativo	547	Perspicaacia	56
Patrocínio	144	Penteado	604	Porspicaz	546
Patrono	43	1) Penuria	437	Perspicuidade	242
Patrulha	485	2) Penuria	502	1) Persuadir	196
1) Pau	179	Pequeno	453	2) Persuadir	507
2) Pau	332	Percalço	547	1) Persuasão	327
3) Pau	515	Perceber	273	2) Persuasão	506
Paul	10	1) Percepção	135	Persuasivo	594
Paulatinamente	545	2) Percepção	547	Persuasorio	594
Pauta	600	Percluso	543	Pertencer	550
Pavez	438	Percorrer	333	Perto	550
Pavilhão	155	1) Perda	147	Perturbação	294
Pavor	524	2) Perda	348	Perturbar-se	606
Paz	567	3) Perda	566	Perversão	550

Perversidade	550	2) Plano (subst.)	384	Pospôr	105
1) Perverso	335	Planta	551	Posse	555
2) Perverso	523	1) Planura	223	Possessão	254
Perverter	334	2) Planura	551	Possibilitar	456
Pesado	522	Plebe	551	Possiga	225
Pesca	550	Pleto	25	1) Possível	555
Pescaria	550	Pluralidade	519	2) Possível	564
Pescoço	550	Pluvial	230	Possuir	555
Peso	138	Pô	552	Postergar	105
1) Pesquisa	501	Pobre	525	Posteridade	374
2) Pesquisa	505	Pobreza	502	Posterlor	555
Pesquisar	51	Poção	552	Postilho	333
Pessoa	503	Poda	73	Postulado	555
Pessoas	550	1) Poder	142	Postura	138
Peste	88	2) Poder	457	1) Potencia	457
Postilencioso	550	3) Poder	552	2) Potencia	556
Postilento	550	4) Poder	556	Potentado	497
Pêta	417	Poder entrar	186	Potestade	142
Petição	550	Poderio	556	Pouco	453
Petrificar	513	Poder ser	556	Pouco a pouco	506
Petulancia	550	Poeira	552	Poupado	107
1) Pezar	47	Poento	536	Pousada	445
2) Pezar	116	Poesia	552	Pousio	79
Phalange	550	Poesia pastoril	411	1) Povo	444
1) Phantasia	199	Poeta	552	2) Povo	551
2) Phantasia	496	Poética	552	Povoação	556
Phantasma	441	Pois	554	1) Praça	231
Phantástico	225	Polémica	322	2) Praça	231
Pharmacla	180	Policlado	238	Prado	78
Pharol	459	Polidez	44	Praga	451
Philanthropia	172	1) Polido	237	Pragmática	556
Philarmônica	135	2) Polido	238	1) Praia	110
Philologia	516	1) Polir	73	2) Praia	556
Philtro	82	2) Polir	516	Prantear	228
1) Phrase	245	Político	237	Pranto	229
2) Phrase	563	Polluir	553	1) Prática	75
Physiologia	176	1) Poltrão	250	2) Prática	105
Phisioomla	108	2) Poltrão	250	3) Prática	114
Picada	550	Pomo	519	Praticar	259
Picadolo	520	Pompa	442	Praticável	555
Picadela	550	Ponta	284	Prático	609
Picado	550	Pontagudo	57	Praxe	556
Pleadura	550	Pontífice	553	Prazentelro	65
1) Pledade	246	Ponto	553	1) Prazer	163
2) Pledade	392	Pontualidade	451	2) Prazer	314
Pilar	254	Pôpa	571	3) Prazer	361
Pilastra	254	População	556	Prazo	556
Plha	28	Por	543	Preâmbulo	556
Plnáculo	96	Pôr	553	Prebenda	289
Pncaro	96	Por cima	554	1) Precaução	214
Pingar	446	Porém	521	2) Precaução	556
Pingo	446	Porfia	418	Precaucionar-se	557
Pique	513	Por meio	554	Precaver-se	557
Plquete	585	Porque	554	Precavido	24
Prata	336	Porta	554	Prece	538
Plsada	610	Portagem	64	Precedente	93
1) Plsar	440	Porta-voz	185	Precedentes	93
2) Plsar	551	Porteiro	486	Preceder	557
Pista	610	Porvir (adj.)	610	Precelto	520
Plagiarlo	268	Porvir (subst.)	554	Preceptor	58
Planalto	223	1) Posição	138	1) Precipício	19
1) Planície	192	2) Posição	444	2) Precipício	386
2) Planície	551	Positivamente	557	Precisamente	557
1) Plano (adj.)	517	Positivismo	276	1) Precisão	512
2) Plano (adj.)	551	1) Positivo	146	2) Precisão	557
1) Plano (subst.)	62	2) Positivo	412	3) Precisão	557

1) Precisar	203	Previsão	556	Profanação	562
2) Precisar	458	Prestidigitador	559	Profanar	610
1) Preciso	281	Prestigiador	559	Proferir	122
2) Preciso	582	Prestígio	559	1) Professor	58
Preclaro	414	Préstito	31	2) Professor	515
Preçã	447	1) Presumir	296	1) Profissão	119
Precoce	557	2) Presumir	342	2) Profissão	206
Preconceito	557	1) Presumpção	296	Profundar	106
Predecessor	93	2) Presumpção	539	Profundo	474
Predicado	140	Pretender	125	Profusão	562
Predicção	53	1) Pretexto	212	Progénie	562
Predilecção	558	2) Pretexto	451	Progenitura	562
Predin	558	Preto	135	Prognosticar	35
Predisposição	558	Primario	560	Prognóstico	53
Prodizer	35	Primazia	597	Progridir	34
Predomínio	558	Primevo	560	Proibido	495
Preeminencia	558	Primitivo	560	Proibir	359
Preencher	558	Primogénito	560	Projectil	152
Prefacio	556	Primor	560	Projecto	384
Preferencia	558	Primordial	560	Prolegómenos	556
Preferir	414	1) Principal (adj.)	198	Proletario	563
Proguça	29	2) Principal (adj.)	474	Prolixo	399
1) Preguiçoso	503	Principal (subst.)	198	Prólogo	556
2) Preguiçoso	536	Principalmente	560	Prolongar	563
Preito	491	Príncipe	497	Promessa	563
1) Prejuizo	348	Principiante	104	Promettedor	144
2) Prejuizo	557	1) Principio	99	Prometer	275
Prelado	553	2) Principio	255	Promoção	123
Preludio	558	3) Principio	560	Promontorio	186
Prematuramente	93	4) Principio	561	Promptamente	369
Promaturo	557	5) Principio	561	Promulgar	563
Premiar	349	Prioridade	561	Pronomes conjunctos	390
1) Premio	349	Prisão	592	Pronominal	573
2) Premio	477	Prisioneiro	199	1) Pronuncia	25
Premunir-se	557	Privação	203	2) Pronuncia	563
Prendas	408	Privado (adj.)	544	Pronunciação	563
Prender	200	Privado (subst.)	462	Pronunciamento	52
Prenhe	485	Privar-se	18	1) Pronunciar	122
Prenome	64	Privilegio	558	2) Pronunciar	563
Prenuncio	558	Probabilidade	561	1) Propalar	399
Preocupação	558	Probabilismo	582	2) Propalar	590
Preparar	404	Proibidade	508	1) Propensão	478
Preparativo	101	1) Problemático	315	2) Propensão	500
Preponderancia	558	2) Problemático	561	3) Propensão	558
Prepôr	259	Procedencia	561	Prophecia	53
Prerogativa	558	1) Proceder	369	Prophetizar	35
Presa	559	2) Proceder	562	Propicio	462
Presagiar	35	Procedimento	272	Proporção	563
1) Presagio	53	Proceila	562	Proporcioniar	563
2) Presagio	143	Processo	25	1) Proposição	563
Presbyter	248	1) Proclamação	26	2) Proposição	564
Prescrever	559	2) Proclamação	75	Propósito	437
Presença	559	Procrastinar	35	1) Proposta	564
Presentar	559	Procrear	276	2) Proposta	580
Presente (adj.)	33	1) Procurar	185	1) Propriedade	140
Presente (subst.)	183	2) Procurar	562	2) Propriedade	555
1) Presorvar	478	Prodigalidade	562	3) Propriedade	558
2) Presorvar	586	Prodigalizar	400	4) Propriedade	564
Preso	390	Prodigio	526	Proprietario	401
Pressa	607	Pródigo	405	1) Proprio	266
Prestadio	535	Produção	535	2) Proprio	564
Prevalecor	560	Producto	413	Proscreever	156
1) Prevenção	557	Produzir	340	Proscripto	388
2) Prevenção	558	Proeminencia	562	Proseguir	317
Previdente	24	Proemio	556	Prosodia	564
Prévie	93	Proeza	25	Prosperar	524

Prosperidade	163	Proverbio	99	Puerilidade	564
Prosternação	564	1) Provir	303	Pulmão	177
Prosternamento	564	2) Provir	369	Pulo	564
Prosternar-se	564	3) Provir	562	Puisação	542
Prostíbulo	64	4) Provir	580	Pulseira	181
Prostração	13	Provocar	564	Pulso	530
Prostrar-se	561	Proxeneta	61	1) Pundonor	183
1) Protecção	58	Próximo (adj.)	291	2) Pundonor	492
2) Protecção	144	Próximo (subst.)	564	Punição	209
1) Protector	361	1) Prudencia	235	Punir	208
2) Protector	462	2) Prudencia	527	Punível	546
Protestante	94	3) Prudencia	581	1) Pureza	207
Protestantismo	575	1) Prudente	235	2) Pureza	508
Protestar	137	2) Prudente	331	Purgar	454
Protesto	365	Prudentemente	585	Purificar	451
Protuberancia	564	Puberdade	38	Puro	496
1) Prova	426	1) Publicar	356	Puro homem	490
2) Prova	571	2) Publicar	563	Pus	587
Provar	365	1) Público	243	Pusiffânime	250
Provas de amizade	529	2) Público	260	Pústula	180
Provável	561	Pudicicia	207	P...	336
Proveito	607	1) Pudor	207	Pygmeu	87
Proveitoso	607	2) Pudor	273	Pyra	469
Proveniencia	561	3) Pudor	353	Pyrrhonismo	565
Prover	13	Pueril	564		

Q

1) Quadril	88	1) Quéda	188	Quichotice	566
2) Quadril	495	2) Quéda	478	Quiclo	566
1) Quadro	376	Quêdo	566	Quietação	567
2) Quadro	541	Queimar-se	109	Quieto	566
Quadruplicar	575	Queixada	524	Quigila	95
1) Qualidade	140	Queixar-se	479	Quinau	568
2) Qualidade	288	Queixo	157	1) Quinhão	544
Qualificar	203	Quente	191	2) Quinhão	544
Quando	566	Quer	566	Quinta	484
Quantia	566	Querella	312	Quintal	492
Quartei	566	1) Querer	379	Quiproquê	568
1) Quebra	154	2) Querer	566	Quitação	573
2) Quebra	566	Querido	206	Quizilla	95
Quebradiço	32	Quiça	566	Quotidiano	396
Quebrado	544	Quichotada	566		

R

Rabicho	569	Raclocinio	110	2) Raio	570
Rabisca	569	Racionabilidade	569	Raiva	252
Rabo	212	Racionalidade	569	Ralado	321
Rábula	569	Radiante	569	Ralé	192
Rabulice	569	Radiographia	570	Raleira	570
1) Raça	207	Radioscopia	570	Ralhar	570
2) Raça	587	Radioso	569	Rama	570
Rachítico	569	Raia	570	Ramada	570
Racimo	569	Raiano	570	Ramagem	570
Raclocinar	571	1) Raio	332	Ramal	570

Ramalhêira	570	1) Reclamo	222	1) Regimen
Ramalhio	570	2) Reclamo	574	2) Regimen
Ramaria	570	3) Reclamo	574	Regio
Ramificação	570	Reclusão	246	Registrar
Ramo	570	Recobrar	574	Regozijo
Rancho	156	Recolheção	254	1) Regra
1) Rancor	506	1) Recompensa	477	2) Regra
2) Rancor	580	2) Recompensa	484	Regrar
Ranger	573	Recompensar	541	Regressar
Rapapó	586	Reconcentrar	220	1) Regresso
Rapariga	408	Reconciliar	172	2) Regresso
Rapidez	216	Reconhecimento	54	Regueiro
Rápido	184	Recordação	525	Regulamento
Rapina	477	Recoveiro	78	Reguinridade
Raro	455	Recreação	183	Rei
Rascunho	435	Recrem	428	1) Reinar
Raspar	571	Recreio	183	2) Reinar
Rasteiro	61	Rectidão	431	Reincidência
Rasto	610	1) Recto	401	Rôncidente
Ratificar	292	2) Recto	497	Reino
1) Razão	212	1) Recuar	33	Reiterar
2) Razão	402	2) Recuar	574	Reivindicar
3) Razão	571	1) Recuperar	572	Rejeitar
4) Razão	571	2) Recuperar	574	1) Relação
Razoamento	571	1) Recurso	103	2) Relação
Razoar	571	2) Recurso	453	3) Relação
Rê	571	Recusa	580	Relance
1) Real	412	Recusar	574	Relatar
2) Real	571	Redarguir	581	1) Relativo
Realçar	215	Redemptor	230	2) Relativo
Realce	571	Redi	106	3) Relativo
Realidade	572	Redimir	575	Relegar
1) Realizar	413	Redizor	575	Relento
2) Realizar	572	Redobrar	575	Relevar
Realizar-se	572	Reduplicar	575	Relevo
Reassumir	572	Reduzir	575	1) Religião
Rebate	61	Refeição	575	2) Religião
Rebater	295	Referencia	76	3) Religião
Rebeide	508	Referendar	575	Religioso (adj.)
Rebellião	52	Referente	575	1) Religioso (subst.)
Rebento	180	Referir	311	2) Religioso (subst.)
Recalda	573	Referir-se	280	Refincho
Recalcitrante	572	Reflectir	547	Refilquia
Rocapitulação	267	Reflexão	135	Reluctancia
1) Recato	273	Reflexionar	547	Refuzir
2) Recato	353	Reflexivo	573	Reiva
Recear	600	Reflexo (adj.)	573	Remanescente
1) Receber	25	Reflexões	302	Remar
2) Receber	37	Reforçado	439	Rematar
3) Receber	573	Reforma	575	Remedar
1) Receio	104	Reformado	100	Remediado
2) Receio	374	Reformar	578	Remedio
3) Recoio	524	Refractario (subst.)	380	Remetter
Recom-casado	83	Refrear	275	Remignção
Recenseamento	218	Refrega	575	Reminescencia
Recente	533	Refrescar	575	Remir
Rechã	551	Refrigerio	576	Remlssão
Rechinar	573	Refugiado	388	Remisso
Recibo	573	Refugiar-se	30	Remittir
Recidiva	573	Refugio	128	Remoimbo
Recife	17	Refusar	574	Remorsos
Recinto	573	Refutar	295	1) Remoto
1) Reciproco	530	Regnto	117	2) Remoto
2) Reciproco	573	1) Reger	576	Remover
Recitar	356	2) Reger	576	Remunerar
Reclamar	573	Região	576	Renasçença

Renascimento	578	1) Reservar	301	Revogação	368
Renda	578	2) Reservar	389	Revogar	15
Render	578	Resgatar	575	Revoita	52
Render-se	199	Resguardar	478	Revolução	52
Rendez-vous	578	1) Residência	365	Reza	538
Rendição	578	2) Residência	407	Ribanceira	63
Rendimento	578	Residir	487	1) Ribeira	117
Renegar	15	Resíduo	391	2) Ribeira	179
Renitente	572	Resignação	580	3) Ribeira	556
Renovo	180	Resistencia	580	Ribello	117
Renque	60	Resistir	580	Rico	12
Rente	220	Resoar	581	Rifão	92
Renuncia	385	1) Resolução	306	Rigidez	582
Renunciar	14	2) Resolução	355	Rígido	144
1) Réo	363	3) Resolução	580	1) Rigor	582
2) Réo	578	Resoluto	355	2) Rigor	582
Reorganizar	378	1) Resolver	355	Rigorismo	582
1) Reparação	267	2) Resolver	390	Rigorouso	144
2) Reparação	587	1) Respetivo	268	Rijo	602
Roparar	578	2) Respetivo	577	1) Rima	28
1) Repartição	207	Respeito	24	2) Rima	127
2) Repartição	578	Respiração	68	Rincho	577
Repartimento	578	Resplandecer	182	Rio	117
1) Repartir	266	Resplendor	518	1) Riqueza	19
2) Repartir	405	Responsabilidade	593	2) Riqueza	174
Repentino	591	Resposta	579	Rir	582
Repertorio	77	Rosquicio	485	Risca	159
1) Repetir	575	Restabelecer	578	Riscar	571
2) Repetir	576	Restaurar	578	1) Risco	549
Réplica	579	Restinga	68	2) Risco	569
Replicar	581	Restituir	392	Risível	257
Repórter	579	1) Rosto	387	Rispido	144
1) Repouso	373	2) Rosto	577	1) Rito	221
2) Repouso	567	Restringir	516	2) Rito	582
1) Reproghender	38	Resultado	301	Rival	42
2) Reproghender	570	Resultar	580	Rivalidade	420
Reprehensível	579	1) Resumo	87	Rivalizar	268
Reprosalia	579	2) Resumo	267	Rixa	312
Representativo	310	Resurgir	581	Robusto	68
1) Reprimir	275	Resuscitar	581	Roce	141
2) Reprimir	314	1) Resvalar	438	Rodear	233
Reproche	579	2) Resvalar	581	Rodelos	83
Reprovar	219	Reter	581	Rodelia	438
Repto	371	Retinir	581	Rogar	298
Republicano	579	Retocar	581	Roi	209
Repúblico	579	Retorno	581	Romance	98
Repúdio	388	Retorguir	581	Romaria	113
1) Repugnancia	95	Retractar-se	378	Romeiro	582
2) Repugnancia	577	Retrair	581	Ronda	485
3) Repugnancia	580	Retrato	414	Rosto	200
1) Repulsa	580	Retribuir	541	Rosteiro	582
2) Repulsa	580	1) Retroceder	371	Rotina	338
1) Repulsão	580	2) Retroceder	574	Rótula	41
2) Repulsão	580	Retrogradar	574	Roubar	474
Reputação	458	Retrotair	581	Roubo	475
Requerer	298	Retruca	581	Roupa	605
1) Requerimento	550	Retumbar	581	1) Rudimentos	415
2) Requirimento	580	1) Reunir	26	2) Rudimentos	560
Resacir	580	2) Reunir	59	1) Ruído	160
Rescrito	182	Revelação	581	2) Ruído	184
Resentido	550	Revelar	356	3) Ruído	582
Resentimento	580	Rever	581	Ruim	582
1) Reserva	353	Reverencia	24	Ruma	28
2) Reserva	580	Reverenciar	40	1) Rumor	177
3) Reserva	580	Reverso	147	2) Rumor	582
Reservado	544	Revés	210	Rural	582

S

Sabbado	581	Sangria	121	Sedimento	391
1) Sabedoria	581	Sangue	587	Sedução	588
2) Sabedoria	584	Sangue frio	431	1) Seduzir	335
1) Saber (subst.)	435	Sanguelira	32	2) Seduzir	423
2) Saber (subst.)	480	Sanguinario	587	Segar	588
3) Saber (subst.)	584	Sanguinolento	587	Sege	588
Saber (verb.)	584	Senba	252	Segredar	226
Sablamente	585	Sânle	587	1) Segredo	530
Sabio	408	Santissimo	230	2) Segredo	580
1) Sabor	482	Santo (adj.)	585	3) Segredo	588
2) Sabor	586	Santo (subst.)	165	4) Segredo	590
Saboroso	585	São	586	Segregação	589
1) Sacerdocio	248	Saquear	118	Seguidor	589
2) Sacerdocio	585	Saragoça	445	Seguinte	555
1) Sacerdote	248	Saraiva	437	Seguir	589
2) Sacerdote	553	Sarar	587	Seguir o exemplo	496
Saciar	585	Sarcôpbago	217	1) Segundo	293
Saciedade	459	Satanaz	364	2) Segundo	589
Sacrificar	496	Satânico	392	Segurança	289
Sacrifício	585	Sátira	218	Segurar	51
Sacrilegio	562	Satírico	213	Segurariade	289
Sacro	535	1) Satisfação	314	Seio	589
Sadio	586	2) Satisfação	587	Seita	589
Safio	295	1) Satisfazer	541	Selecta	230
Saíra	585	2) Satisfazer	575	Selva	179
1) Sagacidade	56	3) Satisfazer	587	1) Selvagem	158
2) Sagacidade	595	Satisfeito	314	2) Selvagem	466
Sagaz	521	Saturar	587	Semanal	108
1) Sagrado	509	Saturnal	587	1) Semblante	108
2) Sagrado	585	Saudade	545	2) Semblante	200
Sagrar	585	Sazonamento	82	3) Semblante	559
1) Sabida	554	Scepticismo	565	Som cessar	310
2) Sabida	585	Scéptico	130	1) Semear	590
Sablimento	427	1) Sciencia	120	2) Semoar	590
Saibo	586	2) Sciencia	435	Semelhança	86
Salamaleque	586	3) Sciencia	584	1) Semelbante	87
Salario	540	Scintillante	223	2) Semelhante	264
1) Saliencia	562	Scintillar	182	3) Semelhante	590
2) Saliencia	564	Scisma	587	4) Semelhante	599
Saliva	346	Só	212	Semelhantes	564
Salivar	346	Seara	526	1) Sem embargo	276
Salteador	155	Sêccamento	371	2) Sem embargo	523
Salto	564	1) Seccar	430	Sementar	590
Salubre	586	2) Seccar	432	Somento	590
Salubridade	586	1) Sêcco	111	Somimensal	176
Salutar	586	2) Sêcco	355	Semisemanal	176
Salva	194	Secreção	589	Sempiterno	449
Salvador	515	1) Secretaria	207	Sempre	310
Salvaguarda	144	2) Secretaria	578	Senhor	407
Salvar	586	Secreto	239	1) Senhora	82
Salvo	586	Sectarlo	589	2) Senhora	347
Sama	586	1) Secuiar	92	Senborio	552
Sanar	587	2) Secuiar	588	Sensação	547
Sanatorio	586	Secundar	588	Sensato	331
Sandalia	79	Secundario	589	Sensível	542
Sangrar	388	Sedição	52	Senso	571
Sangrento	587	Sedicioso	588	Senso commum	571

1) Sentença	99	Sinco	437	Seiemne	146
2) Sentença	245	Sinceridade	193	Solemnidade	466
3) Sentença	288	1) Sincero	471	Solemnizar	216
Sentido	25	2) Sincero	591	Solercia	593
Sentido proprio	601	Sinoto	603	Solcito	344
1) Sentimento	408	Singar	231	1) Solcitude	593
2) Sentimento	517	Singeloza	193	2) Solcitude	612
Sentinella	442	1) Singolo	192	1) Soldão	380
Separar	44	2) Singolo	591	2) Soldão	592
Septentrião	532	1) Singular	440	Solidariedade	593
Septentrional	109	2) Singular	454	Solidez	303
Sepultar	427	3) Singular	591	Soliloquio	528
Sepultura	192	Sinuosidade	591	Solio	593
Sequaz	544	Sinuoso	591	1) Solitario (adj.)	58
Sequestrar	292	Siso	501	2) Solitario (adj.)	380
Sequidade	111	Sistro	41	Solitario (subst.)	86
Séquito	31	1) Sitio	127	Sollicitar	125
1) Ser	445	2) Sitio	517	1) Soio	223
2) Ser	595	Situação	444	2) Soio	602
Ser cbamado	222	1) Só	58	Solteiro	217
Ser digno de	526	2) Só	96	Solução	580
1) Serenidade	431	3) Só	371	Som	160
2) Serenidade	567	4) Só	591	1) Sombrio	438
Serenô (subst.)	577	Soar	581	2) Sombrio	525
Ser homem de bem	491	Soberania	552	3) Sombrio	537
Ser bonrado	491	1) Soberano (adj.)	591	Somonte	96
Série	229	2) Soberano (adj.)	591	Somítico	593
Ser integro	491	Soberano (subst.)	591	Somma	34
Sério	484	Soberba	592	Somma de dinbeiro	566
Sermão	75	1) Sobrançaria	80	Somnoencia	255
Ser mistér	527	2) Sobrançaria	592	Sonda	70
Serpente	250	Sobras	577	Sonegar	9
Ser preciso	527	1) Sobre	28	Sopapo	593
Serra	528	2) Sobre	534	Sopé	9
Serralbo	487	3) Sobre	592	Sophisma	543
Sorrancia	528	Sobrecarregado	592	Sopbistico	198
Serviçal	535	Sobroiro	223	Sopór	255
Servidão	438	Sobrenadar	177	Soporativo	593
Servir de	590	Sobrenome	64	Soporifero	593
Servir para	590	Sobrepôr	496	Soporifico	593
Servir-se de	419	Sobretudo	560	Soporoso	593
Setta	149	Sobriedade	472	Sôpro	68
Severidade	582	1) Sobrio	528	Sordidez	593
Sovero	144	2) Sobrio	513	Sórdido	443
Sibilo	590	1) Soccorrer	34	Sôro	78
Sigillo	590	2) Soccorrer	59	Sorrir	582
Signal	502	Soccorro	58	1) Sorte	21
Signaiar	383	Socgado	540	2) Sorte	461
Significação	25	Socgar	605	Sorte adversa	42
Silencioso	189	Socgo	567	Sortida	585
Silvicultor	108	Social	592	1) Sortilegio	421
Silvo	590	Sociável	592	2) Sortilegio	520
Similar	590	Sociedade	263	1) Sorvedouro	19
Simile	265	Socio	263	2) Sorvedouro	577
1) Simples	192	Sôco	593	Sôro	604
2) Simples	590	Soer	338	1) Soterrar	427
3) Simples	590	Soffredor	510	2) Soterrar	593
4) Simples	591	Soffrer	141	1) Sovina	147
Simplicidade	590	Soffrimento	47	2) Sovina	593
1) Simpieza	193	Soffreguidão	611	Sôzinbo	371
2) Simpieza	590	Sol	128	Sport	594
Simulacro	591	Soldada	540	Suar	594
1) Simular	103	Soldado	592	Suasorio	594
2) Simular	404	Soldo	540	Suave	594
1) Simultaneidade	251	Soiecismo	158	Suavidade	181
2) Simultaneidade	285	Soiedade	592	Suavizar	17

XL

Subaíerno	594	1) Succinto	182	1) Supposto	97
Súbdito	594	2) Succinto	281	2) Supposto	455
Subir	605	Succo	596	1) Supprimir	537
Subitamente	227	Succuiento	585	2) Supprimir	597
Súbito	93	Sufficiente	126	Supputar	190
Subjugar	594	Suffocante	595	Supremacia	597
Sublime	594	1) Suffragio	105	1) Supremo	591
Submergir	593	2) Suffragio	565	2) Supremo	596
Submetter	594	Sugar	595	Surdo	529
1) Subministrar	13	Suggerir	507	1) Surprebender	597
2) Subministrar	563	Suggestão	506	2) Surprebender	597
Submissão	534	Suicidar-se	595	Surprebendido	597
Subordinação	367	Sujeição	367	Surpreso	597
Subordinado	594	1) Sui	145	Surpreza	597
Subornar	335	2) Sui	596	Surto	597
Subscrever	127	Suitão	596	Suspeição	597
Subsecutivo	555	Summario	87	1) Suspeita	374
Subsequente	555	Summo	596	2) Suspeita	597
1) Subsidio	59	Sumo	596	3) Suspeita	597
2) Subsidio	320	Sumptuosidade	442	Suspeitar	600
Subsistir	595	Superar	596	1) Suspende	63
Substancia	595	Superficie	110	2) Suspende	253
Substancial	595	Supérfluo	385	Suspensão de armas	112
Substituto	596	Superior	596	Suspirar por	597
Subtil	362	1) Superioridade	552	Sustar	390
Subtiliza	595	2) Superioridade	558	Sustentáculo	104
Subterfugios	83	1) Superstição	459	1) Sustentar	57
Subtrahir	9	2) Superstição	596	2) Sustentar	73
Suburbio	12	1) Suplemento	103	3) Sustentar	521
Subvenção	59	2) Suplemento	269	Suster	57
Subversivo	451	Suppente	596	Susto	61
Succeder	31	Supplicar	298	Symbolo	406
1) Successão	229	Supplicio	596	Synonymo	491
2) Successão	487	Suppór	344	Syntaxe	311
Successivo	316	Supportar	141	Syrtes	68
Successor	488	Supporte	104	Systema	598
Succino	83	Supposição	296		

T

Taberna	600	1) Tapar	9	2) Teima	418
Taboínbas	41	2) Tapar	464	1) Teimosia	176
Tacanho	147	Tapeçaria	63	2) Teimosia	322
Tachygraphia	599	Tapete	63	Teimoso	535
Tácito	599	Tardança	366	Teiheiro	79
1) Taciturno	189	Tardar	599	Temer	600
2) Taciturno	525	Tardio	600	Temeridade	133
Tacto	599	Tardo	515	Temivei	470
Taimado	599	Tarefa	419	1) Temor	61
Tai	599	Tarifa	600	2) Tomor	104
Taiar	118	Tarja	600	3) Temor	524
1) Talento	107	Tartamudear	153	Tempera	191
2) Talento	423	Tartufo	164	1) Temperado	528
1) Taihe	233	Tasca	600	2) Temperado	543
2) Taihe	446	Tátaro	600	Temperamento	271
Taiho	32	Tatibitati	600	1) Temperança	427
Talisman	86	Tantologia	162	2) Temperança	527
Talvez	566	Taxa	320	Temperatura	600
Tamanbo	482	Tecer	519	Tempero	41
Tambor	599	Tecido	315	1) Tempestade	179
Tanger	599	1) Teima	176	2) Tempestade	562

Templo	600	Tijolo	38	Traição	67
1) Tempo	409	Timbal	129	Traidor	549
2) Tempo	600	1) Timbre	181	Trair	605
Temperário	86	2) Timbre	603	Trajecto	604
Tenacidade	601	Timidez	61	Trajo	605
Tenaz	535	Tímido	250	Trama	304
Tenção	406	Tino	28	Tramar	519
Tenda	159	Tipoia	199	Trança	569
Tendência	188	Tira	159	1) Tranquilidade	567
Tenebroso	438	Tirar	113	2) Tranquilidade	605
Tenro	181	Tirocinio	105	Tranquilizar	605
Tenta	70	Tiro de canhão	194	Tranquillo	540
Tentação	588	Titular	467	Transcendente	594
Tontáculo	601	1) Tocar	599	Transcrever	329
i) Tentativa	136	2) Tocar	603	Transcurso	358
2) Tentativa	601	Todo o homem	490	Transe	89
1) Teme	362	Toga	603	Transferir	605
2) Teme	515	Toierancia	503	Transfiguração	326
1) Teor	313	1) Tolerar	105	Transformação	326
2) Teor	501	2) Tolerar	141	Transformar	575
Tépido	603	Tolhido	513	Transfuga	380
1) Ter	487	Tolice	495	Transgredir	319
2) Tor	555	Tolo	603	Transgressão	136
Terçado	409	1) Tom	25	Transigir	605
Terceira parte	601	2) Tom	160	Transitar	544
Terço	601	Tomar	573	1) Trânsito	234
Torebrar	601	1) Tomar parte	266	2) Trânsito	458
Torgiversar	601	2) Tomar parte	544	Trânsiúculo	242
Terminação	601	Tombadilho	327	Transmutação	326
Terminante	335	Tomo	603	Transparente	542
Terminar	20	Tope	603	Transpirar	594
1) Termo	281	Tôpo	603	Transpôr	544
2) Termo	397	Topográfico	229	Transportar	605
3) Termo	556	Tormenta	562	Transporte	115
Termo próprio	601	1) Tormento	47	Transtagano	68
Terno	601	2) Tormento	53	Transtornar	372
Ternura	45	3) Tormento	596	Transsubstanciação	300
Ter parte	266	Torneio	511	Transvasar	351
Ter probidade	491	Tôrpe	603	Transversal	393
1) Terra	541	Torre	192	Trapeira	56
2) Terra	602	Tortulho	251	Trasfegar	351
Terremoto	602	Tortuoso	591	Trasladar	329
Terrenal	602	Tortura	596	1) Tratado	323
Terreno	602	Tôsko	603	2) Tratado	404
Terrestre	602	Total (adj.)	270	Tratamento	346
Terricho	602	1) Total (subst.)	31	Tratar	53
1) Terrível	440	2) Total (subst.)	604	Tratar mai	520
2) Terrível	470	Toucado	604	Tratável	347
Terror	61	Touro	177	Trave	610
Ter vontade	379	Trabalhador (adj.)	513	Trecbo	553
Teso	602	Trabalhador (subst.)	121	Tréguas	112
Testa	602	1) Trabalho	513	Trem	588
Testemunho	365	2) Trabalho	535	Tremedal	10
Têta	602	Trabalhos	48	Tremor	605
Texto	315	Tracção funleuiar	415	Tremor	11
Textura	315	Tracto	604	Tremor de terra	602
Tez	602	Tradueção	601	Trémulo	329
Theísta	361	Traductor	509	Trepar	605
Theocracia	602	Tráfego	604	Trepidação	11
1) Tbeoria	598	Traficante	257	Tresvario	364
2) Tbeoria	602	1) Tráfico	532	Trêta	606
Theórico	441	2) Tráfico	604	Trevas	606
Thesouro	433	1) Tragar	18	Tribulações	48
Throno	593	2) Tragar	256	Tributo	320
Thia	603	Tragedia	256	Triiba	610
Tibio	603	Trago	604	Trincheira	159

XLIII

Tripas	509	3) Trivial	606	Tumultuoso	588
1) Tripulação	231	Troca	62	Túnica	606
2) Tripulação	433	Troça	187	1) Turba	48
Triste	321	Trovador	159	2) Turba	156
Tristeza	606	Trucidar	125	Turbar-se	606
Tristura	606	Trufa	606	Turbulento	588
Triturar	551	Truncar	606	Turma	156
Triumphal	606	Túbera	606	Turno	606
Triumphante	606	Tubo	194	Tutaño	606
Triumpho	610	Tumba	129	Typo	527
1) Trivial	151	Tumeficar	606	Tyranno	387
2) Trivial	153	Túmulo	217		

U

Ubertoso	465	2) Único	607	Usina	455
Ubre	602	Unificar	144	1) Uso	338
Úlcera	607	Unigénito	560	2) Uso	449
Ulterior	555	Unir	59	3) Uso	527
Último	369	Universal	480	4) Uso	556
Ultraje	49	Universidade	21	Usura	537
Ultramar	67	Universo	530	Usurario	52
Um	607	1) Urbanidade	44	Usurpar	100
Um e outro	85	2) Urbanidade	137	Util	607
1) União	75	Urdir	519	Utilidade	607
2) União	507	Urgencia	607		
1) Único	591	Usar	419		

V

Vacillar	152	Vantagem	607	Velhice	188
Vadio	608	Vantajoso	324	1) Velho (adj.)	20
Vaga	537	1) Vão	536	2) Velho (adj.)	92
1) Vagabundo (adj.)	85	2) Vão	608	3) Velho (adj.)	94
2) Vagabundo (adj.)	338	Vapor	453	Velho (subst.)	88
Vagabundo (subst.)	608	Vário	490	Velocidade	216
Vagalhão	537	Varapau	179	Vencedor	610
Vagaroço	266	1) Variação	79	1) Vencer	349
Vagas	608	2) Variação	609	2) Vencer	560
Vago	501	3) Variação	609	3) Vencer	578
1) Vaidade	511	1) Variedade	398	Vencimento	610
2) Vaidade	539	2) Variedade	609	Vencimentos	540
Valado	220	Varonil	611	1) Venda	71
Valente	68	Vassallo	594	2) Venda	600
1) Valentia	176	Vasto	86	Vender	609
2) Valentia	608	1) Vate	159	Veneno	545
Valetudinário	608	2) Vate	552	Venenoso	362
Valia	302	Vaticinar	35	Veneração	24
Valido	462	Vaticínio	53	Venerar	40
Valie	255	Vazio	536	Ventilar	53
1) Valor	302	Vedar	339	Ventre	14
2) Valor	330	Vegetal	551	Ventura	21
3) Valor	447	1) Vehemencia	609	Venturoso	50
4) Valor	608	2) Vehemencia	609	1) Ver	148
Valerosidade	330	Vebemente	498	2) Ver	303
Vãmente	608	Vebículo	588	Veracidade	609

Verão	448	Viçoso	66	Vistas	611
Verbal	538	1) Victoria	610	Vistoso	66
Verbo	230	2) Victoria	610	Vitelo	175
1) Verdade	572	Victorioso	610	Vivaz	611
2) Verdade	609	Vida	90	Vivenda	207
1) Verdadeiro	221	Vidoelro	175	Viver	453
2) Verdadeiro	609	Viga	610	Viveres	611
Verdasca	224	Vigario	248	Vlvo	610
Verdor	609	Vigia	442	Vizinho	291
Verdugo	71	Vigilância	135	Voadura	597
Verdura	609	Vigor	413	Voar	34
1) Vergonha	21	Vigoroso	68	Vocabulário	397
2) Vergonha	353	1) Vil	14	Vocabulo	397
1) Verídico	591	2) Vil	151	Vocação	188
2) Verídico	609	Vlleza	151	Voga	527
1) Verificar	147	1) Vindouro	475	Volatillizar-se	611
2) Verificar	572	2) Vindouro	610	1) Volta	576
Verificar-se	572	Vingança	579	2) Volta	591
Verosimilhança	561	1) Violar	319	Voltar	611
Verrina	212	2) Violar	610	1) Volume	482
Versado	609	Violencia	413	2) Volume	603
Versão	604	Violentar	249	Voluntariamente	611
Vertente	9	1) Violento	33	Voluntario	443
Verte	610	2) Violento	498	Volúvel	501
Vertical	549	3) Violento	610	Vontade	611
Vesícula	178	4) Violento	610	Vão	597
Veste	605	1) Vir	265	Voracidade	611
Vestido	605	2) Vir	369	1) Voragem	19
Vestidura	605	3) Vir	610	2) Voragem	577
Vestimenta	605	Vira	149	1) Votar	300
Vestigio	610	Viração	184	2) Votar	362
Veterinaria	82	Virago	611	1) Voto	398
Vez	606	Virgindade	207	2) Voto	595
1) Via	192	Viril	611	1) Voz	239
2) Via	525	Virote	149	2) Voz	397
Vial	610	Virtude	508	3) Voz	457
Vlático	261	1) Visão	102	Vozearia	70
Vlatura	583	2) Visão	225	Vulgacho	551
Vlável	611	Visceras	509	1) Vulgar	153
Vibração	539	Visível	542	2) Vulgar	260
Vicio	359	Visos	103	Vulgo	551
Vicioso	335	Vista	125	Vulto	200

X-Z

Xara	149	Zanga	95	Zona	248
Xarope	117	Zêlo	612	Zumbala	337
Zabumba	612	Zeios	236	Zumbido	612
Zagal	70	Zero	232	Zunido	612

XIII

[illegible]

848	8000	10	1000	100	1000
849	8000	10	1000	100	1000
850	8000	10	1000	100	1000
851	8000	10	1000	100	1000
852	8000	10	1000	100	1000

A REFORMA ORTOGRÁFICA

EM MEIA DÚZIA DE PALAVRAS

Para evitar dúvidas e conseqüências a tipógrafos, jornalistas incipientes
e a quem desejar elucidação sumária e útil, sobre
a decretada reforma ortográfica

- 1.º — Não se duplicam consoantes. — Portanto, *beleza, aprovar, imediato, abade, Melo, Matos, Mota.*
- 2.º — Simplificam-se e substituem-se os grupos *ph, th, rh, ch* (com o valor de *k*) — Portanto, *filosofia, teatro, reumatismo, químera, química, coreografia.*
- 3.º — Não se emprega *y*, nem *k*, nem *w*. — Portanto, *lira, martírio, calendário, Venceslau...* Exceptuam-se só os vocábulos derivados de nomes próprios estrangeiros, como *byroniano, kantismo, wicelfitas...*
- 4.º — Dentro dos vocábulos não se escreve *h*. — Portanto, *inerente, inibir, indábil, compreender, inumano...*
- 5.º — Os ditongos orais *ae, áo, éo, óe*, substituem-se por *ai, au, éu, ói*. — Portanto, *pai, pais, jornais, marau, chapéu, herói, anzóis.*
- 6.º — Evitam-se consoantes inúteis. — Portanto, *escritura, escritor, escultura, distrito, salmo, luta.*
Exceptuam-se os casos, em que a consoante, embora se não pronuncie, tem a utilidade de significar que é aberta a vogal que a precede, como em *exceptuar, rectidão, redacção, direcção, actor, etc.*, e nos vocábulos das mesmas famílias: *excepto, recto, redactor, directo, actuar...*
- 7.º — O pronome pessoal enclítico *lo* liga-se aos verbos por um traço. — Portanto, *tu faze-lo e eu não posso fazê-lo; louvá-lo; ouvimo-lo...*

8.º — O emprego do *s* e do *z* é regulado pela etimologia e pelas tradições da lingua. — Portanto, *português, francês, cortês, frêguês, defesa, empresa*; e, ao mesmo tempo, *natureza, beleza, civilizar, realizar, organizar, vez, talvez*... Em caso de dúvida, há inda o recurso dos bons dicionários e vocabulários, organizados depois que é conhecida entre nós a sciência da linguagem, isto é, nos últimos vinte ou trinta anos.

9.º — Escreve-se *igreja, idade, igual*.

10.º — Acentuam-se graficamente todos os vocábulos esdrúxulos — Portanto, *pálido, túmulo, crisântemo, lêvedo, hipódromo, velódromo, diário, Africa*... Acentuam-se os homógrafos, não homofônicos, pois há *sêde* e *sêde*, *governo* e *gôverno*, *dúvida* e *duvida*, etc. O acento grave pertence às vogais abertas, não tónicas. Portanto, *ôdrado, prégador, pègada*... E também se pôde empregar para desfazer ditongo, como em *proibir, miudamente*; e para mostrar que o *u* se pronuncia depois de *g* ou *q*, como em *agüentar, freqüente*... (quando convenha representar a pronúncia, especialmente no ensino primário).

Estes dez mandamentos se cifram em dois: não perder de vista os casos aqui consignados; e, quanto aos mais, continuar a escrever como escreviam os mestres.

C. DE F.





4196

TOMBO

unesp  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**
CÂMPUS DE ASSIS
FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS

- BIBLIOTECA -

**Se este livro não for devolvido dentro do prazo, o
leitor perderá o direito a novos empréstimos.**

**O prazo poderá ser prorrogado se não houver
pedido para este livro.**

FCLAS - Mod. SBD/161



